

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

NATIVAL ALMEIDA SIMÕES NETO

O ESQUEMA X-ARI- DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS:

um estudo comparativo, cognitivo e construcional

SALVADOR, 2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina, Salvador - BA.
Tel.: (71)3283 – 6256. Site: <http://www.ppglinc.letas.ufba.br>. E-mail: pgletba@ufba.br

NATIVAL ALMEIDA SIMÕES NETO

**O ESQUEMA X-ARI- DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS: UM ESTUDO
COMPARATIVO, COGNITIVO E CONSTRUCIONAL**

TOMO I

**SALVADOR
2020**

NATIVAL ALMEIDA SIMÕES NETO

**O ESQUEMA X-ARI- DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS: UM ESTUDO
COMPARATIVO, COGNITIVO E CONSTRUCIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura.

Área de concentração: Linguística Histórica

Orientadora: Professora Doutora Juliana Soledade Barbosa Coelho

Coorientador: João Paulo Lazzarini Cyrino

SALVADOR
2020

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Simões Neto, Nativel Almeida.

O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional. / Nativel Almeida Simões Neto. – 2020.
5 v. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Juliana Soledade Barbosa Coelho.

Co-orientador: Prof. Dr. João Paulo Lazzarini-Cyrino.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2020.

1. Filologia românica. 2. Linguística histórica. 3. Gramática comparada e geral – Morfologia. I. Coelho, Juliana Soledade Barbosa. II. Lazzarini-Cyrino, João Paulo. III. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. IV. Título.

CDU – 811.13

CDD – 410

NATIVAL ALMEIDA SIMÕES NETO

**O ESQUEMA X-ARI- DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS: UM ESTUDO
COMPARATIVO, COGNITIVO E CONSTRUCIONAL**


Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 20 de maio de 2020.

Parecer da banca: A tese defendida traz um percurso teórico-metodológico aguçadamente crítico, com renovações e desafios epistemológicos para a história da constituição das línguas românicas, para os estudos semânticos no contexto da România e, sobretudo, para os estudos da morfologia construcional em perspectiva histórica. É preciso destacar a qualidade da investigação para constituição do *corpus*, sendo uma tese com imenso contributo descritivo. Destaca-se, também, a gestão da análise e as contribuições para os estudos de Morfologia Comparativa dentro da Linguística Românica, hoje em fôlego bastante reduzido. Diante do exposto, a banca aprova a tese com distinção e louvor e sugere a sua publicação em mais de um título.



JULIANA SOLEDADE BARBOSA COELHO - Orientadora
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia / Universidade de Brasília



CARLOS ALEXANDRE VICTÓRIO GONÇALVES
Doutor em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio Janeiro



MARIANA FAGUNDES DE OLIVEIRA
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Estadual de Feira de Santana



ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA
Doutor em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia



MAILSON DOS SANTOS LOPES
Doutor em Língua e Cultura (UFBA) / Doutor em Linguística do Português (UC)
Universidade Federal da Bahia

REFERÊNCIA COMPLETA:

SIMÕES NETO, Natival Almeida. *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas*: um estudo comparativo, cognitivo e construcional. 2020. 5 v. 4297 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Dedico esta Tese:
aos meus mestres;
aos meus alunos;
aos caçadores de aventuras
na história das línguas

AGRADECIMENTOS

Esta Tese não seria possível sem as redes de incentivos, contribuições, financiamentos e cooperações que se estabeleceram ao longo deste doutorado. Seguem as minhas sinceras manifestações de gratidão:

Ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, por ter sido a sede principal do meu processo formativo. Obrigado, especialmente, ao Colegiado de Letras Vernáculas, ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, ao (extinto) Departamento de Letras Vernáculas e ao Programa Para a História da Língua Portuguesa, por terem me permitido experimentar os quatro pilares da universidade pública (ensino, pesquisa, extensão e administração).

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, pela concessão da bolsa, durante todo o processo. Graças a esse investimento, pude comprar materiais de suma importância para o trabalho e participar de eventos acadêmicos que me permitiram aprimorar a pesquisa.

À minha orientadora Juliana Soledade (UFBA/UnB), por ter sido uma grande parceira de trabalho desde 2013, quando troquei a sintaxe pela morfologia. Com você, aprendi a ser um professor universitário, um cientista da língua, um morfólogo crítico e apaixonado pelo reino das palavras e uma pessoa melhor.

Ao meu coorientador João Paulo Lazzarini-Cyrino, por ter me despertado a vontade de fazer um estudo morfológico interlinguístico e por ter me apresentado o modelo teórico que subsidia a minha análise comparativa.

Aos professores Carlos Alexandre Victório Gonçalves (UFRJ) e Mário Eduardo Viaro (USP), pelo incentivo e pelas contribuições dadas na qualificação, em 2018.

Aos membros titulares e suplentes da banca, por terem aceitado fazer a leitura e a avaliação do meu trabalho.

Aos professores Antonia Vieira dos Santos (UFBA), Arivaldo Sacramento (UFBA), Carlos Felipe Pinto (UFBA) e Rosinês Duarte (UFBA), por terem ministrado disciplinas instigantes que me fizeram chegar a referências indispensáveis para a construção deste produto.

Aos queridos colegas do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Agradeço a Huda Santiago, Zenaide Carneiro, Mariana Fagundes, Norma Fernandes, Flavia Aninger, Telma Garrido, Liliane Barreiros, Silvana Araújo e Patrício Barreiros, por serem colegas tão especiais e solícitos, fazendo o ambiente de trabalho muito mais prazeroso.

Aos meus alunos e ex-alunos da UFBA e da UEFS, por serem a principal motivação para que eu continue a estudar, produzir e compartilhar conhecimentos. Vocês são meus orgulhos.

Às professoras estrangeiras Michelle Lecolle (Université de Lorraine) e Verginica Barbu Mititelu (Academia Română), pelas gentis concessões de materiais.

Aos professores, amigos e familiares que me ajudaram a acessar materiais raros: Emília Helena Portella, Mailson Lopes, Letícia Rodrigues, Caio Faiad, Jardel Leitão, Gabriela Fernandes, Diego Spader e Nubia Simões.

Aos amigos e familiares que me ajudaram na organização e apresentação dos dados e na elaboração dos mapas: Maiza Macedo, Bruno Simões, Camila Santos, Diogo Vinicius, Deivid Borges e Joseane Nascimento.

Aos colegas e amigos Eliéte Oliveira, Lorenna Oliveira, Matheus Oliver, Carolina Brito, Carla Elisa Ferreira, Caio Aguiar, Michele Sodré, Lívia Barreto, Ianna Scher, Izabela Bruna, Marcia Pinto, Manoel Alves, Handherson Damasceno, Larissa Xavier, Tamiles Souza, Priscila Grazielle, Elias Machado, Vinícius Muniz e Taila Rocha, pelo carinho de sempre.

À professora Célia Marques Telles (UFBA), que, mesmo sem saber, me instigou a caminhar pela Linguística Românica.

A Amanda Reis (UFRB), pela amizade confiada, pela torcida, pelas contribuições intelectuais e pela leitura crítica deste trabalho.

Ao meu amigo e irmão de alma Ton Israel (UFBA/UNEB), por ter me apoiado tanto nessa caminhada, por ser a pessoa maravilhosa que é, por ser um incrível e crítico pensador.

Aos membros dos grupos de *Facebook* ‘Bolsistas Capes’ e ‘História, estrutura e funcionamento do latim e das línguas românicas’.

A Paulo Maciel, Rodrigo Guimarães e Leilane Calixto, por cuidarem de mim.

Aos meus pais Nival Simões Junior e Vera Lucia Teles da Silva Simões, por terem sido tão pacientes, compreensivos e incentivadores nesses dez anos. Além de muito obrigado, eu só posso pedir sinceras desculpas pela ausência e pela impaciência em muitos momentos.

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo

(Caetano Veloso, “Oração ao Tempo”,
do disco Cinema Transcendental, de 1979)

RESUMO

Esta Tese se insere no âmbito da Romanística e tem o propósito de empreender um conjunto de reflexões que contribuam para novos olhares sobre a história, a estrutura e o funcionamento das línguas românicas. Na primeira parte da Tese, discutem-se questões relacionadas à tradicional narrativa da romanização, que emerge em um contexto linguístico-filológico oitocentista marcado por um nacionalismo europeu, que defendia purismos linguísticos, sociais e raciais. A partir de diversos estudos, como os de Webster (2001), Manacorda (2002), Sobral (2004), Glissant (2005), Dwulf (2005), Paixão de Sousa (2006), Guarinello (2006), Witt (2008), Marquilhas (2010), Mattos e Silva (2011), Olender (2012), Garraffoni (2009), Funari e Garraffoni (2018), inseridos em variadas áreas do conhecimento, como História, Filologia, Linguística Histórica, Arqueologia, Antropologia, Sociologia, Pedagogia, Estudos Culturais e Estudos Literários, aponta-se uma série de argumentos e evidências, não só de natureza linguística, como também de ordem social, cultural, religiosa, educacional, arquitetônica, que sugere que a narrativa da romanização falha em vários aspectos, podendo dar lugar a uma narrativa de crioulização linguística e cultural na expansão da România e na formação das línguas românicas. Na segunda parte da Tese, retomam-se os fenômenos linguísticos utilizados na divisão da România Ocidental e Oriental (MAURER JR., 1951; WARTBURG, 1952), como o comportamento das vogais postônicas, das consoantes surdas intervocálicas, do grupo *-ct-* intervocálico e a realização do plural, analisando-se a possibilidade de inserir novos fenômenos que ratifiquem essa divisão. Para isso, observou-se o comportamento morfossemântico das construções $[[X]ari]_N$ no latim (*argentarius, quasilaria, linguarium*) e de suas descendentes em sete línguas românicas, o romeno (*areșar, mățasar, bursier*), o italiano (*bambinaia, acquaio, caudatario*), o francês (*agencier, colombier, libraire*), o catalão (*abeller, garganter, sordària*), o espanhol (*abejero, bañadero, fornicario*), o galego (*mullereiro, chaqueteiro, cabalario*) e o português (*moedeiro, caldeira, aquário*). Os dados analisados foram extraídos de dicionários monolíngues, nos casos do italiano, francês, espanhol, catalão, galego e português, e bilíngues, nos casos do romeno e do latim. A descrição das palavras sufixadas nessas línguas foi feita com base em pressupostos da Semântica Cognitiva (LAKOFF E JOHNSON, 1980; FILLMORE, 1982; LAKOFF, 1987), Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 2013), Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2003, 2006), Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016). Para a comparação entre as línguas, utilizou-se o modelo dos Mapas Semânticos, adaptado da proposta tipológica cognitivo-funcional de Haspelmath (2003). Os resultados mostram que, do ponto de vista semântico-cognitivo, as línguas pouco se diferem, utilizando metáforas, metonímias, focalizações e analogias para a construção do significado de palavras complexas. O que as diferencia, nesse sentido, são as experiências utilizadas para metaforizar, focalizar ou fazer analogias. No que toca ao comportamento polissêmico, do latim às línguas românicas observadas, o significado de ‘agente profissional’ se apresenta como o mais produtivo e mais prototípico. De outro lado, o significado ‘agente vegetal’, que designa árvores, arbustos e outros tipos de plantas, se mostra improdutivo no italiano e no romeno, mas muito produtivo em línguas como o francês, o espanhol, o catalão, o galego e o português. servindo, nesse sentido, para marcar uma divisão entre as tendências das línguas românicas. Há ainda de se destacar a presença produtiva dos significados de gentílicos, anomalias e excessos/acúmulos nas línguas ibero-românicas.

Palavras-chave: Linguística Histórica. Línguas românicas. Linguística cognitiva. Abordagem construcional da gramática. Linguística comparativa.

ABSTRACT

This dissertation is located within the scope of Romanistics and aims to undertake a series of reflections that contribute to new perspectives on the history, the structure and the functioning of the Romance languages. In the first part of this work, issues related to the traditional narrative of Romanization are discussed, a narrative that emerges in a nineteenth-century linguistic-philological context marked by an European nationalism, which defended linguistic, social and racial purisms. Based on several studies – such as those by Webster (2001), Manacorda (2002), Sobral (2004), Glissant (2005), Dwulf (2005), Paixão de Sousa (2006), Guarinello (2006), Witt (2008), Marquilhas (2010), Mattos and Silva (2011), Olender (2012), Garraffoni (2009), and Funari and Garraffoni (2018) –, inserted in many areas of knowledge, such as History, Philology, Historical Linguistics, Archeology, Anthropology, Sociology, Pedagogy, Cultural Studies and Literary Studies, a series of arguments and evidence is pointed out, not only of linguistic nature, but also of social, cultural, religious, educational, and architectural nature, which suggests that the narrative of Romanization fails in several aspects, giving rise to a narrative of linguistic and cultural creolization in the expansion of Romania and in the formation of the Romance languages. In the second part of this dissertation, the linguistic phenomena used in the division of Western and Eastern Romania are resumed (MAURER JR., 1951; WARTBURG, 1952), such as the behavior of postonic vowels, intervocalic deaf consonants, and the intervocalic -ct- group, as well as the usage of the plural, thus analyzing the possibility of inserting new phenomena that ratify this division. In order to do so, the morphosemantic behavior of the latin [[X] -ari]_N constructions (*argentarius*, *quasilaria*, *linguarium*) and its descendants in seven Romance languages: Romanian (*arețar*, *mătăsar*, *bursier*), Italian (*bambinaia*, *acquaio*, *caudataro*), French (*agencier*, *colombier*, *libraire*), Catalan (*abeller*, *garganter*, *sordària*), Spanish (*abejero*, *bañadero*, *fornicario*), Galician (*mullereiro*, *chaqueteiro*, *cabalarío*) and Portuguese (*moedeiro*, *caldeira*, *aquário*), was observed. In the cases of Italian, French, Spanish, Catalan, Galician and Portuguese, the analyzed data was extracted from monolingual dictionaries, whereas in the cases of Romanian and Latin it was taken from bilingual dictionaries. The description of the suffixed words in these languages was based on the assumptions made by Cognitive Semantics (LAKOFF; JOHNSON, 1980; FILLMORE, 1982; LAKOFF, 1987), Cognitive Grammar (LANGACKER, 1987, 2013), Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2003, 2006), and Construction Morphology (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016). For the comparison between the languages, the Semantic Maps model was used, adapted from Haspelmath's (2003) cognitive-functional typological proposal. The results show that, from a cognitive-semantic point of view, languages differ little, using metaphors, metonymies, focuses and analogies to construct the meaning of complex words. What differentiates them, in this sense, are the experiences used to metaphorize, focus or create analogies. With regard to polysemic behavior, from Latin to the observed Romance languages, the meaning of 'professional agent' is presented as the most productive and most prototypical. On the other hand, the 'vegetal agent' meaning, which designates trees, shrubs and other types of plants, proves to be unproductive in Italian and Romanian, but very productive in languages such as French, Spanish, Catalan, Galician and Portuguese. It thus serves to mark a division between the tendencies of Romance languages. It is also important to highlight the productive presence of gentile meanings, anomalies and excesses/accumulations in Ibero-Romance languages.

Keywords: Historical Linguistics. Romance languages. Cognitive linguistics. Constructive approach to grammar. Comparative linguistics.

RESUMEN

Esta tesis se insiere en el alcance de la Romanística y tiene como objetivo emprender un conjunto de reflexiones que contribuyan a nuevas perspectivas sobre la historia, estructura y funcionamiento de las lenguas románicas. En la primera parte de la Tesis, se discuten temas relacionados con la narrativa tradicional de la romanización, que surge en un contexto lingüístico-filológico del siglo XIX marcado por un nacionalismo europeo, que defendió los purismos lingüísticos, sociales y raciales. Basado en varios estudios, como los de Webster (2001), Manacorda (2002), Sobral (2004), Glissant (2005), Dwulf (2005), Paixão de Sousa (2006), Guarinello (2006), Witt (2008), Marquilhas (2010), Mattos e Silva (2011), Olender (2012), Garraffoni (2009), Funari y Garraffoni (2018), inseridos en diversas áreas del conocimiento, como Historia, Filología, Lingüística Histórica, Arqueología, Antropología, Sociología, Pedagogía, Estudios Culturales y Estudios Literarios, se señala una serie de argumentos y pruebas, no solo de naturaleza lingüística, sino también de naturaleza social, cultural, religiosa, educativa, arquitectónica, lo que sugiere que la narrativa de la romanización falla en varios aspectos, pudiendo dar lugar a una narrativa de creolización lingüística y cultural en la expansión de Rumania y en la formación de lenguas romances. En la segunda parte de la Tesis, se reanudan los fenómenos lingüísticos utilizados en la división de Rumania Occidental y Oriental (MAURER JR., 1951; WARTBURG, 1952), como el comportamiento de las vocales postónicas, de las consonantes sordas intervocálicas, del grupo -ct- intervocálico y la realización del plural, se analizando la posibilidad de insertar nuevos fenómenos que ratifiquen esta división. Para esto, se observó el comportamiento morfosemántico de las construcciones [[X] -ari]_N en latín (*argentarius*, *quasilaria*, *linguarium*) y sus descendientes en siete lenguas romances, rumano (*arețar*, *mățasar*, *bursier*), italiano (*bambinaia*, *acquaio*, *caudatario*), francés (*agencier*, *colombier*, *libraire*), catalán (*abeller*, *garganter*, *sordària*), español (*abejero*, *bañadero*, *fornicario*), gallego (*mullereiro*, *chaqueteiro*, *cabalarío*) y portugués (*moedeiro*, *caldeira*, *aquário*). Los datos analizados se extrajeron de diccionarios monolingües, en los casos de italiano, francés, español, catalán, gallego y portugués, y bilingües, en los casos de rumano y latín. La descripción de las palabras con sufijo en estos idiomas se basó en presupuestos de la Semántica Cognitiva (LAKOFF AND JOHNSON, 1980; FILLMORE, 1982; LAKOFF, 1987), Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 2013), Gramática de las Construcciones (GOLDBERG, 1995, 2003, 2006), Morfología Construccional (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016). Para la comparación entre idiomas, se utilizó el modelo de los Mapas Semánticos, adaptado de la propuesta tipológica cognitivo-funcional de Haspelmath (2003). Los resultados muestran que, desde el punto de vista semántico-cognitivo, los idiomas difieren poco, usando metáforas, metonimias, enfoques y analogías para construir el significado de palabras complejas. Lo que los diferencia, en este sentido, son las experiencias utilizadas para metaforizar, enfocar o hacer analogías. Con respecto al comportamiento polisémico, desde el latín hasta las lenguas romances observadas, el significado de "agente profesional" se presenta como el más productivo y más prototípico. Por otro lado, el significado 'agente vegetal', que designa árboles, arbustos y otros tipos de plantas, resulta improductivo en italiano y rumano, pero muy productivo en idiomas como francés, español, catalán, gallego y portugués, sirviendo, en este sentido, para marcar una división entre las tendencias de las lenguas romances. También debe destacarse la presencia productiva de los significados de gentilícos, anomalías y excesos/acumulaciones en las lenguas ibero-románicas.

Palabras clave: Lingüística Histórica. Lenguas romances. Lingüística cognitiva. Enfoque construccional de la gramática. Lingüística comparativa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organização de um debate político no Brasil	84
Figura 2 – Defesa de tese de doutorado na Universidade Municipal de São Caetano do Sul	85
Figura 3 – Hierarquia da complexidade semântica da expressão GLASS/COPO	103
Figura 4 – Hierarquia da complexidade semântica da expressão COTOVELO	103
Figura 5 – Representação esquemática e elaboração com “beber”	105
Figura 6 – Representação esquemática e elaboração parcial com “beber”	106
Figura 7 – Representação esquemática e elaboração com “comprar”	106
Figura 8 – Representação do léxico hierárquico da Morfologia Construcional	120
Figura 9 – Representação da polissemia das construções X-dor	121
Figura 10 – Polissemia do verbo “tomar” no português contemporâneo	125
Figura 11 – Polissemia do sufixo <i>-eiro</i> no português contemporâneo	126
Figura 12 – Rede esquemática das construções com o verbo “ir”	127
Figura 13 – Rede esquemática das construções X-dor no português arcaico	128
Figura 14 – Mapa semântico de funções dativas típicas / a delimitação do inglês <i>to</i>	138
Figura 15 – A delimitação do francês <i>à</i>	139
Figura 16 – A delimitação do francês <i>à</i> e dos clíticos dativos franceses	139
Figura 17 – A delimitação dos indefinidores <i>some-</i> e <i>any-</i> do inglês	140
Figura 18 – A delimitação dos indefinidores <i>-to</i> e <i>-nibud'</i> do russo	140
Figura 19 – A delimitação do reflexivo francês <i>-se</i> e do russo <i>-sja</i> .	140
Figura 20 – Subesquemas X-ariu e suas características	173
Figura 21 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no latim clássico	183
Figura 22 – Relação entre os subesquemas profissionais e habituais nas construções <i>X-ārī-</i>	188
Figura 23 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no latim clássico	189
Figura 24 – Esquema dominante de locativo e os seus subesquemas	191
Figura 25 – Esquema dominante de objeto e os seus subesquemas no latim clássico	194

Figura 26 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no latim clássico	195
Figura 27 – Esquema dominante de anomalia no latim clássico	196
Figura 28 – Representação esquemática das construções X-ari- no latim clássico	196
Figura 29 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no latim medieval	201
Figura 30 – Relação entre os subesquemas profissionais e medievais nas construções X-ari-	202
Figura 31 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no latim medieval	206
Figura 32 – Representação esquemática das construções X-ari- no latim medieval	207
Figura 33 – Mapa semântico das construções X-ārī- do latim clássico e X-eir- do português arcaico	209
Figura 34 – Mapa semântico das construções X-ari- no latim clássico e no latim medieval	210
Figura 35 – Esquema dominante de adjetivos no romeno X-ar	235
Figura 36 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no romeno X-ar	238
Figura 37 – Esquema dominante de locativo no romeno X-ar	239
Figura 38 – Esquema dominante de objeto no romeno X-ar	241
Figura 39 – Esquema dominante de quantidade no romeno X-ar	242
Figura 40 – Representação esquemática das construções X-ar- no romeno	242
Figura 41 – Esquema dominante de adjetivos no romeno X-(i)er	244
Figura 42 – Esquema dominante de agente no romeno X-(i)er	245
Figura 43 – Esquema dominante de locativo no romeno X-(i)er	246
Figura 44 – Esquema dominante de objeto no romeno X-(i)er	247
Figura 45 – Esquema dominante de quantidade no romeno X-(i)er	248
Figura 46 – Representação esquemática das construções X-(i)er- no romeno	249
Figura 47 – Mapa semântico das construções do romeno	250
Figura 48 – Mapa semântico comparativo entre as construções do romeno e do latim	251

Figura 49 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-ai- do italiano	272
Figura 50 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no X-ai- do italiano	275
Figura 51 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no X-ai- do italiano	276
Figura 52 – Esquema dominante de objeto e os seus subesquemas no X-ai- do italiano	277
Figura 53 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no X-ai- do italiano	279
Figura 54 – Esquema dominante de anomalia em X-ai- do italiano	279
Figura 55 – Representação esquemática das construções X-ai- do italiano	280
Figura 56 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-ari- do italiano	287
Figura 57 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no X-ari- do italiano	289
Figura 58 – Esquema dominante de locativo e os seus subesquemas no X-ari- do italiano	290
Figura 59 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no X-ari- do italiano	292
Figura 60 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no X-ari- do italiano	294
Figura 61 – Esquema dominante de anomalia no X-ari- do italiano	294
Figura 62 – Representação esquemática das construções X-ari- do italiano	295
Figura 63 – Mapa semântico das construções do italiano	296
Figura 64 – Mapa semântico comparativo entre as construções do italiano e do latim	297
Figura 65 – Mapa semântico-comparativo entre as construções do italiano, latim e romeno	298
Figura 66 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-ier- do francês	327
Figura 67 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no X-ier- do francês	330
Figura 68 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no X-ier- do francês	332

Figura 69 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no X-ier- do francês	335
Figura 70 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no X-ier- do francês	337
Figura 71 – Esquema dominante de anomalia no X-ier- do francês	337
Figura 72 – Representação esquemática das construções X-ier- do francês	338
Figura 73 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-aire do francês	347
Figura 74 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no X-aire do francês	349
Figura 75 - Esquema dominante de locativo e os seus subesquemas no francês X-aire	350
Figura 76 - Esquema dominante de objeto e os seus subesquemas no francês X-aire	352
Figura 77 - Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no francês X-aire	353
Figura 78 - Esquema dominante de anomalia no francês X-aire	353
Figura 79 – Representação esquemática das construções X-aire do francês	354
Figura 80 – Mapa semântico das construções do francês	355
Figura 81 – Mapa semântico comparativo entre as construções do francês e do latim	355
Figura 82 – Mapa semântico comparativo entre as construções do latim, romeno, italiano e francês	356
Figura 83 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-er- no catalão	391
Figura 84 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no X-er- no catalão	394
Figura 85 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no [[X _i]-er-] _s do catalão	395
Figura 86 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no X-er- do catalão	398
Figura 87 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no X-er- do catalão	399
Figura 88 – Esquema dominante de anomalia no [[X _i]-er-] _s do catalão	400

Figura 89 – Esquema dominante de desejo/necessidade no X _v -era do catalão	401
Figura 90 – Esquema dominante de atitudinais no [[X _{vi}]-era] _s do catalão	401
Figura 91 – Representação esquemática das construções X-er- do catalão	402
Figura 92 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-ari- no catalão	403
Figura 93 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no X-ari- do catalão	406
Figura 94 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no [[X _i]-ari-] _s do catalão	407
Figura 95 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no [[X _i]-ari-] _s do catalão	408
Figura 96 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no X-ari- do catalão	409
Figura 97 – Esquema dominante de anomalia no [[X _i]-ari-] _s do catalão	409
Figura 98 – Esquema dominante de qualidade [[X _{Ai}]-ària] _s do catalão	410
Figura 99 – Representação esquemática das construções X-ari- do catalão	410
Figura 100 – Mapas semânticos para as construções X-er- e X-ari- do catalão	411
Figura 101 – Mapas semânticos para as construções do catalão e do latim	412
Figura 102 – Mapas semânticos para as construções do latim, romeno, italiano, francês e catalão	413
Figura 103 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-er- no espanhol	455
Figura 104 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no X-er- no espanhol	458
Figura 105 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no X-er- no espanhol	460
Figura 106 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no X-er- no espanhol	463
Figura 107 – Esquema dominante de quantidades e os seus subesquemas no X-er- no espanhol	465
Figura 108 – Esquema dominante de anomalia no X-er- no espanhol	466
Figura 109 – Esquema dominante de atitudinais no X-er- no espanhol	467

Figura 110 – Esquema dominante de qualidade no <i>X-er-</i> no espanhol	467
Figura 111 – Representação esquemática das construções <i>X-er-</i> do espanhol	467
Figura 112 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no <i>X-ari-</i> no espanhol	472
Figura 113 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no <i>X-ari-</i> no espanhol	474
Figura 114 – Esquema dominante de locativo e os seus subesquemas no <i>X-ari-</i> no espanhol	475
Figura 115 – Esquema dominante de objeto e os seus subesquemas no <i>X-ari-</i> no espanhol	477
Figura 116 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no <i>X-ari-</i> no espanhol	478
Figura 117 – Esquema dominante de anomalia com <i>X-ari-</i> no espanhol	478
Figura 118 – Representação esquemática das construções <i>X-ari-</i> do espanhol	479
Figura 119 – Comparação entre as construções <i>X-er-</i> e <i>X-ari-</i> do espanhol	479
Figura 120 – Comparação entre as construções do espanhol e do latim	480
Figura 121 – Comparação entre as construções do espanhol, catalão, francês, italiano romeno e latim	481
Figura 122 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no <i>X-eir-</i> no galego	505
Figura 123 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no <i>X-eir-</i> no galego	508
Figura 124 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no $[[X_i]-eir-]_s$ do galego	510
Figura 125 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no $[[X_i]-eir-]_s$ do galego	513
Figura 126 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no $[[X_i]-eir-]_s$ do galego	515
Figura 127 – Esquema dominante de anomalia no $[[X_i]-eir-]_s$ do galego	515
Figura 128 – Esquema dominante de atitudinais no $[[X_i]-eira]_s$ do galego	516
Figura 129 – Esquema dominante de partes do corpo no $[[X_{si}]-eir-]_s$ do galego	517
Figura 130 – Representação esquemática das construções <i>X-eir-</i> do galego	517

Figura 131 – Esquema dominante de adjetivo e os seus subesquemas no X-ari- no galego	521
Figura 132 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no X-ari- no galego	524
Figura 133 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no [[X _i]-ari-]s do galego	525
Figura 134 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no [[X _i]-ari-]s do galego	527
Figura 135 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no [[X _i]-ari-]s do galego	528
Figura 136 – Esquema dominante de anomalia no galego	528
Figura 137 – Representação esquemática das construções X-ari- do galego	529
Figura 138 – Comparação entre as construções X-eir- e X-ari- do galego	529
Figura 139 – Comparação entre as construções do galego e do latim	530
Figura 140 – Comparação entre as construções do galego, espanhol, catalão, francês, italiano romeno e latim	531
Figura 141 – Rede polissêmica das construções X-eir- conforme Pizzorno (2010)	559
Figura 142 – Evolução histórica do sufixo -eiro conforme Viaro (2011)	561
Figura 143 – Esquema construcional X-eir- adjetival	564
Figura 144 – Agentes X-eir- no português arcaico, conforme Soledade (2013)	565
Figura 145 – Objetos X-eir- no português arcaico, conforme Soledade (2013)	565
Figura 146 – Locativos X-eir- no português arcaico, conforme Soledade (2013)	566
Figura 147 – Anomalias X-eir- no português arcaico, conforme Soledade (2013)	566
Figura 148 – Rede construcional do esquema X-eir- formador de substantivos no PA	571
Figura 149 – Polo semântico do esquema construcional X-eir-	574
Figura 150 – Esquema metonímico-construcional de angiospermas X-eir-	574
Figura 151 – Esquema metonímico-construcional de objetos recipientes X-eir-	575
Figura 152 – Esquema metonímico-construcional de objetos não recipientes X-eir-	576
Figura 153 – Rede polissêmica imagético-construcional de não agentivos X-eir-	576

Figura 154 – Esquema metonímico-construcional de entidades em excesso <i>X-eir-</i>	577
Figura 155 – Esquema imagético-construcional de entidades em excesso <i>X-eir-</i>	577
Figura 156 – Esquema metonímico-construcional de profissionais <i>X-eir-</i>	578
Figura 157 – Esquema metonímico-construcional de profissionais <i>X-eir-</i> com subesquemas	578
Figura 158 – Rede polissêmica imagético-construcional de agentivos <i>X-eir-</i>	579
Figura 159 – Rede polissêmica imagético-construcional de <i>X-eir-</i> no português	580
Figura 160 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no <i>X-eir-</i> no português	584
Figura 161 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no <i>X-eir-</i> no português	588
Figura 162 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no [[<i>X_i</i>]- <i>eir-</i>] _s do português	590
Figura 163 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no [[<i>X_i</i>]- <i>eir-</i>] _s do português	593
Figura 164 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no [[<i>X_i</i>]- <i>eir-</i>] _s do português	595
Figura 165 – Esquema dominante de anomalia com [[<i>X_i</i>]- <i>eir-</i>] _s no português	596
Figura 166 – Esquema dominante de atitudinais com [[<i>X_i</i>]- <i>eir-</i>] _s no português	597
Figura 167 – Representação esquemática das construções <i>X-eir-</i> do português	597
Figura 168 – Representação esquemática das construções <i>X-ário</i> no português arcaico	604
Figura 169 – Rede polissêmico-construcional de agentivos <i>X-ário</i>	605
Figura 170 – Aspectos semântico-pragmáticos de agentivos <i>X-eiro</i> e <i>X-ário</i>	605
Figura 171 – Rede polissêmico-construcional de não agentivos <i>X-ário</i>	606
Figura 172 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no <i>X-ári-</i> no português	608
Figura 173 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no <i>X-ári-</i> no português	611
Figura 174 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no <i>X-ári-</i> no português	613

Figura 175 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no <i>X-ári-</i> no português	615
Figura 176 – Esquema dominante de quantidades e os seus subesquemas no <i>X-ári-</i> no português	616
Figura 177 – Esquema dominante de anomalia com <i>X-ári-</i> no português	616
Figura 178 – Representação esquemática das construções <i>X-ári-</i> do português	617
Figura 179 – Comparação entre as construções <i>X-eir-</i> e <i>X-ári-</i> do português	618
Figura 180 – Comparação entre as construções do português e do latim	619
Figura 181 – Comparação entre as construções do latim, romeno, italiano, francês, catalão, espanhol, galego e português	620
Figura 182 – Mapa Semântico Românico	641

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização radial da construção dêitica	110
Quadro 2 – Exemplos de construções do inglês, variando em tamanho e complexidade; forma e função são especificadas caso não estejam claras	112
Quadro 3 – Micronarrativas prefixais no português arcaico	132
Quadro 4 – Esquemas construcionais a serem analisados na Tese	148
Quadro 5 – Fenômenos fonéticos e morfológicos na dialeção da România	150
Quadro 6 – Lista de dicionários selecionados para levantamento	151
Quadro 7 – Construto ‘açucareiro’ nos dados do português <i>X-eir-</i>	157
Quadro 8 – Construto ‘adargueiro’ nos dados do português <i>X-eir-</i>	157
Quadro 9 – Recursos complementares para o tratamento dos dados	159
Quadro 10 – Categorias semânticas de <i>X-ari-</i> em Simões Neto (2016)	171
Quadro 11 – Subcategorias de agentes no latim clássico	184
Quadro 12 – Subcategorias de objetos no latim clássico	192
Quadro 13 – Palavras selecionadas do latim clássico para a análise sociocognitiva	211
Quadro 14 – Palavras selecionadas do latim medieval para a análise sociocognitiva	214

Quadro 15 – Categorias semânticas de X-ar em Mititelu (2013)	233
Quadro 16 – Palavras selecionadas do romeno para a análise sociocognitiva	251
Quadro 17 – Exemplos de palavras X- <i>aio</i> no italiano	266
Quadro 18 – Os significados sufixo italiano - <i>aio</i> na proposta de Elisabetta Magni	271
Quadro 19 – Palavras derivadas de palavras da quarta declinação no latim e correspondências no português e italiano	282
Quadro 20 – Palavras italianas X-ai-selecionadas para a análise sociocognitiva	299
Quadro 21 – Palavras italianas X-ari-selecionadas para a análise sociocognitiva	302
Quadro 22 – Os agentes humanos em - <i>aire</i> com base no TLFi	341
Quadro 23 – Síntese da classificação de nomes de humanos X- <i>aire</i>	344
Quadro 24 – Palavras francesas X-ier-selecionadas para a análise sociocognitiva	357
Quadro 25 – Palavras francesas X- <i>aire</i> selecionadas para a análise sociocognitiva	361
Quadro 26 – Fenômenos fonético-fonológicos que aproximam o catalão do provençal	371
Quadro 27 – Fenômenos fonéticos da Ibero-România, segundo Harri Meier	373
Quadro 28 – Comparação de itens lexicais do castelhano, catalão e provençal	375
Quadro 29 – Palavras catalãs X-er- selecionadas para a análise sociocognitiva	413
Quadro 30 – Palavras catalãs X-ari- selecionadas para a análise sociocognitiva	415
Quadro 31 – Significados de - <i>ero</i> , - <i>era</i> no espanhol conforme Alemany y Bolufer (1920)	427
Quadro 32 – Exemplos de palavras com sufixo - <i>ero/-era</i> no espanhol	435
Quadro 33 – Categorias semânticas para - <i>ero/-era</i> a partir de Pérez (1997)	437
Quadro 34 – Classificação semântica dos adjetivos derivados do espanhol	448
Quadro 35 – Classificação semântica dos adjetivos derivados em - <i>ero</i> , - <i>dero</i> , - <i>ndero</i> no espanhol	449
Quadro 36 – Categorias semânticas de - <i>ero</i> ~ - <i>era</i> em Dom Quixote	452
Quadro 37 – Classificação semântica dos adjetivos derivados em - <i>ario</i> no espanhol	468
Quadro 38 – Palavras espanholas X-er- selecionadas para a análise sociocognitiva	482
Quadro 39 – Palavras espanholas X-ari- selecionadas para a análise sociocognitiva	486

Quadro 40 – Variantes de -eiro~-eira e os seus significados no galego-português	496
Quadro 41 – Categorias semânticas de derivados substantivos de <i>-eiro</i> no galego	501
Quadro 42 – Categorias semânticas de derivados adjetivos de <i>-eiro</i> no galego	503
Quadro 43 – Palavras galegas X-eir- selecionadas para a análise sociocognitiva	532
Quadro 44 – Palavras galegas X-ari- selecionadas para a análise sociocognitiva	534
Quadro 45 – Propostas de periodização da língua portuguesa	538
Quadro 46 – Fatos linguísticos impactantes na delimitação do português arcaico	539
Quadro 47 – Categorias semânticas de <i>-eiro</i> conforme Rocha (1998)	547
Quadro 48 – Categorias semânticas de <i>-eiro</i> conforme Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998)	548
Quadro 49 – <i>Continuum</i> de abstratização de X-eiro proposto por Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998)	549
Quadro 50 – Grupos de afinidades semânticas para X- <i>eira</i> , segundo Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998)	550
Quadro 51 – Relações entre X-eiro agentivo e X-eira instrumento/locativo	550
Quadro 52 – Grupos de afinidades semânticas para X- <i>eiro</i> em Marinho (2004)	551
Quadro 53 – Grupos de afinidades semânticas para X- <i>eiro</i> para Botelho (2004)	553
Quadro 54 – Construção central (prototípica) agente-humano	554
Quadro 55 – Objetos marcados pela agentividade	555
Quadro 56 – Outras construções X-eiro pela agentividade	555
Quadro 57 – Grupos de afinidades semânticas de X-eiro conforme Almeida e Gonçalves (2005)	556
Quadro 58 – Categorias semânticas propostas por Viaro para as formações X- <i>eiro</i>	562
Quadro 59 – Grupos semânticos de X-eir- contemporâneo conforme Simões Neto e Soledade (2014)	566
Quadro 60 – Grupos semânticos de X-ário conforme Souza (2006)	599
Quadro 61 – O sufixo <i>-ário</i> do português pré-literário ao português renascentista	600
Quadro 62 – O sufixo <i>-ário</i> do português renascentista ao moderno	601
Quadro 63 – O sufixo <i>-ário</i> do português contemporâneo	602

Quadro 64 – Palavras portuguesas X-eir- selecionadas para a análise sociocognitiva	621
Quadro 65 – Palavras portuguesas X-ári- selecionadas para a análise sociocognitiva	623
Quadro 66 – Metáfora HOMEM É ANIMAL nas línguas românicas	631
Quadro 67 – Síntese das categorias relevantes e as línguas produtivas	640

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo no latim clássico	181
Tabela 2 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no latim clássico	185
Tabela 3 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativo no latim clássico	190
Tabela 4 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no latim clássico	192
Tabela 5 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no latim clássico	194
Tabela 6 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo no latim medieval	197
Tabela 7 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes no latim medieval	199
Tabela 8 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativo no latim medieval	202
Tabela 9 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no latim medieval	203
Tabela 10 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no latim medieval	204
Tabela 11 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo X-ar- no romeno	234
Tabela 12 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no X-ar romeno	236
Tabela 13 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ar- no romeno	239
Tabela 14 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no X-ar romeno	239
Tabela 15 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no romeno X-ar	241
Tabela 16 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo X-(i)er- no romeno	243
Tabela 17 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no X-(i)er romeno	244
Tabela 18 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-(i)er- no romeno	246

Tabela 19 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no X-(i)er romeno	246
Tabela 20 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no romeno X-(i)er	248
Tabela 21 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo X-ai- no italiano	272
Tabela 22 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no italiano X-ai-	273
Tabela 23 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ai- no italiano	275
Tabela 24 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no italiano X-ai-	276
Tabela 25 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no italiano X-ai-	278
Tabela 26 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo X-ari- no italiano	286
Tabela 27 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no italiano X-ari-	287
Tabela 28 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ari- no italiano	289
Tabela 29 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no italiano X-ari-	291
Tabela 30 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no italiano X-ari-	293
Tabela 31 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos X-ier- no francês	326
Tabela 32 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no francês X-ier-	327
Tabela 33 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ier- no francês	331
Tabela 34 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no francês X-ier-	333
Tabela 35 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no francês X-ier-	336
Tabela 36 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos X-aire no francês	345
Tabela 37 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no francês X-aire	347
Tabela 38 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-aire no francês	349
Tabela 39 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no francês X-aire	350
Tabela 40 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no francês X-aire	352
Tabela 41 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos X-er- no catalão	389
Tabela 42 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no catalão X-er-	391

Tabela 43 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-er- no catalão	394
Tabela 44 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no catalão X-er-	395
Tabela 45 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no catalão [[X _i]-er-] _s	398
Tabela 46 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos X-ari- no catalão	402
Tabela 47 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes no catalão X-ari-	404
Tabela 48 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ari- no catalão	406
Tabela 49 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no catalão X-ari-	407
Tabela 50 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no catalão X-ari-	408
Tabela 51 – Rendimento categorial de <i>-ero ~ -era</i> em Dom Quixote	452
Tabela 52 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes no espanhol X-er-	454
Tabela 53 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-er- no espanhol	459
Tabela 54 – Distribuição percentual dos subesquemas de objetos no esquema X-er-	460
Tabela 55 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidades no esquema X-er-	463
Tabela 56 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos X-ari- no espanhol	470
Tabela 57 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes no espanhol X-ari-	472
Tabela 58 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos no espanhol X-ari-	474
Tabela 59 – Distribuição percentual dos subesquemas de objetos no espanhol X-ari-	476
Tabela 60 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidades no espanhol X-ari-	477
Tabela 61 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos X-eir- no galego	503
Tabela 62 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no galego X-eir-	505
Tabela 63 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-eir- no galego	508
Tabela 64 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no galego X-eir-	510
Tabela 65 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidades X-eir- no galego	513
Tabela 66 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos X-ari- no galego	520

Tabela 67 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no galego <i>X-ari-</i>	522
Tabela 68 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos <i>X-ari-</i> no galego	524
Tabela 69 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no galego <i>X-ari-</i>	525
Tabela 70 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidades <i>X-ari-</i> no galego	527
Tabela 71 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos <i>X-eir-</i> no português	581
Tabela 72 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes <i>X-eir-</i> no português	584
Tabela 73 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos <i>X-eir-</i> no português	588
Tabela 74 – Distribuição percentual dos subesquemas de objetos <i>X-eir-</i> no português	590
Tabela 75 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade <i>X-eir-</i> no português	594
Tabela 76 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos <i>X-ári-</i> no português	607
Tabela 77 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes <i>X-ári-</i> no português	608
Tabela 78 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos <i>X-ári-</i> no português	611
Tabela 79 – Distribuição percentual dos subesquemas de objetos <i>X-ári-</i> no português	613
Tabela 80 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade <i>X-ári-</i> no português	615
Tabela 81 – O esquema adjetivo no latim e nas línguas românicas	632
Tabela 82 – O esquema agente no latim e nas línguas românicas	633
Tabela 83 – O esquema locativo no latim e nas línguas românicas	635
Tabela 84 – O esquema objeto no latim e nas línguas românicas	636
Tabela 85 – O esquema quantidade no latim e nas línguas românicas	637
Tabela 86 – Os esquemas solitários no latim e nas línguas românicas	639

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GG – Gramática Gerativa

LC - Linguística Cognitiva

LH – Linguística Histórica

MC – Morfologia Construcional

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFF – Universidade Federal Fluminense

PROHPOR – Programa para a História da Língua Portuguesa

SUMÁRIO

TOMO I

1 APRESENTAÇÃO: UM CONVITE À ROMANÍSTICA	37
2 LINGUÍSTICA HISTÓRICA, ROMANIZAÇÃO E CRIOLIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE CONTATOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS NA ROMÂNIA	43
2.1 AS TENDÊNCIAS DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA NO SÉCULO XIX	43
2.2 AINDA SOBRE CONTEXTUALIZAÇÃO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA OITOCENTISTA E OS SEUS ASPECTOS TEÓRICO-EPITEMOLÓGICOS	45
2.3 O ADVENTO DA LINGUÍSTICA MODERNA: DO ESTRUTURALISMO EUROPEU À SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA	48
2.4 OS CONTATOS LINGUÍSTICOS NA LINGUÍSTICA DO SÉCULO XXI: AS ABORDAGENS DA SOCIOLINGUÍSTICA E DA CRIOLÍSTICA	51
2.5 LÍNGUAS CRIOULAS E NÃO CRIOULAS: O DISCURSO POR TRÁS DA DISTINÇÃO	54
2.6 LÍNGUAS CRIOULAS NO CENÁRIO EUROPEU: O DESENVOLVIMENTO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS E DO INGLÊS MODERNO	58
2.7 ROMANIZAÇÃO X CRIOLIZAÇÃO: COMENTÁRIOS SOBRE A EXPANSÃO DE ROMA E DA LÍNGUA LATINA	63
2.8 PARA (RE)PENSAR PROCESSOS CRIoulos NO MUNDO ROMANO	76
3 DA LINGUÍSTICA COGNITIVA À LINGUÍSTICA COGNITIVA HISTÓRICA: ASPECTOS TEÓRICO-EPITEMOLÓGICOS E QUESTÕES NORTEADORAS	81
3.1 ABORDAGENS DA SEMÂNTICA COGNITIVA	82
3.1.1 Teoria da metáfora e da metonímia conceptuais	83
3.1.2 Teoria contemporânea da metáfora	86
3.1.3 Teoria dos Protótipos	93
3.1.4 Semântica de frames	95
3.2 ABORDAGENS DA GRAMÁTICA COGNITIVA	99
3.2.1 Gramática Cognitiva: a primeira proposta	99

3.2.2 Gramática de Construções	110
3.2.3 Morfologia Construcional	118
3.3 ESTUDOS SEMÂNTICO-LEXICAIS EM LINGUÍSTICA COGNITIVA	122
3.3.1 Polissemia	122
3.3.2 Operações de conceptualização no léxico	128
<i>3.3.2.1 Focalização/ajuste focal</i>	128
<i>3.3.2.2 Metáfora</i>	125
<i>3.3.2.3 Metonímia</i>	130
<i>3.3.2.4 Compressão</i>	131
3.4 A TIPOLOGIA EM LINGUÍSTICA COGNITIVA: QUAL MODELO USAR?	134
3.4.1 Os mapas semânticos propostos por Haspelmath: apresentação de conceitos e análises	137
3.5 A LINGUÍSTICA COGNITIVA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA	141
4 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	147
4.1 MOTIVAÇÕES E PERGUNTAS DE PESQUISA	147
4.2 JUSTIFICATIVAS PARA AS FONTES	152
4.3 PROCEDIMENTOS GERAIS NO TRATAMENTO DOS DADOS E ESTRUTURAÇÃO DAS SEÇÕES DE ANÁLISE	154
4.4 ESTRUTURAÇÃO DAS SEÇÕES DE ANÁLISE	161
5 AS CONSTRUÇÕES [[X]-ARI-]_N NO LATIM CLÁSSICO, VULGAR E MEDIEVAL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONSTRUCIONAIS E SOCIOCOGNITIVOS	163

5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA LATINA: EXPLICAÇÕES SOBRE LATIM CLÁSSICO, VULGAR E MEDIEVAL	163
5.2 O QUE JÁ FOI DITO SOBRE O FUNCIONAMENTO DOS SUFIXOS <i>-ARIUS</i> , <i>-ARIA</i> E <i>-ARIUM</i> NA LÍNGUA LATINA	165
5.2.1 Notas especiais sobre o funcionamento dos sufixos <i>-arius</i>, <i>-aria</i> e <i>-arium</i> no latim vulgar	173
5.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE X-ĀRĪ- NO LATIM CLÁSSICO	179
5.4 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE X-ARI NO LATIM MEDIEVAL	197
5.5 X-ARI- NO LATIM CLÁSSICO E NO MEDIEVAL: COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS	208
5.6 ANÁLISE SOCIOCOGNITIVA DE X-ARI- NA LÍNGUA LATINA	210
5.7 SÍNTESE	217
6 AS CONSTRUÇÕES [[X]-AR-]_N E [[X]-(I)ER-]_N NO ROMENO: DESAFIOS NA ANÁLISE DE UMA LÍNGUA AINDA POUCO EXPLORADA	219
6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA ROMENA	219
6.2 COMENTÁRIOS MORFOLÓGICOS PRELIMINARES	222
6.3 A ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS ESQUEMAS [[X]-AR-] _N	224
6.4 A ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS ESQUEMAS [[X]-(I)ER-] _N	243
6.5 MAPAS SEMÂNTICOS: O ROMENO PER SI E A COMPARAÇÃO COM O LATIM	249
6.6 INTERPRETAÇÕES SOCIOCOGNITIVAS	251
6.7 SÍNTESE	254
7 A DIFUSÃO DE [[X]-ARI-]_N NO ITALIANO: UM CASO DE MÚLTIPLOS ESQUEMAS	255

7.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA ITALIANA: O PROCESSO DE UNIFICAÇÃO	257
7.2 OS ESQUEMAS E SUBESQUEMAS [[X]-AI-] _N : POLISSEMIA E FUNCIONAMENTO DE UM FORMATIVO DA ELOQUÊNCIA VULGAR	261
7.3 CULTISMOS NEM TÃO CULTOS: A ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS ESQUEMAS [[X]-ARI-] _N	280
7.4 A CONSTRUÇÃO DE MAPAS SEMÂNTICOS: A LÍNGUA ITALIANA POR SI E AS COMPARAÇÕES COM O LATIM E O ROMENO	295
7.5 ANÁLISES SOCIOCOGNITIVAS DAS CONSTRUÇÕES DERIVADAS DO ITALIANO	298
7.6 SÍNTESE	305
8 OS ESQUEMAS [[X]-IER-]_N E [[X]-AIRE]_N NA LÍNGUA FRANCESA: UM AMBIENTE DE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO	306
8.1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DA LÍNGUA FRANCESA	306
8.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DO ESQUEMA [X _i]-IER(E)] _N	316
8.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DO ESQUEMA [X _i]-AIRE] _N	338
8.4 A ELABORAÇÃO DOS MAPAS SEMÂNTICOS: AS CONSTRUÇÕES DO FRANCÊS EM COMPARAÇÃO	341
8.5 ANÁLISES SOCIOCOGNITIVAS	357
8.6 SÍNTESE	365
9 OS ESQUEMAS [[X]-ER-]_N E [[X]-ARI]_N NO CATALÃO: TENSÕES ENTRE OS CONCEITOS DE LÍNGUA-PONTE, LÍNGUA-DEPENDÊNCIA E LÍNGUA AUTÔNOMA	367
9.1 ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO CATALÃO	367
9.2 O QUE JÁ FOI DITO SOBRE OS SUFIXOS DO CATALÃO	380

9.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS ESQUEMAS CATALÃES	388
9.3.1 Leitura construcional do esquema [[X]-er-]_N	389
9.3.2 Leitura construcional do esquema [[X]-ari-]_N	402
9.4 COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS	411
9.5 ANÁLISE SOCIOCOGNITIVA	397
9.6 SÍNTESE	418
10 DA VARIANTE REGIONAL CASTELHANA A IDIOMA NACIONAL: UMA ANÁLISE DOS ESQUEMAS [[X]-ER-]_N E [[X]-ARI]_N NA LÍNGUA ESPANHOLA	420
10.1 CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA ESPANHOLA	420
10.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE X-ER-	426
10.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE X-ARI-	467
10.4 COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS	479
10.5 INTERPRETAÇÕES SOCIOCOGNITIVAS	482
10.6 SÍNTESE	488
11 UNIDADE ORIGINAL, SUJEIÇÃO E AUTONOMIA: OS ESQUEMAS [[X]-EIR-]_N E [[X]-ARI]_N NA LÍNGUA GALEGA	489
11.1 ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO GALEGO	489
11.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE [[X]-EIR-] _N DO GALEGO	495
11.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE [[X]-ARI-] _N DO GALEGO	518
11.4 COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS	529
11.5 ANÁLISE SOCIOCOGNITIVA DE CONSTRUÇÕES DO GALEGO	532
11.6 SÍNTESE	536

12 AS ÚLTIMAS FLORES DO LÁCIO: AS CONSTRUÇÕES [X-EIR-]_N E [X-ÁRI-]_N NA LÍNGUA PORTUGUESA	537
12.1 CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO PORTUGUÊS	537
12.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE [X-EIR-] _N	545
12.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE [X-ÁRI-] _N	597
12.4 COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS	617
12.5 ANÁLISES SOCIOCOGNITIVAS	621
12.6 SÍNTESE	626
13 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONCLUSÕES E DIREÇÕES	627
REFERÊNCIAS	645
TOMO II	
LATIM CLÁSSICO: DADOS DE -ĀRĪUS, - ĀRĪA, - ĀRĪUM	669
LATIM MEDIEVAL: DADOS DE -ARIUS, - ARIA, - ARIUM	870
ROMENO: DADOS DE -AR, -ARĂ	1013
ROMENO: DADOS DE -(I)ER, -(I)ERĂ	1121
ITALIANO: DADOS DE -AIO, -AIA	1151
ITALIANO: DADOS DE -ARIO, -ARIA	1311
TOMO III	
FRANCÊS: DADOS DE -IER, -IÈRE	1475
FRANCÊS: DADOS DE -AIRE	1796
CATALÃO: DADOS DE -ER, -ERA	2006
CATALÃO: DADOS DE -ARI, -ÀRIA	2287
TOMO IV	
ESPAÑHOL: DADOS DE -ERO, -ERA	2405
ESPAÑHOL: DADOS DE -ARIO, -ARIA	3054

TOMO V

GALEGO: DADOS DE <i>-EIRO, -EIRA</i>	3181
GALEGO: DADOS DE <i>-ARIO, -ARIA</i>	3478
PORTUGUÊS: DADOS DE <i>-EIRO, -EIRA</i>	3574
PORTUGUÊS: DADOS DE <i>-ÁRIO, -ÁRIA</i>	4130

1 APRESENTAÇÃO: UM CONVITE À ROMANÍSTICA

Apresenta-se esta Tese, considerando três dimensões que estão longe de estarem dissociadas: a pessoal-profissional, a acadêmico-temática e a teórico-científica. De um ponto de vista pessoa-profissional, esta Tese é o resultado de uma trajetória acadêmica de dez anos, sendo sete desses dedicados à morfologia e à investigação de aspectos morfossemânticos do sufixo *-eir-* no português, um dos objetos deste trabalho. Uma vez que o Doutorado é a etapa mais importante na trajetória de um pesquisador, esta Tese cumpre o papel de arrematar e sintetizar tudo o que se pensou a respeito do fenômeno estudado, ao longo desses anos.

Nos estudos morfológicos de língua portuguesa, não há carência de investigações sobre formativo, tão explorado quanto o preenchimento da posição de sujeito, nos estudos sintáticos, e o rotacismo, nos estudos fonéticos. Porém, mesmo as mais exaustivas das pesquisas deixam sempre algo por fazer. É nesse contexto que entra a dimensão acadêmico-temática, pois, mesmo com um tema tão recorrentemente explorado, esta Tese consegue trazer à baila uma perspectiva de análise consideravelmente inovadora, ao mesmo tempo em que não dispensa os ensinamentos dados pela tradição.

Nesta Tese, o sufixo *-eir-* é estudado em uma grande rede morfológica, semântica, histórica, etimológica e filológica, considerando, a sua origem, sob a forma latina *-ari-*, o seu divergente português *-ári-*, e os correspondentes em outras seis línguas românicas: romeno, italiano, francês, catalão, espanhol e galego. Ao todo, este trabalho oferece uma análise robusta de 16 formas sufixais relacionadas em oito línguas aparentadas.

Com esta iniciativa, a Tese empreende um movimento de *revitalização* (com toda a licença pelo termo) da Filologia/Linguística Românica produzida no Brasil e, a saber, em toda a comunidade científica internacional interessada nessa área. Dizendo isso, não se quer sugerir que a Filologia/Linguística Românica tenha desaparecido por completo, mas não se pode negar que aquele modelo comparativo inter-românico, que se consagrou no século XIX e se estendeu até os primeiros momentos do século XX, já não é tão profícuo, pois, historicamente, deu lugar às pesquisas das línguas individuais, que são igualmente fundamentais. Essa é uma realidade internacional.

No Brasil, assim como em Portugal, há uma vastidão de estudos e projetos voltados para a descrição da língua portuguesa. Entretanto, há uma carência de empreendimentos que observem os fenômenos linguísticos do português, a partir de uma visão românica e mais global.

No tocante ao estudo das outras línguas românicas, no solo brasileiro, destacam-se o espanhol, o francês e o italiano que, nessa ordem, parecem ser as mais difundidas cientificamente, integrando centros universitários como habilitações do curso de Letras. Mesmo com essa penetração nas universidades brasileiras, é perceptível que há uma carência de estudos descritivos dessas línguas. Os debates acadêmicos brasileiros sobre essas línguas parecem estar mais atrelados a políticas linguísticas, ensino de língua estrangeira e produção literária. Há, ainda, pouca produção relacionada à descrição de aspectos estruturais, como fonética, fonologia, morfologia, léxico e sintaxe.

Em relação a romeno, catalão e galego, o cenário ainda é mais calamitoso, pois não há no Brasil universidades que ofereçam habilitações em Letras nessas línguas. O galego ainda goza de algum privilégio, pois, em alguns polos, como a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), tem centro de ensino e pesquisa da língua galega. O catalão e o romeno, portanto, são as mais prejudicadas nesse sentido e, como será possível ver na Tese, este *prejuízo* percebe-se a nível internacional.

Diante de todas essas lacunas na produção do conhecimento linguístico-filológico-românico no Brasil, esta Tese fornece um caminho teórico-metodológico, para tal empreendimento, dando inclusive encaminhamentos para lidar com as mais diversas barreiras, como a (in)disponibilidade de materiais, a barreira do conhecimento linguístico, o controle de um *corpus* de grande dimensão etc. Em todos os casos, as soluções foram relativamente simples.

O problema da (in)disponibilidade de materiais foi superado de três formas. A primeira foi a criação de um grupo na rede social *Facebook*, intitulado *História, estrutura e funcionamento do latim e das línguas românicas*, onde se construiu, ao longo de três anos, uma biblioteca virtual, com cerca de 400 arquivos voltados para a Filologia, Linguística Histórica, Etimologia e Linguística Românica.

A segunda forma de superar esse mesmo percalço foi a pesquisa em acervos de bibliotecas nacionais, como as da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual de Campinas, Universidade de Brasília, e internacionais, como a da Universidade de Coimbra. A listagem desses acervos é disponibilizada virtualmente graças a plataformas como o *Pergamum*. Ao detectar a disponibilidade de uma obra em determinado centro universitário, é possível contar com a rede pessoal de contatos ou mesmo com o serviço chamado COMUT, pouco conhecido dos usuários das bibliotecas universitárias. Através desse serviço, é possível obter cópias de

documentos e materiais disponíveis nas grandes bibliotecas nacionais e em algumas internacionais.

A última forma possível que se encontrou de superar a falta de disponibilidade de materiais foi o recurso de *e-commerce*, destacando-se *sites* como *Estante Virtual* (nacional) e *Abebooks* (internacional), que propiciam a negociação entre sebos e leitores, por meio de plataformas virtuais.

O enfrentamento à barreira do conhecimento linguístico deu-se com o uso de dicionários que fornecem, além do significado, etimologia. Isso aferiu mais segurança para o entendimento de quais palavras poderiam entrar no *corpus* de análise. Além disso, cabe sinalizar que dicionários disponibilizados virtualmente, na maioria dos casos, permitem buscas baseadas em elementos iniciais ou finais, o que acaba facilitando a pesquisa morfológica, permitindo uma visão mais estrita para o fenômeno estudado. Há de se destacar, também, o uso de tradutores *online* e dicionários bilíngues para superar essas dificuldades. Todos esses aspectos estão mais bem explicados na seção destinada aos procedimentos metodológicos.

O controle de *corpus* de grande dimensão talvez tenha sido a questão mais difícil de superar. Embora exista um sem número de ferramentas virtuais voltadas exclusivamente para estudos de natureza lexical, não se usou nenhuma delas nesta Tese. E, nesse sentido, fez-se um controle *verbum ad verbum* do *corpus*. Recursos básicos do Pacote Office foram as únicas ferramentas tecnológicas utilizadas. Esse aspecto também foi comentado na seção de metodologia.

Dentro da retomada de um projeto de Filologia/Linguística Românica, a Tese contribui com o acionamento da Linguística Cognitiva, sob variadas perspectivas, para tal empreitada. Do vasto arquipélago teórico da abordagem sociocognitiva da linguagem, destacam-se nesta Tese: (a) os modelos construcionistas, como a Gramática de Construções, de Goldberg (1995, 2006), e a Morfologia Construcional, de Booij (2010), Gonçalves (2016) e Soledade (2018); (b) as formulações da Semântica Cognitiva, como a Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (1980), a Semântica de Frames, de Fillmore (1982), e a Teoria dos Protótipos, de Lakoff (1987); (c) algumas propostas da Gramática Cognitivo-Funcional, o que inclui o modelo tipológico dos mapas semânticos, de Haspelmath (2003), e a hipótese do *chunking*, de Bybee (2016).

Ditos esses aspectos estruturantes, sinteticamente, a Tese traz, além desta apresentação, 12 seções. A seção 2, intitulada *Linguística Histórica, Romanização e Crioulização: reflexões sobre contatos linguísticos e culturais* na România está no âmbito do Estado da Arte e faz um apanhado crítico da Linguística Histórica, desde as suas primeiras formulações nos séculos

XVIII e XIX até o que se apresentou entre a segunda metade do século XX e o que vem sendo apresentado neste começo do século XXI. O foco principal são os contatos linguísticos e culturais, discutindo como esses foram abordados pela Filologia/Linguística Histórica oitocentista e, posteriormente, no âmbito da Sociolinguística e da Crioulística. A fim de refinar as reflexões sobre contatos, o texto analisa o cenário de expansão do Império Romano e da língua latina, com destaque para as narrativas da romanização e da crioulização. Além das referências da Filologia, Linguística Histórica e Linguística Românica, o artigo apoia-se em discussões feitas no âmbito da História, Ciências Sociais, Antropologia, Estudos Culturais e Estudos Literários. Após uma exploração dos variados cenários linguísticos, sociais e culturais que se identificam na România, o texto procura apontar e delimitar algumas pautas necessárias para os estudos da Linguística Românica.

Também no âmbito do Estado da Arte, a seção 3, *Da Linguística Cognitiva à Linguística Cognitiva Histórica: aspectos teórico-epistemológicos e questões norteadoras*, faz uma apresentação das principais ideias da Linguística Cognitiva, destacando-se as ramificações que impactam mais diretamente na análise empreendida nesta Tese. A seção apresenta um levantamento das abordagens em Linguística Histórica que fazem uso desse modelo interpretativo e faz uma síntese crítica dos pontos que identificam a abordagem sócio-histórica e sociocognitiva dos fatos linguísticos.

Na seção 4, *Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa*, a pesquisa empreendida nesta Tese é contextualizada, mostrando as motivações, as lacunas específicas referentes ao objeto estudado, as perguntas de pesquisa, os objetivos, a constituição da base de dados, bem como a organização e a apresentação desses, e a estruturação das seções de análise dos dados que integram o *corpus*. Todas as seções trazem informações sobre o processo de constituição histórica das línguas, o que permite conectar cada uma das seções com a seção 2, voltada para a Linguística Histórico-Românica.

A seção 5, *As construções [[X]-ari-] no latim clássico, vulgar e medieval: aspectos históricos, construcionais e sociocognitivos*, é a primeira das seções de análise, por conta da questão histórica. Apresenta a análise de 704 palavras derivadas com *-ari-* no latim clássico, extraídas do *Dicionário Escolar Latino-Português*, de Faria (1994), e do *Dicionário Latino-Português*, da Editora Porto (2012), e 748 do latim medieval, oriundas do dicionário *Midiae Latinatis Lexicon Minus*, de Niermeijer (1976). Não se usou nenhuma base referente ao latim vulgar, mas o funcionamento do sufixo na língua latina de uso corrente foi comentado a partir das observações de Cooper (1895), Olcott (1898), Maurer Jr. (1959) e Väänänen (1967).

A ordem da apresentação das análises das línguas românicas deu-se por um critério geográfico, partindo-se da língua que se desenvolveu na posição mais oriental, o romeno, e partindo para aquela na posição mais ocidental, o português. A culminância no português é também de natureza estratégica, visto que é a língua numericamente mais expressiva, em termos de falantes, do país em que se desenvolve esta Tese.

Feito esse adendo, a seção 6, intitulada, *As construções [[X]-ar-]_N e [[X]-(i)er-]_N no romeno: desafios na análise de uma língua ainda pouco explorada*, traz a análise de 565 vocábulos derivados no romeno, sendo 416 com o sufixo *-ar-* e 149 com *-(i)er-*. Todos os dados foram coletados no *Dicionário Romeno-Português*, de Buesco (1977). A título de revisão bibliográfica, a seção menciona os trabalhos de Ionascu (1959), Ciobanu (1962) e Mititelu (2013).

Na seção 7, *A difusão de [[X]-ari-]_N no italiano: um caso de múltiplos esquemas*, destaca-se o fato de o italiano ter desenvolvido pelo menos quatro variantes sufixais a partir do latim *-ari-*. São elas: *-aio*, *-aro*, *-ario*, *-iere/-iera/-iero*. Dessas, a seção trabalha apenas com *-aio* e *-ario*. A análise aborda 1099 palavras italianas, sendo 550 *[[X]-ai-]_N* e 549 *[[X]-ari-]_N*. Todas foram extraídas da versão eletrônica do *lo Zingarelli 2008 - Vocabolario della lingua italiana*, de Zingarelli (2007). Entre os trabalhos anteriores, destacam-se Rohlfs (1969), Lo Duca (2004), Wandruzska (2004) e Magni (2008).

A seção 8, *Os esquemas [[X]-ier-]_N e [[X]-aire]_N na língua francesa: um ambiente de tradição e inovação*, apresenta-se a análise de 818 palavras derivadas com *-ier/-ière* e 503 com *-aire*. Os dados foram retirados do *Le Nouveau Petit Robert* (2014). Entre os trabalhos anteriores revisitados, estão: Nyrop (1908), Brunot e Burneau (1933), Corbin e Corbin (1991), Lecolle (2011) e Schnedecker e Aleksandrova (2016).

Na seção 9, *Os esquemas [[X]-er-]_N e [[X]-ari-]_N no catalão: tensões entre os conceitos de língua-ponte, língua-dependência e língua autônoma*, são analisadas 962 palavras sufixadas com *-er/-era* e 391 com *-ari/-ària*. Todas essas 1353 palavras foram extraídas da versão eletrônica do *Diccionari de la llengua catalana*, do Institut d'Estudis Catalans. Como exemplos de descrições anteriores, aparecem Moll (1952), Margarit (1962), Observatori de Neologia (2004) e Institut d'Estudis Catalans (2017).

A seção 10, *Da variante regional castelhana a idioma nacional: uma análise dos esquemas [[X]-er-]_N e [[X]-ari-]_N*, traz a interpretação dos dados da língua que teve o maior quantitativo de derivados. Ao todo, foram analisadas 2812 palavras derivadas, sendo 2340 com *-ero/-era* e 472 com *-ario/-aria*. Os dados foram coletados no *Diccionario da lengua española*, da Real Academia Española, em sua edição de 2011. Alguns dos trabalhos anteriores

encontrados foram: Hanssen (1913), Alemany y Bolufer (1920), García de Diego (1951), Alvar e Pottier (1983), Pérez (1997), Lacuesta e Guisbert (1999), Rainer (1999) e Real Academia Española (2010).

A seção 11, *Unidade original, sujeição e autonomia: os esquemas [[X]-eir-]N e [[X]-ari-]N no galego*, traz a leitura de 1053 palavras sufixadas com *-eiro/-eira* e 320 com *-ari-*, todas oriundas do *Dicionario da Real Academia Galega*. Entre os trabalhos anteriores, estão: Soledade (2001, 2005), Ferreiro (2001), Álvarez e Xove (2002) e Freixeiro Mato (2006).

A derradeira seção de análise é a seção 12, intitulada *As últimas flores do Lácio: as construções [X-eir-]N e [X-ári-]N na língua portuguesa*, que traz a leitura de 2159 palavras sufixadas com *-eir-* e 634 com *-ari-*, todas coletadas no *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa*, de Houaiss e Villar (2009). Entre os trabalhos anteriores, aparecem Said Ali (1964), Rocha (1998), Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998), Marinho (2004), Gonçalves e Almeida (2005), Pizzorno (2010), Viaro (2011), Soledade (2013), Simões Neto (2016), Tavares da Silva (2017) e Scher e Armelin (2019).

A seção 13 traz as considerações finais. Ainda que cada seção de análise traga, ao final, uma síntese, em que se fazem considerações parciais que funcionam como mecanismos de conclusão, nessa seção, faz-se um apanhado geral de toda a Tese, fazendo menções aos aspectos de natureza sócio-histórica e trazendo novos cálculos a respeito das 12 768 palavras analisadas no total, com comentários a partir de uma perspectiva (inter-)românica. A seção do *grand finale* encarrega-se, também, de apontar novos horizontes. Depois disso, aparece a seção de *Referências*.

2 LINGUÍSTICA HISTÓRICA, ROMANIZAÇÃO E CRIOLIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE CONTATOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS NA ROMÂNIA

A Linguística Histórica é um campo interdisciplinar que reúne perspectivas de duas áreas do conhecimento: a Linguística e a História. A constatação parece óbvia, sobretudo quando se olha para o nome da disciplina. Porém, é necessário reafirmar essa conexão, à medida que se percebe que pesquisas em Linguística Histórica, frequentemente, ignoram descobertas e reanálises mais recentes da História, quando isso poderia ajudar a reinterpretar argumentos assumidos na área, quase como um consenso.

Um desses conceitos repetidos sem muita criticidade é o da romanização, foco principal desta seção, de tom consideravelmente ensaístico. O objetivo principal da seção é refletir criticamente o desenvolvimento histórico do latim e das línguas românicas, considerando não só os achados da própria Linguística Histórica, como também os dos Estudos Literários, Estudos Culturais, Filologia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia e História, sobretudo em abordagens pós-coloniais e decoloniais. Entende-se que a aproximação entre as discussões dessas várias áreas do conhecimento pode apontar novos caminhos para a interpretação da história da sociedade romana e da constituição histórica do latim e das línguas neolatinas.

2.1 AS TENDÊNCIAS DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA NO SÉCULO XIX

É comum que se entenda como Linguística Histórica a área dos estudos linguísticos que tem como principal agenda de investigação a mudança linguística. Essa concepção é apresentada em textos, como os de Castro (1991), Martin (2003), Faraco (2005) e Bybee (2015), praticamente como uma definição consensual da área que já não precisa remeter a um pensamento original.

No fluxo temporal das ideias linguísticas, o ápice da Linguística Histórica foi, sem dúvida, o século XIX, contexto em que duas tendências despontaram: a histórico-comparativa e a neogramática.

A tendência histórico-comparativa tem seu marco consagrador (não inicial) ainda no século XVIII, quando o filólogo britânico William Jones observa características similares entre o grego, o latim e o sânscrito, sugerindo que essas e outras línguas indo-europeias pudessem ter uma língua ancestral comum que, mais tarde, recebeu o nome de *indo-europeu*. Os histórico-comparatistas, então, buscavam: (i) reconstruir, a partir de relações de línguas hipoteticamente

aparentadas, as formas de uma suposta protolíngua; (ii) estabelecer leis fonéticas que explicassem as divergências entre as formas nas línguas correntes.

Essa mesma tendência histórico-comparativa será vista no início de uma Filologia Românica, pelo alemão Friederich Diez. Naquele contexto, a comparação de formas atestadas nas línguas neolatinas permitiria reconstruir a forma de um latim vulgar que teria se desenvolvido por toda a extensão da România e dado origem às formas das línguas românicas.

Na segunda metade do século XIX, começaram os rompimentos com o movimento histórico-comparativo, com a emergência dos chamados neogramáticos, que têm como um dos destaques o alemão Hermann Paul. Esse rompimento, como observa Faraco (2005), não se dá por completo, pois tanto os neogramáticos quanto os histórico-comparativos consideravam que as regularidades estruturais no desenvolvimento das línguas poderiam ser esclarecidas por leis fonéticas.

Faraco (2011) cita como diferença entre as tendências o fato de que, para a primeira escola, as exceções, ou seja, casos não explicáveis pelas leis fonéticas, eram tidas como eventualidades, ao passo que os neogramáticos defenderam a ideia da analogia como um princípio que poderia atuar secundariamente na mudança linguística. Dessa forma, se uma lei não se aplica em um contexto esperado, a explicação pode estar na analogia à outra forma ou a outro processo condizente com a língua em questão.

Bossaglia (2019), ao tratar da história dos estudos de comparação interlinguística, faz uma síntese dessas correntes que caracterizam o pensamento linguístico oitocentista. Nas palavras da autora:

Ao longo de todo o século XIX, na Europa, tinha-se desenvolvido – e aperfeiçoado como disciplina, tanto do ponto de vista teórico como metodológico – a linguística histórico-comparada [...]. O interesse principal dessa disciplina era o estudo das relações de parentesco entre as línguas indo-europeias, a reconstrução da protolíngua da família e o entendimento de como se dá a mudança linguística *ao longo do tempo*, ou seja, uma perspectiva diacrônica [...] (BOSSAGLIA, 2019, p. 50, grifos da autora).

Essa pretensão de reconstrução da(s) protolíngua(s) ganhou fôlego com a revolução científica característica do período, sobretudo por meio da figura de August Schleicher, que defendera uma concepção de língua como um organismo vivo, baseado nas ideias do evolucionismo darwiniano. Essa compreensão é um dos pontos que estabelecem a divergência da escola histórico-comparativa com o movimento dos neogramáticos. Segundo Bossaglia (2019):

A concepção de língua como ser vivo, contudo, peca em sua abstração: como já notavam, no final do século XIX, os Neogramáticos, não é adequado conceber a vida de uma língua de maneira independente (da vida) de seus falantes (eles sim, seres

vivos efetivos). Em sua obra *Princípios fundamentais da história da língua*, publicado em 1880, o neogramático Herman Paul foi um dos primeiros a teorizar a importância da dimensão individual da língua, sublinhando: em uma comunidade linguística existem tantas línguas quantos são os indivíduos que a ela pertencem. No entanto, Paul não contemplava, para o estudo linguístico, a importância das relações sociais entre os indivíduos de uma comunidade, com a exceção do fator de mudança por ele chamado de “princípio da conformidade”. De acordo com o autor, os falantes se conformam às línguas particulares de outros falantes durante as interações, mudando suas maneiras de utilizar a língua – porém, isto não deixa de ser apenas um esboço superficial da existência de uma dimensão social da língua [...] (BOSSAGLIA, 2019, p.50-51, grifos da autora).

Quando se juntam os princípios da conformidade e da analogia, chega-se à caracterização dos neogramáticos como aqueles que estavam interessados em estabelecer os mecanismos de mudança nas línguas, utilizando-se, algumas vezes, das reconstruções, para poderem traçar rotas diacrônicas. É nesse sentido que Faraco (2005, 2011), Paixão de Sousa (2006) e Mattos e Silva (2008) dirão que os neogramáticos formularam a primeira teoria de mudança linguística.

Esses primeiros aspectos do contexto oitocentista podem ser sumarizados com base nas seguintes considerações: (i) nenhuma das duas tendências lança mão de fatos socioculturais para a explicação dos fenômenos linguísticos; (ii) a Linguística Histórica oitocentista estava inteiramente ligada à Filologia; (iii) a Linguística Histórica parece resumir toda e qualquer tendência dos estudos linguísticos, o que sugere que, no século XIX, falar em Linguística era automaticamente falar em Linguística Histórica (MATTOS E SILVA, 1988); (iv) a dissociação entre Linguística e Filologia que, hoje, parece bem estabelecida, não acontecia no século XIX¹.

2.2 AINDA SOBRE CONTEXTUALIZAÇÃO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA OITOCENTISTA E OS SEUS ASPECTOS TEÓRICO-EPITEMOLÓGICOS

O século XIX é um período decisivo para o cenário europeu, pois é marcado por grandes eventos, como as Revoluções Industriais, as Guerras Napoleônicas, os processos de unificação da Itália e da Alemanha e a Guerra Franco-Germânica. Do ponto de vista histórico-científico,

¹ A impressão de que é fácil estabelecer os limites entre a Linguística e a Filologia deve-se ao fato de que a Crítica Textual talvez seja o mais conhecido dos labores filológicos, sendo, muitas vezes, tomada como sinônimo de Filologia. Na tradição linguístico-histórica brasileira, é comum o uso de expressões, como “um estudo linguístico e filológico”, no entendimento de que a edição seria o trabalho filológico, e a análise linguística seria de outra ordem. Essa divisão, passível de questionamento, parece ignorar que a análise linguística está também na história da Filologia.

destacam-se: (i) o desenvolvimento da Teoria da Evolução, de Charles Darwin (mencionado na seção anterior); (ii) o Positivismo, de Augusto Comte; (iii) as primeiras formulações do Marxismo, com Karl Marx e Friederich Engels; (iv) a consagração do Hegelianismo, corrente filosófica iniciada no fim do século XVIII, pelo alemão Georg Wilhelm Friederich Hegel; (v) a descoberta do átomo, por John Dalton; (vi) o surgimento da Genética, com as primeiras formulações de Gregor Mendel.

É nesse contexto político-científico que emerge a tendência histórico-comparativa, a primeira escola de Linguística Histórica/Filologia do século XIX, que se comprometia com: (i) a analogia entre os fenômenos linguísticos e os fenômenos biológicos, no intuito de entender as mudanças linguísticas em termos de processos evolutivos dos seres vivos; (ii) o estabelecimento de relações genético-genealógicas entre as línguas; (iii) “a insistência positivista de que devemos ficar apenas no terreno dos fatos e das leis que as regem” (MAURER JR., 1967, p. 28-29) e (iv) a consagração de um nacionalismo europeu, marcado pelos sentimentos de pureza, tradição e pertencimento cultural, linguístico e político e pela formação de exércitos nacionais, o que acaba se revelando na postura metodológica de privilegiar a herança e a evolução a partir de uma língua-mãe, notadamente europeia, em detrimento da narrativa dos contatos linguísticos (PAIXÃO DE SOUSA, 2006).

A segunda escola, a dos neogramáticos, em relação a esses comprometimentos da filologia oitocentista, renuncia aos pontos destacados em (i) e (ii), uma vez que não estão preocupados com relações de parentesco, nem com reconstruções de estágios linguísticos anteriores, explicadas por processos evolutivos similares aos vistos na Biologia. Os pontos em (iii) e (iv) são, decerto, mantidos, pois a rigidez dos fenômenos fonéticos continua fazendo parte do método dos neogramáticos. Todavia, ainda continua excluída a questão dos contatos e de qualquer outro elemento sócio-histórico na explicação dos processos linguísticos.

Essa postura comum às duas escolas consagradas na filologia oitocentista é sumarizada por Marquilhas (2010, p.353), quando explica que essa primeira filologia, a “esplêndida ciência” filológica,

[...] nasceu no início do século XIX em ambiente romântico, numa Europa napoleônica onde despontavam novas nações, num clima de popularização da instrução, com novas gramáticas e dicionários a serem constantemente publicados, a alimentarem a questão da relação da língua com a “raça” e a defesa do purismo linguístico e literário (Davies 1996:10) (MARQUILHAS, 2010, p. 353).

Na contramão do discurso purista e nacionalista, Hugo Schuchardt, romanista e latinista austríaco, foi um dos primeiros a se mobilizar contra a ideia de línguas puras em seu desenvolvimento histórico. Em 1885, publicou o manifesto *Sobre as leis fonéticas: contra os*

neogramáticos. A seguir, apresentam-se excertos desse texto que caracterizam as principais críticas feitas pelo autor:

Antes de prosseguirmos para o próximo aspecto da proposição dos neogramáticos, adicionarei um post-scriptum à seção que terminou. Já tive a oportunidade de dizer que eu pressuponho a mistura linguística no mais homogêneo dos grupos de falantes. [Herman] Paul, ao contrário, só a admite no caso de mistura étnica, que ele considera ser algo extremamente excepcional. Devo rechaçar esta última noção (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 46).

De outro lado, observemos que o único caso em que Paul (1880, p. 71) admite a mistura linguística – o caso em que “*em consequência de causas históricas especiais, grandes grupos de pessoas são arrancadas de seus lares e lançadas ao convívio com estranhos*”, está longe de ser excepcional. Do momento original de surgimento da nação romana até a formação das nações de fala românica, o que vemos é uma série quase ininterrupta de misturas das mais variadas formas, um fato central para a consideração não apenas das gramáticas românicas, como também da gramática latina. Paul (1880, p. 72) supõe ser adequado definir a expressão “mistura dialetal” como “empréstimo de palavras de dialetos estrangeiros”. Certamente podemos tomar palavras estrangeiras emprestadas, mas podemos, igualmente, tomar emprestada a pronúncia estrangeira de palavras correntes (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 46-47, grifos do autor).

Levando-se em conta tudo o que discutimos até este ponto, vemos que a doutrina da regularidade das leis fonéticas não pode ser demonstrada pelo método dedutivo – assim como não o podia ser pelo indutivo, como de início mencionamos. Seus seguidores só podem segui-la como um dogma (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 61-62).

O que acontece é que os neogramáticos oferecem de público não apenas um preceito: mas sim, um preceito travestido de fato, ou melhor, travestido de um fato que é característico do todo da vida das línguas. Por exemplo: que diferença faz se o termo romance *andare* vem de *adnare* ou *addare* ou *ambulare* ou de uma raiz verbal celta; se, em tal dialeto, *l* torna-se *r*, e naquele outro, *r* torna-se *l*, etc.? O que significam as mil correspondências etimológicas e morfológicas, as mil leis fonéticas – se permanecerem todas isoladas, se não forem absorvidas por leis superiores? Servem em parte, e só como elementos auxiliares, para esclarecer a história das migrações e das relações entre as culturas. Mas para isso, precisariam antes estar estabelecidas no campo particular da própria ciência (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 70).

As críticas de Hugo Schuchardt aos neogramáticos soam consideravelmente contra-hegemônicas, se é que cabe usar esse termo muito comum nos debates atuais a respeito de tensões sociais de gênero, raça e classe, pois vão de encontro ao que se defendia abertamente nos centros mais renomados de estudos da linguagem do século XIX. Sobre a importância desse linguista, Mattos e Silva (2008) explica que

[...] é Schuchardt que abre caminho para uma nova orientação que vai se desenvolver principalmente entre os romanistas – o estudo da variação linguística no espaço (dialetologia) e sua importância para a compreensão da mudança no tempo. Schuchardt, partindo da fala e não mais da escrita, admite, contrariamente aos neogramáticos, que a mudança dos sons segue várias direções. [...] Além disso, é Schuchardt que vai introduzir nas preocupações dos linguistas a observação do contato entre línguas diversas, e o resultado disso seria o estudo das línguas *pidgins* e crioulas (MATTOS E SILVA, 2008, p. 32-33, grifo da autora).

O impacto das reflexões de Schuchardt pode ser percebido no âmbito da Romanística, que, a partir dali, começa a abordar questões ligadas à dialetologia românica, à fragmentação dialetal da România e aos contatos linguísticos por meio de relações de substrato, superstrato e adstrato.

Porém, fora desse âmbito teórico da Filologia Românica, as propostas de Schuchardt não ganharam muita difusão. Segundo Paixão de Sousa (2013), leitora de Terence Wilbur², isso provavelmente deveu-se aos seguintes motivos: (i) as ideias de Schuchardt eram consideradas avançadas para o seu tempo, não encontrando diálogo profícuo com os seus contemporâneos; (ii) o pesquisador estava fora do eixo central em que aconteciam as principais discussões oitocentistas; (iii) o desencontro com a tendência teórica que o segue, ou seja, com a chamada Linguística Moderna do século XX, que terá como principal figura Ferdinand de Saussure, explicitamente influenciado pela escola neogramática.

2.3 O ADVENTO DA LINGUÍSTICA MODERNA: DO ESTRUTURALISMO EUROPEU À SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

O marco inaugural da Linguística do século XX é a publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral* (CLG), do suíço Ferdinand de Saussure, em 1916, três anos após a sua morte. Nessa obra, não há destaque para as duas principais preocupações de Schuchardt: (i) a preocupação em descrever como as línguas variavam conforme o espaço e o tempo; (ii) a hipótese de que não havia línguas puras e que os contatos linguísticos eram decisivos na constituição histórica das línguas.

A principal contribuição do CLG talvez seja delimitar uma área autônoma das ciências, que não estivesse pautada em conceitos da Biologia, por exemplo, como esteve no século anterior. No esteio dessa delimitação, demarcavam-se também o objeto da Linguística e os princípios e os métodos a serem seguidos por quem quisesse fazer Linguística.

O ideário saussuriano é marcado por algumas dicotomias. Face à exposição das propostas de Schuchardt, serão focadas as seguintes: (i) *língua x fala* e (ii) *sincronia x diacronia*.

² Terence Wilbur foi um filólogo e linguista indo-europeísta que, entre tantas outras obras, elaborou uma gramática da língua basca e um tratado crítico sobre as reflexões de Schuchardt acerca das leis fonéticas e do movimento dos neogramáticos.

Sobre a dicotomia *língua X fala*, cabe mencionar que, na perspectiva saussuriana, a *língua* é:

[...] um tesouro depositado pela prática da fala por todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completo em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45).

Em relação à *fala*, Saussure menciona que essa é,

[...] ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º - as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º - o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45).

Com base nisso, o entendimento de Saussure era de que a fala, por ser acessória, individual e variável, não poderia ser o objeto de estudo da Linguística, dada a sua assistemática³. Dessa maneira, o objeto da Linguística deveria ser a língua, entendida como um sistema abstrato e homogêneo compartilhado por uma comunidade de falantes.

Sobre *sincronia X diacronia*, Saussure explica que “[é] sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado da língua e uma fase de evoluções” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 123).

Diante desses entendimentos, Saussure coloca, em evidência, a *sincronia*, uma vez que o falante, em seu estado da linha do tempo, não consegue intuitivamente acessar os dados de sincronias anteriores, nem prever o que acontecerá depois. É preciso deixar claro que Saussure não desconsiderava que a língua fosse historicamente constituída pela sucessão de tempos, apenas entendia que, do ponto de vista teórico-metodológico, o conhecimento desse *dever* não compunha o tesouro mental da comunidade de falantes, a *langue*.

Essa opção pela *sincronia* terá um impacto decisivo nas teorias linguísticas subsequentes, ditas pós-saussurianas. Trata-se do fato de elas, quase sempre, *comprometerem-se*, inicialmente, com uma visão sincrônica de língua. São exemplos: a textualidade, da Linguística Textual; a *competência linguística*, da Gramática Gerativa; e o *sistema conceptual*,

³ Vale ressaltar que Saussure, por ter uma formação neogramática, estava abertamente comprometido com o paradigma positivista. Assim, a Linguística que esse autor propõe está nesses moldes positivistas, com objeto, método e objetivos claros e delimitados. O distanciamento entre Saussure e a tendência oitocentista que lhe formou, no entanto, dá-se com a tentativa de delimitar um objeto que fosse tangente somente à própria Linguística, o que não era o caso da fala e da linguagem, dada a sua heterogeneidade.

da Linguística Cognitiva. Todos esses conceitos-chave operam, primeiro, em termos de sincronia e, somente depois, são formuladas hipóteses sobre mudança e métodos para os estudos diacrônicos no âmbito dessas teorias⁴.

A primazia da *sincronia* no Estruturalismo e nas teorias subsequentes consagrará uma Linguística sincrônica, que se diferenciará essencialmente da feita no século XIX, essencialmente diacrônica. O resultado disso é que a produtividade de estudos sobre a história e a historicidade das línguas começa a diminuir, como observam Lucchesi (2004), Paixão de Sousa (2006) e Mattos e Silva (2008).

Foi com a publicação de *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança*, de Weinrich, Labov e Herzog (2006 [1968])⁵, que a Linguística Histórica começou a ganhar um novo espaço e um novo formato no cenário da Linguística Moderna. Contributos dessa obra são: (i) o entendimento de que a variação e a mudança são partes de um só contínuo, pois toda mudança pressupõe a existência de uma variação, mas nem toda variação implica mudança; (ii) estabelecimento de um método qualitativo e quantitativo para os estudos de mudança em tempo real e em tempo aparente; (iii) o alinhamento desses dois primeiros contributos com a compreensão de um princípio do uniformitarismo⁶, que já se via entre neogramáticos.

Esses contributos forneceram diretrizes para, mais tarde, a linguista americana Suzanne Romaine formular, em 1982, o que veio a se consagrar como *Sociolinguística Histórica*. Sobre esse movimento, Rosa (2016) explica que:

Ao pesquisar fenômenos linguísticos em textos antigos, Suzanne Romaine notou que os registros escritos também apresentavam indícios de variação linguística da mesma maneira que a língua falada apresenta. Com base nessas observações, a linguista propôs a investigação de processos de variação e mudança linguística no passado com a utilização dos métodos de análise da Sociolinguística Variacionista. Em outras palavras, a estudiosa sugeriu a união dos métodos de análise da Teoria da Variação com os da Linguística Histórica para investigar fenômenos linguísticos em uma época em que não havia instrumentos para a gravação da fala (ROSA, 2016, p. 6).

⁴ As teorias linguísticas modernas que emergiram no século XX são propostas no bojo da sincronia, mas, depois, acabam esbarrando nos problemas relativos à mudança. No Gerativismo, primeiro, Noam Chomsky lança mão do modelo teórico-interpretativo, refletindo uma perspectiva sincrônica, depois, aparecem trabalhos como os de David Lightfoot, que discute a mudança em perspectiva gerativa. Na Linguística Cognitiva, há as reflexões iniciais de George Lakoff e Mark Johnson e, depois, Eve Sweetser, por exemplo, trata da mudança linguística no aparato cognitivista. Sobre a Sociolinguística, ver o restante desta seção.

⁵ Cabe mencionar que o marco inaugural da Sociolinguística é a publicação da obra *The Social Stratification of English in New York City*, de William Labov, em 1966.

⁶ O Princípio do Uniformitarismo é uma formulação do geólogo escocês James Hutton, no século XVIII. No âmbito da Geologia, esse princípio sugere que a interpretação de fenômenos geológicos contemporâneos pode ajudar a compreender fenômenos passados. É comum encontrar a informação de que foi William Labov quem aplicou esse conceito à Linguística Histórica, no entanto, Marquilhas (2010) e Duchowny (2011) sinalizam que os neogramáticos alemães Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1848-1919) já entendiam que “[...] as propriedades gerais da linguagem e dos processos de mudança linguística têm sido os mesmos durante toda a história da humanidade [...]” (DUCHOWNY, 2011, p. 7).

Com o advento da Sociolinguística Histórica, os trabalhos em Linguística Histórica passaram a incorporar, nas análises de textos escritos em períodos mais recuados das línguas, não só aspectos teórico-metodológicos, quantitativos e estatísticos da Sociolinguística Variacionista, como também os aspectos históricos, políticos e culturais sobre como as sociedades se organizaram. Dessa maneira, tanto as formulações de Weinreich, Labov e Herzog quanto as de Suzanne Romaine ajudaram a reformular os trabalhos da Linguística Histórica.

2.4 OS CONTATOS LINGUÍSTICOS NA LINGUÍSTICA DO SÉCULO XXI: AS ABORDAGENS DA SOCIOLINGUÍSTICA E DA CRIOLÍSTICA

A Sociolinguística caracteriza-se não só pelo interesse pela variação linguística. Entre os estudos iniciais e/ou predecessores, destaca-se o de Weinreich (1963), *Languages in contact: findings and problems*, como um dos que colocaram em pauta os contatos linguísticos. Nessa obra, o autor observou situações de bilinguismo, casos em que duas (ou mais) línguas são usadas de maneira alternada pelas mesmas pessoas. Dessa forma, o autor propunha que os próprios falantes eram o *locus* do contato.

Ao longo da obra, Weinreich (1963) aponta evidências de sobreposições interlinguísticas entre falantes que dominam mais de um idioma. Em outras palavras, o autor analisa os casos em que os falantes de língua estrangeira empregavam estruturas fonêmicas, morfológicas, léxicas e sintáticas provenientes ou usuais de sua língua materna no uso da língua estrangeira, o que poderia gerar, em alguma medida, ou em longo prazo, um rearranjo dos padrões estruturais.

Com a standardização dos estudos sociolinguísticos, as pesquisas sobre contatos linguísticos ganharam vários matizes. A problemática inicial do bilinguismo, por exemplo, foi retomada por López (1997), no livro *Lenguas en contacto*, em que é vista uma série de nuances de contatos que não só o bilinguismo individual. Na obra de López (1997), são também explicados os casos de bilinguismo social, quando uma comunidade de falantes faz uso de duas línguas alternadamente, além de contextos que podem caracterizar línguas *pidgins*, crioulas e koinés.

Pidgins, crioulos e koinés passam a ser analisados no âmbito da Criolística. Segundo Lucchesi (2016), trata-se de

[...] um ramo da Linguística que se dedica ao estudo das línguas *pidgins e crioulas*, as quais resultam do contato massivo e continuado de falantes adultos de línguas diversas, que podem dar ensejo a uma nova língua, cujo vocabulário é proveniente da

língua do grupo dominante na situação de contato (a língua *lexificadora* ou *língua de superestrato*), mas sua gramática é qualitativamente distinta da gramática lexificadora, resultando da simplificação morfológica e processos de reestruturação gramatical, em que estruturas das línguas dos grupos dominados (as *línguas de substrato*) podem ser incorporadas (LUCCHESI, 2016, p. 73, grifos do autor).

A discussão sobre o que vem a ser o *pidgin*, o *crioulo* e a *koiné* é bastante vasta. Todos os conceitos envolvem situações de contato entre falantes de línguas diferentes ou variedades diferentes de uma mesma língua. Entretanto, há nuances tanto gramaticais quanto sociais que diferenciam os conceitos.

Couto (1996), leitor de Bollée (1977)⁷, por exemplo, enumera cinco critérios sociolinguísticos e cinco linguístico-estruturais para caracterizar os *pidgins*. Os sociolinguísticos são:

1) Contato de dois ou mais povos de línguas mutuamente ininteligíveis (situação de multilingüismo). Frequentemente, um dos povos é superior socioeconômica e politicamente. 2) Não é língua materna de ninguém (língua de contato). 3) Meio precário de intercompreensão. Por isso, os *pidgins* são considerados “línguas marginais” por alguns autores (Reinecke, 1937). 4) Modo de comunicação pragmático, ainda não há uma gramática comunitariamente aceita. 5) Não há nenhum sentimento de amor e fidelidade ao *pidgin* por parte de seus usuários. Assim que podem, abandonam-no (COUTO, 1996, p. 28).

O critério de inteligibilidade entre falantes de línguas diferentes pode soar subjetivo, mas ressalta um aspecto prático dos *pidgins*: a comunicação emergencial. Siegel (1985) e Tuten (2003) vão além desse aspecto e destacam as características genealógicas e tipológicas das línguas envolvidas como relevantes para a caracterização dos *pidgins*. Segundo esses autores, os *pidgins* emergem do contato entre línguas não aparentadas e/ou tipologicamente distintas. Ao final, a inteligibilidade entraria em cena, na suposição de que línguas não aparentadas ou tipologicamente distintas tendem a ser mutuamente ininteligíveis.

Quanto aos aspectos linguístico-estruturais característicos dos *pidgins*, Couto (1996) defende que eles decorram dos aspectos sociolinguísticos dos contatos. Os fenômenos gramaticais enumerados pelo autor são:

1) Pequeno número de fonemas. 2) Preferência pela estrutura silábica CV, em geral em vocábulos dissílabos. 3) Ausência quase total de morfologia derivacional e flexional. 4) As funções sintáticas são indicadas preferencialmente pela ordem. 5) Léxico reduzido a um mínimo possível (cf. Kay/Sankoff, 1974) (COUTO, 1996, p. 29).

⁷ Annegret Bollée é uma romanista alemã, interessada em estudos de contatos linguísticos e formação de línguas *pidgins* e crioulas.

Assim como as línguas *pidgins*, a caracterização das línguas crioulas não é consensual entre os estudiosos. Entre as compreensões mais recorrentes sobre crioulos, estão as de que são línguas *pidgins* que se transformam em línguas nativizadas, caso de Hall Jr. (1966), e as de que são línguas *pidgins* que passam a fornecer *input* e ser adquiridas por crianças, caso de Bickerton (1984).

Os critérios acionados por Hall Jr. (1966) e Bickerton (1984) dizem respeito a processos distintos que se inserem em diferentes concepções de linguagem. A abordagem de Hall Jr. (1966) segue um viés mais sociolinguístico-político, uma vez que a nativização envolve a caracterização da comunidade e a relação dessa com a língua. Assim, o sentimento de identificação em relação à língua, que não existia com os *pidgins*, passa a existir com os crioulos.

O viés de Bickerton (1984) é mais psicolinguístico e reflete a inserção do aparato teórico da Gramática Gerativa no debate sobre crioulição. O efeito dessa inserção teórica é que os contatos linguísticos deixam de ser analisados horizontalmente, com base em trocas fonético-fonológicas, morfológicas e lexicais, e passam a ser observados verticalmente, considerando o aparato cognitivo da aquisição e uso da linguagem, a importância dos aspectos diageracionais na crioulição e a relevância da sintaxe, tradicionalmente colocada à margem nas abordagens tradicionais de substrato e superstrato.

Couto (1996), assim como faz com as línguas *pidgins*, enumera características linguístico-estruturais e sociolinguísticas das línguas crioulas. Do ponto de vista linguístico-estrutural, Couto (1996), a partir de Bickerton (1984) e outros autores, enumera os seguintes fenômenos como característicos das línguas crioulas: (a) ordem sujeito-verbo-objeto e restrições de movimento; (ii) surgimento de artigos; (iii) sistema TMA (tempo-modo-aspecto), com o uso de partículas prefixais para indicar essas informações; (iv) distinção entre complementos sentenciais realizados e não realizados; (v) desenvolvimento de estratégias de relativização e cópia do sujeito; (vi) negação dupla ou múltipla; (vii) uso de adjetivos como verbos; (viii) uso de um mesmo verbo para existência e posse; (ix) raridade de construções passivas.

Os aspectos sociolinguísticos, segundo o mesmo autor, são:

- 1) Todos os crioulos conhecidos surgiram do contato de povos aloglotas que não se entendiam mutuamente, sendo que uma das línguas era sempre falada por um povo socioeconomicamente mais forte, em geral o colonizador. Em suma, os ex-*pidgins*, isto é, os crioulos, surgem sempre em comunidades multilingües ou, na melhor das hipóteses, bilingües. O multilingüismo continua mesmo depois que a comunidade em questão se torna um país independente. 2) Em geral, os crioulos surgem em ilhas ou em regiões isoladas, critério conhecido como *insularidade*. No caso do crioulo

português guineense, do crioulo francês da Guiana ou do krio da Serra Leoa, teríamos, segundo Chaudenson (1989, p. 23), “ilhas continentais”. 3) Uma outra característica dos crioulos é, para ele, a exogeneidade das populações. “As populações autóctones, quando existiam, foram perseguidas e exterminadas (*idem, ibidem*). Esse critério parece não se aplicar ao crioulo guineense. 4) Para Chaundenson, só são considerados crioulos as línguas que surgiram do processo de colonização da Ásia, África e América pela Europa (COUTO, 1996, p. 34, grifos do autor).

Observa-se, nessa passagem do texto de Couto (1996), que há uma categorização do crioulo como línguas que surgem em contexto de colonização por europeus nos continentes asiático, africano e americano. Essa compreensão também norteia Lucchesi e Baxter (2009), quando explicam os processos de transmissão linguística irregular como “[...] processos históricos de contato maciço entre povos falantes de línguas tipologicamente diferenciadas, entre os séculos XVI e XIX, em decorrência da ação do colonialismo europeu na África, Ásia, América e Oceania” (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p. 101).

Diante do que foi mencionado a respeito das línguas crioulas, percebe-se que os argumentos parecem se restringir às línguas que emergiram de contatos linguísticos fora da Europa, o que leva a questionar se é o desenvolvimento do contato ou a geografia política que determina o estatuto dessas línguas. E mais: se línguas europeias estandardizadas também emergiram de contatos entre línguas tipologicamente distintas, em que se verificam (i) um cenário em que havia línguas de dominadores e de dominados; (ii) população etnicamente diversificada; (iii) baixo número de escolarizados na língua do dominador; (iv) simplificações linguísticas comuns a línguas em situações de contato; por que pouco se cogita que línguas europeias prestigiadas também possam ter sido línguas crioulas?

2.5 LÍNGUAS CRIOULAS E NÃO CRIOULAS: O DISCURSO POR TRÁS DA DISTINÇÃO

Em 1989, Maurice Olender, historiador francês, publicou a obra *Les langues du Paradis: Aryens et Sémites, un couple providentiel*⁸, que ganhou tradução para o português em 2012. No primeiro capítulo, intitulado *Arquivos do paraíso*, o autor reflete sobre o contexto europeu que vai do século XVI e chega até o século XIX, marcado, sobretudo, por crescentes sentimentos de nacionalismo e de crença em um purismo étnico e linguístico.

Olender (2012 [1989]) começa a sua narrativa destacando uma obsessiva busca por se detectar a língua falada no Jardim do Éden, o Paraíso. Envolvidos em um contexto cristão-

⁸ Tradução para o português: *As línguas do paraíso: Arianos e semitas, um casamento providencial*.

criacionista, a língua do Éden era inicialmente tomada como a original, aquela falada pelos primeiros habitantes da Terra.

As primeiras apostas sobre a língua edênica apontavam para o hebraico ou o siríaco (dialeto aramaico), duas línguas afro-asiáticas. Essas discussões ganharam espaço na Europa, em um mesmo momento em que o comparativismo linguístico-filológico começou a se desenvolver, sobretudo com os trabalhos de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), que partilharam da posição

[...] daqueles que, desde o Renascimento, reanimavam a antiga hipótese de que um continente cítico estivesse nas origens das línguas europeias. Elabora-se neste contexto a gênese da ideia indo-europeia ao mesmo tempo em que se expressa o desejo de “esclarecer a origem das nações” (OLENDER, 2012, p. 14).

Sobre o trabalho de Leibniz, Olender (2012) menciona que o autor considerava que não era absurda a hipótese, de um médico da época, de que uma língua germânica, chamada por ele de *címbrica*, tinha traços tão ou mais primitivos que o hebraico, o que traria para a Europa o centro hospedeiro da língua primeira. A obra de Leibniz reflete o momento em que os filólogos comparatistas percorreram um caminho exaustivo em busca de origens da linguagem, comportando-se, muitas vezes, como paleontólogos dos estudos linguísticos.

A partir de meados do século XVIII, o comparativismo europeu tem o seu momento de ápice, ganhando força com a consolidação da hipótese do indo-europeu, que não era só uma explicação da origem das línguas, mas também uma explicação acerca da origem do homem. Nesse momento, a Filologia/Linguística estabeleceu-se como uma “ciência laica”, desvincilhada das práticas cristãs, ainda que tenha seguido notadamente influenciada por elas (SACRAMENTO; SANTOS, 2017).

A busca pela língua original dissocia-se da ideia de língua edênica e a narrativa indo-europeísta consolida-se como uma narrativa tão ou mais paradisíaca que a edênica. Sobre esse olhar para o indo-europeísmo, vejam-se as observações de Sobral (2004):

A partir da descoberta da afinidade linguística entre o sânscrito — a língua dos textos sagrados do hinduísmo — e o grego e o latim, estabeleceu-se o parentesco entre as línguas indo-europeias (na Europa, celtas, germânicas, românicas, eslavas, o grego, o albanês). Deduzira-se entretanto a existência de um parentesco racial a partir do parentesco linguístico e conduziram-se essas populações da Índia à Escandinávia. Toda esta problemática está profundamente vinculada ao nacionalismo, pois a ascendência indo-europeia irá ser reivindicada como legitimação de superioridade nacional — invocação que virá a contribuir para algumas tragédias, como as da responsabilidade dos nazis e fascistas. E está ligada ao anti-semitismo. Com efeito, a exaltação do ariano, representante da civilização pagã, do dinâmico e do progressivo, da ciência, vai de par com a identificação do semita, a quem se devia o monoteísmo,

como estagnado. Os arianos, grandes conquistadores, dispersavam-se numa diáspora, ao longo do tempo, da Índia ao Extremo Ocidente, representando grandes momentos civilizacionais, como o grego ou o romano; o semita mantinha-se imóvel nos mesmos locais (Olender, 1989, pp. 13- -30) (SOBRAL, 2004, p. 263-264).

A estandardização do indoeuropeísmo, segundo Sobral (2004), transformou-se, com o avançar dos tempos, em uma celebrada crença da superioridade ocidental. À vista disso, o autor sistematiza a hipótese do indo-europeu como um constructo teórico que agrega “[...] descobertas científicas (como no caso da linguística), com afirmações de superioridade civilizacional (da Europa) ou nacional (por exemplo, no que se refere à Alemanha). Nela encontramos a tentativa de explicar as diferenças sócio-culturais por um suposto factor biológico: as raças” (SOBRAL, 2004, p. 264).

O que se pode ver, com os textos de Olender (2012 [1989]) e Sobral (2004), é que a crença europeia acerca da origem da linguagem humana e da história das línguas europeias sempre foi permeada por um sentimento de purismo linguístico que privilegia a dinastia de uma língua mãe indo-europeia, em detrimento de contatos com línguas não indo-europeias.

Essa narrativa europeia hegemônica e recorrente é reanalisada no conjunto de reflexões do poeta e ensaísta francês Édouard Glissant, autor da obra *Introdução a uma poética da diversidade*. No capítulo intitulado *Crioulizações no Caribe e nas Américas*, Glissant define como língua crioula “[...] uma língua compósita, nascida entre elementos linguísticos absolutamente heterogêneos uns aos outros. Os crioulos francófonos, por exemplo, nasceram do contato entre falares bretões e normandos do século XVII” (GLISSANT, 2005, p. 24).

Ainda sobre o entendimento de Glissant (2005) sobre as línguas crioulas, veja-se o excerto a seguir:

As línguas crioulas provêm do choque, da consumpção, da consumação recíproca de elementos linguísticos, de início absolutamente heterogêneos uns aos outros, com uma resultante imprevisível. Uma língua crioula não é portanto nem o resultado dessa extraordinária operação que os poetas jamaicanos praticam voluntariamente e de maneira decidida na língua inglesa⁹, nem um pidgin, nem um dialeto. É algo novo, de que tomamos consciência, mas algo que não podemos dizer tratar-se de uma operação original, porque quando estudamos as origens de toda e qualquer língua, inclusive da língua francesa, percebemos que quase toda língua nas suas origens é uma língua crioula (GLISSANT, 2005, p. 25-26).

⁹ Nesse contexto, o autor refere-se ao *dub poetry*, língua usada por poetas jamaicanos em letras de música e poemas narrativos que tratam de temas como racismo e violência policial. O autor comenta: “Diz-se que se trata de um crioulo jamaicano – talvez seja necessário inventar uma palavra – mas não a chamo de língua crioula por tratar-se da genial e agressiva deformação de uma língua, a língua inglesa, deformação praticada dentro dessa língua, por praticantes que subvertem essa língua” (GLISSANT, 2005, p. 25, grifos do autor).

O entendimento de que uma língua como o francês, em sua origem, pode ter sido uma língua crioula, acentua a discussão sobre os critérios que estabelecem a diferença entre línguas crioulas e não crioulas, porque Glissant (2005) desloca para a Europa a possibilidade de criouliização, contrariando o que foi visto até aqui. Quando essa proposta se soma às leituras de Olender (2012) e Sobral (2004), sobre a construção de um purismo linguístico-identitário-nacionalista na Europa, não é difícil chegar à compreensão de que o discurso da criouliização está historicamente envolvido com um discurso da diferença e da exclusão.

Uma discussão sobre isso pode ser vista no artigo *E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística* (2005), do pesquisador belga especializado em literatura pós-colonial Jeroen Dewulf. Nesse texto, o autor procura questionar posicionamentos da Linguística tradicional, que sempre se disse objetiva e apolítica, mas cuja passividade tende a refletir interesses de grupos hegemônicos, sobretudo os de homens e de brancos. É nesse contexto que a Linguística irá também sentir o impacto dos estudos pós-coloniais, dispostos a inserir o elemento *poder* nas discussões acerca da construção do conhecimento.

Sobre esse cenário pós-colonial, Dewulf (2005) destaca a postura das universidades norte-americanas em diversificar os seus docentes, no que toca à origem étnica. Esse movimento, ao que parece, não tem sido acompanhado pelas instituições europeias. Por isso, os questionamentos epistemológicos de maior impacto científico têm eclodido nos Estados Unidos. Um exemplo dado por Dewulf (2005) pode ser visto a seguir:

Ilustrativo neste contexto foi o que aconteceu no âmbito de uma conferência sobre criouliismo na Universidade de Chicago em Outubro de 1999. Numa discussão que se seguiu a uma das palestras ali apresentadas surgiu a questão se a diferença entre línguas consideradas crioulas e línguas “não-crioulas” não se baseava, afinal, num modelo ocidental, imperialista e racista (DEWULF, 2005, p. 306).

Esses questionamentos acerca da precisão dos critérios não são uma novidade, como observa Dewulf (2005). Segundo o autor, alguns linguistas já sinalizaram que não se têm usado medidas objetivas para distinguir línguas crioulas e não crioulas. Um desses seria o crioulista haitiano Michel DeGraff, que, na obra *Language Creation and Language Change* (2001), mostrou que há várias propriedades estruturais de línguas ditas crioulas verificáveis em línguas ditas não crioulas. Isso faz com que a sociohistória seja imprescindível, pois as estruturas linguísticas por si só não conseguem definir se uma língua é crioula ou não.

Esse raciocínio, segundo Dewulf (2005), é compartilhado pelo crioulista congolês Salikoko Mufwene, que, na obra *The Ecology of Language Evolution* (2001), defende que os

crioulos são assim analisados muito mais pelas *condições sociohistóricas* de desenvolvimento do que por qualquer outra razão mais objetiva e plausível. O linguista congolês é incisivo, quando destaca que, por condições sociohistóricas na identificação dos crioulos, deve-se entender a etnicidade dos falantes.

As duas observações retomadas por Dewulf (2005) tendem a alinhar-se com a ideia de que a categorização de uma língua como crioula tem se dado muito mais por um discurso eurocêntrico de exclusão, de diferenciação, do que por um aspecto prático e objetivo.

São também retomadas, por Dewulf (2005), as discussões de Édouard Glissant, acerca da crioulação na constituição histórica da língua francesa. Essas discussões serão aproximadas das feitas pelo antropólogo sueco Ulf Hannerz, que se questiona, na obra *Transnational Connections: Culture, People, Places* (1996), se a língua inglesa é, de fato, historicamente pura.

Em linhas gerais, o texto de Dewulf (2005) evidencia o quanto políticos, subjetivos e ideológicos podem ser conceitos fixados como apolíticos, objetivos e isentos de ideologia. A classificação de línguas como crioulas ou não crioulas é quase sempre política. Poder-se-ia seguir, de maneira categórica, os aspectos listados por Couto (1996), mas, feita a leitura do texto de Dewulf (2005), aparecem dois problemas: a insuficiência dos critérios linguístico-estruturais por si só e a não criticidade dos critérios sociolinguísticos e sociohistóricos.

A opção por não fazer críticas aos critérios no estabelecimento das línguas como crioulas ou não, ao longo dos tempos, só atendeu aos anseios de uma sociedade europeia que ainda preserva um sentimento purista e nacionalista.

2.6 LÍNGUAS CRIOULAS NO CENÁRIO EUROPEU: O DESENVOLVIMENTO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS E DO INGLÊS MODERNO

A pouca adesão às críticas à concepção tradicional de línguas crioulas faz com que ainda, hoje, linguistas optem por assumir a perspectiva clássica que se volta especificamente às línguas que se desenvolveram fora do cenário europeu. Ainda são poucos os que avançaram, no sentido de inserir a hipótese das crioulações na formação das línguas europeias. Um exemplo é o artigo *Línguas pluricêntricas e a questão das línguas crioulas* (2011), da professora Rosa Virginia Mattos e Silva.

O texto de Mattos e Silva (2011) começa com a epígrafe “não há nada de especial nos crioulos além da sua história”, extraída de Roberts (1997). O ponto de partida da autora é a

compreensão de línguas crioulas como “[...] aquelas que se formaram durante o processo de expansão colonial da Europa Ocidental e o encontro ou contato do português, espanhol, francês e depois do holandês com as chamadas, no século XVI, de ‘línguas exóticas¹⁰’” (MATTOS E SILVA, 2011, p. 197), no intuito de comparar, linguística e sociolinguisticamente, essas línguas que emergiram pós-quinhetos “[...] com a língua latina no seu processo de expansão, que gerou as chamadas línguas românicas e, também, com a língua inglesa moderna e sua formação desde suas origens complexas nas Ilhas Britânicas” (MATTOS E SILVA, 2011, p. 197).

Do ponto de vista linguístico, o principal argumento de Mattos e Silva (2011) é a simplificação morfológica que aconteceu tanto do latim para as línguas românicas quanto do *Old English* para o inglês moderno. Do ponto de vista sociolinguístico, centra-se no cenário multilíngue que caracterizou tanto a expansão do Império Romano em direção à formação das línguas românicas quanto o desenvolvimento da língua inglesa.

No que toca às línguas românicas, a autora destaca a longa duração da expansão do Império Romano, que abarcou territórios nos continentes europeu, asiático e africano. Nesse contexto, observa-se um contato maciço entre línguas indo-europeias e não indo-europeias.

Mattos e Silva (2011) tende a centrar-se nas línguas hispano-românicas. Os romanos, segundo a autora, chegam à Península Ibérica no século III a.C., onde existiam línguas nativas, chamadas também de *pré-romanas*, quando a dominação romana passa a ser tomada como marco sócio-histórico.

Sobre essas línguas nativas pré-romanas, a autora entende que há ainda uma imprecisão acerca das suas estruturas e sociohistória, o que se caracteriza como um problema. As fontes que se tem para investigar essas línguas, como “[...] inscrições, topônimos, antropônimos, vestígios arqueológicos, notícias históricas e línguas atuais” (MATTOS E SILVA, 2011, p. 199), encontram-se diluídas, não sendo inteiramente confiáveis.

Diante da imprecisão das fontes, Mattos e Silva (2011) sugere que as línguas nativas pré-romanas “podem ter sido pré-indo-europeias e indo-europeias” (MATTOS E SILVA, 2011, p. 199). Entre as pré-indo-europeias, estariam o proto-basco e as línguas faladas pelos tartéssios, iberos e fenícios e, entre as indo-europeias, destacam-se as célticas.

Pós-dominação romana na Península Ibérica, no século V d.C, chegam as línguas germânicas, com destaque para os visigodos e suevos. Explica Mattos e Silva (2011):

Os suevos já se encontravam na Península em 411 d.C., antes, portanto, da chamada “queda do Império Romano” e ocuparam o Noroeste da Península: sua capital era Bracara Augusta (hoje Braga). Em 574 d.C., são conquistados pelos visigodos, que

¹⁰ Por línguas exóticas, no cenário quinhentista, entendam-se línguas asiáticas, africanas e indígenas.

dominarão a Península até 711 d.C., quando ocorreu a expansão muçulmana em direção à Península (MATTOS E SILVA, 2011, p. 200).

Os últimos elementos decisivos na formação das línguas hispano-românicas são os já mencionados muçulmanos (árabes e berberes da Mauritânia, norte da África). A essa altura dos acontecimentos, no século VIII d.C., com a queda do Império e a fragmentação da România, a suposta unidade do latim já tinha caído por terra há bastante tempo. Os romanistas tendem a considerar que isso aconteceu no século I d.C.. Sete séculos depois, Roma já não é vista como um centro difusor de inovações linguísticas. Roma, sequer, é algum tipo de centro. Esse afastamento favorece, segundo Castro (1991), os falares locais que, a essa época, já começavam a dar lugar às chamadas línguas românicas.

Com base no pensamento de Roger Wright (1989)¹¹, Castro (1991) é retomado por Mattos e Silva (2011). Do linguista português, Mattos e Silva (2011) usa a seguinte passagem:

Roger Wright vê o romance do séc. VIII como uma língua que continha uma quantidade de traços depois presentes em todos os romances modernos: as frases tinham o verbo seguido do objecto, contra a ordem do latim clássico (OV); a flexão nominal estava muito simplificada, tendo os substantivos e os adjetivos apenas uma forma singular e outra plural (ainda que em certas regiões da França subsistissem dois casos, recto e oblíquo); tinha-se perdido a distinção morfológica de substantivos neutros e de uma voz passiva sintética, ao mesmo tempo que crescia o uso de formas analíticas (com verbo auxiliar) para os tempos do perfeito e do futuro [...] Estes, e outros traços, [...] encontrar-se-iam no séc. VIII presentes na linguagem oral de todas as pessoas, cultas ou não, constituindo uma base comum e um ponto de partida para a evolução de cada uma das línguas românicas (CASTRO, 1991, p. 158).

Mattos e Silva (2011) retoma também os estudos de Ferreira (1992), sobre o romance moçarábico, de Versteegh (1982), sobre contatos linguísticos, e de Roberts (1993), em que se comparam as trajetórias do sujeito nulo no francês e no português brasileiro, considerando, sobretudo, a erosão morfológica, a fixação da ordem e a perda de movimentos. Em relação às línguas românicas, a conclusão a que Mattos e Silva (2011) chega é de que:

Considerando as informações de Wright, Versteegh e Roberts, ou seja, a ordem (S)OV; a perda morfológica das flexões nominais; a perda do gênero neutro; a perda da passiva sintética, em proveito de formas analíticas; a perda da morfologia aspectual – por exemplo *amavero* (futuro do *perfectum*) e *amabo* (futuro do *infectum*) –; a perda das marcas de concordância verbal, pelo menos no português brasileiro e no francês moderno (em que a concordância se mantém apenas na língua escrita formal), pode-se admitir que o proto-romance, pelo século VIII d.C., teria tido um estágio semelhante ao dos crioulos pós-quinzentos (MATTOS E SILVA, 2011, p. 202).

¹¹ Roger Wright é um romanista que discutiu a passagem do latim de uso corrente para as línguas românicas, na sua tese de doutorado intitulada *Late Latin and Early Romance in Spain and Carolingian France* (1982).

A autora seguirá procedimento similar para sugerir uma criouliização no desenvolvimento da língua inglesa. A perda morfológica aconteceu na história do inglês que, nas palavras de Mattos e Silva (2011, p. 204), “[...] é fruto da convergência de várias línguas – célticas, latim, germânicas da Dinamarca e dos Países Baixos e a língua dos normandos. Todas línguas indo-europeias”.

À guisa de conclusão, Mattos e Silva (2011, p. 204) retoma as significativas perdas morfológicas e os cenários multilíngues na história do inglês e das línguas românicas, o que tornaria admissível “uma formação do ‘tipo crioulo’, tanto para as línguas românicas como para o inglês” e reitera a epígrafe “não há nada de especial nos crioulos além da sua história”, de Roberts (1997).

Ao longo do seu texto, Mattos e Silva (2011), do ponto de vista do chamado núcleo duro da linguagem, usa apenas o argumento da morfologia, ou melhor dizendo, da erosão morfológica, para refletir sobre possíveis movimentos de criouliização na formação das línguas românicas e do inglês. Em uma primeira análise, parece que a fonologia também pode ser uma interessante rota de análise, para se pensar nessa questão. Assim como Mattos e Silva (2011) valeu-se de conhecimentos mais recentes sobre a linguagem para entender fatos passados, discussões mais contemporâneas do âmbito da fonologia e da psicolinguística podem ser usadas. Veja-se o conceito de “*surdez*” fonológica, visto no trabalho de Dupoux e Peperkamp (2000):

Neste artigo, sustentamos que os estudos interlinguísticos do estado final nos adultos pode lançar uma luz sobre essas questões de desenvolvimento. Baseamos essa afirmação na descoberta de que a exposição a uma língua em uma tenra idade produz um impacto duradouro nas rotinas de processamento na fala dos adultos. Isto quer dizer que os ouvintes usam um mecanismo de processamento especificamente afinado com sua língua materna. Conseqüentemente, têm muita dificuldade para tratar com estruturas sonoras estranhas à língua ouvida no primeiro ano de vida. Eles apresentam aquilo que chamamos de “*surdez*” fonológica, ou seja, têm problemas para discriminar contrastes fonológicos não usados em sua língua nativa. Além disso, a “*surdez*” fonológica é robusta, ou seja, é resistente à aprendizagem de uma segunda língua, e até mesmo ao treinamento específico, tal como ocorre, na produção da fala, com padrões fonológicos e entonacionais de uma língua estrangeira” (DUPOUX E PEPERKAMP, 2000, p. 23).

Com o conhecimento que se tem, hoje, sobre os aspectos cognitivos da linguagem, é admissível pensar que as transformações fonético-fonológicas pelas quais as línguas passaram, as quais se deu o nome de metaplasmos na tradição da Linguística Histórica, são, em muitos casos decorrentes de processos variados de aquisição fonológica, incluindo o que Dupoux e Peperkamp (2000) chamaram de “*surdez*” fonológica.

Quando se faz esse tipo de sugestão, não se quer cometer um anacronismo científico, e sim repensar fatos históricos, com base em novas ferramentas de que a Linguística contemporânea desfruta. Veja que Mattos e Silva (2001) baseou-se em conhecimentos da Sociolinguística, da Crioulística e do Gerativismo, empreendimentos que se consagraram no século XXI.

Foi por meio dessa atualização que Mattos e Silva (2011) pôde deslocar-se para aquele antigo cenário europeu e observar que há fenômenos linguísticos compartilhados entre as línguas crioulas pós-quinhetos e as línguas europeias. Ao fazer isso, Mattos e Silva (2011), sem tal pretensão, acabou ratificando o que disseram Michel DeGraff (2001) e Salikoko Mufwene (2001), quando esses sinalizaram que os aspectos estruturais por si só não são suficientes para classificar as línguas como crioulas.

Do ponto de vista sociolinguístico, o cenário multilíngue caracteriza a história tanto do inglês quanto das línguas românicas. Especialmente em relação às línguas hispano-românicas, destaque-se que houve contato maciço entre línguas pré-indo-europeias (proto-basco), indo-europeias (latim, línguas germânicas) e não indo-europeias (árabe), o que pode caracterizar um cenário propício para as formações do tipo crioulo.

Note-se, ainda, em relação ao papel do árabe, que o contato entre hispano-godos e muçulmanos acentua as diferenças étnicas dos povos envolvidos na formação das línguas hispano-românicas. A questão da etnicidade, que, na verdade, é uma ausência da questão no âmbito da linguística, como bem observa Mufwene (2001), mostra-se importante nesse contexto: por que a presença de povos de etnias não (indo-)europeias é relevante para caracterizar os crioulos fora da Europa, mas não é relevante para sugerir possíveis crioulos na própria Europa?

Cabe mencionar que o texto de Mattos e Silva (2011) tem um caráter experimental, colocando, no plano da sugestão, a criouliização na formação das línguas românicas e do inglês. Mesmo a autora apresentando dados linguísticos, sociais e demográficos, não há a defesa de uma tese, como fizeram, por exemplo, Lucchesi e Baxter (2009), para a constituição do português brasileiro.

Quando se olha para a constituição histórica das línguas europeias, há uma dificuldade (sobretudo, documental) de analisar se os aspectos elencados por Lucchesi e Baxter (2009) foram encontrados também em regiões da Europa, o que acaba também dificultando a defesa de uma hipótese da criouliização. Mais precisamente em relação às línguas românicas, isso não é dizer que os contatos linguísticos não foram relevantes nos seus desenvolvimentos, pois é sabido que os contatos foram decisivos, por exemplo, para a fragmentação dialetal da România.

O que se coloca em questão é que, com base nas formulações de Lucchesi e Baxter, que norteiam a discussão de Mattos e Silva (2011), o contato linguístico, por si só, pode não ser suficiente para sugerir uma criouliização.

Mesmo em tom de sugestão, não se pode negar o pouco empenho dado à discussão. Com raras exceções, nota-se que o discurso purista e nacionalista europeu ainda segue forte. Mesmo com as evidências linguísticas, históricas e sociais de que as línguas românicas nunca foram *puras*, a narrativa que se consagra e reconsagra é a do percurso histórico caracterizado prioritariamente pela herança das propriedades da língua-mãe.

2.7 ROMANIZAÇÃO X CRIOULIZAÇÃO: COMENTÁRIOS SOBRE A EXPANSÃO DE ROMA E DA LÍNGUA LATINA

As origens da língua latina remontam aproximadamente ao século VII a.C., no Lácio, região central da Península Itálica. Era uma língua falada pelos camponeses da região e que convivia com outras línguas itálicas, como ressalta Ilari (1992). O desenvolvimento histórico do latim, muitas vezes, dissolve-se com a história de Roma, uma vez que o latim vai se consagrando como a língua de uso corrente, à medida que a civilização romana torna-se mais robusta. Acompanhando a expansão de Roma, a língua latina passa a ser usada pelos falantes das outras línguas itálicas, passando, mais tarde, a língua oficial do Império Romano (27 a.C. - 476 d.C.)

A expansão do Império Romano, como já dito por Mattos e Silva (2011), foi um processo duradouro, de mais de cinco séculos, e intercontinental. Incluem-se, nesse processo, os seguintes marcos:

Nos finais do século III a.C., toda a Península Itálica e as ilhas mediterrâneas já estavam dominadas; no século III a.C., os romanos chegaram à Península Ibérica e, no século II a.C., aos Balcãs, à Grécia, a uma grande parte do Norte da África e da Ásia Menor; nos fins do século II a.C., chegaram ainda às Gálias (Norte da Itália, Gália Cisalpina) e à Gália Transalpina, ou seja, o Sul da França de hoje. Durante o século I a.C., os romanos estenderam seu poder por todo o resto das Gálias, sobre o Egito e as regiões meridionais da Áustria e Suíça, da atualidade. No século I d.C., chegaram à Panônia (Hungria atual), às regiões ocidentais do Norte da África e da Inglaterra (Britânia). Com o imperador Trajano, ocupam o território da Romênia, então designada como Dácia. Assim, entre o século III a.C. e o II d.C., formou-se todo o poderoso Império (MATTOS E SILVA, 2011, p. 199).

Esse movimento de expansão do Império era sempre acompanhado por um processo de dominação cultural, política e civilizacional. Na literatura consagrada da Romanística, esse

processo recebeu o nome de *romanização*. Segundo Webster (2001), o termo *romanização* foi cunhado pelo historiador alemão Theodor Moomsen, mas foi o historiador britânico Francis Haverfield que o consagrou, ao fornecer uma análise sólida do processo.

Dentro da Linguística Românica, o conceito de *romanização* é amplamente utilizado. Sejam vistas duas definições, a do português Ivo Castro (1991) e a do brasileiro Bruno Bassetto (2013):

A romanização, processo de instalação da civilização romana (e da língua) nas regiões sucessivamente conquistadas e *pacificadas* por Roma, é responsável pela introdução de muitos traços diferenciadores, não tendo ocorrido do mesmo modo em todas as regiões (CASTRO, 1991, p. 68, grifo nosso).

Latinização ou romanização é a *assimilação* cultural e linguística dos povos *incorporados* ao universo da civilização latina. O fato de tantos povos de língua, raça e cultura diferentes terem *adotado* a língua e, pelo menos em parte, a civilização dos vencedores é um fenômeno único na história da humanidade. Essa *aceitação*, porém, não se deveu a imposições diretas. As conquistas romanas tinham caráter político e econômico; não houve por parte de Roma a pretensão de impor sua língua ou sua religião; ao contrário, considerava o uso da língua latina como uma honra (BASSETTO, 2013, p. 103, grifos nossos).

Note-se, nas citações, o uso das palavras *pacificadas*, *assimilação*, *incorporados*, *adotado* e *aceitação*. Elas, em certa medida, refletem uma posição que tem sido recorrente na Linguística Românica: entender a romanização como um processo pacífico e relativamente harmonioso.

Se observada a história das línguas/variedades surgidas pós-quinhetos na África, Ásia e América Latina, não caberiam os termos *assimilação*, *incorporados* e *adoção*, para refletir sobre a situação dos povos dominados e subalternizados. Na história do Brasil e do português brasileiro, a população negro-africana escravizada não *assimilou* ou *adotou* a língua portuguesa e os outros elementos da tradição cultural branco-europeia. Esses elementos foram impostos e, se não eram expressamente impostos, eram vistos como únicos mecanismos de sobrevivência na sociedade da época. Da mesma maneira, um olhar crítico para essa história permite assegurar que essa população não foi *incorporada*.

Diante disso, o questionamento que fica é: se é sabido que a expansão do Império Romano envolveu povos escravizados, dominação cultural e política, por que ainda se fala da romanização com esse mesmo tom romântico e pacífico que caracteriza as narrativas oitocentistas?

A resposta não é simples. Também nem seria certo dizer que há uma só resposta para essa questão. É, no entanto, admissível refletir, a partir da máxima de que a “história é escrita

pelos vencedores”. Essa máxima já foi problematizada, dentro de vários âmbitos teóricos. Tomem-se dois deles: Enguita (1989) e Burke (1992), cujos excertos aparecem a seguir:

Com frequência o investigador social é vítima de um fetichismo das palavras que o leva a não ver seu diferente significado em diferentes contextos espaciais e temporais, em parte por ignorância e em parte por puro etnocentrismo. [...] [É] bem sabido que a história é escrita pelos vencedores, que não gostam de mostrar a roupa suja (ENGUITA, 1989, p. 128-131).

Diz-se muitas vezes que a história é escrita pelos vencedores. Poderia também dizer-se que a história é esquecida pelos vencedores. Podem permitir-se esquecer, enquanto os derrotados são incapazes de aceitar os acontecimentos e estão condenados a meditar sobre eles, a revivê-los e a imaginar quão diferentes poderiam ter sido (BURKE, 1992, p. 246).

A passagem de Enguita (1989) insere-se em uma discussão mais ampla, a respeito de vícios cometidos por historiadores da Educação, na construção da narrativa das tradições e pensamentos escolares. Esses vícios, no entanto, não se restringem ao campo da Educação, uma vez que historiadores da língua, por exemplo, tendem a cometê-los. Escolhas lexicais podem parecer pouco importantes, mas refletem posturas político-teóricas.

Quando se olha para o tratamento dado à história da língua latina, isso é visível, pois os itens léxicos escolhidos pelos historiadores tendem a refletir uma narrativa romantizada e pacífica. Vejam-se as escolhas de Bassetto (2013), já comentadas. Na definição dada por Castro (1991), nota-se que a ideia de romanização como um processo de instalação dos cidadãos romanos em regiões pacificadas, além de esconder a violência e o conflito que resultaram em territórios pacificados, presume a existência de uma população violenta ou bélica/belicosa. Ou seja, a violência é atribuída ao outro, ao certamente tomado como *bárbaro*.

Em relação à passagem de Burke (1992), é importante destacar a menção à possibilidade daqueles que, nas narrativas consagradas pela tradição, foram considerados derrotados reanalisarem e refletirem sobre os acontecimentos e poderem expor as suas perspectivas sobre os eventos.

É o que tem acontecido nos estudos pós-coloniais e decoloniais que emergiram nas décadas finais do século XX, valendo-se da ideia de que “[...] a narrativa hegemônica da modernidade conferiu à Europa um lócus privilegiado de enunciação, que, mesmo após o fim do período colonial, permaneceu favorecendo aspectos da cultura europeia em detrimento de outras referências de vida” (LEDA, 2015, p. 102).

Como explica Dewoulf (2005), a Antropologia foi a primeira ciência a comprometer-se com a agenda pós-colonial, sendo seguida, depois, pela História, Sociologia, Literatura e, por

último, e mais recentemente, pela Linguística. O pensamento pós-colonial aplicado à Linguística é algo relativamente novo e raro. Áreas como Análise de Discurso e Linguística Aplicada, por exemplo, têm produzido mais que a Linguística Descritiva e a Linguística Histórica nesse sentido.

Um efeito da adesão de um pensamento pós-colonial pela Linguística, nomeadamente a Linguística Histórica, é o que o movimento de repensar a romanização tem sido bem mais produtivo no âmbito da História e das Ciências Sociais que no da Linguística. Pode-se dizer mais: mesmo que o conceito de romanização não seja estritamente linguístico, mesmo o elemento *latim* sendo decisivo no processo, raros têm sido os teóricos que versam sobre a história das línguas românicas que acompanham os debates feitos por outras áreas do conhecimento e inserem-nos nas discussões romanísticas.

Assim, a desconstrução em torno da história da língua latina e das línguas românicas, da romanização e do cotidiano no Império deve considerar as seguintes premissas: (i) a România como um espaço multilinguístico, multicultural e multiétnico, marcado decisivamente pelos contatos linguístico-étnico-culturais, rechaçando-se, nesse sentido, qualquer hipótese purista; (ii) a narrativa hegemônica privilegia determinados grupos sociais, naturalmente em detrimento de outros, fornecendo uma visão falha do que tenha sido a expansão político-econômico-cultural do Império; (iii) discussões acerca de gênero, raça, etnia, trabalho, escravidão, educação e religião na Roma Antiga são fundamentais para a compreensão do cenário social.

Webster (2001), no texto *Creolizing the Roman Provinces*, discute o conceito de romanização, aponta as suas falhas e propõe que é preciso adotar uma visão de crioulização na história da România. Na proposta da autora, isso seria dizer que a compreensão da história por meio da romanização tem se mostrado cada vez mais simplista e ultrapassada, demandando que se fale em crioulização, conceito que toma emprestado da Linguística, para tratar dos contatos culturais nas províncias romanas.

A fim de explicar o que seria a romanização de um ponto de vista dos romanos, Webster (2001) comenta que o pensamento romano acerca das interações culturais com as populações provinciais caracterizava-se pela importância que os romanos davam à difusão de sua cultura em todas as províncias. A cultura romana nunca se manteve estática, haja vista ir adaptando e admitindo práticas e crenças advindas das populações provinciais. Isso começa a mudar no século I a.C, quando

[...] um conjunto de valores culturais romanos se cristalizou, encapsulado no termo *humanitas* ("civilização"). O imperialismo, nesse contexto, passou a ser considerado uma missão civilizadora: era o destino e o dever de Roma espalhar *humanitas* para outras raças, moderando práticas bárbaras e instituindo a *pax Romana*. Junto com esse etos civilizatório, por outro lado, houve uma abordagem da interação cultural guiada pelo pragmatismo político. Desde o tempo da conquista da Itália, compreendia-se que a assimilação política e cultural andava de mãos dadas, e que a promoção dos valores culturais romanos entre as elites provinciais era essencial para o desenvolvimento de uma classe dominante unificada (WEBSTER, 2001, p. 210, tradução nossa, grifos da autora)¹².

No entendimento de Webster (2001), não se deve ignorar o fato de alguns provincianos poderem ter se identificado plenamente com os valores culturais da civilização romana, mas também não se pode perder de vista que os esforços para a naturalização da cultura romana nas províncias partiram de uma elite (a de Roma) em direção a outra (a das províncias). A autora argumenta que ser uma província, seguramente, envolve muito mais do que somar elites.

Segundo Webster (2001), a narrativa da romanização falha ao privilegiar a amistosidade entre elites e tomá-la como um comportamento provinciano geral, omitindo, nesse caso, a repercussão para os estratos sociais mais baixos. Some-se a essa compreensão de Webster, o que dizem Funari e Garraffoni (2018): “O estudo dos grupos excluídos na Roma antiga, por meio de uma abordagem teórica crítica, auxilia-nos a desafiar as visões focadas nas elites e permite-nos buscar um engajamento social e político com um olhar para histórias negligenciadas no passado e no presente” (FUNARI E GARRAFFONI, 2018, p. 251).

Funari e Garraffoni (2018) vão ao encontro das críticas feitas por Webster (2001), no sentido de que os estudos sobre a história de Roma devem começar a não abarcar somente as elites, para começar a olhar para os grupos marginalizados e esquecidos no Mundo Antigo.

Ainda no campo das falhas do modelo de romanização, Webster (2001) e Funari e Garraffoni (2018) aproximam-se no entendimento da romanização como um modelo de aculturação. Sobre isso, Webster (2001) explica:

Para entender o que está errado com a aculturação, podemos nos voltar para os comentários de um não romanista, Leland Ferguson: "Originalmente, a aculturação simplesmente identificava a troca cultural entre pessoas em contato. No entanto, nos últimos anos a aculturação comumente vem a significar ... 'a adoção de traços de outro grupo'. Nas ciências sociais, isso geralmente significa a adoção de traços ou padrões europeus por pessoas não europeias ... A ideia central dessa visão moderna

¹² “[...] a set of Roman cultural values had crystallized, encapsulated in the term *humanitas* ("civilization"). Imperialism, in this context, came to be regarded as a civilizing mission: it was Rome's destiny and duty to spread *humanitas* to other races, tempering barbarian practices and instituting the *pax Romana*. Together with this civilizing ethos, on the other hand, went an approach to cultural interaction guided by political pragmatism. It had been understood from the time of the conquest of Italy that political and cultural assimilation went hand in hand, and that the fostering of Roman cultural values among provincial elites was essential for the development of a unified ruling class” (WEBSTER, 2001, p. 210).

"eurocêntrica" da aculturação é que, seja através da escolha, seja através da força, pessoas não europeias, em contato com os europeus, desistiram de suas formas tradicionais e tornaram-se como europeus. Ferguson está aqui discutindo as deficiências das abordagens aculturadoras para o contato europeu com nativos americanos e africanos na América colonial, mas, se substituirmos "europeu (s)" por "romano (s)", podemos entender instantaneamente que a romanização é um modelo aculturador exatamente do tipo descrito por Ferguson (WEBSTER, 2001, p. 210, tradução nossa)¹³.

A romanização/aculturação, nesse contexto, mostra-se problemática para pensar a expansão de Roma, porque parte do princípio de que havia “[...] uma dualidade fundamental entre ‘romanos’ e ‘nativos’” (SCOPACASA, 2015, p. 115) e coloca o intercâmbio cultural que pressupõe uma via de mão única do centro (Roma) para as províncias, não admitindo o percurso contrário. Assim, Roma, embora fosse influenciada culturalmente pelas províncias, jamais se tornava provinciana. Do outro lado, as províncias tornavam-se mais romanizadas (WEBSTER, 2001).

Esse modelo unilateral de compreensão é também visto nos estudos linguísticos. Quando se narra o contato dos romanos com os germânicos na Península Ibérica, a tradição assumiu consensualmente que os germânicos, mesmo tendo sido uns dos grandes responsáveis pelo enfraquecimento do Império e dominado Roma, não contribuíram significativamente para as línguas e culturas românicas, pois já teriam chegado romanizados.

Do ponto de vista sociocultural, Guerras (1995), no livro *Os povos bárbaros*, é muito certa, ao dizer que, nesse contato, não só os germânicos estavam romanizados, como também os romanos estavam sendo germanizados, sugerindo, então, uma via de mão dupla.

Do ponto de vista linguístico, destaquem-se os trabalhos de Pinto (2011) e Rodrigues (2016, 2019) para mostrar que o resultado do contato linguístico dos germânicos para as línguas ibero-românicas vai além de um grupo semanticamente restrito de palavras. Pinto (2011) aponta evidências de que o efeito V2 na sintaxe do espanhol medieval pode estar relacionado ao contato com os germânicos, ao passo que Rodrigues (2016, 2019) mostra que o modelo genlexical antroponímico bitemático do português é um legado do contato com os germânicos.

¹³ “To understand what is wrong with acculturation, we may turn to the comments of a non-Romanist, Leland Ferguson: "Originally, acculturation simply identified mutual culture exchange between people in contact. However, in recent years acculturation has commonly come to mean ... the adoption of traits of another group. In social science this generally means the adoption of European traits or patterns by non-European people... The central idea of this modern 'Eurocentric' view of acculturation is that either through choice or through force, non-European people in contact with Europeans gave up their traditional ways and became like Europeans". Ferguson is here discussing the shortcomings of acculturative approaches to European contact with Native Americans and Africans in colonial America, but if we replace "European (s)" with "Roman (s)" we can grasp instantly that Romanization is an acculturative model of exactly the type described by Ferguson.” (WEBSTER, 2001, p. 210).

É preciso, então, sair de um modelo interpretativo unilateral e aculturador, para um modelo que considere que o contato entre culturas, assim como entre línguas, não deve representar uma substituição gradual de valores culturais, mas sim uma mistura que opera em um contexto notoriamente não igualitário. Esse modelo, na visão de Webster (2001), é o da criouliização.

O conceito de criouliização, surgido no âmbito da Linguística, tem sido cada vez mais aproveitado nos estudos arqueológicos. Sobre esse deslocamento de uso, Webster (2001) explica:

Como a língua, a cultura material crioula exibe uma gradação entre duas tradições culturais, que pode ser representada de formas diferentes de acordo com o contexto. O resultado é uma cultura material altamente ambígua, no sentido de que está imbuída de diferentes significados em diferentes contextos. As tentativas de Anne Yentsch de identificar as experiências de escravos domésticos em uma residência de elite em Annapolis, Maryland, são um bom exemplo aqui. Concentrando-se na culinária, ela argumenta que, como era esperado que os escravos fornecessem um pouco de sua própria comida (cultivada em lotes), os alimentos e as formas de cozinhar africanas eram assim mantidos. Eles tornaram-se, por sua vez, elementos básicos da culinária crioula afro-americana. Yentsch enfatiza que o que resultou não foi simplesmente uma sobrevivência nativista africana; em vez disso, os escravos negociavam um modo de vida que acomodava o velho e o novo e, a partir disso, uma nova etnia foi criada (WEBSTER, 2001, p. 218, tradução nossa)¹⁴.

O que Webster (2001) coloca em questão, na passagem citada, é o resultado do contato entre elite econômica e escravizados, em um contexto nitidamente assimétrico. A identificação de uma cultura crioula afro-americana envolve a mescla de elementos de duas ou mais culturas, o que resulta em uma nova cultura que não é nem a da elite, nem a dos escravizados, é uma síntese desse contato.

O cotejo entre um cenário americano-colonial e o romano-imperial é colocado por Webster (2001), sob três pontos importantes. O primeiro é de que, assim como é fundamental analisar os processos crioulos (contatos culturais), para o entendimento do que era ser um não branco na América colonial, é fundamental analisar processos similares no mundo romano, para o entendimento do que era ser um sujeito provincial em Roma.

¹⁴ “Like language, creole material culture exhibits a degree of mastery of two cultural traditions, which can be drawn on to differing degrees according to context. The result is a highly ambiguous material culture, in the sense that it is imbued with different meanings in different contexts. Anne Yentsch's attempts to identify the experiences of domestic slaves in one elite household in Annapolis, Maryland, provides a good example here. Focusing on cookery, she argues that because slaves were expected to provide some of their own food (grown on allotments), African foodstuffs and ways of cooking were thus maintained. They became, in turn, staple elements of African American creole cuisine. Yentsch emphasizes that what resulted was not simply an African nativist survival; rather, slaves negotiated a way of living that accommodated old and new, and out of this a new ethnicity was created” (WEBSTER, 2001, p. 218).

O segundo ponto é que, em qualquer contexto colonial, os processos crioulos são identificados por uma expressão material que é capaz de representar a experiência colonial, sendo, portanto, imprescindível observar como operavam os elementos da cultura material em Roma e nas províncias.

Por último, o terceiro ponto destaca que, dado o contexto assimétrico, as conexões com as tradições originárias são postas como oposições àquelas impostas pela elite de uma cultura dominante. Dessa forma, manter as tradições pode significar um risco. Isso levaria a uma análise mais detalhada da forma como os cidadãos romanos são apresentados no contexto de romanização, sempre generosos, que não faziam imposições culturais significativas, nem religiosas, nem linguísticas.

Face às origens e aplicações das teorias de crioulização cultural, Webster (2001) questiona-se se, de fato, seria possível transpor essas visões para o mundo romano. A tentativa da autora dá-se com a análise de crenças na Grã-Bretanha romana, com a identificação de uma religião crioula.

O exemplo do que seria uma religião crioula, para Webster (2001), é a *Santería*, religião cubana, nascida como uma mistura de práticas religiosas de diferentes povos, como europeus católicos, indígenas cristianizados, índios americanos e africanos. A autora vale-se desse exemplo para argumentar que, guardadas as devidas proporções, a composição étnica da Grã-Bretanha romana era tão diversificada quanto a das colônias espanholas na América, o que se pode ver na passagem a seguir:

No ocidente romano, as crenças indígenas encontraram um panteão clássico que foi o produto de séculos de intercâmbio religioso entre as religiões romanas, gregas e orientais. Somado a isso, muitos dos romanos no oeste (por exemplo, soldados auxiliares) vieram de territórios que também haviam sido conquistados por Roma, e cujos sistemas de crenças já haviam se engajado com o panteão romano. Britânicos e gauleses, encontrando esses já complexos deuses de Roma, trouxeram outras correntes de crenças e práticas para essa arena. Na Grã-Bretanha romana e na Gália, assim como nas colônias espanholas, parece razoável sugerir que sínteses crioulas também possam ter surgido (WEBSTER, 2001, p. 219, tradução nossa)¹⁵.

Webster (2001) esclarece que a religião romano-céltica nunca foi definida nesses termos, o que, segundo a própria, pode ser explicado pelo fato de os estudos de romanização

¹⁵ “In the Roman west, indigenous beliefs encountered a Classical pantheon that was itself the product of centuries of religious interchange between Roman, Greek, and Eastern religions. Added to this, many of the Romans in the west (for example, auxiliary soldiers) came from territories that had also been conquered by Rome, and whose belief systems had already engaged with the Roman pantheon. Britons and Gauls, encountering these already complex gods of Rome, brought other strands of belief and practice into this arena. In Roman Britain and Gaul, as in the Spanish colonies, it seems reasonable to suggest that creole syntheses may also have emerged” (WEBSTER, 2001, p. 219).

terem se voltado à religiosidade romano-britânica, que apresenta evidências em inscrições e iconografias. Serão, justamente, as representações iconográficas que servirão de mote para Webster (2001) sugerir uma religião crioula no mundo romano:

[...] os celtas da Idade do Ferro tinham certa relutância em construir imagens antropomórficas de deuses e, portanto, foi assumido que, após a conquista, os povos celtas adotaram os novos deuses de Roma e um novo repertório de representação antropomórfica, usado para representar tanto as divindades romanas quanto as celtas. As imagens antropomórficas são, assim, usadas para marcar tanto uma romanização de inspiração clássica da representação dos deuses celtas, como, através do processo de sincretismo religioso (ele mesmo visto como uma manifestação da romanização provincial), o acolhimento dessas divindades em uma cosmologia greco-romana (WEBSTER, 2001, p. 219)¹⁶.

O resultado desse processo de mistura de representações iconográficas, segundo Webster (2001), é que a religião romano-céltica vem sendo interpretada, já há algum tempo, como um fenômeno neutro de sincretismo, uma vez que não foi imposta às províncias afora. Isso refletiria um desejo espontâneo dos povos politeístas de acomodar os deuses uns dos outros. Esta posição, como relata a autora, foi sendo modificada aos poucos, mas a maioria dos trabalhos ainda carece de um reconhecimento de que o sincretismo religioso e artístico romano-céltico ocorreu dentro de um contexto de dominação.

No entendimento de Webster (2001), os modelos convencionais de romanização não apresentaram uma explicação razoável sobre o surgimento da religião romano-céltica, ao mesmo tempo em que os argumentos nativistas sobre o ‘verniz romano’, que recobre a religião celta, ainda são pouco úteis. Em ambos os casos, a argumentação vai para um plano linear que apaga os efeitos dos contatos culturais, o que, segundo a autora, é um erro:

Considerar a religião romano-celta – ou sua expressão visual – como a religião celta expressa de maneiras não celtas não constitui simplesmente um erro, é também deixar de reconhecer o surgimento não de um sincretismo isento de problemas, mas de uma religião crioula. Mesmo que nos apeguemos à ideia de uma iconografia romano-celta emulativa, não podemos sequer começar a reconhecer a verdadeira natureza da religião e compreender os ícones provinciais em termos de negociação com as crenças e valores romanos (WEBSTER, 2001, p. 219).¹⁷

¹⁶ “Iron Age Celts had a reluctance to construct anthropomorphic images of gods, and it has therefore been assumed that after the conquest Celtic peoples adopted from Rome new gods and a new repertoire of anthropomorphic representation, used to depict both Roman and Celtic deities. Anthropomorphic imagery is thus argued to mark both a classically-inspired Romanization of the representation of the Celtic gods, and, through the process of religious syncretism (itself seen as a manifestation of provincial Romanization), the welcoming of those deities into an accommodating Graeco-Roman cosmology.” (WEBSTER, 2001, p. 219).

¹⁷ “To regard Romano-Celtic religion - or its visual expression - as Celtic religion expressed in non-Celtic ways is not simply an error; it is a failure to recognize the emergence not of a problem-free syncretism, but of a creole religion. While we hold on to the idea of an emulative Romano-Celtic iconography, we cannot begin to recognize the religion's true nature and understand provincial icons in terms of negotiation with Roman beliefs and values” (WEBSTER, 2001, p. 219).

Nos mesmos moldes do trabalho de Webster (2001), pode ser encontrado o trabalho de Witt (2008), sobre a crioulização na Gália Romana, a partir de situações vistas em *Divodurum Mediomatricorum*, nome romano de origem celta usado na Antiguidade para designar a cidade de Metz, que fica hoje na região de Lorena, na França.

A escolha por essa localidade, segundo o autor, deve-se ao fato de não haver evidências de lutas, diferentemente de outras localidades da região Gália. No entendimento de Witt (2008), a experiência do Divodurum “[...] ilustra uma tentativa dos cidadãos da região de se unirem ao Império Romano - um processo ativo de participação e negociação na criação de uma nova identidade que foi derivada de fontes romanas e gaulesas, mas sem a coerção de qualquer uma delas” (WITT, 2008, p. 25, tradução nossa)¹⁸.

Para sustentar a sua explanação, Witt (2008) apresenta a região do Divodurum antes do contato com os romanos. Seguindo algumas evidências arqueológicas e o conhecimento que hoje se tem sobre a arquitetura celta, o autor sugere que a região deva ter tido vários mercados e prédios administrativos cercados por uma série de muralhas que se construía para garantir a segurança da região. A partir do momento em que a área foi dominada pelas legiões romanas, que passaram a se responsabilizar pela segurança de seus aliados, o uso de muralhas e outras medidas defensivas foi tornando-se mais raro, revelando uma mudança de hábito pós-contato.

A presença dos romanos no território mudou decisivamente a arquitetura da localidade, o que pode ser visto nas construções, prédios, basílicas, estradas, templos religiosos, aquedutos e balneários. Esses processos de mudança, segundo Witt (2008), poderiam ser explicados dentro de uma lógica aculturadora de romanização: os celtas do Divodurum abandonam os seus costumes e aderem à expectativa e aos hábitos de Roma.

A explicação pelo viés da crioulização cultural aponta outra leitura das mudanças em Divodurum. Segundo Witt (2008), os processos crioulos da região do Divodurum podem ser interpretados sob duas perspectivas principais: a crioulização na paisagem social e a crioulização na paisagem sacra.

Em relação à paisagem social, Witt (2008), lendo Gregory (2002), sugere que a construção de um fórum, com edifícios administrativos feitos a partir de modelos romanos, deva ter sido

[...] uma tentativa da elite local de adaptar as instituições romanas às expectativas sociais gaulesas preexistentes, ilustradas pelo fato de que esses edifícios foram construídos na terra que os habitantes anteriores usavam para assembleias e práticas rituais. Sabe-se também que esses esforços foram realizados pela elite local porque

¹⁸ “illustrates an attempt by the citizens of the site to join the Roman Empire—an active process of participation and negotiation in the creation of a new identity which was derived from both Roman and Gallic sources, but in which neither culture dominated” (WITT, 2008, p. 25).

todas as inscrições relacionadas ao *fórum* mencionam indivíduos locais (WITT, 2008, p. 44, tradução nossa, grifo do autor)¹⁹.

No que toca à paisagem sacra, Witt (2008) usa o exemplo do Templo de Icovelauna, que, embora tenha sido construído com base em técnicas romanas,

[...] o plano da estrutura ressoa como de estilo celta. Da mesma forma, a prática de depositar moedas dentro de uma bacia cheia de água é de origem celta; Gregory afirma que “as oferendas feitas em uma bacia subterrânea refletem práticas rituais celtas pré-romanas típicas de acordo com as quais as ofertas eram feitas em valas, poços subterrâneos ou fontes de água” (Gregory 2002: 118) (WITT, 2008, p. 45, tradução nossa)²⁰.

Ainda sobre esse templo, Witt (2008) explica que, assim como no caso do fórum, a sua construção foi uma tentativa de combinar expectativas sociais preexistentes com a forma institucional. Assim, há uma instituição céltica (um templo religioso), que seguiu a expectativa romana de como o templo deveria ser construído. O efeito disso, segundo Witt (2008), leitor de Webster (1997), é a continuidade de práticas locais, como a adoração à Icovelauna, deusa céltica, que passou a ser admitida como parte de uma “interpretação romana”, desde que os nativos participassem dos cultos cesarianos.

Note-se que, no caso do Divodurum, não há a continuidade de um modelo puramente romano, tampouco de um modelo puramente celta. O que se apresenta como resultados arquitetônicos é uma mescla de elementos das duas culturas, emergindo uma nova tendência, que serve de evidência material de que houve crioulização cultural nessa região.

Quem também se vale das discussões empreendidas por Webster (2001) é Gomes (2012), no trabalho *Práticas de interpretatio na Lusitânia romana: O caso do Fórum de Conimbriga*. Leitora de Webster (2001), Gomes (2012) retoma as discussões sobre a origem do termo *romanização*, contextualizando histórica e cientificamente. Diz essa autora que, no século XIX, quando o termo foi cunhado,

[...] o conceito de “romanização” se assemelhava em muito ao de “aculturação”, cunhado em 1880 por antropólogos norte-americanos que trabalhavam a cultura dos índios (BURKE, 2010: 44) e usado pela antropologia e sociologia dos anos de 1920 a 1960 (MENDES, 2007a: 2-3) já que as culturas indígenas das províncias, por serem consideradas primitivas em nível cultural, só poderiam ter adotado por completo a

¹⁹ “[...] an attempt by the local elite to adapt Roman institutions to preexisting Gallic social expectations, illustrated by the fact that these buildings were constructed on the land previous inhabitants used for assemblies and ritual practices. We also know these efforts were undertaken by the local elite because all of the inscriptions related to the *forum* mention local individuals” (WITT, 2008, p. 44)

²⁰ “[...] the plan of the structure resonates as Celtic in style. Likewise, the practice of depositing coins within a water filled basin is Celtic in origin; Gregory states that “offerings made into an underground basin reflect typical pre-Roman Celtic ritual practices according to which offerings were made into ditches, underground shafts, or water sources” (Gregory 2002:118)” (WITT, 2008, p. 45).

“alta cultura” dos romanos (MENDES, 2007a: 4). Essas duas concepções estão associadas à imagem da ação imperialista romana formada nesse contexto histórico, que parece mostrá-la de uma forma cêntrica, descritiva e unilateral, que não se preocupa em considerar a presença das comunidades indígenas dominadas e a diversidade das respostas regionais a essa dominação, tratando o Império Romano, então, como uma “entidade política homogênea e estática” (MENDES, 2007b: 27) (GOMES, 2012, p. 17).

Gomes (2012), apesar de ir ao encontro das críticas levantadas por Webster (2001), não é uma entusiasta pelo uso do termo *crioulização* para se referir à expansão civilizatório-cultural empreendida por Roma, como se pode ver no excerto a seguir:

Devido, então, a essas críticas ao modelo dominante de análise das interações sócio-culturais no Império Romano, Webster (2001: 209) sugere o termo “crioulização” (*creolization*) para substituí-lo. Este termo vem sendo utilizado no estudo do contato cultural entre europeus, índios e africanos nas Américas e na formulação de sociedades afro-americanas e afro-caribenhas (WEBSTER, 2001: 210). Ele é usado no campo da linguística para indicar a “fusão” de duas línguas em um só dialeto misto (WEBSTER, 2001: 217), o que para Webster (2001: 209) oferece visões na negociação de identidades pós-coloniais de baixo para cima. No entanto, o termo “crioulização” vem do termo castelhano *criollo* que se refere a indivíduos de etnia branca nascidos nas mais antigas colônias européias e dos de etnia negra nascidos na América, portanto, assim como Webster (1996: 11; 2001: 210) critica o termo “romanização” pelo que o sentido linguístico que apresenta, o termo “crioulização” também não pode ser usado, pois em sua formação etimológica poderia induzir a um anacronismo (GOMES, 2012, p. 25, grifos da autora).

A contribuição do trabalho de Gomes (2012) para a compreensão da diversidade cultural na expansão romana dá-se com o que se chama de *interpretatio* nos contatos entre diferentes práticas culturais nas províncias romanas. No entendimento da autora, a expressão *interpretatio* ajuda a “[...] possibilitar a descoberta da lógica da escolha na seleção de alguns itens e rejeição de outros e a possibilidade de analisar até que ponto os diferentes elementos são fundidos, dando ênfase dessa forma tanto ao agente humano quanto à conjuntura na qual foi criada” (GOMES, 2012, p. 28).

No entendimento de Gomes (2012), a *interpretatio* dá conta das negociações existentes entre romanos e provincianos, dentro de um cenário notadamente assimétrico. Ao escolher esse termo, a autora abdica de outros, como *crioulização* e *sincretismo*. Mesmo com a diferença terminológica, o intuito de Gomes (2012) não é diferente do de Webster (2001): mostrar que a romanização nunca foi um processo puro, uniforme e unidirecional, pois encontram-se muitas resistências por parte das populações provincianas.

O exemplo de *interpretatio* trazido por Gomes (2012) foi visto na cidade de Conimbriga, que se situa na província da Lusitânia,

[...] que foi criada com a divisão da Península Ibérica feita por Augusto quando a Hispânia Citerior se tornou a província Tarraconenses e a Ulterior se dividiu entre Bética e Lusitânia tendo esta última, como capital, a recém-fundada *Emerita Augusta* (atual Mérida, na Espanha) (GOMES, 2012, p. 31, grifos da autora).

A escolha de Conimbriga deu-se pelo fato de ser “[...] uma cidade que nunca teve suas origens indígenas totalmente esquecidas pelos programas urbanísticos augustano e flaviano, deixando perfeitamente reconhecível os traços do urbanismo indígena sob as diversas fases de reordenamento urbanístico” (GOMES, 2012, p. 31).

Ao longo do trabalho, Gomes (2012) analisa as características tanto da religião pré-romana de fundo celta que era difundida no território conimbricense quanto da religião romana que passa a ser difundida pós-conquista. Com isso, a autora visa a compreender a maneira como a *interpretatio* atuou nesse contato entre religiões. A síntese desse contato pode ser sentida nos teônimos das deidades, que não são as romanas, nem as pré-romanas. O estudo mostra como a população provinciana negociou a adequação ao padrão romano, de forma a não abrir mão de características que preservassem o sentimento religioso da população local. Nessa análise empreendida por Gomes (2012), são vistos “[...] resquícios de uma cultura religiosa indígena que se identificou à romana em alguns aspectos e que procurou seus equivalentes a fim de criar novas deidades que protegeriam a terra, seus habitantes e que os iria favorecer em um período de guerra” (GOMES, 2012, p. 100).

Os fatos analisados por Webster (2001), Witt (2008) e Gomes (2012) sugerem que a proposta tradicional de romanização é imprecisa nesses casos, porque o resultado do processo não é exatamente uma adequação ao modelo cultural romano. É difícil, contudo, pensar em um novo termo que dê conta da expansão territorial aconteceu no Império Romano. Acerca disso, cabem as reflexões feitas por Gomes (2012):

[a]pesar do termo “romanização” ainda possuir muitas falhas, nenhum termo parece substituí-lo com precisão, por isso optamos pela utilização do conceito como proposto por Bustamante, Davidson e Mendes (2005: 41), que leva em conta tanto a diversidade cultural quanto a presença romana na formulação da cultura provincial (GOMES, 2012, p. 25).

Com o exposto, é preciso que se entenda que não se trata de deixar de usar o termo *romanização*, até porque, mesmo com toda a pluralidade cultural, social e linguística, as províncias estavam sob o domínio romano. O que cabe fazer é parar de tomar o conceito de romanização como um modelo de aculturação, ou mesmo romantizá-lo, a fim de favorecer uma dada narrativa ou concepção. Nesse novo entendimento de romanização, devem ser colocadas

em pauta as negociações entre romanos e provincianos, toda a violência simbólica envolvida no processo de expansão e todas as assimetrias existentes no cenário romano.

2.8 PARA (RE)PENSAR PROCESSOS CRIoulos NO MUNDO ROMANO

Como dito ao longo desta seção, o movimento de assumir a existência de processos crioulos no desenvolvimento do latim e na expansão do Império Romano ainda é muito pequeno, pois a um modelo aculturador e unilateral como a *romanização* atende aos anseios e crenças de uniformidade e purismo da sociedade europeia.

Crioulizar a Europa não é atividade fácil, pois a construção do argumento crioulista demanda a explicitação de vários pontos de desequilíbrio na história da sociedade romana, o que não tem sido feito amplamente, pois os pesquisadores se voltaram, contundentemente, às evidências deixadas pelos grupos hegemônicos.

A crioulização cultural, conforme Webster (2001) e Witt (2008), acontece em contextos de dominação nos quais nota-se assimetria nas relações entre dominadores e dominados. Nesse sentido, faz-se necessário que os estudos sobre o mundo romano comecem a explorar essas assimetrias e a reinterpretar os contatos.

Uma assimetria visível é aquela delineada pelo regime de escravidão. Sobre esse, Guarinello (2006) explica que

[...] a escravidão ocupa, na historiografia sobre o Império Romano, uma posição ambígua que deriva, a meu ver, do fato de os escravos serem parte importante da sociedade, ao mesmo tempo em que estavam excluídos da comunidade política. Há aqui uma disjunção que a historiografia assimila com dificuldade. Os escravos estavam presentes, reconhece-se, e muitas vezes maciçamente, no mundo da produção, do trabalho, mas parecem não ter exercido nenhuma influência na esfera política e, menos ainda, na cultural (GUARINELLO, 2006, p. 231).

O escravo, em Roma, era fundamental para a garantia de uma série de atividades, desde as mais corriqueiras no convívio social, até aquelas mais impactantes para o desempenho econômico do Império. Mesmo sendo fundamentais para o cenário, os escravos estavam em desigualdade, sobretudo no acesso a uma série de direitos, que vai desde o direito a um nome completo com base no sistema onomástico romano (GASPAR, 2010) até o acesso a espaços de influência política, cultura e educação.

A escravidão romana não pode ser comparada àquela que aconteceu nos países latino-americanos, seja no sentido de como alguém passava pelo processo forçado de tornar-se

escravizado, seja no papel étnico-racial envolvido no processo. Apesar das diferenças, a dominação e a assimetria resultantes existem nos dois casos. A escravidão romana, embora apareça para caracterizar aquela sociedade, tem sido pouco considerada para observar quais foram os legados materiais e imateriais que os escravizados deixaram para a cultura romana.

É dito comumente que a escravidão romana não se baseou em raças ou origens, no que se diferiria do Brasil, por exemplo. Isso faz com que se tenha a ideia de que não havia qualquer tipo de preconceito racial, racismo ou xenofobia em Roma. Na perspectiva dos estudos pós-coloniais, Isaac (2004) e Beard (2009 [2007]) investiram em reanálises desse contexto.

Isaac (2004) defende que, no cenário clássico, embora não se pudesse falar de racismo, pelo menos não nos moldes que se entende hoje, poder-se-ia falar em um proto-racismo. O autor mostra que gregos e romanos, ainda que não tivessem preconceito de cor, tinham um preconceito geográfico.

Esse preconceito geográfico é facilmente notado, quando se toca na relação de gregos e romanos com os povos ditos bárbaros. Mas, o que Isaac (2004) chama de proto-racismo ocorre com a constatação de que tanto gregos quanto romanos entendiam que certas características humanas, vistas em certos grupos étnicos, advinham da inferioridade do ambiente e do clima em que viviam²¹.

Beard (2009) não acata essa reflexão de Isaac (2004) por completo, ainda que reconheça a importância da discussão. A autora ratifica a ideia de que a escravidão romana não se deu por cor de pele ou raça e menciona o caso do imperador Septimius Severus, oriundo da região da moderna Líbia. Há, segundo Beard (2009), uma vasta discussão sobre ele ter sido ou não negro. Embora não haja respostas, considerando as descobertas dos estudos históricos e geográficos sobre o continente africano, é de se sugerir que ele não era tão branco quanto se representou ao longo dos tempos.

As discussões, tanto de Isaac (2004) quanto de Beard (2009), ajudam a reforçar a ideia de que Roma tinha uma população diversificada, do ponto de vista racial e étnico. O que ainda precisa de mais exploração é a forma como se davam as relações multirraciais e multiétnicas e como isso impactava linguisticamente.

A educação em Roma também desenha um cenário assimétrico, como se pode ver com o excerto de Manacorda (2002), que trata da educação na Antiguidade:

²¹ No livro *A Genealogia da Moral*, Friederich Nietzsche (1985 [1887]) menciona uma sátira de Horácio em que se faz menção à negritude ('hic nigerest') de um cidadão. Essa característica física se junta a aspectos de natureza moral, como falar pelas costas de um amigo ausente e não saber guardar segredos. Na sátira, Horácio diz que, com esse tipo de cidadão, os romanos devem tomar cuidado. Isso sugere que algum tipo de racialização ou diferença marcada por raça existia no cotidiano romano.

Historicamente, assim, é exatamente da educação, confiada no interior da “família” à educadores especialistas, aos filhos dos poderosos (do faraó, dos “minos”, do *anax*, do *basileu*, do *pater*) e, em torno dos quais se agregam os filhos de várias famílias eminentes, que surgem as primeiras “escolas públicas”, ou seja, abertas aos jovens de várias famílias que se interessavam, cada vez mais, pela vida pública e se caracterizam por esse conteúdo específico. Essas escolas, com o apoio da divisão do trabalho existente no próprio interior das classes dominantes, aparecem [...] como escola de cultura para os “pensadores de classe”, seus “ideólogos ativos” (MANACORDA, 2002, p. 117).

O acesso à educação pública, como se pode perceber, não era generalizado em Roma. Era um privilégio exclusivo de determinadas classes. Uma consequência dessa divisão é uma taxa de analfabetismo elevada, fato mencionado por Cavichioli (2014). A partir dessas observações, duas linhas de pensamento são, aqui, elaboradas.

A primeira é: se o analfabetismo era alto, e a educação pública era voltada para uma elite, parece óbvio dizer que a apropriação da escrita era um privilégio de poucos cidadãos romanos. Ter essa compreensão em mente ajuda a ressaltar a necessidade de as pesquisas sobre Roma irem além desse tipo de fonte, devendo considerar outros artefatos culturais. As pesquisas em História e Arqueologia já têm feito isso. A Linguística, ao que parece, até em função do seu objeto teórico, vê-se mais refém do registro escrito. Mas é preciso pensar no que não está escrito (PAIXÃO DE SOUSA, 2006) e assumir certos riscos no tratamento da história da língua latina.

A discussão acerca da centralidade dada às fontes escritas é feita também por Garraffoni (2009) e Cavichioli (2014), que refletem sobre as práticas religiosas e sexuais romanas, respectivamente. No que toca às religiões, Garraffoni (2009) menciona que o foco em documentos escritos que só refletem as posições de uma aristocracia romana acaba reforçando um dualismo *cristianismo* e *paganismo* que, certamente, não contempla por completo o cenário religioso de Roma. A esse propósito, a autora sugere que o olho para a cultura material

[...] nos fornece uma maior diversidade de perspectivas e, por isso, aos poucos, tem sido muito analisada pelos estudiosos. Inscrições, templos, jóias, cerâmica, pinturas de paredes, moedas, esculturas, monumentos, cada artefato, em seu contexto, permite interpretar a relação dos romanos de diversas camadas da população com o sagrado. Essa particularidade da cultura material tem multiplicado as possibilidades de entender a religião romana, e os objetos não são mais pensados como meras ilustrações dos textos, mas como artefatos que permitem outras interpretações das relações com o divino (GARRAFFONI, 2009, p. 65).

Em relação às pesquisas sobre a sexualidade romana, Cavichioli (2014) comenta o fato de os elementos iconográficos mostrarem-se como fontes mais democráticas que as escritas, justamente pelo fato de a alfabetização não ser bastante difundida na sociedade romana, o que

faz com que as fontes escritas deem conta apenas de uma visão elitista das práticas sexuais. Nos termos da autora,

[o]s objetos materiais têm grande circulação e os fixos, como uma pintura ou um edifício, poderiam ser vistos por muitas pessoas que não tinham acesso ao mundo letrado, como algumas mulheres, crianças, escravos, estrangeiros. Nesse sentido, as fontes materiais são mais democráticas do que as escritas. A literatura antiga, ao contrário, era escrita por uma elite de letrados em uma sociedade de muitos analfabetos, atingindo, assim, de modo superficial, à grande parte da população. Os textos literários representavam, portanto, na maior parte das vezes, um discurso masculino e elitista. A multiplicidade de sujeitos contemplada pela cultura material fornece-nos tanto informações similares como distintas daquelas encontradas nas fontes escritas. Assim, percebemos que a sociedade romana era heterogênea [...] (CAVICHIOILLI, 2014, p. 166).

A segunda questão que se coloca, face aos aspectos mencionados sobre a educação romana, é de um interesse mais restrito à Linguística. Com a taxa de analfabetismo alta e o acesso limitado à educação e à escrita, é de se imaginar que a aquisição e/ou a aprendizagem de língua latina não tenham acontecido em contexto formal de educação, na maioria dos casos. É provável que, nesses casos, a língua latina tenha sido transmitida em meio a diversas situações de comunicação e contato.

Nesse sentido, os aspectos relativos ao acesso à escrita e à aquisição da língua são interessantes para se pensar a atuação do princípio do uniformitarismo. Hoje, é sabido que o acesso à escrita e o nível de letramento permite caracterizar perfis sociolinguísticos, da mesma forma que se sabe da existência de um período ideal da aquisição da linguagem, assim, é admissível que esses fatores tenham também atuado, de alguma maneira, na caracterização linguístico-heterogênea do espaço romano.

Seja, agora, desenhado um cenário em que: (a) o Império avança para outros continentes; (b) cidadãos romanos entram em contatos com povos de diversas etnias, em contexto de dominação; (c) falantes adultos de variadas línguas pré-indo-europeias, indo-europeias e não indo-europeias aprendem o latim fora do período crítico de aquisição da linguagem e fora de um contexto privilegiado de educação; (d) as sucessivas gerações provincianas adquirirão o latim, com base no que captam de (c).

Diante de tudo isso, como pensar que o latim de uso corrente poderia ser ou manter-se homogêneo? Como acreditar que os povos originalmente não romanos que participaram ativamente da expansão do Império contribuíram somente com tão poucos elementos fonéticos e lexicais para a formação das línguas neolatinas?

Em que se pesem as diferenças contextuais, Lucchesi e Baxter (2009) levantam pontos similares como decisivos para justificar a existência de uma transmissão linguística irregular na história do português brasileiro. Somem-se a isso as questões levantadas por Mattos e Silva (2011) para sugerir possíveis processos crioulos no desenvolvimento das línguas românicas. Todos esses elementos são causas e efeitos de uma história complexa.

Pelas duas vias, a da causa (entorno social) ou a do efeito (a erosão morfológica e outras evidências linguísticas), chega-se a um ponto em que se delimitam pautas urgentes para a Linguística Românica: (i) assumir a relevância dos contatos linguísticos e culturais na formação das línguas românicas e interpretá-los com base em novas ferramentas teórico-linguísticas; (ii) problematizar o conceito de romanização e os seus efeitos linguísticos; (iii) explorar mais significativamente o entorno social, sobretudo de grupos marginalizados, o que pode ser feito com a conexão mais sólida com as pesquisas da História e da Arqueologia.

3 DA LINGUÍSTICA COGNITIVA À LINGUÍSTICA COGNITIVA HISTÓRICA: ASPECTOS TEÓRICO-EPITEMOLÓGICOS E QUESTÕES NORTEADORAS

A Linguística Cognitiva (LC), como observam Almeida *et al* (2009), apresenta-se muito mais como um arquipélago de teorias do que um conjunto teórico uniforme. Há, nessa formulação, vários empreendimentos teóricos com preocupações diferentes, mas todos aproximam-se, por conta de três hipóteses centrais, retomadas por Croft e Cruse (2004, p. 1, tradução minha): (i) “a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma”²²; (ii) “gramática é conceptualização”²³; (iii) “o conhecimento linguístico emerge do uso da língua”²⁴.

A centralidade da semântica é decisiva para as teorias que estão sob o conceito *guarda-chuva* da LC, e isso faz com que esse arquipélago teórico seja recorrentemente resumido e confundido com a Semântica Cognitiva. Alguns autores, no entanto, procuram estabelecer uma diferença entre a Semântica Cognitiva e a Gramática Cognitiva, diferença essa que, como nota Lenz (2013), está mais no plano dos métodos e das finalidades do que dos fundamentos teórico-epistemológicos. Assim, essa distinção tem fins mais didáticos do que propriamente conceituais.

A esse respeito, Lenz (2013) recorre ao texto de Evans *et al* (2007), para explicar que:

[...] a Semântica Cognitiva está preocupada com a natureza da mente, ou seja, com a forma como os conceitos estão estruturados na mente e como construímos o significado (conceitualização). Portanto, os estudos em Semântica Cognitiva voltam-se tanto para a investigação da semântica linguística quanto para a modelagem da mente humana. A Gramática Cognitiva, por outro lado, preocupa-se em modelar o sistema da linguagem (a ‘gramática mental’), e o faz a partir dos resultados obtidos pela Semântica Cognitiva. (LENZ, 2013, p. 36-37).

Com base na leitura de Lenz (2013), pode-se assumir que a Semântica Cognitiva se preocupa com os processos mentais atinentes à compreensão, construção e categorização dos significados, como a metáfora, a metonímia, o ajuste focal, a mesclagem, a contrafactualidade, a analogia etc. Por ser a vertente inaugural da LC, está intimamente relacionada com a hipótese da mente corporificada.

Cabe salientar que a metáfora, a metonímia e os outros processos cognitivos já mencionados são observados tanto por meio de textos verbais quanto não verbais. Dessa forma, gestos e percepções visuais são tão importantes para a análise semântico-cognitiva quanto o

²² “language is not an autonomous cognitive faculty” (CROFT E CRUSE, 2004, p. 1).

²³ “grammar is conceptualization” (CROFT E CRUSE, 2004, p. 1).

²⁴ “knowledge of language emerges from language use” (CROFT E CRUSE, 2004, p. 1).

texto escrito ou falado. Nesse primeiro grupo, incluem-se: a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF E JOHNSON, 1980), Semântica de Frames (FILLMORE, 1982), Teoria dos Protótipos (LAKOFF, 1987), Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), Teoria Contemporânea da Metáfora (LAKOFF, 1993), Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1997), Teoria Neural da Metáfora (LAKOFF, 2008), Teoria da Metáfora Multimodal (FORCEVILLE, 2009), entre outras.

Na Gramática Cognitiva, há uma preocupação também com os processos cognitivos envolvidos na construção de significados. Nesse sentido, essa vertente vale-se de princípios da Semântica Cognitiva. Porém, difere-se dessa quando se volta estritamente à interpretação da matéria linguística – fonologia, morfologia, léxico e sintaxe –, observando como essa gramática organiza-se na mente humana, a partir de representações semânticas esquemáticas e radiais.

A Gramática Cognitiva é assumida como a vertente mais formalista da LC, pelo fato de as análises do núcleo duro das gramáticas das línguas, na história dos estudos linguísticos, terem ficado associados recorrentemente às teorias formais, como o Gerativismo e o Estruturalismo, mesmo o Funcionalismo tendo também dado contribuições substanciais para a descrição das línguas.

A Gramática Cognitiva, então, apresenta-se como uma nova opção teórico-metodológica que enlaça o caráter funcionalista da linguagem, a sua dimensão cognitiva e a materialidade dos dados. A Gramática Cognitiva abrange as seguintes formulações teóricas: Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 2013), Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006), Gramática de Construções Radical (CROFT, 2001), Gramática de Construções Corporificada (BERGEN E CHANG, 2005), Fonologia Cognitiva (VÄLIMAA-BLUM, 2005), Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010), entre outras.

3.1 ABORDAGENS DA SEMÂNTICA COGNITIVA

Nesta subseção, abordam-se os tópicos da chamada Semântica Cognitiva, que tem como principais expoentes George Lakoff, com os seus estudos sobre conceptualização e categorização, e Charles Fillmore, com a abordagem dos frames.

3.1.1 Teoria da metáfora e da metonímia conceptuais

Em 1980, George Lakoff e Mark Johnson publicaram a obra *Metaphors we live by*, que foi traduzida para o português, em 2002, com o título de *Metáforas da vida cotidiana*. Essa publicação é um dos marcos inaugurais da LC e tem como principal hipótese a crença de que

[n]osso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões de intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 45-46).

A respeito desse sistema conceptual ordinário, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) esclarecem que não é costumeiro tomar consciência da sua existência, pois o ser humano age e pensa de uma maneira quase automática, com base em uma série de respostas biológicas e acordos tácitos estabelecidos em sociedade, que ninguém se dedica a analisar como se estruturam na mente humana.

Na visão dos autores, o melhor caminho para observar-se a organização mental dos conhecimentos talvez seja a linguagem, pois, em seu potencial comunicativo, vale-se do sistema conceptual usado para pensar e agir. Buscando uma forma de tornar didática essa visão, os autores, então, mostram como um conceito da vida cotidiana, a DISCUSSÃO, pode ser compreendido em termos de GUERRA, caracterizando a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, que se faz presente no nosso cotidiano, por meio de uma gama de expressões:

Seus argumentos são *indefensáveis*. (Your claims are *indefensible*.)

Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação. (He *attacked every weak points* in my argument.)

Suas críticas foram direto ao alvo. (His criticisms were *right on target*.)

Destruí sua argumentação. (I *demolished* his argument.)

Jamais *ganhei* uma discussão com ele. (I've never *won* an argument with him.)

Você não concorda? Ok, *atire!* / Ok, *ataque!* (You disagree? Okay, *shoot!*)

Se você usar essa *estratégia*, ele vai *esmagá-lo*. (If you use that strategy, he'll *wipe you out*.)

Ele *derrubou* todos os meus argumentos. (He *shot down* all of my arguments.).

(LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 46, grifo dos autores).

Com essas expressões, os autores chamam à atenção para o fato de que as pessoas não só pensam na discussão em termos de guerra, como também organizam e praticam eventos de discussão como simulacros de combates, em que os oponentes são adversários, a pauta é o motivo de a guerra eclodir, e os argumentos são as armas. Pode-se observar isso em duas situações cotidianas: um debate político com presidenciáveis e uma defesa de um trabalho final de um curso.

Para o primeiro exemplo, tome-se a ocasião de um segundo turno de candidatos à presidência da República do Brasil e observe-se a estruturação do cenário, apresentado na Figura 1, que se trata de uma captura do debate promovido pela Rede Globo de Televisão, com a então presidenta Dilma Rousseff e o senador Aécio Neves.

Figura 1 – Organização de um debate político no Brasil



Fonte: Site G1 (2014).

Note-se que o cenário é organizado como se fosse um campo de batalha, com cada adversário de um lado. No mesmo *site* do qual se extraiu a foto, a linha de apoio – ou o “sutiã”, no jargão jornalístico – da notícia tem o seguinte conteúdo “*Confronto* na TV Globo foi o último antes do segundo turno da eleição” (G1, 2014, grifo nosso). Ou seja, claramente, materializa-se a compreensão dos eventos de debates e discussões como confrontos ou batalhas. O mesmo

pode ser dito de uma apresentação de trabalho de final de curso, como se pode ver na Figura 2, a seguir.

Figura 2 – Defesa de tese de doutorado na Universidade Municipal de São Caetano do Sul



Fonte: Site da Universidade São Caetano do Sul (2017).

Na Figura 2, vê-se a defesa de uma tese de doutorado que aconteceu na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Para além da organização estrutural, em que há o doutorando de um lado e a banca, como uma tropa de choque, do outro, seja lembrado que, normalmente, ao se falar desses trabalhos de conclusão de curso, usa-se a palavra “defesa”, o que ratifica a ideia de que esse evento também é visto como um confronto. Se há uma defesa, certamente, há o ataque, o que pode ser visto em realizações como “ele me *destruiu* na banca, porque o meu trabalho era sobre Tribunal Penal Internacional, eu sou *a favor*, ele *contra*” – comentário feito no *blog* Cítrico Cintilante (2010), grifo nosso. Esse dado mostra que, dentro de uma defesa, há o defensor e aqueles que têm o potencial de atacar a argumentação apresentada.

A partir de vários dados, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) argumentam, ao longo da sua obra, que “o sistema conceptual humano é organizado por metáforas” (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 47-48). Nessa *nova* abordagem, metáfora deixa de ser vista como um ornamento do discurso ou uma propriedade da linguagem literária e passa a ser vista como um mecanismo de compreensão humana. A metáfora é tomada em sua basicidade, sendo analisada com sistematicidade, parcialidade e coerência. Os fatos semânticos já não são mais de terrenos inóspitos e perigosos para a análise linguística, como se acreditou, durante muito tempo, na Linguística.

Ao tratarem da coerência metafórica, os autores sinalizam que as nossas compreensões estão intimamente relacionadas com a nossa experiência. Isso pode ser explicado por meio da metáfora TEMPO É DINHEIRO, que instancia expressões como “Você está me fazendo *perder* tempo.”; “Como você *gasta* o seu tempo hoje em dia?” e “*Reserve* algum tempo para o pingue-pongue” (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], grifos dos autores). Lakoff e Johnson explicam que essa compreensão do tempo como dinheiro relaciona-se

[...] à forma pela qual o conceito de trabalho se desenvolveu na cultura ocidental moderna, em que o trabalho é normalmente associado ao tempo que toma, e ele é quantificado com precisão, tornou-se hábito pagar as pessoas pela hora, semana, mês ou ano. (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 51).

As mencionadas metáforas TEMPO É DINHEIRO e DISCUSSÃO É GUERRA são chamadas pelos autores de metáforas estruturais, “[...] casos nos quais um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro” (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 59). Na metáfora TEMPO É DINHEIRO, por exemplo, experiências com o dinheiro são acionadas para compreender-se o conceito de tempo.

Na busca pela sistematicidade estrutural da conceptualização metafórica, os autores lançam mão de dois conceitos-chave: o domínio-alvo e o domínio-fonte. O domínio-alvo é aquele que pretendemos entender. Nos exemplos mencionados, são o tempo e a discussão. O domínio-fonte é aquele que usamos para compreender o domínio-alvo. Nos casos citados, são o dinheiro e a guerra.

Nesse primeiro momento da teoria, há a crença de que há um movimento unidirecional entre esses domínios: da fonte para o alvo. Disso, decorrem outras ideias, como a de que o domínio-fonte é sempre concreto, e o domínio-alvo é sempre abstrato, o que gera outra unidirecionalidade: do concreto para o abstrato, não abrindo possibilidade para outros arranjos, como concreto para concreto, abstrato para concreto ou abstrato para abstrato.

Ainda em *Metáforas da vida cotidiana*, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) chamam à atenção dois outros tipos de metáfora: as orientacionais e as ontológicas. Para os autores: “As metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA. O fato de o conceito FELIZ ser orientado PARA CIMA leva a expressões como ‘Estou me sentindo para cima hoje’” (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 59).

No que toca à coerência, os autores sinalizam que essas orientações metafóricas não são arbitrárias e relacionam-se com a nossa experiência física e cultural. Ainda que oposições, como dentro e fora, cima e baixo, direito e esquerdo, sejam físicas, as culturas diferenciam-se na

maneira em que os significados se constroem com base nessas orientações. Assim, por exemplo, na nossa cultura, o futuro orienta-se para frente, como podemos ver em “Daqui para frente, eu não mais farei isso”, e o passado está para trás, como em “Parece que voltamos à era medieval”, mas há culturas em que o passado que se orienta para frente, pois é aquilo que se consegue ver.

As metáforas ontológicas aparecem na obra de Lakoff e Johnson (2002[1980]), sob o pretexto de que as metáforas orientacionais não conseguem dar conta de todas as compreensões metafóricas. Dizem os autores:

[a] nossa experiência com substâncias e objetos físicos propicia uma outra base para a compreensão – uma base que vai além da simples orientação. Compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme. (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 75).

Esse terceiro grupo de metáforas possui variadas motivações e difere-se dos outros, no que toca à finalidade. Segundo os autores, pode-se encontrar esse tipo de metáfora nas compreensões INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE (ex.: “Precisamos *combater* a inflação”), MENTE É UMA MÁQUINA (ex.: “A minha mente simplesmente não está *funcionando* hoje”) e CAMPOS VISUAIS SÃO RECIPIENTES (ex.: “O navio *está entrando* no meu campo de visão”).

A categoria mais produtiva desse grupo talvez seja a personificação, que ocorre quando objetos físicos e eventos são entendidos como pessoas, como, por exemplo, “O celular está *destruindo* essa geração” ou “A crise *levou* o nosso direito de sonhar”. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) destacam a personificação entre as ontológicas, usando o conceito INFLAÇÃO, a partir de expressões, como “O dólar foi *destruído* pela inflação” e “A inflação *roubou* as minhas economias”. Com esses exemplos, os autores sinalizam que a personificação poderia gerar uma metáfora conceptual como INFLAÇÃO É UMA PESSOA, mas é muito mais do que isso, INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, o que faz com que sejam pensadas várias medidas políticas e econômicas por parte do governo, com o intuito de contê-la, controlá-la ou destruí-la. Asseveram:

A personificação é, pois, uma categoria geral que cobre uma enorme gama de metáforas, cada uma selecionando aspectos diferentes de uma pessoa ou modos diferentes de considerá-la. O que todas têm em comum é o fato de serem extensões de metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, termos esses que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características. Conceber algo tão abstrato como a inflação em termos humanos tem um poder explicativo do tipo que faz sentido para a maior parte das pessoas. Quando estamos sofrendo perdas econômicas substanciais devido a complexos fatores político-econômicos, os quais ninguém realmente compreende, a metáfora INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO nos dá, pelo menos uma

explicação coerente do porquê dessas perdas (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 88-89).

Mesmo que o título do livro refira-se às metáforas vivenciadas no dia-a-dia, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) destacaram outro importante mecanismo cognitivo: a metonímia. Tal como a metáfora, essa deixa de ser vista como um ornamento do discurso, também apresentando sistematicidade, parcialidade – característica principal – e coerência. Nas palavras dos autores, a metonímia:

[...] tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. [...] Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia-a-dia (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 93).

Exemplos de metonímias conceptuais dadas por Lakoff e Johnson (2002[1980], (p. 94-96) são: (i) PARTE PELO TODO (Ponha seu *traseiro* aqui!); (ii) PRODUTOR PELO PRODUTO (Ele comprou um *Ford.*); (iii) OBJETO PELO USUÁRIO (O *saxofone* está resfriado hoje); (iv) CONTROLADOR PELO CONTROLADO (Um *Mercedes* bateu em *mim* por trás.); (v) INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS (Eu não aprovo os atos do *governo.*); (vi) LUGAR PELA INSTITUIÇÃO (*Wall Street* está em pânico.); (vii) LUGAR PELO EVENTO (Não deixemos que a Tailândia se torne um outro *Vietnã.*).

Em todos esses casos, há um foco em aspectos específicos das entidades a que se referem. A focalização é o princípio básico da metonímia. É justamente essa parcialidade fundamental que faz com que a metonímia se relacione com a metáfora, pois, nessa segunda, há também mecanismos de seleção quando se conectam dois domínios da experiência.

Então, pode-se assumir que toda metáfora pressupõe a existência de uma metonímia, e o contrário também parece ser verdadeiro, quando, em alguma medida, na metonímia, também pode-se “[...] conceptualizar uma coisa por sua relação com outra” (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 96). No exemplo dado por Lakoff e Johnson (2002[1980]) – *Ele tem um Picasso em seu gabinete* –, vê-se que a compreensão do que seja *um Picasso* vai além do fato de ser uma obra de arte: “[...] estamos também pensando na relação dessa obra com o artista, isto é, a sua concepção de arte, sua técnica, seu papel na história da arte etc.” (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 96).

Esse entendimento da interdependência entre a metáfora e a metonímia levará à proposta da metaftonímia, de Goossens (2003), para quem a metáfora e a metonímia, mesmo devendo

ser analisadas como processos cognitivos diferentes, não podem ser tomadas como autoexcludentes.

3.1.2 Teoria contemporânea da metáfora

No texto *Contemporary theory of metaphor*, Lakoff (1993) retoma a sua obra de 1980, em parceria com Mark Johnson, mantendo muitos pontos, mas fazendo algumas atualizações. Nesse momento, o autor já havia também publicado o *Women, fire and dangerous things* (1987), em que explorou as questões das categorias e dos protótipos, dos modelos cognitivos idealizados e bases da gramática de construções. Esse novo texto, então, em alguns momentos, valer-se-á, também, de proposições dessa obra de 1987.

Lakoff (1993) começa o texto mencionando que a visão contemporânea da metáfora tem como desafio principal romper com a visão clássica que viria desde Aristóteles e orientou todo o conhecimento ocidental, promovendo dicotomias como “linguagem literal x linguagem metafórica”. Dessa forma, a teoria contemporânea da metáfora desfaz-se de algumas falsas premissas, como:

Toda linguagem convencional cotidiana é literal, nunca metafórica.

Todo conteúdo de uma disciplina deve ser compreendido literalmente, sem metáfora.

Somente a linguagem literal pode ser contingentemente verdadeira ou falsa.

Todas as definições dadas no léxico de uma língua são literais jamais metafóricas.

Os conceitos utilizados na gramática de uma língua são todos literais, nunca metafóricos (LAKOFF, 1993, p. 204, tradução nossa)²⁵.

O autor observa que, embora a clássica distinção entre significado literal e significado metafórico fosse baseada em hipóteses que, mais tarde, provaram ser falsas, é possível fazer algum tipo de distinção para essa dicotomia: “[...] aqueles conceitos que não são compreendidos por metáfora conceptual podem ser chamados de literais.” (LAKOFF, 1993, p. 205, tradução nossa²⁶). Com isso, Lakoff defende que, assim como há muitos conceitos, como causalidade e objetivo, que podem ser compreendidos metaforicamente, há outra variedade que não é

²⁵ “All everyday conventional language is literal, and none is metaphorical.

All subject matter can be comprehended literally, without metaphor.

Only literal language can be contingently true or false.

All definitions given in the lexicon of a language are literal, not metaphorical.

The concepts used in the grammar of a language are all literal; none are metaphorical.” (LAKOFF, 1993, p. 204).

²⁶ “[...] those concepts that are not comprehended via conceptual metaphor might be called literal.” (LAKOFF, 1993, p. 205).

entendida por esse mecanismo. Um exemplo de conceito não metafórico seria “a caneta caiu no chão”. Porém, assim que a compreensão se distancia da experiência física concreta e começa a demandar abstrações e emoções, a compreensão metafórica parece ser a norma.

Nesse novo texto, Lakoff (1993) procura acatar críticas e sugestões feitas ao trabalho inaugural de 1980. Podem ser consideradas as principais contribuições desse texto: (i) a sistematização da diferença entre metáfora conceitual e expressão metafórica; (ii) o esclarecimento do que vem a ser o Princípio de invariância nos mapeamentos metafóricos; e (iii) a discussão sobre herança e hierarquia na estruturação das metáforas.

Uma das críticas que foram feitas ao trabalho de 1980 é o fato de as análises terem centrado-se bastante na evidência lexical. Além disso, foi criticada a correspondência um-para-um entre as compreensões metafóricas e as matérias linguísticas. Por isso, nesse novo trabalho, Lakoff (1993) esclarece que metáforas não são somente expressões linguísticas, estabelecendo uma distinção precisa entre o que vem a ser a metáfora e o que vem a serem as expressões metafóricas. Argumenta:

Se metáforas fossem expressões meramente linguísticas, nós poderíamos esperar diferentes expressões linguísticas para diferentes metáforas. Assim, ‘Nós chegamos a um beco sem saída’ constituiria uma metáfora. ‘Nós não podemos voltar atrás agora’ constituiria outra metáfora, completamente diferente. ‘O casamento está nas ruínas’ envolveria ainda uma metáfora diferente. E assim por diante, para dezenas de exemplos. No entanto, não parece ter dezenas de diferentes metáforas aqui. Nós temos uma metáfora, na qual o amor é conceituado como uma viagem. O mapeamento nos diz exatamente como o amor está sendo conceptualizado como uma viagem. E esta forma unificada de conceptualizar o amor metaforicamente é realizada em muitas expressões linguísticas diferentes. Deve-se notar que os teóricos contemporâneos sobre metáfora comumente usam o termo *metáfora* para se referir ao mapeamento conceitual, e o termo *expressão metafórica* para se referir a uma expressão linguística individual (como beco sem saída), que é sancionada por um mapeamento. (LAKOFF, 1993, p. 209, tradução nossa)²⁷.

Com essa compreensão, o autor passa a estabelecer uma dimensão qualitativo-quantitativa à teoria. Ao invés de cada expressão metafórica ser imediatamente uma instanciação de uma metáfora conceitual distinta, para chegar-se a uma metáfora conceitual, é preciso que haja uma gama de expressões metafóricas que subsidiem essa compreensão.

²⁷ “If metaphors were merely linguistic expressions, we would expect different linguistic expressions to be different metaphors. Thus, ‘We’ve hit a dead-end street’ would constitute one metaphor. ‘We can’t turn back now’ would constitute another, entirely different metaphor. ‘Their marriage is on the rocks’ would involve still a different metaphor. And so on for dozens of examples. Yet we don’t seem to have dozens of different metaphors here. We have one metaphor, in which love is conceptualized as a journey. The mapping tells us precisely how love is being conceptualized as a journey. And this unified way of conceptualizing love metaphorically is realized in many different linguistic expressions. It should be noted that contemporary metaphor theorists commonly use the term metaphor to refer to the conceptual mapping, and the term metaphorical expression to refer to an individual linguistic expression (like dead-end street) that is sanctioned by a mapping.” (LAKOFF, 1993, p. 209).

A segunda contribuição que se destaca nesse trabalho é a discussão sobre o Princípio de Invariância que rege os mapeamentos metafóricos. Lakoff defende que os

[m]apeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva (isto é, a estrutura do esquema imagético) do domínio-fonte, de maneira consistente com a estrutura inerente do domínio-alvo. O que o Princípio de Invariância faz é garantir que, para esquemas de recipientes, interiores serão mapeados para interiores, exteriores para exteriores e fronteiras para fronteiras; por esquemas similares, fontes serão mapeadas em fontes, as metas para metas, trajetórias para trajetórias; e assim por diante. (LAKOFF, 1993, p. 215, tradução nossa)²⁸.

Lakoff (1993) sinaliza que esse princípio de invariância tem sido compreendido equivocadamente, por isso os mapeamentos não devem ser tomados como um processo algorítmico que começa no domínio-fonte e encerra-se na estrutura do domínio-alvo. Isso leva a um entendimento equivocado do Princípio de Invariância, pois supõe-se que, primeiro, toda a estrutura do esquema imagético do domínio-fonte é tomada e, em seguida, copiada para o domínio-alvo, a não ser que haja alguma interferência do domínio-alvo. Não é isso que se quer com esse princípio.

Deve-se compreender o Princípio de Invariância em termos de restrições sobre correspondências fixas. Se observadas as correspondências existentes entre os domínios, ver-se-á o que o Princípio de Invariância detém: (a) os correspondentes interiores de domínio-fonte atingem os interiores do domínio-alvo; (b) os correspondentes exteriores do domínio-fonte atingem exteriores de domínio-alvo etc. O Princípio de Invariância não chega a ser uma ideia nova, apenas procura se certificar do aspecto parcial e coerente do mapeamento metafórico, o que, em parte, já se dizia na teoria de 1980.

As questões relacionadas à herança e à hierarquia na estruturação do mapeamento metafórico também são abordadas nesta nova formulação teórica. Sobre esse tópico, Lakoff (1993) assume que os mapeamentos metafóricos não ocorrem isolados uns dos outros, sendo organizados em estruturas hierárquicas em que mapeamentos menores na hierarquia herdam estruturas dos mapeamentos maiores. Para exemplificar, o autor utiliza uma hierarquia de três níveis. No mais alto da hierarquia, estaria a metáfora estrutural dos eventos, que organiza uma série de compreensões como **EVENTOS SÃO ESPAÇOS, MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS, OBJETIVOS SÃO DESTINOS, OBSTÁCULOS SÃO IMPEDIMENTOS**

²⁸ “Metaphorical mappings preserve the cognitive topology (that is, the image-schema structure) of the source domain, in a way consistent with the inherent structure of the target domain. What the Invariance Principle does is guarantee that, for container schemas, interiors will be mapped onto interiors, exteriors onto exteriors, and boundaries onto boundaries; for path-schemas, sources will be mapped onto sources, goals onto goals, trajectories onto trajectories; and so on” (LAKOFF, 1993, p. 215).

etc. A metáfora do evento molda, por exemplo, a maneira como a vida é conceptualizada no cotidiano. Assim, a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, por estar subordinada hierarquicamente à metáfora A VIDA É UM EVENTO, herda características desse primeiro mapeamento. A respeito disso, Lakoff (1993) explica:

Em nossa cultura, espera-se que a vida tenha um propósito, ou que se tenham objetivos na vida. Na metáfora estrutural do evento, os propósitos são os destinos, e a ação intencional é o movimento autopropelido em direção a um destino. Uma vida obstinada é, ao longo prazo, a atividade proposital, e, portanto, uma viagem. Objetivos na vida são destinos na viagem. [...] Em suma, a metáfora 'A VIDA É UMA VIAGEM' faz uso de toda a estrutura da metáfora estrutural do evento, uma vez que os eventos na vida conceptualizados como propositados são subcasos de eventos em geral (LAKOFF, 1993, p. 223, tradução nossa)²⁹.

É por meio da herança da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM que eventos tidos como significativos na vida humana serão conceptualizados em termos da viagem. Por isso, encontramos metáforas como UMA CARREIRA PROFISSIONAL É UMA VIAGEM ou O AMOR É UMA VIAGEM. Sobre essa segunda compreensão metafórica, Lakoff (1993) esclarece:

[...] a metáfora 'o amor é uma viagem' herda a estrutura da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM. O que é especial sobre a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM é o fato de haver dois amantes, que são viajantes, e o relacionamento amoroso ser conceptualizados como um veículo. O resto do mapeamento é uma consequência de herdar a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, porque os amantes estão no mesmo veículo, eles têm destinos comuns, isto é, objetivos de vida comuns. Dificuldades de relacionamento são impedimentos para a viagem (LAKOFF, 1993, p. 223, tradução nossa)³⁰.

Sobre essa visão hierárquica dos mapeamentos metafóricos, como proposta por Lakoff (1993), cabe dizer que ela está intimamente relacionada ao modelo de categorização que ele defende na sua obra de 1987, da qual se falará em subseção vindoura. Há uma clara visão de superordenação e subordinação nessa estrutura, o que está ligado aos modelos categoriais desenvolvidos no âmbito da LC. Outro fato é que essa compreensão de hierarquia será

²⁹ "In our culture, life is assumed to be purposeful, that is, we are expected to have goals in life. In the Event Structure Metaphor, purposes are destinations and purposeful action is self-propelled motion toward a destination. A purposeful life is a longterm, purposeful activity, and hence a journey. Goals in life are destinations on the journey. [...] In short, the metaphor A PURPOSEFUL LIFE IS A JOURNEY makes use of all the structure of the Event Structure Metaphor, since events in a life conceptualized as purposeful are subcases of events in general." (LAKOFF, 1993, p. 223).

³⁰ "[...] the LOVE IS A JOURNEY metaphor inherits the structure of the LIFE IS A JOURNEY metaphor. What is special about the LOVE IS A JOURNEY metaphor, is that there are two lovers, who are travelers, and that the love relationship is a vehicle. The rest of the mapping is a consequence of inheriting the LIFE IS A JOURNEY metaphor. Because the lovers are in the same vehicle, they have common destinations, that is, common life goals. Relationship difficulties are impediments to travel." (LAKOFF, 1993, p. 223).

substantial também para a compreensão do fenômeno de herança em modelos da Gramática Cognitiva, tais como a Gramática de Construções e a Morfologia Construcional.

3.1.3 Teoria dos Protótipos

Na LC, o que se convencionou chamar de Teoria dos Protótipos está relacionado a um conjunto de propostas sistematizadas por Lakoff (1987), que passa a ser uma das maiores referências dessa vertente de estudo. Entretanto, a respeito dos assuntos sobre os quais essa teoria versa, há uma série de estudos anteriores que vão desde a visão clássica de Aristóteles até pesquisas mais recentes àquela época, como as de Rosch (1973,1978), no âmbito da Psicologia Cognitiva, e a de Labov (1973, 1978), na Sociolinguística.

Os principais tópicos dessa teoria são a dimensão cognitiva da *categorização* e a noção de *prototipicidade*. Sobre a primeira questão, a categorização, é possível ressaltar no trabalho de Lakoff (1987) a importância de abordar o caráter dinâmico, flexível e cultural das categorias, o que o distancia das premissas clássicas de que as categorias são rijas e conceituam-se em termos de condições necessárias e suficientes que cabiam aos seres humanos perceberem, organizarem e nomearem, de maneira arbitrária.

A crença nas condições necessárias e suficientes acompanhou, durante muito tempo, as reflexões sobre a categorização na Linguística, sendo reforçada na Semântica Estrutural, sob duas constatações principais: (i) ser hipônimo de um hiperônimo X significa apresentar um sema ou um conjunto de semas necessários e suficientes, e todos os hipônimos desse hiperônimo devem apresentar esses traços indistintamente; (ii) ser um significado presente no campo semântico/rede semasiológica de um dado item lexical significa apresentar um sema ou um conjunto de semas necessários e suficientes que todos os outros significados devem apresentar.

A categorização, na Teoria dos Protótipos, passa a ser vista como um fenômeno cognitivo necessário para o ser humano, permitindo-lhe organizar as várias experiências no mundo e, em alguns casos específicos, garantir a sua sobrevivência. A respeito da visão da LC para as categorias, Ferrari (2014), leitora de Lakoff (1987), por sua vez leitor de Eleanor Rosch e William Labov, sistematiza da seguinte maneira:

- (i) As categorias não representam divisões arbitrárias de entidades do mundo, mas surgem baseadas em capacidades cognitivas da mente humana.
- (ii) Categorias de cores, formas, mas também organismos e objetos concretos são ancoradas em protótipos conceptualmente salientes.

(iii) As fronteiras das categorias cognitivas são imprecisas, de modo que categorias vizinhas não são separadas por limites rígidos, mas há uma zona de intersecção. (FERRARI, 2014, p. 38-39).

A questão da prototipicidade, ora mencionada no excerto de Ferrari (2014), tem a ver com a saliência de membros dentro de uma categoria e a centralidade que ele exerce na representação esquemática. É a partir de um protótipo que os outros membros das categorias organizam-se, podendo localizar-se mais próximos ou mais periféricos desse protótipo. A Linguística Estrutural não previa isso. Não existia hierarquia entre os hipônimos de um hiperônimo ou entre os significados da rede semasiológica de um dado item léxico.

Essa nova visão reformatará as abordagens clássicas tanto do ponto de vista semasiológico quanto onomasiológico. Em relação às redes semasiológicas, defender-se-á a existência de significados mais prototípicos e outros mais periféricos na descrição da polissemia de um item. Do ponto de vista onomasiológico, haverá membros mais prototípicos e outros mais periféricos no interior das categorias. Agora, não há a obrigação de que todos os membros de uma categoria compartilhem um traço comum ou de um conjunto deles. Perde-se, aqui, a rigidez estruturalista.

Martins (2013), ao tratar da Teoria dos Protótipos, sob a designação *Semântica dos Protótipos*, observa que, embora haja uma centralidade – ou até poderíamos dizer protitipicidade – da investigação linguística, essa não é a única preocupação, o que se constata pela importância do trabalho de Eleanor Rosch, no campo da Psicologia. A evidência da matéria linguística talvez nos dê essa impressão errônea.

Ao tratar das possibilidades investigativas na Semântica dos Protótipos, Martins (2013) aborda duas tendências: uma semasiológica e outra onomasiológica. Esclarece o autor que

[o]s trabalhos inseridos na primeira tendência costumam debruçar-se sobre fenômenos mais gerais das línguas, como a dimensão diacrônica da mudança do sentido lexical (GEERAERTS, 1997), as dimensões sincrônicas e diacrônicas da polissemia (SILVA, 2006), a gramaticalização de itens lexicais (Cf. DUQUE, 2002) e a criação de unidades lexicais, como os neologismos (MARONEZE, 2011).

Já os estudos mais próprios à segunda tendência costumam observar fenômenos semânticos afeitos à significação referencial do léxico, como processos fóricos (anáforas e catáforas), responsáveis pelo estabelecimento de fenômenos semânticos variados: rotulações, associações, sinonímias, paráfrases, hiperonímias, hiponímias, etc. (MARTINS, 2013, p. 111).

A título de sumarização, Martins (2013) ressalta o caráter empírico da Semântica dos Protótipos, em qualquer uma das tendências, pois ambas se valem de *corpora* variados e recortados de acordo com a finalidade de pesquisa. As duas tendências “[...] herdaram da

‘revolução roschiana’ modelos tipológicos em que as categorias de análise são dispostas em *continuum*, de maneira a contemplar dados não descritos por uma única categoria de análise, seja a descrição mais gramatical ou a discursiva.” (MARTINS, 2013, p. 112).

A Teoria dos Protótipos dá-nos uma ferramenta substancial para o estudo da polissemia, sobretudo em sua abordagem diacrônica. A análise de outros fenômenos, como a neologia e a gramaticalização, diacrônicos por natureza, também tem se valido dos estudos da prototipicidade, pois, por meio dela, consegue-se dar um caráter mais dinâmico e processual, menos rígido e abrupto à mudança linguística.

3.1.4 Semântica de frames

Semântica de *frames* é uma proposta iniciada por Charles Fillmore (1982). É um modelo de pesquisa empírica para a semântica que proporciona uma perspectiva diferente para o estudo do significado das palavras. Melhor dizendo: essa teoria permite compreender os princípios atinentes tanto à cunhagem de novas palavras e sintagmas quanto ao surgimento de novos significados em palavras existentes. Nessa visão, o termo *frame* aponta para qualquer sistema de conceitos relacionados em que, para se entender um deles, “[...] é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram” (FILLMORE, 2009 [1982], p. 25). Ao usar a palavra “frame”, a intenção de Fillmore é que,

[...] nesse contexto, a palavra ‘frame’ seja usada como um termo amplo que abarque um conjunto de conceitos conhecidos na literatura sobre compreensão da linguagem natural por diversas denominações, tais como ‘esquema’, ‘script’, ‘cenário’, ‘estruturação ideacional’ [...], ‘modelo cognitivo’, ou ‘teoria do senso comum’ (FILLMORE, 2009 [1982], p. 25-26).

A Semântica de *Frames* que é apresentada em Fillmore (2009[1982]) é veemente opositiva às perspectivas formalistas da Semântica, pois não assume a visão composicional do significado³¹. Outra característica interessante da Semântica de *Frames* é a concepção de texto da qual lança mão, uma vez que se assume o

[...] texto não como um registro de ‘pequenos significados’ que deixam a seu intérprete a tarefa de combiná-los em um ‘significado maior’ (o significado do texto que os contém), mas, em vez disso, como um registro das ferramentas que alguém utilizou para realizar uma determinada atividade (FILLMORE, 2009 [1982], p. 26).

³¹ Dentro dos estudos da LC, talvez seja o primeiro momento em que se fala de não composicionalidade do significado, pelo menos nesses termos.

Essa concepção de texto terá impacto não só para os estudos da LC, mas em todas as áreas que se dedicam à investigação do texto e do discurso, dentro de uma abordagem sociocognitiva.

A tentativa de propor uma semântica de *frames* começou quando Fillmore ainda estava inserido no paradigma gerativista, em meados da década de 1970. Pelo fato de o Gerativismo clássico não ter dado à semântica um espaço de discussões profícuas, a primeira análise dos *frames* deu-se em torno de categorias sintáticas, mais especificamente os casos. No primeiro trabalho, Fillmore analisou os *frames* de casos dos verbos *culpar*, *acusar* e *criticar*, usando a sintaxe dos casos, as noções de papéis temáticos e as cenas que cada um desses verbos aciona. Em 1982, o autor entende que a Semântica de *Frames* é um modelo ainda em desenvolvimento,

[...] que considera que palavras e outras formas e categorias linguísticas indexam categorias semânticas ou cognitivas, as quais, por sua vez, são reconhecidas como participantes de algum tipo de estrutura conceitual maior. Tudo isso se torna compreensível por meio de algum conhecimento – entendido em termos de protótipos – sobre os tipos de ambientes ou de contextos através dos quais uma comunidade considerou necessário disponibilizar tais categorias aos seus participantes; sobre os antecedentes de práticas e de experiências que propiciaram o surgimento dos contextos; e sobre as próprias categorias, contextos e circunstâncias. (FILLMORE, 2009[1982], p. 34).

Há muitas formas de analisar os *frames* e como eles são evocados na interpretação dos dados linguísticos. Diante disso, Fillmore (2009 [1982]) distingue dois caminhos substanciais:

[...] por um lado, temos casos em que o material lexical e gramatical observável no texto ‘evoca’ os frames existentes na mente do intérprete em virtude do fato de essas formas lexicais ou essas estruturas ou categorias gramaticais existirem como índices desses frames; por outro lado, temos aqueles casos em que o intérprete atribui coerência a um texto ‘invocando’ um determinado frame interpretativo. Uma diferença extremamente importante entre os frames que são evocados pelo conteúdo do texto e os frames que são invocados pelo intérprete é que, nesse último caso, ‘alguém de fora’ não teria razões para suspeitar, além de um senso geral de irrelevância ou de redundância no texto, que algo esteja faltando. (FILLMORE, 2009 [1982], p. 39).

Esse conjunto de observações relaciona-se, em alguma medida, com várias hipóteses que a LC já havia assumido, por meio de Lakoff e Johnson (1980), por exemplo, ou que viria a assumir nos anos seguintes, como: (i) a indexação obrigatória entre forma e sentido; (ii) a forma é uma pista para o entendimento dos mecanismos de compreensão humana (iii) a conexão entre o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico; (iv) o propósito de uma abordagem linguística centrada no uso.

A proposta de Fillmore (2009 [1982]) permitiu um grande avanço nos estudos do léxico no âmbito da LC. Pode-se dizer que cooperou com o desenvolvimento das descrições gramaticais na teoria, ao criar um método empírico, realmente pautado nos dados linguísticos, extraídos de situações reais, o que ratifica o seu empirismo e o seu comprometimento com o uso. Isso fica claro quando apresenta sete tópicos sobre significado lexical e interpretação de textos, com base na perspectiva dos *frames*.

No tópico “Polissemia originada pelo ‘enquadramento’ alternativo de um mesmo item lexical”, o autor entende que a polissemia decorre do adequado ajuste de um mesmo item lexical a dois *frames* diferentes. Ele mostra isso com a palavra *ângulo*, usada tanto na linguagem cotidiana ordinária quanto na linguagem técnica, ativando ora um *frame* perceptivo, ora um *frame* processual.

Em “‘Enquadramentos’ alternativos de uma mesma situação”, o autor reflete sobre os casos em que um mesmo fato pode ser apresentado a partir de percepções diferentes, sugerindo que esses fatos sejam aparentemente diferentes um do outro. Um exemplo dado pelo autor seria o caso em que

[...] alguém que demonstre má vontade em dar dinheiro pode ser descrito por uma pessoa como *stingy* (caso em que o comportamento é contrastado com o de ser *generous*), e pode ser descrito por outra pessoa como *thrifty* (caso em que o contraste se faz com *wasteful*). O falante que aplica o contraste *stingy: generous* [mesquinho: generoso] a um certo comportamento considera que esse comportamento deva ser avaliado com relação ao tratamento que o indivíduo que age desse modo dispensa a seus semelhantes; enquanto que o falante que avalia esse comportamento aplicando o contraste *thrifty: wasteful* [econômico: esbanjador] considera que é mais importante medir a habilidade ou a sabedoria que alguém demonstra no uso do dinheiro ou de outros recursos. (FILLMORE, 2009 [1982], p. 40).

A discussão do tópico “‘Contraste dentro de frames’ *versus* ‘contraste entre frames’” decorre da discussão do tópico anterior. Dessa forma, se uma mesma cena pode ser enquadrada de duas maneiras diferentes, há duas formas de apresentar negação ou oposição. Para explicar, o autor utiliza o mesmo exemplo anterior:

Usando os contrastes introduzidos no último parágrafo, se me refiro a alguém dizendo ‘He’s not stingy – he’s really generous’, estou aceitando a escala escolhida para avaliar essa pessoa e informo que, na minha opinião, a aplicação dessa escala está equivocada. Se, por outro lado, eu disser ‘He’s not stingy – he’s thrifty’, estarei propondo que o comportamento em questão não deva ser avaliado em termos da dimensão *stingy: wasteful*. No primeiro caso, argumentei em favor de certo padrão na aplicação de uma escala aceita; no segundo caso minha elocução defende a irrelevância de uma escala e a adequação de outra. (FILLMORE, 2009 [1982], p. 40-41).

Em “Criação de sentido lexical através do empréstimo de *frames*”, o autor menciona os casos em que um falante deseja falar sobre algo que ainda não tenha estabelecido um *frame* ideal, ou mesmo quando quer apresentar uma nova possibilidade de compreensão de um dado tópico. Muitas vezes, para cumprir esses feitos, o falante utiliza os *frames* cognitivos relacionados à outra experiência. Observa Fillmore (2009 [1982]) que “[...] alguns novos sentidos lexicais podem ser melhor entendidos se sua origem for pensada desse modo”. Esse mecanismo assemelha-se ao que acontece nas metáforas conceptuais. Fazer essa transferência de experiências, às vezes, é a única forma de sermos compreendidos.

No tópico “‘Reenquadramento’ de um conjunto lexical”, Fillmore (2009 [1982]) comenta que muitos processos de mudança semântica seriam mais bem explicados, caso fosse adotada, para a análise do fenômeno, a perspectiva dos *frames*. O autor exemplifica com os casos de contrastes das formas *boy* e *man* com *girl* e *woman*, no inglês. Com base no padrão de uso que tem em mente, Fillmore (2009 [1982]) menciona que as pessoas do sexo masculino – inicialmente *boy* – pareciam ser categorizadas como *man* mais precocemente que as do sexo feminino – inicialmente *girl* – são categorizadas como *woman*.

Segundo Fillmore (2009 [1982]), quando se constatou isso, muitas pessoas que estavam ligadas às questões de gênero acreditavam que esse uso revelava atitudes linguísticas com as mulheres, e isso precisava ser corrigido. Diante desse cenário, alguns falantes procuraram corrigir a maneira como se estabelecia a idade de transição entre as categorias, de forma que não se fizesse nenhuma distinção de gênero. Nesse caso, houve uma mudança semântica, mas ela não pode ser explicada somente em termos de mudança de significado lexical *stricto sensu*, nem mesmo somente em termos de uma mudança de realidade, visto que as pessoas continuam envelhecendo da mesma maneira. O que é preciso pensar é que houve uma mudança nos *frames* que esquematizam essas categorias, para alguns falantes.

No sexto tópico, “Relexicalização de *frames* inalterados”, Fillmore (2009 [1982]) descreve um segundo tipo de mudança semântica. Agora, observa-se uma mudança na relação entre as palavras e os *frames*, mas isso não se verifica na esquematização subjacente. A explicação é feita com base nos mesmos pares *boy* e *man* e *girl* e *woman* do tópico anterior:

No curto prazo, talvez seja mais fácil lidar com os esforços para responder às novas sensibilidades sociais referentes às relações entre linguagem e atitudes se isso não exigir algo tão profundamente cognitivo quanto uma reesquematização de domínio. Uma regra básica e superficial para fazer surgir a aparência de uma conscientização maior no âmbito da linguagem e do sexismo é um princípio mecânico como ‘Quando estiver inclinado a dizer *girl*, eu devo, em vez disso, dizer *woman*’. Alguém que adote essa regra pode verificar que, na maioria dos casos, ela funciona muito bem; porém, às vezes, essa pessoa pode perceber que está presa a uma certa situação – como

aconteceu com um conhecido meu – ao falar de pessoas muito jovens do sexo feminino. Por diversas vezes, ele se viu usando a palavra *woman* para se referir a uma menina de oito anos. O fato de esse amigo nunca usar acidentalmente a palavra *man* para se referir a um menino de oito anos demonstra que a mudança em questão não é uma reesquematização do tipo das mudanças que discutimos no parágrafo anterior. (FILLMORE, 2009 [1982], p. 42).

No último tópico, “Falhas de comunicação ocasionadas por conflito de *frames*”, o autor usa um exemplo do Direito, por meio das palavras “innocent” (inocente) e “guilty” (culpado). Existe uma oposição entre essas duas palavras tanto na linguagem comum quanto na jurídica. Porém, a maneira como estabelecem essa oposição é diferente, porque são acionados *frames* diferentes:

Na linguagem comum, a diferença depende do fato de o indivíduo em questão ter ou não cometido o crime em questão. Na linguagem jurídica, ao contrário, a diferença depende do fato de o indivíduo em questão ter ou não ter sido formalmente declarado culpado por um tribunal como resultado de uma ação legal dentro do sistema de justiça criminal. Tal disparidade de esquematização é responsável pela ocorrência frequente de mal-entendidos no uso dessas palavras (FILLMORE, 2009 [1982], p. 43).

Com base em tudo que fora mencionado, pode-se assumir como um contributo da Semântica de *Frames* o uso da perspectivização de maneira massiva. Todo o trabalho dessa teoria está relacionado às percepções, às várias maneiras de observar uma mesma cena e às várias experiências que as pessoas podem ter com um mesmo conceito.

3.2 ABORDAGENS DA GRAMÁTICA COGNITIVA

Nesta subseção, abordam-se os tópicos da chamada Gramática Cognitiva, que tem como principais expoentes Ronald Langacker, com a sua proposta inaugural de uma gramática semanticamente motivada, e Adele Goldberg, com a consagração dos modelos construcionais.

3.2.1 Gramática Cognitiva: a primeira proposta

A primeira proposta de uma gramática cognitiva aparece com o trabalho de Langacker (1987), intitulado *Foundations of cognitive Grammar*. Nesse trabalho, o autor defende a gramática como um produto da cognição e da interação social. Dessa forma, o modelo aproxima-se tanto da Gramática Gerativa, no sentido de gramática ser cognição, quanto do Funcionalismo, pois ela é também fruto da interação social.

No contexto de surgimento da proposta da Gramática Cognitiva, os estudos gramaticais/sintáticos viviam uma hegemonia dos empreendimentos formalistas, nomeadamente o gerativista. Langacker (1987) opõe-se veemente à ideia de a gramática ser um sistema de regras rígidas, como acontece no Gerativismo e nas abordagens estruturais do léxico. O autor entende que retratar a gramática como um sistema puramente formal e autônomo é um erro, pois a gramática é significação. Porém, lembra o autor que essa visão só faz sentido para um modelo teórico em que há uma abordagem apropriada do significado, como na Semântica Cognitiva, em que

[...] o significado é identificado como uma conceptualização que se associa às expressões linguísticas. Isso pode parecer óbvio, mas é contrário à visão padrão. Uma visão conceptual do significado geralmente é rejeitada por ser tida como isolada tanto do mundo como de outras mentes, ou ainda, por ser tida como não empírica e não confiável. Essas objeções são infundadas. Embora seja um fenômeno mental, a conceptualização é fundamentada na realidade física: consiste na atividade do cérebro, que funciona como parte integrante do corpo, que funciona como parte integrante do mundo. Os significados linguísticos também são fundamentados na interação social, sendo negociados por interlocutores com base na avaliação mútua de seus conhecimentos, pensamentos e intenções. Como um alvo de análise, a conceptualização é evasiva e desafiadora, mas não é misteriosa ou além do alcance da pesquisa científica. A semântica cognitiva fornece uma variedade de ferramentas que permitem descrições precisas e explícitas de aspectos essenciais da estrutura conceitual. (LANGACKER, 2013, p. 4, tradução nossa)³².

A abordagem empreendida pela Gramática Cognitiva, como ressalta Langacker (2013), permite chegar a importantes conclusões acerca da relação entre o significado linguístico e a cognição humana. Nessa abordagem da gramática, a compreensão do significado de uma expressão depende de fatores que vão além da situação descrita, o que inclui conhecimentos e apreensão do contexto físico, social e linguístico. Cabe ressaltar que essa compreensão da expressão linguística subjaz interpretações particulares, refletindo apenas uma das inúmeras maneiras de conceber e retratar a situação em questão, e podemos observar isso quando habilidades imaginativas entram em cena. Fenômenos como metáfora, metonímia e referências

³² “[...] meaning is identified as the conceptualization associated with linguistic expressions. This may seem obvious, but in fact it runs counter to standard doctrine. A conceptual view of meaning is usually rejected either as being insular — entailing isolation from the world as well as from other minds — or else as being nonempirical and unscientific. These objections are unfounded. Though it is a mental phenomenon, conceptualization is grounded in physical reality: it consists in activity of the brain, which functions as an integral part of the body, which functions as an integral part of the world. Linguistic meanings are also grounded in social interaction, being negotiated by interlocutors based on mutual assessment of their knowledge, thoughts, and intentions. As a target of analysis, conceptualization is elusive and challenging, but it is not mysterious or beyond the scope of scientific inquiry. Cognitive semantics provides an array of tools allowing precise, explicit descriptions for essential aspects of conceptual structure. These descriptions are based on linguistic evidence and potentially subject to empirical verification.” (LANGACKER, 2013, p. 4).

a entidades virtuais ajudam a exemplificar a diversidade de construções mentais que formam o mundo em que vivemos e de que falamos.

No modelo gramático-cognitivo proposto por Langacker (2013), estruturas gramaticais são automaticamente significativas. Aqui, a perspectiva de traços na análise semântica é rejeitada, dando lugar a estruturas de predicacões que remetem a variados domínios da experiência humana, o que inclui “[...] experiências perceptuais, conceitos, complexos conceptuais e sistemas elaborados de conhecimento. A descrição semântica de uma expressão, portanto, parte de uma concepção integrada de abrangência complexa e, possivelmente, enciclopédica.” (FERRARI, 2014, p. 59).

Mais uma vez, no âmbito da LC, rejeitam-se a visão modular da mente – em que o módulo da linguagem seria autônomo e separado de outros sistemas da cognição humana – e a divisão entre significado linguístico e significado enciclopédico. Em uma sentença como “O juiz bateu o martelo”, não está em jogo somente a grade argumental e temática do verbo “bater” que seleciona um agente e um paciente. Entram em jogo, também, a compreensão do que seja um juiz e o conhecimento do significado da batida do martelo na cena de um julgamento. Um segundo exemplo, talvez mais simples, está em uma sentença como “O professor copiou o exercício na lousa”: toda a cena da sala de aula emerge na projeção desse domínio da experiência.

Ferrari (2014), leitora de Langacker (1987), explica que, nesse modelo, defende-se que “[...] a caracterização completa de uma estrutura semântica deve incorporar uma descrição igualmente detalhada de seu domínio e, em última análise, de toda a hierarquia de concepções mais fundamentais das quais a estrutura semântica em questão depende.” (FERRARI, 2014, p. 59-60). Isso leva-os a conceituar as estruturas predicativas em mais de um domínio de especificação, havendo uma organização hierárquica definida como domínio matriz. Langacker (2013) informa que, por esse conceito, deve-se entender o conjunto de domínios acionados por uma expressão:

Normalmente, há vários domínios, caso em que o domínio matriz é considerado complexo. Ao descrever o domínio matriz de uma expressão, não é suficiente apenas listar os domínios constitutivos. Como eles se relacionam um com o outro, e como eles são acessados mentalmente, são uma dimensão importante do significado linguístico. (LANGACKER, 2013, p. 47, tradução nossa).

Para ilustrar a estruturação dos domínios, Langacker (2013) utiliza o item léxico *glass* (copo). Aqui, será utilizado também o exemplo de Ferrari (2014) com o item *cotovelo*, para que

se mostrem as diferenças na representação dos domínios. A seguir, estão alguns domínios que figuram na caracterização conceitual de “copo”, na visão de Langacker (2013):

1. Espaço [domínio básico].
2. Forma [geralmente a de um cilindro fechado em uma extremidade]. Este domínio não básico pressupõe espaço, como o domínio em que uma concepção de forma se manifesta.
3. Orientação típica no espaço [dimensão longa alinhada ao longo do eixo vertical, com a extremidade fechada na parte inferior]. Entre os outros domínios, isso incorpora espaço, verticalidade e a concepção da forma.
4. Função 1 [recipiente para líquido]. Isso pressupõe a orientação típica, o conceito de líquido e o de um recipiente (que, por sua vez, incorpora noções como inclusão espacial, movimento potencial, força e constância através do tempo).
5. Função 2 [importância no processo de beber]. Isso incorpora a função 1, bem como a concepção do corpo humano, de agarramento, movimento com o braço, ingestão, etc.
6. Material [geralmente a substância vidro].
7. Tamanho [facilmente mantido em uma mão].
8. Outros [domínios relativos ao custo, lavagem, armazenamento, queda e quebra, posição na mesa na hora da refeição, conjuntos de correspondência, método de fabricação e assim por diante]. (LANGACKER, 2013, p. 47, tradução nossa)³³.

O exemplo com o “copo” mostra que, em vez de serem disjuntos, os vários domínios dentro de um domínio matriz, muitas vezes, sobrepõem-se e incluem um ao outro. Uma tentativa de representar a hierarquia dos conceitos está na Figura 3, em que domínios são mostrados como elipses. O círculo central, com a linha mais grossa, tem função em todos os domínios do domínio matriz.

³³ “1. Space [a basic domain].

2. Shape [roughly that of a cylinder, closed at one end]. This nonbasic domain presupposes space, as the domain in which a shape conception is manifested.

3. Typical orientation in space [long dimension aligned along the vertical axis, with the closed end at the bottom]. Among the other domains this incorporates are space, verticality, and the shape conception.

4. Function 1 [container for liquid]. This presupposes the typical orientation, the concept of a liquid, and that of a container (which in turn incorporates such notions as spatial inclusion, potential motion, force, and constancy through time).

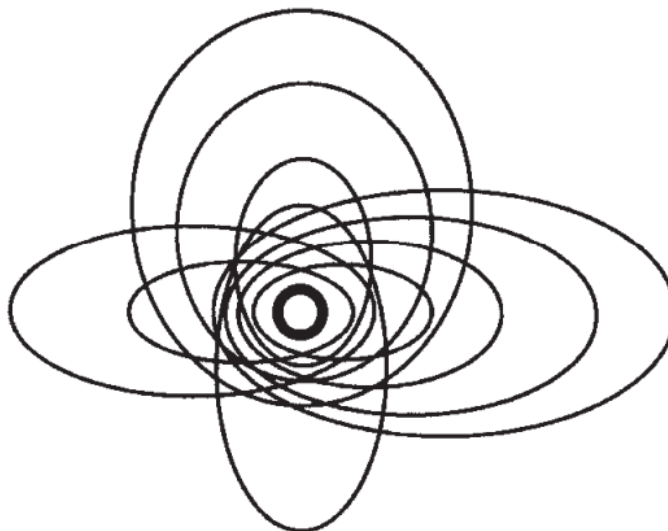
5. Function 2 [role in the process of drinking]. This incorporates function 1, as well as the conception of the human body, of grasping, motion with the arm, ingestion, etc.

6. Material [usually the substance glass].

7. Size [easily held in one hand].

8. Others [domains pertaining to cost, washing, storage, dropping and breaking, position on a table at mealtime, matching sets, method of manufacture, and so on].” (LANGACKER, 2013, p. 47).

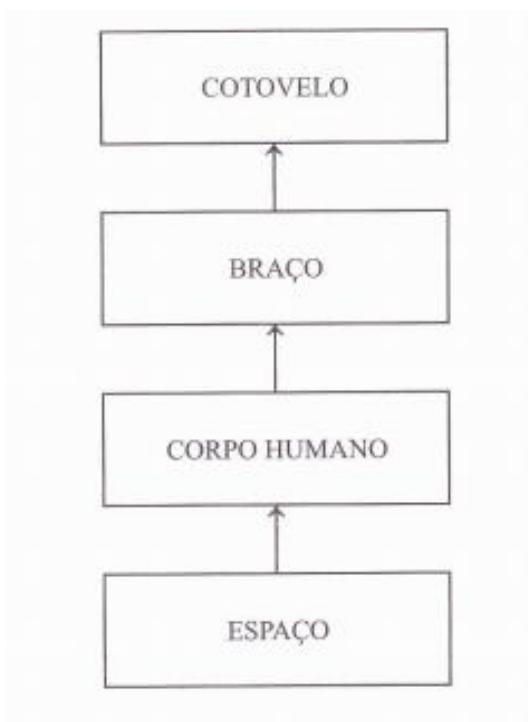
Figura 3 – Hierarquia da complexidade semântica da expressão GLASS/COPO



Fonte: Langacker (2013, p. 48).

Essa representação do domínio-matriz que se vê em Langacker (2013) é diferente da que se vê em Ferrari (2014), que propõe uma organização mais linear e rija. Veja-se, na Figura 4, a reprodução do esquema de domínios que trata da expressão “cotovelo”.

Figura 4 – Hierarquia da complexidade semântica da expressão COTOVELO



Fonte: Ferrari (2014, p. 60).

Como explica Ferrari (2014), nessa representação, o significado de “cotovelo” depende do conceito de “braço” que, por sua vez, é representado em termos do “corpo humano”, e esse, por último, entendido no domínio do “espaço”. Com referência a isso, a autora argumenta:

Obviamente, essas especificações não têm o mesmo *status*. Há diferenças quanto à centralidade, refletidas em diferentes probabilidades de ativação de determinada dimensão em um contexto específico. Por exemplo, enquanto o significado de *cotovelo* em ‘Ele está com o cotovelo machucado e não pode jogar vôlei’ prioriza o domínio BRAÇO, na sentença ‘O desportista está com as articulações perfeitas, inclusive o cotovelo’, *cotovelo* vai ativar simultaneamente os domínios BRAÇO e CORPO HUMANO. (FERRARI, 2014, p. 60, grifo da autora).

Ao que parece, a representação hierárquica dos domínios, vista em Ferrari (2014) como uma releitura de Langacker (1987), mostra um momento da história da LC em que métodos lineares, descrição e análise são bastante usuais. Assim foi com a unidirecionalidade das projeções metafóricas, em Lakoff e Johnson (1980), e com a representação monocentral do protótipo em Lakoff (1987). À medida que a LC foi se aprimorando e adentrando questões mais complexas da linguagem, o seu método descritivo passou a apresentar novas possibilidades.

Ainda que os modelos de representação tenham sido revistos, a partir dos propostos em Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987) e Langacker (1987), os princípios de análise continuam inalterados. Assim, as ideias de um sistema conceptual preponderantemente metafórico, de gramática semanticamente motivada e de organização por modelos prototípicos continuam existindo na LC.

Além do detalhamento dos domínios, Langacker (1987) enumera outros passos para a compreensão do significado das expressões linguísticas. Um desses é o reconhecimento da imagética convencional, que “[...] refere-se à capacidade de estruturar o conteúdo de modos alternativos” (FERRARI, 2014, p. 61). Serão explicadas, com base, em Langacker (2013), as seguintes dimensões interpretativas: especificidade (*specificity*), focalização (*focusing*), proeminência (*prominence*) e perspectiva (*perspective*).

A especificidade, segundo Langacker (2013), tem a ver com o nível de precisão e detalhe com o qual uma situação é caracterizada semanticamente. Por exemplo, “tia” é mais específico que “parente”, da mesma maneira que “ratazana” é mais específico que “roedor”. Essa noção de especificidade está relacionada à categorização, com as categorias subordinadas, ordenadas e superordenadas. Outros nomes para esse processo de especificação são granularidade e resolução:

Uma expressão altamente específica descreve uma situação com ricos detalhes, com alta resolução. Com expressões de menor especificidade, estamos limitados a

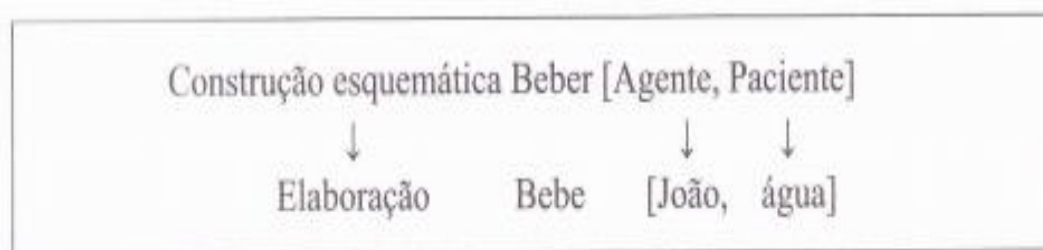
descrições de pequenos detalhes cuja baixa resolução revela apenas características brutas e organização global. (LANGACKER, 2013, p. 55, tradução nossa)³⁴.

Mesmo a especificidade mostrando-se mais evidente na relação entre itens léxicos substantivais, ela acontece também entre verbos de ação. Um exemplo trazido por Ferrari (2014) é o de fazer → cozinhar → fritar, em que, da esquerda para a direita, as ações estão organizadas em ordem crescente quanto ao seu nível de especificidade. Assim, *Maria está fazendo algo na cozinha* é menos específico que *Maria está cozinhando*, que, por sua vez, é menos específico que *Maria está fritando pastéis*.

O contrário da especificidade, segundo Langacker (2013), é a esquematicidade. Assim, “parente” é esquemático em relação a “tia”, e “roedor” é mais esquemático em relação a “ratazana”. Uma caracterização esquemática reúne um número indefinido de caracterizações mais específicas. Com base nos exemplos de Langacker, pode-se dizer que uma caracterização esquemática de “roedor” agrega roedores de vários tipos, como ratos de laboratório, ratazanas, capivaras, castores, esquilos etc. Assim, o esquema “roedor” instancia qualquer um desses roedores mencionados.

Os processos de esquematização são também fundamentais para as descrições gramaticais³⁵, como bem observa Ferrari (2014). A autora usa o verbo “beber”, cuja cena aciona dois participantes, um agente e um paciente. Assim, em ‘João bebe água’, temos o agente (João) e o paciente (água). Essa elaboração é esquematizada na Figura 5.

Figura 5 – Representação esquemática e elaboração com “beber”



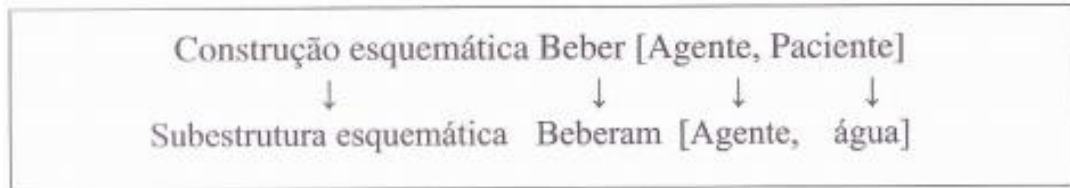
Fonte: Ferrari (2014, p. 62).

³⁴ “A highly specific expression describes a situation infine-grained detail, with high resolution. With expressions of lesser specificity, we are limited to coarse-grained descriptions whose low resolution reveals only gross features and global organization.” (LANGACKER, 2013, p. 55).

³⁵ A ideia de esquematicidade é aproveitada também nos modelos construcionais, como o de Goldberg (1995, 2006, 2013) e o de Booij (2005, 2010), dos quais falarei logo a seguir.

A representação esquemática da Figura 5 permite que todos os participantes da cena sejam elaborados/manifestados. Porém, como Ferrari (2014) menciona, há casos como ‘Beberam água’, em que apenas um dos elementos é elaborado. Mesmo com essa não especificação do agente, sabemos que ele existe. Essa compreensão permite que seja elaborada uma subestrutura esquemática, como pode-se ver na Figura 6.

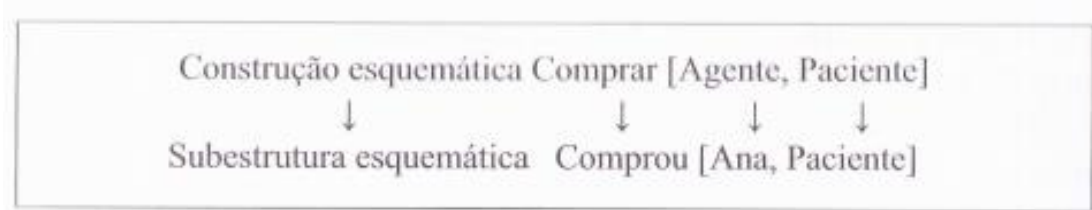
Figura 6 – Representação esquemática e elaboração parcial com “beber”



Fonte: Ferrari (2014, p. 62).

Em outros contextos, Ferrari (2014) observa que pode haver apenas a manifestação do agente, como em ‘Ana comprou muito’. Sabemos que ela comprou algo, mas não especifica o quê. A representação esquemática de comprar está reproduzida na Figura 7.

Figura 7– Representação esquemática e elaboração com “comprar”



Fonte: Ferrari (2014, p. 63).

A respeito dos casos instanciáveis por uma esquematização como a da Figura 7, Ferrari (2014) observa que

[e]sses casos tornam-se particularmente interessantes em português quando são instanciados por um conjunto de verbos que admitem objetos culturalmente desprestigiados. São as chamadas *construções de objeto interdito*, como ‘Pedro bebe’ ou ‘José cheira’. Construções desse tipo desencadeiam a inferência de interdição do paciente. Este, portanto, não deve ser mencionado. No caso de ‘Pedro bebe’, os falantes sabem que o líquido ingerido por Pedro deve pertencer à categoria das bebidas alcoólicas. Do mesmo modo, ao se ouvir uma sentença como ‘José cheira’, normalmente não se imagina que o objeto olfativo é uma flor. Os falantes da língua sabem que esse objeto está na categoria de produtos interditos passíveis de serem cheirados, como as drogas ilícitas. (FERRARI, 2014, p. 63, grifo da autora).

Sobre a focalização, Langacker explica que esse aspecto diz respeito tanto à seleção de conteúdo conceptual para a representação linguística quanto à organização do que pode ser amplamente descrito em termos de figura e fundo. A visão enciclopédica do significado lexical ilustra ambos os aspectos da focalização.

Um item lexical fornece acesso direto a um inventário de domínios cognitivos que representam uma seleção de conteúdo conceptual e que se organizam em termos de prototipicidade e periferia. Os domínios centrais estão em primeiro plano (figura), por serem mais acessíveis, ao passo que os outros são periféricos (fundo). A focalização torna-se mais evidente quando se observa como um dado item léxico é compreendido em um dado contexto de uso. Em um evento linguístico, apenas um número limitado pode ser ativado. Isso é um tipo de seleção. A focalização está relacionada a determinados objetivos, dimensões da estrutura e níveis de organização.

Para tornar mais evidente como funciona a focalização, seja usado de um exemplo de Castro da Silva (2012)³⁶, que se apoiou em Langacker (1987) e no estudo de Sweetser (1999) sobre a modificação adjetival. Castro da Silva (2012) utiliza as construções maçã vermelha – foco/figura na parte externa, que pode diferenciá-la da maçã verde –, goiaba vermelha – foco/figura na parte interna, que pode diferenciá-la da goiaba branca – e caneta vermelha – foco/figura pode estar tanto na cor plástica do objeto quanto na cor da tinta –, para mostrar como a linguagem é moldada por processos de focalização.

Projeções de figura-fundo acontecem também no que Langacker (2013) chama de proeminência, em que se parte do princípio de que qualquer coisa selecionada é proeminente em relação ao que não é selecionado, e a figura é saliente em relação ao fundo. Dentro de uma categoria, o protótipo tem maior proeminência do que os outros membros. O autor concentra-se em dois tipos específicos de proeminência: o perfilamento e a saliência relativa das subestruturas de uma predicação³⁷.

O perfilamento diz respeito à seleção de um conteúdo conceptual dentro do significado de uma expressão, em toda a sua base conceptual. O produto desse recorte conceptual é chamado o perfilamento, que podemos entender como o foco específico da atenção que é concebido como referente conceptual. Para se entender o processo de perfilamento, exemplo ilustrativo é o de Ferrari (2014), com as palavras “pai”, “irmão” e “tio”. Segundo a autora, essas palavras compartilham uma mesma base conceptual, já que todas envolvem relações de

³⁶ Castro da Silva (2012) utiliza “ajuste focal” no lugar de “focalização”.

³⁷ Termo utilizado por Ferrari (2014).

parentesco, porém possuem significados diferentes, porque perfilaram aspectos diferentes dessa base.

A saliência relativa das subestruturas de uma predicação, segundo Ferrari (2014), perpassa também o perfilamento, fenômeno com o qual, muitas vezes, confunde-se. Esse segundo fenômeno de proeminência envolve participantes relacionais ou elementos explicitamente mencionados:

No caso dos participantes relacionais, os verbos constituem importantes operadores da relação estabelecida. A base conceptual do verbo *admirar*, por exemplo, envolve um sujeito que dirige uma atividade mental a outro sujeito (ou objeto, atividade, país etc.). O verbo *admirar* perfila toda a configuração e, portanto, a relação entre os elementos envolvidos. Já o nome *admirador* perfila o sujeito que admira, a partir da mesma base conceptual (FERRARI, 2014, p. 64, grifo da autora).

No que toca aos elementos explicitamente mencionados, Ferrari (2014) explica, a partir de pares como polígono de três lados X triângulo, que essas expressões, embora apresentem conteúdos semanticamente equivalentes, contrastam porque triângulo é mais proeminente que polígono de três lados, pois essa aciona uma esquematização de polígonos, o que envolve outras classes de figuras geométricas.

O último fenômeno destacado por Langacker (2013) é o de perspectiva. Entende o autor que, “[s]e a conceptualização (metaforicamente) é a visualização de uma cena, a perspectiva é o arranjo da visualização, cujo aspecto mais evidente é o *ponto de vista* assumido.” (LANGACKER, 2013, p. 74, tradução nossa, grifo do autor)³⁸. Nas palavras de Ferrari (2014), “[a] perspectiva adotada para a conceptualização de uma cena é tecnicamente denominada ponto de vantagem (*vantage point*).” (FERRARI, 2014, p. 67).

A perspectiva está relacionada, geralmente, à localização do falante durante o discurso ou observação da cena. A depender disso, assume-se um ponto de vantagem, como explica Ferrari (2014). Isso parece óbvio quando nos deparamos com contrastes entre “João está atrás de você” e “Você está à frente de João”. Quando são contrastadas “João bateu em Pedro” e “Pedro apanhou de João”, observa-se o mesmo princípio. Os dois pares de orações contrastadas são observações de um mesmo evento ou cena, porém os significados não são os mesmos. Em “João bateu em Pedro”, o conceito constrói-se pela perspectiva de João, ao passo que “Pedro apanhou de João” constrói-se pela de Pedro. Aqui também jaz uma relação de figura-fundo,

³⁸ “If conceptualization (metaphorically) is the viewing of a scene, perspective is the **viewing arrangement**, the most obvious aspect of which is the vantage point assumed.” (LANGACKER, 2013, p. 74, grifo do autor).

assim, para toda diferença na organização estrutural, há uma diferença na organização conceptual.

As diferenças conceptuais que se materializam por meio das variadas organizações de uma estrutura sintática, do uso de itens parassinônimos, ou, ainda, no contraste entre elementos antonímicos, podem, em alguns casos, especializar o ponto de vista do qual Langacker (2013) trata e revela estratégias discursivas movidas por crenças ou ideologias. Vejamos alguns casos com as sentenças de (1) a (4), extraídas de sites jornalísticos do Brasil e da página brasileira *Caneta Desmanipuladora*, no Facebook:

- (1) Cor é **indiferente** para **quase 50%** na fila de adoção. (*SITE G1*, 2017 apud SALA DE NOTÍCIA, 2017).
- (2) Cor é **determinante** para **mais de 50%** na fila de adoção. (CANETA DESMANIPULADORA, 2018).
- (3) **Desaprovação** de Lula **cai** e de Moro **sobe**. (ESTADÃO, 2017).
- (4) **Aprovação** de Lula **sobe** e de Moro **cai**. (CANETA DESMANIPULADORA, 2018).

As sentenças de (1) a (4), tomadas em seus pares, dizem respeito aos mesmos eventos, porém são conceptualizados por perspectivas diferentes. Em (1) e (2), há uma oposição quase sistemática entre os adjetivos indiferente e determinante e as expressões quase 50% e mais de 50%. As duas organizações fazem referência a como a cor da criança é relevante para potenciais adotantes. Porém, em (1), a figuratividade do adjetivo *indiferente* entra em cena, mobilizando uma compreensão do evento que se distancia da norma, que tem sido a cor ser *determinante* nesses processos, como se mostra em (2).

No par (3) e (4), a primeira oposição dá-se morfológicamente entre *desaprovação* e *aprovação*. O uso do prefixo de negação ‘des-’ gera instantaneamente a antonímia entre os itens. A segunda oposição dá-se entre as orientações *sobe* e *cai*. No contraste entre as formulações, pode-se observar que, em (3), a perspectiva ocorre, inicialmente, em torno do conceito de desaprovação, o que, desde então, aciona uma categorização negativa e está próximo a *Lula*. Ligado mais diretamente a *Lula*, está o verbo *cai*, que aciona a compreensão orientacional PARA BAIXO É RUIM, ao passo que, ligado a *Moro*, está o verbo *sobe*, que mobiliza a compreensão orientacional PARA CIMA É BOM. A organização em (3) coloca em figura uma possível desaprovação de Lula, quando o evento de desaprovação crescente refere-se a Moro, como pode ser visto de maneira mais clara em (4).

Esses exemplos mostram que as projeções de figura e fundo acionadas pelas perspectivas podem estar a serviço de crenças e ideologias. No caso da página *Caneta Desmanipuladora*, existe uma tentativa de “corrigir” enunciados de grandes veículos de comunicação comprometidos com a Direita brasileira.

Em linhas gerais, a respeito da Gramática Cognitiva, de Langacker (1987, 2013), pode-se dizer que ela consegue, satisfatoriamente, dar conta de uma gramática semanticamente motivada, mostrando operações de conceptualização atinentes ao léxico e à sintaxe. Nesse modelo, expressões relacionadas não decorrem de um processo gerativo de derivação sintática ou mesmo uma sistematicidade estrutural de traços sêmicos. A crença em uma semântica cognitiva que se associa a esse modelo de gramática faz com que organizações do léxico e da sintaxe estejam intimamente relacionadas a módulos da cognição humanas, tais como a atenção e a percepção, ou, ainda, a mecanismos de compreensão e categorização, tais como a metáfora, a metonímia e a prototipicidade.

3.2.2 Gramática de Construções

O modelo conhecido como Gramática de Construções foi desenvolvido pluricêntrica e processualmente. Há, por exemplo, investidas de Lakoff (1987), Fillmore, Kay e O’ Connor (1988), Goldberg (1995), Fillmore e Kay (1999), Croft (2001), entre outros.

O trabalho de Lakoff (1987), sobre as construções dêiticas com *there* no inglês, permitiu a compreensão de que as construções são organizadas radialmente. Para o autor, há uma instanciação prototípica e, dela, decorrem várias subconstruções relacionadas. Essa proposição é fundamental para o desenvolvimento da Gramática de Construções. Veja-se o trabalho de Lakoff (1987), a partir da sistematização de Ferrari (2014), que reproduzo no Quadro 1.

Quadro 1 – Organização radial da construção dêitica

Construção dêitica	
Central ↓	There’s Harry with the red jacket on. (<i>Lá está Harry com sua jaqueta vermelha</i>).
Perceptual	There goes the bell now! (<i>Lá vai a campanha agora!</i>).
Discursiva	There’s a nice point to bring up in class. (<i>Aí está um bom assunto para abordar em sala de aula</i>).

Locativo-existencial	There goes our last hope. (<i>Lá se vai a nossa última esperança</i>).
Início de atividade	There goes Harry, meditating again. (<i>Lá vai Harry, meditando de novo</i>).
Entrega	There's your pizza, ready to go! (<i>Aí está a sua pizza, pronto para viagem!</i>).
Modelo ideal	Now there ... is a great centerfield! (<i>Agora, aí ... está um grande meio de campo!</i>)
Exasperação	There goes Harry again, making a fool of himself. (<i>Lá vai Harry de novo, fazendo papel de bobo</i>).
Foco narrativo	There I was in the middle of the jungle. (<i>Lá estava eu no meio da floresta</i>).
Apresentativa	There on that hill will be built a ping-pong facility. (<i>Lá naquela montanha será construído um espaço de ping pong</i>).

Fonte: Ferrari (2014, p. 132).

Com essa descrição, Lakoff (1987) mostra que há uma construção central/prototípica que aciona o MCI de *apontar*. Os participantes dessa cena são concretos: a entidade apontada, visto que existe em um lugar físico para o qual o falante destina a sua atenção e para o qual o ouvinte poderá/deverá destinar a sua também. Dessa cena prototípica mais física, derivam-se, por meio de metáforas e metonímias, as outras que se relacionam com ela.

Mesmo com esse trabalho de Lakoff (1987), é com o estudo de Goldberg (1995), sobre as construções argumentais, que a Gramática de Construções se consolida como um modelo de análise gramatical dentro do arcabouço maior da LC. Nessa nova proposta, há uma tentativa de agrupar todas as construções de uma língua, não fazendo distinção entre aquilo que é regular e o que é irregular, entre o que é sintático e o que é lexical, e o que é idiomático e o que não é.

Nos termos de Goldberg (1995), construções são pareamentos de forma e significado a serem tomados como unidades básicas das línguas. Na visão da autora:

[p]adrões sintagmáticos são considerados construções, se alguma coisa sobre a sua forma ou o seu significado não for previsível, a partir das suas partes componentes, ou de outras construções. Isto é, uma construção é estabelecida na gramática, se pode ser mostrado que seu significado e/ou sua forma não é composta ou derivada de outras construções existentes na língua [...]. Além disso, expandindo a noção pré-teórica de construção, os morfemas são instâncias claras de construções, na medida em que são pareamentos de significado e forma que não são previsíveis³⁹ de qualquer outra coisa

³⁹ Ao longo da obra, Goldberg (1995) reconhece também como construções os padrões totalmente previsíveis que são armazenados na mente, a partir de uma frequência razoável de dados.

(Saussure, 1916). Uma consequência dessa definição é que o léxico não é muito diferenciado da gramática. (GOLDBERG, 1995, p. 4, tradução nossa)⁴⁰.

Segundo Goldberg (1995), as construções podem ser compreendidas como similares aos *listemas* – entidades gramaticais que devem ser listadas –, de Disciullo e Williams (1987). Porém, a visão dela do que deve ser listado é diferente do que propõem esses autores, pois, eles consideram o léxico como um ambiente complicado e perigoso, porque, nele, estariam algumas entidades que são impossíveis de serem especificadas ou sistematizadas por alguma regra. Na visão de Goldberg, ao contrário, não se supõe que a coleta de construções, sobretudo as lexicais, baseie-se em um conjunto arbitrário e não estruturado de unidades independentes, pautando-se, em vez disso, por uma rede altamente estruturada de informações inter-relacionadas.

Diferentemente do que acontecia na Gramática Gerativa, na GC, não há uma divisão rígida entre o que seja léxico e o que seja sintaxe. As construções lexicais e as sintáticas diferem apenas na complexidade interna e na extensão com que a forma fonológica é especificada. As duas construções são essencialmente do mesmo tipo, pois ambas são pareamentos de forma e significado.

Ao rejeitar essa divisão rígida, Goldberg (1995) não nega a existência de construções claramente morfológicas ou sintáticas, reconhecendo que há pontos comuns básicos entre os dois tipos de construções, mas também há combinações que enrijecem os limites. Exemplos dos padrões de construção previstos no modelo de Goldberg (1995, 2006, 2012 [2003] e 2013) estão reproduzidos no Quadro 2.

Quadro 2 – Exemplos de construções do inglês, variando em tamanho e complexidade; forma e função são especificadas caso não estejam claras

Construção	Forma/Exemplo	Função
Morfema	e.g. <i>anti-</i> , <i>pre-</i> , <i>-ing</i>	
Palavra	e.g. <i>Avocado</i> , <i>anaconda</i> , <i>and</i>	
Palavra complexa	e.g. <i>Daredevil</i> , <i>shoo-in</i>	
Expressão idiomática (completa)	e.g. <i>Going great guns</i>	

⁴⁰ “Phrasal patterns are considered constructions if something about their form or meaning is not strictly predictable from the properties of their component parts or from other constructions. That is, a construction is posited in the grammar if it can be shown that its meaning and/or its form is not compositionally derived from other constructions existing in the language [...]. In addition, expanding the pretheoretical notion of construction somewhat, morphemes are clear instances of constructions in that they are pairings of meaning and form that are not predictable from anything else (Saussure, 1916). It is a consequence of this definition that the lexicon is not neatly differentiated from the rest of grammar.” (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Expressão (parcial)	idiomática	e.g. <i>Jog (someone's) memory</i>	
Construção Condicional	Covariação-	Form: The X-er the Y-er (e.g. <i>The more you think about it, the less you understand</i>)	Significado: variáveis dependentes e independentes ligadas
Construção (objeto duplo)	Bitransitiva	Form: Subj [V Obj1 Obj2] (e.g. <i>He gave her a Coke; He baked her a muffin</i>)	Significado: transferência (pretendida ou real)
Passiva		Form: Subj aux VPpp (PPby) (e.g. <i>The armadillo was hit by a car</i>)	Função discursiva: Tornar o sujeito passivo central e o agente não central.

Fonte: Goldberg (2012 [2003], p. 191).

Goldberg (2013) observa que nem todos os pesquisadores que adotam uma perspectiva construcional aplicam o termo “construção” ao nível de palavra ou de morfema, mesmo que, desde o tempo de Saussure (1916), fosse reconhecido que raízes e afixos são combinações convencionais de forma e significado.

Esse é um ponto não consensual entre os teóricos. Goldberg (1995) não considerava o morfema como uma construção, passando a fazer isso a partir do texto de 2006. Booij (2010), ao formular a Morfologia Construcional, rechaça a mudança de postura da autora, pois entende que os morfemas não podem ser abordados como construções, uma vez que não se apresentam como formas livres nas línguas, a partir das quais os falantes poderiam fazer generalizações e esquematizações.

Nessa discussão, esta Tese aproximar-se-á mais de Booij (2010), entendendo que o morfema não é passível de esquematização. O morfema não parece ter um significado que se associe prontamente a uma forma, sem considerar os outros elementos aos quais se combinam na formação de uma palavra. Na tentativa de melhor esclarecer a questão, será usado um exemplo de Soledade (2013a)⁴¹, que discute questões de compatibilização⁴² com o constructo *viadeiro*, ouvido na frase ‘O *viadeiro* de Salvador inteiro vai estar nesse show’. A base da construção é *viado*, que se mostra incompatível com um significado profissional prototípico, não licenciando a paráfrase ‘pessoa que atua sobre viados’, ‘pessoa que cria viados’. Isso mostra que o significado de *-eir-* não pode ser esquematizado sem que se considerem os elementos com que interage.

⁴¹ A autora apoia-se também em Gonçalves e Almeida (2013), para empreender essa discussão.

⁴² Booij (2010) usa o termo *unificação*, para esse tipo de discussão.

Apesar das divergências de posições entre construcionistas, há cinco pontos centrais com os quais eles concordam, em maior ou menor grau, e que ajudam a diferenciar a Gramática de Construções do modelo da Gramática Gerativa:

1. Construções gramaticais: construções frasais, como itens lexicais tradicionais, são combinações aprendidas da forma e da função [...].
2. Estrutura superficial: A gramática não envolve nenhum componente transformacional nem derivacional. A semântica é associada diretamente com a forma da superfície [...].
3. Uma rede de construções: Construções frasais, palavras, e morfemas são inter-relacionados em uma rede na qual os nós são relacionados por ligações de herança [...].
4. Variabilidade e generalização linguística: Percebe-se que as línguas variam em maneiras diversas. As generalizações linguísticas transfronteiriças que existem são explicadas ou pelos processos cognitivos gerais ou pelas funções das construções envolvidas [...].
5. Baseadas no uso: Conhecimento da língua inclui tanto os itens quanto as generalizações em níveis variados de especificidade [...] (GOLDBERG, 2013, p. 1-2, tradução livre⁴³)⁴⁴.

Goldberg (2013) explica que a obrigatoriedade de se centrar no uso, por exemplo, não é consenso em todas as abordagens, porque há algumas que lidam com outras teorias de aquisição, processamento e mudança linguística que se desvencilham dessa prerrogativa. Não é obrigatório que todos esses aspectos sejam acionados, e nem todos os pesquisadores enfatizam-lhes com a mesma frequência. Ainda assim, esses aspectos unem-se em maneiras importantes. Vários desses aspectos que caracterizam as abordagens construcionistas estão associados diretamente aos pressupostos da LC. Alguns deles são:

- a. A semântica é baseada no entendimento da situação do falante, e não é baseada em uma verdade objetiva [...].
- b. A semântica, a estrutura informacional, e a pragmática são inter-relacionadas; todas elas contribuem à função linguística. As funções assim fazem parte do nosso sistema conceptual e não de um componente modular separado [...].

⁴³ Usa-se, nesse caso, a expressão “tradução livre”, porque a tradução *caseira* do capítulo *Constructionist Approaches*, de Adele Goldberg, presente no livro *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, editado por Thomas Hoffmann e Graeme Trousdale, em 2013, foi feita pelo estudante da Universidade Brasília Christopher Lee Schwenk. Dessa forma, para esse texto, a tradução será sempre livre.

⁴⁴ “1. **Grammatical constructions:** Phrasal constructions, like traditional lexical items, are learned pairings of form and function [...].

2. **Surface structure:** Grammar does not involve any transformational or derivational component. Semantics is associated directly with surface form [...].

3. **A network of constructions:** Phrasal constructions, words, and partially filled words (aka morphemes) are related in a network in which nodes are related by inheritance links [...].

4. **Crosslinguistic variability and generalization:** Languages are acknowledged to vary in wide-ranging ways. The crosslinguistic generalizations that do exist are explained by domain-general cognitive processes or by the functions of the constructions [...]” (GOLDBERG, 2013, p. 1-2).

- c. A categorização não envolve condições necessárias, mas envolve generalizações que vêm de exemplos, tipicamente incluindo exemplos prototípicos e extensões convencionalizadas [...].
- d. A função primária de uma língua é transmitir informação. Portanto as distinções formais são úteis na medida em que elas transmitem distinções semânticas ou pragmáticas (incluindo distinções teóricas) [...].
- e. Os papéis da cognição social e da experiência corporal são essenciais para o processo de aprendizagem e significado [...] (GOLDBERG, 2013, p. 2, tradução livre)⁴⁵.

Uma característica importante no modelo de Goldberg é que se aproxima de fundamentos da LC é a compreensão de que as construções não formam categorias isoladas autoinstanciáveis. Na verdade, elas são reunidas por conexões capturadas em uma rede de herança predefinida. Essa visão de herança no modelo construcionista de Adele Goldberg não se distancia do que já foi visto em Lakoff (1993), com a herança da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, e em Lakoff (1987), com a rede esquemática das construções dêiticas com ‘there’. Nos dois casos, há uma fonte ou um centro prototípico que norteia todas as construções que se associam nessa rede de herança predefinida.

Para explicar como isso funciona, sejam utilizados os exemplos de Borges Santos (2017), sobre as construções com verbo “dar”, na língua portuguesa. Os exemplos desse autor estão reproduzidos de (5) a (8). Seguem-nos as suas análises:

- (5) Ana deu chocolates a João.
- (6) A professora deu livros para a biblioteca.
- (7) O calor me deu dor de cabeça.
- (8) O diretor nos deu as passagens para o intercâmbio.

No exemplo em (5), o verbo “dar” aciona os papéis temáticos/participantes prototipicamente associados a ele: AGENTE (aquele que deliberadamente realiza a ação), PACIENTE (aquele que é afetado pela ação) e o BENEFICIÁRIO (aquele que se beneficia da ação). Em (5), temos uma construção BITRANSITIVA que, nos termos de Goldberg (1995, p. 49), é representada pelo esquema (X CAUSA Y A RECEBER Z).

⁴⁵ “a. Semantics is based on speakers’ ‘construals’ of situations, not on objective truth conditions [...].
 b. Semantics, information structure, and pragmatics are interrelated; all play a role in linguistic function. Such functions are part of our overall conceptual system and not a separate modular component [...]
 c. Categorization does not involve necessary and sufficient conditions, but rather generalizations over exemplars, typically including prototypical exemplars and conventionalized extensions [...]
 d. The primary function of language is to convey information. Thus, formal distinctions are useful to the extent that they convey semantic or pragmatic (including information theoretic) distinctions [...].
 e. The role of social cognition and bodily experience are viewed as essential to accounts of learning and meaning [...]” (GOLDBERG, 2013, p. 2).

Não se deixe de observar o caráter genérico desse esquema, tal como proposto por Langacker (1987). A partir dele, podemos instanciar construções com vários outros verbos, como “doar” e “entregar”. Ele, portanto, não é um esquema que se aplica unicamente ao verbo “dar”. A variedade de construções com o verbo “dar” instanciadas por esse esquema tem a ver com o caráter específico.

A partir do exemplo em (6), vê-se que há construções com o verbo “dar” que não podem ser instanciadas por esse mesmo esquema, mesmo que a sua estrutura preveja três argumentos. No caso específico de (6), há uma construção de MOVIMENTO CAUSADO, com AGENTE (causa), TEMA (direção) e ALVO. O esquema para essa construção é (X CAUSA Y A MOVER Z).

Em (7), há uma construção RESULTATIVA/CAUSATIVA, em que o papel argumental do sujeito não é AGENTE, pois não há uma volição ou uma ação deliberada, por isso o papel argumental do sujeito ‘O calor’, nesse caso, é o de CAUSA ou FONTE, pois esse papel é instanciado pela construção RESULTATIVA/CAUSATIVA, esquematizada como (X CAUSA Y A FICAR Z).

A construção em (8) é uma construção de TRANSFERÊNCIA DE PROPRIEDADE ou HABILITAÇÃO que se organiza a partir de uma herança das estruturas BITRANSITIVAS e de MOVIMENTO CAUSADO. Nessa construção, observa-se a presença de um modificador (*para o intercâmbio*), que atua como FINALIDADE/PROPÓSITO, o que permite a esquematização como (X CAUSA Y A RECEBER Z A FIM DE W). Os papéis participantes são instanciados pelo esquema prototípico do verbo “dar” (AGENTE, PACIENTE E BENEFICIÁRIO), porém o papel de FINALIDADE/PROPÓSITO é uma herança metafórica da construção de MOVIMENTO CAUSADO para a construção de HABILITAÇÃO, pois a FINALIDADE É UM ALVO/META.

Com esses exemplos extraídos de Borges Santos (2017), pode-se entender que, no modelo de Goldberg, essas realizações diferenciadas com o verbo “dar” são todas interconectadas. Em uma abordagem formalista, de caráter lexicalista, haveria uma inclinação a abordá-las como entradas diferentes do verbo “dar”. Ou seja, cada esquematização argumental do verbo “dar” configuraria uma entrada diferente desse verbo, e sintagmas como dar chocolates aos alunos, dar uma festa para os amigos e dar um beijo na minha mãe, seriam realizações de diferentes verbos “dar”, ora utilizado como verbo pleno, ora como verbo leve.

A indistinção entre léxico e sintaxe talvez seja o maior contributo do modelo de Goldberg para as análises gramaticais. Isso, além de tirar do léxico o ranço de ser o lugar do que é assistemático, no que diferiria da sintaxe, mostra que fenômenos como a polissemia não

são exclusivos da palavra, podendo estar relacionados a padrões de estruturação sintática e de formação de palavras.

Os estudos de Gramática de Construções têm apostado, cada vez mais, em um conceito de ‘*constructicon*’, um acervo mental de construções que abarca todas as generalizações e esquematizações que os falantes conseguem fazer, sejam elas de natureza mais lexical ou de natureza mais sintática.

O *constructicon* dá conta de: (i) construções mais fechadas, como as palavras (*árvore, advogado, mesa*) e expressões idiomáticas (*bater as botas, chutar o balde*); (ii) as parcialmente abertas, o que inclui as palavras complexas e compostas, como ‘X_S-ista’ (*dentista, taxista, jornalista*), ‘X_S- de Taubaté’ (*grávida de Taubaté, presidente de Taubaté, noivo de Taubaté, fachada de Taubaté*), as expressões idiomáticas parcialmente abertas, como ‘botar pra X_V’ (*botar pra foder, botar pra lascar, botar pra lenhar*), fazer X_i (*fazer a Egípcia, fazer as pazes, fazer a Kátia Cega*); (iii) as completamente abertas, como os compostos ‘VN’ (*tapa-buraco, puxa-saco, saca-rolha, caga-regra, guarda-roupa*) e as construções sintáticas, como as passivas ‘SN + VAUX + VPRINC + SP’ (*O carro foi comprado pelo vizinho*) e as bitranstivas ‘SN + V + SN + SP’ (*João deu o livro aos alunos*).

Outro ponto importante da formulação construcionista de Goldberg é a discussão sobre a herança. Na GC, a herança “significa qualquer característica formal ou semântica presente na construção básica que se transfira para a construção decorrente” (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 30). A autora prevê quatro tipos de relação de herança. São elas: (i) ligação por polissemia; (ii) ligação por subpartes; (iii) ligação por instanciação; (iv) ligação por extensão metafórica. Tavares da Silva (2017) esquematizou essas relações da seguinte maneira:

- por polissemia (quando há relação entre um sentido específico de uma construção e alguma extensão desse sentido em outra);
 - por extensão metafórica (quando duas construções se relacionam por meio de mapeamento metafórico);
 - por instanciação (quando uma construção instancia outra, apresentando mais elementos especificados); e
- por subparte (quando parte de uma construção existe independentemente, constituindo outra construção) (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 40).

Todas as compreensões apresentadas nortearão os trabalhos que se constroem como decorrentes da proposta de Goldberg (1995, 2006). É o caso da Morfologia Construcional, de Booij (2010), sobre a qual se falar-se-á a seguir. Ainda que Goldberg reconheça o aspecto construcional dos morfemas e das palavras complexas, não se vê na sua obra um tratado robusto

dos fenômenos morfológicos. O seu trabalho, embora decisivo para outros níveis, caracteriza a chamada Sintaxe Construcional. Por isso, o modelo de Geert Booij mostra-se fundamental.

3.2.3 Morfologia Construcional

A Morfologia Construcional é um modelo proposto pelo linguista holandês Geert Booij. A primeira publicação dessa proposta foi em 2005, porém, somente em 2010, com a publicação do livro *Constructional Morphology*, o modelo começou a ter maior difusão, chegando ao Brasil, por meio dos estudos de Gonçalves e Almeida (2013), Soledade (2013a) e Gonçalves (2016).

Nessa obra, o autor vale-se das formulações de Goldberg, aplicando-as à morfologia. Mesmo que já tenha 15 anos de proposto, o modelo de Booij ainda não é totalmente consolidado entre os estudos morfológicos. Por isso, pode-se encará-lo ainda como um projeto recente que está em constante processo de reinterpretação e que não constitui uma tradição, sobretudo se comparado às propostas estruturalistas e gerativistas. Essa não solidez da proposta de Booij pode ser notada quando se vê que aportes teóricos da morfologia gerativa, da qual o autor é dissidente, têm sido aproveitados e reelaborados, procurando dar algum destaque para o aspecto semântico.

Para a sua proposta, Booij (2010, 2017) assume o léxico da Teoria da Entrada Plena, defendida por Jackendoff (1975, 1997). Nessa visão, palavras complexas não são pobremente especificadas no léxico, como na Teoria da Entrada Empobrecida. Segundo Booij, assumir um enfoque empobrecido do léxico desconsidera a vastidão da memória dos falantes. Por isso, não haveria razões para adotar essa abordagem econômica. Vale ainda ressaltar que, nessa proposta, assume-se uma morfologia baseada em palavras, tal qual a proposta de Aronoff (1976). Os morfemas não são considerados construções pelo autor, visto que não são um pareamento de forma e significado. Sobre esses elementos, Booij (2010) comenta, a partir de uma lista de construções previstas no modelo de Goldberg – similar ao do Quadro 2 –, que:

[...] a categoria ‘morfema’ não deveria aparecer nessa lista, porque morfemas não são signos linguísticos, i.e. pareamentos independentes de forma e significado. O signo linguístico mínimo é a palavra, e a ocorrência da categoria ‘morfema’ nessa lista é para ser vista como um remanescente inapropriado da morfologia baseada em morfemas. Ao invés disso, morfemas presos formam parte dos esquemas morfológicos, e sua contribuição de significado só é acessada através do significado

da construção morfológica da qual eles formam uma parte. (BOOIJ, 2010, p. 15, tradução minha)⁴⁶.

As teorias lexicais baseadas em palavras, como a de Aronoff (1976) e a de Booij (2010), distinguem-se no processo de apreensão morfológica. No modelo de Aronoff (1976), o foco foi a capacidade de os falantes depreenderem e aplicarem regras produtivas formadoras de palavras nas suas línguas. Essas regras de formação de palavras tinham caráter estritamente formal, preocupando-se com questões ligadas à categoria morfossintáticas e à inalterabilidade fonológica de bases e afixos. No modelo de Booij (2010, 2017), não se abre mão da ideia de conhecimento lexical do falante, nem se deixa de abordar a geratividade dos padrões. Porém, a compreensão do falante acerca de palavras complexas e processos formativos na sua língua é, agora, representada por meio de esquemas morfológicos, que trazem uma contraparte semântica, que não existia nas regras gerativistas.

Os esquemas morfológicos compõem um conceito basilar da Morfologia Construcional e dizem respeito à generalização que os falantes fazem de um conjunto de palavras complexas existentes. A partir da apreensão e depreensão dos esquemas, os falantes podem interpretar e criar novos itens lexicais. Segundo Booij (2010, 2017), os esquemas não devem ser compreendidos como formalizações de representações lexicais empobrecidas. Ao contrário disso, os esquemas têm duas funções básicas: (i) motivam a existência de um número consistente de palavras complexas; (ii) preveem como esse conjunto pode ser expandido por meio de uma rede de relações hierárquicas e hereditárias.

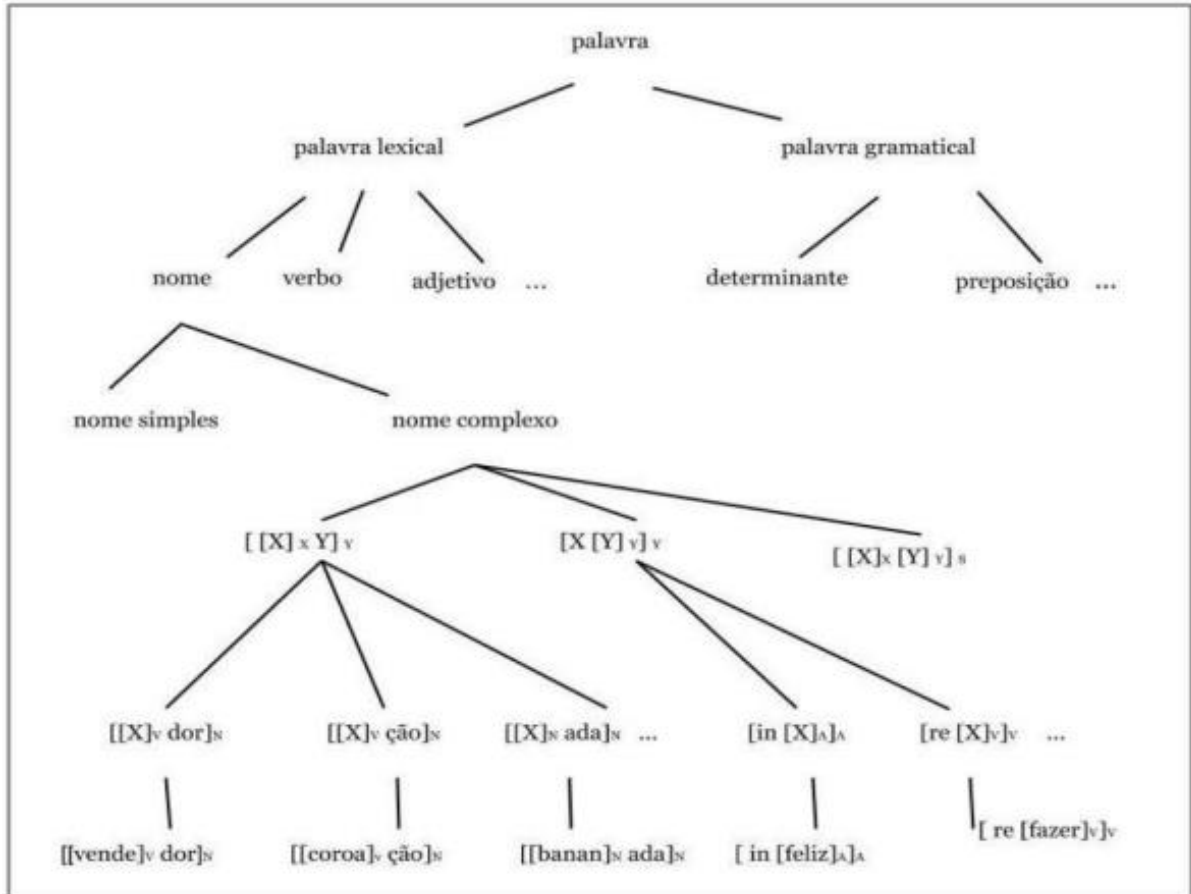
Na Morfologia Construcional, os esquemas morfológicos são representados por estruturas arbóreas com esquemas dominantes que tendem a apresentar maior generalização que os esquemas dominados⁴⁷, que, dentro dessa visão, são chamados de subesquemas. Uma vez que o modelo coloca o fator semântico como central, a polissemia, advinda de metáfora, metonímia, analogia ou qualquer outro mecanismo cognitivo, pode atuar decisivamente sobre um esquema dominante, exigindo dele subespecificações que deverão se tornar mais claras por meio dos subesquemas. Novamente, a polissemia deixa de ser um fenômeno estrito da palavra e passa a ser fundamental também para a descrição da estruturação morfológica.

⁴⁶“[...] the category ‘morpheme’ should not appear on this list because morphemes are not linguistic signs, i.e. independent pairings of form and meaning. The minimal linguistic is the word, and the occurrence of the category ‘morpheme’ in this list is to be seen as an infelicitous remnant of morpheme-based morphology. Instead, bound morphemes form part of morphological schemas, and their meaning contribution is only accessible through the meaning of the morphological construction of which they form a part.” (BOOIJ, 2010, p. 15).

⁴⁷ Note aqui a relação com a proposta de esquematização e especificidade do modelo de Langacker (1987).

A visão de léxico hierárquico, defendida na Morfologia Construcional, está representada na Figura 8, extraída do trabalho de Tavares da Silva (2017).

Figura 8 – Representação do léxico hierárquico da Morfologia Construcional



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 38).

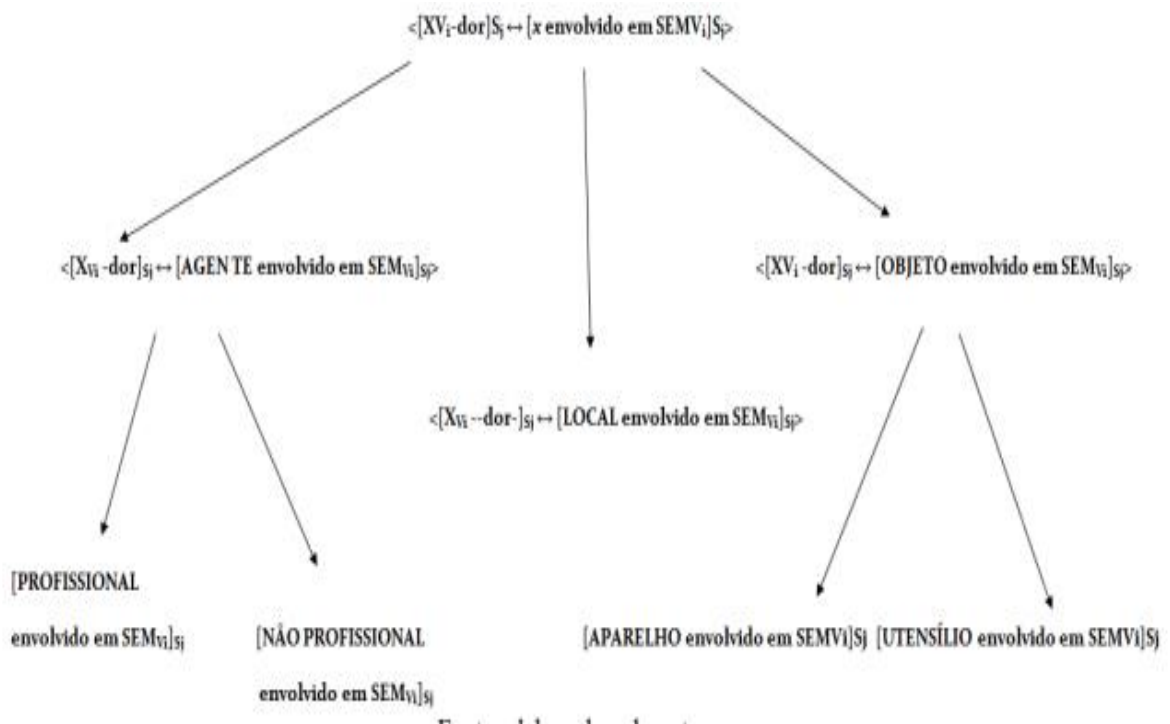
Na Figura 8, abaixo do nó “nome complexo”, estão os esquemas de sufixação, prefixação e composição, respectivamente. Os limites entre as representações esquemáticas de um processo ou outro não são muito claros, o que corrobora a hipótese de Goldberg de que todas as construções são pareamentos de forma e significado. Essa constatação mostra que, no âmbito da MC, independentemente de ser por prefixação, sufixação ou composição, ser uma palavra complexa e motivada por um esquema significa herdar dele informações, como forma fonológica, categoria lexical ou sintático-funcional e propriedade semântica.

Para entender o procedimento analítico da Morfologia Construcional, imaginemos que um falante do português ouve as palavras “tatuador”, “maquiador”, “cobrador”, “vendedor” e “entregador”. Ele, provavelmente, fixará em sua mente um esquema com as seguintes informações recorrentes: (i) forma fonológica–*dor*; (ii) categoria lexical da base verbo; (iii)

categoria lexical do constructo substantivo; e (iv) significado de agente profissional. Isso permitirá não só que ele forme novas palavras com esse esquema, mas que também interprete aquelas que ele nunca ouviu e que sejam instanciáveis por esse esquema.

Nos termos construcionais, o falante chegaria a uma formulação esquemática como “[X]_vdor]_N ↔ agente profissional envolvido em significado de X_v”. Como ele pode se deparar, posteriormente, com construções como “apagador”, “cortador”, “aparador”, “gravador”, “computador”, “provador”, “corredor”, “seguidor” e “gozador”, ele deverá ser capaz de acionar outros esquemas com outros significados que se relacionam, de alguma maneira, com aquele de agente profissional, chegando a uma representação como a da Figura 9, extraída de Simões Neto (2017).

Figura 9 – Representação da polissemia das construções X-dor



Fonte: Simões Neto (2017, p. 470).

Nessa representação esquemática da Figura 9, o nó mais alto apresenta um esquema genérico de construções substantivas X_v-dor que abrange os significados dos três esquemas dominantes (AGENTE, LOCAL, OBJETO). Isso parece ser um artifício teórico para mostrar que eles estão interligados de alguma maneira. Os esquemas dominantes podem ainda se especializar semanticamente e reivindicarem subesquemas, como PROFISSIONAL e NÃO PROFISSIONAL, para o esquema AGENTE, e APARELHO e UTENSÍLIO, para o esquema

OBJETO. À medida que uma diferença semântica torna-se produtiva, essa pode e deve ser representada em esquemas.

Com a Morfologia Construcional, pode-se assumir que não há motivos fortes o suficiente para não abordar as questões de ordem semântica nos estudos morfológicos. Apesar do avanço na abordagem do significado, o modelo booiiano ainda tem como desafio elaborar uma melhor forma de representar as relações de significado que se estabelecem entre os esquemas e os subesquemas. O caráter generalista e hierárquico do modelo não dá conta das particularidades das palavras.

3.3 ESTUDOS SEMÂNTICO-LEXICAIS EM LINGUÍSTICA COGNITIVA

Nesta subseção, serão destacadas abordagens da LC úteis para o estudo do léxico e que não se encaixam em uma teoria específica. É, na verdade, um conjunto de teorias que subsidiam essas análises. Ainda que não se tenha uma teoria terminologicamente estabelecida, não se perdem de vista os pressupostos teóricos da LC.

3.3.1 Polissemia

A polissemia talvez seja o fenômeno mais investigado pelos estudiosos da Semântica. Talvez seja, também, o fenômeno semântico mais tátil para o falante comum. A inquietação com a variação e a mudança do significado das palavras está presente desde as primeiras reflexões do homem sobre a linguagem, muito antes de a Semântica constituir-se como uma disciplina, o que aconteceu por meio de Michel Bréal, em 1904, com a publicação do *Ensaio de Semântica*, visto aqui em edição traduzida para o português, em 1992.

Na obra seminal de Bréal, há um capítulo dedicado ao que o autor chama de ampliação de sentidos e, por ali, já podemos perceber a importância do fenômeno da polissemia. Stephen Ullmann, na sua também consagrada obra *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, vista aqui em edição de 1964, comenta que a polissemia é o pivô da análise semântica. No âmbito da Semântica Estrutural, a investigação da variação de significados também tinha algum lugar de destaque, visto que os estudos do campo semântico ou da rede semasiológica de uma palavra passavam pela análise da sua polissemia.

A investigação da polissemia tornou-se pouco produtiva nos estudos lexicológicos da GG, uma vez que a abordagem lexicalista, iniciada por Chomsky (1970), privilegiou uma análise, ora monossêmica, ora homonímica para esses deslizamentos semânticos. O cenário começou a mudar nesse âmbito teórico, com a proposição dos modelos lexicalistas associativos, tais como o de Jackendoff (1975), Basílio (1980, 1987), Booij (1986) e Corbin (1987, 1990). Porém, além de investirem em uma polissemia altamente rica e estruturada, essas abordagens centraram-se fortemente na morfologia derivacional, apenas um dos aspectos do léxico.

Na LC, com a semântica ganhando um lugar de destaque, a polissemia passou a aparecer, inicialmente, de maneira ancilar nas obras, hoje clássicas, da teoria, como *Metáforas da vida cotidiana* e *Mulheres, fogo e coisas perigosas*. Essas obras criaram subsídios para o estudo do fenômeno. Passou-se a interpretar a polissemia como um fenômeno cognitivo que se organiza em termos de protótipos e categorias radiais que se conectam umas às outras, por relações metafóricas e metonímicas.

Com o avanço da LC, nomeadamente com o surgimento das abordagens construcionais, a polissemia passou a ser investigada para além da relação entre o léxico e a semântica. Ou seja, a polissemia tornou-se um fenômeno que acontece também na sintaxe e na morfologia. Como cada uma dessas vertentes tem seus próprios pressupostos, as maneiras como representam a polissemia acabam sendo diferentes. No entanto, compartilham de certas assunções e lidam com problemas muito similares.

Diante disso, podemos dizer que, seguramente, não há, na LC, uma teoria que se volte exclusivamente para a polissemia. Porém, não faltam, também, obras que se dediquem, de maneira contundente, a apresentar possíveis abordagens. Alguns exemplos são os trabalhos de Soares da Silva (1999), Montserrat i Buendia (2007) e Santana dos Santos (2011). Destaque-se também a obra *O mundo dos sentidos em português*, de Soares da Silva (2006), em que o autor apresenta uma série de questões teórico-epistemológicas, que são importantes para a análise da polissemia em LC.

Qual seja a abordagem utilizada, pode-se assumir, a partir de uma leitura de Geeraerts e Cuyckens (2007) feita por Soares da Silva (2015), que as análises da polissemia em LC partem da concepção de que o significado seja:

1. dinâmico e flexível, graças à categorização por protótipos, pelo que se adapta facilmente ao contexto e se organiza em redes radiais, esquemáticas e multidimensionais;
2. enciclopédico, remetendo sempre para domínios conceptuais ou *frames* que vão para além da palavra; e;

3. perspétivista, revelando perspétivas alternativas de conceptualização e permitindo conceptualizar determinados conceitos em termos de outros, através da metáfora e da metonímia ou por extensão do protótipo [...]. (SOARES DA SILVA, 2015, p. 185).

A conceptualização da polissemia pelo linguista analisador é uma das principais angústias – por assim dizer – nas abordagens da LC, o que está fundamentalmente relacionado às concepções ideais de objetividade e subjetividade. Isso coloca o estudioso diante de duas tendências opostas. Na leitura do texto de Haspelmath (2003), teórico que também contribuiu para o estudo da polissemia, é possível encontrar remissões a produções de Croft (1998) e Sandra (1998), que trataram da falácia da generalidade (Croft) e da falácia da polissemia (Sandra).

Os dois autores acreditam que os linguistas tendem a querer dizer mais do que a sua prova garante, por isso estão vulneráveis a essas falácias. Na falácia da generalidade, os linguistas assumem que a generalização que eles propõem, seja por uma análise monossêmica, seja por uma esquematização, é a mesma feita pelos falantes. Na falácia da polissemia, por outro lado, os linguistas

[...] (em particular, linguistas cognitivos) podem fazer uma multiplicidade de distinções semânticas [...] que são (explicitamente ou implicitamente) atribuídas às representações mentais dos falantes. Quando nenhuma evidência para distinguir esses sentidos é citada (além da imaginação do linguista), isso pode ser um caso da falácia da polissemia. (HASPELMATH, 2003, p. 239, tradução nossa)⁴⁸.

Essa discussão é feita também por Soares da Silva (2006). Esse autor não fala em termos de falácias, mas menciona os riscos de puxar a polissemia para cima ou para baixo. Puxar a polissemia para cima, segundo Soares da Silva (2006), é esticá-la, gerando um esmiuçamento que só existe na mente do linguista e que só serve para atender a finalidades de modelos teóricos. Do outro lado, puxar a polissemia para baixo é escondê-la, fazendo resumos que desconsideram nuances semânticas que deveriam ser plenamente subespecificadas.

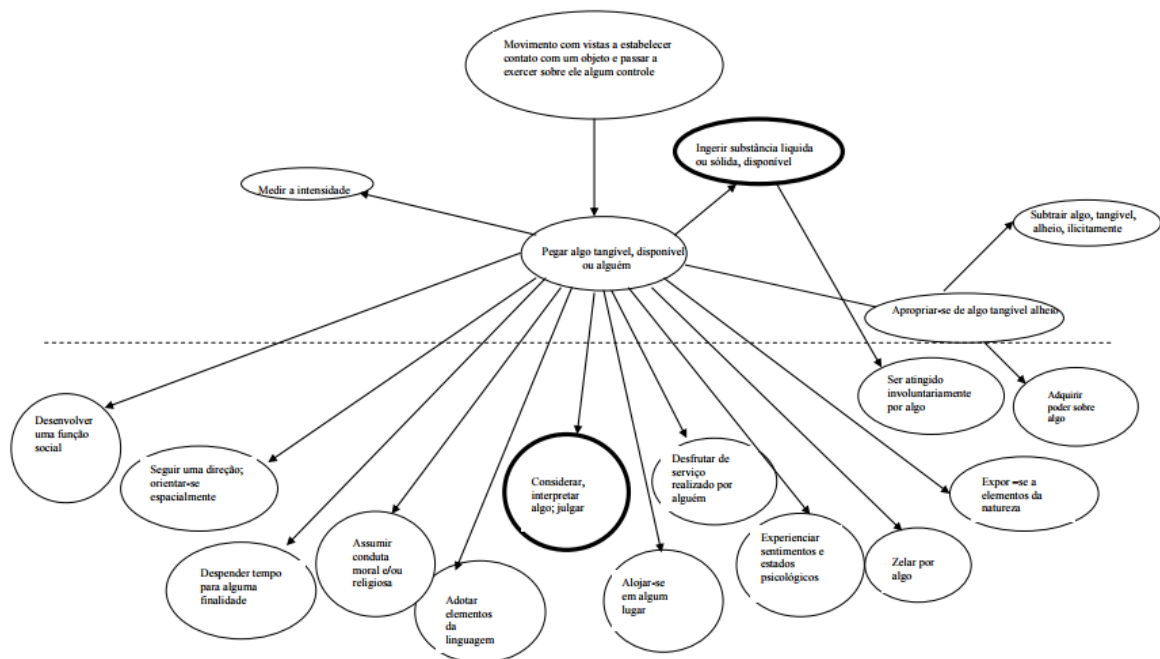
A LC, mesmo não formulando uma teoria específica para a polissemia, traz um contributo substancial para a sua investigação, fazendo menção aos protótipos como organizadores das redes semasiológicas (SOARES DA SILVA, 1999; SANTANA DOS

⁴⁸ “[...] (in particular cognitive linguists) may make a multitude of sense distinctions [...] that are (explicitly or implicitly) attributed to speakers’ mental representations. When no evidence for distinguishing these senses is cited (apart from the linguist’s imagination), this may be a case of the polysemy fallacy.” (HASPELMATH, 2003, p. 239).

SANTOS, 2011) e destacando a importância da metáfora (SAÍZ, 2005) e da metonímia (BASÍLIO, 2011) como mecanismos geradores de polissemia.

Apresentam-se, a seguir, quatro modelos de representação de polissemia na LC. A primeira representação está na Figura 10, que traz a rede polissêmica do verbo “tomar” no português contemporâneo, extraída da pesquisa de Santana dos Santos (2011). Nesse trabalho, a autora descreve uma gama de significados para o verbo *tomar*, em uma abordagem centrada no item lexical. Há significado prototípicos que, ora são mais frequentes, ora são mais capazes de se relacionar com outros significados tidos como periféricos.

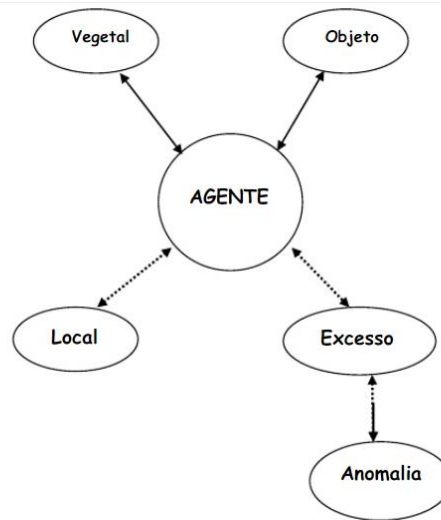
Figura 10 – Polissemia do verbo “tomar” no português contemporâneo



Fonte: Santana dos Santos (2011, p. 252).

Na Figura 11, é apresentada a rede polissêmica do sufixo *-eiro* no português contemporâneo, extraída do trabalho de Pizzorno (2010). Destaca-se essa representação, pois, a autora faz uma abordagem da polissemia para um afixo/formativo, o que demonstra que esse não é um fenômeno exclusivo da palavra. No entanto, tal qual na abordagem de Santana dos Santos (2011), a análise centra-se em um dado item. No caso de Pizzorno (2010), o formativo *-eiro*. A respeito da sua interpretação, há um significado mais prototípico que se relaciona com mais significados da rede e outros que são mais periféricos e que nem se relacionam diretamente com o protótipo.

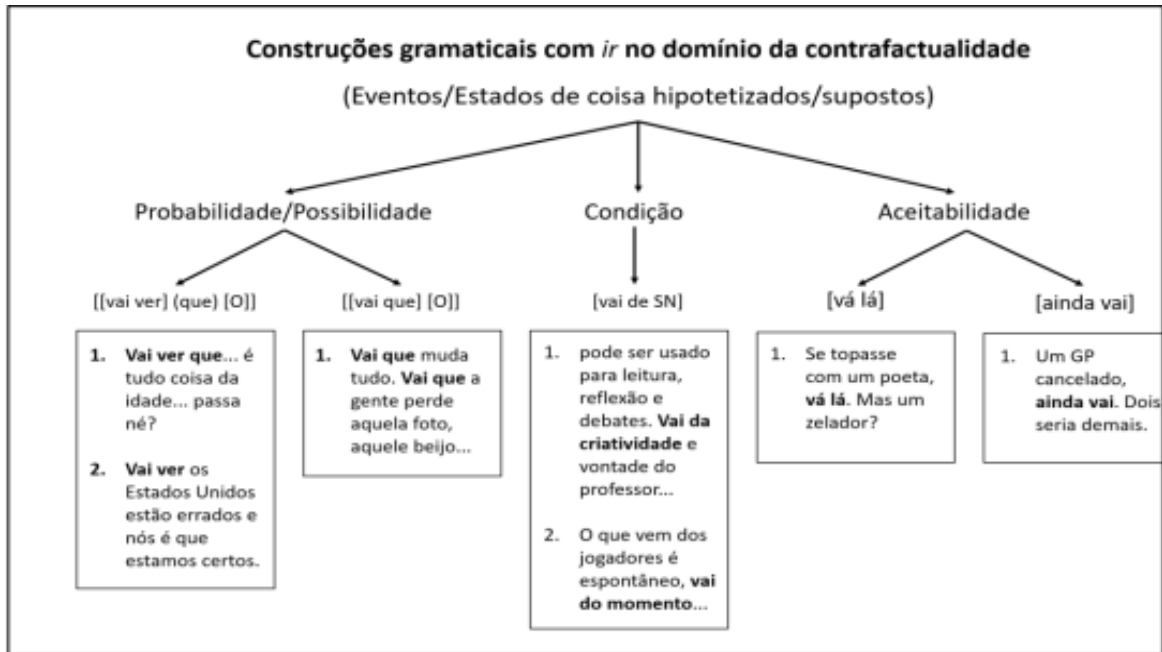
Figura 11 – Polissemia do sufixo *-eiro* no português contemporâneo



Fonte: Pizzorno (2010, p. 100).

A Figura 12 traz uma representação de uma abordagem construcional, extraída do trabalho de Andrade (2017), sobre as construções com o verbo “ir”. Nos modelos construcionais, embora reconheçam-se as categorias de significados, não se estabelece um que seja prototípico. Há uma instância genérica, esquema geral, que une todos os significados, descritos por meio de esquemas dominantes e subesquemas. Cabe ressaltar que, nessa análise de Andrade (2017), a polissemia não é creditada exatamente ao verbo “ir”, mas a modelos que são recorrentes, o que faz com que se leve em conta os padrões formais, funcionais e semânticos de elementos que se adjungem ao verbo “ir” e que contribuem para a especificação de um dado significado.

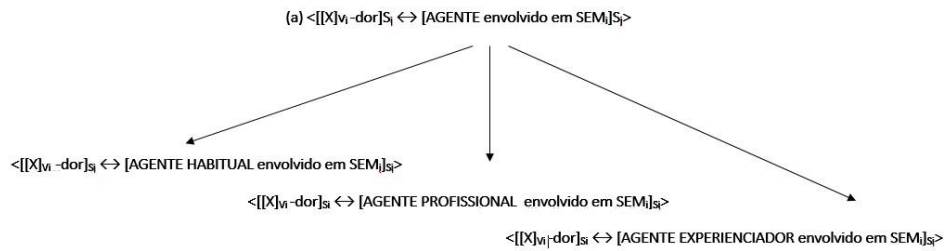
Figura 12 – Rede esquemática das construções com o verbo “ir”



Fonte: Andrade (2017, p. 72).

Por último, a Figura 13 traz também uma abordagem construcional, mas voltada para a morfologia. A representação foi extraída do trabalho de Soledade (2019). Ao analisar que o esquema [X_V-dor]_N no português arcaico, a autora considera três tipos de agentes relacionadas às palavras derivadas com esse formativo: agente habitual (pecador), agente profissional (caçador) e agente experienciador (sabedor). Na visão construcional da morfologia, esses três significados/subesquemas relacionam-se, e isso está representado pela ideia de um esquema dominante de agente. A polissemia aqui não se centra no sufixo ‘-dor’, mas no conteúdo da palavra completa e a maneira como ela se relaciona com outras palavras formadas com o mesmo formativo.

Figura 13 – Rede esquemática das construções X-dor no português arcaico



Fonte: Soledade (2019, p. 196).

3.3.2 Operações de conceptualização no léxico

Nesta subsecção, abordam-se operações de conceptualização atinentes à formação de palavras complexas e à construção dos seus significados. Serão bases para essas reflexões os trabalhos de Salomão (2009), Carmo (2009), Botelho (2009), Castro da Silva (2012), Lopes (2016) e Simões Neto (2016). Serão abordadas quatro operações: ajuste focal/focalização, metáfora, metonímia e compressão. Ao longo desta seção, as três primeiras operações já foram abordadas, mas sem aplicações à morfologia lexical. Isso será feito agora, acrescentando-se a operação de compressão como um mecanismo produtivo de conceptualização.

3.3.2.1 Focalização/ajuste focal

A focalização aparece no trabalho de Langacker (1987, 2013) e é trabalhada por Castro da Silva (2012), com o nome de ajuste focal. Como já dito anteriormente, o ajuste focal diz respeito à capacidade de o falante/conceptualizador selecionar elementos específicos de uma cena para compreendê-la como um todo. Para mostrar como esse fenômeno aplica-se à formação de palavras, o autor utiliza um exemplo também visto em Salomão (2009): o par carcereiro e prisioneiro.

Observa o autor que, embora essas palavras sejam construídas com um mesmo formativo, a partir de bases potencialmente sinonímicas (cárcere e prisão), os significados delas apontam para referentes completamente opostos dentro de uma mesma cena. Isso, além de reforçar a hipótese de uma composicionalidade fraca na interpretação do significado, mostra que uma mesma cena pode ser perfilada de maneiras diferentes. Em prisioneiro, o foco está em

quem está dentro do lugar, ao passo que, em carcereiro, o foco está em quem está fora. Isso soa, em certa medida, óbvio, mas é um contraste semântico recorrente e um mecanismo de produção bastante produtivo.

Simões Neto (2016) contrastou as palavras latinas *aquārīus* e *utrārīus*, ambas utilizadas para designar o aguadeiro, pessoa responsável por transportar a água:

[e]m *aquārīus*, a base é *aqua* (água) e, em *utrārīus*, tem-se *uter* (odre: recipiente feito de pele de animal para transportar líquidos), como base. Note-se que, em uma formação, toma-se o líquido transportado como base, ao passo que a outra toma o recipiente, daí o ajuste focal é compreendido por uma metonímia CONTINENTE/CONTEÚDO, em que *aquārīus* parte do conteúdo, e *utrārīus*, do continente (SIMÕES NETO, 2016, p. 203).

Em uma situação analogamente inversa, há bases que remetem a elementos diferentes de uma mesma cena e que são utilizadas para formar, por meio de um mesmo esquema, palavras distintas que se referem a um mesmo referente.

3.3.2.2 Metáfora

A metáfora, simploriamente definida como um mecanismo de compreensão em que tomamos um conceito em termos do outro, é também produtiva na extensão de significado no léxico. Para tratar dessa operação, Castro da Silva (2012) valeu-se dos trabalhos de Batoréo e Casadinho (2009), sobre os vários usos do verbo *botar*, e do de Álvaro (2009), sobre a polissemia da preposição *até*. O autor reconhece a metáfora como um dos mecanismos mais produtores no estabelecimento de uma rede polissêmica.

Por meio do trabalho de Batoréo e Casadinho (2009), o autor menciona construções como ‘botar discurso’ e ‘botar a alma para fora’, que sugerem que os significados estendidos de *botar* – com o sentido mais físico de *colocar* – são decorrentes de metaforização.

No que toca ao trabalho de Álvaro (2009), em que se veem as construções “Eliana viaja **até** Juiz de Fora, sempre”; “Seu pai volta **até** domingo”; “Edu ganha **até** R\$ 3.000,00 nesses trabalhos”; e “**Até** juízes reconhecem que a demora é o principal fator de impunidade”, Castro da Silva (2012) menciona que a autora sugeriu que essas construções relacionam-se metaforicamente por meio dos domínios de espaço, tempo, quantidade e qualidade.

Simões Neto (2016) utilizou os exemplos do português arcaico *dereitoreira* e *torticeyros* como formações que parecem acionar metáforas orientacionais e experiências corpóreas. Em *dereitoreira*, aparece a compreensão do lado direito como algo correto. Sobre isso:

Helena de Oliveira (1987) explica a história dessa concepção, partindo de uma das teorias mais difundidas e aceitas: a ideia de que os primeiros habitantes do Hemisfério Norte eram adoradores do Sol, que, lá, parece se mover em sentido horário, para a direita. Na sequência, a autora, menciona os budistas, que seguem sempre à direita, ao saírem para meditar. Para os muçulmanos, Deus tem duas mãos direitas. No Antigo Testamento bíblico, conta-se que Eva se originou da costela esquerda de Adão, o que gerou o entendimento cristão do lado esquerdo como o lado do pecado. Na Idade Média, a mão esquerda é concebida como a mão da sujeira. Enfim, muitas são as vias interpretativas para explicar a concepção do lado direito como o lado correto, e uma dessas deve ter sido comprimida na formação de *dereitoreira*. (SIMÕES NETO, 2016, p. 211).

Essas conceptualizações orientacionais figuraram também em *torticeyros*, que designava algo incorreto, injusto. Aparentemente, partiu-se da experiência de que a postura torta foge do normal/ideal e deve ser evitada.

Em trabalho sobre compostos encabeçados por *síndrome* e *complexo* no português brasileiro contemporâneo, Simões Neto (2018) analisou a construção *síndrome de cirurgião*, extraída do contexto “Gente assim deve ter ‘síndrome de cirurgião’: quer meter a mão nas partes internas interiores dos recônditos + profundos da condição humana” (TWITTER, 2018).

Nesse contexto, os falantes discutiam sobre a prática sexual *fist-fucking*, em que uma pessoa insere a mão ou o punho no ânus ou na vagina da outra. Nesse caso, a prática foi conceptualizada como um ato cirúrgico, e a pessoa praticante ativa – aquela que penetra a mão ou punho – foi conceptualizada metaforicamente como um cirurgião.

3.3.2.3 Metonímia

A metonímia, mecanismo em que se compreende o todo com base em uma parte, parece ser a mais básica de todas as operações. O aspecto selecionador, característica da metonímia, mostra-se presente no ajuste focal, na metáfora e na compressão, operação da qual se falará logo em seguida.

Castro da Silva (2012), ao analisar a metonímia no léxico, utiliza dados extraídos de Gonçalves *et al* (2010), sobre o sufixo *-ão*, destacando a recorrência da metonímia continente/conteúdo, em construções como “É o único **copão** de refrigerante está inacessível”; “Meteu a mão no bolso e tirou o **carteirão** de dinheiro”; e “Bateu um **pratão**”. O autor retoma as conclusões de Gonçalves e colaboradores (2009), explicando que o uso do aumentativo não está relacionado à dimensão dos objetos copo, carteira e prato, tomados como base. Nos

contextos, o aumentativo relaciona-se aos conteúdos refrigerante, dinheiro e comida, respectivamente.

A metonímia foi vista na história de várias palavras analisadas por Simões Neto (2016). Alguns exemplos são *braceiro*, *praceiro* e *carneiro*. Em *braceiro*, adjetivo com significado de forte, o *braço* é tomado metonimicamente como centro da força. No caso de *praceiro*, qualidade de quem é agradável e sociável, a base *praça* é tomada metonimicamente como o espaço de socialização. Por fim, *carneiro*, substantivo utilizado para designar o animal, traz, na sua história, uma metonímia, pois *carneiro* era tomado como o animal útil por conta da sua carne macia, o que o diferenciava do áries, animal utilizado para fins de reprodução. Era um paralelismo similar ao que ainda há entre boi e touro.

Aspectos metonímicos foram também vistos por Simões Neto (2018) nos compostos com “síndrome” e “complexo”. Alguns exemplos são *síndrome de antibiótico*, visto em “Conversar com pessoas que tem síndrome de antibiótico te responde de 8 em 8 horas” (TWITTER, 2018), e *síndrome de Luciano Huck*, extraído de “Síndrome de Luciano Huck: Gabeira apaga fotos com os amigos do MBL”. No primeiro caso, o antibiótico é tomado metonimicamente, pelo fato de muitos deles apresentarem essa especificidade de uso de oito em oito horas. No segundo, o antropônimo Luciano Huck é utilizado do mesmo modo, remetendo ao episódio em que esse comunicador apagou as suas fotos com o seu, então, amigo, senador Aécio Neves, após esse ser denunciado em um escândalo de corrupção.

3.3.2.4 Compressão

No trabalho de Botelho (2004), sobre as construções X-eiro, a autora sinalizou a capacidade de um *input* poder comprimir um evento, de forma que, se for adotada uma Hipótese de composicionalidade forte, nunca se chegará à complexidade cognitiva do significado de algumas palavras.

Como exemplo, a autora menciona as palavras *mochileiro* e *sacoleira*. Uma análise composicional poderia sugerir pessoas que fazem ou comercializam mochilas ou sacolas, visto que, recorrentemente, as construções X-eiro abordam esse tipo de agente. No entanto, os significados das palavras derivadas não têm nada a ver com isso. A base *mochila* comprime todo o evento da viagem para dar conta de o mochileiro ser aquela pessoa que viaja bastante, com pouco dinheiro e com espírito aventureiro. Da mesma maneira, a *sacola* resume todo o percurso das pessoas que vendem muambas e produtos de baixa qualidade. Assim, no processo

derivativo, essas bases comprimem todo um evento cognitivo que, somente um modelo teórico que se baseie na experiência sociocultural e cotidiana consegue dar conta.

Tavares dos Santos (2009) e Carmo (2009), respectivamente, refletiram sobre esses mesmos aspectos nas construções X-nte e X-ista. As autoras que trabalharam com esse produtivo mecanismo de compreensão não chegaram a dar um nome específico a ele. Elas mencionam apenas que a formação de palavras pode esconder “historinhas” que não são visíveis em uma análise pautada apenas na forma. Lopes (2016), ao tomar conhecimento desses trabalhos, aplica esse formato de análise às palavras prefixadas no português arcaico. No entendimento desse autor, algumas construções prefixais

[...] se destacam pela força dessa capacidade de compressão semântica dos prefixos, de tal modo que uma simples palavra, formada por um item prefixal associado a uma base léxica, compacta em si uma espécie de micronarrativa, que é mais completa e específica que a paráfrase em geral apontada para a dita formação. O prefixo com-serve muito bem para exemplificar essa hipótese. Ao se verificar a etimologia e o percurso diacrônico do verbo concordar, constata-se que é fruto de um processo parassintético *lato sensu* (cum- + cord(is) + vogal temática verbal + morfemas flexivos verbais), apresentando o significado de ‘pôr-se ou estar de acordo’. Esse significado mais geral e mais abstrato parece originar-se, metonímica ou metaforicamente, da micronarrativa original (etimológica) que a formação parece ter contido: ‘ter o coração com o outro; estar com o coração lado a lado do outro; pôr o coração próximo ao do outro’. (LOPES, 2016, p. 244).

Lopes (2016) observa que, mesmo nas construções em que os prefixos não possam ser sincronicamente depreendidos, a pesquisa diacrônica pode ajudar a construir uma micronarrativa – termo utilizado pelo autor no lugar de *historinha*, utilizado pelas autoras – em que se pode perceber a cena comprimida. Alguns dados analisados por Lopes (2016) estão reproduzidos no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Micronarrativas prefixais no português arcaico

VOCÁBULO	ETIMOLOGIA	MICRONARRATIVA	PARÁFRASE
<i>enveja</i>	Do lat. <i>īnvidīa</i> < <i>īnvidus</i> , -a, -um < <i>īnvidēre</i>	‘olhar insistente para algo ou alguém; maus olhares para algo ou alguém’	‘desgosto provocado pela felicidade ou prosperidade alheia ou vontade irrefreável de possui-los’
<i>escaeceu</i>	Do lat. <i>*excadescere</i> , frequ. de <i>excadēre</i>	‘cair para fora (da memória)’	‘perder a lembrança de algo; deixar de pensar em algo’
<i>enpeecer</i>	Do lat. <i>*impediscēre</i> , incoativo de <i>impedīre</i> < <i>in-</i> + <i>pēs</i> , <i>pēdis</i>	‘não deixar andar com os seus pés’	‘dificultar ou tornar impraticável determinada ação’

<i>obediēte</i>	Do lat. <i>*obediscēre</i> , incoativo de <i>obedīre</i> (<i>ob-</i> + <i>audīre</i>),	‘que põe os ouvidos a escutar outrem que fala ou instrui’	‘que se submete à vontade de outrem’
<i>posfaça</i>	Do lat. <i>*postfaciare</i> < lat. <i>post faciem</i>	‘estar atrás da face’	‘injuriar, caluniar, dizer mal de alguém’
<i>resurreycō</i>	Do lat. <i>ressurrēctiō</i> , - <i>ōnis</i> < lat. <i>resurgēre</i> < <i>subrigēre</i> < <i>sub-</i> + - <i>regēre</i>	‘ato de mostrar-se novamente, conduzindo (-se) de baixo para cima’	‘retorno da morte à vida’
<i>substāça</i>	Do lat. <i>substantia</i> , - <i>ae</i> < <i>substāre</i> < <i>sub-</i> + - <i>stāre</i>	‘o que está por debaixo de’	‘natureza’
<i>trabalhey</i>	Do lat. vulg. <i>*trīpālīare</i> , derivado de <i>trīpālīum</i> ,	‘torturar com instrumento de tortura composto de três paus’	‘empenhar forças físicas ou cognitivas para executar algo’

Fonte: Lopes (2016, p. 245).

A partir dessas micronarrativas, Lopes (2016) analisa que muitas formações têm sua motivação semântica elaborada a partir de situações mais concretas que se relacionam à experiência corpórea – mente corporificada –, e que, em estágios posteriores da língua, assumiram significados mais genéricos em percursos de extensão metafórica e/ou metonímica.

Foi com base nesse trabalho de Lopes (2016) que Simões Neto (2016) dedicou uma seção à discussão dos dados de X-eir- no português arcaico, a partir de suas micronarrativas. Os dados já mencionados para metáfora, metonímia e ajuste focal são oriundos justamente dessa tentativa de aplicar o mesmo modo de análise à sufixação no latim e no português arcaico.

Chama-se esse fenômeno genericamente de compressão, porque, tanto as autoras citadas (BOTELHO, 2004; CARMO, 2009) quanto Lopes (2016) e Simões Neto (2016), usam recorrentemente a palavra “compressão” em vários momentos da análise. O aspecto metonímico é bastante relevante nessas compressões, e não há, aparentemente, nada que diferencie esse fenômeno do ajuste focal. Parece apenas que são fenômenos iguais vistos a partir de constructos teóricos diferentes. Uma vez que o ajuste focal advém da gramática de Langacker (1987, 2013) e a compressão é proposta dentro do sociocognitivismo de Salomão (2009), o ajuste focal, em função da conjuntura internacional, acaba sendo o termo mais utilizado e consagrado.

3.4 A TIPOLOGIA EM LINGUÍSTICA COGNITIVA: QUAL MODELO USAR?

Dentro dos estudos linguísticos, a Tipologia é o ramo que investiga as línguas, com o intuito de classificá-las conforme os seus padrões de organização. A Tipologia tem suas raízes no método comparatista consagrado no século XIX, mas, naquele contexto, como já dito na seção anterior, há uma tendência forte de se buscar o parentesco das línguas, com o intuito de se chegar a uma língua ancestral comum. O comparatismo linguístico acaba perdendo um pouco da sua força no começo da Linguística Moderna, pois o foco passa a ser a língua como um sistema autônomo sobre o qual não atuam forças externas.

É com a GG, a partir do final da década de 1950, que o comparatismo volta a ficar em alta, com o cotejo entre os padrões de organização sintática das línguas. Nesse contexto teórico, destaca-se a consagração da Teoria de Princípios e Parâmetros, nos anos 1980. Importa mencionar que, dentro da Linguística Moderna, o foco das comparações interlinguísticas não é mais o parentesco ou a ancestralidade do comum. Assume-se abertamente a comparação de línguas não aparentadas, sem o intuito de chegar a alguma origem.

É notório que a maioria dos estudos tipológicos tem um foco estrutural morfológico, morfossintático e sintático. Nesse sentido, traz-se a citação de Batoréo (2017), para quem:

[...] as tipologias de carácter genético ou estrutural por muito elaboradas e pomenorizadas que sejam (cf. VELUPILLAI, 2012) não respondem a uma série de perguntas que nos surgem, quando comparamos a linguagem-em-uso de línguas particulares diferentes, realizada em comunidades distintas, isto é, quando a nossa análise não incide nos sistemas linguísticos – conforme privilegiado tanto pelo Estruturalismo como Generativismo –, mas quando a análise foca as produções linguísticas dos seus falantes, na sequência da distinção, entre a *Linguística do sistema* e a *Linguística do uso* (cf. EVANS, 2014). A pergunta que nos colocamos, neste caso, é, *por que é que os falantes dizem o que dizem e de modo que o fazem*, ou seja, o que faz com que certos conceitos, tal como, por exemplo, os conceitos espaciais, acabam por ser expressos linguisticamente de um modo e não do outro (cf. BATORÉO, [1996] 2000). Esta perspectiva implica que a Linguagem não seja estudada como uma área separada das outras – como tem sido ao longo da tradição Estruturalista e Generativista dos últimos cem anos – mas que seja abordada em um conjunto com a Cognição humana, num binómio de Linguagem e Cognição, tal como propõe a Linguística Cognitiva (LC) nos últimos trinta (BATORÉO, 2017, p. 138, grifos da autora).

É na observância dessa lacuna, segundo Batoréo (2017), que se inserem a tipologia do Espaço, proposta por Leonard Talmy no âmbito da LC. O foco da tipologia na LC deixa de ser como as línguas desenvolveram-se geneticamente uma das outras ou como estruturalmente aproximam-se ou diferenciam-se. Sobre o empreendimento tipológico da LC, Batoréo (2017) explica que

[...] o que é verdadeiramente importante é procurar entender como o falante conceptualiza o mundo ao nível cognitivo e, também, como ‘traduz’ esta conceptualização na língua particular em que se exprime e que dispõe de certas características e restrições específicas que podem determinar esta expressão (BATORÉO, 2017, p. 138-139).

Auwers e Nuyts (2007), cientes da pouca atenção às questões tipológicas no âmbito da LC, sinalizam que essa ausência não está relacionada a uma quebra de princípios. Poder-se-ia pensar, por exemplo, que é incongruente buscar universais linguísticos em uma teoria que preza por uma cognição cultural e situada, mas, sobre isso, os autores mencionam que:

Nada na Linguística Cognitiva impede o uso de tais dados. Pelo contrário, uma vez que uma parcela considerável do que os linguistas cognitivos estão investigando diz respeito a noções e princípios que, hipoteticamente, são partes essenciais de nosso aparelho conceptual e/ou linguístico (metáfora, espaços mentais, frames, construções, etc), é crucial testar sua universalidade e variabilidade contra os fatos de uma amostra representativa das línguas do mundo (ou melhor, contra os fatos do comportamento linguístico dos usuários de uma amostra representativa de línguas de todo o mundo). Na prática, no entanto, o uso de dados verdadeiramente tipológicos pelos linguistas cognitivos é raro. (AUWERA E NUYTS, 2007, p. 1080, tradução minha)⁴⁹.

A abordagem tipológica mais conhecida que se vê no âmbito da LC é a de Leonard Talmy, que começou a ser engendrada ainda na sua dissertação de mestrado, quando analisou estruturas de movimento. Mais tarde, o autor observou que o inglês e o espanhol representam os eventos de movimento de maneira diferente, o que sugere que, nessas línguas, esses eventos são conceptualizados de maneiras diferentes. A partir desse momento, começa-se uma série de investigações com outras línguas e com outros fenômenos, sempre com o intuito de se classificarem as línguas com base na estruturação dos seus sistemas conceptuais.

Dois desdobramentos importantes dessa primeira investigação de Talmy são os trabalhos de Martin Haspelmath (1997), intitulado *From Space to Time: Temporal Adverbials in the World's Languages* (tradução nossa: *Do espaço para o tempo: advérbios temporais nas línguas do mundo*), e de William Croft (2001), intitulado *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective* (tradução nossa: *Gramática de Construções Radical: teoria sintática em perspectiva tipológica*).

⁴⁹ “Nothing in Cognitive Linguistics bars the use of such data. On the contrary, since a considerable portion of what cognitive linguists are investigating concerns notions and principles which are hypothesized to be essential parts of our conceptual and/or linguistic apparatus (metaphor, mental spaces, frames, constructions, etc.), it is crucial to test their universality and variability against the facts of a representative sample of the world’s languages (or rather, against the facts of the linguistic behavior of users of a representative sample of languages from all over the world). In practice, however, the use of truly typological data by cognitive linguists is rare.” (AUWERA E NUYTS, 2007, p. 1080).

No primeiro, Haspelmath (1997) analisa como as línguas do mundo comportam-se em relação à conceptualização metafórica ESPAÇO/TEMPO, com base no uso de advérbios de lugar para conceptualizar eventos do tempo. Analisados os advérbios em 53 línguas, Haspelmath (1997) sugere que o mapeamento metafórico tempo-espaço parece ser universal, visto que todas essas línguas analisadas utilizam de algum conceito prototípico do espaço para compreender o tempo.

Haspelmath (1997) vale-se das pesquisas de Talmy e de outros teóricos da LC, como Lakoff e Langacker, além de teóricos do Funcionalismo, como Talmy Givón, Elizabeth Tragoutt e Bernd Heine para o empreendimento da sua pesquisa. Com base nesse trabalho, pode-se entender que o autor tem enveredado por uma Gramática Cognitivo-Funcional, que associa princípios da Linguística Funcional mais clássica com os fundamentos da Linguística Cognitiva.

A proposta de Croft (2001), de outro lado, encaixa-se não só como um desdobramento da abordagem de Talmy, mas também da de Goldberg (1995). Em relação à GC, a Gramática Radical é assim chamada, por quatro motivos:

- (i) as categorias gramaticais (classes de palavras e funções sintáticas) são consideradas, não como primitivos, mas como construções específicas; (ii) as construções são as unidades básicas de representação sintática; (iii) relações sintáticas como entidades independentes da construção não existem; e (iv) as construções são específicas de cada língua (SOARES DA SILVA E BATORÉO, 2010, p. 232).

Nesta Tese, o modelo de análise tipológica que se usará é o visto no texto *The Geometry of Grammatical Meaning: Semantic Maps and Cross-Linguistic Comparison* (tradução minha: *A geometria do significado gramatical: mapas semânticos e comparação interlinguística*), de Haspelmath (2003).

Ao longo desse artigo, não há um compromisso rijo de Haspelmath com o paradigma da LC. Entretanto, alguns pontos podem sugerir que a sua proposição, dados os constantes cruzamentos entre a LC e a Linguística Funcional, não viola qualquer princípio teórico-analítico da LC e pode ser usado, de maneira segura, por pesquisadores que atuam nesse enquadramento.

A primeira razão é o fato de o texto aparecer citado na obra de Croft (2001) como um texto ‘to appear’ (equivalente em português: no prelo), para mencionar a pequena diferença na compreensão dos mapas semânticos. É uma diferença que se insere no plano do método, e não dos pressupostos teóricos. Além disso, Croft (2001) recorre a vários outros textos de

Haspelmath, como uma referência segura de uma abordagem tipológica pautada em dados obtidos de eventos de uso.

A segunda razão para não se verem problemas nesse *casamento* pode ser percebida no texto 1997, em que Haspelmath analisa padrões de conceptualização ‘espaço/tempo’, por meio de construções linguísticas (advérbios de tempo). Algumas análises posteriores do autor tendem a valer-se da noção de construção defendida no âmbito da LC. Isso torna-se ainda mais visível, quando Goldberg (2013), ao elencar variadas formulações construcionistas, cita trabalhos de Haspelmath.

Por fim, esse texto de 2003, a ser utilizado, foi publicado na coletânea *The new psychology of language: cognitive and funcional approaches to language structure* (tradução nossa: *A nova psicologia da linguagem: abordagens cognitivas e funcionais da estrutura linguística*), editada por Michael Tomasello, autor de referência a uma abordagem funcionalista da cognição humana⁵⁰.

3.4.1 Os mapas semânticos propostos por Haspelmath: apresentação de conceitos e análises

No já mencionado artigo *A geometria do significado gramatical*: mapas semânticos e comparação interlinguística, Haspelmath (2003) reflete sobre os vários significados e os usos variados de um mesmo item linguístico. No seu ponto de vista, nem sempre é claro quando se trata de diversidade de significados ou de usos. Por isso, utiliza o termo “multifuncionalidade”, para tratar tanto da variação de “sentidos” (=significados convencionais) quanto dos “usos” (=significados contextuais). Para Haspelmath (2003), o termo função parece ser mais neutro que essas outras duas interpretações.

A abordagem linguística da multifuncionalidade, segundo Haspelmath (2003), tem sido uma questão controversa, sobretudo quando se trata de elementos gramaticais. Na visão do autor, são detectáveis três diferentes posições teórico-analíticas: a monossêmica, a polissêmica e a homonímica.

Na posição monossêmica, assume-se que o morfema gramatical tem um vago significado abstrato, e todas as várias funções que podem ser distinguidas não são linguisticamente significantes, porque elas surgem da interação com o contexto. Assim,

⁵⁰ Nesse sentido, cabe mencionar a adesão de variados teóricos do Funcionalismo aos pressupostos da LC, consagrando o que alguns autores têm chamado de Gramática Cognitivo-Funcional. No Brasil, tem despontado uma vertente chamada Linguística Funcional Centrada no Uso, cujas bases epistemológicas são a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva, sobretudo no que toca à Gramática de Construções.

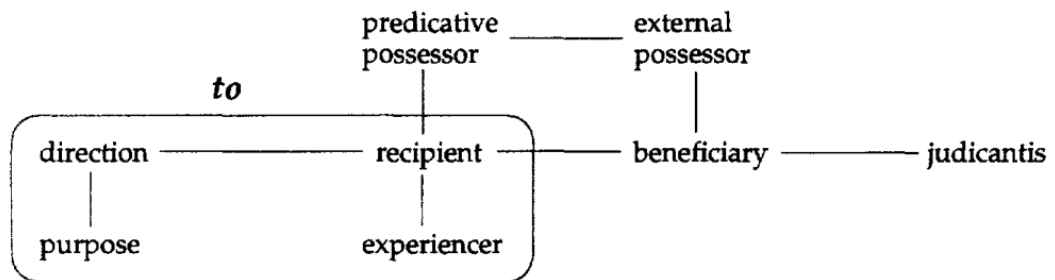
acredita-se, aqui, que há um significado apriorístico que deva ser listado, ao passo que os significados moldados no uso não devem ser considerados, por serem imprevisíveis e contextuais. Em outras palavras, eles não são sentidos convencionais diferentes, mas apenas diferentes usos.

A posição polissêmica reconhece que existem diferentes significados associados a cada morfema gramatical, mas esses significados estão relacionados uns aos outros de alguma forma, que precisam ser especificados, de modo que não é de forma alguma um acidente que os diferentes sentidos tenham a mesma expressão formal.

Por fim, a posição homonímica defende significados totalmente separados para cada uma das funções e reconhece diferentes morfemas gramaticais e lexicais para cada diferente significado. Diante desse problema, Haspelmath (2003) defende que os mapas semânticos sejam o melhor método para descrever os padrões de multifuncionalidade dos morfemas gramaticais, pois não obrigam o compromisso com uma escolha entre uma análise monossêmica ou polissêmica.

Para exemplificar o método dos mapas semânticos, Haspelmath (2003) utiliza um mapa em que estão as funções típicas dos casos dativos nas línguas em que o caso é marcado morfossintaticamente. Um mapa semântico representa geometricamente essas funções no espaço conceptual ou semântico, por meio de linhas de conexão que constituem uma rede. A configuração das funções apresentadas pelo mapa deve ser universal. Veja-se a Figura 14, extraída de Haspelmath (2003).

Figura 14 – Mapa semântico de funções dativas típicas / a delimitação do inglês *to*

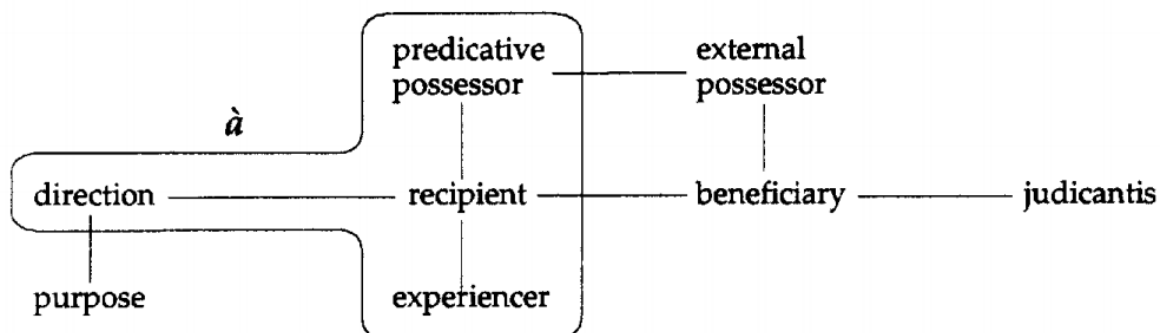


Fonte: Haspelmath (2003, p. 213).

Na Figura 14, além das linhas de conexão, demarca-se a variedade de funções da preposição inglesa *to*, dentro de um espaço conceptual universal. Estabelecer a universalidade e delimitar a funcionalidade dos elementos é o que faz o método dos mapas semânticos. Com esse mesmo espaço conceptual, podem ser demarcadas as funções da preposição francesa *à* e

concluirmos que as funções não são exatamente as mesmas do *to* inglês. Veja-se essa diferença por meio da Figura 15.

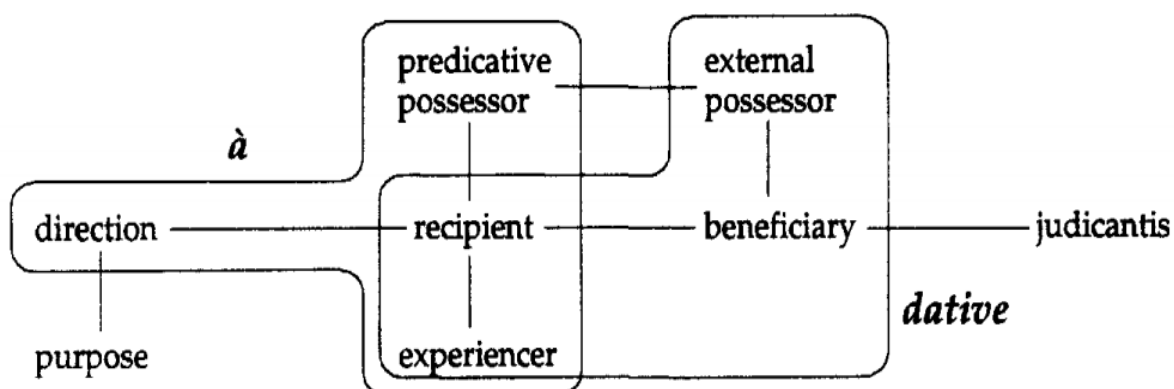
Figura 15 – A delimitação do francês *à*



Fonte: Haspelmath (2003, p. 215).

Mais adiante, Haspelmath faz outros tipos de comparação. Primeiro, com elementos gramaticais de uma mesma língua. Segundo o autor, não é incomum que diferentes morfemas gramaticais de uma mesma língua se sobreponham em sua distribuição de funções. No francês, por exemplo, além da preposição dativa *à*, há um conjunto de clíticos dativos – *me, te, lui, nous, vous, leur* – que possuem uma distribuição diferenciada, como se pode notar com a Figura 16.

Figura 16 – A delimitação do francês *à* e dos clíticos dativos franceses

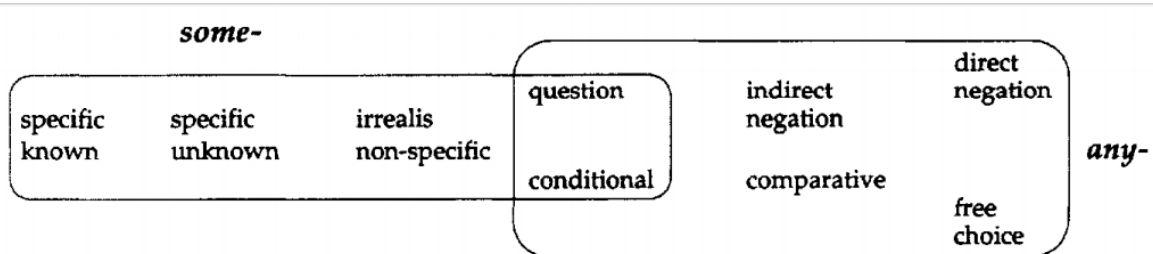


Fonte: Haspelmath (2003, p. 219).

Outros exemplos de comparação entre elementos de uma mesma língua podem ser vistos com os afixos indefinidores ingleses *some-* e *any-*, devidamente cotejados na Figura 17, e com os sufixos indefinidores *-to* e *-nibud'* do russo, na Figura 18, adiante. Note-se que, além

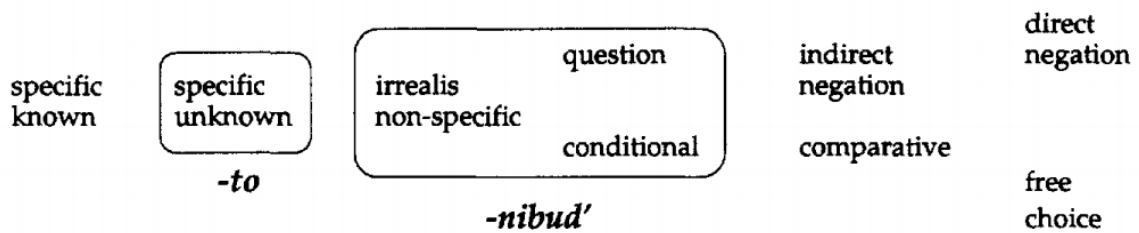
de o espaço conceptual ser o mesmo para os dois elementos, no inglês, os itens comparados apresentam funções compartilhadas, o que não acontece com os elementos do russo.

Figura 17 – A delimitação dos indefinidores *some-* e *any-* do inglês



Fonte: Haspelmath (2003, p. 219).

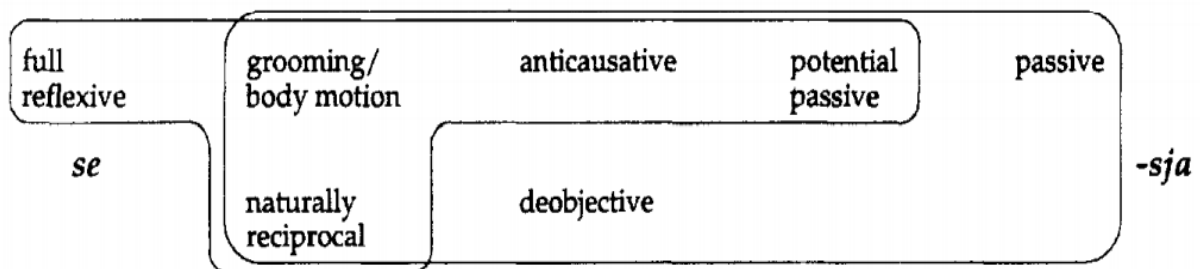
Figura 18 – A delimitação dos indefinidores *-to* e *-nibud'* do russo



Fonte: Haspelmath (2003, p. 219).

Um exemplo de comparação entre elementos de línguas diferentes pode ser visto na Figura 19, em que Haspelmath (2003) compara as funções das partículas reflexivas do francês (o *-se*) e do russo (o *-sja*).

Figura 19 – A delimitação do reflexivo francês *-se* e do russo *-sja*.



Fonte: Haspelmath (2003, p. 225).

Na visão de Haspelmath (2003), os mapas semânticos asseguram a comparabilidade interlinguística, ajudando-nos a detectar relações semânticas universais, a partir de descrições

mais concretas dos significados gramaticais. Nessa proposta, não devemos adequar a análise semântica de um morfema de uma língua específica a um espaço conceptual pré-estabelecido. Isso viola o caráter funcionalista da abordagem de Haspelmath. Caso em uma língua específica a ser comparada, os morfemas distingam duas funções, essas devem ser adicionadas ao espaço conceptual, independente de elas não se realizarem em outras línguas.

Os mapas semânticos são uma poderosa ferramenta metodológica para estudos semânticos interlinguísticos e diacrônicos, mas também são altamente relevantes para a própria semântica. A semântica é difícil, porque, ao contrário da substância fonética, não pode ser medida ou observada de forma objetiva. Pelo menos no estágio atual de nosso conhecimento, é questionável se alguém poderia motivar uma estruturação do espaço semântico que seja independente da expressão linguística. (HASPELMATH, 2003, p. 238, tradução nossa)⁵¹.

As especulações sobre estruturas semânticas universais, segundo Haspelmath (2003), sempre causaram medo aos linguistas. Para fugirem disso, concentraram-se na análise semântica de expressões específicas em línguas específicas. O autor acredita que, fazendo isso, eles estão em um terreno muito mais seguro, mas isso implica também o estudo do significado se limitar a estruturas historicamente acidentais de línguas específicas.

Diante desse cenário, Haspelmath (2003) conclui que a abordagem dos mapas semânticos faz-nos dar um passo adiante, pois, além de estar comprometida com a observação empírica de uma língua específica, vale-se de uma comparação com outras línguas, o que pode nos permitir detectar padrões em um sistema conceptual universal.

3.5 A LINGUÍSTICA COGNITIVA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Esta retomada de teorias da LC teve como objetivos ambientar o leitor que desconhece a teoria e, principalmente, selecionar aquelas teorias que subsidiarão as análises desta Tese. Ao fazer esse empreendimento, pôde-se observar que os quadros teóricos revisitados, em sua maioria, centraram-se em recortes sincrônicos e contemporâneos das línguas.

Não se pode negar, sobre a LC, que a história e a diacronia das línguas nunca estiveram entre os seus principais interesses, mesmo que a teoria reconheça que a cognição é influenciada

⁵¹ “Semantic maps are a powerful methodological tool for cross-linguistic and diachronic semantic studies, but they are also highly relevant for semantics itself. Semantics is difficult, because unlike phonetic substance, semantic substance cannot be measured or observed objectively. At least at the present stage of our knowledge, it is questionable whether one could motivate a structuring of semantic space that is independent of linguistic expression.” (HASPELMATH, 2003, p. 238).

pelos fatos históricos e culturais. Na obra de Lakoff e Johnson (1980), por exemplo, a questão histórica aparece de maneira bastante discreta. Ao que me parece, é por meio do constante aproveitamento que o Funcionalismo faz da LC que começam as suas primeiras imersões na LH. Estudos empreendidos por Joan Bybee e Elizabeth Tragoutt são alguns exemplos desse tipo de casamento teórico, a nível internacional.

No espaço luso-brasileiro, os pesquisadores envolvidos com o Funcionalismo também fizeram bastante uso de teorias da LC para analisar fenômenos diacrônicos do português. Destacam-se, aqui, duas teses orientadas por Rosa Virgínia Mattos e Silva: (i) a de Rosauta Poggio (2002), sobre a gramaticalização de preposições do latim ao português e (ii) a de Sônia Borba Costa (2003), sobre os indícios de gramaticalização nos advérbios de tempo e espaço.

No que concerne à LC propriamente dita, no contexto internacional, o trabalho de Sweetser (1990) é um dos primeiros a trazer a diacronia como objeto de investigação. Na obra intitulada *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*, a autora faz uso de uma abordagem cognitiva para dar conta de três fenômenos diferentes que se aproximam por envolver uma mesma forma usada para várias funções. Os fenômenos em questão são a polissemia, a mudança semântico-lexical e ambiguidade pragmática. Sweetser (1990) compreende que,

[n]a mudança semântica, uma forma adquire, historicamente, uma nova função para substituir ou estender as antigas; uma questão que, necessariamente, surge aqui é: o que relaciona o novo significado aos significados já existentes? – há regularidades a serem observadas na adição de um novo significado às palavras, ou na perda de significados antigos? No caso da polissemia (uma ligação sincrônica de múltiplos significados relacionados a uma única forma), uma questão paralela surge: o que nós podemos dizer sobre os possíveis agrupamentos de sentidos observados em palavras ou morfemas polissêmicos – o que, por exemplo, diferencia esses de outros casos de significados não relacionados que compartilham uma forma (casos que foram chamados de *homonímia*, ao invés de *polissemia*? (SWEETSER, 1990, p. 1, tradução nossa)⁵².

A centralidade que Sweetser (1990) dá à polissemia em sua obra, além de apontar para o constante interesse dos teóricos da LC nesse fenômeno, mostra que esse é também o fenômeno mais investigado em abordagens diacrônicas. Em língua portuguesa, o marco das abordagens

⁵² “In semantic change, a form historically acquires a new function to replace or augment its old ones; a question which necessarily arises here is what relates the new sense to already extant sense – are there regularities to be observed about the addition of new sense to words, or the loss of older senses? In the case of polysemy (the synchronic linking of multiple related senses to a single form) a parallel question arises: what can we say about the possible groupings of senses to be observed in polysemous words or morphemes – what, for example, differentiates them from the cases of unrelated meanings which share a form (cases which are termed *homonymy* rather than *polysemy*)?” (SWEETSER, 1990, p. 1).

históricas em LC dá-se com a publicação de *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*, do português Soares da Silva (1999).

Na língua catalã, isso acontece com a obra *La semàntica diacrònica cognitiva: una aplicació a propòsit de “venir”, “arribar” i “aplegar” (segles XII-XVI)*, de Montserrat i Buendia (2007), que descreve a variação e as mudanças de significados ligadas a esses verbos.

São estudos como esses, voltados para a polissemia verbal, que influenciam Santana dos Santos (2011) a estudar a polissemia do verbo “tomar” na história da língua portuguesa. A sua tese de doutoramento *A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva*.

Ainda que a polissemia seja o fenômeno mais estudado nas abordagens históricas em LC, há outros estudos que interpretam questões diferentes. Apresenta-se, então, um breve e despretensioso levantamento de pesquisas propriamente ditas ou de pequenas menções, dentro e fora da língua portuguesa que fazem esse casamento entre a LC e Linguística Histórica.

Dentro das pesquisas feitas com a teoria da metáfora e da metonímia conceptuais, destacamos os seguintes trabalhos: (i) *Conceptualizações da “velhice” em cantigas satíricas galego-portuguesas: um estudo à luz da Semântica Cognitiva*, dissertação de mestrado de Viana (2016); (ii) *Um estudo sociocognitivo de conceptualizações do trabalho em textos jornalísticos dos séculos XIX, XX e XXI*, tese de doutoramento de Leite da Silva (2017); e (iii) *Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorização do amor em cartas dos séculos XIX e XX*, tese de doutoramento de Santana (2019).

Quanto à Teoria dos Protótipos, concordo com Jaén (2014), autor do livro *Principios fundamentales de semántica histórica*, quando ele diz que uma das facetas da mudança semântica em LC é a mudança dos protótipos. Diacronicamente, não foi encontrado nenhum estudo pautado puramente nessa teoria. No entanto, é uma das teorias que mais aparecem nos estudos da polissemia em LC. Nesse sentido, vale destacar a mudança de protótipo identificada por Santana dos Santos (2011), ao longo da história do verbo “tomar”.

Sobre a Semântica de *Frames*, não se encontrou um trabalho específico sobre a mudança, mas cabe mencionar as considerações de Fillmore (1982) de que mudanças semânticas podem decorrer de uma mudança completa do frame ou de um reenquadramento dentro de um mesmo frame. Uma pequena menção nesse sentido foi vista no artigo *A semântica histórica: um campo abandonado da Linguística?*, de Roth (1998):

Um caso típico de *frame*, para dar um exemplo que me ocorreu, é a mudança semântica da palavra MONETA do latim para os diferentes sentidos nas línguas européias: *moeda* em português, etc. É só mediante o recurso ao *frame* que se pode

explicar a evolução de *admoestadora* para peça de *moeda*, que fora desta moldura não teria nenhum sentido. Esta teoria do *frame* torna extremamente difícil estabelecer a teoria de uma evolução ‘regular’ na mudança de significado (ROTH, 1998, p. 75, grifo do autor).

Na Gramática de Construções, destaca-se a dissertação *O homem vai botar uma casa para mim morar: uma abordagem sociocognitivista e diacrônica da construção de dativo com infinitivo*, de Torrent (2005). Nesse trabalho, o autor analisa construções de dativo com infinitivo, utilizando dados de fala do português brasileiro e dados escritos do latim. Ao final da dissertação, Torrent (2005) comenta que, na língua latina, foram encontradas

[...] ocorrências do *dativus auctoris*, que, já naquela época, era capaz de realizar a compressão de papéis temáticos que caracteriza a Construção que elegemos para tema desta dissertação. Encontramos também um esquema sintático muito semelhante ao do DCI, em que o Beneficiário Agente é selecionado como Sujeito da Forma Nominal que, no Latim, era o Gerundivo, o qual, por sua vez, era uma flexão do Infinitivo (TORRENT, 2005, p. 72, grifo do autor).

Ainda no âmbito da Gramática de Construções, Tragoutt e Trousdale (2013) e Oliveira (2017) e Furtado da Cunha, Bispo e Romerito Silva (2014) têm procurado explorar a mudança sob dois rótulos: a mudança construcional e a construcionalização. No primeiro, a mudança acontece em um dos polos da construção: muda somente a parte formal ou muda somente a parte semântico-funcional. No segundo, a mudança acontece nos dois polos.

Em relação à Morfologia Construcional, o artigo de Soledade (2013), intitulado *Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi-eir-]Nj no português arcaico*, é um dos primeiros trabalhos que aplica abordagens construcionais a dados da morfologia do período medieval.

Destacam-se, também na perspectiva histórica da morfologia booiijiana, as dissertações de mestrado (i) *Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico*, de Simões Neto (2016); (ii) *Sobre coleções e lugares: o caso das formações X-teca no português brasileiro*, de Melo (2017); (iii) *Neologia antroponímica: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer?*, de Rodrigues (2019); e as teses de doutoramento (iv) *Diferentes perspectivas sobre o formativo agro: aspectos históricos, morfológicos e semânticos*, de Higino da Silva (2016); (v) *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*, de Tavares da Silva (2017); (vi) *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*, de Lopes (2018).

Em vias de concluir esta seção como um todo, apresenta-se uma passagem do já mencionado Jaén (2014), no livro *Principios fundamentales de semántica histórica*. Nesse, o autor destaca cinco pontos fundamentais que caracterizam o que ele chama de Semântica Histórica Cognitiva:

- a. É uma semântica de natureza psicológica que leva em conta fatores neurocognitivos para explicar os fenômenos de evolução do significado;
- b. É uma semântica que defende o caráter regular dos mecanismos para a mudança (metáforas e metonímias, principalmente) e das próprias mudanças. Nesse sentido, a semântica histórica cognitiva recupera a hipótese pré-estruturalista acerca da existência de certas leis para a mudança semântica.
- c. Concebe-se o significado como uma entidade conceptual fundamentalmente dinâmica. As palavras podem ser utilizadas em qualquer momento em contextos novos, já que o significado pode se adaptar rapidamente à nova situação de uso. A mente, portanto, é capaz de integrar com facilidade as inovações semânticas aos significados antigos.
- d. Para a Linguística Cognitiva, não há diferenças claras entre sincronia e diacronia, o que faz com que, em alguns casos, se fale de *pancronia*. A razão está no fato de que os mecanismos que explicam as mudanças semânticas assentadas que se produzem em largos períodos de tempo são os mesmos que os explicam em mudanças mais cotidianas e efêmeras. Por isso, a distinção entre o que é diacrônico e o que é sincrônico se torna imprecisa.
- e. A Semântica Cognitiva Histórica é marcadamente empírica, já que leva a cabo sua análise a partir do estudo de corpus de dados extraídos da documentação filológica. (JAÉN, 2014, p. 56-57, tradução nossa)⁵³.

Ainda que o texto de Jaén (2014) trate fundamentalmente de uma Semântica Histórica Cognitiva, não há nenhum problema em estender essas características para os estudos gramaticais, até porque o autor não deixa claro, no seu texto, se concorda com a divisão entre Semântica e Gramática Cognitiva.

Em relação a esta Tese, os cinco pontos levantados por Jaén (2014) mostram-se pertinentes, ainda que em medidas diferentes. No que toca ao primeiro ponto, a elaboração do

⁵³ “a. Es una semántica de naturaleza psicológica que tiene en cuenta factores neurocognitivos para explicar los fenómenos de evolución del significado.

b. Es una semántica que defende el carácter regular de los mecanismos para el cambio (metáforas y metonímias, principalmente) y de los propios cambios. En este sentido, la semántica histórica cognitiva recupera la hipótesis preestructuralista acerca de la existencia de ciertas leyes para el cambio semántico.

c. Se concibe el significado como una entidad conceptual sumamente dinámica. Las palabras pueden utilizar-se en cualquier momento en contextos nuevos, ya que el significado que poseen se adapta rápidamente a la nueva situación de uso. La mente, por tanto, es capaz de integrar con facilidad las innovaciones semánticas em los significados antiguos.

d. Para la lingüística cognitiva no hay diferencias claras entre sincronía y diacronia, lo que ha hecho que en ocasiones se hable de *pancronía*. La razón estriba en que los mecanismos que explican los cambios semánticos asentados que se producen en largos períodos de tiempo son los mismos que los que explican los cambios más cotidianos y efímeros. Por ello, la distinción teórica entre lo que ES diacrónico y lo que es sincrónico se vuelve borrosa.

e. La semántica cognitiva histórica es marcadamente empírica, ya que lleva a cabo sus análisis a partir del estudio de *corpus* de datos extraídos de la documentación filológica.” (JAÉN, 2014, p. 56-57).

significado será como um fenômeno cognitivo que se constrói com bases experienciais e, nesse sentido, a cognição é compreendida como um fenômeno de ordem histórico-cultural e, ao mesmo tempo, biológica. Nesse sentido, a Tese aproxima-se de Lakoff e Johnson (2002), Tomasello (2003) e Lakoff (2008).

Em relação ao segundo ponto, destaca-se o fato de mecanismos cognitivos, como a metonimização, a metaforização, a mudança de protótipos, a analogia e o reenquadramento de frames, serem tomados como decisivos na dinâmica de mudança semântica, o que aproxima a Tese de trabalhos, como os de Fillmore (1982), Lakoff (1987), Sweetser (1990), Bybee (2016).

Sobre o terceiro ponto, assume-se a postura de analisar o significado como fundamentalmente dinâmico e que se organiza em grandes redes de conexão, fazendo com que a Tese se aproxime de Lakoff (1987), Langacker (1987), Goldberg (1995, 2006), Soares da Silva (1999), Geeraerts e Cuyckens (2007), Booij (2010), Santana dos Santos (2011) e Gonçalves (2016).

A respeito do quarto ponto, entende-se que os limites entre diacronia e sincronia nem sempre são muito precisos nesta Tese, pois, ao mesmo tempo em que as línguas são abordadas em um plano sincrônico, não se perde de vista o desenvolvimento histórico das construções analisadas, e nem o fato de haver um fluxo contínuo de mudança que caracteriza os sistemas linguísticos complexos. Orientando-se por uma abordagem pancrônica, a Tese aproxima-se de Soledade (2013a), Tavares da Silva (2017) e Lopes (2018).

Por fim, em relação ao quinto ponto, entende-se que é um estudo baseado em usos, ainda que esses não se mostrem precisamente datados, como é de costume nos trabalhos de orientação filológica. Não se pode perder de vista que os dicionários refletem, em alguma medida, usos, fornecendo uma espécie de fotografia da língua e caracterizando-se como um registro documental. Em relação ao uso de dicionários em pesquisas de orientação cognitivista, esta Tese aproxima-se, mais uma vez, da tese de Tavares da Silva (2017) e, em parte, da dissertação de Simões Neto (2016).

4 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção, comentam-se aspectos relacionados a motivações, problemas, métodos, seleção dos *corpora*, critérios de análise e organização estrutural da Tese. Inicia-se, com uma narrativa de caráter particular, a fim de explicar o percurso que se fez no mestrado e o que foi possível construir a partir daquele momento.

4.1 MOTIVAÇÕES E PERGUNTAS DE PESQUISA

Simões Neto (2016), em sua dissertação, trabalhou com as construções *X-eir-*, do latim, sob a forma *X-ārī*, ao português arcaico. Na tentativa de dar prosseguimento a essa agenda de pesquisa, uma possibilidade seria continuar a diacronia do português, algo feito por Viaro (2011), mesmo que em perspectiva não cognitivista. Diante disso, ainda que o trabalho fizesse uma nova análise, a partir de outro prisma teórico, onde estaria o ineditismo esperado para uma tese?

Em dezembro de 2018, em uma busca feita na Plataforma Lattes, foram detectados 81 produtos científicos sobre o sufixo *-eir-*. Isso inclui teses, dissertações, monografias, artigos em periódicos, capítulos de livros, publicações em anais e apresentações em eventos científicos. Com o intuito de manter com um tema recorrentemente debatido em pesquisas de morfologia, mais uma vez, fica uma pergunta: como trazer novos elementos de discussão que justifiquem uma tese?

A decisão tomada foi empreender uma análise cognitiva e construcional que levasse em conta não só o latim e o português, mas também as outras línguas românicas⁵⁴, como o galego, o espanhol, o catalão, o italiano, o francês e o romeno, esse último, muitas vezes, dispensado das análises inter-românicas.

Não se pode dizer que a observação inter-românica desse sufixo é um feito completamente inédito. Staaf (1896) fez uma tese de doutorado sobre o sufixo *-arius* nas línguas românicas, porém, além de sua análise voltar-se maciçamente para o francês e o italiano e apresentar poucos dados e menções às outras línguas românicas, não há muita exploração das questões semânticas nos desenvolvimentos do sufixo latino.

⁵⁴ Destaque-se que a tese de Lopes (2018), sobre a prefixação nas línguas ibero-românicas medievais, foi uma das inspirações para se pensar esse novo empreendimento.

Roché (2002) apresenta um estudo sobre inversão de gênero nos derivados de *-arius* nas línguas românicas. O autor trabalha com francês, italiano, espanhol, occitano, catalão e português, analisando a distribuição de formas masculinas e femininas para certas categorias de significado nessas línguas. Ainda que seja uma abordagem inter-românica, a observância do gênero morfológico nas palavras formadas com esse sufixo acaba sendo um recorte bastante específico.

Cabe mencionar, ainda, que, no livro *La formación de palabras en las lenguas románicas*, Lüdtke (2011) só menciona os derivados de *-arius* em dois breves momentos. No primeiro, tratando de nominalizações de adjetivais, o autor menciona a existência de formas derivadas de *-aria* nas línguas neolatinas: “it. *vecchiaia* ‘idade avançada, velhice’, esp: *cojera* ‘claudicação’, cat. *llargària* ‘longitude’” (LÜDTKE, 2011, p. 289, tradução nossa⁵⁵, grifos do autor). No segundo, listando sufixos formadores de *adjetivos de caráter relacional*, há uma menção ao *-arius* (LÜDTKE, 2011, p. 323-324). Assim, um dos sufixos mais produtivos na história das línguas neolatinas foi rarissimamente mencionado em uma obra sobre formação de palavras no contexto românico.

Nota-se, portanto, que há lacunas que esta Tese pretende preencher. O Quadro 4, a seguir, apresenta os esquemas construcionais que passam a ser observados nesta Tese.

Quadro 4 – Esquemas construcionais a serem analisados na Tese

Línguas	Esquemas	Exemplos
Latim clássico	X-āri-	argentāriūs, aquāriūs, glabāria, linguāriūm
Latim medieval	X-ari-	arenarius, ficarius, nesperarius, pirarius
Romeno	X-ar-	zidar, lăptar
	X-(i)er-	ospitalier, cavalier
Italiano	X-ari-	segretario, erbario
	X-ai-	lattaio, libraio
Francês	X-aire	dictionnaire, secrétaire
	X-ier-	chevalier, bijoutier
Catalão	X-ari-	autoritari, herbari
	X-er-	llibreter, clauer
Espanhol	X-ari-	argumentario, becario
	X-er-	pulsera, peluquero
Galego	X-ari-	acuario, secretario
	X-eir-	mensaxeiro, xoieiro
Português	X-ári-	aquário, secretário
	X-eir-	carteiro, saleiro

⁵⁵ “it. *vecchiaia* ‘avanzada edad, vejez’, esp. *cojera*, cat. *llargària* ‘longitud’” (LÜDTKE, 2011, p. 289, grifos do autor).

Com a decisão de seguir com essa proposta, a nova pergunta era: como inserir essa proposta inédita em uma agenda de pesquisa maior? Quem orienta este trabalho, nesse sentido, é Lopes (2018). O autor, ao trabalhar com a prefixação nas línguas ibero-românicas medievais, sinaliza o fato de que aspectos da morfologia lexical não costumam ser levados em consideração nas propostas de periodização das línguas. Geralmente, são considerados fenômenos de fonética e morfologia flexional, como se pode constatar na passagem a seguir:

Se passarmos em revista as diversas propostas de periodização do castelhano ou do galego-português, concluiremos sem muito esforço que, quanto aos aspectos intralinguísticos, pautam-se quase sempre em critérios de ordem fonológica ou morfológica flexional, sendo raros os que consideram fenômenos sintáticos e raríssimos os que levam em consideração aspectos da lexicogênese morfológica, da formação de palavras (LOPES, 2018, p. 71).

Diante dessa lacuna, Lopes (2018) observa se há aspectos na história da prefixação que permitam considerá-los sensíveis às propostas de periodização. Uma discussão parecida é feita por Rio-Torto (2012), com os sufixos. A autora investiga fenômenos de sufixação que permitam caracterizar o período arcaico da língua portuguesa, em contraponto aos períodos subsequentes da língua.

A ausência da morfologia lexical é também sentida nas considerações acerca da fragmentação linguística da România. O termo *România* é usado para referir-se à totalidade do território dominado pelos romanos. Segundo autores, como Wartburg (1952 [1950]), Maurer Jr (1951), Meier (1973), Castro (1991), Viaro (2009), Bassetto (2013) e Ilari (2018), a identificação dos domínios dialetais da România recai sobre a divisão em România Ocidental e România Oriental.

Em relação a essa divisão, como explica Ilari (2018), há, pelo menos, duas propostas. A primeira é a do suíço Walter von Wartburg, na obra *Die Ausgliederung der romanischen Sprachräume* (tradução livre: *A fragmentação linguística da România*), de 1950. Para Wartburg (1952 [1950]), na România Ocidental, incluem-se as zonas Galo-România (francês, provençal e franco-provençal), Reto-România, Norte da Itália e Ibero-România (catalão, espanhol, galego e português), ao passo que, na România Oriental, estão as regiões do Centro e Sul da Itália, Dalmácia e Romênia.

Ilari (2018), lendo Walter von Wartburg, menciona os cinco fenômenos linguísticos (fonéticos e morfológicos) mais decisivos na separação entre România Oriental e România Ocidental, para esse autor. Esses processos estão sistematizados no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Fenômenos fonéticos e morfológicos na dialeção da România

România Ocidental	România Oriental
(1) síncope da postônica lat. <i>tegula</i> > port. <i>telha</i>	conservação da postônica it. <i>tegola</i>
(2) sonorização das oclusivas surdas intervocálicas lat. <i>focu</i> > port. <i>fogo</i> , esp. <i>fuego</i> , fr. <i>feu</i> lat. <i>lepore</i> > port. <i>lebre</i> , esp. <i>liebre</i> , fr. <i>lièvre</i>	conservação das oclusivas surdas intervocálicas it. <i>fuoco</i> , rom. <i>foc</i> it. <i>lepre</i> , rom. <i>iepure</i>
(3) vocalização de -c- no grupo -ct- intervocálico lat. <i>octo</i> > port. <i>oito</i> , fr. <i>huit</i>	assimilação de -c- no grupo -ct- intervocálico it. <i>otto</i> , rom. <i>oapt</i>
(4) conservação do -s final / o plural se expressa pela terminação do acusativo lat. <i>lupos</i> > fr. <i>loups</i> , port. esp. <i>lobos</i>	cai o -s final / o plural se expressa pela terminação do nominativo it. <i>lupi</i> (o plural <i>lupos</i> torna-se indistinto no singular)
(5) a terminação do -a do neutro plural confunde-se geralmente com a do feminino singular lat. <i>ligna</i> > port. <i>lenha</i> (sing.) etc.	a terminação do -a do neutro plural confunde-se geralmente com a do feminino singular lat. <i>lintelola</i> > it. <i>lenzuola</i>

Fonte: Ilari (2018, p. 170, grifos do autor).

A segunda proposta é do romanista brasileiro Theodoro Henrique Maurer Jr. (1951), que, na obra *A unidade da România Ocidental*, sugere que a oposição se estabelece entre o desenvolvimento do latim na antiga Dácia, que caracteriza a România Oriental, e o Ocidente, que iria de Portugal à Itália. O autor nota uma diferença significativa entre as características linguísticas dos vários dialetos italianos e o romeno. Com o intuito de justificar a divisão de Maurer Jr. (1951), Ilari (2018) sintetiza da seguinte maneira:

Também deve ser valorizado segundo Maurer o fato de que o latim se desenvolveu na região danubiana sem qualquer contato com o resto da România, devido às invasões eslavas da Alta Idade Média. Com isso, não puderam chegar ao protorromeno as inovações surgidas no Ocidente e que circularam por largas áreas da România Ocidental.

Por fim, o romeno formou-se sem contato com a tradição latina escolar: os elementos latinos presentes no romeno remontam ao próprio latim vulgar, ao contrário do que aconteceu no Ocidente, onde inúmeros elementos latinos foram repostos ou mantidos por influência culta (ILARI, 2018, p. 171).

Com base nas línguas a serem investigadas nesta Tese, que são aquelas que têm dicionários, gramáticas e estudos linguísticos razoavelmente sistematizados, pode-se assumir, a partir dessas propostas, que as línguas românicas ocidentais são, indiscutivelmente, o francês, o catalão, o espanhol, o galego e o português. De maneira também indiscutível, está a categorização do romeno como uma língua românica oriental. O ponto de divergência entre Wartburg (1952) e Maurer Jr. (1951) é a classificação do italiano, mais precisamente da variedade consagrada do italiano.

A ausência de critérios relacionados à morfologia lexical, na divisão entre a România Ocidental e a România Oriental serve como um provocador para a pesquisa a ser desenvolvida nesta Tese. A questão-mor é: os aspectos morfossemânticos atinentes às construções *X-āri-* e as suas descendentes nas línguas românicas são relevantes para confirmar ou refutar essa divisão já clássica da România?⁵⁶ Outras perguntas que surgem no esteio da pergunta principal são: (i) há significados inovadores nas línguas românicas em relação à língua latina?; (ii) há significados que existem em uma língua e não em outra? O que pode explicar essas diferenças? (iii) há (variações de) protótipos entre as línguas? (iv) quais os processos cognitivos atinentes às formações de palavras nessas línguas? Existem mais semelhanças ou mais diferenças?

As formas a serem analisados na Tese foram extraídas de dicionários monolíngues e bilingues. Na medida do possível, foram usados dicionários publicados no século XXI, mas, como será perceptível no Quadro 6, a seguir, isso nem sempre foi possível.

Quadro 6 – Lista de dicionários selecionados para levantamento

Língua	Dicionário escolhido
Latim clássico	Dicionário Escolar Latino-Português, de Ernesto Faria (1995) Dicionário Latim-Português, da Editora Porto (2012)
Latim medieval	Mediae Latinatis Lexicon Minus, de Jan Niermejer (1976)
Romeno	Dicionário Romeno-Português, de Buescu (1977)
Italiano	Lo Zingarelli 2008: Vocabolario della lingua italiana, de Zingarelli (2007)
Francês	Le Nouveau Petit Robert 2014 (2013)
Catalão	Diccionari de la llengua catalana, de Martí, Solà e Fontanals (2007) ⁵⁷
Espanhol	Diccionario de la lengua española ⁵⁸ , da Real Academia Española

⁵⁶ Inclua-se, nesse sentido, a avaliação da proposta mais adequada de divisão em relação a esse fenômeno: os aspectos morfossemânticos das construções descendentes de *X-āri-* ajudam a confirmar alguma das propostas de divisão? Se sim, qual?

⁵⁷ Disponível em <http://dlc.iec.cat/>

⁵⁸ Disponível em <https://dle.rae.es/>

Galego	Dicionario da Real Academia Galega, de González e Fernández ⁵⁹
Português	Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, de Houaiss e Villar (2009)

No caso dos dados de latim clássico, há uma ampliação do *corpus* apresentado em Simões Neto (2016), que usou apenas registros do dicionário de Faria (1995). Entre as novas fontes consideradas, apenas os dicionários de latim medieval e de romeno são datados do século XX. Em relação ao latim medieval, o motivo para o descompasso é a ausência de novos materiais sobre a língua latina desse período. No que toca ao romeno, a dificuldade dá-se em termos de acesso. Novos materiais existem, mas difíceis de serem encontrados/comprados no Brasil. O dicionário bilíngue de Buescu (1977) pareceu, portanto, uma saída razoável para não excluir o romeno do quadro de análise.

4.2 JUSTIFICATIVAS PARA AS FONTES

Quem faz pesquisa científica precisa ter em mente que o trabalho, por mais esgotante que seja, dará respostas parciais e falíveis. A pesquisa científica, portanto, é sempre inacabada e incompleta, pois sempre há aspectos que ficam por fazer. Esse caráter imperfeito do trabalho científico fica evidente, quando se detalham as motivações da pesquisa, os processos de constituição dos *corpora* e os procedimentos metodológicos decisivos para análise.

No trabalho em Linguística Histórica, esse aspecto não é diferente, pois há uma dependência direta dos labores filológicos, lexicográficos e etimológicos, o que faz com que a sensação de inacabamento apareça a todo momento. Os estudos em Linguística Histórica esbarram no que Paixão de Sousa (2006), lendo Serafim da Silva Neto, chamou de lacunaridade do registro escrito: Por exemplo, quem trabalha com aspectos linguísticos do português arcaico (PA) depende dos trabalhos de edição e dicionarização, porque os registros escritos são as únicas vias documentais de acesso aos dados desse período da língua, visto que não é possível acessar a fala dos sujeitos medievais.

Por mais que se façam trabalhos exaustivos, com levantamentos homéricos, os resultados serão sempre lacunares, pois não registram todas as etapas e nuances dos fenômenos linguísticos. É preciso estar atento, então, às condições de produção, circulação e transmissão

⁵⁹ Disponível em <http://academia.gal/dicionario>

desses documentos (BORGES E SACRAMENTO, 2012; SACRAMENTO E NASCIMENTO, 2019). As práticas de escrita não eram amplamente difundidas no período medieval. Por isso, quem analisa os dados do PA, hoje, está analisando a produção linguística de uma parcela específica da população que estava inserida nas atividades de leitura e escrita.

Simões Neto (2016), trabalhando as construções *X-eir-* no PA, com base em textos disponíveis na plataforma *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM), buscou a reunir o máximo de dados. Para isso, coletou os dados de todos os textos da plataforma. Isso rendeu mais de quatro mil ocorrências de mais de trezentas palavras. No tratamento dos dados, várias palavras tornaram-se não analisáveis, por desconhecimento do significado ou da etimologia, sendo, então, descartadas. Nesse sentido, o autor lidou com a lacunaridade de duas formas. Primeiro, o olhar para o fenômeno dependia diretamente do que os documentos forneciam. Por isso, por mais exaustivo que fosse o levantamento, Simões Neto (2016) não estava abordando todos os textos escritos no período, apenas os que estavam disponíveis no CIPM.

Segundo, ao analisar os dados, Simões Neto (2016), enquanto falante do português brasileiro contemporâneo, não poderia, sem consultas a dicionários e vocabulários voltados para o período, atestar um significado. Por isso, dependia do trabalho de lexicógrafos e congêneres. Assim, o autor acabava analisando somente aquilo que os lexicógrafos e etimólogos subsidiavam. É, portanto, um efeito dominó: dicionários não registram tudo que está escrito e a escrita não consegue registrar todos os fenômenos da língua de uso corrente.

Como já sinalizado, nesta Tese, optou-se por trabalhar com os dicionários das línguas, não com textos medievais e de outras sincronias. Utilizar os dicionários pareceu ser a melhor maneira de lidar com eventuais e recorrentes dificuldades de acesso a textos de outras línguas e possíveis desequilíbrios entre as dimensões dos dados. Não que esse problema esteja plenamente resolvido, pois os dicionários também têm diferenças de configuração e de dimensão, mas a pesquisa em dicionários torna-se mais cômoda, não só pelo suporte tecnológico, com recursos de busca em alguns casos, mas também por uma questão de ordem prática: se fossem usados textos, a análise dos significados teria que passar, em algum momento, pelo crivo do significado atestado em dicionários.

Ao serem usados dicionários, uma questão que poderia ser feita é: como um trabalho que se pauta em uma teoria linguística centrada no uso vale-se de dados apresentados, muitas vezes, sem a ocorrência de uso? A resposta não é muito simples, mas dicionários, embora possam ser instrumentos de normatização linguística, não estão totalmente à parte dos usos cotidianos. Obviamente, este estudo está cerceado pela necessidade do registro ou da

lematização e pela análise semântica do lexicógrafo. Mas, essa limitação, em parte, não seria a mesma de qualquer pesquisa Linguística baseada em *corpora*? Para além disso, várias pesquisas morfológicas, inclusive de orientação cognitivista, têm se valido de registros de dicionários. Alguns exemplos são Castro da Silva (2012) e Tavares da Silva (2017), que utilizaram o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2009), e Simões Neto (2016), que usou o *Dicionário Escolar Latino-Português* (1995), para os dados de língua latina⁶⁰.

Outro fator importante para a escolha de dicionários como fontes está relacionado a uma observação de Croft (2001), de que há uma crítica muito frequente aos estudos comparativos/interlinguísticos, no sentido de eles apresentarem uma análise superficial das línguas abordadas, o que vai à contramão das buscas por análises ditas profundas e detalhadas de uma língua específica. Nesse sentido, a praticidade do levantamento em dicionários permitiu a construção de um *corpus* referencial para o fenômeno, que poderá servir para futuros estudos, em variadas perspectivas teóricas.

4.3 PROCEDIMENTOS GERAIS NO TRATAMENTO DOS DADOS E ESTRUTURAÇÃO DAS SEÇÕES DE ANÁLISE

Os procedimentos de análise a serem usados nesta Tese são inspirados nos trabalhos de Corbin e Corbin (1991), Soledade (2001, 2005), Vieira dos Santos (2009), Lopes (2013, 2018), Simões Neto (2016), desenvolvidos no âmbito do Programa para a História da Língua Portuguesa, sediado na Universidade Federal da Bahia, e na metodologia seguida pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português (2014), da Universidade de São Paulo. Nos dois grupos de pesquisa, há uma interface entre morfologia e etimologia. Embora não sejam a mesma coisa, como ressalta Gonçalves (2019), alguns trabalhos com morfologia histórica dependem do labor de etimólogos, porque a etimologia fornece uma direção, ou melhor dizendo, um critério, para o pesquisador decidir quais palavras são analisáveis e quais devem ser descartadas.

Para explicar os procedimentos de inclusão ou exclusão de palavras na base de dados, serão usados exemplos do português, mas esses critérios são pertinentes a todas as línguas analisadas.

⁶⁰ Outros trabalhos de orientação que serão retomados ao longo desta Tese, como Danielle Corbin e Pierre Corbin (1991), sobre o francês, Magni (2004), sobre o italiano, e Viaro (2011), sobre o português, também baseiam-se em dados de dicionários.

O primeiro critério para inclusão ou exclusão de palavras é a etimologia. São consideradas para a análise: (a) palavras oriundas do latim *X-ari-*, como por exemplo, *caldeiro* (< lat. *caldarium*), *galinheiro* (< lat. *galinarius*), *agrário* (< lat. *agrarius*) e *boticário* (< lat. *apothecarius*); (b) palavras de origem grega que foram transmitidas às línguas românicas por meio do latim *X-ari-*, como *exodiário* (< lat. *exodiarius* < gr. *eksodiários*) e *glossário* (< lat. *glossarium* < gr. *glóssáron*); (c) palavras oriundas de esquemas românicos cognatos ou semanticamente relacionados, como *abandonatário* (< fr. *abandonnataire*), *mostruário* (< cat. *mostruari*), *madrigueira* (< esp. *madriguera*) e *carbonário* (< it. *carbonaro*); (d) palavras oriundas de esquemas relacionados em línguas germânicas⁶¹: esp. *delfinário* (< ingl. *dolphinarium*), esp. *latitudinário* (< ingl. *latitudinarian*), cat. *llibertari* (< ingl. *libertarian*). Quanto a esse primeiro ponto, cabe ressaltar que a pesquisa não entrou no mérito de contestar a etimologia fornecida pelos dicionários-fonte.

No esteio dessa mesma informação etimológica, são descartadas: (a) palavras com origens controversas, obscuras e duvidosas, como *bueiro*, *peneira*, *otário* e *salafrário*; (b) palavras que, por razões históricas variadas, apresentam uma terminação idêntica a alguma das investigadas na Tese, mas que não são formadas via sufixação *X-ari-*, como, por exemplo, *inteiro* (< lat. *integro*), *cadeira* (< lat. *cathèdra,ae* < gr. *kathédra,as*), *macaxeira* (< tupi *maka'xera*) e *algibeira* (< ár. *al-jibairâ*).

São, também, excluídas palavras com origem no latim científico, considerando não só a especificidade semântica das formas, como também o fato de não terem sido considerados dados dessa variedade da língua latina. Nessas condições, considerar palavras formadas nesse contexto científico poderia gerar enviesamentos, porque as designações apontariam exclusivamente para certos grupos semânticos, como as designações de árvores, por exemplo. Isso é diferente do que acontece com as palavras com origem no latim eclesiástico, que traz uma gama maior de categorias semânticas, como agentes, locativos, coletivos, objetos, adjetivos entre outras.

O segundo critério para a inclusão e a exclusão de palavras é a morfologia. São consideradas analisáveis as palavras formadas nas próprias línguas, com os sufixos descendentes de *-ari-*, como *bicicletário* (*bicicleta* + *-ário*), *urinário* (*urina* + *-ário*), *blogueiro* (*blogue* + *-eiro*) e *lixreira* (*lixo* + *-eira*).

⁶¹ O motivo para manter essas formas deve-se à consulta ao livro de Miller (2005), chamado *Latin Suffixal Derivatives in English (Derivados sufixais latinos no inglês)*. Nessa obra, o autor indica passagens, como: (i) *-arius, -arium* > *-ary, -arious, -arium*; (ii) *-arius, -arium* > *-er*; (iii) *-arius, -arium* > *-ary; -ory* (raramente); (iv) *-arius, -arium* > *-arious, -arian*. Quando se admitem esses desenvolvimentos, as formas usadas de exemplo tornam-se analisáveis.

Cabe ainda mencionar o encaminhamento dado às palavras prefixadas e compostas. Sobre as primeiras, foram descartadas as palavras formadas por prefixação na língua analisada, em que o prefixo se adjuge a uma palavra derivada por sufixação, como, por exemplo, *contratorpedeiro* (*contra-* + *torpedeiro*), *transpantaneiro* (*trans-* + *pantaneiro*), *subcomissário* (*sub-* + *comissário*) e *pré-universitário* (*pré-* + *universitário*). Entende-se que, nesses casos, qualquer alteração semântica em relação às formas-base *torpedeiro*, *pantaneiro*, *comissário* e *universitário* estão relacionadas aos esquemas prefixais.

São, no entanto, consideradas as formações prefixadas que tenham origem no latim ou em outra língua românica, como *extraordinário* (< lat. *extraordinarius*) e *supernumerário* (< lat. *supernumerarius*). Embora, em alguns casos, como os dos exemplos mencionados, a prefixação seja transparente, há outros vocábulos advindos do latim em que a prefixação já não é evidente, como *subsidiário* (< lat. *subsidiarius*). São também consideradas para análise formas derivadas cujas bases são prefixadas, como *espreguiçadeira* (*espreguiçar* + *-(d)eira*) e *sublocatário* (*sublocar* + *-(t)ário*). Nesses casos, entende-se que a prefixação aconteceu anteriormente, e o esquema sufixal cumpre papel relevante na significação.

Sobre as palavras compostas, foram descartadas da análise as formas em que o elemento sufixado já entra dessa maneira na composição. São os casos de *camarão-verdadeiro*, *besouro-da-figueira*, *figueira-de-lombrigueira* e *aratu-marinheiro*. Nesses casos, não houve um processo derivacional que tenham tido como bases *camarão-verdade*, *besouro-do-figo*, *figueira-de-lombriga* e *aratu-marinha*. Isso é diferente do que acontece com *guarda-roupa*, *guarda-soleiro* e *roupa-velheiro*, que tem como bases *guarda-roupa*, *guarda-sol* e *roupa velha*, sendo, por isso, consideradas para a análise.

Quando a mudança de gênero não foi relevante semanticamente, uma das formas foi descartada. Isso aconteceu tanto com *tomateiro* e *tomateira* quanto com *camiseiro* e *camiseira*. No primeiro caso, as duas formas apontam para a árvore que gera o tomate. No segundo, ambas as formas designam tanto a pessoa que fabrica ou vende camisas quanto o lugar onde se guardam camisas. Geralmente, foi mantida a forma que compreende mais definições.

O terceiro critério de inclusão ou exclusão de palavras diz respeito à fonologia e à ortografia. Foram desconsideradas variantes fônicas/gráficas que não sejam relevantes do ponto de vista semântico, como *flauteiro* ~ *frauteiro*, *marnoteiro* ~ *marroteiro*, *postimeiro* ~ *postreiro* ~ *postremeiro* ~ *postrimeiro* ~ *postumeiro*. Nesses casos, foi considerada apenas uma entrada, geralmente a mais conhecida.

Tratando-se de procedimentos de análise de dados, cabe destacar a maneira como os dados foram apresentados e as medidas que foram tomadas para as quantificações. Vejam-se os Quadros 7 e 8, a seguir.

Quadro 7 – Construto ‘açucareiro’ nos dados do português *X-eir-*

POR0025	açucareiro	<p>Significado: substantivo masculino 1 negociante ou fabricante de açúcar 2 recipiente para guardar e/ou servir açúcar adjetivo 3 relativo ao açúcar ou à cana-de-açúcar Exs.: <i>indústria a.cultura a. 4</i> que trabalha com indústria e/ou comércio de açúcar</p> <p>Etimologia: <i>açúcar + -eiro</i></p> <p>Datação: 1535</p> <p>Esquema(s) dominante(s): Agente; Objeto; Adjetivo</p> <p>Subesquema(s): Agente profissional; Objeto recipiente; Adjetivo relativo</p>
---------	------------	---

Quadro 8 – Construto ‘adargueiro’ nos dados do português *X-eir-*

POR0026	adargueiro	<p>Significado: substantivo masculino 1 fabricante de adargas 2 soldado que usava adarga</p> <p>Etimologia: <i>adarga + -eiro</i></p> <p>Datação: 1557</p> <p>Esquema(s) dominante(s): Agente</p> <p>Subesquema(s): Agente profissional</p>
---------	------------	--

As palavras analisadas nesta Tese estão disponíveis nos apêndices que constituem os tomos suplementares do estudo. Eles apresentam-se da seguinte maneira: são separados por língua e, depois, por esquema. Dispostos em ordem alfabética, cada palavra recebe uma combinação formada por três letras e quatro números. As três letras dizem respeito à língua analisada: LLC (língua latina clássica), LLM (língua latina medieval), ROM (romeno), ITA (italiano), FRA (francês), CAT (catalão), ESP (espanhol), GAL (galego) e POR (português). Os quatro números são relativos à posição que a palavra ocupa na organização. Isso permite uma localização mais fácil dos dados, tanto para o pesquisador fazer referência quanto para o leitor que queira localizar a informação. Caso se faça referência à palavra *açucareiro*, no texto, ela deve vir acompanhada do código POR0025 e do significado considerado para a análise. Esse significado, que virá entre parênteses no quadro de análise, não é uma transcrição do

verbetes apresentados nos dicionários-fonte. É, muitas vezes, uma paráfrase ou síntese da definição dada pelo dicionário e que foi aproveitada para a análise.

Ainda a respeito do significado, um ponto importante diz respeito à polissemia das palavras. Sabe-se que os dicionários costumam trazer vários usos das palavras listadas. Nesta Tese, considerou-se que cada significado associado a uma determinada forma constitui um pareamento de forma e significado diferente, o que justifica o fato de haver uma dada quantidade de palavras coletadas, que é diferente da quantidade de pareamentos forma-significado analisados. Ainda assim, estabeleceu-se que, quando os significados forem de uma mesma categoria semântica, são analisados conjuntamente. Veja-se o que acontece em *adargueiro* (POR0026). Os dois significados referem-se a profissionais. Nesse sentido, a palavra é rotulada apenas com uma etiqueta AGENTE PROFISSIONAL. No caso de *açucareiro* (POR0025), a mesma palavra designa um recipiente, um profissional e é também um adjetivo relacional. Nesse caso, a forma recebe três etiquetas AGENTE PROFISSIONAL, OBJETO RECIPIENTE e ADJETIVO RELATIVO. As categorias semânticas esquemáticas e subesquemáticas estão relacionadas aos pressupostos da Morfologia Construcional e serão mais bem explicadas à medida em que a análise for sendo desenvolvida.

Todos os dados apresentados nos tomos suplementares trazem informações de **significado, esquemas dominantes e subesquemas**. O significado é a síntese ou a paráfrase definição dada pelo dicionário-fonte, os tópicos de esquemas e subesquemas são relativos à análise dos dados, que são retomados no texto da Tese. Informações que nem sempre aparecem são: **etimologia, tradução livre e datação**. Essa variação de presença/ausência está relacionada à natureza dos dicionários e às informações fornecidas por ele. Por exemplo, a categoria **tradução livre**⁶² só aparece para as palavras retiradas de dicionários estrangeiros monolíngues, como os do italiano, francês, catalão, espanhol e galego, e do dicionário do latim medieval, que é trilingue (latim medieval, francês e inglês). As palavras extraídas dos dicionários de latim clássico e de romeno, bilíngues com o português como língua-alvo, e de português, por razões óbvias, não demandam uma tradução.

A **etimologia** foi uma informação que nem todos os dicionários apresentaram. Os dicionários de latim, português, espanhol, italiano e francês trouxeram-na, mas os de catalão, galego e romeno não. Para essas línguas cujos dicionários-fonte não apresentaram etimologia, foram usados dicionários suplementares. Apenas não se obteve êxito com o latim medieval, dada a escassez de material.

⁶² As traduções livres apresentadas nesta Tese não são do tipo *verbum pro verbo*, e sim *ad sensum*. São apenas recursos que ajudam a fazer a melhor classificação dos dados.

Em relação à **datação**, não se alcançou a mesma sorte com dicionários suplementares, uma vez que os dados do galego, do espanhol, romeno e latim (clássico e medieval) seguiram sem essa informação. Os dicionários de português, francês e italiano trouxeram essa informação. No caso do catalão, o dicionário suplementar ajudou a preencher a informação.

Sobre os recursos suplementares, confira-se o Quadro 9.

Quadro 9 – Recursos complementares para o tratamento dos dados

Línguas	Recursos complementares
Latim clássico	<i>Dictionnaire latin-français</i> , de Gaffiot (1934)
Romeno	<i>DEXONLINE - Dicționare ale limbii române</i>
Catalão	<i>Diccionari.cat</i>
Galego	<i>Estraviz</i>

O *Dictionnaire latin-français*, de Gaffiot (1934), é uma das principais referências, quando se trata de dicionários de latim. Nesta Tese, foi usado para confirmar os aspectos formativos e semânticos apresentados nos dicionários de Faria (1995) e Editora Porto (2012). Consultado o dicionário de Gaffiot (1934), não se verificou qualquer problema nas definições e descrições apresentadas pelos dicionários a serem usados como fontes nesta Tese.

O *DEXONLINE - Dicționare ale limbii române*⁶³ é um site que reúne uma série de dicionários romenos monolíngues de várias especialidades, inclusive os etimológicos. Essa plataforma foi usada justamente para encontrar as etimologias das palavras do romeno, uma vez que o dicionário de Buescu (1977), talvez pela sua natureza comum aos dicionários bilíngues, não traz essa informação. Mesmo com esse recurso complementar, não foram encontradas informações acerca de datação das palavras do romeno.

O *Diccionari.cat*⁶⁴ é um dicionário produzido grupo Enciclopèdia Catalana, sendo um dos mais extensos dicionários do catalão. O grupo que produziu e atualiza esse dicionário contribui também com o *Diccionari de la llengua catalana*, do Institut d'Estudis Catalans, que foi utilizado como fonte de dados desta Tese. O *Diccionari.cat* traz informações acerca de datação e étimo e, por isso, foi usado como recurso complementar.

⁶³ Disponível em: <https://dexonline.ro/>

⁶⁴ Disponível em: <http://www.diccionari.cat/>

Por último, para o galego, utilizou-se como ferramenta de apoio o *Dicionário Estraviz*⁶⁵, em sua versão eletrônica 3.0. Sobre essa versão, o próprio site em que está hospedado o dicionário, explica que

[...] não só foi feita uma adaptação para a norma histórica e etimológica da língua galego-portuguesa do Dicionário Estraviz - o mais contrastado dos dicionários galegos publicados até hoje-, mas também uma revisão individualizada de cada verbete e definição, com correções e acréscimos.

Sem qualquer dúvida, este é um dos mais completos manuais das línguas românicas publicados em internet, e o mais contrastado no que à variante galega da nossa língua diz respeito, pois conta com um total de 137.989 entradas.

Como bom dicionário manual, o Estraviz possui o léxico mais fundamental e mais completo possível, quer dos ramos técnico-científicos quer das expressões mais populares. Por isso, inclui abundante léxico científico e popular de mais uso. No entanto, faltam muitas variantes e localismos, que os seus utentes podem empregar com pleno direito por serem tão galegas como as que estão incluídas.

Este dicionário vai destinado para ser utilizado por toda a lusofonia, mas, nomeadamente, pola cidadania galega. Aliás, é válido para aqueles que se dizem seguidores de uma norma "isolacionista" (na realidade, ainda hoje não há um "Dicionário Normativo Oficialista" a este nível).

O Estraviz é um primeiro passo que tenta dotar todos os galegos de mais um instrumento de trabalho, e mesmo também fazer um humilde contributo para a lusofonia que poderá reconhecer, destarte, léxico galego como próprio (DICCIONÁRIO ESTRAVIZ, seção Acerca do Estraviz).

O *Dicionário Estraviz* é citado pelo Grupo de Morfologia História do Português, em seu site, na seção de indicação de dicionários e gramáticas do galego. A obra traz informações acerca de etimologia, mas não traz informações acerca de datação. Quando não foi possível, encontrar informações nessa ferramenta, foram observados os dicionários de outras línguas românicas, com o intuito maior de verificar se a palavra era analisável.

A ausência de informações acerca de datação de maneira uniforme fez com que se optasse por uma abordagem não evolutiva dos dados. Não há, portanto, nesta Tese, uma descrição que apresente a ordem de entradas das palavras analisadas e estabeleça as rotas de mudança de maneira apurada. Nesse sentido, o trabalho é sincrônico. No entanto, não se perde de vista as questões relacionadas à origem latina, às transmissões inter-românicas e à observação de dados de sincronias mais recuadas das línguas. Nesse sentido, o trabalho traz aspectos diacrônicos. Considera-se, então, o trabalho como uma abordagem pancrônica, em que as dimensões sincrônicas e diacrônicas não estão rigidamente separadas.

Cabe, ainda, mencionar o fato de que o trabalho não aborda as diferenças entre as variedades das chamadas línguas pluricêntricas (CLYNE, 1992; SOARES DA SILVA, 2018),

⁶⁵ Disponível em: <https://estrviz.org/pesquisa.php>

operando, então, com uma visão uniformizada dessas línguas. Assim, características distintivas entre Espanhol Peninsular e Espanhol da América, Português Europeu e Português do Brasil, Francês Europeu e Francês Canadense, não serão consideradas, em princípio. Quando isso acontecer, o trabalho fará algum tipo de notação. Com essa medida, não se quer dizer que as diferenças diatópicas não são importantes para caracterizar o fenômeno. Ao contrário, espera-se que sejam feitos contrastes nesse sentido futuramente. Porém, por conta de um recorte, optou-se por essa decisão.

4.4 ESTRUTURAÇÃO DAS SEÇÕES DE ANÁLISE

As próximas seções são dedicadas às análises dos dados. Usa-se a forma *análises* no plural, porque há, pelo menos, três perspectivas de análise envolvidas: (i) a construcional, utilizando-se a Morfologia Construcional; (ii) a comparativa, com base nos Mapas Semânticos; (iii) e a sociocognitiva, que trata de questões ligadas às operações de conceptualização na formação de palavras.

Foram analisadas oito línguas diferentes e, em cada uma delas, analisou-se um par de esquemas. A ordem que se apresentam as seções tem fundamentos históricos e geográficos. Começa-se com a língua latina, pela questão da origem; seguem-na as línguas da România Oriental: o romeno e o italiano, nessa ordem; por último, as línguas da România Ocidental: francês, catalão, espanhol, galego e português, nessa ordem.

Todas as seções têm seis subseções. A primeira é um resumo introdutório, em que são mencionados os esquemas a serem analisados, a quantidade de palavras levantadas e a quantidade de pareamentos considerados. Na segunda subseção, apresentam-se informações acerca da constituição histórica das línguas, fazendo, nesse sentido, uma conexão com a seção em que se refletiu sobre Linguística Histórica, romanização e crioulização. Na terceira subseção, apresenta-se a análise construcional dos dois esquemas, geralmente um do desenvolvimento popular, outro de desenvolvimento culto-literário. Nessa subseção, são comentados os trabalhos anteriores sobre os sufixos e, depois, introduzem-se as novas análises. Na quarta subseção, é feita a análise comparativa, utilizando como ferramenta os mapas semânticos. Esse mapa semântico é reformulado progressivamente. À medida que novas línguas e novos dados são considerados, o mapa pode ser reorganizado, para dar conta das diferenças interlinguísticas.

Na quinta subseção, é feita uma análise sociocognitiva de dez construtos de cada esquema analisado. Nessa análise, pretende-se destacar como as operações de metáfora, metonímia, analogia, focalização e compressão podem atuar na construção de significados de palavras complexas. A seção recebe esse nome, por acionar discussões empreendidas por Salomão (2009), Botelho (2009), Carmo (2009) e Tavares dos Santos (2009), que trabalham na vertente do Sociocognitivismo. Na sexta subseção, é feita uma síntese, com o intuito de ressaltar os principais achados naquela seção.

Por fim, em relação aos apêndices com os dados, cabe comentar que se optou por trazer quatro volumes suplementares, o que faz com que a Tese fique organizada da seguinte maneira: (i) Tomo I: texto da Tese; (ii) Tomo II: dados de latim (clássico e medieval), romeno e italiano; (iii) Tomo III: francês e catalão; (iv) Tomo IV: espanhol; (v) Tomo V: galego e português.

5 AS CONSTRUÇÕES [[X]-ARI-]_N NO LATIM CLÁSSICO, VULGAR E MEDIEVAL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONSTRUCIONAIS E SOCIOCOGNITIVOS⁶⁶

Nesta seção, apresenta-se a análise dos dados do latim, em suas variedades clássica e medieval. Explica-se o que está se entendendo por essas variedades, destacando-se a importância do estudo de cada uma delas.

Para os dados do latim clássico, aproveitou-se o levantamento de Simões Neto, que trabalhou com 246 constructos extraídos do *Dicionário Escolar Latino-Português*, de Faria (1994). Somam-se a esses dados de um segundo dicionário, o *Dicionário Latim-Português*, da Porto (2012). Somados os dois levantamentos, a Tese opera com 704 palavras da variedade clássica da língua latina. As informações obtidas desses dicionários foram consultadas no *Dictionnaire latin-français*, de Gaffiot (1934), a fim de garantir a qualidade da análise.

Para a obtenção de dados do latim medieval, foi utilizada a obra *Midiae Latinatis Lexicon Minus*, de Jan Frederick Niermeijer, editada em 1976. Trata-se de um dicionário trilingue que apresenta os verbetes em latim, com as traduções das acepções para o francês e para o inglês. Dessa obra, ao todo, foram coletadas 748 palavras.

5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA LATINA: EXPLICAÇÕES SOBRE LATIM CLÁSSICO, VULGAR E MEDIEVAL

Como já dito na subseção 2.7, a origem do latim dá-se aproximadamente no século VII a.C., na região do *Latium* – em português, Lácio –, parte central da Península Itálica. Segundo estudiosos como Carvalho e Nascimento (1971), Bassetto (2013), Herman (2013), era uma língua falada pelos camponeses da região, fator que salienta historicamente o seu aspecto popular/vulgar.

Cardoso (1997) chama esse período inicial da língua latina de *latim pré-histórico*, que compreenderia os séculos XI e VII a.C. Essa fase inicial não aparece na proposta de periodização de Faria (1994), uma vez que o autor se orienta pelo latim em sua modalidade escrita, cujos primeiros registros estão na *Fibula de Preneste*, do século VII ou VI a.C., e no

⁶⁶ Parte da análise apresentada nesta seção foi publicada no artigo *Os esquemas X-ari- em perspectiva histórica e construcionista: do latim clássico ao medieval*, que integra a edição especial de 2018 da Revista Estudos Linguísticos e Literários, referente ao IV Colóquio Brasileiro de Morfologia.

Vaso de Duenos, do século IV a.C. Esses registros escritos iniciais caracterizam, na visão de Faria (1994), o *latim proto-histórico*.

Propostas de periodização ajudam a entender que o latim não foi uma língua uniforme no que toca à ação do tempo. Assim, quando se fala em latim pré-histórico, proto-histórico, arcaico, clássico, imperial, tardio e medieval, está se falando de variedades diferentes da língua. As variações diacrônicas, diatópicas, diamésicas e diastráticas acontecem em todas as línguas e, com a história do latim, não foi diferente. A compreensão desse aspecto variacional, cabe mencionar, será relevante para o surgimento posterior das línguas românicas.

No âmbito da Romanística, é comum serem destacadas duas variedades, o latim clássico e o latim vulgar, assumidos, muitas vezes, como latim escrito e latim falado, respectivamente. Essa tendência dicotomizante é criticada por autores como Wright (1989), Maraschin (2007) e Finbow (2011), pois, além de ignorar o fato de o latim vulgar, ainda que parcamente, ter deixado pistas do seu funcionamento em registros escritos, como o *Appendix Probi* e alguns trechos de peças teatrais populares, essa divisão acaba homogeneizando o latim vulgar, como se esse não estivesse sujeito a fatores sociolinguísticos, como o tempo, o espaço, as camadas sociais, os grupos de trabalho etc.

Nesse sentido, parece razoável entender o *latim vulgar* como a língua de uso corrente (SILVA NETO, 1957), que pode apresentar organizações diferentes conforme os distintos grupos sociais, contextos linguísticos, territórios e cronologias. Em relação ao *latim clássico*, é possível entendê-lo como a variedade escrita usada por autores da chamada Era de Ouro da literatura latina, como Cícero, Ovídio, Virgílio, entre outros. Esse período começa em meados do século I a.C. e estende-se até o século I d.C. A variedade clássica foi também usada na chamada Era de Prata (I-II d.C.), que abrange autores como Fedra, Sêneca e Petrônio. É essa variedade do latim que figurará em dicionários, gramáticas e materiais didáticos de escolas e universidades de todo o mundo. Trata-se, portanto, de uma padronização pautada no uso literário da língua e que não correspondia, em muitos casos, ao uso veicular da língua⁶⁷.

Também de natureza escrita, o latim medieval (V d.C. a XIV d.C.) é uma variedade da língua que continuou existindo nos territórios antes dominados pelos romanos. Nessa época, o latim já não era a língua de uso corrente, sendo usados os chamados romances, que se desenvolveram da língua falada. A variedade medieval do latim tem no âmbito da Igreja

⁶⁷ Cabe mencionar que, ao se apresentar nesta Tese a dicotomia já conhecida *latim clássico X latim vulgar*, não se pretende, aqui, assumi-la de maneira rígida ou mesmo antagônica. Muitas vezes, ao se introduzir essa dicotomia, aposta-se em uma ideia de incompreensibilidade entre as duas variedades. Ou, ainda, faz-se um arriscado recorte de classes, como se patrícios e plebeus falassem variedades amplamente distintas.

Católica o seu principal contexto de uso, mas não se deve entender o latim medieval como sinônimo do latim eclesiástico, uma vez que a ideia de um latim medieval diz respeito a um conceito “guarda-chuva” que se expande para outros contextos de uso, como escolas e instituições jurídicas e administrativas.

O papel da Igreja Católica nesse cenário linguístico é fundamental e precisa ser esclarecido, com base no entendimento do que foi o cristianismo na história do Império Romano. Os cristãos foram, inicialmente, perseguidos, o que fez com que, por medida de proteção, se isolassem da grande massa populacional romana, e esse isolamento “[...] favoreceu a criação de um novo linguajar que os pagãos compreendiam tão mal quanto à nova ideologia” (NORBERG, 2007, p. 9).

Durante o século IV d.C., mais precisamente no ano de 313, a promulgação do Edito de Milão por Constantino autorizou a liberdade religiosa no Império, favorecendo os cristãos, em alguma medida. Depois, em 392, Teodósio proibiu os cultos que não fossem cristãos, fazendo com que essa parcela da população triunfasse e avançasse socialmente, abrangendo uma maior massa populacional.

É nesse contexto social que aparece a *Vulgata*, tradução latina da Bíblia datada entre os séculos IV e V d.C. Essa tradução tinha um texto de caráter mais acessível, com o intuito de permitir o avanço do cristianismo. Na obra, fez-se uso de estruturas morfossintáticas e variantes léxicas típicas de variedades populares. Isso fez com que esse latim, embora escrito e, em certa medida, culto, já que as práticas de leitura e escrita não eram amplamente difundidas, apresentasse influências do latim vulgar, por meio dos chamados vulgarismos.

Foi essa a qualidade de língua latina que se estendeu pela Idade Média, convivendo, de alguma maneira, com as línguas românicas em formação e ainda sem estatuto de línguas nacionais. Como o latim medieval, ao longo de sua estruturação, foi influenciado por vulgarismos da língua falada, estudar a língua latina medieval pode possibilitar-nos o acesso a longínquas pistas do latim vulgar.

5.2 O QUE JÁ FOI DITO SOBRE O FUNCIONAMENTO DOS SUFIXOS *-ARIUS*, *-ARIA* E *-ARIUM* NA LÍNGUA LATINA

Em Simões Neto (2016), foram analisadas as construções *X-ārĩ-* do latim clássico, com o intuito de entender a sua continuidade no português arcaico, sob as formas *X-eir-*. Assim, tomou-se o sufixo *-ārĩus* como um início absoluto da história, sem atentar para a sua gênese

dentro da própria língua latina. Assim, a interpretação feita em Simões Neto (2016) começa narrando o caráter adjetival e transcategorizador do formativo latino, que recorrentemente formava adjetivos a partir de substantivos. Mesmo não estando errado, há episódios omitidos dessa história que acreditamos que precisam ser devidamente registrados.

Com o novo levantamento no dicionário da Editora Porto (2012), pôde-se observar que algumas entradas de construções *X-ārī-* apresentavam *doublets* morfológicos⁶⁸ com as construções *X-ar/X-aris*, como em *manipularis ~ manipulārīus* (relativo ao manípulo) e *columbar ~ columbārīum* (pombal).

Para além disso, ao fazer levantamento em algumas línguas românicas, sobretudo o romeno e o francês, outras questões apareceram: (i) no romeno, o esquema correspondente *X-ar* (*alimentar, binocular, canicular*) apresenta instâncias cujas equivalências em português são construções homógrafas *X-ar*, e não *X-ári-* ou *X-eir-*; (ii) no francês, houve uma observação similar: palavras como *pulmonaire* e *angulaire* correspondem, em português, a *pulmonar* e *angular*, não **pulmonário*⁶⁹ e **angulario*.

A primeira hipótese que se levantou foi a de o sufixo *-ārīus* estar historicamente relacionados ao *-ar* e ser uma provável combinação das formas etimológicas dos sufixos adjetivadores *-ar* (exemplos em português: *escolar, familiar, estelar*) e *-io* (exemplos em português: *doentio, fugidio, gentio*). Essa possibilidade não seria absurda, uma vez que outros sufixos formaram-se assim.

Soledade (2005), por exemplo, no tratamento de sufixos do português arcaico, considerou que *-ncia* adviria da combinação entre *-nte* e *-ia*. Assim, a formação de *paciência* passa por *paciente* + *-ia*. Outro exemplo da mesma autora é o sufixo *-aria*, que seria a combinação entre *-ário/-eiro* e *-ia* (*secretário* + *-ia* = *secretaria*; *padeiro* + *-ia* = *padaria*). Em

⁶⁸ *Doublets* morfológicos acontecem quando duas palavras complexas são formadas com uma mesma base e, usando afixos diferentes, apontam para o mesmo significado. Desconsiderando as valorações sociais que há em algumas localidades, seria o caso de *taxista* e *taxeiro*, que designam o motorista de táxi. Outro exemplo seria *dentário* e *dental*, adjetivos utilizados para referir-se ao dente. Sobre *doublets* morfológicos no português arcaico, ver Soledade (2013b).

⁶⁹ Usa-se o símbolo * (estrela preta) para marcar as formas agramaticais. Essa medida foi tomada com base em Viaro (2014, p. 13) e Viaro e Bizzocchi (2016, p. 584). Esses autores, envolvidos com os estudos da etimologia do português, tensionam o uso comum do * (asterisco) para marcar formas reconstruídas (emprego da Linguística Histórica) e formas agramaticais (emprego da Gramática Gerativa). Na Linguística Histórica, o * (asterisco) marca uma forma restaurada, não atestada, hipotética, que o estudioso acredita que exista. Na Gramática Gerativa, o * (asterisco) marca uma forma agramatical, impossível, que o estudioso acredita que não exista. Nota-se, portanto, que o mesmo símbolo é usado em relação a julgamentos opostos (crença na provável existência vs certeza da inexistência). Como primeiro deu-se o uso da Linguística Histórica, que é atribuído a August Schleicher, Viaro (2014) e Viaro e Bizzocchi (2016) optam por substituir o símbolo das formas agramaticais. Nesta Tese, recorrentemente, aparecem menções a trabalhos que se desenvolveram no âmbito da morfologia histórica e da morfologia gerativa. Para evitar confusões, optou-se por seguir a proposta dos autores já citados.

relação ao *-ārĩus* no latim, não se viu informação sobre o sufixo *-ivus* (étimo do sufixo português *-io*) ter participado da sua gênese.

Ainda que o caminho pensado inicialmente não tenha sido confirmado em nenhuma outra referência, a hipótese não foi abandonada por completo. Foi preciso, então, observá-la por outras perspectivas e referências. No trabalho de Freitas (2014, 2015), sobre a história do sufixo latino *-mentum* e a sua trajetória na língua portuguesa e nas demais línguas românicas, a autora explica a gênese desse sufixo latino como um desenvolvimento de uma forma original *-men*, que se uniu a uma segunda forma *-tum*. Essa explicação é subsidiada pelos comentários de autores como White (1858), Cooper (1895) e Olcott (1898), que escreveram sobre a etimologia e a morfologia histórica do latim.

Com base nessa pista, consultaram-se as obras desses dois autores e, no texto de White (1858) acerca do desenvolvimento histórico do sufixo latino *-aris*, foram encontradas as seguintes informações:

[o] sufixo primário é *ri*, sendo o nominativo o caso marcado: *lis* é obtido de *ris*, substituindo uma consoante líquida por outra, (*l* para *r*); *rius* é obtido pela inserção do *u* após o *i* em *ris*: todas as outras partes dos sufixos acima são vogais de ligação ou aumentos do sufixo primário. Esses sufixos em que *l* ocorrem são usados principalmente quando a base não tem *l*, se contiver *l*, então *r* substitui: assim, *vita*, *vitalis*; mas, *palma*, *palmaris*. No entanto, quando *l* na base é seguido imediatamente por uma vogal, o *l* é usado no sufixo: assim, *letum*, *letal*; *fluuius*, *fluvialis* e *fluviatilis*, *pluvia*, *pluvialis*. No sufixo *rius*, o *r* é usado, se *l* o precedeu ou não – como *militarius*, *ancorarius*. (WHITE, 1858, p. 66, tradução nossa)⁷⁰.

Segundo White (1858), as formas latinas etimológicas dos sufixos portugueses *-ar*, *-ário* e *-al* têm todos uma mesma origem. Leitor dessa mesma obra, Viaro (2011), acrescenta que,

[p]rovavelmente, o sufixo *-arius* faz parte da mesma complexa rede sufixal que gerou *-aris*, uma vez que encontramos – paralelamente a uma arcaica *coquinarius* – a clássica *coquinarius*, mas essas relações nem sempre são claras e, muitas vezes, formas com *-arius/a/um* ocorrem posteriormente a formas em *-ar/-al* (VIARO, 2011, p. 127).

A relação entre *-aris/-alis* e *-ārĩus*, seja na formação de substantivos, seja na formação de adjetivos, pode ser observada também do ponto de vista semântico. Mesmo o *-ārĩus* tendo se tornado mais produtivo e mais polissêmico que *-aris/-alis*, no desenvolvimento do latim e

⁷⁰ “[t]he primary suffix is ‘ri’, being the nominative case-ending: ‘lis’ is obtained from ‘ris’, by substituting one liquid for another, viz. ‘l’ for ‘r’: ‘rius’ é obtained by inserting ‘u’ after ‘i’ in ‘ris’: all other parts of the above suffixes are either connecting vowels or augmentations of the Primary Suffix. Those suffixes in which ‘l’ occurs are mostly used when the Base has no ‘l’ in it; if it contains ‘l’, then ‘r’ is mostly substituted: thus, ‘vita’, ‘vitalis’; but, ‘palma’, ‘palmaris’. Yet, when ‘l’ in the base is followed immediately by a vowel, the ‘l’ is used in the suffix: thus, ‘letum’, ‘letal’; ‘fluuius’, ‘fluvialis’, and ‘fluviatilis’; ‘pluvia’, ‘pluvialis’. In the suffix ‘rius’, the ‘r’ is used whether ‘l’ has preceded it or not – as, ‘militarius’, ‘ancorarius’.” (WHITE, 1858, p. 66).

das línguas românicas, alguns dos significados vistos em construções com *-arius* são vistos também em construções com *-aris/-alis*.

Em português, por exemplo, adjetivos relacionais são vistos tanto em *escolar, dental, familiar* e *cabal*, a partir de um esquema de *-aris/-alis*, como em *dentário* e *portuário*, advindas de um modelo esquemático de *-arius*. Da mesma maneira, pode-se ver que constructos como *colar/dedal* – objeto de uso pessoal – equiparam-se semanticamente a *sudário, pomar/canavial* – lugar onde há – nivelam-se a *planetário*, e *auxiliar/fiscal* – agente profissional – a *secretário*.

A partir dessas informações e das reanálises empreendidas, é possível elaborar hipóteses sobre a história desse sufixo também de um ponto de vista cognitivo. Nesse sentido, um fato que importa mencionar é que a gênese do sufixo *-arius* parece caracterizar-se pelo fenômeno de *chunking*, visto aqui por meio de Bybee (2016 [2010]). Na compreensão dessa autora,

[a] principal experiência que aciona o *chunking* é a repetição. Se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma. É uma propriedade tanto da produção quanto da percepção e contribui significativamente para a fluência e a desenvoltura nas duas modalidades. Quanto mais a sequência puder ser acessada junta, tanto mais fluente a execução, e a compreensão ocorrerá mais facilmente (BYBEE, 2016 [2010], p. 65).

O *chunk* deve ser visto como um elemento de organização da memória que afeta todos os sistemas cognitivos (NEWELL, 1990). O *chunking*, segundo Bybee (2016 [2010]) diz respeito à fixação de *chunks* mais complexos, a partir de *chunks* mais simples⁷¹. Sobre o *-arius*, se consideradas as observações de White (1858) de que a sua forma inicial é *-ri-* e que o /a/ poderia ter atuado como uma vogal de ligação⁷², pode-se aventar a possibilidade de que a frequente realização conjunta desses elementos (*chunks*) permitiu que os falantes da língua latina identificassem o *-ari-* como um único *chunk*.

Dessa forma, as terminações em *-us*, *-a* e *-um* que introduzem as informações morfológicas de declinação e caso, também teriam atuado no *chunking*, o que fez com que se chegasse aos formativos *-arius*, *-aria* e *-arium*⁷³.

⁷¹ *Chunkings* acontecem também na fixação de compostos sintagmáticos, expressões sintáticas lexicalizadas e lexias complexas estáveis. Isso é dizer que a fixação de construções como “não-me-toque”, “pé-de-galinha”, “aula magna” e “cesta básica” advém da frequência da realização conjunta dos itens que integram esses compostos. A compreensão dos *chunkings* permite compreender, ainda, a fixação de locuções adverbiais, como “com certeza” e “por ora”.

⁷² Vogais de ligação, assim como as consoantes de ligação, podem ser compreendidas como inserções fonológicas na estruturação interna das palavras, muitas vezes com caráter estritamente eufônico, sem afetar a semântica das palavras.

⁷³ No que concerne a formativos, pode-se aventar a possibilidade de que a fixação do sufixo *-dor* tenha se dado por um *chunking* entre o sufixo etimológico *-or* e o afixo participial *-d-*. O fato de o sufixo *-or* atuar frequentemente sobre bases participiais regulares deve ter contribuído para que o falante chegasse ao sufixo *-dor*, sem que, hoje, para formar palavras X-dor, ele precise passar por uma fase participial.

Ainda no que toca à gênese do sufixo, Viaro (2010a, 2011) sugere que tenha havido uma *poligênese*, uma vez que identifica sete processos de transmissão convergiram para uma mesma configuração formal *-arium* no latim vulgar. A partir de um *corpus* obtido em levantamento no *Dictionnaire latin-français*, de Gaffiot (1934), Viaro (2010a, p. 27-28) considera os seguintes sete processos de transmissão que, de alguma forma, interferiram na semântica do sufixo:

- (a) *-ar, -are; -al, -ale* > *-arium*
- (b) *-άριον* > *-arium*
- (c) *-arius* → *-arium*
- (d) *-aria* → *-arium*
- (e) *-orium* → *-arium*
- (f) *-άρος* > *-*arus* → *-arium*
- (g) *-αρεία* > *-*aria* → *-arium* (VIARO, 2010a, p. 27-28, grifos do autor).

Em relação à transmissão apresentada em (a), *-ar, -are; -al, -ale* > *-arium*, Viaro (2010a) lista exemplos de formas *X-arium* advindas de *X-ar(e)* e *X-al(e)*. Esse processo de transmissão pode ser ‘comprovado’ pelas formas duplas atestadas com esses sufixos. Nos dados analisados por Viaro (2010a), sete formas derivadas em *-arium* originam-se de *-ar* (*pulvinarium, lacunarium, gemellarium, lupanarium, boletarium, laquearium, ansarium*), duas de *-are* (*collarium, altarium*) e mais duas de *-ale* (*mulctrarium, ponderarium*). Conforme Viaro (2010a), “[...] o motivo da convergência sufixal entre esses sufixos e *-arium* é obscura e merece um estudo futuro mais aprofundado. Podem envolver inclusive erros de copistas. A distribuição e a pequena ocorrência não facilitam a compreensão do fenômeno” (VIARO, 2010a, p. 28, grifos do autor).

Sobre a transmissão em (b), *-άριον* > *-arium*, Viaro (2010a) comenta a assimilação semântica motivada pela semelhança formal entre o sufixo latino e o sufixo grego. “Essa ‘confusão’ contribuiu para o desenvolvimento de um significado particular dos derivados latinos, a saber, o de ‘conjunto de X’” (SIMÕES NETO, 2018, p.55). Isso, segundo Viaro (2010a), pode ser percebido na transmissão/transliteração do grego *γλωσσάριον* para o latim *glos(s)arium*.

No que toca à transmissão em (c), *-arius* → *-arium*, Viaro (2010a) aponta casos de palavras em *-arius* que apresentavam correspondentes formais e semânticos em *-arium*. “Essa coexistência pode ter contribuído significativamente para a mudança do gênero morfológico. O autor [Viaro (2010a)] aponta o caso de *commentarium* e *commentarius*, que são dados como sinônimos por Cícero” (SIMÕES NETO, 2018, p. 55). Nesse contexto, é notável que a maioria dos exemplos é de palavras que, de maneira excepcional, apresentam-se morfológicamente em

–*arius*, mas, do ponto de vista semântico, referem-se a coisas ou outros elementos não animados. Viaro (2010a) analisa que essas formas duplas podem ser interpretadas como “casos de erros à luz da ecdótica” (VIARO, 2010a, p. 28). O autor ainda comenta

[...] o fato de que a forma masculina *apiarius* é o apicultor enquanto o neutro *apiarium* é a colmeia, mostrando uma relação ainda visível entre o elemento animado e o masculino. As formas neutras em *-arium* dessa forma, jamais indicam agentes, como ocorre com as formas masculinas em *-arius* (VIARO, 2010a, p. 28, grifos do autor).

Os casos em (d), *-aria* → *-arium*, segundo Viaro (2010a), são mudanças ou mesmo lapsos nas categorias de gênero ou de número. Isso é dizer que “[...] uma forma feminina singular terminada em *-a* podia ser interpretada como neutra plural em *-a* (produzindo, assim, uma idéia coletiva) e gerar um substantivo neutro em *-um* no singular” (VIARO, 2010a, p. 28, grifos do autor). Esses casos são bastante parecidos com o (c), no sentido de haver uma tendência de as formas neutras, que dizem respeito a elementos não animados e não humanos, serem expressas em terminações em *-um*. Diante disso, pode-se tomar o par de formas exemplificado pelo autor *arenaria* e *arenarium* (SIMÕES NETO, 2018, p. 55).

Viaro (2010a) comenta que, em face da coexistência das formas e da tendência de as derivações em *-arium* suplantarem as em *-aria*, nesse contexto, “[...] a crescente força substantivadora de *-arium* (maior do que a de *-aria*) também auxilia os câmbios de gênero” (VIARO, 2010a, p. 28, grifos do autor).

Sobre o processo em (e), *-orium* → *-arium*, Viaro (2010a) menciona que, mesmo a oscilação no uso dos sufixos não sendo frequente, há exemplos de derivados locativos em *-arium* que são advindos de formas em *-orium*, sufixo de diferente origem. Um dos poucos exemplos encontrados pelo autor é o par *unctorium/unctuarium*.

Por fim, os processos de transmissão em (f) e (g) são casos raros de palavras sobre as quais o autor sinaliza uma coincidência formal, pois são palavras terminadas em *-arium*, mas opta por excluir, pois do ponto da gênese morfossemântica e etimológica não são reais derivados em *-arium*. Em relação a (f), *-ἄρος* > **-arus* → *-arium*, o autor comenta a situação em que “a terminação *-ἄρος* tornada neutra (*siparum*) convergiu para uma forma *siparium*”. Sobre (g), *-ἀρεία* > **-aria* → *-arium*, o autor cita o caso em que “uma forma em *-ἀρεία*, a saber, *αγγαρεία*, foi importada e entendida como *-aria* feminino (*angaria*) ou como plural, donde se deduziu um *-arium* singular (*angarium*)” (VIARO, 2010a, p. 28, grifos do autor).

Essa descrição da gênese de *-arius* é um importante contributo dos trabalhos de Viaro (2010a, 2011) sobre o sufixo. Nem a dissertação de mestrado de Simões Neto (2016), nem a

tese de doutorado de Tavares da Silva (2017) entram em detalhes sobre essa gênese, assumindo, quase sempre, as considerações de Viaro (2011). Por outro lado, em relação à descrição dos aspectos morfossemânticos, os trabalhos de Simões Neto (2016) e Tavares da Silva (2017) trazem discussões bastante profícuas que, em muito, distanciam-se do trabalho de Viaro (2011). Esses dois trabalhos situam-se no âmbito da LC e partem de um mesmo *corpus*, mas os autores assumem perspectivas diferentes.

O trabalho de Simões Neto (2016) destina-se à descrição da rede construcional do latim clássico X- *ārī*, ao passo que Tavares da Silva (2017) tem como foco maior explicar os processos metonímicos atinentes a essas construções que integram essa rede, sobretudo no que se relaciona às interações entre a palavra base e o constructo derivado, fornecendo, por outra via, importantes contribuições para os estudos construcionais.

Uma vez que a proposta de análise de Simões Neto (2016) está sendo revista ao longo desta Tese, apenas apresenta-se um resumo das categorias consideradas pelo autor, no Quadro 10, a seguir.

Quadro 10 – Categorias semânticas de X-ari- em Simões Neto (2016)

Categorias lexicais dos derivados	Categorias semânticas dos derivados		Exemplos
Adjetivos	Qualidades	Relativas	argentārius, aquārius, auxiliārius, coronārius, ferrārius, fructuārius.
		Ressaltadas	refractārius, ridiculārius, sanguinārius, singulārius.
Substantivos	Agentes	Profissionais	cubiculārius, frumentārius, operariā quasillāriā, utriculārius.
		Habituais	admissārius, consillārius, glabāriā, micārius.
		Circunstanciais	adversāriā, valetudinārius, verbenārius, vicārius.
		Beneficiários	beneficiārius, duplicārius.
	Locativos	Lugares onde há	aviārius, ferrāriā, ulmārius, veterārius.
		Lugares onde se faz	compendiaria, emissārius, fumārius.
	Objetos	Utensílios	calendārius, commentārius.
		Recipientes	caldārius, graphiārius, vaporārius, vestiārius.
		Máquinas	actuāriā, onerāriā.
	Quantidades	Coletivos	aerārius, pulmentārius.
		Quantias/ Unidades de medida	calceārius, cerārius, linguārius, milliārius, salārius.

Os dados levantados por Simões Neto (2016) foram usados também por Tavares da Silva (2017). Sobre esse trabalho, destacam-se dois aspectos significativos. O primeiro diz respeito ao gênero dos constructos. O autor nota que os constructos masculinos encabeçam, mais frequentemente, um significado agentivo, ao passo que os constructos femininos e neutros tendem a encabeçar significados não agentivos, algo que encontra correspondência no latim vulgar, como se viu. Na leitura de Tavares da Silva (2017), raros são os substantivos agentivos que só aparecem no feminino:

Das 336 palavras X-ariu coletadas [...], 108 são de substantivos agentivos e 100 de substantivos não agentivos. A análise do corpus levantado confirma a relação entre o gênero masculino e a acepção agentiva e entre os gêneros feminino e neutro e as acepções não agentivas. Dos 108 dados de agentes, 99 são de palavras masculinas (X-arius, -i) e apenas 9 são femininas (X-aria, -ae). Dentre as femininas, apenas 3 não apresentam um correspondente masculino. Há também a presença de 2 adjetivos com acepção agentiva (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 174).

Esse ponto mostra-se importante no desenvolvimento desta Tese, porque se observa comportamento bastante similar nas línguas românicas. Muitas vezes, o masculino refere-se a um agente profissional e a forma feminina correspondente descreve o lugar de trabalho, algum instrumento ou mesmo a vestimenta desse profissional.

A segunda contribuição relevante dada pelo trabalho de Tavares da Silva (2017) é a sistematização dos processos metonímicos que envolvem as bases e os produtos envolvidos das construções *X-ari-* substantivas. Isso pode ser visto na Figura 20, a seguir.

Figura 20 – Subesquemas X-ariu e suas características

X-ariu_{profissional}	X-ariu_{habitual}
<ul style="list-style-type: none"> * Base concreta * Caráter pontual * Substantivos mais prototípicos * Indicação de agentes mais prototípicos, marcados pelo contato direto com a entidade designada pela base. 	<ul style="list-style-type: none"> * Predileção por bases abstratas * Caráter pontual * Substantivos marcados pela flutuação categorial * Indicação de agentes menos prototípicos, caracterizados pela habitualidade.
X-ariu_{angiospermas}	X-ariu_{objetos recipientes}
<ul style="list-style-type: none"> * Bases concretas * Substantivos mais prototípicos * Designação de nomes de plantas, marcados pela relação de parte e todo entre a palavra base e a palavras derivada. 	<ul style="list-style-type: none"> * Bases concretas * Substantivos mais prototípicos * Designação de nomes de recipientes, marcados pela relação de contenção entre a palavra base e a palavras derivada.
<p>X-ariu_{locativos}</p> <ul style="list-style-type: none"> * Bases concretas * Substantivos mais prototípicos * Designação de nomes de recipientes, marcados pela relação de contenção entre a palavra base e a palavras derivada. 	
<p>Nota: Não se pode esquecer que os locativos só perderam força no séc. XVII, logo devem ser incluídos neste quadro.</p>	

Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 198).

No quadro apresentado na Figura 20, Tavares da Silva (2017) mostra que, no geral, os esquemas de X-ariu são compatíveis com bases concretas e, a interação da entidade descrita pelo derivado com a entidade descrita pela base dependerá do grupo semântico envolvido. Por exemplo, os profissionais caracterizam-se por uma relação de contato, pois atuam diretamente sobre o elemento designado pela base. As angiospermas apresentam uma relação de parte-todo, uma vez que as flores e os frutos produzidos por essas plantas/árvores fazem parte delas. Por último, tanto os locativos quanto os objetos recipientes apresentam uma relação de contenção dos elementos designados pela base. A única categoria semântica que se diferenciou foi a de agentes habituais, pois essa costuma selecionar bases abstratas, caracterizando os agentes em termos de hábito e frequência.

5.2.1 Notas especiais sobre o funcionamento dos sufixos *-arius*, *-aria* e *-arium* no latim vulgar

Ainda que os comentários anteriores considerem os usos populares de *-arius*, *-aria* e *-arium* na língua latina, opta-se por apresentar, nesta subseção, informações específicas sobre o funcionamento do formativo no latim vulgar. Como não se constituiu uma base de dados para

essa variedade, parte-se das notícias dadas por autores como Cooper (1895), Olcott (1898), Maurer Jr. (1959) e Väänänen (1967).

Cooper (1895), numa tese que trata da formação de palavras no *sermo plebeius*, apresenta os usos substantivos e adjetivos sufixos supramencionados. Sobre o *-arius/-aria*, o autor o aborda como um dos sufixos mais produtivos na cunhagem de *nomina agentis* (nomes de agentes), fato que, segundo Cooper (1895), foi também destacado em trabalho anterior de Hermann von Guericke, ainda que esse tenha excluído dessa categoria as designações de artesãos e comerciantes, como *argentarius* e *lanificarius*, artesãos e/ou comerciantes de objetos feitos de prata e de lã, respectivamente.

O caráter popular dessa categoria de formações é também destacado por Cooper (1895), quando menciona que os autores clássicos tenderam a evitá-las. São poucas as realizações vistas em autores, como Cícero, Suetônio, Catulo e Cornélio Nepos, e, entre essas raras formas, a origem parece ser do *sermo castrensis*, norma dos militares romanos, como se pode ver nos exemplos: *classarius*, *legionarius*, *naumachiarius*, *sagittarius*, que se referem a combatentes.

Essa tendência é completamente diferente da que se vê no *sermo plebeius*, variedade da grande massa popular romana, como explica Cooper: “Então, do *sermo servilis*, nós podemos citar *ergastularius*, *fugitiuarius*, *lorarius*; do *sermo rusticus*, *asinarius*, *columbarius*, *herbarius*, *iugarius*, *mellarius*, *porcinarius*, *salictarius*, *suarius*, do *sermo circensis*, *exodiarius*, *gesticularius*, *petauristarius*” (COOPER, 1895, p. 71, tradução nossa⁷⁴, grifos do autor). Vale ressaltar que, entre os dados levantados por Cooper (1895), há prevalência das formas masculinas, sendo raras as femininas. Alguns exemplos são *operaria*, *fornicaria*, *gesticularia*, *quasillaria* e *ostiaria*.

Sobre as formas substantivas com *-arium*, Cooper (1895) destaca a sua proliferação como formador de locativos e a sua competição com os derivados em *-etum*, forma etimológica do sufixo português *-edo*, que aparece em poucas palavras dessa língua, como *arvoredo*, *vinhedo*, *rochedo*, *penedo* e *passaredo*. Mais tarde, tanto as formas desenvolvidas com *-etum* quanto as com *-arium* competirão com a forma feminina *-aria*. Veja-se o excerto a seguir:

O sufixo **-arium** é especialmente frequente na escrita [...], denotando, como o **-etum**, o lugar onde um objeto – a palavra base – é encontrado, como *rosarium* = *rosetum*, e com essa significação o último sufixo [-etum] começou a ser usurpado no latim, embora ambos fossem populares no *sermo plebeius*: nas línguas românicas o último

⁷⁴ “So from the *s. servillis* we may cite *ergastularius*, *fugitiuarius*, *lorarius*; from the *s. rusticus*, *asinarius*, *columbarius*, *herbarius*, *iugarius*, *mellarius*, *porcinarius*, *salictarius*, *suarius*; from the *s. circensis*, *exodiarius*, *gesticularius*, *petauristarius*” (COOPER, 1895, p. 71, grifos do autor).

sufixo [-etum] foi amplamente substituído pelo primeiro [-arium], ou em maior medida pelo feminino **-aria**, que assumiu a mesma função. **Fr.**, *grenier*, *verger*, fem., *chatière*, *risière*, *sablière*; **Span.**, *armario*, fem., *higuera*, *porquera*; **Ital.**, *columbajo*, *viridario*, fem., *abetaja*, *capraja*, *columbaja*, *gallinaja*, *sorcijaja* (COOPER, 1895, p. 74-75, tradução nossa⁷⁵, grifos do autor).

A concorrência entre derivados em *-arium* e *-aria*, nesse contexto, pode ser explicada por três rotas, que não são, de maneira alguma, excludentes entre si: (i) o fato de formas do neutro plural (tema em *-a*) terem se confundido com o feminino singular (tema em *-a*) no latim vulgar⁷⁶; (ii) a existência de vias de transmissão *aria* > *arium*⁷⁷; (iii) os locativos, geralmente, trazem consigo uma noção coletiva, pois reúnem vários integrantes de uma mesma categoria, o que ressalta um aspecto pluralizado e acaba recaindo sobre o fato em (i)⁷⁸.

Em relação às formações de adjetivos com *-arius*, Cooper (1895) menciona que esse sufixo é um dos mais numerosos. Nessa seção, o autor destaca a recorrência com que esses adjetivos aparecem como qualificador de pessoas, o que vai ser decisivo para a elaboração dos nomes de agente.

É importante a atenção que Cooper (1895) dá aos usos de sufixados em *-aria* que acompanham nomes genéricos como *herba*, o que vai propulsionar a criação de um grande número de designações de plantas. Segundo o autor, ao que tudo indica, trata-se de uma contribuição do *sermo rusticus*, norma dos camponeses. Cooper (1895) sinaliza também que, em alguns casos, o termo genérico *herba* não aparece nos textos, o que sugere que, no latim vulgar, já existia um movimento direto de criação de nomes de árvores, que será bastante produtiva em algumas línguas românicas. Vejam-se as palavras do autor:

Outra evidência da prevalência dessas formas no *sermo rusticus* é proporcionada pela grande quantidade de nomes de plantas formadas do feminino em **-aria**, com ou sem *herba*; p. ex., *herba canaria* [...]; *herba lactaria* [...]; *herba lanaria* [...]; *piuitaria* [...]; *sanguinaria* [...]; *herba uerrucaria* [...]; *uesicaria* [...]; *herba pedicularia* [...]; *arboraria* [...]; *parietaria* [...]; *satanaria* [...]; *herba serpentaria* [...]; *uitriaria* [...];

⁷⁵ “The suffix **-arium** is especially frequent in the Scriptt [...], denoting, like **-etum**, the locality where an object - the stem word - is found, as *rosarium* = *rosetum*, and with this signification had begun to encroach upon the latter suffix in Latin, although both were popular in the *sermo plebeius*: in the Romance-languages the latter suffix has been largely superseded by the former, or to a greater extent by the fem. **-aria**, which has assumed the same function. **Fr.**, *grenier*, *verger*, fem., *chatière*, *risière*, *sablière*; **Span.**, *armario*, fem., *higuera*, *porquera*; **Ital.**, *columbajo*, *viridario*, fem., *abetaja*, *capraja*, *columbaja*, *gallinaja*, *sorcijaja*” (COOPER, 1895, p. 74-75, grifos do autor).

⁷⁶ Ver seção 4, Quadro 5, reproduzido de Ilari (2018).

⁷⁷ Ver Viaro (2010a, p. 27-28), ou, ainda, a citação feita anteriormente nesta mesma seção.

⁷⁸ Sejam vistos os exemplos de Simões Neto (2016) no Quadro 10. Os dados *aviārĭum* e *ulmārĭum* significam, respectivamente, viveiro de aves e plantação de olmos e, em certa medida, mesclam aspectos de locatividade e coletividade.

ulceraria [...]; *pulicaria* [...]; *lucernaria* [...]; *herba balsamaria* [...]; *hortaria* [...]. (COOPER, 1895, tradução nossa⁷⁹, grifos do autor).

A respeito da variante sufixal de gênero neutro, *-arium*, Cooper (1895) destaca o uso dos seus adjetivos derivados em estruturas que qualificam locativos, o que vai impactar, mais tarde, na autonomia dessa categoria entre os substantivos. Segundo o autor, essas estruturas foram amplamente usadas no latim arcaico e no latim vulgar.

Em relação à tese de Cooper (1895), a de Olcott (1898), sobre adjetivos e substantivos sufixados no *sermo vulgaris*, não traz muitas novidades sobre o sufixo *-arius*, retomando, em muitos momentos, o trabalho anterior. A partir de um conjunto de 535 palavras, sendo 412 em *-arius*, 43 em *-aria* e 80 em *-arium*, Olcott (1898) comenta:

As palavras em *-arius*, *-aria* e *-arium* formam, por várias razões, a classe mais interessante incluída no presente estudo e merecem um exame separado e completo como parte do vocabulário popular; mas o espaço permitirá apenas uma breve consideração de seu lugar no *Sermo Vulgaris*. Limitar-me-ei, portanto, a algumas deduções das inscrições, deixando as listas a seguir para falarem por si.

O número total dessas palavras nas inscrições, até o presente momento, é de 535 (*-arius* 412, *-aria* 43, *-arium* 80). Isso por si só fala muito do caráter popular do sufixo. Dois contextos da vida antiga são vitalmente trazidos para nós através dessas palavras; o trabalho diário (livre ou escravo) e a vida militar. Se a língua é o reflexo da vida de um povo, então aqui especialmente, onde a vida cotidiana é mostrada, devemos esperar encontrar uma forte tendência do vocabulário popular. De fato, o número de novas formas e significados nas inscrições mostra mais claramente que o *Sermo Vulgaris* utilizou esses sufixos para formar novas palavras à vontade (OLCOTT, 1898, p. 137, tradução nossa⁸⁰, grifos do autor).

As considerações de Olcott (1898), nesse último excerto, corroboram os comentários de Cooper (1895). Um aspecto bastante particular do trabalho de Olcott (1898) é o momento em que o autor fala da dupla sufixação, que abrange casos em que as realizações vistas nas

⁷⁹ "Further evidence of the prevalence of these forms in the *sermo rusticus* is afforded by the large number of names of plants formed from the feminine in **-aria**, with or without *herba*; e.g., *h. canaria* [...]; *h. lactaria* [...]; *h. lanaria* [...]; *piuitaria* [...]; *sanguinaria* [...]; *h. uerrucaria* [...]; *uesicaria* [...]; *h. pedicularia* [...]; *arboraria* [...]; *parietaria* [...]; *satanaria* [...]; *h. serpentaria* [...]; *uitriaria* [...]; *ulceraria* [...]; *pulicaria* [...]; *lucernaria* [...]; *h. balsamaria* [...]; *hortaria* [...]." (COOPER, 1895, grifos do autor).

⁸⁰ "The words in *-arius*, *-aria*, *-arium* form for several reasons the most interesting class included in the present study, and deserve a separate and thorough examination as a part of the popular vocabular; but space will permit of only a brief consideration of their place in the *Sermo Vulgaris*. I shall confine myself, therefore, to a few deductions from the inscriptions, leaving the lists that follow to speak for themselves. The total number of these words in inscriptions, at the present count, in 535 (*-arius* 412, *-aria* 43, *-arium* 80). This in itself speaks much for the popular character of the suffix. Two phases of ancient life are vitally brought down to us through these words; the daily labor (free ou slave) and the military life. If language is a reflex of the life of a people, then here especially, where the daily life is shown, we should expect to find a strong drift of the popular vocabulary. And in fact, the number of new forms and meanings in the inscriptions shows most clearly that the *sermo vulgaris* availed itself of these suffixes to forme new words at will." (OLCOTT, 1898, p. 137, grifos do autor).

inscrições apresentam, aparentemente, dois sufixos *-arius*, ou uma combinação dos cognatos *-arius* e *-aris* (WHITE, 1858). As colocações do autor estão expressas a seguir:

O sufixo duplo - (*i*)*ari-arius* aparece nas inscrições (geralmente ao lado do sufixo simples) nas seguintes palavras: *capsararius*, *oculararius*, *odarius*, *pugillarius*, *salarius*, *sigillarius*, *speculararius*, *vinarius*. Todas, exceto uma, são encontradas apenas em inscrições; *salarius* ocorre também no Digesto. Elas são [palavras] derivadas tipicamente secundárias; *salarius* (*salarium*), *pugillarius* (*pugillares*), *odarius* (*odaria = carmina*); mas os substantivos primitivos de muitas delas não ocorrem [nas inscrições], e podem ter sido formadas apenas com o intuito de maior extensão [...].

Como realizações da substituição de *-arius* por outros sufixos, podemos notar *argentarius*, *aurarius* (= *argenteus*, *areus*), *pedarius* (= *pedalis*). Um exemplo claro do gosto popular por palavras longas ocorre em *pedisequarius = pedisequus* (OLCOTT, 1898, p. 139-140, tradução nossa⁸¹, grifos do autor).

Essa passagem do texto de Olcott (1898) é digna de comentário, porque contrasta com algo que os morfólogos das línguas românicas têm defendido. Enquanto Olcott (1898) sugere que as palavras com dupla sufixação, por meio da repetição do segmento fonológico /*ari*/, evidenciam um gosto popular pelas formas extensas, estudiosos da morfologia das línguas neolatinas atuais destacam uma tendência contrária: a repetição fonológica é vista como um entrave ou uma restrição para a geração de certas estruturas. Corbin e Corbin (1991), por exemplo, no francês, dão como improvável (não impossível) a criação de *bucaniérier* (< *boucanier* < *boucan*). Da mesma maneira, Rocha (1998), para o português, diz que uma forma como *cabeleireiro* (< *cabeleira* < *cabelo*) é rara na língua. Tanto os estudiosos do francês quanto o do português sinalizam que o falante tende a evitar cacofonias na organização das estruturas morfológicas.

Na obra *Gramática do latim vulgar*, Maurer Jr. (1959) apresenta, entre outros tantos aspectos, uma descrição do inventário de sufixos do latim vulgar e a forma como eles se difundiram por toda a extensão da România. Sobre o *-arius*, o autor comenta:

Empregou-se primeiro para formar adjetivos e depois para nomes designativos de agente e ofício e, em boa parte da România, para nomes de árvores. Substantiva-se também no neutro, formando nomes que indicam lugar onde se encontra o primitivo (*columbarium*, *panarium*).

⁸¹ "The double suffix – (*i*)*ari-arius* appears in inscriptions (often beside the simple suffix) in the following words: *capsararius*, *oculararius*, *odarius*, *pugillarius*, *salarius*, *sigillarius*, *speculararius*, *vinarius*. All but one are found only in inscriptions; *salarius* occurs also in the Digest. They are properly secondary derivatives; *salarius* (*salarium*), *pugillarius* (*pugillares*), *odarius* (*odaria = carmina*); but the original substantives of many do not occur, and they may have been formed merely for the sake of greater length [...]. As instances of the substitution of *-arius* for other suffixes, we may note *argentarius*, *aurarius* (= *argenteus*, *areus*), *pedarius* (= *pedalis*). A pure instance of the popular fondness for long words occurs in *pedisequarius = pedisequus*." (OLCOTT, 1898, p. 139-140, grifos do autor).

O consenso das línguas românicas, onde *-arius* se emprega abundantemente na formação de nomes de agente atesta de um modo indiscutível a vitalidade do sufixo no latim vulgar (MAURER JR., 1959, p. 261, grifos do autor).

Diferentemente do que se viu com as designações de agentes e ofícios, Maurer Jr. (1959) destaca o comportamento do latim vulgar e, em consequência, das línguas românicas na designação de árvores por meio do sufixo *-arius*. Segundo o autor, essa tendência opõe claramente o latim vulgar e o latim clássico, porque, nesse último, são facilmente detectáveis realizações em que os autores lançam mão, ora de formas simples, como *ficus* e *alnus*, ora de estruturas compostas sintagmáticas, como *arbor fici* e *arbor alni*, para produzir esse significado. Entre as neolatinas, Maurer Jr. (1959) sinaliza que há bastante variação:

Outro caso de substantivação dos antigos adjetivos em *-arius*, menos generalizada na România, mas certamente desenvolvida do latim vulgar, é o que deu origem ao seu emprêgo como designativo de árvores frutíferas e outras. A nova aplicação de *-arius* é particularmente comum no português, no catalão, no francês, no provençal, no rético, encontrando-se também no espanhol, nos dialetos italianos do norte, em alguns do sul e no dalmático. No espanhol o sufixo pertence ao aragonês (conf. Também no judeo-espanhol *mansanero*). **Pirarius* e **piraria* (port. *pereira*, cat. *perer(a)*, prov. *perier*, fr. *poirier*, engad. *pairer*, friul. *perar*); **persicarius* (port. *pessegueiro*, cat. *presseguer*, prov. *persegüer*, fr. *pêcher*); *ficarius* e *ficaria* (port. *figueira*, esp. *higuera*, cat. *figuera*, engad. *figer*, vejl. *fichir* e *fichiera* e até it. *ficaia*); **nucarius* e **nucaria* (port. *nogueira*, arag. *nuguera*, cat. *noquer*, fr. *noyer*, engad. *nuscher*, friul. *nuyar*, vejl. *nokyera*, venez. *noguera* etc); **salicarius* e **salicaria* (port. *salgueiro*, esp. *salguera*, cat. *salguer*, venez. *salger*, engad. *salger*). Do mesmo modo, com maior ou menor extensão: **morarius*, **prunarius*, **sorbarius*, etc (MAURER JR., 1959, p. 262, grifos do autor).

Fora esse comentário detalhado da difusão da designação de árvores do latim vulgar para as línguas românicas, as descrições de Maurer Jr. (1959) tendem a alinhar-se com os de Cooper (1895) e Olcott (1898). Por último, vejamos os comentários de Väänänen (1968), na obra *Introdução ao latim vulgar*⁸²:

-arius, -aria, -arium - Adjetivos a partir de nomes de objetos: *urceus aquarius* “cântaro”, *asinus molarius* “asno que faz girar a pedra de amolar”, etc.; fez concorrência a *-aris, -are*: [...] “*primipilaris*, não *primipilarius*”, [...] *manipularius miles = manipularis m.* [...]; substantivos para designar profissionais que produzem, fabricam, trabalham, vendem esse ou aquele item, em concorrência com *-tor, -trix*, proliferam no latim popular e técnico e nas línguas românicas (rum. *-ar*, it. *-aio* y *-aro*, fr. *-ier*, esp. *-ero*, port. *-eiro*, cat. *-er*), por ex. *operarius* “operário”, *librarius* “copista”, *lignarius* “lenhador”, *saccarius* “carregador” e “fabricante de sacos”, *veterarius* “remendão”, *taurarius* “toureiro” [...], *cubicularius, -ia* “servo do quarto”, “empregada doméstica”, *ostiarius, -ia* “porteiro, porteira” (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 142, tradução nossa⁸³, grifos do autor).

⁸² Tradução nossa para *Introducción al latín vulgar*.

⁸³ **-arius, -aria, -arium** - Adjetivos a partir de nombres de objetos: *urceus aquarius* “cântaro”, *asinus molarius* “asno que hace girar la muela”, etc. ; ha hecho concurrencia a *-aris, -are*: [...] “*primipilaris*, non *primipilarius*”,

-arium - Nomes de recipientes ou de espaços onde se conserva esta ou aquela coisa, e seus congêneres: *aerarium* “tesouro público”, *atramentarium* “tinteiro”, *granarium* “graneiro”, *panarium* “cesto para o pão”, *tabularium* “arquivo público”, *solarium* “terraço onde se expõe ao sol” (a. fr. *solier*), *virid(i)arium* > fr. *verger*, etc.; sentido especial: “quantidade de dinheiro entregue para tal gasto”, por ex. *calcearium* (para calçado), *exsequiarium* (para as exéquias), *salarium* (para o sal, como consequência “salário”), *vestiarium* (para vestes; outro sentido: “armário”, “guarda-roupa”) (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 142-143, tradução nossa⁸⁴, grifos do autor).

-aria - Nomes de ofício ou de comércio obtidos por elipse de grupos, como *taberna* ou *ars argentaria*, etc., e usados, sobretudo, como complementos de objeto de *facere* “exercer”: *argentaria* “banco”, *saccaria* “ofício de carregador” [...], *salsamentaria* “salchicheria” [...], *scrutaria* “lugar onde vendem coisas baratas” [...], *unguentaria* “perfumaria” [...]. Em romance, este sufixo designa ainda uma grande quantidade de algo determinado ou o lugar onde se encontra em grande quantidade (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 143, tradução nossa⁸⁵, grifos do autor).

5.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE X-ĀRĪ- NO LATIM CLÁSSICO

Feitas as observações sobre os trabalhos mais robustos sobre *-arius*, *-aria* e *-arium*, faz-se, agora, a proposta de análise desta Tese, que tem como ponto de partida as construções adjetivas, visto que autores como Cooper (1895), Staaf (1896), Olcott (1898), Maurer Jr. (1959), Väänänen (1967), Abellán (1992), Marinho (2004), Viaro (2010a, 2011), Lüdtkke (2011), Simões Neto (2016) e Tavares da Silva (2017) destacaram que o emprego original do sufixo *-ārī-*, era de formador de adjetivos a partir de substantivos, sempre com um significado de “relacionado a”.

Marinho (2004) e Viaro (2011) explicaram que, na história do latim, eram recorrentes estruturas sintagmáticas, como *faber ferrārīus* e *servus coquinārīus*, que combinavam um

[...] *manipularius miles = manipularis m.* [...]; substantivos para designar a profesionales que producen, fabrican, trabajan, venden tal o cual género, en concurrencia con *-tor*, *-trix*, proliferan en latín popular y técnico y en las lenguas románicas (rum. *-ar*, it. *-aio* y *-aro*, fr. *-ier*, esp. *-ero*, port. *-eiro*, cat. *-er*), por ej. *operarius* “obrero”, *librarius* “copista”, *lignarius* “leñador”, *saccarius* “descargador” y “fabricante de sacos”, *veterarius* “remendón”, *taurarius* “torero” [...], *cubicularius*, *-ia* “ayuda de cámara”, “criada”, *ostiarius*, *-ia* “portero, portera” (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 142, grifos do autor).

⁸⁴ **-arium** - Nombres de recipientes o de espacios donde se conserva tal o cual cosa, y sus congéneres: *aerarium* “hacienda pública”, *atramentarium* “tintero”, *granarium* “granero”, *panarium* “artesa”, *tabularium* “archivo”, *solarium* “terraza al sol” (a. fr. *solier*), *virid(i)arium* > fr. *verger*, etc.; sentido especial: “suma de dinero entregada para tal gasto”, por ej. *calcearium* (para calzado), *exsequiarium* (para las exequias), *salarium* (para sal, como consecuencia “salario”), *vestiarium* (para vestidos; otro sentido: “armario”, “guardarropa”) (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 142-143, grifos do autor).

⁸⁵ **-aria** - Nombres de oficio o de comercio obtenidos por elipsis de grupos, como *taberna* o *ars argentaria*, etc., y usados sobre todo como complementos de objeto de *facere* “ejercer” : *argentaria* “banco”, *saccaria* “oficio de cargador” [...], *salsamentaria* “salchichería” [...], *scrutaria* “baratillo” [...], *unguentaria* “perfumería” [...]. En romance, este sufixo designa más en especial una cantidad de algo determinado o el lugar donde se encuentra en gran cantidad (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 143, grifos do autor).

substantivo genérico (*faber* e *servus*), com o significado de operário, servo ou escravo, com um adjetivo *X-arius*, que atribuía algum tipo de especificidade. Assim, por exemplo,

[...] o *faber ferrārius* era o artesão que trabalhava com o ferro, e o *servus coquinārius* era o servo que trabalhava na cozinha. Segundo Viaro (2011), foi a partir da elisão do elemento mais genérico que os inicialmente adjetivos em *-ārius* assumiram uma nova possibilidade semântica, designando profissões/ofícios. Essa teria sido a primeira extensão que se verificou na história dessas construções (SIMÕES NETO, 2018, p. 56, grifos do autor).

Ainda sobre as construções adjetivais *X-ārius*, é destacável também a existência de qualidades que não parecem exatamente *relacionais*, pelo menos não nos termos que, normalmente, consideram os morfólogos. Em Simões Neto (2016), utilizou-se a categoria “qualidade ressaltada”, vista no trabalho de Marinho (2004), para esses casos. Cabe mencionar que, mesmo com a assunção de uma nova categoria, não se quer dizer, com isso, que o significado de “qualidade ressaltada” está desconectado do de “qualidade relativa”. É justamente o contrário disso, mas o modelo booiijiano ainda não permite expressar essas possíveis relações.

Para que fique claro o que se quer defender, retoma-se um exemplo utilizado em Simões Neto (2016): a palavra *sanguinārius* pode tanto significar algo como *sanguíneo* – relacionado ao sangue –, uma qualidade relativa, quanto pode significar *sanguinário*, aquele que regozija ao ver ou derramar sangue, logo, uma qualidade ressaltada. Dessa maneira, o significado *sanguinário* ainda se mantém relacionado a sangue, o que sugere que esses significados aproximam-se de alguma maneira.

Outra observação feita por Simões Neto (2016, p. 172) e que cabe reafirmar nesta Tese é o fato de haver palavras que são apresentadas como adjetivos nos dicionários e que apresentam significados germinais para outros grupos de afinidade morfossemântica. Alguns são: *clitellārius* (LLC0178⁸⁶: que traz albarda de carga), *consillārius* (LLC0199: que dá conselhos), *oraculārius*, (LLC0466: que profere ou emite oráculos), *promptārius* (LLC0527: onde se guarda, onde se conserva fechado, e daí, prisão) e *taenārius* (LLC0613: tenário, de Tênaro, da Lacônia, de Esparta). Esses casos ressaltam que os significados de agente – tanto no sentido de “trabalho” quanto no de “hábito” –, lugar e origem, normalmente expressos em construções substantivas, podiam também figurar em construções adjetivas, sem que se perca o caráter relacional.

⁸⁶ Como os dados do latim clássico da dissertação foram mantidos nesta Tese, coloquei a referência para o *corpus* na Tese. O mesmo vale para as demais palavras.

Ao todo, Simões Neto (2016) trabalhou com 111 constructos *X-ari-* adjetivais e, como já mencionado, propôs um esquema dominante de QUALIDADE que se especializa em dois subesquemas, um de QUALIDADE RELATIVA e outro de QUALIDADE RESSALTADA.

Dentre esses 111 constructos adjetivais analisados, 107 foram considerados QUALIDADES RELATIVAS, e quatro foram etiquetados como QUALIDADES RESSALTADAS, casos de *refractārius* (LLC0552: rebelde), *ridiculārius* (LLC0554: bobo), *sanguinārius* (LLC0572: sanguinário) e *singulārius* (LLC0591: isolado).

Para esta Tese, mantém-se a distinção de relativos e ressaltados, mas abdica-se da etiqueta QUALIDADE, substituindo-a genericamente por ADJETIVO. Do ponto de vista subesquemático, opta-se por QUE É RELATIVO A e QUE RESSALTA ASPECTO DE. O primeiro motivo para essa mudança é o fato de a etiqueta QUALIDADE gerar uma inapropriada impressão de que se trata de formação de substantivos abstratos. Por exemplo, *dentārius* (LLC0247) significa ‘(que é) relativo aos dentes’, e não uma ‘qualidade relativa aos dentes’.

O segundo motivo para a mudança é o fato de a etiqueta QUALIDADE, nos estudos morfológicos, estar ligada justamente a padrões que formam substantivos abstratos, como X-ez/eza (*fraqueza, beleza, sensatez, honradez*), X-ura (*feiura, grossura, largura*), X-(i)dade (*sinceridade, maldade, praticidade*). Nesses casos, a paráfrase com QUALIDADE faz sentido, pois pode-se dizer, por exemplo, que *beleza* é a qualidade de quem/o que é *belo*⁸⁷.

Na Tabela 1, apresenta-se a frequência de adjetivos, com os seus correspondentes percentuais.

Tabela 1 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo no latim clássico

Categories de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	283	94,02
Ressaltados	18	5,98

Entre 283 RELATIVOS, estão exemplos, como: *abecedārius* (LLC0001: relativo ao alfabeto), *agrārius* (LLC0016: relativo aos campos), *āleārius* (LLC0020: relativo aos jogos de azar), *ancorārius* (LLC0030: pertencente à âncora), *annārius* (LLC0035: anual), *aprārius* (LLC0048: relativo ao javali), *arborārius* (LLC0053: relativo às árvores), *arietārius*

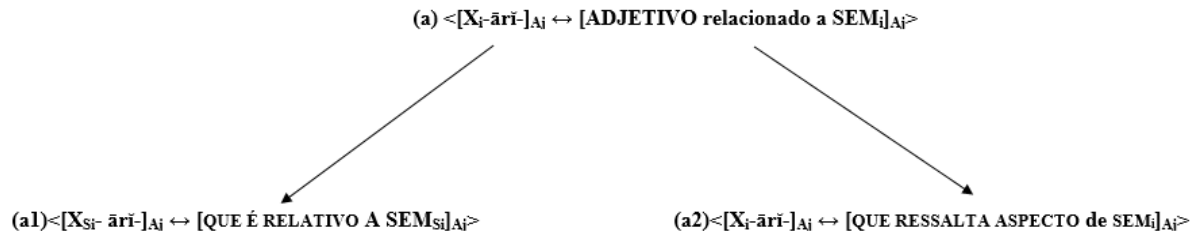
⁸⁷ Até a apresentação deste trabalho em Exame de Qualificação de Tese, manteve-se a forma QUALIDADE para esses construtos. No entanto, ao se analisarem os dados do catalão (seção 9), viu-se a existência de realizações, como *grandària* (CAT1119), *llargària* (CAT1159), *grossària* (CAT1121), *sordària* (CAT1298) e *bonicària* (CAT0998), que seriam semanticamente equivalentes a *grandeza, largura, grossura, surdez* e *boniteza* no português. A etiqueta QUALIDADE será usada nesses contextos. Esse seria um terceiro motivo para a mudança.

(LLC0065: do aríete), *aurārius* (LLC0080: relativo ao ouro), *avēnārius* (LLC0089: relativo à aveia), *balneārius* (LLC0096: do banho), *balsamārius* (LLC0097: balsâmico), *bustuārius* (LLC0117: relativo ao lugar onde se queimam os mortos), *calculārius* (LLC0126: relativo às contas), *caligārius* (LLC0132: relativo às sandálias dos soldados), *carnārius* (LLC0146: relativo à carne), *cāseārius* (LLC0150: relativo ao queijo), *colōnārius* (LLC0182: relativo ao camponês), *dentārius* (LLC0247: relativo aos dentes), *eclogārius* (LLC0264: de escolha, de uma pequena compilação), *equārius* (LLC0273: do cavalo), *fæcārius* (LC0282: de bagaço de uvas), *farreārius* (LLC0288: do trigo), *ficārius* (LLC0395: relativo ao figo), *gallinārius* (LLC0317: relativo à galinha ou ao galinheiro), *hepatiārius* (LLC0340: do fígado), *januārius* (LLC0358: de janeiro), *lactārius* (LLC0364: relativo ao leite), *leporārius* (LLC0374: de uma lebre), *macellārius* (LLC0393: relativo aos gêneros alimentícios), *mellārius* (LLC0411: relativo ao mel), *monētārius* (LLC0425: monetário), *munerārius* (LLC0431: relativo aos gladiadores), *muscārius* (LLC0434: relativo às moscas), *nummularius* (LLC0450: de banqueiro, de cambista), *oenerārius* (LLC0457: de carga, de transporte), *ōstiārius* (LLC0472: relativo às portas), *oviārius* (LLC0478: relativo à ovelha), *parietārius* (LLC0482: de parede), *pecuārius* (LLC0488: pecuário), *pedārius* (LLC0491: relativo aos pés), *plumbārius* (LLC0512: de chumbo), *praesentārius* (LLC0522: que está à disposição), *rædārius* (LLC0549: de carro), *rosārius* (LLC0556: de rosas), *saccārius* (LLC0559: de saco), *salivārius* (LLC0569: parecido com a saliva), *stercorārius* (LLC0603: relativo ao estrume ou aos excrementos), *tālārius* (LLC0615: de jogo), *testamentārius* (LLC0623: relativo aos testamentos), *torculārius* (LLC0635: relativo ao lagar), *veterāmentārius* (LLC0668: relativo às coisas velhas), *vīctuārius* (LLC0684: relativo à alimentação) e *zōnārius* (LLC0704: relativo aos cintos).

No segundo grupo, o de RESSALTADOS, os dados são: *arbitrārius* (LLC0052: arbitrário, duvidoso), *breviārius* (LLC0115: resumido), *centonārius* (LLC0158: trapeiro, que anda em farrapos), *cooperārius* (LLC0206: que coopera), *crāpulārius* (LLC0217: que tem a cabeça pesada), *falsārius* (LLC0284: falso), *īfantārius* (LLC0354: que gosta de criança), *joculārius* (LLC0360: divertido, risível, cômico), *nefārius* (LLC0445: nefasto, abominável, criminoso), *patinārius* (LLC0486: glutão, comilão), *perpetuārius* (LLC0496: que não cessa, que está sempre em ação), *refractārius* (LLC0552: refratário, rebelde, indócil), *ridiculārius* (LLC0554: bobo), *sanguinārius* (LLC0572: sanguinário), *sedentārius* (LLC0579: sedentário), *singulārius* (LLC0591: singular, isolado, extraordinário), *tumultuārius* (LLC0643: feito à pressa e desordenadamente; desordenado, confuso) e *usurārius* (LLC0652: usurário). Note-se que, nesses exemplos, há sempre uma ideia de intensidade, frequência ou recorrência. Essas características permitem integrar os exemplos ao esquema de RESSALTADOS.

Na Figura 21, a seguir, apresenta-se a esquematização dos constructos adjetivais do latim clássico.

Figura 21 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no latim clássico



Nesta nova análise, há outra medida que se opõe ao que se propôs anteriormente. Trata-se do fato de Simões Neto (2016) ter defendido que os constructos adjetivos integram um esquema separado dos constructos substantivos. Isso deu-se por conta de uma má compreensão da ideia de Produto Categorial Único na formulação da MC. Ao que tudo indica, os adjetivos são primordiais na construção de outros que tendem a ser expressos por substantivos.

Nas formações substantivas, o primeiro grupo de afinidade semântica que será aqui tratado é o de AGENTE, para seguir o fluxo semântico-histórico das construções latinas, conforme relatam Marinho (2004) e Viaro (2011). Dentro desse grupo de agente, foram vistos, na variedade clássica, cinco grupos de afinidade semântica. São eles: (i) PROFISSIONAL; (ii) HABITUAL; (iii) CIRCUNSTANCIAL; (iv) BENEFICIÁRIO; (v) EXPERIENCIADOR (SIMÕES NETO, 2018, p. 57).

No trabalho de Simões Neto (2016), abordam-se, também, cinco categorias de agente, porém, no lugar da subcategoria AGENTE EXPERIENCIADOR, aparece a de AGENTE VEGETAL, que diz respeito aos nomes de plantas frutíferas e floríferas ou não. O grupo de AGENTE VEGETAL, ao que tudo indica, não existia no latim clássico. Os exemplos considerados em Simões Neto (2016) são oriundos de dados de Marinho (2004), que sugere a existência de formas como *ficaria/ficarium*, *piraria/pirarium* e *persicaria/persicarium*, por meio de métodos de reconstrução.

O fato de haver palavras similares e correspondentes nas línguas românicas suscita a possibilidade da existência no latim vulgar. No latim clássico, o que se vê são os usos de *ficus* e *pirus*, por exemplo, tanto para designar os frutos – figo e pera – quanto para designar as árvores que os geram – figueira e pereira. O que determina o significado, nesses casos, é o contexto. Essa observação faz com que a análise de Simões Neto (2016) seja reavaliada.

Uma vez que ainda se mantêm as subespecificações da categoria de AGENTE, cabe explicar o que caracteriza cada uma delas e permite a diferenciação das outras. Nesse primeiro

momento, detalham-se somente as categorias que aparecem no latim clássico. Aproveita-se um quadro de Simões Neto (2016, p. 174), mas com algumas adaptações e novos esclarecimentos. Veja-se, então, o Quadro 11.

Quadro 11 – Subcategorias de agentes no latim clássico

Subcategorias de agente	Comentários
Profissionais	Em geral, dizem respeito a profissões, cargos e funções que demandem esforço físico e/ou cognitivo, podendo ter uma remuneração por isso.
Habituais	Caracterizam-se pela frequência ou hábito de uma ação. Geralmente, essas ações têm um aspecto mais duradouro, iterativo, não raramente um aspecto social negativo.
Beneficiários	São sujeitos que se caracterizam por serem alvo/paciente de uma determinada cena. Integram a categoria também aqueles que são proprietários de bens.
Circunstanciais	Esse grupo não apresenta a característica de frequência, no que se diferenciam dos habituais. Suas ações se caracterizam por uma circunstância/evento. O aspecto tende a ser mais pontual ou com uma duração estabelecida.
Experienciadores	São sujeitos que se caracterizam como as fontes psicológicas ou físicas de dadas experiências.

Circunstanciais, beneficiários e experienciadores não são agentes prototípicos, pois nem sempre fazem uma ação deliberadamente. Porém, ao se tratar, quase sempre, de sujeitos humanos, parece mais cômodo abordá-los como uma especificidade do agente, ao invés de se estabelecer outro esquema dominante, que seria pouco produtivo, tanto na língua latina como nas línguas românicas.

A compreensão desta Tese vai ao encontro do entendimento de Fagundes de Oliveira (2016), que, em uma abordagem voltada à sintaxe, propõe uma leitura dos papéis temáticos de agente e paciente, baseada na Teoria dos Protótipos. Sobre aspectos prototípicos e não prototípicos da categoria de agente, vejam-se os comentários da autora:

O Agente prototípico, na nossa análise, [...] caracteriza-se pelas propriedades semânticas *desencadeador*, *controle*, *intenção* e *causa*. São estas as propriedades que nos parecem típicas do Agente: quando pensamos no Agente, pensamos em alguém [...] que age intencionalmente, numa atividade física, e não em alguém que age sem o propósito ou intenção de agir [...]. E, ainda, quando pensamos em alguém que faz

alguma coisa, intencionalmente, e de cuja ação resulta algo; daí a noção de causalidade com que trabalhamos aqui, relação entre uma causa e o seu efeito (FAGUNDES DE OLIVEIRA, 2016, p. 110-111, grifos nossos).

São essas, portanto, as propriedades semânticas que propomos para a caracterização do Agente: *desencadeador, controle, intenção, causa, afetado e experienciador*. As quatro primeiras são propriedades prototípicas do Agente, sendo as duas primeiras e a quarta propriedades essenciais do Agente, e a quinta e a sexta propriedades são propriedades não-prototípicas do Agente (FAGUNDES DE OLIVEIRA, 2016, p. 115, grifos nossos).

Diante desses comentários de Fagundes de Oliveira (2016), é possível admitir, nos termos desta Tese, a existência de uma gradiência das categorias de agentes, como em (01):

(01) PROFISSIONAIS → HABITUAIS → CIRCUNSTANCIAIS →
 EXPERIENCIADORES → BENEFICIÁRIOS → VEGETAIS⁸⁸

PROFISSIONAIS são os mais prototípicos por se caracterizarem por uma atividade feita deliberadamente e que implica frequência, controle e algum tipo de esforço físico ou intelectual. Logo depois, aparecem os HABITUAIS e CIRCUNSTANCIAIS, que também envolvem deliberação, mas nem sempre controle. Os EXPERIENCIADORES não envolvem controle, mas nem sempre são afetados, por isso são menos prototípicos que os BENEFICIÁRIOS, que tendem a ser o alvo/destinatário/afetado em uma dada cena.

No que toca aos aspectos quantitativos dos dados desta Tese, das 502 construções substantivas analisadas, 248 são AGENTES. Entre os derivados integrantes dessa categoria, a distribuição é a que está registrada na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no latim clássico

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	201	81,05
Habituais	31	12,5
Circunstanciais	11	4,44
Beneficiários	4	1,61
Experienciadores	1	0,40

Fonte: Simões Neto (2018, p. 58).

⁸⁸ Essa categoria aparece a partir da leitura dos dados do latim medieval.

Em relação aos resultados de Simões Neto (2016), observa-se que o AGENTE PROFISSIONAL continua o grupo com maior número de realizações. Alguns dados são *actuāriūs* (LLC0006: atuário), *albāriūs* (LLC0019: estucador), *alumināriūs* (LLC0022: fabricante ou negociante de alumínio), *amīcāriūs* (LLC0025: traficante de escravas), *anatāriūs* (LLC0029: guardador ou criador de patos), *anteschōlārīūs* (LLC0040: professor auxiliar), *aquāriūs* (LLC0051: escravo que vai à água), *armentāriūs* (LLC0068: pastor), *aviāriūs* (LLC0092: aquele que se dedica às aves), *bastagāriūs* (LLC0098: aquele que preside os transportes públicos), *baxeāriūs* (LLC0100: artífice que faz a baxea⁸⁹), *biberāriūs* (LLC0107: negociante de bebidas), *bibliothēcāriūs* (LLC0108: bibliotecário), *botulāriūs* (LLC0112: salsicheiro), *bracteāriūs* (LLC0113: batedor de metais, sobretudo ouro), *caepāriūs* (LLC0120: comerciante de cebolas), *calceolāriūs* (LLC0125: sapateiro), *camerāriūs* (LLC0136: camareiro), *cērāriūs* (LLC0162: escrivão público), *cētāriūs* (LLC0164: comerciante de peixes do mar), *columbāriūs* (LLC0184: o que cuida do pombal), *corōnāriūs* (LLC0215: aquele que faz ou vende coroas), *cubiculāriūs* (LLC0229: servo do quarto de dormir), *dracōnāriūs* (LLC0253: draconário, porta-estandarte de uma corte), *ducēnāriūs* (LLC0258: comandante de duzentos soldados), *equāriūs* (LLC0274: palafreireiro), *ferrāriūs* (LLC0293: ferreiro), *focārīa* (LLC0299: cozinheira), *foricāriūs* (LLC0300: guarda das latrinas públicas), *gallināriūs* (LLC0318: criador de galinhas), *gemmāriūs* (LLC0322: joalheiro), *horreāriūs* (LLC0347: guarda de um celeiro), *indusiāriūs* (LLC0352: fabricante de camisas), *libitināriūs* (LLC0376: agente de funerais), *lignāriūs* (LLC0384: lenhador), *marmorāriūs* (LLC0405: marmorista), *medicāmentāriūs* (LLC0409: farmacêutico), *monētāriūs* (LLC0426: moedeiro, operário que fabricava as moedas do Estado), *naviculāriūs* (LLC0440: naviculário), *operāriūs* (LLC0465: operário), *patagiāriūs* (LLC0484: seringueiro, passamaneiro), *pecuāriūs* (LLC0489: criador de gado), *pigmentāriūs* (LLC0499: droguista, perfumista), *porcīnāriūs* (LLC0520: salsicheiro), *portāriūs* (LLC0521: porteiro), *purpurāriūs* (LLC0534: negociante de tecidos púrpura), *rædāriūs* (LLC0550: cocheiro), *saccāriūs* (LLC0560: carregador de sacos), *soleāriūs* (LLC0595: fabricante de sandálias), *strophīārīūs* (LLC0606: fabricante de estrófios – faixa que segurava o seio das mulheres), *tignāriūs* (LLC0627: carpinteiro), *topiārīūs* (LLC0632: jardineiro), *turāriūs* (LLC0645: negociante de incensos), *unguentāriūs* (LLC0650: perfumista), *utrāriūs* (LLC0654: aguadeiro) e *vāsculārīūs* (LLC0660: fabricante de vasos).

Entre os HABITUAIS, são vistas instâncias, como *admissāriūs* (LLC0007: ganhão, reproduzidor, homem lascivo), *aerāriūs* (LLC0014: erário, cidadão que pagava uma

⁸⁹ Segundo o dicionário da Editora Porto (2012), trata-se de uma sandália usada principalmente pelos antigos filósofos.

taxa fixada pelos censores) *antīquārīa* (LLC0041: mulher que gosta de antiguidades), *apinārīus* (LLC0047: bobo, comediante, farsista), *aurārīus* (LLC0082: patrono), *auriculārīus* (LLC0084: confidente), *bustuārīum*⁹⁰ (LLC0116: ladrão de túmulos), *carnārīus* (LLC0147: grande comedor de carne), *centōnārīus* (LLC0059: remendão), *consillārīus* (LLC0200: conselheiro), *contrārīus* (LLC0205: inimigo, rival), *cooperārīus* (LLC0207: cooperador), *effractārīus* (LLC0265: aquele que rouba, arrombando as portas), *falsārīus* (LLC0285: falsificador), *glabārīa* (LLC0324: mulher que gosta de escravos imberbes), *glomerārīus* (LLC0329: o que anseia por reunir homens para guerra), *incendiārīus* (LLC0351: incendiário), *īnfantārī* (LLC0353: assassinos de crianças), *micārīus* (LLC0420: homem que vive de migalhas), *mulierārīus* (LLC0429: mulherengo), *pinguiārīus* (LLC0501: o que gosta de gordura), *plagiārīus* (LLC0506: plagiador), *puellārīus* (LLC0528: que ama os jovens), *stipendiārīus* (LLC0605: o que paga tributos e taxas, contribuinte), *testamentārīus* (LLC0624: aquele que altera testamentos) e *usurārīus* (LLC0653: usurário).

Antes de seguir com a descrição dos agentes circunstanciais, é necessário que se façam algumas observações sobre os agentes profissionais e habituais, mais precisamente no que toca à relação semântica entre eles. Simões Neto (2016), a partir de exemplos como *effractārīus* (LLC0265: o que rouba, arrombando portas), *falsārīus* (LLC0285: falsário, falsificador) e *testamentārīus* (LLC0624: o que altera testamento, falsificador de testamentos), discutiu os possíveis fluxos de mudança semântica entre os subesquemas de PROFSSIONAL e HABITUAL. Os dados mencionados geraram algum tipo de dificuldade, pois podem ser tomados como profissionais, mesmo com a avaliação depreciativa e o caráter ilícito (GONÇALVES, YACOVENCO E COSTA, 1998; MARINHO, 2004), ao mesmo tempo em que se caracterizam como práticas rotineiras e habituais. Diante dessa situação, Simões Neto (2016) coloca três rotas de análise:

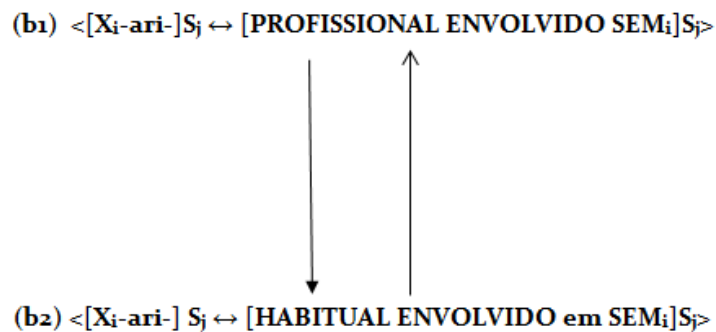
- (i) aceitar a primazia semântico-histórica dos agentes profissionais, assumida por Marinho (2004) e reassumida por Almeida & Gonçalves (2005, 2006) e Pizzorno (2010), e colocar o agente profissional como protótipo do qual, pelo entendimento de que toda profissão/atividade envolve hábito/rotina, se gera o significado de agente habitual; ou (ii) concordar com Soledade (2016b), que interpreta a categoria agente profissional como um subconjunto dos agentes habituais, uma vez que considera que ‘a passagem do aspecto habitual para o profissional depende de conceptualizações decorrentes das necessidades, dos interesses e das experiências dos indivíduos e das culturas em cada momento histórico.’ (Soledade, 2016b, p. 13), assim, do ponto de vista experiencial, é possível observar que certas profissões nascem de hábitos rotineiros, como o *corredor amador* passando a *corredor profissional*; ou ainda (iii) concordar com ambas as visões, destacando-se que o movimento é sempre

⁹⁰ Segundo o dicionário da Editora Porto (2012), essa é uma palavra forjada por Plauto.

metonimico, expressando uma relação parte-todo ou continente-conteúdo (SIMÕES NETO, 2016, p. 176-177).

Nesta Tese, continua-se defendendo que as duas direções sejam produtoras e admissíveis. Com o intuito de estabelecer uma relação entre os subesquemas de AGENTE PROFISSIONAL e AGENTE HABITUAL, propõe-se um esquema em que se vê um fluxo de mão dupla, apresentado na Figura 22. Nessa representação, sinaliza-se que tanto um profissional pode ser reanalisado como habitual quanto o contrário.

Figura 22 – Relação entre os subesquemas profissionais e habituais nas construções *X-ārĩ-*



No que toca ao grupo dos AGENTES CIRCUNSTANCIAIS, os exemplos são: *adversārĩus* (LLC0010: adversário), *carcerārĩus* (LLC0143: prisioneiro), *cruciārĩus* (LLC0224: um crucificado), *mercedārĩus* (LLC0416: aquele que dá um salário), *pulmōnārĩus* (LLC0530: doente dos pulmões), *valetudinārĩus* (LLC0658: doente), *verbenārĩus* (LLC0663: aquele que leva um ramo sagrado) e *vicārĩus* (LLC0676: substituto).

O grupo dos BENEFICIÁRIOS, em relação a Simões Neto (2016), ganhou dois novos dados: *fructuārĩus* (LLC0306: usufrutuário) e *lēgātārĩus* (LLC0370: aquele a quem se faz um legado). Os outros dois já estavam em Simões Neto (2016)⁹¹: *beneficiārĩus* (LLC0104: soldado que deve a sua promoção a alguma pessoa), *duplicārĩus* (LLC0260: duplicário, soldado que tem soldo dobrado).

Por último, entre os agentes do latim clássico, considerou-se o subesquema de EXPERIENCIADORES. Essa categoria foi vista no trabalho de Soledade (2020, no prelo), sobre as construções X-dor no português arcaico. Alguns exemplos encontrados pela autora

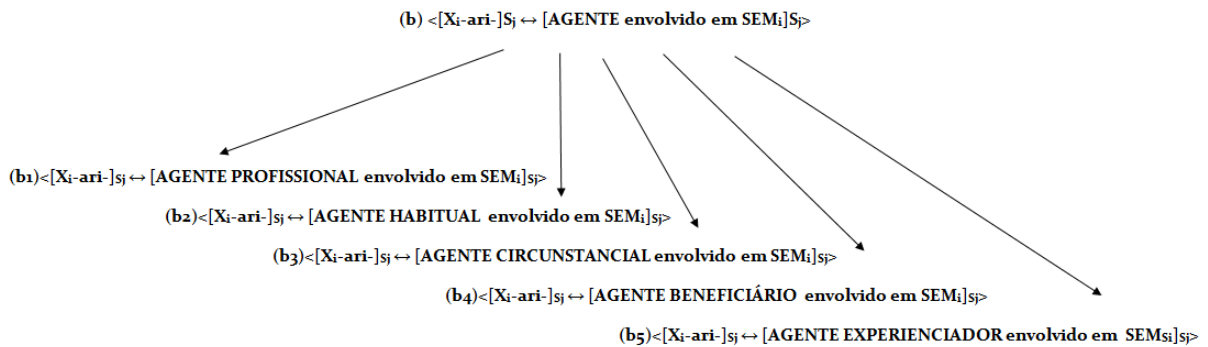
⁹¹ Em Simões Neto (2016), *vicesimārĩus* (LLC0680: recebedor do imposto de vintena) foi analisado como beneficiário. Naquela ocasião, entendeu-se o recebedor como o destinatário, aquele que se beneficia com o pagamento de tal imposto. Na atual leitura, a partir de consulta a outras obras, considerou-se que se trata de um recolhedor, portanto, um tipo de profissão.

foram *conhecedor*, *doutor* e *sabedor*. Em Simões Neto (2016), aparece a forma *sabedeiras*, um possível exemplo dessa categoria, mas, por tê-lo julgado improdutivo, à época, não se registrou esse subesquema no português arcaico. Não se identificou nada parecido com os dados do latim na dissertação.

Agora, com o aumento do *corpus*, identificou-se *abecedariũ* (LLC0001: os que aprenderam o alfabeto) e, diferentemente do que se fez em Simões Neto (2016), resolvi considerá-lo como um subesquema possível, pois, mesmo sendo um só exemplo, pode ter servido de modelo para outros que não foram identificados entre os dados.

A fim de sumarizar o esquema e os subesquemas de AGENTES no latim clássico, propõe-se a representação na Figura 23.

Figura 23 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no latim clássico



Fonte: Simões Neto (2018, p. 59).

Em termos de frequência, o segundo maior grupo é o de LOCATIVOS. A produtividade desse significado no latim, como sinalizado por Viaro (2010a, 2011), deve estar relacionada proximidade fonética e semântica entre o sufixo grego - *ᾶριον*, também formador de locativos, e o sufixo latino -*arium*. Ainda que não se tenha investido nessa discussão, processos de assimilação semântica são possíveis de acontecer em situações de contato linguístico. Além disso, das 76 instanciações do esquema LOCATIVO vistas no *corpus*, 54 são formações X-*arium*, o que parece corroborar a ideia de que esse formativo específico se sobressaiu nesse esquema dominante. A frequência de realizações e a distribuição percentual dos dados relacionados a lugares estão apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativo no latim clássico

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde há	58	76,32
Onde se faz	18	23,68

O grupo LOCATIVO, como se pode ver na Tabela 3, divide-se em dois subgrupos: o de LUGAR ONDE HÁ e o de LUGAR ONDE SE FAZ. Para que fique clara essa divisão, sejam tomados como exemplos as palavras do português *galinheiro* e *banheiro*. É possível definir *galinheiro* como um lugar onde há *galinhas*. Porém, a paráfrase de que o *banheiro* é um lugar onde há *banho* não parece boa. Seria mais adequado dizer que o banheiro é um lugar onde se faz a ação de tomar banho. É uma diferença sensível, na medida em que se pode conceber que esses dois subesquemas estão intimamente relacionados, como um fluxo de mão dupla, tal como habituais e profissionais. Não parece impossível, do ponto de vista cognitivo, assumir que LOCAL ONDE HÁ seja decorrente do LOCAL ONDE SE FAZ, quando se pensa, por exemplo, que reunir grande quantidade de algo decorre de uma funcionalidade e tem uma finalidade. Da mesma maneira, é possível considerar que o aspecto funcional de certos lugares possa ser uma extensão da sua função primária, que seria a de agregar, reunir e/ou conter.

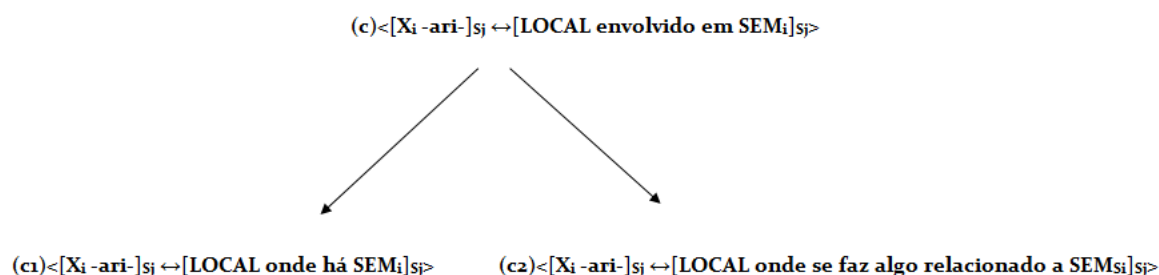
Pois bem, essas diferenças sensíveis de significado dos lugares são também verificáveis no latim. O subesquema LOCAL ONDE HÁ apresentou realizações, como: *aerārīa* (LLC0011: mina de cobre), *aestārīum* (LLC0015: estuário, lugar alagado pelas águas do mar), *alvārīum* (LLC0023: cortiço de abelhas), *apiārīum* (LLC0045: colmeia), *aquārīum* (LLC0049: reservatório de água), *arenārīa* (LLC0059: lugar de onde se tira a areia), *armārīum* (LLC0066: armário, cofre, caixão, biblioteca), *aviārīum* (LLC0090: viveiro de aves), *carnārīa* (LLC0144: açougue, talho), *carnārīum* (LLC0145: despensa), *cochleārīum* (LLC0179: viveiro de caracóis), *columbārīum* (LLC0183: pombal) *cucumerārīum* (LLC0230: pepinal, lugar plantado de pepinos), *donārīum* (LLC0250: lugar do templo onde se depositavam as oferendas), *equārīa* (LLC0272: coudelaria), *farrārīum* (LLC0287: celeiro), *ficārīa* (LLC0294: figueiral), *gallīnārīum* (LLC0316: galinheiro, capoeira), *glīrārīum* (LLC0328: lugar onde se criam arganazes), *leporārīum* (LLC0373: toca para lebres), *librārīa* (LLC0377: livraria), *mellārīum* (LLC0410: colmeia), *muscārīum* (LLC0433: mosqueiro), *nitrārīa* (LLC0446: nitreira), *ostreārīum* (LLC0474: viveiro de ostras), *oviārīum* (LLC0477: redil, curral), *picārīa*

(LLC0498: fábrica de pez⁹²), *piscāriā* (LLC0502: mercado de peixes), *plantāriūm* (LLC0511: viveiro de plantas), *pōmāriūm* (LLC0515: pomar), *populāriā* (LLC0518: lugares destinados aos plebeus nos teatros), *rosāriūm* (LLC0555: roseiral), *sēmināriūm* (LLC0583: viveiro de plantas), *ulmāriūm* (LLC0647: olmedo), *veterāriūm* (LLC0669: adega para vinhos velhos) e *violāriūm* (LLC0690: lugar plantado de violetas) e *vitiāriūm* (LLC0694: plantação de videiras).

Entre os exemplos do subesquema LOCAL ONDE SE FAZ, estão: *compendiāria* (LLC0189: via mais curta), *condītāriūm* (LLC0195: lugar onde se conservam os alimentos), *custōdiāriūm* (LLC0237: guarita), *emissāriūm* (LLC0268: escoadouro), *fumāriūm* (LLC0309: lugar onde se expõem as coisas ao fumo), *furnāria* (LLC0311: padaria), *hastāriūm* (LLC0336: lugar de vendas em hasta pública dos bens dos devedores ou dos proscritos) *nubilāriūm* (LLC0448: alpendre – onde se abriga o trigo da chuva), *nundināriūm* (LLC0452: lugar onde se realiza o mercado), *sagīnāriūm* (LLC0561: lugar de engorda), *spolāriūm* (LLC0598: lugar onde se despojavam os gladiadores mortos), *tepidāriūm* (LLC0618: tepidário, sala de banhos quentes) *torculāriūm* (LLC0634: lagar), *turdāriūm* (LLC0646: lugar onde se engordam os tordos), *valetudināriūm* (LLC0656: casa de saúde) e *vigillāriūm* (LLC0685: casa de guarda, guarita).

A Figura 24 faz um resumo da organização construcional do esquema LOCATIVO no latim clássico.

Figura 24 – Esquema dominante de locativo e os seus subesquemas



Fonte: Simões Neto (2018, p. 59).

O quarto esquema dominante a ser abordado é o de OBJETOS, que tem 40 instanciações. Segundo Viaro (2011), as designações de alguns objetos decorrem de processos de metaforização de designações agentivas humanas. Esse fato é também mencionado por Botelho (2009), Soledade (2013a) e Simões Neto (2016).

Simões Neto (2016) destrinchou o esquema dominante OBJETO em três subesquemas: (i) RECIPIENTE; (ii) UTENSÍLIO; (iii) MÁQUINA. Os três subesquemas continuarão nesta

⁹² Segundo Houaiss e Villar (2009), é um tipo de resina. Etimologia: latim pix, picis.

nova proposta, mas foram acrescentados outros dois: (iv) OBJETO DE USO PESSOAL e (v) INSTRUMENTO. As nuances semânticas de cada uma dessas subcategorias estão no Quadro 12, a seguir.

Quadro 12 – Subcategorias de objeto no latim clássico

Subcategorias de objeto	Comentários
Recipientes	Objetos que têm como principal função conter algo.
Instrumentos	Objetos que não têm a função de conter algo, mas que servem para executar alguma atividade, sobretudo, profissional.
Objetos de uso pessoal	Objetos que não têm uma funcionalidade e são de uso individual. Como exemplos, há peças de roupa, joias e acessórios.
Utensílios	Objetos que não são de uso individual, mas podem ser úteis no cotidiano, para atividades diversas.
Máquinas	Qualquer tipo de equipamento (em) que (se) emprega força mecânica.

Fonte: Simões Neto (2018, p. 60, com adaptações).

Na Tabela 4, apresenta-se a distribuição percentual da frequência desses subesquemas de OBJETO.

Tabela 4 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no latim clássico

Categorias de objetos	Quantidade	Percentual (%)
Recipientes	15	42,86
Utensílios	8	22,86
Uso pessoal	5	14,29
Máquinas	4	11,43
Instrumentos	3	8,57

O subesquema RECIPIENTE é o mais produtivo, com 15 realizações. Alguns exemplos são *ātrāmentārĭum* (LLC0075: tinteiro), *batalārĭa* (LLC0099: vaso de guerra que navega com ruído), *caldārĭa* (LLC0127: caldeira, estufa), *cētārĭum* (LLC0163: aquário), *chrismārĭum* (LLC0169: vaso com relíquias), *congĭārĭum* (LLC0196: vasilha que leva um congio), *defrutārĭum* (LLC0243: caldeirão onde se cozia vinho novo), *gemellārĭum* (LLC0320: recipiente para azeite formado por duas galhetas), *graphiārĭum* (LLC0332: estojo para guardar estiletes), *librārĭum* (LLC0379: carteira para papéis), *mulctrārĭum* (LLC0427: vasilha de

ordenhar), *vaporārīum* (LLC0659: estufa que conduzia o vapor para os banhos quentes), *vestiārīum* (LLC0665: guarda-roupa) e *vīnārīum* (LLC0686: vasilha para vinho).

O subesquema UTENSÍLIO apresenta oito instanciações. São elas: *calendārīum* (LLC0130: registro, livro de contas), *commentārīum* (LLC0187: livro de notas ou apontamentos), *commentārīus* (LLC0188: livro de notas ou apontamentos) *dēnārīus* (LLC0246: denário, asse, moeda, dinheiro), *exemplārīum* (LLC0280: exemplar), *pulvīnārīum* (LLC0531: almofada, travesseiro), *sipārīum* (LLC0592: cortina colocada no tribunal, para proteger do sol) e *urnārīum* (LLC0651: mesa em que se colocavam os vasos para água).

O subesquema OBJETO DE USO PESSOAL tem com cinco realizações. São elas: *collārīum* (LLC0180: coleira), *corollārīum* (LLC0212: pequena coroa), *draconārīum* (LLC0254: colar ou coroa em forma de serpente), *lēvītōnārīum* (LLC0375: levitonário – vestido sem mangas usado por monges) e *ōrārīum* (LLC0468: pano para limpar o rosto). Cabe ressaltar que todos esses dados foram extraídos do dicionário da Editora Porto (2012), que só foi considerado, agora, para a coleta. Por isso, esse subesquema é novo, em relação ao que se propôs em Simões Neto (2016).

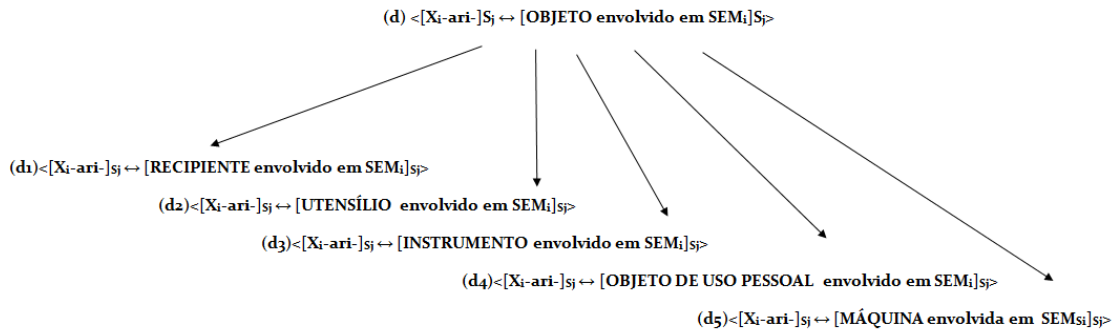
Os subesquemas MÁQUINAS e INSTRUMENTOS tiveram, respectivamente, quatro e três instanciações. São classificados como máquinas⁹³ os seguintes dados: *actuārīa* (LLC0004: navio ligeiro), *automatārīum* (LLC0086: autômato), *ballistārīum* (LLC0093: balista⁹⁴) e *onerārīa* (LLC0461: navio cargueiro). Quanto aos instrumentos, os exemplos são: *carnārīum* (LLC0145: gancho para suspender a carne), *muscārīum* (LLC0433: enxota-moscas) e *rustārīa* (LLC0557: sacho⁹⁵). Todos esses dados foram extraídos do dicionário da Editora Porto (2012), por isso esse subesquema também é novo.

Com o intuito de sumarizar o esquema dominante OBJETO, propõe-se a representação na Figura 25, em que se veem os dois novos subesquemas.

⁹³ No Mestrado, aventou-se a possibilidade de propor um subesquema NAVIO, pois as instanciações de MÁQUINA tratavam de navios. Considerando a especificidade da categoria, abandonou-se a ideia. A entrada na base de dados, de palavras como *automatārīum* e *ballistārīum*, que não dizem respeito a navios, foi importante para mostrar que o subesquema não deveria assumir aquela especificidade.

⁹⁴ Com base no verbete “balista”, do *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (2009), trata-se de uma “máquina bélica para o arremesso de pedras, fochos etc.”.

⁹⁵ De acordo com o verbete “sacho”, do *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (2009), trata-se de uma “pequena enxada que dispõe de uma peça pontiaguda ou bifurcada na parte superior do olho, us. para mondar e escavar a terra”.

Figura 25 – Esquema dominante de objeto e os seus subesquemas no latim clássico

Fonte: Simões Neto (2018, p. 61).

O quinto esquema dominante identificado no latim clássico é o de QUANTIDADE, com 39 instanciações. A distribuição percentual desse grupo está na Tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no latim clássico

Categorias de quantidades	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	19	48,72
Quantias	13	33,33
Unidades de medida	7	17,95

Nesse esquema bastante heterogêneo, há três subesquemas no latim clássico: UNIDADE DE MEDIDA, QUANTIA e COLETIVO. O mais produtivo, COLETIVO⁹⁶, abrange designações que trazem consigo as noções de conjunto ou de reunião de elementos de uma mesma ou de diferentes categorias. Alguns exemplos são *acētārīa* (LLC0002: legumes temperados com vinagre, salada), *aerārīum* (LLC0012: erário, tesouro público), *bellārīa* (LLC0101: guloseimas), *bellārīum* (LLC0102: material de guerra, tudo o que serve para a guerra), *eclogārīum* (LLC0263: coletânea de peças literárias), *ovīarīa* (LLC0476: rebanho), *speculārīa* (LLC0597: vidros, vidraças de uma janela) e *subsidiārī* (LLC0607: tropa de reserva).

No subesquema QUANTIA, estão 13 instanciações que designam taxas, impostos, multas, gratificações, pagamentos, tributos e afins. Alguns exemplos são *angārīa* (LLC0032: imposto de transporte), *calceārīum* (LLC0124: dinheiro para calçado dado aos soldados),

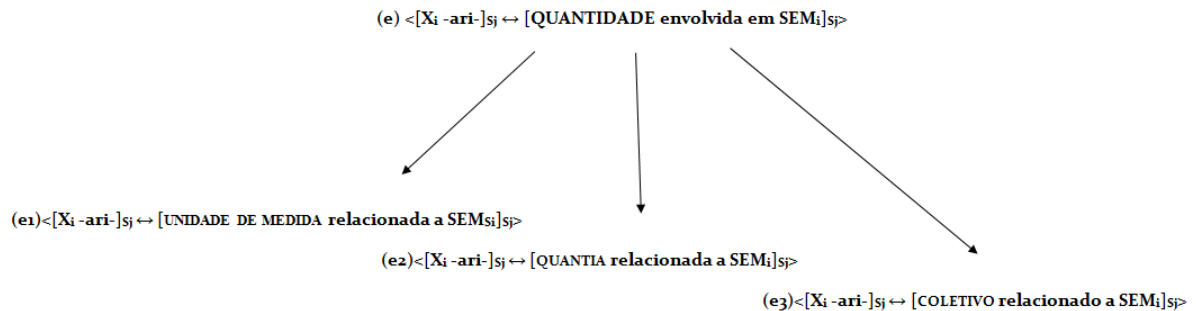
⁹⁶ Sobre o desenvolvimento desse subesquema, cabe retomar a sugestão de Viaro (2010a, 2011) de que esse significado talvez tenha partido do sufixo grego - *áριον*, que já tinha essa semântica. A semelhança fônica dessa forma com o *-arium*, certamente, contribuiu para que o sufixo latino o assimilasse semanticamente

cerārĭum (LLC0160: imposto para cera), *clavārĭum* (LLC0175: gratificação dada aos soldados para as tachas dos sapatos), *columnārĭum* (LLC0185: imposto lançado sobre as colunas de uma casa), *lēgātārĭus* (LLC0369: imposto a um legatário, estipulado por um testador), *linguārĭum* (LLC0387: multa por ter falado demais), *ostiārĭum* (LLC0471: imposto sobre as portas) e *salārĭum* (LLC0564: quantia paga aos soldados para comprarem o sal).

Por último, em termos de frequência, o subesquema UNIDADE DE MEDIDA teve sete instanciações e reúne designações para sistema de medidas ou elementos, como moedas, pedras ou quaisquer outros elementos que tenham uma medida exata, podendo servir de unidade de referência. Alguns exemplos são *dipondiārĭus* (LLC0248: dupôndio – moeda do valor de dois asses), *heminārĭum* (LLC0339: presente do conteúdo de uma hemina), *milliārĭum* (LLC0423: pedra ou marco milionário), *quārtārĭus* (LLC0541: um quarto, uma quarta parte), *quīnārĭus* (LLC0544: moeda do valor de cinco asses) e *tertiārĭum* (LLC0620: um terço) .

Em Simões Neto (2016), por questões de produtividade (leia-se: frequência no *corpus*), trataram-se os subesquemas de QUANTIA e UNIDADE DE MEDIDA como um só, o que não se assumirá desta vez. Não houve qualquer novidade de subesquema nesta nova análise. A representação esquemática deste grupo está na Figura 26.

Figura 26 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no latim clássico



Fonte: Simões Neto (2018, p. 61).

O último esquema dominante visto no latim clássico foi o de ANOMALIA. “Esse esquema reúne doenças, estados ou condições anômalas. Só foi registrada uma instanciação: *cæpārĭa* (LLC0119: tumor na virilha)” (SIMÕES NETO, 2018, p. 62, grifos do autor). Esse significado não foi encontrado em Simões Neto (2016). Agora, mesmo com apenas uma instanciação, optou-se por considerá-lo, pois, nas análises dos sufixos correspondentes a *X-ari-* nas línguas românicas, é possível observar, em algumas delas, a produtividade desse significado (RAINER, 2016). Por isso, pode-se considerar o esquema na Figura 27.

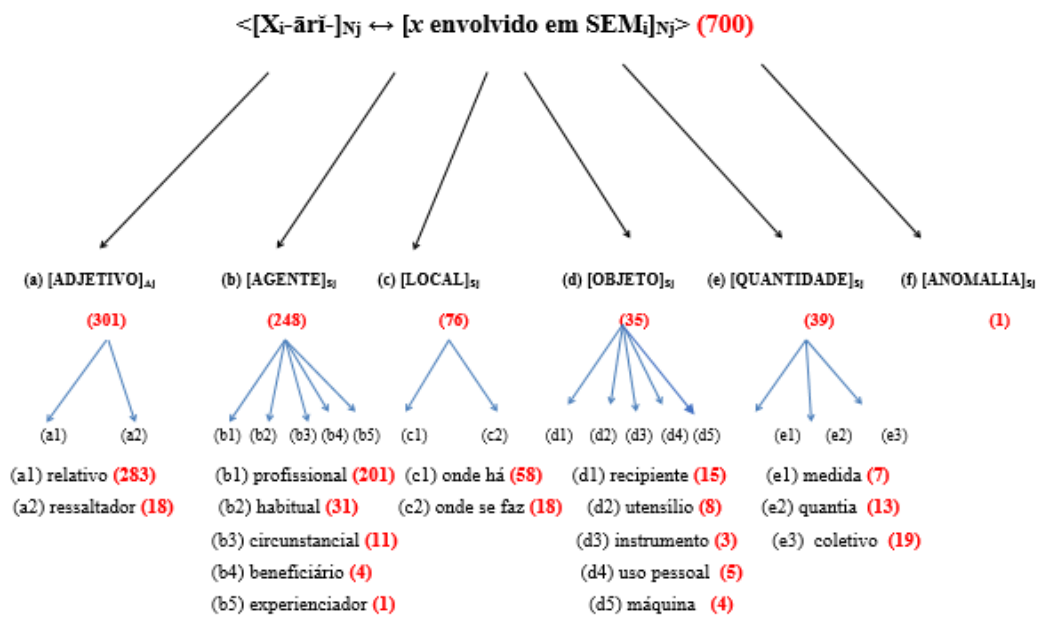
Figura 27 – Esquema dominante de anomalia no latim clássico

$$(f) \langle [X_i - \text{ari-}]_{sj} \leftrightarrow [\text{ANOMALIA relacionada a SEM}_i]_{sj} \rangle$$

Fonte: Simões Neto (2018, p. 62).

Com o intuito de resumir a nova proposta de análise, faz-se, na Figura 28, uma representação esquemática, na qual se veem todos os esquemas e subesquemas. Entre parênteses e de cor vermelha, estão as quantidades de instanciações. Note-se que o esquema geral abstrato tem como produto categorial um nome (N), ou seja, uma arquicategoria que abrange substantivos (S) e adjetivos (A). A especificação do produto categorial só vai acontecer nos esquemas dominantes (QUALIDADE, AGENTE, OBJETO etc).

Figura 28 – Representação esquemática das construções X-ari- no latim clássico



É preciso lembrar algo que já foi dito na seção de metodologia: ter 704 palavras para serem analisadas não significa que há 704 significados, pois, além de haver casos de palavras polissêmicas, nem todas as palavras foram efetivamente analisadas. Houve, entre os dados, palavras que não pareceram se adequar a nenhum dos esquemas ou subesquemas propostos. Algumas dessas já estavam no *corpus* da dissertação. Entre os casos de palavras que ficaram sem classificação estão: *breviārĭum* (LLC0114: resumo, sumário), *calvārĭa* (LLC0134: o crânio dos homens e dos animais), *cibārĭum* (LLC0170: alimentação, farinha grosseira), *contrārĭum*

(LLC0203: o contrário, o inverso), *cruciarium* (LLC0223: crucifixo), *decimaria* (LLC0241: decisão a fixar o dízimo), *dromedarius* (LLC0255: dromedário), *fustuarium* (LLC0313: suplício aplicado com bastão, bastonada), *itinerarium* (LLC0357: itinerário), *jocularia* (LLC0359: gracejos picantes), *nefarium* (LLC0444: crime abominável), *odarium* (LLC0456: canção), *papparium* (LLC0481: alimento das crianças), *plantaria* (LLC0508: asas talaes de Mercúrio), *plantarium* (LLC0510: sola do pé), *rationarium* (LLC0551: estatística), *senarius* (LLC0587: verso jâmbico), *talaria* (LLC0614: tornozelos, artelhos; sapatos com asas que os poetas atribuem a Mercúrio) e *topiarium* (LLC0630: profissão de jardineiro, a arte dos jardins). Algumas dessas palavras são passíveis de uma análise decomposicional, uma vez que suas bases são encontráveis, mas o produto construído não parece se adequar a um esquema específico que permita uma generalização.

Importa mencionar, também, que as categorias de significados levantadas nesta primeira análise servirão de norte para as próximas. Ao longo da Tese, essas serão retomadas por várias vezes e, quando necessário, adequações e novas inserções serão feitas.

5.4 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE X-ARI NO LATIM MEDIEVAL

Com relação à análise dos dados do latim medieval, será seguido o mesmo fluxo da análise do latim clássico, a fim de manter um didatismo e uma coerência para os futuros contrastes. Dessa maneira, começa-se com o esquema ADJETIVO.

No latim clássico, esse esquema era bastante produtivo e tinha muitas instanciações, diferentemente do que se vê nos dados do medieval. Nos dados levantados do período clássico, 301 dos 700 constructos são de adjetivos, mais de 40% do total. Agora, de 641 constructos analisados, 78 são instanciações de ADJETIVOS, não chegando a 20% do total analisado. A Tabela 6 mostra a distribuição da frequência nesse grupo.

Tabela 6 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo no latim medieval

Categoria de adjetivo	Frequência	Percentual (%)
Relativos	65	83,33
Ressaltados	13	16,67

No grupo dos RELACIONAIS, estão *ancillarius* (LLM0024: relativo a um empregado ou a uma empregada), *anniversarius* (LLM0025: relativo aos óbitos), *balistarius* (LLM0058: relativo às armas de disparo), *binarius* (LLM0072: duplo), *bladiarius* (LLM0074: relativo ao trigo), *braciarius* (LLM0084: relativo à cerveja), *candelarius* (LLM0127: relativo às velas), *carrucarius* (LLM0149: relativo ao arado), *cerarius* (LLM0169: relativo aos tributos da igreja), *clausonarius* (LLM0190: relativo à vida anacorética), *colonarius* (LLM0203: relativo ao colonato), *conwadiarius* (LLM0218: relativo a um negócio), *forestarius* (LLM0298: relativo à campanha em oposição às cidades), *gemmarius* (LLM0320: relativo às pedras preciosas), *immunitarius* (LLM0351: relativo ao privilégio de imunidade), *inguinarius* (LLM0355: inguinal), *itinerarius* (LLM0359: relativo à viagem), *jubilarius* (LLM0361: que está há 50 anos no comando), *judiciarius* (LLM0364: de um julgamento), *jumentarius* (LLM0365: do burro de carga), *lavandarius* (LLM0377: relativo à lavagem), *lectionarius* (LLM0382: que contém lições litúrgicas), *lignarius* (LLM0395: de madeira), *locarius* (LLM0399: de aluguel), *luminarius* (LLM0403: relativo à iluminação), *matutinarium* (LM0424: do ofício da manhã), *millenarius* (LLM0437: que contém mil), *molendinarius* (LLM0446: de um moinho), *monetarius* (LLM0448: de moeda), *musivarius* (LLM0454: de mosaico), *onustarius* (LLM0470: usado para carregar), *originarius* (LLM0476: originário), *pedagiarius* (LLM0499: do pedágio), *pensionarius* (LLM0501: que concerne a um contrato de arrendamento), *praeconarius* (LLM0550: relativo ao arauto), *pratarius* (LLM0553: relativo à ação da corte), *precarius* (LLM0554: relativo à precariedade), *stipendiarius* (LLM0656: que é parte do mosteiro conventual), *syndicarius* (LLM0670: relativo a um administrador fiduciário), *tannatarius* (LLM0675: bronzeado), *tincturarius* (LLM0693: de tintura) e *tumularius* (LLM0703: sepulcral).

Entre as qualidades ressaltadas estão *arbitrarius* (LLM0033: arbitrário), *clausarius* (LLM0189: recluso), *condicionarius* (LLM0210: de condição servil), *frascarius* (LLM0309: coberto de matagal), *placentarius* (LLM0520: bobo; bufão), *plenarius* (LLM0526: completo), *puerarius* (LLM0562: juvenil), *seditionarius* (LLM0621: rebelde), *valetudinarius* (LLM0716: mórbido) e *walcarius* (LLM0747: mais completo).

Em termos de representação, não há, para o grupo semântico de ADJETIVOS, a necessidade de uma nova formulação que seja diferente da Figura 21, referente ao latim clássico, pois o esquema e os subesquemas são os mesmos. Isso não acontece com o esquema AGENTE, visto que, no latim clássico, esse esquema apresentou cinco subesquemas: PROFSSIONAL, HABITUAL, CIRCUNSTANCIAL, BENEFICIÁRIO E EXPERIENCIADOR e, no latim medieval, observa-se mais um: VEGETAL.

A respeito da ideia de AGENTE VEGETAL⁹⁷, considerou-se essa nomenclatura, em referência a trabalhos como os de Basílio (2004) e Soledade (2013a). Essas autoras consideram que a agentividade das árvores está na capacidade de produzirem flores e frutos. Além disso, alguns, como Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998), que chamam essa categoria de ‘árvore/arbusto’, consideram que esse significado seja um espraiamento metafórico do significado de agente humano. Nesse sentido, parece razoável manter as designações para as árvores como um subesquema de AGENTES⁹⁸.

No que toca aos aspectos quantitativos, o esquema AGENTE do latim medieval apresenta 381 instâncias, sendo mais de 300 referentes aos profissionais. A frequência de todos os subesquemas desse grupo semântico está registrada na Tabela 7.

Tabela 7 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes no latim medieval

Categoria de agente	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	312	81,89
Habituais	33	8,66
Circunstanciais	16	4,2
Vegetais	11	2,89
Beneficiários	6	1,57
Experienciadores	3	0,79

Sobre a Tabela 7, é interessante observar a distribuição da frequência, em termos percentuais, é similar à da Tabela 2. Mesmo com um novo subesquema detectado, os PROFissionais continuam sendo mais de 80% do total. Nesse subgrupo, estão *accipitrarius*

⁹⁷ Sobre essa nomenclatura, Viaro (2007) comenta: “Basílio (2004, p. 74-75) fala do *-eiro* designador de árvores como um ‘agente vegetal’ e casos como o de *paliteiro* como “instrumentos locativos”. As paráfrases com base dedutiva não privilegiam a língua como um dado social nem a aquisição da linguagem, mas há de se admitir que revelam alguma intuição diacrônica, pautada na funcionalidade. De fato, ver-se-á que os agentivos e os designadores de árvores têm pontos em comum, mas isso não num nível abstrato *a posteriori*, que só serve ao linguista e não ao funcionamento da língua, mas sim em derivações aparentadas, advindas de um mesmo núcleo semântico original. Dizer ‘agente vegetal’ é reforçar uma intersecção que impulsiona a metaforização e a produtividade do sufixo, não é a essência dessa acepção” (VIARO, 2007, p. 21, grifos do autor). A partir desse comentário de Viaro (2007), pode-se dizer que, de fato, essa categorização é muito mais um subterfúgio do linguista para equiparar categorias do que uma generalização feita por um falante comum. No âmbito da Linguística Cognitiva, isso pode ser debatido à luz das tensões feitas por Soares da Silva (2006) sobre as abordagens da polissemia (puxar para cima; puxar para baixo). Uma vez que Viaro (2007) não deixa de reconhecer o aspecto funcional e metafórico dessa categorização, nesta Tese, será usada essa nomenclatura, mas reconhecendo toda a problemática envolvida.

⁹⁸ Cabe destacar que Botelho (2004, 2009) chama a categoria de OBJETO PLANTA, ou seja, vinculada à macrocategoria de OBJETOS.

(LLM0005: falcoeiro), *actionarius* (LLM0006: agente fiscal) *actuarius* (LLM0007: administrador do templo de uma igreja), *advocarius* (LLM0011: advogado), *agrarius* (LLM0015: agricultor), *argentarius* (LLM0042: ourives que trabalha com prata), *aurifilarius* (LLM0052: artesão que desenhava o dinheiro), *bancarius* (LLM0060: tesoureiro de uma universidade), *barbarius* (LLM0062: barbeiro, cirurgião), *berbicarius* (LM0066: criador de ovelhas), *bolengarius* (LLM0078: padeiro), *brevarius* (LLM0088: notário senhorial responsável pela administração pública), *bursarius* (LLM0095: tesoureiro), *buturiarius* (LLM0099: comerciante de manteiga), *caballarius* (LLM0102: servo encarregado de serviços de transporte de correio ou cavalo), *caldararius* (LLM0111: caldeireiro), *caligarius* (LLM0113: sapateiro), *carbonarius* (LLM0138: comerciante de carvão), *ensionarius* (LLM0161: cobrador de impostos), *cerevisarius* (LLM0172: cervejeiro), *cippiarius* (LLM0187: carcereiro), *confectionarius* (LM0212: farmacêutico), *cubicularius* (LLM0230: camareiro), *dietarius* (LLM0251: servo responsável pela mesa), *dotarius* (LLM0260: servo que faz parte do quadro de trabalhadores de uma igreja), *exactionarius* (LLM0274: cobrador de impostos), *fenerarius* (LLM0284: agiota), *fornicaria* (LLM0303: prostituta), *gardinarius* (LLM0319: jardineiro), *hospitalarius* (LLM0347: guardião do hospital do mosteiro), *januarius* (LLM0360: porteiro), *lavandaria* (LLM0375: lavadeira), *lorimarius* (LLM0402: fabricante de artigos de couro), *macellarius* (LLM0406: açougueiro), *marinarius* (LLM0419: marinheiro), *molendinarius* (LLM0446: moleiro), *nebularius* (LLM0456: confeitoiro), *panetarius* (LLM0475: padeiro), *petrarius* (LLM0505: pedreiro), *porcarius* (LLM0534: criador de porcos), *salinarius* (LLM0601: fabricante de sal), *solidaria* (LLM0630: mulher pública), *tornarius* (LLM0694: oleiro), *vaccarius* (LLM0715: vaqueiro) e *vassellarius* (LLM0718: guardador da bateria de cozinha).

Como HABITUAIS, novamente segundo grupo mais produtivo, aparecem *admissarius* (LLM0008: ganhão), *auricularius* (LLM0051: conselheiro íntimo), *credendarius* (LLM0225: confidente), *eleemosynarius* (LLM0268: aquele que dá esmolas), *eremitarius* (LLM0270: eremita), *fornicarius* (LLM0304: homem adúltero, viciado na devassidão), *herbaria* (LLM0340: bruxa envenenadora), *indulgentarius* (LLM0353: vendedor de indulgências), *librarius* (LLM0393: estudioso), *quaestionarius* (LLM0569: torturador), *quaestuaris* (LLM0570: pedinte de esmolas), *solitarius* (LLM0633: eremita), *somnarius* (LLM0634: leitor de sonhos), *sortarius* (LLM0636: feiticeiro), *tempestarius* (LLM0681: aquele que prevê o tempo) e *usagiarius* (LLM0708: usuário).

Entre os CIRCUNSTANCIAIS, estão *auctionarius* (LLM0050: devedor), *carenarius* (LLM0141: pessoa condenada a uma penitência de jejum), *gravatarius* (LLM0328: aquele que

é batizado quando está em risco de morrer), *hebdomadaria* (LLM0338: freira de plantão durante a semana) e *stagiarius* (LLM0646: inquilino).

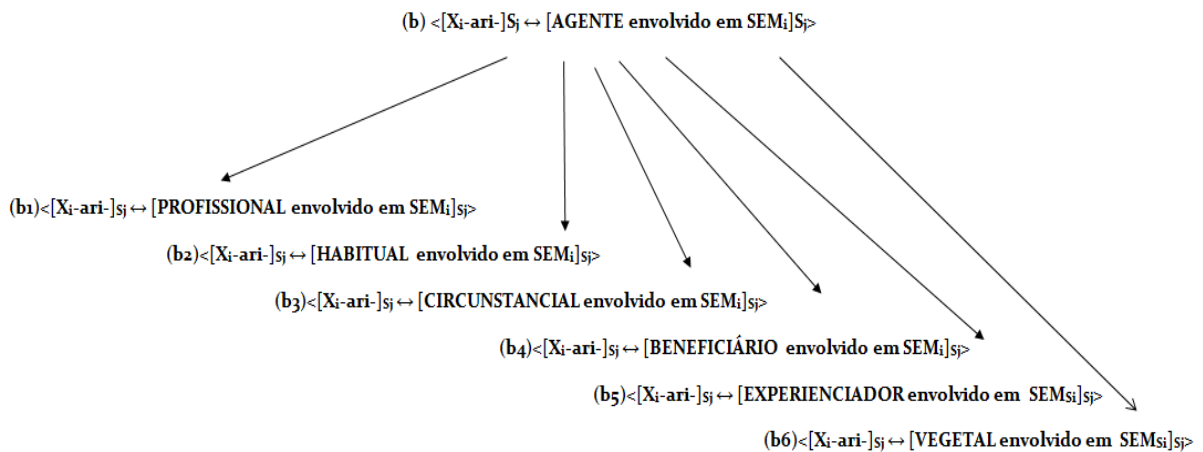
Como BENEFICIÁRIOS, apareceram *burgarius* (LLM0094: burguês), *concupinarius* (LLM0209: alguém que tem um mestre), *feodatus* (LLM0285: que tem um feudo), *hereditarius* (LLM0343: quem recebe herança) e *libellarius* (LLM0392: alforriado por meio de uma carta).

Entre os EXPERIENCIADORES, aparecem *abecedarius* (LLM0002: criança que está aprendendo alfabeto), *propinquarius* (LLM0559: parente) e *secundarius* (LLM0619: rei casado).

No que toca aos VEGETAIS, subesquema inovador do latim medieval, os oito exemplos encontrados são: *ceresarius* (LLM0171: cerejeira), *mespilarius* (LLM0432: nespereira), *morarius* (LLM0450: amoreira), *nucarius* (LLM0460: noqueira), *nuclearius* (LLM0461: noqueira), *olivarius* (LLM0468: oliveira), *palmarius* (LLM0482: palmeira), *persicarius* (LLM0503: pessegueiro), *pirarius* (LLM0515: pereira) e *pomarius* (LLM0529: macieira).

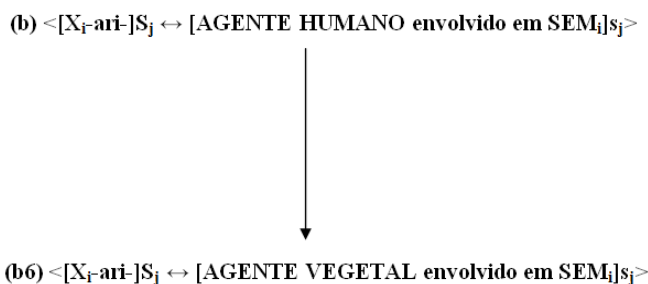
Detectada a existência de agentes vegetais, demanda-se uma representação esquemática dos agentes *X-ari-* no latim medieval diferente da apresentada na Figura 23. Por isso, para essas novas construções, a representação está na Figura 29.

Figura 29 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no latim medieval



Fonte: Simões Neto (2018, p. 64).

Quanto ao espraiamento metafórico de AGENTES HUMANOS a AGENTES VEGETAIS, sinalizado por Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998), a Figura 30 o representa.

Figura 30 – Relação entre os subesquemas profissionais e medievais nas construções *X-ari-*

O terceiro grupo a ser analisado é o LOCATIVO. Mais uma vez, não há diferença com os subesquemas do latim clássico. Foram computados 89 constructos que se referem a lugares. Veja-se a Tabela 8, com a distribuição desse esquema dominante.

Tabela 8 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativo no latim medieval

Categoria de locativo	Frequência	Percentual (%)
Onde há	67	75,28
Onde se faz	22	24,72

Entre as 67 instanciações do subesquema LUGAR ONDE HÁ, estão: *argentaria* (LLM0041: mina de prata), *beccaria* (LLM0064: açougue), *bocharia* (LLM0076: açougue), *buscarium* (LLM0096: terra arborizada), *carbonaria* (LLM0137: carvoaria), *carnarium* (LLM0142: cemitério), *cellarium* (LLM0159: armazém), *cervinaria* (LLM0175: adega), *cloccarium* (LLM0197: torre do sino), *cressonaria* (LLM0228: terreno pantanoso onde cresce o agrião), *cunicularium* (LLM0235: coelheira), *draparia* (LLM0271: estoque de lençóis), *eremitarium* (LLM0269: eremitério), *ferrarium* (LLM0288: ferraria), *frascarium* (LLM0308: terra coberta de matagal), *granarium* (LLM0325: celeiro), *humularium* (LLM0348: campo de lúpulos), *judearia* (LLM0362: bairro de judeus), *linarium* (LLM0397: campo de linho), *minarium* (LLM0438: fragmento de terra onde há minerais), *nucaria* (LLM0459: pomar de nozes), *paenitentaria* (LLM0479: penitenciária), *paracellarium* (LLM0486: adega), *pirarium* (LLM0514: pomar de peras), *pisaria* (LLM0517: campo de ervilhas), *porcaria* (LLM0533: chiqueiro), *salvarium* (LLM0605: reservatório de peixes), *stabularius* (LLM0644: lugar da fazenda onde as vacas ficam), *stannaria* (LLM0651: mina de estanho) e *vestiarium* (LLM0728: lugar onde se guardam as roupas dos monges).

Em meio às 22 realizações do subesquema LUGAR ONDE SE FAZ, encontram-se *albergaria* (LLM0017: acampamento do exército), *aquarium* (LLM0030: canal), *ararius*

(LLM0032: campo arável), *arengaria* (LLM0040: lugar de reuniões públicas), *docarium* (LLM0254: empresa de carpintaria), *furnarium* (LLM0314: padaria), *gruaria* (LLM0331: jurisdição feudal onde se julgavam os crimes), *lavandarium* (LLM0376: lavanderia), *machinarium* (LLM0407: moinho), *molarium* (LLM0441: usina), *panetaria* (LLM0485: padaria), *sacrarium* (LLM0594: igreja, lugar sagrado), *secretarium* (LLM617: sala de reuniões onde são proferidas as sentenças), *stalarius* (LLM0648: lugar onde se talham a argila e o pólo) e *vicaria* (LLM0731: subdivisão do município onde a jurisdição do vicário é exercida).

Assim como o esquema LOCATIVO, o esquema dominante OBJETO não apresentou subesquema novo. De diferente, em relação ao latim clássico, apenas o fato de o subesquema UTENSÍLIO ter se mostrado mais frequente que o de RECIPIENTE. As 55 instanciações de OBJETOS dividiram-se da maneira apresentada na Tabela 9.

Tabela 9 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no latim medieval

Categorias de objetos	Quantidade	Percentual (%)
Utensílios	25	45,45
Recipiente	13	23,64
Instrumento	9	16,36
Máquina	4	7,27
Uso pessoal	4	7,27

A título de exemplificação, o subesquema UTENSÍLIO instancia: *antiphonarium* (LLM0026: livro que contém as antífonas), *arenarius* (LLM0039: ampulheta), *avalaria* (LLM0053: uma parte da ornamentação dos cavalos usados em cavalaria), *bancarium* (LLM0059: almofada), *bestiarium* (LLM0069: manual de zoologia), *ceroferarium* (LLM0173: castiçal), *dorsarium* (LLM0257: tapeçaria presa na parte de trás da cadeira), *lampadarius* (LLM0369: candelabro), *lectionarium* (LLM0381: livro de perícopes), *mercandaria* (LLM0429: mercadoria, objeto destinado à venda), *morarius* (LLM0451: utensílio de uma salada), *orationarius* (LLM0472: livro de oração), *ordinarium* (LLM0473: livro litúrgico para serviços ordinários), *praeceptarium* (LLM0548: diploma real), *praestarium* (LLM0551: carta de concessão em situação precária emitida pelo concedente), *scacarium* (LLM0610: tabuleiro de xadrez), *septimanarius* (LLM0624: periódico litúrgico semanal), *sequentarius* (LLM0625: livro de sequências), *stantarius* (LLM0653: luminária de chão) e *usuaria* (LLM0709: carta de doação com reserva de usufruto).

Pelo subesquema RECIPIENTE, são instanciadas: *aquarius* (LLM0031: vaso de água), *caldaria* (LLM0112: caldeira), *concovarium* (LLM0208: tanque de água), *eleemosynarium* (LLM0267: bolsa onde se guardam esmolas), *forsarium* (LLM0306: caixa), *mortarium* (LLM0452: morteiro), *olearius* (LLM0467: galheteiro), *panarium* (LLM0483: cesta de pão), *pulletarius* (LLM0563: gaiola), *recentarium* (LLM0577: refrigerador de vinho), *salarium* (LLM0600: saleiro) e *salsarium* (LLM0602: saleiro).

No grupo INSTRUMENTO, foram verificados os seguintes constructos: *bocalarium* (LLM0075: escudo), *croparium* (LLM0229: peça de armadura que defendia o traseiro do cavalo de guerra ou torneio) *cucullarius* (LLM0232: rede de pesca), *dagarium* (LLM0242: punhal), *hastalarius* (LLM0337: espeto), *manuaria* (LLM0416: machado, enxada), *sarpellarium* (LLM0609: esfregão) e *surtaria* (LLM0668: escudo decorado com imagens).

Entre os objetos de USO PESSOAL, estão *calcearium* (LLM0107: sapato), *lebitonarium* (LLM0379: cilício – antiga veste de pano grosseiro e áspero usado sobre a pele em razão de penitência), *ocularium* (LLM0465: viseira de um capacete) e *sudarium* (LLM0664: mortalha que envolve as cabeças dos mortos). Do subesquema MÁQUINA, as realizações são *balanarius* (LLM0056: navio de guerra), *balingarius* (LLM0057: navio de guerra), *cursarius* (LLM0238: corsário) e *trabaria* (LLM0695: barco feito de um tronco de árvore). Uma vez que não houve novidade de subesquema no esquema OBJETO, não se fez uma nova representação esquemática.

O próximo esquema dominante a ser abordada é o de QUANTIDADE, que, no latim medieval, aparece com um significado a mais: o subesquema EXCESSO. A distribuição de frequência do esquema de quantidades está apresentada na Tabela 10.

Tabela 10 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no latim medieval

Categorias de quantidades	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	22	50,00
Quantias	12	27,27
Unidades de medida	5	11,36
Excesso	5	11,36

O subesquema COLETIVO, o mais produtivo de QUANTIDADE, teve 22 instâncias. Algumas delas são: *abecedarium* (LLM0001: abecedário), *almarium* (LLM0019: conjunto de arquivos, arsenal), *capellaria* (LLM0131: conjunto de vasos sagrados e outros utensílios para o culto privado de um senhor), *chrismarium* (LLM0183: relicário)

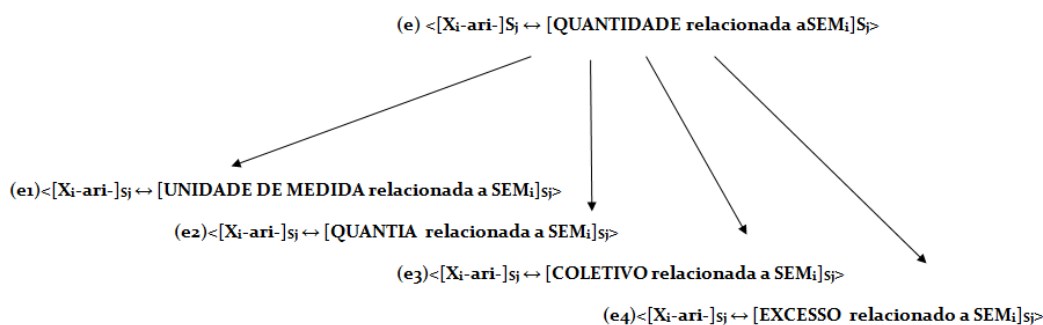
collectarius (LLM0202: coleção), *egredarium* (LLM0265: escadaria), *glossarium* (LLM0323: coleção de glosas), *herbarium* (LLM0341: herbário), *hymnarium* (LLM0350: hinário), *judearia* (LLM0362: aglomerado de judeus), *legendarius* (LLM0384: conjunto de biografias de santos), *novenarius* (LLM0457: série de nove salmos cantados pela manhã), *scalarium* (LLM0611: escadaria) *troparium* (LLM0702: tropel), *vaccaria* (LLM0714: rebanho) e *versarium* (LLM0725: conjunto de hinos, versos e cânticos).

Foram consideradas como QUANTIA 12 realizações, entre as quais: *agrarium* (LLM0014: taxa sobre terras recém-liberadas), *decimaria* (LLM0246: taxa de dízimo), *drudaria* (LLM0262: taxa paga à esposa de um senhor defensor da lei), *garbaria* (LLM0318: valores pagos na proporção da colheita), *palmarium* (LLM0481: salário do advogado), *pascuarium* (LLM0493: taxa de pastejo), *portarium* (LLM0539: taxa sobre direitos portuários) etc.

Para UNIDADE DE MEDIDA, as cinco instanciações são *bunuarium* (LLM0092: medida agrária que valia 1 hectare e 40 ares), *praebendarium* (LLM0545: medida de capacidade usada para distribuições monásticas), *quadrarium* (LLM0566: medida agrária de área), *quartarium* (LLM0572: a quarta parte do pão) e *rasaria* (LLM0575: medida de capacidade para cereais). Em razão da novidade do subesquema EXCESSO, há a necessidade de uma nova representação esquemática de QUANTIDADE. Isso é feito na Figura 38, a seguir.

Por último, está a nova subcategoria EXCESSO. Em Simões Neto (2016), verificou-se a existência desse subesquema no português arcaico. Por meio dele, instanciam-se construções que designam fenômenos ou formações naturais de caráter excessivo ou acumulado. Alguns autores, como Botelho (2004), preferem chamar essa categoria de FORMAÇÕES NATURAIS. Como poderia haver outros tipos de excesso que não sejam de eventos da natureza, preferiu-se manter a designação em um nível mais abstrato. No português arcaico, os exemplos foram *chuuazeiros*, *nevoeiro* e *poeyra*. Nos dados do latim medieval, os cinco exemplos encontrados são *labinarium* (LLM0368: torrente), *marlaria* (LLM0420: pedreira de marga), *plastraria* (LLM0522: pedreira), *sabulonaria* (LLM0591: pedreira de areia) e *terrarium* (LLM0685: muralha de terra). Por conta desse novo subesquema, faz-se necessária a Figura 31.

Figura 31 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no latim medieval



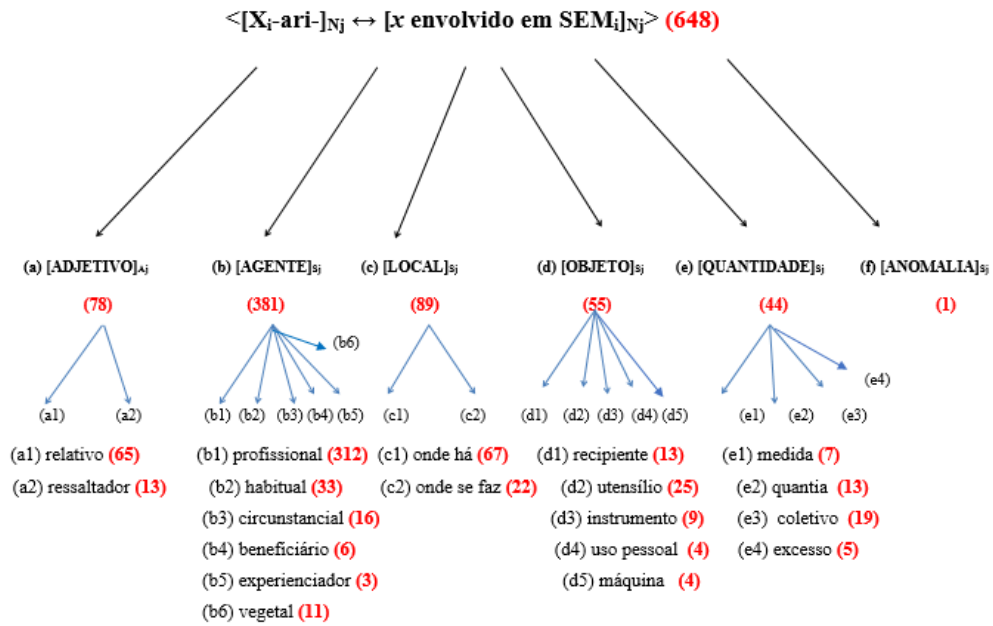
Fonte: Simões Neto (2018, p. 67).

O último esquema dominante *X-ari-*, o de ANOMALIA, seguiu com uma única instanciamento. Dessa vez, a realização encontrada foi *quartanarius* (LLM0571: febre quartã). A representação esquemática é a mesma da Figura 27, para o latim clássico.

Quanto às palavras não analisadas, *acciarium* (LLM0004: liga de aço), *adversarius* (LLM0009: o diabo), *advocaria* (LLM0010: advocacia eclesiástica), *aldionaria* (LLM0018: posse de um prédio), *ambasciaria* (LLM0022: missão diplomática), *brennarius* (LLM087: cães de guarda), *burgaria* (LLM0093: roubo), *caballicaria* (LLM0103: passeio), *dextrarius* (LLM0249: corcel), *euangeliarium* (LLM0272: evangelho), *fenarium* (LLM0283: fenação), *itinerarium* (LLM0358: roteiro de viagem), *judiciaria* (LLM0363: julgamento), *justitiaria* (LLM0366: o cargo de um juiz), *leporarius* (LLM0385: galgo – cão de pernas compridas, corpo alongado, focinho afilado, extremamente ágil e veloz), *mandataria* (LLM0408: missão), *mansionaria* (LLM0413: capelania), *ordinarius* (LLM0474: cânone), *parangaria* (LLM0490: serviço de transporte), *phiebotomaria* (LLM0506: cargo de flebotomista), *quadragenarium* (LLM0564: quaresma), *raubaria* (LLM0576: rapina), *sacrataria* (LLM0595: cargo de sacristão), *septenarius* (LLM0623: missa do sétimo dia), *suburbicarius* (LLM0662: os entornos de Roma), *summarius* (LLM0666: resumo), *tricarria* (LLM0698: jogo de azar), *usuarium* (LLM0710: usufruto), *wadiaria* (LLM0744: penhor) etc.

Feita essa descrição, a representação esquemática das construções *X-ari-* do latim medieval está apresentada na Figura 32, na qual se veem esquemas, subesquemas e frequências no *corpus*.

Figura 32 – Representação esquemática das construções X-ari- no latim medieval



Feitas as análises dos dados do latim clássico e do latim medieval, com base no modelo da MC, pôde-se observar que o latim clássico apresentou todos os esquemas dominantes vistos no medieval. Se fossem considerados somente os dados que se analisou em Simões Neto (2016), não haveria registro do esquema ANOMALIA, o que poderia sugerir que seria uma novidade do latim medieval, ou um significado que existia no latim vulgar e chegou à variedade medieval.

O aumento do *corpus* do latim clássico foi fundamental para que não fossem feitas conclusões precipitadas acerca do funcionamento do esquema X-ari- naquele período. Em Simões Neto (2016), foi sugerido que os significados de ANOMALIA, EXCESSO, AGENTE VEGETAL e OBJETO DE USO PESSOAL eram novidades no português arcaico. Com a ampliação dos dados, vê-se que ANOMALIA e OBJETO DE USO PESSOAL já estavam no latim clássico.

A inclusão de dados do latim medieval permitiu que se vissem os significados de EXCESSO e AGENTE VEGETAL também na língua latina. Sobre esse último subesquema, cabe mencionar que o fato de haver, no latim medieval e nas línguas românicas, a ocorrência de designações para árvores e arbustos significados, a partir de sufixações X-ari- e derivadas, faz com que se possa sugerir que o latim vulgar, certamente, já apresentava esse significado. Cooperam também essa hipótese de origem vulgar dos construtos designadores de árvore as reconstruções baseadas em comparações inter-românicas, como se vê reproduzido no trabalho de Marinho (2004).

É possível, ainda, aventar a possibilidade de que, no latim vulgar, as formas X-ari-designadoras de árvores tenham sido empregadas para desfazer a ambiguidade existente no latim clássico, em que, como se disse, usava-se a mesma forma para o fruto e para árvore. Dessa maneira, o fluxo metafórico PROFIONAL → VEGETAL, mencionado em Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) sobre as construções X-eir-, já havia acontecido na língua latina. As línguas românicas deram continuidade a esse modelo, tornando-o mais produtivo.

5.5 X-ARI- NO LATIM CLÁSSICO E NO MEDIEVAL: COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS

Esta subseção dará início às análises comparativas dos dados. Esse tipo de estudo é bastante processual e dependente dos resultados obtidos pelas análises construcionais. Aqui, faz-se uso dos subesquemas boojianos considerados nesta investigação, reorganizando-os em um mapa conceptual, com o intuito de mostrar o quanto do espaço total desse mapa cada esquema abrange.

O caráter processual da elaboração do mapa e da análise está ligado aos fundamentos da abordagem comparativa funcionalista vista em Haspelmath (2003). À medida que novos significados forem sendo registrados, talvez sejam necessários rearranjos, de forma a manter a elegância e o didatismo da análise.

Os mapas semânticos de Haspelmath (2003) não se orientam por uma visão de polissemia baseada em redes e/ou heranças, como acontece nas análises elaboradas a partir de Lakoff (1987), Goldberg (1995) e Booij (2010). Dessa forma, a organização do mapa não prevê a existência de um protótipo ou mesmo uma hierarquização. Nada impede que se faça isso, porém a representação de um mapa semântico tem mais a ver com a facilidade de contornos para o que vai ser delimitado no mapa.

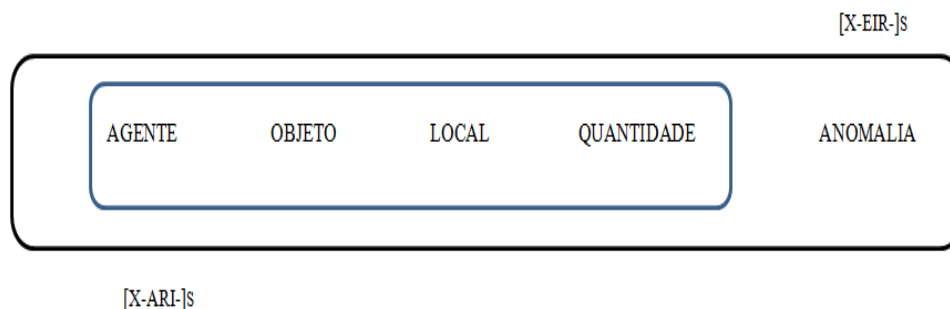
Para exemplificar o que está sendo discutido, suponha-se a estruturação organizacional de um mapa semântico em que se comparam os significados de esquemas dominantes de construções X-ārī-, do latim clássico, e X-eir-, do português arcaico, considerando os dados de Simões Neto (2016), que não observou o esquema ANOMALIA para o latim clássico. São várias as formas de se organizar esses esquemas, mas sejam tomados os exemplos possíveis em (1) e (2):

- (1) AGENTE – OBJETO – LOCAL – QUANTIDADE – ANOMALIA
- (2) AGENTE – OBJETO – LOCAL – ANOMALIA – QUANTIDADE

Se as construções [X-eir-]s do português forem tomadas como os únicos objetos de análise, é indiferente a representação do mapa semântico apresentada em (1) ou em (2). Porém, no momento em que se contrasta com as construções [X-āri-]s do latim, o mapa em (1) é mais admissível, pois só ele consegue captar, de maneira mais organizada, que o domínio [AGENTE-QUANTIDADE] é pertinente às construções [X-āri-]s do latim e o domínio [AGENTE-ANOMALIA] às [X-eir-]s do português, com base em Simões Neto (2016).

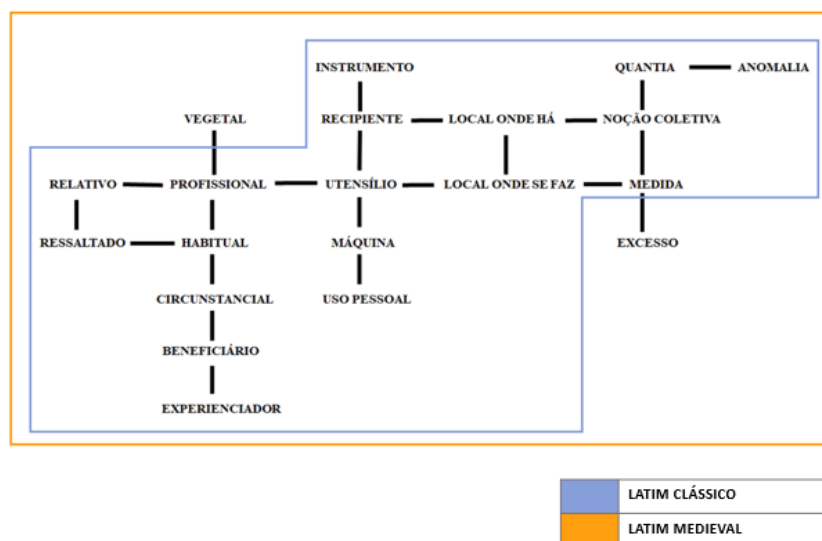
Para esse contraste, o mapa em (2) seria mais complicado, porque os dados do latim de Simões Neto (2016) não apontaram o significado ANOMALIA, mas apontaram o de QUANTIDADE. Não faria conveniente propor uma representação [AGENTE-LOCAL] – [QUANTIDADE], nem fazer um malabarismo curvilíneo sem nenhuma elegância representacional, quando uma questão de disposição das funções no mapa resolveria o caso. A representação da Figura 33, a seguir, é condizente com a organização (1).

Figura 33 – Mapa semântico das construções *X-āri-* do latim clássico e *X-eir-* do português arcaico



A Figura 33 tem uma representação bastante simplória, uma vez que trabalha com as poucas categorias de esquemas dominantes. Nesta Tese, faz-se uma comparação centrada em subesquemas. Até o momento, há 20 significados e uma mesma construção *X-ari-* em dois estágios da língua latina. À medida que as línguas românicas forem sendo analisadas, cada uma trazendo duas construções, a representação vai se tornando mais complexa. Por ora, a Figura 34 é a proposta de cotejo entre *X-ari-* no latim clássico e no medieval.

Figura 34 – Mapa semântico das construções *X-ari-* no latim clássico e no latim medieval



Na Figura 34, estão todos os significados vistos em esquemas e subesquemas *X-ari-* do latim clássico e do latim medieval. Eles foram organizados, com o intuito de formar um mapa conceitual. O contorno laranja refere-se ao latim medieval e abrange todos os significados, inclusive os que estão no contorno azul, que é referente ao latim clássico e não abrange os significados VEGETAL e EXCESSO, pois não foram encontrados nos dados dessa variedade.

5.6 ANÁLISE SOCIOCOGNITIVA DE X-ARI- NA LÍNGUA LATINA

Depois de serem feitas análises construcionais e comparativas dos dados do latim clássico e do latim medieval, esta subseção atém-se a processos sociocognitivos que atuam na formação de palavras e na produção de sentidos. Essa análise tem o intuito de confirmar: (i) o princípio da composicionalidade fraca nas construções linguísticas; (ii) a ideia de que a língua de uso cotidiano reflete as nossas várias experiências corporais, culturais e históricas; (iii) há um padrão de fenômenos semântico-cognitivos que atuam na construção de sentidos em palavras complexas.

De cada esquema, foram escolhidas dez palavras para serem comentadas em relação à construção de significados. Esse número de exemplos não tem uma razão exata e as palavras não passaram por um crivo específico de seleção. Apenas foram selecionadas aquelas construções que pareceram ter narrativas sociocognitivas interessantes de serem comentadas. A análise, portanto, não tem um viés quantitativo, estatístico e generalista, como as feitas até aqui. É justamente o contrário: trata-se de uma abordagem mais qualitativa e mais individual

de palavras que foram analisadas neste trabalho. No Quadro 13, estão dez palavras extraídas do *corpus* do latim clássico.

Quadro 13 – Palavras selecionadas do latim clássico para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
LLC0051	aquāriūs	escravo que vai à água, aguadeiro
LLC0061	arēnāriūs	gladiador
LLC0119	cæpāriā	tumor na virilha
LLC0143	carcerāriūs	carcereiro, guarda da prisão; prisioneiro
LLC0299	focāriā	cozinheira
LLC0410	mellāriūm	Colmeia
LLC0468	ōrāriūm	lenço para limpar o rosto
LLC0506	plagiāriūs	aquele que rouba os escravos de outros
LLC0654	utrāriūs	aguadeiro, o que traz água.
LLC0662	venēnāriūs	envenenado

Em um texto no qual discute, entre outras coisas, a composicionalidade fraca nas construções de uma língua, Salomão (2009) menciona o exemplo do par *carcereiro* e *prisioneiro*. As bases dessas palavras – [cárcere] e [prisão] – podem ser tomadas como sinônimas em alguns contextos, mas os significados dessas palavras complexas, embora remetam a um mesmo *frame*, apontam para participantes em posições totalmente diferentes. Isso mostra que nem sempre uma análise composicional consegue explicar essas nuances de percepção.

Nesse caso, em especial, poderia ser esperado que essas palavras complexas fossem sinônimas, pois as bases também são, mas vê-se que, além de os produtos estarem em subesquemas diferentes, um é AGENTE PROFISSIONAL e o outro é AGENTE CIRCUNSTANCIAL, cada palavra fotografa um integrante do *frame*. No latim clássico, *carcerāriūs* (LLC0143) designava as duas posições, a de carcereiro e a de encarcerado (prisioneiro). Dessa forma, uma mesma palavra, a depender do contexto de uso, apontava para seres diferentes, em posições completamente opostas.

Nos termos de Fillmore (1982), a polissemia de *carcerāriūs* pode ser interpretada como decorrente de múltiplos enquadramentos de um mesmo *frame*. Assim, o que interessa mostrar é que a realização de *carcerāriūs* (LLC0143) aciona uma cena de encarceramento/aprisionamento em que, pelo menos, duas pessoas participam da cena: a pessoa

aprisionada/prisioneira/encarcerada e a encarceradora/carcereira. Cada significado fotografa uma pessoa diferente, caracterizando uma projeção figura-fundo. Para o significado de *prisioneiro*, a pessoa que está presa é a figura e quem prende é o fundo, já, para o significado de *carcereiro*, a pessoa que está presa é o fundo e quem prende é a figura.

Projeções similares são vistas em outras palavras selecionadas do *corpus*. Por exemplo, *venēnārīus* (LLC0662) remete à cena do envenenamento e descreve a pessoa que foi envenenada. No latim medieval, a palavra *venenarius* (LLM0722) já não se refere ao envenenado, mas a quem envenenou. Se tomadas como absolutas as definições dos dicionários, pode-se aventar a possibilidade de que as mudanças de significado estão relacionadas também às mudanças de projeção dentro de uma mesma cena.

Analogicamente inverso à situação de *carcereiro* e *prisioneiro* em português, há, no latim clássico, o par *aquārīus* (LLC0051) e *utrārīus* (LLC0654), sobre o qual já se havia comentado em Simões Neto (2016). Ambas as palavras designam o *aguadeiro*, escravo responsável pelo transporte, abastecimento e distribuição de água. Nesse caso, um mesmo referente é designado com base em elementos diferentes de um mesmo *frame*. Para *utrārīus*, o que se torna relevante (figura) no *frame* é o continente (*uter, utris*), ao passo que, para *aquārīus*, o relevante é o conteúdo.

Todas as palavras comentadas até aqui envolvem projeções de figura-fundo e, em certa medida, projeção metonímica, uma vez que selecionam elementos específicos de um *frame* para a construção de sentidos. Esse mecanismo é aparentemente mais produtor que a projeção metafórica nesse âmbito e pode ser visto também em *arēnārīus*, *focārīa*, *mellārīum*, *ōrārīum* e *plagiārīus*.

A construção *arēnārīus* (LLC0061) tem como palavra base *arēna*, que, já no latim clássico, referia-se tanto à *arena* (locativo) quanto à *areia* (substância). Esses dois significados relacionam-se quando se toma conhecimento de que a arena era um espaço central do anfiteatro romano que era coberto de areia. A palavra *arēnārīus*, com o significado de gladiador, remete aos eventos de entretenimento da sociedade romana em que pessoas se confrontavam com outras ou com animais ferozes até a morte de um deles, com o intuito de divertir público. À medida que as lutas em arenas vão deixando de ser recorrentes, em função de questões políticas e críticas filosóficas e religiosas, a referida cena vai tornando-se menos acionada mentalmente.

No latim medieval, a palavra *arenarius* (LLM0039), destacada no Quadro 14, aparece designando uma *ampulheta*, utensílio com dois compartimentos simétricos que é utilizado para medir o tempo, a partir da passagem do conteúdo de areia fina de um compartimento a outro. Nota-se, portanto, que houve uma mudança significativa do *frame* acionado pela construção.

Nesse caso, ao ser observado o fluxo histórico das palavras, pode-se pensar que a polissemia envolve mudanças de projeção e mudanças de *frames* também, uma vez que o fato de a cena ter sido mudada gerou uma nova categoria de significado. Além disso, nota-se que a polissemia da palavra *arena* na língua latina incide diretamente na polissemia da palavra *arenarius*, o que ratifica a importância de se discutir a herança semântica que a base projeta nas palavras complexas, para além do que projetam os esquemas construcionais.

No caso de *focārīa* (LLC0299), designação para *cozinheira*, acontece uma seleção similar a que aconteceu com *chameira*, dado que Simões Neto (2016) encontrou no português arcaico. A *chameira* era a mulher que levava o pão ao forno. Tanto *focārīa* quanto *chameira* evocam o *frame* da cozinha, e ambas selecionam um mesmo elemento da cena: o fogo.

A seleção metonímica aparece também na construção *ōrārīum* (LLC0468), em que a base é a palavra *ōs*, *ōris*, que significa *boca*. Sendo um OBJETO DE USO PESSOAL, a paráfrase composicional ideal deveria apontar para algo usado para limpar a boca, porém trata-se de um pano para limpar todo o rosto, sendo boca uma seleção metonímica dentro de toda estrutura facial.

Os constructos *mellārīum* (LLC0410) e *plagiārīus* (LLC0506) apresentam um processo metonímico bastante parecido. A primeira, *mellārīum* (LLC0410), designa a colmeia, o lugar onde há abelhas ou o aglomerado delas, no entanto, usa a palavra base *mel*, *mellis*, e não o equivalente a abelha, que poderia ser *apīcula*. Assim, a paráfrase composicional seria LUGAR ONDE HÁ mel. De certo, a colmeia deve aglomerar mel, mas não é essa a ideia acessada no significado da palavra complexa construída. O que parece acontecer é um fluxo em que se toma o *mel* pela *abelha*, configurando uma metonímia do tipo *produto/produtor*.

O mesmo parece acontecer com *plagiārīus* (LLC0506), que pode significar “aquele que rouba os escravos de outros”. É preciso mencionar que o significado de plagiador, aquele que se apropria indevidamente do trabalho de outrem, também já estava no latim clássico. Seguramente, poder-se-ia pensar o *plagiārīus* como “aquele que rouba os trabalhos dos outros”, mas, no primeiro momento, o roubo do trabalho perpassa o roubo dos escravos. Isso ratifica-se quando observamos que o *plagiārīus* era “aquele que vendia libertos e pessoas livres como escravos”, ou seja, novamente se apropriando do trabalho alheio. Dessa maneira, pode-se sugerir que há, nesse caso, uma metonímia produtor/produto, também com os conceitos de escravo (produtor) e de trabalho (produto). A concepção mais moderna que temos de plagiário/plagiador é provavelmente um espraiamento metafórico dessa experiência anterior.

O último exemplo selecionado do latim clássico é *caepārīa* (LLC0119). A base é *caepa* e significa cebola, como se pode ver em *caepārīus* (LLC0120), que significa “vendedor de

cebolas”. O significado de *cæpārīa* (LLC0119) não é de uma praga que atinge as cebolas, mas sim de um ‘tumor na virilha’, porém, não há uma referência exata do motivo pelo qual a designação de um tumor tomaria como base a palavra *cæpa*. É possível que tenha havido um mapeamento metafórico motivado por semelhanças ou crenças nessas semelhanças, como acontecem em designações populares de doenças e anomalias, como *olho-de-peixe*, *bico-de-papagaio* e *esporão-de-galo*. Dessa forma, o tumor poderia ter uma forma parecida com a da cebola. É considerável, ainda, a possibilidade de haver uma crença de que o tumor é causado, de alguma maneira, pela cebola, como acontece no *cobreiro*, tipo de herpes que popularmente é atribuída ao contato com cobra.

Feitas essas primeiras análises de palavras do latim clássico, agora, passa-se às palavras do latim medieval. As dez palavras a serem analisadas estão apresentadas no Quadro 14.

Quadro 14 – Palavras selecionadas do latim medieval para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
LLM0039	arenarius	ampulheta
LLM0142	carnarium	cemitério
LLM0251	dietarius	servo que cuida da mesa
LLM0303	fornicaria	prostituta; mulher adúltera
LLM0340	herbaria	bruxa que faz venenos
LLM0360	januarius	porteiro
LLM0374	latinarius	intérprete
LLM0385	leporarius	galgo
LLM0393	librarius	erudito, estudioso
LLM0416	manuaria	machado, enxada

As projeções quase fotográficas dos *frames* que apareceram na construção de significados no latim clássico aparecem também no latim medieval. Por exemplo, *dietarius* (LLM0251) refere-se ao servo que cuida da mesa. A palavra *dieta*, que serve de base, já tinha, no latim medieval, o significado que se conhece hoje, o de regime e de conjunto de hábitos alimentares. O significado de *dietarius*, que poderia ser parafraseado como o “servo que cuida da dieta dos senhores”, projeta na mesa, móvel onde as refeições acontecem, a responsabilidade do servo.

Processos similares acontecem em *latinarius* (LLM0374), *herbaria* (LLM0340), *fornicaria* (LLM0303) e *januarius* (LLM0360). A palavra *latinarius* (LLM0374) designa um intérprete. A perspectiva do significado de intérprete volta-se para a língua latina, podendo ser ou não uma especificidade do seu exercício: traduzir para ou do latim.

Em *herbaria* (LLM0340), o significado agentivo poderia apontar para aquela que trabalha com ervas, mas não é somente isso. Trata-se de uma bruxa que faz venenos, certamente a partir de ervas. É importante destacar a presença recorrente de designações para bruxas e feiticeiros no dicionário de latim medieval, revelando muito da perspectiva cristã, sobretudo dos hábitos e trabalhos que o cristianismo condenou.

A mesma condenação cristã é vista em *fornicaria* (LLM0303), para designar a prostituta. Além disso, designava também a mulher adúltera. Há vários aspectos para serem comentados sobre essa palavra. Primeiro, o fato de designar tanto uma profissão quanto um hábito, o que mostra que a via de mão dupla para explicar a proximidade entre AGENTE PROFISSIONAL e AGENTE HABITUAL é válida. A frequência do exercício da prostituição e/ou do sexo com variados homens pode ter sido selecionada para uma designação mais frequentativa e habitual, da mesma maneira que nada impediria de uma mulher adúltera profissionalizar-se e tornar-se uma prostituta naquele contexto.

Nota-se também que a designação *fornicarius* (LLM0304) não encontra uma correspondência profissional, podendo sugerir tanto a não existência ou baixa frequência de homens prostitutos na Idade Média⁹⁹ quanto à misoginia do discurso religioso, procurando condenar, com mais empenho, as práticas de mulheres.

Por último, sobre a construção da palavra *fornicaria*, retoma-se uma descrição de Soledade (2020, no prelo), sobre a palavra *fornigador*, vista em textos do português arcaico:

Segundo historiadores e etimólogos, o verbo *fornicare* teria sido formado no século III d.C, com base no nome *fornix, icis* ‘abóbada, arco’. Assim, a relação de sentido entre a base nominal e o verbo será enviesada por um aspecto cultural relevante, uma vez que as prostitutas romanas costumavam se posicionar para fora das casas, sob os arcos ou abóbadas dessas entradas, assim uma referência a um local relacionado à prática da prostituição dará base para a formação de um verbo designador da ação (SOLEDADE, 2020, no prelo).

Como comentou Soledade (2020), nesse mesmo texto, não é raro que palavras que designam lugares de trabalho ou de realização de outras atividades sirvam metaforicamente de base para palavras complexas correspondentes. Um exemplo dado pela autora é *praceiro*, no

⁹⁹ Sobre a prostituição na Idade Média, sugere-se a leitura de Jacques Rossiaud (1991).

português arcaico, que significa “pessoa sociável, agradável”, tomando como base o *frame* de praça como um espaço metafórico.

O porteiro designado por *januarius* (LLM0360) remonta à figura de Jano, o deus responsável por todos os começos, é dele que vem o nome do mês de janeiro. Jano é um ser que tinha duas faces, uma olhando para frente, outra para trás. É essa capacidade vigilante do deus que se transporta metaforicamente para a designação do ofício, pois o porteiro é responsável por todas as entradas e as saídas.

Mudanças semânticas, em relação ao latim clássico, são vistas em *librarius* (LLM0393) e *leporarius* (LLM0385). No período clássico, *librārius* (LLC0382) designava o livreiro, e, agora, *librarius* (LLM0393) designa um estudioso, erudito. Nota-se que a experiência com os livros perpassa os dois significados. No latim clássico, era um trabalhador, ao passo que, no latim medieval, era uma pessoa culta que, provavelmente, lia livros com frequência, visto que o livro, não raramente, é visto como uma fonte de conhecimento.

Em relação a *leporārius* (LLC0374), no latim clássico, era um adjetivo de caráter relacional – relativo à lebre. No latim medieval, *leporarius* (LLM0385) aparece designando uma raça de cachorro, o galgo que, segundo o Houaiss e Villar (2009), era um “cão de pernas compridas, corpo alongado com abdome muito estreito, focinho afilado, extremamente ágil e veloz”.

Em Simões Neto (2016), encontrou-se situação similar, quando, no português arcaico, deparou-se com os constructos *carneiro*, *cordeyro* e *sendeiro*. Todos esses “designam nomes, espécies ou raças de animais, advindos de processos de metonímia em que o adjetivo que acompanhava o nome da espécie acaba por assumir o todo: “*agnus carnarius* > *carneiro*; **agnus chordarius* > *cordeiro*; *cavalo sendeiro* > *sendeiro*’.” (SIMÕES NETO, 2016, p. 210).

Outro fato importante, ainda sobre *leporarius*, é o fato de a raça canina certamente apresentar algo que os falantes identificaram como similar às lebres, podendo ser tanto na anatomia quanto na atitude – por exemplo, a velocidade que é atribuída às lebres. Em português contemporâneo, há a designação popular *lábio leporino* para a fissura labiopalatal. Essa falha no lábio é mapeada com a estrutura da boca das lebres, construindo um significado metafórico. É provável que a formação de *canis leporarius* tenha seguido processo metafórico similar.

Por último, dos dados do latim medieval, há o constructo *manuaria* (LLM0416), que tem como base *manus* (mão). Embora não tenha aparecido em nenhum dos dois dicionários de latim clássico utilizados nesta tese, outros, como Gaffiot (1934), registram o adjetivo *manuārius*, *-a*, *-um*, significando “relativo à(s) mão(s)”. No latim medieval, *manuaria* designa ferramentas como o *machado* e a *enxada*, que dependem da força humana, empenhada ou

focalizada, sobretudo, nas mãos. Nesse sentido, há uma projeção metonímica na mão. É essa forma *manuaria* que, mais tarde, resultará, em português, na palavra *maneira*, item de significado extremamente abstrato como “modo de fazer, de agir etc.”, certamente decorrente de processos vários de abstratização.

5.7 SÍNTESE

Nesta seção, foram analisadas as construções *X-ārī* do latim clássico, a partir de dados levantados em dois dicionários bilíngues de língua latina: o *Dicionário Escolar Latino-Português*, de Faria (1994), e o *Dicionário Latim-Português*, da Editora Porto (2012), e do latim medieval, a partir do dicionário trilingue *Midiae Latinatis Lexicon Minus*, de Jan Niermeijer (1976).

Ao todo, foram analisadas 704 palavras do latim clássico e 748 do latim medieval. Como se tem deixado claro, há sempre a possibilidade de uma palavra ser polissêmica e ter mais de um significado, além do fato de nem sempre serem analisáveis nos termos do aporte teórico que utilizamos. Isso explica o porquê de nem sempre haver uma coincidência da quantidade de significados analisados e considerados e a quantidade de construções encontradas.

No que toca ao latim clássico, foram considerados seis grupos de afinidade semântica para as construções estudadas. Nos termos do modelo booiijiano, os esquemas dominantes vistos nesse primeiro momento das construções *X-ārī* foram: qualidade, agente, locativo, objeto, quantidade e anomalia. Excetuando-se o esquema de anomalia, que só teve uma instanciação, todos apresentaram subesquemas, ou seja, subespecificações de significado. Esses mesmos seis grupos foram vistos no latim medieval, em que não se viu nenhum novo grupo de afinidade semântica.

Como não houve dados do latim vulgar, foram as construções medievais que permitiram entrever alguns aspectos da variedade latina popular. Na comparação entre o *X-ari* do latim clássico e do medieval, houve a necessidade de novas subespecificações, como a de agente vegetal, para o esquema de agente, e a de excesso, para o esquema de quantidade. As designações de árvores, como explicou Maurer Jr. (1959), são típicas da fala popular latina, mais precisamente do *sermo rusticus*. Pode-se dizer o mesmo da categoria de *excesso*, com base em Väänänen (1968), que destaca esse significado no âmbito do latim vulgar e dos romances.

De maneira geral, 20 foram os subesquemas encontrados no latim medieval, contra 18 do latim clássico. Essa diferença foi representada nos moldes dos mapas semânticos de

Haspelmath (2003). Nesse molde teórico, não havia delimitação para as construções *X-ari-* medievais, apenas as construções do latim clássico precisaram tirar do seu escopo os significados de agente vegetal e de excesso.

Por último, foram analisadas 20 palavras, dez de cada variedade, em uma perspectiva sociocognitivista. A análise ratificou o papel das experiências na construção de sentidos de palavras complexas, sendo fundamentais nos casos em que a análise composicional, na qual o todo é a soma das partes, não dá conta. De maneira geral, observou-se que há um padrão metonímico que se sobressai nesses constructos. Por ora, pode-se dizer que o ato de selecionar um aspecto de uma experiência e perfilar um significado tem sido mais produtivo que o ato de transpor aspectos de um dado domínio da experiência para outro. Como se falou na seção de revisão teórica da Linguística Cognitiva, a metáfora não pode prescindir, de forma alguma, a metonímia. Acredita-se, portanto, que, por ser mais básica, a metonímia acaba se mostrando mais frequente na formação de palavras.

6 AS CONSTRUÇÕES [[X]-AR-]_N E [[X]-(I)ER-]_N NO ROMENO: DESAFIOS NA ANÁLISE DE UMA LÍNGUA AINDA POUCO EXPLORADA

Nesta seção, apresenta-se a análise das construções *X-ar-* e *X-(i)er-* da língua romena, a partir de um levantamento feito no *Dicionário Romeno-Português*, de Buesco (1977)¹⁰⁰. Essas palavras coletadas foram, depois, consultadas no dicionário virtual DEXONLINE - *Dicționare ale limbii române*, que reúne uma série de dicionários romenos monolíngues de várias especialidades, inclusive etimológicos. Esse movimento deu mais segurança para avaliar se as palavras eram passíveis de serem observadas como construções *X-ar-* e *X-(i)er-*. Ao todo, foram analisados 416 palavras *X-ar* e 149 *X-(i)er*, totalizando 568 vocábulos do léxico da língua romena.

6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA ROMENA

No prefácio do livro *História breve da língua romena*, de Alexandru Niculescu, Elia (1983) menciona que o romeno, durante muito tempo, foi considerado a ‘prima pobre’ das línguas românicas.

Nessa mesma linha de pensamento, cabe mencionar que o escritor Eduardo Affonso (2018), ao escrever, em sua página no site *Facebook*, uma crônica sobre o chuchu, legume concebido como sem-graça, de variadas categorias, elege o romeno como o “chuchu das línguas latinas”. Pode-se, ainda, encontrar, no senso comum, o entendimento de que o romeno é o “patinho feio” das línguas neolatinas (QUORA, 2018). Tudo isso mostra que o romeno, se comparado com outras línguas da família românica, tem certo desprestígio. Isso fez com que, ao longo da tradição filológica, muitos estudiosos ignorassem a sua existência, sobretudo nas práticas de comparação inter-românica.

O processo de formação da língua romena começa com a ocupação da Dácia pelos romanos, no ano de 106 d.C., sob o comando do Imperador Trajano. Apesar de, hoje, haver a certeza de que o romeno é uma língua românica, esse reconhecimento internacional foi bastante demorado e conturbado. Niculescu (1983) menciona que:

¹⁰⁰ A língua romena moderna passou por uma reforma ortográfica em 1982. Uma das mudanças promovidas por essa reforma foi a substituição do grafema <î> por <â>, quando no meio das palavras. Sendo a base de dados e as poucas referências encontradas sobre o sufixo estudado anteriores a essa reforma, manteve-se a grafia antiga, quando são citados os textos ou quando se faz referência ao *corpus*.

[m]ais do que qualquer parte do mundo românico, a área do romeno frequentemente desafiou os pesquisadores com a necessidade de ser demonstrada a preservação da latinidade. Mais de uma vez foi posta em dúvida a sua tradição latina; e, mais de uma vez, examinada sob vários ângulos a sua tipologia latina (NICULESCU, 1983, p.15).

Acrescenta, ainda esse mesmo autor, que nenhuma outra região da România, Hispânia, Lusitânia, Gália ou Itália, teve a sua latinidade questionada. O contato maciço com o superstrato eslavo fez com que o romeno fosse encarado como uma língua dessa família. Mas, ao contrário do que se pensava, a sua história mostra uma tendência de preservação da sua latinidade, mesmo diante de uma série de conflitos e contatos socioculturais:

A latinidade romena não foi “descoberta” por italianos, por alemães ou por outros eruditos estrangeiros: “Foi comunicada aos italianos, aos alemães, e a outros pelos próprios romenos” (E. COSERIU). Os romenos estiveram sempre conscientes de sua origem latina, de que eram descendentes dos romanos e de que falavam uma língua latina – o que significa que preservaram sempre a sua tradição (NICULESCU, 1983, p. 18).

A latinidade do romeno observa-se, sobretudo, na designação da própria língua, pois o radical *rom-* remete prontamente à influência dos romanos. Isso talvez esteja relacionado ao breve e consistente processo de romanização da Dácia. Segundo Bassetto (2013), “[...] a latinização da Dácia foi tão rápida e profunda que em aproximadamente cinquenta anos estava definitivamente integrada ao Império, conservando a latinidade mesmo quando abandonada por Roma e invadida por bárbaros” (BASSETTO, 2013, p. 105).

O fato de ter sido abandonada pelo Império Romano fez com que o romeno se desenvolvesse a partir de uma lógica de isolamento bastante peculiar, pois estava distante de centros difusores de inovação, permitindo que conservasse algumas características do latim que as outras línguas românicas não conservaram. Por exemplo, na morfologia, é a única língua que apresenta o gênero neutro como uma categoria marcada/distintiva, usada para inanimados, coletivos e abstratos e, ainda, mantém as declinações e os casos dos nomes, mesmo que de uma maneira mais simplificada que do latim, como ensina Dobrinescu (1978).

Ainda a respeito dessa questão de isolamento e conservação de características de latinidade na língua romena, Salum (1978), no prefácio da *Gramática da Língua Romena*, de Grigore Dobrinescu, explica que:

[a] língua romena formou-se do latim vulgar da Península Balcânica e lá se desenvolveu quase inteiramente do latim tardio, e, na época medieval, sob influência cultural bizantina e eslava, tendo por principais fontes de enriquecimento lexical o grego e o eslavo, ou eslavo litúrgico. Por isso mesmo, erigida ao plano literário no séc. XVI, escreveu-se, salvo raras exceções, pelo alfabeto cirílico nos primeiros três

e meio séculos, de 1521 a 1860, ano em que passou a ser escrita pelo alfabeto latino, com adaptação em quatro símbolos por sinais diacríticos e dois dígrafos (SALUM, 1978, p. 15).

O registro escrito em alfabeto cirílico foi outro fato que colocou em suspeição a latinidade do romeno. Esse isolamento do mundo românico, segundo Salum (1978), perdurou até o século XIX, quando, entre 1806 e 1817, foram publicados quatro volumes de *Mirtrídates ou notícia geral das línguas com o Pai Nosso como amostra linguística em perto de quinhentas línguas e dialetos*. Essas publicações foram iniciadas por Johann Adelung e finalizadas por Johann Vater. Em um desses volumes, Adelung menciona a existência de uma língua romano-eslava (römisch-slavisch) e, em um volume posterior, Vater a categoriza como uma língua românica. Em 1817, François Raynouard, filólogo românico assume essa categorização para os estudos romanísticos. Sobre isso, Salum (1978) menciona que:

[é] possível que essa referência de Raynouard, em 1817, seja a mais antiga ou uma das mais antigas referências ao romeno por um filólogo ou linguista do mundo românico. Parece que é o mesmo ano de 1817 o marco de passagem do conhecimento do romeno – conhecimento ainda bruxoleante – ao mundo românico e por meio do germânico, que foi o criador da linguística e da romanística (SALUM, 1978, p. 17).

Em linhas gerais, a propósito das investigações acerca da língua romena, concorda-se com Areán-García (2012b), quando essa observa que há a necessidade de mais estudos sistemáticos sobre ela, uma vez que é

[...] uma língua com características românicas, mas com forte influência de suas línguas vizinhas, principalmente das eslavas. No entanto, com relação à morfologia, ainda que haja uma grande influência eslava, os parâmetros morfológicos que prevalecem, principalmente no que tange ao processo de sufixação, são os greco-latinos, que muitas vezes entraram na língua romena por influência de outras línguas, como a francesa e até mesmo a alemã ou inglesa (AREÁN-GARCÍA, 2012b, p. 35-36).

Espera-se, portanto, que esta seção desta Tese, de alguma maneira, contribua para o desenvolvimento de outros estudos descritivos da língua romena, a fim de que se tenha uma visão cada vez mais apurada da situação linguística da România. Isso também permitirá uma maior qualidade na abordagem histórica e comparativa dos estudos morfológicos.

6.2 COMENTÁRIOS MORFOLÓGICOS PRELIMINARES

Croitor (2013), ao tratar da formação de palavras na história da língua romena, observa que a sufixação se apresenta como o processo mais produtivo, estando à frente da prefixação e da composição. Segundo a autora, isso se deve

[...] ao grande número de sufixos e de formações obtidas por meio desse tipo de derivação, em todos os períodos atestados da língua. O romeno tem um grande número de sufixos, com variadas origens: herdados do latim, emprestados do eslavo, turco, grego, húngaro, para a língua antiga e, no período moderno, advindos de línguas românicas (francês, italiano) ou formados em romeno. Eles se ligam a bases antigas ou neológicas e dão origem a muitas novas formações (CROITOR, 2013, p. 606, tradução nossa¹⁰¹).

No rol dos sufixos herdados do latim, Croitor (2013) cita o *-ar*, que atua na formação tanto de adjetivos quanto de substantivos. Essa é a única informação dada pela autora acerca desse sufixo. Entre os trabalhos que apresentam uma descrição mais robusta do sufixo *-ar*, estão: (a) o artigo *Sufixele -ar și -aș la numele de agente* (tradução nossa: *Os sufixos -ar e -aș como nomes de agente*), de Ionascu (1959); (b) o artigo *Categorile semantice create de sufixul -ar în limba română* (tradução nossa: *Categorias semânticas criadas pelo sufixo -ar em língua romena*), de Ciobanu (1962); (c) o capítulo sobre sufixação romena no livro *Rețea semantico-derivatională pentru limba română* (tradução nossa: *Rede semântico-derivacional da língua romena*), de Mititelu (2013).

Nota-se, por meio dessas referências sobre a morfologia derivacional romena, que o tratamento se volta ao sufixo *-ar* majoritariamente, pouco ou nada se falando da forma *-er*. Nesse sentido, ninguém questiona o estatuto sufixal do formativo *-ar* na língua romena. Sobre o *-er*, há pequenas menções nos textos de Ionascu (1959) e de Ciobanu (1962). Ambas apresentam o *-er* como uma variante fônica menos produtiva do *-ar*, não ganhando um tratamento diferenciado.

Em que se guardem as particularidades de cada língua, isso seria, em termos de português, assumir que *-ário* e *-eiro* são o mesmo sufixo com uma variação no corpo fônico. Assim, não haveria a necessidade de empreender uma análise de *-ário* por ele ser menos produtivo que o *-eiro*. Esse tipo abordagem pode ser visto em algumas gramáticas históricas,

¹⁰¹ “to the large number of suffixes and formations obtained by derivation, in all attested periods of the language. Romanian has a large number of suffixes, with various origins: inherited from Latin, borrowed into the old language from Slavic, Turkish, Greek, Hungarian, and in the modern period from Romance languages (French, Italian), or formed in Romanian. They attached to old or neological bases and give rise to many new formations” (CROITOR, 2013, p. 606).

como a de Said Ali (1964) e Nunes (1969), que colocam *-ário* e *-eiro* como variações fônicas de um mesmo sufixo.

Rio-Torto (2014) apresenta uma visão que parece mais pertinente para questões dessa natureza. Por exemplo, o par *-ário* e *-eiro*, a autora trata como sufixos cognatos¹⁰², pois nasceram de um mesmo étimo, mas com funcionamentos diferenciados. É admissível pensar que os sufixos romenos *-ar* e *-(i)er*¹⁰³ também podem ser interpretados como cognatos, nos mesmos termos que os sufixos portugueses.

No que toca às construções romenas *X-(i)er-*, é observável que a maioria das instanciações tem origem no francês *X-ier-*, que também é oriundo do latim *X-ari-*. Todas as outras línguas românicas apresentam duas construções advindas do *arius*, uma pelo estrato popular e outra que vem pelo estrato culto, geralmente do latim medieval. No caso do português, o *-eiro* é o desenvolvimento popular, e o *-ário*, o desenvolvimento culto. No italiano, o *-aio* e o *-aro* vêm pelo estrato popular, ao passo que o *-ario* tem origem culta. No francês, o *-ier* se desenvolve pelo latim vulgar, e o *-aire* se origina no latim medieval.

A história do romeno, como explicam Bassetto (2008) e Areán-García (2012b), não inclui esse desenvolvimento do latim medieval. Então, se há uma segunda construção derivada de *-arius*, essa desenvolveu-se de outra forma, possivelmente por influência das outras línguas românicas, sobretudo do francês, dada a semelhança fônica entre as construções.

Nesta Tese, defende-se a existência de um esquema *X-(i)er* autônomo para o romeno por, pelo menos três motivos. Primeiro, Areán-García (2012b), ao retomar o trabalho de Sala *et al* (1988, p. 19-79), comenta que o léxico representativo da língua romena é formado por 71,66% de elementos românicos, sendo 30,33% elementos latinos, 22,12% elementos franceses, 15,26% cultismos latinos e 3,95% elementos italianos.

Croitor (2013) também ressalta a contribuição do francês e do italiano para o quadro de formativos do romeno. Assim, é possível admitir que o léxico romeno traz, em grande quantidade, elementos originários do latim e de outras línguas românicas, tendo o francês uma posição de destaque, o que pode ajudar a entender a frequência de construções romenas *X-(i)er* oriundas de construções francesas *X-ier*.

O segundo motivo é o fato de haver palavras de outras origens e etimologias entre as construções *X-(i)er* do romeno. Entre as origens e etimologias atestadas, aparecem italiano, germânico, inglês e grego moderno, a partir de palavras construídas com sufixos que estão na

¹⁰² Viaro (2008) considera *-ário* e *-eiro* como um caso de *morfemas divergentes*, termo que pode ser usado aqui também.

¹⁰³ Optou-se por representar o esquema como *X-(i)er*, porque há uma variação recorrente entre *-er* e *-ier* nos dados.

gênese morfossemântica o *-arius* latino, como o *-iere/iera*, do italiano e o *-er* do inglês (MILLER, 2005¹⁰⁴).

Percebe-se, nesse sentido, que, mesmo essas construções tendo outras origens, elas organizam-se da mesma maneira que as outras de procedência francesa. Detectar a existência de palavras de outras origens, confluindo fonológica, morfossintática, lexical e semanticamente, ajuda a perceber que não se trata de uma aluvião de empréstimos franceses. Dessa forma, os falantes romenos, provavelmente, encontraram uma sistematicidade, ou melhor, uma esquematicidade entre esses vários construtos.

O terceiro e último motivo para defender a construção *X-(i)er* é o fato de haver construções criadas na própria língua romena, segundo informações obtidas nos dicionários etimológicos e vistas nos textos de Ionascu (1959) e Ciobanu (1962). Dessa maneira, os falantes romenos provavelmente abstraíram das palavras importadas um esquema construcional, que permitiu a criação de novas palavras a partir desse esquema.

Por fim, é preciso ressaltar, acerca dos dados, que, assim como no caso das palavras do capítulo dedicado às formações latinas, ter 568 palavras coletadas não quer dizer que haverá 568 construções analisadas, uma vez que há palavras que apresentam mais de um significado e outras que ficaram sem análise. Por isso, não raramente, haverá um descompasso dessa natureza. Ao longo da seção, isso será mais bem explicado.

6.3 A ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS ESQUEMAS [[X]-AR-]_N

Ao fazer o levantamento de materiais sobre a morfologia da língua romena, as obras mais antigas às quais se teve acesso foram de Fonseca (1944) e Rauta (1947). De Fonseca (1944), encontrou-se o *Manual prático de língua romena*, publicado em Portugal, e de Rauta (1947), a *Gramatica rumana*, publicada na Espanha. Nos dois materiais, a abordagem sobre formações de palavras é bastante elementar.

Fonseca (1944, p. 89) dedica um capítulo aos sufixos romenos, que são divididos em 13 categorias¹⁰⁵. O sufixo *-ar*, um dos objetos de estudo desta Tese, é mencionado como um

¹⁰⁴ Segundo Miller (2005, p. 141-142), o sufixo *-arius* foi emprestado ao germânico, participando do desenvolvimento do sufixo *-er* do inglês, foco de estudo desse autor na obra “Latin suffixal derivatives in English and their Indo-european ancestry”. De certo, considerando a história das línguas germânicas, é de se imaginar que haja correspondência desse sufixo também em outras línguas, como o alemão e o holandês.

¹⁰⁵ As categorias propostas por Fonseca (1944, p. 89-90) são: (i) diminutivos; (ii) aumentativos e pejorativos; (iii) nomes de agente; (iv) coletivos; (v) nominais de declinação; (vi) de abstração; (vii) abstratos formados de verbos;

formador de nomes de agentes. O exemplo dado pelo autor é *bucătar* (cozinheiro). Aparece também como um formador de nomes de lugares, mas sem qualquer exemplo.

Rauta (1947, p. 234), ao abordar a formação de palavras no romeno, apresenta uma listagem de sufixos substantivais, adjetivais e verbais. O *-ar* aparece apenas como formador de substantivos, e os exemplos dados pelo autor são *fierar* (ferreiro) e *zidar* (pedreiro).

É também bastante elementar a abordagem de Barbuță *et al* (2000, p. 78-80), na *Gramática de uso da língua romena*¹⁰⁶. Num esquema parecido com o de Fonseca (1944), os autores apontam blocos semânticos onde encaixam os sufixos da língua. O sufixo *-ar* aparece como um formador de agentes, com os exemplos *cojocar* (peleteiro), *morar* (moleiro) e *rotar* (fabricante de rodas), e de instrumentos, como em *brăzdar* (relha), *colțar* (peça metálica crivada de prego¹⁰⁷) e *degetar* (dedal).

Diferentemente de Fonseca (1944), Rauta (1947) e Barbuță *et al* (2000), Ionascu (1959) e Ciobanu (1962), apresentam maiores detalhes sobre o sufixo *-ar*, destacando tanto aspectos morfológicos quanto semânticos.

Ionascu (1959) trata exclusivamente da categoria de agentes. Sob esse rótulo semântico, a autora coloca substantivos que designam aqueles que fazem uma determinada ação, produzem algum objeto, realizam algum tipo de ofício ou trabalho ou ocupam algum cargo ou função.

O trabalho de Ionascu (1959), além de descrever o *-ar*, apresenta uma descrição do sufixo *-aș*, com o intuito de comparar o funcionamento dos dois na língua romena. Uma vez que, segundo a autora, esse segundo sufixo tem uma origem ambígua, podendo ter vindo tanto do húngaro quanto do eslavo, não se abordará esse formativo, nem se discutirá o aspecto comparativo da pesquisa. No entanto, antes de entrar em detalhes do trabalho de Ionascu (1959), cabe mencionar uma observação de Sala (2012), que, ao tratar da transmissão de sufixos e prefixos romenos de origem latina, destaca que muitos deles foram reforçados por outros herdados das línguas eslavas. Seguem as palavras desse autor:

No caso do romeno, a posição de alguns sufixos herdados do latim foi reforçada pelos sufixos emprestados dos eslavos. O exemplo típico é o caso do sufixo *-ar* (lat. *ferrarius* > *ferreiro*) reforçado pelo antigo sufixo eslavo *-ari* (por sua vez emprestado do latim): *pândar* ‘guarda, vigia’, mas também pela influência latino-romana em palavras como *bibliotecar* ‘bibliotecário’ (SALA, 2012, p. 111, tradução nossa¹⁰⁸, grifos do autor).

(viii) abstratos formados de verbos; (ix) para substantivar adjetivos; (x) origem; (xi) de lugar; (xii) formação de adjetivos; (xiii) enfraquecimento de significado nos adjetivos.

¹⁰⁶ Tradução nossa para *Gramatică uzuală a limbii române*

¹⁰⁷ Tradução obtida de Buescu (1977)

¹⁰⁸ “În cazul românei, poziția unor sufixe moștenite din latină a fost întărită și de sufixe împrumutate din slavă. Exemplul tipic este cazul sufixului *-ar* (lat. *ferrarius* > *fierar*) întărit prin sufixul vechi slav *-ari* (la rândul lui

Dessa maneira, quando se abordam as relações entre sufixos românicos e eslavos, deve-se levar em conta a possibilidade de parentesco. As questões da origem e do desenvolvimento histórico são o ponto de partida de Ionascu (1959), ao tratar do formativo *-ar*. Em relação a esses aspectos, a autora diz:

O sufixo *-ar*, em língua romena, provém do latim *-arius*, que originalmente formava adjetivo e que se tornou, ainda em latim, um sufixo substantival. O substantivo formado com *-arius* denominava a pessoa que se relacionava com o objeto designado pela palavra base: *caprarius* "caprar (cuidador de cabras)", *ferarius* "fierar (ferreiro)", *pecorarius* "păstor (pastor)", *porcarius* "porcar (cuidador de porcos)" etc.

O latim *-arius* como sufixo substantival foi herdado por todas as línguas românicas e foi emprestado ao grego, alemão e eslavo (IONASCU, 1959, p. 77, tradução nossa¹⁰⁹, grifos da autora).

A informação sobre a origem latina do formativo causa pouca surpresa, pois a origem de *-ar* já é conhecida e consensual entre os estudiosos que se empenharam em descrevê-lo. É interessante, no entanto, o comentário de que as formações substantivais foram herdadas entre todas as línguas românicas e que foram além dessa família, chegando a línguas como o grego, o alemão e as do ramo eslavo¹¹⁰.

No que diz respeito ao cenário da Romênia, tratando-se de contatos entre latinos e eslavos, Ionascu (1959), leitora de Meillet (1902-1905), menciona que o eslavo desenvolveu a forma *-arjĭ*, oriunda do *-arius*. Algumas criações eslavas chegaram ao romeno, também com a terminação em *-ar*. Isso faz com que, em alguns momentos, fique difícil precisar se a palavra foi transmitida por uma via latina ou eslava.

Ionascu (1959) destaca, também, a frequência de palavras *X-ar* de origem francesa. Sobre isso, seguem os comentários da autora romena:

[...] muitas palavras francesas entraram em nossa língua, entre as quais muitas derivadas em *-aire* (a versão "cult" de *-arius* em francês) e *-ier*. Derivados com *-aire* foram assimilados com derivados romenos em *-ar*: *aționar* < fr. *ăctionnaire*, *bibliotecar* < fr. *bibliothécaire*, *librar* < fr. *libraire*, *misionar* < fr. *missionnaire*,

împrumutat din latină): *pândar*, dar și prin influența latino-romanică în cuvinte ca *bibliotecar*' (SALA, 2012, p. 111, grifos do autor).

¹⁰⁹ "Sufixul *-ar* provine în limba română din lat. *-arius*, care în limba latină forma inițial adjective și care a devenit, încă în latină, sufix substantival. Substantivul format cu *-arius* denumea persoana care se afla într-un anumit raport cu obiectul denumit de cuvântul de bază: *caprarius* "căprar", *ferarius* "fierar", *pecorarius* "păstor", *porcarius* "porcar" etc.

Lat *-arius* ca sufix substantival a fost moștenit de toate limbile romanice și a fost împrumutat și de limbile greacă, germana și slavă" (IONASCU, 1959, p. 77).

¹¹⁰ Acrescente-se, ainda, ao comentário de Ionascu (1959), a informação de Miller (2005) de que os sufixos *-er* e *-ary*, do inglês, são desenvolvimentos do *-arius* do latim. Nesse sentido, um estudo futuro pode analisar como o esquema latino [[X]-ari-]_N chegou a línguas modernas não românicas, avaliando, sobretudo, os aspectos relacionados aos contatos linguísticos.

notar < fr. *notaire*, *proprietar* < fr. *propriétaire* etc (IONASCU, 1959, p. 78, traducção nossa¹¹¹, grifos da autora).

Saindo da seara histórica, Ionascu (1959) aborda os aspectos fonéticos relacionados aos derivados em *-ar*, sobretudo aqueles relacionados aos temas das palavras-base e aos condicionamentos do uso da variante *-(i)er*.

Em relação à forma dos derivados em *-ar* vou apresentar alguns traços gerais e certos detalhes que pude observar. Como qualquer sufixo, *-ar* irá se adjungir ao tema da palavra-base: *cufund-a – cufundar*, *găin-ă – găin-ar*, *lapt-e – lăpt-ar* etc. Na maioria das vezes, as alternâncias habituais acontecem no tema: *a*, não acentuado, torna-se *ă*, *ea* não acentuado se torna *e*, e *oa* se torna *o*: *corabie – corăbier*, *gaz – găzar*, *ceapă – ceapar*, *fleac – flecar*, *doagă – dogar*. Em derivados mais recentes, no entanto, pode ser evitada a alternância, com formas adequadas ao sistema linguístico: *gemar* e *păstrămar* coexistem com as variantes *geamar* e *pastramar*, e de *faianță*, por exemplo, a única forma encontrada é *faianțar*. As palavras terminadas em *-(i)ță* geram a alternância *ț/č*: *credință – credincer*, *pivniță – pivnicer*, *terminiță – temnicer*. Depois de um som palatal (*i* consonântico, *č*, *ğ*, *k'*, *e g'* e depois dos dialetais *ș* e *j*), *-ar* se transforma em *-er*: *moșii-er*, *cluč-er*, *cruč-er*, *grănič-er*, *buch-er* [...], *păpuș-er* (IONASCU, 1959, p. 78, traducção nossa¹¹², grifos da autora).

Do ponto de vista morfológico, Ionascu (1959) observa que os derivados em *-ar*, na maioria das vezes, têm como base substantivos comuns. Raras são as formações que têm como base substantivos próprios. Segundo a autora, muitas palavras derivadas de nomes próprios são oriundas de outro sufixo. Exemplos dados como legítimos são *buștenar*, *poiendar*, *seăunar*, entretanto, não há detalhamento, por parte da autora, sobre quais os substantivos próprios que deram origem a essas formações.

Poucas também são as palavras derivadas a partir de temas verbais, mesmo se incluídas aquelas palavras cujo tema é ambíguo se verbal ou nominal. Entre as palavras que se originam de um tema verbal facilmente detectável, estão: “*argăsar*, *măcinar*, *mulgar*, *ospătar*, *sugar*” (IONASCU, 1959, p. 79, grifos da autora). Novamente, não há detalhamento da autora sobre o verbo-base.

¹¹¹ “în limba noastră au intrat numeroase cuvinte franțuzești, printre care și multe derivate cu *-aire* (variantea “savantă” a lui *-arius* în franceză) și *-ier*. Derivatele cu *-aire* au fost asimilate cu derivatele românești în *-ar*: *aționar* < fr. *ăctionnaire*, *biblioteca* < fr. *bibliothécaire*, *librar* < fr. *libraire*, *misionar* < fr. *missionnaire*, *notar* < fr. *notaire*, *proprietar* < fr. *propriétaire* etc” (IONASCU, 1959, p. 78).

¹¹² “Relativ la forma derivatelor în *-ar* voi arăta unele trăsături generale și anumite amănunte pe care le-am putut observa. Ca orice sufix, *-ar* se alipește la tema cuvântului de bază: *a se cufund-a – cufundar*, *găin-ă – găin-ar*, *lapt-e – lăpt-ar* etc. De cele mai multe ori au loc alternanțele obișnuite în tema: *a*, nemaifiind accentuat, devine *ă*, *ea* neaccentuat devine *e*, iar *oa* devine *o*: *corabie – corăbier*, *gaz – găzar*, *ceapă – ceapar*, *fleac – flecar*, *doagă – dogar*. În derivate mai noi însă poate lipsi alternanța, de exemplu alături de formule mai potrivite cu sistemul limbii *gemar* și *păstrămar* există și variantele *geamar* și *pastramar*, iar de la *faianță*, de exemplu, singura forma întâlnită este *faianțar*. La cuvintele terminate în *-(i)ță* se produce alternanța *ț/č*: *credință – credincer*, *pivniță – pivnicer*, *terminiță – temnicer*. După un sunet palatal (*i* consonantic, *č*, *ğ*, *k'*, și *g'* și dialectal după *ș* și *j*) *-ar* se transformă în *-er*: *moșii-er*, *cluč-er*, *cruč-er*, *grănič-er*, *buch-er* [...], *păpuș-er*” (IONASCU, 1959, p. 78, grifos da autora).

Do ponto de vista semântico, Ionascu (1959), baseada em estatísticas, comenta que a maioria dos derivados em *-ar* é de nomes de agentes, podendo ser tanto aqueles que exercem a sua profissão diariamente quanto aqueles que exercem ocasionalmente uma dada função. A autora entende que não há uma delimitação precisa sobre essa diferença. Exemplos desses profissionais são: *ăurar* (ourives), *fierar* (ferreiro), *olar* (oleiro), *cismar* (sapateiro), *gunoier* (gari), *plugar* (lavrador), *arhivar* (arquivista), *tezaurar* (tesoureiro; bancário).

Ionascu (1959) menciona, ainda, a existência de palavras que designam pessoas que adquirem alguma habilidade, após a prática diária. Não raramente, também aparecem palavras que designam pessoas por hábitos de caráter pejorativo/depreciativo. São exemplos: *arșicar* (jogador de ganizes), *ciubucar* (comerciante de cachimbos turcos), *cobzar* (tocador de cobzã), *coțear* (trapaceiro), *covrigar* (preguiçoso), *cuțitar* (cuteleiro), *flecar* (tagarela), *găinar* (ladrão), *nădrăgar* (peralta) e *slujnicar* ('homem que se deixa encantar por criadas'¹¹³).

Há, também, uma menção a agentes que são caracterizados por uma proveniência de uma dada localidade ou região ou pelo lugar onde vivem. Exemplos são *buștenar* e *scăunar*. Ionascu (1959), mais uma vez, não esclarece quais são as bases dessas formações.

Ao longo da análise, Ionascu (1959) considera somente agentes humanos, podendo ser aqueles que realizam uma ação ou que apresentam alguma característica. Somente ao final, a autora menciona a possibilidade de se considerar as designações de pássaros e outros animais como sendo de agentes. Alguns exemplos dados são *cufundar* (ave mobilha-grande¹¹⁴), *prepelicar* (cachorro da raça Spaniel perdigueiro de Drente¹¹⁵), *șoricar* (abutre), *telegar* (cavalo jovem normalmente usado na cavalaria). No entendimento de Ionascu (1959), esses animais tanto podem realizar ações como podem apresentar certas características, o que permite categorizá-los como agentes.

Diferentemente do trabalho de Ionascu (1959), Ciobanu (1962) explora outras categorias semânticas em derivados com o sufixo *-ar*.

Com base em trabalhos anteriores, incluindo Ionascu (1959), Ciobanu (1962) reconhece que *-ar* cria mais produtivamente nomes de agentes. A recorrente menção a essa criação, na visão da autora, deve-se não só ao fato de que essa era a função primária do *-ar*, mas, também, à alta produtividade que o significado apresenta em constructos com esse sufixo no romeno atual.

¹¹³ Definição de Buescu (1977).

¹¹⁴ Conforme definição disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobilha-grande>. Acesso em fev. 2020.

¹¹⁵ Conforme definição disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Spaniel_perdigueiro_de_Drente. Acesso em fev. 2020.

Mesmo reconhecendo a prototipicidade do significado de agente nesses derivados, Ciobanu (1962) compreende que a esfera de atuação semântica das palavras derivadas com o sufixo é muito mais ampla e diversificada, por razões mencionadas logo na introdução do artigo:

[...] as outras categorias semânticas que vou apresentar nas páginas seguintes (nomes de instrumentos e objetos, nomes de plantas, nomes de pássaros, insetos e animais em geral, nomes de doenças, nomes de meses, substantivos com valor coletivo e outros derivados de caráter relacional) são explicadas, em primeiro lugar, pelo próprio valor de *-ar* em língua romena [...] e, em segundo lugar, pelas várias funções que o *-arius* tinha em latim, e pela confusão fonética e semântica que aconteceu no romeno, com a chegada dos sufixos latinos *-arius* e *-ale* (CIOBANU, 1962, p. 143-144, tradução nossa¹¹⁶, grifos da autora).

Acerca dessa passagem do texto de Ciobanu (1962), cabe ressaltar a menção à convergência fonética e semântica que se apresentou no romeno, a partir da gênese comum das formas oriundas do latim *-arius* e *-aris/-alis*, fato já comentado na seção anterior sobre o sufixo latino, a partir das leituras de White (1858) e de Viaro (2011). Essa convergência (ou assimilação) ainda é pouco mencionada pelos morfólogos que estudaram os sufixos no latim ou os correspondentes nas línguas românicas. Assim, ver essa informação apresentada em um texto sobre o correspondente do romeno, língua cujas descrições linguísticas são escassas, é algo que merece destaque.

A ênfase dada à produtividade das palavras em *-ar* com valor agentivo é também um fato a se mencionar no excerto de Ciobanu (1962), uma vez que, em função dessa recorrência, a autora opta por não abordar essa categoria semântica no seu trabalho, pois entende que já se trata de um consenso entre os morfólogos romenos que se dedicaram a descrever o sufixo. Ciobanu (1962) não aborda também a categoria de locativos pela mesma razão, embora, nas outras classificações da autora, haja palavras que podem ser interpretadas como designadores de lugares.

Na sua análise, Ciobanu (1962) procura explicar as categorias semânticas, baseando-se nos significados individuais das palavras e nos processos de formação de cada grupo de derivados. As categorias explicitadas pela autora são: (i) nome de objetos e instrumentos; (ii) nomes de plantas; (iii) nomes de animais; (iv) nomes de meses; (v) nomes de doenças; (vi) derivados com significado coletivo; e (vii) derivados com significado relacional.

¹¹⁶ “Celelalte categorii semantice pe care le voi prezenta în paginille următoare (nume de instrumente, și obiecte, nume de plante, de păsări și insecte, de ființe, de boli, de luni, substantive cu valoare colectivă, derivate care arată apartenența) se explică în primul rind prin valoarea lui *-ar* în limba română (prezentată mai sus), iar în al doilea rind prin diferitele funcții pe care *-arius* le-a avut în latină, ca și prin confuzia fonetică și semantică produsă în limba română între lat. *-arius* și lat. *-ale*” (CIOBANU, 1962, p. 143-144, grifos da autora).

A macrocategoria de OBJETOS E INSTRUMENTOS é dividida por Ciobanu (1962) em quatro subcategorias. A primeira delas é a de OBJETOS E INSTRUMENTOS DE USO DOMÉSTICO, que teria como exemplos: *blidar* (prateleira), *culegar* (letreiro de metal utilizado por tipógrafos), *căldărar* (braseiro), *dințar* (instrumento utilizado para entalhe de madeira e outros materiais) etc.

A segunda categoria é a de PEÇAS DE ROUPAS. Segundo Ciobanu (1962), do ponto de vista formativo, os derivados em *-ar* que designam roupas podem tomar como base tanto a parte do corpo coberta pela roupa quanto o material de que é feita a roupa. Os exemplos dados pela autora são: *pieptar* (um tipo de colete de lã ou algodão; o derivado toma como base *piept*, do latim *pectus*: em português, *peito*), *pîslar* (bota ou sapato feito de feltro; o derivado toma como base *pâslă*, que significa feltro), *pulpar* (caneleira; a base é *pulpă*, que se refere a canela, parte anterior entre o pé e o joelho), *tălpar* (chinelos; a base é *talpa*, que designa, em romeno, a parte inferior do pé, a chamada planta do pé).

A terceira subcategoria é a de PARTES ESPECIAIS DE CONSTRUÇÕES OU EDIFÍCIOS. São designados lugares onde se abrigam, criam ou conservam *coisas*. A *coisa* conservada é normalmente tomada como base para a palavra derivada, indicando que o lugar é designado a partir do que ele abriga. É nesse grupo que se vê abordada a categoria de LOCATIVOS, sobre a qual a autora falou que não comentaria. São exemplos desse grupo: *făinar* (celeiro onde se conserva farinha; a base é *făină*, que significa *farinha*), *mînzărar* (lugar onde são conservadas as ordenhas; a base é *mânzare*, leite de ovelha); *porumbar* (armazém em que o milho é conservado; a base é *porumb*: milho) e *sterpar* (curral de ovelhas; a base é *stearpă*, que designa a ovelha).

Ciobanu (1962) acrescenta que a recorrência dessa última categoria de construções e edifícios de valor LOCATIVO fez com que essa categoria semântica tenha se estendido, por analogia, para a designação de ninhos e tocas onde os animais se abrigam. Exemplos desse significado são *cîrțițar* (base: *cârțiță*, que significa toupeira) e *viermar* (a base é *vierme*: minhoca).

A última subcategoria de OBJETOS E INSTRUMENTOS apresentada por Ciobanu (1962) é a de LIVROS, que diz respeito aos livros, normalmente litúrgicos, que reúnem um gênero textual expresso pela palavra da base. O exemplo dado pela autora é *evangheliar*, que seria um livro da Igreja em que os quatro evangelhos estão incluídos.

Saindo da seara dos OBJETOS, a segunda macrocategoria semântica explicada por Ciobanu (1962) é a de PLANTAS. Segundo a autora, essa designação começou se valendo da similaridade entre a planta nomeada e outra planta ou objeto, normalmente tomado como base

do derivado. Exemplos são: (a) *gogoșar*, que parte de *gogoășă* (rosquinha), e assim se chama tratar-se de uma pimenta que tem o formato de um donut; (b) *bobițar*, que se forma de *bobiță*, e trata-se de uma variante regional de *groselheira*, e assume que a groselha se assemelha a uma *bobiță* (uva); (c) e a também variante regional *pomițar* (amoreira) sendo usada como designação para *frăgar* (framboeseira), por conta da semelhança entre os frutos.

O terceiro grupo de afinidade semântica abordado por Ciobanu (1962) foi o de ANIMAIS, em que se veem designações para espécies de pássaros e insetos (*căținar*, *hrișcar*, *alunar*, *cireșar*, *hoitar*, *lăcustar*, *porumbar*), peixes (*nisipar*, *pietrar*, *ulucar*, *glodar*, *surlar*) e outros animais, geralmente quadrúpedes (*telegar*, *tășulcar*, *rudar*, *pătrar*, *trepădar*). No que toca ao aspecto semântico-formativo, a autora mostra que os pássaros e insetos são quase sempre descritos com base no lugar onde vivem e no alimento que comem. Em relação aos peixes, há uma tendência de se partir do lugar em que vivem ou são criados. Quanto aos outros animais, Ciobanu (1962) comenta que alguns são descritos em termos dos objetos com os quais costumam entrar em contato. Um ponto compartilhado por todos os animais é a possibilidade de serem designados a partir de características e funcionalidades.

O quarto grupo semântico, o de MESES, reúne designações consagradas ou de caráter mais popular/regional para os meses do ano, a partir de uma característica ou evento típico daquele mês. Exemplos são:

- *brumar*: o brumário que, conforme Houaiss e Villar (2009), é o segundo mês do calendário republicano francês, normalmente entre outubro e novembro; Ciobanu (1962) sugere que se trata dos meses do outono que, no Hemisfério Norte, onde fica a Romênia, acontece entre 21 de setembro e 20 de dezembro;
- *cireșar*: designação popular para o mês de junho, que destaca o evento da poda e colheita das flores das cerejeiras;
- *făurar*: desenvolvimento vulgar do latim *februarius* que corresponde a uma designação do mês de fevereiro, que varia com *februarie*;
- *florar*: designação popular do mês de maio, por conta da abundância de flores na primavera, que, no Hemisfério Norte, acontece entre 21 de março e 20 de junho;
- *secerar*: designação popular do mês de agosto, que está relacionado ao período de corte e colheita dos juncos.
- *gustar* (o mês de agosto): outra designação para o mês de agosto, que concorre com a mais tradicional *August*.

É observável, na designação desses MESES, que há sempre um mecanismo metonímico em que um evento que acontece em um determinado mês é utilizado para compreender o mês em sua completude. Esse fluxo cognitivo parece acontecer no português brasileiro: o Projeto Atlas Linguístico do Brasil tem apresentado localidades do Nordeste brasileiro em que se usam São João e Santana, para designar os meses de junho e julho, respectivamente (PAIM, SFAR E MEJRI, 2018). Pode-se imaginar que as datas de 24 de junho (São João) e 26 de julho (Santa Ana) são significativas para essas localidades, da mesma maneira que os eventos vistos nos dados de Ciobanu (1962) para a língua romena.

No quinto grupo de afinidade semântica destacado por Ciobanu (1962), estão as designações populares para DOENÇAS. Segundo a autora, esse grupo é pouco produtivo, e os únicos exemplos dela são: (i) *gurar*, doença caracterizada pelo excesso de aftas na boca; a palavra-base é *gură*, uma forma romena para *boca*¹¹⁷; (ii) *sprincenar*, cuja base é *sprinceană* forma romena para *sobrancelha*, região afetada pela anomalia. Sobre essa categoria no romeno, cabe mencionar o trabalho de Rainer (2016), que trabalhou com nomes em *-era*, do padrão *ceguera*, no espanhol e nas demais línguas românicas. O autor aponta uma ausência desse padrão no romeno, o que pode estar relacionado ao fato de esse significado ter se desenvolvido no chamado latim tardio e, como o romeno não teve entradas lexicais advindas dessa variedade do latim, o significado não teria se desenvolvido.

O sexto grupo semântico delimitado por Ciobanu (1962) é o de DERIVADOS COM VALOR COLETIVO. Segundo a autora, há um grupo semanticamente estável de palavras em *-ar* com valor coletivo no romeno, além de outras formas que se criaram por extensão de sentido, e os derivados apontam uma noção coletiva de entidades que não são exatamente colecionáveis. Por último, chama atenção para o fato de casos em que as palavras designam lugares onde há grandes quantidades dos elementos expressos pela base. Exemplos da autora para a categoria dos coletivos foram *băligar* (amontoado de estrume/excremento de animais) e *frunzar* (folhagem).

A última categoria semântica de derivados em *-ar*, nos termos de Ciobanu (1962), é formada por adjetivos com valor de pertencimento ou adesão. A autora entende que os derivados com esse significado, na história do romeno, são mais recentes que os outros anteriormente apresentados por ela. Ciobanu (1962) sugere que essas sejam formações linguísticas literárias e sintetiza da seguinte maneira:

¹¹⁷ Informação vista no vocabulário apresentado por Rauta (1947).

Esta categoria de derivados se diferencia das demais, antes de tudo pelo significado. Em segundo lugar, pela difusão, uma vez que esses derivados não são populares. Em terceiro lugar, a categoria gramatical é diferente dos outros (os derivados nas outras categorias são substantivos, enquanto esses são adjetivos) (CIOBANU, 1962, p. 152-153, tradução nossa¹¹⁸).

Para Ciobanu (1962), as diferenças que se apresentam entre esses últimos derivados e os outros devem-se à influência do francês *-ier-* no sufixo romeno *-ar*, uma vez que, no francês, ele indica a relação de pertencimento, para além de todos os outros significados. Essa é uma observação que soa estranha, considerando-se que a função primeira do *-arius* latino era a de formar adjetivos de caráter relacional.

A última análise a ser apresentada é a de Mititelu (2013), que não se apresenta como um trabalho voltado exclusivamente para o sufixo *-ar* no romeno. Trata-se de uma espécie de gramática semântico-derivacional do romeno, que aponta os principais processos lexicogênicos, os formativos mais produtivos e os significados vistos nessas palavras derivadas.

No capítulo dedicado à sufixação, a autora classifica, em um primeiro momento, os sufixos em relação aos aspectos formais, analisando se são substantivais, adjetivais ou verbais. No segundo momento, Mititelu (2013) organiza os sufixos com base nas informações semânticas. O *-ar* aparece tanto no rol dos sufixos substantivais quanto adjetivais. No que toca às características semânticas, o Quadro 15 sistematiza a classificação de Mititelu (2013).

Quadro 15 – Categorias semânticas de X-ar em Mititelu (2013)

ÁREAS SEMÂNTICAS	EXEMPLOS	TRADUÇÕES/DEFINIÇÕES DOS EXEMPLOS
LUGAR	umbrar	caramanchão ¹¹⁹
ORIGEM	luncar	pessoa que vive no prado, campo; campino, camponês.
OFÍCIOS E PESSOAS QUE EXERCEM ESSES OFÍCIOS	brutar, cimpoier ¹²⁰	padeiro, gaiteiro

¹¹⁸ “Această categorie de derivate se detașează de celelalte, în primul rând ca sens, în al doilea rând ca formare (derivatele nu sînt populare) și în al treilea rând categoria gramaticală este deosebită de a celorlalte (derivatele din celelalte categorii sînt substantive, pe cînd cele din categoria în discuție sînt adjective)” (CIOBANU, 1962, p. 152-153).

¹¹⁹ Houaiss e Villar (2009) apresentam o verbete *caramanchão*, com os seguintes significados:

1 Rubrica: fortificações.

pequena casa proeminente em uma fortificação, muralha ou edifício, us. como posto de vigia ou mirante

2 Rubrica: construção.

estrutura leve construída em parques ou jardins, ger. de madeira, que se pode cobrir de vegetação e usar para descanso ou recreação; caramanchel.

¹²⁰ Seja destacado que a autora exemplificou uma formação *-ar* e outra *-(i)er* no mesmo rol, como se fosse o mesmo sufixo. Em outras áreas semânticas, Mititelu faz distinção. Em relação a *cimpoier*, o DEXONLINE - *Dicționare ale limbii române* sugere que a formação tenha sido ‘*cimpoi* + *-er*’, apresentando o sufixo cognato de *-ar*.

DETENTOR DE UMA QUALIDADE ¹²¹	căciular; sugar	relativo à infantaria; que se alimenta por sucção
PESSOA DE ACORDO COM O ESTADO EM QUE SE ENCONTRA	bancrutar	falido
COLETIVO	băligar	esterco, estrumeira
PLANTA	zmeurar	framboeseira
ANIMAL	cufundar	mergulhão
MACHO DE ESPÉCIES ANIMAIS	buhar	javali-macho
RECIPIENTE	blidar	prateleira
DOENÇA	gurar	afta
INSTRUMENTO	dințar	talha
ROUPA PARA UMA DETERMINADA PARTE DO CORPO	pieptar	colete

A classificação de Mititelu (2013) privilegia consideravelmente as construções substantivais, não considerando nuances na categoria dos adjetivos. A categoria DETENTOR DE UMA QUALIDADE aparece tanto para adjetivos quanto para substantivos, o que sugere uma flutuação categorial. Como o trabalho da autora não versa sobre um sufixo específico, não há nenhuma menção sobre isso.

Diferente das posturas de Ciobanu (1962) e Mititelu (2013), que colocaram o significado de ADJETIVO em posição bastante periférica e desprivilegiada, a análise desta Tese para os esquemas construcionais [[X]-ar-]_N e [[X]-(i)er-]_N do romeno, seguindo o mesmo padrão da língua latina, no que toca à ordem dos esquemas. Isto implica em começar com o grupo de ADJETIVOS, que, ao todo, tem 149 instanciações. Assim como no latim, há dois subesquemas: um RELATIVO e outro RESSALTADO. A frequência relacionada a esse esquema dominante está na Tabela 11.

Tabela 11 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo X-ar- no romeno

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	129	86,58
Ressaltados	20	13,42

¹²¹ Essa categoria aparece tanto como substantival quanto adjetival. *Căciular* é o exemplo substantival, e *sugar*, o adjetival.

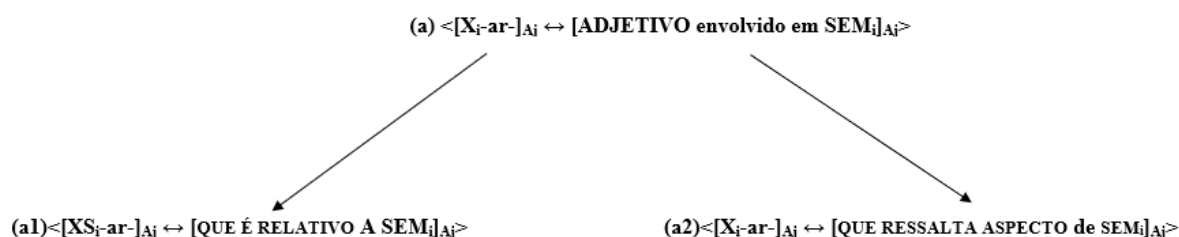
Entre as instanciações do subesquema RELATIVO, destacam-se: *agrar* (ROM007: agrário), *alimentar* (ROM012: alimentar), *articular* (ROM028: articular), *bugetar* (ROM057: orçamental), *circular* (ROM088: circular), *contrar* (ROM110: contrário), *corelligionar* (ROM114: correligionário), *culinar* (ROM123: culinário), *dentar* (ROM127: dentário), *egalitar* (ROM140: igualitário), *ereditar* (ROM144: hereditário), *funerar* (ROM167: funerário), *inelar* (ROM196: anelar), *judiciar* (ROM214: judiciário), *literar* (ROM230: literário), *ocular* (ROM265: ocular), *pamfletar* (ROM278: panfletário), *reticular* (ROM327: reticular), *salutar* (ROM332: salutar), *statuar* (ROM353: estatutário), *staționar* (ROM354: estacionário), *terțiar* (ROM375: terciário), *torționar* (ROM384: torcionário), *unghiular* (ROM396: angular), *vestimentar* (ROM409: que diz respeito ao vestuário), entre outros.

Para os RESSALTADOS, alguns exemplos são: *autoritar* (ROM030: autoritário), *deficitar* (ROM125: deficitário), *fugar* (ROM164: fugidio), *mercenar* (ROM240: mercenário), *precar* (ROM313: precário), *revolutionar* (ROM328: revolucionário), *rudimentar* (ROM330: rudimentar), *sedentar* (ROM341: sedentário), *spectacular* (ROM352: espetacular), *valutar* (ROM405: valioso) e *zuliar* (ROM416: ciumento).

Cabe mencionar, acerca dos RESSALTADOS, que há uma característica agentiva que se observa nessas instanciações e que permite interpretá-las como AGENTES HABITUAIS. Esse fato parece decorrer da proximidade semântico-histórico-funcional entre adjetivos e substantivos. Optou-se por tratar esses últimos dados como ADJETIVOS, pelo fato de estarem dicionarizados dessa maneira.

A representação dos esquemas de ADJETIVOS $[[X]-ar-]_A$ se encontra na Figura 35.

Figura 35 – Esquema dominante de adjetivos no romeno X-ar



Há, ainda, dois fatos importantes a serem comentados sobre o esquema de ADJETIVOS $[[X]-ar-]_A$. O primeiro tem a ver com o étimo das instanciações: (i) instanciações cujo processo de transmissão para o romeno foi o esquema francês $[[X]-aire]_A$: a forma francesa como *lombaire* é o étimo da forma romena *lombar* (ROM231: lombar), assim como o francês *mamaire* é o étimo do romeno *mamar* (ROM234: mamário); (ii) há instanciações formadas no

próprio romeno, como *coțear* (ROM121: trapaceiro) e *fugar* (ROM164: fugidio); (iii) há aquelas cujo étimo é o esquema latino $[[X]-aris]_A$, como *articular* (ROM028: do latim *articularis*) e *liniar* (ROM229: do latim *linearis*); (iv) há, por fim, aquelas instanciações cujo étimo é o esquema latino $[[X]-ari-]_A$, como *funerar* (ROM167: do latim *funerarius*) e *judiciar* (ROM214: do latim *judiciarius*). Independente de étimos, todas essas instanciações têm uma origem comum, o que permite que sejam agrupadas e esquematizadas.

O outro fato a ser comentado está relacionado aos esquemas de étimo latino. Como dito no capítulo sobre os esquemas latinos (seção 5), os sufixos *-aris* e *-arius* (*-ari-*) têm a mesma origem: o sufixo *-ri-*. Se observada a morfologia histórica do português, vê-se que adjetivos relacionais oriundos do latim $[[X]-aris]_A$, como *linearis* e *articularis*, tenderam a chegar como $[[X]-ar]_A$, a exemplo de *linear* e *articular*.

Os adjetivos relacionais do latim $[[X]-ari-]_A$, por sua vez, como *funerarius* e *judiciarius* tendem a chegar ao português como $[[X]-ári-]_A$ (*funerário*, *judiciário*). No caso do romeno, esses dois esquemas latinos chegam como o mesmo $[[X]-ar-]_A$. Então, se houve, na história do latim, um esquema único que divergiu ainda no próprio latim, no romeno, eles convergiram novamente. Interessa, também, observar que o esquema $[[X]-ar-]_A$ instancia adjetivos biformes no romeno, como *alimentar* (masculino: alimentar) e *alimentară* (feminino: alimentar), ou *zuliar* (masculino: ciumento) e *zuliară* (feminino: ciumenta). No português, esses adjetivos $[[X]-ar]_A$ são sempre uniformes.

O segundo grupo de afinidade semântica a ser explicado é o de AGENTE. Assim como nas duas variedades do latim, é o grupo com maior número de instanciações. Ao todo, foram verificadas 219 realizações, que se dividiram em seis subesquemas, os mesmos do latim medieval. A frequência de cada subesquema está na Tabela 12

Tabela 12 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no X-ar romeno

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	162	73,97
Habituais	31	14,16
Circunstanciais	12	5,48
Beneficiários	9	4,11
Vegetais	3	1,37
Experienciadores	2	0,91

As designações de AGENTES PROFISSIONAIS formaram o subesquema mais frequente de AGENTE. Entre os exemplos, estão *acar* (ROM003: agulheiro, fabricante de agulhas), *acționar* (ROM005: acionista), *alămar* (ROM009: latoeiro), *alvițar* (ROM014: fabricante ou vendedor de alviță, um doce turco), *berar* (ROM036: cervejeiro), *caldărar* (ROM069: caldeireiro), *cărămidar* (ROM074: o que faz ou vende tijolos), *chioscar* (ROM083: vendedor num quiosque), *coropear* (ROM116: mercador ou vendedor ambulante), *coșar* (ROM119: limpa-chaminés), *depositar* (ROM128: depositário), *droscar* (ROM139: cocheiro), *ferentar* (ROM155: infante, soldado da infantaria), *fierar* (ROM157: ferreiro), *gazetar* (ROM170: gazeteiro), *gradinar* (ROM180: jardineiro, horticultor), *hămurar* (ROM187: albardeiro, correeiro), *iconar* (ROM191: santeiro), *islicar* (ROM209: fabricante de barretes de peles), *lemnar* (ROM226: carpinteiro; negociante de madeira; lenhador), *meșteșugar* (ROM241: artífice, artesão), *mușchetar* (ROM255: mosqueteiro), *olar* (ROM266: oleiro), *panglicar* (ROM279: fabricante de fitas), *păpusar* (ROM288: fabricante de bonecas), *putar* (ROM322: poceiro, abridor de poços), *rotar* (ROM329: carpinteiro), *săgetar* (ROM334: sagitário, arqueiro), *săpunar* (ROM335: saboeiro), *sticlar* (ROM358: vidraceiro), *șindrilar* (ROM365: obreiro que constrói telhados), *testamentar* (ROM377: testamentário), *tezaurar* (ROM378: tesoureiro), *umbrelar* (ROM395: fabricante de sombrinhas, de guarda-chuva) e *veterinar* (ROM410: veterinário).

Em relação aos AGENTES HABITUAIS, aqueles que se caracterizam pela frequência, rotina, costume ou excesso dos seus atos/hábitos, foram registradas 29 instanciações. Algumas delas são: *armăsar* (ROM026: garanhão), *arsicar* (ROM027: jogador de ganizes), *bivolar* (ROM044: homem grosseiro), *bojogar* (ROM045: ladrão), *celibatar* (ROM077: celibatário), *colivar* (ROM104: indivíduo que se encontra em todos os enterros), *gheseftar* (ROM176: intriguista, enredador), *nădrăgar* (ROM256: peralta), *panglicar* (ROM279: charlatão), *sforar* (ROM345: malandro, espertalhão) e *ștregar* (ROM369: vadio, vagabundo).

O esquema AGENTE CIRCUNSTANCIAL apresentou 12 realizações no romeno. Nesse grupo, destacam-se: *adversar* (ROM006: adversário), *aldămășar* (ROM011: parceiro no alborque), *bejenar* (ROM034: emigrante, refugiado), *chitibusar* (ROM084: disputador), *destinatar* (ROM129: destinatário), *fiduciar* (ROM156: fiduciário), *interimar* (ROM199: interino), *jălbar* (ROM211: requerente, suplicante), *recipiendar* (ROM324: recipendiário¹²²) e *semnatar* (ROM344: signatário).

¹²² Com base no *Dicionário Online do português* (2018), *recipendiário* significa “Aquele que é recebido em uma academia, em uma corporação de letrados, de sábios, com certo cerimonial”.

Os AGENTES BENEFICIÁRIOS foram nove: *arhimilionar* (ROM024: arquimilionário), *beneficiar* (ROM035: beneficiário), *cesionar* (ROM081: cessionário), *coproprietar* (ROM112: coproprietário), *donatar* (ROM136: donatário), *impresar* (ROM195: empresário), *latifundiar* (ROM222: latifundiário), *obligatar* (ROM263: obrigacionista) e *proprietar* (ROM319: proprietário).

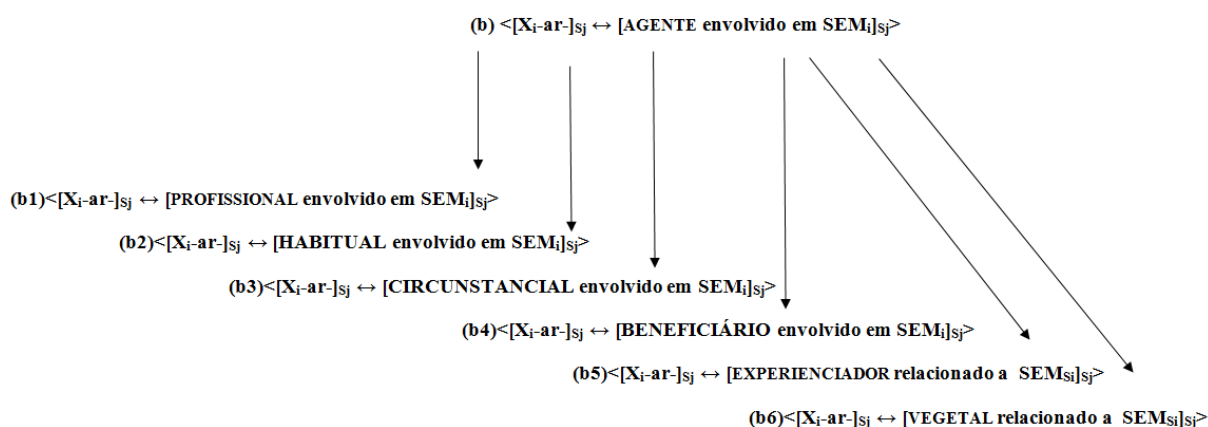
Os dois subesquemas de AGENTE menos produtivos foram o de EXPERIENCIADOR e o de VEGETAL. De EXPERIENCIADORES, foram computadas duas instanciações: *opincar* (ROM269: aldeão, aquele que habita a aldeia) e *slujnicar* (ROM347: homem que se deixa conquistar por criadas).

A respeito dos VEGETAIS, é importante mencionar que, mesmo o romeno não apresentando um desenvolvimento do latim medieval, esse significado foi verificado, mesmo que de maneira não muito produtiva, nem prototípica. Três foram os exemplos de AGENTES VEGETAIS: *agurizar* (ROM008: videira brava), *cocăzar* (ROM101: roseira brava) e *tufar* (ROM389: arbusto).

Sobre esses exemplos, é preciso registrar dois fatos. Primeiro, é o caráter genérico do significado ‘arbusto’. Depois, o uso do qualificador ‘brava’ ao lado de roseira e videira nos significados. A palavra ‘brava’, nesse contexto, significa ‘não cultivada’, ‘infertilizada’¹²³. Ou seja, trata-se de agentes vegetais que não conseguem produzir flores ou frutos, o que escapa ao protótipo dessa categoria.

A representação esquemática dos AGENTES $[[X]-ar]_s$ no romeno está na Figura 36.

Figura 36 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no romeno X-ar



¹²³ Essa acepção é usada em algumas passagens bíblicas.

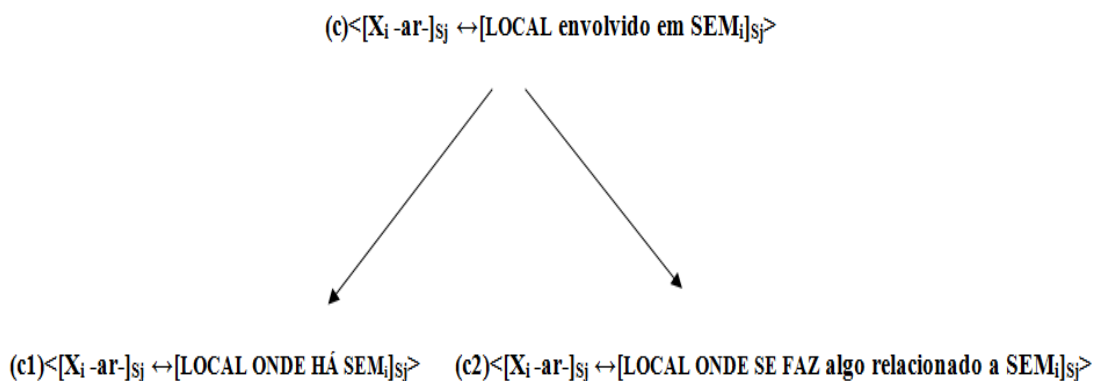
O esquema de LOCATIVOS $[[X]-ar]_s$ no romeno tem 15 instanciações e, assim como no latim, divide-se em dois subesquemas: LUGAR ONDE HÁ e LUGAR ONDE SE FAZ. A Tabela 13 apresenta a frequência em termos percentuais.

Tabela 13 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ar- no romeno

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde há	9	60
Onde se faz	6	40

Entre os exemplos do primeiro subgrupo, estão *coșar* (ROM119: celeiro de milho), *orzar* (ROM273: celeiro de cevada), *porumbar* (ROM310: pombal), *sanctuar* (ROM333: santuário) e *vestiar* (ROM408: vestiário). No segundo subgrupo, estão *balnear* (ROM032: balneário), *dispensar* (ROM132: dispensário), *joagăr* (ROM212: oficina de serrar ou serração), *lagar* (ROM218: arraial, acampamento), *secretar* (ROM338: secretaria) e *stăvilar* (ROM355: dique, barragem). A representação dos esquemas LOCATIVOS $[[X]-ar]_s$ está na Figura 37.

Figura 37 – Esquema dominante de locativo no romeno X-ar



O grupo semântico de OBJETOS apresentou entre os esquemas $[[X]-ar]_s$ os mesmos cinco subesquemas do latim. Ao todo, foram 26 instanciações alocadas nesse grupo. As subdivisões e as suas respectivas frequências estão na Tabela 14.

Tabela 14 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no X-ar romeno

Categorias de objetos	Frequência	Percentual (%)
Utensílios	12	46,15
Uso pessoal	6	23,07

Instrumentos	5	19,23
Recipientes	2	7,69
Máquinas	1	3,85

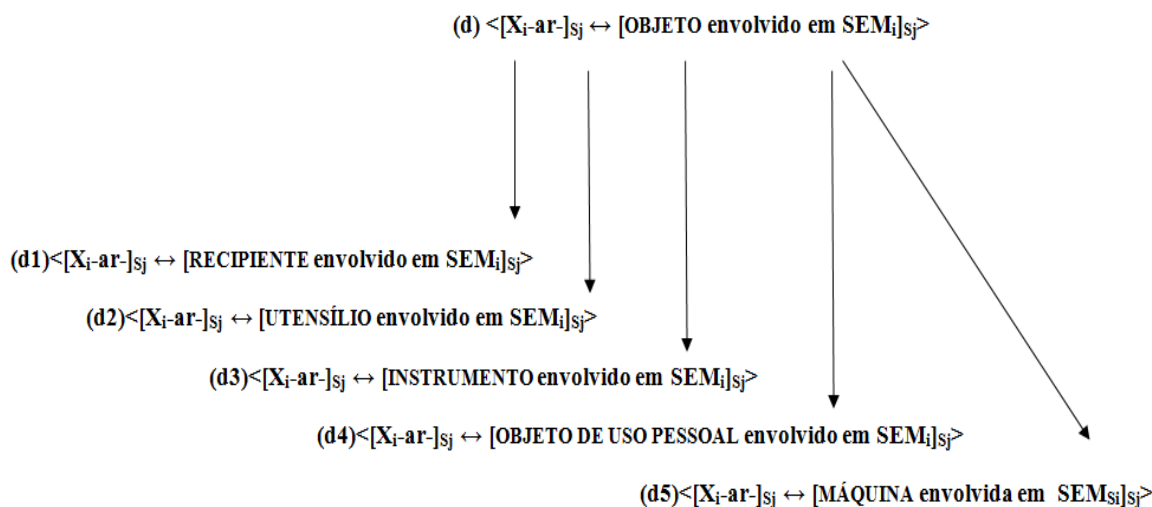
Os esquemas OBJETO [[X]-ar]s do romeno, no que toca à frequência, mostraram-se bastante parecidos com o que se viu no latim medieval, com a diferença de que, no romeno, o subesquema UTENSÍLIO foi o mais produtivo, ao passo que, no latim clássico, foi o subesquema RECIPIENTE.

Em UTENSÍLIOS, instanciam-se: *anuar* (ROM019: anuário), *cartular* (ROM067: cartulário), *dictionar* (ROM130: dicionário), *exemplar* (ROM146: exemplar, modelar)¹²⁴, *grătar* (ROM181: grelha), *grinar* (ROM182: grelha), *lampadar* (ROM219: lampadário), *ziar* (ROM415: jornal), entre outras.

No subesquema OBJETOS DE USO PESSOAL, aparecem *brăcinar* (ROM048: cinto de couro para apertar as calças), *degetar* (ROM126: dedal), *obrăzar* (ROM264: máscara), *pieptar* (ROM297: plastrão, veste sem mangas), *șerpar* (ROM364: cinto de camponês) e *ștergar* (ROM368: toalha de mãos).

Entre os INSTRUMENTOS, são vistos *brăzdar* (ROM049: relha, do arado), *colțar* (ROM105: peça metálica crivada de prego), *cordar* (ROM113: serra do tanoeiro), *dreptar* (ROM137: fio-de-prumo; esquadro de carpinteiro) e *toboșar* (ROM382: tambor). Do subesquema RECIPIENTE, são instanciados *acar* (ROM002: agulheiro, estojo para agulhas de coser) e *cenusar* (ROM078: cinzeiro). Por fim, o subesquema MÁQUINA instancia *joagar* (ROM212: máquina de serrar). A representação esquemática do grupo semântico OBJETOS está na Figura 38.

¹²⁴ O exemplo em questão pode suscitar a ideia de que se trata de uma qualidade. Porém, a noção de QUALIDADE de *exemplar* está em ROM147, que registra o adjetivo biforme dicionarizado como ‘exemplar, (-ă)’, O ROM146 se refere a ‘exemplar, (-e)’, que se refere a um substantivo neutro.

Figura 38 – Esquema dominante de OBJETO no romeno X-ar

O último grupo de afinidade semântica visto entre o esquema romeno [[X]-ar]_s foi o de QUANTIDADE. Foram vistos três subesquemas: COLETIVO, QUANTIA e EXCESSO. A Tabela 15 apresenta a frequência.

Tabela 15 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no romeno X-ar

Categorias de quantidades	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	12	75
Quantias	2	12,5
Excesso	2	12,5

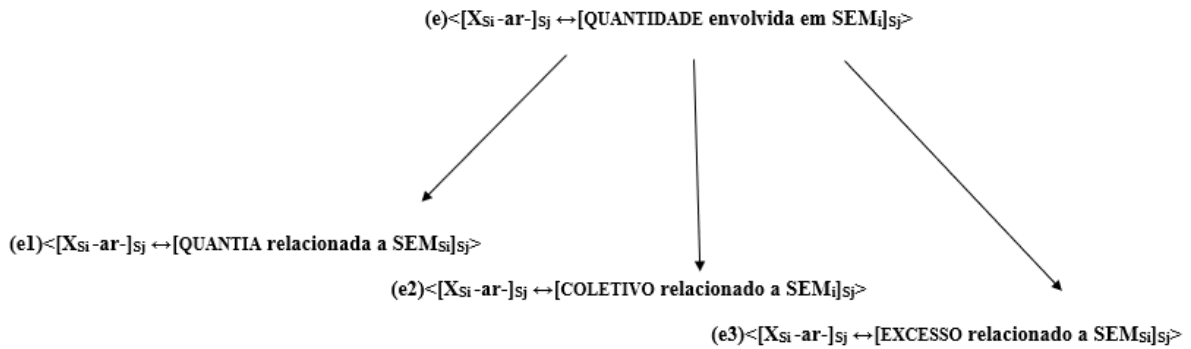
No esquema mais produtivo, COLETIVO, são encontrados: *abecedar* (ROM001: abecedário), *chestionar* (ROM082: questionário), *glosar* (ROM178: glossário), *mobiliar* (ROM248: mobiliário), *vispear* (ROM411: vespeiro)¹²⁵, *vocabular* (ROM413: vocabulário), entre outras. O subesquema QUANTIA instancia *numerar* (ROM262: numerário) e *sutar* (ROM362: nota de cem francos), e o de EXCESSO instancia *calcar* (ROM061: calcário)¹²⁶ e

¹²⁵ É notável uma similaridade do significado ‘vespeiro’ com o de ‘galinheiro’ e ‘formigueiro’. Todos esses casos parecem reunir os significados de coletivo e de locativo. Isso realça o fluxo metonímico que houve de uma categoria semântica para outra. Viaro (2011), em um argumento semântico-histórico, sugere esse mesmo fluxo para o desenvolvimento das construções X-eir- no português. Isso parece se verificar também na língua romena.

¹²⁶ Para essa análise/categorização, partiu-se dos fatos de a palavra ‘calcar’ estar introduzida como substantivo neutro no dicionário romeno e de o Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa definir *calcário* uma “designação comum às rochas sedimentares (metamorfizadas ou não) constituídas essencialmente por carbonato de cálcio e de magnésio, e us. na produção de cal, como corretivo da acidez do solo etc.” (HOUAISS E VILLAR, 2009). Esse significado poderia ser enquadrado como formação natural, usada por Botelho (2004) para as construções X-eiro, mas, nesta Tese, optou-se pelo (sub)esquema EXCESSO, para abranger tanto essas formações quanto outras mais abstratas, como *barulheira*.

frunzar (ROM163: folhagem), ambos relacionados a formações naturais. Não foi visto o padrão UNIDADE DE MEDIDA. A representação do esquema QUANTIDADE está na Figura 39.

Figura 39 – Esquema dominante de quantidade no romeno X-ar

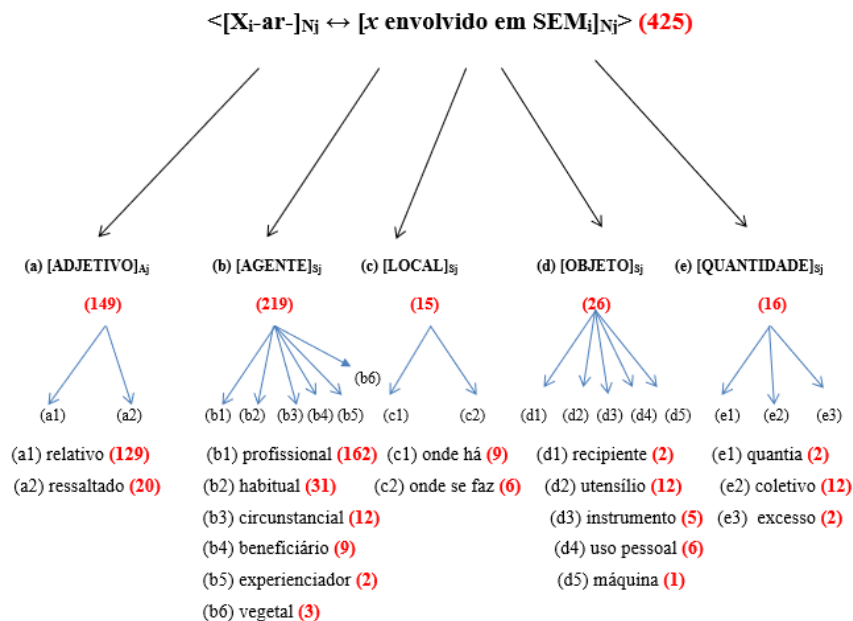


Não foi verificado no romeno, também, o padrão ANOMALIA, que está relacionado a doenças. Essa ausência no romeno foi observada, o que aproxima os resultados desta Tese ao que foi observado por Rainer (2016) e os distancia de Ciobanu (1962).

Houve palavras que preferimos deixar sem classificação, como, por exemplo, as designações para nomes dos meses de *ghenar* (ROM175: janeiro), *făurar* (ROM153: fevereiro) e *gustar* (ROM164: agosto). Outros exemplos foram *urdar* (ROM399: ascensão, subida), *seminar* (ROM343: seminário), *mortar* (ROM262: cal) e *itinerar* (ROM210: itinerário).

A representação esquemática completa das construções [[X]-ar]_N do romeno, com todos os esquemas dominantes, subesquemas e frequências, está na Figura 40.

Figura 40 – Representação esquemática das construções X-ar- no romeno



A organização esquemática da Figura 40 mostra que a categorização proposta nesta Tese aponta para significados bastante parecidos com os de Ciobanu (1962). O esquema AGENTE, não abordado pela morfóloga romena por ser altamente produtivo, facilmente reconhecido e já ter sido descrito por vários outros estudiosos da língua romena, foi o mais produtivo e, na nossa visão, ramificou-se em seis subesquemas. Importa mencionar que Ciobanu (1962) não coloca as designações de plantas como agentes. Até porque a autora usa recorrentemente o termo ‘pessoas’ para referir-se aos agentes, o que sugere que os agentes, na sua concepção, são sempre humanos, diferindo-se, portanto, de Ionascu (1959).

O esquema ADJETIVO, abordado de maneira periférica por Ciobanu (1962), foi o segundo mais produtivo e, não raramente, essas construções adjetivas apresentavam construções substantivas associadas. Esse era um comportamento muito comum no latim.

Há subesquemas que não encontram correspondência no tratamento de Ciobanu (1962), como RECIPIENTE, MÁQUINA, QUANTIA. De outro lado, não encontramos dados que permitissem propor a categoria ANOMALIA.

Por fim, poder-se-ia pensar em um (sub)esquema para ‘meses’, mas, além de não haver produtividade significativa, visto que os dados encontrados foram *ghenar* (ROM175: janeiro), *făurar* (ROM153: fevereiro) e *gustar* (ROM164: agosto), essas realizações parecem-nos bastante lexicalizadas, de forma que não parecem servir de modelo para novas criações, até porque as designações dos meses do ano formam uma categoria aparentemente fechada.

6.4 A ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS ESQUEMAS [[X]-(I)ER-]_N

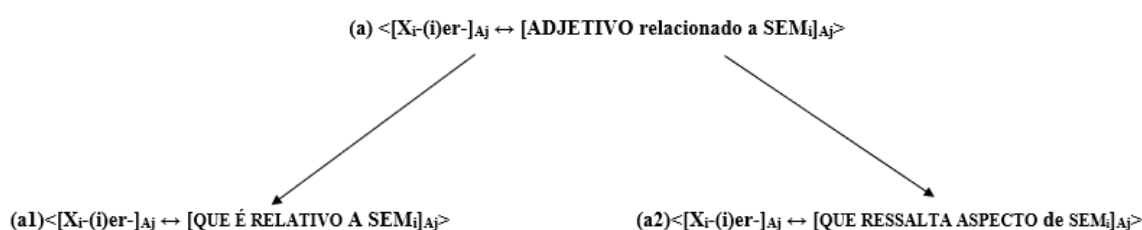
Os esquemas [[X]-(i)er]_N, embora menos produtivos, apresentam os mesmos grupos de afinidade semântica vistos para [[X]-ar]_N. Começamos, então, pelos ADJETIVOS, esquema dominante, que teve dez instanciações, como se vê na Tabela 16.

Tabela 16 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo X-(i)er- no romeno

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	6	60
Ressaltados	4	40

Do primeiro subesquema, instanciam-se *cerealier* (ROM452: cerealífero), *forestier* (ROM474: florestal), *furajer* (ROM478: forrageiro), *huillier* (ROM487: hulhífero), *rutier* (ROM532: que se refere a caminhos ou estradas), *sezonier* (ROM542: da época, da estação), ao passo que, do segundo, instanciam-se *inospitalier* (ROM490: hostil), *lejer* (ROM496: ligeiro), *ospitalier* (ROM511: hospitaleiro) e *stingher* (ROM550: desemparelhado, defeituoso). A representação do esquema $[[X]-(i)er]_A$ de ADJETIVOS está na Figura 41.

Figura 41 – Esquema dominante de adjetivos no romeno X-(i)er



O esquema de AGENTES é também o mais produtivo entre as construções $[[X]-(i)er]_s$ do romeno. Ao todo, foram encontradas 91 realizações, ramificadas em cinco subesquemas: PROFSSIONAL, HABITUAL, CIRCUNSTANCIAL, BENEFICIÁRIO e VEGETAL. Não houve, portanto, o tipo EXPERENCIADOR. A Tabela 17 apresenta a frequência das realizações.

Tabela 17 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no X-(i)er romeno

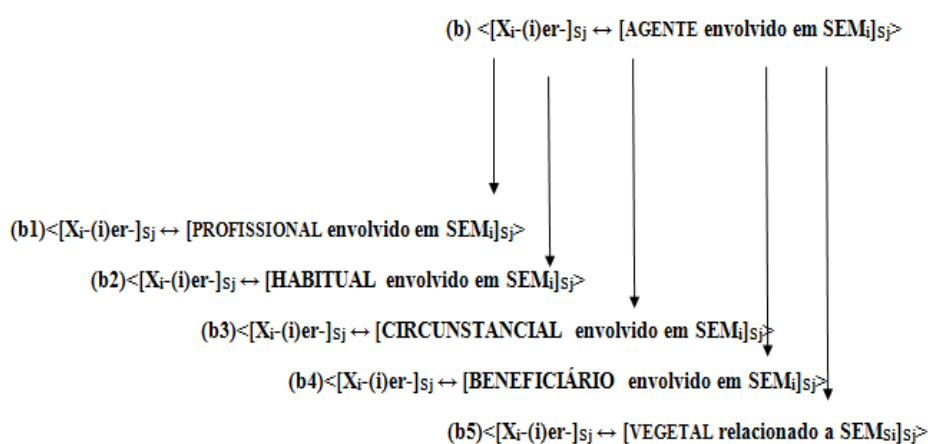
Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	77	84,6
Habituais	7	7,7
Circunstanciais	3	3,3
Beneficiários	1	1,1
Vegetais	3	3,3

Entre os 77 PROFSSIONAIS $[[X]-(i)er]_s$, estão *abager* (ROM417: fabricante ou vendedor de burel), *albier* (ROM420: fabricante de camas), *armurier* (ROM421: armeiro), *baiaderă* (ROM424: bailadeira), *balenieră* (ROM425: baleeira), *bancher* (ROM426: banqueiro), *bogasier* (ROM432: comerciante de tecidos de algodão), *cantinier* (ROM445: cantineiro), *carabinier* (ROM448: carabineiro), *casier* (ROM450: caixa, tesoureiro), *corsetier*

(ROM432: espartilheiro), *funier* (ROM477: cordeiro, vendedor ou fabricante de cordas), *furier* (ROM479: furriel), *gondolier* (ROM482: gondoleiro), *grefier* (ROM484: escrivão), *hotelier* (ROM486: hoteleiro), *infirmier* (ROM489: enfermeiro), *jardinieră* (ROM491: jardineira), *lămîier* (ROM495: negociante de limões), *magazioner* (ROM500: guarda de armazém), *menajeră* (ROM503: governanta), *moșier* (ROM505: lavrador), *năier* (ROM506: marinheiro), *oier* (ROM510: pastor de carneiros), *pălărier* (ROM517: chapeleiro), *peruchier* (ROM518: cabeleireiro), *spicher* (ROM546: locutor), *străjer* (ROM551: guarda-noturno), *șantier* (ROM553: fabricante ou vendedor de burel), *temnicer* (ROM558: carcereiro) e *zodier* (ROM566: astrólogo).

Em relação aos HABITUAIS, as instanciações foram: *bursier* (ROM441: homem que frequenta a Bolsa), *cavaler* (ROM451: cavalheiro), *consilier* (ROM460: conselheiro), *crupier* (ROM465: olheiro em casa de jogo), *felcer* (ROM471: pessoa que tem habilidades médicas), *hahaleră* (ROM485: tagarela) e *partener* (ROM514: comparsa). No grupo dos CIRCUNSTANCIAIS, são vistos *coechipier* (ROM456: colega ou companheiro de equipe), *pasager* (ROM515: passageiro) e *restantier* (ROM530: aquele que deixou algo para fazer). O único BENEFICIÁRIO foi *rentier* (ROM529: o que vive de seus rendimentos; rendeiro). Por fim, entre os AGENTES VEGETAIS, são observados: *cocotier* (ROM455: coqueiro), *sagotier* (ROM533: salgueiro) e *semincer* (ROM541: árvore reservada do corte). A representação dos AGENTES $[[X]-(i)er]_s$ do romeno está na Figura 42.

Figura 42 – Esquema dominante de agente no romeno $X-(i)er$

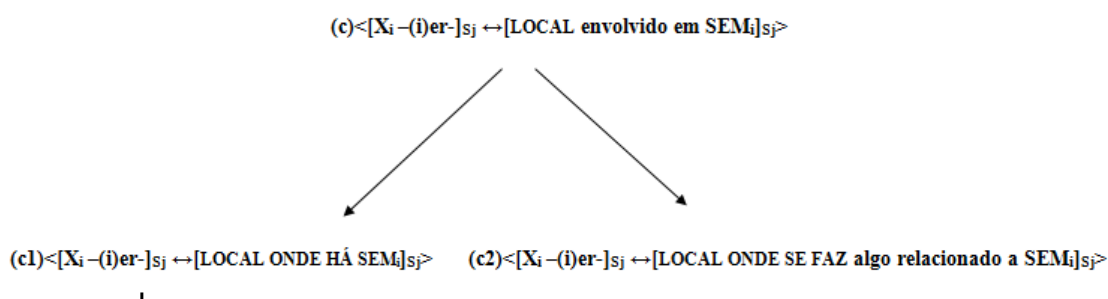


O esquema LOCATIVO teve 11 instanciações nos esquemas $[[X]-(i)er]_s$, Veja-se a Tabela 18.

Tabela 18 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-(i)er- no romeno

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde há	8	72,73
Onde se faz	3	27,27

Do primeiro tipo, LUGAR ONDE HÁ, os exemplos são *butonieră* (ROM442: casa de botão), *chiler* (ROM453: celeiro), *foaier* (ROM472: salão do teatro), *frigider* (ROM475: frigorífico), *garsonieră* (ROM480: apartamento de solteiro), *huileră* (ROM488: hulheira), *lizeră* (ROM499: orla do bosque), *polipier* (ROM522: polipeiro). Do segundo tipo, LUGAR ONDE SE FAZ, os registros são *afișier* (ROM419: mostruário), *atelier* (ROM423: fábrica, oficina, loja) e *debarcader* (ROM470: desembarcador). A Figura 43 apresenta o esquema [[X]-(i)er-]_s de LOCATIVOS.

Figura 43 – Esquema dominante de locativo no romeno X-(i)er

O significado OBJETO teve 36 instanciações. Foi mais produtivo nas construções [[X]-(i)er]_s do que nas [[X]-ar]_s e foi o segundo o mais produtivo entre os subesquemas de [[X]-(i)er]_s. A distribuição da frequência está apresentada na Tabela 19.

Tabela 19 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no X-(i)er romeno

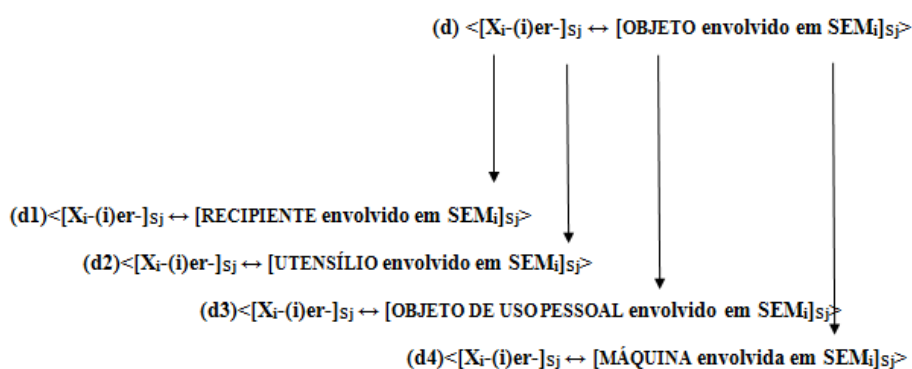
Categorias de objetos	Frequência	Percentual (%)
Utensílios	14	38,88
Máquinas	10	27,78
Recipientes	10	27,78
Uso pessoal	2	5,56

Note-se que não houve o subesquema INSTRUMENTO entre os OBJETOS de $[[X]-(i)er]_s$. Entre os UTENSÍLIOS, aparecem *bandieră* (ROM427: bandeira, estandarte), *jungher* (ROM493: punhal), *lăicer* (ROM494: tapete rústico), *litieră* (ROM497: liteira), *liturghier* (ROM498: livro de missa), *noptieră* (ROM507: mesa de cabeceira), *portieră* (ROM524: portinhola, cortina), *privegher* (ROM525: livro de igreja que contém o ofício de noite), *radieră* (ROM528: borracha para apagar a escrita a lápis), *sărciner* (ROM535: suporte de madeira onde os pastores penduram os fatos ou certos utensílios), *somieră* (ROM543: colchão), *ștecher* (ROM554: interruptor elétrico), *teier* (ROM574: objeto de madeira para turvar as águas antes da pesca) e *tricher* (ROM562: lampadário de três chamas).

O subesquema RECIPIENTE aumentou significativamente em relação ao esquema romeno $[[X]-ar]_s$. As dez instanciações são *bombonieră* (ROM435: caixa para bombons), *fructieră* (ROM476: fruteira), *paner* (ROM512: cesto), *pudrieră* (ROM526: polvoreira, caixa de pó-de-arroz), *salatieră* (ROM534: saladeira), *scrumieră* (ROM537: cinzeiro), *sosieră* (ROM554: molheira), *supieră* (ROM552: terrina), *tabalacheră* (ROM555: tabaqueira) e *untieră* (ROM563: manteigueira).

Entre as MÁQUINAS, estão *boiler* (ROM433: esquentador), *bombardier* (ROM434: avião de bombardeio), *canonieră* (ROM444: canhoneira), *croazieră* (ROM464: cruzeiro), *cuter* (ROM469: pequena embarcação movida a vapor ou com velas), *mitralieră* (ROM504: metralhadora), *obuzier* (ROM508: obus), *rachier* (ROM527: destilador), *screper* (ROM536: veículo motorizado utilizado no transporte de materiais de construção) e *scuter* (ROM539: pequeno veículo motorizado de duas rodas). Por fim, no grupo de OBJETOS DE USO PESSOAL, aparecem *brasieră* (ROM437: colete de criança) e *jaretieră* (ROM492: jarreteira). A representação esquemática dos OBJETOS $[[X]-(i)er]_s$ está na Figura 44.

Figura 44 – Esquema dominante de objeto no romeno $X-(i)er$

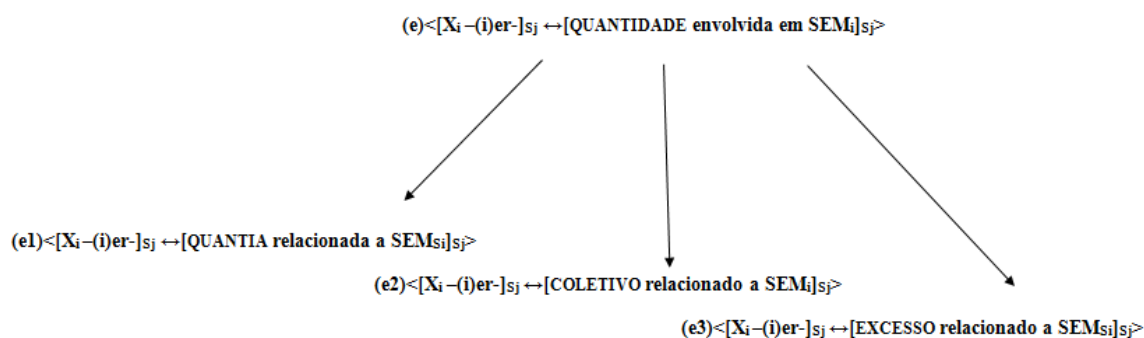


O último esquema dominante entre as construções $[[X]-(i)er]_s$ é o de QUANTIDADE, que tem cinco instanciações, como apresentada na Tabela 20.

Tabela 20 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no romeno X-(i)er

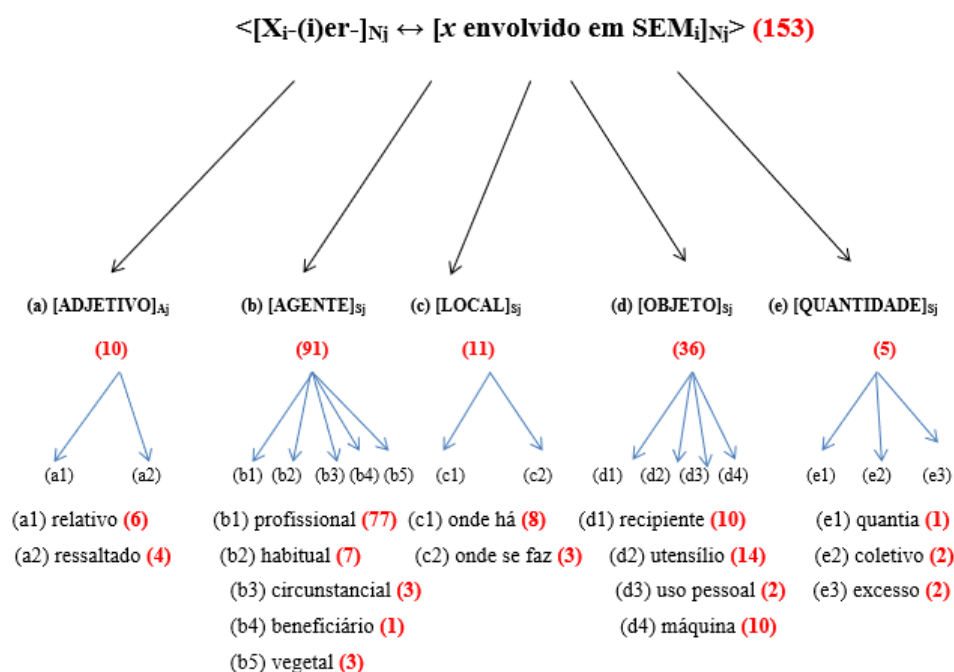
Categorias de quantidades	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	2	75
Excesso	2	12,5
Quantias	1	12,5

As duas instanciações de COLETIVO são *acastier* (ROM418: hinário à Virgem) e *spalier* (ROM545: fileira de soldados). As duas de EXCESSO são *barieră* (ROM428: barreira) e *carieră* (ROM449: carreira). A única de QUANTIA é *foncieră* (ROM473: imposto predial), A representação desse esquema está na Figura 45.

Figura 45 – Esquema dominante de quantidade no romeno X-(i)er

Assim como com as construções $[[X]-ar]_N$, não se verificou o significado ANOMALIA nas construções $[[X]-(i)er]_N$. Não houve palavras não analisadas nesse segundo grupo. O esquema completo está na Figura 46.

Figura 46 – Representação esquemática das construções X-(i)er- no romeno



A organização da Figura 46 mostra que a categorização semântica desse último esquema construcional é bastante ampla e produtiva, não devendo, portanto, o sufixo *-(i)er-* ser considerado uma mera variante menos usual e improdutiva do *-ar*, como sugere Ciobanu (1962). Em termos de subesquema, houve menos significados pormenorizados nesse segundo esquema.

É interessante observar que o esquema ADJETIVO mostrou-se bem menos produtivo entre essas construções. Isso faz avaliar o que propôs Ciobanu (1962), sobre o desenvolvimento desse significado, para a autora, periférico, no sufixo *-ar* estar ligado à influência do sufixo francês *-ier*. Se comparada a alta produtividade desse significado em *X-ar* com a baixa produtividade em *X-(i)er*, é possível pensar que a sugestão da autora aplica-se muito mais ao *X-(i)er*, que é mais próximo foneticamente da forma francesa. O *X-ar* parece ter continuado uma tendência do *-arius* latino.

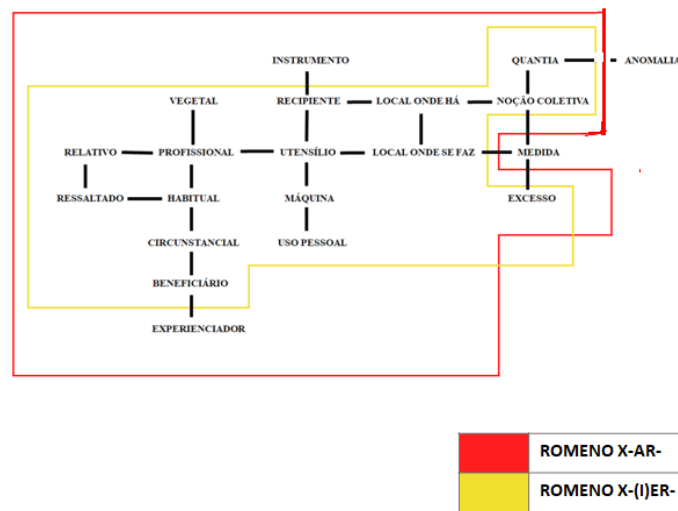
6.5 MAPAS SEMÂNTICOS: O ROMENO PER SI E A COMPARAÇÃO COM O LATIM

Para a análise por mapas semânticos, utiliza-se o mesmo mapa conceitual desenvolvido no contraste entre o latim clássico e o latim medieval (ver Figura 46), uma vez que não houve significados novos no romeno, em comparação à língua latina. De diferente em relação ao mapa anterior, somente uma questão de ordenação dos significados, para melhor abordar os

deslocamentos semânticos das construções romenas e os contrastes com as construções latinas: o significado INSTRUMENTO ficou mais ao extremo, dando o lugar central ao significado UTENSÍLIO, e o de MEDIDA trocou de lugar com QUANTIA.

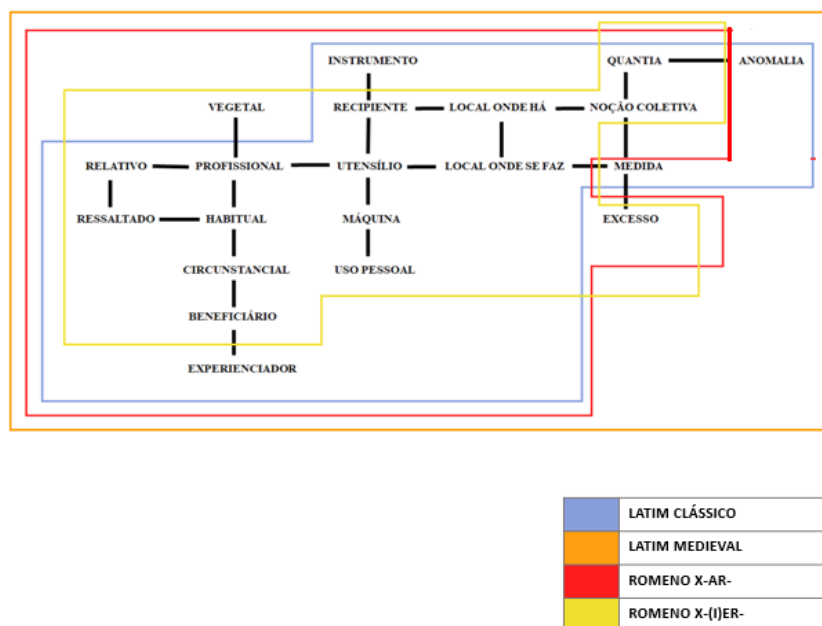
A Figura 47 apresenta a comparação entre [[X]-ar-]_N, o contorno vermelho, e [[X]-(i)er-]_N, o contorno mostarda. Note-se que os significados ANOMALIA e MEDIDA ficaram de fora do alcance das duas construções romenas, e o EXPERENCIADOR e o INSTRUMENTO não estão disponíveis para [[X]-er]_N.

Figura 47– Mapa semântico das construções do romeno



No segundo mapa, apresentado na Figura 48, são comparadas as mesmas construções romenas, dessa vez, com as construções latinas [[X]-ari-]_N. O mapa mostra que o latim medieval segue abrangendo todo o domínio conceitual, e o latim clássico não abrange VEGETAL e EXCESSO. Para as construções romenas, são válidas as informações do último mapa.

Figura 48 – Mapa semântico comparativo entre as construções do romeno e do latim



6.6 INTERPRETAÇÕES SOCIOCÓGNITIVAS

Nesta subseção, na qual são feitas interpretações sociocognitivas das construções, diferentemente do que aconteceu com o latim, em que foram escolhidas dez palavras do latim clássico e dez do latim medieval, foram escolhidas dez, todas [[X]-ar]_N. As razões para essa escolha foram a dificuldade de acesso a informações sobre a língua romena e o fato de os significados atestados pelo dicionário trabalhado nem sempre favorecerem a investigação em termos de narrativas cognitivas. As palavras selecionadas estão apresentadas no Quadro 16.

Quadro 16 – Palavras selecionadas do romeno para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
ROM044	bivolar, (-i)	condutor de búfalos; fig. homem grosseiro
ROM078	cenusar, (-e)	(m) apanhador de cinza; (n) cinzeiro
ROM116	coropear, (-i)	mercador ou vendedor ambulante; Vagabundo.
ROM119	coșar, (-i)	celeiro de milhos; estábulo; fig. Pardieiro
ROM209	islicar, (-i)	Boiardo; fig. Retrógado
ROM256	nădrăgar, (-i)	(pejor.) cidadão
ROM264	obrăzar, (-e)	máscara
ROM279	panglicar, (-i)	fabricante de fitas; pelotiqueiro (que fazia sair fitas do nariz); fam. Charlatão

ROM312	potlogar, (-i)	sapateiro, remendão; vigarista, intrujão
ROM415	ziar, (-e)	jornal

Seguindo, em princípio, a ordem numérica dos dados, começa-se com o constructo *bivolar* (ROM044), que designa o ‘profissional que conduz búfalos’, mas, também, designa um ‘homem grosseiro’. Esse parece ser um fluxo metonímico que toma as profissões mais rurais por aqueles que as executam.

No italiano, isso acontece com *pecoraio* (ITA0358), que designa tanto ‘guardião de ovelhas’ quanto ‘uma pessoa rude e mal educada’. No português, o mesmo acontece com *açougueiro*, deixando de designar o ‘profissional’ para designar uma ‘pessoa sanguinária’, no caso de profissionais de saúde, ou pessoa violenta e briguenta, no caso de jogadores de futebol¹²⁷, por exemplo. Em todos esses casos, tomou-se um aspecto do frame da profissão para estender o significado da construção.

Os constructos *coropear* (ROM116), *panglicar* (ROM279) e *potlogar* (ROM312) seguem esse mesmo padrão. No primeiro, o aspecto ‘andarilho mercador’ ou ‘vendedor ambulante’ é tomado para designar uma ‘pessoa vagabunda’ que, em seu sentido mais composicional, seria ‘aquele que fica a vagar (sem propósito)’, logo uma pessoa ‘errante, vadia’. No segundo caso, há um ‘artista de circo que fazia truque’, tomado como um ‘enganador, charlatão’. O último caso descreve um ‘sapateiro que faz remendos em calçados’, ao mesmo tempo em que designa uma ‘pessoa vigarista’, que engana os outros, aproveitando-se da sua inocência ou confiança (DICȚIONARE ALE LIMBII ROMÂNNE, 2018). Provavelmente, há algo no exercício dessa profissão que permite essa extensão. Uma possibilidade seria o sapateiro vender um calçado remendado como se fosse novo, mas o próprio ato de remendar algo que está roto ou quebrado parece sugerir um tipo de trapaça.

O caso de *cenusar* (ROM078) mostra um fluxo metafórico AGENTE > OBJETO, em que um PROFISSIONAL (apanhador de cinzas) é tomado como fonte para a elaboração do significado RECIPIENTE (cinzeiro).

Na história do português, isso aconteceu com *chaveiro*, que, no português arcaico, designa aquele que tem a posse da chave da casa, de um convento ou de um mosteiro e passa, depois, a designar o objeto. No português contemporâneo, o constructo *chaveiro* pode ser categorizada tanto como OBJETO quanto como PROFISSIONAL que conserta fechaduras e

¹²⁷ Foram encontrados os seguintes registros no *Twitter* (2018): “Não consigo torcer pra uma seleção que tem Fagner açougueiro na lateral [...]” e “Sempre tem uns açougueiro no futebol”.

faz cópias de chaves. Outro exemplo da história do português é *candeeiro*. No período arcaico, aparece com o significado de servo que segura uma vela na Casa Real. Esse constructo designa uma profissão existente em contextos rurais, a qual equivale ao funcionário que segura a vela para guiar a boiada. A transferência metafórica de significados AGENTE > OBJETO aconteceu ainda no português arcaico, pois ali já havia a designação para o objeto ‘candeeiro’, que é mais conhecida hoje.

Em *coșar* (ROM119), vê-se um significado de ‘celeiro de milhos’ passando a ‘pardieiro’. Segundo o *Dicționare ale limbii române*, *coșar* designa um celeiro de milhos com paredes de vime, de onde, certamente, vêm o aspecto metonímico ressaltado para o significado ‘pardieiro’.

Entre os significados de *islicar* (ROM209), aparecem ‘boiardo’ (senhor feudal) e o figurado ‘retrógrado’. O uso de expressões metafóricas relacionadas à Idade Média para falar de pensamentos e comportamentos arcaicos e ultrapassados¹²⁸, ou, ainda, para designar espaços de poder¹²⁹, é bastante comum também no português e indica um fluxo metafórico, que remonta a outro domínio da experiência não compatível com a situação atual.

Em *nădrăgar* (ROM256), encontra-se uma designação pejorativa para aqueles que vivem na cidade. O aspecto pejorativo decorre do fato de *nădrăgar* referir-se inicialmente aos camponeses, ‘aqueles que não vivem na cidade’. Interessante, também, observar que a base do constructo é *nădrăg*, que aponta para um tipo específico de *calça*. Logo, há um fluxo metonímico na designação do camponês e, depois, um fluxo metafórico, somado às intenções sociodiscursivas, para designar os habitantes da cidade.

Por fim, metonímias também são percebidas na construção dos significados de *obrăzar* (ROM264) e de *ziar* (ROM415). No primeiro caso, a partir de *obrăz* (bochecha), designa-se um tipo de ‘máscara que cobre toda a cabeça’. A metonímia está na relação entre a bochecha e a cabeça. No segundo caso, com base em *zi* (dia), designa-se o jornal. Observa-se uma metonímia do tipo PERIODICIDADE/PRODUTO. Se levado em consideração o fato de que, no francês, a construção equivalente é *journal*, forma etimológica do português *jornal*, tem *journal* (dia) como base, é possível admitir que houve o mesmo procedimento metonímico no romeno e no francês.

¹²⁸ “Método do juiz Sérgio Moro é *medieval* e envergonha a sociedade civilizada” (TWITTER, 2018).

¹²⁹ “Financiamento não vai resolver isso. Só vai fortalecer quem tem poder e continuar os *feudos* políticos” (TWITTER, 2018).

6.7 SÍNTESE

A investigação da língua romena mostrou-se um grande desafio na constituição desta Tese, uma vez que o número de fontes descritivas da língua foi bem menor que em outras línguas românicas. Ainda assim, pode-se assegurar que foi fundamental considerar o romeno para o quadro de análise aqui empreendido, não só por essa língua ter sido constantemente marginalizada na história dos estudos filológicos românicos, mas também porque os resultados ratificam a importância da abordagem sociohistórica para os estudos morfológicos.

Trabalhou-se, nesta seção, com uma construção dada como certa e outra como provável. Como certa, no que toca à gênese no latim *arius*, é o esquema $[[X]-ar-]_N$. Essa foi a forma que se desenvolveu do estrato de latim vulgar que chegou à Dácia no século II d.C. Em termos de frequência, os significados mais produtivos desse esquema foram os mesmos do latim: QUALIDADE RELATIVA e AGENTE PROFISSIONAL, o que, mais uma vez, corrobora a importância da morfologia histórica. Não se verificou, no romeno, o significado de ANOMALIA. Não se encontrou também nenhuma instanciação de UNIDADE DE MEDIDA.

Em relação ao esquema tido como possível, o esquema $[[X]-(i)er-]_N$, sugeriu-se que esse esquema tenha começado a tornar-se produtivo pela aluvião de empréstimos franceses que compõem o léxico romeno e, depois, foi sendo complementado por palavras de outros étimos e por formações da própria língua. Semanticamente, esse esquema menos produtivo não apresentou os mesmos dois significados de $[[X]-ar-]_N$, além de não instanciar AGENTES EXPERIENCIADORES e OBJETOS INSTRUMENTOS.

No que toca aos aspectos cognitivos atinentes à formação de palavras com esses esquemas, notou-se que as construções romenas parecem apresentar os mesmos fluxos metafóricos e metonímicos que o latim e que outras línguas românicas, como o francês, italiano e português, mencionadas a título de comparação.

Em linhas gerais, esta seção permitiu não só desvendar um aspecto do léxico e da morfologia do romeno, mas também mostrar que o esquema $[[X]-ar-]_N$ revelou-se um importante elemento para a confirmação da sua latinidade.

7 A DIFUSÃO DE [[X]-ARI-]_N NO ITALIANO: UM CASO DE MÚLTIPLOS ESQUEMAS

Nesta seção, pretende-se discutir aspectos sócio-históricos e sociocognitivos da chegada do esquema [[X]-ari-]_N à língua italiana. No caso do italiano, o formativo original latino gerou, pelo menos, quatro formas cognatas. São elas: (i) X-aio/X-aia (acquaio¹³⁰, bambinaia¹³¹); (ii) X-ario/X-aria (macchinario¹³², alimentare¹³³); X-aro/X-ara (fornaro¹³⁴, marinaro¹³⁵); e X-iere (penitenziere¹³⁶, infermiere¹³⁷).

Cada uma dessas formas italianas veio por uma via diferente. Por exemplo, a forma -aio, segundo Rohlfs (1969), em seção que dedicou à formação de palavras na sua gramática histórica do italiano,

[...] é a evolução fonética normal de *-arius* em Toscana [...]. Tinha em sua origem uma função adjetival: *argentarius*, *ferrarius* ‘relativo à prata, ao ferro’. Já na época latina, acontecia com função substantival para indicar profissão ou o profissional: *argentarius* ‘que trabalha com prata’, *asinarius* ‘que guia o burro’. Dessa forma, *-arius* se tornou um sufixo para indicar nomes de pessoas que exercem uma determinada profissão: no toscano *calzolaio*, *carbonaio*, *fornaio*, *macellaio*, *molinaio*, *fioraia*, *lavanadaia* etc. (ROHLFS, 1969, p. 392, grifos do autor, tradução nossa)¹³⁸.

Com ‘evolução fonética normal’, o que Rohlfs (1969) provavelmente deve chamar à atenção é o desenvolvimento do sufixo na língua falada, o latim vulgar, em direção ao italiano *standard*, de Florença, cidade de maior extensão e importância da região de Toscana. Se no romeno, a caracterização fonética do sufixo mais produtivo *-ar* foi marcado por uma apócope sistemática ‘*-arius* > *-ariu-* > *-ar*’, no italiano, houve uma síncope do [r] (tepe) intervocálico ‘*arius* > *ariu* > *aiu*’ e uma evolução natural do vocalismo átono postônico do latim vulgar ‘u > o’, *aiu* > *aio*.

¹³⁰ Tradução minha: enfermeiro.

¹³¹ Tradução minha: cuidadora de crianças (babá).

¹³² Tradução minha: maquinário.

¹³³ Tradução minha: alimentar.

¹³⁴ Tradução minha: padeiro.

¹³⁵ Tradução minha: marinheiro.

¹³⁶ Tradução minha: padre confessor.

¹³⁷ Tradução minha: enfermeiro.

¹³⁸ “[...] costituisce la evoluzione fonetica normale di *-arius* in Toscana [...]. Aveva in origine una funzione aggettivale: *argentarius*, *ferrarius* ‘appartenente all’argento, al ferro’. Già in epoca latina ricorre con funzione sostantivale per indicare la professione o il mestiere: *argentarius* ‘que lavora l’argento’, *asinarius* ‘asinaio’. In tal modo *-arius* divenne un suffisso per indicare nomi di persone che esercitano un determinato mestiere: toscano *calzolaio*, *carbonaio*, *fornaio*, *macellaio*, *molinaio*, *fioraia*, *lavanadaia* etc.” (ROHLFS, 1969, p. 392, grifos do autor, tradução minha).

Também de origem vulgar é o sufixo *-aro*. Segundo Rohlfs (1969), essa é uma forma que provavelmente desenvolveu-se na Itália meridional. Na região setentrional da Itália, o mesmo autor menciona que o sufixo aparece ora na forma *-aro*, ora nas formas *-èr/-àr* ou seja, mais desenvolvimentos de *-ariu* na língua italiana. Exemplos de Rohlfs (1969) para essa variação fonético-fonológica são: “[...] o veneziano *selaro* ou *selèr*, o friulano *selàr*, lígure *selà*, lombardo e istriano *selèr*, romagnolo *šlèr*, emiliano *slèr*, piemontês *slè*.” (ROHLFS, 1969, p. 392, tradução nossa).

Por não ter se desenvolvido na região central da Itália, mais precisamente na região de Florença, a variante *-aro* acabou por ter uma menor difusão que o *-aio*. Sobre esse contraste dialetal, Migliorini (2019 [1960]) comenta que essa é uma diferenciação bastante antiga que já se vê estabelecida desde o século VIII.

Mesmo com o desprestígio da variante sufixal, Rohlfs (1969) esclarece que, por influências meridionais e setentrionais, é possível encontrar formas *X-aro* no italiano toscano. Não raramente, são vistos *doublets* morfológicos como *carbonaio/carbonaro* (que trabalha na carvoaria), *marinaio/marinaro* (marinheiro), *porcaio/porcaro* (pastor de porcos), *macellaio/macellaro* (açougueiro), *fornaio/fornaro* (padeiro).

Deve-se salientar que este trabalho se centra em coleta de dicionários e esses voltam-se contundentemente para o italiano que se consagrou na região central da Itália. Por esse ângulo, as construções *X-aio/X-aia* devem mostrar-se mais produtivas que as *X-aro/X-ara*. Por isso, no que é atinente às construções advindas do latim vulgar, optou-se por trabalhar com os esquemas $[[X]-ai-]_N$, sendo excluído o padrão $[[X]-ar-]_N$.

A respeito do sufixo *-iere*, que também não será abordado nesta seção, Rohlfs (1969), explica que sua origem é incerta, podendo ter entrado na língua italiana, em razão do contato com as línguas germânicas, ou por influência do francês, que serviu de língua de cultura para as línguas românicas. Resta, então, o sufixo *-ario/-aria*. Sobre esse, Rohlfs (1969) menciona que é uma forma desenvolvida do latim literário. Esse é o segundo sufixo a ser abordado nesta seção. Assim, elegendo-se os esquemas $[[X]-ai-]_N$ e $[[X]-ari-]_N$, é possível, em tese, estabelecer um paralelismo *culto X vulgar* com os dados da língua italiana.

No que toca aos dados, nesta Tese, trabalha-se com palavras oriundas da versão eletrônica do *lo Zingarelli 2008 – Vocabolario della lingua italiana*, de Nicola Zingarelli. Esse é um dos principais dicionários da língua italiana, e a versão eletrônica permite a busca avançada por formativos (prefixos, sufixos, compositivos). A análise desta Tese aborda 1 099 palavras italianas, sendo 550 $[[X]-ai-]_N$ e 549 $[[X]-ari-]_N$.

7.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA ITALIANA: O PROCESSO DE UNIFICAÇÃO

A resumida narrativa que se apresentará da língua italiana pauta-se em leituras feitas por Mauro (1969), Lanuzza (1994), Dallari (2009), Alexandra Gonçalves (2011), La Regina (2014), Rodrigues (2018) e Migiliorini (2019 [1960]).

O italiano, hoje, como observa Alexandra Gonçalves (2011), é indiscutivelmente uma língua de cultura, sendo a Itália uma nação de reconhecimento internacional, não só pela tradição sociohistórica construída, mas também pelo fato de a UNESCO ter declarado que “[...] 878 inclusões no patrimônio cultural do mundo, divididas entre patrimônios construídos e naturais, se encontram hoje na Itália” (ALEXANDRA GONÇALVES, 2011, p. 153).

O que escapa, muitas vezes, ao olhar estrangeiro, ainda que reconhecedor, é o legado linguístico-histórico da Itália, que é marcado por um multilinguismo generalizado, fruto de processos seculares de contatos, transmissões e migrações linguísticas. Segundo Alexandra Gonçalves (2011, p. 153), “[m]ais do que uma consequência inevitável do progresso de uma língua, essa multiplicidade que nos assombra é uma prova de resistência às dominações sofridas por tantos séculos”.

Como já dito na subseção anterior, o que está por trás da ideia de italiano, hoje, é o italiano *standard*, o italiano tomado como referência, da elite de Florença, mas isso nem sempre foi assim. O ponto de partida para compreender essa trajetória linguística é a discussão de Dante Alighieri em *De vulgari eloquentia* (Da eloquência vulgar). Sobre essa obra, Dallari (2009) explica que se trata de um texto que pode ser considerado inacabado, escrito pelo autor, em torno do ano de 1305, “[...] no qual ele postula a necessidade de se instituir uma língua de uso público alternativa ao latim. Esta língua deveria estar ancorada na língua comum falada pelas pessoas, chamada então de ‘vulgar’.” (DALLARI, 2009, p. 288).

Na Itália dessa época, a língua em que os principais textos (religiosos, jurídicos, filosóficos, literários etc.) eram escritos era o latim. Assim, o *Da eloquência vulgar* “[...] é um tratado escrito em latim por Dante com o objetivo de escolher um vulgar como língua literária. A escolha do latim deu-se por ser um texto dirigido a intelectuais e o latim ser a língua literária à época” (ALEXANDRA GONÇALVES, 2011, p. 154). Cabe explicar que o que Dante entendia como *vulgar*

[...] cobria indiscriminadamente todas as línguas ágrafas européias, num continuum despreocupado em estabelecer delimitações territoriais específicas. A referência do termo é sempre genérica e imprecisa, mesmo quando acompanhada de um adjetivo:

vulgar florentino, vulgar provençal, vulgar meridional etc. O vulgar contrastava com línguas fixadas pela escrita, como o grego e o latim. As línguas européias só passaram a ser referidas por nomes – o italiano, o francês, o flamengo – a partir do século XVI, com a generalização do processo de gramatização (cf. Auroux, 1992). Assim, quando se dizia que um texto estava ‘escrito em vulgar’, ele poderia estar escrito em qualquer das dezenas de línguas não gramatizadas da Europa medieval (DALLARI, 2009, p. 288).

Como narra Alexandra Gonçalves (2009), logo no início da obra, Dante estabelece cisões entre a língua literária e a vulgar, assumindo que a língua vulgar, de uso corrente, era a mais nobre das duas, e era nela que ele se centraria ao longo de seu texto. Ressalta a autora que não se deve pensar que, em razão disso, Dante pode ser pensado como algum tipo de preconizador do pensamento sociolinguístico, até porque ele não estava em busca de valorizar todas as variadas formas vulgares de se falar o italiano, mas sim de eleger uma dessas, em detrimento de outras, para tornar-se a língua literária, que deveria atender a algumas demandas exigidas pelo autor, entre as quais, ser ilustre, imponente e apropriada.

É justamente essa finalidade de eleger uma variedade para consagrar-se em relação às demais que tira a possibilidade de se dizer que Dante era um sociolinguista antes do tempo. Ainda assim, é possível encontrar na obra reflexões sobre variações diatópicas, diastráticas e diacrônicas que, obviamente, não eram assim chamadas. Leitora direta do italiano, Alexandra Gonçalves (2011) explica que Dante dividiu a Itália em duas partes, com a Cordilheira dos Apeninos sendo tomada como fronteira divisória. O autor propunha que havia, pelo menos, 14 falares diferentes na Itália:

Em uma e na outra parte, e nas terras coligadas, as línguas são diversas: a dos sículos da dos apulianos, a dos apulianos da dos romanos, a dos romanos da dos espoletinos, a sua da dos toscanos, a dos toscanos da dos genoveses, a dos genoveses da dos sardos; não diversamente, a língua dos calabreses da dos anconitanos, e a destes da dos romanholos, a dos romanholos da dos lombardos, a dos lombardos da dos trevisanos e da dos venezianos, a destes da dos aquilenses, e a língua desses últimos da dos istrianos. (...) Parece claro, portanto, que na Itália se diferenciem pelo menos catorze vulgares. (ALIGHIERI, 1998, p. 6 apud ALEXANDRA GONÇALVES, 2011, p. 155-156).

Feito esse levantamento de vulgares, o autor faz a sua busca por aquele que deveria servir de referência. A primeira tarefa do autor, segundo Alexandra Gonçalves (2011), é retirar os chamados arbustos espinhosos. Importa destacar que, nessa busca, o autor italiano praticamente não isenta de críticas nenhum dos falares vulgares, nem mesmo aqueles que, em razão da tradição histórica ou do prestígio social, poderiam ser supervalorizados, como o romano e o florentino.

As menções honrosas que Dante faz são ao vulgar siciliano e ao vulgar bolonhês. São os falares vistos pelo autor como elegantes, por apresentarem algum grau de erudição (na visão do autor) e por apresentarem certo distanciamento da língua falada pelas camadas mais populares:

Mas ele próprio declarará que a forma mais elegante se deve ao fato de, num processo semelhante aos sicilianos, buscar em outras fontes os vocábulos dos quais necessita para fazer suas poesias. Novamente, não se refere à língua falada pelo povo, mas à língua que lê nas poesias de Guido Guinizelli. E por reconhecer que o vulgar que tanto admira não é o vulgar do povo, declara não ser este o vulgar ilustre, pois, se o fosse (1998:23), ‘nunca teriam se afastado [do vulgar] Guido Guinizelli, que é o maior (...) e outros poetas de Bolonha’ (ALEXANDRA GONÇALVES, 2011, p. 157).

Ao final, Dante admite que o vulgar que ele tanto procurou não existia em lugar nenhum. Hoje, isso parece óbvio, pois o autor pautou-se em critérios extremamente subjetivos. Se esses critérios fossem adotados hoje por um linguista, considerando-se os avanços das ciências da linguagem, talvez nem precisasse de uma pesquisa para saber que os critérios adotados por Dante eram inapropriados para a classificação de línguas e dialetos.

Ainda sobre o *Da eloquência vulgar*, cabe ressaltar que nunca houve, por parte de Alighieri, o intuito de fazer um projeto agregador do ponto de vista linguístico, ou mesmo que tivesse a pretensão de salientar alguma expressão do que hoje se chama de italianidade. Sobre isso, Dallari (2009) comenta:

[o] público-alvo do projeto de Dante era socialmente circunscrito aos habitantes das cidades em condições de participar, em alguma medida, do universo da veiculação de idéias e de uma fruição estética mais elaborada. Nem remotamente seu objetivo era prover uma língua comum que viabilizasse a constituição de uma nação. O objetivo, como ele diz expressamente no final do primeiro livro, é elaborar uma língua digna da corte, de ser usada em uma corte. Desse ponto de vista, o projeto de Dante era assumidamente elitista em seus ideais e em seus fundamentos, o que não o impedia de ser generoso em seus propósitos (DALLARI, 2009, p. 293).

Mesmo Dante não tendo encontrado entre os vulgares itálicos aquele que deveria ser a sua língua literária, deixando, assim, o seu trabalho inacabado, “[m]entes brilhantes das mais variadas regiões italianas puseram-se a debater, ora sugerindo o florentino de Petrarca e Bocácio como modelos de poesia e prosa, respectivamente, ora sugerindo o florentino moderno.” (ALEXANDRA GONÇALVES, 2011, p. 18-159). Nessa briga de falares, o florentino acaba vencendo, deixando os outros dialetos em prejuízo de vários níveis e historicamente marcados por estigmas e preconceitos.

No contexto atual, esses dialetos tidos como minoritários são falados de maneira concomitante com a língua oficial, o italiano *standard*. Ilari (1992) explica:

[...] embora sejam falados concomitantemente com uma língua oficial [...], esses dialetos mantêm em relação a ela uma forte autonomia; outro traço é a forte variedade de estrutura: as diferenças estruturais são sensíveis, não só quando se comparam dialetos de grupos distintos, mas também quando se confrontam os de um mesmo grupo [...]. (ILARI, 1992, p. 187).

Rodrigues (2018) explica como os falares minoritários ofereceram, ao longo da história do italiano, contribuições, sobretudo lexicais. Exemplos mencionados pela autora são “[...] o uso das palavras *pizza* e *formaggio*, que prevaleceram sobre as palavras correspondentes de origem toscana *cacio* e *schacciata*.” (RODRIGUES, 2018, p. 182, grifos da autora). Esses usos, em alguns casos, revelam-se como escolhas linguísticas, o que caracteriza uma atitude do falante à sobreposição do falar florentino aos demais.

A situação linguística da Itália e o pluricentrismo que caracteriza a história da língua portuguesa são usados por Bossaglia (2019, p. 22), no livro *Linguística Comparada e Tipologia*, para explicar o processo de caracterização e quantificação de línguas e dialetos, considerando as tensões entre os pontos de vista linguísticos e políticos. Diz a autora que, para quantificar as línguas, pode se usar o “critério - puramente linguístico – da inteligibilidade mútua”. No entendimento de Bossaglia (2019), o fato de os falantes do português brasileiro compreenderem com notável facilidade os luso-falantes de outras localidades faz com que essas variedades do português, de um ponto de vista sistêmico, não possam ser consideradas línguas diferentes, e sim dialetos da mesma língua portuguesa.

Sabe-se que essa consideração acerca do português está longe de ser ponto pacífico entre os estudiosos da língua, mas vale ressaltar o contraponto que a autora faz dessa situação àquela que acontece na Itália:

O critério da inteligibilidade mútua, contudo, pode não ser suficiente – ou ainda não ser considerado. É o caso da situação linguística da Itália: além do italiano e de suas variedades regionais, existem hoje cerca de trinta e outras línguas que foram chamadas “dialetos” dentro de certa tradição, já ultrapassada, que usava o termo para distingui-los da legítima *língua* italiana. De fato, em linguística, o termo “dialeto” é utilizado, seguindo a tradição anglo-saxônica, principalmente como sinônimo de variedade diatópica (i.e. geográfica: por exemplos, os dialetos mineiro e paulista do português brasileiro [...]) de uma língua. Os dialetos italianos não correspondem, porém, a variedades da língua padrão: se se aplicasse o critério de inteligibilidade mútua, eles seriam considerados “línguas” para todos os efeitos. Se falantes de regiões italianas diferentes falarem entre si utilizando suas variedades da língua padrão, se entenderão perfeitamente; entretanto, se falarem cada um o próprio dialeto, a compreensão estará completamente prejudicada. A razão pela qual os dialetos italianos não receberam o *status* de “língua”, portanto, não se coloca no plano linguístico, mas deve-se à própria história do país: depois de muitos séculos de extrema fragmentação política e linguística, a Itália só foi unificada em 1861. Para garantir o sucesso da unificação, a imposição de uma única língua nacional em detrimento de outras presentes no território contribuiu para que elas tivessem seus âmbitos de uso cada vez mais restritos. Atualmente, só em algumas regiões os dialetos continuam vivos em todos os âmbitos de comunicação, ao lado do italiano, sendo que, sobretudo nos contextos mais urbanizados, seu domínio de uso, configura-se como menos amplo que o do italiano.

O termo “dialeto”, em um caso como o da Itália, contém um juízo de valor implícito sobre essas línguas, aparentemente “não suficientemente línguas”, que hoje em dia é felizmente ultrapassado (BOSSAGLIA, 2019, p. 23, grifos da autora).

A despeito da conclusão, relativamente inocente e generosa, de que a concepção negativa de dialeto é algo visto como ultrapassado atualmente, Bossaglia (2019) consegue nessa passagem explicar as tensões linguísticas e políticas que perpassam a história das línguas na Itália, marcada pela sobreposição do falar de uma localidade, em detrimento de tantos outros.

7.2 OS ESQUEMAS E SUBESQUEMAS [[X]-AI-]_N: POLISSEMIA E FUNCIONAMENTO DE UM FORMATIVO DA ELOQUÊNCIA VULGAR

Começa-se esta descrição dos dados, fazendo a apresentação dos estudos anteriores sobre o sufixo *-aio*. Os trabalhos encontrados foram: Spinelli (1940), Rohlfs (1969), Lo Duca (2004), Scalise e Bisetto (2008) e Magni (2008). Consultadas as gramáticas históricas de D’Ovidio e Meyer-Lübke (1906), Castellani (2000), D’Achille (2001) e Patota (2002), não se viram comentários sobre o sufixo estudado. Em verdade, nessas três obras, não há descrição de formação de palavras no italiano.

Em alguns casos, são apenas ligeiras menções ao formativo. É o caso do pequeno manual *Morfologia essencial da língua italiana*, de Spinelli (1940), que dedica uma pequena seção à formação de palavras. Quanto ao sufixo *-aio*, o autor o descreve junto aos seus cognatos na língua italiana, como se pode ver no excerto a seguir:

para indicar a pessoa agente: ARIUS latino, de que provem ario, aro, aio, iere, iero; português ario, eiro: breviario, marinaio, marinaro, portiere (breviário, marinheiro, porteiro). (SPINELLI, 1940, p. 105, grifos do autor).

O manual de Spinelli (1940), como um todo, é tão sintético quanto essa descrição feita do sufixo *-aio*. É uma obra de pouco mais de cem páginas, para dar conta de aspectos morfológicos, fonológicos e sintáticos da língua italiana. É uma obra feita no Brasil, sem muito rigor linguístico. Por isso, a descrição soa um tanto simplória.

Diferente dessa perspectiva, há a já mencionada obra de Rohlfs (1969). Na sua *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti (Sintassi e formazione delle parole)*, o autor destaca conjuntamente os cognatos de origem vulgar ‘-aio/-aro’. Ainda que Rohlfs (1969) separe as formas masculinas das femininas, não há, para efeito de classificação

semântica, resultados que façam persistir essa distinção. Dessa forma, apresenta-se uma sumarização da análise feita pelo autor, sem entrar nesse meandro, por assim dizer.

Rohlf (1969) inicia a sua descrição, mencionando a mudança fonética ‘arius > aio’ e a herança semântica do significado de profissional que as palavras formadas X-*aio* possivelmente herdaram do latim. Alguns exemplos são: *macellaio*, *molinaio*, *fioraia*, *lavandaia*. O autor comenta que, em algumas regiões da Itália, o sufixo é usado para indicar nomes de habitante, sinalizando, portanto, o significado de ‘gentílico’. São registrados *fioraio* (habitante de Santa Fiora), *sanmartinaio* (habitante de San Martino) e *sanprugnanaio* (habitante de San Prugnano). Esse significado não apareceu nos dados analisados até aqui. Isso é dizer que não apareceu, nem no latim nem no romeno, mas seria o equivalente a construções do português, como ‘brasileiro’¹³⁹ (natural ou habitante do Brasil) e do castelhano, como ‘cartagenero’¹⁴⁰ (natural de Cartagena).

Se tomadas todas as subcategorias de ‘agentes/humanos’ que foram abordadas até agora, pode-se dizer que a proposta de Rohlf (1969) só considera a de PROFissionais e, da forma como o autor apresenta, a de GENTÍlicos. Não há, então, menção ou equivalência a HABITUAIS (frequentativos), CIRCUNSTANCIAIS, BENEFICIÁRIOS ou EXPERIENCIADORES. De todo modo, o autor entende que gentílicos e profissionais aproximam-se de alguma maneira. Isso dever-se-ia a uma elipse do substantivo ‘uomo’(homem), ao longo da história da língua (italiana):

Uma vez que, em nomes de habitantes e naqueles que indicam profissões, há uma supressão da noção de ‘homem/humano’, é possível que, naqueles nomes que indicam lugares possa também ter havido supressão. *Granaio* (celeiro) deriva, por exemplo, de *locus granarius*. Da mesma forma, aconteceu com *pollaio* (galinheiro), *pagliaio* (palheiro), *letamaio* (monturo¹⁴¹), *ghiacciaio* (geleira), *formicaio* (formigueiro), *granocchiaio*¹⁴² (terreno não cultivado e pantanoso), *vespaio* (vespeiro) [...]. (ROHLFS, 1969, p. 393, grifos do autor, tradução nossa).¹⁴³

¹³⁹ Dado coletado no *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa*, de Houaiss e Villar (2009), que serve de base para a constituição do *corpus* de análise da língua portuguesa.

¹⁴⁰ Dado coletado no *Diccionario de la Lengua Española*, da Real Academia Española (2011), que serve de base para a constituição do *corpus* de análise da língua espanhola.

¹⁴¹ Segundo Houaiss e Villar (2009), ‘lugar onde se deposita lixo’.

¹⁴² Essa palavra foi encontrada no *Tommaseo-Bellini*: volume II, que integra o dicionário eletrônico *lo Zingarelli 2008 – Vocabolario della lingua italiana*. O verbete ‘granocchiaio’ traz o seguinte significado: ‘Terreno inculto e paludoso’.

¹⁴³ “Come nei nomi di abitanti e in quelli che indicano un mestiere è caduta la nozione di ‘uomo’, così anche quella di luogo può venire soppressa. *Granaio* deriva ad esempio da un *locus granarius*. Nello stesso modo si è avuto *pollaio*, *pagliaio*, *letamaio*, *ghiacciaio*, *formicaio*, *granocchiaio*, *vespaio*” [...]. (ROHLFS, 1969, p. 393, grifos do autor).

Essa ideia de supressão a que Rohlfs (1969) se reporta já foi explicada na seção destinada ao desenvolvimento do esquema ainda na língua latina. A ideia é de que havia um sintagma nominal com um padrão [SUBST + ADJ], em que o substantivo tinha um significado sempre genérico e o adjetivo era sempre um derivado *X-ārīus* com significado relacional que especificava o substantivo. Com o tempo, o nome sofreu eclipse e foi apagado, e o antes qualificador assumia a posição de núcleo do sintagma. Assim, da mesma maneira que teria havido a mudança ADJETIVO > AGENTE, teria havido ADJETIVO > LOCATIVO.

É óbvio que a descrição de Rohlfs (1969) não se pauta em termos de mecanismos de cognição, mas, ao propor que os LOCATIVOS tenham se derivado diretamente dos ADJETIVOS, o autor coloca-se como uma sensível oposição ao que, normalmente, é dito em relação a essa extensão de significado nas construções *X-ārīus* e derivadas. Almeida e Gonçalves (2005), Pizzorno (2010), Viaro (2011), Soledade (2013), Simões Neto (2016) e Tavares da Silva (2017), quando tratam do correspondente português *X-eir-*, seguem mais a tendência de assumir um percurso metonímico ADJETIVO > AGENTE > LOCATIVO.

Não se pode dizer que Rohlfs (1969) está errado em sua análise. Tampouco pode ser dito que todos os outros autores estão errados. O fato é que, quando se trata de Morfologia Histórica, cada palavra pode ter tido uma história e, do ponto de vista cognitivo, os dois fluxos podem acontecer. Isso é dizer que pode haver, no italiano, locativos que tenham derivado tanto dos adjetivos quanto dos agentes. Também a respeito dos locativos *X-aiō*, Rohlfs (1969, p. 393-394) destaca aqueles que designam especificamente lugares em que plantas crescem em grande quantidade. São os casos de *abetaia*, *felciaio*, *frangolaia*, *olmaia*, *ginestraio*, *orticaio*, *scopaio*, *spinaio*.

Ainda na descrição de Rohlfs (1969), curiosas são as categorias semânticas de mês (*gennaio* e *febraio*), carro (*bagagliaio*) e recipiente (*calamaio*), com tão poucos exemplos. O autor não faz qualquer menção à improdutividade dessas categorias. No entanto, destaca a escassez do significado ‘planta’. O autor menciona que, no toscano vulgar, *rosaio* significa ‘coletivo de roseiras’, e não ‘uma roseira’. O único exemplo de planta que o autor dá para o toscano é *ficaia* (figueira). Quando leva em consideração o multilinguismo da Itália, o outro exemplo lembrado por Rohlfs (1969) é do elbano *nociaio* (nogueira).

Os trabalhos seguintes, de Lo Duca (2004), Scalise e Bisetto (2008) e Magni (2008) e Magni (2008), são todos de orientação gerativista. Por uma coerência cronológica, o primeiro a ser observado, dentre eles, é o de Lo Duca (2004). Esse texto integra o livro *La formazione delle parole in italiano*, editado por Grossmann *et al* (2004). Trata-se de uma coletânea em que vários autores descrevem aspectos diferentes da morfologia italiana. No capítulo destinado à

sufixação, Lo Duca (2004) descreve as partes destinadas aos nomes de agente, de instrumento e de lugar. Essa explicação introdutória já dá uma pista dos significados previstos pela autora para as construções *X-aió*.

A narrativa de Lo Duca (2004) se inicia com a gênese fonética *arius* > *aió*, mencionando a passagem do significado adjetivo-relacional para o substantivo-profissional. A autora observa que, na história do italiano *standard*, houve uma época em que as formas *X-aió* conviviam tranquilamente com as formas *X-aro*, mas não se pode negar que o *-aió* foi muito mais afortunado, fato que Lo Duca (2004) comprova em datas de primeira atestação em dicionário de referência do italiano. Há palavras atestadas desde o século XI até o XX, o que ratifica a vitalidade do sufixo na língua.

Contributo interessante do texto de Lo Duca (2004) é a descrição dos traços semânticos da base das construções agentivas. Segundo a autora, há uma tendência de os *inputs* serem substantivos do tipo [+ comum], [+ concreto] e [+contável]. O traço de animacidade, no entanto, seria menos categórico, pois fica mais restrito às formações mais antigas, relacionadas à economia rural e ao comércio e ao cuidado de animais. Exemplos de Lo Duca (2004) são *pecoraio* (significado da base: ovelha), *porcaio* (significado da base: porco), *asinaio* (significado da base: asno), *bufalaio* (significado da base: búfalo), *camosciaio* (significado da base: camurça), *capraio* (significado da base: cabra), *cavallaio* (significado da base: cavalo), *vaccaio* (significado da base: vaca), *vitellaio* (significado da base: bezerro).

Ainda em relação à base, a autora menciona que essas tendem a ser substantivos transparentes tanto do ponto de vista semântico quanto morfológico. Porém, em alguns casos, isso não acontece. São os casos das palavras que tomam palavras já derivadas ou compostas, como “*cest-in-aió, coltell-in-aió, pan-ett-aió*, (da *panetto di burro*), *carr-ett-aió, piastr-ell-aió, berr-ett-in-aió, carr-ett-on-aió*,[...] *manz-ol-aió* e *marm-ol-aió*.” (LO DUCA, 2004, p. 195, grifos da autora).

Em uma busca no *Dizionario di Parole Nuove*, Lo Duca (2004) nota uma diminuição na produtividade do ‘-aió’ na formação de agentes profissionais, sobretudo se comparado às formações em ‘-ista’. A autora encontra três neologismos de profissionais *X-aió*, *enotecaio*, *tessutaio* e *effimeraio*, em posição a 400 *X-ista*. Essa diminuição talvez se deva ao aspecto pouco especializado que as profissões *X-aió*, assim como as *X-eiro* do português, parecem exhibir. Como no mundo contemporâneo, estão sendo exigidos níveis cada vez mais altos de instrução dos profissionais, as designações dessas profissões parecem acompanhar essas tendências.

A última questão levantada por Lo Duca (2004) sobre o significado agentivo de ‘-aio’ diz respeito às relações com outros sufixos italianos, mais precisamente aos *doublets* morfológicos que, na maioria das vezes, tratam-se de variações diatópicas, como *benzinaio/benzinaro*, *caciottaio/caciottaro*, *vongolaio/vongolaro*, *benzinaio/benzinaro*, *caciottaio/caciottaro*, *vongolaio/vongolaro*, *salumaio/salumiere*, *ceraio/ceraio*, *rottamaio/rottamista*, *bancarellaio/bancarellaro/bancarellista*. Há casos, no entanto, que a diferença entre sufixos agentivos sobre uma mesma base aponta para significados diferentes: *giornalaio* (jornaleiro)/*giornalista* (jornalista) e *carbonaio* (vendedor de carvão) / *carboniere* (minerador).

Em relação ao significado INSTRUMENTO de ‘-aio/-aia’, o que Lo Duca (2004) menciona é pouco, uma vez que a autora nem chega a dar grande destaque a esse sufixo. Os sufixos que *recebem os louros* da autora nessa categoria são os cognatos ‘-iere/ -iera’ (*bistecchiera*, *pallottoliera*). Sobre o ‘-aio/-aia’, que teria como exemplos de instrumentais *mortaio*, *telaio*, *chiodaia*, *rotaia*, *cilindraia*, *vomeraia*, Lo Duca (2004) comenta que “[...] o significado instrumental é tão raro que pode, em nossa humilde opinião, ser considerado casual” (LO DUCA, 2004, p. 233, tradução nossa)¹⁴⁴. Isso é dizer que, na visão da autora, o significado INSTRUMENTO é improdutivo no italiano.

Por último, no que toca ao significado LOCATIVO de ‘-aio/-aia’, a autora observa que, ao longo da história da língua italiana, esse manteve-se produtivo, o que se percebe nas primeiras atestações de certas palavras, como *bagagliaio*, *braciaio*, *ceneraio*, *erbaio*, *ghiacciaio*, *letamaio*, *nevaio*, *pollaio*, *secchiaio*, *vespaio*, e na vitalidade de formações mais recentes como *bietolaio*, *medicaio*, *spagnaio*, *sterpato*, *trifogliaio*, datadas entre 1940 e 1962, com o significado de ‘campo cultivado de’ ou ‘campo cheio de’.

Lo Duca (2004) chama à atenção a concorrência semântica entre os significados de LOCATIVO e AGENTE em palavras *X-aio*. Para a autora, em muitos casos, a competência linguística do falante por si só não é suficiente para balizar a categorização semântica devida das construções:

[...] esta dupla possibilidade é tão forte e tão presente à percepção sincrônica que, se confrontados com muitas formações em *-aio* a nós desconhecidas, nossas predições sobre o significado geral da palavra serão, muitas vezes, contraditas pela resposta dos dicionários: com base em que podemos prever que *polipaio* é um locativo e *vongolaio* é um agente? Ou que *patataio* é um agente enquanto *pisellaio* e *rapaio* são dois locativos? Se não tivermos experiências diretas com essas atividades de trabalho

¹⁴⁴ “[...] l'esito strumentale è talmente raro da potere, a nostro modesto parere, essere considerato casuale.” (LO DUCA, 2004, p. 233).

específicas, o nosso conhecimento linguístico não é suficiente para resolver a questão. (LO DUCA, 2004, p. 235, tradução nossa, grifos da autora)¹⁴⁵.

Mesmo a autora mencionando esse impasse na análise linguística, não é vislumbrada uma solução para a questão. É importante, ainda, mencionar que Lo Duca (2004) faz um recorte de gênero gramatical sobre esse deslize semântico. Observa a autora que o deslocamento LOCATIVO/AGENTE só acontece com as formas *X-aio* de gênero gramatical masculino, ao passo que as construções *X-aia* tendem a formar locativos que não se referem a um antecedente agentivo. Há, em muitos casos, a ideia de ‘lugar onde se conserva ou se faz algo relacionado à base’. Por fim, a autora observa a noção de ‘lugar de onde se cria ou cultiva’, que se viu em *X-aio*, também é vista nas construções *X-aia*, como se pode ver no trecho a seguir:

[...] palavras como *capponaia*, *colombaia*, *conigliaia* o *abetaia*, *canapacciaia*, *cavolaia*, *fungaia*, *limonaia* designam os lugares em que os animais ou as plantas a que se referem os respectivos nomes das bases são criados ou cultivados. Mais raramente, estes derivados podem designar as tocas (*volpaia*) ou os lugares preferivelmente habitados por certas espécies animais (*ranocchiaia*) (LO DUCA, 2004, p. 236, tradução nossa, grifos da autora).

Assim como Lo Duca (2004), a descrição de Scalise e Bisetto (2008) trabalha com dois grandes grupos de afinidade semântica produtivos para este sufixo italiano: AGENTE e LOCATIVO. Importa mencionar que os autores usam as notações *-aio₁* e *-aio₂*, o que sugere que interpretam os significados dentro de uma abordagem homonímica, e não polissêmica. Exemplos dos autores são apresentados no Quadro 17.

Quadro 17 – Exemplos de palavras *X-aio* no italiano

a.	bancarellaio	b.	letamaio
	benzinaio		pagliaio
	burattinaio		formicaio
	lattaio		gallinaio
	castagnaio		ginepraio
	giocatollaio		mondezzaio

Fonte: Scalise e Bisetto (2008, p. 103, com adaptações).

¹⁴⁵ “[...] questa doppia possibilità è talmente forte e ancora talmente presente alla sensibilità moderna, che posti di fronte a molte formazioni in *-aio* a noi sconosciute, le nostre previsioni sul significato complessivo della parola sono state spesso smentite dal responso dei dizionari: sulla base di quali indizi si sarebbe infatti potuto prevedere che *polipaio* è un luogo mentre *vongolaio* è un agente? O che *patataio* è un agente mentre *pisellaio* e *rapaio* sono dei luoghi? Se non abbiamo esperienze dirette di queste particolari attività lavorative, il ricorso alle nostre competenze linguistiche non basta a sciogliere gli enigmi.” (LO DUCA, 2004, p. 235, grifos da autora).

Um ponto interessante trazido pelos autores é que, embora a semântica geral do sufixo que eles chamam de *-aio*₁ seja de ‘que está envolvido em atividade relacionada a’, o conhecimento enciclopédico acerca de cada palavra estabelecerá a melhor paráfrase.

O exemplo dos autores para isso é *bancarellaio*. Não se pode dizer que *bancarellaio* é alguém que se trata de um vendedor ou reparador de ‘bancarelle’ (barracas), somente pelo fato de esse ser o significado mais comum das palavras construídas com *-aio*. Como explicam Scalise e Bisetto (2008), o conhecimento sobre um *bancarellaio* permitirá ao falante compreender que se trata de um vendedor que trabalha em uma barraca, particularizando, de alguma maneira, essa paráfrase.

Em relação ao *-aio*₂ cujo significado é locativo, Scalise e Bisetto (2008) comentam:

O significado de *-aio* locativo, que podemos indicar como *-aio*₂, pode se definir como ‘lugar onde se encontra X’, onde X representa as entidades indicadas pelos nomes das bases/*inputs*. Os nomes das bases/*inputs* desses derivados têm características não uniformes: *letame*, *paglia*, *ginepro* e *mondezza* são [- animado] e, portanto, diferentes de *formica* e *gallina* que são [+ animado], porém são nomes que indicam entidades passíveis de permanecer em lugares específicos. Por isso, há a possibilidade de serem selecionadas pelo sufixo *-aio* com traço [+ locativo] (SCALISE E BISETTO, 2008, p. 104, tradução nossa)¹⁴⁶.

Os autores concluem a descrição do sufixo, mencionando que será o conhecimento enciclopédico que fará com que o falante decida se uma palavra poderá ou não servir de base para uma regra geradora de derivados *X-aio* locativos. Interessante perceber que, nos dois casos levantados por Scalise e Bisetto (2008), a ideia de um conhecimento estritamente linguístico mostra-se insuficiente, mas, ainda assim, os autores preferem investir em um quadro de regras lexicais de base e produto unitários em que o conhecimento linguístico e o enciclopédico são separados na mente dos falantes.

A última descrição encontrada do sufixo *-aio* é de autoria de Magni (2008). Trata-se do artigo *Conservazione e innovazione nella morfologia derivazionale dell’italiano: analisi sincronica e diacronica del suffisso -aio* (Tradução nossa: *Conservação e inovação na morfologia derivacional do italiano: análises sincrônica e diacrônica do sufixo -aio*), que começa com a autora retomando o trabalho de Lo Duca (2004). Destaca, do ponto de vista sincrônico, a polissemia do sufixo *-aio* e a alta variabilidade categorial dos bases/*inputs* nas

¹⁴⁶ “Il significato di *-aio* locativo, che possiamo indicare come *-aio*₂, sí può definire come ‘luogo in cui si trovano degli X’, dove X sta per le entità indicate dai nomi di base. I nomi di base di questi derivati hanno caratteristiche non uniformi: *letame*, *paglia*, *ginepro* e *mondezza* sono [- animato] e quindi diversi da *formica* e *gallina* che sono invece [+ animato], tuttavia sono nomi che indicano entità che sappiamo poter stare in luoghi specifici. Da qui la possibilità di poter essere selezionati dal suffisso *-aio* caratterizzato dal tratto [+ locativo].” (SCALISE E BISETTO, 2008, p. 104).

palavras derivadas com o formativo referido. A respeito da questão das bases, resume Magni (2008):

[c]omo observa Lo Duca (2004: 195), o sufixo forma nomes de agentes a partir de bases que, geralmente, apresentam os traços [+ comum], [+ concreto], [+ contável], [-animado] (cf. *vinaio, fioraio*, etc). Mas a estudiosa não ignora a presença de bases que são zoônimos (*asinaio, pecoraio*, etc), sobretudo nas formações mais antigas. O sufixo também pode se concatenar a nomes abstratos (*usuraio, marinaio*, etc.) e não contáveis (*lattaio, benzinaio*, etc) (MAGNI, 2008, p. 497, tradução nossa, grifos da autora)¹⁴⁷.

Ainda sobre a questão das bases, a autora continua na leitura do trabalho de Lo Duca (2004), na tentativa de elencar as categorias morfolexicais e semânticas mais frequentes e mais incomuns na construção de derivados *X-aio* AGENTIVOS e LOCATIVOS. A respeito dos AGENTIVOS, a autora comenta:

[p]revalentemente os derivados designam profissionais “a partir da «entidade» (animais, plantas, substâncias, alimentos, frutos) a que a atividade do referido agente se aplica” (Lo Duca, 2004: 196): Mas as raras formações de bases compostas (*peracottaio, buongustaio, guerrafondaio, versiscioltaio, pastasciuttaio*) e adverbiais (*dirimpettaio*), indicam um comportamento semântico distinto, porque atribuem ao agente um comportamento habitual, e não uma função (MAGNI, 2008, p. 497, tradução nossa, grifos da autora)¹⁴⁸.

A respeito desse excerto do texto de Magni (2008), cumpre ressaltar que a autora foi a primeira dos morfólogos italianos a mencionar o aspecto habitual em formações *X-aio*. O único problema da análise talvez seja o fato de isso estar sendo condicionado a um aspecto formal da base, passando a ligeira e errônea impressão de que bases simples não participam de construções com significado AGENTE HABITUAL.

No que a toca à relação entre *input*/base e os derivados de significado LOCATIVO, Magni (2008) faz as seguintes considerações:

[q]uando a base é um zoônimo, é frequente o significado locativo (*pollaio, formicaio*, etc), às vezes também com um valor negativo (*pulciaio, cimiciaio*, etc.). Além disso, a coexistência dos significados de agente e lugar é uma ‘dupla possibilidade [...] muito recorrente e também presente à percepção contemporânea’ (Lo Duca, 2004: 235) para determinar a ambiguidade interpretativa ocasional (*serpaio, viperaio, cavolaio*, mas também *cellaio, rottamaio*, etc). A subcategoria de nomes de lugar apresenta uma

¹⁴⁷ “Secondo quanto osserva Lo Duca (2004: 195), il suffisso forma nomi di agente a partire da basi che, generalmente, presentano i tratti [+comune], [+concreto], [+numerabile], [-animato] (cf. *vinaio, fioraio*, etc.). Ma alla studiosa non sfugge la presenza di basi costituite da zoonimi (*asinaio, pecoraio*, etc.), soprattutto nelle formazioni più antiche. Inoltre, il suffisso può appendersi anche a nomi astratti (*usuraio, marinaio*, etc.) e non contabili (*lattaio, benzinaio*, etc.)” (MAGNI, 2008, p. 497).

¹⁴⁸ “Prevalentemente i derivati designano mestieri ‘a partire dalle «entità» (animali, piante, sostanze, alimenti, frutti) sulle quali l’attività di tali agenti si esplica’ (Lo Duca, 2004: 196). Ma le rare formazioni da basi composte (*peracottaio, buongustaio, guerrafondaio, versiscioltaio, pastasciuttaio*) e avverbiali (*dirimpettaio*), indicano un diverso esito semantico, poiché assegnano all’agente un comportamento abituale, non una funzione.” (MAGNI, 2008, p. 497).

semântica bastante articulada, que inclui a designação de espaços circunscritos em que se coloca, acumula, cria, cultiva, produz, aquilo que é indicado pela base (*bagagliaio, letamaio, ghiacciaio, pollaio, bietolaio*, etc.). (MAGNI, 2008, p. 497, tradução nossa, grifos da autora)¹⁴⁹.

No trecho selecionado, Magni (2008) chama a atenção para o fato de que as bases que designam animais, os ditos zoônimos, tendem a gerar derivados LOCATIVOS. Além disso, a autora cria uma subespecificação semântica bastante alargada de locativos com base no tipo de atividade que se realiza nos lugares designados.

Ainda do ponto de vista sincrônico, Magni (2008) retoma a questão da sobreposição e especialização semântica que Lo Duca (2004) menciona, a partir do recorte de gênero gramatical, sinalizando que as formas *X-aio* tendem muito mais a reunir os significados AGENTE e LOCATIVO do que *X-ai*, que tende a ser mais LOCATIVO. Em termos de aproximação, a autora observa que as duas formas exibem o significado de INSTRUMENTO: “[a]mbos os sufixos derivam também uma série de nomes de instrumentos, às vezes semanticamente próximos aos *nomes de lugares* (*acquaio, arcolaio calamaio, cucchiaio, mortaio, salvadanaio, caldaia, chiodaia, cilindraia, grondaia, piattaia, rotaia, vomeraia*).” (MAGNI, 2008, p. 498, tradução nossa, grifos da autora)¹⁵⁰.

Encerrada a análise sincrônica do sufixo, do ponto de vista diacrônico, Magni (2008) procura analisar qual foi o fluxo de mudança semântica. Para isso, retoma o trabalho de Dressler (1986) sobre a polissemia dos agentivos. Para esse autor, há uma regularidade na extensão de sentidos de afixos agentivos, que poderia ser representada seguinte maneira: AGENTE > INSTRUMENTO > LUGAR/ORIGEM.

Na leitura que Magni (2008) faz de Dressler (1986, p. 527), a base cognitiva dessa tipologia é a maneira como os falantes interpretam os eventos. De maneira geral, todo evento da vida humana tem um agente. A partir dessa noção de agente, o autor sugere uma escala unidirecional em que o agente humano é o mais prototípico, seguido de agentes animais, depois plantas que produzem frutos, então agentes impessoais, seguidos de instrumentos, e, finalmente, relações locativas ou de origem. Nessa hipótese, destacam-se: (i) a frequência

¹⁴⁹ “Quando la base è uno zoonimo, è frequente il significato locativo (*pollaio, formicaio*, etc.), talora anche con una valenza negativa (*pulciaio, cimiciaio*, etc.). Inoltre, la coesistenza dei significati di agente e luogo, è una “doppia possibilità [...] talmente forte e ancora talmente presente alla sensibilità moderna” (Lo Duca, 2004: 235) da determinare occasionali ambiguità interpretative (*serpaio, viperaio, cavolaio*, ma anche *cellaio, rottamaio*, etc.). La sottocategoria dei nomi di luogo presenta una semantica piuttosto articolata, che include la designazione di spazi circoscritti in cui si colloca, accumula, raccoglie, alleva, produce, ciò che è indicato dalla base (*bagagliaio, letamaio, ghiacciaio, pollaio, bietolaio*, etc.).” (MAGNI, 2008, p. 497).

¹⁵⁰ “Entrambi i suffissi derivano inoltre un manipolo di nomi di strumento, talora ambigualmente vicini ai *nomina loci* (*acquaio, arcolaio calamaio, cucchiaio, mortaio, salvadanaio, caldaia, chiodaia, cilindraia, grondaia, piattaia, rotaia, vomeraia*).” (MAGNI, 2008, p. 498).

relativa dos significados para o estabelecimento de um protótipo; (ii) a primazia do significado de agente no processo de aquisição; (iii) um caminho unidirecional de extensão de significados.

Ao aplicar a formulação de Dressler (1986) à história de ‘-aio’, no entanto, a autora comenta que

[...] algumas das questões argumentadas não se adaptam ao *-aio*, que deriva muitíssimos agentivos, raros nomes de instrumentos e muitos nomes de lugar, e sobretudo não apresenta nenhum vestígio do desenvolvimento semântico teorizado, dado que as três funções coexistiam, desde o início, no latim *-arius* (MAGNI, 2008, p. 498, tradução nossa, grifos da autora)¹⁵¹.

Como observa Magni (2008), Dressler (1986) tenta criar uma explicação tipológica em que os significados de AGENTE são obrigatoriamente os menos marcados de uma escala unidirecional, ao passo que LOCATIVOS são os mais marcados semanticamente. Isso não explicaria, segundo a autora, o porquê de haver locativos *X-aio* gerados sem passar por uma etapa de agente ou de instrumento. Ou mesmo um instrumento que não passou pela noção de agente. Nessa perspectiva, Magni (2008) sugere que sejam tomadas muitas cautelas com essas especulações generalizantes, sobretudo em termos de fluxos cognitivos, uma vez que, não raramente, o que os dados sugerem pode ser completamente contradito pelos dados diacrônicos.

Em busca de sinalizar possíveis problemas em assumir um categórico *continuum* de mudança semântico-morfológica, a autora compara os dados de *X-ari-*, de língua latina, com os *X-ai-*, de língua italiana. Fato observado por Magni (2008, p. 499) é que, desde o latim, o sufixo apresenta alta variabilidade nos *inputs*, tomando como bases substantivos (*liber* → *librarius*), adjetivos (*falsus* → *falsarius*), advérbios (*contra* → *contrarius*) e verbos (*intercalo* → *intercalarius*). Essa tendência, como já foi visto, manteve-se no italiano.

Não se abordará aqui todo o processo descritivo da autora em relação ao latim, pois nem tudo se atina ao italiano, foco de interesse desta seção. No que toca ao início adjetival das construções, ela não apresenta nada de diferente em relação ao que se disse na seção referente aos esquemas [[X]-ari-]_N. O que Magni (2008) traz de novo para a discussão é o questionamento se a passagem de ADJETIVO para SUBSTANTIVO nos derivados *X-ari-*, ainda no latim, deu-se por um processo histórico de elipse no sintagma nominal, como defende a maioria dos autores, ou por uma conversão categorial sistemática, que fez com que se gerassem regras independentes e não relacionadas. Magni (2008) apoia a conversão, pois entende que se trata de:

¹⁵¹ “[...] alcuni di questi argomenti non si adattano ad *-aio*, che deriva moltissimi agentivi, rari nomi di strumento e molti nomi di luogo, e soprattutto non reca traccia dello sviluppo semantico teorizzato, dato che le tre funzioni coesistono sin dall’origine nel latino *-arius*.” (MAGNI, 2008, p. 498).

[...] um curto-circuito referencial, impulsionado por implicações previsíveis e indicações formais transparentes, enquanto a elipse é um processo de duas etapas que explicita uma relação de solidariedade menos imediata e clara entre uma qualidade e um referente. Quando as pistas contextuais, culturais ou formais escapam, devido à falta de familiaridade com a esfera material e enciclopédica, ou devido à reduzida flexibilidade do adjetivo, o recurso às elipses torna-se uma verdadeira necessidade "exegética". (MAGNI, 2008, p. 502, tradução nossa)¹⁵².

Ao defender uma conversão sistemática na história do sufixo, a autora ignora a possibilidade de existência de formações *X-ai* adjetivais e esquematiza os derivados com base em três grupos de afinidade semântica: agente (A), locativo (L) instrumento (I) e uma série de traços semânticos das bases. O Quadro 18 foi adaptado da tabela vista em Magni (2008, p. 503), a fim de sintetizar a sua proposta de classificação.

Quadro 18 – Os significados sufixo italiano *-ai* na proposta de Elisabetta Magni

TRAÇOS DA BASE				EXEMPLOS	TIPO
comum	concreto	individual	animado		
+	-	-	-	<i>marinaio, benzinaio, -ai</i>	A
+	+	-	-	<i>benzinaio, lattaio, -ai</i>	A
+	+	+	-	<i>libraio, fioraio, -ai</i>	A
+	+	+	+	<i>asinaio, bambinaia</i>	A
+	+	±	+/-	<i>serpaio, rottamaio</i>	A/L
+	+	±	+	<i>formicaio, colombaia</i>	L
+	+	-	-	<i>nevaio, legnaia, risaia</i>	L
+	+	-	-	<i>calamaio, caldaia</i>	I

Fonte: Magni (2008, p. 503, traduzido e adaptado).

Feitos os levantamentos de alguns trabalhos já realizados sobre o *-ai*, passa-se, agora, à análise dos dados desta Tese. O primeiro diferencial, em relação às análises anteriores, é o destaque dado a construções adjetivais. São formas que o Zingarelli 2008 introduziu como adjetivos. Ao todo, foram encontrados 28 [[X]-ai-]_A. A Tabela 21 mostra a distribuição da frequência desse esquema dominante.

¹⁵² “[...] un cortocircuito referenziale pilotato da implicazioni prevedibili e indicazioni formali trasparenti, mentre l’ellissi è un processo in due fasi che esplicita un rapporto di solidarietà meno immediato e perspicuo tra una qualità e un referente. Quando gli indizi contestuali, culturali o formali sfuggono, per la scarsa familiarità con l’ambito materiale ed enciclopedico, o per la ridotta flessibilità dell’aggettivo, il ricorso all’ellissi diventa una reale esigenza ‘esegetica’” (MAGNI, 2008, p. 502).

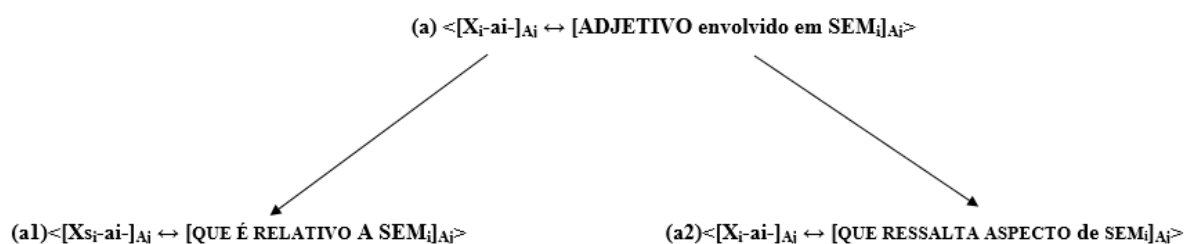
Tabela 21 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo X-ai- no italiano

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	18	64,29
Ressaltados	10	35,71

Exemplos do tipo RELATIVO são: *acquaio* (ITA0004: que traz água), *carr aio* (ITA0100: que viabiliza o trânsito de carros), *ceraio* (ITA0124: que produz cera), *fecciaio* (ITA0182: relativo à sujeira), *fien aio* (ITA0191: relativo ao feno), *lombric aio* (ITA0263: relativo às lombrigas), *melaio* (ITA0294: de mel), *pellicciaio* (ITA0361: da pele), *porcilaia* (ITA0397: de porco), *pretaio* (ITA0399: clerical) e *tavernaio* (ITA0484: relativo à taberna).

No segundo grupo, RESSALTADO, apareceram: *bottegaio* (ITA0044: pessoa muito interessada), *culaio* (ITA0161: pessoa irritante), *donnaio* (ITA0168: mulherengo), *lattaio* (ITA0249: que produz muito leite), *massaio* (ITA0286: idoso, velho), *ovaio* (ITA0337: que produz uma grande quantidade de ovos), *pantofolaio* (ITA0349: indolente), *polveraio* (ITA0388: que levanta muita poeira), *quattrinaio* (ITA0407: que é rico em dinheiro e, geralmente, ganancioso) e *scapaio* (ITA0433: pessoa incompetente ou incapaz).

A representação esquemática dos esquemas adjetivais $[[X]-ai-]_A$ está na Figura 49, a seguir.

Figura 49 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-ai- do italiano

Nos grupos substantivos de $[[X]-ai-]_s$, o esquema AGENTE é o mais produtivo, com 345 realizações, ao total. Isso ratifica o que disseram os outros autores. O que se mostra diferente talvez seja a subespecificação semântica que faço dessa categoria, desde o latim, e que se mostra válida para os dados do italiano. Na Tabela 22, a seguir, apresento a distribuição de frequência dos dados.

Tabela 22 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no italiano X-ai-

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	304	88,12
Habituais	26	7,54
Vegetais	6	1,74
Circunstanciais	4	1,15
Experienciadores	3	0,87
Beneficiários	2	0,58

Ainda que o grupo de PROFissionais apresente uma quantidade muito maior em relação aos demais, ele não foi o único grupo especificado. Nos trabalhos anteriores, apenas Magni (2004) mencionou a existência de agentes caracterizados pelos hábitos, muito embora não tenha explorado essa categoria ao final do trabalho. Somente Rohlf (1969) mencionou as plantas, mas chamou o significado de improdutivo e não relacionou com outro esquema de AGENTE. Não foi visto aqui nenhum dado de GENTÍLICO, categoria sinalizada por Rohlf (1969).

No que toca aos dados desta Tese, foram vistas, em meio às 304 instanciações do subesquema de PROFissionais, os seguintes dados: *acquavitaio* (ITA0006: aquele que vende bebidas destiladas), *bambinaia* (ITA0020: cuidadora de crianças), *caciaio* (ITA0064: trabalhador responsável pela transformação do leite em queijo), *farinaio* (ITA0175: comerciante que comprava grãos, moía-os, e vendia como farinha), *gelataio* (ITA0218: sorveteiro), *lampionaio* (ITA0244: que fabricava ou vendia lampiões), *magliaio* (ITA0277: que produz roupas de malha), *notaio* (ITA0318: notário público), *ombrellaio* (ITA0325: quem fabrica, vende ou conserta guarda-chuvas), *pantalonaio* (ITA0348: que fabrica calças), *ramaio* (ITA0410: artesão que vende vasos de cobre), *salnitraio* (ITA0426: operário responsável pela fabricação de salitre), *tartufaio* (ITA0483: vendedor de trufas), *uccellaio* (ITA0503: criador de pássaros) etc.

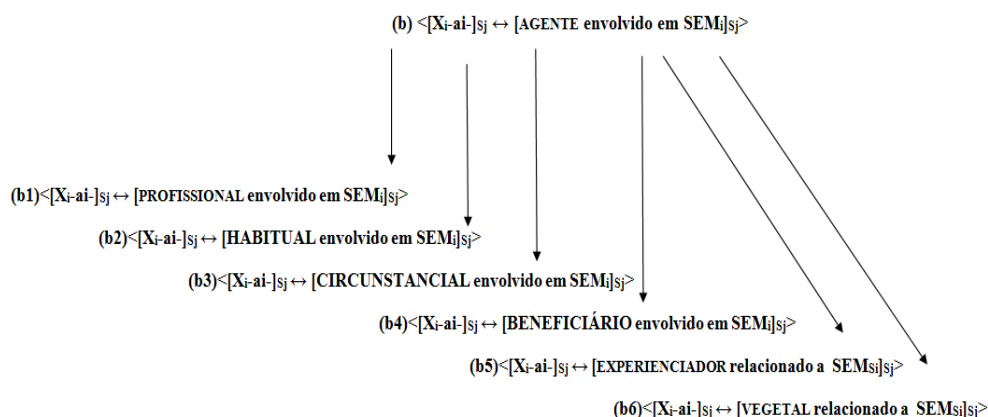
Entre os 26 HABITUAIS, estão: *buongustaio* (ITA0056: pessoa de bom gosto, gosto refinado), *burattinaio* (ITA058: pessoa manipuladora), *donnaio* (ITA0168: que corteja frequentemente as mulheres), *fagiolaio* (ITA0171: que ama comer feijão), *frataio* (ITA0205: que é amigo dos frades), *gentildonnaio* (ITA0220: cortejador de mulheres das mais altas linhagens), *guerrafondaio* (ITA0240: aquele que defende a guerra com veemência), *leggiaio* (ITA0251: pessoa teimosa), *lesinaio* (ITA0254: pessoa mesquinha), *linguaio* (ITA0261:

gramatiqueiro), *novellaio* (ITA0319: ávido por fofocas), *pallonaio* (ITA0344: que conta mentiras), *pastasciuttaio* (ITA0355: que ama muito as massas), *pecoraio* (ITA0358: pessoa rude e mal-educada), *polentaio* (ITA0385: que come muita polenta), *scolaio* (ITA0438: que frequenta uma escola), *tavernaio* (ITA0484: que frequenta uma taverna), *usuraio* (ITA0507: pessoa extremamente avarenta) etc. Interessa observar, nesses exemplos, que, em muitos casos, a base não é um substantivo composto. Então, condicionar o significado habitual à categorial morfolexical da base, como sugeriu Magni (2008), não parece, ser um caminho viável.

Seguindo com os AGENTES humanos, seja respeitada a ordem da Tabela 8. Entre os CIRCUNSTANCIAIS, os exemplos são: *bottegaio* (ITA0044: cliente), *cartaio* (ITA0104: que distribui as cartas durante um jogo), *dirimpettaio* (ITA0166: quem está à sua frente) e *madonnaio* (ITA0276: aquele que porta a imagem da Virgem em uma procissão). Entre os BENEFICIÁRIOS, estão *gualchieraio* (ITA0237: proprietário de uma máquina da indústria têxtil) e *salinaio* (ITA0425: proprietário de uma salina). O subesquema EXPERIENCIADORES foi o que melhor agrupou *letteraio* (ITA0256: que sabe ler), *massaio* (ITA0286: homem se faz ciente da administração dos seus pertences) e *poderaio* (ITA0384: aquele que povoa uma terra; colono).

No grupo dos AGENTES VEGETAIS, *ficaia* (ITA0188: figueira), *garafonaia* (ITA0214: erva-benta), *gattaia* (ITA0216: erva-do-gato), *lupaia* (ITA0270: acônito; mata-lobos), *rosaio* (ITA0416: arbusto de rosas) e *saponaia* (ITA0430: erva-saboeira). É perceptível, nesse caso, que os exemplos do italiano são realmente escassos, se comparados, por exemplo, ao português e ao francês. É notável, também, que, mesmo com tão poucos dados, a maioria deles não diz respeito à ideia de ‘árvore frutífera ou florífera que produz X’, em que X é o elemento do *input*/base. A designação se dá por relações muito mais metafóricas e metonímicas, que tornam as designações um tanto acidentais.

A fim de sintetizar o tópico dos AGENTES, a Figura 50 apresenta a representação esquemática das construções $[[X]-ai-]_A$ do italiano.

Figura 50 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no X-ai- do italiano

Em relação ao grupo dos LOCATIVOS, ainda que autores como Scalise e Bisetto (2008), por exemplo, sugiram haver uma série de subespecificações semânticas altamente articuladas, com lugares de cultivo, de armazenamento, de criação, de plantação, de conservação, de execução, entre outras atividades, insiste-se aqui nos dois grupos subesquemas de LOCAL ONDE HÁ e LOCAL ONDE SE FAZ. Não se entra também na questão das diferenças entre as formas masculinas e femininas. A Tabela 23 apresenta a distribuição da frequência.

Tabela 23 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ai- no italiano

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde há	150	84,27
Onde se faz	28	15,73

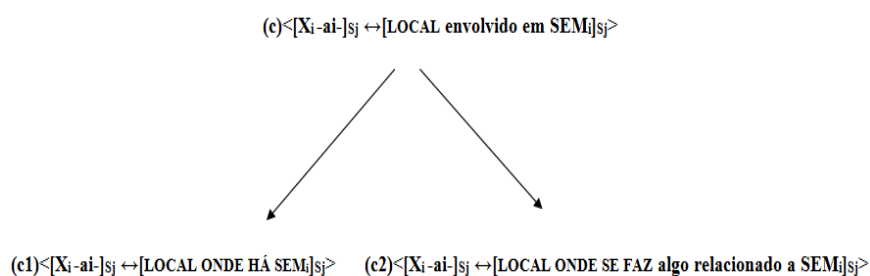
Ainda a respeito dos locativos, o subesquema LOCAL ONDE HÁ teve 150 instanciações. Entre essas, estão: *abetaia* (ITA0001: plantação de abetos), *bambusaia* (ITA0021: bambuzal), *cavolaio* (ITA0113: terreno plantado de repolhos), *conigliaia* (ITA0147: gaiola onde se criam os coelhos), *farinaio* (ITA0175: lugar onde se conserva farinha), *formicaio* (ITA0199: formigueiro), *gallinaio* (ITA0213: galinheiro), *grillaia* (ITA0235: lugar onde os grilos são encontrados), *immondezzaio* (ITA0241: lugar onde há muita sujeira), *legnaia* (ITA0252: depósito de lenha), *marrucaio* (ITA0284: lugar cheio de esquilos), *orticaio* (ITA0333: lugar cheio de urtigas), *poponaia* (ITA0392: plantação de melões), *pulciaio* (ITA0403: lugar cheio de pulgas), *ranocchiaia* (ITA0411: lugar cheio de rãs), *serpaio* (ITA0451: lugar cheio de cobras), *troiaio* (ITA0499: onde há muita sujeira) etc.

O segundo subesquema locativo, LOCAL ONDE SE FAZ, instanciou 28 constructos, entre as quais: *acetaia* (ITA0003: local onde se prepara o vinagre), *alzaia* (ITA0009: caminho

à margem do rio que ajuda os animais usados para a contenção de barcos), *bucataio* (ITA0053: lavanderia), *burraia* (ITA0059: local onde se prepara a manteiga), *caciaia* (ITA0063: lugar onde se prepara e se conserva o queijo), *carnai* (ITA0097: abatedouro), *mattonaia* (ITA0288: lugar onde os tijolos são fabricados), *pallaio* (ITA0343: campo para se jogar *boules*¹⁵³), *semenzaio* (ITA0448: terra para sementeira de mudas e plantas), *tinaia* (ITA0522: lugar onde se faz a fermentação do mosto¹⁵⁴).

No esquema dominante OBJETO, destacaram-se quatro subesquemas: RECIPIENTE, UTENSÍLIO, INSTRUMENTO e MÁQUINA. Não se viu, entre os constructos de [[X]-ai-]s, exemplos do tipo USO PESSOAL, que seriam palavras que, no português, designam objetos como *joelheira*, *pulseira*, *viseira*, *tornozeleira*, *ombreira*, entre outros. A correspondência de algumas dessas palavras no italiano é feita pelo esquema [[X]-iera]s, a exemplo de *ginocchiera* (joelheira) e *visiera* (viseira), o que talvez justifique essa ausência na rede polissêmica de [[X]-ai-]s. A Figura 58 apresenta a representação esquemática das construções LOCATIVAS.

Figura 51 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no X-ai- do italiano



Ao todo, foram vistas 38 instanciações do esquema dominante OBJETO. A distribuição dessa frequência entre os quatro subesquemas está apresentada na Tabela 24.

Tabela 24 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no italiano X-ai-

Categorias de objetos	Quantidade	Percentual (%)
Recipientes	16	42,11
Utensílios	10	26,32
Instrumentos	9	23,68
Máquinas	3	7,89

¹⁵³ Segundo o verbete ‘boules’ no Wikipedia, “Boules (em francês IPA: [bul]) é um termo genérico usado para definir o conjunto de três modalidades disputadas nos Jogos Mundiais: *Boule Lyonnaise*, *Petanca* e *Raffa*. A diferença principal entre as provas é a bola, menor para a Boule Lyonnaise, maior para a petanca e sintética para a raffa”. (WIKIPEDIA, 2018). Trata-se, portanto, de um tipo de jogo.

¹⁵⁴ Suco de uva que ainda não tenha passado pelo processo de fermentação.

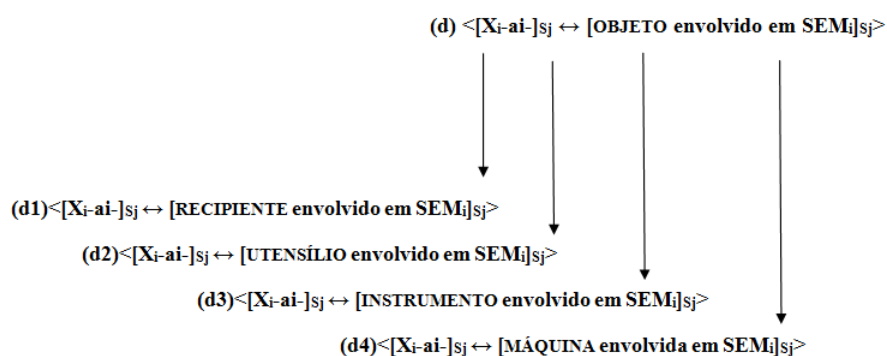
O subesquema RECIPIENTE foi o mais produtivo dos OBJETOS e apresentou exemplos como *acquaio* (ITA0005: pia em que os pratos são lavados), *bracciaio* (ITA0050: braseiro), *calamaio* (ITA0065: tinteiro), *calcinaio* (ITA0066: recipiente usado para a mistura da cal com a água), *caldaia* (ITA067: caldeira), *ceneraio* (ITA0121: cinzeiro), *saccaia* (ITA0421: saco, mochila), *salvadanaio* (ITA0429: mealheiro) e *secchiaio* (ITA0442: aquário).

Os UTENSÍLIOS formaram o segundo mais produtivo. Entre as instanciações desse tipo, estão *alzaia* (ITA0009: corda utilizada para conter barcos), *burattaio* (ITA0057: peneira), *cannicciaia* (ITA0086: tapete usado para a secagem de castanhas e figos), *denaio* (ITA0165: antiga moeda romana), *luminaio* (ITA0267: castiçal), *salaccaio* (ITA0422: livro velho e sujo). Essas realizações parecem ser bastante diversas entre si, mas, seguindo os critérios estabelecidos, esses objetos: (a) não parecem ser INSTRUMENTOS de trabalho; (b) não têm valor locativo para serem enquadrados como RECIPIENTES; (c) não são de USO PESSOAL; (d) não são MÁQUINAS. Dessa forma, o caráter ligeiramente mais superficial dos UTENSÍLIOS é o que parece mais confortável para contemplá-los.

Em relação aos INSTRUMENTOS instanciados pelos esquemas $[[X]-ai-]_s$, alguns exemplos foram: *arcolaio* (ITA0012: roda de fiar), *broccaio* (ITA0051: ferramenta para fazer furos e ampliá-los), *cannaio* (ITA0085: instrumento de pesca), *cerchiaia* (ITA0125: rede para pesca em rios), *chiodaia* (ITA0131: ferramenta utilizada em relojoarias), *fecciaio* (ITA0182: bucha utilizada para limpar um barril), *linaio* (ITA0260: rede de pesca feita de linho) e *mannaia* (ITA0269: tipo de machado).

Por fim, os dados de MÁQUINAS foram: *carbonaia* (ITA0092: máquina utilizada para transportar carvão), *cilindraia* (ITA0135: máquina usada para a trituração de substâncias muito espessas) e *telaio* (ITA0486: máquina utilizada na indústria têxtil para produzir tecido). A Figura 52 apresenta a representação esquemática das construções $[[X]-ai-]_s$ de OBJETOS.

Figura 52 – Esquema dominante de objeto e os seus subesquemas no X-ai- do italiano



O quarto esquema dominante, o de QUANTIDADE, tem 44 instanciações e divide-se em três subesquemas: UNIDADE DE MEDIDA, COLETIVO e EXCESSO. Não houve, então, com os esquemas [[X]-ai-]s, derivados com o significado de QUANTIA. A distribuição da frequência das realizações de cada subesquema está na Tabela 25.

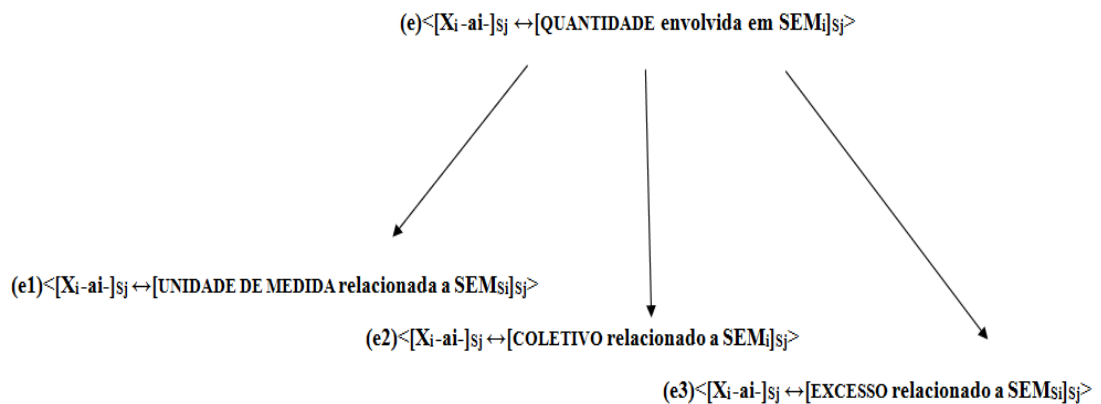
Tabela 25 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no italiano X-ai-

Categorias de quantidade	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	32	72,73
Excesso	9	20,45
Unidades de medida	3	6,82

O subesquema COLETIVO, o mais produtivo, com 32 instanciações, trouxe exemplos, como: *carbonaia* (ITA0092: quantidade de lenha usada para a combustão), *carnaio* (ITA097: aglomeração de cadáveres), *fanciullaia* (ITA0172: grupo de rapazes ruidosos e truculentos), *formicaio* (ITA0199: multidão de pessoas), *gattaio* (ITA0217: conjunto de gatos), *giogaia* (ITA0227: série de montanhas), *ladronaia* (ITA0242: conjunto de ladrões), *lucchiolaio* (ITA0264: quantidade grande de vaga-lumes), *mondezzaio* (ITA0304: conjunto de pessoas desprezíveis), *polipaio* (ITA0386: colônia de pólipos), *rosaio* (ITA0416: várias roseiras reunidas), *sciocchezzaio* (ITA0436: conjunto de absurdos, impropérios e bobagens ditas por alguém), *uccellaia* (ITA0502: grande quantidade de pássaros) e *vecchiaia* (ITA0514: conjunto de pessoas idosas).

No subesquema EXCESSO, estão *outputs* derivados que designam: (i) formações naturais, como *gessaia* (ITA0221: pedreira de gesso) e *rovaio* (ITA0419: ventania); (ii) acúmulo de um elemento não contável, nem sempre expresso pela base, como em *pagliaio* (ITA0340: monte de palha) e *saccaia* (ITA0421: excesso de pus em uma ferida). Houve, ainda, os casos de *canaio* (ITA0079: latidos de vários cães), *cornacchiaia* (ITA0154: barulho intenso de corvos grasnando), que podem ser enquadrados como EXCESSO por apresentarem sentidos relacionados a quantidade e intensidade.

Por último, as três UNIDADES DE MEDIDA [[X]-ai-]s instanciadas foram *centinaio* (ITA0122: o cento), *migliaio* (ITA0301: conjunto de mil unidades) e *staio* (ITA0469: sextário: unidade de medida antiga, utilizada na Itália setentrional). A representação esquemática das construções [[X]-ai-]s de QUANTIDADE está na Figura 53.

Figura 53 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemata no X-ai- do italiano

O último esquema dominante visto no italiano foi o de ANOMALIA. Nesse esquema, foram encontradas duas instanciações. Rainer (2016), ao estudar as formações do tipo semântico doenças e anomalias a partir do sufixo espanhol *-era* e de seus cognatos nas línguas românicas, observou, em relação ao italiano, que esse padrão semântico já estava presente na língua há bastante tempo e cita a presença do derivado *surdera* (surdez) no dialeto de Bérghamo, palavra registrada em dicionário. Outro exemplo mencionado por Rainer (2016) é *orbera* (cegueira), visto em variedade do italiano de região da Suíça. Esses dois exemplos, ainda que sejam de ANOMALIA, não integram o esquema [[X]-ai-]s.

Sobre esse primeiro esquema italiano estudado nesta Tese, Rainer (2016) comenta que, “[n]o italiano standard, baseado no dialeto de Florença, em que o sufixo latino *-aria* se converteu em *-aia*, temos um único derivado, *vecchiaia*, “velhice”, para o qual o DELI¹⁵⁵ adota a hipótese de Prati de uma etimologia latina [...]” (RAINER, 2016, p. 417, tradução nossa)¹⁵⁶.

Nos dados desta Tese, além de *vecchiaia* (ITA0514: velhice), categorização feita em razão do argumento de Rainer (2016), há *occhiaia* (ITA0320: olheira). Esses dois exemplos permitem a representação do esquema ANOMALIA para as construções [[X]-ai-]s na Figura 54.

Figura 54 – Esquema dominante de anomalia em X-ai- do italiano

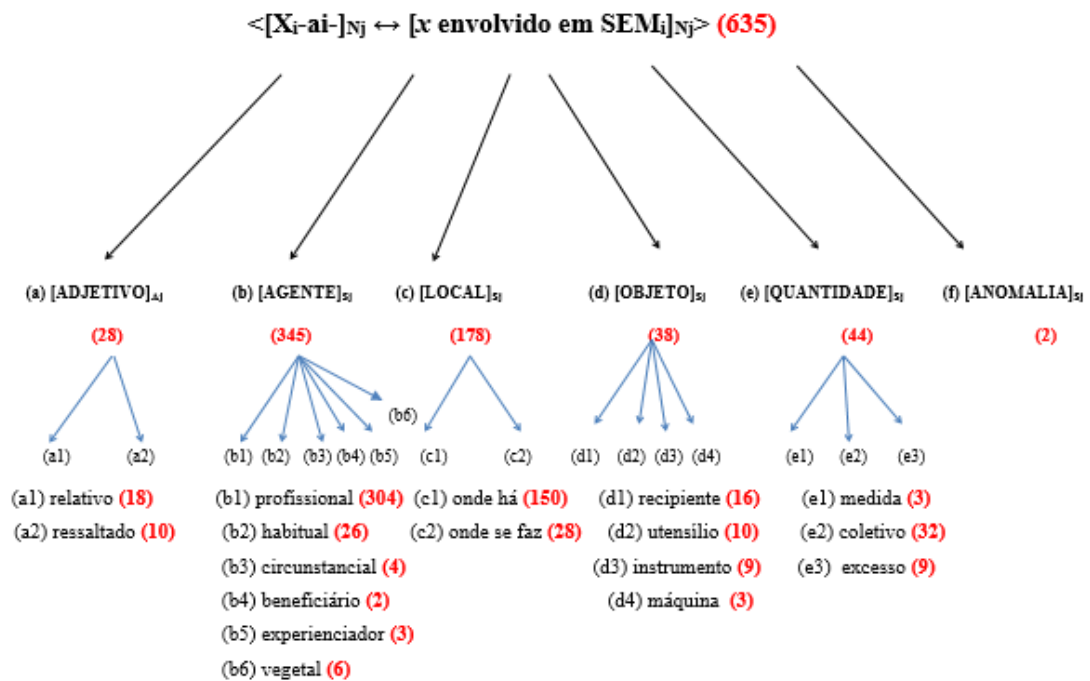
$$(f) \langle [X_{si} \text{-ai-}]_{sj} \leftrightarrow [ANOMALIA \text{ envolvida em SEM}_i]_{sj} \rangle$$

¹⁵⁵ *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*.

¹⁵⁶ “En el italiano estándar, basado sobre el dialecto de Florencia, donde el sufijo latino *-aria* se convirtió en *-aia*, tenemos un único derivado, *vecchiaia* “vejez”, para el cual el DELI adopta la hipótesis de Prati de una etimología latina [...]. (RAINER, 2016, p. 417)”.

Poucas foram as palavras [[X]-ai-]s que ficaram sem classificação semântica. Entre essas estão *febbraio* (ITA0180: o mês de fevereiro), *frimaio* (ITA0206: terceiro mês do calendário da Revolução Francesa), *gennaio* (ITA0219: o mês de janeiro), *lungaia* (ITA0268: lentidão, prolixidade), *nocciolaia* (ITA0316: espécie de corvo), *ovaio* (ITA0337: ovário) e *ventraia* (ITA0520: intestino grosso de animais ruminantes). A Figura 55 apresenta uma rede construcional que sintetiza toda a polissemia desses derivados e mostra a frequência dos significados vista no *corpus* trabalhado.

Figura 55 – Representação esquemática das construções X-ai- do italiano



7.3 CULTISMOS NEM TÃO CULTOS: A ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS ESQUEMAS [[X]-ARI-]_N

Como já mencionado a partir do trabalho de Rohlfs (1969), o sufixo ‘-ario/-aria’ é um desenvolvimento culto do latim [[X]-ari-]_N. Diferentemente do esquema ‘-aio/-aia’, descrito por uma quantidade razoável de morfólogos italianos, a forma culta recebeu bem menos atenção e detalhamento dos linguistas. O primeiro trabalho encontrado foi o de Rohlfs (1969), que se resume a comentar que:

[a] forma latinizada *-ario* é encontrada apenas em palavras da tradição literária. Enquanto *-aio* serve para formar substantivos, *-ario* se manteve basicamente como um sufixo adjetival, por exemplo *legendario, solitario, necessario, reazionario, sommario, straordinario*, mas, muitas vezes, na função de um substantivo: *avversario, vocabolario, destinatario, veterinario, schedario, vestiario* [...] (ROHLFS, 1969, p. 428-429, tradução nossa, grifos do autor)¹⁵⁷.

O segundo trabalho trata-se de um conjunto de contribuições na obra *La formazione delle parole in italiano*, organizada por Grossmann *et al* (2004). Incluem-se as descrições de Wandruzka (2004), para os ADJETIVOS, Lo Duca (2004), para os significados de AGENTE, BENEFICIÁRIO e LOCATIVO, e Grossmann (2004), para o significado COLETIVO. Faz-se a revisão nessa ordem.

No trabalho de Wandruzka (2004), sobre o significado de qualidades relacionais, a autora apresenta o *-ario* como uma variante da forma popular ‘-aio’. A descrição morfológica começa pelas bases mais recorrentes dos derivados *X-ario*. Na análise de Wandruzka (2004), há uma predileção pela combinação com outro sufixo nominal *-ità*, como em *universitario, pubblicitario, sanitario e immunitario*, ou mesmo com *-mento*, como em *documentario, testamentario e pigmentario*.

A autora destaca alguns *doublets* morfológicos entre *X-ario* e *X-are*, sinalizando que há uma proximidade semântica entre eles, como, por exemplo, em *alimentario* e *parlamentario*, em comparação a *alimentare* e *parlamentare*. A observação comprova a aproximação semântico-histórica entre as construções *X-are* (*X-aris* no latim) e *X-ario* (*X-arius* no latim). Peculiar na análise de Wandruzka (2004) é o fato de considerar duas variantes (alomorfes?) para o sufixo ‘-ario’, que seriam *-iario* e *-uario*.

Sobre o ‘-iario’, a autora observa que essa forma aparece no contexto dos sufixos ‘-anza/-enza’. Assim, há *finanza/finanziario* e *penitenza/penitenziario*. A variante *-iario* é rara em outro contexto. O outro exemplo dado é o de *fondo/fondario*. A variante *-uario* seria ainda mais rara, aparecendo somente em *censo/censuario*.

Alguns desses casos decorrem de uma análise estritamente sincrônica que gera uma série de problemas de descrição linguística. Por exemplo, *censo*, forma homógrafa em italiano e português, é de origem latina *cenſŭs*, *-ŭs*. É uma palavra oriunda do latim clássico, mais precisamente da quarta declinação. A vogal temática dessas palavras era um [ū] (‘u’ longo), que, muitas vezes, preserva-se nos processos derivativos, como se pode ver no Quadro 19, em

¹⁵⁷ “La forma latinizzata *-ario* si trova soltanto in parole di tradizione letteraria. Mentre *-aio* serve a formare sostantivi, *-ario* è rimasto in fondo un suffisso aggettivale, per esempio *legendario, solitario, necessario, reazionario, sommario, straordinario*, ma spesso in funzione di un sostantivo: *avversario, vocabolario, destinatario, veterinario, schedario, vestiario*.” (ROHLFS, 1969, p. 428-429, grifos do autor).

que se apresentam formas primitivas (*inputs*) e derivadas (*outputs*) do latim clássico, que permaneceram no italiano e no português.

Quadro 19 – Palavras derivadas de palavras da quarta declinação no latim e correspondências no português e italiano

LÍNGUAS	INPUT	OUTPUT	INPUT	OUTPUT	INPUT	OUTPUT
LATIM	<i>āctūs, - ūs</i>	<i>actuārīus, -ī</i>	<i>censūs, - ūs</i>	<i>cēnsuālis, -e</i>	<i>manūs, - ūs</i>	<i>manuālis, -e</i>
ITALIANO	<i>atto</i>	<i>attuario</i>	<i>censo</i>	<i>censuale</i>	<i>mano</i>	<i>manuale</i>
PORTUGUÊS	<i>ato</i>	<i>atuário</i>	<i>censo</i>	<i>censual</i>	<i>mão</i>	<i>manual</i>

O Quadro 19 mostra que essas formas derivadas de palavras da quarta declinação tenderam a preservar o elemento vocálico do tema original¹⁵⁸, não havendo necessidade de propor um alomorfe *-uario* no italiano ou de um *-uário* no português. Trata-se, pois, de uma inconsistência teórico-analítica, pois não são palavras formadas no italiano ou no português, e sim heranças do latim. O mesmo pode ser dito do *-iario*, considerados os seguintes aspectos: (i) a improdutividade da variante; (ii) o desconhecimento da interface morfologia/fonologia por meio de vogais, consoantes e outros segmentos de ligação na construção de palavras; (iii) a ausência de condicionamento fonológico e/ou morfológico para o uso do alomorfe *-iario*. O melhor, ao que parece, é falar, de um só sufixo *-ario*, em todo momento.

O trabalho de Wandruzka (2004) encerra com a autora sinalizando a baixa de produtividade no sufixo, sobretudo na cunhagem de novas palavras com significado relacional. Sufixos como *-ale* e *-are* têm se ocupado dessa tarefa com mais frequência, e um dos últimos dados coletados de *X-ario* adjetivo foi *satellitario*, datada de 1991, que significa “relativo a um satélite”.

O grupo de agentes é trabalhado por Lo Duca (2004). A autora inicia a sua descrição demonstrando a origem culta do sufixo e sinalizando que, mesmo sendo de estrato não vulgar, difundiu-se por todo o território românico. Em relação às formações italianas agentivas, muitas, segundo Lo Duca (2004, p. 204-205), são heranças diretas do latim clássico ou do tardio, como *bibliotecario* e *segretario*. Para a autora, merecem especial destaque os agentes relacionados às áreas semânticas da guerra (*ausiliario, emissario, legionario, vessillario*) e do direito (*beneficiario, cessionario, proprietario, usufruttuario*).

¹⁵⁸ Luft (1989), na *Moderna Gramática Brasileira*, chama esse elemento de vogal temática interna.

Um fato observado por Lo Duca (2008) é que as palavras derivadas *X-ario* costumam ser bastante transparentes na identificação das bases. Essa é uma tendência que, segundo a autora, acontece no italiano pelo fato de boa parte dos derivados pelo sufixo ser herança do latim e boa parte das bases também. Assim, a identificação das bases e as interpretações morfológicas e semânticas tornam-se muito mais fáceis. Sobre isso, cumpre destacar o trecho da autora:

O fácil reconhecimento, também no italiano, do substantivo da base advém evidentemente do fato de que o italiano herdou do latim uma série de palavras morfológicamente relacionadas, não apenas as derivadas, mas também as respectivas bases. Quando isso não acontece, compromete-se a “transparência” do derivado: então em *agrario* ou *veterinario* não podemos, partindo do italiano, encontrar a palavra da base. A partir do século XVIII, devemos ter em conta, em vez disso, a forte influência do francês *-aire*: palavras como *commissionario*, *dignitario*, *intermediario*, *milionario*, *pubblicitario*, *reazionario*, *rivoluzionario*, *umanitario*, apesar de estarem bem motivadas também em italiano, são, na verdade, decalques das palavras francesas correspondentes (LO DUCA, 2004, p. 205, tradução nossa, grifos da autora)¹⁵⁹.

A visão geral de Lo Duca (2004, p. 205) acerca do significado agentivo do sufixo *-ario* é de que, mesmo que seja muito fácil recordar-se de uma série de palavras italianas, como *bancario*, *impresario*, *missionario*, *confusionario*, *tenutario*, *universitario*, *discotecario*, *passionario*, *ludotecario*, existe uma articulação muito forte do sufixo com as formações adjetivas relacionais, característica que ele herda diretamente do latim. Isso torna-se mais evidente, quando a autora observa *doublets* morfológicos, a partir de uma mesma base, em que a forma sufixada com *-ario* corresponde a um adjetivo e a outra aponta sempre para um agentivo prototípico: “*azionario/azionista*, *birrario/birraio*, *dentario/dentista*, *ferroviario/ferroviere*, *librario/libraio*, *murario/muratore*, *tranviario/tranviere*, *vetrario/vetraio*”.

Para Lo Duca (2004), em razão do que chama de complexa estratificação do sufixo, é difícil estabelecer generalizações a respeito das relações entre bases e produtos, levando em conta as questões de traços semânticos. Ainda assim,

[s]e ampliarmos o nosso olhar para todas as formações que foram criadas no italiano, independentemente da história de cada uma delas, deveremos reconhecer que, ao contrário de outros sufixos, *-ario* não recusa bases que apresentam traços ‘+ abstrato’ e ‘- contável’ (*fiduciario*, *utilitario*, *usurario*, *velleitario*), e a presença do traço ‘+ animado’ abre, certamente, espaço para a formação dos locativos (*lebbrosario*,

¹⁵⁹ “La facile riconoscibilità, anche in italiano, dei nomi di base deriva evidentemente dal fatto che l'italiano ha ereditato dal latino serie di parole morfológicamente relate, quindi non solo i derivati, ma le rispettive basi. Quando ciò non è accaduto, risulta compromessa la "leggibilità" del derivato: così in *agrario* o *veterinario* non riusciamo, partendo dall'italiano, a ritrovare la parola di base. A partire dal XVIII secolo dobbiamo invece mettere in conto la pesante influenza del francese *-aire*: parole come *commissionario*, *dignitario*, *intermediario*, *milionario*, *pubblicitario*, *reazionario*, *rivoluzionario*, *umanitario*, pur essendo ben motivate anche in italiano, sono in realtà dei calchi dalle corrispondenti parole francesi.” (LO DUCA, 2004, p. 205).

rettulario, delfinario, [...] (LO DUCA, 2004, p. 205, tradução nossa, grifos da autora)¹⁶⁰.

A autora observa, também, que as formações *X-ario* oriundas da linguagem jurídica tendem a selecionar bases verbais. Essas construções são discutidas pela autora em uma seção específica do livro, destinada aos beneficiários. No entendimento de Lo Duca (2004), essa categoria pode ser definida como aquele que, em termos jurídicos, é titular de um direito, ou que recebe algum benefício não necessariamente jurídico, em oposição a quem dá. Exemplos dela seriam *locatario, donatario, destinatario*.

A compreensão de Lo Duca (2004) de que a base dos beneficiários é sempre um elemento verbal é apresentada no trecho a seguir:

[p]arece-nos que não há dúvida de que a base selecionada seja um verbo. A hipótese de uma base verbal permite interpretar toda a formação como resultado de um procedimento unitário. Não só: para explicar a estrutura formal particular dessas formações, devemos formular a hipótese de que a base não seja o presente do verbo, mas sim o particípio passado: então *affidare* → *affidato* → *affidat-ario*, *consegnare* → *consegnato* → *consegnat-ario*, *mandare* → *mandato* → *mandat-ario*, e assim por diante. (LO DUCA, 2004, p. 379, tradução nossa, grifos da autora).¹⁶¹.

O reconhecimento da categoria BENEFICIÁRIO por parte de Lo Duca (2004) aponta uma preocupação da autora em fazer um detalhamento semântico mais apurado, mas o que parece problemático é condicionar esse significado à categoria lexical do *input*, uma vez que é o fato de ter uma base verbal que faz com que o significado seja de beneficiário. É uma forma de descrição que está de acordo com os pressupostos da morfologia gerativa, altamente centrada nas operações atinentes à palavra base. Resta saber, no entanto, se há outros beneficiários formados a partir de bases não verbais.

Saindo da seara dos significados relacionados a humanos, trata-se, agora, dos locativos *X-ario*, comentados também por Lo Duca (2004). Na visão da autora, o significado LOCATIVO com esse sufixo não é muito frequente, sendo *aquario*, por exemplo, uma palavra herdada

¹⁶⁰ “Se tuttavia allarghiamo lo sguardo a tutte le formazioni che risultino motivate in italiano, indipendentemente dalla loro storia, dobbiamo riconoscere che, contrariamente agli altri suffissi del paradigma, *-ario* non rifiuta basi costituite da nomi che presentino i tratti '-i- astratto' e numerabile' (*fiduciario, utilitario, usurario, velleitario*), mentre la presenza del tratto '+ animato' dà senz'altro luogo a locativi (*lebbrosario, rettilario, delfinario, [...]*).” (LO DUCA, 2004, p. 205).

¹⁶¹ “[a] noi invece sembra che non possano sussistere dubbi sul fatto che la base selezionata sia un verbo. L'ipotesi di una base verbale consente di interpretare tutte queste formazioni come frutto di un procedimento unitario. Non solo: per spiegare la particolare struttura formale di queste formazioni si deve ipotizzare che la base sia non già il tema del presente del verbo, ma il tema del participio passato: quindi *affidare* → *affidato* → *affidat-ario*, *consegnare* → *consegnato* → *consegnat-ario*, *mandare* → *mandato* → *mandat-ario* e così via.” (LO DUCA, 2004, p. 379).

diretamente do latim e que serviu de modelo para uma série de outras que designam lugares onde os animais são mantidos, como em “*insettario* (a. 1940), *serpentario* (a. 1965), *rettilario* (a. 1979), *delfinario* (a. 1987)” (LO DUCA, 2004, p. 235, grifos da autora).

Na passagem a seguir, além de apresentarem-se outros locativos *X-ario*, pode-se visualizar a maneira com que Lo Duca (2004) compreendeu a categoria:

[...] temos de acrescentar algumas formações que designam lugar de assistência e cuidado para humanos, como *assistenziario* “instituto que se ocupa de reinserir ex-presidiários na sociedade”, *convalescenzario*, *cronicario*, *lebbrosario*, *tubercolosario* e outras formações esporádicas de âmbito diverso, desde *cenerario* até *confessionario*, *ossario*, *santuário*, em que o sufixo apresenta um traço comum de “lugar em que”. (LO DUCA, 2004, p. 205, tradução nossa, grifos da autora)¹⁶².

Lo Duca (2004) menciona, ainda, no seu texto, um subgrupo de LOCATIVOS que fazem uma interface com o significado COLETIVO, que é abordado por Grossmann (2004), em uma seção de sufixados com significado coletivo no italiano. A descrição dessa última autora sobre o *X-ario* coletivo resume-se à seguinte menção:

[d]iversos derivados em *-ario* designam uma série de documentos escritos, como repertórios, coleções e listas (*blasonario*, *frasario*, *glossario*, *gridario*, *incipitario*, *indirizzario*, *lemmario*, *massimario*, *minutario*, *notiziaro*, *rimario*, *siglario*, *stemmario*), e, às vezes, também os contêineres que lhes contêm/agregam/reúnem (*casellario*, *ossario*, *ricettario*, *shedario*, *vocabolario*), outros indicam um conjunto de entidades diversas (*campionario*, *fascettario*, *macchinario*, *sceccario* (← *chèque*, Q), *strumentario*). A base pode também ser o resultado de uma elipse (*stupidario*) ou de uma extensão semântica do tipo metonímico (*stradario*). Formações mais recentes são *ideario* (Q), *insultarlo* (BC), *quizzario* (BC) (GROSSMANN, 2004, p. 251-252, tradução minha, grifos da autora)¹⁶³.

Encerradas as revisões de trabalhos anteriores sobre esse segundo sufixo italiano, passe-se, agora, aos dados desta Tese, começando, mais uma vez, com as construções adjetivas.

Diferentemente do que aconteceu com os esquemas [[X]-ai-]_N, os esquemas [[X]-ari-]_N apresentaram, de maneira bastante produtiva, as instanciações adjetivas. Enquanto

¹⁶² “[...] dovremo aggiungere alcune formazioni che designano luoghi di assistenza e cura per «umani», quali *assistenziario* “instituto che si occupa di reinserire nella società ex carcerati”, *convalescenzario*, *cronicario*, *lebbrosario*, *tubercolosario* ed altre sporadiche formazioni di ambito diverso, da *cenerario* a *confessionario*, *ossario*, *santuário*, cui il suffisso dà il tratto comune di “luogo in cui”.” (LO DUCA, 2004, p. 205).

¹⁶³ “Diversi derivati in *-ario* designano per lo più insiemi di documenti scritti come repertori, raccolte, liste, elenchi (*blasonario*, *frasario*, *glossario*, *gridario*, *incipitario*, *indirizzario*, *lemmario*, *massimario*, *minutario*, *notiziaro*, *rimario*, *siglario*, *stemmario*) e, talvolta, anche i contenitori che li contengono / racchiudono / raccolgono (*casellario*, *ossario*, *ricettario*, *shedario*, *vocabolario*), altri indicano insiemi di entità diverse (*campionario*, *fascettario*, *macchinario*, *sceccario* (← *chèque*, Q), *strumentario*). La base può anche essere il risultato di una ellissi (*stupidario*) oppure di una estensione semantica do tipo metonímico (*stradario*). Formazioni più recenti sono *ideario* (Q), *insultario* (BC), *quizzario* (BC).” (GROSSMANN, 2004, p. 251-252).

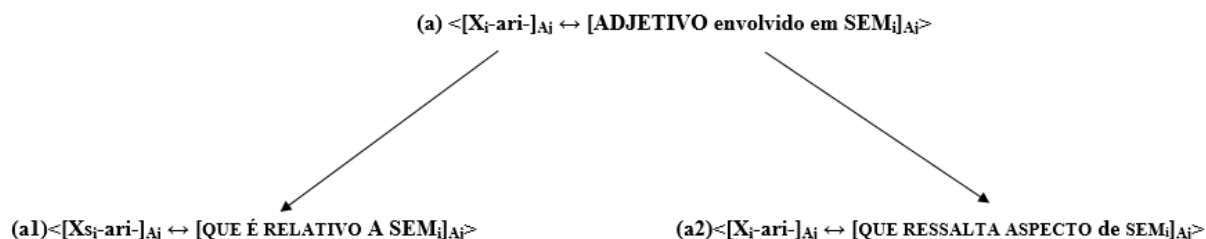
o esquema dominante [[X]-ai-]_A apresentou 28 instanciações, o [[X]-ari-]_A apresentou 262 realizações. Essa diferença significativa ratifica o que Rohlf (1969) sugeriu: o *-ario* ficou mais relacionado às construções adjetivas, ao passo que o *-aio* se desenvolveu mais nas substantivas. A Tabela 26 mostra a frequência conforme subesquemas.

Tabela 26 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivo X-ari- no italiano

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	239	91,22
Ressaltados	23	8,78

Tratando-se de exemplificações, entre os RELATIVOS [[X]-ari-]_A do italiano, estão: *accidentario* (ITA0555: acidental), *affittuario* (ITA0564: que diz respeito ao aluguel), *agrario* (ITA0566: relativo ao campo), *bancario* (ITA0599: relativo ao banco), *caffeario* (ITA0613: de café), *campanario* (ITA0619: dos sinos), *cinerario* (ITA0648: relativo às cinzas), *confinario* (ITA0672: que diz respeito às fronteiras), *dentario* (ITA0702: que concerne aos dentes), *diario* (ITA0707: que dura um dia), *elementario* (ITA0731: que se refere a um ou vários elementos), *finanziario* (ITA0765: relativo às finanças), *gianuario* (ITA0785: de janeiro), *icario* (ITA0792: relativo a Ícaro), *latifondario* (ITA0814: relativo ao latifúndio), *leucocitario* (ITA0828: relativo aos leucócitos), *medicamentario* (ITA0852: relacionado aos medicamentos), *melario* (ITA0853: de mel), *nonagenario* (ITA0872: que tem noventa anos), *orario* (ITA0885: que se refere à hora), *ostreario* (ITA0895: que se refere às ostras), *panario* (ITA0900: de pão), *planetario* (ITA0918: relativo aos planetas), *ripario* (ITA0961: que vive às margens do rio), *rivoluzionario* (ITA0965: de uma revolução), *sanitario* (ITA0974: relativo à saúde), *satellitario* (ITA0977: relativo ao satélite) e *statuario* (ITA1016: relativo à estátua).

Os adjetivos RESSALTADOS foram bem menos produtivos que o outro subesquema adjetival, mas trouxe exemplos como *arbitrario* (ITA0579: abusivo, injustificado), *autoritario* (ITA0593: que reafirma sua autoridade de maneira intransigente), *bonario* (ITA0610: leve, indulgente, de bom aspecto), *deficitario* (ITA0697: insuficiente), *dibonario* (ITA0709: gentil, bondoso, cortês), *disordinario* (ITA0714: desordenado, irregular), *lapidario* (ITA0811: incisivo e sentencioso), *legendario* (ITA0822: extraordinário, lendário, maravilhoso), *nefario* (ITA0871: injusto, iníquo, abominável), *reazionario* (ITA0950: retrógrado), *settario* (ITA0997: tendencioso), *tenutario* (ITA1046: infernal) e *velleitario* (ITA1081: ambicioso). A Figura 56 faz a representação esquemática das construções adjetivas.

Figura 56 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-ari- do italiano

O esquema dos AGENTES [[X]-ari-]s apresentou 208 instanciações que se dividiram em cinco subesquemas: PROFSSIONAIS, HABITUAIS, CIRCUNSTANCIAIS, BENEFICIÁRIOS e EXPERIENCIADORES. Todos referem-se a humanos. Não houve, portanto, AGENTE VEGETAL. É preciso esclarecer, porém, que existem muitas formas oriundas do latim científico na designação de nomes científicos de seres vivos dos reinos animal, vegetal, funghi e protista. Como dito na seção de metodologia, essas formas foram dispensadas.

A Tabela 27, a seguir, apresenta a distribuição da frequência dos dados no *corpus*. Assim, como nas [[X]-ai-]s, os PROFSSIONAIS foram os mais produtivos, o que difere é o fato de não haver uma distância tão expressiva entre essa categoria e outras como HABITUAIS e BENEFICIÁRIOS.

Tabela 27 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no italiano X-ari-

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	97	46,86
Habituais	43	20,77
Beneficiários	40	19,32
Circunstanciais	25	12,08
Experenciadores	2	0,97

No subesquema PROFSSIONAIS, foram vistos constructos como *agrario* (ITA0566: técnico que se ocupa da agricultura), *antiquario* (ITA0576: estudioso da Antiguidade), *aromatario* (ITA0585: farmacêutico), *bancario* (ITA0599: que trabalha em um banco), *bibliotecario* (ITA0603: que trabalha em uma biblioteca), *cartulario* (ITA0629: funcionário envolvido com o erário no Baixo Império e nos tempos medievais), *conciario* (ITA0666: técnico especializado em bronzeamento de pele), *cubicolario* (ITA0688: camareiro nos tempos antigos), *depositario* (ITA703: tesoureiro), *falsario* (ITA0758: que falsifica documentos,

cédulas e registros do governo), *frumentario* (ITA0778: produtor de trigo), *giudiziaro* (ITA0787: juiz), *lorario* (ITA0837: na Roma Antiga, escravo munido de chicote que incitava os gladiadores na arena ou circo), *marmorario* (ITA0850: marmorista), *ostiario* (ITA0894: porteiro), *pollario* (ITA0921: na Roma Antiga, quem cuidava das galinhas), *reziario* (ITA0956: gladiador da Roma Antiga), *statutario* (ITA1017: profissional encarregado de estatuto municipal), *unguentario* (ITA1068: perfumista) e *vittimario* (ITA1093: No antigo rito de sacrifício romano, sacerdote assistente que amarrava a vítima e preparava a imolação).

Entre os HABITUAIS [[X]-ari-]s, *abigeatario* (ITA0553: indivíduo que pratica roubo de gado), *abitudinario* (ITA0554: aquele que frequenta habitualmente um dado lugar), *caudatario* (ITA0634: que não possui uma opinião própria e tem comportamento servil), *celibatario* (ITA0636: pessoa solteira, normalmente de idade bastante avançada), *concupinario* (ITA0668: que vive em concubinato), *concussionario* (ITA0669: que pratica extorsão), *confusionario* (ITA0673: que faz confusão ou tem a mente confusa), *discotecario* (ITA0713: que frequenta habitualmente uma boate), *falsario* (ITA0758: que fala mentiras e falsidades), *passionaria* (ITA0904: mulher que defende ideias revolucionárias com veemência), *religionario* (ITA0953: que professa uma religião), *rinunciataro* (ITA0960: que renuncia facilmente a direitos e benefícios), *sacramentario* (ITA0969: seguidor da Reforma Protestante que modificava as ideias de Lutero), *turiferario* (ITA1062: adulador) e *valetudinario* (ITA1078: quem vive com o medo constante de ficar doente).

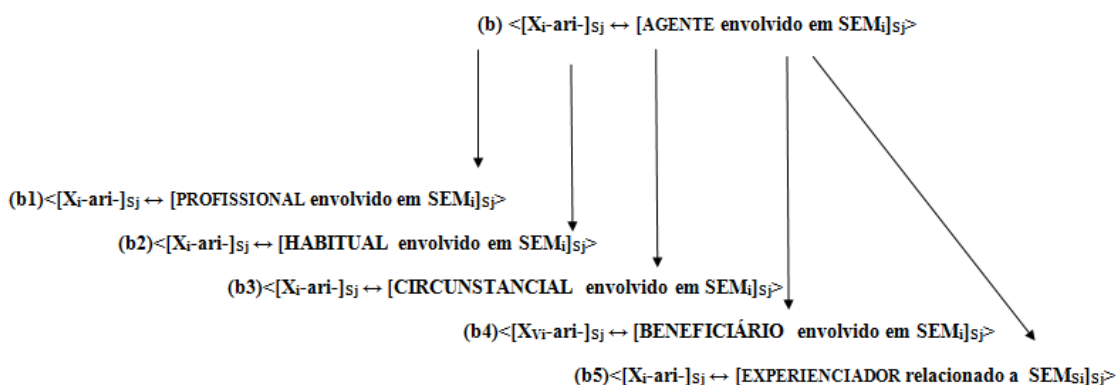
Entre os CIRCUNSTANCIAIS, *abdicataro* (ITA0552: aquele que abdicou), *accollataro* (ITA0556: contratante), *allocutario* (ITA0570: destinatário da mensagem), *avversario* (ITA0595: que está na parte adversária), *delegataro* (ITA0698: em uma delegação, aquele que é favorável à execução do serviço), *destinataro* (ITA0705: aquele a quem se destina qualquer coisa), *dimissionario* (ITA0711: aquele que foi demitido de um ofício, encargo ou similar), *ergastolaro* (ITA0747: que foi condenado à prisão perpétua), *firmataro* (ITA0767: aquele que, com a sua assinatura, aprova um documento), *narrataro* (ITA0869: o destinatário de uma narrativa), *pensionario* (ITA912: aposentado) e *soccidario* (ITA1005: empregador).

Do subesquema BENEFICIÁRIOS, foram instanciados *accollataro* (ITA0556: credor para quem o benefício se destina), *accomandataro* (ITA0557: sócio em uma sociedade limitada), *accreditataro* (ITA0558: beneficiado por um crédito), *agrario* (ITA0566: proprietário de terras), *assegnataro* (ITA0586: pessoa a quem é atribuída, mediante uma ordem de justiça ou de execução, a propriedade de um bem expropriado), *commendataro* (ITA0656: membro eclesiástico a quem é dada uma comenda), *comodataro* (ITA0660: que recebe bens por empréstimo), *concessionario* (ITA0665: destinatário de um ato de concessão), *conferitario*

(ITA0670: destinatário de uma contribuição), *consegnatario* (ITA0675: que recebe algo em consignação), *deliberatario* (ITA0700: aquele que, entre vários concorrentes, em uma venda judicial, leilão ou concurso, ganhou o bem), *feudatario* (ITA0763: no medievo, o dono do feudo), *miliardario* (ITA0855: que possui muitas riquezas), *ordinatario* (ITA0888: beneficiário de um título de crédito), *usufruttuario* (ITA1075: aquele que detém o direito de usufruto) e *vincolatario* (ITA1090: quem concede a imposição de um vínculo em seu próprio bem).

A respeito dos BENEFICIÁRIOS, é possível notar que é correta a observação de Lo Duca (2004) de que a maioria deles está relacionada ao âmbito jurídico e, do ponto de vista morfológico, seleciona bases verbais. Poucos são os exemplos que não atendem a esse comportamento. Dessa maneira, é válido representar essas propriedades no esquema construcional de AGENTES na Figura 57, que inclui, ainda, os EXPERIENCIADORES *convulsionario* (ITA0681: que sofre de convulsões) e *passionario* (ITA0906: que se apaixona facilmente).

Figura 57 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no X-ari- do italiano



O esquema de LOCATIVOS [[X]-ari-]_s teve 48 instanciações, bem menos que em [[X]-ai-]_s, que teve 178. A distribuição entre os subesquemas aqui é igualitária, como se pode ver na Tabela 28.

Tabela 28 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ari- no italiano

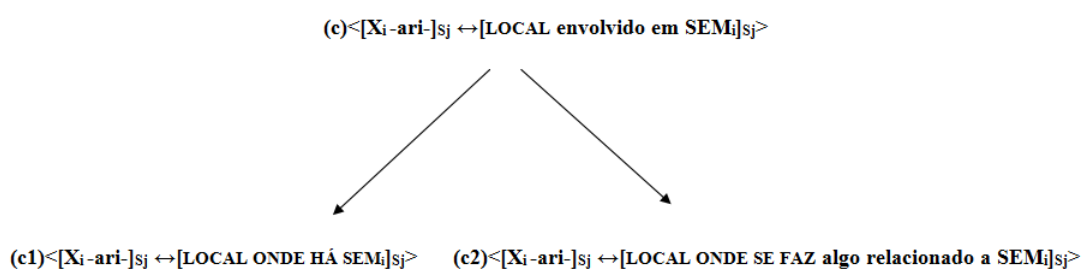
Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde há	24	50
Onde se faz	24	50

Do primeiro subesquema, LOCAL ONDE HÁ, são *acquario* (ITA0560: edifício onde estão os aquários), *apiario* (ITA0577: lugar onde estão as colmeias), *colombario* (ITA0653: ninho de pombos), *cronicario* (ITA0687: hospital ou clínica para pacientes crônicos), *donario* (ITA0724: na Roma Antiga, lugar onde se guardavam as ofertas aos deuses), *insettario*

(ITA0804: lugar onde os insetos se reproduzem para fins científicos), *lapidario* (ITA0811: museu que reúne inscrições, lápides e similares), *lebbrosario* (ITA0819: lugar de acolhimento para leprosos), *oliario* (ITA0881: armazém em que conserva o óleo), *ossario* (ITA0892: construção funerária para reunir os ossos dos mortos em batalha), *pomario* (ITA0922: plantação de maçãs), *stabulario* (ITA1014: celeiro público) e *viridario* (ITA1091: jardim).

Entre os exemplos do outro subesquema LOCAL ONDE SE FAZ, estão *arengario* (ITA0581: palácio municipal típico da Itália setentrional, com uma varanda ao ar livre para arengar¹⁶⁴ as pessoas), *assistenziario* (ITA0587: instituto que ajuda ex-detentos a se reinserirem na sociedade), *confessionario* (ITA0671: confessionário), *convalescenziario* (ITA0680: casa de repouso e tratamento para convalescentes), *dispensario* (ITA0715: instituto hospitalar onde são dadas medicações e consultas gratuitas), *frigidario* (ITA0777: sala de banho romano), *leporario* (ITA0826: parque reservado à caça de lebres), *sanitario* (ITA0974: lavabo), *seminario* (ITA0990: instituto para a preparação dos clérigos), *serpentario* (ITA0997: instituto onde se estudam as serpentes), *spoliario* (ITA1013: lugar do anfiteatro onde os gladiadores eram mortos), *tepidario* (ITA1047: na Roma Antiga, lugar onde se toma banho quente), *tubercolosario* (ITA1060: sanatório) e *untuario* (ITA1071: em antigos banhos gregos e romanos, o quarto onde os banhistas se perfumavam). A Figura 58, a seguir, faz a representação esquemática dos LOCATIVOS.

Figura 58 – Esquema dominante de locativo e os seus subesquemas no X-ari- do italiano



O esquema dos OBJETOS apresentou 53 instanciações, ramificadas em quatro subesquemas: RECIPIENTES, INSTRUMENTOS, MÁQUINAS e UTENSÍLIOS. Assim como com os [[X]-ai-]s, não houve [[X]-ari-]s do tipo USO PESSOAL. A distribuição das realizações está na Tabela 29.

¹⁶⁴Segundo o *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (2009), arengar significa “fazer arenga; discursar, pregar. Exs.: *a. os eleitores indecisos a. aos formandos arengou durante horas*” (verbetes ‘arengar’)

Tabela 29 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no italiano X-ari-

Categorias de objetos	Frequência	Percentual (%)
Utensílios	36	67,92
Recipientes	11	20,75
Instrumentos	3	5,66
Máquinas	3	5,66

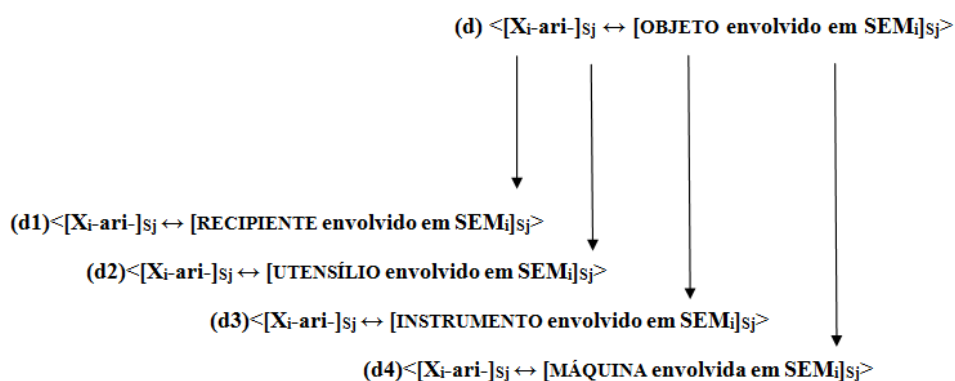
Os UTENSÍLIOS foram os mais produtivos. Nesse subesquema, incluem-se, principalmente, objetos, como livros, obras e periódicos que se caracterizam por periodicidade ou por alguma funcionalidade como reunir siglas, nomes de ruas etc. Alguns exemplos desse subgrupo são: *abecedario* (ITA0551: livreto ou cartilha usado para alfabetização), *annuario* (ITA0573: publicação anual de circulação científica, política, industrial ou literária), *antifonario* (ITA0575: livro que reúne as antífonas), *bestiario* (ITA0602: obra medieval que descrevia, com o propósito alegórico, qualidades reais ou imaginadas dos animais), *diario* (ITA0708: caderno de anotações diárias), *dizionario* (ITA0719: obra que apresenta o léxico de uma ou muitas línguas), *ebdomadario* (ITA0728: publicação de periodicidade semanal), *epistolario* (ITA0743: livro da antiga liturgia católica), *erbario* (ITA0745: volume onde são descritas as propriedades medicinais das ervas), *lapidario* (ITA811: livro medieval que trata de pedras preciosas), *lezionario* (ITA0829: livro litúrgico que reúne as lições divinas), *minutario* (ITA0861: pequeno livro usado para fins comerciais), *obituario* (ITA0879: livro da paróquia em que se registram as mortes), *sceccario* (ITA0979: talão de cheques), *sillabario* (ITA1003: livro usado nas séries iniciais), *stemmario* (ITA1019: livro onde se reúnem os brasões de família), *tempario* (ITA1041: manual que contém a indicação de tempos para executar os trabalhos artesanais).

Os 11 OBJETOS [[X]-ari-]s que apresentaram a característica RECIPIENTE foram: *acquario* (ITA560: recipiente ou tanque onde são criados os animais e plantas aquáticos que estão fora do seu ambiente natural), *casellario* (ITA0632: móvel com muitas divisórias usado para alocar as correspondências de uma agência postal), *cinerario* (ITA0648: urna cinerária), *delfinario* (ITA0699: grande aquário onde vivem os golfinhos), *firmario* (ITA0766: pasta para documentos e cartas de uma firma), *lavandario* (ITA0811: jarra utilizada para enxaguar as mãos), *monetario* (ITA0864: mealheiro), *ossuario* (ITA0893: vaso para guardar os restos cremados de uma pessoa morta), *reliquiario* (ITA0954: urna onde se conservam as relíquias),

terrario (ITA1049: vaso com terra, água ou planta para criar anfíbios, répteis, insetos ou qualquer outro animal) e *vestiario* (ITA1083: guarda-roupa).

Por fim, apresentem-se os subesquemas menos produtivos: MÁQUINAS e INSTRUMENTOS. No primeiro, foram vistos *astrario* (ITA0588: sistema de peças que simula o movimento do sol e dos planetas), *attuario* (ITA0590: navio de guerra da época romana) e *planetario* (ITA0918: máquina que reproduz o sistema planetário). Em relação ao segundo, os exemplos foram *alfabetario* (ITA0568: conjunto de plaquetas usadas como subsídio didático¹⁶⁵ para alfabetização de crianças), *cogolaria* (ITA0562: rede própria para pescar enguias) e *sigillario* (ITA1000: instrumento utilizado para vedação). A Figura 59 traz a representação esquemática dos OBJETOS [[X]-ari-]_s, com RECIPIENTES, UTENSÍLIOS, INSTRUMENTOS e MÁQUINAS.

Figura 59 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no X-ari- do italiano



O esquema dominante de QUANTIDADE em [[X]-ari-]_s teve 67 instâncias, divididas em quatro subesquemas: UNIDADE DE MEDIDA, QUANTIA, COLETIVO e EXCESSO. Importa mencionar que o subesquema QUANTIA não tinha sido verificado em [[X]-ai-]_s, sendo, portanto, uma diferença entre as palavras construídas com os sufixos. A Tabela 30 apresenta os aspectos de frequência.

¹⁶⁵ Essa construção é analisada de duas formas, como noção coletiva, em razão do seu caráter de conjunto, mas o seu valor de 'instrumento' é atribuído por servir como recurso didático para alfabetização.

Tabela 30 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no italiano X-ari-

Categorias de quantidade	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	57	85,07
Quantias	5	7,46
Unidades de medida	4	5,97
Excesso	1	1,49

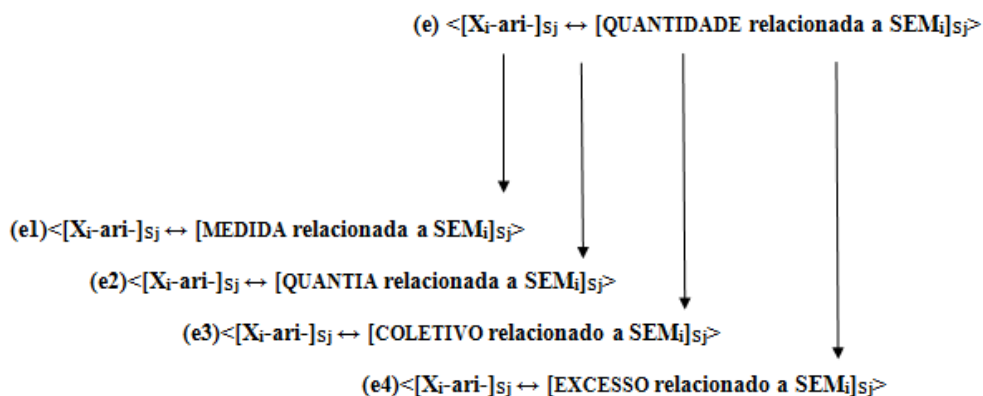
O subesquema COLETIVO foi o mais produtivo e trouxe exemplos como *antidotario* (ITA0574: receituário de antídotos ou de fármacos), *apiario* (ITA0577: conjunto de colmeias), *blasonario* (ITA0606: conjunto de brasões), *bollario* (ITA0609: conjunto de bulas papais), *cibaria* (ITA0645: conjunto de gêneros comestíveis), *dispensario* (ITA0715: conjunto de medicações de que dispõe uma farmácia), *eserciziaro* (ITA0750: conjunto de exercícios), *immaginario* (ITA0794: conjunto de representações do mundo; ‘imaginário popular’), *lemmario* (ITA0825: complexo de lemas de um dicionário ou similar), *macchinario* (ITA0844: complexo de máquinas usadas em um determinado trabalho), *notiziaro* (ITA0875: complexo de notícias publicadas em um jornal), *pretaria* (ITA0928: quantidade de padres), *reagentario* (ITA0949: conjunto de reagentes usados em um laboratório de análise química), *strumentario* (ITA1023: complexo dos instrumentos utilizados em uma dada atividade), *stupidario* (ITA1025: conjunto das bobagens/estupidezes ditas por uma pessoa ou personagem), *vittuaria* (ITA1094: conjunto de alimentos necessários para o sustento de um grupo de pessoas) e *vocabolario* (ITA1095: conjunto das palavras de uma língua acompanhadas de suas definições).

As quatro realizações do subesquema UNIDADE DE MEDIDA foram *denario* (ITA0701: unidade monetária da antiga Roma que valia dez asses), *quartario* (ITA0943: antiga medida de capacidade), *quinario* (ITA945: moeda da Roma republicana de valor entre cinco a oito asses) e *sestario* (ITA995: sextário; unidade de medida antiga, utilizada na Itália setentrional).

A noção de QUANTIA foi vista em *diaria* (ITA0706: quantia paga por jornada de trabalho), *palmaro* (ITA898: compensação paga pelo cliente ao advogado em razão de resultado favorável de uma disputa), *salario* (ITA970: remuneração dos trabalhadores) e *viaria* (ITA1086: quantia paga por despesas de viagens).

O subesquema EXCESSO, por último, teve apenas uma instanciação: *affario* (ITA0562: barulheira confusa e agitada). A representação esquemática de QUANTIDADE dos derivados [[X]-ari-]s está na Figura 60.

Figura 60 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no X-ari- do italiano



O último esquema dominante visto em [[X]-ari-]_s foi o de ANOMALIA, que apresentou como única instânciação *orticaria* (ITA0891: doença caracterizada pela saliência de pequenos nódulos branco-avermelhados e prurido na pele).

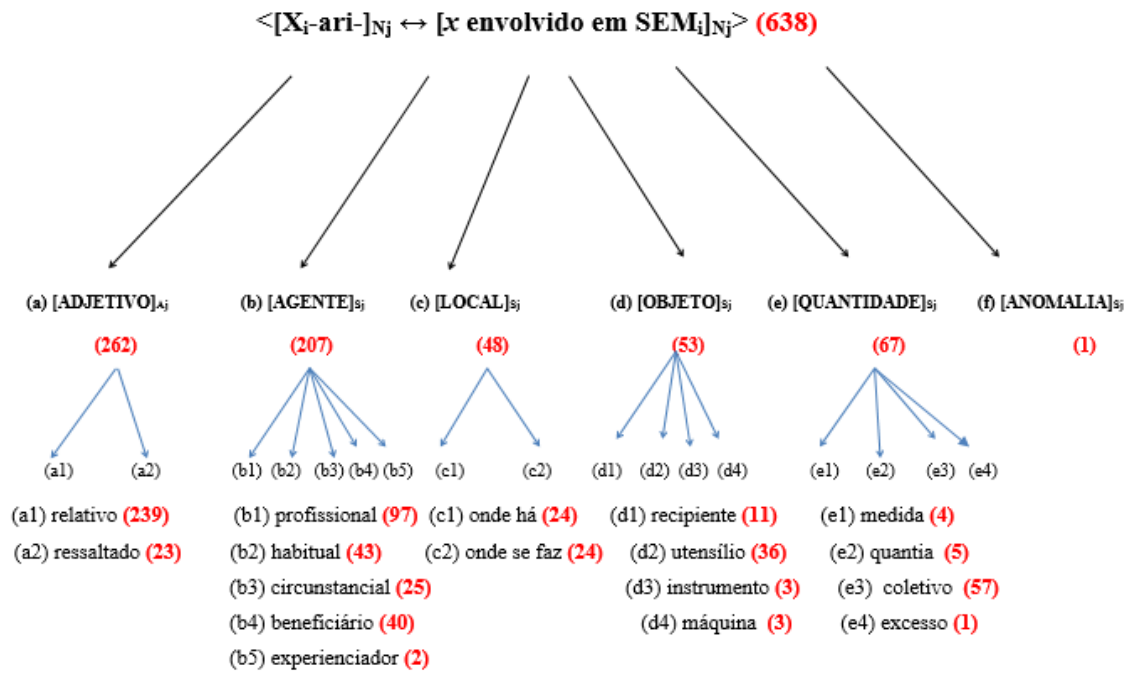
Figura 61 – Esquema dominante de anomalia no X-ari- do italiano

$$(f) \langle [X_i\text{-ari-}]_{sj} \leftrightarrow [ANOMALIA\text{ envolvida em } SEM_i]_{sj} \rangle$$

Entre as palavras que ficaram sem categorização, estão: *calvaria* (ITA0615: crânio), *capitario* (ITA0622: capital social), *cavitario* (ITA0635: órgão ou organela caracterizado por uma ou mais cavidade), *comentario* (ITA0657: resenha sobre literária, histórica, filosófica ou jurídica), *divario* (ITA0717: diversidade, diferença notável) e *elettuario* (ITA0733: antigo preparado farmacêutico que misturava mel e medicamentos).

Por fim, a Figura 62 sintetiza a rede construcional polissêmica de [[X]-ari-]_N na língua italiana.

Figura 62 – Representação esquemática das construções X-ari- do italiano

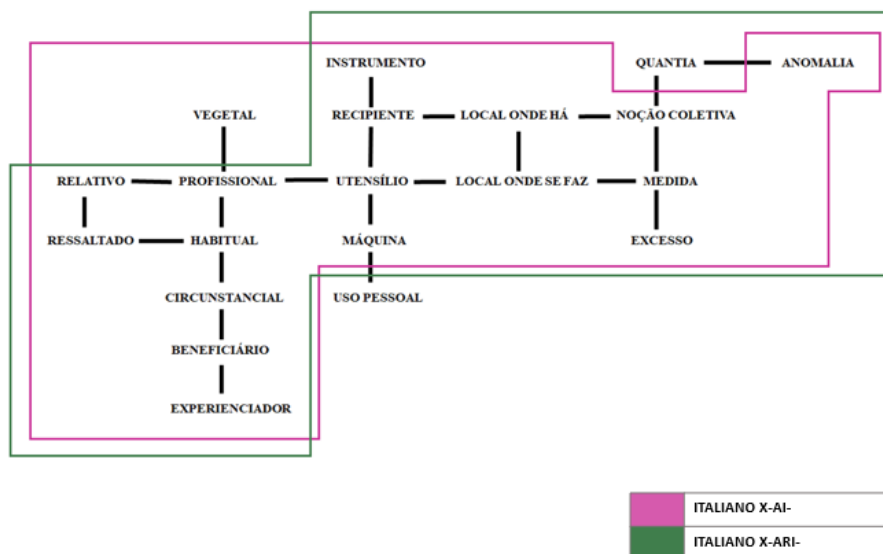


7.4 A CONSTRUÇÃO DE MAPAS SEMÂNTICOS: A LÍNGUA ITALIANA POR SI E AS COMPARAÇÕES COM O LATIM E O ROMENO

A apresentação dos mapas semânticos, neste tipo de subseção, tem sempre a finalidade de representar o espaço semântico-conceptual das construções analisadas. Até agora, trabalhou-se com o latim, o romeno e o italiano, objeto desta seção atual. Os mapas semânticos apresentados, então, terão três funcionalidades: (i) a primeira é comparar os esquemas [[X]-ai-]_N e [[X]-ari-]_N do italiano (Figura N); (ii) a segunda é comparar os esquemas do italiano em (i) com o esquema [[X]-ārī-]_N, do latim clássico, e [[X]-ari-]_N, do latim medieval (Figura O); (iii) a terceira e última é comparar os quatro esquemas de (ii) com os esquemas [[X]-ar-]_N e [[X]-i-er-]_N do romeno.

Comece-se, então, pela Figura 63, que compara os esquemas [[X]-ai-]_N e [[X]-ari-]_N do italiano.

Figura 63 – Mapa semântico das construções do italiano



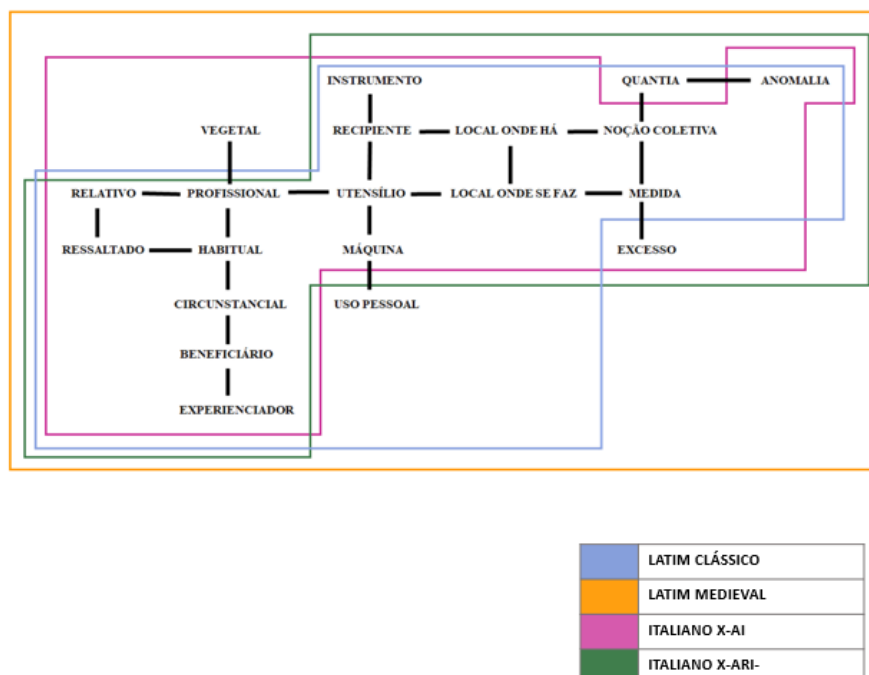
A disposição dos significados do mapa semântico-conceptual é a mesma utilizada para comparar latim clássico e latim medieval (ver Figura 34). Como se viu, até agora, as construções $[[X]-ari-]_N$, do latim medieval, foram as que apresentaram a maior proliferação de significados, sendo, portanto, as mais polissêmicas e servindo de referência para o molde do mapa semântico.

Para situar o italiano nesse mapa semântico-conceptual, utilizou-se a cor verde para representar o espaço preenchido pela rede polissêmica $[[X]-ari-]_N$. Note-se que o verde não preenche os significados de USO PESSOAL¹⁶⁶ (subesquema de OBJETO), que não foi visto no italiano, e nem de VEGETAL (subesquema de AGENTE). A cor lilás foi utilizada para representar o espaço ocupado pela rede polissêmica $[[X]-ai-]_N$. O espaço preenchido por esse segundo esquema não ‘pega’ nem o USO PESSOAL (subesquema de OBJETO), nem o de QUANTIA (subesquema de QUANTIDADE).

Na Figura 64, a seguir, é feita a comparação das construções exploradas na Figura 63 com as $[[X]-āri-]_N$, do latim clássico, e $[[X]-ari-]_N$, do latim medieval (exploradas na Figura 34).

¹⁶⁶ O significado USO PESSOAL é mantido no mapa semântico, fato de ele existir em outras línguas que estão sendo comparadas.

Figura 64 – Mapa semântico comparativo entre as construções do italiano e do latim

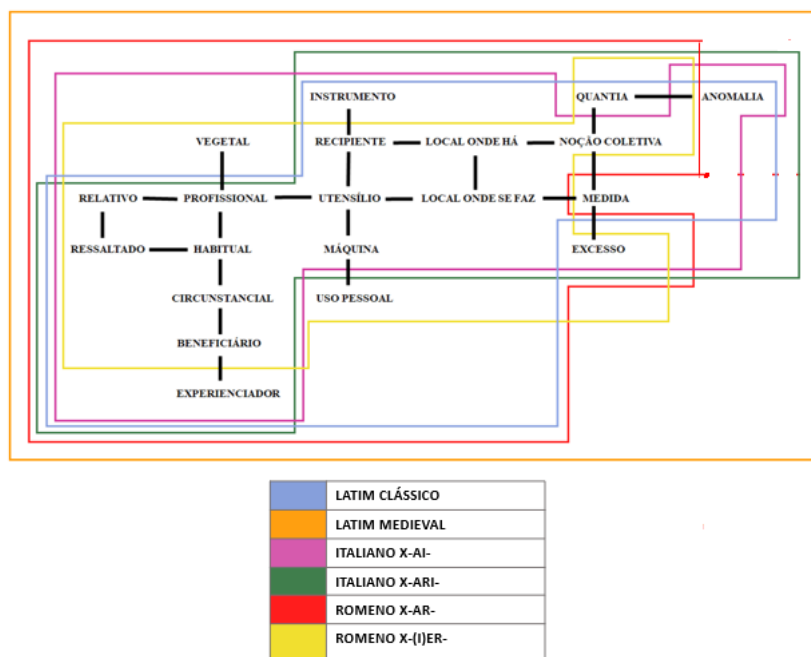


A disposição dos significados no espaço semântico-conceitual não mudou da Figura 63 para a Figura 64. O fundo azul é a base de todo o mapa semântico, que, por ora, representa a rede polissêmica das construções $[[X]-ari-]_N$ do latim medieval. O verde foi mantido para representar o italiano $[[X]-ari-]_N$, e o lilás para o também italiano $[[X]-ai-]_N$. O verde representa o espaço ocupado pela rede polissêmica do esquema $[[X]-ārī-]_N$ do latim clássico, que não apresentou os significados VEGETAL (subesquema de AGENTE) e EXCESSO (subesquema de QUANTIDADE).

A Figura 65, a seguir, apresenta o mapa semântico mais complexo de até então, pois é o que cruza o maior número de esquemas. Agora, são comparadas as quatro construções da Figura 59, com as $[[X]-ar-]_N$ e $[[X]-(i)er-]_N$ do romeno, exploradas na Figura 47.

Para esta nova representação, foi necessária uma reorganização no mapa de forma a poder cruzar de maneira mais didática e coesa os seis esquemas das três línguas. Assim, a terceira coluna, que traz os subesquemas de OBJETOS, foi reformulada, e MÁQUINA, RECIPIENTE e INSTRUMENTO trocaram de lugar. Além disso, na quinta coluna, que traz os subesquemas de QUANTIDADE, NOÇÃO COLETIVA e UNIDADE DE MEDIDA inverteram a posição.

Figura 65 – Mapa semântico-comparativo entre as construções do italiano, latim e romeno.



Ainda que haja uma legenda das cores, cabe explicar que foram mantidas as cores usadas na Figura 64 para os esquemas anteriormente analisados. Para os esquemas acrescentados do romeno, utilizou-se a cor vermelha para delimitar o espaço semântico-conceitual ocupado pelas construções $[[X]-ar-]_N$, que não apresentaram os significados ANOMALLIA e MEDIDA (subesquema de QUANTIDADE), e a cor mostarda para demarcar a polissemia das construções $[[X)-(i)er-]_N$, que não apresentaram os significados ANOMALLIA, MEDIDA (subesquema de QUANTIDADE), INSTRUMENTO (subesquema de OBJETO) e EXPERIENCIADOR (subesquema de AGENTE).

7.5 ANÁLISES SOCIOCOGNITIVAS DAS CONSTRUÇÕES DERIVADAS DO ITALIANO

Para esta parte da seção, foram selecionadas dez palavras $[[X]-ai-]_N$ e dez $[[X]-ari-]_N$, para comentar aspectos cognitivos, metafóricos, metonímicos, analógicos, históricos, sociais e culturais que atuam na construção de sentidos. Começa-se pelas construções $[[X]-ai-]_N$, cujas palavras escolhidas estão expostas no Quadro 20.

Quadro 20 – Palavras italianas X-ai-selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
ITA0058	burattinaio	1 Fabricante, vendedor ou manuseador de fantoches; 2 Pessoa manipuladora
ITA0128	cestaio	Ajudante do padeiro que entregava o pão em domicílios, usando uma cesta
ITA0161	culaio	1 <i>mosca culaia</i> : diz-se da mosca que incomoda o traseiro do cavalo; 2 pessoa inconveniente.
ITA0199	formicaio	1 Formigueiro; 2 Multidão
ITA0210	fungaia	1 Lugar onde se criam fungos; 2 Grande quantidade de coisas ou pessoas da mesma espécie.
ITA0216	gattaia	Erva-do-gato
ITA0241	immondezzaio	1 Lugar onde há muita sujeira; 2 Ambiente corrupto.
ITA0270	lupaia	acônito; mata-lobos
ITA0298	merdaio	1 Lugar cheio de merda; 2 Ambiente de costume imoral ou situação desagradável
ITA0306	moscaio	1 Grande quantidade de moscas, um lugar com muitas moscas. 2 Reunião de pessoas chatas.

Os significados dicionarizados do constructo *burattinaio* (ITA0058) sugerem que ele, provavelmente, designa um profissional que trabalha com fantoches. Dessa experiência mais concreta, há uma transferência metafórica para uma mais abstrata, e a mesma construção passa a designar uma ‘pessoa manipuladora’. A compreensão metafórica PESSOAS MANIPULADAS SÃO FANTOCHES é produtiva tanto no português quanto no italiano, como se pode ver nos dois trechos em (A) e (B) a seguir, em que falantes de português e de italiano comentam um mesmo clipe de uma banda de k-pop (gênero musical sul-coreano):

(A) Ho fatto vedere il vídeo di “Idol” a mia sorella e ha detto che *i Bangtan sono dei burattini della società*. E io ero tipo “bitch vatti a leggere la traduzione della canzone che stai ascoltando” [...] (TWITTER, 2018, grifo nosso)¹⁶⁷.

(B) E com este hino vem uma crítica à indústria do kpop. Todos sabem que *a maior parte das empresas controlam os idols como fantoches* apenas para ganhar dinheiro [...] (TWITTER, 2018, grifo nosso).

A detecção de dados que mostram que, no italiano, há a mesma compreensão FANTOCHES → PESSOAS MANIPULADAS vista no português, dá-nos maior segurança

¹⁶⁷ Tradução: “Mostrei o vídeo de ‘Idol’ a minha irmã e ela disse que *os Bangtan são fantoches da companhia*. E eu estava tipo ‘vadia, vá ler a tradução da música que você está escutando’ [...]” (TWITTER, 2018, grifo nosso, tradução nossa)

para sugerirmos a transferência metafórica na construção do sentido de *manipulador* em *burattinaio*.

Significados metafóricos também são vistos em *culaio*, *formicaio*, *fungaia*, *immondezzaio*, *merdaio* e *moscaio*. A construção *culaio* (ITA0161) é usada como adjetivo para uma ‘pessoa irritante, inconveniente’. A origem provável é a designação da *mosca culaia*, assim designada por ficar importunando a parte traseira (*culo*) do *cavalo*. É também conhecida como *mosca cavallina*. Há, nesse sentido, também uma metonímia em relação ao cavalo, visto que se seleciona uma parte do cavalo para a construção da designação da mosca. A experiência negativa com as moscas é o que se torna saliente na construção do significado metafórico de *moscaio* (ITA0306). Essa é uma palavra usada para designar ‘conjunto de moscas’ ou ‘lugar onde há muitas moscas’, cujo significado se estende metaforicamente para ‘reunião de pessoas chatas’. Em razão da experiência de contato do ser humano com esse animal (mosca), podemos sugerir que houve uma metaforização do tipo SER HUMANO É ANIMAL, já bastante produtiva nas línguas, em *moscaio*.

É esse mesmo tipo de experiência de contato que justifica o significado metafórico de *formicaio* (ITA0199), que designa tanto o ‘lugar ou aglomerado de formigas’ quanto uma ‘multidão de pessoas’. Em português, faz-se a mesma compreensão com *formigueiro*, como se pode ver no contraste entre (C) e (D):

(C) L’ho guardata da fuori, nonostante non ci fosse nemmeno cosa per entrarci. In compenso sono fuggito dal *formicaio* del centro storico di Spalato (TWITTER 2018, grifo nosso)¹⁶⁸.

(D) O Senac está parecendo um *formigueiro*, quantos alunos novos mds (TWITTER, 2018, grifo nosso).

Uma extensão metafórica para construções de significado COLETIVO é vista também em *fungaia* (ITA0210). O derivado que designa ‘lugar onde se criam fungos’ é, na verdade, estendido também metonimicamente. Primeiro, há um foco no conteúdo, a *colônia de fungos*, depois, há a transferência metafórica para ‘grande quantidade de pessoas ou coisas de uma mesma espécie’.

Aspectos subjetivos e avaliativos são ressaltados na construção metafórica dos significados de *immondezzaio* (ITA0241) e *merdaio* (ITA0298). Sobre *immondezzaio*, o derivado designa um LOCATIVO e estende-se metaforicamente para se referir a um ambiente corrupto. O cotejo entre (E) e (F) mostra que tanto italiano quanto português apresentam a

¹⁶⁸ Tradução: “Olhei para ela do lado de fora, embora não houvesse nada para entrar. Por outro lado eu escapei do *formigueiro* do centro histórico de Spalato.” (TWITTER, 2018, grifo nosso, tradução nossa).

categorização metafórica através da qual se entende a corrupção como um ato imundo, impuro, sujo:

(E) [...] vi state rimangiando le promesse fatte in campagna elettorale? #noobbliovaccinale o farete la fine di Beatrice Lorenzin che è un *essere immondo e corrotto* dalle case farmaceutiche ed è stata votata in percentuali omeopatiche (TWITTER, 2018, grifo nosso)¹⁶⁹.

(F) O reajuste do Bolsa Família pode ser cancelado, mas o aumento dos salários dos bandidos, não! Ratos, canalhas, *corruptos, imundos*, podres! (TWITTER, 2018, grifo nosso).

No que toca a *merdaio* (ITA0298), cabe mencionar que o português apresenta uma forma correspondente *merdeiro*. Tanto em italiano quanto no português, essa palavra parece significar várias outras coisas, para além das acepções do dicionário. Centrar-nos-emos no significado metafórico LOCATIVO, que parte do ‘lugar cheio de merda’, com uma noção mais concreta, para um ‘ambiente de costume imoral ou desagradável’, com uma noção mais abstrata. Em (G) e (H), contrasto textos do italiano e do português, em que *merdaio* e *merdeiro* aparecem com um significado LOCATIVO avaliado negativamente:

(G) Usuário 1: Eu sou do Piauí, morei a vida inteira lá e posso dizer: O governo Wellington Dias, do PT, só trouxe atraso ao nosso estado. Se você quer saber como funciona a coisa do Piauí e em Teresina, pergunte a quem mora lá, não a tuiteiro de outros lugares.

Usuário 2: *Conheço pessoas do Piauí, dizem que é um merdeiro*, um miserê sem fim (TWITTER, 2018, grifo nosso).

(H) Il governo suprematista nero del Sudafrica espropria forzosamente terre agli agricoltori solo perché bianchi. *Andate via di lì e lasciate che si transformino in un merdaio, come il resto del continente* (TWITTER, 2018, grifo nosso)¹⁷⁰.

Os contextos em (G) e (H) sugerem que, para a construção do significado metafórico, é decisiva a experiência indesejada com a base (*merda*), uma vez que há sempre um aspecto depreciativo nos sentidos. Saindo da seara das metáforas, entro, agora, nas construções em que

¹⁶⁹ Tradução: “você está mantendo as promessas feitas na campanha eleitoral? #noobbliovaccinale ou você acabará como Beatrice Lorenzin que é um ser imundo e corrupto de empresas farmacêuticas e foi votada com percentagens homeopáticas.” (TWITTER, 2018, grifo nosso, tradução nossa).

¹⁷⁰ Tradução: “O governo suprematista negro da África do Sul expropria terras de agricultores, somente porque os agricultores são brancos. *Ande e deixe-os transformar (o país) em um merdeiro, como o resto do continente.*” (TWITTER, 2018, grifo nosso, tradução nossa).

a metonímia se mostrou mais saliente na elaboração de sentidos. Foram os casos de *cestaio* (ITA0128), *gattaia* (ITA0216) e *lupaia* (ITA0270).

O significado analisado da construção *cestaio* diz respeito ao ‘ajudante do padeiro que entregava o pão em domicílios, usando uma cesta’. Percebe-se, nesse caso, que a metonímia é do tipo CONTINENTE/CONTEÚDO. Em ‘cestaio’, o continente *cesta* foi focalizado em detrimento do conteúdo *pão*. É o mesmo caso que aconteceu com *çaquiteyro*, analisado por Simões Neto (2016), no português arcaico. Tratava-se do ‘entregador de pão da Casa Real, que usava um espécime de saco’.

Os casos de *gattaia* (ITA0216) e *lupaia* (ITA0270) são bastante parecidos, pois envolvem a designação de plantas (AGENTES VEGETAIS), tomando como bases animais que interagem com elas de alguma maneira. A *gattaia* diz respeito a erva-do-gato (*catnip*) e tem esse nome por conta do efeito estimulante que exerce nos gatos. A *lupaia*, por outro lado, trata-se do acônito ou mata-lobos (*wolfsbane*), uma planta cujo extrato da flor ou da folha era usado para matar lobos por envenenamento, seja de comidas, seja das armas com as quais eram caçados.

Feitas as análises sociocognitivas das construções [[X]-ai-]_N, passe-se para as construções selecionadas de [[X]-ari-]_N, que estão expostas no Quadro 21.

Quadro 21 – Palavras italianas X-ari-selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
ITA0583	armario	1 Grande móvel utilizado para conservar indumentária e objetos variados; 2 Pessoa de estrutura corporal imponente.
ITA0634	caudatario	1 Que segura a cauda das vestes dos cardeais em cerimônias. 2 (fig.) Aquele que não possui opinião própria e tem um comportamento servil.
ITA0798	incendiario	1 Que incendeia ou é suscetível a incendiar; 2 Que acende paixão ardente;
ITA0812	laqueario	Gladiador que usava uma espécie de laço para prender o adversário
ITA0843	lupanario	Bordel
ITA0864	monetario	Mealheiro
ITA0891	orticaria	Doença caracterizada pela saliência de pequenos nódulos branco-avermelhados e prurido na pele
ITA1025	stupidario	Conjunto das bobagens/estupidezes ditas por uma pessoa ou personagem
ITA1049	terrario	Vaso com terra, água ou planta para criar anfíbios, répteis, insetos ou qualquer outro animal.
ITA1086	viaria	Quantia paga por despesas de viagens

O constructo *armario* (ITA0583) significa o móvel onde se guardam roupas e objetos variados, mas é também usada, no italiano, para referir-se a uma ‘pessoa de estrutura corporal imponente’. Esse uso é feito também no português, pelo menos o do Brasil, para reportar-se a uma pessoa alta, larga e robusta, salientando, então, um aspecto metafórico nesse significado da construção.

Aspectos metafóricos são vistos, também, em *caudatario* (ITA0634), *incendiario* (ITA0798), *lupanario* (ITA0843) e *orticaria* (ITA0891). Em *caudatario* (ITA0634), há a designação da ‘pessoa que segura a cauda das vestes dos cardeais em cerimônias’. Dessa cena de aspecto mais concreto, de segurar a cauda do cardeal e segui-lo ao fundo, vem o aspecto metafórico e mais abstrato, ‘aquele que não possui opinião própria e tem comportamento servil’.

No que toca a *incendiario* (ITA0798), compreende-se que há uma extensão metafórica, quando a cena do incêndio (‘que é propenso ou suscetível a incendiar’) é usada para tratar de algo que promove uma ‘paixão ardente’. Há, nesse caso, um mapeamento metafórico do tipo PAIXÃO É FOGO, que orienta a elaboração de sentidos. A experiência corporal cotidiana com o sentimento de paixão, evidenciando, entre outras coisas, o aumento da temperatura corporal, é basilar para o significado metafórico dessa palavra.

Experiência cotidiana serve também de base para a elaboração do significado de *orticaria* (ITA0891), doença que causa erupções cutâneas, muitas vezes com prurido. Do ponto de vista morfológico, a base é *ortica* (urtiga), mas o desenvolvimento da doença em nada está relacionado ao contato com a urtiga. O que entra em jogo é a experiência negativa do contato humano com a *urtiga*, trazendo reações parecidas com a da urticária. Assim, a designação da experiência da doença *urticária* dá-se em razão da transferência metafórica da experiência do contato com a urtiga.

O último caso de constructo em que a metáfora se mostrou saliente foi o de *lupanario* (ITA0843). Para o entendimento dessa narrativa, é preciso acionar, igualmente, conhecimentos históricos e linguístico-históricos. O constructo *lupanario* (ITA0843) é relativo a um bordel, lugar onde as prostitutas trabalham. A raiz da palavra toma como base ‘*lupa, -ae*’, que significa tanto *loba* (fêmea do lobo) quanto *prostituta* (significado metafórico). É nessa polissemia de *lupa* que se faz o ambíguo mito de fundação de Roma, em que os irmãos Rômulo e Remo foram amamentados por uma loba (um animal ou uma mulher?). O significado aqui encontrado para o derivado *lupanario* (ITA0843) partiu do significado humano, que toma a base ‘*lupa, -ae*’ metaforicamente.

Outro caso em que conhecimentos históricos e linguístico-históricos são demandados é o de *laqueario* (ITA0812), que designa um ‘gladiador que prendia os adversários com uma espécie de laço’. O étimo da palavra *laço*, no português, segundo Houaiss e Villar (2009), é o latim *lacĕus*, que significava ‘laço, qualquer armadilha para caça’. Nesse sentido, o *laqueario* (ITA0812) é designado por um aspecto selecionado, fazendo com que a metonímia seja mais saliente nessa formação. Cabe, ainda, ressaltar que a forma verbal correspondente a *lacĕus* é ‘*laquĕo, -as, -āvi, -ātum -āre*’ (*atar, prender, estrangular, esganar, entrelaçar, enredar* – HOUAISS; VILLAR, 2009), que aparece no português em derivados como *laqueadura*, sem que as pessoas estabeleçam qualquer vínculo com a palavra *laço*. No italiano, não há um correspondente lexical de mesma base para *laqueadura*.

Metonímias são também vistas em *monetario* (ITA0864) e *stupidario* (ITA1025). No caso de *monetario* (ITA0864), há a designação de um mealheiro, pequeno cofre onde se guarda ‘moeda’ (*moneta*), palavra tomada como base. Assim, o continente é formado a partir da focalização no conteúdo, o que ressalta um princípio metonímico.

O caso de *stupidario* (ITA1025) envolve também uma metonímia, porque a palavra toma como base o adjetivo *stupido* (estúpido), para construir o significado de ‘conjunto das bobagens ditas por uma pessoa ou personagem’. Se fosse para ser mais literal, a palavra poderia tomar como base alguma das derivadas, *stupidezza* ou *stupidaggine*, o que não foi o caso. Então, o estúpido é tomado pela estupidez que faz. É um mecanismo similar ao que acontece com as metonímias do tipo AGENTE/AÇÃO. A título de curiosidade, um “*stupidario*” publicado é o de Mario Trevisan (2012), intitulado *Estupidário bíblico: guia de passagens bíblicas ordenadas por tipos de absurdo: daqueles tragicômicos a outros só trágicos ou só cômicos, para não falar de supostas profecias* (tradução minha)¹⁷¹.

Os dois últimos exemplos, *terrario* (ITA1049) e *viaria* (ITA1086), envolvem outro mecanismo cognitivo bastante produtivo na compreensão cotidiana e também na formação de palavras: a analogia. No caso de *terrario* (ITA1049), o constructo italiano toma como modelo *acquario* (ITA0560). Assim, se o *acquario* designa um recipiente cheio d’água em que animais e plantas podem ser criados, o *terrario* é um recipiente com a mesma funcionalidade, mas cheio de terra. Já *viaria* (ITA1086) toma *diaria* (ITA0706) como modelo. Em *diaria*, a despesa é paga por *dia*, ao passo que em *viaria*, a despesa é paga por *viagem*.

¹⁷¹ Título original: *Stupidario biblico: guida a brani biblici ordinati per generi di assurdità; da quelli tragicomici ad altri solo tragici o solo comici per non parlare delle presunte profezie*.

7.6 SÍNTESE

Esta seção foi dedicada à morfologia e história do italiano, por meio da observação do desenvolvimento dos esquemas $[[X]-ai-]_N$ e $[[X]-ari-]_N$. A história da língua italiana é marcada por um multilinguismo generalizado, decorrente de séculos de contatos linguísticos e que se preserva, até hoje, como símbolo de resistência à maneira como se desenvolveu o italiano dito *standard*. De alguma maneira, esse multilinguismo itálico parece revelar-se na multiplicidade de construções derivadas do latim $[[X]-ari-]_N$ na Península Itálica. Se observado todo o morfemário do italiano, constata-se a existência de, pelo menos, quatro sufixos diferentes. Para esta Tese, optou-se por trabalhar com dois, o *-aio*, de origem vulgar, e o *-ario*, advindo da tradição culta-literária.

Os dois esquemas, $[[X]-ai-]_N$ e $[[X]-ari-]_N$, apresentaram uma quantidade muito parecida de instanciações, o que faz sugerir que, ainda que a forma vulgar ‘-aio’ tenha se desenvolvido bastante, com uma rede polissêmica produtiva, o culto ‘-ario’ não ficou nem um pouco atrás. Para se ter uma ideia, no português arcaico (SIMÕES NETO E SOLEDADE, 2015; SIMÕES NETO, 2016), o contraste de frequência de realização e produtividade de significados que observei entre *X-eir-* (esquema de tradição popular) e *X-ari-* (esquema da tradição culta) apontava para uma diferença destoante (346 *X-eir-* contra 58 *X-ari-*).

Ver que não se verifica esse abismo de frequência entre as construções do italiano permite sugerir que os dois esquemas se mostram bastante aplicáveis e produtivos na língua. Além disso, ao se olhar o mapa semântico-comparativo das duas construções, vê-se que os subesquemas ou categorias de significado que os diferenciam não são muito produtivos, o que mostra que o paralelismo culto e vulgar talvez nem funcione tão bem com os sufixos do italiano. Dada as produtividades constatadas, é possível assumir que o $[[X]-ari-]_N$ instancia cultismos nem tão cultos e o $[[X]-ai-]_N$ vulgarismos nem sempre tão vulgares.

8 OS ESQUEMAS [[X]-IER-]_N E [[X]-AIRE]_N NA LÍNGUA FRANCESA: UM AMBIENTE DE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Nesta seção, são abordados dois desenvolvimentos do sufixo *-ari-* na língua francesa, o sufixo *-ier(e)*, tido como a forma de origem popular, e o *-aire*, tomado como a forma de origem culta. Da mesma maneira que se fez nas outras seções, mescla-se a revisão de trabalhos anteriores com a leitura dos dados proposta nesta Tese.

Em relação aos trabalhos anteriores, tratando das construções *X-ier-*, encontraram-se os trabalhos de Brachet (1867), Brunot (1899), Nyrop (1908), Brunot e Burneau (1933), Corbin e Corbin (1991) e Roché (2003). Sobre as construções *X-aire*, foram encontrados os trabalhos de Nyrop (1908), Lecolle (2011) e Schnedecker e Aleksandrova (2016).

Os dados analisados nesta Tese foram retirados do *Le Nouveau Petit Robert* (2014), edição eletrônica de um dos mais conceituados dicionários da língua francesa, que traz algumas facilidades, como a busca com base em formativos (prefixos, sufixos, compositivos), além de informações relevantes sobre significados, etimologias, datações e usos.

8.1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DA LÍNGUA FRANCESA

Os aspectos da constituição história da língua francesa abordados nesta seção se norteiam majoritariamente pela narrativa empreendida por Wartburg (1966), tradução espanhola para o original *Évolution et structure de la langue française* (1962). São também levadas em consideração as visões de Chaurand (1977), Guisan (2011) e Gröbl (2013).

A narrativa de Wartburg (1966) tem como uma espécie de preâmbulo o entendimento de que o francês, antes de ser uma língua românica, é uma língua indo-europeia. Nesse sentido, o autor reflete as conquistas empreendidas pelos povos indo-europeus, considerando exitosa essa expansão, uma vez que uma grande variedade de línguas modernas, como o inglês, o francês, o espanhol, o alemão, o russo e o português, tem origem no indo-europeu.

O indo-europeu, com o avanço dos povos falantes da língua, foi se ramificando e dando origens a línguas como o latim, o grego, o sânscrito, o persa, o proto germânico e o protoeslavo, e essas línguas deram origem a uma gama de famílias linguísticas, como as românicas, as germânicas, as eslavas, as iranianas etc. Nesse âmbito, Wartburg (1966) comenta que as línguas românicas têm uma posição vantajosa. Veja-se o excerto do autor:

O estudo das línguas românicas se encontra em uma situação excepcional e privilegiada. Embora o ponto de ramificação das línguas germânicas, das eslavas etc. não seja desconhecido, o estágio de transição entre indo-europeu e as românicas é representado por uma língua de cultura de primeira ordem, dotada de uma literatura extremamente rica e variada. Em nenhum lugar, como aqui, podemos seguir passo a passo as modificações lentas e progressivas por que uma língua passa. Isso significa dizer que, para nós, a história não começa no indo-europeu. Nosso ponto de partida é o latim (WARTBURG, 1966, p. 12, tradução nossa)¹⁷².

Com essa passagem, pode-se entender que, do ponto de vista documental, só se pode analisar a origem do francês moderno tendo em vista o processo de expansão românico, a romanização, que inclui, entre várias medidas, a difusão da língua latina, em maior ou menor grau, nas regiões dominadas pelo Império.

O francês origina-se na região conhecida antigamente como Gália. Nessa região, forma-se também o provençal, língua cuja história se cruza recorrentemente com a da língua francesa.

A Gália foi habitada por diferentes povos, antes de sua romanização. Dessa forma, para pensar a história da língua francesa, é preciso considerar os contatos linguísticos entre o latim e as línguas pré-românicas, nesse território. Wartburg (1966) menciona o fato de as línguas que passaram pela Gália, antes da dominação romana, serem pouco conhecidas; algumas delas sequer apresentam algum tipo de documentação. Essa é uma dificuldade que também se apresenta na formação das outras línguas românicas.

Nesse contexto de precariedade de fontes, os comentários de Wartburg (1966) sobre os povos pré-românicos da região da Gália começam pelos lígures e pelos iberos. Segundo o autor, os lígures, oriundos da região setentrional da Península Itálica, provavelmente, habitaram a região muito antes dos iberos, oriundos das regiões Sul e Leste da Península Ibérica. Sobre a atuação dos iberos na Gália, Wartburg (1966) comenta que esses

[o]cuparam, antes dos celtas, uma grande parte do país, especificamente a bacia do Ródano, Franco-Condado, Suíça, Alpes e uma grande área do norte da Itália. Os celtas conseguiram contê-los nos Alpes e nas montanhas do norte de Gênova, onde ainda estavam estabelecidos no momento da chegada dos romanos (WARTBURG, 1966, p. 15)¹⁷³

¹⁷² “[...] el estudio de las lenguas románicas se encuentra en una situación excepcional y privilegiada. En tanto que el punto de ramificación de las lenguas germánicas, de las eslavas, etc., no es desconocido, la etapa de transición entre el indoeuropeo y las románicas está representada por una lengua de cultura de primer orden dotada de una literatura rica en extremo y variada. En ninguna parte como aquí podemos seguir paso a paso las modificaciones lentas y progresivas que sufre una lengua. Esto equivale a decir que para nosotros la historia no comienza en el indoeuropeo. Nuestro punto de partida es el latín.” (WARTBURG, 1966, p. 12).

¹⁷³ “Ocuparon, antes que los celtas, una gran parte del país, concretamente la cuenca del Ródano, el Franco-Condado, Suiza, los Alpes y una gran extensión de la Italia septentrional. Los celtas pudieron contenerles en los Alpes y en las montañas del norte de Génova, donde todavía continuaban establecidos en el tiempo de la llegada de los romanos.” (WARTBURG, 1966, p. 15)

Sobre os iberos, o autor menciona que esses

[...] atravessaram os Pirineus, talvez no século VI a.C., e invadiram o sudoeste do país, chegando até as proximidades do Loire. Foram rejeitados pela nova invasão gálica e, mais tarde, se deixaram romanizar, exceto os bascos que, situados na fronteira política entre a França e a Espanha, preservaram sua língua até os dias atuais (WARTBURG, 1966, p. 16, tradução nossa)¹⁷⁴.

Do ponto de vista linguístico, os lígures contribuíram com alguns topônimos formados com os sufixos *-ascus/-asca*, *-osculus/-osca* e *-uscus/-usca*, a exemplo de da forma antiga *Vindasca*¹⁷⁵. A contribuição dos iberos para o francês e o provençal, assim como para outras línguas românicas, é bastante escassa, deixando alguns poucos vocábulos, como *esquer* (esquerdo)¹⁷⁶ e *artigue* (campo arado), formas atestadas no provençal antigo e que não são usuais no francês moderno.

Na continuidade da apresentação dos povos pré-românicos, Wartburg (1966, p.16, tradução nossa) menciona os gregos, que, “quase à mesma época em que os ibéricos cruzaram os Pirineus, por volta de 600 a.C., chegaram à costa do Mediterrâneo”¹⁷⁷. Em relação às contribuições linguísticas do grego, o autor observa que a maioria das palavras de origem grega no léxico francês vem por via do latim, como é o caso de *blaspheméin* (grego) > *blasphemare* (latim) > *blâmer* (francês). Porém, quando se analisam os dialetos da região do Midi, onde os gregos atuaram mais significativamente, observa-se uma grande quantidade de palavras que foram transmitidas diretamente do grego, sem passar pelo latim, não sendo encontradas em outras línguas românicas.

Alguns comentários mais gerais de Wartburg (1966) sobre as palavras oriundas do grego no léxico do francês, e do provençal, podem ser vistos nas passagens destacadas a seguir:

O provençal conserva uma lembrança disso em palavras como *caliourno* 'amarra' < *kálōs*; *ancouno* 'canto, esconderijo' < grego *ankōn* 'curvatura ou sinuosidade em um rio'; *gómphos* 'pino, prego grosso' > provençal *gofon*, de onde vem o francês *gond*; provençal *tarroun* 'bengala' < gr. *Tarsos*; o adjetivo grego *gampsós* 'curvado'

¹⁷⁴ “[...] atravesaron los Pirineos, quizá en el siglo VI a.C., e invadieron el S.O. del país, llegando hasta las proximidades del Loira. Fueron rechazados por la nueva invasión gala y, más tarde, se dejaron romanizar a excepción de los vascos que, a caballo sobre la frontera política entre Francia y España, has conservado su lengua hasta nuestros días (WARTBURG, 1966, p. 16).

¹⁷⁵ Essa forma do topônimo foi atestada no século IV. Aparece como *Venasca*, no século X, e como *Vennasca*, no século XI. A forma atual é *Venasque*.

¹⁷⁶ Câmara Jr. (1976), em *História e estrutura da língua portuguesa*, e Castro (1991), em *Curso de história da língua portuguesa*, mencionam que, no português, a entrada da palavra *esquerdo* adveio do contato com os bascos (forma basca: *esker*). Para Wartburg (1966), a entrada no francês, e em outras línguas românicas é uma marca do contato com iberos. Embora se saiba que a convivência entre os povos bascos e iberos, antes da romanização, tenha acontecido por mais de mil anos, e que, provavelmente, de uma língua a outra, tenham passado muitas palavras, não se sabe exatamente quais foram as vias de transmissão. Houaiss e Villar (2009) sugerem origem duvidosa. Não querendo se comprometer, pode-se dizer que é um étimo controverso.

¹⁷⁷ “[...] casi por la misma época en que los iberos franqueaban los Pirineos, hacia el 600 a.C., llegaron a las costas mediterráneas” (WARTBURG, 1966, p.16).

sobrevive no substantivo provençal *ganso* 'laço', de onde vem o francês *ganse*; o substantivo *estèu* 'arrecife' corresponde ao grego *stēlē* 'poste' (WARTBURG, 1966, p. 19, tradução nossa, grifos do autor)¹⁷⁸.

O grego *brontē* 'trono' ainda existe nos Alpes (*brountar* 'tronar'); *lampás* 'brilho, raio' no provençal é *lā(p)* 'relâmpago'; *kírkios* está no. languedociano *cers* 'vento do noroeste.'; (*ta díktya*) *chālan* 'lançar as redes' está no provençal antigo *calar* "construir uma rede", um verbo que passou para o francês (*caler*). Talvez seja devido ao uso de sinais marítimos que *pyr* 'fogo' e *typhos* 'fumo' tenham sobrevivido até hoje; este no provençal *tubo* 'fumo', aquele no verbo *empura* 'atizar', ainda usado em Marselha (WARTBURG, 1966, p. 19, tradução nossa, grifos do autor)¹⁷⁹.

Os massaliotas eram certamente superiores aos nativos no exercício de todas as artes, especialmente na arquitetura. Eles foram os que dotaram de palavras modernas, como *andrō* 'corredor' > provençal antigo *androna* 'beco', '*dōma* 'telhado plano', de onde vem o provençal antigo *doma* 'cúpula' > fr. *dôme*. O provençal antigo *ambro* < grego *ámphora* atesta a influência da cerâmica grega (WARTBURG, 1966, p. 19-20, tradução nossa, grifos do autor)¹⁸⁰.

Diferentemente do que acontece com os gregos, cujas contribuições para o francês e o provençal são mais facilmente detectáveis, pouco se tem documentado sobre as contribuições linguísticas que os galos (ou gauleses), povo celta que habitava a região, deixaram nas mencionadas línguas românicas. O nome *Gália* é uma designação romana para a região em face da população celta local. Sobre esses povos, Wartburg comenta:

Os documentos antigos que podem nos dar notícias sobre eles não são abundantes, mas, em comparação com a escassez que envolve os lígures, estamos pelo menos em uma área sombria. Os celtas invadiram a Gália por volta de 500 a.C. (as ilhas desde o século VIII); vieram do interior da Alemanha ou das costas do Mar do Norte. Misturaram-se com os ibéricos da região do Midi e do Norte da Espanha; desta fusão nasceu o povo chamado celtibero. Os celtas ocupavam os territórios do norte do Garumna e o Maciço Central. Entraram na Itália e se estabeleceram permanentemente na planície de Pó (Gália Cisalpina). Continuaram sua marcha em direção ao leste e alcançaram a foz do Danúbio. No decorrer do século IV o poder dos celtas atingiu seu apogeu. Espalharam-se por grande parte do Mundo Antigo, de Dobruja à Cornualha, e isso ocorre no momento em que o domínio do Mediterrâneo é disputado arduamente, e quando ainda não se sabe qual força prevalecerá (Cartago, o Egito de Ptolomeu, Macedônia ou Epiro) [...]. No século III os celtas deram início à nova marcha, por pressão dos germânicos. [...] Sabe-se que no século III d.C., o gaulês ainda era falado naquele território. Mas a partir do final do século III a.C., iniciou-se o declínio

¹⁷⁸ El provençal conserva recuerdo de ello en palabras como *caliourno* 'amarra' < *kālōs*; *ancouno* 'rincón, escondite' < gr., *ankōn* 'recodo o sinuosidad en un río'; *gómphos* 'clavija, clavo grueso' > prov. *gofon*, de donde el fr. *gond*; prov. *tarroun* 'bastón' < gr. *tarsós*, el adj. griego *gampsós* 'curvado' sobrevive en el sust. prov. *ganso* 'lazada', de donde el fr. *ganse*; el sust. *estèu* 'arrecife' representa al griego *stēlē* 'poste' (WARTBURG, 1966, p. 19, grifos do autor).

¹⁷⁹ "El gr. *brontē* 'trueno' subsiste todavía en los Alpes (*brountar* 'tronar'); *lampás* 'fulgor, relâmpago' en el prov. *lā(p)* 'relâmpago'; *kírkios* en el lang. *cers* 'viento del N.O.'; (*ta díktya*) *chālan* 'echar las redes' en el prov. ant. *calar* 'tender una red', verbo que incluso ha pasado al francés (*caler*). Quizá se deba al empleo de señales marítimas el que *pyr* 'fuego' y *typhos* 'humo' hayan pervivido hasta nuestros días; éste en el prov. *tubo* 'humo', aquél en el verbo *empura* 'atizar', todavía usado en Marsella (WARTBURG, 1966, p. 19, grifos do autor).

¹⁸⁰ Los masaliotas eran ciertamente superiores a los indígenas en el ejercicio de todas las artes, especialmente en la arquitectura. Ellos fueron quienes dotaron de las hablas modernas de palabras, como *andrō* 'corredor' > prov. ant. *androna* 'callejuela', '*dōma* 'techo plano', de donde el prov. ant. *doma* 'cúpula' > fr. *dôme*. El prov. *ambro* < gr. *ámphora* atestigua la influencia de la cerámica griega." (WARTBURG, 1966, p. 19-20, grifos do autor).

progressivo da civilização celta. Fragmentados por todas as partes, quase suprimidos entre a nascente Germânia e o poderoso Império Romano, foram diminuindo cada vez mais. A conquista da Gália realizada por Júlio César é o ponto culminante, o último ato desse drama (WARTBURG, 1966, p. 21-22, tradução nossa)¹⁸¹.

Note-se, em relação ao que foi dito por Wartburg (1966) sobre a dominação celta da região da Gália, como a escassez de documentação escrita pode sugerir uma narrativa que desprivilegia o impacto dos gauleses na língua e na cultura francesa. Mesmo, do ponto de vista linguístico, a contribuição dos celtas tendo sido relativamente parca, não se pode dizer o mesmo de outros aspectos, como os religiosos e os arquitetônicos. Isso entra em consonância com o que foi dito na seção sobre as narrativas propostas em modelos de romanização e crioulização. Se considerada apenas a documentação escrita, cria-se uma narrativa que privilegia substancialmente a dominação romana, ao passo que a inclusão de elementos da cultura material pode sublinhar melhor a importância do contato entre celtas e romanos na região da Gália.

Em relação ao processo de romanização na supracitada região, Wartburg (1966) destaca a rapidez com que o latim suplantou os falares gauleses. O latim começou a se disseminar inicialmente nos centros urbanos, como língua da administração política, jurídica e educacional, ao passo que, em regiões campestres e montanhosas, os camponeses continuaram usando as línguas de seus antepassados, tendo esse hábito se mantido até o século V. Em relação à imigração romana para a região, Wartburg (1966) comenta que essa “não era muito forte; todavia, não era composta apenas por senhores, mas também por escravos, das mais diversas regiões do vasto Império, e antigos soldados incorporados à vida civil” (WARTBURG, 1966, p. 23, tradução nossa)¹⁸².

O contato entre a língua dos dominadores romanos e a língua de substrato celta, o gaulês, deixa marcas no léxico do francês e do provençal. Na Toponímia, por exemplo, “Paris conserva

¹⁸¹ “No abundan los documentos antiguos que pueden darnos noticias de ellos, pero, en comparación con la oscuridad que rodea a los ligures, nos encontramos al menos en una zona de penumbra. Los celtas invadieron la Galia hacia el 500 a.C. (las islas desde el s. VIII); procedían del interior de Alemania o bien de las costas del Mar del Norte. Se mezclaron con los iberos del Mediodía y de la España septentrional; de esta fusión nació el pueblo llamado celtíbero. Los celtas ocuparon los territorios situados al Norte. del Garona y el Macizo Central. Penetraron en Italia y se asentaron definitivamente en la llanura del Po (Glia Cisalpina). Continuaron su marcha hacia el Este y llegaron hasta la desembocadura del Danubio. En el transcurso del s. IV el poderío de los celtas llegó a su apogeo. Se extendieron por una gran parte del mundo antiguo, de la Dobrucha a la Cornualla, y esto ocurre en un momento en que se disputa ásperamente por el dominio del Mediterráneo, cuando no se sabe aún qué fuerza habrá de prevalecer (Cartago, el Egipto de los Ptolomeos, Macedonia o el Epiro) [...]. En el s. III los celtas se pusieron de nuevo en marcha, bajo la presión de los germanos. [...] Es sabido que en el s. III d.C., todavía se hablaba el galo en aquel territorio. Pero a partir de finales del s. III a.C. se inició la decadencia progresiva de la civilización céltica. Cuarteados por todas partes, casi ahogados entre la naciente Germania y el poderoso Imperio romano, se empequeñecieron cada vez más. La conquista de la Galia llevada a cabo por Julio César viene a ser la culminación, el último acto de este drama (WARTBURG, 1966, p. 21-22).

¹⁸² “[...] no era muy fuerte; sin embargo, no sólo se componía de señores, sino también de esclavos, llegados de las regiones más diversas del vasto Imperio, y de antiguos soldados incorporados a la vida civil.”

o nome da população gaulesa (os *Parisii*) que habitava o território vizinho. A cidade propriamente dita se chamava Lutetia” (WARTBURG, 1966, p. 24, tradução nossa)¹⁸³. Além disso, muitos substantivos gauleses entraram em topónimos compostos. Um muito frequente era *dunum*, que funcionava como o *town* no inglês em nomes de cidades estadunidenses, como *Middletown*, *Watertown* e *Georgetown*. São exemplos *Virodunum* (> *Verdun*) e *Lugdunum* (> *Lyon*).

Também se apresenta como marca do contato entre romanos e gauleses, o uso do sufixo gaulês *-acus*, que

[...] expressava originalmente de uma maneira bastante geral, o pertencimento. Unido a nomes de árvores, designava o bosque composto de uma determinada espécie botânica; por exemplo, *Betulacum*, de bétula ‘bétula (videiro)’. Depois foi empregado também para designar uma propriedade rural com referência a seu dono: por exemplo, *Brennacus*, baseado no antropônimo masculino gaulês *Brennos*. Esta formação foi muito usada sob a dominação romana. Esse é o motivo de a maioria dos nomes de lugar em *-ac*, *-ai* e *-y* conterem um nome de pessoa romano. Nada mostra melhor a mistura dos dois elementos, o latim e o gaulês. *Aurillac* e *Orly* são reconhecíveis como propriedade de um tal *Aurelius: fundus Aureliacus* (WARTBURG, 1966, grifos do autor, tradução nossa)¹⁸⁴.

O vestuário é uma área semântica em que se percebe a influência dos gauleses no léxico. Como esses se vestiam de forma diferente dos romanos, foram incorporadas ao léxico românico *camisia* e *braca*, que passaram para todas as línguas românicas. Pelo fato de os gauleses terem sido construtores de veículos, chegou às línguas galo-românicas a forma *char* (< *carrus*). No geral, sobrevive, dessa língua, uma série de termos técnicos. Além dos já mencionados, aparecem termos relacionados à agricultura, arquitetura, alimentação, apicultura, viticultura, cervejaria, nomes de espécies vegetais e animais e de partes da anatomia desses. Sobrevivem os termos que marcam as experiências consideradas novas para o mundo romano e que não foram suplantadas ou extintas no período da dominação romana da Gália.

Para além do fato de terem disseminado o latim entre os habitantes da região da Gália, os romanos foram responsáveis por estabelecer uma organização social e política de caráter bastante duradouro, diferentemente do que acontecia antes da chegada deles. A Gália, assim

¹⁸³ “Paris conserva el nombre de la población gala (los *Parisii*) que habitaba el territorio circundante. La ciudad propiamente dicha se llamaba *Lutetia*” (WARTBURG, 1966, p. 24).

¹⁸⁴ “[...] expresaba originariamente de una manera bastante general, la pertenencia. Unido a nombres de árboles, designaba el bosque compuesto de una especie botánica determinada; p. ej., *Betulacum*, de *betula* ‘abedul’. Después fue empleado también para designar una propiedad rural con referencia a su dueño: por ejemplo, *Brennacus*, a base del antropónimo masculino galo *Brennos*. Esta formación fue muy usada bajo la dominación romana. Esa es la causa de que la mayoría de los nombres de lugar en *-ac*, en *-ai* y en *-y* contengan en el radical un nombre de persona romano. Nada muestra mejor la amalgama de los dos elementos, el latín y el galo. *Aurillac* y *Orly* son reconocibles como propiedad de un tal *Aurelius: fundus Aureliacus* (WARTBURG, 1966, grifos do autor).

como outras regiões dominadas pelo Império, tinha um caráter fragmentado e extremamente mutável no que toca à organização social e política. Os romanos, portanto, foram responsáveis pela imposição de uma ordem, dando relativa segurança à região. Esse ambiente seguro proporcionado pelos romanos começa a ruir, tanto por pressões internas, incluindo-se as rebeliões provincianas, o enfraquecimento do exército, as crises econômicas e as rebeliões de escravizados, quanto por pressões externas, sobretudo as guerras no Oriente, contra o Império Sassânida, dos persas. Em relação a esse cenário, inicialmente, os germânicos foram aliados do Império, mas isso foi mudando.

Conforme Wartburg (1966), desde o século I, os germânicos procuraram maneiras de se integrar com os romanos. Esse contato era, às vezes, pacífico, às vezes, de natureza hostil. No geral, a forma mais recorrente de integração era fazer dos germânicos colonos ou trabalhadores. É perceptível que chegavam à Gália muito mais povos germânicos que em outras províncias romanas, alguns como trabalhadores rurais, outros como prisioneiros de guerra. Aqueles que mantiveram com os romanos uma relação cordial foram responsáveis pela introdução de termos como *bâtir*, *crosse* e *banc*.

O contato entre romanos e germânicos começou a mudar, com a invasão dos hunos, povos aparentemente advindos da Ásia, que fizeram populações inteiras abandonarem os seus lugares de origem. Foi nesse contexto que invadiram a Gália visigodos, burgúndios e saxões. Os últimos germânicos a chegarem à região foram os francos. Sobre esses últimos, Wartburg (1966) comenta que

[o]s francos transmitiram um grande número de palavras para o francês. Grande parte da terminologia militar é de origem franca; por exemplo, *épíeu* < *speut* 'pica (lança)', *broigne* < *brunnja* (al. *brünne*), etc. A vida pública adotou gradualmente a forma feudal. Encontramos os primeiros sinais desde a época galo-romana. Os francos foram os que deram forma definitiva. Também *alleu* e *fief* têm nomes alemães. Mas a colaboração da nobreza galo-romana manifesta-se na natureza bilingue da terminologia política e administrativa: *roi*, *due*, *comte* são títulos de origem latina (na era merovíngia ainda havia dúvidas entre *comes* e *grafio*); *maréchal* (< *marhskalk*, "chefe de cavalaria"); *sénéchal* (< *siniskalk* 'chefe dos servos'); *échanson* (< *skankjo*); *barão* (< *sakibaro* 'funcionário subordinado ao conde que lida com a jurisdição') representa no *cour* [tribunal] (< lat. *cohors*) o elemento germânico (WARTBURG, 1966, p. 62, grifos do autor, tradução nossa)¹⁸⁵.

¹⁸⁵ "Los francos han transmitido al francés un elevado número de palabras. Gran parte de la terminología militar es de origen franco; p. ej., *épíeu* < *speut* 'pica', *broigne* < *brunnja* (al. *brünne*), etc. La vida pública adoptaba progresivamente la forma feudal. Hemos constatado los primeros indicios de ello desde la época galorromana. Los francos fueron quienes le dieron forma definitiva. Asimismo *alleu* y *fief* llevan nombres alemanes. Pero la colaboración de la nobleza galorromana se manifiesta en el carácter bilingüe de la terminología política y administrativa: *roi*, *due*, *comte* son títulos de origen latino (en la época merovingia todavía se dudaba entre *comes* y *grafio*); *maréchal* (< *marhskalk*, 'jefe de caballería'); *sénéchal* (< *siniskalk* 'jefe de los criados'); *échanson* (< *skankjo*); *baron* (< *sakibaro* 'funcionario subordinado al conde que se ocupa de la jurisdicción') representan en la *cour* (< lat. *cohors*) el elemento germánico (WARTBURG, 1966, p. 62, grifos do autor).

Também relacionado aos francos é um fato de ordem fonética que será decisivo na formação das línguas galo-românicas. A respeito desse aspecto, Wartburg (1966) comenta:

Os francos até modificaram o sistema fonético: deram aos galo-românicos do norte uma nova consoante. Os germânicos tinham *h*¹⁸⁶ para a qual os romanos não tinham uma equivalente. Em quase todos os países românicos, as palavras germânicas com *h-* perderam suas iniciais. Nem na Itália, nem na Espanha, nem no Midi da França, a influência germânica foi forte o suficiente para impor aos nativos um som absolutamente estranho aos seus hábitos articulatórios. Somente a parte norte da Gália teve que se curvar a esse regime. A fala rética possui esse som devido naturalmente à influência dos alemães. Então, temos: germ. *helm* > it. *elmo*, prov. *elm*, esp. [y]elmo, fr. *heaume* (WARTBURG, 1966, p. 64-65, grifos do autor, tradução nossa)¹⁸⁷.

A introdução da consoante [h] no sistema consonantal das línguas galo-românicas marca uma nova fase na história delas. Essa introdução só aconteceu no falar do Norte, e o fato de essa mudança não ter se processado no falar do Sul sugere, segundo Wartburg (1966), que a fragmentação linguística do Império continuava acontecendo na Gália. A respeito desse momento de transição na organização geolinguística do espaço gaulês, Wartburg (1966) comenta:

As forças centrífugas prevalecem, cada vez mais claramente, sobre as centrípetas; Novas rachaduras se formam no solo gaulês. O mais importante é o que determina a separação do Norte e do Sul, ou seja, as duas zonas correspondentes ao que mais tarde será chamado « língua do oï » y « língua do oc »¹⁸⁸ (ou provençal, agora preferencialmente chamado « occitano ») (WARTBURG, 1966, p. 65, tradução nossa)¹⁸⁹.

Essa divisão dialetal da região da Gália, segundo Guisan (2011), é uma convenção que existe desde o período medieval. A ideia era a de que a variedade do Sul, a língua de *oc*, era uma língua menos germanizada, o que tem a ver, sobretudo, com a não introdução do [h] no sistema consonantal das línguas, como mencionou Wartburg (1966).

¹⁸⁶ Em termos de pronúncia, seria equivalente a consoante inicial do inglês *house* ou da consoante que inicia a segunda sílaba do português *horroroso* (CRISTÓFARO SILVA, 2003).

¹⁸⁷ “Los francos modificaron incluso el sistema fonético: proporcionaron a los galorrománicos del Norte una nueva consoante. Los germánicos poseían *h* para la que los románicos no tenían equivalente. En casi todos los países románicos, las palabras germánicas con *h-* han perdido su inicial. Ni en Italia, ni en España, ni en el Mediodía de Francia fue lo bastante fuerte la influencia germánica para imponer a los indígenas un sonido absolutamente extraño a sus hábitos articulatorios. Únicamente la parte septentrional de la Galia debió plegarse a este régimen. Las hablas réticas poseen este sonido debido naturalmente al influjo de los alemanes. Así tenemos: germ. *helm* > it. *elmo*, prov. *elm*, esp. [y]elmo, fr. *Heaume*” (WARTBURG, 1966, p. 64-65, grifos do autor).

¹⁸⁸ “Sobre as designações “língua de oï” e “língua de oc”, Guisan (2011) explica que são “línguas designadas pelo modo de dizer ‘sim’, derivado dos demonstrativos latinos: *hoc* > *oc*, no sul, *hoc ille* > *oï* > *oui* no norte” (GUISAN, 2011, p. 138, grifos do autor).

¹⁸⁹ “Las fuerzas centrífugas prevalecen, cada vez más claramente, sobre las centrípetas; se forman así nuevas grietas en el suelo galo. La más importante es la que determina la separación del Norte y del Sur, o dicho de otro modo, las dos zonas correspondientes a las que después se llamarán « lengua de oïl » y « lengua de oc » (o provençal, actualmente con preferencia llamado « occitano »)” (WARTBURG, 1966, p. 65).

Como explica Guisan (2011), o provençal, a língua de *oc*, terá inicialmente privilégio sobre a variedade do Norte, pelo fato de apresentar, no período medieval, uma extensa produção literária que será tomada como modelo em toda a Europa Medieval. Para a língua francesa, a virada, isto é, a sua consagração como língua de cultura escrita, só teria acontecido, no início do século XVI, conforme relata Guisan (2011), a partir de Lodge (2004). Sobre a história da produção escrita na França, caracterizada por processos de koineização e padronização, Guisan (2011) dá as seguintes explicações:

A coine escrita que surge a partir do início do século XVI no reino da França não se cria de forma espontânea. Ao contrário, trata-se de uma criação consciente, concertada e deliberada de uma força-tarefa composta em particular dos poetas do grupo da *Pléiade*¹⁹⁰. Outro autor, que não fazia parte desse grupo, que, entretanto, formulou os mesmos objetivos, foi o romancista François Rabelais (1494-1553), autor prolixo e de uma inventividade lexical atordoante, considerado como o pai do gênero romance moderno (GUISAN, 2011, p. 139, grifos do autor).

[...] Foi numa segunda etapa que essa coine escrita se tornou uma língua oral, praticada em primeiro lugar por esses intelectuais quando vinham de regiões diferentes, abandonando o latim, que cumpria esse papel até então. Dá testemunho disso o escritor Montaigne, na segunda metade do século XVI, nos seus *Ensaïos*, quando, recém-chegado a Paris (provinha da região de Bordeaux), nota que os parisienses não o entendiam quando falava na língua da sua região, assim como ele próprio sentia dificuldade em entendê-los, ao mesmo tempo em que liam o seu livro – em “francês” – que foi de certa forma um *best seller* na época¹⁹¹ (GUISAN, 2011, p. 139, grifos do autor).

Guisan (2011) acrescenta que a constatação de que a coine escrita na primeira fase era diferente da língua falada, para não dizer incompreensível, terá efeito na constituição de uma nova fase da coine escrita, que será marcada por um processo de *desgermanização* da língua francesa, reaproximando-a do modelo latino. É notável o fato de que a gramática do francês medieval apresenta muitas características comuns às das línguas germânicas. O mais famoso exemplo, segundo Guisan (2011), é o caso do V2 (verbo em segunda posição). Essa era uma regra categórica até o século XV, o que levou a obrigatoriedade do preenchimento da posição sujeito.

A partir do século XVI, a regra de preenchimento do sujeito, nos termos de Guisan (2011), *desmorona*, quando se elabora uma nova norma escrita. O autor menciona a existência de vários outros processos que sugerem uma *desgermanização* do francês, tanto na

¹⁹⁰ Nota de Guisan (2011): “O grupo da Pléiade era composto de sete poetas, imitando assim um grupo da época helenística alexandrina, como as sete estrelas formando a constelação do mesmo nome (pléiade, em português)” (GUISAN, 2011, p. 139).

¹⁹¹ Nota de Guisan (2011): “Montaigne, cujo pai já era um humanista, recebeu desde a infância uma educação multilíngue; todos os familiares, até os domésticos, tinham a obrigação de se dirigir a ele em latim, e mais tarde em grego antigo” (GUISAN, 2011, p. 139).

morfossintaxe quanto no léxico. Mesmo com todas essas mudanças, pode-se dizer, seguramente, que o francês ainda é “a mais germânica das línguas neolatinas” (GUISAN, 2011, p. 140).

Grübl (2013) critica a narrativa proposta por Lodge (2004, 2010, 2011) e retomada por Guisan (2011), entendendo que essa tem problemas tanto de natureza empírica quanto de natureza metodológica. O autor reconhece a importância dessa hipótese, pois ela deu impulso a novas pesquisas sobre a história do francês falado em Paris, no entanto acha que é reducionista atrelar, por inteiro, o desenvolvimento de uma norma do francês escrito ao desenvolvimento tardio da capital francesa. Na compreensão de Grübl (2013),

[...] uma distinção clara deve ser feita entre a história da pronúncia do francês, por um lado, e a evolução de seu sistema morfológico e gráfico, por outro. [...] Podemos aceitar que a história da pronúncia francesa esteja intimamente ligada à cidade de Paris e aos processos de nivelamento linguístico oral que provavelmente ocorreram na capital a partir do século XII. Por outro lado, a “substância” gráfica, morfológica e certamente também lexical do francês deve ser considerada no vasto contexto histórico do desenvolvimento pluricêntrico de uma tradição vernacular escrita; isto é, um sistema que se formou independentemente de suas realizações fonéticas potenciais (GRÜBL, 2013, p. 375-376, tradução nossa¹⁹²).

A proposta de Lodge (2004, 2010, 2011), na compreensão de Grübl (2013), ignora o fato de que, na escrita medieval francesa, já existiam movimentos de nivelamento de escritas regionais. Isso, segundo o autor, se deve ao caráter desde sempre pluricêntrico da língua. Além disso, Grübl (2013) comenta que processos de normatização a partir de nivelamentos de variedades regionais é comum a muitas outras línguas europeias. Um exemplo dado pelo autor é o alto alemão, onde também se viu o desenvolvimento de uma norma-padrão de caráter suprarregional, que mistura nivela formas regionais. Esse processo é diferente do que aconteceu, por exemplo, no italiano, em que uma variedade escrita e falada com produção literária já estabelecida se sobressai e é eleita como língua-padrão, em detrimento de outras que recebem o rótulo de *dialetos*.

¹⁹² À mon avis, il faut distinguer clairement l’histoire de la prononciation du français, d’une part, et l’évolution de son système morphologique et graphique, d’autre part. [...]. On peut accepter que l’histoire de la prononciation du français soit étroitement liée à la ville de Paris et aux processus de nivellement linguistique à l’oral qui sont probablement survenus dans la capitale à partir du 12e siècle. Par contre, la ‘substance’ graphique, morphologique et certainement aussi lexicale du français doit être considérée dans le vaste contexte historique de l’élaboration pluricentrique d’une tradition vernaculaire écrite ; c’est un système, semble-t-il, qui s’est formé indépendamment de ses réalisations phonétiques potentielles (GRÜBL, 2013, p. 375-376).

8.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DO ESQUEMA [X_i]-IER(E)]_N

A investigação dos formativos franceses começa com aquele que se desenvolveu do latim de estrato popular, o *-ier-*. A mais antiga descrição encontrada foi a de Brachet (1867), no terceiro livro da *Grammaire historique de la langue française*, dedicado à formação de palavras. Na descrição que faz para os sufixos franceses, o autor introduz-os com as formas etimológicas latinas. Assim, os sufixos *-ier-* e *-er-* são apresentados como os correspondentes franceses dos latinos *-aris* e *-arius*. Cabe mencionar que o autor separa os sufixos latinos em tônicos e átonos, e *-aris* e *-arius* estão no rol dos tônicos. Seguem as palavras de Brachet (1867):

ARIS, ARIUS – (fr. *er* e *ier*).

Premier (primarius), séculier (sæcularis), grenier (granarium), écuyer (scutarius), rivière (riparia), écolier (scolaris), sanglier (singularis [porcus]), fumier (fumarium).
Dérivés: plénier (plein), barrière (barre), etc.

Le suffixe *ier*, le plus productif, peut-être, des suffixe français, a formé un nombre considérable de dérivés qui n'existaient point en latin. Il sert à désigner le plus souvent : 1° le noms de *métiers*: [boutiquier, potier, batelier, écuyer, berger, archer, viguier, etc...], 2° les *objets d'usage journalier* [sablier, encrier, foyer, etc...], 3° les noms *des végétaux* [poirier, pommier, peuplier, laurier, figuier, grenadier, etc]... (BRACHET, 1867, p. 276, grifos do autor)

Com essa formulação, Brachet (1867) sinaliza que as formas sufixadas com as variantes francesas *-ier* e *-er* podem ser desenvolvimento de formas com dois sufixos latinos (*-arius*, *-aris*), que, embora diferentes, são aparentados, conforme se viu em White (1858). O autor comenta também que o sufixo está presente em palavras criadas no próprio francês, destacando a sua produtividade na criação de itens lexicais com os seguintes significados: PROFISSIONAIS, OBJETOS DE USO e VEGETAIS.

A segunda mais antiga descrição encontrada foi a de Brunot (1899), na obra *Précis de grammaire historique de la langue française*, mais tarde reeditada como uma publicação de Brunot e Bruneau (1933). Na primeira edição, a explicação de Brunot (1899) sobre o *-ier-* é a seguinte:

[...] **ier**, **ière** (do lat. *arium*, *ariam*) deveria ter assumido a forma de **air**. Mas, por conta de uma quantidade elevada de palavras precedidas por um som gutural, tornou-se regularmente **ier** nesses casos. Assim, *bergier*, de **ververcarium*. Então, por analogia, ele manteve sua forma em outras palavras. Ex: *batelier*, *chandelier*. Às vezes, é reduzido a **er**, **ère**. Ex: *poulailler*, *genouillère*. Muito produtivo, é usado para formar nomes de homens como *serrurier*, nomes de coisas como *guêpier*, *theière* e,

também, adjetivos. Ex: *fruitier*, *viager* (BRUNOT, 1899, p. 160 tradução nossa¹⁹³, grifos do autor)

Brunot (1899) destaca ainda a existência do sufixo *andier*, *andière* que seria aplicado em contextos deverbais, como em *lavandière* (lavadeira), do verbo *laver* (lavar), e *taillandier* (cuteleiro), do verbo *tailler* (cortar). Pelos exemplos dados pelo autor, não parece se tratar de outro sufixo, nem mesmo de uma variante de *-ier-* e, sim, uma combinação do sufixo *-ant*, oriunda do particípio presente latino, com o sufixo *-ier-*. Seria como se, em português, fosse sugerido que, em *curandeiro*, existe um sufixo *-andeiro*.

Na edição de Brunot e Burnout (1933), não há um comentário destacado, mesmo que curto, sobre o sufixo, como aparece na primeira edição. Os autores sugerem que, no francês, os sufixos podem ser classificados de três maneiras: “Se olharmos para a história da língua, distinguimos *sufixos mortos* e *sufixos vivos*, *sufixos populares* e *sufixos cultos*, *sufixos primitivos* e *sufixos derivados* (BRUNOT E BRUNEAU, 1933, p. 206, tradução nossa¹⁹⁴, grifos dos autores).

É em meio ao debate sobre *sufixos vivos e sufixos mortos*¹⁹⁵ que se vê a única menção de Brunot e Bruneau (1933) ao *-ier-*: “Alguns sufixos absorveram outros: o antigo sufixo *-er* (*-arem*) desapareceu em *soulier*, *pilier*, *bochelier*, *sanglier*, *jadis soler*, *piler*, *bachelor*, *sengler*, anteriormente *soler*, *piler*, *bachelor*, *sengler*; o sufixo raro foi substituído por um sufixo

¹⁹³ **ier, ière** (du lat. *arium, ariam*) aurait dû prendre la forme **air**. Mais, précédé dans un grand nombre de mots d'une gutturale, il est devenu régulièrement **ier** en pareil cas. Ainsi dans *bergier*, de **ververcarium*. Puis, par analogie, il s'est maintenu sous cette forme dans d'autres mots. Ex. : *batelier*, *chandelier*. Il se réduit quelquefois à **er, ère**, Ex : *poulailler*, *genouillère*. Très fécond, il sert à former des noms d'hommes comme *serrurier*, des noms de choses comme *guépier*, *thetière* et aussi des adjectifs. Ex : *fruitier*, *viager* (BRUNOT, 1899, p. 160, grifos do autor)

¹⁹⁴ "Si on considère l'histoire de la langue, on distingue des *suffixes morts et des suffixes vivants, des suffixes populaires et des suffixes savants, des suffixes primitifs et des suffixes dérivés*" (BRUNOT E BRUNEAU, 1933, p. 206, grifos dos autores).

¹⁹⁵ Esse debate pode ser repensado à luz do contraste que Soledade (2005) faz entre *produtividade* e *vitalidade* ou do que Viaro (2010) faz entre *produtividade* e *prolificidade*. Soledade (2005), que estudou a sufixação no português arcaico, se baseia em Lüdi (1984)), no “*Aspects énonciatifs et fonctionnels de la néologie lexicale*” para empreender essa discussão. Assim, para a atualidade, um sufixo é dito produtivo quando se percebe uma alta frequência de formas a que ele se aplica em uma dada sincronia (geralmente recuada), ao passo que a *vitalidade* estaria relacionada à possibilidade de se gerarem novas formas com o formativo. Assim, um sufixo como *-udo* pode ser pouco produtivo no português arcaico, mas ter vitalidade no português contemporâneo. Viaro (2010), fazendo essa mesma discussão, destaca a polissemia do termo *produtividade* nos estudos morfológicos e menciona que o uso dele pode ser problemático, se aplicado à morfologia histórica. Ao final, o autor assume a *produtividade* de forma similar a Aronoff (1976), para quem uma regra de formação de palavras era chamada produtiva, quando se geravam formas novas. A *prolificidade* seria a aplicabilidade em sincronias passadas. Nessa formulação, um sufixo *-ista* pode ser pouco prolífico no português arcaico e ser produtivo no português contemporâneo. Nas palavras do autor: “Se pensarmos que produtividade é a capacidade de ainda se gerarem novos elementos e prolificidade, a quantidade de elementos já gerados, observaremos que a primeira aponta para o futuro do léxico, enquanto a segunda, para o passado” (VIARO, 2010, p. 176).

amplamente utilizado” (BRUNOT E BRUNEAU, 1933, p. 207, tradução nossa¹⁹⁶, grifos dos autores). Não há uma explicação detalhada dos autores sobre o desenvolvimento do *-er*, mas, quando sugerem que o antigo sufixo *-er* se desenvolveu do latim *-arem*, pode-se supor uma associação, ainda que implícita, àquela rede inicial que conecta os formativos latinos *-aris* e *-arius*.

Quem dá mais informações sobre a gênese do formativo é Kristoffer Nyrop, no terceiro volume da sua *Grammaire historique de la langue française* (1908), dedicado à formação de palavras no francês. Nyrop (1908) considera os sufixos *-ier-* e *-aire* predominantemente denominais, o que sugere que, na língua francesa, os sufixos não se diferenciam, do ponto de vista funcional, do sufixo latino *-ari-* e dos românicos aparentados até aqui apresentados. Sobre a gênese de *-ier-* na língua francesa, Nyrop (1908) comenta que esse sufixo

[...] remonta tanto para **-arium**: *apiarium* > vfr¹⁹⁷. *achier*, *columbarium* > *colombier*, *virid(i)arium* > vfr. *vergier*; quanto para a terminação adjetival **-arius**: *adversarius* > vfr. *aversiers*, *primarius* > vfr. *premiers*. A passagem de *-ario* para *-ier* é obscura. Supõe-se que *-ario* tenha sido influenciado pelo sufixo germânico *-ari*, que tinha uma forma e significado similar: graças à «metafonia» *-ari* se tornou *-er*, o que teria provocado uma mudança similar no sufixo latino. Essa é uma hipótese engenhosa, mas pouco provável, de MM¹⁹⁸. Sobre o que disse esse último, Vising e Thomas chamam de «um curto-circuito entre fonética germânica e fonética românica». A substituição de *-er* por *-ario* remonta pelo menos ao século VIII; é nesse período que a forma *sorcerus* (para *sortiarius*) data no glossário de Reichenau (n° 385), *paner* aparece ao lado de *panario* no mesmo documento (n° 1094) [...] (NYROP, 1908, p. 123, grifos do autor, tradução nossa)¹⁹⁹.

Ainda que não tome uma decisão acerca dos processos morfofonológicos envolvidos na passagem de *-arius/-arium* > *-ier*, Nyrop (1908) comenta que o sufixo *-ier-* é bastante produtivo na história da língua francesa, tendo formado palavras derivadas de adjetivos (*grossier*, *journalier*, *plénier*), substantivos (*abricotier*, *chaudronnier*, *damier*) e verbos (*devancier*, *encombrier*). O autor sugere que as formas deverbais sejam improdutivas na língua

¹⁹⁶ "Certains suffixes ont absorbé d'autres suffixes : l'ancien suffixe *-er* (*-arem*) a disparu dans *soulier*, *pilier*, *bochelier*, *sanglier*, jadis *soler*, *piler*, *bachelor*, *sengler* ; le suffixe rare a été remplacé par un suffixe très répandu." (BRUNOT E BRUNEAU, 1933, p. 207, grifos dos autores)

¹⁹⁷ A abreviatura *vfr* significa *vieux français* (francês antigo).

¹⁹⁸ Verificada a listagem de siglas e abreviaturas da obra, não se identificou o significado da sigla MM.

¹⁹⁹ remonte soit à **-arium**: *apiarium* > vfr. *achier*, *columbarium* > *colombier*, *virid(i)arium* > vfr. *vergier*; soit à la terminaison adjectivale **-arius**: *adversarius* > vfr. *aversiers*, *primarius* > vfr. *premiers*. Le passage de *-ario* à *-ier* est obscur. On suppose que *-ario* a subi l'influence du suffixe germanique *-ari* qui offrait une forme et une signification analogue: grâce à l'«umlaut» *-ari* est devenu *-er*, ce qui aurait amené un changement pareil du suffixe latin. Telle est l'hypothèse ingénieuse, mais peu probable, de MM. Vising et Thomas sur ce que ce dernier appelle «un court-circuit entre la phonétique germanique et la phonétique romane». La substitution de *-er* à *-ario* remonte au moins au VIII^e siècle; c'est de cette époque que datent les formes *sorcerus* (pour *sortiarius*) dans le glossaire de Reichenau (n° 385), *paner* à côté de *panario* dans le même document (n° 1094) [...].

contemporânea, tendo ficado a maioria das formas no francês antigo. A forma *devancier* (predecessor) é a única sobrevivente.

Em relação aos significados, Nyrop (1908) destaca quatro grupos semânticos. O primeiro diz respeito às pessoas que produzem, fabricam ou se responsabilizam por algum objeto designado pela palavra base, ou seja, AGENTES. No entendimento do autor, esse grupo advém do *-arius* latino. Entre os seus exemplos, estão: *chapelier* (chapeleiro), *argentier* (ourives), *bijoutier* (joalheiro), *jardinier* (jardineiro), *barbier* (barbeiro) e *geôlier* (carcereiro).

Importa mencionar, no tratamento desses agentes humanos, a menção que Nyrop faz à existência de derivados com o mesmo sufixo que apresentam significados opostos. Por exemplo,

[...] *prisonnier* (prisioneiro) é um homem detido na prisão, mas *geôlier* (carcereiro) é um homem que observa os detentos. Às vezes, a mesma palavra tem sentidos contrários. Então na Idade Média, *almosniers* (esmoleiros) significava aquele que recebia a esmola, e também aquele que dava a esmola, o mendicante e o benfeitor (NYROP, 1908, p. 125, grifos do autor, tradução nossa²⁰⁰).

A importância de trazer esse excerto se dá pelo fato de que esse mesmo par semântico-lexical é *prisonnier* (prisioneiro) e *geôlier* (carcereiro) é usado, em português, por Salomão (2009) e Castro da Silva (2012), para tratar de ajuste focal na construção de significados de palavras derivadas (ver seção 3.3.2.1). Já o caso da forma medieval francesa *almosnier* (forma contemporânea: *aumônier*) pode ser tratada como um caso de reenquadramento de um mesmo frame, como acontece com o exemplo de *carcerārīus*, que designava tanto o *carcereiro* quanto o *prisioneiro*, no latim clássico (ver seção 5.5).

Ainda que Nyrop (1908) esteja longe de se inserir no paradigma teórico da LC, é interessante ver como questões que são tão caras a uma teoria pós-estruturalista já se apresentavam entre os estudiosos pré-saussurianos.

O segundo grupo semântico identificado por Nyrop (1908) é o de RECIPIENTES e LUGARES que contêm o elemento designado pela base. Segundo o autor, esse significado advém do latim *-arium* e tem como representantes: *bourbier* (atoleiro), *colombier* (pombal), *encrier* (tinteiro), *grenier* (celeiro), *herbier* (herbário), *plumier* (estojo ou caixa para lápis), *poivrier* (pimenteiro), *saladier* (saladeira), *sucrier* (açucareiro), entre outros.

²⁰⁰ *prisonnier* est un homme détenu en prison, mais *geôlier* un homme qui garde les détenus. Parfois le même mot présente des sens contraires. Ainsi au moyen âge *almosniers* signifiait celui qui recevait l'aumône, aussi bien que celui qui la distribuait, le mendiant et le bienfaiteur.

O terceiro grupo apontado por Nyrop (1908) é o de QUALIDADES. Entre os exemplos estão: *chicanier* (rabugento, reclamão), *coutumier* (costumeiro), *hospitalier* (hospitaleiro), *ordurier* (obsceno), *princier* (principesco) e *printanier* (primaveril).

O quarto e último grupo delimitado por Nyrop (1908) para derivados com *-ier* é o de ÁRVORES. Segundo o autor, as árvores formadas por derivadas são quase sempre frutíferas, mas isso não é uma regra. Entre os exemplos dados, estão: *amandier* (amendoeira), *bananier* (bananeira), *cerisier* (cerejeira), *cocotier* (coqueiro), *framboisier* (framboeseira), *mûrier* (amoreira), *palmier* (palmeira), *pêcher* (pessegueiro), *poirier* (pereira), *pommier* (macieira) e *rosier* (roseira).

Nyrop (1908) faz também um tratamento dos derivados em *-ière*, a forma feminina, que, segundo o autor, está envolvida preponderantemente na formação de LOCATIVOS que designam onde está o elemento designado pela base. Ele aponta quatro subgrupos: (a) recipientes (*cafetière/cafeteira*, *salière/saleiro*, *soupière/sopeira*, *théière/chaleira*); (b) lugares habitados ou frequentados (*fourmilière/formigueiro*, *gentilhommière/mansão*, *jésuitière/escola de jesuítas*, *renardière/toca de raposa*); (c) lugares semeados e plantados (*chenevière/plantação de cânhamo*, *melonnière/plantação de melão*, *rizière/plantação de arroz*); (d) utensílios diversos (*chatière/portinhola para a passagem do gato*, *souricière/ratoeira*, *tourtière/torteira*).

O terceiro trabalho encontrado sobre o sufixo *-ier/ière* é de Corbin e Corbin (1991). A principal *angústia* desses autores é a descrição dos aspectos semânticos, pois lhes chama à atenção o fato de um mesmo sufixo poder designar entidades tão diferenciadas, como profissões, recipientes, animais, árvores, vestimentas, utensílios etc.

Os autores mencionam que, até aquele momento, a tendência dos estudos morfológicos era abordar esse deslizamento semântico como casos de homonímia, ou seja, haveria vários sufixos *-ier/-ière*, e cada significado diferente apontava para um sufixo diferente. Corbin e Corbin (1991), então, vão propor que se trata de um único sufixo, com vários significados, sendo, portanto, um caso de polissemia.

É preciso destacar que o trabalho se orienta por uma perspectiva gerativa, mas considerando esse e outros textos dos autores (CORBIN, 1987; 1990), é possível categorizá-los como gerativas que defendem uma abordagem lexicalista associativa, pois fazem descrição formal das operações morfológicas, sem desprestigiar os aspectos semânticos. Na história do lexicalismo gerativista, essa abordagem foi feita também por Jackendoff (1975), Basílio (1980, 1987) e Booij (1986).

Sobre o *corpus* de análise, Corbin e Corbin (1991) trabalham com dados do *Grand Robert de la langue française*. Os autores se mostram “convencidos de que os estudos de morfologia derivacional exigem inventários certamente longos e tediosos, mas sem os quais estamos reduzidos a destacar exemplos cuja representatividade e relevância são desconhecidas” (CORBIN E CORBIN, 1991, p. 61, tradução nossa)²⁰¹. Diante dessa premissa, os autores analisam uma amostra de 1.456 palavras.

É destacável também o tratamento minucioso dos dados feitos pelos autores, sobretudo no que toca à escolha de palavras analisáveis e não analisáveis. Algumas das decisões tomadas por eles são similares às tomadas nesta Tese.

São não analisáveis por Corbin e Corbin (1991, p. 62): (a) empréstimos não analisáveis em francês, como *ager*, do latim, ou *destroyer*, do inglês; (b) cruzamentos vocabulares, como *gazinière* (*gaz+cuisinière*) e *plapier* (*plastic + papier*); (c) verbos transcategorizados em nomes, caso de *plaidoyer*; (d) palavras terminadas em *-ier*, cuja significação não possa ser parafraseada em termos de relação com a base ou com qualquer outra estrutura aparente; (e) casos de palavras terminadas em *-ier* cujo último processo derivativo não tenha sido a sufixação, como no caso de *sous-brigardier*, que tem como base *brigardier*, essa sim potencialmente analisável; (f) casos em que a forma sufixada significa o mesmo da base (*peuplier*, sinônimo de *peuple*); (g) casos de adaptação francesa de elementos estrangeiros, como em *gonakier*, adaptação francesa de *gonakié*, palavra da língua uolofe.

Com base em trabalhos anteriores e nas próprias análises, os autores estabelecem sete constatações sobre o funcionamento do sufixo *-ier-* no francês. A primeira delas diz que só há um sufixo *-ier-* na língua. Isso, segundo Corbin e Corbin (1991), implica assumir que: (i) adjetivos, como *dépensier* (gastador), *grossier* (grosseiro) e *rêvassier* (sonhador), se originam da mesma regra que gera os substantivos; (ii) as categorias semânticas possíveis não advêm necessariamente de regras diferentes, mas de atribuições referenciais passíveis de descrição; (iii) quem separa adjetivos e substantivos derivados em *-ier* o faz muito mais pelo princípio teórico do produto categorial único do que pelo seu funcionamento na língua.

A segunda constatação de Corbin e Corbin (1991) é a de que o sufixo *-ier-* forma prototipicamente adjetivos a partir de bases nominais. A explicação dada é a de que a sufixação *X-ier-* está atrelada a uma série de processos morfológicos cuja regra de construção aponta para

²⁰¹ « persuadés que les études de morphologie dérivationnelle demandent des inventaires certes longs et fastidieux, mais sans lesquels on est réduit à mettre en exergue des exemples dont on ignore la représentativité et la pertinence ».

adjetivos. Outros exemplos de sufixos adjetivadores, segundo os autores, são *-aire*, *-al*, *-el*, *-eux* e *-ique*.

Do ponto de vista semântico, Corbin e Corbin (1991) sugerem que o SPCR (significado previsível construído pela regra) nos sufixados *X-ier-* seja algo como ‘relativo à BASE SUBSTANTIVA’. Entretanto, apontam para o fato de que outros significados podem emergir a partir das relações que se estabelecem entre sufixo e base. Em linhas gerais, essa constatação dos autores destaca a primazia adjetivo-relacional dos constructos *X-ier-*, que podem adquirir outros significados a depender da base com que o sufixo interage.

A terceira constatação está intimamente relacionada com a segunda, pois sugere que os substantivos *X-ier-* advêm dos adjetivos. Segundo os autores, a confirmação dessa proposição depende de se constatar se esse tipo de conversão: (i) é motivado de forma independente; (ii) permite que os significados dos substantivos *X-ier-* sejam registrados; (iii) possibilita reconstruir um substantivo que não tenha um adjetivo relacionado.

A explicação de Corbin e Corbin (1991) se dá no sentido de que a forma *laitier/laitière* (leiteiro/leiteira) aparece tanto como um adjetivo, acompanhando palavras como *industrie*, *coopérative*, *vache*, *voiture*, quanto como um substantivo, referindo-se a uma pessoa ou um animal. Apesar de o significado relacional estar mais evidente nos adjetivos, os substantivos podem ser reconstruídos com base nessas relações, quando se entende, por exemplo, que ‘un homme lié au lait’ (um homem ligado/relacionado ao leite) é o ‘laitier’ (leiteiro).

É preciso destacar os casos como o de *poivrier* (pimenteiro/pimenteira), usado como substantivo masculino no francês para se referir a uma árvore, um recipiente de mesa ou um comerciante relacionado à pimenta. Segundo Corbin e Corbin (1991), mesmo que não se registre a forma adjetiva no dicionário usado, são aceitáveis realizações como *industrie poivrière* (indústria pimenteira [de pimenta]), *marchand poivrière* (comerciante pimenteira), *comptoir poivrier* (balcão pimenteiro), o que, segundo os autores, mostra que, mesmo nos casos não atestados, os substantivos *X-ier-* são passíveis de uma reconstrução adjetivo-relacional.

A quarta proposição de Corbin e Corbin (1991), a respeito do sufixo *-ier-*, diz que o formativo “seleciona, entre as propriedades referenciais da base nominal ao qual se aplica, propriedades pertencentes ao conhecimento não científico, envolvendo um conhecimento pragmático” (CORBIN E CORBIN, 1991, p. 73, tradução nossa²⁰²). Isso, além de ser explicado pelo desenvolvimento popular do sufixo, está relacionado ao fato de os significados mais básicos e pragmáticos permitirem uma extensão mais cômoda que aqueles mais especializados.

²⁰² “ sélectionne parmi les propriétés référentielles du nom de base auquel il s’applique des propriétés relevant de savoirs non scientifiques, mettant en jeu une connaissance pragmatique ”.

Nos termos dos autores, há um protótipo semântico adjetivo-relacional que vai sendo herdado por todos os outros elementos, de forma que o protótipo engloba todos esses significados estendidos, que seriam espécies de subconjuntos. Dada a possibilidade de reconstrução daqueles substantivos que não tenham correspondente adjetival atestado, pode-se dizer que o significado adjetivo ‘relacionado a’ engloba todos os outros significados substantivos, que também apresentam algum tipo de relação com a base.

Na quinta proposição, os autores sinalizam que as conversões de adjetivos *X-ier-* para substantivos são resultantes de processos de focalização. Essa conversão por focalização explica como *marchand laitier* (comerciante de leite/ comerciante leiteiro), por exemplo, passou a *laitier* (leiteiro). Ao cabo, a focalização incluiria a elisão de um substantivo semanticamente genérico, que será assimilado em um novo significado que parte da forma adjetiva. Esse processo já foi sinalizado no tratamento da gênese do sufixo latino *X-ari-*. Com a explicitação de Corbin e Corbin (1991), pode-se ver que o processo continua ativo na língua francesa.

A sexta proposição diz respeito à recursividade do sufixo *-ier*, isto é, a possibilidade de se formar derivados *X-ier-* a partir de *X-ier*²⁰³. Corbin e Corbin (1991) dão o exemplo de *boucanier*, formado a partir de *boucan*. A forma derivada diz respeito a um rifle usado para a caça de bois selvagens, a partir do qual poderia se formar um segundo *boucanier*, que poderia ser um adjetivo relacionado ao *boucanier* (rifle). Seguindo os procedimentos derivativos comuns, esperar-se-ia que o resultado fosse algo como *bucaniériste* o que não acontece, para não incidir em cacofonia. Há, nesse sentido, uma restrição fonológica da base. Rocha (1998) menciona algo parecido para os formados em *-eiro* no português, sendo *cabeleireiro* [[[cabel(o)]_N -eir-]_N -eiro]_N, um caso raro.

A sétima e última proposição diz respeito à possibilidade de as regras de focalização atuarem sobre um adjetivo como *boucanier*, visto na proposição anterior. Assim, sobre *chasseur boucanier* (caçador bucaneiro), poderia atuar uma regra de focalização que resultaria em *boucanier*, um substantivo que designa um caçador de bois que usa o rifle como instrumento.

Em linhas gerais, é possível perceber que, mesmo pouco conhecidas no Brasil, as proposições de Corbin e Corbin (1991), dentro de um paradigma gerativista, apresentam métodos e aportes descritivos que têm sido muito caros à Morfologia Histórica, sobretudo a que se orienta por uma perspectiva cognitiva e construcional. Contextualizando o trabalho à sua

²⁰³ Esse aspecto foi brevemente comentado na seção 5.1.1 desta Tese, relativa ao latim vulgar.

época, pode-se dizer que ele avança significativamente em relação a modelos gerativos mais conhecidos. No que toca ao formativo *-ier-*, a contribuição mais destacável reside no fato de os autores adentrarem em aspectos relacionados à polissemia, prototipicidade e focalização, que são amplamente discutidos nos trabalhos feitos no âmbito da LC.

O morfólogo francês Michel Roché, de orientação gerativista, deu importantes contribuições para os estudos sobre o sufixo *-ier-* na história da língua francesa, pois estudou, por mais de uma década, as palavras construídas com esse formativo. Para este estudo, foi selecionado o trabalho de 2003, em que o autor se volta para o francês contemporâneo.

O texto *Catégorisation et recatégorisation en morphologie dérivationnelle : le cas de la dérivation en -ier(e)* (tradução nossa : *Categorização e recategorização em morfologia derivacional : o caso da derivação em -ier(e)*) discute algumas questões parecidas com as levantadas por Corbin e Corbin (1991), que são retomados no texto. A primeira questão de Roché (2003) é: o fato de o sufixo formar tanto adjetivos quanto substantivos autoriza a assunção da existência de dois sufixos homônimos, ou é melhor assumir uma visão unificada, como fizeram Corbin e Corbin (1991)?

Essa primeira questão gira em torno da categoria das palavras derivadas. Roché (2003) também observa que as palavras construídas com *-ier(e)*, em sua maioria, partem de bases substantivas, porém há variados casos em que os derivados se formam a partir de verbos e adjetivos. A partir disso, surge uma segunda questão: propõe-se uma regra diferente para cada tipo de base?

Uma terceira questão que ainda aparece no texto de Roché (2003) está relacionada aos aspectos semânticos das palavras derivadas. O autor se pergunta se palavras como *plombier* (encanador) e *lavandière* (lavadeira), cujas bases são, respectivamente, o substantivo *plomb* (chumbo) e o verbo *laver* (lavar), podem ser categorizadas da mesma maneira como *nomes de profissionais*? E ainda: essas palavras podem ser classificadas como *qualificadoras*, tais como *cachottier* (pessoa reservada, sigilosa) e *minaudière* (pessoa bajuladora), cujas respectivas bases são o substantivo *cachot* (calabouço; cárcere) e o verbo *minauder* (bajular)? Diante disso, a questão maior é: os aspectos semânticos e léxico-categoriais das bases impactam significativamente na semântica das palavras derivadas? Essas questões remontam à discussão sobre “significado previsto pela regra” e o “significado herdado da base”, feita por Corbin (1990)²⁰⁴.

²⁰⁴ Dentro de uma perspectiva gerativa, Corbin (1990) trata da semântica nas “regras de construção de palavras”, expressão usada pela autora, e destaca a existência de um “significado previsto pela regra” e um “significado herdado da base”. O primeiro tem um caráter normalmente mais genérico, enquanto o segundo pode orientar para

As três questões levantadas por Roché (2003) parecem já solucionadas no âmbito da Morfologia Construcional, principalmente a que tem sido desenvolvida no Brasil. Neste trabalho, já se tem optado por: (i) propor um esquema unificado, em que outputs adjetivais e substantivais são representados conjuntamente; (ii) diminuir a relevância da categoria lexical da base, explicitando-a somente quando for imprescindível; (iii) discutir como o significado da base permite a recategorização semântica, sobretudo na análise de outputs com significados não composicionais.

Ainda assim, é importante observar as discussões de Roché (2003), que se apoia nas lições de Corbin (1987,1990) e Corbin e Corbin (1991), porque essas permitem compreender a trajetória da teoria gerativa lexicalista na busca pela relevância do fator semântico na formação de palavras. O próprio Geert Booij, em texto de 1986, bem antes de propor a Morfologia Construcional, se encontrava nessa busca.

Voltando aos problemas delineados por Roché (2003), destaquem-se as conclusões a que chegou o autor. Na primeira, Roché (2003) assume que, no estudo das palavras derivadas, o pesquisador deve ir além das classes gramaticais tradicionais (substantivo, adjetivo, verbo), incluindo subclasses analisadas com base em traços semânticos e funcionais, tais como ‘animado’ ou ‘não animado’, ‘humano’ ou ‘não humano’. Essas propriedades valem tanto para os inputs quanto para os outputs.

A segunda conclusão trata da dupla categorização entre substantivos e adjetivos. Roché (2003) ressalta o parentesco entre as classes e sugere que se assumam níveis de categorização, com uma arquicategoria do tipo NOME e subcategorias do tipo SUBSTANTIVO e ADJETIVO²⁰⁵.

A terceira conclusão sugere um tratamento unificado suficientemente flexível dos sufixados *X-ier(e)*, para dar conta dos usos reais da língua. Assim, é preciso que a categorização gramatical ande de mãos dadas com as diferenças semânticas. Isso dá conta de explicar, por exemplo, como as palavras *cachottier* (pessoa reservada, sigilosa) e *minaudière* (pessoa bajuladora) podem ser categorizadas tanto como substantivos (agente habitual) quanto como

um aspecto mais específico. Soledade (2019) transpõe essa discussão para o âmbito construcional e fala em um “significado previsto pelo esquema” e o “significado herdado da base”. O exemplo dado por Soledade (2018) é das construções $[[X_S]-udo]_A$. É previsível pelo esquema que as formas em *-udo* apresentem uma ‘característica ressaltada do elemento da base’, como *narigudo*, *barrigudo*, *orelhudo*, *bundudo* etc. Porém, formas como *abelhudo* (bisbilhoteiro), *galhudo* (traído pelo parceiro), *carrancudo* (mal humorado; sombrio) e *cabeçudo* (burro, teimoso) orientam para um significado mais abstrato/metaforizado, podendo encaminhar um significado do tipo ‘que tem a característica da base’. Tanto para Corbin (1990), em um viés gerativo, quanto para Soledade (2019), em um viés construcional, os significados herdados da base e os significados previstos pela regra devem estar interligados.

²⁰⁵ Essa é a postura que se assume nesta Tese, com base nas formulações de Basílio (1980, 1981).

adjetivos (ressaltado), mas *abricotier* (damasqueiro) só pode ser classificado como substantivo (agente vegetal)²⁰⁶.

Feitas essas considerações sobre os trabalhos anteriores, parta-se, agora, para a leitura dos dados desta Tese, começando com os ADJETIVOS. Nesse esquema dominante, viu-se um total de 137 constructos. A Tabela 31 mostra como se deu a divisão entre RELATIVOS e RESSALTADOS.

Tabela 31 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos X-ier- no francês

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	120	87,59
Ressaltados	17	12,41

Entre os RELATIVOS, estão: *alfatier* (FRA0009: relativo à alfafa), *animalier* (FRA0023: que se refere aos animais), *avocassier* (FRA0051: que diz respeito aos advogados), *bananier* (FRA0064: relativo ao cultivo de bananas), *boursier* (FRA0101: relativo à Bolsa), *carnassier* (FRA0154: que se alimenta de carne crua), *charbonnier* (FRA0191: que se refere ao comércio ou fabricação de carvão), *cornier* (FRA0246: que está na esquina), *cotonnier* (FRA0251: que diz respeito ao algodão), *fessier* (FRA0338: relativo à região das nádegas), *gazier* (FRA0375: relativo aos gases), *jardinier* (FRA0447: relativo aos jardins), *laitier* (FRA0458: relativo ao leite), *moutonnier* (FRA0541: relativo ou semelhante a ovelhas), *mulassier* (FRA0543: que se refere às mulas), *perlier* (FRA0595: que diz respeito às pérolas), *plumassier* (FRA0623: de pluma), *putassier* (FRA0660: relativo às prostitutas), *routinier* (FRA0694: rotineiro), *savonnier* (FRA0716: relativo à fabricação e venda de sabão), *sucrier* (FRA0745: que produz açúcar), *usinier* (FRA797: que diz respeito às usinas) e *voiturier* (FRA0812: relativo ao transporte de carro).

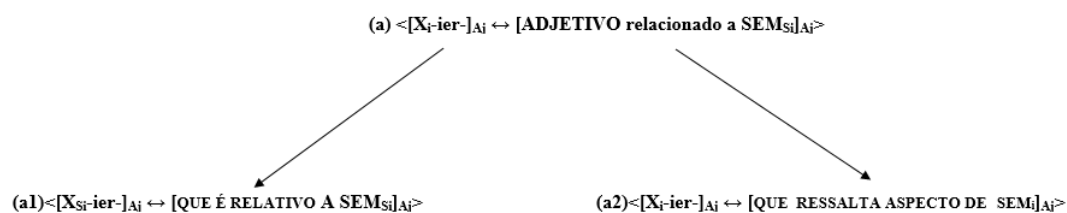
No subesquema dos RESSALTADOS, foram vistas as seguintes realizações: *altier* (FRA0013: alto, elevado), *aventurier* (FRA0050: aventureiro), *casanier* (FRA0165: caseiro)²⁰⁷, *dépensier* (FRA0287: gastadeiro), *grossier* (FRA0405: grosseiro, rudimentar, de má qualidade), *guerrier* (FRA040: que tem predisposição à guerra, que gosta de brigar), *haussier* (FRA0416: otimista), *meurtrier* (FRA0522: que causa a morte de muitas pessoas), *moutonnier*

²⁰⁶ Essa questão está relacionada com o que Booij (2010) chama de unificação e Gonçalves e Almeida (2013) Soledade (2013) chamam de compatibilização (ver seção 3.2.2, sobre Gramática de Construções). Há uma aparente restrição da base *abricot*, para licenciar um significado ressaltado ou habitual.

²⁰⁷ Tome-se *caseiro*, no sentido de que ‘gosta de ficar em casa’. Poderia ser categorizado como um agente habitual, mas o dicionário o traz como um adjetivo que qualifica uma pessoa.

(FRA0541: que segue aos outros, sem muito discernimento), *nourricier* (FRA0553: nutritivo), *outrancier* (FRA0566: exagerado, ultrajante), *pionnier* (FRA0609: pioneiro), *plénier* (FRA0621: completo), *pompier* (FRA0633: enfático, pretensioso), *primesautier* (FRA0651: impulsivo), *princier* (FRA0652: digno de um príncipe, luxuoso, suntuoso) e *rancunier* (FRA0666: rancoroso). A representação construcional para a polissemia de ADJETIVOS X-ier- está na Figura 66.

Figura 66 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-ier- do francês



Saindo do grupo dos adjetivos, adentre-se nos esquemas instanciadores de substantivos. O primeiro esquema dominante é o de AGENTES. Esse grupo, bastante produtivo no francês, teve 523 realizações, divididas em seis subgrupos e quantificadas na Tabela 32.

Tabela 32 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no francês X-ier-

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	334	63,86
Vegetais	105	20,08
Habituais	49	9,37
Beneficiários	15	2,87
Circunstanciais	12	2,29
Experienciadores	8	1,53

A frequência maior do subesquema PROFissionais está em consonância com o que foi visto no latim clássico (81,05% de *X-ārī*, ver Tabela 2), latim medieval (81,89% de *X-ari*, ver Tabela 7), romeno (73,97% dos agentes *X-ar-*, ver Tabela 12) e italiano (88,12% dos agentes *X-ai-*, ver Tabela 23). Diferente é o que se vê com os VEGETAIS no francês, pois eles passam a ser o segundo grupo mais produtivo, enquanto no latim medieval (2,7%, ver Tabela

7), romeno (1,37%, ver Tabela 12) e italiano (1,74%, ver Tabela 23), línguas estudadas até aqui, apresentam frequência pouco destacável.

Entre os PROFISSIONAIS, estão: *aconier* (FRA0002: despachante), *aluminier* (FRA0014: pessoa responsável por instalar estruturas de alumínio), *ambulancier* (FR0017: enfermeiro que trabalha numa ambulância), *armurier* (FRA0038: aquele que fabrica ou vende armas), *barbier* (FRA0068: barbeiro), *betteravier* (FRA0076: produtor de beterrabas), *bonnetier* (FRA0088: pessoa que fabrica ou vende artigos de chapelaria), *carlinguier* (FRA0153: pessoa encarregada de montar as cabines de aeronaves), *cartier* (FRA0162: fabricante de cartas para jogo), *chamelier* (FRA0183: pessoa que cuida e conduz camelos e dromedários), *cigaretier* (FRA0214: fabricante de cigarros), *cordonnier* (FRA0245: fabricante ou vendedor de calçados), *égoutier* (FRA0308: pessoa que trabalha na limpeza e tratamento de esgotos), *étalier* (FRA0322: açougueiro), *façadier* (FRA0327: profissional responsável pelo tratamento das fachadas de edifícios), *fripier* (FRA0360: pessoa que revende roupas de cama ou coisas velhas), *geôlier* (FRA0377: carcereiro), *glacier* (FRA0384: sorveteiro), *huilier* (FRA0429: fabricante ou vendedor de óleo), *imagier* (FRA0437: pintor ou escultor medieval), *ivoirier* (FRA0441: escultor que trabalha com marfim), *joaillier* (FRA0450: joalheiro), *licier* (FRA0471: tecelão), *mercier* (FRA0515: pessoa que vende artigos de armarinho), *muletier* (FRA0544: condutor de mulas), *palefrenier* (FRA0569: encarregado de cuidar dos cavalos), *plombier* (FRA0622: bombeiro, encanador), *rochassier* (FRA0681: alpinista), *sabotier* (FRA0699: pessoa que fabrica ou vende tamancos), *savetier* (FRA0715: sapateiro), *scaphandrier* (FRA0717: escafandrista), *sommelier* (FRA0728: escanção), *teinturier* (FRA0762: tintureiro), *tonnelier* (FRA0780: tanoeiro), *vannier* (FRA0803: trabalhador que faz produtos de vime), *vinaigrier* (FRA0809: quem faz ou vende vinagre), *wagonnier* (FRA0816: encarregado da manutenção de vagões).

No subesquema VEGETAIS, foram encontradas 105 realizações. Algumas são: *abricotier* (FRA0001: abricoteiro), *amandier* (FRA0016: amendoeira), *anacardier* (FRA0019: cajueiro), *avelinier* (FRA0037: avelaneira), *avocatier* (FRA0052: abacateiro), *azerolier* (FRA0053: aceroleira), *bananier* (FRA0063: bananeira), *bergamotier* (FRA0073: tangerineira), *bigaradier* (FRA0078: espécie de laranjeira), *cacaoyer* (FRA0123: cacauzeiro), *caféier* (FRA0126: cafeeiro), *calebassier* (FRA0131: arbusto que produz abóbora), *cannelier* (FRA0141: espécie de loureiro de onde se produz canela), *câprier* (FRA0150: alcaparreira), *cerisier* (FRA0178: cerejeira), *citronnier* (FRA0219: limoeiro), *cocotier* (FR0227: coqueiro), *cognassier* (FRA0228: marmeleiro), *cotonnier* (FRA0251: algodoeiro), *dattier* (FRA0281: datileira, tamareira), *févier* (FRA0340: feijoeiro), *figuier* (FRA0343: figueira), *fraisier*

(FRA0357: morangueiro), *framboisier* (FRA0358: framboeseira), *giroflie* (FRA0382: craveiro), *groseillier* (FRA0404: groselheira), *indigotier* (FRA0439: anileira), *jambosier* (FRA0444: jambeiro), *jaquier* (FRA0446: jaqueira), *kapokier* (FRA0454: sumaúma), *manguier* (FRA0495: mangueira), *mûrier* (FRA0545: amoreira), *muscadier* (FRA0546: moscadeira), *néflie* (FRA0550: nespereira), *olivier* (FRA0561: oliveira), *palmier* (FRA0571: palmeira), *pamplemoussier* (FRA0573: toranjeira), *plaqueminier* (FRA0618: caquizeiro), *poivrier* (FRA0628: pimenteira), *pommier* (FRA631: macieira), *sagoutier* (FRA0700: sagu), *tamarinier* (FRA0751: tamarineiro) e *violier* (FRA0810: goiveiro).

Note-se que, nesse conjunto de exemplos apresentados, há uma predominância de formas masculinas. Nos outros exemplos não mencionados, percebe-se a mesma tendência. A única exceção foi *épervière* (FRA0313), que designa uma planta herbácea muito comum e que apresenta flores amarelas. Do ponto de vista etimológico, o *Le Nouveau Petit Robert* (2014), dicionário de onde se extraíram os dados, aponta a existência de uma forma arcaica associada *épervier*, reforçando a predominância de formas masculinas. Não há, portanto, no francês, um comportamento dicotômico como há, por exemplo, no português, em que há produtividade tanto de formas masculinas e quanto de femininas na designação de árvores (mamoeiro, limoeiro, cajueiro, jaqueira, roseira, macieira).

O terceiro subesquema mais produtivo foi o dos HABITUAIS. Algumas das instanciações encontradas foram: *anecdote* (FRA0020: pessoa que conta ou gosta de ouvir anedotas), *aventurier* (FRA0050: pessoa que caça aventuras, por curiosidade ou por gostar de riscos), *braconnier* (FRA0107: caçador ou pescador que se dedica à caça furtiva), *cachottier* (FRA0125: pessoa que gosta de fazer as coisas às escondidas), *cancanier* (FRA0138: fofoqueiro), *chandelier* (FRA0187: pessoa que foge da atenção obsessiva do marido), *charcutier* (FRA0193: cirurgião desajeitado), *chicanier* (FRA0210: pessoa que cria confusão por tudo), *cocardier* (FRA0226: chauvinista, militarista), *douairière* (FRA0293: senhora idosa da alta sociedade, arrogante e severa), *droitier* (FRA0297: sectário de políticas de direita), *épici* (FRA0314: pessoa que vive em busca de dinheiro), *épistolier* (FRA0316: pessoa que escreve muitas cartas), *festivalier* (FRA0339: pessoa que frequenta os festivais), *hospitalier* (FRA0424: hospitaleiro, quem pratica a hospitalidade), *justicier* (FRA0453: justiceiro, quem faz a justiça prevalecer), *minaudier* (FRA0525: bajulador), *négrier* (FRA0551: pessoa que trata seus empregados como escravos), *ordurier* (FRA0564: quem escreve ou diz coisas sujas e obscenas), *panier* (FRA0576: pessoa incapaz de manter um segredo), *regrattier* (FRA0672: pessoa mesquinha), *sorcier* (FRA0733: sorteiro, adivinhador), *tracassier* (FRA0784: pessoa que gosta de incomodar as outras) e *usurier* (FRA0799: usurário).

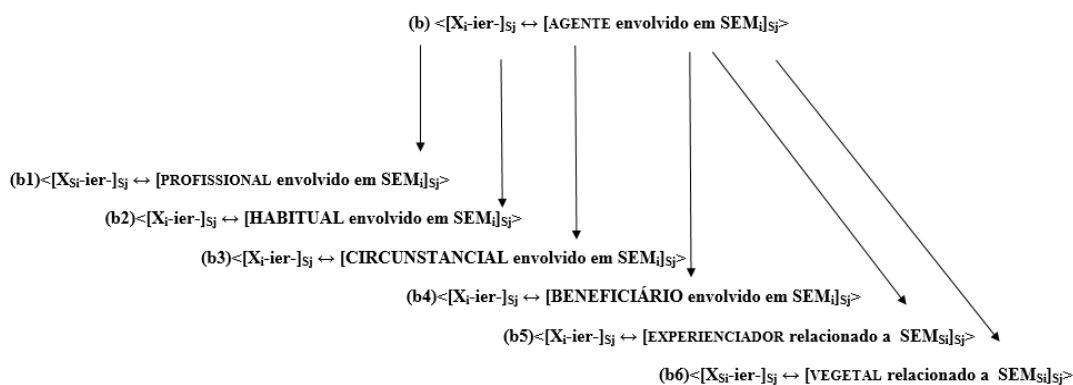
No grupo dos BENEFICIÁRIOS, que enquadra tanto os destinatários de benefícios como proprietário de bens, encontram-se os seguintes exemplos: *banquier* (FRA0067: banqueiro, proprietário de um banco), *bistrotier* (FRA0081: pessoa que é dona de uma cafeteria), *boursier* (FRA0100: estudante que teve o benefício de uma bolsa de estudos), *cabaretier* (FRA0121: dono de um cabaré), *cafetier* (FRA0128: dono de uma cafeteria), *caravanier* (FRA0152: pessoa que possui um trailer de viagem), *douairière* (FRA0293: viúva que possui um dote), *fermier* (FRA0334: fazendeiro, dono de uma fazenda), *financier* (FRA0346: homem opulento, que possui muitos bens), *héritier* (FRA0422: herdeiro, pessoa que recebe a herança de um falecido), *prébendier* (FRA0647: pessoa que desfruta de uma carga lucrativa) e *usufruitier* (FRA0798: usufrutuário).

Entre as instanciações dos CIRCUNSTANCIAIS, estão: *colistier* (FRA0229: companheiro em uma chapa para eleição), *conférencier* (FRA0235: conferencista ou a pessoa que assiste à conferência), *devancier* (FRA0289: pessoa que precedeu a outra em uma atividade), *émeutier* (FRA0309: pessoa que provoca ou está envolvida em um motim), *gibier* (FRA0380: pessoa que se está tentando pegar, caçar ou prender), *hallebardier* (FRA0412: figurante em uma peça de teatro), *permanencier* (FRA0596: pessoa que está de plantão), *prisonnier* (FRA0654: pessoa que está detida em uma prisão) e *vacancier* (FRA0800: pessoa que está de férias em um local diferente da sua morada habitual).

O último grupo de AGENTES é o dos EXPERIENCIADORES, cujos exemplos de instanciações são: *cavalier* (FRA0169: pessoa que está a cavalo ou que sabe montar a cavalo), *frontalier* (FRA0361: habitante de uma região de fronteira), *rosière* (FRA0688: garota virtuosa, virgem), *routier* (FRA0692: homem experiente, hábil), *tétonnière* (FRA0769: mulher que tem os seios grandes) e *zonier* (FRA0818: habitante de uma zona de fronteira).

Na Figura 67, representa-se a polissemia construcional do esquema de AGENTES das construções X-ier-.

Figura 67 – Esquema dominante de agente e os seus subsquemas no X-ier- do francês



O segundo grupo de esquemas substantivos foi o de LOCATIVOS, que, apresentou um total de 98 realizações, distribuídos como na Tabela 33.

Tabela 33 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ier- no francês

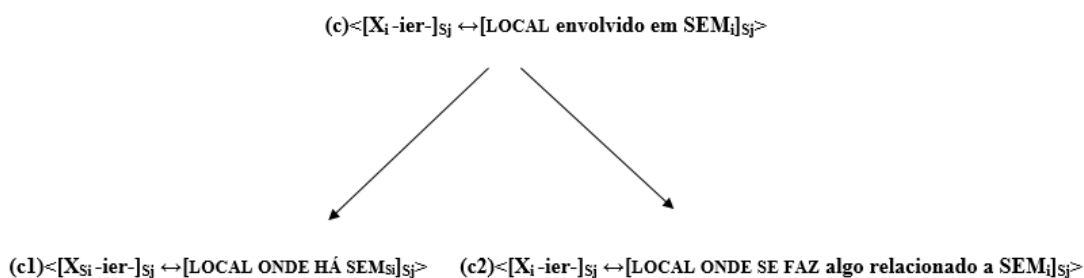
Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde há	68	69,39
Onde se faz	30	30,61

Entre os locativos do tipo LUGAR ONDE HÁ, estão: *alevinier* (FRA0008: viveiro onde os alevinos são criados), *anguillère* (FRA0021: viveiro onde se criam enguias), *artichautière* (FRA0040: terreno plantado de alcachofras), *bonnetière* (FRA0088: pequeno armário usado originalmente para guardar chapéus), *bourbier* (FRA0098: lugar cheio de lama), *cacaoyère* (FRA0124: plantação de cacaus), *caféière* (FRA0127: terreno plantado de cafeeiro), *canardière* (FRA0137: lagoa repleta de patos selvagens), *crassier* (FRA0264: lugar de uma usina metalúrgica onde os resíduos de minérios são depositados), *éablière* (FRA0319: plantação de bordos), *escargotière* (FRA0320: lugar onde os caracóis são criados para o consumo), *fruitier* (FRA0362: lugar repleto de árvores frutíferas), *grainier* (FRA0396: local onde os grãos são armazenados e conservados), *héronnière* (FRA0423: lugar onde se criam garças), *houblonnière* (FRA0427: plantação de lúpulos), *huîtreière* (FRA0434: estabelecimento onde ostras são cultivadas), *lapinière* (FRA0463: construção para a criação de lebres e coelhos), *melonnière* (FRA0510: campo onde se cultivam melões), *merdier* (FRA0516: lugar cheio de excrementos), *oignonnière* (FRA0559: terra onde se cultivam cebolas), *pigeonnier* (FRA0605: pequeno prédio onde árvores domésticas são criadas), *poivrière* (FRA0629: plantação de pimentas), *poudrière* (FRA0643: loja que vende pólvora e explosivos), *ravière* (FRA0670: terra onde raízes, como nabo e beterraba, são cultivadas), *rizière* (FRA0678: arrozal), *salpêtrière* (FRA0706: fábrica de salitre), *tréflière* (FRA0786: campo plantado de trevos), *vasière* (FRA0804: lugar fundo, lamacento) e *volière* (FRA0813: aviário).

As instanciações do subesquema LUGAR ONDE SE FAZ abarcam realizações, como: *arbalétrière* (FRA0026: muralha militar de onde se atirava com a besta), *atelier* (FRA0042: lugar onde artesãos e ourives trabalham juntos), *canardière* (FRA0137: lugar usado para a caça de patos), *caponnière* (FRA0149: espaço em um túnel ferroviário usado para que os agentes se abriguem), *carrière* (FRA0160: arena ou qualquer outro lugar usado para corrida de carros), *chatière* (FRA0199: pequena abertura na porta por onde os gatos passam), *clairière* (FRA0222:

espaço de uma floresta onde se derrubam as árvores), *dossier* (FRA0292: parte do assento onde se apoiam as costas), *garçonnière* (FRA0371: apartamento que homens solteiros usam para encontros), *héronnière* (FRA0423: lugar onde as garças fazem seus ninhos), *pénitencier* (FRA0593: instituição onde uma sentença de prisão é cumprida), *pissotière* (FRA0613: edifício público onde os homens urinam), *potinière* (FRA0640: lugar onde as pessoas fofocam ou fazem comemorações), *ratière* (FRA0688: armadilha para pegar ratos), *sentier* (FRA0722: caminho estreito para a passagem de pedestres e animais), *souricière* (FRA0741: armadilha para ratos; armadilha policial), *tanière* (FRA0755: lugar onde as pessoas repousam ou ficam reclusas), *taupière* (FRA0759: armadilha para pegar toupeiras) e *terrier* (FRA0767: buraco, galeria ou conjunto de galerias que alguns animais cavam no chão e que servem de abrigo e retiro). A representação esquemática da polissemia desse grupo semântico está na Figura 68, a seguir.

Figura 68 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no X-ier- do francês



É preciso destacar, ainda, no esquema de LOCATIVOS, a prevalência de constructos cujo gênero é feminino. Isso pode ser visto também nos exemplos da língua italiana. Outro aspecto relevante é que, quando uma mesma palavra apresenta os significados AGENTE e LOCATIVO, há uma tendência de a forma feminina se especializar como o significado LOCATIVO. Por exemplo, *frutier*, *frutièr* (FRA0363) é o AGENTE ‘que trabalha na fabricação de queijos’, e a forma feminina *frutièr* é o ‘LUGAR onde se fabricam queijos’. No italiano, o correspondente semântico *cacciaio*, *cacciaia* (ITA0064) é o AGENTE ‘que trabalha na fabricação de queijo e manteiga’, e *cacciaia* (ITA0063) é o ‘LUGAR onde se fabrica o queijo’. O comportamento é o mesmo.

No romeno, a tendência é diferente. Tome-se o exemplo *orzar* (ROM273). A forma masculina aponta semanticamente para o AGENTE ‘mercador de cevada’. O LOCATIVO ‘celeiro onde se armazena a cevada’ é de gênero neutro, não feminino. O romeno é uma das poucas línguas românicas, talvez a única, em que o neutro é um gênero morfológicamente distintivo, e essa distribuição se assemelha ao que acontecia no latim clássico.

Na língua latina, os derivados *X-ari-* de significado LOCATIVO tendiam a ser morfologicamente neutros, com nominativo e acusativo terminados em *-um*. Como retomado por Tavares da Silva (2017), na história do latim, a *confusão* entre as terminações do ‘neutro plural’ e as do ‘feminino singular’, ambos de tema em *-a*, fez com que vários substantivos neutros na língua latina se acomodassem no feminino nas línguas românicas. Isso influencia significativamente a distribuição do gênero nas correspondentes de *X-ari-* LOCATIVOS nas línguas neolatinas.

No francês, o feminino é produtivo também na formação de OBJETOS. Esse esquema dominante teve um total de 185 instâncias. Com cinco subesquemas, a distribuição percentual dos OBJETOS *X-ier-* está apresentada na Tabela 34, a seguir.

Tabela 34 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no francês *X-ier-*

Categoria de agente	Quantidade	Percentual (%)
Recipientes	62	32,8
Máquinas	42	21,5
Utensílios	32	18,82
Uso pessoal	28	15,05
Instrumentos	21	11,83

Sobre os dados da Tabela 34, nota-se que, assim como no latim clássico e no italiano, o subesquema RECIPIENTE se mostra o mais produtivo entre os OBJETOS. Entre as instâncias desse subesquema, estão: *aiguière* (FRA0005: jarra de metal usada para colocar água), *argentier* (FRA0036: móvel usado para guardar a prataria), *aumônière* (FRA0046: antiga bolsa que se usava presa à cintura), *bénitier* (FRA0072: vaso usado na igreja para colocar a água benta), *beurrier* (FRA0077: manteigueira), *bonbonnière* (FRA0087: caixa com doces), *bouquetière* (FRA0097: vaso para colocar flores), *braisière* (FRA018: braseiro), *cartouchière* (FRA0164: cartucheira), *cendrier* (FRA0174: cinzeiro), *chaudière* (FRA0200: caldeira), *chocolatière* (FRA0213: recipiente onde o chocolate é colocado antes de ser servido), *confiturier* (FRA0236: recipiente onde são servidos os doces), *encrier* (FRA0310: recipiente onde se coloca tinta), *escargotière* (FRA0320: placa onde os caracóis são colocados antes de irem ao forno), *grenadière* (FRA0401: mochila usada para portar granadas), *minaudière* (FRA0526: pequena bolsa usada para guardar metais preciosos), *moutardier* (FRA0540: pequeno recipiente onde se coloca a mostarda, para servi-la à mesa), *œufrier* (FRA0557: recipiente usado para guardar os ovos), *panetière* (FRA0575: recipiente para guardar os pães),

pilulier (FRA0606: pequena caixa onde se guardam remédios e pílulas), *poissonnière* (FRA0627: recipiente oblongo onde se cozinha o peixe), *saladier* (FRA0702: saladeira), *salière* (FRA0703: saleiro), *tabatière* (FRA0746: tabaqueira), *théière* (FRA0772: chaleira), *vinaigrier* (FRA0809: frasco para colocar vinagre) e *volière* (FRA0813: gaiola onde os animais são mantidos por interesses pessoais ou científicos).

O subesquema MÁQUINAS foi o segundo mais produtivo, tendo 40 realizações. Alguns exemplos são: *baleinier* (FRA0059: navio equipado para transportar as baleias caçadas pelos baleeiros), *bombardier* (FRA0086: avião de bombardeio), *butanier* (FRA0120: navio para transporte de butano liquefeito), *câblrier* (FRA0122: navio especialmente equipado para o transporte, instalação e reparação de cabos submarinos), *céréaliier* (FRA0177: navio que transporta cereais), *chalutier* (FRA0181: traineira), *chimiquier* (FRA0212: navio que transporta produtos químicos), *crevettier* (FRA0269: navio usado na pesca de camarões), *cuisinière* (FRA0275: fogão de cozinha), *dentellière* (FRA0285: máquina usada na confecção de renda), *facturière* (FRA0328: máquina computadorizada usada em serviços de cobrança), *gazier* (FRA0375: navio para transporte de gases), *glacière* (FRA0385: geladeira), *langoustier* (FRA0462: barco equipado para a pesca de lagostas), *méthanier* (FRA0519: navio para transporte de gás liquefeito), *négrier* (FRA0551: navio usado no tráfico negreiro), *perrière* (FRA0598: pedreira, máquina de guerra medieval), *propanier* (FRA0656: navio para transporte de propano) e *saucier* (FRA0711: aparelho usado para fazer molhos).

No rol dos UTENSÍLIOS, encontram-se: *arêtière* (FRA0034: azulejo que recobre a lateral do telhado), *artichautière* (FRA0040: utensílio onde se cozinham as alcachofras), *aussière* (FRA0047: corda usada para amarrar ou rebocar), *calendrier* (FRA0132: calendário), *chandelier* (FRA0187: castiçal), *chéquier* (FRA0206: carnê de cheques), *culière* (FRA0276: cinta de couro usada na garupa de um cavalo para segurar o arreio), *damier* (FRA0280: tabuleiro de dama), *facturier* (FRA0328: livro de contas), *glissière* (FRA0386: corrediça), *imagier* (FRA0437: livro de imagens para crianças), *limonadier* (FRA0475: saca-rolhas), *muselière* (FRA0547: focinheira), *œufrier* (FRA0557: utensílio onde se cozinham os ovos), *sablier* (FRA0696: ampulheta), *serpillière* (FRA0723: pano de chão) e *têtière* (FRA0769: peça da armadura que cobre completamente a cabeça do cavalo).

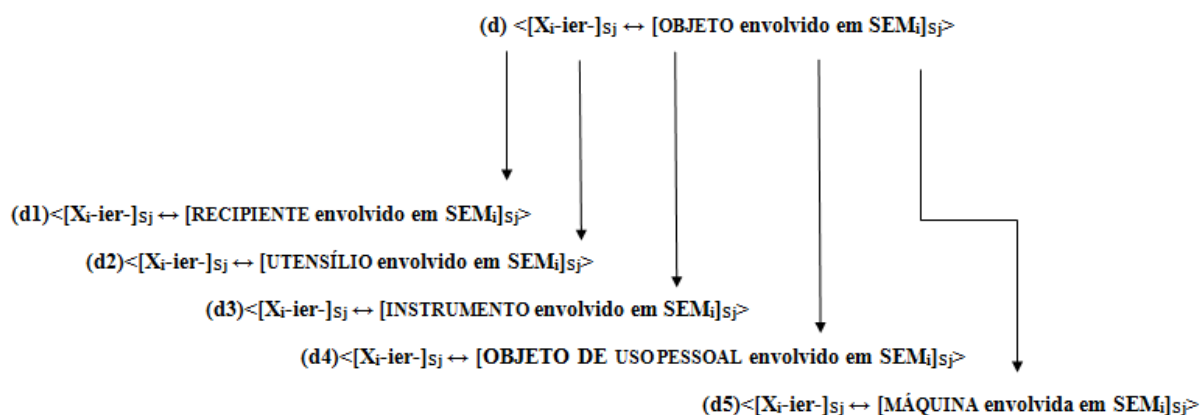
Pelo subesquema OBJETOS DE USO PESSOAL, são obtidas as seguintes instâncias: *bandoulière* (FRA0066: correia de couro ou pano que se usa a tiracolo para guardar arma ou outro objeto), *bombardier* (FRA0086: jaqueta com o estilo de aviador de bombardeio), *brassière* (FRA0111: top feminino; colete salva-vidas), *bustier* (FRA0119: bustiê), *chemisier* (FRA0204: corpete feminino), *collier* (FRA0230: coleira ou colar), *coudière*

(FRA0252: cotoveleira esportiva), *cubitière* (FRA0272: cotoveleira de uma armadura), *dentier* (FRA0286: dentadura), *doigtier* (FRA0290: catre de dedo), *épaulière* (FRA0312: ombreira de uma armadura), *guêpière* (FRA0408: espartilho), *jambière* (FRA0443: peça de armadura ou de roupa comum que protege a perna e, às vezes, o joelho), *molletière* (FRA0536: caneleira de couro usada por vaqueiros), *poucier* (FRA0641: objeto que trabalhadores usam para cobrir os polegares), *semainier* (FRA0720: bracelete com sete argolas), *soulier* (FRA0737: sapato, calçado) e *visière* (FRA0811: viseira).

Os INSTRUMENTOS constituem o subgrupo menos produtivo no esquema de OBJETOS. Alguns dos exemplos são: *bolier* (FRA0085 : grande rede de pesca que se usa em barcos, ao longo da costa), *bouclier* (FRA0093: aparelho usado para a escavação do solo), *boulier* (FRA0095: ábaco), *brigadier* (FRA0112: bastão usado para anunciar o início da peça), *canardière* (FRA0137: fuzil usado na caça de patos selvagens), *casier* (FRA0166: rede para pegar crustáceos), *chambrière* (FRA0182: chicote usado por domadores em circo), *crevettier* (FRA0269: rede para pescar camarão), *davier* (FRA0283: torquês; alicate de dentista), *filière* (FRA0345: instrumento para alongamento ou produção de fios), *lingotière* (FRA0478: molde para fazer lingotes), *ordonnancier* (FRA0563: papel timbrado usado por profissionais para anotar suas prescrições), *pilulier* (FRA0606: instrumento usado para fazer pílulas), *rapière* (FRA0667: florete), *tisonnier* (FRA0777: barra de ferro com extremidade levantada, usada para mover as brasas) e *tourtière* (FRA0783: instrumento de cozinha usado para fazer bolos).

A Figura 69, a seguir, faz a representação esquemática do grupo semântico de OBJETOS das construções X-ier-.

Figura 69 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no X-ier- do francês



O esquema dominante de QUANTIDADE das construções [X_i]-ier(e)_S apresenta três subesquemas: UNIDADE DE MEDIDA, COLETIVO e EXCESSO. A Tabela 35 traz os dados de frequência.

Tabela 35 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no francês X-ier-

Categorias de quantidade	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	32	66,67
Excesso	12	25
Unidades de medida	4	8,33

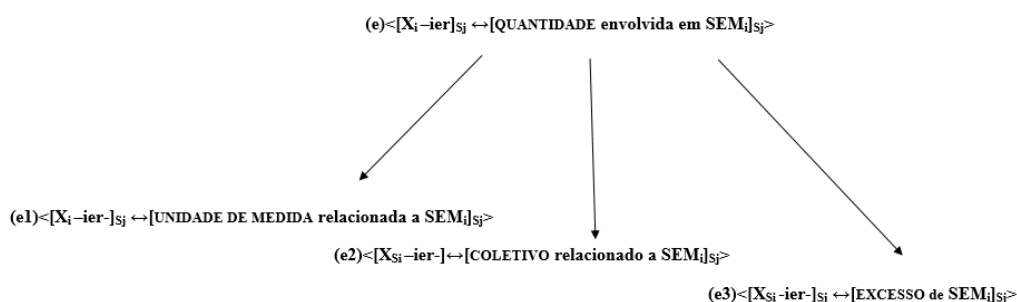
O subesquema mais produtivo do grupo semântico de QUANTIDADE é o de COLETIVO. Alguns dados são: *atelier* (FRA0042: conjunto de artistas que trabalham em uma oficina sob a direção de um mesmo mestre), *bêtisier* (FRA0075: coleção de bobagens, futilidades), *chansonnier* (FRA0188: cancionista), *chartrier* (FRA0197: conjunto de cartas), *clavier* (FRA0223: conjunto de chaves), *coutumier* (FRA0261: conjunto de costumes de uma província ou de um país), *crinière* (FRA0270: cabeleira), *dentier* (FRA0286: conjunto de dentes de uma máquina), *dossier* (FRA0292: conjunto de peças e documentos relativos a um caso), *échelier* (FRA0299: escaleira, conjunto de escadas), *fablier* (FRA0326: conjunto ou coleção de fábulas), *fichier* (FRA0342: conjunto de fichas; conjunto de arquivos de um computador), *gerbier* (FRA0378: grande grupo de feixes isolados no campo), *guêpier* (FRA0407: grupo de vespas que vivem no mesmo vespeiro), *herbier* (FRA0421: conjunto de plantas dissecadas para estudos), *médailleur* (FRA0507: conjunto de medalhas), *meublier* (FRA0535: conjunto dos móveis usados em uma habitação), *onglier* (FRA0562: conjunto dos instrumentos necessários para cuidar das unhas e mãos), *quillier* (FRA0664: conjunto dos nove pinos em um jogo de boliche) e *sottisier* (FRA: coleção de absurdos, disparates ou chavões ditos por autores conhecidos).

Em ordem de produtividade, o segundo subesquema é o de EXCESSO. Os exemplos vistos foram: *ardoisière* (FRA0031: pedreira de ardósia), *brasier* (FRA0110: acúmulo de cinzas dos objetos e materiais queimados em um incêndio), *glacier* (FRA0383: geleira), *hallier* (FRA0413: matagal), *herbier* (FRA0421: banco de algas e ervas que se forma embaixo d'água), *huître* (FRA0434: banco natural de ostras), *marnière* (FRA0503: pedreira de marga), *merdier* (FRA0516: grande desordem, confusão inextricável), *meulière* (FRA0520: carreira de pedreiras), *plâtrière* (FRA0620: pedreira de gesso), *sablière* (FRA0697: pedreira de areia) e *taupinière* (FRA0760: monte de areia formado pelas toupeiras, quando cavam suas tocas).

O subesquema UNIDADE DE MEDIDA foi o menos produtivo e teve quatro instanciações. São elas: *denier* (FRA0284: antiga unidade para medir fios e fibras), *millier* (FRA0524: número, quantidade de mil ou cerca de mil), *quartier* (FRA0663: porção de cerca

de um quarto [de um conjunto]) e *setier* (FRA0725: antiga medida de capacidade para grãos [entre 150 e 300 litros aproximadamente]; antiga medida que valia oito pintas). A representação esquemática desse grupo está na Figura 70.

Figura 70 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no X-ier- do francês



O último esquema dominante dos derivados [X_i]-ier(e)_s. foi o de ANOMALIA, que teve apenas uma instanciação: *gravier* (FRA038: cálculo renal). O esquema referente a esse significado está representado na Figura 71.

Figura 71 – Esquema dominante de anomalia no X-ier- do francês

(f) <[X_i-ier]_{s_j} ↔ [ANOMALIA envolvida em SEM_i]_{s_j}>

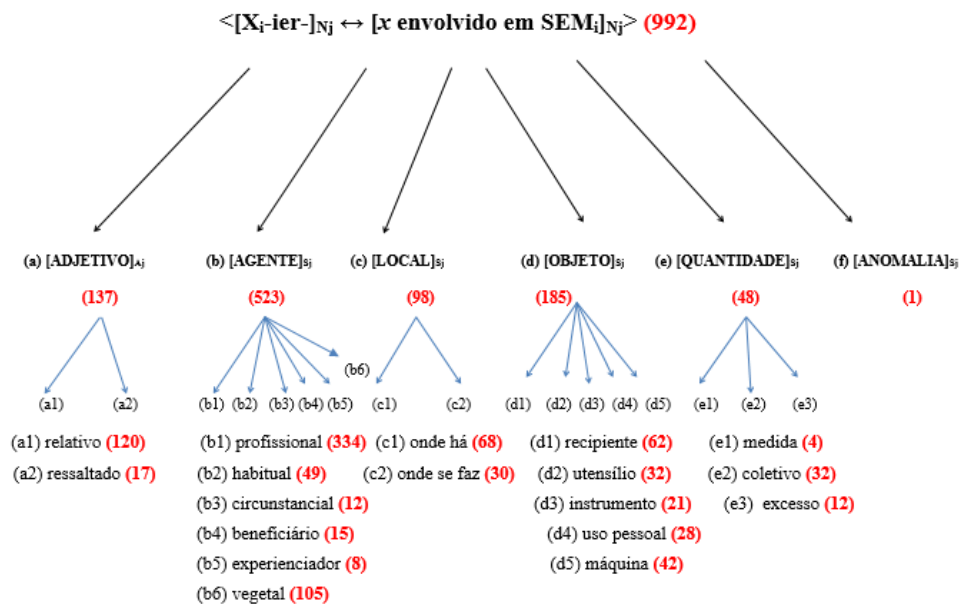
Houve várias palavras que não pareceram se enquadrar nas categorias semânticas produtivas vistas até aqui. São elas: *amadouvier* (FRA0015: cogumelo que fica de parasita em árvores e tem propensão a pegar fogo), *aubier* (FRA0044: cerne da madeira de uma árvore), *bousier* (FRA0102: besouro que circunda os excrementos dos animais), *boutonnière* (FRA0105: incisão longa e estreita na parede de um órgão), *carnier* (FRA0155: pequeno carnívoro), *coursier* (FRA0255: grande e belo cavalo de batalha), *courtillière* (FRA0258: inseto também chamado de *paquinha*, que causa danos nas hortaliças), *crabier* (FRA0263: garça que se alimenta de caranguejos), *fessier* (FRA0337: região das nádegas), *février* (FRA0341: fevereiro), *fournier* (FRA0354: pássaro sul-americano que constrói um ninho em forma de forno), *gosier* (FRA0392: esôfago), *hunier* (FRA0435: gávea), *janvier* (FRA0445: janeiro), *lévrier* (FRA0470: cachorro galgo)²⁰⁸, *limonière* (FRA0477: parte da carruagem puxada pelos cavalos), *lisière* (FRA0481: borda de cada lado do pano), *lumière* (FRA0487: fonte de luz,

²⁰⁸ Corresponde ao *leporarius* (LLM385), visto no latim medieval e que também não recebeu classificação.

ponto iluminado), *manière* (FRA0496: maneira), *paumier* (FRA0585: veado, de cinco anos de idade, cujos chifres superiores são achatados) e *portière* (FRA0639: porteira ou porta de um trem, ônibus etc).

Note-se, nesse conjunto de palavras sem classificação semântica, uma forte presença de designações de animais. Das línguas analisadas até aqui, o francês é a primeira língua que apresenta uma frequência destacável de nomes de animais cuja designação se dá com uma palavra sufixada em $[X_i]\text{-ier(e)}_s$. O latim, o romeno e o italiano foram mais discretos nesse sentido. Ainda é um caso a se pensar, se se deve considerar que essas designações formem uma categoria morfológica e semanticamente produtiva. Destaque-se o fato de os morfólogos mencionarem raramente essa categoria, que poderia ser alocada como AGENTE ANIMAL, em contraponto às designações de árvores e arbustos. A Figura 72, a seguir, considera apenas os dados analisados e sintetiza a rede construcional polissêmica de $[[X]\text{-ier-}]_N$ na língua francesa.

Figura 72 – Representação esquemática das construções X-ier- do francês



8.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DO ESQUEMA $[X_i]\text{-AIRE}]_N$

O sufixo *-aire* é apresentado por Nyrop (1908) como um dos desenvolvimentos do *-arius* latino, ao lado do *-ier-*. O autor o considera um formador tanto de adjetivos quanto de substantivos que seleciona substantivos como bases preferenciais. A descrição do *-aire* feita por Nyrop (1908) se resume a esses pequenos comentários.

Outra pequena menção ao sufixo é feita por Ionascu (1959), morfóloga romena que tratou das formações agentivas *X-ar*. Segundo a autora, há derivados *X-ar* que chegaram ao romeno por uma transmissão do francês *X-aire*, que seria um desenvolvimento culto do latim *-arius*.

Lécolle (2011), no artigo "Désadjectivaux formés par conversion et double catégorisation : le cas des adjectifs/noms en *-aire*" (Tradução nossa: "Deadjetivais formados por conversão ou dupla categorização: o caso dos adjetivos/substantivos em *-aire*"), segue uma linha de investigação similar a de Roché (2003), para o sufixo *-ier-*. A autora analisa se adjetivos e substantivos em *-aire* são derivados de uma mesma regra morfológica e se a diversidade semântico-categorial deve ser representada sob essa regra única.

O primeiro ponto levantado por Lécolle (2011) é a possível existência de dois padrões de formação de palavras em *-aire*. O primeiro tipo seria oriundo do latim *-aris* e se restringiria a adjetivos relacionais, como *alimentaire* (alimentar) *communautaire* (comunitário) e *réglementaire* (regulamentar). O segundo tipo adviria do latim *-arius*, *-a*, *-um*, apresentando, para além dos significados relacionais, vistos em *statutaire* (estatutário), *révolutionnaire* (revolucionário), *identitaire* (identitário), *exemplaire* (exemplar²⁰⁹), os seguintes significados:

- [...] nomes de agentes a partir de uma base nominal: *pétitionnaire* (peticionário) a partir de *pétition* (petição); *réactionnaire* (reacionário) a partir de *réaction* (reação) ;
- resultado de um processo: *commentaire* (comentário);
- beneficiário de um processo: *allocataire* (beneficiário de um processo de alocação)
- [...]
- agente que realiza uma atividade relacionada à base: *disquaire* (vendedor de uma loja de discos), *bibliothécaire* (bibliotecário);
- local que contém, conjunto ou coleção de objetos designados pela base: [...]: *lapidaire* (lapidário), *reliquaire* (relicário), *bestiaire* (bestiário), *argumentaire* (argumentário), *bullaire* (bulário) [...]
- o membro de uma coleção parlementaire (parlamentar), *sectaire* (sectário), *légionnaire* (legionário) (LÉCOLLE, 2011, p. 6-7, tradução nossa, grifos da autora)

²¹⁰.

²⁰⁹ O francês *exemplaire* advém do latim *exemplarius*, que, em português, significa *exemplar*. No português, a forma *exemplário*, que seria um descendente mais direto do *-arius* latino, tem um significado mais coletivo, o conjunto de exemplos.

²¹⁰ “ - [...] noms d’agent sur base nominale : *pétitionnaire* sur *pétition* ; *réactionnaire* sur *réaction* ;
 - [...] le résultat du procès : *commentaire* ;
 - le bénéficiaire du procès : *allocataire* [...]
 - agent exerçant une activité en rapport avec la base : *disquaire*, *bibliothécaire* ;
 - lieu contenant, ou encore un recueil ou une collection d’objets désignés par le N base : *lapidaire*, *reliquaire*, *bestiaire*, *argumentaire*, *bullaire* (ensemble de bulles (papales));
 - [...] le membre d’une collection (parlementaire (N), *sectaire*, *légionnaire*) (LÉCOLLE, 2011, p. 6-7, grifos da autora).”

Sobre essa divisão, que se pauta na etimologia das palavras derivadas, Lécalle (2011) comenta que ela nem sempre é consistente e muitas palavras são imprecisas quanto ao processo de transmissão. Além disso, cabe ressaltar dois argumentos que já foram mencionados nesta Tese e corroboram a percepção de inconsistência nessa divisão. O primeiro diz respeito ao fato de haver vários *doublets* morfológicos com *-arius* e *-aris* no latim, o que torna difícil determinar qual das formas se desenvolveu historicamente para o *-aire* no francês. Ainda sobre isso, o segundo argumento, baseado em White (1858) e Viaro (2011), diz respeito ao fato de *-arius* e *-aris* possuírem um sufixo ancestral comum e estarem na mesma rede etimológica. Dessa forma, essa decisão pode ser pouco útil de um ponto de vista diacrônico.

Ao longo do trabalho, que tem como *corpus* um conjunto de palavras extraídas de variados dicionários, Lécalle (2011) defende a necessidade de dois modelos de análise para os derivados *X-aire*. Esses dois modelos não se diferenciam pela questão histórica, nem por uma distribuição puramente categorial e formal. A divisão se dá em termos semânticos. O primeiro modelo

[...] coloca o adjetivo na categoria nominal, mas não muda fundamentalmente o significado: o significado permanece ligado à qualidade, ao "ser" - é o caso de *l'humanitaire* (o humanitário), *l'alimentaire* (o alimentar), *le populaire* (o popular), *l'identitaire* (o identitário) (assim como *le classique* [o clássico], *le tragique* [o trágico], *le social* [o social], *le politique* [o político] etc.). Nos casos mais bem sucedidos, os valores nominais são diversos e polyvalentes (*humanitaire*: humanitário). (LÉCOLLE, 2011, p. 21, tradução nossa, grifos da autora)²¹¹.

Nessa primeira categoria, o significado da forma nominal é altamente previsível pelo significado da forma adjetival. Para melhor ilustrar, tome-se um exemplo no português: o adjetivo *brasileiro* (jogador brasileiro, cantores brasileiros), quando convertido em substantivo (o brasileiro, os brasileiros), ainda preserva o significado básico de 'que foi nascido, que é oriundo, que habita o Brasil'. Essa transcategorização, com significados muito previsíveis, se diferenciaria, para Lécalle (2011), de um modelo de conversão em que o significado substantivo cria uma entidade concreta ou particular que demanda um distanciamento do original adjetivo. Nos termos da autora, esse seria o segundo modelo de descrição ideal para os adjetivos *X-aire*, em que são descritas

[...] as nominalizações relacionadas à constituição de classes semântico-referenciais concretas, em conexão com os usos, que especificam e estabilizam as ligações combinatórias substantivo-adjetivo (*le muscle soléaire* [o músculo solear], *l'os*

²¹¹ "fait passer l'adjectif dans la catégorie nominale, mais n'en change pas fondamentalement le sens : la signification reste liée à la qualité, à l'« être » – c'est le cas de *l'humanitaire*, *l'alimentaire*, *le populaire*, *l'identitaire* (ainsi que *le classique*, *le tragique*, *le social*, *le politique* etc.). Dans les cas les plus aboutis, les valeurs nominales sont diverses et polyvalentes (*humanitaire*)."

maxillaire [o osso maxilar]) ou criam categorias humanas baseadas em atividades ou comportamentos (*l'incendiaire* [o incendiário], *le suicidaire* [o suicida]) (LÉCOLLE, 2011, p. 21, tradução nossa, grifos da autora)²¹².

Nesse segundo modelo, estão agrupados os casos em que a transcategorização do adjetivo em substantivo demanda a representação de uma categoria semântica diferenciada ou específica. Por exemplo, em português, há o adjetivo *sanitário*, com o significado de “relativo à saúde pública, higiene”, que aparece em agente *sanitário*, cuidado *sanitário*, vaso *sanitário*. Quando *sanitário* é transposto para a classe dos substantivos e passa a designar o banheiro, há uma necessidade maior de diferenciar substantivos e adjetivos, visto que o significado de *o sanitário* se torna mais específico, ao se voltar para a noção de lugar.

Independente do fato de Lécolle (2011) selecionar um modelo de análise de caráter formalista, no que se diferencia da proposta desta Tese, merece destaque o fato da autora propor uma análise morfológica que mescla aspectos fonológicos, morfossintáticos e semânticos, em que o aspecto semântico é altamente relevante para explicar as diferenças entre categorias morfossintáticas.

O último trabalho visto sobre os derivados *X-aire* em língua francesa foi o artigo “Les noms d’humains en *-aire* : essai de classification” (tradução nossa: “Os nomes de humanos em *-aire*: tentativa de classificação), de Schnedecker e Aleksandrova (2016). Nesse texto, as autoras procuram estabelecer diferenças morfossintáticas e semânticas atinentes à constituição dos derivados *X-aire* cujo significado esteja relacionado a seres humanos.

O ponto de partida de Schnedecker e Aleksandrova (2016) é a classificação feita em obras lexicográficas, como o TLFi (*Trésor de la langue française informatisé*). As autoras sistematizam a classificação do TLFi da seguinte maneira:

Quadro 22 – Os agentes humanos em *-aire* com base no TLFi

Paráfrase do TLFi	Paráfrases sinonímicas do TLFi	Alguns exemplos e definições do TLFi
Aquele que faz a ação	Que se ocupa de Que é encarregado de	<i>bestiaire</i> "entre os romanos, aquele que lutava contra animais ferozes" <i>bullaire</i> "escriba que copiava as bulas papais" <i>commissionnaire</i> "quem faz uma comissão" <i>expéditionnaire</i> "quem está encarregado das expedições"

²¹² “[...] les nominalisations liées à la constitution de classes sémantico-référentielles concrètes, en lien avec des usages, qui spécifient et stabilisent des liens combinatoires nom-adjectif (*le muscle soléaire, l’os maxillaire*) ou créent des catégories humaines fondées sur des activités ou comportements (*l’incendiaire, le suicidaire*)” (LÉCOLLE, 2011, p. 21, grifos da autora).

		<p><i>factionnaire</i> "soldado de plantão" <i>faussaire</i> "falsificador" <i>fonctionnaire</i> "pessoa que exerce uma função pública" <i>gestionnaire</i> "encarregado de administrar um estabelecimento" <i>munitionnaire</i> "Fornecedor de munições de guerra" <i>pamphlétaire</i> "autor de panfletos" <i>plagiaire</i> "pessoa que rouba ou demarca as obras dos autores" <i>signataire</i> "pessoa que assinou (uma carta, um ato, um tratado)" <i>stagiaire</i> "quem está fazendo seu estágio" <i>tortionnaire</i> "pessoa que tortura" <i>victimaire</i> "padre que ampara as vítimas" <i>visionnaire</i> "pessoa que tem ou acredita ter visões"</p>
Aquele que se favorece com a realização da ação	Que se beneficia de	<p><i>adjudicataire</i> "beneficiário de uma adjudicação" <i>allocataire</i> "destinatário de uma alocação" <i>bénéficiaire</i> "pessoa que goza de um benefício" <i>dédicataire</i> "pessoa a quem se faz uma dedicação" <i>dépositaire</i> "pessoa a quem um depósito é confiado" <i>destinataire</i> "pessoa a quem uma remessa é endereçada" <i>donataire</i> "pessoa para quem é feita uma doação" <i>endossataire</i> "pessoa para quem um benefício é endossado" <i>indemnitaire</i> "quem tem direito a indenização" <i>légataire</i> "beneficiário de um legado" <i>locataire</i> "pessoa que aluga uma casa, uma morada" <i>pensionnaire</i> "uma pessoa que recebe uma pensão" <i>portionnaire</i> "pessoa com direito à parte de uma herança" <i>rationnaire</i> "a pessoa que recebe uma razão" <i>résignataire</i>, "aquele que se demitiu de um cargo"</p>
	Que possui	<p><i>actionnaire</i> "dono de uma ou mais ações" <i>capacitaire</i> "titular de um diploma que o capacita legalmente a exercer alguma atividade" <i>dignitaire</i> "pessoa que possui dignidade"</p>

		<i>propriétaire</i> "pessoa que possui alguma propriedade"
Aquele que fabrica, vende o objeto designado pela base	Aquele que se ocupa de	<i>diamantaire</i> "aquele que corta ou vende diamantes" <i>disquaire</i> "vendedor de discos" <i>libraire</i> "comerciante cuja profissão é vender livros" <i>statuaire</i> "escultor que faz estátuas" <i>antiquaire</i> "comerciante de objetos antigos" <i>bibliothécaire</i> "bibliotecário" <i>mousquetaire</i> "soldado de infantaria armado com um mosquete"
Aquele que faz parte de	Membro de	<i>coreligionnaire</i> "uma pessoa que professa a mesma religião que outra" <i>doctrinaire</i> "uma pessoa que está intimamente ligada a uma doutrina" <i>légionnaire</i> "soldado que integra a legião" <i>parlementaire</i> "(membro) do Parlamento" <i>sectaire</i> "adepto intolerante de uma seita religiosa" <i>sociétaire</i> "associado" <i>syndicataire</i> "membro de um sindicato financeiro, um sindicato de proprietários" <i>universitaire</i> "(Membro) da universidade"

Fonte: traduzido e adaptado do quadro visto em Schnedecker e Aleksandrova (2016, p. 3-4).

Essa primeira divisão feita por Schnedecker e Aleksandrova (2016) é pautada nos textos apresentados nas definições dicionarísticas. As autoras analisam os textos de forma literal e estabelecem os padrões semânticos recorrentes. Schnedecker e Aleksandrova (2016) entendem que essa definição, ainda que permita visualizar, do ponto de vista semântico, os agentes, não dão conta, por exemplo, da forma como as categorias lexicais da base e do produto interagem no estabelecimento do significado.

Diante desse problema, Schnedecker e Aleksandrova (2016) propõem um modelo tido como mais completo e adequado para a descrição dos agentivos *X-aire*. Essa proposta está apresentada no Quadro 23 a seguir.

Quadro 23 – Síntese da classificação de nomes de humanos *X-aire*

Caracterização da base		Subcategorias dos derivados <i>X-aire</i>	Exemplos	Fórmulas provisórias (Z=Base)
AGENTIVIDADE	+	N autor	<i>démissionnaire</i> <i>plagiaire</i>	X autor de Z
		N condição	<i>signataire</i> <i>contestataire</i>	X opera oficialmente por meio de Z
	-	N experienciador	<i>poitrinaire</i>	X sofre de Z
		N beneficiário	<i>bénéficiaire</i> <i>abandonnataire</i>	X se beneficia de Z
LOCALIZAÇÃO	CONCRETO	N LOC	<i>insulaire</i>	X está em Z
		N LOC	<i>discothécaire</i>	X trabalha em Z
	+/- ABSTRATO	N LOC	<i>universitaire</i>	X trabalha em Z
	ABSTRATO	N LOC	<i>célibataire</i>	X está em Z (Z = estado)
		N LOC	<i>septuagénaire</i>	X está em Z (Z = decênio)
POSSE	NH “detentor”	<i>millionnaire</i>	X tem Z	

Fonte: traduzido e adaptado do quadro visto em Schnedecker e Aleksandrova (2016, p. 17).

A proposta de Schnedecker e Aleksandrova (2016) gira em torno de três domínios da experiência AGENTIVIDADE (AÇÃO), LOCALIZAÇÃO e POSSE. Dentro desses três domínios, há marcação em termos de presença (+) ou ausência (-) de alguma característica, o que vai gerando subespecificações semânticas. Dessa forma, no grupo da AGENTIVIDADE, há aqueles que fazem algo deliberadamente, os agentes mais prototípicos, e aqueles que experienciam ou se beneficiam de uma determinada ação/situação, sendo agentes menos prototípicos. Do ponto de vista categorial, as bases desse primeiro grupo semântico são verbos ou oriundas de verbo, o que ajuda a construir o significado mais agentivo.

No grupo da LOCALIZAÇÃO, os agentes são caracterizados em torno do lugar onde executam as suas ações. Esse lugar pode ser tomado de variadas formas: (a) concreto, como em *discothécaire* (discotecário); (b) +/- abstrato, como em *universitaire* (universitário)²¹³; (c)

²¹³ A universidade pode ser tomada tanto como o espaço físico como pela instituição, em uma perspectiva mais abstrata.

abstrato, como em *célibataire* (celibatário) e *septuagénaire* (septuagenário)²¹⁴. Ainda que Schnedecker e Aleksandrova (2016) não sigam uma perspectiva cognitivista, é destacável o fato de que o processo de abstratização que se vê nos padrões da base envolve mecanismos de metáfora e metonímia.

Por último, no grupo da POSSE, estão aqueles que detêm algum tipo de propriedade, não havendo especificação se essa propriedade é concreta (física) ou abstrata (psicológica).

Ao final desse conjunto de revisões teóricas, chega-se, agora, à análise dos dados de *X-airé*, que será iniciada com o esquema ADJETIVOS. Nesse esquema, nota-se um conjunto de 362 constructos, divididos conforme a Tabela 36.

Tabela 36 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos *X-airé* no francês

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	330	91,16
Ressaltados	32	8,84

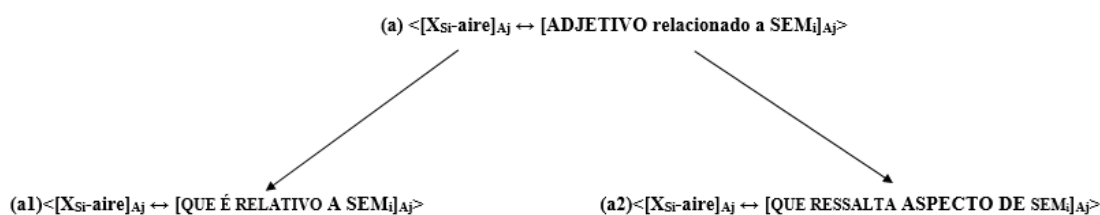
Em relação à frequência de adjetivos *X-airé*, cabe ressaltar que, considerando todas as línguas apresentadas até aqui (latim, romeno, italiano e francês), é a primeira vez que um padrão esquemático apresenta a quantidade total de instanciações adjetivas superior à quantidade total de instanciações substantivas.

Sobre os dados, foram etiquetados como RELATIVOS: *abécédaire* (FRA0821: alfabético), *aéroportuaire* (FRA0826: relativo a um aeroporto), *angulaire* (FRA0835: angular), *appendiculaire* (FRA0843: que se refere ou se assemelha a um apêndice), *aréolaire* (FRA0846: que se refere à aréola da mama), *asilaire* (FRA0849: que se refere a um asilo de idosos ou hospital psiquiátrico), *auriculaire* (FRA0852: que se refere à orelha), *balnéaire* (FRA0860: relativo aos banhos de mar), *basilaire* (FRA0863: basilar, que serve de base), *biomoléculaire* (FRA0872: relativo à biologia molecular), *budgétaire* (FRA0875: que diz respeito ao orçamento), *calendaire* (FRA0879: do calendário), *caniculaire* (FRA0883: relativo à canícula), *caténaire* (FRA0889: relativo a uma cadeia de gânglios), *cellulaire* (FRA0896: relativo à célula), *ciliaire* (FRA0901: que pertence aos cílios), *communautaire* (FRA0910: relativo às comunidades), *crépusculaire* (FRA0926: do crepúsculo), *disciplinaire* (FRA0941: que diz respeito às disciplinas e às sanções), *embryonnaire* (FRA0959: relativo ou próprio de um

²¹⁴ Nesses casos, o estado de celibato pode ser conceptualizado também como lugar (ex: minha esposa *entrou* em celibato total), e também o tempo/a idade (ex: era uma viúva *na casa dos setenta*).

embrião), *épistolaire* (FRA0963: relativo às cartas), *fibrillaire* (FRA0976: que é composto de fibrilas), *foliaire* (FRA0982: que tem a forma de uma folha), *frumentaire* (FRA0991: relativo ao trigo), *gémellaire* (FRA0095: que diz respeito a gêmeos), *hypophysaire* (FRA1014: relativo à hipófise), *indiciaire* (FRA1021: relativo aos indícios), *jugulaire* (FRA1032: relativo à região da garganta), *lacunaire* (FRA1034: que tem lacunas), *lagunaire* (FRA1035: da lagoa), *lymphocytaire* (FRA1063: dos linfócitos), *mamillaire* (FRA1067: que tem a forma de um mamilo), *miliaire* (FRA1076: que tem a aparência de um grão de milho), *mortuaire* (FRA1092: relativo aos mortos, às cerimônias em homenagem a uma pessoa falecida), *nodulaire* (FRA1102: relativo aos nódulos), *oculaire* (FRA1111: do olho, em relação ao olho), *papillaire* (FRA1121: relativo à papila), *pavillonnaire* (FRA1129: que é composto de pavilhões), *pédiculaire* (FRA1131: relacionado aos piolhos), *pilaire* (FRA1145: relacionado aos pelos), *pulmonaire* (FRA1168: que afeta o pulmão), *racinaire* (FRA1178: relacionado à raiz), *résiduaire* (FRA1194: relacionado aos resíduos), *scapulaire* (FRA1214: que diz respeito à escápula), *scripturaire* (FRA1216: relativo à Sagrada Escritura), *stercoraire* (FRA1247: relativo aos excrementos), *tabulaire* (FRA1257: organizado em tabelas), *tégumentaire* (FRA1260: próprio dos tegumentos), entre outros.

Os seguintes exemplos foram categorizados como RESSALTADOS: *arbitraire* (FRA0845: duvidoso e questionável), *atrabilaire* (FRA0850: colérico, irritável), *autoritaire* (FRA0854: que ama a autoridade), *chirographaire* (FRA0900: desprovido de segurança, inseguro), *déficitaire* (FRA0932: deficitário, insuficiente), *doctrinaire* (FRA0948: dogmático, sentencioso), *élémentaire* (FRA0957: rudimentar), *excédentaire* (FRA0967: excessivo), *fistulaire* (FRA0980: fistuloso), *incendiaire* (FRA1019: inflamável), *involontaire* (FRA1028: involuntário), *lacunaire* (FRA1034: deficitário, incompleto), *latitudinaire* (FRA1043: que tem a moralidade difusa), *légendaire* (FRA1045: notório, proverbial), *littéraire* (FRA1054: artificial, sem sinceridade), *nécessaire* (FRA1100: necessário, indispensável, suficiente), *ordinaire* (FRA1115: não excepcional, banal), *parasitaire* (FRA1122: parasitário), *primaire* (1159: primitivo, limitado), *prioritaire* (FRA1160: que vem em primeiro lugar na ordem de importância), *sanguinaire* (FRA1209: cruel, feroz), *sicaire* (FRA1229: sedento por sangue), *solaire* (FRA1234: radiante), *suicidaire* (FRA1252: que leva ao fracasso, à falência), *visionnaire* (FRA1315: visionário) e *vulgaire* (FRA1320: que não se distingue em nada, comum). A representação esquemática da polissemia nesse grupo está na Figura 73.

Figura 73 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-aire do francês

No que concerne somente de derivados substantivos, o esquema dominante de AGENTES é o mais produtivo também no padrão *X-aire*. A Tabela 37 faz a quantificação dos dados quanto à distribuição dos significados.

Tabela 37 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no francês X-aire

Categorias de agentes	Quantidade	Percentual (%)
Profissionais	57	31,67
Habituais	48	26,67
Beneficiários	38	21,11
Circunstanciais	34	18,89
Experienciadores	3	1,67

O subesquema PROFissionais é o mais produtivo do esquema dominante de AGENTES. Esse comportamento aproxima os *X-aire* de todos os padrões vistos até aqui. Entre os exemplos de PROFissionais, estão: *actionnaire* (FRA0822: acionista), *actuaire* (FRA0823: atuário), *antiquaire* (FRA0840: arqueólogo; vendedor de antiguidades), *apothicaire* (FRA0842: boticário), *belluaire* (FRA0864: gladiador que combatia as feras em anfiteatros), *bibliothécaire* (FRA0868: bibliotecário), *commissaire* (FRA0908: pessoa encarregada de funções especiais e temporárias), *commissionaire* (FRA0909: pessoa que atua em nomes de terceiros em transações comerciais), *corsaire* (FRA0925: capitão de um navio do tipo *corsário*), *diamantaire* (FRA0938: pessoa que vende ou talha diamantes), *discothécaire* (FRA0942: pessoa que trabalha em uma discoteca), *disquaire* (FRA0945: pessoa que vende discos), *expédicionnaire* (FRA0970: pessoa encarregada por embarques de mercadoria de uma casa comercial), *gestionnaire* (FRA0998: gestor, gerente), *lapidaire* (FRA1039: artesão que esculpe pedras e lápides), *littéraire* (FRA1054: estudioso da literatura), *manutentionnaire*

(FRA1071: pessoa que trabalha na área de manutenção), *pamphlétaire* (FRA01120: autor de panfletos), *publicitaire* (FRA01167: publicitário), *réceptionnaire* (FRA1182: recepcionista), *statuaire* (FRA1244: escultor de estátuas), *tambourinaire* (FRA01258: tocador de tamborim provençal) e *vétérinaire* (FRA1312: médico veterinário).

Como exemplos de AGENTES HABITUAIS, podem ser vistos: *autoritaire* (FRA0854: quem ama a autoridade e gosta de ser obedecido), *binair* (FRA0870: que age de maneira simplista e maniqueísta), *célibataire* (FRA0895: pessoa que vive no celibato), *corsaire* (FRA0925: aventureiro), *doctrinaire* (FRA0948: pessoa que está intimamente ligada a uma doutrina), *faussaire* (FRA0973: falsificador), *folliculaire* (FRA0983: jornalista ruim, panfletário e sem escrúpulos), *humanitaire* (FRA1013: quem intervém para salvar vidas humanas), *libertaire* (FRA1049: quem não admite qualquer limitação da liberdade individual em termos sociais), *mercenaire* (FRA1075: quem não ajuda e só trabalha por um salário), *protestataire* (FRA1164: protestador), *réactionnaire* (FRA1181: quem expressa ideias retrógradas), *réfractaire* (FRA1187: refratário, rebelde), *retardataire* (FRA1196: quem ignora o processo tecnológico e a evolução das ideias), *sanguinaire* (FRA1209: quem gosta de derramar sangue, matar), *scolaire* (FRA1215: criança que frequenta a escola), *sectaire* (FRA1219: pessoa intolerante, adepta de uma seita religiosa), *solitaire* (FRA1236: pessoa habituada a viver sozinha), *stellionataire* (FRA1246: pessoa que pratica estelionato) e *universitaire* (FRA1289: pessoa que frequenta a universidade).

Pelo subesquema dos BENEFICIÁRIOS, são instanciados: *abandonataire* (FRA0819 : abandonatário), *adjudicataire* (FRA0824: adjudicatário), *aliénataire* (FRA029: alienatário), *attributaire* (FRA0851: pessoa que recebeu o benefício de uma consignação), *bénéficiaire* (FRA0865: beneficiário), *capacitaire* (FRA0884: detentora de um título que o torna apto, capacitado), *cessionnaire* (FRA0899: pessoa a quem foi feita uma cessão), *dignitaire* (FRA0940: dignitário), *distributaire* (FRA0946: pessoa que recebeu algo em uma distribuição), *fidéicommissaire* (FRA0977: pessoa a quem uma propriedade deve ser entregue em execução de um fideicomisso), *jubilair* (FRA1030: pessoa homenageada em um jubileu), *légataire* (FRA1044: beneficiário de um legado), *pensionnaire* (FRA1137: pensionista), *récipiendaire* (FRA1183: pessoa que recebe um diploma universitário), *réservataire* (FRA1193: herdeiro da reserva), *résignataire* (FRA1195: pessoa a quem foi resignado um benefício) e *titulaire* (FRA1270: dotado de um título, pessoa que possui direitos legais).

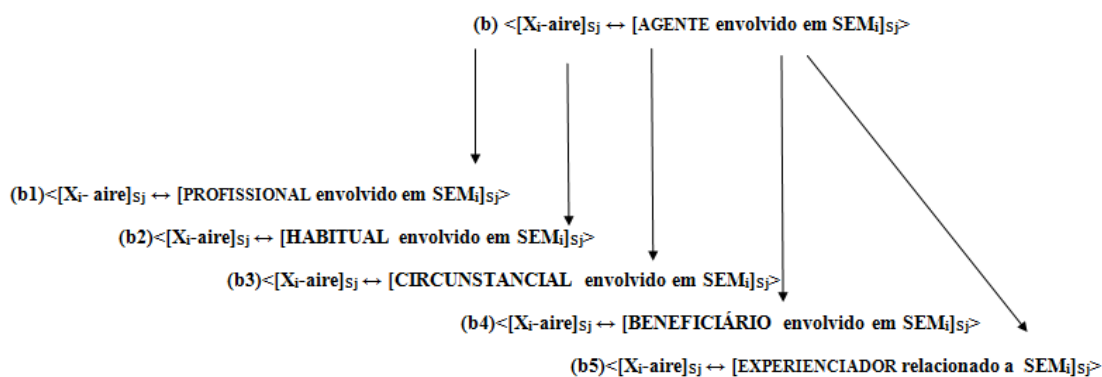
No grupo dos AGENTES CIRCUNSTANCIASIS, aparecem: *abdicataire* (FRA0820: abdicatário, aquele que abdica do poder), *adversaire* (FRA0825: adversário), *allocutaire* (FRA0832: pessoa com quem falamos), *bacillair* (FRA0859: doente que elimina os bacilos da

tuberculose), *commanditaire* (FRA0906: patrocinador), *contestataire* (FRA0918: aquele que contesta), *destinataire* (FRA0937: destinatário), *factionnaire* (FRA0971: soldado de plantão), *grabataire* (FRA1002: que está doente e não sai da cama), *intérimaire* (FRA1026: que exerce um trabalho temporariamente), *mandataire* (FRA1069: pessoa a quem um mandado é proferido), *permissionnaire* (FRA1138: militar de licença), *pétitionnaire* (FRA1141: pessoa que faz ou assina uma petição), *poitrinaire* (FRA1152: paciente com tuberculose pulmonar) e *tortionnaire* (FRA1272: pessoa submetida à tortura).

Por fim, os EXPERIENCIADORES *X-aire* são: *dictionnaire* (FRA0939: pessoa que sabe tudo)²¹⁵, *retardataire* (FRA1196: pessoa que ignora o progresso científico e tecnológico) e *suicidaire* (FRA1252: pessoa que psicologicamente está propensa ao suicídio).

Não houve, com o padrão *X-aire*, casos de AGENTES VEGETAIS. A Figura 74 sintetiza a polissemia do esquema dominante de AGENTES.

Figura 74 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no *X-aire* do francês



O esquema dominante de LOCATIVOS apresentou 12 ocorrências, que se distribuíram de maneira equalizada entre LOCAL ONDE HÁ e LOCAL ONDE SE FAZ, como se pode ver na Tabela 38.

Tabela 38 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos *X-aire* no francês

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde há	6	50
Onde se faz	6	50

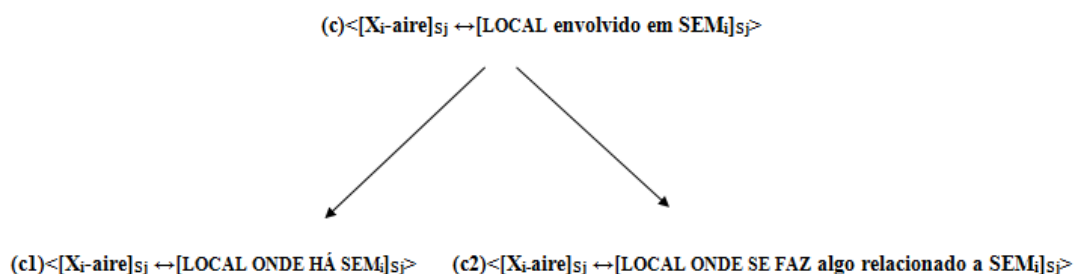
Os seis do tipo ONDE HÁ são: *estuaire* (FRA0964: estuário), *millionnaire* (FRA1081: cidade que tem pelo menos um milhão de habitantes), *ossuaire* (FRA1117: edifício onde os

²¹⁵ Essa designação, provavelmente, advém de um processo metafórico/metonímico a partir do *dictionnaire* objeto.

ossos humanos são preservados), *pénitenciaire* (FRA1136: complexo penitenciário), *solitaire* (FRA1236: cela solitária) e *vestiaire* (FRA1309: vestiário, lugar onde se guardam as roupas).

As seis instanciações do subesquema ONDE SE FAZ são: *dispensaire* (FRA0944: estabelecimento de caráter social onde se faz atendimento gratuito de saúde), *funéraire* (FRA0992: funerária), *laraire* (FRA1040: altar que os romanos reservavam em sua casa para o culto dos lares), *mortuaire* (FRA1092: casa onde se expõe um falecido), *quarantenaire* (FRA1173: lugar destinado à quarentena) e *sanctuaire* (FRA1208: lugar mais sagrado de uma igreja, onde se fazem determinadas cerimônias religiosas). A Figura 75 faz a representação construcional do esquema dominante LOCATIVO, onde constam os dois subesquemas.

Figura 75 - Esquema dominante de locativo e os seus subesquemas no francês X-aire



O esquema dominante de OBJETOS teve 34 instanciações, ao total. Essa quantidade foi dividida em cinco subesquemas, como se pode ver na Tabela 39.

Tabela 39 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no francês X-aire

Categorias de objeto	Quantidade	Percentual (%)
Utensílios	15	44,1
Máquinas	6	17,6
Instrumentos	5	14,7
Recipientes	4	11,8
Uso pessoal	4	11,8

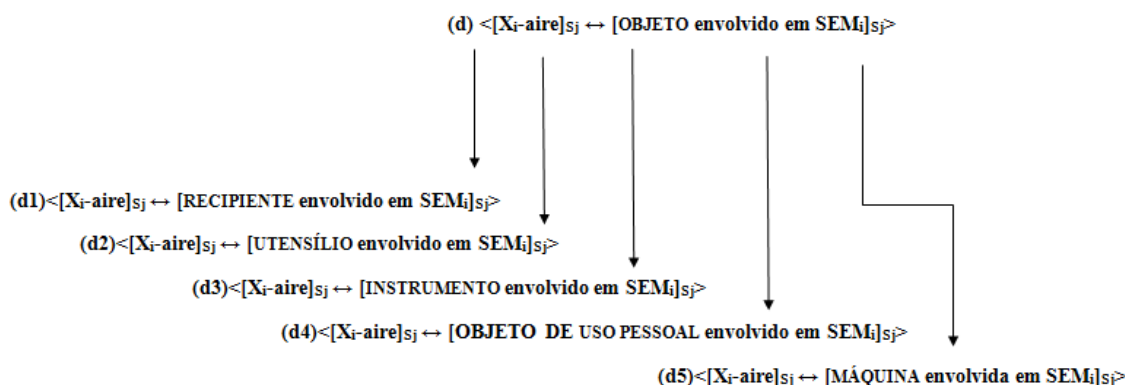
O subesquema mais produtivo dentre os de OBJETOS foi o de UTENSÍLIOS, com 15 realizações. Essas foram: *annuaire* (FRA0837: anuário), *argumentaire* (FRA0847: documento utilizado pelo fornecedor, contendo todos os argumentos de vendas), *bréviaire* (FRA0873: livro do Ofício Divino, contendo as fórmulas de oração), *cellulaire* (FRA0896: telefone celular), *évangélique* (FRA0965: livro contendo os evangelhos), *exemplaire* (FRA0969: objeto que

serve de exemplo, protótipo), *fractionnaire* (FRA0987: livro de vendas contendo as transações), *glossaire* (FRA1001: dicionário que dá a explicação de palavras antigas, especiais ou mal conhecidas) *grammaire* (FRA1003: livro de gramática), *hebdomadaire* (FRA1007: revista de publicação semanal), *lampadaire* (FRA1038: pilão que suporta uma fonte de luz para iluminação pública), *moustiquaire* (FRA1095: mosquiteiro, utensílio que se usa sob as camas para proteger dos mosquitos), *numéraire* (FRA1106: moeda metálica), *obituaire* (FRA1108: livro obituário de uma igreja) e *vocabulaire* (FRA1317: pequeno dicionário).

O subesquema de MÁQUINAS teve seis instanciações. São elas: *araire* (FRA0844: carro de arado), *corsaire* (FRA0925: navio armado em curso, com a autorização do governo), *frigidaire* (FRA0989: refrigerador), *lampadaire* (FRA1038: aparelho de iluminação elétrica), *luminare* (FRA1061: luminária) e *stationnaire* (FRA1243: navio designado para supervisão).

O subesquema INSTRUMENTO instanciou cinco construtos. Foram eles: *abécédaire* (FRA0821: livro usado para alfabetizar), *binoculaire* (FRA0871: binóculo usado para observação no exército), *lapidaire* (FRA1039: pequena mó usada para polimento de pedras preciosas e metálicas), *pilulaire* (FRA1146: instrumento para administrar pílulas aos animais), *syllabaire* (FRA1255: livro elementar que apresenta palavras que se decompõem em sílabas).

Por último, os subesquemas de RECIPIENTES e USO PESSOAL tiveram quatro instanciações cada. Entre os RECIPIENTES, estão: *éventaire* (FRA0966: cesto de vime usado por vendedores ambulantes), *lampadaire* (FRA1038: castiçal), *nécessaire* (FRA1100: caixa ou bolsa que contém utensílios necessários) e *reliquaire* (FRA1191: caixa contendo relíquias). As realizações de OBJETOS DE USO PESSOAL foram: *pessaire* (FRA1140: diafragma, contraceptivo usado pelas mulheres, a fim de obstruir o colo do útero), *scapulaire* (FRA1213: escapulário, faixa de tecido que alguns religiosos sobre o peito), *scapulaire* (FRA1214: tipoia) e *suaire* (FRA1249: sudário). Na Figura 76, é feita uma representação da polissemia do esquema dominante OBJETOS.

Figura 76 - Esquema dominante de objeto e os seus subesquemas no francês X-aire

O esquema QUANTIDADE teve 22 instanciações, dividindo-se em três subesquemas, distribuídos conforme Tabela 40.

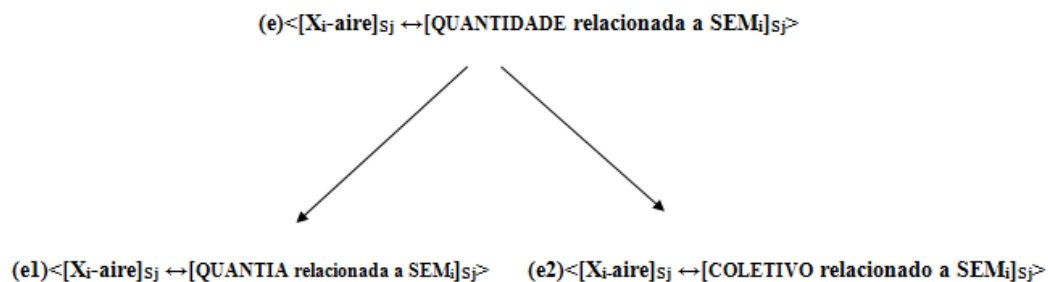
Tabela 40 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no francês X-aire

Categorias de quantidade	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	21	95,45
Quantias	1	4,55

No rol das instanciações com significado COLETIVO, encontram-se: *antiphonaire* (FRA0839: antifonário, conjunto de antifonas), *bestiaire* (FRA0867: conjunto de fábulas e contos com animais), *bullaire* (FRA0877: conjunto de bulas papais), *cartulaire* (FRA0888: cartulário: conjunto de cartas contendo a transcrição dos títulos e privilégios de uma igreja ou mosteiro), *dictionnaire* (FRA0939: coleção de unidades significativas de uma língua), *formulaire* (FRA0986: conjunto de fórmulas), *grammaire* (FRA1003: conjunto de regras para se falar e escrever corretamente uma língua), *imaginaire* (FRA1017: imaginário, conjunto de ideias e impressões), *luminaire* (FRA1061: conjunto das fontes de luz e decorações usadas em uma igreja para uma cerimônia religiosa), *militaire* (FRA1077: conjunto de todos os soldados), *nécessaire* (FRA1100: conjunto de peças e ferramentas para a realização de determinadas obras), *ossuaire* (FRA1117: conjunto de ossos), *questionnaire* (FRA1175: conjunto de perguntas metodicamente solicitadas para investigação), *sanitaire* (FRA1210: conjunto de aparelhos e instalações de higiene para distribuição de água em casas), *sermonnaire* (FRA1227: conjunto de sermões), *vestiaire* (FRA1309: conjunto de roupas), *vocabulaire* (FRA1317: conjunto de palavras usadas por uma pessoa) e *voluptuaire* (FRA1319: conjunto de despesas feitas por prazer, intentando luxo ou fantasia).

A única realização de QUANTIA encontrada foi *salaire* (FRA1205: remuneração por trabalho, serviço). A Figura 77 representa a rede semântica de QUANTIDADE das construções X-*aire*, com os dois subesquemas encontrados.

Figura 77 - Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no francês X-*aire*



O último esquema dominante, ANOMALIA, teve duas instanciações: *urticaire* (FRA1291: urticária) e *vitulaire* (FRA1316: febre do leite, febre puerperal das vacas). A representação esquemática desse significado está na Figura 78.

Figura 78 - Esquema dominante de anomalia no francês X-*aire*

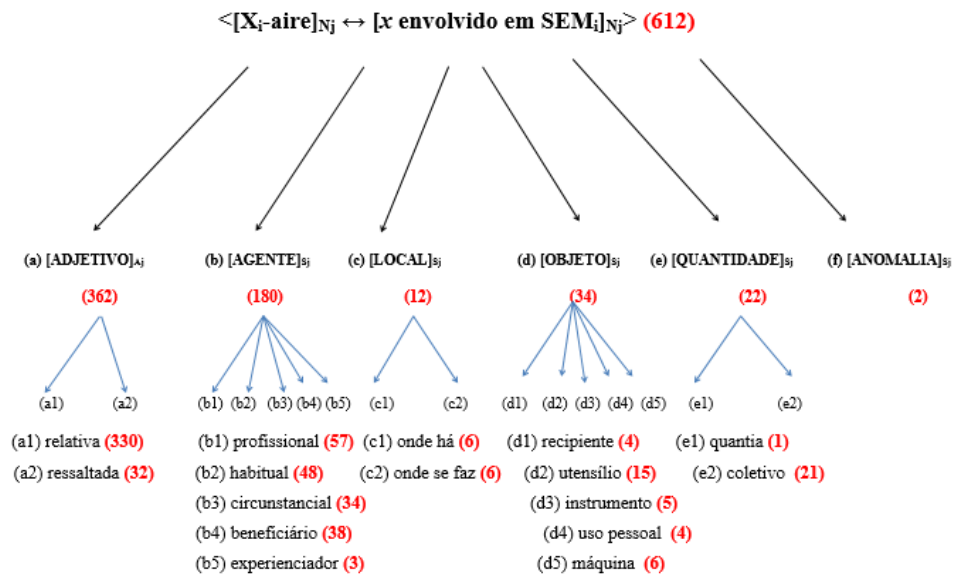
$$(f) \langle [X_{si} - \textit{aire}]_{sj} \leftrightarrow [\textit{ANOMALIA relacionada a SEM}_i]_{sj} \rangle$$

Com as construções X-*aire*, houve também casos de palavras que não receberam qualquer classificação. Algumas delas são: *annulaire* (FRA0838: dedo anelar), *brumaire* (FRA0874: brumário), *calvaire* (FRA0880: representação da crucificação da Paixão de Cristo), *catilinaire* (FRA0890: discurso violentamente hostil), *corollaire* (FRA0922: corolário, proposição lógica), *douaire* (FRA0953: o direito, convencional ou habitual, da viúva aos bens de seu marido falecido), *dromadaire* (FRA0954: dromedário), *électuaire* (FRA0956: eletuário, preparação farmacêutica), *frimaire* (FRA0990: terceiro mês do calendário republicano), *liminaire* (FRA1052: prólogo, liminar), *lucernaire* (FRA1060: primeira parte da vigília dos cristãos), *molaire* (FRA1086: dente molar), *rosaire* (FRA1202: Santo Rosário), *scalaire* (FRA1212: peixe de aquário, nativo da Amazônia), *topiaire* (FRA1271: topiária, arte de podar plantas em formas ornamentais), *véhiculaire* (FRA1301: língua veicular comum usada por falantes de línguas diferentes), *vélaire* (FRA1302: fone cujo ponto de articulação é próximo ao véu palatino) e *vendémiaire* (FRA1304: primeiro mês do calendário republicano).

Diferentemente do que aconteceu com as não classificadas de X-*ier*-, não houve com X-*aire* um grupo de palavras que se destacassem, a ponto de permitir a sugestão de uma nova categoria morfossemântica. A Figura 79, a seguir, analisa apenas os dados que receberam algum

tipo de etiqueta semântica e sintetiza a rede construcional polissêmica de $[[X]-aire]_N$ na língua francesa.

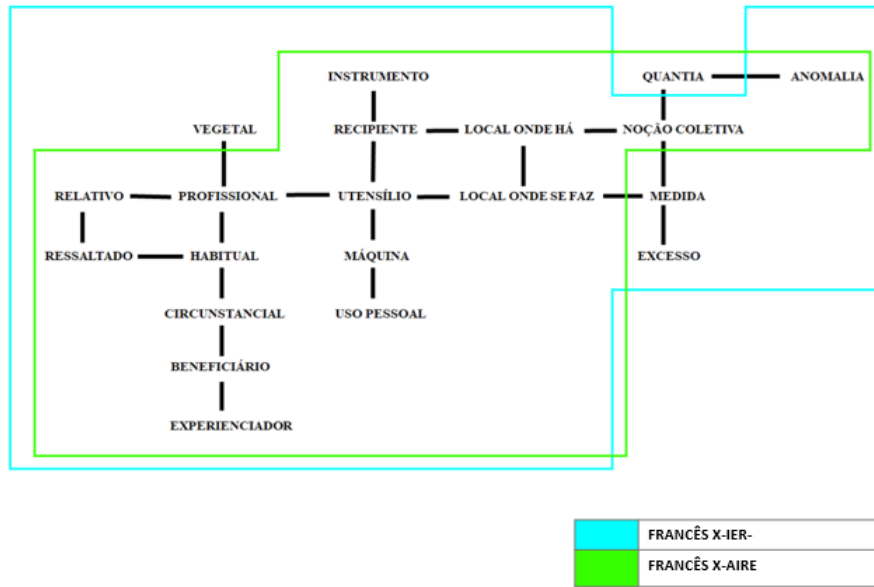
Figura 79 – Representação esquemática das construções X-aire do francês



8.4 A ELABORAÇÃO DOS MAPAS SEMÂNTICOS: AS CONSTRUÇÕES DO FRANCÊS EM COMPARAÇÃO

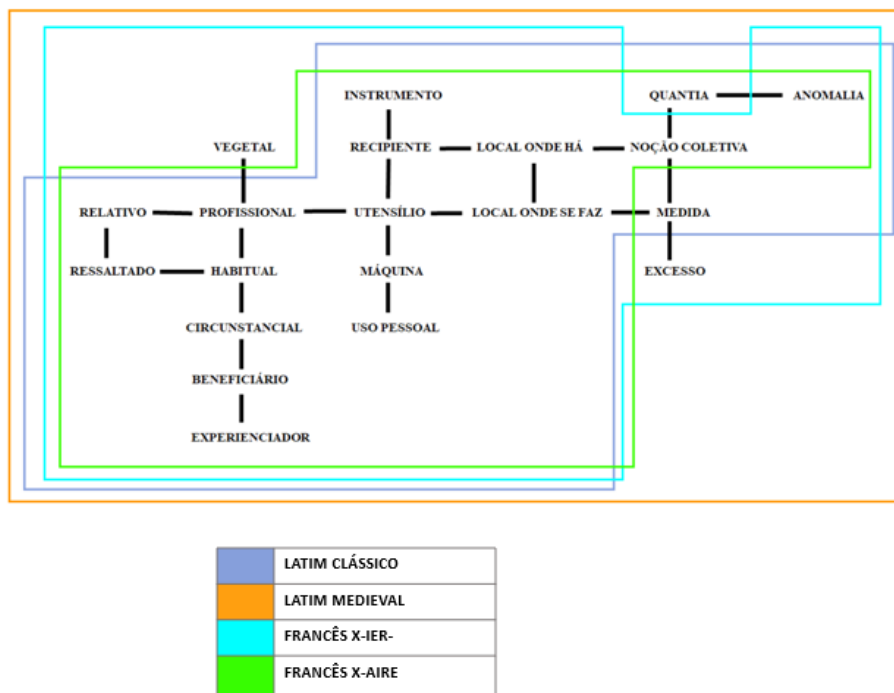
Nesta subseção, serão apresentados três mapas. Na Figura 80, comparam-se os dois esquemas da língua francesa *X-aire* e *X-ier*. Na Figura 81, essas duas construções são cotejadas com as construções do latim. Na Figura 82, comparam-se os dados do francês e do latim com os do italiano e do romeno. Veja-se, primeiro, a Figura 80.

Figura 80 – Mapa semântico das construções do francês



No mapa semântico da Figura 80, o domínio semântico das construções *X-ier-* está delimitado de azul-piscina. O único significado não encontrado, dentre os que se expressam no mapa, foi o de *QUANTIA*, que teve apenas uma instanciação em *X-aire*, que, por sua vez, não abrange os significados de *EXCESSO*, *AGENTE VEGETAL* e *UNIDADE DE MEDIDA*, como se vê a delimitação em verde. Veja-se, agora, a Figura 81, que compara as mesmas construções do francês com as do latim clássico e medieval.

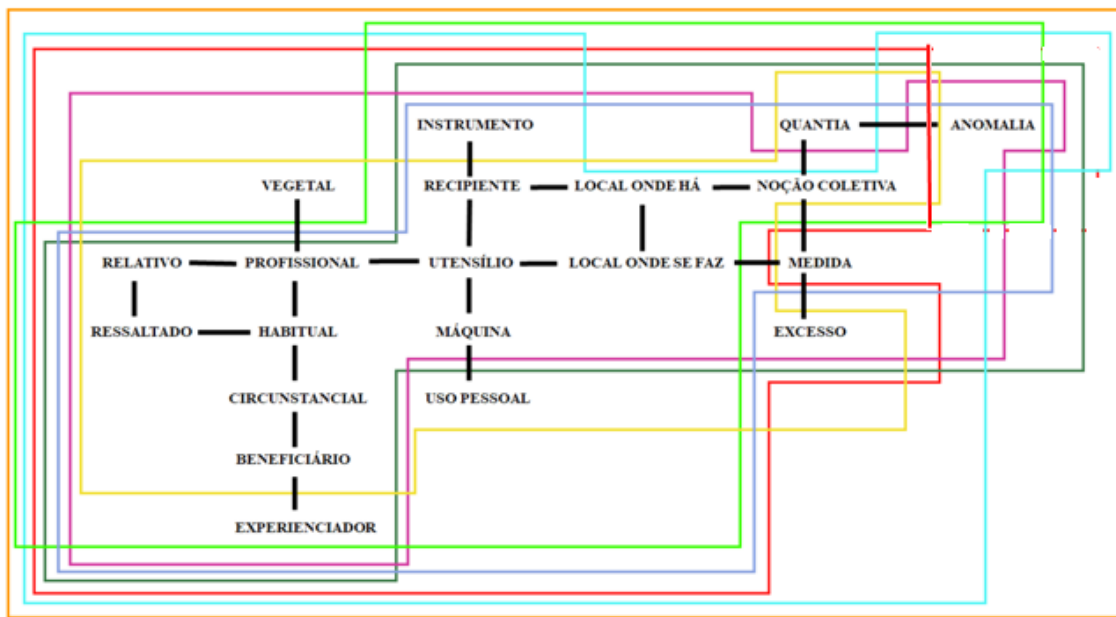
Figura 81 – Mapa semântico comparativo entre as construções do francês e do latim



A representação da Figura 81 mostra, mais uma vez, que o esquema do latim medieval, em laranja, é, até então, o único que abrange toda a rede semântica disposta no mapa. O latim clássico, em azul-marinho, não abrange AGENTE VEGETAL e EXCESSO. As informações sobre o *X-aire* e o *X-ier-* do francês são as mesmas da Figura 80.

Por último, a Figura 82 apresenta a comparação de todas as línguas vistas até aqui. A legenda apresenta as cores referentes a cada esquema. O esquema *X-ai-*, do italiano, não abrange OBJETOS DE USO PESSOAL e QUANTIA. O *X-ari-*, também do italiano, não instancia AGENTES VEGETAIS e OBJETOS DE USO PESSOAL. O *X-ar-*, do romeno, não tem realizações referentes a UNIDADES DE MEDIDA e ANOMALIAS. Não são vistos no *X-(i)er-*, também do romeno, os significados de UNIDADES DE MEDIDA, ANOMALIAS, INSTRUMENTOS e AGENTES EXPERIENCIADORES.

Figura 82 – Mapa semântico comparativo entre as construções do latim, romeno, italiano e francês



	LATIM CLÁSSICO : NÃO ABRANGE EXCESSO, AGENTE VEGETAL
	LATIM MEDIEVAL: ABRANGE TODOS
	ITALIANO X-AI- : NÃO ABRANGE USO PESSOAL, QUANTIA
	ITALIANO X-ARI- : NÃO ABRANGE USO PESSOAL, VEGETAL
	ROMENO X-AR- : NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA
	ROMENO X-(I)ER- : NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA, INSTRUMENTO, EXPERIENCIADOR
	FRANCÊS X-IER-: NÃO ABRANGE QUANTIA
	FRANCÊS X-AIRE : NÃO ABRANGE MEDIDA, VEGETAL, EXCESSO

8.5 ANÁLISES SOCIOCOGNITIVAS

Nesta subseção, foram selecionadas dez palavras [[X]-ier-]_N e dez [[X]-aire]_N, para serem analisadas, de um ponto de vista semântico-cognitivo e histórico. Vejam-se, no Quadro 24, as construções [[X]-ier]_N selecionadas.

Quadro 24 – Palavras francesas X-ier-selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
FRA0193	charcutier, ière	1 pessoa que prepara ou vende carne de porco fresca ou embutida; 2 cirurgião sem traquejo
FRA0297	droitier, ière	1 destro; 2 que segue à política de direita
FRA0316	éistolier, ière	1 escritor que se destaca no gênero epistolar; 2 pessoa que escreve muitas cartas
FRA0385	glacière	1 Cavidade subterrânea em uma alvenaria onde o gelo produzido durante o inverno foi conservado; 2 Geladeira; 3 Lugar muito frio
FRA0516	merdier	1. lugar cheio de excrementos. 2. Bordel
FRA0541	moutonnier, ière	1 relativo ou semelhante a ovelhas; 2 que segue cegamente aos outros, sem discernimento.
FRA0551	négrier, ière	1. relacionado ao tráfico de escravos; 2. N. m. ANT quem estava envolvido com o tráfico de escravos, comerciante de escravos. 3 POR ANALOGIA pessoa que trata seus empregados como escravos. 4 navio usado para o tráfico negreiro
FRA0564	ordurier, ière	1 quem diz ou escreve coisas sujas e obscenas. 2 que contém lixo, obscenidades. 3 pessoa responsável por remover lixo
FRA0643	poudrière	1 loja que vende pólvora e explosivos. 2 região, local onde há uma efervescência permanente, com propensão a incidentes violentos.
FRA0741	souricière	1 armadilha para ratos. 2 armadilha policial.

A palavra *charcutier* (FRA0193) designa um açougueiro especializado em carne de porco, fresca ou embutida. A palavra é derivada de uma estrutura composta com as formas *chair* (carne) e *cuit* (particípio do verbo *cuire*, cozinhar). Esse significado de AGENTE PROFISSIONAL é, em certa medida, composicional, ou seja, deduzível pelas partes envolvidas na formação da palavra derivada. O significado ‘cirurgião sem traquejo’, no entanto, só pode

ser explicado por processos semânticos, como a metáfora, por exemplo. A experiência com o açougue, que inclui o corte de carne e a sangria, é usada para caracterizar uma experiência negativa com um cirurgião. Não se pode deixar de mencionar que essa metáfora existe também em português com a palavra *açougueiro*. Sejam observadas as frases em (A) e (B), a seguir, a primeira com a forma francesa *charcutier* e a segunda com a forma portuguesa *açougueiro*.

(A) Oh non.... faut faire post traiter cette photo...les dents ne sont pas de mêmes couleurs! Quel est le *charcutier* dentiste qui a fait un tel boulot de saligaud? (TWITTER, 2019, grifo nosso)²¹⁶

(B) Agora sim falei com a ouvidoria da usp rrsrs dentista *açougueiro* do caralho, nem dar ponto sabe peguei trauma, é oficial (TWITTER, 2018, grifo nosso).

A palavra *droitier* (FRA0297), que caracteriza uma pessoa destra, é também usada para designar aquele que se identifica com o espectro político da direita. Essas noções de direita e esquerda na política foram criadas em meio à Revolução Francesa, quando se extinguiu o antigo regime absolutista, que era composto por três Estados. O primeiro Estado era a Nobreza, o segundo era o Clero, e o terceiro, a Burguesia, que abrangia tanto a Alta quanto a Baixa Burguesia. É justamente, no seio da Burguesia, o antigo Terceiro Estado, que se estabelece a divisão entre direita e esquerda. Os membros integrantes desse Estado reuniram-se, em Assembleia Constituinte, para discutir representatividade política. No salão de reunião, organizaram-se do lado esquerdo aqueles que estavam ligados com a Baixa Burguesia, trabalhadores e camponeses, ao passo que, do lado direito, articularam-se aqueles mais alinhados com a Nobreza e a Alta Burguesia. O significado dessa palavra comprime um evento histórico e uma experiência espacial e orientacional.

Um evento histórico está também na construção do sentido da palavra *négrier* (FRA0551). Usada anteriormente para se referir ao cenário da escravidão, a palavra tem sido acionada para se referir a padrões com comportamentos análogos aos dos escravagistas. A base da palavra é *négre*, que, segundo Koda (2016), tem sido considerada pejorativa ou racista no uso contemporâneo da língua francesa, justamente por remeter ao período colonial de exploração da mão-de-obra negro-africana. A forma não preconceituosa para se referir a pessoas negras em francês é *noir*. Segundo a autora, a palavra *négre* não era pejorativa quando entrou na língua, mas a associação automática de pessoas negras a escravizados cria uma

²¹⁶ Tradução: “Ah não.... esta foto foi feita pós tratamento... os dentes não são da mesma cor! Qual é o dentista *açougueiro* que faz um trabalho tão sujo?” (TWITTER, 2019, grifo nosso, tradução nossa) .

categorização discriminatória. Assim, sendo a base *négre* racista, é de se imaginar que a forma derivada *négrier* também seja, justamente por se basear em uma metáfora que parte da experiência com a escravidão. Um exemplo desse uso está em (C). Em (D), coloca-se um exemplo com a palavra portuguesa *denegrir*, que também tem sido categorizada como preconceituosa, por associar o negro a ideia de algo ruim, difamatório.

(C) Ainsi @frebsamen prétend qu'il n y a pas de relation de subordination entre un salarié et son *négrier*. heu patron veux-je dire ! (TWITTER, 2015, grifo nosso)²¹⁷

(D) Ele nunca *denegriu* a polícia. Pelo contrário. Sempre a defendeu! (TWITTER, 2019, grifo nosso).

Metáforas também são vistas em *moutonnier* (FRA0541), *ordurier* (FRA0564) e *merdier* (FRA0516). Em *moutonnier* (FRA0541), a base é *mouton* (ovelha). O significado desse derivado tanto pode ser ‘relativo à ovelha’ como ‘que segue cegamente aos outros, sem discernimento’. Nesse caso, a metáfora se constrói no uso de um modelo cognitivo idealizado de *ovelha* como um animal obediente, que segue as ordens de um pastor. Na Bíblia, há a expressão *Agnus Dei*, cordeiro de Deus, com essa mesma conceptualização. Em português, não raramente, em contextos religiosos-cristãos, usa-se o termo *ovelha* para se referir aos fiéis, que se adequam aos ensinamentos de um líder, o pastor.

No caso de *ordurier* (FRA0564), a base é *ordure*, palavra polissêmica que significa ‘sujeira’, tanto de um ponto de vista físico (imundícies) quanto moral (obscenidades). Essa polissemia, que parece ser estruturada por uma metáfora, se estende à forma derivada *ordurier*, que tanto significa a ‘pessoa que remove o lixo’ quanto a ‘pessoa que escreve coisas obscenas’. A compreensão da sujeira no campo da moralidade norteia também a metáfora vista em *merdier* (FRA0516). Esse construto tanto pode ser o ‘lugar cheio de excrementos’, quanto caracterizar um ‘bordel, casa de prostituição’.

A metáfora também pode ajudar a explicar a categorização de lugares frios como geladeiras, como se pode ver em *glacière* (FRA0385). As experiências com eletrodomésticos acabam por balizar as experiências com a temperatura dos ambientes. Os exemplos em (E) e (F) mostram que, tanto no francês quanto no português, lugares frios são tomados por *geladeira/glacière*, enquanto lugares quentes são tomados por *forno/four*.

²¹⁷ Tradução: “Então @frebsamen alega que não há uma relação de subordinação entre um funcionário e o seu *escravagista*. Seu chefe, quero dizer! (TWITTER, 2015, grifo nosso, tradução nossa).

(E) Mais la chambre est un *four*, le reste de la maison est une *glacière*. (TWITTER, 2014, grifos nossos)²¹⁸

(F) Porto Alegre é um *forno* mas até ontem tava uma *geladeira* eu não aguento mais morar nessa zona instável (TWITTER, 2019, grifos nossos).

A transferência de sentidos em *souricière* (FRA0741) pode ser explicada de duas formas: metafórica ou metonímica. A explicação metafórica se estrutura da seguinte maneira: considerando que a base *souris* significa *rato*, e *souricière* (FRA0741) é uma armadilha para pegar rato, um tipo de ratoeira. Ao designar armadilhas policiais para pegar bandidos, há a compreensão metafórica de que BANDIDOS SÃO RATOS, o que decorreria de uma metáfora mais geral SER HUMANO É ANIMAL. A explicação metonímica seria o entendimento de que a armadilha para ratos é a mais prototípica, e há uma extensão desse protótipo, focando apenas na armadilha, desconsiderando a captura dos ratos. Ou seja, pegou-se um determinado aspecto para aplicar a outras situações.

A metonímia parece justificar a extensão de significado em *poudrière* (FRA0643). A palavra é usada para designar um estabelecimento que vende pólvora (francês: *poudre*) e outros explosivos. A pólvora é tomada metonimicamente pelo seu uso em guerras e combates. A partir disso, *poudrière* passa a ser tomada para caracterizar ‘regiões propensas a conflitos’. Veja-se o uso em (G), do francês. Em português, o mais próximo disso foi o uso de ‘barril de pólvora’.

(G) Quand vont se terminer ces conflits ? Cette région est une véritable *poudrière*, ça peut basculer à tout moment. (TWITTER, 2019, grifos nossos)²¹⁹

(H) Dependendo dos seus objetivos... Seu ato pode ser positivo ou não. Um *barril de pólvora*, se tornou o país, estou vendo quem vai acender o pavio...estamos por um triz do gatilho ser acionado. E ninguém entende o momento difícil da nação. Triste realidade (TWITTER, 2019, grifos nossos).

Por último, a palavra *épistolier* (FRA0316) parece envolver também um caso de metonímia. A palavra designa um profissional especializado em escrever no gênero epistolar. Provavelmente, a frequência envolvida na realização do trabalho permite estender o significado para a ‘pessoa que gosta de escrever cartas’. Cabe mencionar que esse aspecto de frequência na

²¹⁸ Tradução: “Mas o quarto é um *forno*, o resto da casa é uma *geladeira*”. (TWITTER, 2014, grifo nosso, tradução nossa).

²¹⁹ Tradução: “Quando esses conflitos terminarão? Esta região é um verdadeiro *barril de pólvora* real, pode disparar a qualquer momento”.

realização de trabalhos é sinalizado por Almeida e Gonçalves (2005), quando explica a extensão de significados do tipo AGENTE PROFISSIONAL > AGENTE HABITUAL nas construções *X-eir-* no português. Isso parece se aplicar ao caso de *épistolier* (FRA0316).

Vejam-se, agora, as dez construções *X-aire*, dispostas no Quadro 25.

Quadro 25 – Palavras francesas *X-aire* selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
FRA0850	<i>atrabilaire</i>	1 que se refere ao humor negro. 2 colérico, irritadiço.
FRA0939	<i>dictionnaire</i>	1. conjunto de unidades significativas de uma língua 2. pessoa que sabe tudo.
FRA0959	<i>embryonnaire</i>	1. relativo ou próprio de um embrião. 2. que é apenas germe, rudimentar
FRA0975	<i>feudataire</i>	1 dono de um feudo. 2 FIG. e IRONIC apoiador de um poderoso chefe de estado.
FRA0983	<i>folliculaire</i>	jornalista ruim, panfletário e sem escrúpulo
FRA1043	<i>latitudinaire</i>	que tem uma moralidade muito difusa, relaxada.
FRA1120	<i>pamphlétaire</i>	1 autor de panfletos. 2 polêmico.
FRA1122	<i>parasitaire</i>	1. relativo aos parasitas. 2. LITTER que vive como um parasita
FRA1252	<i>suicidaire</i>	1. relativo ao suicídio, que leva ao suicídio. 2. quem, por seu quadro psicológico, parece propenso ao suicídio. 3. FIG. que leva ao fracasso, à falência.
FRA1319	<i>voluptuaire</i>	Conjunto de despesas feitas por prazer, luxo ou fantasia

A construção do significado palavra *atrabilaire* (FRA0850) envolve um movimento histórico. A base da palavra é *atrabile*, a chamada *bile negra*, “a que os antigos atribuíam o temperamento melancólico, a irascibilidade, a hipocondria” (HOUAISS E VILLAR, 2009, verbete *atrabilis*). O sentido de *atrabiliare* (FRA0850), como colérico, raivoso, irritadiço, advém dessa crença antiga.

As diversas experiências com aspectos biológicos da vida aparecem comprimidas nas construções *embryonnaire* (FRA0959) e *parasitaire* (FRA1122). No primeiro caso, há a compreensão da fase embrionária como um começo. A palavra *embryon*, que serve de base, é muito comum no âmbito da zoologia e da citologia, para se referir aos primeiros estágios de alguns seres vivos. A metáfora do começo é usada para caracterizar projetos, operações, entre outras coisas que estejam em estágio primário, inicial ou rudimentar. Vejam-se os exemplos em (I) e (J), do francês e do português, respectivamente.

(I) Deux opérations en cours:

- Neymar
- l'échange de Cillessen pour Neto.

L'opération Neymar est en phase *embryonnaire* et le l'opération Cillessen est assez avancée.

#Barça (TWITTER, 2019, grifo nosso)²²⁰

(J) Concorde contigo. Porém, o presidente da república é eleito pelo voto democrático. A sua representatividade pesa demais na escolha dos deputados estaduais e federais que irão compor a câmara. Foi assim com o PSL, partido *embrionário* até então desconhecido, sem tradição política (TWITTER, 2019, grifo nosso).

Em *parasitaire* (FRA1122), o conhecimento sobre relações ecológicas é usado para caracterizar outras relações humanas, sejam pessoais, sejam profissionais. Nos estudos da Ecologia, o parasita é o organismo que vive de/em outro organismo, beneficiando-se desse e causando-lhe danos. Quando usado para caracterizar relações humanas, o *parasita* é aquele que se aproveita dos recursos (materiais ou imateriais) de uma pessoa ou entidade, esgotando-o, sem dar nenhuma contrapartida. Essa metaforização pode ser percebida nos exemplos em (K) e (L), em que se fala, respectivamente, em *politicien parasitaire* (político parasitário) e *setores parasitários*.

(K) Ne comptez pas sur moi pour vous soutenir, politicien *parasitaire* et faux gaulliste compromis avec les pétainistes du Rassemblement National! La honte totale! (TWITTER, 2019, grifo nosso)²²¹

(L) Você sabe q não é inteligente, é só uma otária desesperada p status, dinheiro e poder. Uma otária q s vende aos setores mais *parasitários* e reacionários, vc esta contra o povo (TWITTER, 2019, grifo nosso).

No caso da palavra *suicidaire* (FRA1252), há uma compreensão metafórica, quando a experiência do suicídio é utilizada para caracterizar um empreendimento que leva à falência.

²²⁰ Tradução:

Duas operações em curso:

- Neymar
- A troca de Cillessen por Neto

A operação Neymar está em fase *embrionária* e a operação Cillessen está bastante avançada. #Barça.

²²¹ Tradução: “Não conte comigo para apoiá-lo, político parasita e falso gaullista comprometido com os petainistas da Assembleia Nacional! Vergonha!” total!

Há, pelo menos, dois pontos que permitem alinhar as duas experiências: a opção por (não) tomar certa atitude e o resultado dessa atitude ser um estado inoperante. Vejam-se os exemplos em (M) e (N). Fala-se, nos dois casos, em projetos que levarão à falência, por conta de más decisões de seus empreendedores. Por isso, usam-se as palavras *suicidaire*, em francês, e *suicida*, em português.

(M) Le ministre congolais du Budget vient de faire une déclaration stipulant qu'il serait dans l'incapacité de ressembler les fonds nécessaires à l'organisation des élections en décembre!!! Un tel projet est simplement *suicidaire*... (TWITTER, 2018, grifo nosso)²²².

(N) Essa reação algo escandalosa da esquerda ao post do Quebrando o Tabu é bem sintomática do que se tornou. Projeto nenhum de país. É só dizer não. Pra absolutamente tudo. Defender a reforma do Guedes é bem problemático, mas não defender reforma nenhuma é no mínimo *suicida* (TWITTER, 2019, grifo do autor).

Sejam observadas, agora, as palavras *dictionnaire* (FRA0939), *folliculaire* (FRA0983) e *pamphlétaire* (FRA1120). No primeiro caso, tome-se o fato de que *dictionnaire* é uma forma usada para falar de uma pessoa muito sábia. Isso provavelmente parte da compreensão de que o dicionário tem definição para tudo, sendo um instrumento quase onisciente. No português, para se referir a uma pessoa muito inteligente, que tem muito conhecimento, é comum o uso da palavra *enciclopédia*. Há, nesses casos de *dictionnaire* e *enciclopédia*, extensões metafóricas.

A palavra *folliculaire* (FRA0983) é usada para designar um jornalista ruim e sem escrúpulos. A base é a forma latina *follicule*, que significa uma pequena folha de impressão. É provável que esse caráter diminutivo na palavra base tenha servido de orientação para um aspecto pejorativo ou qualificado negativamente. Uma vez que, não raramente, em sociedades ocidentais, as noções de *grandeza*, *mais*, *muito* e *para cima* são categorizadas como boas, e as noções de *pequenezza*, *menos*, *pouco* e *para baixo* são tidas como ruins (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980]).

O caso de *pamphlétaire* (FRA1120), em alguma medida, se assemelha ao que se viu em *épistolier* (FRA0316). De uma dada atividade (autor de panfletos), se recorta uma cena que

²²² Tradução: “O Ministro do Orçamento congolês acaba de fazer uma declaração declarando que não seria capaz de se assemelhar aos fundos necessários para a organização das eleições em dezembro !!! Esse projeto é simplesmente *suicida*...”

envolve os aspectos de frequência e intensidade. Há também um modelo cognitivo idealizado em torno da confecção de panfletos, que, provavelmente, deve estar relacionado ao costume de pautas reivindicatórias serem apresentadas em panfletos. Desse hábito, deve advir a compreensão de *pamphlétaire* (FRA1120) como *polêmico*. Normalmente, esse caráter *polêmico* está relacionado a defesa de ideias controversas, não raramente com tom doutrinário. Em (O), pode-se ver um uso da palavra *pamphlétaire* no francês, ao passo que, em (P), vê-se a correspondente em português.

- (O) Je lis cela des USA mais quel est le nom de ce *pamphlétaire* et philosophe je présume qui a envoyé une démonstration sur l'expression des doigts justement ? (TWITTER, 2019, grifo nosso)²²³
- (P) Pensamentos sobre Bacurau: uma boa prova de que dá pra fazer um filme com uma posição política clara mas que ainda assim é complexo e não *panfletário* (TWITTER, 2019, grifo nosso).

Em *feudataire* (FRA0975), a experiência histórica das relações feudais é usada para metaforizar outro tipo de relação política. O *feudatário* (forma portuguesa) é aquele que paga tributos, um servo ou um vassalo que está subordinado a um senhor feudal. No cenário contemporâneo, a figura do feudatário é tomada por sua obediência, servidão. O exemplo em (Q) mostra o uso de *feudataire* (FRA0975) na língua francesa contemporânea.

- (Q) devons-nous croire que le Président Trump soit vraiment sensible aux propos de la France et de Macron son *feudataire* ? Peu vraisemblable ! (TWITTER, 2018, grifo nosso)²²⁴.

A palavra *latitudinaire* (FRA1043) vem de *lato*, que significa *amplo*, em oposição ao *stricto*, que significa estrito, fechado. Quando essa noção de *lato* é aplicada ao âmbito dos conceitos de moralidade, ganha normalmente um tom negativo. Isso certamente se deve ao fato de as reflexões sobre moralidade costumarem ser bastante dicotômicas e maniqueístas. Assim, quem tem um conceito muito *amplo* (*lato*) da moralidade costuma ser visto como uma pessoa

²²³ Tradução: “Li isso nos EUA, mas qual é o nome desse panfletário e filósofo que presumo que enviou uma demonstração sobre a expressão dos dedos com precisão?”.

²²⁴ Tradução: “Devemos acreditar que o Presidente Trump é realmente sensível às propostas da França e de Macron, seu *feudatário*? Improvável.

permissiva, difusa, pouco rigorosa. Parece haver, nesse caso, um mecanismo metafórico em que os valores morais são pensados em termos de polos, e quem dilui esses polos não costuma ser bem aceito por aqueles que defendem uma perspectiva mais estrita.

Por último, a palavra *voluptuaire* (FRA1319) designa o conjunto de despesas feitas por luxo ou prazer. A formação dessa palavra remete a *Volupia*, a deusa do prazer, na mitologia romana. É o nome dessa deusa que servirá de base para o substantivo abstrato *volúpia*, no português. A palavra *voluptuaire* (FRA1319) permite entender a relação do homem ocidental com o dinheiro. Nessa relação, compreende-se que o dinheiro pode propiciar luxos, prazeres e diversões. O dinheiro está relacionado ao financiamento da volúpia. Há, no desenvolvimento de *voluptuaire*²²⁵ (FRA1319), pelo menos dois fluxos metonímicos. O primeiro é a deusa romana Volupia pelo que ela regia, o prazer. Depois, o dinheiro é tomado pelo que ele pode proporcionar.

8.6 SÍNTESE

Nesta seção, dedicada tanto às construções correspondentes ao latim $[[X]-ari-]_N$ no francês quanto à história dessa língua, foi possível observar que a constituição desse idioma foi marcada por sucessivos contatos entre diferentes povos, como lígures, iberos, gregos, celtas/gauleses, romanos e germânicos. O contato com os germânicos foi tão impactante na trajetória do francês que ele é considerado a língua românica mais germanizada. Isso pode ser percebido em aspectos fonéticos, morfológicos, lexicais e sintáticos.

A respeito de um dos esquemas analisados nesta seção, o $[[X]-ier-]_N$, Nyrop (1908), gramático histórico do francês, menciona estudos anteriores que sugerem que a passagem *arius* > *ier* envolve processos fonético-fonológicos que estão relacionados à amalgama entre o sufixo latino e um sufixo germânico com configuração formal similar. Assim, pode-se assumir que, até mesmo no formativo analisado nesta seção, o contato com germânicos teve impacto.

No que toca à análise empreendida, observou-se que o funcionamento do esquema $[[X]-ier-]_N$ no francês se mantém fiel ao que se viu no latim. Os grupos semânticos dominantes de ADJETIVOS, AGENTES, OBJETOS, LOCATIVOS, QUANTIDADES e ANOMALIAS foram todos percebidos nas instanciações do esquema. Os AGENTES PROFISSIONAIS

²²⁵ Cabe ressaltar que, no francês, *voluptuaire* também significa voluptuoso, no sentido mais lascivo, tal como no português. Entretanto, não foi esse o significado utilizado nessa análise.

seguiram como o grupo mais produtivo, confirmando, mais uma vez, que essa prototipicidade histórica, vista no latim, se disseminou, com o mesmo efeito, nas línguas românicas.

Novidade em relação ao latim, e ao italiano e ao romeno, línguas da chamada România Oriental, foi a produtividade do subesquema AGENTE VEGETAL. Se nas outras línguas, esse subesquema não instanciou mais do que 10 construtos, no francês, foram vistas 105 realizações.

O segundo esquema analisado nesta seção foi o $[[X]\text{-aire}]_N$, que, diferentemente de todos os esquemas vistos até aqui, teve maior produtividade na instanciação de adjetivos, em detrimento dos substantivos. Dessa forma, o esquema de ADJETIVOS foi o mais produtivo do esquema. Isso certamente está relacionado ao fato de as formas construídas com o sufixo francês *-aire* advirem das convergências entre os sufixos latinos *-aris* e *-arius*, que formavam prototipicamente adjetivos. Embora esses sufixos latinos sejam historicamente relacionados, tendo uma mesma forma ancestral, as línguas românicas costumam diferenciar as duas formas. O português, por exemplo, tem o *-ar* e o *-ário*. No francês $[[X]\text{-aire}]_N$, assim como no romeno $[[X]\text{-ar-}]_N$, vê-se uma reunificação dos dois sufixos divergentes.

9 OS ESQUEMAS [[X]-ER-]_N E [[X]-ARI]_N NO CATALÃO: TENSÕES ENTRE OS CONCEITOS DE LÍNGUA-PONTE, LÍNGUA-DEPENDÊNCIA E LÍNGUA AUTÔNOMA

Nesta seção, apresenta-se a análise dos dados referentes ao catalão. Foram selecionadas 962 palavras sufixadas com *-er-* e 391 com *-ari-*. Os dados foram obtidos a partir de pesquisa na versão eletrônica do *Diccionari de la llengua catalana*, do Institut d'Estudis Catalans. Uma vez que essa versão do dicionário não fornece informações acerca de etimologia, formação e datação, utilizou-se, para obtenção dessas, o *Diccionari.cat*, produzido pela equipe Enciclopèdia Catalana.

9.1 ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO CATALÃO

Como tantas outras narrativas, a história da língua catalã é marcada por controvérsias, conflitos e polêmicas que se estendem até os dias de hoje. Atualmente,

[...] o catalão é uma língua que se estende por um vasto território de onze milhões de falantes, em quatro estados europeus, principalmente Espanha (Catalunha, região valenciana, parte oriental de Aragão, Ilhas Baleares e na área de Carxe, na província de Múrcia), mas também na França (Departamento dos Pirenéus Orientais ou Catalunha Norte), Andorra e Itália (a cidade de Alghero, na Sardenha) (MARTINES E MONTOYA, 2011, p. 185, tradução nossa)²²⁶.

Como destacado por Martines e Montoya (2011), o catalão é uma língua falada principalmente na Espanha, mais precisamente na região, hoje autônoma, da Catalunha, que tem como capital Barcelona. Em 2017, foi divulgada a independência da Catalunha, após uma série de conflitos na região. O desejo dos nativos pela independência se confirmou em um plebiscito, aceito pelo parlamento catalão, que, sob regime próprio, deu à Catalunha o estatuto de nação, mas esse decreto foi invalidado pelo Senado da Espanha, que descartou a autonomia da região.

Pelo fato de o maior contingente de falantes de catalão estar na região da Catalunha, há uma vinculação quase instantânea desse idioma à língua castelhana. É justamente aí que reside

²²⁶ “Catalan is a language that extends over a wide territory of eleven million speakers, in four European states, mainly Spain (Catalonia, Valencian region, eastern part of Aragon, Balearic Islands and the Carxe area in the province of Murcia), but also France (Department of Eastern Pyrenees or northern Catalonia), Andorra and Italy (the city of Alghero, in Sardinia)” (MARTINES E MONTOYA, 2011, p. 185).

uma das principais polêmicas em torno do catalão, pois filólogos, linguistas e historiadores tomam posições diversas: alguns classificam-no como uma língua ibero-românica, por associação ao espanhol, e outros como galo-românica, por associação ao provençal.

A história do catalão e das outras línguas ibero-românicas²²⁷ começa no ano 218 a.C., quando, em meio a II Guerra Púnica, os romanos dominam a Península Ibérica (MEIER, 1973; CASTRO, 1991; TEYSSIER, 1997; BASSETTO, 2013; ILARI, 2018). Em 209 a.C., após os romanos derrotarem a população cartaginesa, os povos peninsulares pré-romanos, à exceção dos bascos, passam a ter o latim como a língua de uso corrente. Mais tarde, todos esses povos, incluindo os bascos, adotam o cristianismo como religião, o que acaba sendo um importante aliado para a difusão da língua latina no território conquistado.

Sobre o processo de romanização da Península Ibérica, Meier (1973 [1948]) comenta que,

[e]m 1922, A. Griera, formulou, [...] pela primeira vez, a hipótese de duas correntes, partindo de focos de romanização diferentes, que teriam desde o princípio comunicado formas de Latim distintas à Península: uma, vinda do Sul, constituiria a base do Português e do Espanhol, a outra, vinda do Norte, a do Catalão. Segundo esta tese, a fronteira entre o Catalão dum lado e o Espanhol e o Português do outro seria a fronteira lingüística fundamental e a mais antiga da Península (MEIER, 1973 [1948], p. 20-21).

A respeito da romanização da Península Ibérica, cabe destacar as divisões político-geográficas que se estabeleceram, ao longo dos tempos. Sobre esse quesito, Teyssier (1997) explica que “[a] Península é inicialmente dividida em duas províncias [...], a Hispânia Citerior (a região nordeste) e a Hispânia Ulterior (a região sudoeste)” (TEYSSIER, 1997, p. 7). Também a respeito disso, Meier (1973 [1948]) acrescenta:

A extensão das duas Províncias hispânicas modifica-se com o progresso da conquista: da Citerior, a partir de Tarragona e de Cartagena, incorporam-se a pouco e pouco na zona de influência romana Aragão e a meseta castelhana, e da Ulterior o Ocidente da Península, Portugal e a parte ocidental da Espanha de hoje. Na época da maior extensão, a Ulterior compreende, portanto, a Andaluzia, Portugal e o Oeste de Espanha, a Citerior todo o resto da Península. Neste momento, começam as subdivisões administrativas destes grandes complexos: no tempo de Augusto, a Ulterior divide-se em Bética andaluza e Lusitânia, mais tarde a Citerior chega a formar três Províncias: a Tarraconense, a Cartaginense e a Galécia [...] (MEIER, 1973 [1948], p. 22).

²²⁷ Tome-se, nesse contexto, o termo ‘ibero-românicas’ sob um viés puramente geográfico: línguas românicas faladas na Península Ibérica, sem o compromisso prévio de se assumir uma categorização do catalão.

No século V d.C., os germânicos chegam à Península Ibérica. A invasão germânica começa com a entrada de suevos, alanos²²⁸ e vândalos. Mais tarde, chegam os visigodos, que confrontam esses povos. Os alanos foram rapidamente combatidos, os vândalos se deslocaram para o norte da África, e os suevos foram os que mais conseguiram conviver, não exatamente de maneira harmônica, com os visigodos. Esse período da Península dura até o século VIII, quando são os muçulmanos os novos invasores da Península. Sobre esse momento, Teyssier (1997) explica:

Em 711 os muçulmanos invadem e em pouco tempo conquistam a Península Ibérica, com inclusão da Lusitânia e da Gallaecia. Estes muçulmanos eram árabes e berberes do Maghreb. Tinham o Islão como religião e o árabe como língua de cultura, mesmo aqueles que falavam o berbere. Os povos ibéricos chamaram-nos “mouros” (TEYSSIER, 1997, p. 7).

Com a chegada desses povos mouros, a população hispano-germânica tendeu a se refugiar para a parte Norte da Península. Ainda em 718, Pelágio, líder visigodo, reunindo grupos refugiados nas regiões montanhescas, inicia o processo que ficou conhecido como Reconquista²²⁹. Em pouco tempo, o exército envolvido com esse movimento retoma as regiões ao norte do Rio Douro.

Esse processo será acelerado, com a constante adesão das populações cristãs das regiões reconquistadas. Isso vai gerar um aumento significativo do exército, que será fortalecido no século XI, em paralelo com o movimento das Cruzadas, que terá a conquista e reconquista dos territórios para os cristãos como uma missão sagrada. Somente em XV, a Reconquista se conclui, com a recuperação do Reino de Granada e com os processos de extermínio, expulsão e conversão ao cristianismo da população muçulmana remanescente.

No entendimento de autores como Castro (1991) e Teyssier (1997), tanto a invasão muçulmana quanto a Reconquista Cristã são fundamentais para a formação das línguas românicas peninsulares. Os chamados romances que surgirão em meio a esses processos são: O galego-português (ao oeste), o castelhano (ao centro) e o catalão (ao leste). Dentro dessa

²²⁸ Os alanos, cumpre destacar, não são um povo germânico. Trata-se de uma população de origem iraniana que, quando derrotada pelos hunos, se dissipou para Oriente e Ocidente. Os chamados alanos ocidentais é que vão se unir aos povos germânicos e empreenderão a já comentada invasão da Gália e, posteriormente, da Península Ibérica.

²²⁹ Ainda que não se queira fazer um longo debate sobre o termo *Reconquista*, cabe mencionar o quanto essa nomenclatura leva a diante a ideia de que os territórios ibéricos estavam predestinados à população hispano-godocristã que se refugiou para o Norte da Península. Essa nomenclatura reforça o já conhecido paralelismo que se estabelece entre a ideia de expansão, no caso dos povos romanos, e de invasão, no caso dos povos bárbaros e muçulmanos. A Tese não pretende lançar um veredito sobre o uso do termo, mas reconhece que há várias tensões envolvidas. Para se aprofundar sobre o tema, sugere-se a leitura do capítulo *Portugal: de Condado a Reino*, de Mongelli (1997), e do livro *Quando nosso mundo se tornou cristão*, de Paul Veyne (2011).

compreensão, todas essas línguas são formadas na parte Norte e são levadas para o Sul com o avanço da Reconquista.

Essa postura de creditar à Reconquista todo o processo de diferenciação das línguas ibero-românicas é tida como problemática e sintomática por autores, como Margarit (1991) e Alegre (1991), que consideram que a caracterização linguística da Península Ibérica não era homogênea, antes da Reconquista, como muitos defendem. Em relação à língua catalã, esses autores sinalizam que, desde o início do processo de romanização da Península, já se percebiam vários contrastes linguísticos, incluindo traços que, depois, serviram à diferenciação entre os chamados catalão ocidental e catalão oriental.

O histórico dos debates em torno da formação do catalão é comentado por Bassetto (2013):

Os problemas relativos ao caráter lingüístico, específico do catalão, não chegaram a constituir uma “questão catalã” semelhante à “questione ladina”, mas foram muito debatidos pelos romanistas. Trata-se de uma língua ou um simples dialeto? Pertence ao galo-romance ou ao ibero-romance? A hesitação começou com Friedrich Diez; na primeira edição de sua *Grammatik der Romanischen Sprachen*, de 1836, considera o catalão como um dialeto provençal; na segunda, em 1856, já o considera uma língua ligada ao provençal, não mais um simples dialeto; na terceira edição, declara (vol. I, p. 112) considerar o catalão como uma língua independente, apenas aparentada com o provençal. Atualmente, não se nega mais o *status* de língua ao catalão (BASSETTO, 2013, p. 231, grifos do autor).

Entre os filólogos e linguistas que defendem o catalão como uma língua galo-românica, estão: o francês Édouard Bourciez (na obra *Elementos de linguística românica*²³⁰, de 1910), o suíço Wilhelm Meyer-Lübke (na obra *O catalão: sua posição em espanhol e provençal, linguística e historicamente apresentada*²³¹, de 1925), o catalão Antonio Griera (na obra *Gramática histórica do catalão antigo*²³², de 1931), o alemão Gerhald Rohlfs (no ensaio *A diferenciação léxica das línguas românicas*²³³, de 1960) e o também francês Pierre Bec (na obra *Manual prático de filologia românica*²³⁴, de 1970).

No rol daqueles que defendem o catalão como uma língua ibero-românica, aparecem: o alemão Fritz Krüger (na tese *Pesquisa geolingüística em Languedoc e Rossilhão*²³⁵, de 1913), os espanhóis Ramon Menéndez Pidal (na obra *Origens do espanhol*²³⁶, de 1926) e Amado

²³⁰ Tradução nossa para o original *Éléments de linguistique romane*

²³¹ Tradução nossa para o original *Das Katalanische: Seine Stellung zum Spanischen und Provenzalischen sprachwissenschaftlich und historisch dargestellt*

²³² Tradução nossa para o original *Gramàtica històrica del català antic*

²³³ Tradução nossa para o original *La diferenciación léxica de las lenguas románicas*

²³⁴ Tradução nossa para o original *Manuel pratique de philologie romane*

²³⁵ Tradução nossa para o original *Sprachegeographische Untersuchungen in Languedoc und Roussillon*

²³⁶ Tradução nossa para o original *Orígenes del español*

Alonso (na obra *Castelhano, espanhol, idioma nacional: História espiritual de três nomes*²³⁷, de 1938), o alemão Harri Meier (na obra *Ensaio de filologia românica*, de 1948) e o húngaro Benedictus Eleutherius Vidos (na obra *Manual de linguística românica*, de 1956).

Discípulo de Friederich Diez, que foi um dos primeiros a suscitar a controversa posição do catalão na România, Meyer-Lübke (1925) adentra à discussão acerca da classificação da língua catalã. Por meio de uma série de análises comparativas, sugere que o catalão seja uma língua ibero-românica diferenciada, sobretudo quando comparada com as outras línguas românicas faladas naquele espaço. Para além disso, o autor destaca as semelhanças entre o catalão e o provençal, assumindo, ao final, que o catalão seja um dialeto que se desenvolveu do provençal, fazendo, por isso, parte da Galo-România.

Os principais processos definidos por Meyer-Lübke (1925) estão reproduzidos no Quadro 26, a partir da leitura feita por Bassetto (2013).

Quadro 26 – Fenômenos fonético-fonológicos que aproximam o catalão do provençal

Caracterizações dos fatos fonético-fonológicos	Formas originais do latim	Formas desenvolvidas no castelhano	Formas desenvolvidas no catalão	Formas desenvolvidas no provençal
Ditongação espontânea de /e/ e o /o/ breves latinos, livres ou travados: apenas o castelhano ditonga	<i>pede</i>	<i>pie</i>	<i>peu</i>	<i>pe</i>
	<i>septem</i>	<i>siete</i>	<i>set</i>	<i>set</i>
	<i>mola</i>	<i>muela</i>	<i>mola</i>	<i>mola</i>
	<i>porta</i>	<i>puerta</i>	<i>porta</i>	<i>porta</i>
Ditongação de /e/ e o /o/ breves e tônicos diante de palatal: apenas o castelhano não ditonga ²³⁸	<i>pectum</i>	<i>pecho</i>	<i>pit</i>	<i>pieit</i>
	<i>folia</i>	<i>hoja</i>	<i>full</i>	<i>fuelha</i>
Preservação de /e/ e o /o/ átonos finais: apenas o castelhano preserva, com	<i>caballu</i>	<i>caballo</i>	<i>cavall</i>	<i>cal</i>
	<i>portu</i>	<i>puerto</i>	<i>port</i>	<i>port</i>
	<i>parte</i>	<i>parte</i>	<i>part</i>	<i>part</i>
	<i>morte</i>	<i>muerte</i>	<i>mort</i>	<i>mort</i>

²³⁷ Tradução nossa para o original *Castellano, español, idioma nacional: Historia espiritual de tres nombres*

²³⁸ Sobre esse processo, Bassetto (2013) acrescenta: “As formas catalãs provêm da redução do tritongo resultante da ditongação espontânea do /e/ > /ié/ ou do /o/ > /uó/ e mais o i proveniente da vocalização do /c/: *pectu* > *pieit* > *pit*; ou *folia* > *fueilla* > *fulla* > *full*” (BASSETTO, 2013, p. 232, grifos do autor).

exceção do /e/ precedido de /d/ ²³⁹				
Passagem /f-/ > /h-/ (> φ): acontece apenas o castelhano	<i>femina</i>	<i>hembra</i>	<i>fembra</i>	<i>femna</i>
	<i>furmica</i>	<i>hormiga</i>	<i>formiga</i>	<i>formiga</i>
Passagem /cl/; /li/ > /dz/ > /j/: acontece apenas no castelhano	<i>veclu</i>	<i>viejo</i>	<i>vell</i>	<i>vielh</i>
	<i>palia</i>	<i>paja</i>	<i>palla</i>	<i>palha</i>

Fonte: elaborado a partir de dados de Bassetto (2013, p. 231-232).

É com base em fenômenos fonético-fonológicos como os apresentados no Quadro 26 que Meyer-Lübke (1925) sugere que o catalão seja uma língua diferenciada no âmbito da Península Ibérica, pois as suas características fonéticas apontam mais semelhanças com o provençal do que com o castelhano.

A respeito disso, Menéndez Pidal (1926) sugere que Meyer-Lübke (1925) tenha chegado a essa conclusão, por conta de erros metodológicos. Para o autor, o filólogo suíço deixou de considerar a existência da fase do *pan-ibero-romance*, que teria se estendido até meados do século X e se caracteriza por uma uniformidade entre as línguas e os dialetos falados na Península Ibérica. O filólogo espanhol defende que é o castelhano que deve ser considerado a língua hispano-românica diferenciada, pois foi ele que divergiu da uniformidade e, por isso, não deve ser usada como um parâmetro de comparação.

Menéndez Pidal (1926) observa também que os fenômenos fonético-fonológicos defendidos por Meyer-Lübke (1925) como distintivos não devem ser tomados como exclusivos. No excerto a seguir, Bassetto (2013), leitor de Menéndez Pidal (1926), explica as razões.

[P]or exemplo, o /e/ e o /o/ tônicos breves ante palatal ditongam-se não só no catalão, no provençal e no francês como também nos dialetos peninsulares, das Astúrias à Andaluzia, inclusive no moçárabe; lat. *podiu* > arag. *pueyo* > *puio*; lat. *octo* > leon. *vuecho*; lat. *nocte* > leon. *nueche*; lat. *oculu* > moçár. *welyo* e leon. *weyo*. Da mesma forma, /e/ e /o/ átonos finais são apocopados não só no francês, provençal e catalão,

²³⁹ O castelhano parece apocopar o /e/ final precedido de /d/, somente se essa consoante advier do processo de sonorização /t/ > /d/. Nos exemplos, a seguir, note-se que em (a), (b) e (c), há formas latinas terminadas em /-te/ que sofreram sonorização e apócope e se converteram em /d/ no castelhano, ao passo que, em (d), (e) e (f), o segmento fonológico /-de/, presente na forma latina, se preserva no castelhano.

(a) lat. *abbate* > cast. *abad*; cat. *abat*; prov. *abat*

(b) lat. *bonitate* > cast. *bondad*; cat. *bondat*; prov. *bontat*

(c) lat. *aetate* > cast. *edad*; cat. *edat*; prov. *edat*

(d) lat. *viride* > cast. *verde*; cat. *verd*; prov. *verd*

(e) lat. *fraude* > cast. *fraude*; cat. *frau*; prov. *frauda*

(f) lat. *tarde* > cast. *tarde*; cat. *tard*; prov. *tard*.

mas também em outros dialetos, como em aragonês, por exemplo, cat. *corte*, arag. *cort*; *monte – mont*; *suave – suau* (BASSETTO, 2013, p. 234, grifos do autor).

A passagem /f/ > /h/ (> ϕ), caracterizada foneticamente por uma aspiração, é tomada como o fenômeno mais diferenciador, pois essa característica é

[...] inicialmente exclusiva no território castelhano-basco-gascão, posteriormente levada para o sul; mas o /f/ inicial permaneceu em todas as línguas e dialetos peninsulares, do catalão ao português e até no castelhano antigo. O mesmo aconteceu com os grupos /cl/ e /li/, que passaram a /dz/ e depois a /j/ na região cantábrica, enquanto se palatalizaram na maioria das línguas românicas, inclusive no português, no provençal, no catalão, no galego e no dialeto leonês (BASSETTO, 2013, p. 234, grifos do autor).

Meier (1973 [1948]), a respeito dessa discussão, se alinha com Menéndez Pidal (1926). Na sua investigação, Meier (1973 [1948]) tem o intuito de confirmar a hipótese de que a antiga Hispânia Citerior (nordeste da Península) tenha sido mais inovadora que a Hispânia Ulterior (sudoeste), no que toca aos desenvolvimentos linguísticos, por conta das diferentes correntes de romanização.

Para embasar esse argumento, Meier (1973 [1948]) elenca três fenômenos fonéticos « (i) desenvolvimento do grupo consonântico *-mb-*; (ii) destino das vogais finais *-u* e *-o*; e (iii) trajetória dos ditongos *au*, *ai* e *ei* » e compara os padrões relativos ao português e ao astúrio-leonês, que geolinguisticamente equivaleriam à Hispânia Ulterior, com os padrões vistos no catalão e o naragonês, que geolinguisticamente se ligariam à Hispânia Citerior. É por meio desse cotejo que o filólogo alemão contribui para a discussão sobre a formação do catalão.

Veja-se, no Quadro 27, uma adaptação do quadro-síntese proposto por González (2017) para apresentar os fatos fonéticos e os exemplos dados por Meier (1973 [1948]).

Quadro 27 – Fenômenos fonéticos da Ibero-România, segundo Harri Meier

Latim vulgar	Português/ Astúrio-leonês	Castelhano	Catalão/ Aragonês
	-mb- > [mb]	-mb- > [m]/[mb]	-mb- > [m]
ambos	port. ambos	ambos	amos
palumba	pomba	paloma	paloma
plumbum	chumbo	plomo	plom
lambere	port. lamber	lamber/lamer	llami
cambiare	cambiar	cambiar	camio

	-u, -o > [u]	-u, -o > [o]	-u, -o > ∅
portu	port <u>[u]</u>	puert[o]	port_
bonu	port. arc. b <u>õ</u> o	buen[o]	cat. bon_/bo
	au > ou	au > o	au > o
auru	ouro	oro	or
paucu	pouco	poco	poc
	ai, ei > ei	ai, ei > e	ai, ei > e
ferrariu > ferr <u>airu</u>	ferre <u>iro</u>	herrero	ferrer
materia > mate <u>ira</u>	made <u>ira</u>	madera	_240
januariu > jan <u>airu</u>	jane <u>iro</u>	enero	gener

Fonte: González (2017, p. 11), com adaptações e grifos nossos.

Na comparação entre os dados reproduzidos no Quadro 26, Meier (1973 [1948]) coloca o castelhano em uma posição intermediária, como uma espécie de balizador, que realça as principais oposições se estabelecem entre o catalão/aragonês e o português/astúrio-leonês. O fato de haver recorrentes alinhamentos entre os desenvolvimentos do castelhano e do catalão faz com que Harri Meier se aproxime teoricamente de Ramón Menéndez Pidal e Amado Alonso, naturalmente, se distancia de Wilhelm Meyer-Lübke e Antonio Griera.

Sobre esse debate, Meier (1973 [1948]) ressalta que seria inviável propor uma antítese, com base somente nesses dados de análise, pois os trabalhos anteriores comparam castelhano, catalão e provençal, enquanto ele compara português, castelhano e catalão. As conclusões do autor estão expressas no trecho a seguir:

Nos nossos três exemplos, vimos o Espanhol andar quase sempre de mãos dadas com os seus dialetos orientais e com o Catalão (muito contra a tese de Griera) e separa-se nitidamente do Português, do Galego e dos seus dialetos ocidentais. Mas estaríamos igualmente equivocados ao quisermos estabelecer uma contra-tese, colocando a fronteira fundamental, que Griera quis localizar entre o Catalão e o Espanhol, entre este e o Português. Sirva para mostrá-lo em um último exemplo: o tratamento do *-e* final. Oposto ao Catalão e ao Aragonês (*pont, mort – muert*), o Espanhol junta-se desta vez ao Português deixando cair o *-e* apenas depois de certas dentais (*pan, perdiz, -al*). Prescindindo de particularidades dialetais e de alguns casos esporádicos (*pez* “peixe”. Esp. arc. e regional *peje; piel* “pele” ...) distingue-se do Português só pelo tratamento de *-e* depois de *d* (*verdad* “verdade”). Esta coincidência não é fortuita e baseia-se, a nosso ver, na especial participação do Castelhana na corrente da Hispânia Ulterior, que fez recuar as formas apocopadas (*fuent, noch, muert*), tão freqüentes no Castelhana medieval (MEIER, 1973, p. 27, grifos do autor).

²⁴⁰ A ausência dessa forma correspondente se deve ao fato de ser mais usual em catalão o vocábulo *fusta*, que se desenvolve a partir do latim *fustem*.

Rohlf (1979 [1960]) entra na discussão sobre as origens do catalão, a partir de um estudo lexical inter-românico com base em denominação de 51 conceitos. É, portanto, uma investigação onomasiológica. Nessa investigação, 49 dos conceitos pesquisados se aplicaram a toda a România, e apenas dois desses conceitos se restringiram à Sardenha e à Itália Meridional. A partir dos seus resultados, Rohlf (1979 [1960]) alinha-se com Meyer-Lübke (1925), no entendimento de que o catalão deva ser enquadrado como uma língua galo-românica. Algumas das evidências advindas dessa pesquisa estão apresentadas no Quadro 28.

Quadro 28 – Comparação de itens lexicais do castelhano, catalão e provençal

	Formas do castelhano	Formas do catalão	Formas do provençal
1	<i>manzana</i>	<i>poma</i>	<i>pouma</i>
2	<i>tío</i>	<i>oncle</i>	<i>ouncle</i>
3	<i>hígado</i>	<i>fetge</i>	<i>fege</i>
4	<i>pierna</i>	<i>cama</i>	<i>camba</i>
5	<i>hervir</i>	<i>bullir</i>	<i>bouli</i>
6	<i>quemar</i>	<i>cremar</i>	<i>cremà</i>
7	<i>nada</i>	<i>res</i>	<i>res (ren)</i>
8	<i>domingo</i>	<i>diumengue</i>	<i>dimenche</i>
9	<i>viernes</i>	<i>divendres</i>	<i>divendre</i>
10	<i>vamos (imos)</i>	<i>anam</i>	<i>anam</i>
11	<i>mañana</i>	<i>demá</i>	<i>deman</i>
12	<i>llorar</i>	<i>plorar</i>	<i>plourà</i>
13	<i>ciego</i>	<i>cego, ciego</i>	<i>avugle</i>
14	<i>comer</i>	<i>menjar</i>	<i>manjà, minjà</i>
15	<i>llegar</i>	<i>arribar</i>	<i>arribà</i>
16	<i>sanar</i>	<i>gorir</i>	<i>gari</i>
17	<i>uva</i>	<i>rahim</i>	<i>rasin</i>
18	<i>rogar</i>	<i>pregar</i>	<i>pregá</i>
19	<i>hombro</i>	<i>espatlla</i>	<i>espala</i>
20	<i>hallar</i>	<i>trobar</i>	<i>trobà</i>
21	<i>becerro</i>	<i>vedell</i>	<i>vedèu</i>
22	<i>cordero</i>	<i>anyell</i>	<i>agnèu</i>
23	<i>queso</i>	<i>formatge</i>	<i>froumage</i>
24	<i>cabeza</i>	<i>cap</i>	<i>cap</i>
25	<i>cuna</i>	<i>bres, bressol</i>	<i>bres, brassòu</i>
26	<i>albañil</i>	<i>paleta</i>	<i>massoun</i>
27	<i>cabrón</i>	<i>boch</i>	<i>bouc</i>
28	<i>sien</i>	<i>pols</i>	<i>pous</i>
29	<i>zorra</i>	<i>guilla, guinèu</i>	<i>renard</i>
	<i>raposa²⁴¹</i>	<i>rabosa</i>	
30	<i>cuchara</i>	<i>culler (a)</i>	<i>cuié, cuiera</i>
31	<i>hembra</i>	<i>femella</i>	<i>femela</i>

²⁴¹ A ausência de numeração na comparação entre o cast. *raposa* e o cat. *rabosa* já está no original de Rohlf (1979). Também está ausente no original a forma provençal correspondente, o que talvez tenha contribuído para a não computação desses dados.

32	<i>mujer</i>	<i>dona</i>	<i>fema</i>
33	<i>querer</i>	<i>estimar</i>	<i>amà</i>

Fonte: Rohlfs (1979 [1960], p. 256-258, grifos do autor).

A comparação de itens léxicos empreendida por Rohlfs (1979 [1960]) termina abarcando também aspectos fonéticos, morfológicos e etimológicos. O Quadro 27 possibilita visualizar que, nos casos em (1-2), (4-5), (7), (10), (14-23), (25) e (27-28), o catalão apresenta formas com os mesmos étimos das vistas no provençal e, nesse sentido, se distancia do castelhano. No exemplo em (13) e no par não enumerado *raposa* (cast.) e *rabosa* (cat.), nota-se a situação inversa, com o catalão e o castelhano apresentando formas com os mesmos étimos, em detrimento do provençal.

Os dados em (3), (24) e (32) apresentam casos em que os étimos das formas românicas são diferentes, mas estão relacionados morfofonologicamente. Por exemplo, em (3), o castelhano *hígado* advém diretamente do latim *ficatum*²⁴², ao passo que o catalão *fetge* e o provençal *fege* se originam de **feticum*²⁴³, forma do latim vulgar que teria se desenvolvido por metátese e metafoia de *ficatum*. Nesse caso, o étimo e a identidade fônica nas formas românicas favorecem a aproximação entre catalão e provençal. Destaque-se a mudança fonológica /f/ > /h/, como um aspecto que, em tese, desfavorece o castelhano, em relação às outras duas línguas.

Em (24), o castelhano *cabeza* do latim *capitia*²⁴⁴, enquanto *cap*, presente tanto no catalão quanto no provençal, se desenvolve do latim *caput*²⁴⁵. Ainda que as formas latinas *caput* e *capitia* sejam morfológicamente relacionadas, são palavras diferentes e, por isso, os desenvolvimentos serão diferentes. Mais uma vez, em função do étimo e da identidade fônica, o catalão se aproxima do provençal, desfavorecendo a relação com o castelhano.

Em relação às formas em (32), vê-se que o castelhano *hembra* se desenvolve do latim *femina*, enquanto o catalão *femella* e o provençal *femela* se originam do latim *femella*, uma forma diminutiva de *femina*. Novamente, há a relação morfológica, mas as palavras são distintas e, nesses desenvolvimentos, favorece-se também a conexão entre catalão e provençal.

Os dados em (6), (8-9) e (11-12) apresentam situações em que as três línguas desenvolvem as suas formas de um mesmo étimo, porém, em virtude das trajetórias fonéticas, há uma ligação maior entre catalão e provençal. Por último, (26), (29) e (33-34) são casos em

²⁴² Étimo dado pelo *Diccionario de la lengua española*, da Real Academia Española.

²⁴³ Étimo dado pelo *Diccionari.cat*, da Gran Enciclopèdia Catalana.

²⁴⁴ Étimo dado pelo *Diccionario de la lengua española*, da Real Academia Española.

²⁴⁵ Étimo dado pelo *Diccionari.cat*, da Gran Enciclopèdia Catalana.

que as três línguas apresentam formas de origens diferentes, o que marca as individualizações delas. Em conclusão, Rohlf (1979 [1960]) diz:

Dessas trinta e três palavras, vinte e oito mostram uma concordância clara e absoluta com o provençal. Apenas duas delas (*rabosa, cego*) vinculam o catalão ao castelhano e, em três outros casos, o catalão oferece uma caracterização única: *paleta, dona, estimar*. Isso significa que em 33% dos quarenta e nove conceitos estudados, o catalão não mostra desvio comum da evolução românica conjunta da Galo-România e da Ibero-România. Em 57% dos casos, se alinha com a Galo-România, em 4% com a Ibero-România e em 6% segue evoluções particulares. **Este é um argumento incontestável em prol do estreito parentesco linguístico do catalão com a Galo-România: o catalão é essencialmente uma « dependência » do provençal** (ROHLFS, 1979 [1960], p. 258-259, tradução nossa²⁴⁶, grifos do autor).

Há, no âmbito dessa discussão, posturas mais moderadas e conciliatórias. Baldinger (1963), por exemplo, mesmo se alinhando com o argumento de Menéndez Pidal (1926), se utiliza de evidências, tais quais as dos quadros 26, 27 e 28, e reconhece que a língua catalã ora se aproxima do castelhano, ora do provençal. Diante disso, Baldinger (1963) chama o catalão de *língua-ponte*, no entendimento de que essa língua, embora ibero-românica, por questões de ordem histórica, mescla características fonéticas, lexicais e morfossintáticas dos dois domínios dialetais da România. Nas palavras do autor:

A questão da classificação do catalão foi obscurecida por uma abordagem pouco clara. Do ponto de vista histórico, não há dúvida de que o catalão pertence às línguas ibero-românicas, nem de que, apenas secundariamente, por causa de suas estreitas relações com o Norte e por causa do desenvolvimento peculiar do castelhano, o catalão adquiriu a sua posição especial de língua-ponte. O fato de que, na época visigótica e carolíngia dos séculos VI a IX, o catalão desenvolveu características tais quais as do provençal, não pode ser decisivo para a sua classificação (BALDINGER, 1963, p. 115-116, tradução nossa²⁴⁷).

²⁴⁶ “De estas treinta y tres palabras, veintiocho muestran una evidente y absoluta concordância com el provençal. Solamente dos de ellas (*rabosa, cego*) unen el catalán con el castellano y em outros tres casos el catalán ofrece una singular caracterización: *paleta, dona, estimar*. Esto quiere decir que en un 33 por ciento de las cuarenta y nueve voces estudiadas, el catalán no muestra ningún desvío com respecto a la evolución románica conjunta de Galorromania e Iberorromania. En un 57 por ciento de los casos marcha con la Galorromania, en un 4 por ciento con Iberorromania y en un 6 por ciento sigue evoluciones peculiares. Esto es una **incontestable argumentación en pro del estrecho parentesco lingüístico del catalán con la Galorromania: el catalán es en lo esencial una « dépendance » del provençal**” (ROHLFS, 1979, p. 258-259, grifos do autor).

²⁴⁷ “La cuestión de ordenación del catalán ha sido enturbiada por un planteamiento poco claro. Desde el punto de vista histórico, no puede haber duda alguna de que el catalán pertenece a las lenguas ibero-románicas ni de que, sólo secundariamente, a causa de sus estrechas relaciones con el Norte, y por el peculiar desarrollo del cast., llegó a adquirir el cat. su especial posición puente. El hecho de que en la época visigoda y carolingia de los siglos VI al IX evolucionara el cat. en una serie de casos como el prov., no puede ser decisivo para su ordenación” (BALDINGER, 1963, p. 115-116).

Uma leitura bastante crítica das polêmicas que envolvem essa discussão é feita por Colón (1976). O autor narra o desenvolvimento da questão, sinalizando como, muitas vezes, há uma prática enviesada no uso dos fenômenos linguísticos, apenas para se defender uma hipótese. Nesse sentido, Colón (1976) põe em suspeição não só as seleções que os linguistas fazem de fenômenos e exemplos, como também as narrativas tendenciosas que se constroem a partir delas. No entendimento de Colón (1976):

Este procedimento é extremamente fácil e, com um pouco de malícia, pode-se chegar a qualquer conclusão. O léxico catalão se presta a isso. Se nos limitarmos a destacar, por exemplo, que para o conceito de 'saciado', o catalão dispõe da palavra *fart*, de FARCTUS, prontamente acompanha-se o ibero-românico, que tem *harto* em espanhol ou *farto* em português; mas com isso não dissemos mais do que meia verdade, já que o catalão também conhece *sadoll*, derivado de SATULLUS; temos então uma relação com o occitano *sadol* e até com o francês *saoul*; o último originalmente significava e, às vezes, ainda, significa "saciado". Um defensor do galo-romanismo escolherá *sadoll*, e tudo está explicado. Assim tem sido feito. Os perigos do que hoje é chamado de «manipulação» são evidentes (COLÓN, 1976, p. 25-26, tradução nossa²⁴⁸, grifos do autor).

Colón (1976) destaca também que toda essa discussão está imbuída de sentimentos relacionados à associação entre língua e nação e, nesse sentido, tanto os que associam o catalão ao provençal quanto os que vinculam o catalão ao castelhano estão muito mais em busca de construir narrativas de poder e glória para os estados nacionais do que de pautar questões político-linguísticas. Sobre esse tensionamento, seguem as palavras do autor:

Insisto que não vou atizar a velha polêmica do sub-agrupamento, uma vez que se tratava de uma abordagem equivocada, cujas origens estavam nos pressupostos teóricos de nossa disciplina. Isso, por motivos alheios à Linguística (que, no fundo, podem ser resumidos na fórmula *língua = nação*), não concedeu ao catalão uma posição entre as línguas românicas; tratou-se, então, de incluí-lo na área de influência da França ou da Espanha. Tudo isso é absurdo. A partir do momento em que estamos diante de uma língua como outra qualquer, não há dependência (CÓLON, 1976, p. 26-27, tradução nossa²⁴⁹, grifos do autor).

²⁴⁸ Este procedimiento es excesivamente fácil y con un poco de picardía se puede llegar a cualquier conclusión. El léxico catalán se presta a ello. Si nos limitamos a señalar, por ejemplo, que para el concepto de 'saciado', el catalán posee la palabra *fart*, de FARCTUS, va desde luego con el iberorrománico, el cual tiene *harto* en español o *farto* en portugués; pero con ello no hemos dicho más que media verdad, puesto que el catalán también conoce *sadoll*, derivado de SATULLUS; tenemos entonces un parentesco con el occitano *sadol* e incluso con el francés *saoul*; este último significaba originariamente y significa aún a veces 'saciado'. Un partidario del galorromanismo elegirá *sadoll*, y todo está explicado. Así se ha procedido, en efecto. Los peligros de lo que ahora se llama «manipulación» son evidentes (COLÓN, 1976, p. 25-26, grifos do autor).

²⁴⁹ “Insisto en que no voy a atizar la vieja polémica de la subagrupación, puesto que se trataba de un planteamiento equivocado, cuyos orígenes estaban en los supuestos teóricos de nuestra disciplina. Ésta, por motivos ajenos a la lingüística (que en el fondo se pueden resumir en la fórmula *lengua = nación*), no otorgaba al catalán un puesto entre las lenguas romances; se trataba, pues, de englobarlo en el área de influencia de Francia o de España. Todo eso es absurdo. Desde el momento en que nos hallamos ante una lengua como otra cualquiera, no existe dependencia alguna” (CÓLON, 1976, p. 26-27, grifos do autor).

Catalán (1974), ao tratar da história da Linguística ibero-românica, menciona o momento em que a Filologia/Linguística catalã se distanciou por inteiro da Filologia/Linguística castelhana. Essa ruptura se dá nos anos 1920, quando os filólogos catalães deixaram de se interessar por questões ligadas à gramática histórica e à caracterização dialetal da língua. Nas palavras de Catalán (1974):

A linguística catalã prontamente se desinteressou dos problemas relacionados à gramática histórica e à divisão de dialetos do domínio catalão. Preocupados com o futuro da língua, os filólogos enfatizaram a unidade linguística, em detrimento da diversidade, e concentraram sua atenção na descoberta, organização e codificação do léxico. O esforço foi impressionante. (CATALAN, 1974, p. 45, tradução nossa²⁵⁰).

Com base nos excertos de Colón (1976) e Catalán (1974), e em tudo mais que foi levantado nesta subseção, pode-se ver que a preocupação com a categorização do catalão entre as línguas românicas diz muito mais respeito aos filólogos e linguistas das tradições castelhana e francesa que aos catalães. Embora sejam legítimas a preocupação para a Linguística e a Filologia, têm sido muito mais urgentes, para os falantes dessa língua, políticas para promover a preservação e o reconhecimento da língua catalã. Nesse sentido, cabe ressaltar que, desde 1978, a Constituição Espanhola reconhece o castelhano como língua oficial e as *outras línguas espanholas*, grupo em que estão o catalão e o galego, como línguas nacionais de suas respectivas comunidades autônomas (GIL, 1999).

A respeito desse momento histórico, Gil (1999) comenta que, embora tenha sido um grande passo para o reconhecimento das línguas minoritárias que circulam no território da Espanha, houve equívocos no emprego de *outras línguas espanholas* no texto da Constituição. Sobre isso, o primeiro ponto é que o termo *língua espanhola* alude diretamente ao castelhano, da mesma maneira, por exemplo, que *língua francesa* não vai contemplar outra língua que não o francês.

O segundo ponto problemático é que não há, nesse uso, um reconhecimento das individualidades das línguas minoritárias e das comunidades autônomas. O último ponto é que o catalão, por exemplo, não é falado somente na Espanha, o que pode ficar subentendido nessa categorização da língua catalã como uma língua espanhola, reforçando todo o desprestígio que o catalão sofreu, em favorecimento do castelhano.

²⁵⁰ “La lingüística catalana se desinteresó prontamente de los problemas conexiónados con la gramática histórica y la división dialectal del dominio catalán. Preocupados por el futuro de la lengua, los filólogos subrayaron la unidad lingüística, a expensas de la diversidad, y concentraron su atención en el descubrimiento, ordenación y codificación del léxico. El esfuerzo fue impresionante.” (CATALÁN, 1974, p. 45).

Ao longo dos tempos, a Constituição Espanhola foi se adequando para atender as demandas dos falantes de catalão e das outras línguas menos prestigiadas. Os conflitos que envolvem questões geopolíticas e linguístico-culturais, no entanto, nunca deixaram de acontecer, como ficou evidenciado nas, já mencionadas, manifestações pela independência de 2017.

9.2 O QUE JÁ FOI DITO SOBRE OS SUFIXOS DO CATALÃO

Ao se fazer o levantamento de trabalhos anteriores sobre os sufixos catalães estudados nesta Tese, constatou-se uma carência de descrições morfológicas da língua catalã. Essa talvez seja uma marca do desprestígio que o castelhano impôs às outras línguas faladas no território.

Quando se encontraram materiais, quase sempre eram voltados para a morfossintaxe ou para o léxico de maneira ampla. Por exemplo, o livro *Morfologia i fonologia catalana i românica: estudis diacrònics*, de Wheeler (2007), e a *Gramàtica històrica de la llengua catalana*, de Batlle *et al* (2016), não abordam qualquer aspecto da morfologia derivacional da língua. Da mesma maneira, a obra *El léxico catalán en la Romania*, de Colón (1976) não aborda processos lexicogênicos. Entre as obras em que se viram menções à morfologia lexical da língua, estão: (a) a *Gramática Histórica Catalana*, de Moll (1952); (b) a *Gramática Catalana*, de Margarit (1962); (c) o livro *Llengua catalana i neologia*, do Observatori de Neologia (2004); e (d) a *Gramàtica de la llengua catalana*, do Institut d'Estudis Catalans (2017). Em termos de revisão, a Tese opera com esses quatro trabalhos que não são dedicados especialmente aos sufixos estudados.

Na seção dedicada à formação de palavras, Moll (1952) comenta as transmissões ‘-arĩa > -era, -ària’ e ‘-arïu, -arĩa > -er, -era, -ari-, -ària’. O autor, portanto, aborda de maneira conjunta os dois sufixos correspondentes ao latim *-ari-* na língua catalã. As razões para a divisão feita por Moll (1952) são pouco claras, mas parecem estar relacionadas à especialização semântica das formas femininas. Sobre o primeiro processo de transmissão, ‘-arĩa > -era, -ària’, o autor explica que são formas femininas do latim *-arïu*, tendo o desenvolvimento popular orientado para o sufixo *-era*. Os usos principais desse sufixo de origem vulgar são, nas palavras de Moll (1952):

- a) Forma substantivos indicadores da peça que ocupa, cobre ou resguarda o lugar ou objeto designado pela base: *cervellera, collera, cuixera, frontera, galtera, genollera, musclera, orellera, pitrera, testera, ullera*

- b) Indica o recipiente ou o lugar que ocupa ou onde se aloja o objeto designado pela base: *bladera, cafetera, conillera, lletera, oliera, ratera, soper*;
- c) Aplicado a radicais adjetivais, forma substantivos de qualidade: *ceguera, coixera, ronquera, sordera*;
- d) Aplicado a radicais verbais, forma também substantivos que designam desejo ou necessidade urgente de fazer uma ação: *ballera, caguera, cantera, gratera, pixera, plovera, xerrera*; se o verbo primitivo não for da classe I, o derivado em *-era* se forma sobre o radical guturalizado: *correguera, dormiguera, escriguera, llegiguera, ploguera*. (MOLL, 1952, p. 271-272, tradução nossa²⁵¹, grifos do autor).

Entre as categorias semânticas verificadas por Moll (1952), encontram-se algumas equivalências com o que tem se proposto nesta Tese. O uso em (a) equivaleria ao que tem sido chamado de objetos de uso pessoal. Os dados em (b) se dividem entre objetos recipientes e locativos do tipo ‘onde há’. Os exemplos em (c) seriam chamados aqui de anomalias, considerando o aspecto anormal, por assim dizer, nas designações. Inovador é o grupo em (d), que não se viu até, agora, entre as línguas analisadas.

Outra inovação na língua catalã é vista no uso do sufixo *-ària*, desenvolvimento feminino culto do latim *-ari-*. Segundo Moll (1952), a forma *-ària* tem sido usado para formar substantivos abstratos deadjetivais, como *altària, amplària, grandària, llargària* e *llunyària*. Esses exemplos equivaleriam em português, respectivamente, a *altura, amplitude, grandeza, largura* e *lonjura*. Na morfologia derivacional do português, formas derivadas com os sufixos *-ez(a)*, *-(i)dade*, *-ura* e *-idão* tendem a designar ‘qualidades’. Esse comportamento semântico não foi visto em nenhuma das línguas analisadas até aqui. Sobre essa característica particular do catalão, Moll (1952) explica:

Este sufixo e seu uso específico existem também em sardo, e segundo Meyer-Lübke, [...], é de origem inexplicada; mas não parece improvável que seja uma mera aplicação do sufixo latino *-aria*, não modificado graças ao cultismo dos arquitetos ou construtores que primeiramente lhe deram tal aplicação (MOLL, 1952, p. 272, grifos do autor, tradução nossa²⁵²).

²⁵¹“a) Forma sustantivos indicadores de la pieza que ocupa, cubre o resguarda el lugar u objeto designado por el primitivo: *cervellera, collera, cuixera, frontera, galtera, genollera, musclera, orellera, pitrera, testera, ullera*;

b) Indica el recipiente o el lugar que ocupa o donde se aloja el objeto significado por el primitivo: *bladera, cafetera, conillera, lletera, oliera, ratera, soper*;

c) Aplicado a radicales adjtivales, forma sustantivos de cualidad: *ceguera, coixera, ronquera, sordera*;

d) Aplicado a radicales verbales, forma también sustantivos que significan ganas o necesidad imperiosa de realizar la acción: *ballera, caguera, cantera, gratera, pixera, plovera, xerrera*; si el verbo primitivo no es de la clase I, el derivado en *-era* se forma sobre el radical guturalizado: *correguera, dormiguera, escriguera, llegiguera, ploguera*. (MOLL, 1952, p. 271-272, grifos do autor)

²⁵² Este sufijo y su uso específico existen también en sardo, y según Meyer-Lübke, [...], es de origen inexplicado; pero no parece improbable que sea una mera aplicación del sufijo latino *-aria*, no modificado gracias al cultismo de los arquitectos o constructores que primeiramente le darían tal aplicación” (MOLL, 1952, p. 272, grifos do autor).

A sugestão de Moll (1952) não é muito esclarecedora acerca desse desenvolvimento particular. Por um lado, até onde se viu, não há, entre as formas latinas e as formas românicas, esse uso. Mostra-se, portanto, como um desenvolvimento independente. Embora se saiba que catalães povoaram a região da Sardenha no século XIV, fazendo com que as línguas entrassem em contato, ainda é desconhecido o motivo pelo qual somente elas, entre as neolatinas, desenvolveram esse significado.

Em relação ao segundo processo de transmissão, ‘-arĭu, -arĭa > -er, -era, -ari-, -ària’, Moll (1952) destaca a correspondência com outras línguas românicas, como o castelhano *-ero*, o italiano *-aio* e o francês *-ier*. O autor menciona que o catalão herdou do latim muitos nomes derivados com esse sufixo. Exemplos dados por Moll (1952, p. 272) são: *caldaria* > *caldera*, **capitiariu* > *cabecer*, **carrariu* > *carrer*, **carraria* > *carrera*, *cellariu* > *celler*, *denariu* > *diner*, *februariu* > *febrer*, *filicaria* > *falguera*, *genariu* > *gener*, **llauricaria* > *lloriguera*, *locariu* > *lloguer*, *mortariu* > *morter*, **pollicaria* > *polleguera*, *riparia* > *ribera*, **rivaria* > *riera* e *vicariu* > *veguer*.

Moll (1952) comenta que são muitas as derivações criadas no próprio catalão e destaca que os principais usos de *-er, -era* são:

- a) Para designar a pessoa que se dedica profissionalmente ao objeto indicado pela base: *argenter, ballester, barber, cabrer, enginyer, ferrer, flequer, mariner, mercader, oller, porter, sabater, vidrier*;
- b) Para indicar o utensílio ou lugar destinado a conter ou a trabalhar sobre o objeto nomeado pela base: *aguller, braser, cullerer, calaixera, carbonera, encenser, greixera, llenyer, paller, panera, saler, teler, tinter*;
- c) Para designar a planta produtora do fruto indicado pela base: *ametller, carabassera, figuera, garrofer, llorer, oliver y olivera, pruner y prunera, roser*;
- d) Para formar substantivos indicadores de grande quantidade, intensidade ou multidão do objeto indicado pela base: *alguer, bromera, cabellera, femer, garbera, ossera, salivera*;
- e) Forma substantivos indicadores de simples pertencimento ou qualidade: *creuer, cornalera, erer, fester, presoner, rodera, vorera*;
- f) Forma nomes indicadores da pessoa muito aficionada pela coisa designada pela base: *animaler, infanter*.
- g) Forma gentílicos derivados de topônimos cuja vocal tônica não seja *e*: *artaner, felanitxer*. (MOLL, 1952, p. 272-273, tradução nossa²⁵³, grifos do autor)

²⁵³ “a) Para designar la persona que se dedica profesionalmente al objeto indicado por el primitivo: *argenter, ballester, barber, cabrer, enginyer, ferrer, flequer, mariner, mercader, oller, porter, sabater, vidrier*;
b) Para indicar el utensílio o lugar destinado a contener ou a trabajar el objeto significado por el primitivo: *aguller, braser, cullerer, calaixera, carbonera, encenser, greixera, llenyer, paller, panera, saler, teler, tinter*;

No geral, nessa segunda passagem do latim ao catalão destacada por Moll (1952), não há muitas novidades em relação às categorias semânticas. São agentes, objetos, locativos, coletivos. Há um destaque para os gentílicos, que foram mencionados por morfólogos que descreveram o romeno e o italiano, mas não se viu nenhuma realização na base de dados desta Tese.

Na sua *Gramatica catalana*, Margarit (1962) traz um capítulo voltado para a formação de palavras, mas, diferentemente de Moll (1952), que organiza a seção por sufixos, Margarit (1962) organiza pelos aspectos semântico-funcionais. Dessa maneira, serão mencionados os contextos em que os sufixos *-er-* e *-ari-* apareceram.

No livro, apresentam-se, primeiro, os grupos substantivos e, depois, os adjetivos. Nesse esquema, o primeiro grupo semântico atinente aos sufixos estudados destacado por Margarit (1962) é o *Nomes de pessoa*. Nesse rol, estão os sufixos que, adjungidos a substantivos ou verbos, designam agentes de ações variadas, com destaque para os profissionais. Sobre esse primeiro uso, o autor comenta:

Sufixo *-er, -era*. Unido a uma raiz de substantivo, forma o nome do profissional correspondente a esse substantivo. Os exemplos são muitíssimos; estão aqui alguns: *porta* ‘porta’ > *porter* ‘porteiro’, *rellotge* ‘relógio’ > *rellotger* ‘relojoeiro’, *carro* ‘carro’ > *carreter* ‘construtor de carros’, *fossa* ‘cova’ > *fosser* ‘coveiro’, *pastís* ‘torta, bolo’ > *pastisser* ‘boleiro’, *mainada* ‘grupo de crianças’ > *mainadera* ‘babá’, *bugada* ‘lavanderia’ > *bugadera* ‘lavadeira’ (MARGARIT, 1962, p. 313, tradução nossa²⁵⁴, grifos do autor).

O segundo grupo em que se identifica é o de *Nomes de lugares e objetos*. Sobre esse grupo, Margarit (1962) comenta que também abarca substantivos denominais e apresenta uma correspondência com o espanhol *-ero*. Os exemplos do autor são:

c) Para designar la planta productora del fruto indicado por el primitivo: *ametller, carabassera, figuera, garrofer, llorer, oliver y olivera, pruner y prunera, roser*;

d) Para formar sustantivos indicadores de gran masa, intensidad o multitud del objeto indicado por el primitivo: *alguer, bromera, cabellera, femer, garbera, ossera, salivera*;

e) Forma sustantivos indicadores de simple pertenencia o cualidad: *creuer, cornalera, erer, fester, presoner, rodera, vorera*;

f) Forma nombres indicadores de la persona muy aficionada a la cosa significada por el primitivo: *animaler, infanter*;

g) Forma gentilicios derivados de topónimos cuya vocal tónica no sea *e*: *artaner, felanitxer*”. (MOLL, 1952, p. 272-273, grifos do autor).

²⁵⁴ “Sufijo *-er, -era*. Unido a una raíz de sustantivo, forma el nombre profesional correspondiente a ese sustantivo. Los ejemplos son abudantísimos; he aquí algunos: *porta* ‘puerta’ > *porter* ‘portero’, *rellotge* ‘reloj’ > *rellotger* ‘relojero’, *carro* > *carreter*, *fossa* ‘sepultura’ > *fosser* ‘sepulturero’, *pastís* ‘pastel’ > *pastisser* ‘pastelero’, *mainada* ‘chiquillería’ > *mainadera* ‘niñera’, *bugada* ‘colada’ > *bugadera* ‘lavandera’.” (MARGARIT, 1962, p. 313, grifos do autor).

a) de *-er*: *formiga* ‘formiga’ > *formiguer* ‘formigueiro’, *fem* ‘esterco’ > *femer* ‘esterqueira’, *gallina* ‘galinha’ > *galliner* ‘galinheiro’, *cedra* ‘cinzas’ > *cedrer* ‘cinzeiro’, *creu* ‘cruz’ > *creuer* ‘cruzeiro’, *palla* ‘palha’ > *paller* ‘palheiro’, *sal* ‘sal’ > *saler* ‘saleiro’, *clau* ‘chave’ > *clauer* ‘chaveiro’.

de *-era*: *peix* ‘peixe’ > *peixera* ‘peixeira’, *sucre* ‘açúcar’ > *sucrera* ‘açucareiro’, *calaix* ‘gaveta’ (de um mueble) > *calaixera* ‘cômoda’, *ull* ‘olho’ > *ullera* ‘óculos’.
(MARGARIT, 1962, p. 315, tradução nossa²⁵⁵, grifos do autor).

Ainda nesse segundo grupo, Margarit (1962) inclui o sufixo *-ari*, como um formativo que se envolve na formação de palavras complexas em que o objeto contido está designado pela base. Os exemplos do autor incluem *mostrari* (mostruário), *reliquiari* (relicário) e *diccionari* (dicionário).

O terceiro grupo em que se identificam os sufixos é o de *Nomes gentílicos*. Segundo Margarit (1962), essa categoria aborda os nomes com que se caracterizam as pessoas e os objetos com base na sua proveniência. O sufixo *-er, -era* aparece como um sufixo de menor incidência, se comparado com outros, como *-à, -ana* (*-ano, -ana*; exemplos do português: *americano, baiano*), *-ès, -esa* (*-ês, -esa*; exemplos do português: *francês, chinês*) e *-enc, -enca* (*-ense*; exemplos do português: *catarinense, maranhense*). O único exemplo dado pelo autor de *-er, -era* nessa função foi *brasiler* (brasileiro).

O quarto grupo destacado a partir de Margarit (1962) é *Nomes de instrumentos e objetos*. Nessa categoria, o sufixo *-er, -era* aparece em formações tanto deverbais quanto denominais. Sobre isso:

Sufixos sobre uma raiz verbal: [...] sufixo *-er, -era*: *bolquer* ‘fralda’ (< *bolcar* ‘envolver, empanar’), *passera* ‘trampolim’ (< *passar* ‘passar’).

Sufixos sobre uma raiz nominal (de substantivos): [...] sufixo *-er, -era*: *clauer* ‘chaveiro’ (< *clau* ‘chave’), *candeler* ‘candeeiro’ (< *candela* ‘candeia’), *saler* ‘saleiro’ (< *sal* ‘sal’), *cedrer* ‘cinzeiro’ (< *cedra* ‘cinzas’), *encenser* ‘incensário’ (< *encens* ‘incenso’), *teler* ‘fábrica de tecidos’ (< *tela* ‘tecido’), [...] *calaixera* ‘cômoda’ (< *calaix* ‘gaveta’), *formatgera* ‘queijeira’ (< *formatge* ‘queijo’), *ullera* ‘óculos’ (< *ull* ‘olho’), *ouera* ‘oveira’ (< *ou* ‘ovo’), *sucrera* ‘açucareiro’ (< *sucre* ‘açúcar’).
(MARGARIT, 1962, p. 321-322, tradução nossa²⁵⁶, grifos do autor).

²⁵⁵ “a) de *-er*: *formiga* ‘hormiga’ > *formiguer* ‘hormiguero’, *fem* ‘estiércol’ > *femer* ‘estercolero’, *gallina* > *galliner*, *cedra* ‘ceniza’ > *cedrer* ‘cenicero’, *creu* ‘cruz’ > *creuer* ‘cruceiro’, *palla* ‘paja’ > *paller* ‘pajar’, *sal* > *saler*, *clau* ‘llave’ > *clauer* ‘llavero’.

b) de *-era*: *peix* ‘pez’ > *peixera* ‘pecera’, *sucre* ‘azúcar’ > *sucrera* ‘azucarero’, *calaix* ‘cajón’ (de um mueble) > *calaixera* ‘cômoda’, *ull* ‘ojo’ > *ullera* ‘anteojo’ (MARGARIT, 1962, p. 315, grifos do autor)

²⁵⁶ Sufijos sobre una raíz verbal: [...] sufixo *-er, -era*: *bolquer* ‘pañal’ (< *bolcar* ‘envolver, empañar’), *passera* ‘pasadera’ (< *passar*).

Sufijos sobre una raíz nominal (de sustantivos): [...] sufixo *-er, -era*: *clauer* ‘llavero’ (< *clau* ‘llave’), *candeler* ‘candelerero’ (< *candela* ‘candela’), *saler* (< *sal*), *cedrer* ‘cenicero’ (< *cedra* ‘ceniza’), *encenser* ‘incensario’ (< *encens* ‘inciensio’), *teler* ‘telar’ (< *tela*) [...], *calaixera* ‘cômoda’ (< *calaix* ‘cajón’), *formatgera* ‘quisera’ (< *formatge* ‘queso’), *ullera* ‘anteojo’ (< *ull* ‘ojo’), *ouera* ‘huevera’ (< *ou* ‘huevo’), *sucrera* ‘azucarero’ (< *sucre* ‘azúcar’)” (MARGARIT, 1962, p. 321-322, grifos do autor)

Seguindo a ordem de apresentação, o quinto grupo mencionado por Margarit (1962) é o de *Nomes de vegetais*, que, segundo o autor, é formado pelos sufixos *-er* e *-era*. Destaca-se que há casos em que há formações duplas, ou seja, admite-se o uso dos dois sufixos.

- a) exemplos de *-er*: *albercoquer* ‘damasqueiro’ (< *albercoc* ‘damasco’), *amettler* ‘amendoeira’ (< *amettla* ‘amêndoa’), *presseguer* ‘pessegueiro’ (< *préssec* ‘pêssego’), *garrofer* ‘alfarroba’ (< *garrofa* ‘alfarrobeira’), *castanyer* ‘castanheiro’ (< *castanya* ‘castanha’), *cirerer* ‘cerejeira’ (< *cirera* ‘cereja’), *magraner* ‘romã’ (< *magrana* ‘romãzeira’), *roser* ‘roseira’ (< *rosa* ‘rosa’)
- b) exemplos de *-era*: *maduixera* ‘morangueiro’ (< *maduixa* ‘morango’), *favera* ‘feijoeiro’ (< *fava* ‘feijão’), *mongetera* ‘feijoeiro’ (< *mongeta* ‘feijão’), *esparreguera* ‘aspargueiro’ (< *espárrec* ‘aspargo’), [...] *magnoliera* ‘magnoleira’ (< *magnolia* ‘magnólia’), [...] *alfabreguera* ‘manjeriqueiro’ (< *alfàbrega* ‘manjerição’)
- c) exemplos de nomes de árvores e plantas que admitem os dois sufixos *-er* e *-era*: *perer* e *perera* ‘pereira’ (< *pera* ‘pera’), *pomer* y *pomera* ‘macieira’ (< *poma* ‘maçã’), *pruner* e *prunera* ‘ameixeira’ (< *pruna* ‘ameixa’), *morer* e *morera* ‘amoreira’ (< *mora* ‘amora’). (MARGARIT, 1962, p. 322, tradução nossa²⁵⁷ grifos do autor).

Note-se, a partir desses exemplos mencionados, que o catalão, diferentemente do francês, apresenta oscilação entre os gêneros dos nomes derivados que designam árvores. Enquanto no francês se opta categoricamente pelo gênero masculino, o catalão faz uso variado, aproximando-se do espanhol, do galego e do português, nesse sentido.

O sexto grupo semântico definido por Margarit (1962) entre os substantivos é o de *Nomes abstratos*. O autor comenta que os sufixos *-ada*, *-ària* e *-itat* estão envolvidos na formação de nomes que indicam magnitude. Os exemplos do autor para o *-ària* são: *llargària* (largura), *amplària* (amplitude), *alçària* (altura), *grandària* (grandeza), *grossària* (grossura) e *llunyària* (lonjura, distância). Margarit (1962) não faz nenhum destaque sobre esse uso ser especial entre as línguas românicas.

O sétimo e último grupo visto em Margarit (1962) é o de *Nomes relacionados com um verbo*. Nessa categoria, estão os casos de formações em *-era* que designam um desejo excessivo

²⁵⁷ “a) ejemplos de *-er*: *albercoquer* ‘albaricoquero’ (< *albercoc* ‘albaricoque’), *amettler* ‘almendro’ (< *amettla* ‘almendra’), *presseguer* ‘melocotonero’ (< *préssec* ‘melocotón’), *garrofer* ‘algarrobo’ (< *garrofa* ‘algarroba’), *castanyer* ‘castaño’ (< *castanya*), *cirerer* ‘cerezo’ (< *cirera* ‘cereza’), *magraner* ‘granado’ (< *magrana* ‘granada’), *roser* ‘rosal’ (< *rosa*)

b) ejemplos de *-era*: *maduixera* ‘fresa’ (< *maduixa* ‘fresa’), *favera* ‘haba’ (< *fava* ‘haba’), *mongetera* (< *mongeta* ‘judía’), *esparreguera* (< *espárrec* ‘espárrago’), [...] *magnoliera* ‘magnolio’ (< *magnolia*), [...] *alfabreguera* ‘albahaca’ (< *alfàbrega* ‘albahaca’)

c) ejemplos de nombres de árboles y plantas que admiten los dos sufijos *-er* y *-era*: *perer* y *perera* ‘peral’ (< *pera*), *pomer* y *pomera* ‘manzano’ (< *poma* ‘manzana’), *pruner* y *prunera* ‘ciruelo’ (< *pruna* ‘ciruela’), *morer* y *morera* ‘morera’ (< *mora* ‘mora’).” (MARGARIT, 1962, p. 322, grifos do autor)

de fazer algo. Os exemplos dados são *badallera* (vontade de bocejar), *xerrera* (vontade de falar), *casera* (vontade de se casar) e *gratera* (vontade de se coçar). Sobre esse grupo, também não há por parte do autor qualquer comentário sobre a especificidade desse uso entre as línguas neolatinas.

Em relação aos usos de adjetivos, Margarit (1962) analisa que *-er*, *-era* tanto atua como um sufixo de caráter relacional quanto como de caráter ressaltado. No grupo dos relacionais, os exemplos do autor (p. 338) são: *fruiter* (frutífero), *mentider* (mentiroso), *cotoner* (de algodão), *fronterer* (fronteiriço), *rialler* (risonho), *proper* (aproximado) e *davanter* (dianteiro). No segundo grupo, os exemplos de Margarit (1962, p. 342) são: *ploraner* (chorão) e *cridaner* (gritão).

Destaque-se que, nesta Tese, alguns desses exemplos certamente receberiam outras classificações. Formas, como *mentider*, *rialler*, *ploraner* e *cridaner* ficariam no limite entre ser um adjetivo ressaltado e ser um agente habitual. Isso mostra que a flutuação categorial nas palavras derivadas com esses formativos é um problema que aparentemente atinge todas as línguas românicas. Além disso, é perceptível também que a diferença entre as classificações se dá muito mais em torno de microcategorias (subesquemas) que em torno de macrocategorias (esquemas dominantes). Por exemplo, nem Moll (1952), Margarit (1962), negam a existência de agentes e adjetivos, mas há muita oscilação na maneira como esses são subcategorizados, algo que parece mais secundário.

Nos estudos sobre neologismos formadas por sufixação no catalão, o Observatori de Neologia (2004) destaca que o sufixo *-er/-era* tem aparecido na formação de substantivos e adjetivos, com os seguintes significados: (a) nomes de profissão; (b) nomes de lugar; (c) nomes de objetos; (d) nomes de ação ou efeito; (e) relação ou pertença. O sufixo *-ari-* é destacado na formação de coletivos e de lugares.

Sobre os nomes de profissão, o Observatori de Neologia (2004) destaca que o *-ista* tem sido preponderante nesse domínio semântico e, sobre *-er/-era*, comenta-se:

Note-se que o sufixo tradicional para formar nomes de profissão *-er -era*, portanto, está em segundo plano: continua a formar nomes de profissionais “tradicionais” (*sepulterer*), é usado para neologismos que designam especialistas no mundo do esporte (*carriler* e *trailer*) e, por extensão, cria substantivos que se afastam da noção estrita de nome de ofício (*motxiller* e *ruter*) (OBSERVATORI DE NEOLOGIA, 2004, p. 54, tradução nossa²⁵⁸, grifos dos autores).

²⁵⁸ “S’observa que el sufix tradicional per formar noms d’ofici *-er -era* queda, doncs, en un segon pla: continua formant noms d’ofici “tradicionals” (*sepulterer*), serveix per a neologismes que designen especialistes del món de l’esport (*carriler* i *trailer*) i per extensió crea substantius que s’allunyen de la noció estricta de nom d’ofici (*motxiller* i *ruter*)” (OBSERVATORI DE NEOLOGIA, 2004, grifos dos autores).

Quanto aos nomes de lugares, diz-se:

Os sufixos tradicionais para formar nomes de lugares em catalão são os denominais *-er -era* (*387imenteira*) e *-eria* (*poperia*), e o verbal *-dor -dora* (de *menjador*); mas na criação neológica eles não parecem excessivamente produtivos. No entanto, destacamos casos como *canyssera* – nome do local e nome do coletivo –, *empanaderia*. Também se enfatizam alguns neologismos com o sufixo *-ari*, para designar um nome de lugar (*dolfinari*) (OBSERVATORI DE NEOLOGIA, 2004, p. 56, tradução nossa²⁵⁹, grifos dos autores).

No rol dos coletivos, o Observatori de Neologia (2004), embora faça menção ao *-ari* como um dos sufixos da língua que aparecem com esse significado, menciona que ele não tem sido produtivo na cunhagem de novas palavras. Abordagem similar se percebe no tratamento dos neologismos que designam objetos e ações. Em relação aos objetos, embora seja mencionado o *-er, -era*, é dito que esse sufixo não tem sido produtivo. Sobre as ações, o *-dera* é listado, mas não tem sua produtividade destacada.

Os neologismos com significado de adjetivo relacional ganham maior atenção. Sobre esses, o Observatori de Neologia diz:

No que diz respeito ao sufixo *-er -era* na formação de neologismos, ele se destaca como um sufixo adjetivo associado a bases nominais, sejam nomes próprios («violència *furera*» do grupo de teatro La Fura dels Baus; ou nomes de políticos como «maldat *pujolera*» i «interessos *zaplaners*»), sejam nomes comuns de várias características («negoci *cimenter*», «cadena *hamburguesera*», «intervenció *mitinguera*», «malifetes *politiqueres*», e especialmente com bases que significam tipos de música como «notes *raperes* i *rumberes*», por exemplo). Vale ressaltar que alguns dos neologismos que contêm esse sufixo, ao se referirem a pessoas, podem funcionar como adjetivos e, como substantivos: «ni *pepers* ni *socialistes*», «el *teatrer* Albert Boadella» (OBSERVATORI DE NEOLOGIA, 2004, p. 68, tradução nossa²⁶⁰, grifos dos autores).

²⁵⁹ “Els sufixos tradicionals per formar noms de llocs en català són els denominals *-er -era* (*cimentera*) i *-eria* (*poperia*), i el verbal *-dor -dora* (de *menjador*); però en la creació neològica no semblen excessivament productius. Tot i així destaquem casos com *canyssera* – a la vegada nom de lloc i nom col·lectiu –, *empanaderia*. Sobresurt també algun neologisme amb el sufix *-ari*, per designar un nom de lloc (*dolfinari*)” (OBSERVATORI DE NEOLOGIA, 2004, p. 56, grifos dos autores).

²⁶⁰ “Pel que fa presència del sufix *-er -era* en la formació de neologismes, sobresurt com a sufix adjectival adjuntat a bases nominais, ja siguin noms propis («violència *furera*» del grup teatral La Fura dels Baus; o noms de polítics com a «maldat *pujolera*» i «interessos *zaplaners*»), ja siguin noms comuns de diverses característiques («negoci *cimenter*», «cadena *hamburguesera*», «intervenció *mitinguera*», «malifetes *politiqueres*», i especialment amb bases que signifiquen tipus de música com a «notes *raperes* i *rumberes*», per exemple). Cal destacar que alguns dels neologismes que contenen aquest sufix quan es refereixen a persones tant podem funcionar com a adjectius com, um cop substantivats, com a noms: «ni *pepers* ni *socialistes*», «el *teatrer* Albert Boadella» (OBSERVATORI DE NEOLOGIA, 2004, p. 68, grifos dos autores).

Na gramática do Institut d'Estudis Catalans (2017), os sufixos *-(d)er/-(d)era* e *-ari/-ària* são abordados como formadores de substantivos e adjetivos, em contexto denominal, deadjetival ou deverbais.

Quanto aos tipos semânticos, o Institut d'Estudis Catalans (2017) considera que os substantivos denominais em *-er/-era* podem ser: (a) nomes de profissões, como *fuster*, *pellater*; (b) nomes de plantas, como *avellaner*, *roser*, *figuera*, *esparraguera*; (c) nomes de objetos, como *clauer*, *cartutxera*, *lleyera*; e (d) nomes de lugares onde animais habitam, como *formiguer* e *conillera*. Os substantivos denominais em *-ari/-ària* semanticamente podem ser: (a) nomes de profissões, como *bibliotecari*, *funcionari*; e (b) nomes coletivos, como *bestiari* e *receptari*.

Substantivos deadjetivais são dados como particularidades de *-ària*, que aparece em sufixados que nomeiam qualidades ou atributos, como *bonicària* e *sordària*, ou nomes de dimensões e magnitudes, como *llargària* e *amplària*.

Nos substantivos deverbais, *-(d)er/-(d)era* aparece com os seguintes significados: (a) nomes de ação, como *bufadera* ou *bufera*; (b) nomes de lugar, como *degoter* e *passera*; (c) nomes de agentes, como *danser* e *llogater*.

Em relação às formações adjetivas, para o Institut d'Estudis Catalans (2017), tanto *-er/-era* quanto *-ari/-ària* podem ser denominais e ter o significado relacional, como *suplementari* e *carener*. A partir de bases verbais, somente aparece o *-er/-era*, como *parler* e *fugisser*.

Nessas duas últimas abordagens, não se viu menção a gentílicos, anomalias, nem ao significado relacionado à vontade e necessidade. Feitas essas considerações, a próxima subseção apresenta a análise dos dados desta Tese.

9.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS ESQUEMAS CATALÃES

Nesta subseção, apresenta-se a leitura proposta nesta Tese para os dados da língua catalã. Mantendo o costume, primeiro, aborda-se o esquema $[[X]-er-]_N$, de origem popular, e, depois, o $[[X]-ari-]_N$, desenvolvimento do estrato culto da língua latina.

9.3.1 Leitura construcional do esquema [[X]-er-]_N

As análises empreendidas nesta Tese sempre se iniciam com os esquemas adjetivos. Com o catalão [[X]-er-]_N, foram vistas 152 instanciações adjetivas, que dividem-se em três subesquemas: RELATIVOS, RESSALTADOS E GENTÍLICOS. A Tabela 41 apresenta a distribuição da frequência.

Tabela 41 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos *X-er-* no catalão

categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	95	62,91
Ressaltados	42	27,81
Gentílicos	15	9,27

No subesquema mais produtivo, o de RELATIVOS, encontram-se exemplos, como: *abeller* (CAT0002: relativo às abelhas), *agrasser* (CAT0010: relativo aos agraços), *aloer* (CAT0053: relativo ao feudo), *arrosser* (CAT0101: relativo ao arroz), *bacallaner* (CAT0115: relativo ao bacalhau), *balener* (CAT0131: relativo à caça de cetáceos), *cafeter* (CAT0269: relativo ao café), *camiser* (CAT0294: relativo às camisas), *capellaner* (CAT0321: relativo aos capelães), *comuner* (CAT0424: que faz parte de uma comunidade), *confiturer* (CAT0427: relativo à geleia ou a sua fabricação), *costaner* (CAT0452: relativo à costa), *cotxer* (CAT0458: relativo aos carros), *cuquer* (CAT0480: relativo às vermes), *datiler* (CAT0487: relativo aos dáctilos), *draper* (CAT0513: relativo aos trapos de pano), *dreter* (CAT0515: relativo ou pertencente a um partido de direita), *escaroler* (CAT0536: semelhante a uma escarola), *esglesier* (CAT0549: relativo à igreja), *espartenyer* (CAT0550: relativo às alpargatas), *esponger* (CAT0562: relativo às esponjas), *estranger* (CAT0575: que é de outro país), *faranduler* (CAT0587: relativo às farândolas), *financer* (CAT0616: relativo às finanças), *foguer* (CAT0629: relativo ao fogo), *fumer* (CAT0659: que faz fumaça), *fuster* (CAT0665: de madeira), *geganter* (CAT0697: relativo aos gigantes), *gelater* (CAT0698: relativo aos sorvetes), *guerriller* (CAT0748: relativo às guerrilhas ou aos guerrilheiros), *guixer* (CAT0753: relativo ao gesso), *huller* (CAT0767: carbonífero) e *jardiner* (CAT0774: relativo ou pertencente ao jardim).

O subesquema de adjetivos com aspecto RESSALTADO tem como instanciações: *agrer* (CAT0011: que é bom para colheita), *aiguader* (CAT0017: abstinência), *amiguer* (CAT0060:

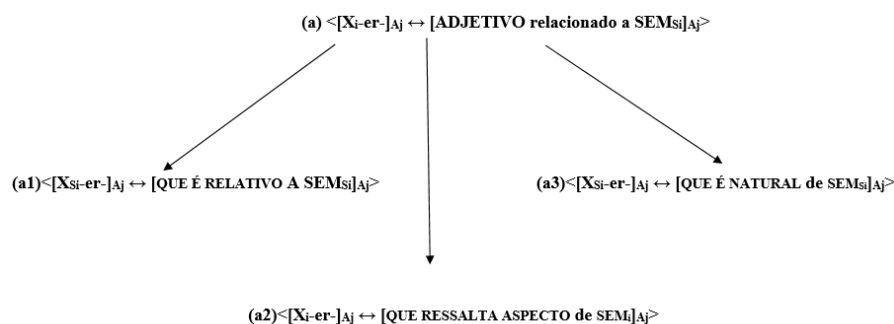
amigável), *amunter* (CAT0062: que está em posição de destaque), *arener* (CAT0079: que é lento no caminhar), *arter* (CAT0102: astuto, atrevido), *aventurer* (CAT0114: aventureiro), *barater* (CAT0150: enganador, trapaceiro), *barroer* (CAT0165: malfeito, mal acabado, grosseiro), *bestioler* (CAT0185: que tem grande afeição por animais), *bracer* (CAT0227: habilidoso), *carnisser* (CAT0342: cruel, sanguinário), *cridaner* (CAT0465: gritão, gritante), *enciser* (CAT0526: cativante), *escasser* (CAT0538: dispendioso), *falaguer* (CAT0578: fagueiro), *faroner* (CAT0589: exibido, chamativo), *fatxender* (CAT0594: esbanjador), *fugisser* (CAT0657: fugaz), *garroner* (CAT0690: que está sempre sujo), *graponer* (CAT0727: desastrado), *grosser* (CAT0739: grosseiro), *hospitaler* (CAT0761: hospitaleiro) e *justicier* (CAT0782: justiceiro).

Nos dados do catalão, apareceu uma terceira subcategoria de adjetivos a que se deu o nome de GENTÍLICOS. Ao todo, foram 15 realizações, que trazem sempre a informação de proveniência, origem, nacionalidade ou naturalidade. Mesmo que os morfólogos do romeno e do italiano tenham sinalizado a existência da categoria nessas línguas, não se verificou esse uso na base de dados dessas línguas.

Alguns exemplos de GENTÍLICOS no catalão são: *ademusser* (CAT0005: natural de Adamusser), *alquaser* (CAT0025: natural de Alaquàs), *aldaier* (CAT0038: natural de Aldaia), *borrianer* (CAT0212: natural de Burriana), *brasiler* (CAT0232: natural do Brasil), *burjassoter* (CAT0254: natural de Burjassot), *campaner* (CAT0295: natural de Campos), *castelloner* (CAT0365: natural de Castellón de la Ribera), *cirater* (CAT0389: natural de Cirat), *cocentainer* (CAT0404: natural de Cocentaina), *denier* (CAT0492: natural de Dènia), *felanitxer* (CAT0600: natural de Felanitx), *formenterer* (CAT0640: natural de Formentera) e *inquer* (CAT0772: natural de Inca).

Há ainda, como exemplo de GENTÍLICO, a palavra *grauer* (CAT730), que significa ‘natural da divisa ou de distrito adjacente’. Nesse caso, a base não é um topônimo, mas um locativo. Entende-se que, nesse caso, a base do padrão subesquemático, o topônimo, é tomada metonimicamente, permitindo estender a categoria da base. Uma vez que todo topônimo se refere a um lugar, as designações comuns de lugares também podem, em tese, ser usadas na geração de gentílicos.

A Figura 83, a seguir, apresenta a representação esquemática do padrão adjetival *X-er*. Pela primeira vez, esse grupo semântico é representado com três subesquemas.

Figura 83 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no *X-er-* no catalão

O grupo dominante de AGENTES foi o mais produtivo dos esquemas substantivos [[X]-er-]s, com 498 instanciações, que se dividiram em seis subesquemas. A frequência relativa a cada uma dessas realizações subesquemáticas estão na Tabela 42.

Tabela 42 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no catalão X-er-

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	311	62,45
Vegetais	90	18,07
Habituais	69	13,86
Circunstanciais	11	2,21
Beneficiários	10	2,01
Experienciadores	7	1,4

Essa distribuição percentual dos AGENTES do catalão na Tabela 42 é bastante similar à do francês *X-ier-*, apresentada na Tabela 32, com PROFISSIONAIS, VEGETAIS e HABITUAIS sendo, nesta ordem, os mais produtivos dentre os agentes. Com essa caracterização dos dados, o catalão, assim como o francês, se distancia, em termos de distribuição da frequência, do romeno, do italiano e do latim medieval.

Entre os PROFISSIONAIS, estão: *abeller* (CAT0002: apicultor), *adroguer* (CAT0007: vendedor de remédios), *aiguader* (CAT0016: aguadeiro, pessoa que transportava e vendia a água), *argenter* (CAT0083: artesão que faz e vende objetos de prata), *arper* (CAT0095: fabricante de harpas), *arrosser* (CAT0101: cultivador ou vendedor de arroz), *assuter* (CAT0107: pessoa que cuida de um açude), *baguler* (CAT0124: pessoa que vende bagels), *banderer* (CAT0141: porta-bandeira), *bescuiter* (CAT0183: biscoiteiro), *budeller* (CAT0247: tripeiro), *caixer* (CAT0276: operador de caixa), *cercoler* (CAT0377: pessoa que faz artigo para barcos), *cigarrer* (CAT0382: fabricante ou vendedor de cigarros), *confiturer* (CAT0427:

fabricante ou vendedor de geleias), *destraler* (CAT0497: lenhador), *enginyer* (CAT0527: engenheiro), *escarceller* (CAT0535: carcereiro), *espardenyer* (CAT0550: fabricante ou vendedor de alpargatas), *falconer* (CAT0579: falcoeiro), *faroner* (CAT0590: pessoa que cuida de um farol), *ferrer* (CAT0604: ferreiro), *flauter* (CAT0623: fabricante de flautas), *formatger* (CAT0637: fabricante ou vendedor de queijos), *fustanyer* (CAT0663: tecelão), *gaiter* (CAT0667: gaiteiro), *ganiveter* (CAT0676: couteleiro), *gelater* (CAT0698: sorveteiro), *granger* (CAT0726: granjeiro), *hostier* (CAT0764: pessoa que faz as hóstias), *imatger* (CAT0768: pessoa que faz ou vende imagens), *infermer* (CAT0771: enfermeiro), *jardiner* (CAT0774: jardineiro), *joier* (CAT0777: joalheiro), *jornaler* (CAT0780: pessoa que trabalha por jornada), *llagoster* (CAT0789: pescador de lagostas) e *partera* (CAT0843: parteira).

No subesquema de VEGETAIS, o segundo mais produtivo, são vistas realizações como essas: *albercoquer* (CAT0031: damasqueiro), *alberginiera* (CAT0033: planta que produz berinjela), *alvocater* (CAT0057: abacateiro), *alzinera* (CAT0058: azinheira), *ametller* (CAT0059: amendoeira), *aranyoner* (CAT0075: abrunheiro), *arbocer* (CAT0076: medronheiro), *atzeroler* (CAT0110: planta que produz acerola), *avellaner* (CAT0113: avelaneira), *balsamer* (CAT0135: árvore que produz o bálsamo), *bananer* (CAT0138: bananeira), *bergamoter* (CAT0182: planta que produz laranja-bergamota), *cacauer* (CAT0265: cacauzeiro), *camforer* (CAT0290: canforeira), *canyavera* (CAT0317: planta que produz cana), *caquier* (CAT0330: caquizeiro), *castanyer* (CAT0362: castanheira), *cirerer* (CAT0390: cerejeira), *claveller* (CAT0400: craveiro), *fraguera* (CAT0646: morangueiro), *gerdera* (CAT0703: framboeseira), *guaiaber* (CAT0740: goiabeira), *llimera* (CAT0799: limeira), *llimonera* (CAT0800: limoeiro), *melonera* (CAT0814: meloeiro), *nesprera* (CAT0825: nespereira), *patatera* (CAT0845: batateiro) e *tomatera* (CAT0931: tomateiro).

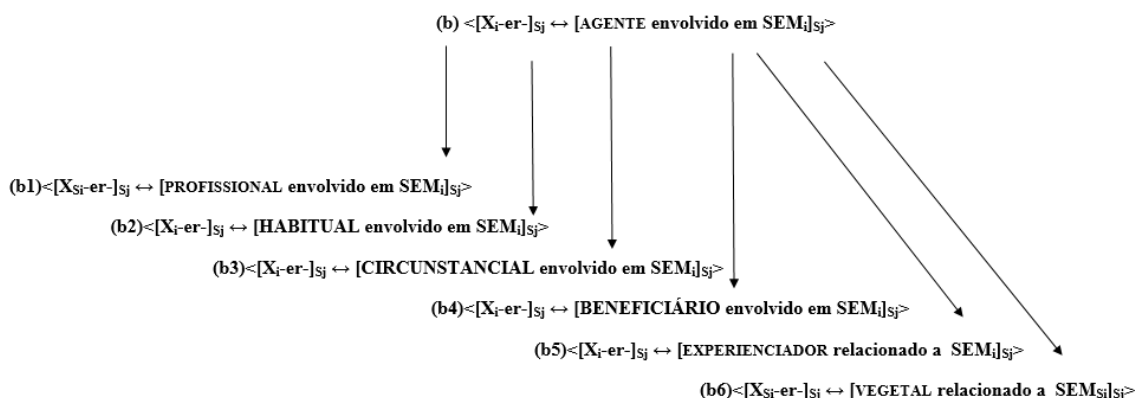
Pelo subesquema dos HABITUAIS, são instanciados, por exemplo: *aiguardenter* (CAT0019: pessoa que costuma beber aguardente), *animaler* (CAT0067: pessoa que gosta muito de animais), *animer* (CAT0068: pessoa que orava pelas almas no purgatório da Igreja Católica), *armer* (CAT0089: pessoa que coleciona armas), *arrosser* (CAT0101: pessoa que gosta muito de arroz), *bagasser* (CAT0122: pessoa que frequenta prostíbulos), *bandoler* (CAT0143: bandido que integra uma facção), *barroer* (CAT0165: pessoa que trabalha mal, com má vontade), *beguder* (CAT0177: pessoa dada ao vício de beber), *bloguer* (CAT0193: pessoa que acompanha um blog), *bugader* (CAT0250: fofoqueiro), *bunyoler* (CAT0253: pessoa que faz as coisas de maneira irresponsável), *cafeter* (CAT0269: pessoa que bebe muito café), *canaller* (CAT0298: pessoa que gosta muito de crianças), *capisser* (CAT0325: pessoa que trabalha caprichosamente, seguindo a sua intuição), *diumenger* (CAT0503: pessoa que gosta de

celebrar os domingos), *dreter* (CAT0515: pessoa que usa melhor a mão direita), *embuder* (CAT0523: pessoa que fala as coisas de maneira pouco clara), *faranduler* (CAT0587: pessoa que faz parte da farândola), *guerxer* (CAT0749: pessoa que usa melhor a mão esquerda; canhoto) e *homenera* (CAT0760: mulher que procura os homens para prazer ou diversão).

No rol dos AGENTES CIRCUNSTANCIAIS, estão: *albader* (CAT0027: aquele que faz uma serenata para a namorada), *bataller* (CAT0169: combatente), *cuer* (CAT0473: pessoa dentro de um grupo que é escolhida para ir para fila), *espingarder* (CAT0560: homem que está armado com uma espingarda), *estatger* (CAT0573: inquilino), *faller* (CAT0583: pessoa que integra a comissão de organização da Festa das Fallas Valencianas), *foraster* (CAT0635: pessoa que está em um lugar estrangeiro acidentalmente) e *homeier* (CAT0759: pessoa que comete um homicídio).

Entre os BENEFICIÁRIOS, estão: *adroguer* (CAT0007: proprietário de uma farmácia), *border* (CAT0205: proprietário de um terreno), *botiguer* (CAT0220: dono de uma boutique), *cabaler* (CAT0258: filho não constituído herdeiro, que recebe sua herança em dinheiro, parcialmente ou integralmente, quando contrai casamento ou os pais morrem), *censaler* (CAT0375: pessoa que tem o direito de receber as receitas de um censo), *dispeser* (CAT0501: dono de uma pousada), *esbarter* (CAT0530: dono de um pombal), *franquer* (CAT0648: pessoa que goza do status de ser franco) e *hereter* (CAT0758: herdeiro).

O último subesquema de agentes foi o de EXPERIENCIADORES. Os exemplos foram: *anyer* (CAT0072: aprendiz que tem um ano no processo de aprendizagem), *barraquer* (CAT0159: pessoa que mora em uma barraca ou cabana), *batxiller* (CAT0174: pessoa que recebeu o grau por completar o ensino secundário), *capdavanter* (CAT0320: pioneiro de um grupo ou movimento), *depervaller* (CAT0494: pessoa que mora na região da planície), *escuder* (CAT0545: jovem nobre que aprendia a ser cavaleiro armado, na Idade Média) e *llumenera* (CAT0804: pessoa muito inteligente). A Figura 91 faz a representação esquemática dos AGENTES instanciados pelo padrão X-er-.

Figura 84 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no X-er- no catalão

O segundo esquema dominante de substantivos aqui analisado foi o de LOCATIVOS. Apresentou um total de 131 instanciações, divididas entre LUGAR ONDE HÁ e LUGAR ONDE SE FAZ.

Tabela 43 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-er- no catalão

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde há	98	74,81
Onde se faz	33	25,19

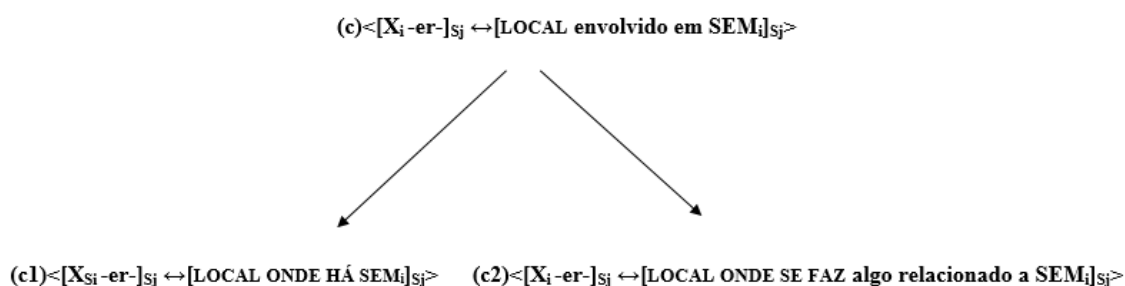
São do tipo mais frequente: *abeller* (CAT0001: ninho de abelhas), *alumera* (CAT0056: lugar onde há alume), *alzinera* (CAT0058: bosque plantado de azinheiras), *anguilera* (CAT0066: viveiro de enguias), *aritger* (CAT0085: lugar cheio de alegre-campo), *baconera* (CAT0118: curral de porcos), *blatera* (CAT0191: lugar plantado de trigo), *boletera* (CAT0194: lugar cheio de cogumelos), *cabrer* (CAT0264: abrigo onde as cabras se recolhem à noite), *carbonera* (CAT0336: lugar onde se guarda o carvão), *carner* (CAT0340: local onde os mortos estão enterrados), *colomer* (CAT0420: pombal), *coniller* (CAT0432: criadouro de coelhos), *cotxera* (CAT0459: lugar onde se guardam as carruagens), *fanguera* (CAT0586: lugar cheio de lama), *formiguer* (CAT0643: formigueiro), *glaner* (CAT0712: lugar para se guardar glandes), *herbera* (CAT0757: lugar onde a grama seca é armazenada), *llenquera* (CAT0795: local onde se formam grupos de líquens), *nevera* (CAT0826: local onde se guarda ou se conserva neve), *peixatera* (CAT0850: local onde os peixes se aninham ou se abundam), *salnitrrera* (CAT0905: local onde há salitre), *terrera* (CAT0928: terreiro) e *torbera* (CAT0932: depósito de turfas).

No segundo subesquema, estão: *aigüera* (CAT0021: pia usada para lavar pratos), *armentera* (CAT0088: lugar onde os rebanhos pastam), *ballestera* (CAT0134: lugar do navio

de onde as bestas são disparadas), *caganera* (CAT0272: latrina), *canoner* (CAT0308: lugar do navio de onde se disparam os canhões), *carbonera* (CAT0336: forno crematório), *eixamener* (CAT0522: lugar onde as abelhas se reúnem e formam os enxames), *espiera* (CAT0558: buraco na parede feito para espiar o lado de fora), *gatonera* (CAT0695: abertura na porta por onde os gatos passam), *rossolera* (CAT0897: lugar apropriado para se bronzear) e *tosquera* (CAT0935: lugar onde se forma a pedra-pomes).

Na Figura 85, é apresentada a esquematização dos construtos LOCATIVOS de padrão X-er-.

Figura 85 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no $[[X_i]-er-]_s$ do catalão



O esquema dominante OBJETO teve 224 instanciações, e a distribuição dessa frequência entre os cinco subesquemas está na Tabela 44.

Tabela 44 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no catalão X-er-

Categorias de objetos	Frequência	Percentual (%)
Recipientes	99	44,20
Uso pessoal	39	17,41
Utensílios	37	16,52
Instrumentos	33	14,73
Máquinas	16	7,14

A Tabela 44 aponta os RECIPIENTES como o subesquema mais produtivo dessa categoria. Nesse sentido, o catalão se aproxima do francês *X-ier-* (ver Tabela 34) e do italiano *X-ai-* (ver Tabela 24), ao mesmo tempo em que se afasta do romeno *X-ar-* (ver Tabela 14). Considerando a diferença de frequência entre os dois subesquemas mais produtivos dos padrões esquemáticos mencionados, o catalão se mantém próximo do francês, que também apresenta uma larga diferença entre a frequência de RECIPIENTES e do segundo colocado. Nesse mesmo sentido, o catalão se distancia do italiano, pois esse tem diferenças pequenas.

O catalão *X-er-*, ainda com base na Tabela 44, traz as MÁQUINAS como o subesquema menos produtivo. Isso diferencia o catalão do francês, onde as designações de máquinas compunham o segundo grupo mais produtivo.

Como exemplificações do subesquema RECIPIENTES, há: *agrasser* (CAT0010: vaso para guardar agraços), *aguller* (CAT0013: estojo para guardar agulhas), *alcofollera* (CAT0037: vaso para guardar álcool), *atxera* (CAT0108: candelabro para conter tochas), *balsamera* (CAT0136: pote para guardar o bálsamo), *banyera* (CAT0149: banheira), *bitlletera* (CAT0187: carteira de documentos), *bombonera* (CAT0199: caixa para guardar bombons), *caldera* (CAT0282: caldeira), *cendrer* (CAT0373: cinzeiro), *cigarrera* (CAT0383: caixa para guardar cigarros), *civader* (CAT0393: recipiente onde se conserva a cevada), *coctelera* (CAT0407: coqueteleira), *compotera* (CAT0423: compoteira), *confiturer* (CAT0427: recipiente onde se guarda a geleia), *esponger* (CAT0562: sacola onde se guardam esponjas), *fariner* (CAT0588: farinha), *florera* (CAT0626: vaso para colocar as flores), *formatgera* (CAT0638: queijeira), *ganivetera* (CAT0677: estojo para guardar os instrumentos de corte), *llancera* (CAT0791: estojo onde se guarda a lança), *lleonera* (CAT0797: jaula de leões), *oliera* (CAT0830: vaso onde se guarda o óleo em cerimônias litúrgicas), *peixera* (CAT0851: recipiente cheio de água para conservar os peixes), *polvorera* (CAT0866: caixa para guardar pó ou pólvora), *sabonera* (CAT0900: saboneteira), *salsera* (CAT0907: vasilha para servir o molho), *sucrera* (CAT0918: açucareiro), *tabaquera* (CAT0921: caixa para guardar tabaco), *tetera* (CAT0929: chaleira), *vinagrera* (CAT0952: vinagreira) e *xampanyera* (CAT0955: recipiente para manter a champanhe fresca).

O segundo subesquema mais produtivo foi o de OBJETOS DE USO PESSOAL. Alguns dos exemplos vistos foram: *banyer* (CAT0147: roupão de banho), *bavera* (CAT0176: peça da armadura que cobre a barba e a boca), *bigotera* (CAT0186: tira usada para cobrir e proteger o bigode), *callera* (CAT0286: caleira, espécime de luva usada geralmente em academias de ginástica), *canellera* (CAT0303: caneleira), *cinter* (CAT0388: cinturão), *colzera* (CAT0422: cotoveleira), *cuixera* (CAT0477: parte da armadura que protege as coxas), *culera* (CAT0478: remendo que se costura nas roupas furadas na região das nádegas), *espatllera* (CAT0555: ombreira de uma armadura), *garrotera* (CAT0691: jarreteira), *genollera* (CAT0702: joelheira), *gorgera* (CAT0716: peça da armadura que protege a gorja), *mentonera* (CAT0816: parte da armadura que protege o queixo), *mugronera* (CAT0823: peça que protege os mamilos), *polsera* (CAT0864: pulseira) e *turmellera* (CAT0942: tornozeleira).

Em ordem de produtividade, o terceiro subesquema mais produtivo da categoria OBJETOS foi o de UTENSÍLIOS. Alguns exemplos atestados foram: *antifoner* (CAT0069:

antifonário, livro que reúne as antífonas), *barballera* (CAT0151: correia que aperta as barras do cavalo para domá-lo), *bigotera* (CAT0186: peça de couro colocada na ponta do calçado para reforçá-lo ou decorá-lo), *caspera* (CAT0359: pente grosso usado para remover caspa do cabelo), *clauer* (CAT0398: chaveiro, objeto que reúne as chaves), *coixinera* (CAT0415: fronha do travesseiro), *collera* (CAT0418: coleira de animais), *derroter* (CAT0495: livro que informa as características da costa, dos portos e outras informações relevantes para a navegação), *dosser* (CAT0510: dorsel), *encenser* (CAT0524: incensário), *galter* (CAT0672: pequena almofada colocada sobre outra para dar mais conforto), *greixonera* (CAT0734: utensílio de cozinha usado para assar aves), *mosquitera* (CAT0821: mosquiteiro), *ratera* (CAT0882: ratoeira) e *senyera* (CAT0912: bandeira pequena usada como marca registrada de uma corporação).

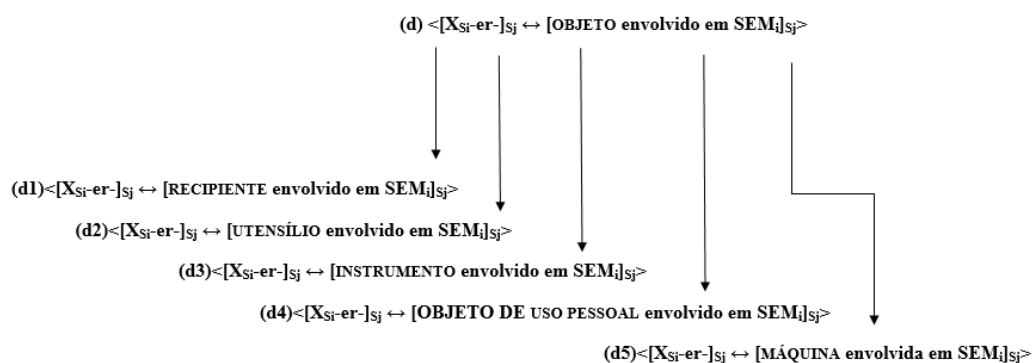
No grupo dos INSTRUMENTOS, estão: *agraner* (CAT0009: vassoura usada para espalhar grãos), *agullera* (CAT0014: rede usada para pescar peixe-agulha), *alatxera* (CAT0026: rede para pescar alatxes, espécie de peixe), *anguilera* (CAT0066: lança para pescar enguias), *anxovera* (CAT0070: apetrecho usado para pescar anchovas), *badoquera* (CAT0121: vara com extremidade aberta usada para colher frutos maduros), *bonitolera* (CAT0201: rede para pescar sardas), *boquer* (CAT0202: rede para caçar coelhos), *cabestrera* (CAT0262: corda usada para pescar), *caragolera* (CAT0332: apetrecho para pegar caracóis), *carner* (CAT0340: pilão para cortar carne), *corallera* (CAT0441: apetrecho para pescar corais), *dofinera* (CAT0506: instrumento para pescar golfinhos), *gambaner* (CAT0673: instrumento para pescar camarões), *llacera* (CAT0787: laço usado para caçar coelhos), *llagostera* (CAT0790: lança cilíndrica usada para pescar lagostas), *pallera* (CAT0837: garfo usado para mexer na palha), *postermara* (CAT0872: lanceta usada antigamente por cirurgiões para drenar um abscesso), *veratera* (CAT0948: rede usada para pescar cavalas), *verguera* (CAT0949: bastão curto e grosso, usado para amassar legumes e trigo) e *xuclera* (CAT0962: lança usada para pescar lulas).

Por último, entre os OBJETOS, há o subesquema das MÁQUINAS, que tem instanciacões como: *altera* (CAT0054: máquina usada no processo de curtume), *armillera* (CAT0090: máquina usada para costurar coletes), *bacallaner* (CAT0115: navio usado para pescar bacalhaus), *balener* (CAT0131: embarcação usada na pesca de baleias), *bombarder* (CAT0197: avião de bombardeio), *cafetera* (CAT0270: cafeteira), *canillera* (CAT0306: carreteleira), *erer* (CAT0529: máquina usada para transportar grãos de uma safra), *formigonera* (CAT0642: máquina com um tanque rotativo em que materiais, como argamassa e concreto, são misturados), *iogurtera* (CAT0773: iogurteira), *rodetera* (CAT0891:

máquina para preenchimento de rolos) e *sardinalera* (CAT0902: embarcação usada para pescar sardinhas).

A Figura 86, a seguir, faz referência ao esquema dominante de OBJETOS do padrão X-er-.

Figura 86 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no X-er- do catálogo



O esquema dominante de QUANTIDADE no catálogo [[X_i]-er-]_S teve 68 realizações. Na Tabela 45, é apresentada a distribuição percentual desses dados.

Tabela 45 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no catálogo [[X_i]-er-]_S

Categorias de quantidades	Quantidade	Percentual (%)
Coletivos	36	52,94
Excesso	27	39,71
Unidades de medida	5	7,35

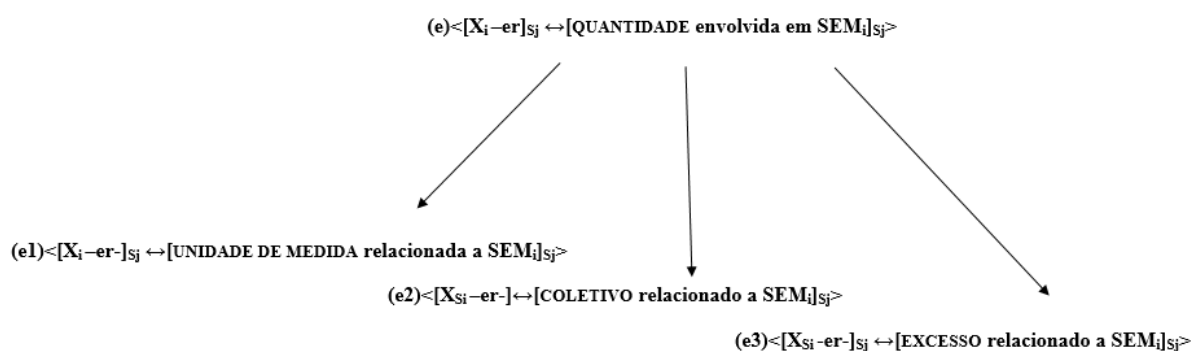
Entre os casos de COLETIVOS, estão: *abeller* (CAT0001: enxame de abelhas), *alguer* (CAT0045: comunidade de algas), *budellera* (CAT0248: conjunto de vísceras/tripas de uma pessoa ou de um animal), *cabellera* (CAT0260: cabeleira), *cabestrera* (CAT0262: conjunto de fios de urdidura que sobra no tear), *cançoner* (CAT0299: cancionista), *carter* (CAT0353: pilha de cartas de um jogo), *crinera* (CAT0466: conjuntos de pelos longos de um animal), *crostera* (CAT0469: conjunto de crostas que se forma em uma ferida ou uma úlcera), *dossier* (CAT0511: conjunto de documentos sobre um mesmo assunto), *feixiner* (CAT0599: amontoado de feixes de lenha), *fitxer* (CAT0618: conjunto de fichas), *formiguer* (CAT0643: conjunto de formigas), *ossera* (CAT0834: ossada), *pelussera* (CAT0852: conjunto de pelos),

pesquera (CAT0856: conjunto de operações de pesca) e *rastellera* (CAT0881: conjunto de itens alinhados um ao lado do outro).

Foram classificados como EXCESSO dados como: *aigualera* (CAT0018: água que se acumula na superfície de roupas, plantas etc.), *alguer* (CAT0045: acúmulo de algas submarinas), *barrera* (CAT0161: concentração de nuvens densas), *braser* (CAT0231: quantidade grande de brasa), *caliuera* (CAT0285: calorão), *castellera* (CAT0364: acúmulo de nuvens), *escumera* (CAT0546: quantidade grande de espuma), *fanguer* (CAT0585: lamaçal), *fumaguera* (CAT0658: fumaceiro), *gelera* (CAT0700: acúmulo de neve), *oliera* (CAT0830: acúmulo de óleo), *pegatera* (CAT0848: sujeira que se acumula na pele), *polseguera* (CAT0863: grande quantidade de poeira), *sequera* (CAT0913: longa temporada de tempo seco, sem chuva) e *venteguera* (CAT0946: ventania).

Por último, no esquema de QUANTIDADE, os cinco exemplos de UNIDADES DE MEDIDA foram: *denier* (CAT0493: unidade fundamental do sistema de numeração métrica que representa o peso em gramas), *diner* (CAT0499: unidade monetária mais baixa do sistema carolíngio), *dobler* (CAT0504: medida de capacidade para rum e aguardente, usada em Menorca), *punyera* (CAT0876: medida de capacidade para grãos) e *quartera* (CAT0877: medida da capacidade de grãos, equivalente a 70 litros, aproximadamente). A Figura 87, a seguir, faz a esquematização desse grupo de afinidade semântica.

Figura 87 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no X-er- do catalão



O esquema ANOMALIA no catalão *X-er-* teve 10 instanciações. Apesar de ser uma quantidade pequena, se comparada a outros esquemas dominantes, o catalão apresentou um quantitativo para esse grupo semântico, que o distancia do francês, do italiano e do romeno. A Figura 88 representa a esquematização da categoria ANOMALIA.

Figura 88 – Esquema dominante de ANOMALIA no [[X_i]-er-]_s do catalão

$$(f) <[X_i -er-]_{sj} \leftrightarrow [ANOMALIA \text{ relacionada a } SEM_i]_{sj}>$$

Os exemplos de ANOMALIAS nesse padrão esquemático do catalão são: *arester* (CAT0081: doença dos cavalos que consiste em uma ferida sob a língua produzida pelas pontas de gramíneos e outras plantas que esses animais comem), *boquera* (CAT0203: fissura labial), *borratxera* (CAT0209: embriaguez), *ceguera* (CAT0370: cegueira), *ranera* (CAT0879: ruídos anormais continuados, devido à obstrução do trato respiratório inferior), *raspera* (CAT0880: irritação na garganta que dá sensação de arranhão), *ronquera* (CAT0894: afeção da laringe que causa uma voz rouca), *salivera* (CAT0904: salivação espumosa e abundante), *tossiera* (CAT0936: tosse forte e abundante) e *unglera* (CAT0944: unheira). Note-se que, nesse esquema ANOMALIA, há uma predominância de formas femininas, sendo *arester* o único caso masculino.

O catalão [[X_i]-er-]_s trouxe à baila dois novos agrupamentos semânticos, que têm comportamentos morfológicos bastante especificados. O primeiro grupo já foi mencionado por Moll (1952) e Margarit (1962). São formas exclusivamente femininas obtidas de radicais verbais, com a ideia de **desejo incontrolável** ou **necessidade urgente** de fazer algo expresso pelo verbo. Na base de dados desta Tese, foram vistas 17 realizações desse tipo. São elas: *badallera* (CAT0119: desejo/necessidade de bocejar), *ballera* (CAT0132: desejo/necessidade de dançar), *bufera* (CAT0249: desejo/necessidade de bufar), *caguera* (CAT0273: desejo/necessidade de defecar), *caminera* (CAT0292: desejo/necessidade de caminhar), *cantera* (CAT0312: desejo/necessidade de cantar), *claquera* (CAT0395: desejo/necessidade de conversar), *correguera* (CAT0447: desejo/necessidade de correr), *gratera* (CAT0728: desejo/necessidade de se coçar), *masteguera* (CAT0812: desejo/necessidade de mastigar), *mengera* (CAT0815: desejo/necessidade de comer), *orinera* (CAT0833: desejo/necessidade de urinar), *parlera* (CAT0842: desejo/necessidade de falar), *plorera* (CAT0861: desejo/necessidade de chorar), *riallera* (CAT0887: desejo/necessidade de rir), *tossiguera* (CAT0937: desejo/necessidade de tossir) e *xerrera* (CAT0957: desejo/necessidade de conversar).

Essas formações, apesar de oriundas de radicais verbais, não preservam a vogal temática dos verbos tomados como base²⁶¹, como costuma acontecer em formações do português, como *X-ção* (reclamar > reclamação), *X-mento* (banir > banimento) e *X-dor* (vender > vendedor).

²⁶¹ São as já mencionadas vogais temáticas internas, nos termos de Luft (1989).

Mesmo omitindo essa categoria morfológica, o aspecto verbal é evidente na semântica das construções complexas.

Do ponto de vista da organização esquemática, poder-se-ia considerar que esse significado fosse um subesquema de ANOMALIA. Não haveria qualquer impedimento, visto que o desejo excessivo ou a necessidade urgente pode ser vista como algo anômalo. No entanto, em tom assumidamente experimental, opta-se, aqui, em assumir essas formações dentro de um esquema independente, que está apresentado na Figura 89.

Figura 89 – Esquema dominante de desejo/necessidade no X_V -era do catalão

(g)<[X_{Vi} -era]_{sj} ↔ [DESEJO/NECESSIDADE DE SEM_{Vi}]_{sj}>

Note-se, no esquema da Figura 89, a especificação do gênero feminino e da base deverbal. Com essas mesmas características, apresenta-se o segundo grupo semântico inovador percebido no padrão catalão X -er-. São formas que indicam uma ação com aspecto reiterado, como as formações X -ção usuais no português brasileiro contemporâneo, como *enchecção*, *chupação*, *cagação* e *começão*. Em todos esses exemplos, há além da noção de ação, um aspecto de reiteração ou excesso.

Simões Neto e Soledade (2014) identificaram comportamento similar em construções X -eir- usuais no português brasileiro contemporâneo, como *quebradeira*, *choradeira*, *bebedeira*, *converseiro*, *berreiro*. Os autores chamaram essa categoria de ATITUDINAIS, entendendo que agrupava atos iterativos/excessivos e sensações ou estados duradouros, como *canseira* e *tremedeira*.

Com o catalão X_V -era, foram vistas quatro realizações que parecem se encaixar nesse grupo mencionado por Simões Neto e Soledade (2014). São os casos de *bullidera* (CAT0252: ação de ferver, agitação), *roncadera* (CAT0893: ação de roncar excessivamente), *xiuladera* (CAT0959: ação de apitar forte e insistentemente) e *xiuxiuadera* (CAT0960: ação de fazer barulho). Nesses casos, diferentemente do que aconteceu com os anteriores, há a preservação da vogal temática do verbo base. A Figura 90 traz a representação esquemática dessas instanciações.

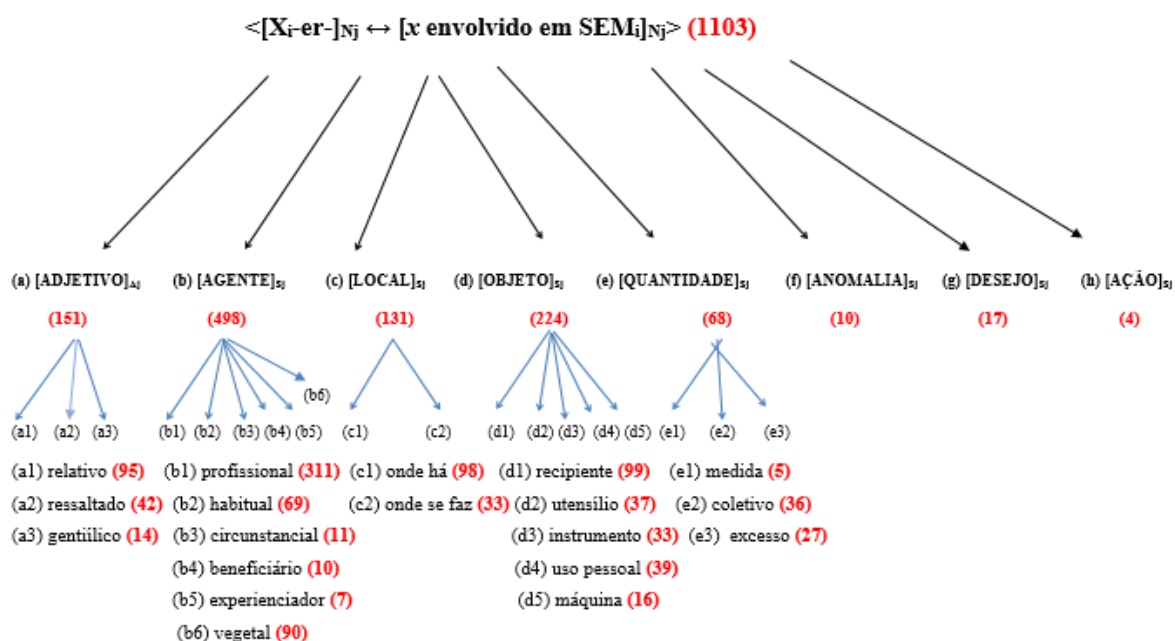
Figura 90 – Esquema dominante de atitudinais no [[X_{Vi}]-era]_s do catalão

(h)<[X_{Vi} -era]_{sj} ↔ [AÇÃO REITERADA DE SEM_{Vi}]_{sj}>

Entre os morfólogos que estudam o português, e mais especificamente o *-eir-*, há uma discussão se, em formações como *bebedeira*, *tremedeira* e *choradeira*, há um uso específico do sufixo *-eir-* ou um sufixo cognato *-deir-*. Essa discussão parece se aplicar a essas formações do catalão também, em um possível contraste entre *-er* e *-der*.

Outro ponto que parece se aplicar ao catalão, considerando esses dois últimos significados, e tomando como base as discussões feitas para o correspondente português *-eir-*, é a discussão de *-er* e *-era* serem sufixos diferentes ou variantes de um mesmo formativo. Sem respostas exatas, apresenta-se na Figura 91, a rede construcional do esquema *X-er-* no catalão.

Figura 91 – Representação esquemática das construções *X-er-* do catalão



9.3.2 Leitura construcional do esquema [[X]-ari-]_N

A leitura do padrão catalão [[X]-ari-]_N começa com os esquemas de ADJETIVOS. Ao todo, foram vistas 225 realizações de [[X]-ari-]_A, que se dividiram nos subesquemas RELACIONAIS e RESSALTADOS. Não houve casos de GENTÍLICOS, como se pode ver na Tabela 46.

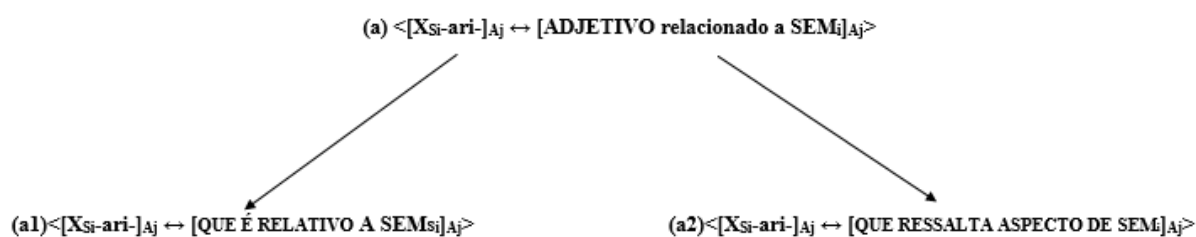
Tabela 46 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos *X-ari-* no catalão

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	195	62,91
Ressaltados	30	27,81

Alguns dos exemplos do subesquema RELATIVO são: *abecedari* (CAT0963: que está disposto em ordem alfabética), *agrari* (CAT0967: relativo ao campo), *assembleari* (CAT0985: relativo a uma assembleia), *aviari* (CAT0989: relativo às aves), *balneari* (CAT0990: relativo aos banhos), *beneficiari* (CAT0993: relativo a um benefício), *borsari* (CAT0999: relativo às operações da Bolsa), *carcerari* (CAT1007: relativo ao cárcere), *complementari* (CAT1030: complementar), *dentari* (CAT1057: dental), *estercorari* (CAT1091: relativo aos excrementos), *fluxionari* (CAT1105: relativo ao fluxo), *genitourinari* (CAT1117: relativo aos aparelhos genital e urinário), *mamari* (CAT1166: relativo às mamas), *nonagenari* (CAT1188: que tem noventa anos), *olivari* (CAT1194: que tem a forma de uma oliveira), *pecuniari* (CAT1213: relativo ao dinheiro), *pituitari* (CAT1221: relativo à hipófise), *protocolari* (CAT1242: protocolar), *reglamentari* (CAT1257: regulamentar), *sacramentari* (CAT1269: relativo aos sacramentos), *sedimentari* (CAT1281: sedimentário), *tegumentari* (CAT1309: relativo aos tegumentos), *tubari* (CAT1322: relativo a tubas ou trompas), *usurari* (CAT1336: relativo à usura), *veterinari* (CAT1342: relativo à medicina veterinária) e *veterotestamentari* (CAT1343: relativo ao Velho Testamento).

Como RESSALTADOS, foram classificados dados, como: *arbitrari* (CAT0981: que é feito por capricho ou pela própria vontade), *atrabiliari* (CAT0986: colérico, irritadiço), *autoritari* (CAT0988: que impõe a sua autoridade aos outros), *confusionari* (CAT1039: que confunde as ideias e os fatos), *deficitari* (CAT1053: deficitário), *doctrinari* (CAT1074: doutrinário), *estrafolari* (CAT1093: extravagante), *fornicari* (CAT1108: fornicador), *fragmentari* (CAT1110: incompleto), *incendiari* (CAT1141: revolucionário, subversivo), *llegendari* (CAT1160: lendário, célebre), *mil-lenari* (CAT1174: milenar), *nefari* (CAT1186: nefasto), *patibulari* (CAT1211: que desperta horror ou espanto), *precarari* (CAT1231: precário), *sectari* (CAT1278: fanático, proselitista, tendencioso), *temerari* (CAT1311: temerário) e *visionari* (CAT1350: visionário). A Figura 99 traz a representação construcional desse esquema dominante.

Figura 92 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-ari- no catalão



Saindo dos ADJETIVOS e entrando nos esquemas substantivos, na Tabela 47, apresenta-se a frequência distribuída dos 139 *X-ari-* que foram classificados como AGENTES.

Tabela 47 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes no catalão *X-ari-*

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	53	38,13
Habituais	37	26,62
Beneficiários	29	20,86
Circunstanciais	19	13,67
Experienciadores	1	0,72

Não se viram, entre os dados de *X-ari-*, realizações referentes ao subesquema AGENTE VEGETAL. Mesmo sem tanto destaque como nos outros padrões vistos até aqui, os PROFissionais foram, mais uma vez, o subesquema mais produtivo dessa categoria. Alguns exemplos foram: *actuari* (CAT0964: atuário), *antiquari* (CAT0974: estudioso de antiguidades), *apotecari* (CAT0978: antigo farmacêutico), *bibliotecari* (CAT0995: bibliotecário), *clavari* (CAT1020: antigo tesoureiro), *cubiculari* (CAT1050: servo que cuida do quarto), *estatuari* (CAT1088: artesão que faz estatuas) *fedatari* (CAT1100: notário que dá fé pública), *ludotecari* (CAT1164: educador responsável por uma ludoteca), *notari* (CAT1189: notário público), *publicitari* (CAT1243: publicitário), *sagitari* (CAT1270: soldado que lutava com armas e flechas), *tabel-lari* (CAT1305: na Roma Antiga, responsável pelo transporte de cartas e documentos particulares e públicos), *vexil-lari* (CAT1344: porta-estandarte do exército romano) e *vinari* (CAT1349: vinicultor).

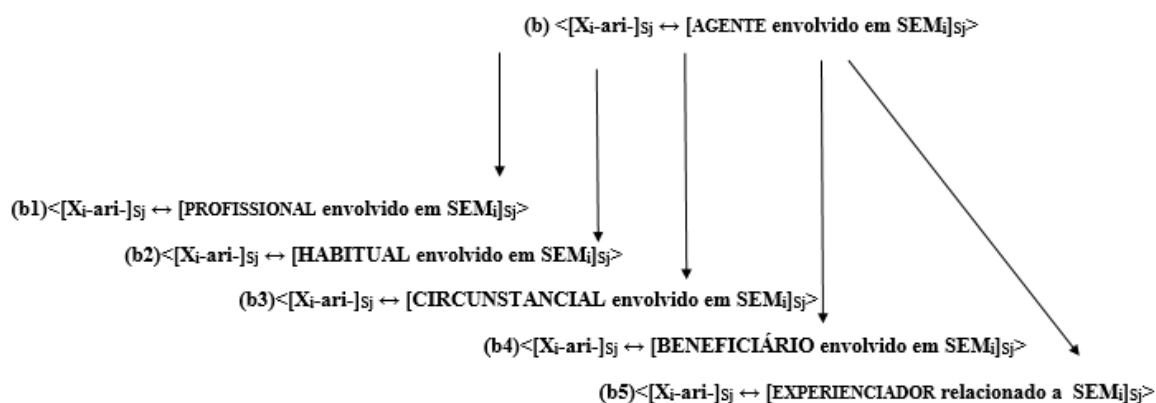
Como HABITUAIS, foram classificados dados como: *carbonari* (CAT1006: membro ou partidário da organização Carbonária), *celibatari* (CAT1012: pessoa que vive no celibato), *concupinari* (CAT1035: pessoa que vive em concubinato), *contestatari* (CAT1044: contestador sistemático da estrutura política), *falsari* (CAT1099: pessoa que falsifica documentos ou que costuma agir com falsidade), *latitudinari* (CAT1152: pessoa que segue o latitudinarismo), *llibertari* (CAT1162: defensor das ideias e atitudes propostas pelo anarquismo), *mercenari* (CAT1173: pessoa que só trabalha mediante e por conta do salário), *perdulari* (CAT1216: pessoa que se excede na degradação moral ou na negligência), *plagiari* (CAT1223: plagiador), *religionari* (CAT1258: pessoa que professa uma religião), *rutinari* (CAT1268: pessoa que faz

algo apenas para manter a rotina e fica feliz por segui-la), *sanguinari* (CAT1274: pessoa que sente prazer em matar), *tradicionari* (CAT1318: pessoa que interpreta as escrituras sagradas conforme à tradição) e *utilitari* (CAT1337: partidário do utilitarismo).

Como exemplos de BENEFICIÁRIOS, há: *adjudicatari* (CAT0965: pessoa a quem algo é adjudicado), *becari* (CAT0992: estudante que recebe uma bolsa de estudos), *beneficiari* (CAT0993: pessoa que goza de um benefício), *cessionari* (CAT1017: pessoa a quem se faz uma cessão), *col-latari* (CAT1021: pessoa a quem é concedido um privilégio ou benefício), *comodatari* (CAT1029: pessoa que se beneficia com um contrato de permanência), *consignatari* (CAT1041: pessoa a quem é consignado algo), *donatari* (CAT1076: pessoa que recebe uma doação), *endossatari* (CAT1080: pessoa a quem se endossa um documento de crédito), *estipendiari* (CAT1092: pessoa que recebe um estipêndio), *legatari* (CAT1154: pessoa beneficiada por um legado), *permissionari* (CAT1217: pessoa que goza de uma licença ou permissão), *resignatari* (CAT1261: pessoa beneficiada com a resignação de um cargo ou benefício) e *usufructuari* (CAT1335: pessoa que tem o direito ao usufruto de algo).

Entre os CIRCUNSTANCIAIS, estão: *adversari* (CAT0966: adversário em um jogo, uma batalha etc), *concussionari* (CAT1036: pessoa que comete uma concussão), *destinatari* (CAT1060: pessoa a quem se destina algo), *dimissionari* (CAT1066: pessoa que pediu demissão de um cargo), *narratari* (CAT1184: destinatário a quem o narrador da história se dirige), *petitionari* (CAT1219: aquele que apresenta uma petição), *presidiari* (CAT1232: pessoa que cumpre pena em um presídio), *quinzenari* (CAT1249: pessoa que cumpre uma pena de quinze dias), *renunciatari* (CAT1260: pessoa que renuncia) e *signatari* (CAT1290: pessoa que assina ou firma um documento ou obra artística).

Por último, o único construto classificado como EXPERIENCIADOR foi *sedentari* (CAT1280: aquele que estabeleceu moradia fixa, em oposição à prática nômade). A Figura 93, a seguir, resume os AGENTES X-ari- do catalão.

Figura 93 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no X-ari- do catalão

O esquema de LOCATIVOS teve um total de 34 ocorrências. A distribuição da frequência está apresentada na Tabela 48.

Tabela 48 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ari- no catalão

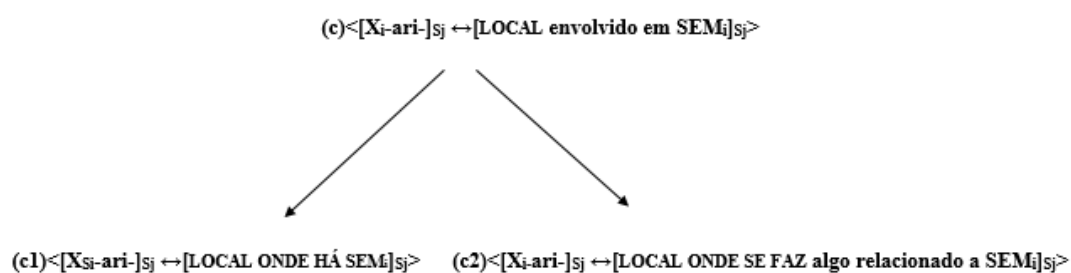
Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde se faz	20	58,82
Onde há	14	41,18

É a primeira vez, no grupo dos LOCATIVOS, que o subesquema LUGAR ONDE SE FAZ apresenta mais realizações. Ainda que não seja uma diferença abismal, essa constatação merece destaque. Exemplos desse subesquema mais produtivo podem ser vistos nas seguintes designações: *aulari* (CAT0981: edifício onde as aulas acontecem), *balneari* (CAT0990: estabelecimento onde aconteciam os banhos públicos), *caldari* (CAT1003: departamento romano onde era possível tomar banhos quentes), *confessionari* (CAT1037: confessionário), *dispensari* (CAT1071: estabelecimento onde se presta assistência médica pública), *escenari* (CAT1084: parte do teatro onde a encenação acontece), *frigidari* (CAT1111: departamento romano onde era possível tomar banhos frios), *larari* (CAT1151: na Roma Antiga, lugar da casa romana destinado ao culto aos antepassados), *parvulari* (CAT1208: centro que ensina crianças na fase pré-primária), *penitenciar* (CAT1214: estabelecimento prisional) e *tepidari* (CAT1312: departamento romano onde era possível tomar banhos mornos).

Como exemplos do tipo LUGAR ONDE HÁ, podem ser mencionados: *apiari* (CAT0976: apiário), *columbari* (CAT1022: antigo edifício romano onde se colocavam as urnas cinerárias), *delfinari* (CAT1054: lugar onde os golfinhos vivem em cativeiro), *erari* (CAT1082:

lugar onde se guarda o tesouro público), *estabulari* (CAT1086: biotério), *herbolari* (CAT1125: loja onde se vendem ervas medicinais), *ossari* (CAT1200: lugar onde se conservam os ossos humanos), *ungüentari* (CAT1328: lugar onde o farmacêutico conservava as pomadas que preparou), *vestuari* (CAT1341: lugar para guardar figurinos) e *vivari* (CAT1351: viveiro artificial). A Figura 94 traz a representação esquemática dessa categoria.

Figura 94 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no $[[X_i]-ari-]_s$ do catalão



O esquema dominante de OBJETOS teve um total de 34 realizações, uma quantidade baixa se comparado ao que se viu no outro esquema do catalão. A Tabela 49 apresenta a distribuição percentual das realizações.

Tabela 49 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no catalão X-ari-

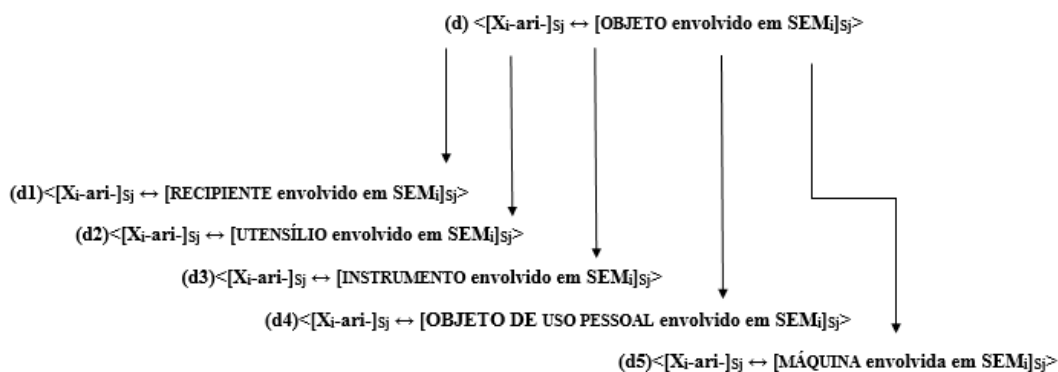
Categoria de agente	Quantidade	Percentual (%)
Utensílios	23	67,65
Instrumentos	4	11,76
Recipientes	3	8,82
Uso pessoal	3	8,82
Máquinas	1	2,94

O subesquema UTENSÍLIOS foi o mais produtivo. Coincidentemente, todos os dados desse subesquema no catalão X-ari- se referem a livros ou cadernos de anotação. Algumas das instanciações são: *antifonari* (CAT0973: livro litúrgico que reúne antífonas), *breviari* (CAT1000: livro litúrgico que reúne textos do ofício divino), *confessionari* (CAT1037: livro que ajuda a preparar para a confissão), *diccionari* (CAT1063: dicionário), *exemplari* (CAT1096: livro de exemplos doutrinários), *leccionari* (CAT1153: livro litúrgico contendo as leituras da missa), *passionari* (CAT1210: livro litúrgico que contém textos relacionados à Paixão de Cristo) e *rondallari* (CAT1266: livro de fábulas).

Os quatro INSTRUMENTOS encontrados são: *abecedari* (CAT0963: livro ou cartilha para ensinar e aprender a ler), *minutari* (CAT1177: caderno onde o notário faz as anotações de contratos feitos na sua presença), *sentenciari* (CAT1284: livro de sentenças) e *sil·labari* (CAT1291: livro usado para as crianças aprenderem a ler, de acordo com a progressão de letras, sílabas, palavras, frases). Note-se que, nesse subesquema, há também destaque para livros e objetos de leitura e anotação, assim como nos UTENSÍLIOS, no entanto, os chamados instrumentos participam de um frame de execução de trabalhos, coisa que não costuma acontecer com os UTENSÍLIOS.

Os três RECIPIENTES encontrados são *aquari* (CAT0979: aquário), *reliquiari* (CAT1259: caixa onde se guardam relíquias) e *terrari* (CAT1315: recipiente adequado para manter vivos certos animais, como répteis, anfíbios ou artrópodes). Com também três ocorrências, os OBJETOS DE USO PESSOAL atestados são: *escapulari* (CAT1083: escapulário), *pessari* (CAT1218: pessário uterino) e *sudari* (CAT1301: mortalha que cobria o morto; pano para enxugar o rosto). O único exemplo de MÁQUINA é *utilitari* (CAT1337: carro de design simples e baixo custo). A Figura 95 resume os usos referentes a OBJETO nesse padrão catalão.

Figura 95 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no $[[X_i]-ari-]_s$ do catalão



O esquema dominante QUANTIDADE reuniu 38 realizações que se dividiram em dois subesquemas: COLETIVO e QUANTIA. Esses foram os mesmos dois subesquemas vistos no correspondente francês X-aire. A Tabela 50 faz as informações de frequência no padrão catalão.

Tabela 50 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade no catalão X-ari-

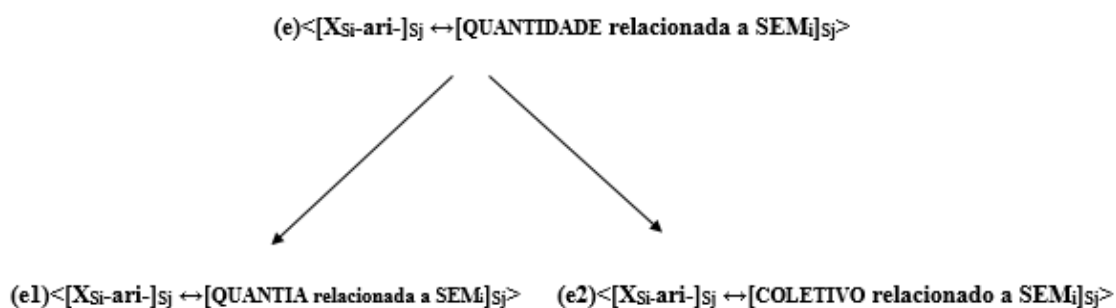
Categorias de quantidade	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	36	94,74
Quantias	2	5,26

Com base no exposto na Tabela 50, nota-se que há uma aproximação com o francês *X-aire* (ver Tabela 40), não só pelo fato de os subesquemas realizados serem os mesmos, mas também porque a distribuição é bastante similar.

Como dados de coletivos, há: *abecedari* (CAT0963: alfabeto), *anecdolari* (CAT0970: conjunto de anedotas), *aulari* (CAT0987: conjunto de aulas), *bestiari* (CAT0994: conjunto de animais reais ou fantásticos), *cedulari* (CAT1011: coleção de cédulas), *costumari* (CAT1049: conjunto de costumes de uma comunidade), *epistolari* (CAT1081: conjunto de cartas escritas por uma pessoa ou para uma pessoa), *glossari* (CAT1118: conjunto de glosas ou explicações de palavras raras de uma língua), *indumentària* (CAT1143: conjunto de peças que as pessoas usam para se cobrir ou se vestir), *llegendari* (CAT1160: conjunto de lendas), *monetari* (CAT1179: conjunto de moedas), *sermonari* (CAT1287: conjunto de sermões) e *temari* (1310: repertório de temas de que trata um curso).

Os exemplos de QUANTIA são *pasquari* (CAT1209: tributo que se pagava para pasturar os rebanhos em prados) e *salari* (CAT1272: retribuição por serviço). A Figura 96 apresenta a esquematização desse grupo semântico.

Figura 96 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no X-ari- do catalão



O esquema ANOMALIA só instancia *urticària* (CAT1333: urticária), forma compartilhada entre as línguas românicas, que não se trata de uma criação do catalão. Essa constatação coloca em suspeição a existência de um esquema, como o da Figura 104 (a seguir), na língua catalã.

Figura 97 – Esquema dominante de anomalia no $[[X_i]\text{-ari-}]_s$ do catalão

$$(f)\langle [X_{Si}\text{-ari-}]_{sj} \leftrightarrow [\text{ANOMALIA relacionada a SEM}_i]_{sj} \rangle$$

Assim como aconteceu com os dados de *X-er-*, há também um grupo semântico inovador entre os dados de *X-ari-*. Esse grupo foi destacado por Moll (1952) e Margarit (1962)

e reúne substantivos sempre abstratos, femininos e deadjetivais, com a noção de QUALIDADE. O esquema relacionado a esse padrão está na Figura 98.

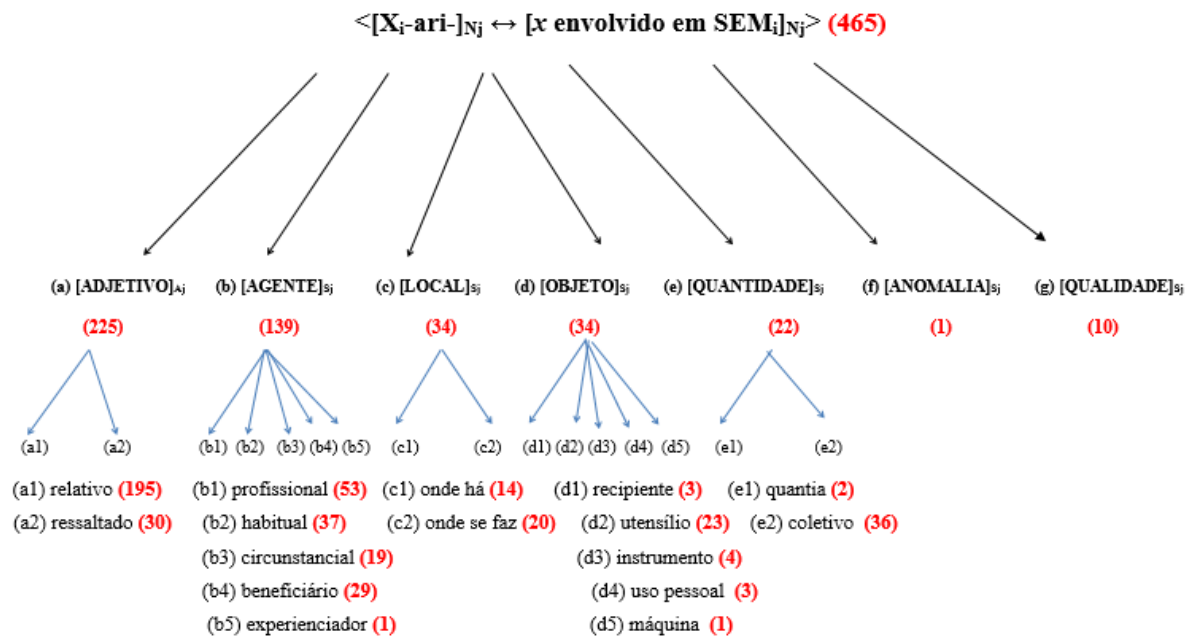
Figura 98 – Esquema dominante de qualidade $[[X_{Ai}]-ària]_s$ do catalão

(g) <[X_{Ai}-ària]_{sj} ↔ [QUALIDADE DE QUEM/O QUE É SEM_{Ai}]_{sj}>

Nos dados desta Tese, são vistos dez exemplos desse tipo. São eles: *amplària* (CAT0969: largura), *bonicària* (CAT0998: beleza, boniteza), *curtària* (CAT1052: curteza), *doblària* (CAT1073: espessura), *fondària* (CAT1106: profundidade), *grandària* (CAT119: grandeza), *grossària* (CAT1121: grossura), *guerxària* (CAT1122: estrabismo, característica de quem é estrábico), *llargària* (CAT1159: largura) e *sordària*²⁶² (CAT1298: surdez, característica de quem é surdo).

Encerradas as análises de X-ari-, a Figura 99 apresenta a rede construcional completa desse padrão esquemático.

Figura 99 – Representação esquemática das construções X-ari- do catalão

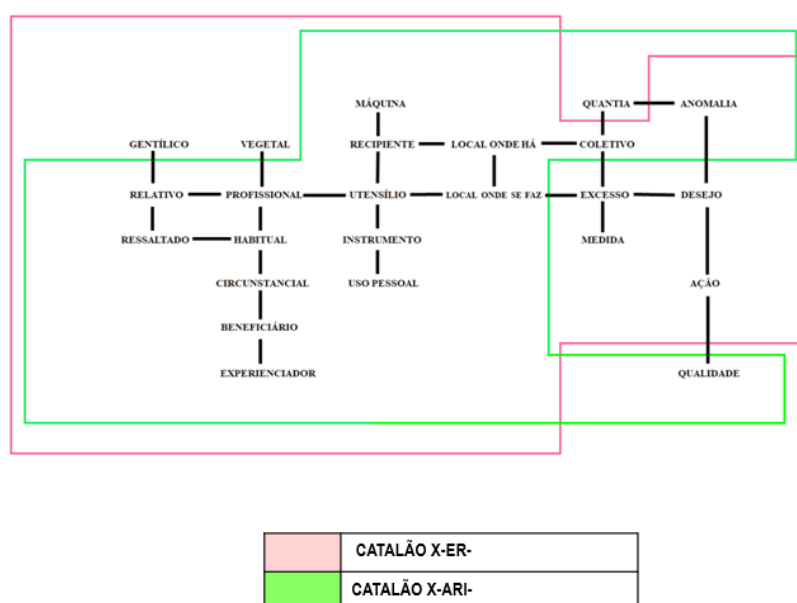


²⁶² Exemplos como *guerxària* e *sordària* podem ser enquadrados como ANOMALIAS. A opção por não fazer essa classificação se deu por não querer dissipar esse subgrupo catalão, normalmente tratado como QUALIDADES na literatura morfológica da língua.

9.4 COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS

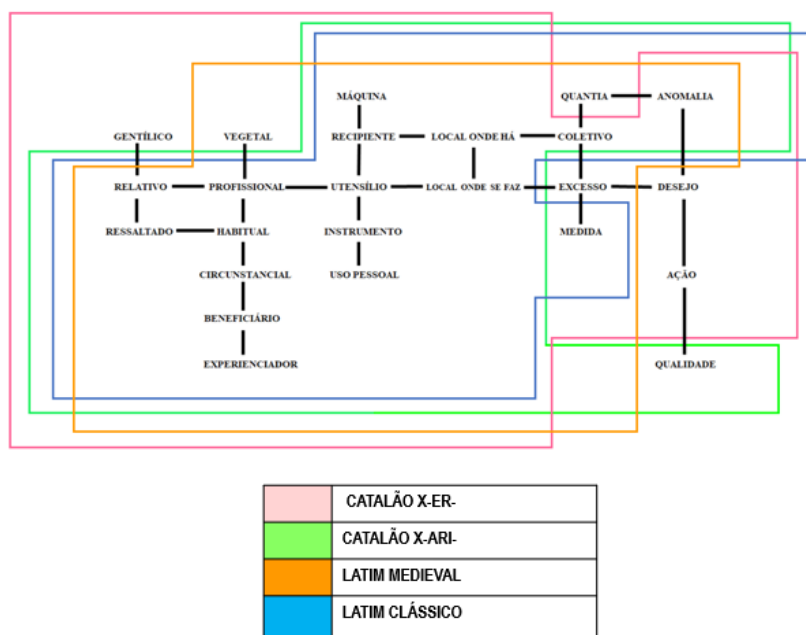
Para contemplar todos os usos vistos no catalão, foi preciso, na elaboração dos mapas comparativos, fazer inserções de novas categorias semânticas. São elas: GENTÍLICO, AÇÃO, DESEJO e QUALIDADE. Essas categorias não foram vistas nos dados do latim (clássico e medieval), do romeno, do italiano ou do francês, Na Figura 100, a seguir, são cotejadas somente as construções catalãs.

Figura 100 – Mapas semânticos para as construções *X-er-* e *X-ari-* do catalão



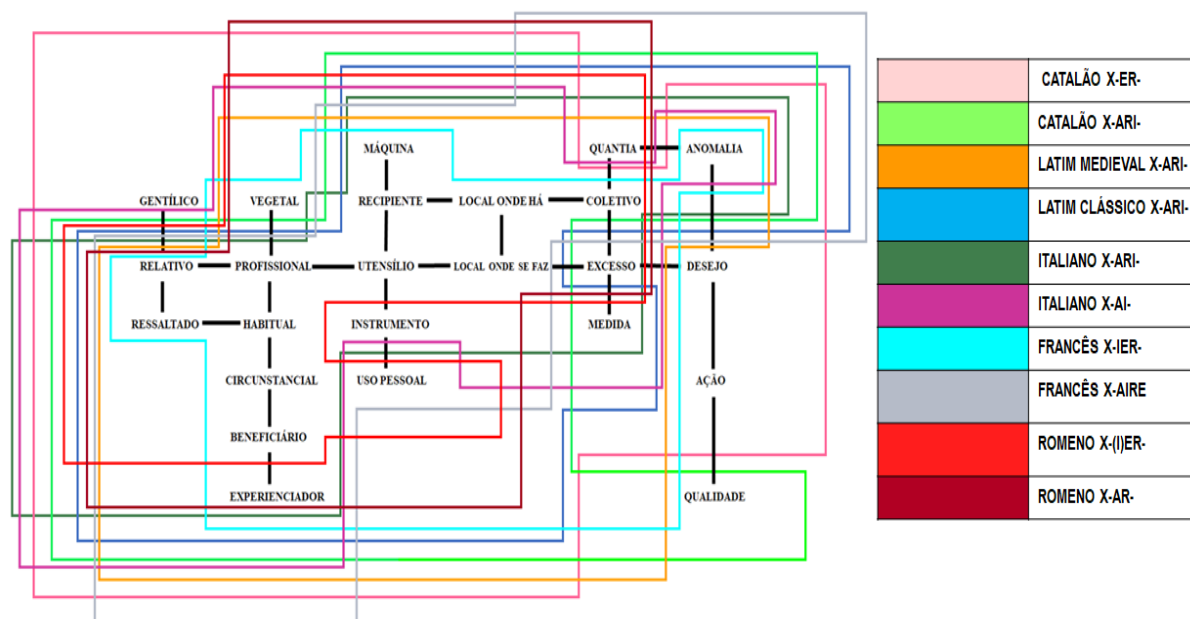
Na Figura 100, com a linha rosa-choque, está a delimitação das construções *X-er-*, que não instanciam as categorias de QUANTIA e QUALIDADE. Com a linha verde, estão delimitadas as construções *X-ari-*, que não instanciam GENTÍLICO, EXCESSO, UNIDADE DE MEDIDA e AGENTE VEGETAL. Na Figura 101, essas mesmas construções são comparadas com as do latim clássico e medieval.

Figura 101 – Mapas semânticos para as construções do catalão e do latim



A Figura 101 mantém com as mesmas cores as delimitações referentes às construções catalãs *X-er-* (rosa) e *X-ari-* (verde). O contorno referente ao latim clássico *X-ārī* está em (azul-escuro) não alcança as categorias GENTÍLICO, VEGETAL, EXCESSO, DESEJO, AÇÃO E QUALIDADE. Em laranja, por fim, estão as construções *X-ari-* do latim medieval, que não instanciam GENTÍLICO, AÇÃO, DESEJO e QUALIDADE, exatamente as quatro novas categorias demandadas pelos padrões catalães. Antes da computação dos dados do catalão, o padrão do latim medieval era o único que abrangia todas as categorias semânticas do mapa. Agora, com a entrada do catalão no quadro comparativo, nenhum padrão, entre os vistos até aqui, consegue abarcar todos os sentidos. Isso é perceptível também na Figura 109, que aborda os significados de todas as construções do latim (clássico e medieval), romeno, italiano, francês e catalão, ou seja, ao todo, dez padrões esquemáticos.

Figura 102 – Mapas semânticos para as construções do latim, romeno, italiano, francês e catalão



9.5 ANÁLISE SOCIOCOGNITIVA

Nesta subsecção, são feitos comentários de aspectos semântico-cognitivos atinentes aos padrões *X-er-* e *X-ari-* do catalão. O Quadro 29 apresenta as dez palavras *X-er-* selecionadas para a análise.

Quadro 29 – Palavras catalãs *X-er-* selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
CAT0079	arener	Lento no caminhar, como um navio excessivamente sobrecarregado.
CAT0221	borrer	1 Que tem apenas flores masculinas; 2 Infrutífero
CAT0227	bracer	Laborioso
CAT0253	bunyoler	1 Pessoa que faz ou vende rosquinhas; 2 Pessoa que faz as coisas irresponsavelmente
CAT0319	capçalera	1 Cabeceira da cama. 2 Cabeçalho de uma página. 3 Ponto onde começa a operação em um recife.
CAT0342	carnisser	1 Açougueiro; 2 Que é nutrido de carne; 3 Cruel, sanguinário; 4 Cirurgião pouco habilidoso
CAT589	faroner	Exibido
CAT590	faroner	Pessoa que cuida de um farol
CAT0684	garganter	Falastrão
CAT0870	porquera	1 Chiqueiro; 2 Lugar sujo

Começa-se esta análise, com a observação de um dado que encontra correspondência com uma realização vista por Simões Neto (2016) no português arcaico. É o caso de *bracer*

(CAT0227). O autor encontrou, no português arcaico, a forma *braceiro*, com significado de ‘forte’, e analisou como uma construção metonímica, no entendimento de que há uma focalização no *braço* (base) como a sede da força. No catalão, a base da palavra é *braç* (braço), mas significado não é dado como sendo *forte*, mas de *habilidoso*. Mesmo com essa diferença sensível, não se perde de vista o caráter metonímico da construção.

A forma *capçalera* (CAT0319) encontra também correspondência com um achado de Simões Neto (2016) no português arcaico. O autor mostrou que a forma *cabeceira* que podia significar ‘chefe, líder’ ou ‘lugar da cama onde se apoia a cabeça’ e atribuiu essa polissemia à multiplicidade de significados metafóricos e metonímicos que já se depreendem na base *cabeça*. Nesse caso apresentado, Simões Neto (2016) defendeu que a polissemia das palavras-base é, muitas vezes, herdada pelas palavras complexas que derivam dela. Com *capçalera*, vê-se a mesma coisa: a extremidade do corpo humano *capçal* é metaforizada para compreender em termos de estrutura para outras realidades, como cabeçalho, cabeceira da cama e ponto de início.

O caso de *carnisser* (CAT0342), que é tanto a designação de açougueiro quanto a adjetivação de uma pessoa sanguinária, se corresponde com o que Simões Neto (2016) viu no português arcaico, com *carneceyro*, onde o uso já era polissêmico, por processos metafóricos e metonímicos. Corresponde-se também com o francês *charcutier* (FRA0193), discutido na subseção 8.5 desta Tese. Pode ser equiparado com *açougueiro* (POR0024), mais usual no português contemporâneo. No Brasil, a forma *carniceiro* já não é tão usual para se referir a açougueiro, pois a extensão metafórica pejorativa se sobrepôs. Ainda assim, a rede semântica de *açougueiro* inclui essas mesmas extensões, sendo usado para se referir a pessoas sanguinárias, a manicures, dentistas e cirurgiões médicos pouco habilidosos.

A forma *garganter* (CAT0684) significa falastrão. O catalão não dispõe da palavra *garganta*, mas possui uma série de palavras da rede morfológica *garg-*, como *gargall*, *gargamella*, *gàrgola*, *gàrgara*, que remontam a essa ideia de conduto que se expressa no português por *gargalo* e *garganta* (conduto vocal ou alimentar). No português brasileiro, pelo menos na sua variedade soteropolitana, é usual a forma *garganteiro*, para se referir à pessoa que fala demais, que conta vantagens, que lança palavras de promessas, mas não as cumpre. A base metonímica da construção brasileira é a mesma da construção catalã *garganter*. A garganta pela fala.

O exemplo *porquera* (CAT0870) pode encontrar correspondência no português também. No catalão, a forma *porquera* designa o chiqueiro, o curral dos porcos. Essa experiência é metaforizada para designar qualquer lugar em que há muita sujeira. Esse

mapeamento acontece também no português, com a palavra *chiqueiro*. Quando se diz “Esse quarto está um chiqueiro”, usa-se a experiência com os porcos para caracterizar o ambiente sujo, pouco asseado.

A palavra *faroner* (CAT0589 e CAT0590) foi introduzida no dicionário-fonte como dois verbetes separados, um adjetivo, outro substantivo. A forma substantiva designa o faroleiro, profissional responsável pelos cuidados de um farol. A forma adjetiva ressalta um aspecto especial do farol, que é chamar a atenção, por isso o significado central da construção qualificadora é *exibido*. Esse é um procedimento, ao mesmo tempo, metonímico e metafórico.

A construção *bunyoler* (CAT0253) tem um aspecto que a aproxima de *capçalera* (CAT0319): a relação de herança nas formas complexas. A base dessa construção é *bunyol*, que, em catalão, quer dizer *rosquinha* e, também, *trabalho mal feito*. A polissemia da base é herdada pela construção complexa, e *bunyoler* tanto é a pessoa que faz ou vende rosquinhas quanto a pessoa que faz um trabalho malfeito, irresponsável.

A definição dada a *arener* (CAT0079) já dá conta do seu aspecto metafórico. A base é *arena* (areia). Quando se diz que *arener* é ‘lento no caminhar, como um navio excessivamente pesado’. A ideia, ao que parece, é ressaltar um navio cheio de areia, pesado e que, por isso, navega vagarosamente. Essa experiência passar a ser usada metaforicamente, para qualificar outras entidades, como pessoas, animais e automóveis que se movem devagar.

O último caso a ser mencionado dessa primeira leva é *borrer* (CAT0221). Trata-se também de uma transferência metafórica. Da caracterização de uma árvore que não dá frutos, usa-se *borrer* como infrutífero, no sentido de algo que não dá bons resultados.

No Quadro 30, apresentam-se os casos de palavras *X-ari-* selecionadas para a análise

Quadro 30 – Palavras catalãs X-ari- selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
CAT1004	calvari	1 Caminho feito por aqueles que devotam a Via Crucis; 2 Situação dolorosa, conjunto de penas, de aflições.
CAT1016	cesari, cesària	1 Relativo a César; 2 Cesariana
CAT1099	falsari	1 Pessoa fraudulenta que falsifica documentos; 2 Pessoa que costuma cometer ou dizer falsidades.
CAT1145	incendiari	1 Que incendeia. 2 Quem maliciosamente causa um incêndio. 3 Revolucionário, subversivo.
CAT1160	llegendari	1 Relativo à lenda; 2 Muito célebre, popular; 3 Conjunto de lendas em forma de livro.
CAT1174	mil·lenari	1 Que tem mil anos; 2 Muito antigo
CAT1211	patibulari	1 Digno da forca; 2 Que, pelo seu aspecto, sua condição, desperta horror

CAT1280	sedentari	1 Relativo ao sedentarismo; 2 Que pratica o sedentarismo; 3 Que não gosta de se movimentar.
CAT1289	sicari	1m e f. Membro de um grupo fanático judeu que foi muito ativo na resistência contra os romanos durante o século I a.C. 2 m e f. Pessoa que sequestra, reprime, tortura ou mata em nome de alguém.
CAT1337	utilitari	1 Relativo ao utilitarismo; 2 Partidário do utilitarismo; 3 Carro de design simples e baixo custo

Começa-se a análise desse segundo grupo de palavras, com dois construtos que evocam conhecimentos de personalidades e fatos históricos, mitológicos e religiosos. São eles: *calvari* (CAT1004) e *cesària* (CAT1016).

A forma *calvari* (CAT1004) remonta ao Monte Calvário, onde Jesus Cristo foi crucificado e morto. O étimo dessa forma remete também à *calvaria* (em latim: crânio humano ou dos animais), que se torna *calvária* em catalão e *caveira* em português. Assim, o *calvari*, em catalão, é o lugar onde estão as caveiras dos mortos. O evento histórico da *Via Crucis* aparece, metonimicamente, no significado de *calvari* como o ‘caminho feito por aqueles que devotam a Cristo em seu caminho de sofrimento’ e, metaforicamente, na ideia de *calvari* como uma situação dolorosa e penosa. No português do Brasil, esse conhecimento acerca do sofrimento de Jesus é acionado em várias expressões, como ‘pegar alguém para Cristo’ (perseguição), ‘a cruz que eu carrego’ (tormento), além de *via crucis*, como um conjunto de experiências ruins.

O caso de *cesària* traz à baila uma discussão acerca de etimologia popular e construção do conhecimento. Na história das línguas, é muito comum serem encontrados étimos fantasiosos de palavras e expressões. Se, do ponto de vista histórico, eles talvez sejam descartados a partir de evidências, do ponto de vista cognitivo, eles servem para mostrar a organização do conhecimento e construção de narrativas portadoras de um sentido explicativo. A designação *cesària* para o parto por cesariana é envolvida por histórias populares de que Caius Julius Cesar, imperador romano, teria nascido dessa maneira. Do ponto de vista cognitivo, teria havido uma metonímia, um aspecto da vida do imperador foi focalizado. No entanto, Rodrigues (2014) mostra que as coisas não aconteceram exatamente dessa maneira, como se pode ver no excerto a seguir:

Tudo indica que o general e político romano Caius Julius Caesar (100 a.C.-44 a.C.) nasceu de parto normal. Como observa o dicionário etimológico do americano Douglas Harper no verbete *caesarian*, “a mãe de César viveu para ver seus triunfos, e tais operações teriam sido fatais para mulheres da antiguidade”.

O fato é que vários autores latinos de prestígio – entre eles Plínio, o Velho – traçaram a etimologia do sobrenome Caesar até o verbo *caedere*, “cortar, talhar”, sugerindo que

um dos antepassados do grande general teria nascido dessa forma. Contestada pela maioria dos filólogos modernos, essa tese tinha como principal adversária a que ligava a palavra a *caesaries* (cabeleira).

[...] A história do útero rasgado no qual teria nascido a palavra César poderia ser apenas mais uma lenda etimológica se não tivesse tanta aceitação, a ponto de dar origem ao substantivo latino *caesar*, “aquele que foi tirado da mãe por excisão”, e fazer com que, no século XVI, médicos franceses batizassem a cirurgia de *chésarienne*. O adjetivo – mais tarde transformado também em substantivo – era o mesmo usado para qualificar tudo o que fosse relativo aos imperadores romanos. E foi exatamente na suposta relação entre César e a cesura (palavra do português que quer dizer “corte, incisão”) que o batismo da operação se baseou, segundo o *Trésor de la Langue Française* (RODRIGUES, 2014, grifos do autor).

Eventos históricos ajudam também a explicar os casos de *patibulari* (CAT1211), *sedentari* (CAT1280) e *sicari* (CAT1289). O primeiro, *patibulari* (CAT1211), remonta às cenas de suplício da época da Roma Antiga. O *patibŭlum* era um instrumento de punição, uma espécie de forca. É dentro desse cenário de condenação que o *patibulari* (CAT1211) vai caracterizar aqueles que fazem ações dignas de forca e, aqueles que, por conta de algum aspecto, despertam horror. É nesse sentido uma transferência metafórica que toma a punição romana como fonte para compreender a condenação a ações tidas como repugnantes.

A forma *sicari* (CAT1289) remete também à época da Antiguidade romana, mais precisamente à perseguição aos judeus no âmbito do Império. O *sīcārīus* era o membro de um grupo que perseguia, torturava e matava judeus, por uma orientação institucionalizada pelos imperadores. Os aspectos de *ordenação* e *assassinato* no evento romano serão transferidos metafórica e metonimicamente para o entendimento do *sicari* como um sequestrador e assassino profissional. Cumpre destacar que a base *sica* da formação latina significa *punhal*, possivelmente um instrumento usado para torturar e matar, que é tomado metonimicamente na construção.

A narrativa vista em *sedentari* (CAT1280) sai da esfera da Roma Antiga, mas evoca o desenvolvimento histórico da humanidade, sobretudo no que toca aos hábitos de moradia e vivência em comunidade. Sendo as populações mais antigas nômades, é destacável na história dos povos o momento em que o ser humano deixa esse hábito e passa a se fixar em um lugar específico. A ideia do sedentarismo, então, é de estabelecer sedes, o que vai ser muito importante para a consagração de sociedades muito importantes, como a grega e a romana. No entanto, o uso mais contemporâneo de *sedentari* (sedentário) é um tanto pejorativo, pois ressalta um sentido de pessoa que não quer ou não gosta de se mover, em se tratando de práticas de exercícios físicos. De um ponto de vista histórico, há, ao que parece, uma mudança de frame,

pois já não é mais a oposição entre *nomadismo* e *sedentarismo* que é acionada neste novo significado.

Os casos de *falsari* (CAT1099), *incendiari* (CAT1145), *llegendari* (CAT1160) e *mil-lenari* (CAT1174) e *utilitari* (CAT1337) envolvem metonímias e metáforas, de caráter mais geral. Ou seja, sem fatos históricos tão marcados. No caso de *falsari* (CAT1099), forma oriunda do latim, percebe-se uma abstratização de uma ação mais física/concreta, a falsificação de documentos, para uma mais psicológica/abstrata, que seria dizer ou cometer falsidades. Nesse sentido, há metáforas e metonímias.

O mesmo pode ser dito de *incendiari* (CAT1145). Há uma conceptualização metafórica que parte daquele que provoca um incêndio intencionalmente para aquele que é subversivo e revolucionário. No português, é muito comum usar essa experiência do fogo para caracterizar conflitos, como em “a reunião pegou fogo”. Tudo isso parece subjacente à compreensão metafórica DISCUSSÃO É GUERRA.

Em *llegendari* (CAT1160), percebe-se uma compreensão metonímica, em que aquilo que é relacionado a uma lenda é compreendido como célebre, marcante. É um aspecto ressaltado do caráter lendário. O mesmo pode ser dito de *mil-lenari* (CAT1174) que, ao significar também ‘muito antigo’, independentemente de ter mil anos, ressalta o aspecto temporal. Por último, *utilitari* (CAT1337) como a designação para um ‘carro de design simples e baixo custo’ envolve também uma metonímia, que focaliza o aspecto de funcionalidade/custo.

9.6 SÍNTESE

Nesta seção, abordou-se o catalão, primeira língua da Península Ibérica analisada nesta Tese. A língua catalã, como se pôde ver, é uma língua minoritária, tanto do ponto de vista contemporâneo, quando se notam o desprestígio em relação ao espanhol/castelhano e as dificuldades de emancipação da Catalunha, principal sede do idioma, quanto do ponto de vista histórico, com toda a polêmica em torno da sua formação: é uma língua autônoma? É um dialeto do provençal? É um dialeto do castelhano? É galo-românica? É ibero-românica? A situação contemporânea da Catalunha, e naturalmente do catalão, é fruto de um apagamento/descaso histórico pelo qual a língua/região passou.

Do ponto de vista linguístico, o catalão, ao longo da sua história, não gozou dos mesmos privilégios que outras línguas românicas, como o francês e o italiano, que foram estudadas até aqui. A sua situação é, em parte, parecida com o que se viu com o romeno, a *prima pobre* das

línguas românicas. Mas, nem mesmo o romeno teve a sua autonomia questionada. Não há uma discussão se o romeno é, por exemplo, um dialeto do italiano. Os estudos sobre a língua romena sempre partem do princípio de que se trata de uma língua autônoma, o que não acontece sempre no catalão, taxada de *dependência do provençal* ou mesmo *língua-ponte*, por ser aquela que conecta a Galo-România à Ibero-România.

Quando se analisam as construções *X-er-* e *X-ari-* nessa língua, percebe-se a existência de categorias semânticas que não existem no francês, para citar a única língua indiscutivelmente galo-românica abordada nesta Tese. O catalão compartilha com o francês a produtividade de agentes vegetais, mas apresenta pelo menos quatro categorias que o distanciam do francês. Essas inovações permitem sugerir a autonomia do catalão. O cotejo com as outras línguas ibero-românicas dará respostas mais precisas sobre a situação do catalão na România.

10 DA VARIANTE REGIONAL CASTELHANA A IDIOMA NACIONAL: UMA ANÁLISE DOS ESQUEMAS [[X]-ER-]_N E [[X]-ARI]_N NA LÍNGUA ESPANHOLA

Nesta seção, são apresentadas as análises dos correspondentes de *-arius* na língua espanhola. Ao todo, foram observadas 2 340 palavras derivadas em *-ero/-era* e 472 palavras derivadas em *-ario/-aria*. Todas as formas foram coletadas no *Diccionario da lengua española*, da Real Academia Española, em sua edição de 2011.

Como de costume, a seção apresenta questões de natureza sócio-histórica, porém, como o espanhol é uma língua ibero-românica, assim como o catalão, parte da sua história social é compartilhada com essa língua, e com o galego e o português. Dessa forma, para não se repetirem aspectos mencionados na seção anterior, destinada à língua catalã, serão focados outros aspectos da trajetória do espanhol, para além daqueles movimentos iniciais de romanização, contatos com os povos pré-romanos, as invasões posteriores e o movimento da Reconquista.

10.1 CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA ESPANHOLA

Quando se fala na história do espanhol, o principal nome aventado é o filólogo e linguista Ramón Menéndez Pidal, de quem já se falou no debate sobre a posição do catalão na România. Cabe lembrar que esse autor é um dos que defendem a homogeneidade ibero-românica antes da invasão árabe, apostando nesse acontecimento, e na Reconquista, como fatos decisivos para a formação dos romances peninsulares. Na obra *El idioma español em sus primeros tiempos*, Menéndez Pidal (1968 [1942]) comenta:

A língua espanhola foi formada muito lentamente pela integração do trabalho linguístico realizado nas várias regiões espanholas. O romance vulgar, como planta espontânea, nasceu nas diferentes partes do solo peninsular com características bastante diferentes. Nasceu em torno dos diferentes centros culturais que, devido à sua maior atividade política, social e literária, poderiam se tornar um foco de irradiação para o uso idiomático. A unificação dessas várias modalidades assim criadas é alcançada graças ao processo histórico multissecular em que as várias regiões estão realizando sua comunidade de destino (MENÉNDEZ PIDAL, 1968, p. 29, tradução nossa²⁶³).

²⁶³ “El idioma español se formó muy lentamente por integración del trabajo lingüístico realizados en las varias comarcas españolas. El romance vulgar, como planta espontánea, fue naciendo sobre las distintas porciones del suelo peninsular con caracteres bastante diversos. Nació en torno a los distintos centros culturales que, por su mayor actividad política, social y literaria, podían constituirse en foco de irradiación para el uso idiomático. La

Com essa passagem, Menéndez Pidal (1968) aponta para a ideia de que o romance castelhano que se constitui em meio à Reconquista não é uniforme, e a unificação dos vários dialetos formados foi um processo multissecular em que a variedade de uma dada localidade acaba se sobressaindo em relação às outras, e essas, menos privilegiadas, por assim dizer, caminham na tentativa de se aproximar dessa variedade de prestígio.

Menéndez Pidal (1968) menciona também que os registros desse espanhol primitivo são escassos, ficando restritos a documentos notariais que são pensados para serem escritos em um latim mais formal, mas acabam deixando entrever formas vulgares. Em relação a essa observação, o autor é acompanhado por Lapesa (2017 [1942]), no livro *Historia de la lengua española*:

O romance primitivo dos estados cristãos espanhóis nos é conhecido graças a documentos notariais que, se bem pretendem empregar o latim, inserem por descuido, ignorância ou necessidade de se fazer entender, formas, palavras e construções da língua vulgar. Às vezes o revestimento latino é muito sutil e os textos resultam duplamente valiosos (LAPESA, 2017, p. 142, tradução nossa²⁶⁴).

Essa observação de Lapesa (2017) é interessante, porque aponta uma percepção linguística dos falantes da época de que a língua que eles usavam de maneira corrente não era mais o latim, que ainda seguia sendo usado em variados ambientes, como jurídicos, administrativos e eclesiásticos²⁶⁵. Lapesa (2017) faz também importantes observações acerca da constante variações de registro no território espanhol. Veja-se o comentário do autor:

O espanhol primitivo carece de fixação. Formas que representam diferentes estágios da evolução coincidem na fala. Em León, coexistiam as latinas *altariu*, *carraria*, as protorromânicas *autario*, *autairo*, *carraira*, as posteriores *auteiro*, *outeiro*, *carreira* e as modernas *oterio*, *autero*, *outero*, *oteiro*, etc. A escolha entre um e outro dependia de maior ou menor atenção e da quantidade de preconceitos cultos ou arcaizantes (LAPESA, 2017, p. 144, tradução nossa²⁶⁶, grifos do autor).

unificación de esas varias modalidades así creadas se logra merced al multisecular proceso histórico en que las diversas comarcas van realizando su comunidad de destino” (MENÉNDEZ PIDAL, 1968, p. 29).

²⁶⁴ “El romance primitivo de los estados cristianos españoles nos es conocido gracias a documentos notariales que, si bien pretenden emplear el latín, insertan por descuido, ignorancia o necesidad de hacerse entender, formas, voces y construcciones en lengua vulgar. A veces el revestimiento latino es muy ligero y los textos resultan doblemente valiosos” (LAPESA, 2017, p. 142).

²⁶⁵ Essa percepção é o ponto fulcral da argumentação de Wright (1989) sobre o desenvolvimento das línguas românicas.

²⁶⁶ “El español primitivo carece de fijeza. Coinciden en el habla formas que representan diversos estados de evolución. En León contendían las latinas *altariu*, *carraria*, las protorromânicas *autario*, *autairo*, *carraira*, las posteriores, *auteiro*, *outeiro*, *carreira* y las modernas *oterio*, *autero*, *outero*, *oteiro*, etc. La elección entre unas y otras dependía de la mayor o menor atención y de la cantidad de prejuicios cultos o arcaizantes” (LAPESA, 2017, p. 144, grifos do autor).

Ainda acerca desse período primitivo, Lapesa (2017) comentará sobre as influências do francês e do provençal que irão incidir nesses falares do território espanhol. Para além desse fato, o autor destacará o êxito dos reinos de Leão e Castela como um agente histórico que favorecerá a sobreposição do castelhano às outras línguas faladas naquele território.

As narrativas propostas por Ramón Menéndez Pidal foram alvo de debates que tensionam a relação entre a filologia e a dialetologia hispânica oitocentista e o entendimento de língua como representação-mor do espírito nacionalista. Alguns desses críticos às visões pidalianas da constituição histórica da língua espanhola são Resina (2007) e Fernández-Ordóñez (2009). De Resina (2007), são reproduzidas as seguintes palavras:

Não há dúvida de que a visão margalliana, ou, se se preferir, herderiana, da linguagem acompanhou a ascensão das filologias. Sobretudo influiu no que estas têm de celebração da riqueza cultural dos povos e de encurtamento da distância entre eles. Refiro-me concretamente a esse momento místico da apreciação do monumento literário induzido pela produção de presença, isto é, pela mediatização artificial da experiência dessa riqueza. Mas, no curso do século XIX, as filologias assumiram também a radicalização da idéia herderiana da linguagem por Fichte, para quem o idioma era o último reduto do espírito nacional, o lugar de onde este demonstra sua pujança em competição – não em harmonia – com outros espíritos. Na Espanha, seria Ramón Menéndez Pidal quem inseriria no projeto filológico a perspectiva supra-histórica, fundada na distância e no que Foucault (1977, p. 152) chamou “uma objetividade apocalíptica”. Esta objetividade, derivada do positivismo, pressupõe a identidade constante da consciência, forma “laica” da imortalidade da alma. Seu modelo não é historicista tanto quanto é metafísico. Baseia-se na inversão, já denunciada por Nietzsche, da relação entre causas e consequência, que se deslocam na origem, e na negação do papel do acaso na fabricação de uma necessidade que nada mais é do que a perspectiva vertical do historiador ou do filólogo (RESINA, 2007, p. 108).

Com essa passagem, Resina (2007) denuncia o quão tendenciosas foram as leituras propostas por Menéndez-Pidal, sempre pautando uma ideia de unidade hispânica-original, de forma a consagrar um desenvolvimento histórico que vai da consagração dos Reinos de Leão e Castela até a consolidação da Espanha como um estado moderno. Esse espírito nacionalista motivará também a posição do autor sobre o debate acerca do catalão. Vejam-se outras passagens do texto de Resina (2007).

Menéndez Pidal interveio poucas vezes na vida pública, e quase sempre com moderação. Por essa mesma razão ganha relevância o fato de que em 1902 tenha se pronunciado na polêmica produzida pela oficialização do castelhano como língua de Estado, e que o tenha feito com um artigo muito beligerante intitulado “Cataluña bilingüe”, no qual estabelece os padrões que a seguir vão guiar sua atividade filológica a serviço de uma idéia política. Já seu discurso de ingresso na Real Academia, em primeiro de outubro do mesmo ano, quando tinha trinta e três anos, constituía uma declaração de lealdade a uma idéia de Estado e ao mesmo tempo uma saraivada de balas contra o catalanismo, fórmula de recepção seguida depois por outros insígnies acadêmicos conscientes da solenidade do momento. Incidência em uma idéia

enquistada no imaginário imperialista, Menéndez Pidal nega que o catalanismo possa dar à luz uma entidade política de estatuto comparável à nação por antonomásia. Segundo ele, não somente é impensável reconhecer a condição nacional da Catalunha, mas esta categoria política, em sua forma moderna, sequer é apropriada ao imaginário catalão. Trata-se, ele vem a dizer, do ruído que produzem “aqueles que ainda não receberam em sua inteligência a idéia moderna de nação” (RESINA, 2007, p. 111).

Como peça processual a favor do expansionismo castelhano, o referido artigo pretende naturalizar sua presença na Catalunha atribuindo-a à superioridade intrínseca da língua de Castela, com exclusão dos fatores políticos. Como se pode ver, Menéndez Pidal posiciona-se, como se fosse filólogo, na trincheira do intervencionismo político, caracterizando o catalão como língua inferior e como dialeto do castelhano, ou seja, como *patois* que os catalães devem retrainir à esfera privada à favor da exclusividade da “língua culta” na esfera pública. Como em todo estratagema ideológico, a contradição assoma nos mesmos argumentos. Não apenas a contradição de lançar no âmbito das lutas políticas o prestígio de uma instituição de suposto caráter científico – com efeito, a Real Academia deu provas reiteradas de ser um braço ideológico do Estado centralizador –, mas, sobretudo, a de defender, por um lado, a substituição do catalão como resultado de um processo natural e inevitável, e, de outro, proclamar que “o Estado espanhol deve velar pela necessária unidade [lingüística], relativamente a que sempre se mostrou mais preguiçoso do que violento” (apud GARCÍA ISASTI, 2004, p. 333) (RESINA, 2007, p. 113, grifos do autor).

Essas notas de Resina (2007) se combinam com as observações de Colón (1976), na seção destinada à língua catalã. Naquele contexto, o autor criticava o debate acerca da posição do catalão nas zonas dialetais da România, mencionando que esse estava totalmente contaminado pela concepção de língua como espírito nacional e, mais do que uma preocupação filológica, havia ali a intenção de garantir o êxito sociopolítico da Espanha ou da França. As observações de Resina (2007) completam essa visão, denunciando que o filólogo-mor da língua espanhola, tendo se revestido de um argumento linguístico-positivista, contribuiu significativamente para construir uma narrativa exitosa do expansionismo do castelhano, relegando o catalão a uma posição minoritária e desfavorecida.

Na mesma linha, Ordoñez-Fernández (2009) comenta as análises de Menéndez Pidal em prol de uma *cunha castelhana* que daria conta de um fluxo transformador e inovador que caracteriza o castelhano, por meio de fenômenos, como “ditongação do O e E breves latinos, perda do F inicial, fricativização de -LI-, etc” (LAGARES, 2011, p. 132). Os comentários de Ordoñez-Fernández (2009) sobre essa caracterização evidenciam o fato de que não havia àquela altura um conhecimento expressivo acerca da fonética dialetal da Península Ibérica, e essa ideia de que a zona castelhana seria relativamente progressista, linguisticamente falando, é, em certa medida, tendenciosa. Vejam-se as palavras da autora:

O castelhanismo de Menéndez Pidal, sem dúvida, responde aos "preconceitos" ideológicos de seu tempo e ao papel que ele reservou para Castela na expressão literária do ser nacional hispânico. Devemos, portanto, prescindir-lo como "preconceito", como "julgamento prévio", já que também se baseia em uma análise exclusivamente fonética dos fatos linguísticos. Além disso, nem mesmo em relação à

pronúncia, é evidente a existência da famosa “cunha castelhana”, que só se torna correta com base no conhecimento imperfeito da fonética dialetal entre as décadas de 20 e 50 do século passado. Não estavam publicados então (nem hoje) os dados que permitiram articular dialetalmente a Península Ibérica: os do Atlas Linguístico da Península Ibérica (ALPI), dados que deveriam ser considerados um tesouro ímpar, já que são os únicos que agrupam em uma malha comum, ainda que imperfeita, todo o território peninsular. Se esses dados fossem conhecidos, teriam revelado uma realidade muito mais complexa do que a cunha castelhana (FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 2009, p. 13, tradução nossa²⁶⁷).

Esse processo de expansão do castelhana, em detrimento das outras línguas do território espanhol, recebe, com Vasco da Gama (1979), uma leitura precisa, em um texto que reflete a formação dessa, a partir de uma visão sociolinguística. Esse autor explica:

A variante lingüístico-regional castelhana expande-se para o sul durante um período que vai do século XI ao século XIII. Lado a lado descem para a Meseta Central Castelhana o reconquistador cristão e o sistema lingüístico por ele utilizado. Novas situações lingüísticas, novas funções sociais e novas atitudes dos falantes serão agora desenvolvidas. A variante regional castelhana é a língua de comunicação de um estado político, o reino de Castela, com sede inicial em Burgos, depois em Toledo, tornando-se, portanto, a variante lingüística de maior valor e função sociais. Depoimentos como o de Berceo sobre a variante escrita, a variante culta do castelhana, atestam a atitude dos falantes e a função social crescente da variante regional castelhana: “al non escribimos sin non lo que leemos”. Começava a desenvolver-se uma prosa literária e uma atividade poética que acompanhavam o desenvolvimento da literatura européia em língua românica. No entanto, no **Poema del Cid** (c. 1140), a variante regional castelhana ainda apresenta leonesismos, o que mostra perfeitamente a luta que a variante regional castelhana tem que manter para sobrepor-se, como língua de maior valor e função social, à variante regional leonesa.

Castela torna-se independente na política, na guerra, nos costumes, na língua e na literatura. Entre os séculos XII e XV, à medida que a fronteira cristã avançava para o sul, a variante regional castelhana absorvia tanto a parte da área da variante regional leonesa como da área da variante regional aragonesa e substituí-a, ao absorver as comunidades moçárabicas, a antiga variante moçárabica. Para uns e outros representa a variante lingüística de maior prestígio social e político e será empregada por todos os falantes como variante lingüística comum, à qual se incorporarão características resultantes do período mais (ou menos) longo de diglossia. Alcança, finalmente, o extremo sul, a costa mediterrânea meridional e, por fim, consegue reimplantar a cultura latina na Espanha (VASCO DA GAMA, 1979, p. 133, grifos do autor).

²⁶⁷ “El castellanismo de Menéndez Pidal responde indudablemente a los “prejuicios” ideológicos de su tiempo y al papel que reservaba a Castilla en la expresión literaria del ser nacional hispánico. Debemos, pues, prescindir de él como “prejuicio”, como “juicio previo”, ya que está basado, además, en un análisis exclusivamente fonético de los hechos lingüísticos. Pero, además, ni siquiera en lo relativo a la pronunciación es evidente la existencia de la famosa “cuña castellana”, que sólo resulta cierta basada en el imperfecto conocimiento que se tenía de la fonética dialetal entre los años 20 y 50 del pasado siglo. No se habían publicado entonces (ni todavía hoy) los datos que hubieran permitido articular dialetalmente la Península Ibérica: los del Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI), datos que deben considerarse un tesoro sin par, ya que son los únicos que agrupan en una malla común, por muy imperfecta que sea, a todo el territorio peninsular. Si esos datos hubieran sido conocidos entonces, hubieran puesto de manifiesto una realidad mucho más compleja que la de la cuña castellana” (FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 2009, p. 13).

Como já mencionado, o avanço do castelhano será marcado pela subalternização de outras línguas faladas na Península Ibérica, principalmente as que estavam nas regiões sob o domínio do Reino de Castela. À medida em que o avanço foi se concretizando, o castelhano foi absorvendo características dessas outras línguas, de forma que o que se entende hoje por espanhol não é a mesma coisa da originária variante regional castelhana, mas sim uma variante linguística comum que passa a conviver, não necessariamente de maneira pacífica, com outras línguas vernaculares.

Dentro de uma perspectiva crioulística, Tuten (2003) caracteriza esse movimento em que a variante regional castelhana vai absorvendo traços característicos de outros falares do território espanhol como um processo de koineização. Nos termos do autor, esse processo se diferencia da crioulização, por envolver línguas geneticamente e/ou tipologicamente aparentadas. Essa concepção parece dar conta do cenário linguístico do território hispânico medieval, com a sobressaliente variante regional castelhana, abarcando alguns poucos aspectos de línguas e dialetos, como o estremenho, o galego, o aragonês, o andaluz, o leonês, resultando no nivelamento linguístico que receberá o nome de espanhol.

É esse nivelamento que se tornará, com o tempo, a língua de uso corrente e servirá de base para as variedades de espanhol que surgirão na América e que, mais tarde, sofrerão sucessivas tentativas de homogeneização no âmbito de uma política pan-hispânica defendida pela maior entidade político-linguística do espanhol, a Real Academia Española (NARVAJA DE ARNOUX E DEL VALLE, 2005; FANJUL, 2011).

Sobre a política pan-hispanista, cabe ressaltar que não se trata de uma política de ordem exclusivamente linguística. Há uma série de outros contextos sociais em que essa ideia de unificação se aplica. Para uma melhor compreensão, são bem-vindas as palavras de Narvaja de Arnoux e Del Valle (2005):

O movimento pan-hispanista [...] desempenhou un papel significativo na história contemporânea do espanhol (Pike 1971; C. Rama 1982; Sepúlveda 1994, 2005). Desenvolveu-se, uma vez que, depois da perda da maior parte de suas colônias americanas, a Espanha começou a repensar sua aproximação estratégica com os novos países hispano-falantes. Por um lado, foi ativada uma frente diplomática que teve como resultado uma série de tratados de paz e de amizade que normalizaram as relações com as novas nações (Pereira y Cervantes 1992). Por outro, lenta mas incessantemente se desenvolveu um movimento — baseado na ideia de que, em que se pese a independência política, a cultura das nações latino-americanas era essencialmente a cultura espanhola— cujo objetivo era fortalecer a unidade cultural e promover una consciência pan-hispânica que resultará na cristalização de uma entidade cultural, econômica e politicamente operativa. [...] O pan-hispanismo enfrentou um desafio significativo: construir uma comunidade no espaço vacante que

deixou um império em desaparecimento [...] (NARVAJA DE ARNOUX E DEL VALLE, 2005, p. 152, tradução nossa²⁶⁸).

Em linhas gerais, nota-se que o ideário político e linguístico de uma Espanha hegemônica sobreviveu ao longo dos tempos, influenciando não só as narrativas de origem da língua no cenário ibérico, como também nas explicações sobre a difusão da língua no território latino-americano.

10.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE X-ER-

Dentre as obras consultadas para a revisão dos sufixos de língua espanhola, as mais antigas são a *Gramática Histórica da língua castelhana*²⁶⁹, de Hanssen (1913), e o *Tratado da formação de palavras na língua castelhana*²⁷⁰, de Alemany y Bolufer (1920). Na sua gramática, Hanssen (1913) faz um apanhado sobre o sufixo *-ero*, partindo da forma latina *-arius*. O autor destaca a função adjetiva e relacional do sufixo na língua literária. Sobre o desenvolvimento desse sufixo latino até a língua espanhola, Hanssen (1913) diz:

Em romance, o sufixo *-arius* é um dos que têm mais vitalidade. Há adjetivos: *verdadero, artero, delantero*. Notem-se especialmente aqueles que se derivam de outros adjetivos e, em alguns casos, os substituem: *primero, certero, llenero*. Há substantivos que designam pessoas. Esses são muito numerosos e se referem a ofício, ocupação, vício: *caballero, compañero, lechero, molinero, aventurero*. Há substantivos de origem neutra: *acero, astillero, hormiguero, cancionero*. Há femininos: *manera, ribera, escalera, vidriera, carrera, higuera, noguera, sordera*. Os neutros latinos acabados em *-arium* competem com os terminados em *-etum*: *rosarium, rosetum*. Em alguns casos, introduz-se o feminino procedente do neutro de plural: *guindalera, porquera*. Alguns substantivos terminados em *-er, -el, -ar* são da mesma família, mas são estrangeiros: *mercader, verjel, laurel, vivir*. Também se conserva e se propaga a terminação cultura *-ario*: *armario, propietario, plegaria, fadario* (HANSSSEN, 1913, p. 136-137, tradução nossa²⁷¹, grifos do autor).

²⁶⁸ “El movimiento panhispanista [...] ha jugado un papel significativo en la historia contemporánea del español (Pike 1971; C. Rama 1982; Sepúlveda 1994, 2005). Se desarrolló una vez que, tras la pérdida de la mayor parte de sus colonias americanas, España comenzó a repensar su aproximación estratégica a los nuevos países hispanohablantes. Por un lado, se activó un frente diplomático que tuvo como resultado una serie de tratados de paz y de amistad que normalizaron las relaciones con las nuevas naciones (Pereira y Cervantes 1992). Por otro, lenta pero incesantemente se desarrolló un movimiento —basado en la idea de que, pese a la independencia política, la cultura de las naciones latinoamericanas era esencialmente la cultura española— cuyo objetivo era fortalecer la unidad cultural y promover una conciencia panhispanica que resultara en la cristalización de una entidad cultural, económica y políticamente operativa. [...] El panhispanismo se enfrentaba a un desafío significativo: construir una comunidad en el espacio vacante que había dejado un imperio en [...]” (NARVAJA DE ARNOUX E DEL VALLE, 2005, p. 152).

²⁶⁹ Tradução nossa para *Gramática histórica de la lengua castellana*.

²⁷⁰ Tradução nossa para *Tratado de la formación de palabras en la lengua castellana*

²⁷¹ “En romance, el sufijo *-arius* es uno de los que tienen más vida. Hay adjetivos: *verdadero, artero, delantero*. Nótese especialmente aquellos que se derivan de otros adjetivos y, en algunos casos, los reemplazan: *primero, certero, llenero*. Hay sustantivos que designan personas. Estos son muy numerosos y se refieren a oficio, ocupación, vicio: *caballero, compañero, lechero, molinero, aventurero*. Hay sustantivos de origen neutro: *acero,*

A abordagem de Alemany y Bolufer (1920) é mais detalhada que a de Hanssen (1913). No compêndio sobre formação de palavras no espanhol, o autor faz uma listagem de sufixos e prefixos usados na língua espanhola, além de trazer informações acerca de composição. Dentro do quadro de sufixos, o par *-ero/-era* é abordado separadamente de *-dero/-dera*, sugerindo-se que são desenvolvimentos populares de diferentes sufixos latinos. Sobre o par *-ero/-era*, a primeira explicação dada por Alemany y Bolufer (1920) diz respeito a sua origem:

É o resultado da evolução castelhana normal do sufixo latino ARIO (nominativo *arius*, acusativo *arium*), como vemos em *lechero* (leiteiro), *panero*, *panera*²⁷² e *primero* (primeiro), de *lactarium*, *panarium*, *panariam* y *primarium*: nas palavras eruditas permanece inalterável o sufixo latino: e assim, de *solitarium* temos *solitario* e *soltero* (ALEMANY Y BOLUFER, 1920, p. 59, tradução nossa²⁷³, grifos do autor).

Com essa passagem, Alemany y Bolufer (1920) sinaliza a relação histórica entre *-ero* e *-ario*. Quanto à classificação semântica, destaca a existência de quatro grandes grupos de significados, que estão sistematizados no Quadro 31.

Quadro 31 – Significados de *-ero*, *-era* no espanhol conforme Alemany y Bolufer (1920)

Grupos semânticos	Exemplos
Ofício ou emprego	abacero (< abaz), abejero (< abeja), aceitero (< aceite), aduanero (< aduana), alimañero (< alimaña), ansarero (< ánsar), baratero (< barato), coplero (< copla), destajero (< destajo), estajero (< estajo), fideero (< fideos), leonero (< león), mulero (< mula), muletero (< muleto), vidriero (< vidrio)

astillero, *hormiguero*, *cancionero*. Hay femeninos: *manera*, *ribera*, *escalera*, *vidriera*, *carrera*, *higuera*, *noguera*, *sordera*. Los neutros latinos acabados en *-arium* rivalizan con los terminados en *-etum*: *rosarium*, *rosetum*. En algunos casos, se introduce el femenino procedente del neutro de plural: *guindalera*, *porquera*. Algunos sustantivos terminados en *-er*, *-el*, *-ar* son de la misma familia, pero son extranjeros: *mercader*, *verjel*, *laurel*, *vivar*. También se conserva y se propaga la terminación docta *-ario*: *armario*, *propietario*, *plegaria*, *fadario*” (HANSSEN, 1913, p. 136-137, tradução nossa, grifos do autor).

²⁷² Consultado o *Diccionario de la lengua española* (RAE), viu-se que o par de palavras do espanhol *panero* e *panera*, como desenvolvimentos dos itens latinos *panarium* e *panariam*, significa um cesto ou qualquer outro recipiente onde se coloca pão. Em outra entrada, o dicionário sinaliza a existência do significado ‘pessoa que gosta muito de pão’, mas sem informação de étimo, fazendo pensar que esse significado talvez seja uma criação do espanhol. Sem contextos maiores, não há como determinar o significado abstraído por Alemany y Bolufer (1920).

²⁷³ “Es el resultado de la evolución normal castellana del sufijo latino ARIO (nom. *arius*, acusativo *arium*), como vemos en *lechero*, *pañero*, *panera* y *primero*, de *lactarium*, *panarium*, *panariam* y *primarium*: en las voces eruditas permanece inalterable el sufijo latino; y así, de *solitarium* tenemos *solitario* y *soltero*” (ALEMANY Y BOLUFER, 1920, p. 59, grifos do autor).

Árvore ou planta que produz frutos	albaricoquero (< albaricoque), algodonero (< algodón), melocotonero (< melocotón), membrillero (< membrillo)
Lugar	abejera (< abeja), balsamera (< bálsamo), barrera (< barro), cabecera (< cabeza), galapaguera (< galápagos), leonera (< león), tabaquera (< tabaco), ventisquera (< ventisco), brasero (< brasa), florero (< flor), gallinero (< gallina), sementero (< lat. sementarius), tintero (< tinta)
Adjetivos de relação ou procedência	almagrero (< almagre), dominguero (< domingo), hullero (< hulla), laborera (< labor), quintalera (< quintal), cartagenero (< Cartagena).

Fonte: classificação e exemplos de Alemany y Bolufer (1920, p. 59-60).

Na compreensão de Alemany y Bolufer (1920), todos os outros significados são derivações semânticas desses quatro grupos principais. Entre os casos especiais, o autor destaca o que seriam formas derivadas de adjetivos, de verbos, no gerúndio e/ou no particípio e de advérbio.

Há alguns derivados de adjetivos, como *cansera* e *manquera*, de *canso* e *manco*; outros, como os substantivos *barrendero*, *curandero*, *hilandero*, *lavandero*, com os seus femininos em *a*, e o adjetivo *colgandero*, derivam da forma do gerúndio, ou melhor da (forma) do particípio latino em *dus*, que, como sabemos, designa a necessidade de que se realize a ação do verbo ; e assim *barrendero*, por exemplo, não significa só *aquele que barre* (varre), e sim *aquele que tem de barrer* (varrer). Da mesma maneira, *hacendera* (fazendeira), de *hacienda* (fazenda), y *vivandero* (vivandeiro) do baixo-latim *vivanda*. *Pidientero* (mendigo), do particípio *pidiente* (pedinte); e *delantero* (dianteiro), do advérbio *delante* (diante). [...] *Panadero* (padeiro) y *vinatero* (vinhateiro) devem pertencer ao sufixo *dero*, com o qual às vezes se equipara; como *sestero* (de *siesta* - sesta) = *sestadero* (de *sestear* - sestear) (ALEMANY Y BOLUFER, 1920, p. 60, tradução nossa²⁷⁴, grifos do autor).

Com essa passagem, Alemany y Bolufer (1920) mostra que o sufixo *-ero* pode atuar sobre outras categorias, não só sobre substantivos. É estranho, no entanto, que o autor aponte a possibilidade de *-ero* atuar sobre verbos no gerúndio e no particípio, ao mesmo tempo em que defende a existência de um sufixo *-dero*.

²⁷⁴ Hay algunos derivados de adjetivos, como *cansera* y *manquera*, de *canso* y *manco*; otros, como los substantivos *barrendero*, *curandero*, *hilandero*, *lavandero*, con sus femeninos en o, y el adjetivo *colgandero*, derivan de la forma del gerundio, o mejor de la del participio en *dus* latino, que, como sabemos, designa la necesidad de que se verifique la acción del verbo ; y así *barrendero*, por ejemplo, no significa sólo el que *barre*, sino el que ha de *barrer*. Así mismo *hacendera*, de *hacienda*, y *vivandero* del b. lat. *vivanda*. *Pidientero*, del part. *pidiente*; y *delantero*, del adv. *delante*. [...] *Panadero* y *vinatero* deben pertenecer al sufijo *dero*, con el que a veces se equipara éste; como *sestero* (de *siesta*) = *sestadero* (de *sestear*) (ALEMANY Y BOLUFER, 1920, p. 60, grifos do autor).

No português, não há um consenso sobre a existência desse sufixo. Mas, quem defende a sua autonomia destaca o verbo (na sua forma *default*, o infinitivo), como categoria preferencial da base dos derivados. Assim, para o português *lavadeira*, a base seria a forma infinitiva do verbo *lavar*, não *lavado*. Pelo que se viu no catalão, *roncadera* tem como base *roncar*, não o particípio *roncado*. No espanhol, teria de ser a mesma coisa: para *abajadero*, a base deveria ser o infinitivo *abajar*, não *abajado*. Quem sugere que a base, nesses casos, é a forma participial ou gerundiva do verbo, está defendendo que o [d] faz parte da base, e não do sufixo. É uma postura, ao que parece, contraditória.

Na seção dedicada ao sufixo *-dero*, Alemany y Bolufer (1920) o aborda como um dos desenvolvimentos do sufixo latino *-torio*. As outras formas desse formativo no espanhol seriam: “*toiro, toero, tuero, tero; doiro, doero, duero*” (ALEMANY Y BOLUFER, 1920, p. 42, grifos do autor). Na seção 5.1, quando se tratou da trajetória do sufixo latino *-arium*, com base em Viaro (2011), viu-se que existiram formas em *-orium* que convergiram para *-arium*, formando, sobretudo, locativos. Em tese, não haveria problema algum em Alemany y Bolufer (1920) tratar o *-dero* como um desenvolvimento de *-torio*, não fosse o fato de o autor fornecer como exemplos de derivação em *-dero* *barredero, colgadero e hacedero*, ao mesmo tempo em que ele trata *barrendero, colgandero e hacendera* como exemplos de derivação em *-ero* a partir de bases gerundivas. Não há clareza, portanto, na caracterização desse sufixo *-dero*, que sequer é tratado como uma variante de *-ero*²⁷⁵, como alguns autores costumam fazer nas outras línguas românicas.

Em seu *Manual de gramática histórica espanhola*²⁷⁶, Menéndez Pidal (1985 [1944]) trata da sufixação na língua e comenta que quase todos os sufixos do espanhol vieram do latim, alguns pela tradição oral, outros pela tradição escrita. A partir desse comentário, o autor faz uma listagem dos elementos e, sobre o desenvolvimento do latim *-ariu*, diz:

O sufixo -ARIU tem além destas formas popular *-ero* y culta *-ario*, outra terceira forma galicista: *-er* ou *-el* (esta dissimilada quando há um *r* anterior); ant. *lebrero* y *lebrer*, mod. *lebrer* (fr. *lévrier*); ant. *mercadero*, moderno *mercader* (prov.

²⁷⁵ Para fazer um paralelo, é possível tomar como norte o sufixo *-dor*, comum ao português e ao espanhol. Esse sufixo é oriundo do latim *-or,-oris*, que operava sobre a forma supina dos verbos, por onde se forma o particípio. Formas como *professor* (port./*profesor* (esp.)) e *auditor* (port./esp.) são oriundas do latim, onde se formaram, respectivamente, a partir dos supinos *professum* e *auditum*. Tanto no português quanto no espanhol, a frequência com que o sufixo *-or* opera sobre o particípio faz com que muitos autores já admitam uma autonomia da variante sufixal *-dor*. Dessa maneira, o falante do português brasileiro que cria *gourmetizador* não o faz a partir de *gourmetizado*, e sim de *gourmetizar*. No português, Marinho (2009) defende a autonomia de *-dor*, assim como Ruiz (1998) a defende para o espanhol. Veja-se que, nesse caso, parece evidente o reconhecimento de *-dor* e o seu funcionamento. Não se pode dizer o mesmo do *-dero*, pelo menos não com base na explicação dada por Bolufer (1920).

²⁷⁶ Tradução nossa para *Manual de gramática histórica española*

mercadier); locariu, ant. *loguer* (provenzal *loguiers*); *bachiller, taller, vergel, cuartel, laurel, broquel* bucculariu (prov. *bloquier*) (MENÉNDEZ PIDAL, 1985 [1944], p. 234, tradução nossa²⁷⁷, grifos do autor).

O tratamento dado por Menéndez Pidal (1985 [1944]) aos desenvolvimentos de *-ariu* no espanhol não traz nada de excepcional, em relação ao que foi dito por Alemany y Bolufer (1920). Não há qualquer notação de caráter semântico. O diferencial poderia ser a menção a uma terceira evolução do sufixo pela via galicista, mas essa informação é também vista em Alemany y Bolufer (1920). Como esse desenvolvimento é bastante limitado em termos de produtividade e não está sendo abordado nesta Tese, optou-se por não o destrinchar no que toca aos significados.

Na *Gramática histórica espanhola*²⁷⁸, García de Diego (1951) dedica um capítulo à formação de palavras e apresenta, de maneira sucinta, o sufixo *-ero*. Veja-se o excerto a seguir:

[...] *-ero*. Do latim *-ariu*. Os diversos matizes de significado aumentaram no castelhano: conserva o significado original de adjetivo, *aventurero, manero, casamentero, embustero, verdadero, postrero, zaguero*, geralmente com derivação substantiva²⁷⁹, mas também adjetiva²⁸⁰, *altanero, bajero, certero, llenero*, verbal²⁸¹, *sobrero*, y ainda adverbial²⁸², *delantero, trasero*; denota profissão, *herrero, cochero, librero, posadero, ventero*, lugar, *hormiguero, estero, nevero, pedrera*, e outros significados diversos, *manera, sordera, vidriera*; significando árvores, não aparece em grande quantidade, como em galego, *higuera, noguera* [...] (GARCÍA DE DIEGO, 1951, p. 276, tradução nossa²⁸³, grifos do autor).

Em uma descrição bem mais curta que a de Alemany y Bolufer (1920), García de Diego (1951) consegue destacar as mesmas duas contribuições dadas pelo outro autor: (i) há quatro categorias principais de significados (profissionais, lugares, adjetivos e árvores); (ii) o sufixo tem bastante aplicabilidade, operando sobre bases substantivas, adjetivas, verbais e adverbiais.

²⁷⁷ “El sufijo *-ARIU* tiene además de estas formas popular, *-ero* y culta *-ario*, otra tercera forma galicista: *-er* o *-el* (ésta disimilada cuando hay una *r* anterior); ant. *lebrero* y *lebrer*, mod. *lebrél* (fr. *lévrier*); ant. *mercadero*, moderno *mercader* (prov. *mercadier*); locariu, ant. *loguer* (provenzal *loguiers*); *bachiller, taller, vergel, cuartel, laurel, broquel* bucculariu (prov. *bloquier*)” (MENÉNDEZ PIDAL, 1985 [1944], p. 234, grifos do autor).

²⁷⁸ Tradução nossa para *Gramática histórica española*.

²⁷⁹ Entenda-se *substantiva* como um termo sinônimo de *denominal*, ‘que se forma a partir de substantivos’.

²⁸⁰ Entenda-se *adjetiva* como um termo sinônimo de *deadjetival*, ‘que se forma a partir de adjetivos’.

²⁸¹ Entenda-se *verbal* como um termo sinônimo de *deverbal*, ‘que se forma a partir de verbos’.

²⁸² Entenda-se *adverbial* como um termo sinônimo de *deadverbial*, ‘que se forma a partir de advérbios’.

²⁸³ *-ero*. Del latín *-ariu*. Los diversos matices de significado se han aumentado aún en castellano: conserva el significado original de adjetivo, *aventurero, manero, casamentero, embustero, verdadero, postrero, zaguero*, generalmente con derivación sustantiva, pero también adjetiva, *altanero, bajero, certero, llenero*, verbal, *sobrero*, y aun adverbial, *delantero, trasero*; denota empleo, *herrero, cochero, librero, posadero, ventero*, lugar, *hormiguero, estero, nevero, pedrera*, y otros significados diversos, *manera, sordera, vidriera*; significando árboles no abunda como en gallego, *higuera, noguera* [...] (GARCÍA DE DIEGO, 1951, p. 276, grifos do autor).

Cumprе ressaltar também o comentário de natureza contrastiva entre o castelhano e o galego, no que toca à formação de árvores com *-ero*.

No livro *Morfologia histórica do espanhol*²⁸⁴, Alvar e Pottier (1983, p. 383) apresentam *-ero/-era* como um sufixo formador de substantivos e adjetivos. Os autores destacam que, na formação de substantivos, o sufixo pode operar sobre bases substantivas, adjetivas e verbais, ao passo que, na formação de adjetivos, opera sobre verbos e substantivos.

Quanto à formação de substantivos, Alvar e Pottier (1983) apresentam três entradas de sufixo *-ero*: a primeira advém do *-arius*, a segunda do *-arium* e a terceira do *-orium*. Sejam vistos, a seguir, os comentários dos autores sobre cada uma delas:

[...] *-ero* procede do latim *-arius*, e quando, combinado com o grego *-ía*, dá origem ao sufixo *-ería*, de alto grau de produtividade. Assim, de *libro* saem *librero* ‘vendedor de livros’ y *librería* ‘loja onde se vendem libro’; de *leche*, *lechero* ‘vendedor de leite’ y *lechería* ‘estabelecimento’; de *ropa*, *ropero* ‘pessoa que vende roupa feita’ y *ropería* ‘loja onde se vende roupa feita’ (ALVAR E POTTIER, 1983, p. 385, tradução nossa²⁸⁵, grifos dos autores).

*-ero*₂ ‘locativo’ (< *-arium*) *palillero*, *frutero*, *ropero*; que se relaciona com o valor do latim tardío ‘grande quantidade de algo, lugar onde há algo em grande quantidade’ (ALVAR E POTTIER, 1983, p. 390, tradução nossa²⁸⁶, grifos dos autores).

-ero apresenta a forma culta *-orio* (< *-orium*) como se vê nas alternâncias *dormidero* ‘lugar onde dorme o gado’ / *dormitorio* ‘instalação para dormir’, *lavadero* ‘lugar onde se lava’ / *lavatorio* ‘ação de lavar’, *respiradero* ‘abertura por onde entra e sai o ar’ / *respiratorio* ‘que serve para a respiração’. Com valor locativo, *-or* pode ter o mesmo significado que *-ero*, e inclusive alternar com ele: *comedor* ‘instalação em que se come’ / *comedero* ‘recipiente onde os animais comem’, *lavador* ‘lugar onde se lava’ / *lavadero*, *puddidor* ‘cavidade onde são colocados os trapos que vão ser transformados em papel’ / *puddidero* ‘lugar onde se coloca uma coisa para que apodreça’. A evolução fonética normal de *-orium* foi *-uero* > *-ero*; o intermediário *-uero* aparece na língua medieval (*cobdiciadero*) (ALVAR E POTTIER, p. 394-395, tradução nossa²⁸⁷, grifos dos autores).

Cumprе salientar, a respeito da análise de Alvar e Pottier (1983), que, mesmo os autores abordando o *-ero* que se desenvolve de *-orium*, e dando como exemplos ocorrências de um

²⁸⁴ Tradução nossa para *Morfologia histórica del español*

²⁸⁵ “*-ero* procede de del latín *-arius*, en tanto que, combinado con el griego *-ía*, origina del sufijo *-ería*, de alto grado de productividad. Así de *libro* saldrán *librero* ‘vendedor de libros’ y *librería* ‘tienda donde se venden libros’; de *leche*, *lechero* ‘vendedor de leche’ y *lechería* ‘establecimiento’; de *ropa*, *ropero* ‘persona que vende ropa hecha’ y *ropería* ‘tienda donde se vende ropa hecha’ (ALVAR E POTTIER, 1983, p. 385, grifos dos autores).

²⁸⁶ *-ero*₂ ‘locativo’ (< *-arium*) *palillero*, *frutero*, *ropero*; que se relaciona con el valor del latín tardío ‘cantidad de algo, lugar donde hay algo en cantidad’ (ALVAR E POTTIER, 1983, p. 390, grifos dos autores).

²⁸⁷ *-ero* presenta la forma culta *-orio* (< *-orium*) según se ve en las alternancias *dormidero* ‘sitio donde duerme el ganado’ / *dormitorio* ‘habitación para dormir’, *lavadero* ‘lugar donde se lava’ / *lavatorio* ‘acción de lavar’, *respiradero* ‘abertura por donde entra y sale el aire’ / *respiratorio* ‘que sirve para la respiración’. Con valor locativo, *-or* puede tener el mismo significado que *-ero*, e incluso alternar con él: *comedor* ‘habitación en la que se come’ / *comedero* ‘cajón donde comen los animales’, *lavador* ‘lugar donde se lava’ / *lavadero*, *puddidor* ‘pila donde se ponen los trapos que se van a convertir en papel’ / *puddidero* ‘sitio donde se pone una cosa para que se pudra’. La evolución fonética normal de *-orium* fue *-uero* > *-ero*; el intermedio *-uero* consta en la lengua medieval (*cobdiciadero*)” (ALVAR E POTTIER, p. 394-395, grifos dos autores)

possível *-dero*, não apostam nessa variante. Nisso, diferenciam-se de Alemany y Bolufer (1920). No geral, as observações de Alvar e Pottier (1983) são, quase sempre, breves. Nem mesmo o significado tido como mais prototípico de *-ero*, o de agente, é introduzido de maneira destacada, sendo comentado a partir de sua relação com outro sufixo, ao que tudo, bastante produtivo na língua espanhola.

Aparecem, ainda, comentários sobre o *-ero/-era* na seção dedicada aos sufixos *-a/-o*, que, segundo Alvar e Pottier (1983), têm no espanhol uma função similar à do latim, diferenciando a fruta da planta que a produz. Veja-se a passagem:

[...] *-a/-o* podem ser usados para opor, tal como acontecia em latim, os nomes de frutas (pĭrum ‘a pera’) aos de árvores (pĭrus feminino ‘a pereira’): cereza (cereja)/cerezo (cerejeira), granada (romã) /granado (romãzeira), manzana (maçã) /manzano (macieira), naranja (laranja) /naranja (laranjeira). Nas falas populares se buscam recursos com diferenciação mais marcada, e compete a *-ero*, *-era* a segunda destas acepções: *cirolero*, *cirgolero*, *nispolero* ‘níspero’, *manzanero*, *pirutanero*, *albaricoquero*, *níspero/misperero*, *algarrobero*, *castaño*, *manglanera*/ *-o*, *albergero*, *prunero*, etc. A explicação destas generalizações está na homonímia que há para designar a fruta e a árvore em *albérchigo*, *durazno*, *melocotón*, *membrillo*, *níspero*, etc (ALVAR E POTTIER, 1983, p. 385-386, tradução nossa²⁸⁸, grifos dos autores).

A partir do comentário de Alvar e Pottier (1983), nota-se que o espanhol tem um comportamento diferenciado em relação a esse padrão semântico. Enquanto no francês e no catalão²⁸⁹, as derivações em *-ier* e *-er(a)*, respectivamente, parecem ser sistemáticas e imediatamente acessadas para esse tipo de designação, no espanhol, ao que se mostra, há outros caminhos, como a já comentada mudança de gênero do fruto e a sufixação com *-al*²⁹⁰ (*peral*, *cidral*, *moral*, *naranja* e *peruchal*).

Na parte dedicada aos adjetivos com *-ero*, o tratamento de Alvar e Pottier (1983) se resume a mencionar que o sufixo opera tanto sobre bases substantivas, como em *camínero*, *hormiguero* e *taquillero* quanto sobre bases verbais, como em *duradero* e *valedero*.

²⁸⁸ “*-a/-o* pueden funcionar para oponer, tal y como ocurría en latín, los nombres de frutas (pĭrum ‘la pera’) a los de árboles (pĭrus fem ‘el peral’): *cereza/cerezo*, *granada/granado*, *manzana/manzano*, *naranja/naranja*. En las hablas populares se buscan recursos con diferenciación más marcada, y *-ero*, *-era* cumple con la segunda de estas acepciones: *cirolero*, *cirgolero*, *nispolero* ‘níspero’, *manzanero*, *pirutanero*, *albaricoquero*, *níspero/misperero*, *algarrobero*, *castaño*, *manglanera*/ *-o*, *albergero*, *prunero*, etc. La explicación de estas generalizaciones está en la homonímia que hay para designar la fruta y el árbol en *albérchigo*, *durazno*, *melocotón*, *membrillo*, *níspero*, etc (ALVAR E POTTIER, 1983, p. 385-386, grifos dos autores)”.

²⁸⁹ No português, para esses mesmos casos, a derivação por *-eir-* é a mais produtiva e, ao que parece, a única possível por sufixação. Admitem-se, no entanto, na variedade brasileira, estruturas compositivas do tipo *pé de acerola*, *pé de tangerina*, *pé de damasco*. Sobre esse padrão de construção no português do Brasil, ver a dissertação de Higino da Silva (2011).

²⁹⁰ Exemplos dados por Pérez (1997, p. 28).

Lloyd (1987), na obra *Do latim ao espanhol: fonologia e morfologia históricas da língua espanhola*²⁹¹, não traz uma abordagem voltada especificamente para a formação de palavras, com a descrição de aspectos históricos, morfológicos e semânticos atinentes aos formativos. Sendo assim, o que se aparece relacionado ao *-ero* nesse livro é para explicar questões de natureza linguístico-teórica ou para exemplificar processos fonético-fonológicos da história do espanhol. A seguir, apresentam-se as cinco menções ao sufixo, na ordem em que Lloyd (1987) as faz:

É comum nos estudos da linguística tradicional fazer distinção entre morfologia “lexical” e “flexional”. Morfologia lexical é o estudo de lexemas independentes, tais como os que vimos acima na derivação de *librero* a partir de *libro*. Embora a relação entre essas duas palavras pareça ser um pouco semelhante à relação entre *libro* e *libros*, i.e., um sufixo é adicionado à base, na maioria dos casos, a relação é completamente diferente. A formação de *librero* serviu para criar um novo lexema que, em certa medida, é independente da sua base. Muitas outras palavras se formaram por uma via similar, p. ex., *mesero*, *cartero*, *alfombrero*, *maletero*, *cuchillero*, *papelero*, *lechero*, *cantinerero*, etc. no entanto não são todos os substantivos que podem produzir automaticamente uma forma em *-ero*. A partir de *pared* ‘parede’ deveria ser possível a forma **paredero*, no entanto ela não parece existir como uma parte do léxico geral do espanhol. O mesmo pode ser dito de **maquinero* como derivado de *máquina* ou **presero*, a partir de *presa* ‘represa’, *reactorero*, a partir de *reactor*, e muitas outras. Em suma, formações em *-ero* são muito limitadas apesar do grande número que realmente existe, e da facilidade com que novas podem ser formadas. Além disso, uma vez criada uma palavra em *-ero*, ela pode perder muito de sua base. *Caballero*, por exemplo está agora bem longe de ter muita associação com *caballo* ‘cavalo’. Circunstâncias históricas deram a *caballero* uma série de significados que não podem ser previstos a partir da palavra base ‘nobre, cavalheiro’. De outro lado, não há limite para a formação de plurais a partir dos substantivos no singular, apesar do fato de algumas palavras poderem aparecer somente no plural, p. ex., *tijeras* ‘tesoura’, enquanto outras palavras podem ser muito raras no plural, p. ex. *aguas* ‘chuvas’, *harinas* ‘farinhas’, etc (LLOYD, 1987, p. 55-56, tradução nossa²⁹², grifos do autor).

Nesse primeiro trecho, Lloyd (1987) usa a aplicação do sufixo *-ero*, com o intuito de explicar a diferença entre morfologia lexical e morfologia flexional. É um debate já clássico no

²⁹¹ Tradução nossa para *From Latin to Spanish: Historical phonology and morphology of the Spanish language*

²⁹² “It is the usual in traditional linguistic studies to distinguish between “lexical” and “inflectional” morphology. Lexical morphology is the study of independent lexemes, such as we saw above in the derivation of *librero* from *libro*. Although the relation between these two words may seem somewhat similar to the relation between *libro* and *libros*, i.e., a suffix is added to a base, for the most part the relation is quite different. The formation of *librero* served to create a new lexeme that is in some sense independent of its base. Many other words have been formed in a similar way, e.g., *mesero*, *cartero*, *alfombrero*, *maletero*, *cuchillero*, *papelero*, *lechero*, *cantinerero*, etc., and yet not all substantives can automatically produce a derived form in *-ero*. From *pared* ‘wall’ one should be able to form **paredero*, and yet it does not seem to exist as a part of the general Spanish lexicón. The same thing is true of **maquinero* as derivative of *máquina* ‘machine’ or **presero* from *presa* ‘dam’, *reactorero* from *reactor*, or many more. In short, formations in *-ero* are greatly limited, in spite of the large number that actually do exist, and the facility with which new ones can be formed. Also, once a word in *-ero* is created, it may eventually lose much of its base. *Caballero*, for example is now far removed from much association with *caballo* ‘horse’. Historical circumstances have given *caballero* a number of meanings that could not be predicted from the base word ‘knight, gentleman’. On the other hand, there is no limit to the formation of plurals from singular substantives, in spite of the fact that a few words may appear only in the plural, e.g. *tijeras* ‘scissors’, while other words may be quite rare in the plural, e.g. *aguas* ‘waters’, *harinas* ‘flours’, etc.” (LLOYD, 1987, p. 55-56, grifos do autor).

âmbito dos estudos morfológicos, tendo sido feito por Chomsky (1970), Câmara Jr. (1970), Anderson (1982) e Gonçalves (2011, 2013). Os critérios de diferenciação usados por Lloyd (1987) são os de aplicabilidade e estabilidade semântica, enquanto a desinência de plural, de natureza flexiva, se aplica a praticamente todos os substantivos, com um significado regular, o sufixo *-ero* não pode ser aplicado a qualquer substantivo e pode gerar significados, em certa medida, imprevisíveis.

Depois desse primeiro momento, a menção ao *-ero* aparece na explicação de desenvolvimentos fonético-fonológicos. Como exemplo de formação de ditongos no espanhol antigo, Lloyd (1987, p. 189, tradução nossa²⁹³, grifos do autor) menciona o desenvolvimento “-ĀRIU (sufixo agentivo) > *-airo* > *-ero*”, em que se nota a metátese na passagem da forma latina *-āriu* ao arcaico *-airo*²⁹⁴. Para comentar sobre a monotongação no mesmo período da língua, aparece a evolução “ALTĀRIU > *otero* ‘outeiro, colina’” (LLOYD, 1987, p. 190, tradução nossa²⁹⁵, grifos do autor).

A quarta menção feita por Lloyd (1987) se baseia na constatação de Malkiel (1971) de que a maioria dos sufixos do espanhol apresenta “ressonantes (isto é, líquidas ou nasais) que foram naturalmente sonorizadas, ou obstruentes sonoras, por exemplo, *-al, -il* etc., *-ar, -ero*, etc., *-ano, -ino, -iño, -ido, -ajo*” (LLOYD, 1987, p. 262, tradução nossa²⁹⁶, grifos do autor).

Por último, Lloyd (1987), ao falar de monotongações esporádicas na história do espanhol, menciona, inicialmente, a competição entre /ie/ (*priesco* e *aviespa*) /i/ (*prisco*, *avispa*), e sugere que tenha havido algo parecido na competição entre /ue/ e /e/. É nesse contexto que são mencionados os sufixos *-uero* e *-ero*:

O primeiro é o sufixo *-ero* < -ĀRIU (através de *-airo* < *-eiro*) e o sufixo *-(ad)uero* < -(AT)ŌRIU, p.ex., *cuchillero* ‘fabricante, vendedor de facas’, *asmaduero* ‘digno de estima’, *cobdiciaduero* ‘desejável, que provoca luxúria’ etc. Por volta de 1300 nós vemos que os adjetivos em *-duero* começaram a se conectar com as suas contrapartes em *-ero* para que hoje a única forma do sufixo seja *-dero*, e.g., *hacedero* ‘viável’ (LLOYD, 1987, p. 319, tradução nossa²⁹⁷, grifos do autor).

²⁹³ “-ĀRIU (agential suffix) > *-airo* > *-ero*” (LLOYD, 1987, p. 189, grifos do autor).

²⁹⁴ Gonçalves e Belchor (2017) usam esse mesmo exemplo para o fenômeno de metátese, no livro *Fonologia histórica do português*, com a diferença de que o português desenvolve, depois, a forma *-eiro*, mantendo-se o ditongo.

²⁹⁵ “ALTĀRIU > *otero* ‘hillock, knoll’” (LLOYD, 1987, p. 190, grifos do autor).

²⁹⁶ “resonants (i.e., liquids or nasals) which were naturally voiced, or voiced obstruents, e.g., *-al, -il*, etc. *-ar, -ero*, etc., *-ano, -ino, -iño, -ido, -ajo*” (LLOYD, 1987, p. 262, grifos do autor).

²⁹⁷ “The first is the suffix *-ero* < -ĀRIU (through *-airo* < *-eiro*) and the suffix *-(ad)uero* < -(AT)ŌRIU, e.g., *cuchillero* ‘knife maker, seller’, *asmaduero* ‘worthy of esteem’, *cobdiciaduero* ‘desirable, provoking lust’, etc. Around 1300 we see that adjectives in *-duero* began to be merged with their counterparts in *-ero* so that today the only form of the suffix is *-dero*, e.g., *hacedero* ‘feasible’” (LLOYD, 1987, p. 319, grifos do autor).

Ainda que as menções de Lloyd (1987) sejam voltadas para os aspectos fonético-fonológicos, pode-se, sobretudo com base nesse último excerto, perceber a evolução do elemento na história do espanhol e entender melhor como se deu a convergência com as formas originadas do *-orio* na língua.

Lang (1990), em livro sobre a formação de palavras no espanhol, aborda o par sufixal *-ero/-era*, no capítulo dedicado à sufixação não apreciativa, ou seja, aquela em que as palavras derivadas não deixam transparecer afetividade ou juízo de valor. Dentro desse capítulo, na seção dedicada às nominalizações denominais, nomes que se formam a partir de nomes, o autor apresenta os seguintes exemplos reproduzidos no Quadro 32.

Quadro 32 – Exemplos de palavras com sufixo *-ero/-era* no espanhol

a)	paraguas → paragüero	b)	pan → panera
	moneda → monedero		ensalada → ensaladera
	maleta → maletero		pitillo → pitillera
	flor → florero		guante → guantero
c)	baño → bañero	d)	albaricoque → albaricoquero
	pistola → pistolero		melocotón → melocotonero
	alcachofa → alcachofero		durazno → duraznero
	balsa → balsero		limón → limonero

Fonte: dados de Lang (1990, p. 177).

Após a apresentação dos exemplos, Lang (1990) procura fazer a caracterização semântica desses. Seguem as palavras explicativas do autor:

Em a) estão termos que expressam o recipiente de objetos concretos por meio da utilização de *-ero*. B) aborda a variante *-era*, que se adjunge tanto a bases masculinas como a femininas com o mesmo sentido que em a). A seleção da variante não é determinada morfológicamente. Frequentemente, está condicionada dialetalmente produzindo resultados com os dois gêneros, como *azúcar* → *azucarero* (na Espanha) e *azúcar* → *azucarera* (Sudamérica). C) aborda o uso agentivo, em que a base designa o material ou objeto utilizado – estes derivados geralmente se apresentam como formas específicas relacionadas a determinadas atividades. Os produtos resultantes da derivação em *-ero* são muito frequentemente ambivalentes, e abarcam igualmente o recipiente e o agente: em *harina* → *harinero*, o derivado pode estar se referindo tanto ao pote onde se guarda a farinha como ao comerciante de farinha. D) mostra a denominação de árvores, de limitada produtividade, pois *-ero*, nesta função, é bem menos utilizado que *-al*. Quando alterna com formações em *-ista*, que também gera agentivos animados denominais, produz-se um efeito pejorativo nas formas em *-ero* (cfr. *un futbolista admirable, un futbolero violento*). A produtividade de *-ero* é muito alta quando atua como agentivo ou locativo. Também pode funcionar como formador de adjetivos (LANG, 1990, p. 177-178, tradução nossa²⁹⁸, grifos do autor).

²⁹⁸ “En a) se contienen términos que expresan el receptáculo de objetos concretos mediante la utilización de *-ero*. B) recoge la variante *-era*, que se añade tanto a bases masculinas como a femeninas con el mismo sentido que en a). La selección de la variante no está determinada morfológicamente. A menudo, se encuentra condicionada dialectalmente produciendo resultados con ambos géneros, como *azúcar* → *azucarero* (en España) y *azúcar* → *azucarera* (Sudamérica). C) recoge el uso agentivo, donde la base constituye el material u objeto utilizado – estos

Nessa passagem de Lang (1990), merece destaque o comentário sobre a pouca atuação do *-ero* na formação de árvores, principalmente se comparado a *-al*. Na abordagem de García de Diego (1951), menciona-se a baixa produtividade, comparando-se ao galego. Alvar e Pottier (1983) não tratam de questões relacionadas à produtividade, mesmo apresentando a existência de outra estratégia: a mudança do gênero do fruto. Dessa maneira, o excerto de Lang (1990) apresenta um terceiro prisma, para se interpretar essa baixa produtividade.

Cabe mencionar, ainda, o fato de Lang (1990) sinalizar o caráter pejorativo que as formas em *-ero* podem ter, quando comparadas com formas em *-ista*. Esse é um fato que acontece também no português, mas, no constraste apresentado por Lang, não se sabe até que ponto é o sufixo que insere o caráter pejorativo ou o adjetivo que aparece na estrutura sintagmática, ou ambos.

Em sua *Gramática histórica do espanhol*²⁹⁹, Penny (2014 [1993], p. 316-317) dedica uma seção do capítulo de léxico à formação de palavras. O autor traz comentários relativamente detalhados para o que Lang (1990) chama de sufixação apreciativa, mas, para a do tipo não apreciativa, apenas faz uma listagem de sufixos substantivais, adjetivais e verbais. Os sufixos *-ero/-era* que são dados como desenvolvimentos das formas latinas *-āriu/-āria*, aparecem em quatro categorias: (i) formador de substantivos a partir de outros substantivos, como *joyero* (joalheiro; porta-joias); (ii) formador de substantivos a partir de adjetivos, como *cojera* (claudicação); (iii) formador de adjetivos a partir de substantivos, como *playero* (praieiro); (iv) formador de adjetivos a partir de verbos, como *decidero* ('que pode ser dito sem objeção ou inconveniência')³⁰⁰. Há ainda uma menção ao *-ero* que se desenvolve de *-ōriu* e se aplica a verbos. As formas *-uero* e *-orio* são dadas como variantes. Cumpre ressaltar que Penny (2014 [1993]) comenta que sufixos como *-ero*, *-izo* e *-or* que se aplicam a verbos, no latim, operavam sobre bases participiais.

Miranda (1994), em livro sobre formação de palavras na língua espanhola, retoma Alvar e Pottier (1983), para falar da origem do sufixo *-ero*³⁰¹, e mantém as categorias propostas por

derivados resultan ser habitualmente formas específicas relacionadas con determinados negocios. Los eductos (sic) resultantes de la derivación en *-ero* soy muy a menudo ambivalentes, y abarcan por igual el receptáculo y el agente: en *harina* → *harinero*, el derivado puede estar referido por igual tanto al bote donde se guarda la harina como el tratante de harina. D) muestra la denominación de árboles, de limitada productividad, puesto que *-ero*, en esta función, es mucho menos utilizado que *-al*. Cuando alterna con formaciones en *-ista*, que también genera agentivos animados denominales, se produce un efecto peyorativo en las formas en *-ero* (cfr. *un futbolista admirable, un futbolero violento*). La productividad de *-ero* es muy alta cuando actúa como agentivo o lacativo (sic). También puede funcionar como formante adjetival” (LANG, 1990, p. 177-178, grifos do autor).

²⁹⁹ Tradução nossa do sentido identificado na *Gramática histórica del español*.

³⁰⁰ Definição dada com base na definição do Diccionario da Real Academia Española.

³⁰¹ Destaque-se que o autor só considera o *-ero* advindo de *-ariu*.

esses autores, valendo-se inclusive das etiquetas *-ero*₁, *-ero*₂. Para *-ero*₁³⁰², o autor atribui os significados de profissão/ocupação, com os exemplos, *pistolero* e *organero*, e de denominação de árvores, como em *nisperero* e *limonero*. Para *-ero*₂, são dados os significados de recipiente/utensílio/receptáculo de objetos concretos, como em *perchero*, *monedero* e *billetero*, e de quantidade grande, conjunto ou lugar onde há alguma coisa, como em *refranero* e *cancionero*.

Em uma obra coletiva voltada para o léxico histórico das línguas românicas, Kratschmer e Metzeltin (1995) se encarregam de descrever variados aspectos lexicais do castelhano medieval. Na parte dedicada à formação de palavras, o sufixo *-ero* aparece comentado da seguinte maneira:

[...] *-ero/era* (< -ARIUM/ARIAM; combinação: com substantivos; significado: ‘pessoa que exerce a profissão denotada pelo substantivo’): *arquero* ‘arqueiro’, *colmenero* ‘apicultor’, *ferrero* ‘ferreiro’, *pedrero* ‘pedreiro’, *ingeniero* ‘engenheiro’, *estrellero* ‘astrólogo’, *vyolero* ‘violeiro’, *mensonero* ‘pousadeiro’, *çapatero* ‘sapateiro’, *tendero* ‘tendeiro’, *recuero* ‘almocreve’, *pregonero* ‘pregoeiro’, *lençero* ‘fabricante ou vendedor de lençóis e outras roupas de cama e mesa’, *messeguro* ‘responsável por cuidar das colheitas’, *partera* ‘parteira’, *fechizera* ‘feiticeira’; *caminero* ‘caminhante’ (KRATSCHEMER E METZELTIN, 1995, p. 567, tradução nossa³⁰³, grifos dos autores).

Na explicação desses autores, só se vê a acepção de agente. Pérez (1997), no livro *A derivação nominal em espanhol*³⁰⁴, separa os sufixos do espanhol conforme as classificações semânticas. Diferentemente do que se viu com Kratschmer e Metzeltin (1995), a autora aponta outros significados para *-ero/-era*, como se pode ver no Quadro 33.

Quadro 33 – Categorias semânticas para *-ero/-era* a partir de Pérez (1997)

Significados	Formas do sufixo	Exemplos	Categorias das bases
Gentílicos	<i>-ero</i>	<i>santiaguero</i> ³⁰⁵	Topônimos
Lugares	<i>-dero</i>	<i>desfiladero, despeñadero, atracadero, fondeadero, abrevadero, agostadero, lavadero, secadero, matadero, aserradero, fumadero, tendadero, vertedero, bebedero, comedero, pudridero, moridero.</i>	Verbos

³⁰² O autor também sinaliza a ligação com o sufixo grego *-ía* para formar *-ería*, usado para formar palavras com o significado de ‘lugar onde se vende alguma coisa’, como *lechería* e *pollería*.

³⁰³ “[...] *-ero/era* (< -ARIUM/ARIAM; combinación: con sustantivos; significado: ‘persona que ejerce la profesión denotada por el sustantivo’): *arquero, colmenero, ferrero, pedrero, ingeniero, estrellero, vyolero, mensonero, çapatero, tendero, recuero, pregonero, lençero, messeguro, partera, fechizera; caminero* ‘caminante’” (KRATSCHEMER E METZELTIN, 1995, p. 567, grifos dos autores).

³⁰⁴ Tradução nossa para *La derivación nominal en español*.

³⁰⁵ Esse exemplo aparece em caráter excepcional, quando Pérez (1997, p.19-20) menciona o caso de vários lugares com o mesmo topônimo. O exemplo de *santiaguero* aparece ao lado de *santiaguense, santiagueño, santiaguino* e *santiagués*. Ao tratar de gentílicos, a autora não menciona o *-ero*, nem mesmo como pouco produtivo.

	-era	<i>cantera, calera, junquera, pradera, conejera, leñera, fresquera, gasolinera, cochera, arenera, perrera.</i>	Substantivos
	-ero	<i>gallinero, trastero, escobero, basurero, estercolero, granero.</i>	
Profissões	-ero;-era	<i>pescadera³⁰⁶, ingeniera, camarero, minero, mensajero, librero, cajera, portero, cocinera, tendera, quiosquera, bombero, autobusero.</i>	Substantivos
	-ndero;-ndera	<i>barrendero, curandera, hilandero, lavandera.</i>	Verbos
Recipientes	-era	<i>ensaladera, cartuchera, papelera, jabonera, bombonera, sombrerera, vinagrera, aceitera, salsera, quesera, disquetera, casetera, cubitera.</i>	Substantivos
	-ero	<i>brasero, florero, paragüero, tintero, cenicero, pastillero, joyero, monedero, especiero, tarjetero.</i>	
Instrumentos	-dera	<i>regadera, coladera, mamadera, espumadera, exprimidera.</i>	Verbos
Árvores	-era	<i>higuera, brevera, morera, cidrera, madroñera, guillomera, datilera, olivera, platanera, cambutera.</i>	Substantivos
	-ero	<i>melocotonero, albaricoquero, limonero, alcanforero, pimentero, alberchiguero, duraznero, grosellero, pistachero, limero, membrillero, platanero, azamboero, avugüero, cocotero.</i>	

Fonte: dados de Pérez (1997, p. 19-29).

Entre as classificações vistas até aqui para o sufixo espanhol, a de Pérez (1997) é a mais diversificada, ainda que a autora não mencione as formações adjetivas. Também não há comentários sobre etimologias, daí não se pode supor qual o posicionamento da autora sobre os variados desenvolvimentos (< -ariu; < -oriu), funcionamentos (deverbal, deadjetival, denominal) e formas (-ero, -dero, -duero, -ndero etc.) do sufixo.

³⁰⁶ *Pescadera* é a mulher que vende *pescado* (peixe). A base é, portanto, o substantivo, não o verbo *pescar*.

Ruiz (1998), no trabalho *A evolução dos sufixos -dor e -dero: um caso de amálgama morfológica para a expressão de gênero*³⁰⁷, trata desse aspecto específico destacado no título. É uma questão importante na história do sufixo espanhol, que já apareceu em várias categorizações. Sem o intuito de encerrar as discussões sobre os desenvolvimentos dos sufixos, o ponto de partida da autora é o entendimento de que:

[à] análise do comportamento formal e semântico destes elementos, deve ser acrescentada a referência a um terceiro afixo latino, -ARIUS, A, UM, considerado por Y. Malkiel (1988) e K. Connors (1971) como o elemento de conexão entre -TOR (> -dor) e -TORIUS, A, UM (> -dero, dera) (RUIZ, 1998, p. 145, tradução nossa³⁰⁸, grifos da autora).

Com esse excerto, pode-se ver que, no entendimento de Ruiz (1998), o sufixo *-dero* se origina do *-torius* latino, que, por sua vez, é uma conexão entre os também latinos *-tor* e *-arius*. Ao longo do texto, a autora procura apresentar a trajetória desses elementos, partindo da língua grega e mostrando como eles se conectaram na língua latina. É um caminho, em certa medida, parecido com o que Viaro (2011) faz para explicar as várias convergências para o *-arium*.

Quando chega à língua castelhana medieval, a autora mostra a aproximação entre a forma *-duero* (< *torius*) com o *-ero* (< *arius*), resultando em *-dero*. Nesse sentido, apresenta-se a mesma explicação de Lloyd (1987). Ao retratar a ligação entre *-dero* e *-dor*, ainda no espanhol antigo, a autora destaca que a ausência de formas femininas marcadas com *-a* no paradigma com *-dor* acaba fazendo com que o *-dera* seja usado para preencher tal lacuna³⁰⁹. Essa conexão pautada na marcação do gênero impulsionará o uso do *-dero/-dera* no espanhol, até os dias atuais.

³⁰⁷ Tradução nossa para *La evolución de los sufijos -dor e -dero: un caso de amálgama morfológica para la expresión del género*.

³⁰⁸ “Al análisis del comportamiento formal y semántico de estos elementos ha de sumarse la referencia a un tercer afixo latino, -ARIVS, A, VM. considerado por Y. Malkiel (1988) y K. Connors (1971) como el elemento de conexión entre -TOR (> -dor) y -TORIVS, A, VM (> -dero, dera)” (RUIZ, 1998, p. 145, grifos da autora).

³⁰⁹ Essa tendência também foi vista no português arcaico (PA) e é destacada por Nunes (1969), na sua gramática histórica da língua portuguesa. Em texto sobre a sinonímia entre sufixos no PA, Almeida e Soledade (2009) apontam casos de formas duplas com os sufixos *-dor* e *-deir-*. São exemplos das autoras: *mercador* e *mercadeiro*, *cantadores* e *cantadeyras* e *tecedores* e *tecedeyras*. No trabalho de Costa e Soledade (2013), sobre o sufixo *-dor* no português arcaico, as autoras destacam a frequência muito baixa de formas femininas marcadas, como *-dora*. As formas terminadas em /or/, no português arcaico, eram uniformes (COUTINHO, 1971). O único exemplo de Costa e Soledade (2013), *vendedora*, aparece já no final do período, no século XVI, período de transição, e a disseminação do padrão com *-dora* é uma inovação do português clássico. Simões Neto (2016), trabalhando com o sufixo *-eir-*, encontrou formas como adivinhadeiras *bailhadeyras*, *comendadeira*, *estragadeyra*, *mandadeyra*, *medideiras*, *mercadeyra*, *sabedeira*, *tecedeyras*, *uendedeiras*, *valedeiras*, claramente deverbais. É possível se pensar que, dado o fato de *-dor* e *-deir-* estarem em uma mesma rede semântico-etimológica, as formas em *-deira* foram usadas pelos falantes do PA para suprir a ausência do feminino marcado com o sufixo *-dor*. Com base na descrição de Ruiz (1998), pode-se sugerir que algo parecido tenha acontecido no espanhol medieval.

A descrição semântica feita por Ruiz (1998) se volta quase que inteiramente ao *-dor*, aplicando-se por tabela ao *-dero*. Ainda assim, cabe destacar a diferença que a autora estabelece entre *agente habitual* e *agente ocasional*, a partir da leitura de Laca (1993):

α) agente habitual [...] é aquele que se comporta como um grupo inteiro de indivíduos que executa a ação do verbo de modo regular. A alusão a esse grupo baseia-se, então, no exercício repetido da ação verbal. Por sua vez, dentro do agente habitual, é possível distinguir três outros grupos semânticos: os *agentes classificadores*, os *agentes caracterizadores* e os conhecidos como *agentes químicos*. Os *agentes classificadores* coincidem, na maioria dos casos, com os nomes de profissão, pois designam a pessoa que executa a ação do verbo como meio de ocupação. Esse grupo semântico, segundo a autora [LACA, 1993], carece de usos adjetivos: *cofrador*, *diseñador*, *predicador*, etc. O grupo de *agentes caracterizadores* é constituído por substantivos que designam indivíduos com comportamento usual ou reiterado; esse grupo de palavras, diante do grupo anterior, apresenta regularmente usos adjetivos na língua: *bebedor*, *madrugador*, *fumador*, *murmurador*, etc. O terceiro grupo de agentes habituais (agente químico) reúne os substantivos que apresentam o agente capaz de produzir um efeito concreto: *blanqueador*, *catalizador*, *fijador*, *reforzador* etc (RUIZ, 1998, p. 155, tradução nossa³¹⁰, grifos da autora).

β) agente ocasional [...] serve para identificar indivíduos específicos que realizam uma ação pontual, esporádica e sem continuação no tempo. A autora [LACA, 1993] distingue, por sua vez, os agentes que exibem comportamento perfectivo (*ganador*, *usurpador* etc.) daqueles que exibem comportamento cursivo (*competidor*, *mediador*, *creador* etc.) (RUIZ, 1998, p. 156, tradução nossa³¹¹, grifos da autora).

Ainda que Laca (1993) e Ruiz (1998) tenham proposto essas categorizações com base nos usos do sufixo *-dor*, e que já se tenham definido quase todas categorias de análise desta Tese na seção dedicada ao latim, é salutar destacar essa visão, porque mostra que a leitura dos fatos linguísticos que tem se desenvolvido aqui encontra correspondência em trabalhos de morfólogos de variadas nacionalidades.

O que Laca (1993) e Ruiz (1998) chamam de *agentes habituais* encontra correspondência no que tem se chamado da mesma forma na análise desenvolvida nesta Tese. O aspecto frequentativo e reiterado dos agentes é o que permite compreender essa categoria.

³¹⁰ “α) agente habitual [...] es el que se comporta como todo un conjunto de individuos que realiza la acción del verbo de manera asidua. La alusión a este colectivo se basa, pues, en el ejercicio reiterado de la acción verbal. A su vez, dentro del agente habitual es posible distinguir otros tres grupos semánticos: los *agentes clasificaficantes*, los *agentes caracterizantes* y los conocidos como *agentes químicos*. Los *agentes clasificantes* coinciden, en la mayoría de casos, con los nombres de profesión, ya que designan la persona que realiza la acción del verbo a modo de ocupación. Este grupo semántico, según la autora, carece de usos adjetivales: *cofrador*, *diseñador*, *predicador*, etc. El grupo de los agentes caracterizantes está formado por sustantivos que designan individuos con un comportamiento usual o reiterado; este grupo de voces, frente al grupo anterior, presenta regularmente usos adjetivales en la lengua: *bebedor*, *madrugador*, *fumador*, *murmurador*, etc. El tercer grupo de agentes habituales (*agente químico*) reúne aquellos sustantivos que presentan el agente capaz de producir un efecto concreto: *blanqueador*, *catalizador*, *fijador*, *reforzador*, etc (RUIZ, 1998, p. 155, grifos da autora)

³¹¹ β) agente ocasional [...] sirve para identificar individuos concretos que realizan una acción puntual, esporádica y sin continuación en el tiempo. La autora distingue, a su vez, aquellos agentes que presentan un comportamiento perfectivo (*ganador*, *usurpador*, etc.), de aquellos que presentan un comportamiento cursivo (*competidor*, *mediador*, *creador*, etc.)” (RUIZ, 1998, p. 156, grifos da autora).

No entanto, as autoras colocam os *profissionais* como uma subcategoria desse grupo, e o *habitual* desta Tese equivaleria ao que Laca (1993) e Ruiz (1998) chamam de *agentes caracterizadores*.

Essa compreensão não parece problemática, visto que, para o português *-eiro*, Almeida e Gonçalves (2005, 2006), Pizzorno (2010) e Soledade (2018) também ressaltam a frequência como um aspecto importante das designações de *profissionais* e, com base nessa característica, seriam derivados metonimicamente os *agentes habituais*. Destaque-se também que Laca (1993) e Ruiz (1998) mencionam que os *agentes caracterizadores* são mais passíveis de flutuação categorial, algo que, nesta Tese, tem sido percebido com os *adjetivos ressaltados* e os *agentes habituais*.

Os *agentes ocasionais*, por sua vez, encontram correspondência nos *agentes circunstanciais* apresentados aqui. A categorização nesta Tese partiu do trabalho de Souza (2006), sobre o *-ário* no português do Brasil. A despeito da diferença de nomenclatura, há uma perfeita confluência com a proposta de Laca (1993) e Ruiz (1998).

No terceiro volume da *Gramática descritiva da língua espanhola*, organizada por Bosque e Demonte (1999), há descrições do sufixo *-ero*, tanto na parte de derivação substantival quanto adjetival. Os derivados substantivos ficam a cargo de Lacuesta e Guisbert (1999), enquanto os adjetivos são analisados por Rainer (1999).

Lacuesta e Guisbert (1999) abordam os sufixos *-dero* e *-ero*, em seções separadas. Sem entrar no mérito da questão etimológica das formas, os autores mencionam a postura de outros autores sobre essa divisão:

Embora Rainer (1993: 440-443) considere a existência de três sufixos diferentes (*-dero*, *-dera*, *-deras*), a maioria dos autores (Fernández Ramírez, 1986; Laca, 1986; Lang, 1992; Moreno de Alba, 1986, etc.) fala de um único sufixo. O que é afirmado sobre *-ero* ~ *-era* é em grande parte aplicável a *-dero* ~ *-dera*, exceto que, neste caso, não há designações de agente (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4537-4538, tradução nossa³¹², grifos dos autores).

Os autores destacam que, do ponto de vista da combinação morfológica, o *-dero* não apresenta irregularidades, aplicando-se a temas verbais, tal como o *-dor*. Do ponto de vista

³¹² “Aunque Rainer (1993: 440-443) considera la existencia de tres sufijos diferentes (*-dero*, *-dera*, *-deras*), la mayoría de los autores (Fernández Ramírez, 1986; Laca, 1986; Lang, 1992; Moreno de Alba, 1986, etc.) hablan de un único sufijo. Lo que se señala a propósito de *-ero* ~ *-era* es gran parte aplicable a *-dero* ~ *-dera*, salvo en que en este caso no existen designaciones de agente” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4537-4538, grifos dos autores).

semântico, Lacuesta e Guisbert (1999) mencionam o paralelismo que esse sufixo mantém com o *-ero*:

Em seu significado, *-dero* ~ *-dera* mantém um certo paralelo com *-ero* ~ *-era*. No masculino *-dero*, predominam conceitualmente as derivações que indicam finalidade e as relações locativas: *abrevadero*, *apartadero*, *atracadero*, *bebedero*, *burladero*, *cargadero*, *criadero*, *desolladero*, *meadero* etc. Por outro lado, são raros os nomes de instrumento puros, *arrendadero* o *disparadero* («gatilho» (DRAE)), e o mesmo se aplica a nomes de lugar estritos (*desfiladero*, *despeñadero* etc.). Lexicalmente, é comum que esses derivativos sejam agrupados em certos campos nocionais relacionados à agricultura, pecuária e navegação, como aponta Rainer (1993: 442), embora não sejam exclusivos a esses tipos de atividades, como mostram as formas *mentidero*, *meadero*, *fregadero*, *pueridero*, *respiradero*, etc (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4538, tradução nossa³¹³, grifos dos autores).

Quanto às relações semânticas entre a base verbal e o derivado em *-dero*, Lacuesta e Guisbert (1999) sinalizam que nem sempre essas são transparentes, e isso certamente deve a pelo menos três motivos diferentes:

- a) A atualização de um significado metafórico da base verbal, como acontece, por exemplo, em *atolladero*, *hervidero*, *picadero*, etc.
- b) A uma especialização ou restrição do conteúdo semântico do derivado que só é deduzível a partir do nosso conhecimento enciclopédico, como acontece, por exemplo, em *burladero*, *pueridero*, *tentadero*, etc.
- c) Uma mudança metafórica ou metonímica do derivado, que pode inclusive causar uma mudança no tipo de conteúdo semântico-gramatical, como exemplificado em *herradero*, que, além do significado locativo, pode designar um *nombre de acción* («ação ou efeito de marcar o gado com o ferro») ou ter um significado temporário («estação ou temporada em que se efetua»). (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4538, tradução nossa³¹⁴, grifos dos autores).

³¹³ “En su significado, *-dero* ~ *-dera* guardan un cierto paralelismo con *-ero* ~ *-era*. En el masculino *-dero* predominan conceptualmente las derivaciones que indican finalidad y las relaciones locativas: *abrevadero*, *apartadero*, *atracadero*, *bebedero*, *burladero*, *cargadero*, *criadero*, *desolladero*, *meadero* etc. Son, en cambio, raros los nombres de instrumento puros, como *arrendadero* o *disparadero* («disparador de un arma» (DRAE)), y lo mismo sucede con los nombres de lugar estrictos (*desfiladero*, *despeñadero*, etc.). Léxicamente, es frecuente que estos derivados se agrupen en determinados campos nocionales relacionados con la agricultura, la ganadería y la navegación, como señala Rainer (1993: 442), aunque no resultan exclusivos de este tipo de actividades, como muestran las formas *mentidero*, *meadero*, *fregadero*, *pueridero*, *respiradero*, etc.” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4538, grifos dos autores).

³¹⁴ “a) A la actualización de un significado metafórico de la base verbal, como sucede, por ejemplo, en *atolladero*, *hervidero*, *picadero*, etc.

b) A una especialización o restricción del contenido semántico del derivado que sólo es soluble a partir de nuestro saber enciclopédico, como sucede, por ejemplo, en *burladero*, *pueridero*, *tentadero*, etc.

c) A un desplazamiento metafórico o metonímico del derivado, que puede incluso provocar un cambio en el tipo de contenido semántico-gramatical, como se observa ejemplarmente en *herradero* que, además de la acepción locativa, puede designar un *nombre de acción* («acción o efecto de marcar o señalar con el hierro a los ganados») o poseer un significado temporal («estación o temporada en que se efectúa».)” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4538, grifos dos autores).

Lacuesta e Guisbert (1999) tratam ainda dos aspectos semânticos que são pertinentes à forma sufixal feminina *-dera*. Para os autores, as categorias vistas com *-dera* são mais complexas, pois tendem a mesclar mais significados, como se pode ver a seguir:

- a) Exemplos nos quais se combinam a relação «locativa» e a «instrumental»: *amasadera, escupidera, paridera, etc.*
- b) Exemplos que dizem respeito exclusivamente à relação instrumental: *abrazadera, plegadera, podadera, regadera, etc.*
- c) Nomes de ação: *lloradera, sudadera, tembladera*. Segundo Rainer (1993: 440) todos esses exemplos «contêm além do significado de ação um componente semântico intensificador», embora seja possível que em algum dos exemplos a alternância seja mais dialetal que semântica (comparar. *temblor, tembladera, temblequeo*).
- d) Determinados nomes de seres animados (plantas, insetos, pássaros) como resultado de uma elipse do substantivo: *adormidera, agachadera, comedera, enredadera, tejedera, etc* (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4539, tradução nossa³¹⁵, grifos dos autores).

Na abordagem do sufixo *-ero*, Lacuesta e Guisbert (1999) destacam inicialmente a ligação histórica desse sufixo com *-dero*, *-ario* e *-era*. No entendimento dos autores, separar o *-ero* do *-dero* é relativamente fácil, porque do ponto de vista da operação morfológica, o *-ero* tende a se aplicar a bases nominais e o *-dero* a bases verbais. Os contrastes com *-ario* e *-era*, no entanto, são mais complicados.

Sobre as diferenças do *-ero* com o *-ario*, Lacuesta e Guisbert (1999) comentam:

- a) Existência de diferenças formais entre base de derivação e [produto] derivado no caso de *-ario* que não existem em *-ero*: *baño/balneario, leyenda/legendario, sangre/sanguinario, etc.*
- b) Diferenças no plano semântico entre ambos sufixos, que não se manifestam tanto na classificação semântica dos derivados, quanto em determinadas diferenças que praticamente tocam o plano gramatical. Essas diferenças são:
 - 1) Os derivados com *-ario* se lexicalizam como adjetivos mais frequentemente que os derivados com *-ero*.
 - 2) *-ario* não aparece em formações adjetivas nas quais se indica a predileção ou propensão de um indivíduo a algo, função que está reservada exclusivamente para *-ero*: *callejero, bichero, peñero, etc.*
 - 3) No caso das designações de pessoas, *-ario* evolui de formações agentivas do tipo *incendiario, visionario, etc.*, para outras nas quais se produz a topicalização de um objeto indireto: *becario, beneficiario, concesionario, etc.*

³¹⁵ “a) Ejemplos en los que se combina la relación «locativa» y la «instrumental»: *amasadera, escupidera, paridera, etc.*

b) Ejemplos que responden a la relación instrumental exclusivamente: *abrazadera, plegadera, podadera, regadera, etc.*

c) Nombres de acción: *lloradera, sudadera, tembladera*. Según Rainer (1993: 440) todos estos ejemplos «contienen además del significado de acción un componente semántico intensificativo», aunque puede que en alguno de los ejemplos la alternancia sea más dialectal que semántica (comp. *temblor, tembladera, temblequeo*).

d) Determinados nombres de seres animados (plantas, insectos, pájaros) como resultado de una elipsis del sustantivo: *adormidera, agachadera, comedera, enredadera, tejedera, etc.*” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4539, grifos dos autores).

4) No caso das designações de objetos, os derivados com *-ario* possuem frequentemente um significado coletivo (*abecedario, bestiaro, mobiliario, etc.*) que resulta muito pouco significativo no caso de *-ero* (*refranero, romancero*).

5) No caso das formas duplas não parece aleatória a distribuição do conteúdo semântico: *monedero/monetario, bañero/balneario, campanero/campanario, etc* (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4555-4556, tradução nossa³¹⁶, grifos dos autores).

Se a descrição de Lacuesta e Guisbert (1999) introduzisse o componente histórico, a situação apresentada em (a), por exemplo, estaria mais bem esclarecida. As formas *balneario, legendario*³¹⁷ e *sanguinario*, conforme o DRAE, que foi utilizado para compor a base de dados do espanhol desta Tese, são oriundas das formas latinas *balneārius* (LLC0096³¹⁸), *legendarius* (LLM0384), *sanguinārius* (LLC0572) e, muito provavelmente, chegaram ao castelhano pela via literária culta medieval. É por isso que há uma aproximação grafo-fônica entre as formas do espanhol contemporâneo e as formas latinas. Não se trata, portanto, de uma derivação que aconteceu na língua espanhola, em que os falantes, a partir de *baño, leyenda* e *sangre*, tenham chegado a essas formas, acionando supostos alomorfes etimológicos das bases. No entanto, não se pode deixar de reconhecer que a transparência semântica e, em certa medida, também fônica, permite que o falante estabeleça uma relação derivacional nesses casos.

Nesse mesmo sentido, poderiam ser explicados os casos em (b5), que são formas que apareceram no espanhol por diferentes vias. Conforme Corominas e Pascual (1984), as formas *monedero, bañero* e *campanero* derivam, na própria língua castelhana, a partir das bases substantivas *moneda* (< lat. *monēta*), *baño* (< lat. vulg. *baneum*) e *campana* (< lat. tard. *campāna*), ao passo que *monetario, balneario* e *campanario* são dados como cultismos por esses mesmos etimólogos, tendo advindo de *balneārius* (LLC0096), *monētārius* (LLC0425) e

³¹⁶ “a) Existencia de diferencias formales entre base de derivación y derivado en el caso de *-ario* que no existen en el de *-ero*: *baño/balneario, leyenda/legendario, sangre/sanguinario, etc.*

b) Diferencias en el plano semántico entre ambos sufijos, que no se manifiestan tanto en la clasificación semántica de los derivados, cuanto en determinadas diferencias que prácticamente rozan el plano gramatical. Esas diferencias son:

1) Los derivados con *-ario* se lexicalizan como adjetivos más frecuentemente que los derivados con *-ero*.

2) *-ario* no aparece en formaciones adjetivas en las que se indica la predilección o inclinación de un individuo por algo, función que está reservada exclusivamente para *-ero*: *callejero, bichero, peñero, etc.*

3) En el caso de las designaciones personales *-ario* evoluciona de formaciones agentivas del tipo incendiario, visionario, etc., a otras en las que se produce la topicalización de un objeto indirecto: *becario, beneficiario, concesionario, etc.*

4) En el caso de las designaciones de objeto, los derivados con *-ario* poseen con frecuencia un significado colectivo (*abecedario, bestiaro, mobiliario, etc.*) que resulta muy poco significativo en el caso de *-ero* (*refranero, romancero*).

5) En el caso de los dobles no parece resultar aleatoria la distribución del contenido semántico: *monedero/monetario, bañero/balneario, campanero/campanario, etc.*” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4555-4556, grifos dos autores).

³¹⁷ Destaque-se que o DRAE apresenta *legendario* como uma forma em desuso.

³¹⁸ Localização dessa palavra na base de dados de língua latina.

campanarius (LLM0120). Cabe destacar que esses pares apresentados em (b5), no espanhol³¹⁹, não são formas duplas que podem ser tomadas como sinônimas, pois há uma especialização de significados, ainda que dentro de um mesmo domínio da experiência.

Quando Lacuesta e Guisbert (1999) se voltam para o par *-ero* e *-era*, dizem que o debate é ainda mais complexo que os anteriores. O caso de *-ero* e *-dero* se resolve no plano da categoria da base, o de *-ero* e *-ario* pela questão histórica, mas o de *-ero* e *-era*, para além do contraste de gênero, traz uma discussão sobre serem duas formas de um mesmo sufixo ou dois sufixos diferentes³²⁰. Os autores sinalizam que não há consenso entre os morfólogos em relação a essa questão. Os que defendem a separação fazem isso, com base em:

- a) A impossibilidade de poder considerar feminino de *-ero* determinados exemplos de *-era* (*cochera*, *leñera*, etc.), pois se atualiza um conteúdo semântico diferente.
- b) A existência de alguns dos conteúdos semânticos atualizados por *-era* que lhe são praticamente exclusivos (especialmente o conteúdo «recipiente»: *panera*, *sopera*, etc.) (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4556, tradução nossa³²¹, grifos dos autores).

Para Lacuesta e Guisbert (1999), essa divisão é pouco produtiva, pois os fatos levantados pelos defensores da separação não parecem suficientemente relevantes. Lendo Laca (1986), os autores explicitam a inconsistência da decisão de se abordar como dois sufixos diferentes:

A existência ou não de variação de gênero ou a possibilidade de estabelecer oposições semânticas não baseadas no sexo não é exclusividade de *-era*, uma vez que também se observa no caso de *-ero* quando não designa seres vivos, quer dizer, não depende do conteúdo semântico do sufixo, e sim do derivado como tal. Se levamos essa argumentação até as suas últimas consequências, ver-nos-íamos obrigados a distinguir três tipos de sufixos diferentes: *-ero/-era* (animado), *-ero* (não animado) e *-era* (não animado, solução que intuitivamente parece pouco aceitável). Por outro lado, o fato de que o feminino parece especializar-se em relação a determinados conteúdos semânticos apresenta contraexemplos importantes: como «recipiente» tanto pode se considerar *salero*, *fichero*, *cenicero*, etc., quanto *panera*, *sopera*, *ensaladera*, etc. (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4556, tradução nossa³²², grifos dos autores).

³¹⁹ No português, também se percebem diferenças semântico-funcionais, quando se contrastam os pares *banheiro* (POR0222) e *balneário* (POR2215), *campeiro* (POR0440) e *campanário* (POR2247), e *moedeiro* (POR1375) e *monetário* (POR2537).

³²⁰ Para os sufixos portugueses *-eiro* e *-eira*, Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) fazem esse mesmo debate, que será retomado na seção dedicada à língua portuguesa.

³²¹ “a) La imposibilidad de poder considerar femenino de *-ero* determinados ejemplos de *-era* (*cochera*, *leñera*, etc.), pues se actualiza un contenido semántico diferente.

b) La existencia de algunos de los contenidos semánticos actualizados por *-era* que le son prácticamente exclusivos (especialmente el contenido «recipiente»: *panera*, *sopera*, etc.).” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4556, grifos do autor).

³²² “La existencia o no de variación genérica o la posibilidad de establecer oposiciones semánticas no basadas en el sexo no es exclusivo de *-era* sino que también se observa en el caso de *-ero* cuando no designa seres vivos, es decir, no depende del contenido semántico del sufijo, sino del derivado como tal. Si lleváramos esta argumentación hasta sus últimas consecuencias, nos veríamos obligados a distinguir tres tipos de sufijos diferentes: *-ero/-era*

Do ponto de vista das categorias semânticas, Lacuesta e Guisbert (1999, p. 4557-4558, grifos dos autores), à luz de Laca (1986), sugerem, inicialmente, que os derivados em *-ero/ -era* possam ser divididos em dois grupos maiores. O primeiro seria o de seres animados, cujo protótipo seria a designação de agentes profissionais: “*aduanero, archivero, jardinero, arponero, gaitero, cabrero, heirero, mensajero, cabrero, usurero, carabinero, cochero, obrero, peluquero, tapicero, tesorero, banderillero, novillero, lechero*”.

Sobre o segundo grupo, o de inanimados, os autores defendem que esses derivados refletem três tipos básicos de estruturas predicativas: *finalidade, localização e relação parte-todo*. Lacuesta e Guisbert (1999) explicam a classificação da seguinte maneira:

Finalidade: *mosquitero, carguero, petrolero*, etc. Em todos estes casos, podemos parafrasear a relação conceitual por meio da paráfrase: «X(derivado) serve para que Y (agente indeterminado) faça algo a Z (base da derivação)». Localização: *hormiguero, avispero, basurero*, etc. Neste caso, podemos parafrasear a relação conceitual da seguinte maneira: «Em X (derivado) há/vive/se encontra Z (base da derivação)». Relação parte-todo: *cancionero, cajonera, cristalera*, etc. Podemos parafrasear todos estes exemplos como «X (derivado) está formado/construído, contém, etc. Y (base da derivação)» (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4558-4559, tradução nossa³²³, grifos dos autores).

Mesmo com essa divisão, os autores sinalizam que é recorrente que derivados possam combinar mais de um tipo de estrutura predicativa. Esse reconhecimento é importante, pois mostra um olhar sensível para o fato de que categorias semânticas não podem ser abordadas de maneira estanque. Assim, exemplos desse tipo de conexão são: “finalidade e localização (como em *alfiletero, cenicero, gallinero, llavero, tintero, ombligüero*, etc.) e localização-relação parte-todo (como em *piojero, pulguero, hormiguero, fichero*, etc.)” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4559, tradução nossa³²⁴, grifos dos autores). Lacuesta e Guisbert (1999) sinalizam, no entanto, que essas conexões parecem não acontecer entre as estruturas predicativas de finalidade e de parte-todo.

(animado), *-ero* (no animado) y *-era* (no animado, solución que intuitivamente resulta poco aceptable). Por otro lado, el hecho de que el femenino parezca especializarse en relación con determinados contenidos semánticos presenta contraejemplos importantes: así tan «recipiente» puede considerarse *salero, fichero, cenicero*, etc., como *panera, sopera, ensaladera*, etc.” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4556, grifos dos autores).

³²³ “Finalidad: *mosquitero, carguero, petrolero*, etc. En todos estos casos podemos parafrasear la relación conceptual mediante la paráfrasis: «X(derivado) sirve para que Y (agente indeterminado) haga algo a Z (base de derivación)». Localización: *hormiguero, avispero, basurero*, etc. En este caso, podemos parafrasear la relación conceptual de la siguiente manera: «En X (derivado) hay/vive/se encuentra Z (base de derivación)». Relación parte-todo: *cancionero, cajonera, cristalera*, etc. Podemos parafrasear todos estos ejemplos como «X (derivado) está formado/construido, contiene, etc. Y (base de derivación).” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4558-4559, grifos dos autores).

³²⁴ “[...] finalidad y localización (como en *alfiletero, cenicero, gallinero, llavero, tintero, ombligüero*, etc.) y localización-relación parte-todo (como en *piojero, pulguero, hormiguero, fichero*, etc.)” (LACUESTA E GUISBERT, 1999, p. 4558-4559, grifos dos autores).

Diante das recorrentes conexões entre predicacões e de um sem-número de derivados que não se adequam a essas paráfrases, os autores concluem que não há uma correspondência perfeita entre o aspecto conceitual e o semântico-gramatical na categorização de palavras derivadas. Nas palavras de Lacuesta e Guisbert (1999):

Não existe, contudo, correspondência exata entre o nível conceitual e o nível semântico-gramatical, na medida em que não podemos descrever derivados desse sufixo apenas como nomes de lugares, nomes de instrumentos ou coletivos. Além disso, exemplos canônicos são especialmente escassos. Podemos considerar, por exemplo, como locativos *avispero*, *hormiguero*, *basurero*, *leñera*, na medida em que admitem paráfrase do tipo "local onde há/vive X", mas a paráfrase não seria adequada para muitos outros exemplos em que também subjaz a predicacão conceitual locativa, sozinha ou em combinação com qualquer uma das outras duas descritas acima. Normalmente, o derivado apresenta conteúdos sêmicos que são decorrentes de seu próprio caráter substantivo e não do tipo de predicacão em que a derivação se baseia. É por esse motivo que vários estudiosos (em particular, Rainer 1993, Lang 1992 e Fernández Ramírez 1986) propuseram descrições semânticas que levam em conta não apenas o tipo de relacionamento semântico de predicacão ou gramática, mas também a existência das relações de pertencimento a campos lexicais específicos. Então, por exemplo, derivados que designam tipos de embarcações (*velero*, *carguero*, *petrolero*, etc.), árvores ou arbustos (*algodonero*, *bananero*, *melocotonero*, *membrillero*, *pimentero*, *espanaguera*, *alcachofera*, etc.), recipientes (*salero*, *alfiletero*, *paragüero*, *tintero*, *ensaladera*, *yogurtera*, *cafetera*, etc.), roupas ou partes de roupas (*hombreira*, *orejera*, *pernera*, *puntera*, *sobaquera*, *tobillera*), etc. (LACUESTA E GISBERT, 1999, p. 4559, tradução nossa³²⁵, grifos dos autores).

Sobre esse último excerto de Lacuesta e Guisbert (1999), vale ressaltar os agrupamentos mencionados, como *embarcações*, *árvores* e *peças de roupa*, que se juntam, por sua vez, a *locativos*, *recipientes*, *instrumentos*, *coletivos* e *agentes*, citados anteriormente. Merece destaque também o reconhecimento dos autores da dificuldade de se estabelecer categorizações

³²⁵ No existe, sin embargo, una correspondencia exacta entre el nivel conceptual y el nivel semántico-gramatical, en la medida en que no podemos describir los derivados mediante este sufijo meramente como nombres de lugar, nombres de instrumento o colectivos. Es más, los ejemplos canónicos resultan especialmente escasos. Podemos considerar, por ejemplo, como locativos *avispero*, *hormiguero*, *basurero*, *leñera*, etc., en la medida en que admiten paráfrasis del tipo «lugar en el que hay / viven X», pero la paráfrasis no resultaría adecuada para muchos otros ejemplos en los que también subyace la predicación conceptual locativa en solitario o combinada con cualquiera de las otras dos antes descritas. Normalmente, el derivado presenta contenidos sémicos que se derivan de su propio carácter sustantivo y no del tipo de predicación en que se basa la derivación. Es por esta razón por lo que diversos estudiosos (en particular, Rainer 1993, Lang 1992 y Fernández Ramírez 1986) han propuesto descripciones semánticas en las que se tienen en cuenta no sólo el tipo de predicación o de relación semántico gramatical, sino también la existencia de relaciones de pertenencia a campos léxicos específicos. Así, por ejemplo, son especialmente frecuentes los derivados que designan tipos de barcos (*velero*, *carguero*, *petrolero*, etc.), árboles o arbustos (*algodonero*, *bananero*, *melocotonero*, *membrillero*, *pimentero*, *espanaguera*, *alcachofera*, etc.), recipientes (*salero*, *alfiletero*, *paragüero*, *tintero*, *ensaladera*, *yogurtera*, *cafetera*, etc.), prendas de vestir o partes de prendas de vestir (*hombreira*, *orejera*, *pernera*, *puntera*, *sobaquera*, *tobillera*), etc (LACUESTA E GISBERT, 1999, p. 4559, grifos dos autores).

com base exclusivamente na predicação semântico-gramatical, pois essas podem excluir muitos integrantes das categorias.

Essa é uma dificuldade com a qual esta Tese também se depara. Com base na Linguística Cognitiva, um dos pilares das análises aqui empreendidas, é admissível pensar na existência dos membros prototípicos, aqueles que atendem mais facilmente a essas predicções ou paráfrases, e outros mais periféricos, que embora não se encaixem bem nas paráfrases, apresentam algumas características das categorias em que se encaixam.

Diferentemente da descrição feita por Lacuesta e Guisbert (1999) para os derivados substantivos de *-ero*, a leitura que Rainer (1999) faz, na mesma gramática descritiva, dos derivados adjetivos de *-ero* é bastante curta e, em alguns momentos, não passa de ligeiras menções. O autor, antes de comentar o funcionamento de *-ero*, apresenta uma proposta de categorização dos adjetivos derivados da língua espanhola, que se reproduz no Quadro 34, com tradução nossa.

Quadro 34 – Classificação semântica dos adjetivos derivados do espanhol

Classificação semântica dos adjetivos derivados			Exemplo	
Deverbais	Ativos	Puros	<i>conmovedor</i>	
		Disposicionais	<i>adulón</i>	
		Potenciais	<i>móvil</i>	
	Passivos	Participiais	<i>comprado</i>	
		Potenciais	<i>transportable</i>	
		Deônticos	<i>abominable</i>	
Denominais	De relação	Normais	comarcal	
		Deonomásticos	De pessoa	cervantino
			De lugar	madrileño
	De semelhança	sanchopancesco		
	De posse	barbudo		
	De disposição	mujeriego		
	De efeito	simpático		
	Outros	tiranicida		
Denumerais	Ordinais	décimo		
	Partitivos	onceavo		
	Multiplicativos	cuadrúplo		

Fonte: Rainer (1999, p. 4598-4599, com tradução nossa).

A partir das categorias apresentadas no Quadro 34, Rainer (1999) coloca o sufixo *-ero* e, eventualmente, os sufixos *-dero* e *-ndero* nas categorias destacadas no Quadro 35:

Quadro 35 – Classificação semântica dos adjetivos derivados em *-ero*, *-dero*, *-ndero* no espanhol

Categorias morfossemânticas	Formas do sufixo	Comentários de Rainer (1999, com grifos do autor e tradução nossa)
DEVERBAL, ATIVO, PURO	<i>-dero</i>	“Não chegam a uma dúzia os adjetivos ativos em <i>-dero/a</i> : <i>barredero</i> , <i>duradero</i> , <i>majadero</i> (lexicalizado), <i>perdedero</i> , <i>plañidero</i> , <i>ponedero</i> , <i>valedero</i> , <i>vencedero</i> (pouco usado), <i>venidero</i> . Este tipo não pode ser considerado produtivo” (p. 4604 ³²⁶).
	<i>-ndero</i>	“Com <i>-ndero/a</i> está formado <i>volandero</i> ” (p. 4604 ³²⁷).
DEVERBAL, PASSIVO, DEÔNTICO	<i>-dero</i>	“Os três sufixos restantes deste tipo são marginais: o sufixo <i>-dero/a</i> aparece em <i>cumplidero</i> e <i>pagadero</i> [...] (p. 4610 ³²⁸).
DEVERBAL, PASSIVO, POTENCIAL		“O grupo dos adjetivos passivos potenciais em <i>-dero/a</i> não passa de uma dúzia: <i>abridero</i> , <i>bebedero</i> , <i>casadero</i> , <i>cogedero</i> , <i>comedero</i> , <i>hacedero</i> , <i>llevadero</i> , <i>pagadero</i> , <i>pasadero</i> , <i>ponedero</i> , bem como algum outro adjetivo ainda mais raro (p. 4610 ³²⁹).
DENOMINAL, DE RELAÇÃO, NORMAL	<i>-ero</i>	“A grande maioria dos adjetivos relacionais em <i>-ero/a</i> [...] se refere à vida econômica: <i>aceitero</i> , <i>aduanero</i> , <i>algodonero</i> , <i>arrocero</i> , <i>atunero</i> , <i>azucarero</i> , <i>ballenero</i> , <i>cervecerero</i> , <i>conservero</i> , <i>financiero</i> , <i>hotelero</i> , <i>petrolero</i> , etc. Chama a atenção que estas mesmas bases selecionam também o <i>-ero</i> para os nomes agentivos em vez de <i>-ista</i> . Mas o sufixo não está limitado a este campo semântico: <i>callejero</i> , <i>cuartelero</i> , <i>fallero</i> , <i>guerrero</i> , etc. Os neologismos, em sua maioria, também se encaixam no grupo econômico: <i>empresas bodegueras</i> [...], <i>pueblo botijero</i> [...], <i>mafia coralera</i> [...], <i>industria joyera</i> [...], etc. Ao lado deste grupo econômico cabe mencionar, todavia, a crescente importância de <i>-ero/a</i> na linguagem dos jovens: <i>esa actividad festivalera</i> [...], <i>un triunfo rockanrolero</i> [...], <i>camiseta con motivos surferos</i> [...], etc. No jargão político, este <i>-ero/a</i> pode chegar a ter conotações negativas: <i>el argot «pecero»</i> [...], <i>la aventura batasunera</i> [...], <i>terrorismo oelepero</i> [...], etc. Particularmente, quando <i>-ero/a</i> substitui o usual <i>-ista</i> , como em <i>felipero</i> ou <i>gonzalero</i> em vez de <i>felipista</i> e <i>gonzalista</i> , derivados de <i>Felipe González</i> .

³²⁶ “No llegan a la docena los adjetivos activos en *-dero/a*: *barredero*, *duradero*, *majadero* (lexicalizado), *perdedero*, *plañidero*, *ponedero*, *valedero*, *vencedero* (poco usado), *venidero*. Este tipo no puede considerarse productivo” (RAINER, 1999, p. 4604, grifos do autor).

³²⁷ “Con *-ndero/a* está formado *volandero*” (RAINER, 1999, p. 4604, grifos do autor).

³²⁸ “Los tres sufijos restantes de este tipo son marginales: el sufijo *-dero/a* aparece en *cumplidero* y *pagadero*” (RAINER, 1999, p. 4610, grifos do autor).

³²⁹ “El grupo de los adjetivos pasivos potenciales en *-dero/a* no pasa de la docena: *abridero*, *bebedero*, *casadero*, *cogedero*, *comedero*, *hacedero*, *llevadero*, *pagadero*, *pasadero*, *ponedero*, así como algún que otro adjetivo todavía más raro (RAINER, 1999, p. 4610, grifos do autor).

		Por último, deve-se enfatizar que adjetivos de relação em <i>-ero/a</i> se derivam também por conversão partindo de bases agentivas em <i>-ero</i> : <i>ataque artillero = de artilleros, de la artillería, navaja barbera = de barbero, asociación marinera = de marineros</i> , etc. Alguns neologismos são: <i>la lucha jornalera [...], al margen del canal librero [...], su actividad pistolera [...]</i> , etc” (p. 4617-4618 ³³⁰).
DENOMINAL, DE RELAÇÃO, DEONOMÁSTICO, DE LUGAR		“Muito bem representado nas formações usuais, está <i>-ero/a</i> , que na Península Ibérica se encontra sobretudo no Centro e no Sul: <i>cartagenero, palmero</i> , etc. É muito frequente também em algumas regiões da América Latina, como Cuba (p. ex. <i>habanero</i> , etc.)” (p. 4624 ³³¹).
DENOMINAL, DE SEMELHANÇA		“Há um grande número de formações usuais em [...] <i>-ero/a</i> : <i>almizclero, arrabalero, barriobajero, cuartelero</i> , etc” (p. 4628 ³³²).
DENOMINAL, DE POSSE		“O sufixo <i>-ero/a</i> se encontra no tipo <i>quinceaño</i> ” (p. 4631 ³³³).
DENOMINAL, DE DISPOSIÇÃO		“Entre os adjetivos disposicionais em <i>-ero/a</i> [...], se podem distinguir alguns grupos semânticos, como o que se refere à pessoa propensa a certos alimentos (p. ex. <i>chocolatero, dulcero, patatero</i> , etc.), mas o sufixo não está de nenhuma maneira limitado a este tipo de bases: <i>aventurero, casero, chapucero, chaquetero, discotequero, embustero, faldero, futbolero, niño, pesetero</i> , etc. O sufixo é produtivo na linguagem familiar: <i>esa Dorotea coqueta, casquivana, marisabidilla, latinera</i> [...], <i>soy muy semanasantera</i> (escuchado en Madrid), etc. O neologismo seguinte é interessante por sua base verbal: <i>las transparencias del asustero Jesús del Pozo</i> [...]” (p. 4632 ³³⁴).

³³⁰ “La gran mayoría de los adjetivos relacionales en *-ero/a* [...] se refiere a la vida económica: *aceitero, aduanero, algodónero, arrocero, atunero, azucarero, ballenero, cervecero, conservero, financiero, hotelero, petrolero*, etc. Llama la atención que estas mismas bases seleccionan también *-ero* para los nombres agentivos en vez de *-ista*. Pero el sufijo no está limitado a este campo semántico: *callejero, cuartelero, fallero, guerrero*, etc. Los neologismos, en su mayoría, también encajan en el grupo económico: *empresas bodegueras* [...], *pueblo botijero* [...], *mafia coralera* [...], *industria joyera* [...], etc. Al lado de este grupo económico cabe mencionar, sin embargo, la creciente importancia de *-ero/a* en el lenguaje de los jóvenes: *esa actividad festivalera* [...], *un triunfo rockanrolero* [...], *camiseta con motivos surferos* [...], etc. En la jerga política, este *-ero/a* puede llegar a tener conotaciones negativas: *el argot «pecero»* [...], *la aventura batasunera* [...], *terrorismo oelepero* [...], etc. Particularmente, cuando *-ero/a* sustituye al usual *-ista*, como en *felipero* o *gonzaleiro* en vez de *felipista* y *gonzalista*, derivados de *Felipe González*.

Por último, hay que hacer hincapié en el hecho de que adjetivos de relación en *-ero/a* se derivan también por conversión partiendo de bases agentivas en *-ero*: *ataque artillero = de artilleros, de la artillería, navaja barbera = de barbero, asociación marinera = de marineros*, etc. Algunos neologismos son: *la lucha jornalera [...], al margen del canal librero [...], su actividad pistolera [...]*, etc” (RAINER, 1999, p. 4617-4618, grifos do autor).

³³¹ “Muy bien representado en las formaciones usuales está *-ero/a*, que en la Península Ibérica se encuentra sobre todo en el centro y el sur: *cartagenero, palmero*, etc. Es muy frecuente también en algunas regiones de América Latina, como Cuba (p. ej. *habanero*, etc.)” (RAINER, 1999, p. 4624, grifos do autor).

³³² “Hay un gran número de formaciones usuales en [...] *-ero/a*: *almizclero, arrabalero, barriobajero, cuartelero*, etc” (RAINER, 1999, p. 4628, grifos do autor).

³³³ “El sufijo *-ero/a* se encuentra en el tipo *quinceaño*” (RAINER, 1999, p. 4631, grifos do autor).

³³⁴ “Entre los adjetivos disposicionales en *-ero/a* [...], se pueden distinguir algunos grupos semánticos, como el que se refiere a la gran afición por ciertos alimentos (p. ej. *chocolatero, dulcero, patatero*, etc.), pero el sufijo no

DENUMERAL, ORDINAL		O autor não faz comentários sobre essa categoria, mencionando apenas os exemplos <i>primero</i> (p. 4635) e <i>tercero</i> (p. 4636) no amplo conjunto de números ordinais.
-----------------------	--	---

Fonte: dados e classificações de Rainer (1999), elaboração nossa.

Em suma, as explicações de Rainer (1999) sobre *-ero/-dero/-ndero* apontam para a improdutividade dos padrões deverbais. Dentro dos denominais, destacam-se: (i) os relacionais que tomam como bases nomes comuns; (ii) os relacionais que tomam como bases nomes de lugar; (iii) os chamados disposicionais, que tendem a qualificar agentes com base nos seus hábitos e propensões.

Pode-se dizer que os três grupos mais produtivos na proposta de Rainer (1999) equivalem às categorias de adjetivos que têm sido exploradas nesta Tese: os ‘relacionais normais’ equivalem aos ‘relativos’; os ‘disposicionais’ equivalem aos ‘ressaltados’ e costumam flutuar com os ‘agentes habituais’; e os ‘relacionais deonomásticos de lugar’ equivalem aos ‘gentílicos’.

Varela Ortega (2005), no livro *Morfología léxica: a formação de palavras*³³⁵, faz uma análise bastante ligeira do *-ero/-era*, num tratamento parecido com os de Lang (1990) e Miranda (1994). Do ponto de vista gramatical, Varela Ortega (2005, p. 49-50) apresenta o sufixo como um formador de substantivos e adjetivos denominais (ex: subs.: *jardinera, jardinero*; adj.: *guerrero*), deadjetivais (ex: *borrachera*) e deverbais³³⁶ (ex: subs.: *fregadero, escupidera*; adj.: *casadero*).

Do ponto de vista semântico, Varela Ortega (2005, p. 51-52) coloca *-ero/-era/-dero/-dera* nas seguintes categorias: (a) ‘qualidade ou conduta própria de’ (ex: subs. *flojera*); (b) ‘coletivo ligado a um lugar’ (ex: subs. *avispero*); (c) ‘lugar’ (ex: subs. *basurero, cochera*); (d) ‘ofício ou ocupação’ (ex: subs. *lechero*); (e) ‘objetos, recipientes e instrumentos’ (ex: subs. *regadera, salero, panera*); (f) ‘relacionado com ou que tem qualidades ou propriedades de’ (ex: adj. *percedero, fiestero*).

Luna (2006) faz um estudo sobre o sufixo *-ero/-era* no livro *Don Quijote de la Mancha*. A autora trabalha com 92 palavras derivadas e analisa os seguintes critérios: “1. Categoria

está de ninguna manera limitado a este tipo de bases: *aventurero, casero, chapucero, chaquetero, discotequero, embustero, faldero, futbolero, niño, pesetero*, etc. El sufijo es productivo en el lenguaje familiar: *esa Dorotea coqueta, casquivana, marisabidilla, latinera* [...], soy muy *semanasentera* (escuchado en Madrid), etc. El neologismo siguiente es interesante por su base verbal: *las transparencias del asustero Jesús del Pozo* [...]” (RAINER, 1999, p. 4632, grifos do autor).

³³⁵ Tradução nossa para *Morfología léxica: la formación de palabras*.

³³⁶ Nesse contexto, a autora apresenta o sufixo como *-dero/-dera*.

gramatical da base a que se adjunge o sufixo. 2. Categoria gramatical gerada pelo processo de derivação. 3. Características semânticas que o sufixo adiciona à base. 4. Derivados da primeira e segunda parte da obra” (LUNA, 2006, p. 1029, tradução nossa³³⁷). O último aspecto não se mostra relevante para esta Tese, por isso não será abordado.

Sobre os dois primeiros aspectos, as categorias gramaticais das bases e dos derivados, a autora apresenta uma tabela que se reproduz aqui na Tabela 51, com tradução nossa.

Tabela 51 – Rendimento categorial de *-ero ~ -era* em Dom Quixote

Base	Categoria gerada			
	Nome	Adjetivo	Nome/Adjetivo	Total geral
Nome	66	15	2	83
Verbo	1	1	0	2
Adjetivo	2	1	1	4
Advérbio	0	0	1	1
Preposição	0	1	0	1
Interjeição	1	0	0	1
Total geral	70	18	4	92

Fonte: Luna (2006, p. 1032, tradução nossa).

Os dados de Luna (2006), expressos na Tabela 51, mostram que o *-ero* é frequentemente usado para formar substantivos a partir de outros substantivos. As outras bases têm produtividade bastante baixa. A geração de adjetivos se mostra secundária e, ainda assim, na maioria das vezes, se formam também por substantivos.

Do ponto de vista semântico, Luna (2006) divide os derivados em duas macrocategorias, nominais e adjetivais, que se dividem conforme a esquematização no Quadro 36.

Quadro 36 – Categorias semânticas de *-ero ~ -era* em Dom Quixote

Categorias morfossintáticas dos derivados	Categorias semânticas dos derivados			Alguns exemplos
	Animados	Agentivos	Profissões e ocupações de indivíduos por suas qualidades físicas e/ou morais	
Nominais				alcabalero, arriero, agorero, barbero, carnicero, coplero, estampero, figurero, jornalero, leonero, marinero, mensajero, tendero, vaquero, ventero, zapatero.

³³⁷ “1. Categoría gramatical de la base que se adjunta el sufijo. 2. Categoría gramatical que genera el proceso de derivación. 3. Características semántica que aporta el sufijo a la base. 4. Derivados de la I y la II parte de la obra” (LUNA, 2006, p. 1029).

		Outros	ternera
Não animados	Peças de roupas		babera, bandera, cernadero, montera, pedorreras, ventrera, visera.
	Objetos, instrumentos, recipientes ou móveis		aceitera, astillero, brasero, cabecera, candeleros, espetera, fiamblera, madero.
	Conjunto ou abundância		cabellera, cancionero, hilera, mollera, ojeras, rimero, tablera.
	Plantas ou árvores		cambroneras, esparraguera.
	Defeito ou estado físico		ceguera
	Outros		agujero, astillero, delantera, lucero.
Adjetivais	Caráter ou condição		agorero, altanero, aventurero, chocarrero, compañero, fullero, grosero, lastimero, pasajero, verdadero.
	Gentílicos		berejeneros, cazoleros, jaboneros.

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados de Luna (2006).

As últimas considerações sobre a rede sufixal de *-ero* foram vistas na edição de 2010 da gramática da Real Academia Espanhola. Ainda que o compêndio trate os sufixos *-ero/-era/-dero/-dera* em uma grande rede, em alguns momentos, há comentários específicos. Por exemplo, sobre o *-era*, é mencionada a sua produtividade na criação de nomes abstratos que designam qualidade, carências, deficiências ou estados, como: *borrachera*, *ceguera*, *flojera*, *manquera*, *ronquera*, *sordera* e *tontera*.

Em relação a *-dero* e *-dera*, o manual destaca a criação de nomes que designam lugares, como *abrevadero*, *bebedero*, *comedero*, *matadero*, instrumentos, como *alargadera*, *barredera*, *cargadera*, *ensaladera*, *espumadera*, *mamadera*, *podadera*, *regadera*, *tapadera*, e adjetivos de sentido passivo, como *hacedero*, *pagadero* e *vividero*.

Sobre o *-ero*, no geral, a gramática não traz novidades em relação ao que se viu nos outros autores citados. São mencionados os seus usos nos nomes de profissões, na caracterização de sujeitos viciados ou propensos a certos comportamentos, utensílios, lugares, instrumentos, coletivos e árvores. Ainda que não se apresentem exemplos específicos, há uma

menção ao uso com a noção de ‘tempo’, normalmente caracterizando uma época favorável à realização de determinadas atividades.

Feitas as considerações acerca de alguns trabalhos realizados sobre o sufixo *-ero* no espanhol, passa-se, agora, a descrição dos dados desta Tese, começando, como de costume, com as construções adjetivas. Ao todo, foram vistos 579 construtos que funcionam como adjetivos. A Tabela 52 mostra como foi a distribuição percentual.

Tabela 52 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos *X-er-* no espanhol

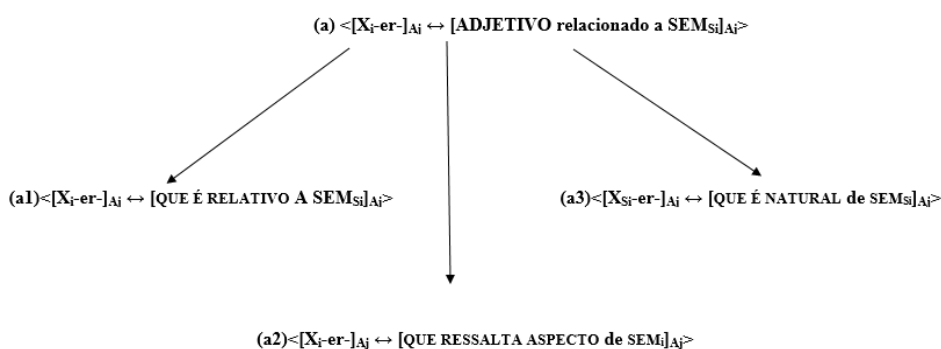
Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	382	65,98
Ressaltados	146	25,22
Gentílicos	51	8,81

Como exemplos do tipo RELATIVOS, aparecem: *aceitero* (ESP0023: relativo ao azeite), *achiotero* (ESP0030: relativo ao urucum), *aduanero* (ESP0030: relativo à alfândega), *aguadero* (ESP0050: próprio da água), *aguzadero* (ESP0059: que serve para aguçar), *alcoholero* (ESP0095: referente ao álcool), *anguilero* (ESP0158: relativo à pesca de enguias), *aplicadero* (ESP0180: aplicável), *bananero* (ESP0303: relativo à banana), *buitrero* (ESP0431: relativo ao abutre), *cabaretero* (ESP0447: relativo ao cabaré), *cadañero* (ESP0470: anual), *callejero* (ESP0495: relativo à rua), *carguero* (ESP0572: que leva carga), *chiclero* (ESP0693: relativo ao chiclete), *cirquero* (ESP0742: circense), *cocalero* (ESP0756: que explora ou vende a coca), *colchonero* (ESP0776: relativo aos colchões), *defendedero* (ESP0893: defensável), *faldero* (ESP1074: relativo à saia), *ferrocarrilero* (ESP1092: relativo à ferrovia), *frailero* (ESP1124: próprio dos frades), *futbolero* (ESP1150: relativo ao futebol), *garbancero* (ESP1181: relativo ao grão de bico), *gomero* (ESP1209: relativo à goma), *iguanero* (ESP1315: relativo à iguana), *jaulero* (ESP1336: relativo à jaula), *limonero* (ESP1408: relativo ao limão), *madrugero* (ESP1446: que madruga), *mantequero* (ESP1474: relativo à manteiga), *mixturero* (ESP1541: que mistura), *montañero* (ESP1556: relativo à montanha), *perlero* (ESP1761: relativo às pérolas), *pesquero* (ESP1770: relativo à pesca), *populachero* (ESP1841: relativo à massa popular), *ranchero* (ESP1906: relativo ao rancho), *redero* (ESP1930: relativo à rede), *rodillero* (ESP1986: relativo ao joelho), *rutero* (ESP2010: relativo à rota), *saetero* (ESP2016: relativo à seta), *salitrero* (ESP2026: relativo ao salitre), *tabaquero* (ESP2104: relativo ao tabaco), *tanguero* (ESP2125: relativo ao tango), *tequilero* (ESP2153: relativo à tequila), *timonero* (ESP2168: relativo ao leme), *triguero* (ESP2221: relativo ao trigo), *usurero* (ESP2244: relativo à usura), *vaquero* (ESP2253: relativo ao gado bovino) e *yesero* (ESP2317: relativo ao gesso).

Entre os ADJETIVOS RESSALTADOS, estão: *agenciero* (ESP0042: agencioso, diligente), *alcucero* (ESP0096: guloso), *almagrero* (ESP0121: abundantemente vermelho ou ocre), *aparatero* (ESP0171: ostensivo, exagerado), *bailadero* (ESP0285: dançante), *baladrero* (ESP0290: barulhento), *cabrero* (ESP0456: agressivo, temperamental), *charanguero* (ESP0677: trapalhão), *chinchorrero* (ESP0702: impertinente), *cirquero* (ESP0742: extravagante), *cochambrero* (ESP0758: ofensivo), *derechurero* (ESP0903: precisamente justificado), *duradero* (ESP0970: duradouro), *friolero* (ESP1135: friorento), *lastimero* (ESP1379: digno de compaixão), *mamarrachero* (ESP1456: ridículo), *mitotero* (ESP1540: melindroso), *oledero* (ESP1616: que exala odor), *pajadero* (ESP1647: alegre e festivo), *pelizorrero* (ESP1741: escabroso), *placentero* (ESP1811: agradável, gentil), *puñetero* (ESP1882: chato, cansativo), *ristolero* (ESP1977: jovial, risonho), *sandunguero* (ESP2035: gracioso), *tardinero* (ESP2132: lento, tardio), *temedero* (ESP2146: temeroso), *torticero* (ESP2198: injusto) e *zorrero* (ESP2338: astuto, inteligente).

Por último, como exemplo de GENTÍLICOS, aparecem: *baenero* (ESP0280: natural de Baena), *barahonero* (ESP0314: natural de Barahona), *barranquillero* (ESP0325: natural de Barranquilla), *brasileiro* (ESP0419: natural do Brasil), *canalero* (ESP0518: natural do Canal do Panamá), *carracero* (ESP0582: natural de Alcarraz), *cartagenero* (ESP0597: natural de Cartagena), *chiclanero* (ESP0692: natural de Chiclana), *cienfueguero* (ESP0733: natural de Cienfuegos), *foncarralero* (ESP113 natural de Fuencarral), *guantanamero* (ESP1236: natural de Guantánamo), *habanero* (ESP1252: natural de Havana), *machalero* (ESP1439: natural de Machala), *malvinero* (ESP1454: natural das Ilhas Malvinas), *palmero* (ESP1659: natural de La Palma), *sancristobero* (ESP2033: natural de San Cristóbal), *sanducero* (ESP2034: natural de Paisandu), *sanjuanero* (ESP2039: natural de San Juan), *santacruzero* (ESP2041: natural de Santa Cruz de Tenerife), *santiaguero* (ESP2043: natural de Santiago) e *valdepeñero* (ESP2250: natural de Valdepeñas). A Figura 103 faz o resumo deste esquema no espanhol.

Figura 103 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-er- no espanhol



No grupo dos esquemas dominantes substantivos, o de AGENTES foi também o de maior quantidade de dados no espanhol *X-er-*. Ao todo, foram vistos 1523 construtos nessa categoria. A distribuição desse total aparece na Tabela 52.

Tabela 52 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes no espanhol *X-er-*

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	1011	66,38
Habituais	382	25,08
Vegetais	70	4,60
Circunstanciais	31	2,04
Beneficiários	21	1,38
Experienciadores	8	0,53

Alguns dos exemplos de PROFSSIONAIS são: *abacalero* (ESP0001: pessoa que cultiva ou comercializa abacás), *abaniquero* (ESP0005: pessoa que faz ou vende leques), *abejero* (ESP0011: apicultor), *adarguero* (ESP0035: fabricante de adargas), *aduanero* (ESP0039: pessoa que trabalha na alfândega), *alambiquero* (ESP0075: pessoa que trabalha no alambique), *archivero* (ESP0192: arquivista), *balancero* (ESP0292: pessoa responsável pela pesagem de metais na casa de moedas), *barbero* (ESP0317: pessoa que trabalha em uma barbearia), *botijero* (ESP0408: pessoa que faz ou vende frascos e jarros), *camaronero* (ESP0501: pessoa que pesca ou vende camarões), *carcelero* (ESP0566: carcereiro), *cigarrero* (ESP0735: pessoa que faz ou vende cigarros), *cocinero* (ESP0762: pessoa que trabalha na cozinha), *droguero* (ESP0965: pessoa que vende itens de drogaria), *escopetero* (ESP1020: pessoa que faz ou vende escopetas), *farero* (ESP1085: pessoa que trabalha em um farol), *florero* (ESP1110: florista), *gallinero* (ESP1166: pessoa que cria e vende galinhas), *herrero* (ESP1274: ferreiro), *hospitalero* (ESP1299: pessoa que cuida de um hospital), *lechero* (ESP1387: pessoa que vende leite), *leprosero* (ESP1396: pessoa que cuida de leprosos), *mascarero* (ESP1495: pessoa que aluga ou vende máscaras), *mulatero* (ESP1577: pessoa encarregada de cuidar das mulas), *paletero* (ESP1655: pessoa que faz ou vende paletas [sorvetes]), *plomero* (ESP1822: pessoa que fabrica ou vende objetos de chumbo), *relojero* (ESP1940: pessoa que faz ou vende relógios), *ropavejero* (ESP1993: pessoa que faz ou vende roupas velhas), *sodero* (ESP2077: pessoa que vende ou distribui refrigerantes de soda), *tesorero* (ESP2161: pessoa encarregada do tesouro público) e *zapatero* (ESP2330: pessoa que faz, vende ou repara sapatos).

No rol dos HABITUAIS, estão: *abusionero* (ESP0017: agoureiro), *alborotero* (ESP0088: encrenqueiro), *andalotero* (ESP0153: quem vive na esbórnica), *babaero* (ESP0272: mulherengo),

bagrero (ESP0284: homem que gosta de mulheres muito feias), *boquillero* (ESP0396: charlatão), *brujero* (ESP0427: pessoa que pratica bruxaria), *callejero* (ESP0495: quem gosta de ficar vagando pelas ruas), *chaquetero* (ESP0676: bajulador, que muda de opinião facilmente), *cominero* (ESP0792: pessoa que se preocupa com coisas fúteis), *cumplimentero* (ESP0879: pessoa que faz cumprimentos exageradamente), *faldero* (ESP1074: quem gosta de estar entre as mulheres), *figurero* (ESP1098: pessoa que faz muitas caretas), *ganguero* (ESP1177: pechincheiro), *gatero* (ESP1196: pessoa que ama ter ou cuidar de gatos), *iglesiero* (ESP1314: pessoa que frequenta muito a igreja), *majadero* (ESP1449: teimoso, opinativo), *morcillero* (ESP1563: ator que tem a mania de adicionar palavras de sua invenção ao papel que representa), *pistero* (ESP1805: pessoa que gosta muito de dinheiro), *provicero* (ESP1873: adivinho), *rezandero* (ESP1971: pessoa que reza muito) e *tamagasero* (ESP2119: pessoa que se estende demais em seus escritos).

Como casos de VEGETAIS, aparecem: *albaricoquero* (ESP0081: damasqueiro), *alcachofero* (ESP0091: árvore que dá alcachofra), *alcanforero* (ESP0092: canforeira), *almendrera* (ESP0124: amendoeira), *avellanera* (ESP0253: avelaneira), *bananero* (ESP0303: bananeira), *calabacera* (ESP0479: árvore que produz abóbora), *chayotera* (ESP0684: chuchuzeiro), *cocotero* (ESP0764: coqueiro), *esparraguera* (ESP1032: árvore que produz aspargo), *grosellero* (ESP1229: groselheira), *higuera* (ESP1277: figueira), *jazminero* (ESP1337: jasmineiro), *limero* (ESP1407: limeira), *limonero* (ESP1408: limoeiro), *manzanero* (ESP1476: macieira), *morera* (ESP1564: amoreira), *naranjero* (ESP1588: laranjeira), *noguera* (ESP1662: noqueira), *papayero* (ESP1678: mamoeiro), *pimentero* (ESP1788: pimenteira), *tomatera* (ESP2183: tomateiro) e *zapotero* (ESP2332: sapotizeiro).

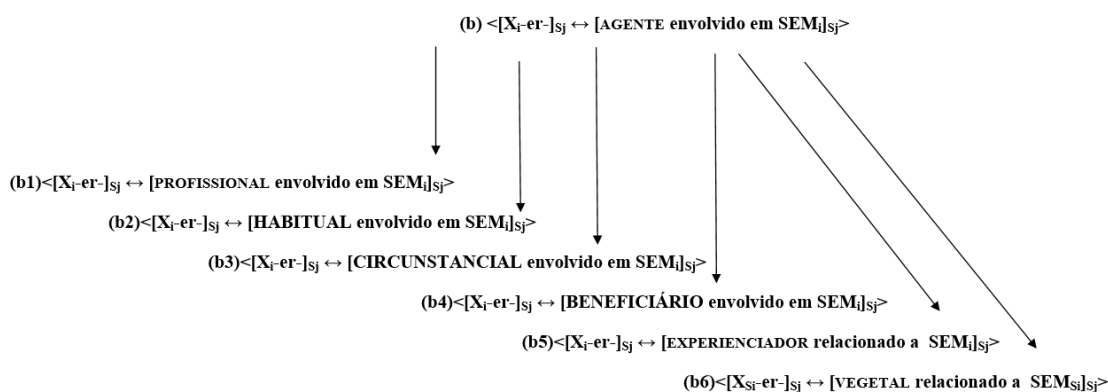
São exemplos de instanciações de AGENTES CIRCUNSTANCIAIS: *aparcerero* (ESP0073: participante, parceiro), *balsero* (ESP0300: pessoa que tenta chegar de balsa, ilegalmente, a outro país), *bolero* (ESP0381: pessoa que para de frequentar um lugar que lhe era habitual), *bracero* (ESP0412: pessoa que dá o braço a outra para que se apoie), *cabalero* (ESP0443: filho que não é contemplado com a herança da família), *cabezalero* (ESP0452: pessoa que representava todos aqueles que pagavam foro, no trato com o dono), *caucionero* (ESP0620: pessoa que faz e dá a garantia de fiança), *chiripero* (ESP0707: pessoa que ganha o jogo de bilhar mais pelo acaso que pela sua habilidade), *cumpleañero* (ESP0877: aniversariante), *medianero* (ESP1506: pessoa que intercede por alguém), *miradero* (ESP1536: pessoa que está sendo alvo da atenção pública), *parcionero* (ESP1691: cotista, partícipe), *parrillero* (ESP1696: pessoa que vai no banco de trás da motocicleta), *pasajero* (ESP1700: passageiro de uma viagem), *personero*

(ESP1764: procurador), *prisionero* (ESP1871: prisioneiro), *viajero* (ESP2287: passageiro de uma viagem) e *vocero* (ESP2306: procurador, advogado em um caso).

O subesquema de BENEFICIÁRIOS instanciou dados, como: *ajero* (ESP0065: proprietário de uma plantação de alhos), *alambiquero* (ESP0075: dono de um alambique), *aparcero* (ESP0173: co-herdeiro de uma herança), *atahonero* (ESP0237: dono de uma padaria ou moinho de trigo), *cafetero* (ESP0473: dono de uma cafeteria), *comendero* (ESP0789: homem a quem se confiava alguma cidade ou lugar, ou que tinha algum direito concedido pelos reis), *devisero* (ESP0938: fidalgo que possuía uma divisa), *encomendero* (ESP0991: homem que por concessão de autoridade tinha índios encomendados), *mercendero* (ESP1517: quem recebia misericórdia), *padronero* (ESP1643: homem que tem direito de patronato), *posesionero* (ESP1855: pessoa que adquiriu o direito de pastagens alugadas), *prestamero* (ESP1867: eclesiástico que goza de uma bolsa), *reposeo* (ESP1949: pessoa que muitas vezes goza de autorizações, licenças, quebras ou tempo fora do trabalho) e *soldadero* (ESP2081: pessoa que ganha soldo).

Por último entre os AGENTES, estão os EXPERIENCIADORES, cujas instanciações são: *arrabalero* (ESP0202: pessoa que mora em um subúrbio), *bajero* (ESP0288: pessoa que sofre de diarreia), *cigarralero* (ESP0734: pessoa que vive em um cigarral³³⁸), *inclusero* (ESP1317: pessoa que cresceu em um orfanato), *jacalero* (ESP1323: pessoa que vive em uma cabana), *letrero* (ESP1399: pessoa que sabe ler), *paramero* (ESP1689: pessoa que conhece a vida no pântano) e *pionero* (ESP1797: quem dá os primeiros passos em uma atividade humana). A Figura 104 sintetiza o esquema dominante de AGENTES com *X-er-* no espanhol.

Figura 104 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no *X-er-* no espanhol



O esquema dominante de LOCATIVOS apresentou um total de 407 instanciações. A distribuição da frequência dessas realizações está apresentada na Tabela 53.

³³⁸ Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, *cigarral* é uma casa de recreio nos arredores de Toledo e com vistas para a cidade.

Tabela 53 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos *X-er-* no espanhol

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde se faz	213	52,33
Onde há	194	47,67

O subesquema LUGAR ONDE SE FAZ apresentou uma produtividade significativa nesse esquema do espanhol. Esse comportamento é diferente do que se vê nas outras línguas românicas, que costumam ter mais frequentes casos de LUGAR ONDE HÁ. O motivo para essa situação no espanhol, certamente, se deve ao fato de haver uma quantidade grande de locativos formados com a variante *-dero* (< *-duero* < *-torius*), que atua em contextos deverbais e cujo desenvolvimento histórico aponta para uma série de confluências fonológicas e semânticas entre as evoluções dos sufixos *-arius* (> *-ero*), *-tor* (> *-dor*) e *-torius* (> *-duero* > *-dero*).

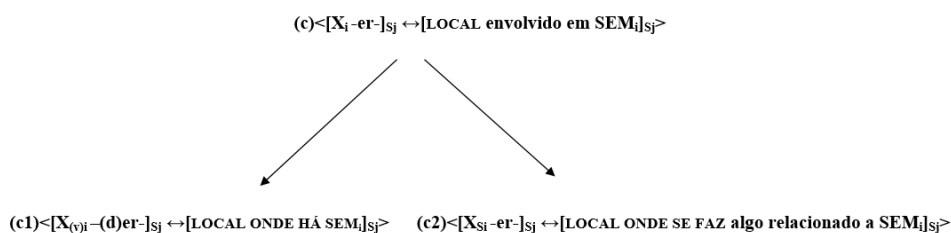
Alguns exemplos desse primeiro subesquema (LUGAR ONDE SE FAZ) são: *abarrancadero* (ESP0007: lugar onde se pode refugiar com facilidade), *abrigadero* (ESP0016: lugar onde pode se proteger do frio), *acaballadero* (ESP0018: lugar onde os asnos e os cavalos protegem as éguas), *acechadero* (ESP0021: lugar onde se pode observar alguém com cuidado, sem ser visto), *aceitera* (ESP0023: empresa dedicada ao tratamento do azeite), *aguzadero* (ESP0059: lugar onde javalis costumam ir para atrair as presas), *amarradero* (ESP0141: lugar onde os barcos ficam atracados), *bailadero* (ESP0285: lugar destinado aos bailes públicos), *bebedero* (ESP0353: lugar onde as aves vão para beber água), *cagadero* (ESP0474: lugar onde as pessoas evacuam), *cernedero* (ESP0643: lugar destinado a peneirar a farinha), *derrocadero* (ESP0906: lugar penhascoso e de muitas rochas onde há perigo de cair e precipitar-se), *desovadero* (ESP0925: lugar onde são feitas as desovas), *encalladero* (ESP0985: lugar onde os navios podem encalhar), *gastadero* (ESP1195: lugar onde se gasta algo), *lavadero* (ESP1384: lavanderia), *meadero* (ESP1501: lugar onde se pode urinar), *nadadero* (ESP1585: lugar onde se pode nadar), *parqueadero* (ESP1695: lugar destinado ao estacionamento de veículos), *patinadero* (ESP1711: lugar onde se patina sobre o gelo), *recostadero* (ESP1927: lugar onde se pode recostar), *sacrificadero* (ESP2015: lugar onde os sacrifícios eram feitos) e *tostadero* (ESP2201: lugar onde se tosta algo).

Pelo subesquema LUGAR ONDE HÁ, são instanciados exemplos como: *abejera* (ESP0011: apiário), *alacranero* (ESP0073: lugar onde há muitos escorpiões), *archivero* (ESP0192: lugar onde são guardados os arquivos), *arrocera* (ESP0217: arrozal), *aurero* (ESP0251: lugar onde se reúnem várias auras [urubus-de-cabeça-vermelha]), *babuchero*

(ESP0275: lugar destinado a guardar os calçados em alguns edifícios islâmicos), *caimanera* (ESP0476: lugar onde os jacarés se refugiam), *canariera* (ESP0521: lugar onde se criam canários), *cascajera* (ESP0606: lugar onde há muito cascalho), *cenicero* (ESP0636: lugar onde se recolhem as cinzas), *conejera* (ESP0803: cova onde os coelhos selvagens se abrigam), *duchero* (ESP0966: compartimento do banheiro onde está a ducha), *gasolinera* (ESP1194: lugar onde se vende gasolina), *harinero* (ESP1262: lugar onde se guarda a farinha), *ladronera* (ESP1361: lugar onde os ladrões se escondem), *lagartera* (ESP1363: toca de lagartos), *novillero* (ESP1606: lugar onde se guardam os novilhos), *osero* (ESP1634: lugar do cemitério onde se guardam os ossos), *perrera* (ESP1763: lugar onde são colocados os cães), *pedrero* (ESP1782: lugar onde há muitas pedras), *rosalera* (ESP1997: roseiral), *toallero* (ESP2178: lugar onde se guardam as toalhas) e *zancudero* (ESP2329: lugar onde há muitos mosquitos).

A Figura 105 traz a representação construcional do comportamento semântico do esquema dominante LOCATIVO.

Figura 105 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no X-er- no espanhol



Tal como os LOCATIVOS, os OBJETOS formados pelo padrão *X-er-* somam 407 instâncias. A Tabela 54 apresenta a distribuição dessas ocorrências entre os cinco subesquemas detectados.

Tabela 54 – Distribuição percentual dos subesquemas de objetos no esquema X-er-

Categorias de objetos	Frequência	Percentual (%)
Recipientes	147	36,12
Instrumentos	123	30,22
Utensílios	54	13,27
Uso pessoal	44	10,81
Máquinas	39	9,58

Conforme a Tabela 54, os RECIPIENTES foram o subesquema mais produtivo e apresentou instâncias como: *aceitero* (ESP0023: recipiente onde se guarda o azeite), *achiotero* (ESP0030: recipiente onde se guarda o urucum), *agracero* (ESP0046: recipiente onde se guarda o agraço [uva verde]), *ajicero* (ESP0066: recipiente onde se serve o ají³³⁹), *alcuzcucero* (ESP0097: cuscuzeiro), *balsamera* (ESP0299: pequeno pote onde se guarda o bálsamo), *besuguera* (ESP0362: caçarola onde se cozinha o robalo e outros peixes), *buñuelero* (ESP0435: recipiente onde se preparam rosquinhas), *cafetera* (ESP0473: recipiente onde se prepara ou se serve o café), *chauchera* (ESP0683: bolsa porta-moedas), *cigarrera* (ESP0735: caixa onde se guardam os cigarros), *crismera* (ESP0852: recipiente onde se guarda o crisma), *ensaladera* (ESP1002: recipiente onde se serve a salada), *fichero* (ESP1094: caixa onde se guardam as fichas), *florero* (ESP1110: vaso para se colocarem flores), *harinero* (ESP1262: recipiente onde se guarda farinha), *huevera* (ESP1307: recipiente onde se guardam ovos), *licorera* (ESP1404: vasilha onde se serve o licor), *mostacera* (ESP1572: vasilha onde se conserva e se serve a mostarda), *oliera* (ESP1617: vaso onde se guarda o óleo sagrado), *pastillero* (ESP1708: pequena caixa para se guardar pílulas), *plumero* (ESP1824: vaso ou caixa onde se guardam as plumas), *quesera* (ESP1891: recipiente onde se conserva o queijo), *rosariera* (ESP1998: estojo onde se guarda o rosário), *salero* (ESP2023: recipiente em que o sal é servido) e *tintero* (ESP2171: recipiente onde se guarda a tinta).

Os INSTRUMENTOS foram o segundo grupo mais produtivo de objetos no espanhol X-er-. Esse comportamento não foi muito comum entre as línguas românicas, que normalmente têm RECIPIENTES e UTENSÍLIOS como os mais frequentes. Com este esquema, os INSTRUMENTOS apareceram com mais que o dobro de realizações que os UTENSÍLIO. Em parte, tal como com o subesquema de LUGAR ONDE SE FAZ, isso se deveu à produtividade das formas com *-dero/-dera*. Cabe ressaltar o contraste de gênero que se percebeu entre locativos e objetos: quando um mesmo lexema complexo apresenta formas de palavras masculinas e femininas, o masculino designa os locativos, e o feminino nomeia os objetos. Assim, *tiradero* (ESP2174) é o ‘lugar de onde se atira’, e *tiradera* (ESP2173) é a ‘flecha com que se atira’.

Entre os exemplos instanciados pelo subesquema INSTRUMENTOS, aparecem: *aplanadera* (ESP0179: instrumento usado para nivelar o solo do terreno), *arrancadera* (ESP0204: instrumento em forma de sino usado para guiar o gado), *atizadero* (ESP0242: instrumento usado para atiçar o fogo), *atunera* (ESP0248: pequeno anzol para pescar atum), *barbera* (ESP0317: navalha usada pelos barbeiros), *barredera* (ESP0328: vassoura), *cachetero* (ESP0462: punhal

³³⁹ Comida típica do Peru.

pequeno e afiado que usavam antigamente os criminosos), *cambera* (ESP0504: rede para pescar caranguejo e outros crustáceos), *castradera* (ESP0617: instrumento usado para castrar as colmeias), *clavera* (ESP0748: molde com que se faz a cabeça do prego), *corvinera* (ESP0832: rede para pescar corvinas), *destiladera* (ESP0934: destilador), *esmoladera* (ESP1030: instrumento usado para amolar), *exprimidero* (ESP1065: espremedor de frutas), *harnero* (ESP1264: peneira que serve para limpar o alpiste), *limpiadera* (ESP1410: escova para limpar o arado), *moscadero* (ESP1568: enxota-moscas), *rascadera* (ESP1910: instrumento para raspar metais, peles etc), *rozadera* (ESP2003: instrumento para remover ervas e arbustos inúteis), *tajadera* (ESP2113: lâmina com a qual alguma coisa é talhada, como o queijo) e *tasajera* (ESP2138: vara que se usa para expor a carne ao sol).

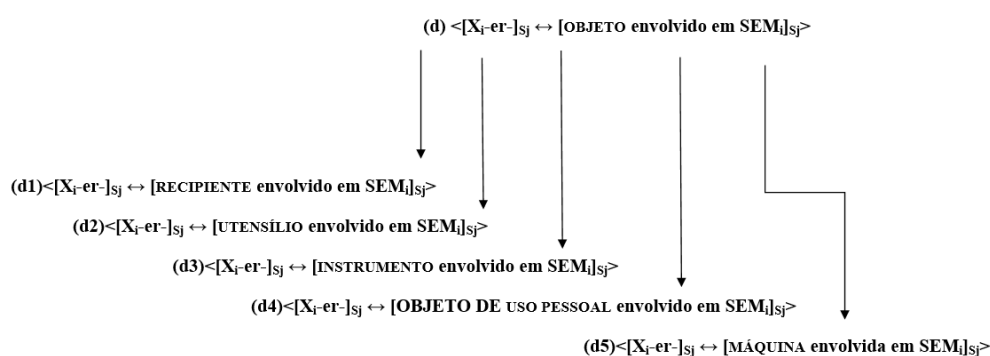
O subesquema UTENSÍLIOS instanciou dados como: *acionera* (ESP0032: estribo), *agujero* (ESP0057: almofada de alfinetes), *alcanforero* (ESP0092: pano com cheiro de cânfora), *anquera* (ESP0162: pedaço de couro, preso à sela, que cobre as ancas), *anteojera* (ESP0164: antolhos), *arrendadero* (ESP0212: anel de ferro cravado na parede, usado para prender o cavalo), *bajero* (ESP0288: cobertor que é colocado nas montarias), *balconera* (ESP0293: cartaz de propaganda, geralmente política, que é exibido na varanda ou na janela de um edifício), *bandera* (ESP0306: bandeira), *barriguera* (ESP0333: cinta que é colocada na barriga do cavalo para as cavalarias de tiro), *caminero* (ESP0509: tapete que se coloca na entrada da casa ou nos corredores), *candilero* (ESP0529: espécie de cabide para pendurar luminárias), *chequera* (ESP0685: talão de cheques), *doselera* (ESP0903: dorsel), *espumadera* (ESP1042: escumadeira), *grasera* (ESP1222: utensílio de cozinha para reunir a gordura das peças que se assam), *lichera* (ESP1403: cobertor para a cama), *llavero* (ESP1422: utensílio onde se levam as chaves), *mechero* (ESP1505: isqueiro), *mosquitero* (ESP1571: mosquiteiro, cortina de gaze que se usa na cama), *navajero* (ESP1591: pano em que se limpa a navalha), *resortera* (ESP1957: estilingue) e *travesero* (ESP2214: almofada).

No âmbito do subesquema OBJETOS DE USO PESSOAL, aparecem os seguintes construtos: *babera* (ESP0273: peça da armadura que cobria a região da boca), *barbillera* (ESP0318: lenço que é colocado em torno da cabeça do cadáver para fechar-lhe a boca), *bigotera* (ESP0366: tira de camurça com que se protegia o bigode), *brafonera* (ESP0413: peça da armadura que protegia a parte superior do braço), *cañillera* (ESP0538: caneleira da armadura), *cerbillera* (ESP0640: capacete), *cogotera* (ESP0771: pano com botões na parte de trás que cobre a cabeça e serve para proteger a nuca do sol ou chuva), *culero* (ESP0874: tipo de manta que se põe na parte de trás das crianças para limpeza e proteção), *espinillera* (ESP1039: caneleira), *estomaguero* (ESP1055: pano que se coloca na região da barriga das crianças para revesti-las

quando são embaladas), *hombreira* (ESP1286: parte da armadura que protege o ombro), *muñequera* (ESP1580: faixa colocada em volta do pulso para proteger ou enfeitar), *ombliaguero* (ESP1623: pano que se coloca em recém-nascidos até que a região do cordão umbilical seque por completo), *pancera* (ESP1665: parte da armadura que protege a barriga), *pernera* (ESP1762: parte da calça que veste as pernas), *rodillera* (ESP1986: joelheira), *sobaquera* (ESP2075: pedaço de tecido impermeável que é colocado na parte das axilas) e *tobillera* (ESP2179: tornozeleira).

O menos produtivo subesquema de OBJETOS foi o de MÁQUINAS, que apresentou exemplos, como: *arrobadera* (ESP0215: trator menor, adequado para movimentar terra previamente removida), *arrocera* (ESP0217: aparelho elétrico em que o arroz é cozido), *bacaladero* (ESP0276: barco usado para pescar bacalhau), *ballenero* (ESP0296: embarcação projetada para caçar baleias), *barredera* (ESP0328: máquina usada em grandes centros urbanos para varrer as ruas), *bombardero* (ESP0388: avião de bombardeio), *butanero* (ESP0440: barco para transporte de gás butano), *cajero* (ESP0477: caixa eletrônico), *carnero* (ESP0577: ariete, máquina militar), *choricera* (ESP0721: máquina para fazer chouriços), *hielera* (ESP1275: geladeira), *juguera* (ESP1350: eletrodoméstico para fazer sucos), *perrera* (ESP1763: carro municipal que recolhe cachorros de rua), *pildorero* (ESP1785: aparelho que faz pílulas), *tostadera* (ESP2201: máquina usada para tostar) e *vaquera* (ESP2253: máquina usada para ordenhar vacas). A Figura 106, a seguir, faz o resumo do esquema dominante de OBJETOS no X-er- do espanhol.

Figura 106 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no X-er- no espanhol



A categoria QUANTIDADES apresentou um total de 94 realizações, que se dividiram em cinco subesquemas, como se pode ver na Tabela 55.

Tabela 55 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidades no esquema X-er-

Categorias de objetos	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	57	60,64
Excessos	21	22,34
Temporais	12	12,77

Quantias	2	2,13
Unidades de medida	2	2,13

Os COLETIVOS formam o subesquema mais produtivo de QUANTIDADE. Alguns exemplos são: *alacrano* (ESP0073: multidão de escorpiões), *animalero* (ESP0159: conjunto de animais), *armadera* (ESP0198: conjunto de peças que formam a armação de um navio), *avispero* (ESP0257: conjunto de vespas), *boronero* (ESP0401: conjunto de migalhas), *cabellera* (ESP0449: conjunto de cabelos da cabeça), *cajonera* (ESP0478: conjunto de gavetas na sacristia para guardar vestes sagradas), *cancionero* (ESP0526: conjunto de canções de um autor, de um período ou de uma nação), *crespera* (ESP0848: cabeleira ondulada e abundante), *cucarachero* (ESP0867: multidão de baratas), *escombrera* (ESP1019: conjunto de detritos e resíduos), *gallinero* (ESP1166: conjunto de galinhas criadas em uma fazenda), *hormiguero* (ESP1293: conjunto de formigas que vivem em um mesmo lugar), *huesero* (ESP1306: conjunto de ossos), *letrero* (ESP1399: conjunto de palavras escritas para notificar ou publicar algo), *mazorquera* (ESP1500: conjunto de espigas de milho), *mosquero* (ESP1569: multidão de moscas), *mosquitero* (ESP1571: multidão de mosquitos), *penachera* (ESP1749: conjunto de penachos), *periquera* (ESP1760: bando de periquitos), *piojera* (ESP1796: multidão de piolhos), *romancero* (ESP1987: coleção de romances), *zamura* (ESP2326: bando de estúpidos) e *zopilote* (ESP2336: bando de abutres).

Como exemplos de instanciações do subesquema EXCESSO, aparecem: *aguacero* (ESP0049: pancada de chuva forte), *barranquera* (ESP0324: sucessão de barrancos), *charquero* (ESP0679: acúmulo de charco, líquido derramado em uma superfície), *chicharrera* (ESP0688: calor excessivo), *helero* (ESP1272: massa de gelo acumulada, geralmente em regiões muito altas e frias), *humacera* (ESP1309: fumaceiro), *llovedera* (ESP1425: chuva persistente), *nevero* (ESP1597: acúmulo de neve), *pedrisquero* (ESP1726: granizo), *polvero* (ESP1836: grande quantidade de pó), *sangrero* (ESP2037: grande quantidade de sangue), *solanera* (ESP2080: sol excessivo), *trabajera* (ESP2203: trabalho excessivo e chato) e *vomitera* (ESP2314: vômito excessivo).

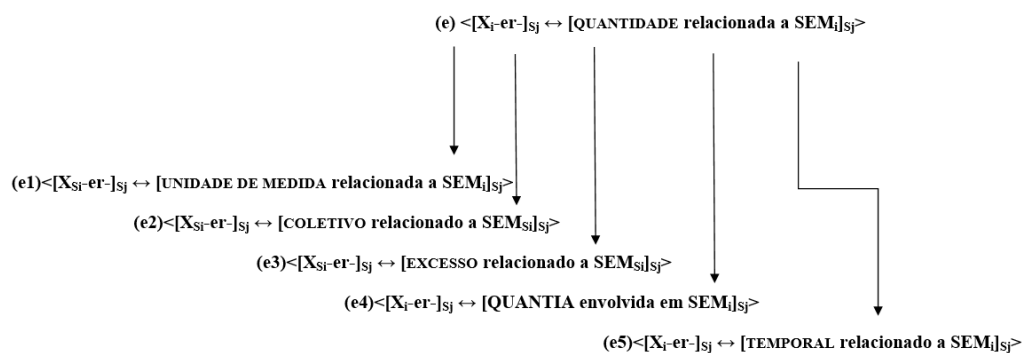
O subesquema TEMPORAL é uma novidade do espanhol e se refere a época em que se realiza uma dada atividade ou um período propício para que algo aconteça ou seja feito. Esse significado está normalmente relacionado aos (sub)esquemas de LUGAR ONDE SE FAZ e ATITUDINAL. Por exemplo: *semencera* (ESP2055) tem como acepções possíveis: “ação de semear; semeadura”, “lugar onde se faz a semeadura” e o “época em que se faz a semeadura”. É

admissível pensar que essa rede de significados compõem um frame desse trabalho, incluindo o ato de semear, o lugar onde se semeia, o momento em que se faz essa ação e deve abranger também a pessoa que faz essa ação (PROFISSIONAL) e algum objeto usado na execução dessa tarefa (INSTRUMENTO). Ao que tudo indica, há um conjunto de relações metafóricas e metonímicas que ligam esses significados, e o significado TEMPORAL provavelmente advém de uma metaforização TEMPO/ESPAÇO do significado LUGAR ONDE SE FAZ.

Os 12 exemplos vistos no subesquema TEMPORAL foram: *ahijadera* (ESP0061: época em que o gado procria), *bellotera* (ESP0356: época em que se colhem as bolotas), *bonitera* (ESP0393: época em que se pesca o bonito), *cloquera* (ESP0751: época em que as galinhas e outras aves permanecem sobre os ovos para incubá-los), *engordadero* (ESP0999: época em que se engorda o gado), *esparraguera* (ESP1032: época propícia ao cultivo de aspargos), *herradera* (ESP1273: época em que se marca o gado com ferro), *pagadero* (ESP1645: tempo em que alguém deve pagar o débito), *paridera* (ESP1693: tempo de parir), *rastrojera* (ESP1915: época em que o gado pasta o restolho), *resistidero* (ESP1956: tempo, após o meio-dia, em que o calor aumenta) e *semencera* (ESP2055: tempo apropriado para semear).

Os dois últimos subesquemas, QUANTIAS e UNIDADES DE MEDIDA, apresentaram duas ocorrências cada. Do tipo QUANTIA, aparecem *fonsadera* (ESP116: tributo para cobrir os custos da guerra) e *loguero* (ESP1430: diária que se paga a um peão). Como UNIDADES DE MEDIDA, foram classificadas: *cuartera* (ESP0860: medida agrária usada na Catalunha, equivalente a pouco mais de 70 litros) e *puñera* (ESP1881: medida que há nos moinhos para cobrar a coisa medida). Na Figura 107, apresenta-se o esquema dominante de QUANTIDADES no X-er- do espanhol.

Figura 107 – Esquema dominante de quantidades e os seus subesquemas no X-er- no espanhol



O esquema ANOMALIA, seguindo a tendência que começou a ser observada no catalão, alcançou ainda mais produtividade e apresentou um total de 43 instanciações. Algumas delas são: *agriera* (ESP0048: acidez no estômago, azia), *ahitera* (ESP0063: indisposição estomacal de longa duração), *bacera* (ESP0277: doença que ataca o baço dos animais), *bajera*

(ESP0288: diarreia), *bocera* (ESP0372: escoriação que aparece no canto da boca), *boquera* (ESP0394: ulceração na boca de animais), *ceguera* (ESP0629: privação total da visão), *cinchera* (ESP0739: doença de que padecem os animais na parte onde lhes colocam a cincha), *codillera* (ESP0768: tumor que os cavalos têm no codilho), *culero* (ESP0874: tumor que nasce no cóccix dos canários e pintassilgos), *cursera* (ESP0883: diarreia), *dentera* (ESP0901: sensibilidade nos dentes e gengivas), *friera* (ESP1133: frieira), *gaguera* (ESP1155: gagueira), *manquera* (ESP1473: condição que deixa alguém manco), *papera* (ESP1682: inflamação na parótida), *rodillera* (ESP1986: ferida no joelho dos cavalos), *sordera* (ESP2091: perda da audição), *sudadera* (ESP2096: sudorese intensa), *ubrera* (ESP2239: escoriação que as crianças têm na boca por conta de sucção recorrente) e *uñero* (ESP2241: ferida na raiz da unha). A Figura 108 traz o esquema ANOMALIA.

Figura 108 – Esquema dominante de anomalia no X-er- no espanhol

(f)<[X_i-er-]s_j ↔ [ANOMALIA relacionada a SEM_i]s_j>

Na mesma linha do que se observou em ANOMALIA, o esquema de ATITUDINAIS tem um aumento de produtividade, apresentando um total de 50 realizações. Algumas delas são: *acechadera* (ESP0020: ação de perseguir ou assediar reiteradamente), *agachadera* (ESP0041: ação de agachar-se reiteradamente), *asomadera* (ESP0229: ação reiterada de *manifestar-se* reiteradamente), *batidero* (ESP0347: ação de bater continuamente em alguém ou algo), *capeadera* (ESP0552: ação de faltar aula continuamente), *escandalera* (ESP1012: ato de fazer escândalo), *gastadero* (ESP1195: ação de gastar continuamente), *gozadera* (ESP1214: ação de gozar intensamente de algo), *gritadera* (ESP1228: gritaria), *habladera* (ESP1254: ação de falar muito), *jodedera* (ESP1342: ação de irritar alguém), *lloradera* (ESP1424: ação de chorar muito), *orinadera* (ESP1641: ação de urinar repetidamente), *paridera* (ESP1693: ação de parir), *ruidero* (ESP2007: ruído intenso e repetido), *salpicadera* (ESP2029: ação repetida de espirrar), *tembladera* (ESP2145: ação de agitar continuamente) e *viajadera* (ESP2286: ação de viajar continuamente).

No geral, os ATITUDINAIS do espanhol se assemelham aos do catalão, pois são, em sua maioria, deverbais, femininos e usam a variante *-dera*. Poucos são os casos em que não se vê essa tendência. Quando a base não é verbal, como em *escandalera* e *ruidero*, a base, por si, acaba por indicar uma ação ou um efeito dela. Não se percebeu qualquer contraste entre formas derivadas em *-dero* e *-dera*. A Figura 109 apresenta o esquema de ATITUDINAIS X-er-.

Figura 109 – Esquema dominante de atitudinais no X-er- no espanhol

(g)<[X_(v)i-(d)er-]s_j ↔ [AÇÃO REITERADA DE SEM_(v)i]s_j>

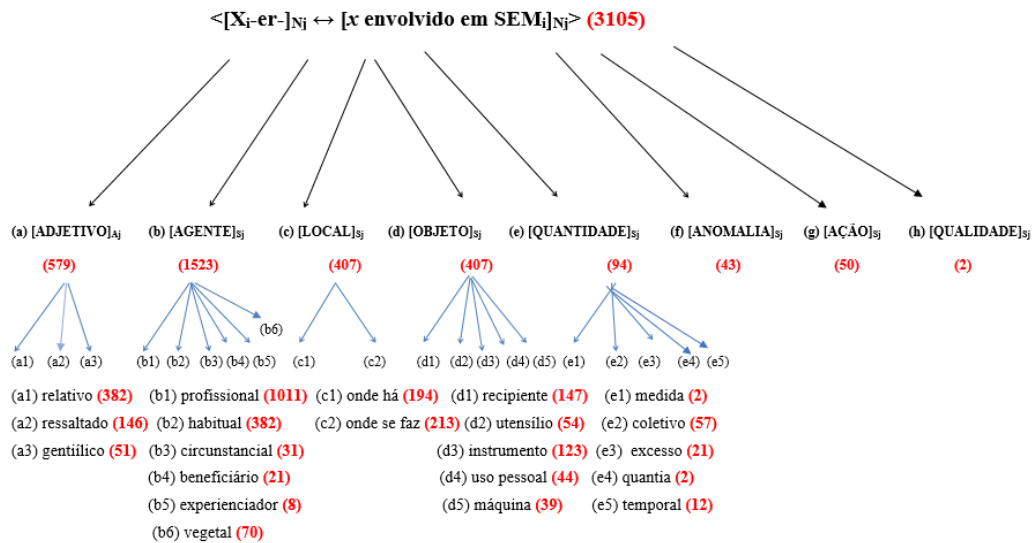
Houve, ainda, entre os dados de X-er- do espanhol, duas ocorrências de substantivos femininos deadjetiváveis com a noção de QUALIDADE, tal como se viu no catalão X-ària. Os exemplos foram *sabrosera* (ESP2014: qualidade do que é saboroso) e *zurdera* (ESP2340: qualidade de quem é canhoto). A Figura 110 faz a representação deste esquema.

Figura 110 – Esquema dominante de qualidade no X-er- no espanhol

(h)<[X_{Ai}-era]s_j ↔ [QUALIDADE DE SEM_{Ai}]s_j>

Feitas essas análises, a Figura 111 apresenta a rede esquemática de X-er- no espanhol, abrangendo os oito esquemas dominantes e todos os seus subesquemas.

Figura 111 – Representação esquemática das construções X-er- do espanhol



10.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE X-ARI-

Entre os materiais de morfologia do espanhol consultados, os comentários sobre o *-ari-*, muitas vezes, se restringem a apresentá-lo como uma variante culta do *-er-*. Dos poucos autores que fazem considerações relevantes sobre o sufixo, em ordem cronológica, o primeiro é Alemany y Bolufer (1920), que observa que *-ario* forma tanto adjetivos quanto substantivos.

Em relação aos adjetivos, o autor menciona o caráter relacional em formas, como *fraccionario*, *visionario* e *expedicionario*, e destaca a frequência com que esses adjetivos se recategorizam como substantivos.

Sobre as formações substantivas, Alemany y Bolufer (1920) menciona três significados:

- a) Profissão ou ocupação, como *bibliotecario*, *boticario*, *corsario* y *cosario*, *funcionario*, *presidiario*, *templario*, etc., de biblioteca, botica, corso y coso, función, presidio, templo, etc [...].
- b) Pessoa em cujo favor se cede algo, como *concesionario* y *concesonario*, *cesionario*, o antigo *comisionario*, substituído por *comisionado*, *pensionario*, etc., de concesión, cesión, comisión, pensión, etc.
- c) O lugar [...] onde se juntam ou guardam objetos da espécie e classe do primitivo, como *antifonario*, *campanario*, *devocionario*, *diccionario*, etc., de antifona, campana, devoción, dicción, etc (ALEMANY Y BOLUFER, 1920, p. 28, tradução nossa³⁴⁰, grifos do autor).

Alemany y Bolufer (1920) não leva em consideração o fato de os exemplos mencionados por ele serem heranças da língua latina, por via culta. Essa questão também não aparece em Rainer (1999), que trata das formações adjetivas com *-ario*, na *Gramática descriptiva da língua espanhola*, de Bosque e Demonte (1999)³⁴¹.

As considerações de Rainer sobre os derivados adjetivos com *-ario* no espanhol estão apresentados no Quadro 37, a seguir, que segue os moldes do Quadro 35.

Quadro 37 – Classificação semântica dos adjetivos derivados em *-ario* no espanhol

Categorias morfossemânticas	Comentários de Rainer (1999, com grifos do autor e tradução nossa)
DENOMINAL, DE RELAÇÃO, NORMAL	“O sufixo <i>-ario/a</i> [...] conta com mais de 70 formações usuais: <i>bancario</i> , <i>carcelario</i> , <i>comunidad/comunitario</i> , <i>diente/dentario</i> , <i>divisionario</i> , etc. É difícil delimitar seu domínio, mas parece que tem certa preferência por bases em <i>-idad</i> , <i>-ión</i> e <i>-m(i)ento</i> . É discretamente produtivo: <i>ilocucionario</i> (em lingüística), <i>estamentario</i> [[...]la forma común es <i>estamental</i>], <i>moda vestimentaria</i> [...], etc. Devido a sua origem culta, encontramos um grande número de irregularidades formais: supletivismo (p. ex. <i>campo/agrario</i> , <i>baño/balneario</i> , etc.), <i>truncamento</i> (p. ex. <i>-ad</i> no tipo <i>universidad/universitario</i>), mudança consonantal (<i>moneda/monetario</i>), mudança vocálica

³⁴⁰ “a) Profesión o ocupación, como *bibliotecario*, *boticario*, *corsario* y *cosario*, *funcionario*, *presidiario*, *templario*, etc., de biblioteca, botica, corso y coso, función, presidio, templo, etc [...].

b) Persona a cuyo favor se cede algo, como *concesionario* y *concesonario*, *cesionario*, el ant. *comisionario*, substituído por *comisionado*, *pensionario*, etc., de concesión, cesión, comisión, pensión, etc.

c) El lugar [...] donde se juntan o guardan objetos de la especie y clase del primitivo, como *antifonario*, *campanario*, *devocionario*, *diccionario*, etc., de antifona, campana, devoción, dicción, etc.” (BOLUFER, 1920, p. 28, grifos do autor)

³⁴¹ Nessa mesma gramática, os comentários de Lacuesta e Guisbert (1999), sobre as formações substantivas em *-ario*, são feitos na seção de *-ero* e já foram reproduzidos na subseção anterior desta Tese.

	(<i>imagen/imaginario, origen/originario, orina/urinario, diente/dentario vs, presupuestario</i>) (p. 4617 ³⁴²)
DENOMINAL, DE RELAÇÃO, DEONOMÁSTICO, DE LUGAR	“No caso de <i>-ario/a</i> de <i>Mercedes/mercedario</i> e <i>Trinidad/trinitario</i> , trata-se de usos secundários” (p. 4624 ³⁴³)
DENOMINAL, DE SEMELHANÇA	“Há um grande número de formações usuais em [...] <i>-ario/a</i> <i>carcelario, cavernario, legendario, patibulario, tabernario</i> , etc (p. 4628) ³⁴⁴ .”
DENOMINAL, DE POSSE	“A série de sufixos não produtivos ou marginais é, de novo, muito vasta - Encontramos o sufixo <i>-ario/a</i> em <i>concesionario, deficitario, plenipotenciario, utilidad/utilitario</i> , etc” (p. 4631) ³⁴⁵ .
DENUMERAL, ORDINAL	Com o sufixo <i>-ario/a</i> , cabe distinguir duas séries. O par <i>primario, secundario</i> e a série <i>binario, ternario, cuaternario, quinario, senario</i> , con o sentido «que consta de x elementos». O mesmo sentido, encontramos em <i>cuaterno</i> (raro). Ao lado das formações do tipo <i>cuarentón</i> , o español possui outra serie sinônima formada com o sufixo <i>enario/a</i> ³⁴⁶ : <i>cuadragenario</i> (raro), <i>quincuagenario, sexagenario, septuagenario, octogenario, nonagenario, centenario, milenario</i> . (p. 4635) ³⁴⁷ .

Fonte: dados e classificações de Rainer (1999), elaboração nossa.

Na edição de 2010, da *Gramática da Real Academia Espanhola*, o *-ario* é abordado como um correspondente culto do *-ero*, além de ser feita uma menção à variante *-atario*. Do ponto de vista semântico, são destacados os significados de agente, lugar e conjunto. Vejam-se as breves passagens sobre o funcionamento do sufixo *-ario*:

[D]esignam fundamentalmente pessoas os derivados com *-ario/-aria*, cultismo correspondente a *-ero /-era* (*dimisionario, intermediario, millonario*), ou sua variante *-atario/-ataria* (ou *-tario/-taria* caso se considere o a como vogal temática): *arrendatario, dignatario, fedatario, mandatario, signatario*. Muitos destes

³⁴² “El sufijo *-ario/a* [...] cuenta con más de 70 formaciones usuales: *bancario, carcelario, comunidad/comunitario, diente/dentario, divisionario*, etc. Resulta difícil delimitar su dominio, pero parece que tiene cierta preferencia por bases en *-idad, -ión* y *-m(i)ento*. Es discretamente productivo: *ilocucionario* (en lingüística), *estamentario* [...] la forma común es *estamental*], *moda vestimentaria* [...], etc. Debido a su origen culto, hallamos un gran número de irregularidades formales: suplencia (p. ej. *campo/agrario, baño/balneario*, etc.), truncamiento (p. ej. *-ad* en el tipo *universidad/universitario*), cambio consonántico (*moneda/monetario*), cambio vocálico (*imagen/imaginario, origen/originario, orina/urinario, diente/dentario vs, presupuestario*)” (RAINER, 1999, p. 4617, grifos do autor)

³⁴³ “En el caso del *ario/a* de *Mercedes/mercedario* y *Trinidad/trinitario* se trata de usos secundarios” (RAINER, 1999, p. 4624, grifos do autor).

³⁴⁴ “Hay un gran número de formaciones usuales em [...] *-ario/a* *carcelario, cavernario, legendario, patibulario, tabernario*, etc (RAINER, 1999, p. 4628, grifos do autor)

³⁴⁵ “La serie de los sufijos no productivos o marginales es, de nuevo, muy larga.

— Encontramos el sufijo *-ario/a* en *concesionario, deficitario, plenipotenciario, utilidad/utilitario*, etc” (RAINER, 1999, p. 4631, grifos do autor).

³⁴⁶ Trata-se de uma combinação dos sufixos *-ena* e *-ario*.

³⁴⁷ “Con el sufijo *-ario/a*, cabe distinguir dos series. La pareja *primario, secundario* y la serie *binario, ternario, cuaternario, quinario, senario*, con el sentido «que consta de x elementos». El mismo sentido lo encontramos en *cuaterno* (raro). Al lado de las formaciones del tipo *cuarentón*, el español posee otra serie sinónima formada con el sufijo *enario/a*: *cuadragenario* (raro), *quincuagenario, sexagenario, septuagenario, octogenario, nonagenario, centenario, milenario*” (RAINER, 1999, p. 4635, grifos do autor).

substantivos - uns de base nominal e outros de base verbal - se aplicam, como em latim, aos participantes de certas atuações de carácter jurídico. Podem designar o agente (*signatario*) ou bem a pessoa que tem algo a seu cargo (*bibliotecario, empresaria*), a que trabalha em certo lugar (*bancario*) ou está reclusa nele (*presidiario*), a pessoa que dispõe ou desfruta de algo (*accionaria, becario*), ou está a favor de algo (*faccionario, partidario*), entre outros significados. O sufixo *-ario* forma também nomes de lugar, muitas vezes em relação com os de conjunto [...]: *acuario, campanario, delfinario, herbolario, planetario* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010, p. 126, tradução nossa³⁴⁸, grifos dos autores).

A relação entre os conceitos de ‘lugar’ e ‘conjunto’ se estende aos sufixos *-ario* [...] e a *-ero* e *-era* [...]. Assim, o substantivo *vecindario* se aplica a um lugar, mas também a um conjunto de vizinhos. Designam coisas materiais que se concebem como agrupações de outras *aulario, cuestionario, diccionario, epistolario, glosario, ideario, mobiliario, temario*, e igualmente *cancionero, cristalera, fichero, perchero, refranero, romancero* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010, p. 131, tradução nossa³⁴⁹, grifos dos autores).

Apresentadas essas considerações acerca do sufixo *-ario* no espanhol, passa-se, agora, às análises desta Tese, começando pelas construções adjetivas. Ao todo, foram vistas 268 instâncias, que se dividiram como na Tabela 56.

Tabela 56 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos *X-ari-* no espanhol

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	216	80,60
Ressaltados	49	18,28
Gentílicos	3	1,12

Entre os exemplos do tipo RELATIVO, estão: *accidentario* (ESP2342: acidental), *accionario* (ESP2343: relativo às ações de uma corporação), *aeroportuario* (ESP2348: relativo ao aeroporto), *agrario* (ESP2349: relativo ao campo), *ancilario* (ESP2354: auxiliar), *aniversario*

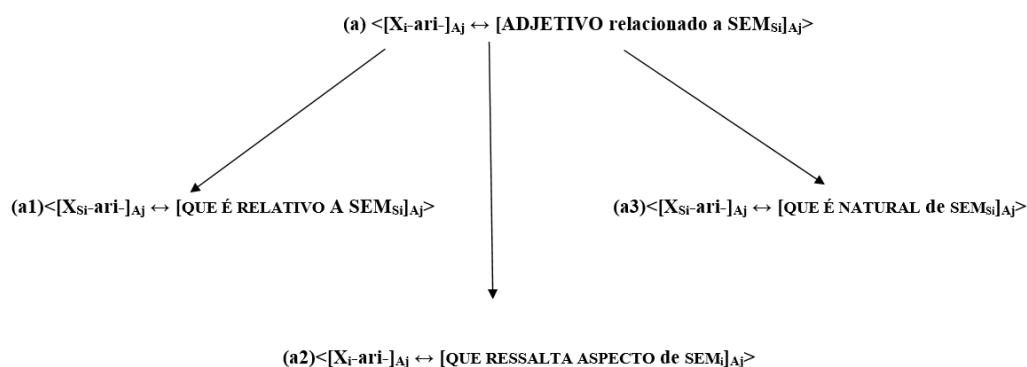
³⁴⁸ “[D]esignan fundamentalmente personas los derivados mediante *-ario/-aria*, cultismo correspondiente a *-ero/-era* (*dimisionario, intermediario, millonario*), o su variante *-atario/-ataria* (o *-tario/-taria* si se considera la a como vocal temática): *arrendatario, dignatario, fedatario, mandatario, signatario*. Muchos de estos sustantivos - unos de base nominal y otros de base verbal - se aplican, como en latín, a los participantes en ciertas actuaciones de carácter jurídico. Pueden designar el agente (*signatario*) o bien la persona que tiene algo a su cargo (*bibliotecario, empresaria*), la que trabaja en cierto lugar (*bancario*) o está recluida en él (*presidiario*), la persona que dispone o disfruta de algo (*accionaria, becario*), o está a favor de algo (*faccionario, partidario*), entre otros significados. El sufijo *-ario* forma también nombres de lugar, muchas veces en relación con los de conjunto [...]: *acuario, campanario, delfinario, herbolario, planetario*” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010, p. 126, grifos dos autores).

³⁴⁹ “La relación entre los conceptos de ‘lugar’ y ‘conjunto’ se extiende a los sufijos *-ario* [...] y a *-ero* y *-era* [...]. Así, el sustantivo *vecindario* se aplica a un lugar, pero también a un conjunto de vecinos. Designan cosas materiales que se conciben como agrupaciones de otras *aulario, cuestionario, diccionario, epistolario, glosario, ideario, mobiliario, temario*, e igualmente *cancionero, cristalera, fichero, perchero, refranero, romancero*.” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010, p. 131, grifos dos autores).

(ESP2357: anual), *aviario* (ESP2376: relativo às aves), *balneario* (ESP2379: relativo aos banhos públicos), *cambiario* (ESP2398: relativo ao câmbio), *caprario* (ESP2404: relativo à cabra), *cavernario* (ESP2409: próprio das cavernas), *cervario* (ESP2418: relativo aos cervos), *cometario* (ESP2433: relativo aos cometas), *concordatario* (ESP2439: relativo à concordata), *culinario* (ESP2464: relativo à cozinha), *dentario* (ESP2472: relativo aos dentes), *disciplinario* (ESP2483: relativo à disciplina), *eleccionario* (ESP2495: relativo às eleições), *estatutario* (ESP2513: relativo aos estatutos), *fornicario* (ESP2533: relativo à fornicação), *hebdomadario* (ESP2547: semanal), *horario* (ESP2555: relativo às horas), *inmobiliario* (ESP2569: relativo a coisas imóveis), *literario* (ESP2594: relativo à literatura), *monetario* (ESP2614: relativo à moeda), *nobiliario* (ESP2623: relativo à nobreza), *orbitario* (ESP2638: relativo à órbita), *pigmentario* (ESP2662: relativo ao pigmento), *placentario* (ESP2665: relativo à placenta), *reglamentario* (ESP2704: regulamentar), *sanitario* (ESP2718: relativo à saúde), *societario* (ESP2743: relativo às associações), *tarifario* (ESP2760: relativo a tarifas), *urinario* (ESP2788: relativo à urina) e *vinario* (ESP2807: relativo ao vinho).

Como exemplos de RESSALTADOS, aparecem: *arbitrario* (ESP2369: que depende da vontade ou do capricho de alguém), *atribiliario* (ESP2373: de temperamento violento e destemperado), *celulario* (ESP2411: composto de muitas células), *cinerario* (ESP2425: cinzento), *cuestuario* (ESP2463: custoso), *deficitario* (ESP2467: que implica déficit), *estrafalario* (ESP2516: extravagante), *excedentario* (ESP2520: que excede a quantidade necessária), *fragmentario* (ESP2536: incompleto, inacabado), *fructuario* (ESP2538: proveitoso), *incendiario* (ESP2562: escandaloso, subversivo), *nefario* (ESP2622: nefasto), *perdulario* (ESP2657: vicioso, incorrigível), *sortario* (ESP2746: sortudo), *tumultuario* (ESP2781: tumultuoso) e *vergatario* (ESP2798: excelente).

Por último, entre os GENTÍLICOS, aparecem: *baleario* (ESP2378: que é nativo das Ilhas Baleares), *mercedario* (ESP2603: que é natural de Mercedes) e *trinitario* (ESP2778: que é natural de Trindade). Como sugeriu Rainer (1999), essas formações gentílicas parecem acidentais, e não derivadas a partir de um esquema produtivo de X-ari-. Ainda assim, registra-se esse significado no esquema da Figura 112.

Figura 112 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no *X-ari-* no espanhol

O esquema dominante de AGENTES apresentou um total de 191 realizações, que se dividiram conforme a Tabela 57.

Tabela 57 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes no espanhol *X-ari-*

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	78	40,84
Habituais	50	26,18
Circunstanciais	33	17,28
Beneficiários	26	13,61
Experienciadores	4	2,09

Entre os exemplos de PROFissionais, aparecem: *actuário* (ESP2344: atuário, notário público), *anticuario* (ESP2358: pessoa que estuda ou comercializa antiguidades), *apotecario* (ESP2364: boticário), *balanzario* (ESP2377: homem que pesa os metais nas casas de moeda), *bestiario* (ESP2383: gladiador que lutava contra as feras nos circos romanos), *bibliotecario* (ESP2384: pessoa responsável por uma biblioteca), *cancelario* (ESP2400: homem que tinha a autoridade para atribuir notas em uma universidade), *caniculario* (ESP2402: homem que, nas igrejas, tinha a responsabilidade de manter os cães do lado de fora), *cubiculario* (ESP2461: servo que cuidava do quarto), *depositario* (ESP2473: responsável por um depósito), *estipendiario* (ESP2515: homem que recolhe ou recebe estipêndios), *fundibulario* (ESP2541: soldado que lutava com um estilingue), *metalario* (ESP2605: ourives que trabalha com vários tipos de metais), *mundaria* (ESP2617: prostituta), *notario* (ESP2625: notário público), *ostiario* (ESP2642: clérigo que tinha a função de abrir e fechar as portas da igreja), *reciario* (ESP2697: gladiador que usava uma rede), *sagitario* (ESP2714: flecheiro), *silenciario* (ESP2740: pessoa

destinada a cuidar do silêncio ou quietude da casa ou templo), *tranviario* (ESP2776: pessoa que trabalha nos bondes) e *victimario* (ESP2806: servo dos antigos sacerdotes romanos que acendia o fogo, amarrando as vítimas ao altar e segurando-as no ato de sacrifício).

No rol dos HABITUAIS, estão: *agrario* (ESP2349: aquele que, na política, defende ou representa os interesses da agricultura), *anticuario* (ESP2358: pessoa que coleciona coisas antigas), *concupinario* (ESP2440: homem que vive em concubinato), *consuetudinario* (ESP2447: pessoa que tem o costume de cometer alguma falha), *escriturario* (ESP2510: homem que professa a doutrina da Escritura sagrada), *falsario* (ESP2526: homem que falsifica ou forja algo), *fornicario* (ESP2533: fornicador), *hospitalario* (ESP2556: pessoa que dá abrigo a estrangeiros e carentes), *latitudinario* (ESP2583: pessoa que professa o latitudinarismo), *nefandario* (ESP2621: pessoa que comete pecados hediondos), *panfletario* (ESP2644: panfletário, que professa um discurso doutrinador), *reaccionario* (ESP2695: pessoa que se opõe às inovações, conservador), *rutinario* (ESP2711: quem trabalha apenas para manter a rotina), *sectario* (ESP2721: quem professa ou segue uma seita), *ubiquitario* (ESP2784: indivíduo de um ramo do protestantismo que nega a transubstanciação e afirma que a corpo de Jesus Cristo, em virtude de sua divindade, está presente na Eucaristia, como em todos os lugares) e *usurario* (ESP2791: pessoa que empresta o dinheiro com juros).

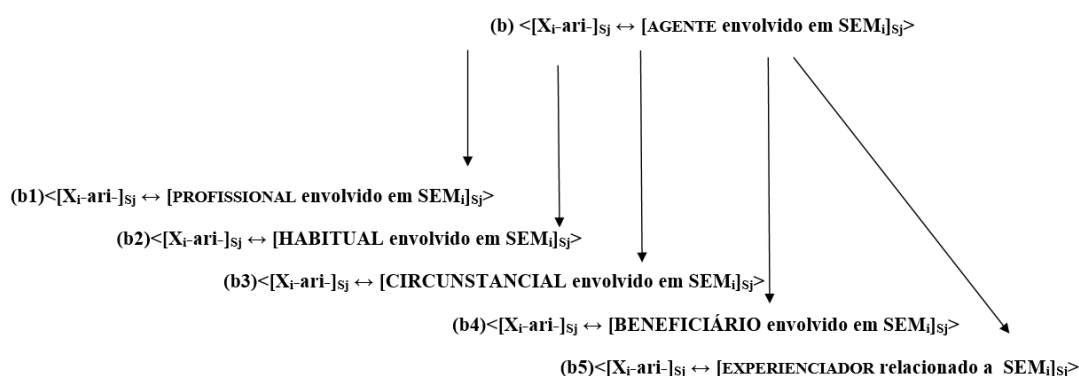
O subesquema CIRCUNTANCIAIS tem instanciações como: *adversario* (ESP2347: oponente), *arrendatario* (ESP2370: quem aluga alguma coisa), *compromisario* (ESP2436: representante de eleitores primários para votar nas eleições para segundo ou subsequente grau), *consignatario* (ESP2445: credor que, mediante acordo com o devedor, administra a propriedade até que a dívida seja extinta), *contestatario* (ESP2449: quem contesta algo estabelecido), *delegatario* (ESP2469: pessoa que recebe das pessoas ou seus representantes comissionados o encargo de executar determinadas funções), *destinatario* (ESP2474: pessoa a quem se destina algo), *fiduciario* (ESP2529: pessoa que age em nome de alguém sem tornar isso público), *locatario* (ESP2595: locatário, inquilino), *podatario* (ESP2674: pessoa autorizada a representar outra), *precario* (ESP2677: docente que detém um cargo temporariamente), *presidiario* (ESP2679: pessoa que cumpre pena em um presídio), *testamentario* (ESP2772: pessoa autorizada pelo testador a cumprir a sua última vontade) e *vicario* (ESP2803: pessoa em ordens regulares que tem o tempo e a autoridade de qualquer um dos superiores maiores, na sua ausência ou adoecimento).

Entre os BENEFICIÁRIOS, aparecem: *adjudicatario* (ESP2346: pessoa a quem se adjudica algo), *asignatario* (ESP2372: pessoa a quem é atribuída a herança ou legado), *becario* (ESP2381: pessoa que goza de uma bolsa de estudos), *beneficiario* (ESP2382: pessoa que goza

de um benefício), *cesionario* (ESP2419: pessoa que recebe uma cessão feita em seu favor), *comendatario* (ESP2431: eclesiástico secular que gozava de um benefício que lhe foi confiado), *concesionario* (ESP2438: pessoa que recebe uma concessão feita em seu favor), *donatario* (ESP2490: pessoa a quem é feita uma doação), *endosatario* (ESP2502: pessoa a quem se endossa um documento de crédito), *legitimario* (ESP2587: pessoa que tem direito à legítima, parte da herança), *permissionario* (ESP2658: pessoa que desfruta de uma permissão), *recipiendario* (ESP2698: pessoa que é recebida solenemente em uma corporação para ser parte dela), *resignatario* (ESP2707: eclesiástico em cujo favor se faz uma resignação) e *usuario* (ESP2790: quem tem direito a usar uma coisa com alguma limitação).

Por último, os EXPERIENCIADORES instanciaram: *convulsionario* (ESP2451: pessoa que sofre de convulsões), *cuartanario* (ESP2460: que sofre de febres quartãs), *domiciliario* (ESP2489: pessoa que tem residência em um dado lugar) e *tercianario* (ESP2768: pessoa que sofre de febre terçã). A Figura 113 faz a representação do esquema de AGENTE com *-ari-*.

Figura 113 – Esquema dominante de agente e os seus subesquemas no *X-ari-* no espanhol



Os LOCATIVOS apresentaram 40 instanciações que se dividiram em dois subesquemas, como se pode ver na Tabela 58.

Tabela 58 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos no espanhol *X-ari-*

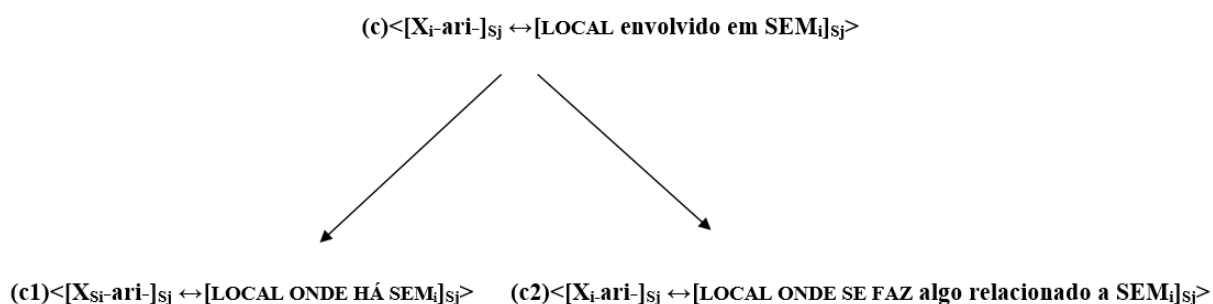
Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Onde há	22	55
Onde se faz	18	45

Entre os exemplos do tipo LUGAR ONDE HÁ, estão: *acuario* (ESP2345: tanque de água onde se mantêm animais aquáticos vivos), *animalario* (ESP2356: edifícios onde há animais usados para experimentos), *antidotario* (ESP2359: lugar da farmácia onde são conservados os antídotos), *apiario* (ESP2362: apiário, onde vivem abelhas), *calavernario* (ESP2393: ossuário, lugar onde se guardam os ossos), *campanario* (ESP2399: torre onde estão os sinos), *cetario* (ESP2422: lugar onde as baleias e outros cetáceos se fixam para procriar), *columbario* (ESP2428: lugar dos cemitérios romanos onde se colocavam as urnas cinerárias), *delfinario* (ESP2470: tanque onde são mantidos os golfinhos para a exibição), *leprosario* (ESP2590: lugar onde os leprosos são mantidos para tratamento), *monetario* (ESP2614: lugar onde se mantêm gavetas contendo uma série de moedas e medalhas), *relicario* (ESP2705: lugar do templo onde estão guardadas as relíquias), *sagrario* (ESP2715: parte do templo onde se guardam as coisas sagradas).

Como LUGAR ONDE SE FAZ, aparecem as seguintes instanciações: *aulario* (ESP2374: edifício onde se realizam as aulas), *balneario* (ESP2379: lugar onde se realizam os banhos públicos), *caldario* (ESP2394: balneário dos romanos onde se tomavam banhos quentes), *confesionario* (ESP2442: lugar da igreja onde se fazem as confissões), *dispensario* (ESP2484: estabelecimento onde se prestam atendimentos médicos e farmacêuticos), *escenario* (ESP2509: parte do teatro onde se realizam as cenas), *plantario* (ESP2668: lugar onde se semeia), *santuario* (ESP2719: templo em que se venera a imagem de um santo), *uncionario* (ESP2785: câmara ou aposento em que se aplicam as unções) e *urinario* (ESP2788: lugar destinado a urinar).

A Figura 114 faz a representação esquemática do grupo LOCATIVO com *-ari-* no espanhol.

Figura 114 – Esquema dominante de locativo e os seus subesquemas no *X-ari-* no espanhol



A categoria OBJETOS em *X-ari-* rendeu 50 instanciações. A distribuição dessa quantidade entre os cinco subesquemas está na Tabela 59.

Tabela 59 – Distribuição percentual dos subesquemas de objetos no espanhol X-ari-

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Utensílios	27	54
Recipientes	8	16
Máquinas	6	12
Uso Pessoal	5	10
Instrumentos	4	8

OS UTENSÍLIOS formaram o subesquema mais produtivo de OBJETOS, com mais da metade das ocorrências. Alguns exemplos encontrados foram: *antifonario* (ESP2360: livro que contém as antífonas), *anuario* (ESP2361: livro publicado anualmente em uma comunidade científica), *breviario* (ESP2389: livro que contém as orações de todo o ano), *calendario* (ESP2395: folha com as datas), *capitulario* (ESP2403: livro que contém as capitulas), *coronario* (ESP2455: roda do relógio que rege os ponteiros), *devocionario* (ESP2475: livro que contém devoções úteis para os fiéis), *diccionario* (ESP2477: livro que reúne os vocábulos de uma língua e os seus significados), *evangelario* (ESP2519: livro litúrgico com os evangelhos), *homiliario* (ESP2553: livro que contém as homílias), *nobiliario* (ESP2623: livro que traz as árvores genealógicas da nobreza), *semanario* (ESP2727: jornal publicado semanalmente), *talonario* (ESP2758: talão de cheques) e *vocabulario* (ESP2809: dicionário).

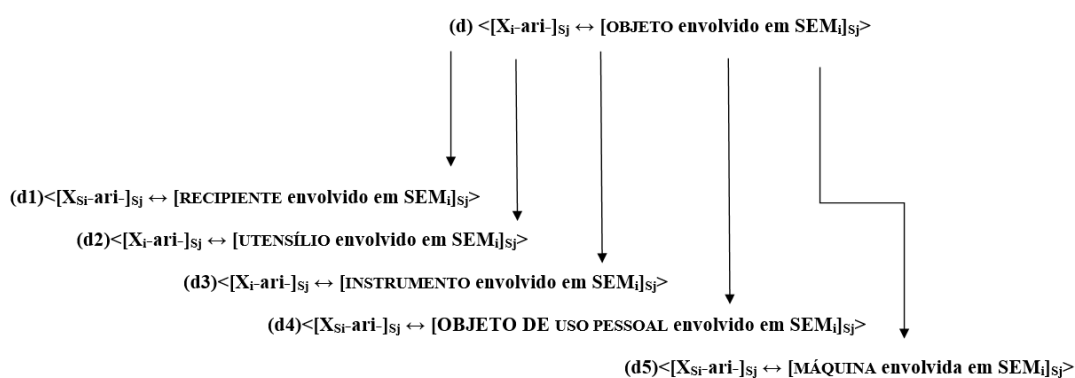
Os RECIPIENTES foram o segundo subesquema mais produtivo. As instanciações observadas foram: *ceriolario* (ESP2416: castiçal para velas de cera utilizado pelos romanos), *hostiario* (ESP2557: caixa em que as hóstias não consagradas são guardadas), *incensario* (ESP2563: braseiro usado para incensar), *insectario* (ESP2571: caixa de uso escolar em que espécimes de insetos são guardados), *lampadario* (ESP2579: castiçal que repousa em pé e tem dois ou mais braços com lâmpadas individuais), *relicario* (ESP2705: caixa onde se guardam as relíquias), *tenebrario* (ESP2766: castiçal de forma triangular, com quinze velas) e *terrario* (ESP2771: caixa com terra para que se mantenham vivos animais como anfíbios, insetos ou répteis).

Foram classificados como MÁQUINAS: *corsario* (ESP2456: navio que seguia o curso, com patente do governo de sua nação), *onerario* (ESP2635: navio de carga), *petraria* (ESP2661: máquina de guerra para lançar pedras), *planetario* (ESP2667: aparelho que reproduz os planetas do sistema solar), *utilitario* (ESP2792: carro econômico) e *vaporario* (ESP274: aparelho utilizado para a produção de vapor).

Os OBJETOS DE USO PESSOAL encontrados foram: *calzonario* (ESP2397: modelador, peça de roupa íntima), *escapulario* (ESP2508: tira com uma abertura através da qual a cabeça é inserida, e que paira sobre o peito), *orario* (ESP2637: lenço para enxugar o suor da testa), *pesario* (ESP2659: dispositivo colocado na vagina como método contraceptivo) e *sudario* (ESP2750: mortalha que envolve o morto; pano que enxuga o suor).

Como INSTRUMENTOS, foram classificados: *abecedario* (ESP2341: cartilha com o alfabeto usada para ensinar), *alaria* (ESP2350: chapa de ferro usada por ceramistas para decorar os vasos de argila), *hostiario* (ESP2557: molde para fazer hóstias) e *minutario* (ESP2610: caderno em que o escrivão colocava rascunhos de atos ou instrumentos públicos que foram concedidos a ele). A Figura 115 traz a representação do esquema dominantes de objetos com o padrão *X-ari-*.

Figura 115 – Esquema dominante de objeto e os seus subesquemas no *X-ari-* no espanhol



O esquema dominante de QUANTIDADES apresentou 43 dados, que se distribuíram em três subesquemas, como se pode ver na Tabela 60.

Tabela 60 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidades no espanhol *X-ari-*

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	38	88,37
Quantias	4	9,30
Unidades de medida	1	2,33

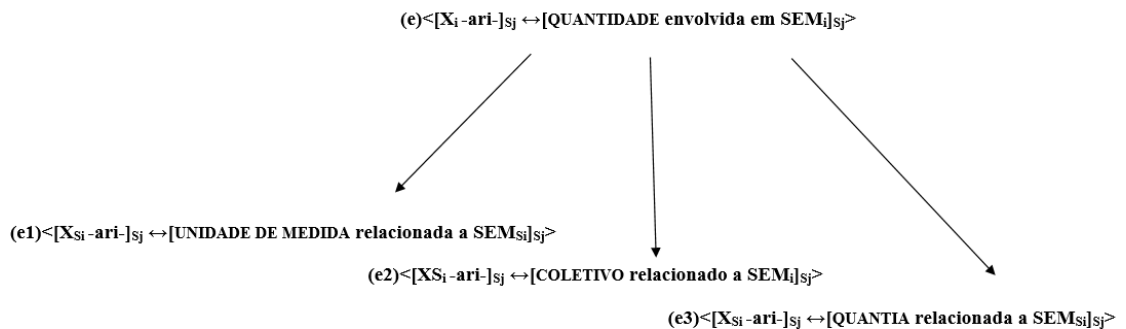
Os COLETIVOS formaram o subesquema mais produtivo de QUANTIDADES. Entre os exemplos observados, estão: *abecedario* (ESP2341: série de letras de uma língua), *anecdario* (ESP2355: conjunto de anedotas), *aviario* (ESP2376: conjunto de aves), *bulario* (ESP2392: conjunto de bulas), *cedulario* (ESP2410: coleção de cédulas reais), *columnario* (ESP2429: conjunto de colunas alinhadas), *epigramatario* (ESP2505: coleção de epigramas), *fabulario*

(ESP2523: conjunto de fábulas), *hymnario* (ESP2551: coleção de hinos), *ideario* (ESP2559: conjunto de ideias atribuídas a um autor ou a um paradigma), *parvulario* (ESP2649: conjunto de crianças que recebem educação pré-escolar), *recetario* (ESP2696: conjunto de receitas), *sermonario* (ESP2732: coleção de sermões), *temario* (ESP2762: conjunto de temas propostos para estudo), *vecindario* (ESP2795: conjunto de moradores de um município) e *vocabulario* (ESP2809: conjunto de palavras de uma língua).

As QUANTIAS encontradas foram: *botecario* (ESP2387: certo tributo que se pagava em tempo de guerra), *congiario* (ESP2443: gratificação que às vezes os imperadores romanos distribuía para o povo), *diario* (ESP2476: valor correspondente ao que é necessário para manter as despesas da casa durante um dia) e *salario* (ESP2716: determinada quantia de dinheiro que é paga por conta de trabalhos realizados).

O único exemplo do subesquema UNIDADE DE MEDIDA foi *sextario* (ESP2735: antiga medida de capacidade para líquidos e secos). A Figura 116 faz a representação do esquema de QUANTIDADES.

Figura 116 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no *X-ari-* no espanhol



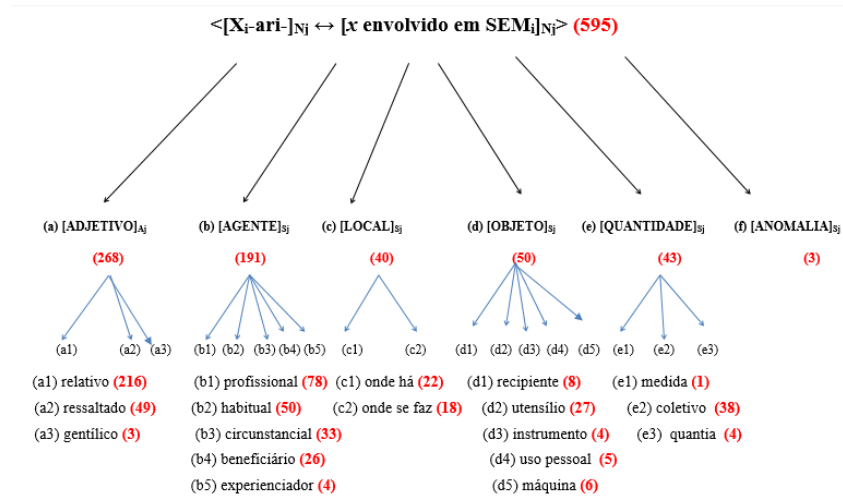
O último grupo observado com *X-ari-* foi o de ANOMALIAS, que teve três instanciações: *cuartanaria* (ESP2460: febre quartã), *tercianaria* (ESP2768: febre terçã) e *urticaria* (ESP2789: urticária, enfermidade que causa erupção na pele). Todas as formas encontradas são femininas, o que é apontado na Figura 117, que faz o resumo desse esquema.

Figura 117 – Esquema dominante de anomalia com *X-ari-* no espanhol

(f) <[X_i-aria]_{sj} ↔ [ANOMALIA envolvida em SEM_i]_{sj}>

Feitas as análises sobre o padrão *X-ari-* do espanhol, a Figura 118 faz o resumo desse esquema construcional.

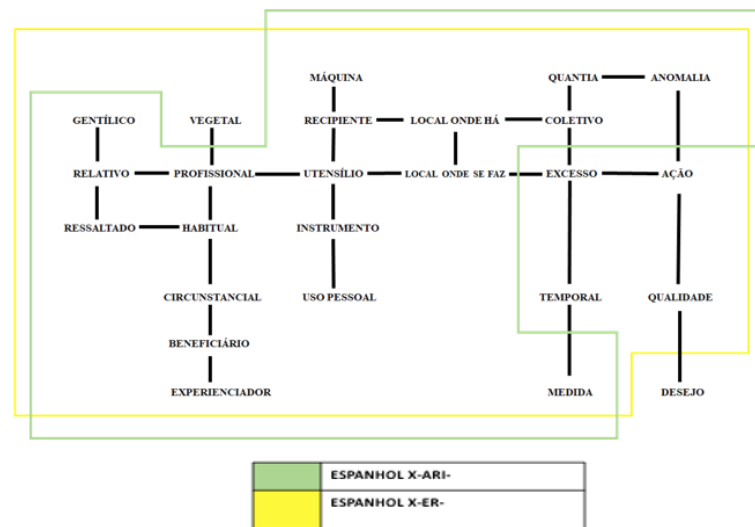
Figura 118 – Representação esquemática das construções X-ari- do espanhol



10.4 COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS

Nesta subsecção, apresenta-se a comparação por mapas semânticos. Na Figura 119, faz-se o cotejo entre as redes semânticas das duas construções do espanhol analisadas nesta seção.

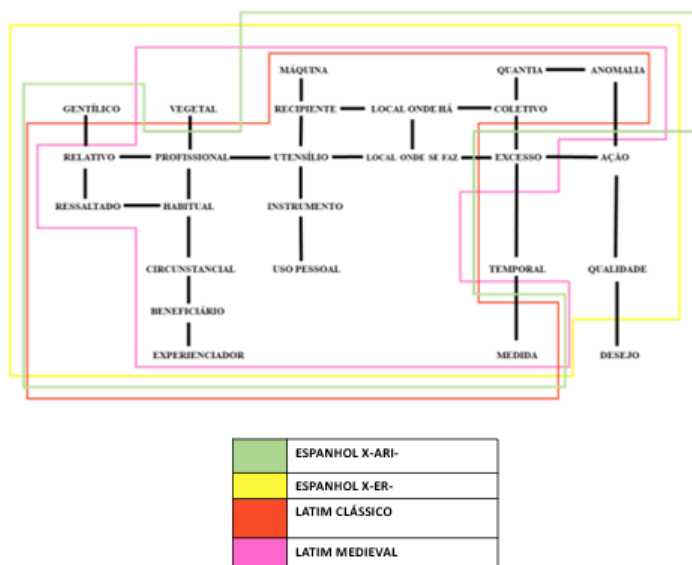
Figura 119 – Comparação entre as construções X-er- e X-ari- do espanhol



O mapa apresentado na Figura 119, em relação ao que se viu no catalão, acrescenta a categoria TEMPORAL. Com base nos dados levantados para o espanhol, vê-se que a linha verde, representando as construções X-ari- não alcança os significados de AÇÃO, VEGETAL, QUALIDADE, TEMPORAL, EXCESSO e DESEJO. O X-er- do espanhol não apresenta apenas o significado DESEJO, que parece ser uma particularidade do catalão.

A Figura 120 apresenta a comparação entre as duas construções e as do latim clássico e medieval.

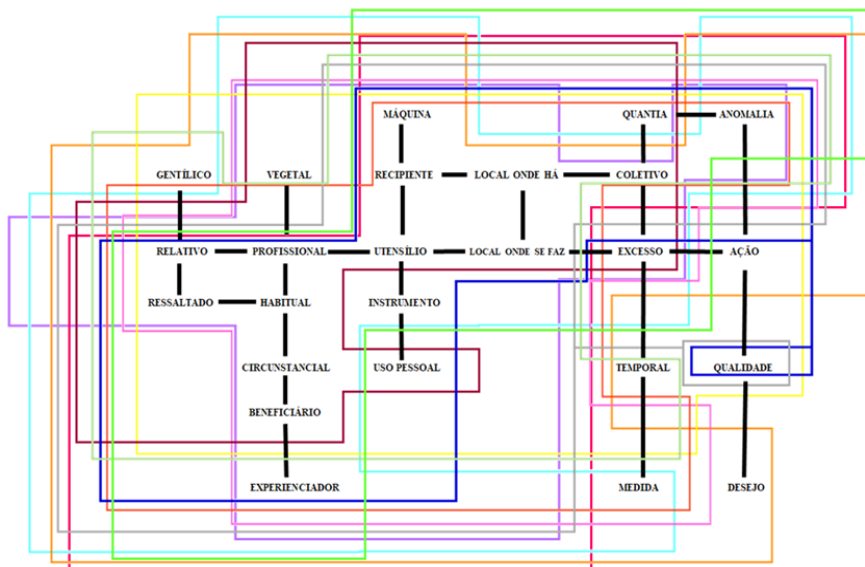
Figura 120 – Comparação entre as construções do espanhol e do latim



Na Figura 120, as cores amarelas e verdes seguem representando as construções espanholas cotejadas na Figura 119. O vermelho delimita o latim clássico, que não abrange GENTÍLICO, VEGETAL, EXCESSO, TEMPORAL, QUALIDADE, DESEJO e AÇÃO. O latim medieval, de rosa-choque, por sua vez, não aborda GENTÍLICO, QUALIDADE, DESEJO e AÇÃO.

O último mapa desta seção está representado na Figura 128, que faz a comparação entre as construções do espanhol, catalão, francês, italiano, romeno e latim. A Figura 121 é acompanhada de uma legenda que informa qual significado não é abrangido por cada um dos padrões comparados.

Figura 121 – Comparação entre as construções do espanhol, catalão, francês, italiano, romeno e latim



	GALEGO X-EIR- : NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, QUANTIA, UNIDADE DE MEDIDA
	GALEGO X-ARI-: NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, AÇÃO, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO, MEDIDA, GENTÍLICO, VEGETAL., TEMPORAL
	LATIM MEDIEVAL: NÃO ABRANGE GENTÍLICO, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	LATIM CLÁSSICO: NÃO ABRANGE EXCESSO, AGENTE VEGETAL, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ESPAÑHOL X-ARI-: NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, VEGETAL, EXCESSO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ESPAÑHOL X-ER-: NÃO ABRANGE DESEJO, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	CATALÃO X-ER- : NÃO ABRANGE QUALIDADE, QUANTIA, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	CATALÃO X-ARI-: NÃO ABRANGE AÇÃO, DESEJO, VEGETAL, EXCESSO, MEDIDA, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ROMENO X-AR- : NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ROMENO X-{}ER- : NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA, INSTRUMENTO, EXPERIENCIADOR, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ITALIANO X-AI- : NÃO ABRANGE USO PESSOAL, QUANTIA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ITALIANO X-ARI- : NÃO ABRANGE USO PESSOAL, VEGETAL, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	FRANCÊS X-IER- : NÃO ABRANGE QUANTIA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	FRANCÊS X-AIRE : NÃO ABRANGE MEDIDA, VEGETAL, EXCESSO, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO

O mapa apresentado na Figura 121, inquestionavelmente, precisa da legenda, com o formato apresentado. Isso ratifica a visão de que o modelo de Haspelmath (2003) vai se tornando pouco funcional, à medida em que há uma extensa rede de significados e uma grande quantidade de línguas envolvidas.

10.5 INTERPRETAÇÕES SOCIOCÓGNITIVAS

Nesta seção, são apresentadas as análises de natureza semântico-cognitiva das construções derivadas do espanhol estudadas. O Quadro 38 traz as palavras X-er- selecionadas para comentários.

Quadro 38 – Palavras espanholas X-er- selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
ESP0073	alacranero	1. m. Lugar onde há muitos escorpiões. 2. m. Multidão de escorpiões 3. m. Conjunto de pessoas causadoras de intriga ou inescrupulosas.
ESP0336	barriobajero, ra	1 Próprio das favelas; 2 Que vive ou se radica em favelas; 3 Sem educação, desprovido de bom comportamento ou bom falar.
ESP0386	bollero, ra	1. m. e f. A pessoa que faz ou vende pães. 2. f. despect. vulg. lésbica.
ESP0874	culero, ra	1. adj. Preguiçoso, que faz as coisas depois de todos. 2. adj. Mex. medroso. 3. m. Cueiro 4. m. Tumor que nasce no cóccix dos canários e pintassilgos. 5. m. O Salv. Homossexual.
ESP1225	grillera	1. f. Pequena toca onde grilos se recolhem 2. f. Colloq. Local onde se fala muito e ninguém se entende.
ESP1486	mariconera	1. f. despect. Bolsa de mão para homens.
ESP1490	mariquera	Atitude ou comportamento que denota indecisão, capricho ou covardia.
ESP1553	mondonguero, ra	1. m. e f. Pessoa que vende mondongos. 2. f. vulg. Hond. e P. Rico. mulher muito gorda, de movimentos pesados.
ESP1563	morcillero, ra	1. m. e f. A pessoa que faz ou vende morcillas. 2. m. e f. Colloq. Ator que tem a mania de adicionar palavras de sua invenção ao texto que encena.
ESP2139	teatrero, ra	1. adj. teatral (desejoso de chamar a atenção). U. t. c. s. 2. adj. coloq. Quem gosta muito de teatro. U. t. c. s. 3. m. e f. coloq. histérico (pessoa afetada, que gesticula com exagero).

O primeiro construto *alacranero* (ESP0073) toma como base *alacrán*, que significa escorpião ou lacrau. O derivado *alacranero* forma um locativo, do tipo lugar onde há, e um coletivo. Por meio da metaforização do tipo *HOMEM É ANIMAL*, *alacranero* é usado para caracterizar um lugar onde há pessoas causadoras de intrigas e inescrupulosas. No português brasileiro, a equivalência seria a expressão *ninho de cobra*. No geral, a conceptualização parte de um modelo cognitivo idealizado do comportamento de animais peçonhentos como traiçoeiros.

A metáfora *HOMEM É ANIMAL* orienta também a rede de significados de *grillera* (ESP1225), que significa tanto a toca onde os grilos se abrigam quanto um lugar onde todo mundo fala ao mesmo tempo e ninguém se entende. Essa metaforização parte da categorização idealizada do grilo como um animal barulhento, visto que é tido como o inseto que emite o som mais alto. Assim, a *grillera* é idealizada como um lugar com muitos grilos estridulando ao mesmo tempo. Essa idealização é tomada para caracterizar um lugar onde se fala muito alto e não há comunicação efetiva.

Experiências cotidianas de moradia, alimentação e atividade profissional norteiam as redes semânticas de *barriobajero* (ESP0336), *mondonguero* (ESP1553), *morcillero* (ESP1563) e *teatrero* (ESP2139). A forma *barriobajero* tem como base *barrio bajo*, uma designação para periferia de centros urbanos ou favelas. O adjetivo *barriobajero* pode ter caráter relacional, mas pode acionar também uma categorização metonímica em que as o morador da favela é tomado como mal educado, grosseiro e sem educação.

O derivado *mondonguero* (ESP1553) tem como base *mondongo*, uma especiaria típica de algumas ex-colônias espanholas e que é feita com tripas de animais. É uma comida tida como pesada, como o sarapatel, a feijoada e a dobradinha no Brasil. Esse caráter pesado da comida faz com que a palavra *mondonguera*, para além de designar a pessoa que prepara e vende mondongo, sirva para caracterizar uma mulher gorda, de movimentos pesados. Nesse sentido, há uma categorização também metonímica.

Tanto *morcillero* (ESP1563) quanto *teatrero* (ESP2139) aparecem relacionados à experiência de atuação. O derivado *morcillero* tem como base *morcilla*, uma variedade de chouriço, comida típica da cultura espanhola, e pode ser usado para designar a pessoa que faz ou vende essa comida, ao mesmo tempo em que caracteriza metaforicamente um ator que adiciona falas próprias a um texto que está encenando. Em português brasileiro, dir-se-ia que está *enchendo língua*.

O caso de *teatrero* (ESP2139) envolve a conceptualização metafórica de que o teatro é um espaço em que se faz cena. Assim, o *teatrero* é uma pessoa escandalosa, histérica, que gosta de chamar a atenção.

Os construtos *bollera* (ESP0386), *culero* (ESP0874), *mariconera* (ESP1486) e *mariquera* (ESP1490) envolvem questões de gênero. A forma *bollera* (ESP0386), além de designar uma mulher que faz *bollo*, um tipo especial de pão que é típico da culinária espanhola,

é uma designação popular de lésbica. As razões para essa designação são misteriosas. No Dicionario Lésbico Español³⁵⁰, há, pelo menos, três explicações:

Bollo, gíria de vulva.

A primeira das explicações que relacionam Bollera às lésbicas é o uso de Bollo como gíria de vulva. Se assim fosse, a gíria Bollera teria sua origem em Bollo, porque seria a mulher que gosta de *bollos* e que faz *bollos*. A expressão "fazer um bollo" é fazer sexo lésbico, da mesma forma que "Silvia é bollo" significa que Silvia é lésbica (DICCIONARIO LÉSBICO ESPAÑOL, tradução nossa³⁵¹).

Bollo, de bollera.

A segunda das explicações seria a que tem a ver com Tortillera, cujo primeiro significado é o de uma mulher que faz ou vende tortilhas e é uma gíria lésbica. A etimologia popular estenderia a ideia de lésbica à mulher que faz ou vende bollos, ou seja, a bollera. Processo que seria reforçado pela primeira das explicações e por sua semelhança fonética. Se essa fosse a verdadeira explicação, Bollo, como gíria lésbica, teria sua origem em Bollera, diferentemente do caso anterior, no qual ocorre o contrário. Tortillera também teria dado origem, da mesma forma, às gírias de lésbica Arepera e Cachapera, usadas na América Latina. Essa poderia ser a explicação mais correta, porque é a mais simples (DICCIONARIO LÉSBICO ESPAÑOL, tradução nossa³⁵²).

Bollo, de boyera.

Outra explicação seria a que Bollera se relaciona com Boyera, que é a mulher pastora de bois. Assim, apesar da existência de boyeras na realidade, considera-se esse um trabalho socialmente atribuído aos homens, portanto estaríamos diante de um processo como o produzido com as palavras Camionera, Trailera, Tractor, Vulcanizadora, Soldadora, Leñadora e várias outras, nos quais essas profissões são usadas para exagerar a masculinidade da implicada. Essa origem da gíria nos parece menos provável porque é mais indireta e porque bollera, como pessoa que produz bollos, é

³⁵⁰ Disponível em https://www.moscasdecoldores.com/es/serie-lesbian-slang/bollo-diccionario-lesbico-espana/?fbclid=IwAR2KJOikup8nzXoaj_t2bGijIC3VvA6eNt9MgCT_xPnmTMEnfbKFiOxYdng. Acesso em janeiro de 2020.

³⁵¹ “*Bollo, argot de vulva.*”

La primera de las explicaciones que relacionan Bollera con las lesbianas es la utilización de Bollo como argot de vulva. Si esto fuera así el argot Bollera tendría su origen en Bollo, porque sería la mujer a la que le gustan los bollos y que hace bollos. La expresión “hacer un bollo” es hacer sexo lésbico, de igual manera «Silvia es bollo» significa que Silvia es lesbiana (DICCIONARIO LÉSBICO ESPAÑOL).

³⁵² *Bollo, de bollera.*

La segunda de las explicaciones sería la que tiene que ver con Tortillera, cuyo primer significado es el de mujer que hace o vende tortillas y es argot de lesbiana. La etimología popular haría extensiva la idea de lesbiana a la mujer que hace o vende bollos, esto es, la bollera. Proceso que sería reforzado por la primera de las explicaciones y por su parecido fonético. Si ésta fuera la explicación verdadera, Bollo como argot de lesbiana, tendría su origen en Bollera a diferencia del caso anterior, en el que ocurre lo contrario. Tortillera también daría origen, de la misma manera, a los argots de lesbiana Arepera y Cachapera, utilizados en América Latina. Esta podría ser la explicación más correcta porque es la más sencilla” (DICCIONARIO LÉSBICO ESPAÑOL).

uma profissão que não está especialmente associada aos homens (DICCIONARIO LÉSBICO ESPAÑOL, tradução nossa³⁵³).

A explicação etimológica de expressões populares é sempre marcada por muita controvérsia e fertilidade imaginativa. Sem entrar no mérito de qual a etimologia correta da palavra derivada, cabe mencionar a presença de mecanismos cognitivos. Na primeira explicação, em que *bollo* é uma gíria popular para vulva, parece haver uma metaforização, que é muito comum no português brasileiro, onde se vê o uso de palavras como *abará* e *bolacha*³⁵⁴ como designações vulgares³⁵⁵ de vagina. Nesse caso, o esquema metafórico estaria no de que o ato sexual pode ser compreendido em termos de alimentação (SIMÕES NETO, 2015).

Na segunda explicação, que está intimamente relacionada à primeira, nota-se, além do princípio metafórico, um princípio analógico, visto que seria a partir de *tortillera*, forma que designa tanto a mulher que faz tortilha quanto a mulher lésbica, que é feita a aplicação à forma *bollera*.

Na última explicação, a que é tomada como menos provável, vê-se um princípio metonímico em que o fato de homens serem mais representativos como pastores de bois é ressaltado em termos de masculinidade. Assim, uma mulher *boyera* seria lésbica. A razão para que *boyera* tenha chegado a *bollera* não é clara, o que torna o percurso menos provável.

O caso de *culero* (ESP0874) como uma designação para homossexual masculino não é muito clara, levando em consideração apenas a definição do dicionário. O Urban Dictionary³⁵⁶, ao abordar essa palavra, menciona que ela é usada tanto para uma pessoa ruim com as outras, que talvez equivalha ao *cuzão* do português brasileiro, como também para o homossexual masculino, de forma pejorativa. Ao se fazer a tradução para o inglês, esse dicionário informal sugere que a correspondência mais próxima seja *assfucker*, que seria uma pessoa que sodomiza

³⁵³ *Bollo, de boyera.*

Otra explicación sería la que relaciona Bollera con Boyera, que es la mujer pastora de bueyes. Así, a pesar de la existencia de boyeras en la realidad, se considera un trabajo socialmente asignado a los hombres, por lo que estaríamos ante un proceso como el que se produce con las palabras Camionera, Trailera, Tractor, Vulcanizadora, Soldadora, Leñadora y varias más, en las que se utiliza esas profesiones para exagerar la masculinidad de la implicada. Este origen del argot nos parece menos probable porque es más indirecto y porque bollera, como persona que hace bollos, es una profesión que no se asocia especialmente con los hombres (DICCIONARIO LÉSBICO ESPAÑOL).

³⁵⁴ Cabe ressaltar que, em algumas localidades do Brasil, *bolacha* é também uma designação para lésbica.

³⁵⁵ Informação disponível em <http://curiosoemacao.blogspot.com/2010/10/vagina-em-gurias.html>. Acesso em janeiro de 2020.

³⁵⁶ Disponível em <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=culero>. Acesso em janeiro de 2020.

a outra. Assim, *culero* toma metonímica o *culo* como focalização e restrição das relações homossexuais.

Por último, nessa leva, *mariconera* (ESP1486) e *mariguera* (ESP1490) tomam como bases *maricón* e *marica*, respectivamente. Essas duas bases estão morfologicamente relacionadas e dizem respeito a uma categorização de homens em termos de mulheres. O *marica* é um homem afeminado e o *maricón* é um aumentativo de *marica*, usado para designar homossexuais. A *mariconera* é uma bolsa para homens e recebe essa designação pelo fato de bolsas serem artefatos muito mais atribuídos às mulheres. Já em *mariguera*, há a ideia de ‘atitude ou comportamento que denota indecisão, capricho ou covardia’, ou seja, essas atitudes e padrões de comportamentos estão sendo associados às mulheres e aos homossexuais masculinos. Não se pode negar, portanto, o caráter misógino e homofóbico que operam nessas construções.

No Quadro 39, a seguir, apresentam-se as palavras *X-ari-* selecionadas para a análise sociocognitiva.

Quadro 39 – Palavras espanholas *X-ari-* selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
ESP2351	alfonsario	1. m. no cemitério, santuário ou templo, um lugar onde, após a exumação, os ossos são reunidos para serem enterrados novamente.
ESP2353	alveario	Canal auditivo externo, onde se acumula cera.
ESP2360	antifonario	1. m. livro que contém as antifonas. 2. m. Colloq. DeSUS. nádegas (porções carnudas e arredondadas).
ESP2509	escenario	1. m. Parte do teatro onde se representam as peças. 2. m. Lugar onde acontece um evento. 3. m. Conjunto de circunstâncias que cercam uma pessoa ou um evento.
ESP2617	mundaria	1. f. desus. prostituta. 2 mundana
ESP2643	palmario	1. adj. claro, patente, manifesto
ESP2654	pendolario	1. m. pessoa que escreve com boa grafia.
ESP2708	revolucionario	1. adj. Relativo à revolução. 2. adj. Apoiante da revolução. U. m. c. s. 3. adj. Desordeiro, turbulento.
ESP2756	tabalario	1. m. Colloq. nádegas (porções carnudas e arredondadas).
ESP2810	voltario	1. adj. De caráter inconstante.

O uso de *alfonsario* (ESP2351) como uma designação para os ossuários dos cemitérios pode ser explicada pela rota etimológica dada pelo Dicionário da Real Academia Espanhola, que sugere um possível cruzamento vocabular entre *fonsario* (fosso) e *Alfonso*. A presença de

Alfonso se daria de forma pejorativa, aludindo ao ‘lugar dos Alfonsos’, um lugar para onde todos vão. Segundo o Dicionário, *Alfonso* é tomado pela sua frequência em certa época. Ou seja, é um caminho metonímico, que, no português, pode ser percebido pela quantidade de expressões populares a partir de *Maria, Zé e João*.

Tanto *antifonario* (ESP2360) quanto *tabalario* (ESP2756) designam as nádegas. Há nesses dois casos, porém, percursos cognitivos diferenciados. Sobre *antifonario* (ESP2360), o projeto La Llave del Mundo (2011)³⁵⁷, voltado para o léxico do espanhol, fornece uma explicação:

Antifonario é uma palavra que provém de *antífona*, por sua vez do latim *antiphōna*, e esse do grego *ἀντίφωνος*, "o que responde". A antífona é uma passagem da Sagrada Escritura que se reza ou se canta antes ou depois da salmodia ou dos salmos...

Em sua primeira acepção essa palavra se refere ao livro antifonal ou **antifonário**; o texto de coro que contém as antífonas, e que geralmente ocupa a *última* parte do tomo que contém a reza eclesiástica de todo o ano -breviário-.

A segunda acepção de **antifonario**, como não podia ser de outra forma, enfatiza o matiz de que este substantivo faz alusão ao livro que ocupa a *última* parte do breviário – isto é, a parte *traseira* - para passar a referir-se ao conjunto das duas partes carnudas e arredondadas situadas na parte mais baixa das costas na nossa anatomia, isso é dizer... o ânus (LA LLAVE DEL MUNDO, 2011, tradução nossa³⁵⁸, grifos dos autores).

Diante do exposto, a aplicação de *antifonario* como uma designação para nádegas passa por um mecanismo metonímico, que foca o aspecto de o antifonário ser a última parte do breviário. Diferentemente, *tabalario* parece advir de um mecanismo metafórico. A base é *tabal*, uma espécie de tamborim, que é tomado metaforicamente na construção.

Os usos adjetivos de *palmario* (ESP2643), *revolucionario* (ESP2708) e *voltario* (ESP2810) parecem envolver mecanismos metonímicos. No caso de *palmario*, que significa ‘claro, patente, manifesto’, a base é *palma*, provavelmente a palma da mão, assim o que está à palma da mão é algo evidente, patente. Em *revolucionario*, usado como sinônimo de *turbulento* e *desordeiro*, focaliza-se um aspecto de uma manifestação revolucionária. Já em *voltario*, que

³⁵⁷ Disponível em <http://365palabras.blogspot.com/2011/11/antifonario.html>. Acesso em janeiro de 2020.

³⁵⁸ “**Antifonario** es una voz que proviene de *antífona*, a su vez del latín *antiphōna*, y este del griego *ἀντίφωνος*, ‘el que responde’. La antífona es un pasaje de la Sagrada Escritura que se reza o se canta antes o después de la salmodia o salmos...

En su primera acepción esta palabra se refiere al libro antifonal o **antifonario**; el texto de coro que contiene las antífonas, y que por lo general ocupa la *última* parte del tomo que contiene el rezo eclesiástico de todo el año -breviario-.

La segunda acepción de **antifonario**, como no podía ser de otra forma, enfatiza el matiz de que este sustantivo hace alusión al libro que ocupa la *última* parte del breviario -esto es, la parte *trasera*- para pasar a referirse al conjunto de las dos partes carnosas y redondeadas situadas en la parte más baja de la espalda en nuestra anatomía, es decir... el culo.” (LA LLAVE DEL MUNDO, 2001, grifos dos autores).

significa ‘de caráter inconstante’, a base *volta* é ressaltada, o que implica também uma metonímia³⁵⁹.

A rota semântica de *escenario* (ESP2509) envolve uma série de metonímias e metáforas. Da ideia de que o *escenario* é o lugar do teatro onde as peças acontecem, chega-se, por extensão do protótipo, à noção de que é o lugar onde um evento artístico qualquer acontece. Um espetáculo musical, por exemplo, tem um cenário. A partir dessa extensão, chega-se à metáfora de *cenário* como o lugar onde um crime acontece.

A forma *mundaria* (ESP2617), embora não seja mais usual para designar uma prostituta, remete à categorização cristã que separa o sagrado e o profano, o sacro e o mundano. O mundano é aquele que cede aos prazeres do mundo. A prostituta seria, portanto, uma mundana, pois estaria envolvida em atos de fornicação. A forma *mundaria* significa também *mundana*, o que reforça que essa designação perpassa a mencionada categorização.

Em *pendolario* (ESP2353), que significa uma pessoa que escreve com a grafia bonita, a base é *péndola*, a pena de ganso, a pluma de escrever. Essa construção remonta a cena de antigas práticas de escrita, bastante cultuadas e tidas como nobre. Dessa valoração/categorização, certamente, assume-se que o *pendolario* seja uma pessoa que tenha uma letra bonita.

Por último, há *alveario* (ESP2353), o canal auditivo externo onde se acumula a cera. A forma etimológica de *alveario* é o latim *alvearium*, que significa colmeia. Parece haver, nesse caso, uma metáfora, em que a cera produzida pelas abelhas é mapeada com a cera do ouvido.

10.6 SÍNTESE

Esta seção apresentou uma análise das palavras formadas com os sufixos *-er-* e *-ari-* na língua espanhola. É incontestável a produtividade que o sufixo *-er-* encontra no espanhol. De todas os esquemas de todas línguas estudadas nesta Tese, foi o que teve maior quantitativo. Com base nesse fenômeno exclusivamente, não se pode defender a distinção da *cunha castelhana* preconizada por Menéndez Pidal, uma vez que, do ponto de vista do funcionamento morfossemântico dos esquemas construcionais estudados, o espanhol não tem qualquer especialidade que permita separá-lo das outras línguas ibero-românicas. Ainda que o significado aqui chamado de TEMPORAL não esteja presente, por exemplo, no catalão, está presente no galego, que será apresentado, com mais detalhes na próxima seção.

³⁵⁹ É admissível também uma leitura metafórica em que a experiência espacial de dar voltas é acionada no mapeamento conceptual.

11 UNIDADE ORIGINAL, SUJEIÇÃO E AUTONOMIA: OS ESQUEMAS [[X]-EIR-]_N E [[X]-ARI]_N NA LÍNGUA GALEGA

Nesta seção, apresenta-se a análise dos dados da língua galega. Foram selecionadas 1053 palavras sufixadas com *-er-* e 320 com *-ari-*. Os dados foram extraídos do *Dicionario da Real Academia Galega*, que está disponível na internet. Como esse dicionário não fornece notas de etimologia e estruturação, utilizou-se, para obtenção desses dados, os seguintes dicionários: (i) *Dicionario Estraviz*; (ii) o *Gran Dicionario Cumio de Lingua Galega*; e (iii) o *Dicionario Etimolóxico de lingua galega*.

Do ponto de vista socio-histórico, o galego compartilha de uma série de fatos comuns com espanhol, catalão e português. Para evitar maiores repetições, a parte destinada ao desenvolvimento dessa língua procurará abordar aspectos relacionados à unidade original galego-portuguesa e as tensões com Portugal e Espanha, dentro dos projetos nacionalistas.

11.1 ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO GALEGO

O galego é uma língua falada na região autônoma da Galícia, que se encontra, atualmente, anexada à Espanha. Assim como o catalão, é uma língua minoritária dentro desse país, gozando também de menos privilégios que o hegemônico castelhano. Porém, o galego se difere do catalão em alguns aspectos, sendo um deles o fato de não haver qualquer dúvida de o galego ser ou não uma língua ibero-românica. Isso não quer dizer que a história social da língua galega não esteja permeada de polêmicas. Ao contrário, há muitos aspectos controversos na sua história. A mais conhecida talvez seja a questão da unidade original galego-portuguesa. Seria, inicialmente, apenas galego? Ou seriam, desde sempre, galego e português?

A história linguística da constituição do galego não se difere das outras línguas românicas que surgem na Península Ibérica. Inicia-se com a chegada dos romanos, que tratarão de difundir a língua pelo território; esse latim receberá influências dos povos que ali já habitavam e sofrerá o impacto das invasões germânicas e árabes.

O que vai diferenciar a história do galego e do português da história das outras línguas ibero-românicas é, em primeiro momento, a questão geográfica, visto que a região Noroeste da Península Ibérica, onde essas línguas surgirão, era cercada por cadeias montanhosas e, ao sul, fazia limite com o Rio Minho. Dessa maneira, considerando essa a principal dentre outras motivações, a região acabava isolada, não sendo visada nas rotas comerciais implicadas no processo de romanização.

No segundo momento, será também decisivo o contato que os romanos daquela região estabelecem com os suevos, povo germânico, pouco numeroso e não cristianizado, que se fixa ali e acaba, novamente, promovendo um isolamento da região, fazendo com que se mantenham, em alguma medida, características linguísticas ditas mais conservadoras, quando comparadas às que se apresentam no castelhano e no catalão³⁶⁰. Como explica Monteagudo (1999), a natureza do contato não foi inicialmente pacífica, muito por conta do paganismo dos suevos, que posteriormente se converteram ao arianismo, mantendo-se, por bastante tempo, a relação conflituosa. O acordo entre suevos e romanos só veio a se estabelecer de fato, com a fusão da aristocracia germânica com a galaico-românica e a conversão dos suevos ao catolicismo.

Com a invasão árabe, haverá a já mencionada fuga da população hispano-goda para o norte da Península. Nesse *novo* isolamento, formar-se-á o galaico-português, ou apenas galaico, a depender do ponto de vista. Esse romance resistirá aos ataques da população árabe, avançará com o movimento da Reconquista Cristã e, posteriormente, impor-se-á frente às investidas dos reinos de Leão e Castela e se consagrará com a criação do reino galego-português.

Essa narrativa da unidade original galego-portuguesa é bastante difundida, sobretudo na tradição filológica portuguesa, mas tem sido contestada, desde meados da década de 1970, principalmente por linguistas galegos que irão defender que o que surgiu inicialmente foi um romance galaico, e que a narrativa do galego-português é uma investida política de Portugal, motivada pelo sentimento de língua como nação, daí não se admitiria que o português tenha se derivado da língua galega.

Essa discussão é muito difícil, pois, como comenta Mattos e Silva (1998), envolve não só questões linguísticas, como também políticas, movidas por muita paixão. Essa autora faz um detalhado histórico do debate:

A designação tradicional, dos inícios do século XX, partida da filologia portuguesa, aponta para a unidade “galego-portuguesa” na documentação remanescente nos limites seculares antes referidos (2ª metade do século XIII / 1ª metade do século XIV). A ilustre filóloga Carolina Michaëlis de Vasconcelos criou a designação, difundida pelas suas *Lições de filologia*.

Essa designação genérica se estabeleceu como dominante na filologia portuguesa e só veio a ser contestada, pelo que sei, a partir das novas orientações político-linguísticas na área galega a partir de 70 deste século. Recolocou-se em cena o problema – a questão da unidade ou não do galego e do português no período histórico referido, partindo da filologia e linguística galegas que começam a crescer desde então e com grande força.

José Antonio Souto Cabo em trabalho intitulado “A variante linguística galega sob a perspectiva da filologia luso-brasileira”, publicado nas *Actas* do Segundo Congresso

³⁶⁰ Na seção dedicada ao catalão, ver Quadro 27, que apresenta características fonéticas das línguas ibero-românicas, a partir de Meier (1973).

de Estudos Galegos (Brown University, 1988) vasculhou vários especialistas portugueses e brasileiros. Parte de Duarte Nunes de Leão de finais do século XVI e se concentra em autores do século XX, nomeadamente, pela ordem em que os apresenta: C. M. de Vasconcelos, José Leite de Vasconcellos, R. Rübecamp, Rodrigues Lapa, Paiva Boleo, Jorge Morais Barbosa, Luís Filipe Lindley Cintra, Maria Helena Mira Mateus, Clarinda de Azevedo Maia, Serafim da Silva Neto, Gladstone Chaves de Melo e Sílvio Elia. Esses autores ou acentuam o “quase igual” para definir a unidade ou o “um tanto diferente” para defender a diferenciação que viria já nos primeiros textos notariais e literários, levando em conta o local de produção dos textos da área galega ou área portuguesa.

Permeiam sempre nas duas posições, a meu ver, a inadequação dos dados para definir os limites da diferenciação entre as duas variantes românicas e a orientação político-lingüística de cada autor (MATTOS E SILVA, 1998, p. 100-101, grifos da autora).

Como tem sido visto ao longo desta Tese, as narrativas de formação das línguas estão sempre imbuídas de sentimentos nacionalistas e, não raramente, filólogos e linguistas, movidos por essa paixão nacional, acabam manipulando os dados em favor de determinadas narrativas. Isso aconteceu com o catalão, em meio a toda a discussão sobre a sua categorização como língua galo-românica ou ibero-românica. Viu-se, a partir da leitura de Colón (1976), que mais que um debate sobre caracterização linguístico-filológica, esse anseio de categorização está motivado pelos desejos de narrativas consagradas da França e da Espanha.

O mesmo pode ser dito das observações de Fernández-Ordóñez (2012), sobre o castelhanismo de Ramón Menéndez-Pidal, que acabou, inclusive, influenciando nos debates sobre o catalão e o galego, como já mencionado na seção dedicada à língua castelhana. Fernández-Ordóñez mostrou evidências de questões político-ideológicas influenciaram significativamente as análises linguísticas e as narrativas propostas por um dos principais filólogos do castelhano.

O debate sobre as origens das línguas galega e portuguesa não fica, portanto, fora disso, como já foi explicitado acima, com Mattos e Silva (1998). Os elementos linguísticos trazidos pelos filólogos e linguistas que defendem uma posição ou outra acabam sendo um conjunto de fatos isolados, não raramente de maneira propositar, para favorecer uma hipótese ou outra. Todo o anseio dessa discussão está mais ligado aos ideários de língua como nação do que a busca de uma caracterização linguístico-filológica em si.

No livro *Historia social da lingua galega*, Monteagudo (1999) apresenta a seguinte leitura do processo de constituição da língua:

Uma prudência epistemológica elementar, portanto, nos obriga a não tomar como certo conceitos como 'língua galega' (o mesmo se aplica à língua portuguesa, castelhana, catalã, italiana, occitana etc.) na análise sócio-histórica. De fato, parece mais congruente com os dados que possuímos considerar que antes de ser reconhecido um *romance galego* (isto é, não antes da segunda metade do século XIII), o que se

reconheceu foram as formas de falar (e escrever) o *romance à galega*. Talvez no século XIV uma noção de 'romance/língua galega', situada ao mesmo tempo que outros romances/línguas (português, castelhano etc.), tenha começado a se estabilizar, noções que seriam consolidadas no século XV. Contudo, inicialmente esses termos significavam modalidades simples da noção básica de *romance*. Em resumo, na Baixa Idade Média, o que estamos testemunhando fundamentalmente é o surgimento de um romance galego, principalmente como distinto do latim e, secundariamente, diferente de outros romances. Esse processo de emergência tem o seu esteio no surgimento da escrita em língua vulgar que engloba uma gama cada vez maior de tipos de texto, implicando seu uso em uma gama crescente de situações comunicativas (MONTEAGUDO, 1999, pp. 88-89, tradução nossa³⁶¹, grifos do autor).

Note-se que, no excerto, Monteagudo (1999) fala de um *romance galego*, em todo o instante da sua constituição, fazendo questão de separá-lo fundamentalmente de um possível *romance português*. Com essa postura, o autor se desvincilha da ideia de uniformidade original galego-portuguesa, como defendida por Carolina Michaelis de Vasconcelos e reproduzida frequentemente na tradição linguístico-filológica de Portugal e Brasil.

No território brasileiro, quem se insere nesse debate de maneira bastante polêmica e incisiva é Bagno (2012), na sua *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. No capítulo dedicado à formação histórica da língua, esse autor diz:

O português brasileiro pertence a um grupo de línguas que vamos chamar aqui de **portugalego**, um nome formado da junção de *português* e *galego*, as duas línguas mais antigas do grupo, embora a ordem cronológica seja inversa à da formação do nome: primeiro nasceu o galego e do galego nasceu o português. Assim, todas as línguas do grupo são continuções históricas do **galego** falado no noroeste da Península Ibérica, que por sua vez é resultante do contato linguístico do latim vulgar com a(s) línguas céltica(s) que eram faladas ali antes da chegada dos romanos e, eventualmente, com outras línguas das quais não nos sobrou nenhuma notícia (BAGNO, 2012 p. 202, grifos do autor).

A situação marginalizada do galego decerto contribuiu para que os filólogos portugueses do século XIX não sentissem grande estímulo em reconhecer e assumir a evidência de que o **português era e é a continuação histórica da língua galega**, levada cada vez mais para o sul, à medida que os reis portugueses expandiam seu território. Não seria digno de um povo soberano e conquistador, responsável pelas aventuras marítimas que revelaram o resto do mundo aos europeus, ter como ancestral

³⁶¹ “Unha prudencia epistemolóxica elemental obriga, xa que logo, a non dar por supostos conceptos tales como ‘língua galega’ (o mesmo vale para lingua portuguesa, castelá, catalana, italiana, occitana, etc.) na análise sociohistórica. De feito, parece máis congruente cos datos que posuimos considerar que antes de ser recoñecido un *romance galego* (isto é, non antes da segunda metade do século XIII), o que se recoñecían era maneiras de falar (e escribir) *romance á galega*. Quizais no século XIV comezase a estabilizarse unha noción de ‘romance/language galego’, situada por de par a outros romanes/languages (portugués, castelán, etc.), nocións que se consolidarían no século XV. Así e todo, inicialmente este termos designaban simples modalidades da noción básica de *romance*. En resumo, na Baixa Idade Media ó que asistimos fundamentalmente é á emerxencia dun romance galego, principalmente como distinto ó latín, e secundariamente como diverso doutros romances. Ese proceso de emerxencia tem o seu esteo na aparición dunha escrita do idioma vulgar que abranxe um rango cada vez máis amplo de tipos de texto, o que implica o seu uso nun abano crecente de situacións comunicativas” (MONTEAGUDO, 1999, p. 88-89, grifos do autor).

uma língua de campônios rudes, uma língua sem prestígio. Daí, a designação *galego-português* (BAGNO, 2012 p. 224, grifos do autor).

Não parece problemática a crítica de Bagno (2012), quando se sabe do ideário político, ideológico e científico que desponta no século XIX e influencia significativamente linguistas e filólogos do período. Mesmo Mattos e Silva (1998) tendo sugerido que a designação *galego-português* aparece nas lições de Carolina Michäelis de Vasconcelos, no início do século XX, essa filóloga alemã radicada em Portugal foi uma mulher do século XIX, provavelmente influenciada por todo esse contexto. A partir dessa leitura, é, em certa medida, compreensível, a ideia de que essa nomenclatura seja uma falácia histórica e geográfica.

Ainda que se reconheça o aspecto saudável da crítica, há aparentes inconsistências e exageros na abordagem de Bagno (2012). Por mais que seja admissível que Portugal tenha negado o reconhecimento de uma origem galega, chamar os feitos políticos, linguísticos e culturais do reino português já constituído de feitos galegos da variedade falada do noroeste da Península soa descabido e forçoso, e o mesmo pode ser dito da tentativa do autor de classificar o português brasileiro e outras variedades do português pelo mundo como línguas derivadas do galego, ou do *portugalego*.

Acompanha o raciocínio de Bagno (2012), o linguista galego Lagares (2013). No primeiro parágrafo do texto em que discute a situação do galego em meio ao conceito de lusofonia, o autor comenta:

A insistência, ou a perseverante existência, do galego, conjunto de falas procedentes da antiga variedade linguística que deu origem, no noroeste da Península Ibérica, ao que hoje conhecemos como língua portuguesa, contesta e ameaça qualquer visão essencialista e homogeneizadora do espaço lusófono. Por um lado, a linguística histórica sempre teve, e ainda tem, essencial dificuldade para reconhecer que a origem da língua nacional de Portugal se encontra antes de esse Estado nacional existir como tal e mesmo fora de seus limites atuais. Por outro lado, a lealdade desses poucos falantes (pouco mais de três milhões) vem sendo disputada quer por projetos político-linguísticos de construtores de uma língua românica independente, o atual “galego autonômico”, quer por propostas de assimilação a um suposto, e ainda indefinido, padrão internacional de língua portuguesa (LAGARES, 2013, p. 339).

No excerto, Lagares (2013) coloca em questão o debate das narrativas essencialistas e homogeneizadoras e a dificuldade que os historiadores da língua portuguesa têm de assumir a origem galega da língua portuguesa. Esses aspectos também têm sido pontuados nesta Tese, sob variados aspectos e, nesse sentido, não há motivos para discordar da fala de Lagares (2013).

Para além dessa tensão originária entre galego e português, a compreensão da história da língua galega deve considerar outros eventos de natureza sócio-histórica. Um desses foi a

Grande Revolta Irmandinha, que aconteceu no século XV (1467-1469), motivada por crises econômicas, sociais, sanitárias, alimentares na região. Esse cenário contribuiu para que a população mais pobre se rebelasse contra a nobreza galega, gerando um clima de desestabilidade social e política.

Entre 1475 e 1479, acontece a conhecida Guerra de Sucessão de Castela, cuja participação galaico-portuguesa será fracassada e levará ao trono os chamados Reis Católicos, a Rainha Dona Isabel, de Castela, e o Rei Dom Fernando II, de Aragão. Em 1483, a mando desses Reis Católicos, o marechal galego Dom Pedro Pardo de Cela é decapitado em frente à Catedral de Mondoñedo. Mais tarde, em 1486, os Reis Isabel e Fernando irão ao território para se certificarem de que os nobres da região foram, enfim, dominados, o que permitiu a dominação da região e a anexação ao Reino da Espanha.

Esses fatos explicam o começo da dependência da Galícia à Espanha, que se confirmará com a falência total no século XVIII, quando os monarquistas da Casa Real de Bourbon privam a Junta do Reino da Galiza de seus poderes. Essa dependência terá impacto direto no aspecto linguístico, uma vez que a língua galega começa a perder prestígio em favor do castelhano.

Francisco (2006) faz uma síntese do processo histórico do galego no território do espanhol, explicando desde as suas origens até o cenário mais contemporâneo em que a língua resiste na região autônoma da Galícia, que há algum tempo se vê em uma constante luta pela sua emancipação completa, para que ganhe o estatuto de nação independente. Seguem as palavras do referido autor:

A Galícia conta com uma população envelhecida e um crescimento vegetativo negativo. Esta população adulta é a que suporta as estatísticas atuais de mais de 80% de galego-falantes habituais, mas também esconde uma triste realidade. Em trinta ou quarenta anos, quando estes monolíngues em galego desaparecerem, o mais provável é que essa porcentagem tão elevada de galego-falantes se reduza a menos da metade.

Não considero que na Galícia ocorra uma situação geral de bilinguismo e sim penso que, majoritariamente, ocorre lá uma diglossia em favor do castelhano, na maioria dos casos, e em favor do galego em outros. Essa diglossia deveria se transformar em bilinguismo no momento em que, na nossa sociedade, deixem de existir preconceitos para com a língua galega, situação que a cada dia se torna mais comum nos grupos populacionais mais novos. Teoricamente, nos últimos anos, criaram-se as bases para um futuro bilinguismo na Galícia. Ou seja, existem pessoas mais jovens com formação e sem preconceitos que podem usar uma língua ou outra, dependendo da língua que for empregada pelo interlocutor, isto é, quem começar a conversa marcará a língua a ser usada. Neste momento em que tal fenômeno ainda é muito recente, acho difícil que tal processo chegue a se concretizar com indivíduos cem por cento bilíngues, que usem ou possam usar indistintamente um ou outro idioma em todas as situações cotidianas (trabalho, relações afetivas etc.). Penso que a condição bilíngue, se existe, ainda é minoritária. Acho que entre os mais novos há principalmente monolíngues em castelhano e monolíngues em galego, entendendo que o monolingüismo é uma situação que tende a desaparecer e um setor, em maior ou menor medida, diglósico, dependendo, principalmente, da idade e posição social do falante (FRANCISCO, 2006, p. 431-432).

Mais adiante, Francisco (2006) destaca que, como perspectiva de futuro, o galego tem o desafio de resistir em uma sociedade que, cada vez mais, cede ao castelhanismo hegemônico. Nesse sentido, tem sido importante um conjunto de medidas e parcerias, não só dentro daquele território na Espanha como também fora daquele país.

No Brasil, país que assentou uma comunidade galega expressiva, dentro das dimensões daquela localidade, uma dessas medidas foi a criação do Centro de Estudos da Língua e Cultura Galegas, na Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão da professora Rosário Suárez Albán, em 1995. Esse centro baiano de estudos galegos pode ser dito como pioneiro no Brasil e tem sido responsável pela promoção da língua, literatura e cultura galegas. São esses pequenos grandes movimentos que têm ajudado na preservação e divulgação da língua no mundo.

11.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE [[X]-EIR-]_N DO GALEGO

Entre os trabalhos que refletiram acerca do funcionamento do sufixo *-eir-* na língua galega, estão: Soledade (2001, 2005), Ferreiro (2001), Álvarez e Xove (2002) e Freixeiro Mato (2006). Vale salientar que os trabalhos de Soledade (2001) se comprometeram com a descrição do português arcaico, como um todo. Entretanto, como a primeira fase do período medieval da língua portuguesa equivale ao galego-português, como sugerem Maia (1986), Mattos e Silva (1989, 2006, 2008b) e Faraco (2016), ou ainda ao galego medieval, como defendem Monteagudo (1999) e Bagno (2012), optou-se por revisar esses trabalhos nesta seção.

Soledade (2001, 2005), em uma abordagem descritivista/estruturalista, apresenta o sufixo *-eiro~-eira* como um desenvolvimento do sufixo latino *-arius*. A autora defende a existência de cinco sufixos homomórficos, a partir da leitura que faz de Faria (1958). Para esse autor, o homomorfismo acontece quando sufixos de diferentes origens convergem para uma mesma forma fônica. Entre os exemplos dados por Faria (1958), está o caso do morfema *-s*, que tanto pode ser a desinência de plural dos nomes, advinda da marcação do acusativo plural latino, quanto a desinência de segunda pessoa do singular, advinda também do latim.

Soledade (2001), ao transpor essa situação para os sufixos do galego-português, defende que isso acontece com os vários usos de *-eiro* que encontra, tomando. Assim, nessa visão, a autora deixa de sugerir uma análise polissêmica para apostar em uma abordagem

homonímica³⁶², como também faz Rocha (1998) para esse mesmo sufixo no português contemporâneo.

Essa leitura soa, no entanto, imprecisa, porque a autora defendeu uma origem única, o latim *-arius*. Dessa maneira, tratar-se-ia, naturalmente, de uma multifuncionalidade ou uma polissemia. A descrição de Soledade (2001), nesse sentido, parece estar subsidiada pela compreensão muito comum a trabalhos estruturalistas de que a relação entre forma e significado se dá em um esquema um-para-um, ou seja, uma forma para um significado. Por isso, há a defesa de cinco sufixos *-eiro~-eira*. Os comportamentos semânticos de cada um deles estão reproduzidos no Quadro 40.

Quadro 40 – Variantes de *-eiro~-eira* e os seus significados no galego-português

Variantes sufixais	Significados	Exemplos
<i>-eiro₁ ~ -eira₁</i>	Agentes	<i>arquivo</i> (A155) ³⁶³ , <i>barbeiro</i> (A203), <i>calheiro</i> (A272), <i>çapateiro</i> (A285)
<i>-eiro₂ ~ -eira₂</i>	Locativos	<i>pesqueyra</i> (A1269), <i>cabeceira</i> (A252), <i>carreira</i> (A305), <i>catiueyro</i> (A321), <i>celeiro</i> (A337)
<i>-eiro₃</i>	Nomes adjetivos	<i>certo</i> (A346), <i>duradeiro</i> (A629), <i>faagueyro</i> (A769), <i>falseyro</i> (A775), <i>mentireiro</i> (A1077)
<i>-eiro₄ ~ -eira₄</i>	Árvores	<i>figueira</i> (A812), <i>maceeyra</i> (A1014), <i>oliveiras</i> (A1192)
<i>-eiro₅ ~ -eira₅</i>	Instrumentos	<i>aguardeira</i> (A45), <i>bandeira</i> (A202), <i>caldeira</i> (A271), <i>candeeiro</i> (A280), <i>fogueira</i> (A818)

Fonte: dados de Soledade (2001, 2005).

Ainda que o trabalho tenha sido feito em uma perspectiva que soa, em certa medida, antagônica à que se defende nesta Tese, vale frisar que o estudo de Soledade (2001) conseguiu retratar a produtividade e a multifuncionalidade que os sufixos *-eiro~-eira* exibiram já no período medieval. A autora observa que apenas 13% dos dados que coletou têm origem no latim. Dessa maneira, uma expressiva maioria de palavras com esses elementos foi criada na língua galego-portuguesa.

No volume dedicado à Lexicologia, da *Gramática Histórica Galega*, Ferreira (2001) aborda o sufixo *-eiro* junto com a forma erudita *-ario*. Sobre o desenvolvimento desses elementos, o autor explica:

³⁶² Cabe ressaltar que, em trabalho de 2013, a autora envereda por uma abordagem cognitivista e defende a polissemia nessas construções, não mais a homonímia.

³⁶³ Esta sequência se refere à localização da realização na base de dados de Soledade (2005), que aborda os exemplos de 2001. As palavras cujos códigos começam com a letra A se referem à primeira fase.

O sufixo *-eiro*, *-a*, erud., *-ario*, *-a*, provém do lat. *-ĀRĪŪ*, *-A* [...], de grande expansão no latim vulgar (já se documentam no latim formas com *-ĀRĪŪ* em nomes de instrumentos e de lugares e mais também em substantivos coletivos e gentílicos), onde, devido à sua alta produtividade, serviu, como na atualidade, para uma constante formação de novos derivados.

Na realidade, a evolução dos usos deste sufixo no galego moderno é semelhante à de *-iño* [...], abrangendo campos muito diversos, de forma que são constantes os transvasamentos semânticos (*caixeiro*, *grileiro* ‘linguado’, *muiñeira*, *palleira*) e categoriais (*bancario*, *horario*, *libreiro*), ao mesmo tempo que ainda alternam formas simples com as correspondentes derivadas com este sufixo, individualizadoras no galego comum:

ombro/ombreiro (<ŪMĒRU) toupa/toupeira (<TALPA)
 rego/regueiro (<*RĒCU, prelat.) vide/videira (<VĪTE) (FERREIRO, 2001, p. 168-169, tradução nossa³⁶⁴, grifos do autor)

O que Ferreiro (2001) comenta a respeito da historicidade do sufixo *-eiro* do latim ao galego tem se confirmado com as análises desenvolvidas nesta Tese. Os atravessamentos semânticos e categoriais que se veem no galego, e nas outras línguas românicas, têm origem incontestável no latim, e as línguas românicas têm dado prosseguimento nessa produtividade.

Em relação aos agrupamentos semânticos, a descrição de Ferreiro (2001) é relativamente detalhada. O primeiro grupo destacado pelo autor (p. 169) é o de ‘designação de profissionais’, cujos exemplos são: *canteiro* (< canto+-eiro), *carboeiro* (< latim carbonariu), *carcereiro* (< cárcere +-eiro), *carteiro* (< carta+-eiro), *cesteiro* (< cesto+-eiro), *conselleiro* (< latim consiliariu), *enxeñeiro* (< enxeño + -eiro), *ferreiro* (< ferro+-eiro), *menciñeiro* (< menciña +-eiro), *soldadeira* (< soldado+-eira) e *voceiro* (< voz+-eiro).

O segundo grupo envolve os casos em que *-eiro* seria um afixo indicador de ação, que pode aparecer tanto em palavras que denotam atos e efeitos de ações verbais quanto objetos, utensílios e instrumentos. Entre aqueles que designam atos e efeitos, estão *borracheira* (< borracho + -eira), *malleira* (< mallar + -eira) e *molleira* (< mollar + -eira). Entre os objetos, utensílios e instrumentos, Ferreiro (2001, p. 170) cita: *cueiro* (< cu + -eiro), *sombreiro* (<

³⁶⁴ “O sufixo *-eiro*, *-a*, erud., *-ario*, *-a*, provém do lat. *-ĀRĪŪ*, *-A* [...], de grande expansión no latín vulgar (xa se documentan no latín formas com *-ĀRĪŪ* en nomes de instrumentos e de lugares e mais tamén en substantivos colectivos e xentílicos), onde, debido á súa alta produtividade, serviu, como na actualidade, para unha constante formación de novos derivados.

Na realidade, a evolución dos usos deste sufixo no galego moderno é semellante á de *-iño* [...], abraxendo campos moi diversos, de xeito que son constantes os transvasamentos semânticos (*caixeiro*, *grileiro* ‘lercho’, *muiñeira*, *palleira*) e categoriais (*bancario*, *horario*, *libreiro*), ao mesmo tempo que aínda alternan formas simples coas correspondentes derivadas con este sufixo, individualizadoras no galego común:

ombro/ombreiro (<ŪMĒRU) toupa/toupeira (<TALPA)
 rego/regueiro (<*RĒCU, prelat.) vide/videira (<VĪTE)” (FERREIRO, 2001, p. 168-169, grifos do autor)

sombra + -eiro), *escumadeira* (< escumar + -deira), *regadeira* (< regar + -deira) e *tapadeira* (< tapar + -deira). Nesse rol, o autor ainda coloca os casos em que se designam épocas propícias a alguma atividade, entendendo que se trata de uma extensão do sufixo de ação. São exemplos: *castañeira* (< castanha + -eira), *milleira* (< millo + -eira) e *sementeira* (< semente + -eira).

Os locativos constituem o terceiro grupo de afinidade semântica delimitado por Ferreiro (2001, p. 170). No entendimento do autor, os locativos tanto podem indicar ‘lugar topográfico’ quanto ‘recipiente, lugar ou construção para armazenar’. Entre os topográficos, estão: *boqueiro* (< boca+-eiro), *canteira* (< canto+-eira), *carreiro* (< carro+-eiro), *fronteira* (< fronte +-eira), *pedreira* (< pedra+-eira) e *lareira* (< lar +-eira). Entre aqueles que têm caráter armazenador, estão: *agulleiro* (< agulla + -eiro), *carteira* (< carta +-eira), *cinzeiro* (< cinza +-eiro), *lixeira* (< lixo+-eira), *sopeira* (< sopa+-eira), *ouriceira* (< ourizo+-eira) e *tinteiro* (< tinta+-eiro).

Os coletivos são mencionados por Ferreira (2001) como um grupo em que é o -eiro se mostra menos produtivo que o -ario. Entre os exemplos, estão: *cancioneiro* (< canción+-eiro), *neboeiro* (< neboa +-eiro), *poeira* (< po+-eira) e *rueiro* (< rúa+-eiro). Note-se que, nesse caso, o autor reúne em um mesmo grupo de afinidade semântica o que outros autores, sobre o português, dividem como coletivo/conjunto e acúmulo/excesso.

Ainda sobre essa categoria de coletivos, Ferreiro (2001, p. 170-171) destaca que a forma feminina -eira tem sido mais produtiva em derivados que indicam: (a) lugar onde abundam árvores e arbustos; (b) lugar de cultivo; (c) lugar de criação ou habitação. Nesse caso, o autor, mesmo sem fazer menção, acaba por destacar um atravessamento semântico entre as categorias de locativo e coletivo, algo que é produtivo desde o latim. Os exemplos do autor estão apresentados a seguir:

a. Lugar onde abundam árvores ou arbustos:

carballeira (<carballo+-eira)	toxeira (<toxo+-eira)
codeseira (<codeso+-eira)	uceira (<uz+-eira)
fenteira (<fento+-eira)	xesteira (<xesta+-eira)
silveira (<silva+-eira)	xunqueira (<xunco+-eira)

b. Lugar de cultivo:

arroceira (<arroz+-eira)	milleira (<milllo+-eira)
liñeira (<liño+-eira)	pataqueira (<pataca+-eira)

c. Lugar de criação ou habitação:

abelleira (<abella+-eira)	formigueiro (<formiga+-eiro)
capoeira (<capón+-eira)	galiñeiro (<galiña+-eira)

coelleira (<coello+-eira) (FERREIRO, 2001, p. 170-171, tradução nossa³⁶⁵)

Ganham também destaque de Ferreiro (2001, p. 171) as designações de árvores e arbustos. O autor menciona que é uma produtividade verificada desde o latim vulgar e que se estende até o galego, com a observação de derivados que nomeiam árvores frutíferas, a maioria, e outros arbustos. Entre os exemplos do autor estão: *loureiro* (< latim *lauru* + -eiro), *roseiro* (rosa + -eiro), *sabugueiro* (latim *sabŭcu* + -eiro), *ameixeira* (< ameixa+-eira), *amendoeira* (< améndoa + -eira), *figueira* (< figo+-eira), *laranxeira* (< laranja+-eira), *limoeiro* (< limón + -eiro), *maceira* (< mazá+-eira), *nespereira* (< néspera + -eira), *nogueira* (< latim **nucaria*), *oliveira* (< oliva + -eira), *pereira* (< pera+-eira) e *pexegueiro* (< péxego + -eiro).

A produtividade das designações de árvores com *-eir-* no galego é inquestionável. No entanto, na descrição feita por Ferreira (2001), soa estranho o fato de o autor dar como base de *sabugueiro* o latim *sabŭcu*, sendo a forma *sabugo* existente na língua galega, ao mesmo tempo em que *figueira* é dada como uma criação da língua, sendo um exemplo clássico de transmissão do latim vulgar **ficaria* para as línguas românicas, tendo chegado inclusive àquelas que são menos produtivas na designação de árvores por sufixação, como o italiano, com *ficaia* (ITA0188).

Sobre os usos adjetivais de *-eiro*, Ferreiro (2001) delimita um primeiro grupo que teria um aspecto caracterizador, atuando, sobretudo, sobre bases substantivas. Exemplos são: *festeiro* (< festa + -eiro), *garatuxeiro* (< garatuxa+-eiro), *goberneiro* (< governo + -eiro), *intereseiro* (< interese + -eiro), *inventeiro* (< invento + -eiro), *neneiro* (< neno + -eiro), *raposeiro* (< raposa + -eiro), *retranqueiro* (< retranca + -eiro) e *ventureiro* (< ventura + -eiro). Em relação a esse grupo, cabe comentar que alguns desses têm um aspecto flutuante do ponto de vista categorial, sendo ora adjetivos, ora substantivos.

³⁶⁵ “a. Lugar onde abundan árbores ou arbustos:

carballeira (<carballo+-eira)	toxeira (<toxo+-eira)
codeseira (<codeso+-eira)	uceira (<uz+-eira)
fenteira (<fento+-eira)	xesteira (<xesta+-eira)
silveira (<silva+-eira)	xunqueira (<xunco+-eira)

b. Lugar de cultivo:

arroeira (<arroz+-eira)	milleira (<millo+-eira)
liñeira (<liño+-eira)	pataqueira (<pataca+-eira)

c. Lugar de cria ou habitáculo:

abelleira (<abella+-eira)	formigueiro (<formiga+-eiro)
capoeira (<capón+-eira)	galiñeiro (<galiña+-eira)

coelleira (<coello+-eira)” (FERREIRO, 2001, p. 170-171).

No rol dos usos adjetivais, aparecem também os casos em que as bases tendem a ser adjetivos e os derivados podem ter um aspecto tanto atenuador quanto pejorativo. Alguns exemplos são: *groseiro* (< grosso + -eiro), *politiqueiro* (< político + -eiro), *barateiro* (< barato + -eiro), *boniteiro* (< bonito + -eiro), *careiro* (< caro + -eiro), *pequeneiro* (< pequeno + -eiro), *teatreiro* (< teatro + -eiro) e *tristeiro* (< triste + -eiro).

Em relação à categoria da base não ser sempre um substantivo, Ferreiro (2001) menciona também os casos em que se formam derivados a partir de advérbios, como em *tardeiro* (< tarde + -eiro), *traseiro* (< tras + -eiro) e *dianteiro* (< diante + -eiro), e, ainda, os casos deverbais como *casadeiro*, *levadeiro* e *namoradeiro*, a partir de *casar*, *levar* e *namorar*, respectivamente. Sobre esses usos deverbais, com a variante *-deiro*, o autor menciona a relação com o sufixo *-doiro*, que seria um cognato, visto que, assim como morfólogos do castelhano defendem para o *-dero*, Ferreiro (2001) sugere a existência de uma evolução *-oiro* > *-eiro*.

Por último, Ferreiro (2001) lista alguns casos em que o sufixo *-eiro* pode aparecer na formação de gentílicos, como *brasileiro* (< Brasil + -eiro), *betanceiro* (< Betanzos + -eiro) e *rianxeiro* (< Rianxo + -eiro).

Álvarez e Xove (2002), na seção destinada à formação de palavras da *Gramática da língua galega*, descrevem os sufixos *-eiro* e *-ario* juntamente. Sobre o *-eiro*, os autores dizem o seguinte:

Os sufixos *-eiro* e *-ario* são funcionalmente similares e se diferenciam por serem popular e culto, respectivamente. Formam muitíssimas palavras, sobretudo o primeiro: tanto adjetivos como substantivos e a partir de qualquer base (base adjetival, base substantival ou base verbal), que às vezes pode ser duvidosa [...]. O sufixo *-eiro* forma adjetivos com significado de ‘que é muito’ quando a base é também adjetivo (*careiro*, *grandeiro*, *pequeneiro*...); se parte de base substantiva, o valor é de ‘relativo a’, frequente em gentílicos e muitas outras palavras (*betanceiro*, *rianxeiro*, *rutineiro*, *pesqueiro*...), ou ‘que gosta muito de’ (*neneiro*, *festeiro*), este último sentido também têm as palavras que derivam de bases verbais e funcionam como adjetivos ou substantivos (*badueiro*, *goberneiro*). Quando forma substantivos, estes podem se enquadrar em muitos tipos de acepções: sobre bases adjetivas, ‘qualidade’ (*borracheira*, *canseira*, *xordeira*...); sobre bases substantivas, ‘ofício, profissão’ (*zoqueiro*, *tendeiro*, *xoieiro*...), ‘conjunto, abundância’ (*romanceiro*, *lameiro*, *laxeiro*...), ‘objeto onde se guardam’ (*cunqueiro*, *azucreiro*, *coelleira*...), ‘lugar onde abunda’ (*carballeira*, *toxeira*...), ‘árvore da fruta’ (*figueira*, *laranxeira*...), ‘algo relacionado com’ (*carreiro*, *veleiro*...), etc.; sobre bases verbais, pode ser ‘lugar onde’ (*madureiro*, *sequeiro*...), etc (ÁLVAREZ E XOVE, 2002, p. 697-698, tradução nossa³⁶⁶, grifos dos autores).

³⁶⁶ Os sufixos *-eiro* e *-ario* son funcionalmente similares e diferéncianse por seren popular e culto, respectivamente. Forman moitísimas palabras, sobre todo o primeiro: tanto adx. coma subst. e a partir de cualquera base (BA, BS ou BV), que ás veces pode ser dubidosa [...]. O sufixo *-eiro* forma adx. co significado de ‘tirando a’ cando a base é tamén adx. (*careiro*, *grandeiro*, *pequeneiro*...); se parte de BS, o valor é de ‘relativo a’, frecuente en xentilicios e moitas outras palabras (*betanceiro*, *rianxeiro*, *rutineiro*, *pesqueiro*...), ou ‘amigo de’ (*neneiro*, *festeiro*), sentido deste último que tamén teñen as palabras que derivan de BV e funcionan como adx. ou subst. (*badueiro*, *goberneiro*). Cando forma subst., estes poden encadrarse em moitos tipos de acepcións: sobre BA, ‘calidade’ (*borracheira*, *canseira*, *xordeira*...); sobre BS, ‘oficio, profesión’ (*zoqueiro*, *tendeiro*, *xoieiro*...), ‘conxunto,

Interessa comentar, acerca dessa análise de Álvarez e Xove (2002), a menção que os autores fazem à diversidade de bases e de produtos que se envolvem na sufixação em *-eiro*. Não é algo excepcional, pois Ferreiro (2001) também menciona, mas esse último autor não apresenta uma correlação entre as bases e os derivados, no que toca aos significados.

O último trabalho revisto é o de Freixeiro Mato (2006), que está no volume dedicado a semântica da sua *Gramática de lingua galega*. O autor usa o sufixo *-eiro* para falar de critérios de classificação de afixos, apresentando, ao todo, 15 significados, sendo 12 pertinentes aos derivados substantivos e três aos adjetivos.

No Quadro 41, são apresentadas as categorias semânticas dos derivados substantivos, conforme Freixeiro Mato (2006).

Quadro 41 – Categorias semânticas de derivados substantivos de *-eiro* no galego

Categorias semânticas	Exemplos do autor	Comentários adicionais
Mulher que exerce funções	soldadeira, cantadeira, saladeira e vendadeira	Essa categoria soa estranha, dado o fato de haver outra relacionada a profissionais, sem fazer distinção de gênero.
Profissional, pessoa que trabalha ou se ocupa de algo	banqueiro, barbeiro, besteiro, caixeiro, camioneiro, carieiro, teiteiro, libreiro, taberneiro, sineiro, varrendeiro, xardineiro.	
Coletivo ou conjunto	cancioneiro, cabeleira, cristaleira, neboeira, poeira, romanceiro, rueiro.	
Locativo	silveira, braseiro, barreiro, carballeira, quinteiro, regueiro, vieiro	Lugar onde há plantas, árvores e outras coisas.
	centeeira, mexilloeira	Lugar onde há cultivo
	fiadeiro, apeadeiro, comedeiro, matadeiro, vertedeiro	Lugar onde se realiza uma atividade
	marisqueira	Lugar onde se realiza uma atividade ocupacional
Construção onde se guarda ou conserva algo	palleira, galiñeiro, capoeiro, cocheira, coelleira, papeleira, roupeiro	
Habitat onde se vive	formigueiro	
Época em que se realiza certa atividade	sementeira, milleira	

abundancia' (*romanceiro, lameiro, laxeiro...*), 'objecto onde se gardan' (*cunqueiro, azuceiro, coelleira...*), 'lugar onde abundan' (*carballeira, toxeira...*), 'árbore da froita' (*figueira, laranxeira...*), 'algo relacionado con' (*carreiro, veleiro...*), etc.; sobre BV pode ser 'lugar onde' (*madureiro, sequeiro...*), etc (ÁLVAREZ E XOVE, 2002, p. 697-698, grifos dos autores).

Ação, ocorrência ou dito típico de algo	asneira	
Objeto agente, instrumento que serve para realizar alguma ação	abrideiro, agarradeira, corredeira, escumadeira, mazadeiro, regadeira, sombreiro, tapadeira	
Plantas, arbustos e árvores	oliveira, roseira, videira, abeleira, cereixeira, figueira, maceira, noqueira, caramiñeira, codeseira, ortigueira.	
Recipiente	agulleiro, alfineteiro, botelleiro, carteira, cinzeiro	Recipiente onde se guarda ou se coloca algo
	azucreiro, cafeteira, salseira, sopeira	Recipiente em que se serve algo
Individualizador dentro de uma categoria	folleira, peleira, uveira, areira	

Fonte: dados de Freixeiro Mato (2006, p. 223-224).

De uma maneira geral, as categorias propostas por Freixeiro Mato (2006) são previsíveis, considerando o que dizem os outros autores para o galego e para as outras línguas românicas. Causa surpresa, no entanto, o significado de individualizador. O autor sinaliza que esse uso é bastante restrito em uma zona dialetal compreendida entre “a Ria de Vigo, o Condado, parte da Baixa Limia e uma parte fronteiriça do norte de Portugal” (FREIXEIRO MATO, 2006, p. 224, tradução nossa³⁶⁷).

O significado individualizador traz uma perspectiva inversa à que se vê entre os coletivos. Enquanto nos coletivos, reúnem-se elementos de uma mesma categoria em um só grupo (cancioneiro, um conjunto de canções; cabeleira, um conjunto de cabelos), nos individualizadores, parte-se de um coletivo, para destacar um elemento individual, assim: *folleira* é uma dentro de um conjunto de *follas* (folhas), *peleira* é um dentro de um conjunto de pelos, *uveira* é uma dentro de um conjunto de uvas.

Sobre esse uso, Freixeiro Mato (2006) comenta ainda:

Este fenômeno deve ter alcançado uma zona galego-portuguesa muito mais ampla do que a atual, segundo demonstra o feito da sua aparição em estado truncado ou embrionário em zonas do Norte, Leste e Sudeste galegos e do Nordeste de Portugal. Em grandes zonas do território galego *toupeira* e *ombreiro* substituíram *toupa* e *ombro*, ou convivem com elas, incorporando-se ao galego comum e formando parte

³⁶⁷ “a ría de Vigo, o Condado, parte da Limia Baixa e unha parte fronteiriza do norte de Portugal” (FREIXEIRO MATO, 2006, p. 224).

dos dicionários (FREIXEIRO MATO, 2006, p. 224, tradução nossa³⁶⁸, grifos do autor).

Em relação aos usos adjetivos, as três categorias propostas por Freixeiro Mato (2006) estão apresentadas no Quadro 42.

Quadro 42 – Categorias semânticas de derivados adjetivos de *-eiro* no galego

Categorias semânticas	Exemplos do autor	Comentários adicionais
caracterizador, 'que se caracteriza por ser ou por ter':	preguiceiro, agoireiro, bardalleiro, choromiqueiro, chafalleiro, faroleiro, festeiro, mareiro, mentireiro, raposeiro, retranqueiro, troleiro, ventureiro	
	cismeiro, rosmeiro, prosmeiro	valor apreciativo-ponderativo ou aumentativo
gentílico	betanceiro, brasileiro, rianxeiro	
tendência, propensão ou gosto por algo	verbeneiro, festeiro, mullereiro, neneiro, xureleiro, peixeiro	

Fonte: dados de Freixeiro Mato (2006, p. 225)

Nota-se, a partir do Quadro 42, que Freixeiro Mato (2006) não aborda a categoria de significado relacional, aquela que parece ser a mais básica e comum entre os adjetivos.

Feitas as considerações acerca dos trabalhos anteriores, sejam apresentadas as análises desta Tese, começando pelos derivados adjetivais, que somam 225 realizações. Assim como o catalão e o castelhano, o galego apresenta três categorias, cujos dados de frequência estão na Tabela 61.

Tabela 61 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos *X-eir-* no galego

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	133	59,11
Ressaltados	80	35,56
Gentílicos	12	5,33

³⁶⁸ “Este fenómeno debeu alcanzar unha zona galego-portuguesa moito máis ampla do que a actual, segundo o demostra o feito da súa aparición en estado truncado ou embrionario en zonas do norte, leste e sueste galegos e do nordeste de Portugal. En amplas zonas do territorio galego *toupeira* e *ombreiro* substituíron *toupa* e ombro, ou conviven con elas, a se incorporaren ao galego común e formando parte dos dicionarios” (FREIXEIRO MATO, 2006, p. 224, grifos do autor).

Entre os exemplos de RELATIVOS, estão: *aceiteiro* (GAL0003: relativo ao azeite), *albeiro* (GAL0007: de cor branca), *arrabaldeiro* (GAL0028: relativo ao subúrbio), *arroceiro* (GAL0032: relativo ao arroz), *atuneiro* (GAL0040: relativo à pesca de atum), *bacallaeiro* (GAL0050: relativo à pesca de bacalhau), *baleeiro* (GAL0061: relativo às baleias), *bananeiro* (GAL0066: relativo à banana), *cabreiro* (GAL0156: relativo às cabras), *cabriteiro* (GAL0157: relativo aos cabritos), *cafeteiro* (GAL0169: relativo ao café), *cagadeiro* (GAL0170: relativo ao ânus), *camiñeiro* (GAL0188: relativo ao caminho), *coiteleiro* (GAL0332: relativo ao cutelo), *dianteiro* (GAL0360: que está à frente), *fariñeiro* (GAL0415: relativo à farinha), *financeiro* (GAL0441: relativo às finanças), *hoteleiro* (GAL0490: relativo aos hotéis), *ladeiro* (GAL0500: que está ao lado), *liñeiro* (GAL0541: relativo ao linho), *lobeiro* (GAL0547: que se assemelha ao lobo), *manufactureiro* (GAL0570: relativo à manufatura), *mineiro* (GAL0605: relativo à mina), *navieiro* (GAL0634: relativo aos nabios), *negreiro* (GAL0635: relativo ao comércio de escravos negros), *ostreiro* (GAL0656: relativo às ostras), *papeleiro* (GAL0686: relativo ao papel), *petroleiro* (GAL0736: relativo ao petróleo), *queixeiro* (GAL0792: relativo ao queijo), *resineiro* (GAL0840: relativo à resina), *tabaqueiro* (GAL0912: relativo ao tabaco), *xamoneiro* (GAL1027: relativo ao presunto) e *xeseiro* (GAL1038: relativo ao gesso).

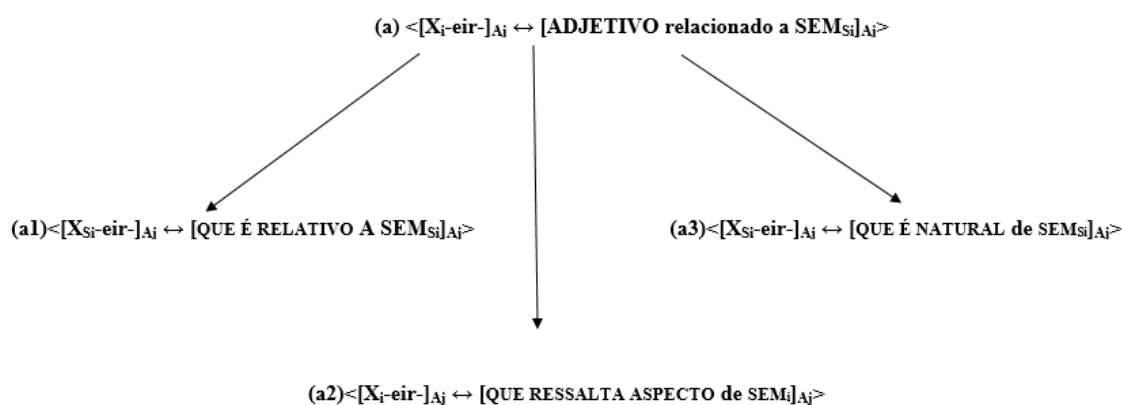
No rol dos RESSALTADOS, aparecem: *arteiro* (GAL0033: habilidoso), *bailadeiro* (GAL0056: que baila ou balança muito), *baldroeiro* (GAL0060: imundo), *barateiro* (GAL0075: muito barato), *billardeiro* (GAL0106: que não é confiável), *bosteiro* (GAL0126: que está muito sujo), *calaceiro* (GAL0173: preguiçoso), *careiro* (GAL0223: muito caro), *cativeiro* (GAL0260: que vale pouco, que não tem muitas qualidades), *certeiro* (GAL0278: que acerta perfeitamente o alvo), *churrusqueiro* (GAL0306: gracioso), *fartureiro* (GAL0421: farturento), *figureiro* (GAL0438: melindroso), *lingoreteiro* (GAL0542: linguarudo), *lixeiro* (GAL0545: que se move rápido), *merdeiro* (GAL0596: imundo, asqueroso), *pequeneiro* (GAL0727: que é bem menor), *populacheiro* (GAL0763: popularesco), *preguiceiro* (GAL0778: preguiçoso), *raposeiro* (GAL0811: astucioso), *rechamangueiro* (GAL0823: que chama muito a atenção), *riseiro* (GAL0847: risonho), *senlleiro* (GAL0882: solitário; incomparável), *sobranceiro* (GAL0892: que se destaca mais que os outros), *tardeiro* (GAL0922: que leva muito tempo), *traizoeiro* (GAL0967: que trai a confiança ou o juízo), *tristeiro* (GAL0980: tristonho), *velleiro* (GAL1003: que é mais velho) e *zoupeiro* (GAL1053: que se move com lentidão).

Por último, entre os adjetivos, estão os GENTÍLICOS, cujos exemplos são: *betanceiro* (GAL0101: natural de Betanzos), *brasileiro* (GAL0135: natural do Brasil), *habaneiro* (GAL0484: natural de Havana), *palmeiro* (GAL0674: natural da Ilha da Palma), *pampeiro*

(GAL0675: natural do Pampa Argentino), *pauleiro* (GAL0706: natural de São Paulo), *rianxeiro* (GAL0844: natural de Rianxo) *sampauleiro* (GAL0869: natural de São Paulo), *santiagoueiro* (GAL0871: natural de Santiago, de Cuba) e *xalleiro* (GAL1026: natural da Comarca do Xallas).

Motivados metaforicamente por questões históricas, geográficas e culturais, aparecem: *paraugueiro* (GAL0688: natural de Ourense) e *picheleiro* (GAL0740: natural de Santiago de Compostela). A Figura 122 traz a representação esquemática dos construtos adjetivais.

Figura 122 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no *X-eir-* no galego



Entre os esquemas substantivos [[X]-eir-]_s, o agrupamento semântico de AGENTES foi o mais produtivo, com um total de 497 instanciações, que se dividiram em seis subesquemas. A frequência de cada uma dessas realizações subesquemáticas estão na Tabela 62.

Tabela 62 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no galego *X-eir-*

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	253	50,91
Habituais	144	28,97
Vegetais	78	15,69
Circunstanciais	13	2,62
Beneficiários	6	1,21
Experenciadores	3	0,60

Como exemplos de PROFissionais, aparecem as seguintes realizações: *aceiteiro* (GAL0003: pessoa que fabrica ou vende azeite), *apalpadeira* (GAL0016: funcionária aduaneira que revista mulheres), *arcabuceiro* (GAL0021: fabricante de arcabuzes), *arquivoiro* (GAL0027: arquivista), *baleeiro* (GAL0061: pescador ou caçador de baleias), *barqueiro*

(GAL0078: pessoa que comanda uma barca), *becerreiro* (GAL0097: pessoa que cria e vende bezerros), *borreiro* (GAL0123: pessoa que vende cera de abelhas), *burreiro* (GAL0147: criador e vendedor de burros), *cabriteiro* (GAL0157: pessoa que vende cabritos), *cachoteiro* (GAL0164: pessoa que trabalha em obras de alvenaria), *carboeiro* (GAL0221: pessoa que faz ou vende carvão), *carniceiro* (GAL0227: açougueiro), *cervexeiro* (GAL0279: fabricante e vendedor de cervejas), *chouriceiro* (GAL0299: pessoa que faz ou vende chouriços), *enxeñeiro* (GAL0376: pessoa que exerce a engenharia), *falcoeiro* (GAL0406: pessoa que cria e adentra falcões), *ferreiro* (GAL0427: artesão que trabalha com ferro e outros metais), *hostaleiro* (GAL0489: pessoa que administra um hostel), *lanceiro* (GAL0509: fabricante de lanças), *laranxeiro* (GAL0517: pessoa que cultiva ou vende laranjas), *manteigueiro* (GAL0569: pessoa que fabrica ou vende manteigas), *meleiro* (GAL0588: apicultor), *muiñeiro* (GAL0624: pessoa que trabalha em um moinho), *neneiro* (GAL0636: pessoa que cuida de crianças), *oleiro* (GAL0648: ceramista), *ovelleiro* (GAL0660: pastor de ovelhas), *pasteleiro* (GAL0700: pessoa que faz ou vende pastéis), *pegureiro* (GAL0716: pessoa que cuida do gado), *peleteiro* (GAL0720: pessoa que trabalha com peleteria), *piteiro* (GAL0750: pessoa que cria ou vende pintinhos), *queixeiro* (GAL0792: pessoa que faz ou vende queijos), *redeiro* (GAL0824: pessoa que faz redes), *reporteiro* (GAL0837: jornalista especialista em reportagens), *salineiro* (GAL0867: pessoa que trabalha numa salina), *sombreireiro* (GAL0902: pessoa que fabrica ou vende sombreiros), *taberneiro* (GAL0913: pessoa que atende em uma taberna), *tapeceiro* (GAL0920: pessoa que faz e vende tapetes), *vidreiro* (GAL1012: pessoa que faz ou vende objetos de vidro), *xaboeiro* (GAL1024: pessoa que faz ou vende sabões) e *xardineiro* (GAL1030: pessoa que trabalha com jardinagem).

Pelo subesquema dos HABITUAIS, são instanciados: *andadeiro* (GAL0011: pessoa que anda muito rápido), *argalleiro* (GAL0023: pessoa que manipula as coisas por prazer ou diversão), *artimañeiro* (GAL0036: pessoa que faz artimanhas), *baballoeiro* (GAL0047: charlatão), *baralleiro* (GAL0074: quem fala muita coisa sem proveito), *barulleiro* (GAL0087: pessoa que faz muito barulho), *blogueiro* (GAL0108: pessoa que gosta de navegar por blogs), *bulideiro* (GAL0143: pessoa que faz as coisas rapidamente), *burleiro* (GAL0145: pessoa que gosta de ridicularizar a outra), *cagalleiro* (GAL0171: pessoa que evacua com muita frequência), *camanduleiro* (GAL0183: quem age de modo hipócrita), *cazoleiro* (GAL0265: homem que costuma se intrometer em assuntos de mulheres), *chaqueteiro* (GAL0288: pessoa que muda de opinião facilmente), *choromiqueiro* (GAL0298: pessoa que choraminga demais), *cismeiro* (GAL0317: pessoa que cisma com tudo), *enxameiro* (GAL0374: pessoa que costuma inventar histórias), *falcatrueiro* (GAL0405: pessoa que faz falcatruas), *fanfurriñeiro* (GAL0412: pessoa

que se gaba de coisas que não é ou não tem), *festexeiro* (GAL0429: pessoa que gosta de festejar), *lambisqueiro* (GAL0506: pessoa que gosta de beliscar a comida), *latriqueiro* (GAL0524: pessoa que fala muito), *mangoleteiro* (GAL0565: pessoa dada a falatórios), *marioleiro* (GAL0575: pessoa que costuma fazer fofocas), *mentireiro* (GAL0594: quem mente muito), *mexeriqueiro* (GAL0600: pessoa que fala com exagerada finesse ou delicadeza), *moceiro* (GAL0608: pessoa que gosta de andar com jovens), *namoradeiro* (GAL0631: namorador), *negreiro* (GAL0635: pessoa que lida cruelmente com os seus subordinados), *peideiro* (GAL0717: pessoa que peida com muita frequência), *putañeiro* (GAL0790: homem que frequenta os prostíbulos), *raspiñeiro* (GAL0815: pessoa que rouba coisas de pouco valor), *sorteiro* (GAL0907: pessoa que prevê as coisas), *vascalleiro* (GAL0998: pessoa suja e descuidada) e *xaropeiro* (GAL1031: pessoa viciada em xaropes ou bebidas adoçadas).

O terceiro subesquema mais produtivo entre os AGENTES foi o de VEGETAIS, que traz dados, como: *abeleira* (GAL0001: árvore que produz avelã), *ameixeira* (GAL0008: árvore que produz ameixa), *amendoeira* (GAL0009: árvore que produz amêndoa), *amorodeira* (GAL0010: árvore que produz morango), *bananeira* (GAL0065: árvore que produz bananas), *bergamoteira* (GAL0099: árvore que produz bergamotas), *cafeira* (GAL0168: árvore que produz os grãos de café), *canaveira* (GAL0194: planta que produz a cana), *caraveleira* (GAL0219: árvore que produz cravos), *ceboleira* (GAL0268: planta que produz cebola), *cerdeira* (GAL0274: cerejeira), *datileira* (GAL0355: tamareira), *esparragueira* (GAL0386: planta que produz aspargo), *figueira* (GAL0437: planta que produz figos), *framboeseiro* (GAL0460: planta que produz framboesa), *groselleira* (GAL0481: planta que produz groselha), *laranxeira* (GAL0516: planta que produz laranja), *limeira* (GAL0535: planta que produz lima), *limoeiro* (GAL0536: planta que produz limão), *maceira* (GAL0555: planta que produz maçã), *mangueira* (GAL0567: planta que produz manga), *marmeleiro* (GAL0577: planta que produz marmelos), *meloeiro* (GAL0590: planta que produz melão), *nespereira* (GAL0637: planta que produz nêspersas), *nogueira* (GAL0643: planta que produz nozes), *oliveira* (GAL0649: planta que produz oliva), *pementeira* (GAL0723: planta que produz a pimenta), *roseira* (GAL0854: planta que produz a rosa), *tomateira* (GAL0951: planta que produz tomate) e *uveira* (GAL0995: planta que produz uva).

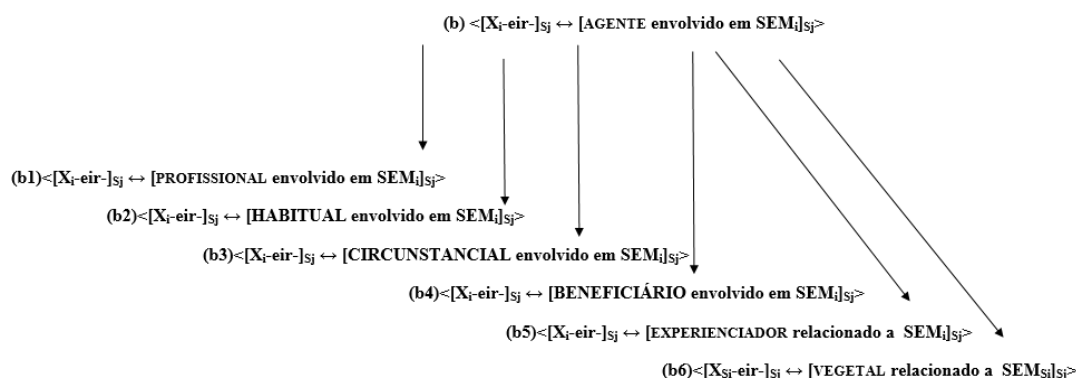
Em relação à quantidade de realizações, o quarto subgrupo mais produtivo dos AGENTES foi o de CIRCUNSTANCIAIS. Alguns dos exemplos são: *braceiro* (GAL0131: pessoa que dá o braço à outra para que essa se apoie), *festexeiro* (GAL0429: pessoa que é convidada para uma festa), *medianeiro* (GAL0585: pessoa que medeia o contato ou a transação entre outras duas), *pasaxeiro* (GAL0697: quem está fazendo uma viagem na condição de

passageiro), *prisioneiro* (GAL0782: pessoa que está em regime prisional), *testamenteiro* (GAL0937: pessoa que o testador designou para que se encarregasse de fazer cumprir o seu testamento), *viaxeiro* (GAL1009: pessoa que está como passageiro de uma viagem) e *voceiro* (GAL1022: pessoa autorizada a falar ou comentar em nome de outra pessoa).

Como exemplos de BENEFICIÁRIOS, aparecem: *bolseiro* (GAL0112: pessoa a quem foi concedida uma bolsa de estudos), *herdeiro* (GAL0487: pessoa que herda), *prestameiro* (GAL0780: pessoa que recebe o dinheiro em empréstimo), *racioneiro* (GAL0797: eclesiástico que gozava de um benefício), *tendeiro* (GAL0932: proprietário de uma loja de comestíveis) e *vinculeiro* (GAL1012: filho que herda os bens vinculados, que não podem ser divididos).

Por último, estão os EXPERIENCIADORES, o subgrupo menos produtivo, cujos exemplos são: *cabaneiro* (GAL0150: pessoa de poucos recursos que mora em uma cabana), *pioneiro* (GAL0745: pessoa que dá os primeiros passos em uma atividade) e *sabedeiro* (GAL0861: conhecedor). A Figura 123, a seguir, faz a representação esquemática dos AGENTES com *-eir-* no galego.

Figura 123 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no *X-eir-* no galego



O segundo grupo semântico que se define entre os substantivos *X-eir-* é o de LOCATIVOS, que perfazem um total de 213 instanciações, que se distribuem entre LUGAR ONDE HÁ e LUGAR ONDE SE FAZ, como se pode ver na Tabela 63, a seguir.

Tabela 63 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos *X-eir-* no galego

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde há	144	67,61
Onde se faz	69	32,39

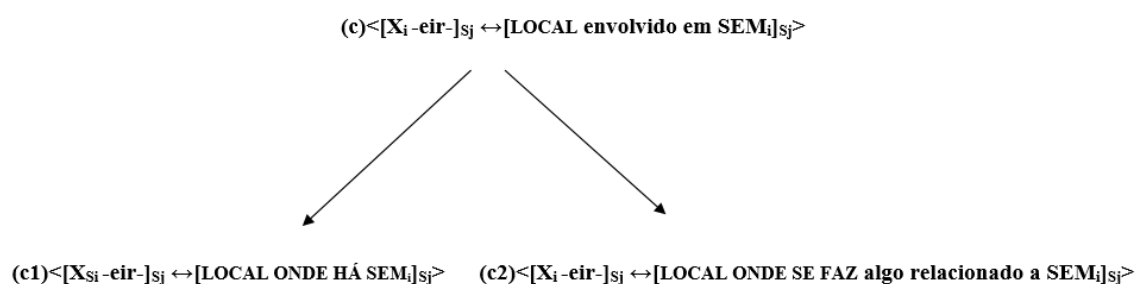
Entre as instanciações do subesquema mais produtivo, LUGAR ONDE HÁ, aparecem: *arañeira* (GAL0020: teia de aranha), *areiro* (GAL0022: extensão de terreno onde há areia),

arroceira (GAL0031: arrozal), *avespeiro* (GAL0045: ninho de vespas), *barreiro* (GAL0082: lugar de onde se extrai o barro), *cachopeira* (GAL00163: lugar onde há muitos cachopos), *caleira* (GAL0178: lugar de onde se extrai a cal), *canadeiro* (GAL0193: lugar onde se guardam os canados), *canceira* (GAL0195: canil para cães perdidos e abandonados), *capoeira* (GAL0217: lugar onde se criam aves, como o capão), *carballeira* (GAL0220: lugar plantado de carvalhos), *carboeiro* (GAL0221: carvoaria), *cascabulleiro* (GAL0248: terreno de cultivo com muito pedregulho), *cobreiro* (GAL0323: terreno onde abundam cobras), *curuxeira* (GAL0353: lugar onde habitam as corujas), *esterqueira* (GAL0394: lugar onde há esterco), *formigueiro* (GAL0454: lugar onde habitam as formigas), *gasolineira* (GAL0476: estabelecimento onde se vende gasolina), *grileira* (GAL0480: buraco onde vivem os grilos), *leoneira* (GAL0531: lugar onde se prendem os leões), *liñeira* (GAL0540: lugar plantado de linhos), *maleteiro* (GAL0559: compartimento do carro onde se guardam as malas; porta-malas), *mosqueiro* (GAL0619: lugar onde há muitas moscas), *nabeira* (GAL0629: terreno plantado de nabos), *pataqueiro* (GAL0703: lugar onde se guardam as batatas), *polvoreira* (GAL0761: lugar onde se guardam pólvora e outras munições), *reboleira* (GAL0819: lugar onde há rebolos), *roupeiro* (GAL0856: móvel onde se guarda a roupa), *trolleiro* (GAL0984: lugar onde se acumula lama), *uveira* (GAL0995: terreno plantado de videiras), *xeeira* (GAL1035: cavidade onde se acumula o gelo nas montanhas altas), *xesteira* (GAL1039: lugar onde há giestas), *xunqueira* (GAL1045: juncal), *xurreira* (GAL1047: lugar onde há muito jorro de água) e *zapateiro* (GAL1049: lugar onde se guardam sapatos).

Pelo outro subesquema, LUGAR ONDE SE FAZ, são instanciados: *andadeiro* (GAL0011: corredor de um prédio), *apeadeiro* (GAL0017: pequena estação onde os trens param apenas para os passageiros embarcarem ou desembarcarem), *boqueira* (GAL0116: entrada por onde pessoas, animais e veículos podem acessar o terreno), *cabeceira* (GAL0151: parte da cama onde se deita a cabeça), *cagadeiro* (GAL0170: lugar onde se defeca), *caixeiro* (GAL0172: área do banco onde se pode sacar e depositar dinheiro sem a intervenção dos funcionários), *cañeira* (GAL0199: lugar da fazenda onde os cereais são limpos depois de serem moídos), *carreteiro* (GAL0237: caminho por onde os carros podem transitar), *choqueiro* (GAL0297: lugar onde as galinhas chocam os ovos), *comedeira* (GAL0340: lugar onde os animais comem), *criadeira* (GAL0350: lugar onde se criam animais ou plantas enquanto são pequenos), *estaleiro* (GAL0391: lugar onde se constroem ou reparam barcos), *gateira* (GAL0477: buraco da porta por onde os gatos passam), *madureiro* (GAL0557: lugar ideal para as frutas amadurecerem), *paradeiro* (GAL0687: lugar onde se para), *pasteiro* (GAL0699: lugar onde os rebanhos pastam), *peliqueiro* (GAL0721: lugar destinado à secagem e ao curtume de

peles), *pesqueira* (GAL0733: dique ou represa onde se pesca), *picadeiro* (GAL0739: lugar onde se treinam cavalos; lugar onde casais têm relações sexuais casuais), *raxeira* (GAL0818: lugar onde faz sol), *sequeiro* (GAL0884: lugar onde se botam lenhas, castanhas ou objetos de cerâmica para a secagem), *testeira* (GAL0938: lugar da cama onde se deita a cabeça) e *vertedeiro* (GAL1008: pia onde se lava a louça). A Figura 124 resume o comportamento do esquema LOCATIVO no galego *X-eir-*.

Figura 124 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no $[[X_i]-eir-]_s$ do galego



O terceiro esquema substantivo, o de OBJETOS, apresentou um total de 227 realizações. A Tabela 64 apresenta a distribuição da frequência entre os subesquemas observados.

Tabela 64 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no galego *X-eir-*

Categorias de objetos	Frequência	Percentual (%)
Recipientes	76	33,48
Instrumentos	66	29,07
Utensílios	32	14,09
Máquinas	27	11,89
Uso pessoal	26	11,45

O subesquema RECIPIENTES é o mais produtivo dos OBJETOS e tem, entre as realizações, os seguintes exemplos: *aceiteira* (GAL0003: recipiente onde se guarda e se conserva o azeite), *azucreiro* (GAL0046: recipiente onde se guarda e se serve o açúcar), *bagañeira* (GAL0054: recipiente onde se guarda o bagaço das frutas), *bañeira* (GAL0072: recipiente na forma de balde de vários materiais e tamanhos, dependendo do uso que lhe é dado), *barquilleira* (GAL0079: recipiente para guardar barquinhos), *braseiro* (GAL0134: recipiente metálico onde se colocam brasas), *cafeteira* (GAL0169: recipiente onde se serve o café), *caldeira* (GAL0175: recipiente metálico onde se ferve a água ou se preparam alimentos), *candeeiro* (GAL0197: recipiente que porta uma vela), *cebadeira* (GAL0266: recipiente onde

se guarda a cevada para os animais), *chocolateira* (GAL0295: recipiente especial onde se cozinha ou se serve o chocolate), *cigarreira* (GAL0310: caixa ou estojo onde se guarda o cigarro), *cinseiro* (GAL0315: recipiente onde se guardam as cinzas), *cuspidreira* (GAL0354: recipiente onde se cospe ou escarra), *empanadeira* (GAL0365: recipiente para fazer empanadas), *ensaladeira* (GAL0371: recipiente onde se serve a salada), *faldriqueira* (GAL0408: pequena bolsa presa à cintura onde pequenos objetos pessoais são transportados), *ficheiro* (GAL0432: caixa onde se guardam as fichas), *floreiro* (GAL0443: recipiente para guardar flores), *lapiseiro* (GAL0514: estojo para lápis), *licoreira* (GAL0533: garrafa para servir o licor), *manteigueira* (GAL0569: recipiente onde se conserve ou se serve a manteiga), *moedeiro* (GAL0609: pequena bolsa ou carteira onde se guardam moedas), *paelleira* (GAL0664: recipiente próprio para fazer paella), *queixeira* (GAL0791: recipiente onde se guarda o queijo), *saleiro* (GAL0865: recipiente onde se guarda o sal), *tabaqueira* (GAL0911: caixa ou estojo onde se conserva o tabaco), *tinteiro* (GAL0944: recipiente onde se guarda tinta), *vinagreira* (GAL1015: vasilha para vinagre) e *xaboeira* (GAL1023: saboneteira).

No rol dos INSTRUMENTOS, estão: *abrazadeira* (GAL0002: peça de metal que serve para segura uma coisa, cingindo-a), *alargadeira* (GAL0006: mandril ou alargador, ferramenta usada para alargar furos feitos por máquinas), *anguieira* (GAL0014: rede usada para pescar enguias), *apeiro* (GAL0018: ferramenta agrícola usada para apeiragem), *barbadeira* (GAL0076: vara usada para pescar barbados), *barquilleiro* (GAL0080: molde usado para fazer barquinhos), *batedeira* (GAL0090: pá ou enxada usada para trabalhos no solo, como misturar os componentes de uma massa), *bogueira* (GAL0110: instrumento usado para pesca de bogas), *cangrexeira* (GAL0204: rede de arrasto usada para pescar caranguejos), *cazoeira* (GAL0264: rede usada para pescar cações), *colleadeira* (GAL0336: espátula usada pelos pintores para misturar e dissolver as tintas), *craveira* (GAL0348: molde usado para fazer a cabeça dos pregos), *gargaleira* (GAL0475: instrumento usado para fazer o gargalo de carros e outras máquinas), *lingoteira* (GAL0543: molde em que se funde o metal para fazer lingotes), *picadeira* (GAL0738: instrumento de corte usado para picar o tojo), *plumeiro* (GAL0752: espanador), *rascadeira* (GAL0812: pá usada para raspar coisas coladas a uma superfície), *regadeira* (GAL0828: ferramenta usada para abrir sulcos na terra para que a água escorra), *talladeira* (GAL0917: ferramenta utilizada para cortar o ferro), *touciñeira* (GAL0960: instrumento de ferro onde se pendura o toucinho ou outra carne) e *xunteira* (GAL1046: ferramenta de carpintaria que abre juntas na madeira).

Como instanciações do subesquema UTENSÍLIOS, são vistos os seguintes exemplos: *bandeira* (GAL0068: pano, quase sempre na forma de um retângulo, usado para representar

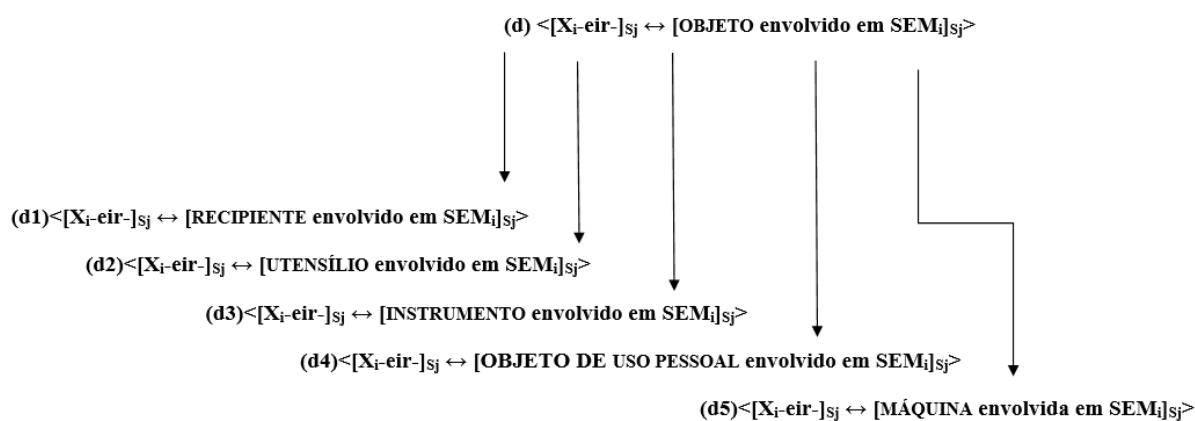
uma nação, um partido, um regimento etc), *cabeceiro* (GAL0152: almofada, travesseiro), *calzadeiro* (GAL0182: utensílio de ferro ou madeira que ajuda a calçar os sapatos), *cancioneiro* (GAL0196: livro que reúne canções), *chaveiro* (GAL0291: utensílio que permite juntar as chaves), *chupadeira* (GAL0304: peça geralmente de borracha que ajuda na amamentação de bebês), *coleira* (GAL0334: correia usada para cingir o pescoço dos animais), *escumadeira* (GAL0380: utensílio de cozinha usado para escorrer os alimentos e separar a espuma), *esqueiro* ~ *isqueiro* (GAL0390: objeto para acender as chamas), *mangueira* (GAL0566: tubo de borracha ou de outro material flexível utilizado para conduzir água), *mosqueiro* (GAL0619: enxota-moscas), *randeira* (GAL0804: balanço ou cadeira de balanço), *travesseiro* (GAL0976: espécie de almofada em que se apoia a cabeça) e *viradeira* (GAL1019: escumadeira).

No subgrupo das MÁQUINAS, estão instanciações, como: *andadeira* (GAL0011: aparelho que se usa para ajudar as crianças a andarem; andador), *atuneiro* (GAL0040: barco usado na pesca de atum), *bacallaeiro* (GAL0050: barco usado na pesca de bacalhau), *baleeiro* (GAL0061: barco usado para pescar baleias), *bombardeiro* (GAL0113: avião de bombardeio), *boniteiro* (GAL0115: barco usado para pescar bonitos), *cafeteira* (GAL0169: máquina para fazer café), *canoneiro* (GAL0205: navio de guerra munido de canhões), *cargueiro* (GAL0225: navio destinado ao transporte de cargas), *desnatadeira* (GAL0359: aparelho usado para desnatar o leite), *espaleira* (GAL0385: aparelho de ginástica formado por barras presas à parede), *formigoneira* (GAL0453: máquina onde se prepara o concreto), *frixideira* (GAL0466: eletrodoméstico usado para fritar alimentos com bastante óleo), *iogureira* (GAL0494: aparelho para fazer iogurte), *lanzadeira* (GAL0512: veículo espacial que pode transportar sua carga para o espaço e depois retornar à Terra para realizar outra missão), *muxideira* (GAL0627: aparelho mecânico para ordenhar as vacas), *neveira* (GAL0640: eletrodoméstico dotado de um sistema frigorífico, usado para conservar os alimentos, arrefecer bebidas; refrigerador), *torpedeiro* (GAL0956: barco ou avião que lança torpedos) e *veleiro* (GAL1001: barco usado para iatismo).

O subesquema com menor quantidade de realizações em OBJETOS foi aquele que designa OBJETOS DE USO PESSOAL. Alguns deles foram: *babeira* (GAL0048: peça da armadura que cobria a boca, a barba e o queixo), *babeiro* (GAL0049: babador de crianças), *bigoteira* (GAL0105: tira de tecido ou couro, presa às orelhas, que era colocada no bigode para protegê-lo), *bragueiro* (GAL0132: acessório ortopédico destinado a conter as hérnias inguinais), *calcañeira* (GAL0174: parte do calçado que protege o calcanhar), *caneleira* (GAL0200: peça que protege as canelas), *chuvasqueiro* (GAL0307: peça de roupa impermeável para proteger da chuva), *cinguideira* (GAL0313: fita ou cinto para cingir a roupa à cintura), *cueira* (GAL0352: remendo na parte de trás das calças que coincide com a região das nádegas),

gorgueira (GAL0478: peça da armadura de soldados medievais que protegia o pescoço dos cortes), *noeieira* (GAL0642: tornoeleira), *ombreira* (GAL0650: peça da armadura que protegia os ombros), *orelleira* (GAL0653: peça destinada a cobrir as orelhas), *pulseira* (GAL0787: adorno usado na região do pulso), *teteiro* (GAL0940: peça feminina que serve para segurar os seios), *viseira* (GAL1020: peça que se coloca à cabeça com um elástico, para proteger os olhos do sol) e *xarreteira* (GAL1032: liga de tecido elástico que se usava para prender as meias ou cuecas às pernas). A seguir, a Figura 125 sintetiza o esquema de OBJETOS do galego X-eir-.

Figura 125 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no $[[X_i]\text{-eir-}]_s$ do galego



No galego *X-eir-*, o esquema dominante QUANTIDADE apresentou um total de 87 instanciações e se dividiu em quatro subesquemas, tendo três deles já sido vistos em outras línguas românicas: COLETIVO, EXCESSO e TEMPORAL. Não apareceram, entre os dados do galego, instanciações relacionadas a QUANTIAS e UNIDADES DE MEDIDA. Também não se viu qualquer dado relacionado ao que Freixeiro Mato (2006) chama de individualizador.

Cabe mencionar, no entanto, que foi visto um subgrupo que envolve noções DIMINUTIVAS ou NÃO INTENSIVAS, estabelecendo uma espécie de oposição ao que se vê em EXCESSO. Na Tabela 65, apresenta-se distribuição do total entre os subgrupos realizados.

Tabela 65– Distribuição percentual dos subesquemas de quantidades X-eir- no galego

Categorias de quantidades	Frequência	Percentual (%)
Excessos	39	44,83
Coletivos	36	41,37
Diminutivos	8	9,20

Temporais	4	4,60
-----------	---	------

A diferença entre as duas categorias, como se vê na Tabela 65, é pouco significativa. Como exemplos do tipo EXCESSO, aparecem: *borraxeira* (GAL0122: névoa espessa e baixa), *bosteira* (GAL0125: grande quantidade de excremento de gado), *bulleiro* (GAL0144: grande massa que se forma ao misturar água, terra e folhas), *cachoeira* (GAL0162: grande quantidade de bolhas que se forma na superfície da água ao cair de uma certa altura ou ao bater contra as rochas), *cagalleiro* (GAL0171: grande quantidade de excremento de gado, sobretudo o equino), *cascalleiro* (GAL0250: acumulação de cascalho), *chuvieira* (GAL0308: chuva forte que dura pouco tempo), *esterqueira* (GAL0394: grande quantidade de esterco), *fumeira* (GAL0469: fumaceiro, grande quantidade de fumaça que sai de algum lugar), *inverneira* (GAL0493: inverno muito rigoroso), *mareira* (GAL0572: forte agitação no mar), *mouteira* (GAL0623: mata muito espessa), *muxiqueira* (GAL0628: grande quantidade de faíscas que saem do fogo acendido), *poeira* (GAL0756: grande quantidade de pó), *raeira* (GAL0798: forte calor do Sol), *sieiro* (GAL0887: vento muito frio e seco), *solleira* (GAL0898: calor intenso do sol) e *tosteiro* (GAL0958: calor solar intenso).

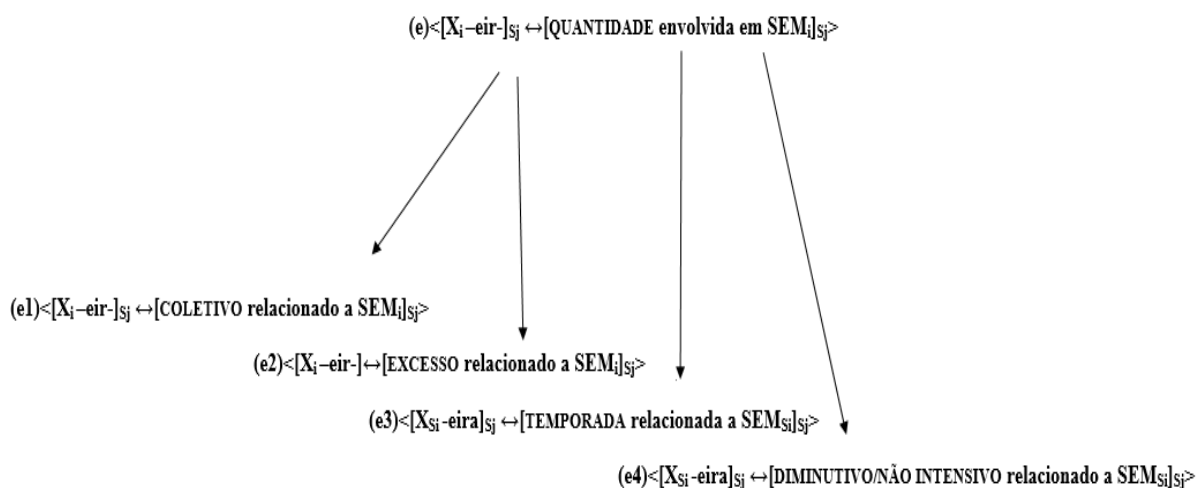
Entre os COLETIVOS, estão: *armeiro* (GAL0024: Conjunto de peixes da mesma espécie se movendo juntos), *cabeleira* (GAL0154: conjunto de cabelos na cabeça de uma pessoa), *cancioneiro* (GAL0196: conjunto de canções de um período, compositor ou nação), *escaleira* (GAL0378: conjunto de escadas, escadaria), *ficheiro* (GAL0432: Conjunto de informações contidas numa pasta de arquivos), *fileira* (GAL0439: conjunto de pessoas, animais ou coisas organizadas em fila), *formigueiro* (GAL0454: conjunto de formigas), *gancheira* (GAL0473: conjunto de ganchos usados para pendurar a carne), *matogueira* (GAL0582: conjunto de matas e arbustos espessos), *ouriceira* (GAL0657: conjunto de ouriços que se põe para secar), *quinteiro* (GAL0794: conjunto de várias casas que formam um grupo separado dentro de uma vila), *raiceira* (GAL0799: conjunto de raízes), *refraneiro* (GAL0827: coleção de refrões), *romanceiro* (GAL0850: conjunto de romances, poesias ou canções populares de um país), *silveira* (GAL0889: conjunto de silvas) e *vidreira* (GAL1011: conjunto de vidros de diversas formas e cores que tampam um buraco de uma parede).

Os exemplos do novo subesquema percebido no galego, com as noções de DIMINUTIVOS ou NÃO INTENSIVOS, são: *barruñeira* (GAL0086: chuva branda, garoa), *chaeira* ~ *chanceira* (GAL0281: planície pouco extensa), *lapiñeira* (GAL0513: chuva fraca), *mexadeira* (GAL0598: chuva branda, garoa), *patiñeira* (GAL0714: chuva fraca), *poalleira*

(GAL0753: chuva branda), *poceira* (GAL0754: poça pequena) e *valeira* (GAL0996: vale pequeno). Note-se que, em todos os casos, a sufixação é feita no feminino, mesmo quando a base é masculina, caso de *valeira*, que deriva do masculino *val*.

Entre aqueles que designam TEMPORADAS, estão: *clareira* (GAL0319: período curto em que o céu clareia, quando o dia está nublado), *costeira* (GAL0345: período de pesca de alguns peixes), *sementeira* (GAL0879: período para semear) e *veceira* (GAL0999: período de tempo que é dado a alguém para que cumpra uma obrigação). A Figura 126, a seguir, traz a representação esquemática do grupo semântico de QUANTIDADES.

Figura 126– Esquema dominante de quantidades e os seus subesquemas no $[[X_i]-eir-]_s$ do galego



O esquema dominante de ANOMALIAS, representado na Figura 127, apresenta no galego X-eir- 32 realizações.

Figura 127 – Esquema dominante de anomalia no $[[X_i]-eir-]_s$ do galego

(f) <[X_i-eir-] _{sj} ↔ [ANOMALIA relacionada a SEM_i] _{sj}>

Entre as ANOMALIAS vistas no galego, estão: *augadeira* (GAL0041: salivagem excessiva), *beceira* (GAL0096: fissura que se forma nos lábios por causa do frio), *boqueira* (GAL0116: ferida que aparece no canto dos lábios), *brumeiro* (GAL0139: furúnculo), *cabaleiro* (GAL0149: dor muscular no pescoço que impede de mover a cabeça com normalidade), *cachaceira* (GAL0158: espuma que o porco produz quando está no cio), *carraspeira* (GAL0233: sensação de aspereza ou ardência na garganta quando se tem um resfriado), *catarreira* (GAL0259: catarro das vias respiratórias que aumenta a produção da secreção nasal), *cegueira* (GAL0269: perda da visão), *choqueira* (GAL0294: debilitação das faculdades

mentais, geralmente devido a distúrbios da velhice), *cincheira* (GAL0312: ferida que produz a cincha, ao roçar no peito do animal), *coceira* (GAL0324: prurido intenso em uma parte do corpo), *coxeira* (GAL0342: problema físico que faz a pessoa claudicar), *denteira* (GAL0357: sensação desagradável que dá nos dentes, especialmente ao comer algo ácido ou amargo), *derreeira* (GAL0358: dor intensa nos quadris), *esganeira* (GAL0381: ataque convulso leve, com tosse), *frieira* (GAL0465: inflamação na pele em decorrência do frio), *furriqueira* (GAL0470: diarreia), *moqueira* (GAL0615: secreção abundante de muco), *mormeira* (GAL0617: coriza), *papeira* (GAL0683: hipertrofia da tireoide que se manifesta por um inchaço exagerado do pescoço), *peeira* (GAL0715: ulceração da pele entre as unhas que ocorre nos gados bovinos e equinos), *pulmoeira* (GAL0786: doença pulmonar), *tusigueira* (GAL0989: ataque persistente de tosse), *uñeiro* (GAL0991: inflamação que acontece na raiz da unha) e *xordeira* (GAL1042: perda total da audição).

Assim como no catalão e no castelhano, o galego *X-eir-* apresentou realizações que foram identificadas como ATITUDINAIS. Ao todo, 12 construtos foram classificados dessa maneira. São eles: *apalpadeira* (GAL0016: ação de apalpar), *asneira* (GAL0038: ação ou dito estúpido), *bafareira* (GAL0053: baforada), *bebedeira* (GAL0094: ação de beber muito), *brincadeira* (GAL0137: ação de brincar), *canseira* (GAL0206: efeito de diminuição da força ou ânimo), *carreira* (GAL0235: ação de correr), *molleira* (GAL0611: ação de se molhar ou molhar algo), *parideira* (GAL0692: ação de parir do gado), *sementeira* (GAL0879: ação de semear), *toleira* (GAL0949: ação descontrolada; perda momentânea do controle), *tremedeira* (GAL0977: ação de tremer).

Note-se que, em todos os casos, o sufixo é feminino, mas, diferentemente do que há no catalão, nem sempre a base é um verbo, podendo ser um adjetivo, como *toló* ou um substantivo, como *asno*. A Figura 128 faz a representação do esquema de ATITUDINAIS no galego.

Figura 128 – Esquema dominante de atitudinais no [[X_i]-eira]_s do galego

(g)<[X_i-eira]_{sj} ↔ [AÇÃO REITERADA RELACIONADA A SEM_i]_{sj}>

O último esquema visto no galego não aparece no latim, nem nas outras línguas românicas. Foi mencionado, por meio de Ferreiro (2001), que o galego apresenta realizações derivadas com *-eiro/-eira* que designam partes do corpo, humano ou de outro animal, porém a base desses derivados é a própria parte do corpo designada. O autor citou o caso de *ombreiro* como uma designação para *ombro*.

No *corpus* constituído nesta Tese, seis dados apontaram essa tendência, porém nem sempre a base é a própria parte do corpo. Em alguns casos, é uma parte relacionada. Os exemplos encontrados foram: *bigoteira* (GAL0105: bigode), *embigueira* (GAL0363: cordão umbilical), *faceira* (GAL0401: bochecha, especialmente quando proeminente e gorda), *figadeira* (GAL0436: fígado de animais), *ombreiro* (GAL0651: ombro), *pescoceira* (GAL0732: parte de trás do pescoço, nuca), *vergalleira* (GAL1005: órgão genital dos animais machos).

Nos casos de *bigoteira* (GAL0105), *figadeira* (GAL0436), *ombreiro* (GAL0651) e *vergalleira* (GAL1005), as formas derivadas designa as mesmas partes que as bases. Cabe explicar que, em *vergalleira*, a base *vergallo* já é uma designação metafórica do órgão genital dos machos. Em *embigueira*, *faceira* e *pescoceira*, pode-se notar um aspecto metonímico do tipo parte-todo. A nuca designada por *pescoceira* é uma parte do pescoço, assim como a bochecha designada por *faceira* é uma parte da face, e o cordão umbilical designado por *embigueira* não deixa de fazer parte do umbigo.

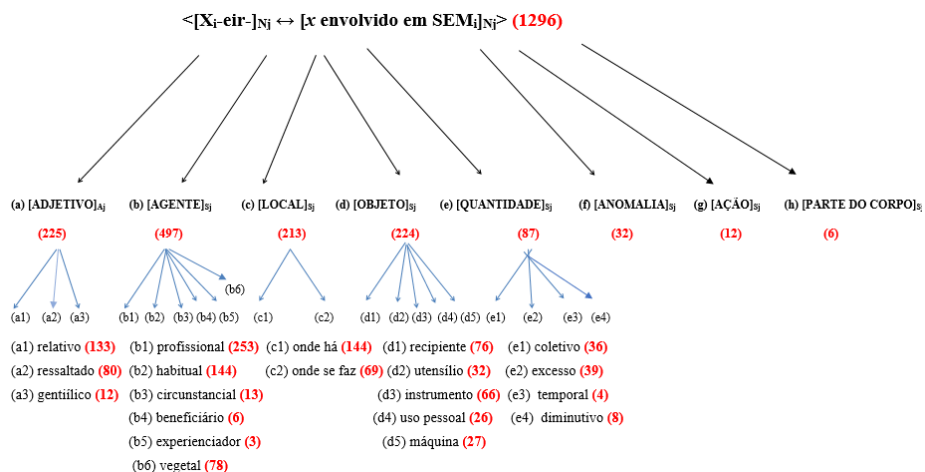
A Figura 129 faz a representação desse esquema relacionado a PARTES DO CORPO.

Figura 129 – Esquema dominante de partes do corpo no [[X_{Si}]-eir-]_s do galego

(h)<[X_{Si}-eir-]_s ↔ [PARTE DO CORPO RELACIONADA A SEM_{Si}]_s>

Feitas os detalhamentos dos esquemas e subesquemas atinentes ao sufixo *-eiro/-eira* no galego, a Figura 130 faz um resumo desse funcionamento, com os oito grupos de afinidade semântica encontrados.

Figura 130 – Representação esquemática das construções *X-eir-* do galego



11.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE [[X]-ARI-]_N DO GALEGO

Os trabalhos encontrados que fazem menção ao funcionamento do sufixo *-ario/-aria* no galego são dos mesmos autores que abordaram *-eiro/-eira*, porém, sobre o desenvolvimento culto do sufixo *-arius* na língua galega, as abordagens são bem menos detalhadas.

Em relação ao uso medieval, Soledade (2001, 2005) destaca que o *-ario* já apresentava menor produtividade que o *-eiro*. A autora sinaliza que, nesse período, era comum o uso da variante *-airo*, um desenvolvimento de *-ariu* com metátese. Mais tarde, essa metátese é desfeita, e tanto no galego quanto no português, predomina a forma *-ario* ou *-ário*.

Em relação aos aspectos formais, Soledade (2001) considera que as bases dos derivados com *-ario* podem ser substantivos, adjetivos ou preposições. No que toca aos significados, a autora destaca três significados nos séculos XIII e XIV. São eles: “(i) indivíduo que possui qualidade ou atividade relacionada a X: *proprietario, boticayro, falsayro e mansionario*; (ii) locativo (lugar onde se guarda X): *almario*; (iii) sem significado visível: *contrairo* (caso em que a base é uma preposição)” (SIMÕES NETO E SOLEDADE, 2015, p. 157, grifos dos autores).

Ferreiro (2001), na Gramática Histórica Galega, ao apresentar o sufixo *-ario* junto com o divergente *-eiro*, menciona a existência de pares léxicos que acabam por marcar uma oposição do tipo *culto* versus *popular*, como em *banqueiro* e *bancario*, *carcereiro* e *carcerario* e *obreiro* e *operario*.

Quanto ao aspecto lexicogênico, Ferreiro (2001) explica que o *-ario* pode formar tanto substantivos quanto adjetivos. Para os substantivos, os grupos semânticos destacados são:

1 Sufixo coletivo

formulario (< FŌRMŪLĀRĪŪ ‘homem prático em leis’)
 noticiario (< noticia + -ario)
 vestiario (< VĚSTĪĀRĪŪ)
 vocabulario (< latim medieval VOCABULĀRĪŪ)

2 Sufixo locativo, indicando ‘lugar onde se guarda’:

armario (< ARMĀRĪŪ) incensario (< latim tardio ĪNCĒNSĀRĪŪ)
 herbario (< HĒRBĀRĪŪ) relicario (< RĒLĪQUĪĀRĪŪ)

3 Sufixo profissional (com frequência, adjetivos substantivados):

bibliotecario (< biblioteca + -ario)
 comisario (< latim tardio COMMISĀRĪŪ, de COMMĪTĒRE)
 funcionario (< función + -ario, cfr. fr. *fonctionnaire*)
 notario (< NŌTĀRĪŪ)

secretario (< secreto + -ario) (FERREIRO, 2001, p. 173, tradução nossa³⁶⁹, grifos do autor).

Em relação aos usos adjetivos, Ferreiro (2001) menciona o caráter relacional das formações com *-ario* e destaca a frequência com que são vistas formas duplas de *-ario* com o *-ar*, como *parlamentario* e *parlamentar*.

Outro aspecto trazido por Ferreiro (2001) é a questão da existência de uma forma que chama de semierudita no galego antigo *-airo*, vista em *contrairo*, *cossairo*, *leitocairo*, *luminairo*, *notairo* e *santuairo*. Como já dito, a metátese da iode vista nessas formas é desfeita posteriormente.

Álvarez e Xove (2002) também tratam do *-ario* em relação ao *-eiro*, e os comentários dos autores se resumem nos excertos a seguir:

Os sufixos *-eiro* e *-ario* são funcionalmente similares e se diferenciam por serem popular e culto, respectivamente. Formam muitíssimas palavras, sobretudo o primeiro: tanto adjetivos como substantivos, e a partir de qualquer base (base adjetiva, base substantiva ou base verbal), que às vezes pode ser duvidosa: o significado de *receptarario*, *incesario*, *glosario* faz supor para essas palavras as bases *receita*, *incenso*, *glosa*, e não *receptar*, *incensar*, *glosar*, mas em palavras como *dispensario* a decisão sobre a base (*dispensar* ou *dispensa*) é, ao contrário, menos dada. [...] (ÁLVAREZ E XOVE, 2002, p. 697, tradução nossa³⁷⁰, grifos dos autores).

Muitos dos adjetivos e substantivos procedentes deles, que acabam em *-ario* poderiam ter um sufixo *-itario*, caso partam das relações *total* → *total-itario*, *igual* → *igual-itario*, *humano* → *human-itario* ... Agora bem, o significado dos derivados situa a relação no âmbito dos substantivos em *-idade* (*totalidade*, *igualdade*, *humanidade*): *autoritario*, *universitario*, *publicitario*, *proprietario* não são ‘relativo a’ *autor*, *universo*, *público* e *propio*, e sim a *autoridade*, *universidade*, *publicidade* e *propiedade*; nesse sentido, as bases de partida com as quais *-ario* combina são

³⁶⁹ “1 Sufixo colectivo

formulario (< FÖRMŪLĀRĪŪ ‘home práctico en leis’)

noticiario (< noticia + -ario)

vestiario (< VĚSTĪĀRĪŪ)

vocabulario (< L.M. VOCABULĀRĪŪ)

2 Sufixo locativo, indicando ‘lugar donde se garda’:

armario (< ARMĀRĪŪ) incensario (< L.T. ĪNCĒNSĀRĪŪ)

herbario (< HĚRBĀRĪŪ) relicario (< RĚLĪQUIĀRĪŪ)

3 Sufixo profesional (con frecuencia, adx. substantivados):

bibliotecario (< biblioteca + -ario)

comisario (< L.T. COMMISĀRĪŪ, de COMMĪTĚRE)

funcionario (< función + -ario, cfr. fr. *fonctionnaire*)

notario (< NŌTĀRĪŪ)

secretario (< secreto + -ario)” (FERREIRO, 2001, p. 173, grifos do autor).

³⁷⁰ “Os sufixos *-eiro* e *-ario* son funcionalmente similares e diferéncianse por seren popular e culto, respectivamente. Forman moitíssimas palabras, sobre todo o primeiro: tanto adx. coma subst. e a partir de cualquera base (BA, BS ou BV), que ás veces pode ser dubidosa: o significado de *receptarario*, *incesario*, *glosario* fai supoñer para estas palabras as bases *receita*, *incenso*, *glosa*, e non *receptar*, *incensar*, *glosar*, pero en palabras como *dispensario* a decision sobre a base (*dispensar* ou *dispensa*) é, en cambio, menos doada.” [...] (ÁLVAREZ E XOVE, 2002, p. 697, grifos dos autores).

irregulares e cultas em *-ta(te)* (ÁLVAREZ E XOVE, 2002, p. 698, tradução nossa³⁷¹, grifos dos autores).

Por último, Freixeiro Mato (2006) faz um levantamento de sufixos formadores de substantivos e adjetivos no galego e os divide por grupos de afinidade semântica. Para os substantivos, as categorias são: (a) coletivos (*formulario*); (b) locativos (*vestiario*); (c) ocupações profissionais (*bibliotecario*); recipientes (*relicario*). Os adjetivos, segundo o autor, são somente relacionais (*dentario*).

Feitas essas breves considerações sobre o sufixo *-ario*, sejam apresentadas as análises desta Tese, começando, mais uma vez, pelos adjetivos. Ao todo, foram vistos 193 construtos adjetivos, que se dividiram em dois subgrupos, como se pode ver na Tabela 66.

Tabela 66 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos *X-ari-* no galego

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	156	80,83
Ressaltados	37	19,17

Entre os exemplos de ADJETIVOS RELATIVOS, aparecem: *abecedario* (GAL1054: que está em ordem alfabética), *agrario* (GAL1059: relativo à agricultura), *alimentario* (GAL1060: relativo aos alimentos), *assembleario* (GAL1072: relativo à assembleia), *aviario* (GAL1075: relativo às aves), *calcario* (GAL1076: relativo ao cálcio), *carcerario* (GAL1092: relativo ao cárcere), *coronario* (GAL1120: em forma de coroa), *diario* (GAL1134: que acontece todo dia), *domiciliario* (GAL1142: relativo ao domicílio), *escriturario* (GAL1155: da escritura), *fagocitario* (GAL1168: relativo aos fagócitos ou à fagocitose), *frumentario* (GAL1179: relativo ao trigo), *gregario* (GAL1184: que vive em grupo), *hereditario* (GAL1187: que se transmite de pais a filhos), *indiciario* (GAL1202: relativo aos indícios), *lendario* (GAL1215: relativo a uma lenda), *monetario* (GAL1236: relativo à moeda), *multitudinario* (GAL1237: relativo à multidão), *obituario* (GAL1248: relativo ao óbito),

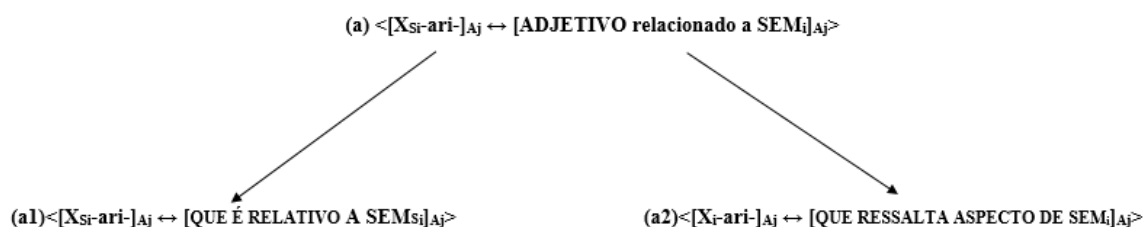
³⁷¹ “Muitos dos adx. e subst. procedentes deles, que acaban en *-ario* poderían ter un sufixo *-itario* se se parte das relacións *total* → *total-itario*, *igual* → *igual-itario*, *humano* → *human-itario* ... Agora ben, o significado dos derivados sitúa a relación no ámbito dos subst. en *-idade* (*totalidade*, *igualdade*, *humanidade*): *autoritario*, *universitario*, *publicitario*, *proprietario* non son ‘relativo a’ *autor*, *universo*, *público* e *propio*, senón a *autoridade*, *universidade*, *publicidade* e *propiedade*; nesta dirección, as bases de partida coas que combina *-ario* son irregulares e cultas en *-ta(te)*” (ÁLVAREZ E XOVE, 2002, p. 698, grifos dos autores).

orbitario (GAL1251: relativo à órbita), *orixinario* (GAL1253: que dá origem a algo), *parcelario* (GAL1258: relativo à parcela), *pecuario* (GAL1264: relativo ao gado), *placentario* (GAL1272: relativo à placenta), *plebiscitario* (GAL1275: relativo ao plebiscito), *prostibulario* (GAL1286: relativo ao prostíbulo), *referendario* (GAL1296: relativo ao referendo), *sanitario* (GAL1311: relativo à saúde), *suntuario* (GAL1333: relativo ao luxo), *testamentario* (GAL1345: relativo ao testamento), *tributario* (GAL1347: relativo ao tributo), *ungüentario* (GAL1354: relativo aos unguentos), *urinario* (GAL1357: relativo à urina) e *visionario* (GAL1370: relativo às visões).

No rol dos ADJETIVOS RESSALTADOS, estão: *arbitrario* (GAL1068: que depende da livre vontade ou do capricho de alguém), *atrabiliario* (GAL1073: de caráter violento), *autoritario* (GAL1074: que atua com autoridade), *cabalario* (GAL1085: exagerado, enorme), *deficitario* (GAL1128: que apresenta déficit), *doutrinario* (GAL1144: que está estritamente ligado a uma doutrina), *estacionario* (GAL1156: que estancou em um determinado estado ou situação), *hospitalario* (GAL1193: hospitaleiro), *incendiario* (GAL1200: exaltado, agressivo), *lapidario* (GAL1211: que se destaca por sua concisão e solenidade), *lendario* (GAL1215: célebre, renomado), *ordinario* (GAL1252: que é pouco elaborado, que não tem qualidade), *plenario* (GAL1276: que não comporta, nem admite qualquer restrição), *precario* (GAL1279: fraco, frágil), *rudimentario* (GAL1306: que se limita a noções básicas), *sanguinario* (GAL1310: cruel), *tabernario* (GAL1335: vulgar), *temerario* (GAL1339: que mostra uma bravura imprudente) e *valetudinario* (GAL1363: com pouca saúde).

Não houve casos de GENTÍLICOS com *-ario*. A Figura 131 apresenta a representação esquemática para a categoria dos ADJETIVOS.

Figura 131 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no X-ari- no galego



Entre os esquemas substantivos, aquele que designa AGENTES apresentou 110 realizações, que se dividiram conforme se apresenta na Tabela 67. Não houve casos de VEGETAIS nos dados de X-ari- do galego.

Tabela 67 – Distribuição percentual dos subesquemas de agente no galego X-ari-

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	39	35,45
Habituais	29	26,36
Beneficiários	23	20,90
Circunstanciais	18	16,36
Experienciadores	1	0,91

Como se vê na Tabela 67, o subesquema mais produtivo foi o de PROFissionais. Alguns exemplos são: *actuario* (GAL1055: pessoa que dá fé pública nos atos judiciais), *anticuario* (GAL1063: pessoa que se dedica ao comércio de coisas antigas), *bibliotecario* (GAL1080: pessoa encarregada de uma biblioteca), *boticario* (GAL1082: farmacêutico), *comisario* (GAL1105: pessoa a quem foi atribuída por delegação uma função ou um cargo), *dignitario* (GAL1137: pessoa que desempenha um cargo muito importante e possui um título elevado), *ferroviario* (GAL1170: pessoa que trabalha nas ferrovias), *frumentario* (GAL1179: pessoa do exército romano encarregada de distribuir o trigo), *lapidario* (GAL1211: profissional que se dedica a trabalhar com pedras preciosas), *notario* (GAL1244: funcionário público que redige e dá fé em contratos), *publicitario* (GAL1288: pessoa que trabalha no ramo da publicidade), *referendario* (GAL1296: funcionário público que referenda documentos), *sanitario* (GAL1311: pessoa que trabalha na área de saúde), *sicario* (GAL1325: assassino que trabalha mediante pagamento), *ungüentario* (GAL1354: pessoa que prepara pomadas) e *veterinario* (GAL1367: pessoa que trabalha com medicina veterinária).

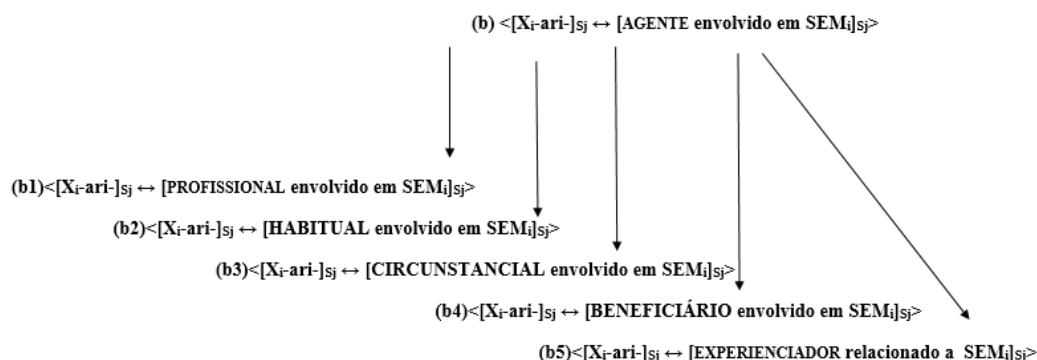
Pelo subesquema de HABITUAIS, aparecem: *argulario* (GAL1069: pessoa que inventa histórias falsas), *carbonario* (GAL1061: membro de uma associação secreta de tendência liberal surgida na Itália no início do século XIX), *caudatario* (GAL1094: pessoa que não tem opinião, pensamento ou iniciativa própria), *concubinario* (GAL1111: pessoa que vive em concubinato), *doutrinario* (GAL1144: pessoa ligada estritamente a uma doutrina), *estrafalario* (GAL1162: pessoa que chama atenção pela sua pouco comum ou estranha aparência ou maneira de se vestir), *falsario* (GAL1169: pessoa que costuma fazer ou dizer falsidades), *gregario* (GAL1184: pessoa que leva faz os outros membros de um grupo adotarem suas opiniões, ideias e iniciativas, sem questionarem), *libertario* (GAL1218: quem defende ideias libertárias), *mercenario* (GAL1229: pessoa que realiza qualquer atividade apenas por dinheiro), *partidario* (GAL1261: pessoa que se coloca a favor de alguém ou de algo e que defende), *plaxiario*

(GAL1274: quem faz plágio), *reaccionario* (GAL1292: quem defende ideias ultrapassadas), *revolucionario* (GAL1303: quem defende ideias revolucionárias), *turiferario* (GAL1352: adulator) e *visionario* (GAL1370: quem interpreta a realidade de uma forma fantástica).

No rol dos BENEFICIÁRIOS, aparecem: *adxudicatario* (GAL1058: pessoa a quem é adjudicado algo), *beneficiario* (GAL1078: pessoa que recebe um benefício), *cesionario* (GAL1097: pessoa em favor de quem é feita uma cessão), *concesionario* (GAL1110: pessoa a quem foi dada uma concessão de trabalho, exploração etc), *consignatario* (GAL1114: pessoa a quem é consignada uma mercadoria), *donatario* (GAL1143: beneficiário de uma doação), *endosatario* (GAL1150: pessoa em favor de quem se endossa um documento de crédito), *estipendiario* (GAL1161: pessoa que recebe um estipêndio), *fideicomisario* (GAL1172: pessoa que recebe um fideicomisso), *legatario* (GAL1214: pessoa que consta como herdeira em um testamento), *mutuatario* (GAL1238: pessoa que recebe um empréstimo), *recipiendario* (GAL1295: pessoa que é recebida solenemente em uma corporação), *renunciatario* (GAL1300: pessoa que é favorecida por uma renúncia), *reservatario* (GAL1301: pessoa que é favorecida por uma reserva sucessória, sem ser o herdeiro oficial) e *usufrutuário* (GAL1360: pessoa que tem o direito de usufruto).

Como exemplos de AGENTES CIRCUNSTANCIAIS, aparecem: *adversario* (GAL1057: aquele contra quem está se lutando), *arrendatario* (GAL1071: inquilino), *contestatorio* (GAL1117: quem contesta algo estabelecido), *depositario* (GAL1131: quem recebe algo em depósito para custódia), *destinatario* (GAL1132: pessoa a quem se destina um envio), *dimisionario* (GAL1138: quem pede demissão de um cargo), *intermediario* (GAL1206: pessoa que medeia uma transação ou um acordo entre duas pessoas), *locatario* (GAL1221: inquilino), *peticionario* (GAL1269: quem apresenta uma petição de modo oficial), *presidiario* (GAL1280: pessoa que está cumprindo pena na prisão), *signatario* (GAL1326: aquele que assina) e *vicario* (GAL1369: substituto).

Por último, o único exemplo de EXPERIENCIADORES é *sedentario* (GAL1316: aquele que vive em uma área de maneira fixa). A Figura 132 faz a apresentação do esquema de AGENTES e suas realizações com base nos dados encontrados no X-ari- do galego:

Figura 132 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no X-ari- no galego

O esquema dos LOCATIVOS apresentou 29 instanciações no X-ari- do galego, dividindo-se em dois subesquemas, como se pode ver na Tabela 68.

Tabela 68 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ari- no galego

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Onde se faz	15	51,72
Onde há	14	48,28

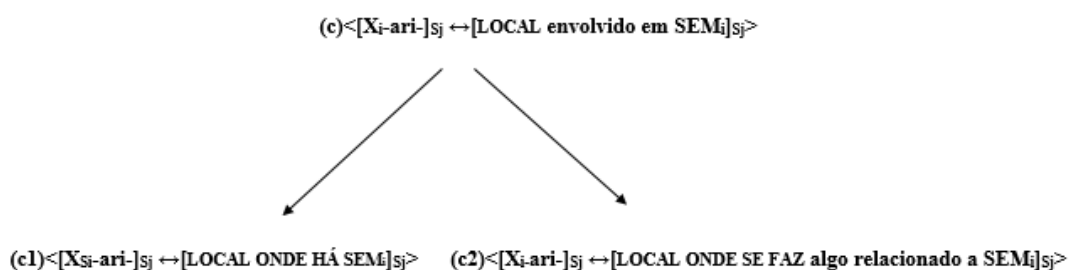
Entre os exemplos de LUGAR ONDE SE FAZ, estão: *balneario* (GAL1076: estabelecimento público onde se pode tomar banho com propriedades medicinais), *caldario* (GAL1087: lugar das termas romanas destinado a banhos quentes ou a vapor), *dispensario* (GAL1140: estabelecimento hospitalar onde se fornecem cuidados médicos e farmacêuticos), *escenario* (GAL1154: parte do teatro onde acontece a cena), *frixidario* (GAL1178: lugar das termas romanas destinado a banhos frios), *larario* (GAL1212: lugar da casa romana destinado a prestar culto aos deuses do lar), *santuário* (GAL1312: edifício consagrado para cultos religiosos), *seminario* (GAL1320: colégio religioso onde se formam os sacerdotes), *solario* (GAL1328: parte da casa onde se toma sol), *tepidario* (GAL1342: lugar das termas romanas destinado aos banhos mornos) e *vestiario* (GAL1366: lugar de um teatro onde se troca de roupa).

Alguns dados do segundo tipo, LUGAR ONDE HÁ, são: *acuário* (GAL1056: depósito de água doce ou salgada onde ficam animais aquáticos), *anticuario* (GAL1063: estabelecimento comercial onde se vendem objetos antigos), *campanario* (GAL1090: parte da torre de uma igreja onde estão os sinos), *cetaria* (GAL1098: viveiro onde se conserva vivo o marisco até o momento da venda), *columbario* (GAL1101: parte do cemitério romano onde se guardavam as

urnas cinerárias), *insectario* (GAL1205: viveiro destinado a criação e conservação de insetos), *osario* (GAL1255: parte do cemitério onde se despejam os ossos), *parvulario* (GAL1262: escola onde ficam os *parvulos*, crianças que ainda não estão na idade escolar), *sagrario* (GAL1308: parte do templo onde se guardam os objetos sagrados), *ungüentario* (GAL1354: lugar onde o farmacêutico guardava os unguentos) e *vestiario* (GAL1366: lugar público onde se guardam as roupas).

A Figura 133 faz a representação do funcionamento de LOCATIVOS no X-ari- do galego.

Figura 133 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no [[X_i]-ari-]s do galego



O esquema dominante de OBJETOS teve um total de 45 realizações. A Tabela 69 apresenta a distribuição percentual das realizações.

Tabela 69 – Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no galego X-ari-

Categoria de agente	Quantidade	Percentual (%)
Utensílios	31	68,89
Recipientes	4	8,89
Máquinas	4	8,89
Instrumentos	3	6,67
Uso pessoal	3	6,67

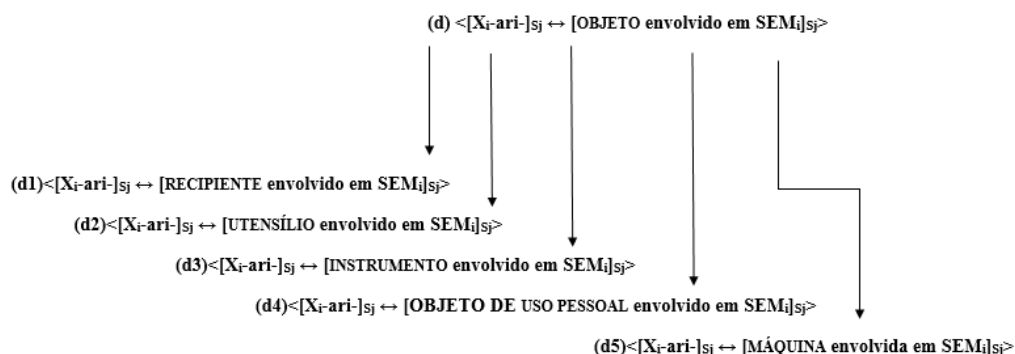
Como UTENSÍLIOS, aparecem: *antifonario* (GAL1064: livro litúrgico que reúne antífonas), *anuario* (GAL1065: obra que é publicada anualmente), *bestiario* (GAL1079: obra literária medieval que faz tratados morais a partir da descrição de animais), *breviario* (GAL1083: livro litúrgico que contém as orações do dia), *calendario* (GAL1088: folha que apresenta o sistema de dias), *cartulario* (GAL1093: livro onde estão transcritos os documentos e privilégios de uma igreja ou mosteiro), *devocionario* (GAL1133: livro de orações usados por

fiéis), *dicionario* (GAL1135: livro que contém os vocábulos de uma língua, com os seus significados), *evanxeliario* (GAL1164: livro que contém os evangelhos de todo o ano), *lampadario* (GAL1210: suporte para lâmpadas), *leccionario* (GAL1213: livro que contém as leituras da missa), *obituario* (GAL1248: livro onde se registram as mortes), *receitario* (GAL1293: livro de receitas) e *velario* (GAL1364: toldo que se utilizava na Antiguidade para proteger teatros e arenas da chuva ou do sol forte).

Os RECIPIENTES e as MÁQUINAS apresentaram a mesma quantidade. Como exemplos do primeiro, estão: *hostiario* (GAL1194: caixa onde se guardam as hóstias não consagradas), *incensario* (GAL1201: recipiente usado para queimar incenso), *relicario* (GAL1299: caixa onde se guardam as relíquias) e *ungüentario* (GAL1354: recipiente onde se guardam os unguentos). Do segundo, aparecem: *corsario* (GAL1121: navio que, com a autorização oficial, se dedicava a saquear navios de outros países), *planetario* (GAL1273: aparelhagem que reproduz o sistema solar), *solario* (GAL1328: aparelho equipado com lâmpadas de raios ultravioletas usado para bronzamento artificial) e *utilitario* (GAL1362: automóvel pequeno, prático e pouco luxuoso).

Os INSTRUMENTOS e OBJETOS DE USO PESSOAL tiveram três realizações cada. Como INSTRUMENTOS, aparecem: *abecedario* (GAL0001: cartilha usada para ensinar a ler), *hostiario* (GAL1194: molde para fazer hóstias) e *silabario* (GAL1327: livro para ensinar a ler que contém palavras divididas em sílabas e sílabas soltas). Os OBJETOS DE USO PESSOAL são: *escapulario* (GAL1153: tira de pano com uma abertura para colocar a cabeça que certas ordens religiosas têm como distintivo), *pesario* (GAL1268: objeto inserido na vagina para manter o útero em sua posição normal ou evitar a concepção) e *sudario* (GAL1331: lenço ou um pano com que se cobre o rosto de um morto, ou aquele em que envolve o seu corpo).

A Figura 134 faz o resumo do esquema de OBJETOS X-ari- no galego.

Figura 134 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no $[[X_i]-ari-]_s$ do galego

A categoria semântica de QUANTIDADE teve um total de 28 realizações, que se dividiram em três subesquemas, como se pode ver na Tabela 70, a seguir.

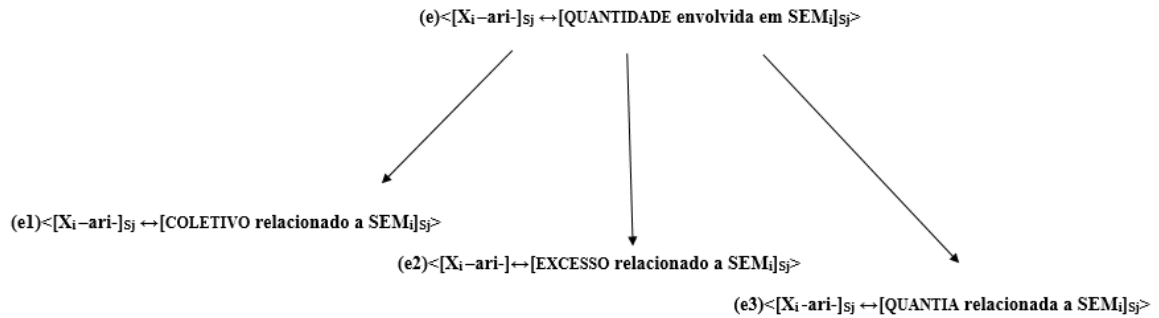
Tabela 70 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidades X-ari- no galego

Categorias de quantidades	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	25	89,29
Excessos	2	7,14
Quantias	1	3,57

Entre os COLETIVOS, estão: *abecedario* (GAL1054: alfabeto), *anecdótico* (GAL1061: coleção de anedotas), *apiario* (GAL1064: conjunto de colmeias), *aviario* (GAL1075: conjunto de aves), *cuestionario* (GAL1125: série de questões), *epistolario* (GAL1151: coleção de epístolas), *exemplario* (GAL1165: conjunto de exemplos), *fabulario* (GAL1167: coleção de fábulas), *herbario* (GAL1186: coleção de ervas e plantas), *ideario* (GAL1196: conjunto das principais ideias de uma coletividade), *indumentaria* (GAL1203: conjunto de todas as peças do vestuário), *receitario* (GAL1293: conjunto de receitas), *temario* (GAL1338: conjunto de temas) e *vocabulario* (GAL1372: conjunto de palavras de uma língua ou que um falante pode/sabe usar).

Os dois exemplos de EXCESSO foram: *calcario* (GAL1086: pedreira que se forma com sedimentos de carbonato de cálcio) e *luminaria* (GAL1223: grande quantidade de luz). O único exemplo de QUANTIA foi *salario* (GAL1309: quantia que alguém recebe periodicamente, como pagamento de um trabalho ou serviço). A Figura 135, a seguir, faz o resumo da categoria QUANTIDADE.

Figura 135 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no $[[X_i]-ari-]_s$ do galego



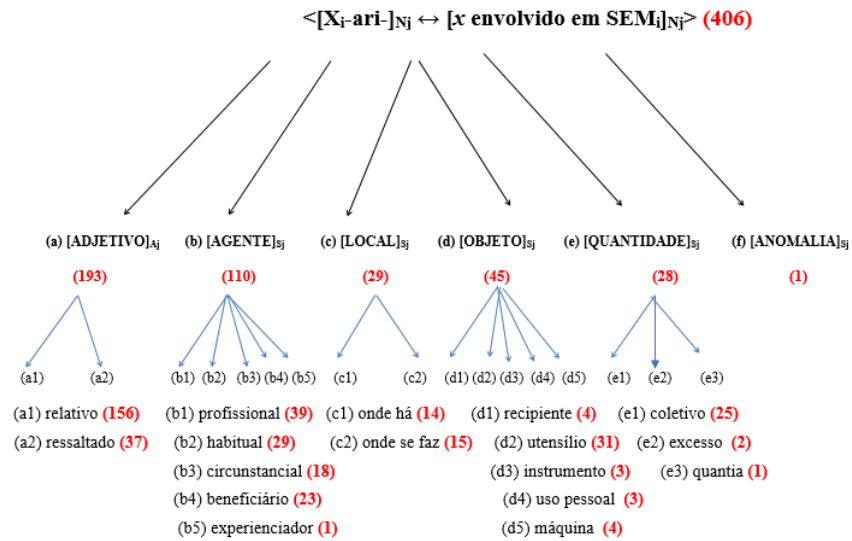
O esquema de ANOMALIA no galego *X-ari-*, tal como no catalão *X-ari-*, só apresenta uma realização: *urticaria* (GAL1358), forma presente nas outras línguas românicas: *orticaria* (ITA0891), *urticaire* (FRA1291), *urticària* (CAT1333), *urticaria* (ESP2789) e *urticária* (POR2763). Embora os dicionários dessas línguas tendam a apresentar essas formações como vernaculares, parece pouco provável, considerando também a baixa produtividade nos dados, que todas essas línguas tenham criado um esquema de ANOMALIA para essa formação. A Figura 136, então, apresenta um controverso esquema de ANOMALIA para o *X-ari-*.

Figura 136 – Esquema dominante de anomalia no galego

$$(f) \langle [X_{si}-ari-]_{sj} \leftrightarrow [ANOMALIA \text{ relacionada a } SEM_i]_{sj} \rangle$$

Feitos todos os detalhamentos de esquemas e subesquemas, a Figura 137, a seguir, sintetiza a rede construcional de *X-ari-* no galego.

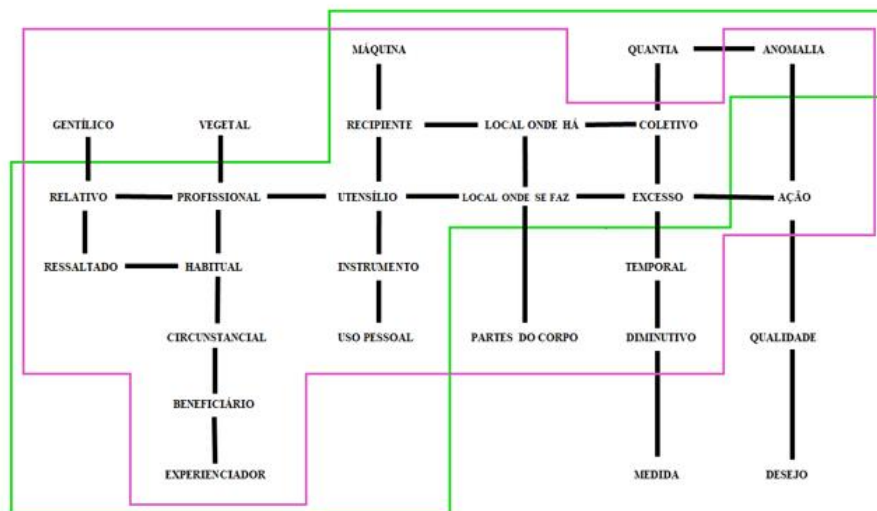
Figura 137 – Representação esquemática das construções *X-ari-* do galego



11.4 COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS

Nesta subsecção, é feita a comparação dos esquemas abordados na Tese, conforme o modelo de Haspelmath (2003). A Figura 138 traz o mapa semântico que aborda as construções galegas estudadas. Note-se que, em relação ao mapa utilizado para a língua espanhola, esse acrescenta os significados PARTE DO CORPO e DIMINUTIVO.

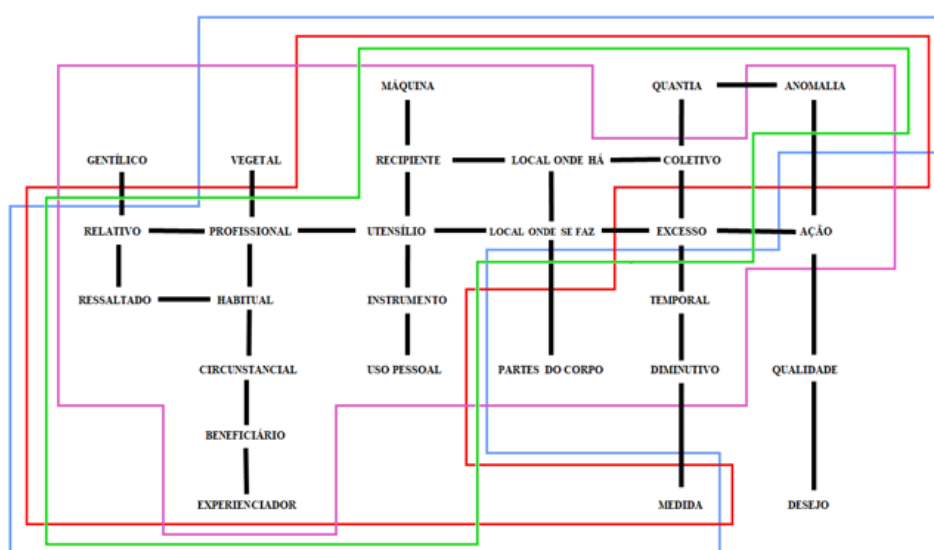
Figura 138 – Comparação entre as construções *X-eir-* e *X-ari-* do galego



Na Figura 138, o contorno lilás se refere ao *X-eir-*, que não abrange os significados QUALIDADE, DESEJO, QUANTIDADE e UNIDADE DE MEDIDA. Esse esquema foi, no entanto, o responsável por trazer à baila os significados de DIMINUTIVO e PARTE DO CORPO. O contorno verde se refere ao *X-ari-* e não abrange UNIDADE DE MEDIDA, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DESEJO, AÇÃO, DIMINUTIVO, VEGETAL e GENTÍLICO.

A Figura 139 mantém essas construções galegas, agora comparando-as com o latim clássico e o latim medieval.

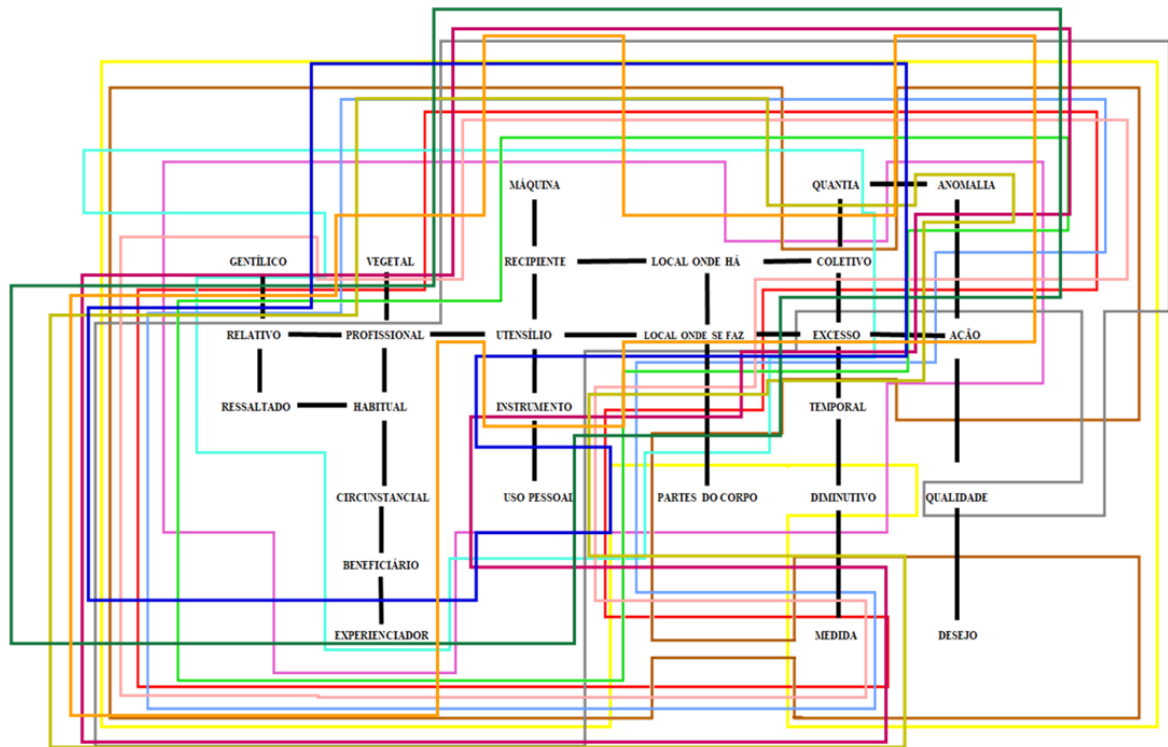
Figura 139 – Comparação entre as construções do galego e do latim



Na Figura 139, os contornos verde e lilás se referem às já mencionadas construções galegas. Acrescentam-se o contorno azul que se refere ao latim medieval e não abrange GENTÍLICO, PARTE DO CORPO, TEMPORAL, AÇÃO, QUALIDADE e DESEJO, ao passo que o vermelho se refere ao latim clássico e não aborda as mesmas construções não abordadas pelo medieval e mais VEGETAL e EXCESSO.

A Figura 140, a seguir, faz a comparação de todas as línguas estudadas até aqui: galego, espanhol, catalão, francês, italiano, romeno e latim. A Figura é acompanhada de uma legenda que faz menção às categorias semânticas não abrangidas por cada uma das construções abordadas.

Figura 140 – Comparação entre as construções do galego, espanhol, catalão, francês, italiano romeno e latim



	GALEGO X-EIR- : NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, QUANTIA, UNIDADE DE MEDIDA
	GALEGO X-ARI-: NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, AÇÃO, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO, MEDIDA, GENTÍLICO, VEGETAL., TEMPORAL
	LATIM MEDIEVAL: NÃO ABRANGE GENTÍLICO, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	LATIM CLÁSSICO: NÃO ABRANGE EXCESSO, AGENTE VEGETAL, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ESPAÑHOL X-ARI-: NÃO ABRANGE AÇÃO, DESEJO, QUALIDADE, VEGETAL, EXCESSO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ESPAÑHOL X-ER-: NÃO ABRANGE DESEJO, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	CATALÃO X-ER- : NÃO ABRANGE QUALIDADE, QUANTIA, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	CATALÃO X-ARI-: NÃO ABRANGE AÇÃO, DESEJO, VEGETAL, EXCESSO, MEDIDA, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ROMENO X-AR- : NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ROMENO X-{}ER- : NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA, INSTRUMENTO, EXPERIENCIADOR, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ITALIANO X-AI- : NÃO ABRANGE USO PESSOAL, QUANTIA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ITALIANO X-ARI- : NÃO ABRANGE USO PESSOAL, VEGETAL, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	FRANCÊS X-IER- : NÃO ABRANGE QUANTIA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	FRANCÊS X-AIRE : NÃO ABRANGE MEDIDA, VEGETAL, EXCESSO, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO

Tal como o mapa apresentado na Figura 121, para o espanhol, o Mapa da Figura 140, não pode prescindir da legenda, confirmando, mais uma vez, a impertinência da abordagem para contextos como os estudados nesta Tese.

11.5 ANÁLISE SOCIOCOGNITIVA DE CONSTRUÇÕES DO GALEGO

Nesta subseção, são feitos comentários de aspectos semântico-cognitivos atinentes aos padrões esquemáticos *X-eir-* e *X-ari-* do galego. O Quadro 43 traz as dez palavras *X-eir-* selecionadas para a análise.

Quadro 43 – Palavras galegas *X-eir-* selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
GAL0028	arrabaldeiro	1 Relativo ou pertencente a um subúrbio. 2 <i>pejorativo</i> Que é grosseiro ou pouco refinado.
GAL0254	casqueiro	Que não é muito profundo
GAL0265	cazoleiro	1 Pessoa que fabrica ou vende caçarolas ou objetos semelhantes. 2 Pessoa que se aventura na cozinha 3 Homem que se intromete em assuntos considerados tradicionalmente das mulheres.
GAL0288	chaqueteiro	Pessoa que muda de opinião, de lado ou de partido como lhe convém.
GAL0407	faldreiro	1 Relativo à saia 2 Homem que gosta de lidar com mulheres; <i>mulherengo</i> .
GAL0480	grileiro	Adjetivo 1 [Pessoa] que é muito estridente e vivaz. 2 Buraco em que vivem os grilos.
GAL0531	leoneira	1 Lugar onde se prendem os leões. 2 Lugar desordenado.
GAL0568	manobreiro	Adjetivo 1 [Barco] que manobra com facilidade. 2 figurado [Pessoa] que demonstra habilidade para conseguir o que se propõe. Substantivo 3 Pessoa que dirige ou realiza uma manobra; <i>manobrista</i>
GAL0625	mullereiro	1 Homem <i>mulherengo</i> 2 Homem que fica à vontade entre mulheres ou fazendo coisas que tradicionalmente se consideravam mais próprias das mulheres.
GAL0817	rateiro	Adjetivo 1 [Animal] que é bom caçador de ratos. <i>Uma gata rateira</i> . 2 Pessoa que rouba coisas de pouco valor.

Na palavra *arrabaldeiro* (GAL0028), a base *arrabalde* é uma designação galega para subúrbio, periferia. O significado inicial de *arrabaldeiro* é relacional, do tipo ‘relativo ao subúrbio’, porém há uma extensão aparentemente metafórica que faz com que *arrabaldeiro* seja usado, de forma pejorativa, para qualificar alguém como ‘grosseiro’ ou ‘pouco refinado’. Esse mecanismo se vê também no espanhol *barriobajero* (ESP0336), que significa tanto ‘relativo às favelas (*barrios bajos*)’ quanto ‘inadequado e desprovido de bons modos’.

Em que pese o fato de haver em *arrabaldeiro* uma categorização motivada por questões de natureza social, há também uma base espacial de centro e periferia. Essa noção espacial no mapeamento metafórico aparece também no adjetivo *casqueiro* (GAL0254), usado

normalmente para qualificar ferimentos. Um ferimento *casqueiro* é um ferimento não profundo, ou seja, que está no limite da *casca*.

De natureza metafórica, é também a rede de significados vista em *manobreiro* (GAL0568). Usado para falar de conceitos de direção, na ideia de ‘habilidades para fazer manobras’, o adjetivo *manobreiro* pode ser recategorizado como substantivo e designar uma pessoa sábia, que tem habilidade para desviar dos obstáculos. Ao que parece, essa acepção metafórica está relacionada à metáfora primária A VIDA É UMA VIAGEM.

A metáfora HOMEM É ANIMAL é uma das motivações presentes nas redes semânticas de *grileiro* (GAL0480), *leoneira* (GAL0531) e *rateiro* (GAL0817). Em *grileiro*, os sons emitidos pelo grilo parecem motivar o significado de ‘pessoa muito estridente e vivaz’. Em *leoneira*, é a dificuldade que o homem tem de domar o leão que aparece na transferência metafórica de ‘lugar onde se prendem os leões’ para um ‘lugar desordenado’. Por último, o modelo cognitivo idealizado de *rato* como um animal que rouba (pouca) comida é usado para caracterizar o *rateiro* como uma pessoa que rouba coisas de pouco valor.

Metonímias e metáforas a partir de peças de roupa aparecem em *chaqueteiro* (GAL0288) e *faldreiro* (GAL0407). Em *chaqueteiro*, a base é *chaqueta* (jaqueta). O frame de troca de roupa é usado para tratar de mudança de opinião de maneira conveniente. Assim, um *chaqueteiro* é uma pessoa que muda de opinião como quem muda de roupa, a depender dos seus interesses. A palavra *chaqueta*, nesse caso, é tomada metonimicamente dentro da categorização de roupa. Seria uma forma galega para falar de um *vira-casaca*, como se usa no português.

No caso de *faldreiro*, a base é *faldra*, que significa saia. Um homem chamado de *faldreiro* é um homem mulherengo. Assim, a saia é o mecanismo metonímico usado para ativar o frame de mulher. Em comparação com o português, esse mesmo frame estaria no composto sintagmático *rabo de saia*: um homem mulherengo é aquele que não pode ver um rabo de saia.

A relação com as mulheres aparece também em *cazoleiro* (GAL0265) e *mullereiro* (GAL0625). No primeiro, a base é *cazola*, que significa caçarola. Um homem chamado de *cazoleiro* é aquele que costuma se intrometer em assuntos que são tipicamente atribuídos às mulheres. Na mesma rede de significados de palavras, há as noções de ‘pessoa que fabrica caçarolas’ e ‘pessoa que gosta de se aventurar na cozinha’. Quando passa a designar o homem que se intromete em “assuntos de mulher”, isso provavelmente se deve a um modelo cognitivo idealizado de *mulher* como uma pessoa responsável pela cozinha.

Por último, *mullereiro* pode designar tanto o homem mulherengo quanto o homem que se sente à vontade fazendo coisas que são típicas de mulheres. Dessa maneira, a base *muller* é

recortada de maneiras diferentes. Esse é um bom exemplo para tratar da perspectivização e da elasticidade na elaboração dos significados, visto que, dentro de um modelo social machista, a palavra *mullereiro* aponta para categorias que podem ser tomadas como opostas.

No Quadro 44, a seguir, apresentam-se as palavras *X-ari-* escolhidas para a análise.

Quadro 44 – Palavras galegas *X-ari-* selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
GAL1085	cabalarío	Exagerado, enorme, muito grande dentro de sua espécie.
GAL1131	depositario	1 Quem recebe algo em depósito para a custódia. 2 figurado Pessoa a quem se confia um segredo, um sentimento etc.
GAL1154	escenario	1 Parte do teatro onde se fazem as representações. 2 por extensão Lugar onde acontece alguma coisa.
GAL1156	estacionario	Que estancou em um determinado estado ou situação, que permanece sem avançar, sem retroceder ou sem evoluir.
GAL1184	gregario	Adjetivo 1 [Animal] que vive em um grupo em que não existem hierarquias. 2 [Tendência, instinto] que leva a certos animais a viver em grupo.
GAL1200	incendiario	1 Que causa um incêndio. 2 Quem provoca voluntariamente um incêndio. 3 figurado Agressivo, exaltado.
GAL1211	lapidario	Adjetivo 1 Relativo ou pertencente às lápides e as inscrições que aparecem gravadas nelas. 2 figurado [Frase, discurso etc.] que se destaca por sua concisão e solenidade. Substantivo 3 Pessoa que se dedica a trabalhar e negociar com pedras preciosas.
GAL1215	lendarío	Adjetivo 1 Que não tem existência real, que pertence à lenda. 2 Que é grande renome e fama.
GAL1335	tabernario	Adjetivo 1 Relativo ou pertencente à taberna. 2 figurado Que é vulgar.
GAL1352	turiferario	1 Pessoa que porta o turíbulo em cerimônias eclesiásticas. 2 figurado Pessoa que adula.

A primeira palavra do Quadro 44, *cabalarío* (GAL1085), tem como base *cabalo*, que significa *cavalo*. O étimo de *cabalo* é o latim *cabāllus*, que era derivado de *cabus*, que designava o cavalo castrado, utilizado para trabalhos domésticos, e se diferenciava do cavalo de montaria e guerra. A relação do homem com o cavalo norteia o significado de *cabalarío*, que usado como adjetivo, significa ‘exagerado, grande demais’. No português, o equivalente é *cavalar*, que aparece em expressões populares, como *doses cavалares*. Nesse sentido, o desenvolvimento de *cabalarío* parece advir da metáfora *HOMEM É ANIMAL*.

A experiência com animais está também no desenvolvimento de *gregario* (GAL1184). O étimo dessa palavra é a forma latina *gregārius* (LLC0334), que significa ‘do rebanho, da multidão’. A base desse derivado latino é *grēx*, *gregis* (reunião de animais ou indivíduos da

mesma espécie). Essa informação histórica ajuda a entender que o adjetivo galego *gregario* é usado para qualificar um animal “que vive em grupos em que não existem hierarquias” ou o instinto “que leva certos animais a viverem em grupo”. É a metaforização desse agrupamento que vai aparecer na raiz do verbo *agregar*, que existe da mesma maneira no português e no galego.

A metáfora primária do conduto, usada para transações comerciais e situações comunicativas, aparentemente está na rede de significados de *depositario* (GAL1131). Da experiência mais física de ‘quem recebe algo em depósito para a custódia’, aparece a metaforização ‘pessoa a quem se confia um segredo’. Em ambas as situações, há uma estruturação do evento em que participam remetentes e destinatários. Nos dois significados atestados de *depositario*, o foco está no destinatário do frame.

Concepções metafóricas estão também nas redes de significados de *incendiario* (GAL1200) e *turiferario* (GAL1352). No primeiro, nota-se a metaforização do tipo DISCUSSÃO É GUERRA, quando se percebe o uso tanto para uma ‘pessoa que provoca um incêndio’ quanto para uma ‘pessoa agressiva e exaltada’. No segundo, a cena da cerimônia eclesiástica é metaforizada. O *turiferario* é aquele que segura o *turíbulo* (incensário) e caminha atrás do padre. Desse frame, há a ideia do *turiferario* como uma pessoa que adula.

Em *tabernario* (GAL1335), há uma categorização parecida com a que se viu em arrabaldeiro (GAL0028). O adjetivo *tabernario* é usado, ao mesmo tempo, como um relacional ‘relativo à taberna’ e como uma designação de ‘que é vulgar’. O aspecto popular do estabelecimento *taberna* é ressaltado nessa categorização. Esse mesmo comportamento ressaltado aparece em *lendario* (GAL1215), que significa tanto ‘relativo à lenda’ e, do entendimento de que uma lenda é uma narrativa fantástica popularizada, há o significado de *lendario* como ‘célebre, renomado’.

O frame do trabalho do *lapidario* (GAL1211), ‘pessoa que trabalha com pedras preciosas’, é tomada metaforicamente na acepção adjetiva ‘que se destaca por sua concisão e solenidade’, usada para qualificar frases e discursos. No português, usa-se o adjetivo *lapidado* nesse mesmo sentido: um discurso lapidado é um discurso bem trabalhado, bem minucioso, como se imagina ser o trabalho com pedras preciosas.

Em *escenario* (GAL1154), há uma transferência metonímica do significado de ‘parte do teatro onde se realiza a cena’, o cenário, para ‘lugar onde acontece alguma coisa’. Isso foi visto também no espanhol. A metonímia também aparece em *estacionario* (GAL1156), adjetivo utilizado para qualificar uma pessoa estagnada. A base da construção remete a uma *estação*, que é tomada pelo seu aspecto de fixação e imobilidade.

11.6 SÍNTESE

Esta seção mostrou como a história da língua galega é marcada por altos e baixos. Nos primeiros instantes, ligado ao Reino da Galiza, manteve-se como uma língua relativamente privilegiada. O fim desse reino e a vinculação da região ao Reino de Castela dá início aos desprestígios vividos pelos falantes da língua. Há séculos, o galego tem resistido à hegemonia do castelhano na Espanha e, há mais ou menos meio século, filólogos e linguistas galegos têm questionado a narrativa de unidade original galego-portuguesa, ressaltando que essa tenha funcionado como um dispositivo violento que acabou por colocar o galego em uma posição secundária, dessa vez, em relação ao português.

Em relação aos dados *X-eir-* levantados, viu-se que o galego apresenta um comportamento comum às ibero-românicas, realizando, de maneira produtiva, os esquemas e subesquemas de ADJETIVO GENTÍLICO, AGENTE VEGETAL, EXCESSO e ANOMALIA. Numa comparação com o espanhol, vê-se que o galego também apresenta o significado TEMPORAL, ainda que de maneira menos produtiva, ao mesmo tempo que inova por apresentar significados como DIMINUTIVOS e PARTES DO CORPO. Essas instanciações, mesmo não sendo tão frequentes como as de outros esquemas, encontram alguma sistematicidade no galego, apontando comportamentos que o desvencilha do espanhol e, a saber, do português.

12 AS ÚLTIMAS FLORES DO LÁCIO: AS CONSTRUÇÕES [X-EIR-]_N E [X-ÁRI-]_N NA LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção, apresenta-se a análise dos dados da língua portuguesa. Foram selecionadas 2159 palavras sufixadas com *-eir-* e 634 com *-ari-*. Os dados foram extraídos do *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa*, de Houaiss e Villar (2009). Essa obra fornece informações de significado, etimologia e datação.

Sobre a questão sócio-histórica, em um primeiro momento, cabe dizer que a história da língua portuguesa compartilha uma série de fatos com as outras línguas ibero-românicas estudadas nesta Tese, o catalão, o espanhol e o galego. Em um segundo momento, há uma impossibilidade de separar social e historicamente galego e português, fato do qual já se tratou na seção destinada à língua galega. Para que não haja uma série de repetições em relação às seções anteriores, opta-se por partir de aspectos relacionados à história do português arcaico, com o intuito de se chegar à formação do português brasileiro.

12.1 CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO PORTUGUÊS

O período arcaico da língua portuguesa diz respeito à fase inicial da língua portuguesa. Sobre esse momento, válido ressaltar a vastidão de nomenclaturas utilizadas por filólogos, linguistas e literatos. Além do já mencionado termo *português arcaico*, são vistos *português medieval*, *português antigo*, *galego-português*. Em relação a esse último,

Mattos e Silva (2006, 2008b) observa que esse termo dá conta não só do caráter diacrônico, mas também do diatópico no percurso histórico da LP, uma vez que se baseia tanto na produção literária quanto em uma possível diferença dialetal da língua falada, em que, aparentemente, havia uma unidade galego-portuguesa que se refletia na documentação escrita. Contudo, diante dessa gama de termos, a autora escolhe *português arcaico*, termo herdado de Leite de Vasconcelos, por considerá-lo mais definidor. Nesse contexto, assume-se que o PA abrange o chamado *galego-português* (SIMÕES NETO, 2016, p. 162, grifos do autor).

Ainda no âmbito das nomenclaturas flutuantes, Mattos e Silva (2006) menciona que

Leite de Vasconcelos limitava-se no início do século XX a designar esse período pela expressão única de *português arcaico*. Já Carolina Michaëlis de Vasconcelos, com base na produção literária medieval portuguesa, subdivide esses três séculos: o *período trovadoresco* até 1350 e o *período do português comum* ou da *prosa histórica*.

Essa posição foi aceita por Serafim da Silva Neto na sua *História da Língua Portuguesa*. L. F. Lindley Cintra opõe ao *português antigo*, do século XIII às primeiras décadas do século XV, o *português médio*, daí até as primeiras décadas do século XVI. Outros estudiosos do português, como Pilar Vasquez Costa, fazem a mesma delimitação temporal, mas adotam a designação de *galego-português* e de português *pré-clássico*. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 23, grifos da autora).

Esse debate da variação terminológica do português arcaico, além de incidir no debate sobre a unidade original galego-portuguesa, recai sobre um segundo problema: periodização histórica da língua portuguesa. Sobre essa questão, Mattos e Silva (2006) comenta:

[...] qualquer tentativa de periodização histórica, como qualquer classificatória ou taxonomia é arbitrária e está necessariamente condicionada pelos princípios que estão na base da classificação. A delimitação do português arcaico, no fluxo da história da língua portuguesa, não poderá fugir a essa fatalidade. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 21).

Quanto ao início do português arcaico, Mattos e Silva (2006) menciona que há uma relativa uniformidade de pensamento entre filólogos e historiadores da língua de que se inicie no século XIII, quando aparecem os primeiros registros escritos da língua, como o *Testamento de Afonso II*, de 1214, e a *Notícia de Torto*, escrita entre 1214-1216.

Com essa elaboração, Mattos e Silva (2006), de certa maneira, ignora a tentativa de Martins (1999) de recuar para o século XII o início do período, com base no documento *Notícia de Fiadores* (1175), que mescla características do latim com o chamado galego-português³⁷². As propostas de periodização consideradas pela autora estão reproduzidas no Quadro 45, extraído de Castro (1988).

Quadro 45 – Propostas de periodização da língua portuguesa

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até +/- 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/1420	português arcaico	trovadoresco	galego-português	português antigo
até 1536/1550		português comum	português pré-clássico	português médio
até s. XVIII	português moderno	português moderno	português clássico	português clássico

³⁷² Nos dois volumes da obra *O português arcaico: uma aproximação*, Mattos e Silva (2008b, 2008 c) acata a proposta de recuo de Ana Maria Martins.

até s. XIX/XX			português moderno	português moderno
------------------	--	--	----------------------	----------------------

Fonte: Castro (1988, p. 12), *apud* Mattos e Silva (2006, p. 25).

Em relação ao que se vê no Quadro 45, pode-se considerar que os equivalentes

[...] *português arcaico, período trovadoresco, galego-português e português antigo* têm todos o mesmo início, entre os anos de 1214 e 1216, o que ratifica a ideia de consenso entre filólogos e linguistas sinalizada por Mattos e Silva (2006). Sobre o final, entretanto, não se observa essa mesma unanimidade: uns consideram o final nos últimos anos do século XV, enquanto outros colocam o século XVI como sendo o marco de um novo período na história da LP (SIMÕES NETO, 2016, p. 163, grifos do autor).

Em obra posterior, Mattos e Silva (2008b) observa que as propostas de delimitação do português arcaico tendem a considerar apenas os fatos extralinguísticos. Nesse sentido, há “a necessidade de mais estudos intralinguísticos do período a fim de que isso possa ser estabelecido de maneira mais rigorosa e precisa” (SIMÕES NETO, 2016, p. 163).

No âmbito do PROHPOR (Programa para a História da Língua Portuguesa), Rosa Virgínia Mattos e Silva produziu e orientou variados trabalhos sobre o comportamento linguístico do período arcaico. Alguns desses foram considerados pela autora para avaliar os limites do português arcaico. Veja-se o Quadro 46, extraído de Mattos e Silva (2008b).

Quadro 46 – Fatos linguísticos impactantes na delimitação do português arcaico

Séculos →			XV		XVI	
	XIII	XIV	1 ^a metade	2 ^a metade	1 ^a metade	2 ^a metade
Factos linguísticos ↓						
* hiatos desfeitos						
* sistema de 4 sibilantes						
* definição de ditongo nasal final						
* morfemas <i>-des, -de</i>						
* VT /u/ de PP						
* sistema binário: dêiticos demonstrativos						
* sistema binário: dêiticos locativos						
* anafóricos: <i>ende ~ em / hi</i>						
* conjunções arcaicas: <i>pero</i> (explicativa)						
<i>pero</i> (adversativa)						
<i>porém</i> (explicativa)						
<i>pois</i> (temporal)						

ca (explicativa)						
* <i>ser ~ estar</i>						
* <i>haver ~ ter</i>						
* ausência de tempo composto				?		
* ordem dos constituintes na frase						?
* regras categóricas de posição dos clíticos					?	

Fonte: Mattos e Silva (2008b, p. 21).

A partir da elaboração desse esquema reproduzido no Quadro 46, Mattos e Silva (2008b) aponta que a maioria dos fenômenos destacados não se realiza na segunda metade do século XVI. É por meio desses fatos intralinguísticos que Mattos e Silva (2008b) sugerirá que o português arcaico termine na primeira metade do século XVI. Essa proposta coaduna com hipóteses anteriores que se pautaram em argumentos extralinguísticos, como a publicação dos primeiros instrumentos normativizadores da língua, o que inclui as primeiras gramáticas de Fernão de Oliveira e de João de Barros, e os vocabulários de Jerônimo Cardoso. Nesse momento em que começam as reflexões metalinguísticas sobre a língua, nos termos de Mattos e Silva (2008b), inicia-se o período moderno ou clássico.

Ainda sobre as delimitações do período arcaico do português, é importante mencionar a existência de subperiodizações, com o destaque para duas fases. A partir de Maia (1986) e Mattos e Silva (1989, 1991, 1993), Soledade (2005), com base nas reflexões de Mattos e Silva e de Maia (1986),

[...] limita “a primeira fase do português arcaico entre o século XIII e o século XIV, mais precisamente 1385, data da Batalha de Aljubarrota” (SOLEDADE, 2005, p. 35), distinguindo, pois, uma primeira fase mais galego-portuguesa e uma segunda fase, que começa com a ascensão da Dinastia de Avis, e que se mostra mais precisamente portuguesa, uma vez que se marca o nascimento da prosa nacional e um movimento voltado para a individualização do português em relação ao galego (SIMÕES NETO, 2016, p. 164-165).

Em meio aos processos de dominação político-cultural de Portugal, sobretudo por meio da expressão marítima, os portugueses chegam ao território brasileiro em 1500. A partir desse fato histórico, sucede uma série de outros acontecimentos que contribuirão de maneira pouco uniforme para o processo de difusão da língua portuguesa no Brasil.

Sobre a constituição histórica do português brasileiro, a hipótese central de Mattos e Silva (2004) é de que os negros africanos, que aqui chegaram na condição de escravizados, e os seus descendentes afro-brasileiros foram os principais responsáveis pela difusão

generalizada da língua portuguesa no solo nacional. A autora retoma Mattoso (1982), para mencionar que, embora africanos e afro-brasileiros não tenham tido “voz”, no sentido político-metafórico, tiveram voz, no sentido literal, para reformatar a gramática da variedade brasileira do português e difundir-la por quase todo o território.

É com base nesse aspecto central que Mattos e Silva (2004) recusa o termo *influência*, pois, além de sugerir um movimento decorrente de acordo pacífico, aponta para algo aleatório, remoto e superficial. Seria considerar a participação desses povos nos mesmos termos com que se tratavam os substratos, superstratos e adstratos na formação das línguas europeias. Ainda que considere negro-africanos e afro-brasileiros como os principais atuantes do processo, a autora menciona a participação de outros povos: os índios nativos e os outros grupos relativamente massivos de imigrantes que povoaram o Brasil.

A partir de Rodrigues (1993), Mattos e Silva (2004) menciona que a história linguística do Brasil se caracterizou pelo multilinguismo generalizado que se mantém até o século XVIII, tendo, nos momentos iniciais da colonização, cerca de 1.175 línguas indígenas, dos troncos Tupi e Macro-Jê, além do hipotético Carib-Tupi e possíveis línguas isoladas. Essas línguas, segundo Rodrigues (1993) foram diminuídas em aproximados 85% desde o período colonial até o atual. Essa redução se deveu a processos de genocídio, mortes por epidemias de doenças trazidas pelos europeus, migrações, além da inserção de indígenas em certos espaços coloniais onde a língua portuguesa gozava de mais prestígio, desfavorecendo o uso e a transmissão das línguas maternas.

O cenário linguístico brasileiro é ainda multilíngue, informação pouco conhecida da população comum. O multilinguismo do Brasil atual, no entanto, é localizado: além da língua portuguesa, são faladas de 150 a 180 línguas indígenas autóctones consideradas nacionais. Todas essas línguas são consideradas ameaçadas, pelo fato de não terem muitos falantes, nem sempre serem transmitidas intergeracionalmente, não apresentarem prestígio social e poucas contarem com produções de materiais pedagógicos e alfabetização. Esses problemas, inclusive, têm sido desafios para quem trabalha com documentação linguística. Em linhas gerais, pode-se dizer que as línguas indígenas nacionais apresentam alta diversidade, mas baixa densidade, visto que há muitas línguas para poucos falantes.

Sobre a participação das línguas indígenas na história linguística do Brasil, é preciso destacar também a existência das chamadas línguas gerais, línguas de matriz indígena que se estabeleceram como fator de comunicação entre os europeus e indígenas no processo de colonização. A partir de registros de historiógrafos, cronistas e jesuítas, notou-se certa semelhança cultural e linguística entre os povos que viviam ao longo da costa brasileira que

falavam línguas do tronco tupi: tupiniquins e tupinambás, por exemplo, apesar de rivais, falavam línguas do mesmo tronco. A percepção dessa semelhança, segundo Mattos e Silva (2004), permitiu a gramatização da *Língua mais falada na costa do Brasil* do Padre José de Anchieta.

Dentro da sociedade colonial mestiça, por conta da violência portuguesa, o uso das línguas gerais começou a se consolidar entre os séculos XVI e XVII. Descendentes mestiços de índias e europeus aprendiam língua *tupi*, de sua mãe e familiares, mas, com a necessidade de tomar parte das funções exercidas pelos pais europeus, passaram a também falar uma língua que já não se parecia com a de base tupi adquirida na infância, mas uma língua que mesclava elementos da gramática latina com a fonética tupi e que veio a se configurar como uma língua veicular. Essa língua serviu de base para o que Rodrigues (1993, 2006) chamou de língua geral, e outros autores chamam de língua brasílica.

Rodrigues (2006) distinguiu duas línguas gerais no Brasil: a amazônica, de base tupinambá, e a paulista, de base tupiniquim e/ou guarani, que, tendo se realizado em uma região amplamente explorada, foi extinta após o combativo decreto do Marquês de Pombal, que visava a implantação da língua portuguesa no território do Brasil.

Embora alguns defendam o decreto como um instrumento decisivo para o Brasil deixar de ser um país multilíngue, esse cenário continuou existindo, não só pela sobrevivência de algumas comunidades indígenas, mas também pelo processo escravocrata que trouxe, forçosamente, para o Brasil, negros-africanos, de diferentes origens e falantes de variadas línguas. Como observa Mattos e Silva (2004), os negros escravizados a partir de meados do século XVI, ao final desse mesmo século, já representavam 42% da população, contra 30% de portugueses e 28% de índios.

Mattos e Silva (2004) e Petter (2006), leitoras de Mattoso (1982), ao tratarem da historiografia da escravidão no Brasil, retomam os três grandes ciclos do tráfico negreiro. O primeiro, de origem predominantemente sudanesa, foi o ciclo de Guiné, no século XVI. O segundo foi o ciclo de Congo-Angola, com predominância de povos de origem banta, no século XVIII. O terceiro teve, novamente, predominância sudanesa. Petter (2006) estima que, ao total, chegou ao Brasil uma quantidade que varia entre 200 e 300 línguas africanas de diferentes troncos, mas há presença maciça de línguas de origem bantu, o que se pode ver nos variados níveis de estruturação linguística.

No que tange à presença das línguas africanas no processo de difusão do português brasileiro, Mattos e Silva (2004) retoma uma menção de Mattoso (1982) de que a metrópole portuguesa procurou misturar os negros de diferentes etnias, impedindo assim concentração de

negros de uma mesma origem na mesma capitania. Essa posição, além de dificultar a intercomunicação entre os africanos, acabou por obrigar-lhes a usarem o português como língua veicular, deixando de falar suas línguas.

Nesse cenário, a variedade do português utilizada pelos escravizados como língua franca era de característica rudimentar, pois fora aprendido fora do período crítico de aquisição da linguagem e fora do contexto formal da escolarização. Esse português, classificado como rudimentar, revela características de uma língua aprendida nesses contextos não ideais e transmitida intergeracionalmente.

Em suma, dentro do contexto colonial, Mattos e Silva (2004) considera três principais atores linguísticos: (i) o português dos europeus; (ii) as línguas gerais indígenas; (iii) o português geral do Brasil, falado por indígenas integrados à sociedade nacional e por africanos e afrodescendentes, maior contingente populacional à época. Entre esses atores, é o português geral do Brasil que se sobressai, tendo em vista os seguintes três fatores: (a) contingência, pois africanos e afrodescendentes eram a maioria populacional; (b) migração, pois, acompanhando os ciclos econômicos e as imposições dos senhores, os escravizados foram espalhados por todo o território, diferentemente dos índios que tenderam à concentração; (c) papéis sociais, pois a população negro-africana e afrodescendente desempenhava papéis pequenos e múltiplos, fundamentais nos núcleos urbanos e rurais.

Cabe ressaltar que a proposta de leitura de difusão generalizada do português geral do Brasil no território nacional, defendida por Mattos e Silva (2004), não é a mesma proposta defendida por Lucchesi (2009, 2012) e Lucchesi e Baxter (2009), que sugerem a *transmissão linguística irregular* na formação do português brasileiro. Ainda que a autora seja favorável a tal hipótese (LUCCHESI, 2019), em desfavorecimento da *deriva secular*, defendida por Naro e Scherre (2007), nesse texto, em específico, a autora sinaliza que não pretende entrar nesse debate.

A título de esclarecimento, sejam apresentadas sínteses dos pontos fundamentais de cada hipótese. Naro e Scherre (2007), no livro *Origens do português brasileiro*, resumem a visão defendida da seguinte maneira:

No início deste trabalho, mencionamos duas concorrentes de pensamento, aparentemente em conflito, quanto à natureza e às origens do português não padrão do Brasil – origem exclusivamente europeia, de um lado, e pidginização/crioulização devida à presença de falantes de línguas africanas ou de outras línguas não europeias, de outro. O Quadro geral traçado por nós é mais condizente com o ponto de vista que se baseia na origem europeia, mas também se apoia no efeito catalisador da nativização apontado por Sankoff. Nossa conclusão é que o moderno português do Brasil é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal,

indubitavelmente exagerada no Brasil pela exuberância do contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e pela nativização desta língua pelas comunidades formadas por estes falantes. Nossa proposta assim se resume: CONFLUÊNCIA DE MOTIVAÇÕES, com umas mais fortes no início do processo histórico e outras mais relevantes em estágios históricos seguintes (NARO E SCHERRE, 2007, p. 69, grifos dos autores).

Lucchesi (2009), em capítulo do livro *O português afro-brasileiro*, destaca a importância dos contatos maciços para a caracterização da variedade brasileira da língua portuguesa:

Se, nas situações mais representativas da história sociolinguística do Brasil, não ocorreram processos típicos de criouliização, é exatamente aí que se localiza a origem das mais importantes consequências do extenso e maciço contato entre línguas que marca essa história. A aquisição precária do português pelos escravos trazidos da África e pelos índios integrados na sociedade brasileira e a nativização desse modelo defectivo de português como língua segunda nas gerações seguintes de seus descendentes endógamos e mestiços desencadearam um processo de transmissão linguística irregular que teve importantes consequências para a formação da atual realidade linguística brasileira, nomeadamente para as suas variedades populares. Os fatores que inibiram a criouliização passam, assim, a atuar como poderosos fatores de difusão das mudanças induzidas pelo contato entre línguas nas mais diversas comunidades de fala do Brasil. A integração social dos escravos ou dos ex-escravos e, sobretudo, a miscigenação são fatores que atuam em dois sentidos: favorecem a assimilação dos padrões linguísticos dominantes por parte dos dominados, ao tempo em que abrem vias de introdução na fala das camadas médias e altas de estruturas criadas por mudanças ocorridas nos extratos mais baixos.

Portanto, em termos gerais, o processo histórico de constituição da realidade linguística brasileira aponta para a ocorrência de significativas mudanças nas variedades populares do português, em função do contato entre línguas. Contudo, por diversos fatores, relacionados, sobretudo, à maior complexidade da sociedade brasileira vis-à-vis às sociedades agroexportadoras do Caribe, por exemplo, essas mudanças não foram de monta a dar ensejo à formação e estabilização de uma língua crioula de base portuguesa, o que pressupõe uma reestruturação original da gramática e/ou a transferência de estruturas das línguas de substrato. Tais processos, se ocorreram, ocuparam uma posição lateral, e suas marcas mais evidentes provavelmente desapareceram no bojo das enormes alterações que se processaram no cenário socioeconômico do país ao longo do século XX (LUCCHESI, 2009, p. 71).

O confronto entre a hipótese de Anthony Naro e Martha Scherre, de um lado, e a de Dante Lucchesi e Alan Baxter, de outro, embora já tenha sido mais acalorado, segue como um ponto não pacífico na historicização da língua portuguesa do Brasil. Atualmente, os defensores têm tendido a apontar que as propostas não são extremas. Assim, nem os defensores da deriva secular deixam de reconhecer o fato de que, em alguns casos, o contato pode ser relevante, nem os defensores da transmissão linguística irregular ignoram por completo a deriva sistemática em alguns fenômenos.

Tal como Mattos e Silva (2004), nesta Tese, não se pretende entrar nessa celeuma da Linguística brasileira, tampouco se defende um ponto de vista em específico. Porém, não se

pode deixar de ressaltar, com base no que se viu ao longo desta Tese, a partir de argumentos preponderantemente filológicos e históricos, um ponto comum às duas propostas, no instante em que se valem de fatos linguísticos para defender uma posição ou outra.

Como se viu nesta Tese, mesmo a chamada evidência linguística, que, recorrentemente, é usada como prova irrefutável, pode ser acionada de diferentes maneiras, a depender da história que se quer narrar. Assim aconteceu na sobreposição do italiano florentino às outras línguas do território, na briga entre galorromanistas e iberorromanistas pela categorização do catalão e na identificação que Menéndez Pidal faz da chamada *cunha castelhana*, para sobrepor a variedade regional castelhana a outras línguas faladas naquele território.

Embora não se valham somente de fatos estritamente linguísticos, há um ponto em que as duas hipóteses se unem. A partir de argumentos diferentes e perspectivizações de fenômenos linguísticos, as duas hipóteses acabam atendendo a expectativas de matriz eurocêntrica. Quando Naro e Scherre (2007) ignoram os contatos linguísticos como principais instrumentos no desenvolvimento do português brasileiro, sustentam uma ideia de continuidade sistêmica do português arcaico no Brasil. Há, nesse sentido, um anseio da lusofonia, da herança portuguesa. Do outro lado, Lucchesi (2009), quando faz todo o tratamento da formação pautada na relevância do contato, busca marcar uma separação da variedade europeia, pautados sobretudo nos argumentos da Crioulística, que fundamentalmente se orientam por premissas eurocêntricas, na medida em que partem da expansão política, econômica, linguística e cultural da Europa e acabam por ressaltar a ideia de que as línguas europeias são pontos de partida (puras?) e as que delas descendem são passíveis de crioulização e descrioulização.

12.2 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE [X-EIR-]_N³⁷³

Entre as abordagens sobre o sufixo *-eir-* no português, as mais antigas encontradas são as das gramáticas históricas de Nunes (1969 [1919]) e Said Ali (1964 [1931]). No seu *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Nunes (1969 [1919]), dedica uma seção à Morfologia e aborda aspectos de derivação e composição. O sufixo *-eiro* é abordado pelo autor, junto com as variantes *-deiro* e *-ário*. Segundo Nunes (1969 [1919]), os três são oriundos do -

³⁷³ Como as construções com o sufixo *-eir-* foram objeto de estudo de Simões Neto (2016), grande parte da revisão teórica apresentada nesta seção decorre de paráfrases e citações da dissertação, com novas críticas que ficaram de fora daquele trabalho. A análise de Simões Neto (2016) será retomada, a título de resenha, e serão também acrescentados trabalhos posteriores, tais como Rio-Torto (2016), Tavares da Silva (2017) e Scher e Armelin (2019).

ariu latino, sendo o *-eiro* e o *-ário* aplicados a temas nominais e o *-deiro* a verbais. Do ponto de vista semântico, considera a possibilidade de esses sufixos formarem nomes de profissões, instrumentos, lugares, aglomerações e árvores/arbustos.

Sem exemplificar, o autor não entra em detalhe sobre as diferenças semânticas entre *-eiro* e *-deiro*. É notável que o *-ário* e o *-deiro* não aparecem na cunhagem de árvores frutíferas, pois essa categoria semântica é um desenvolvimento popular, e o *-ário* é um desenvolvimento culto, e parte obrigatoriamente dos nomes dos frutos, ou seja, as bases são substantivos, o que exclui a possibilidade do *-deiro*.

Essa consideração de Nunes (1969 [1919]) sobre o *-deiro* será, mais tarde, retomada por Rio-Torto (2008), que defenderá que a autonomia desta variante é antiga na língua portuguesa, pois, no português arcaico, mais precisamente nas Cantigas de Santa Maria de Afonso X, já se vê a forma *sabedeira*, concorrendo com a forma invariável *sabedor*. No entendimento de Nunes (1969 [1919]), o desenvolvimento de *-deiro* adveio do cruzamento entre os sufixos *-dor* e *-eiro*. Nesse sentido, o autor se aproxima do que observam os morfólogos do espanhol sobre o desenvolvimento do *-dero*.

Na sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Said Ali (1964 [1931]) dedica uma seção à chamada *Lexeologia* do português. Segundo Viaro (2010b), essa nomenclatura reflete o fato de o termo *Morfologia* não ter se difundido, de maneira imediata e consensual, para designar essa área dos estudos linguísticos. Na parte dedicada aos sufixos do português, o *-eiro* é abordado com o seu divergente *-ário*.

Said Ali (1964) inicia a sua descrição mencionando a forma latina clássico *-ārīu*, que chegou ao português como *-eiro*, fato visível em *primeiro* (*primariu*), *ribeiro* (*ripariu*), *dinheiro* (*denariu*), e sugere que o desenvolvimento fonético-histórico tenha sido *-ariu* > *-airo* > *-eiro*, mesmo que não se tenham documentadas ocorrências de **primairo* e **dinheiro*.

O autor chama a atenção para a frequência com que o sufixo *-eiro/-eira* atua na formação de substantivos que designam profissões ou funções, casos de *pedreiro*, *lavadeira*, *bombeiro*, *parteira*, *toureiro*, *vendeiro* etc. Outros significados destacados por Said Ali (1964) são:

- (i) as formações adjetivas, como *foreiro*, *verdadeiro*, *galheiro*, *perdigueiro*, *dianteiro*, *fronteiro*, *grosseiro* e *rasteiro*; (ii) os nomes de vegetais, como *mangueira*, *jaqueira*, *limoeiro*, *laranjeira*, *pereira*, *cidreira*, *nogueira*, *cerejeira*, *amoreira*, entre outras; (iii) nomes de objetos de valor recipiente, como *charuteira*, *açucareiro*, *cinzeiro*, *tinteiro*, *compoteira*, *manteigueira*; (iv) lugares onde se guardam animais, como *galinheiro*, *potreiro* e *coelheira*; (v) objetos funcionais cuja serventia está relacionada a algo expresso pela base, como *assadeira*, *frigideira*, *pulseira*, *banheira*, *mosquiteiro*, *candeeiro*; (vi) grande massa ou acúmulo intenso: *nevoeiro*, *papeira*, *poeira*, *lameiro*, *chuveiro*; (vii) noção coletiva, como *pedreira*, *vespeiro*, *formigueiro*, *cabeleira*, *barreiro*; e (viii) defeitos físicos ou situações e atos desagradáveis, maus

ou ridículos, como *cegueira, gagueira, manqueira, catarreira, ladroeira, pasmaceira, bandalheira, asneira, bebedeira, choradeira, canseira* (SIMÕES NETO, 2016, p. 97, grifos do autor).

Fora das abordagens das gramáticas históricas, a primeira descrição encontrada é a de Rocha (1998), de orientação gerativista. O autor investiga as condições de produtividade e as condições de produção da regra de formação de palavras $S \rightarrow S\text{-eiro}$, na cunhagem de agentivos. O trabalho se norteia pela noção de competência lexical e parte das introspecções/avaliações dos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao se centrar na análise de agentivos, Rocha (1998) desconsidera aqueles que, para ele, são homônimos do *-eiro* agentivo. Essa abordagem desfavorece a compreensão polissêmica, pois trata as formações de nomes de objetos, lugares e árvores, como independentes do de agente. Em linhas gerais, os significados que Rocha (1998) considera possíveis para *-eiro* são sete. Esses estão apresentados no Quadro 47, extraído de Simões Neto (2016).

Quadro 47 – Categorias semânticas de *-eiro* conforme Rocha (1998)

Significados	Exemplos
Agentivo	leiteiro, verdureiro, sanfoneiro, banqueiro, sapateiro, doleiro, grafiteiro, roqueiro, metaleiro, sacoleiro, farofeiro, biscateiro etc.
Árvore ou arbusto	abacateiro, limoeiro, caquizeiro, pessegueiro, tomateiro, mamoeiro
Lugar ou recipiente	banheiro, celeiro, mosteiro, outeiro, poleiro, terreiro, atoleiro, tinteiro, paliteiro, farinha, açucareiro, frigideira, saleiro etc
Coletivo ou conjunto	berreiro, barreiro, faqueiro, nevoeiro, aguaceiro, braseiro, letreiro.
Gentílico	mineiro, brasileiro, pantaneiro, campineiro.
Adjetivo	matreiro, verdadeiro, careiro, grosseiro, inteiro, ordeiro, primeiro, fagueiro, hospitaleiro, ligeiro etc.
Objeto	pandeiro, chaveiro, chuveiro, ponteiro, isqueiro.

Fonte: Simões Neto (2016, p. 98), com base em Rocha (1998, p. 125-126).

Nota-se, a partir do Quadro 47 e da leitura do texto integral de Rocha (1998), um desinteresse por questões relacionadas à semântica e à história da língua portuguesa. Sob uma falsa égide de que é um princípio teórico do modelo, o autor desconsidera espriamentos metafóricos e metonímicos de um significado para outro e analisa palavras em que *-eiro* não é

um sufixo e sim uma mera terminação, casos de *inteiro* (< *integrum*) e *mosteiro* (< *monasterium*), por exemplo.

Quando se fala, aqui, em uma falsa égide, quer-se atentar para o fato de que questões semânticas e históricas podem ser abordadas em uma leitura gerativista da morfologia, como mostraram Booij (1986) e Corbin (1987), e, sobre o *-eiro* em específico, basta-se ver os trabalhos de Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) e Marinho (2004), que serão abordados a seguir.

Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) analisam dados extraídos de jornais publicados no ano de 1995, situações de fala presenciadas pelos autores no mesmo período e alguns verbetes do dicionário de Ferreira (1976), chegando a um total aproximado de 300 palavras analisadas. As categorias semânticas observadas pelos autores estão apresentadas no Quadro 48.

Quadro 48 – Categorias semânticas de *-eiro* conforme Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998)

Significados	Exemplos
Agentes profissionais	vendeiro, cocheiro, doleiro, pedreiro e cozinheiro
Agentes habituais	festeiro, trambiqueiro, galhofeiro, pagodeiro e justiceiro
Locativo ou recipiente (objeto)	tinteiro, bueiro, formigueiro, poleiro e roupeiro
Árvore ou arbusto	abacateiro, coqueiro, pessegueiro, mamoeiro e craveiro
Adjetivo de qualidade ressaltada	brejeiro, grosseiro, faceiro, maneiro e corriqueiro
Acúmulo, excesso ou intensidade	nevoeiro, atoleiro, lamaceiro e aguaceiro.

Fonte: Simões Neto (2016, p. 98), com base em Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998, p. 36-37).

O trabalho de Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) segue o mesmo paradigma teórico de Rocha (1998). Nem por isso, os autores deixam de atentar para fatos de natureza semântica atinentes às formações de palavras. Um primeiro ponto que se observa de diferente, em relação ao trabalho de Rocha (1998), é a divisão da categoria de agentes em dois grupos: profissionais e habituais. Para Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998), desconsiderar tal divisão implica ignorar generalidades morfológicas e semânticas, como, por exemplo, o fato de os profissionais tenderem a selecionar bases concretas e os habituais, abstratas.

Da mesma maneira, Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) sinalizam que os habituais tendem a flutuar muito mais, entre substantivos e adjetivos, que os profissionais. Ainda assim, comentam que os usos adjetivos de formas, como *festeiro*, *galhofeiro* e *justiceiro*, não são plenos, porque não têm todas as propriedades e funcionalidades da categoria: (i) não permitem

sufixação de grau, como **festeiríssimo*, **justiceiríssimo*, **galhofeiríssimo*; (ii) não estão disponíveis para sufixação em *-mente*, como **festeiramente*, **justiceiramente*, **galhofeiramente*; (iii) não aparecem em formações de substantivos abstratos deadjetivais, como aquelas vistas com os sufixos *-idade*, *-eza*, *-ice*, *-ura*, por isso **festeiridade*, **festeireza*, **justiceirura*, **justiceirice*.

Os grupos de árvores e locativos são discutidos pelos autores, tomando como base a relação com os agentes. Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) questionam se a regra que gera árvores deve ser abordada em uma regra tal como a dos profissionais, ou como a mesma regra da categoria de locativo. Apesar de haver uma proximidade semântica entre árvores e locativos (“João se escondeu na **jaqueira**”), as árvores selecionam como bases elementos concretos específicos e apresentam uma relação de produção entre a angiosperma e o fruto. Diante disso, Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) optam pela ideia categoria deve ser pensada como uma extensão metafórica do significado de agente profissional.

Já em relação aos locativos, os autores propõem que a regra para dar conta dessas formações seja igualmente específica, com bases e produtos de traço concreto. Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) observam a recorrência com que palavras do grupo locativo, como *papeleiro*, *camiseiro*, *maleiro*, *baleiro* e *chaveiro*, flutuam semanticamente entre as leituras de LUGAR ONDE SE GUARDA X e PESOSA QUE TRABALHA COM X. Essa observação faz com que os autores defendam que há também nesse caso uma extensão metafórica.

Esses apontamentos feitos por Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998), sobre as extensões metafóricas, culminarão em um continuum de abstratização, que se inicia com os agentes de traço [+ humano], seguem para as árvores e arbustos, que seriam encarados como agentes de traços [- humano; + animado], e terminam nos locativos de traço [+objeto]. Essa proposta está apresentada no Quadro 49.

Quadro 49 – *Continuum* de abstratização de X-eiro proposto por Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998)

[+ humano]		[- humano] [+ animado]		[+ objeto]
muambeiro	>>>>	mamoeiro	>>>>	paliteiro
grafiteiro		jambeiro		baleiro
doleiro		abacateiro		maleiro

Fonte: adaptado de Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998, p. 45).

Com essa formulação, Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) mostram que o fato de se estar inserido em um modelo formalista não é um impedimento para que aspectos semânticos sejam abordados na formação de palavras.

Outro ponto discutido pelos autores é a possível existência de dois sufixos: *-eiro* e *-eira*. Sobre *-eira*, Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) destacam seis grupos de afinidades semânticas, como pode se ver no Quadro 50, extraído de Simões Neto (2016).

Quadro 50 – Grupos de afinidades semânticas para *X-eira*, segundo Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998)

Grupo de afinidade semântica	Exemplos
Agentes profissionais	sacoleira, tesoureira, cozinheira, verdureira.
Agentes habituais	funkeira, alcoviteira, pagodeira, rueira
Locativo, recipiente/instrumento (objeto)	manteigueira, sorveteira, lixeira, pipoqueira
Árvore ou arbusto	macieira, amoreira, roseira, laranjeira
Adjetivos de qualidade ressaltada	verdadeira, careira, costumeira, traiçoeira
Acúmulo, excesso ou intensidade	barulheira, canseira, gagueira, leseira

Fonte: Simões Neto (2016, p. 104), a partir de Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998, p. 48-51).

A respeito dos dados apresentados no Quadro 50, Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998)

[...] procuram separar o joio do trigo, observando que as realizações nos grupos dos agentes profissionais, agentes habituais e adjetivos decorrem indubitavelmente de flexões de gênero e, por isso, devem ser consideradas como produtos da regra de *X-eiro*. Embora não possam ser tratadas como casos de flexão, as palavras do grupo das árvores tendem a manter o gênero da palavra base, o que faz com que possam ser abordadas como produtos da mesma regra *X-eiro* que gera esse tipo de *output* semântico. Em relação ao grupo com o significado de excesso, os autores notam uma equivalência semântica entre as formações *X-eiro* e *X-eira*. O único grupo que apresentaria diferenças significativas seria o de locativo ou recipiente no grupo *X-eira*, que também apresentam um significado instrumental, não presente nas formações equivalentes *X-eiro* (SIMÕES NETO, 2016, p. 104-105, grifos do autor).

Sobre os locativos e instrumentos *X-eira*, Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) observam que há uma relação estreita desse grupo semântico com o significado agentivo de *X-eiro*, como se pode ver no Quadro 51.

Quadro 51 – Relações entre *X-eiro* agentivo e *X-eira* instrumento/locativo

Agentivo	Instrumento/Locativo
pipoqueiro	pipoqueira
sapateiro	sapateira
carteiro	carteira
leiteiro	leiteira
fruteiro	fruteira
ponteiro	ponteira

cocheiro	cocheira
sorveteiro	sorveteira
lixeiro	lixeira
peixeiro	peixeira
floreiro	floreira
jardineiro	jardineira

Fonte: Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998, p. 52).

A respeito da relação semântica estreita reproduzida no Quadro 51, os autores observam que,

[a] despeito da ambigüidade das formações femininas, que, *grosso modo*, tanto podem ter interpretação agentiva quanto locativa e/ou instrumental, à mudança de gênero do sufixo corresponde uma mudança de significado, que, na nossa opinião, seria um argumento favorável à distinção entre os dois sufixos. Nesse sentido, acreditamos que -eiro está mais relacionado às construções agentivas e -eira às construções locativas e/ou instrumentais. Por essa razão, sugerimos que as formações locativas em -eiro devam ser vistas como extensões metafóricas das construções agentivas. Argumento favorável a essa hipótese é a grande produtividade de formações x-eira de base nominal que designam "um instrumento usado para fazer x": inhoqueira iogurteira coqueteleira omeleteira cuscuzeira frangueira (GONÇALVES, YACOVENCO E COSTA, 1998, p. 52).

Ao final, Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) defendem a existência de dois sufixos produtivos: o *-eiro* para formar agentes e o *-eira* para formar objetos que funcionam como instrumentos e/ou locativos. O que distingue os locativos *X-eira* dos *X-eiro* é a maior produtividade do primeiro, ou seja, a potencialidade de gerar novos itens lexicais.

Marinho (2004), na dissertação de mestrado *Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil*, opera com um *corpus* constituído de 456 vocábulos extraídos de jornais de grande circulação (O Globo, Jornal do Brasil, O Dia e Extra) e de variadas situações de fala presenciadas pelo autor. A partir desses dados, Marinho (2004) destrincha 11 agrupamentos semânticos e sinaliza quais ainda são produtivos. O Quadro 51 reproduz os significados destacados por Marinho (2004) e o seu status de produtividade.

Quadro 52 – Grupos de afinidades semânticas para X-eiro em Marinho (2004)

Agrupamentos semânticos	Exemplos	Status de produtividade
Agentes profissionais	açougueiro, pedreiro, borracheiro, sorveteiro, carcereiro.	Produtivo
Agentes habituais	fofoqueiro, fuxiqueiro, arruaceiro, trambiqueiro, patoteiro.	Produtivo

Árvores frutíferas	abacateiro, amoreira, cajueira, goiabeira, mamoeiro.	Produtivo
Acúmulo/ Excesso	aguaceiro, gagueira, rouqueira, fumaceiro, vespeiro.	Produtivo
Instrumentos	cafeteira, inhoqueira, assadeira, batedeira, cuscuzeira.	Produtivo
Locativos	açucareiro, chapeleira, fruteira, maleiro, lixeira.	Improdutivo
Objetos de uso pessoal	caneleira, cotoveleira, joelheira, pulseira, tornozeleira.	Improdutivo
Anomalias/ Enfermidades	boqueira, olheira, pulmoeira, umbigueira.	Improdutivo
Qualidades ressaltadas	brejeiro, companheiro, corriqueiro, faceiro, fagueiro.	Improdutivo
Formações naturais	cachoeira, cordilheira, argileira, ladeira, geleira.	Improdutivo
Gentílicos	brasileiro, mineiro.	Improdutivo

Fonte: Simões Neto (2016, p. 106-107), a partir de Marinho (2004, p. 38-65).

Outro contributo relevante do trabalho de Marinho (2004) é a discussão acerca da prototipicidade e polissemia do significado agentivo na regra *X-eiro*. O autor se baseia nas pesquisas de Booij (1986) e de Dressler (1986) defendendo, ao final, a hipótese de que o agente, nas construções *X-eiro*, é a categoria semântica prototípica, uma vez que (i) é uma leitura quase sempre possível; (ii) é o primeiro significado a aparecer na língua, dentro dos padrões substantivos; e (iii) apresenta primazia na aquisição da linguagem, pois seria o primeiro significado adquirido pelas crianças.

O trabalho de Marinho (2004), assim como o de Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998), vai ratificar a ideia de que é possível abordar questões relativas ao significado em uma abordagem gerativa da morfologia. Para além disso, o autor ainda vai trazer como valiosa contribuição a possibilidade de se abordar também a história nesse modelo.

Fora da seara gerativista, Botelho (2004), na dissertação de mestrado *Construções agentivas em x-eiro, uma rede metafórica*, apresenta uma vasta rede de significados das formações *X-eiro* no português brasileiro, analisando-a pelos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva. Assim como fizeram Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) e Marinho (2004), Botelho (2004) considerou, não só as palavras encontradas em gramáticas e dicionários, como também as que se realizaram em contextos reais de interação verbal.

Sobre as construções *X-eiro*, Botelho (2004) propõe uma análise em que os significados das palavras derivadas com esse sufixo sejam tratados em uma rede polissêmica metafórica e não como casos de homofonia ou homonímia, como se viu, por exemplo em Rocha (1998). A autora analisa tanto as formações consideradas regulares, como também aquelas tidas

periféricas. Os significados considerados por Botelho (2004) para as construções *X-eiro* estão reproduzidos no Quadro 53.

Quadro 53 – Grupos de afinidades semânticas para *X-553iro* para Botelho (2004)

Exemplos	Categoria semântica
pão – padeiro, jornal – jornaleiro, jardim – jardineiro	humano
faxina – faxineiro	humano
roça – roceiro	humano
sanfona – sanfoneiro, viola – violeiro	humano
cinza – cinzeiro, faca – faqueiro, lixo – lixeira	objeto – recipiente
sanduíche – sanduicheira, iogurte – iogurteira	objeto – aparelho
colo – coleira, pulso – pulseira, cotovelo – cotoveleira	objeto – equipamento
porta – porteira, cabeça – cabeceira	objeto – mobiliário
formiga – formigueiro, galinha – galinheiro	objeto – locativo
goiaba – goiabeira, rosa – roseira	objeto – planta
roubo – roubalheira, berro – berreiro, discurso – discursseira	atividade
névoa – nevoeiro, gelo – geleira, brasa – braseiro	fenômeno
besta – besteira, bobo – bobeira, bambo – bambeira	estado

Fonte: Botelho (2009, p. 180-181).

Com base na vasta rede de significados das construções *X-eiro*, reproduzida no Quadro 52, Botelho (2004), ancorada na LC, lança três hipóteses:

(i) as construções em *-eiro* com significado agentivo se constituem como uma categoria radial no interior de uma rede de construções polissêmicas; (ii) a categoria de agente humano denominal (*jornaleiro, pedreiro, padeiro*) é central e dela se faz a rede de construções herdeiras; e (iii) “as construções herdeiras são projeções metafóricas de protonarrativas da mente humana, expandindo-se em personificações de objetos, elementos da natureza, locativos, atividades, fenômenos e estados” (BOTELHO, 2009, p. 181) (SIMÕES NETO, 2016, p. 118, grifos do autor).

Com o intuito de confirmar essas hipóteses, os procedimentos seguidos por Botelho (2004, 2009) são: (i) descrição dos aspectos morfológicos e semântico-pragmáticos da construção prototípica que forma agentes humanos; (ii) explicitação dos processos sociocognitivos implicados nessa construção; (iii) descrição de três subgrupos de construções

herdeiras da construção prototípica; e (iv) detalhamento das projeções metafóricas na construção da rede que se estende da experiência mais concreta para a mais abstrata.

Para empreender esses feitos, Botelho (2004) usa o modelo de Goldberg (1995), que se voltou para a sintaxe, analisando as chamadas construções argumentais. A proposta de Botelho (2004), aplicada à morfologia, vai apresentar alguns problemas decorrentes da tentativa de aplicar um enquadre centrado em argumentos e papéis temáticos para discutir a compressão de significados nas estruturas morfológicas complexas.

No Quadro 54, extraído de Botelho (2004), é possível ver a análise da autora, com o uso de um AGENTE (humano), uma AÇÃO (expressa pelo verbo) e o TEMA/PACIENTE (objeto manipulado).

Quadro 54 – Construção central (prototípica) agente-humano

	EXEMPLOS AGENTIVOS (substantivos e/ou adjetivos)	AGENTE humano AGENTE manipulador	AÇÃO (Variação em torno do AGIR, FAZER)	OBJETO
1	padeiro, sapateiro, relojoeiro, lixeiro, leiteiro	humano	fazer, produzir, cuidar	produto ou matéria: pão, sapato, relógio, lixo, leite.
2	doleiro, frizeira, balseiro, charreteiro, sacoleira, mochileiro	humano	guiar, operar, manipular, fazer	instrumento: dólar, freezer, balsa, charrete, sacola, mochila.
3	sanfoneiro, gaiteiro, violeiro	humano	tocar	instrumento musical: sanfona, gaita, viola.
4	vaqueiro, boiadeiro, peixeiro	humano	cuidar, vender	animal: vaca, boi, peixe.
5	açougueiro, fazendeiro, pantaneiro, mineiro	humano	cuidar, operar	local, estabelecimento: açougue, fazenda, pântano, mina.
6	faxineiro, manobreiro, guerrilheiro, macumbeiro	humano	fazer	atividade: faxina, manobra, guerrilha, macumba.
7	arruaceiro, aventureiro, verdadeiro, mexeriqueiro, arapuqueiro	humano	fazer, provocar, promover	designativo de comportamento: arruaça, aventura, verdade, mexerico.
8	mineiro, brasileiro	humano	habitar	local (gentílicos): Brasil, Minas Gerais.

Fonte: Botelho (2004, p. 93).

Em um primeiro instante, a análise parece adequada, pois as paráfrases propostas são admissíveis. Os problemas começam a parecer, à medida em que os significados vão se tornando mais periféricos e mais abstratizados. Vejam-se os Quadros 55 e 56.

Quadro 55 – Objetos marcados pela agentividade

	EXEMPLOS (substantivos)	AGENTE: objeto (extensão metafórica de agente- manipulador)	AÇÃO (variação em torno do AGIR, FAZER)	OBJETO
1	cinzeiro, faqueiro	objeto-recipientes	guardar	objeto físico: cinza, faca
2	coleira, pulseira, braçadeira	objeto-equipamento	adornar, cercar, proteger	parte do corpo: colo, pulso, braço
3	sanducheira, churrasqueira	objeto-aparelho	fazer	alimento: sanduíche, churrasco
4	galinheiro, formigueiro	objeto-locativo	“guardar”	animal: galinha, formiga
5	roseira, goiabeira, guaranazeiro	objeto-planta	dar, produzir	flor/fruta/semente/caule: rosa, goiaba, guaraná

Fonte: Botelho (2004, p.105).

Quadro 56 – Outras construções X-eiro pela agentividade

EXEMPLOS (substantivos)	AGENTE: objeto (extensão metafórica de agente- manipulador – MCI pessoa)	AÇÃO (variação em torno do AGIR, FAZER)	OBJETO negativo, perigoso, maléfico
nevoeiro, aguaceira, buraqueira, lamaceira, fogueira	fenômeno em excesso: névoa, buraco, água, lama, fogo	produz, gera	fenômeno da mesma categoria
roubalheira, bandalheira, berreiro, discurseira	ato negativo e/ou acumulado, contínuo: roubo, berro, discurso	produz	atividade da mesma categoria
bobeira, leseira, doideira, tonteira, ciumeira, tonteira, cegueira	característica/propriedade negativa e/ou em excesso: bobo, lesado, doido, tonto, ciúme, cego	produz	estado/doença da mesma categoria

Fonte: Botelho (2004, p.109-110).

Os dados do Quadro 55 podem, de fato, ser justificados por herança metafórica e, nesse sentido, a análise de Botelho (2004) segue funcional. Porém, os dados do Quadro 56 já mostram uma dificuldade da autora em lidar com essas paráfrases baseadas em grades argumentais e papéis temáticos, o que faz parecer a análise um pouco forçosa, para atender aos anseios de

uma proposta teórica. Cabe ressaltar que essa análise é anterior à proposição da Morfologia Construcional, de Booij (2010), que parece mais satisfatória para lidar com esses entraves.

Também na seara cognitivista, aparece o artigo *Polissemia sufixal: o caso das formas X-eiro – propostas e problemas*, de Almeida e Gonçalves (2005). Os autores reanalisam dados coletados em trabalhos anteriores, como Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998), propondo seis grupos de afinidade semântica, reproduzidos no Quadro 57.

Quadro 57 – Grupos de afinidades semânticas de X-eiro conforme Almeida e Gonçalves (2005)

Grupos de afinidade semântica	Exemplos
agentes profissionais	pedreiro, sorveteiro
agentes habituais	fofoqueiro, marombeiro
agentes naturais	coqueiro, jambeiro
locativos	cinzeiro, galinheiro
intensificadores	nevoeiro, lamaceiro
modais	certeiro, grosseiro

Fonte: Simões Neto (2016, p. 125), a partir de Almeida e Gonçalves (2005, p. 8-9).

Almeida e Gonçalves (2005) assumem a proposta de Fillmore (1990) de que o significado pode ser perspectivizado a partir das diferentes leituras que os sujeitos fazem de variadas cenas. Assim, os autores sugerem que um agentivo pode ativar “uma cena de evento, ou seja, de alguém (ou algo) que age em algum lugar, de algum modo, sobre um dado objeto, produzindo alguma coisa” (ALMEIDA & GONÇALVES, 2005, p.7). Para Almeida e Gonçalves (2005), os elementos integrantes da cena de um evento são: (i) o agente; (ii) a ação; (iii) o local; e, por fim, (iv) o objeto. Sobre essa formulação, dizem os autores:

Como demonstrado em Fillmore (op.cit), as cenas podem ser tomadas em várias perspectivas. Por exemplo, nas cenas comerciais, a transação pode ter foco no receptor, no caso do verbo ‘comprar’, ou no doador, no caso de ‘vender’. Nas cenas agentivas, ocorre processo similar de focalização. Por meio de processos lingüísticos e cognitivos, são focalizados determinados elementos e subfocalizados outros, de maneira altamente regular no que diz respeito à relação entre a base e o sufixo agentivo. Assim, quando falamos em ‘jardineiro’, conceptualizamos alguém (agente) que trabalha num jardim (local). Em ‘açucareiro’, ao contrário, conceptualizamos um local que tem por função armazenar o produto (objeto) especificado pela base (açúcar).(ALMEIDA & GONÇALVES, 2005, p. 7).

Na elaboração da rede polissêmica das construções *X-eiro*, Almeida e Gonçalves (2005), assim como Botelho (2004), também defendem a prototipicidade dos agentes nessa rede construcional. A diferença, porém, está no fato de que esses autores detalham as categorias de *agente profissional*, *agente habitual* e *agente natural* e assumem que os profissionais estão no centro da rede e, por extensão metafórica, se desdobram os habituais e os naturais. Para Almeida

e Gonçalves, as extensões se dão da seguinte maneira: (i) “trabalhar é agir (agente profissional)”; (ii) “praticar algo habitualmente é agir (agente habitual)”; e (iii) “produzir naturalmente é agir (agente natural)” (ALMEIDA & GONÇALVES, 2005, p.9).

Em relação aos outros significados visualizados por Almeida e Gonçalves (2005), locativos, modais e intensificadores, veja-se a leitura feita por Simões Neto (2016):

Quanto aos significados locativos e modais, os autores acreditam que eles decorrem de focalizações na cena da agentividade. Nos locativos, foca-se nos lugares onde se exerce essa agentividade e, nos modais, o foco está no modo ou atributo da ação. O grupo dos intensificadores, por fim, na visão de Almeida e Gonçalves (2005), são pensados como derivados do significado locativo, com focalização no conteúdo (SIMÕES NETO, 2016, p. 127).

No fluxo temporal das análises, o próximo trabalho é o de Rio-Torto (2008), no artigo *Mudança genolexical: teoria e realidade*. A autora discute como as teorias linguísticas têm abordado a mudança linguística, no âmbito da formação de palavras. A autora faz críticas aos modelos que abordam a mudança dentro de uma proposta sequencialista, como se vê em Givón (1979) e Heine *et al* (1991), a respeito da gramaticalização. Para Rio-Torto (2008), esse tipo de formulação teórica não dá conta da vasta gama de fatores que mudam os valores das unidades linguísticas e deve ser testado a partir de dados empíricos.

Nesse viés historicista, Rio-Torto (2008) usa como *corpus*:

[...] dados levantados no Corpus do português (organizado por Michael Ferreira e Mike David), que engloba fontes documentais entre os séculos XIII e XX.; (ii) dados de fontes documentais analisados por Soledade (2005) para o português arcaico; e (iii) os dados dos trabalhos empreendidos por Viaro (2002, 2007), também em uma abordagem diacrônica (SIMÕES NETO, 2016, p. 151).

Dentro da crítica aos modelos unidirecionalistas e sequencialistas, Rio-Torto (2008) considera que, no que toca à morfologia histórica, os principais problemas enfrentados são:

(i) a desconsideração de outros níveis de organização da língua que não sejam a gramática e o léxico, como no caso da semântica e da pragmática, que também têm interferência no processo de mudança linguística; e (ii) a dificuldade para explicar fenômenos “de coexistência e/ou sobreposição de conteúdos subjectivos, de tipo avaliativo e/ou de modalização, com conteúdos denotacionais mais específicos, como os locativo, colectivo, instrumental, agentivo” (RIO-TORTO, p. 226) (SIMÕES NETO, 2016, p. 152).

Sobre as construções *X-eir-*, Rio-Torto (2008) assume que a proposta unidirecional de Heine *et al* (1991)³⁷⁴, mesmo de maneira sequencialista, pode ajudar a compreender aspectos de mudança semântica atinentes a esse formativo. Porém, essa compreensão não se dá plenamente, pois as noções de intensidade, de avaliação e de expressividade, que podem ser vistas em *bigodeira*, *discurseira*, *esnobeira*, não estão previstas e ressaltam uma importante característica dessa construção.

Em Simões Neto (2016), vê-se um resumo das principais contribuições dessa leitura de Rio-Torto (2008):

O aspecto central desse trabalho está na crítica à aplicação dos modelos que propõem evoluções unidirecionais das conceptualizações, metáforas e metonímias envolvidas em processos cognitivos que implicariam um suposto encadeamento lógico de organização mental das unidades linguísticas, pois, para a autora, os dados analisados revelam que não há correspondência entre a realidade empírica observada e a explicação de base cognitivista aventada, “uma vez que a deriva semântica proposta não corresponde à cronologia de uso do sufixo, nem incorpora o percurso das co-ocorrências efetivamente registradas” (SOLEDADE, 2013, p. 93-94) (SIMÕES NETO, 2016, p. 152).

Em uma perspectiva sincrônica, Pizzorno (2010), na sua dissertação de mestrado, intitulada *Polissemia da construção X-eiro: uma abordagem cognitivista*, analisa os significados das palavras derivadas com *-eiro* e utiliza os dados levantados por Marinho (2004), Almeida e Gonçalves (2005) e Botelho (2009). A autora acrescenta outras palavras que foram obtidas de diversas situações comunicativas e exclui da análise:

[...] as palavras consideradas entrincheiradas (p. ex.: “poleiro”, “bueiro”, “celeiro”, “desfiladeiro”, “ribanceira” etc.), por se estruturarem a partir de uma base presa, não foram focalizadas na análise, uma vez que não apresentam regularidade polissêmica, como acontece com as de base livre. Ainda que recorramos à etimologia da palavra, a análise permanece improdutiva devido ao fato de essas formas terem alcançado um nível máximo de lexicalização, ou melhor, embora, muitas vezes tenhamos condições de isolar o sufixo, a base é uma forma linguística não recorrente, tornando as formas derivadas opacas. (PIZZORNO, 2010, p. 78).

Pizzorno (2010) retoma a discussão acerca do gênero nas formações *X-eiro/X-eira*, como feita por Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) e Marinho (2004), mas diferentemente desses autores, a autora defende a existência de um único sufixo *-eir-*, “sendo sua variação em *-o/-a* dependente do gênero que a palavra derivada se refere ou da especificação semântica que o formativo abarca” (PIZZORNO, 2010, p. 79).

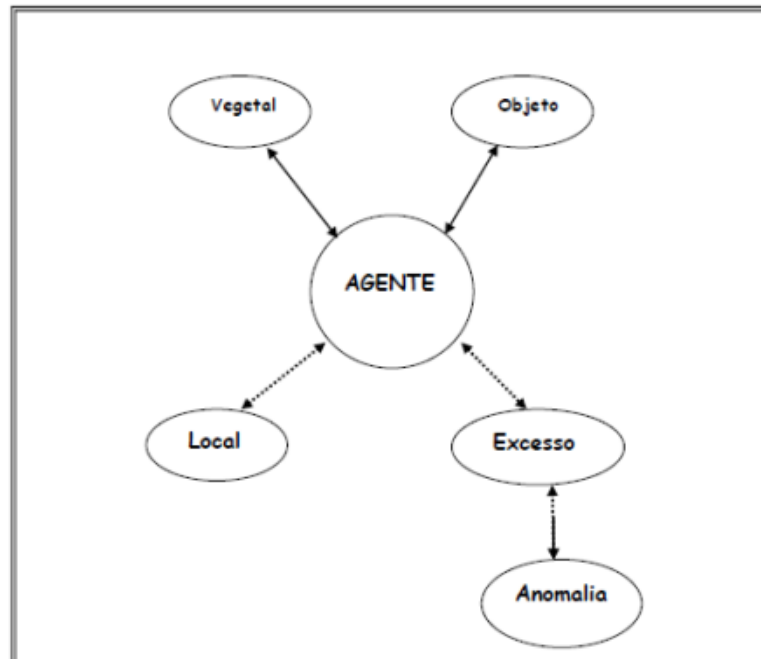
³⁷⁴ PERSON-OBJECT-ACTIVITY/PROCESS-SPACE-TIMEQUALITY.

Assim como Marinho (2004), Almeida e Gonçalves (2005) e Botelho (2009), Pizzorno (2010) coloca o significado de agente como prototípico, na constituição da rede polissêmica do sufixo *-eir-*, pois, não só é o mais frequente, como também é o que mais deriva outros significados, por meio de extensões metafóricas e metonímicas.

Sobre as extensões metonímicas na rede de polissêmica de *X-eir-*, Pizzorno (2010, p. 89) sugere que, elas acontecem entre as seguintes categorias semânticas: “agente → local”; “agente → quantidade (excesso)” e, por fim, “quantidade (excesso) → anomalia”. No que toca às extensões metafóricas, o entendimento da autora é de que elas aparecem nos deslocamentos para os grupos semânticos de objetos e vegetais. Com base em Lakoff e Johnson (1980), Almeida e Gonçalves (2005), Botelho (2009) e Pizzorno (2010) concebem objetos e vegetais como entidades que, de alguma forma, *agem* no mundo biopsicossocial. Por isso, na rede polissêmica de *X-eir-*, objetos e vegetais são tidos como metáforas.

Com base nesses argumentos, Pizzorno (2010) propõe uma rede polissêmica de *X-eir-*, com o agente sendo o centro prototípico estendendo-se dele os significados vegetal, objeto, local e excesso, que, por sua vez, se estende para anomalia, sendo, portanto, um significado periférico. Veja-se a rede de Pizzorno (2010) na Figura 141.

Figura 141 – Rede polissêmica das construções *X-eir-* conforme Pizzorno (2010)

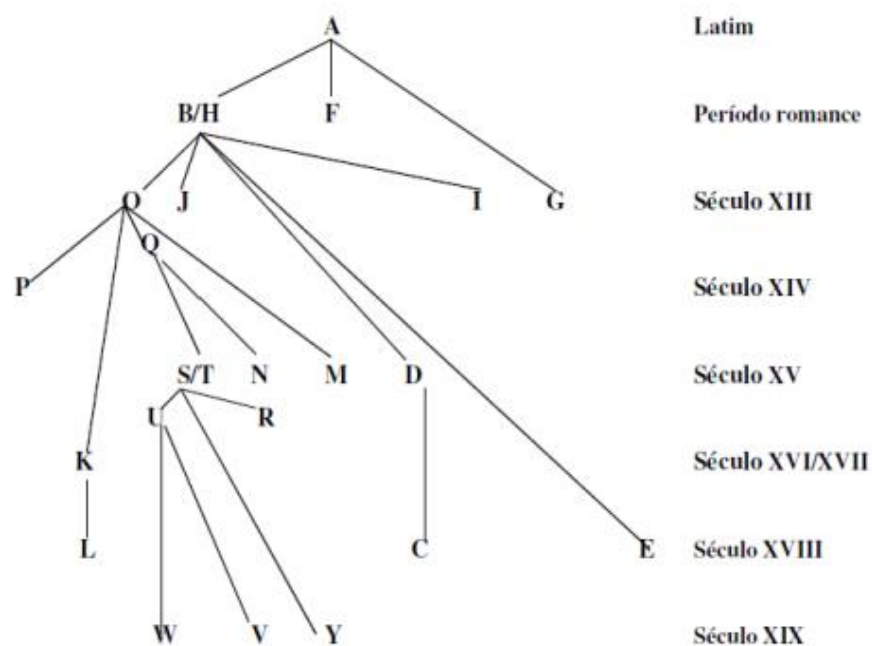


Fonte: Pizzorno (2010, p. 100).

Fora da seara cognitivista, em um viés histórico, Mário Eduardo Viaro produziu uma série de artigos que, mais tarde, culminaram em sua tese de livre-docência, intitulada *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*, de 2011. Em relação ao sufixo *-eir-*, Viaro (2006, 2008, 2011) trabalhou, inicialmente, com um total de 4467 palavras que apresentavam o segmento fônico *-eir-* na posição final. Os dados foram extraídos do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2001), mas,

[e]xcluindo os casos de justaposição não-analisáveis (como *atum-verdadeiro*, *bicho-barbeiro*, ou seja, que têm elementos repetidos no *corpus*, mas não outros como *roupa-velheiro*, *são-joaneira*, que não têm), os casos de composições óbvias (como *bioengenheiro*, *aeropioneiro*), prefixações facilmente parafraseáveis (são excluídos casos como *antibrasileiro*, *antecordilheira*, mas não *desempenadeira*, *despenhadeiro*), redobros (*cheira-cheira*), bem como as variantes ortográficas e regionais da mesma palavra (*samaumeira*, pois já há *sumaumeira*), além dos casos de pseudo-homônimos (*cortadeira*, como redução de *formiga-cortadeira*) chega-se, numa primeira avaliação, que ainda não exclui erros de avaliação, a 3718 ocorrências (VIARO, 2006, p. 4, grifos do autor).

Em relação às categorias semânticas apresentadas, Viaro (2011), com base nas datações fornecidas pelo Dicionário, propõe uma genealogia de significados dos derivados com o sufixo *-eir-*, com o intuito de explicar qual a via mais provável de evolução. O autor se orienta pelas formulações sequenciais de Heine e Kuteva (2002), criticadas por Rio-Torto (2008). Assim, Viaro (2011) assume que, ainda que as mudanças semânticas possam ser explicadas com base em fatores socioculturais, parece haver algo de universal e unidirecional nos processos de mudança semântica, e isso se verifica com o *-eir-* na história do português. A Figura 142, a seguir, apresenta a genealogia proposta por Viaro (2011).

Figura 142 – Evolução histórica do sufixo *-eiro* conforme Viaro (2011)

Fonte: Viaro (2011, p. 176)

A linha evolutiva proposta por Viaro (2011), como já dito, se pauta nas datações e etimologias oferecidas pelo Dicionário Houaiss. As letras que aparecem na Figura 142 concernem às categorias semânticas analisadas pelo autor e que estão mais bem descritas no Quadro 58, a seguir.

Vale mencionar que Viaro (2011) também extrai do *Dicionário Houaiss* as definições que se configurarão como paráfrases a serem analisadas. Sobre esse método de análise, Simões Neto (2016) considera que, apesar de rigoroso, acaba gerando minúcias que apenas incham a rede polissêmica das palavras derivadas com o sufixo. Nos termos de Soares da Silva (2006), pode-se dizer que Viaro (2011) puxa a polissemia para cima.

Cabe ressaltar que, quando Simões Neto (2016) faz essa crítica, não se trata de avaliar negativamente a quantidade de significados identificados, mas a quantidade de subespecificações de um mesmo significado. Diante disso, Simões Neto (2016) faz uma equiparação entre as categorias propostas por Viaro (2011) e aquelas que têm sido mais usuais na literatura morfológica e no seu próprio trabalho. No Quadro 58, tal empreendimento de Simões Neto (2016) é rerepresentado, com algumas poucas alterações. Vale mencionar que, na descrição de Viaro (2011), usa-se V para verbos e X para nomes (substantivos e adjetivos).

Quadro 58 – Categorias semânticas propostas por Viaro para as formações *X-eiro*

Código	Paráfrase	Exemplos	Correspondência
A	que é de X	verdadeiro, costumeiro, costeiro, aduanheiro, financeiro	adjetivo relativo
B	pessoa que V X	vaqueiro, sapateiro, fiandeira, toureiro, leiteiro	agente profissional
C	pessoa que V com frequência	parideira, namoradeiro, armadeira, dadeira, poedeira	agente habitual
D	pessoa que (gosta de) V X	noveleiro, beijoqueiro, mexeriqueiro, forrozeiro, maconheiro	agente habitual
E	pessoa que provém de X	campineiro, brasileiro, mineiro, pantaneiro	adjetivo gentílico
F	árvore que produz X	pereira, pitangueira, figueira, cajueiro, mangabeira	agente vegetal
G	que é X	canhotoiro, grosseiro, certoiro, raseiro	adjetivo ressaltado
H	pessoa que V em X	guerrilheiro, caseiro, mineiro, marinheiro, carcereiro	agente profissional
I	pessoa que possui X	fazendeiro, banqueiro, quitandeiro, granjeiro	agente profissional; agente beneficiário (proprietário)
J	que está em X	dianteiro, traseira, cueiro (objeto), prisioneiro (pessoa), pulseira (objeto), unheiro (doença)	adjetivo relativo
K	objeto em que se V X	cafeteira, manteigueira, farinheira, saboneteira, charuteira	objeto recipiente
L	objeto em que se V	engomadeira, namoradeira, espreguiçadeira, penteadeira, geladeira	objeto utensílio

M	objeto em que há X	cancioneiro, fogareiro, braseiro, romanceiro, chaveiro	objeto/noção coletiva
N	lugar em que se X	galinheiro, chiqueiro, mangueira	lugar recipiente/noção coletiva
O	objeto com que se V X	munhequeira, joelheira, caneleira, cotoveleira, tornozeleira	objeto de uso pessoal
P	objeto com que se V	batedeira, frigideira, britadeira, mamadeira, atiradeira	objeto instrumento
Q	lugar em que há muito X	pedreira, formigueiro, vespeira, pulgueiro, puteiro	lugar recipiente/noção coletiva
R	lugar em que há X	letreiro, oveira	lugar recipiente/ noção coletiva
S	muito X	sangueira, cabeleira, poeira, catarreira, buraqueira	excesso
T	pessoa que tem muito X	interesseiro, peidorreiro, fricoteiro, perdigoteiro	adjetivo ressaltado; agente habitual
U	X intenso	nevoeiro, aguaceiro, fumaceira, preguiceira	excesso
V	estado em que algo se V intensamente	quebradeira, roubalheira, berreiro	estado/excesso/atitudinal
W	estado em que uma pessoa V intensamente	tremedeira, bebedeira, gemedeira, suadeira	estado/excesso/atitudinal
X	estado em que uma pessoa é X	cegueira, gagueira	estado/anomalia
Y	ato típico de X	tonteira, ladroeira, asneira, bobeira, doideira	estado/atitudinal

Fonte: Simões Neto (2016, p. 148-150), a partir de informações vistas em Viaro (2011, p.165-173), com adaptações.

Soledade (2013), no artigo *Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [X_i-eir-]_{Nj} no português arcaico*, faz uma análise que mescla história e cognição. Utilizando a Morfologia Construcional, de Booij (2010), Soledade (2013) reanalisa as construções *X_i-eir-* coletadas na sua tese de doutoramento sobre a sufixação no português arcaico. Ao todo, a autora trabalha com 105 palavras, sendo 30 adjetivos e 75 substantivos.

Segundo Soledade (2013), os adjetivos são:

[...] *aguireiro, arteiro, braceiro, certo, derradeiro, dereitureiro, duradeiro, estrangeiro, faagueiras, falseiro, herdeyra, justiceiro, ligeiro, louuadeiro, mentideiro, mentireiro, merceiro, omeziyera, parceiro, peliteiro, praceiro, parleiro, postumeiro, sabedeiro, solteiro, tenreiro, verdadeiro, vertudeiro, viandeiro, usureiro* (SIMÕES NETO, 2016, p. 141, grifos do autor).

Em relação à base nessas construções, Soledade (2013, p. 98) observa uma não uniformidade, sendo admivísseis os seguintes tipos:

(i) verbos (*herdar, falar*); (ii) substantivos (*aguiro (agouro), arte, braco, dereitura, faago, justica, mentira, merce, parte, praca, verdade, vertude, vianda, usura*); (iii) adjetivos (*certo, falso, stranger (fr.), leger (fr.), pallax (lat.), postumo, solto, tenro*); (iv) formações participiais (*durado, louuado, mentido, sabido*); (v) locução adverbial (*de retro*); (vi) base presa (*omezi- <lat. homicida*) (SIMÕES NETO, 2016, p. 141, grifos do autor).

Diante dessas constatações, Soledade (2013) sugere um esquema que chama de *qualidade*, em que não há especificação de *input*, mas o *output* é sempre um adjetivo. Esse esquema está na Figura 143.

Figura 143 – Esquema construcional *X-eir-* adjetival

<[[X]i-eir-]Aj↔[qualidade relacionada a SEMi]j>

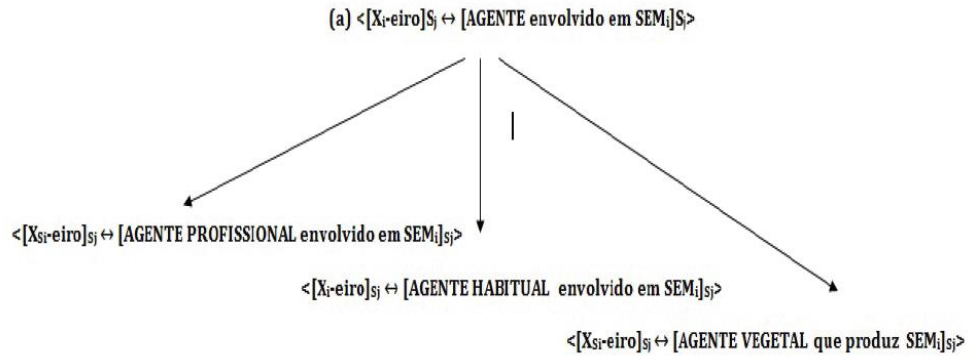
Fonte: Soledade (2013, p. 99).

No que tange aos 75 substantivos, Soledade (2013) propõe quatro esquemas dominantes (AGENTE, LOCAL, OBJETO e ANOMALIA), a serem especificados por meio de subesquemas. Os AGENTES podem:

[...] se dividir em agente profissional (*albergueyro, armeiro, barbeiro, caleiro, capateiro, carvoeiro, cavaleiro, despenseiro, espingardeiro, estrabeiro, falcoeiro, fronteiros, lagareiro, mercadeiro, monteiro, pessoeiro, pousadeiro*), agente habitual (*conselheiro, companheiro, guerreiro, feiticeira, jornaleiro, mandadeiro, mensageiro, pregoeiros, prisioneiro, quinhoeiro, soldadeira, sorteiro, trombeiro*) e agente vegetal (*maceeira, figueira, oliveira*) (SIMÕES NETO, 2016, p. 142, grifos do autor).

O esquema construcional referente a essa categoria semântica está representado na Figura 144.

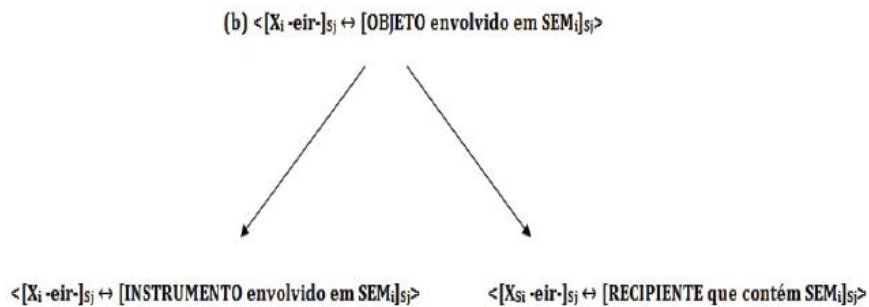
Figura 144 –Agentes *X-eir-* no português arcaico, conforme Soledade (2013)



Fonte: Soledade (2013, p. 103).

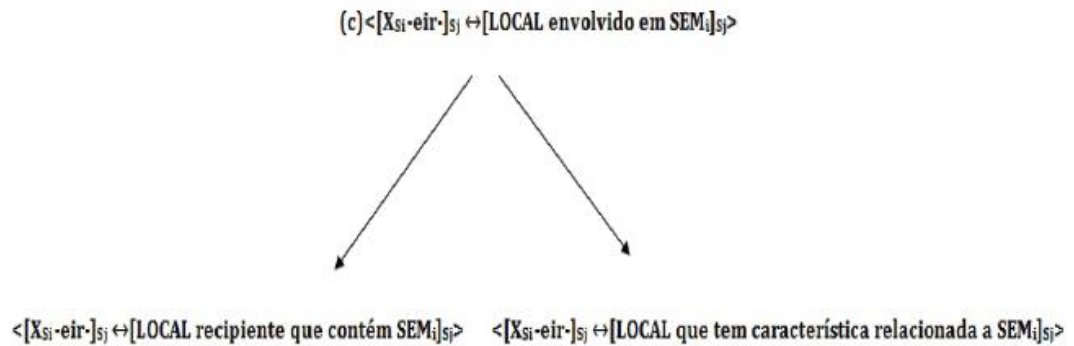
Sobre os OBJETOS, Soledade (2013) entende que essa categoria pode ser compreendida como uma extensão metafórica da de AGENTES. A autora observa dois subesquemas distintos e produtivos relacionados a esse esquema dominante: *instrumento*, com cinco instanciações (*aguadeiro, bandeira, joelheira, sombreiro e topeteira*) e *recipiente*, com sete (*candeeiro, cevadeira, goteira, esmolneira, lumeeira, caldeira e tavleiro*). A Figura 145 representa a relação entre esse esquema e os seus subesquemas.

Figura 145 – Objetos *X-eir-* no português arcaico, conforme Soledade (2013)



Fonte: Soledade (2013, p. 105)

O esquema LOCATIVO é produtivo no português arcaico, segundo Soledade (2013). “Há também dois subesquemas nesse grupo, um com designação de recipiente (*carreira, celeiro, cativeiro, galinheyro, pesqueyra*) e outro de caráter mais relacional com o significado da base (*cabeceira, barreira, costeira, fronteira, outeiro, ribeira, terreiro*)” (SIMÕES NETO, 2016, p. 143, grifos do autor). A representação esquemática de Soledade (2013) está na Figura 146.

Figura 146 – Locativos *X-eir-* no português arcaico, conforme Soledade (2013)

Fonte: Soledade (2013, p. 106)

O último esquema observado por Soledade (2013) foi o de ANOMALIA, cuja única ocorrência foi *olheira*. A representação desse esquema está na Figura 147.

Figura 147 – Anomalias *X-eir-* no português arcaico, conforme Soledade (2013)

|<[X_{Si}-eir-]_{Sj} ↔ [ANOMALIA envolvido em SEM_i]_{Sj}>

Fonte: Soledade (2013, p. 107).

Em *O morfema -eir- no português brasileiro contemporâneo*, Simões Neto e Soledade (2014) analisaram 260 palavras formadas com o sufixo, a partir de dicionários, textos de *sites* variados e situações reais de fala. Observando os derivados e as bases, os autores identificaram seis regras de formação:

- (01) [X]_S → [[X]_S Y]_S → *banho/banheiro, cinzas/cinzeiro*
- (02) [X]_V → [[X]_V Y]_S → *arrumado/arrumadeira, cansar/canseira*
- (03) [X]_A → [[X]_A Y]_S → *tonto/tonteira, podre/podreira*
- (04) [X]_S → [[X]_S Y]_A → *interesse/interesseiro*
- (05) [X]_V → [[X]_V Y]_A → *corricar/corriqueiro, indagar/indagueira*
- (06) [X]_A → [[X]_A Y]_A → *certo/certeiro, grosso/grosseiro*. (SIMÕES NETO; SOLEDADE, 2014, p. 103, grifos dos autores).

Quanto às categorias semânticas, Simões Neto e Soledade (2014) propõem um total de dez, o que pode ser visto no Quadro 59, a seguir.

Quadro 59 – Grupos semânticos de *X-eir-* contemporâneo conforme Simões Neto e Soledade (2014)

Significado	Especificação/ Exemplos
Agentivo	diz respeito àquele que, deliberadamente realiza uma ação. Nesse grupo, estão agrupadas paráfrases a partir de verbos como <i>fazer, trabalhar, produzir, lidar</i> . São consideradas também paráfrases com verbos <i>gostar, usar</i> e <i>ser adepto de, ser frequentador habitual</i>

	<i>de. Alguns exemplos são sapateiro, doceira, macumbeiro, roqueiro, forrozeiro, Iveteiro, Mahaleiro, livreiro e maconheiro.</i>
Locativo	está relacionado ao lugar ou recipiente onde se guarda algo, ressaltando os casos em que ser um lugar não implica guardar alguma coisa, como em <i>banheiro e ladeira</i> .
Objeto de uso	grupo de objetos ou instrumentos que podem <i>mimetizar</i> a ação humana, como <i>frigideira, batedeira</i> , e outros, como a <i>pulseira</i> .
Doença/Anomalia	grupo de designações populares de doença ou característica de saúde anormal, como <i>olheira, cobreiro, unheiro</i> .
Atitudinal/Aspecto (Ato iterativo, excessivo ou duradouro)	categoria de natureza mais abstrata que engloba os atos que se repetem excessivamente, como <i>berreiro, converseiro, comedeira, bebedeira</i> e os estados e sensações duradouros, como <i>canseira e pasmaceira</i> .
Fenômeno da natureza	segundo a proposta de Botelho (2009), os autores consideram uma classe de fenômenos da natureza, como <i>aguaceiro e nevoeiro</i> .
Coletivo/Acúmulo	significado de reunião ou excesso, como em <i>cancioneiro e trabalheira</i> .
Árvore/Arbusto	designação geral de plantas, como <i>abacateiro, roseira</i> , entre outros.
Adjetivo	formador de adjetivos, como <i>grosseiro, ligeiro, interesseiro</i> .
Gentílico	formador de substantivos ou adjetivos que denotam origem ou vínculo institucional, como <i>brasileiro, campineiro, mineiro, jacarezzeiro, Ufbeiro, Unebeiro</i> .

Fonte: Simões Neto (2016, p. 115-116), a partir de Simões Neto e Soledade (2014, p. 107-108).

Em relação à frequência desses agrupamentos semânticos nos dados de Simões Neto e Soledade (2014), a Tabela 73 apresenta os detalhes e destaca a produtividade dos agentes.

Tabela 73 – Significados do *-eiro* no português contemporâneo e frequências

Acepção	Quantidade	Percentual
Agente	100	38,46%
Adjetivo	50	19,23%
Locativo	29	11,15%
Atitudinal	28	10,77%
Objeto	21	8,08%
Gentílico	8	3,08%
Coletivo	7	2,69%
Árvore ou arbusto	7	2,69%
Doença	6	2,31%
Fenômeno	4	1,54%

Fonte: Simões Neto e Soledade (2014, p. 109)

Na dissertação de mestrado *Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico*, Simões Neto (2016) trabalha com um *corpus* de 365 formas encontradas em textos do período arcaico da língua portuguesa. O autor divide os grupos

adjetivos dos substantivos. No rol dos qualificadores, Simões Neto aposta em dois grupos: relativos e ressaltados. O subesquema de relacionais instanciou 16 construtos, entre os quais:

[...] *campeira* (PA047: relativo a campo), *deamteira* (PA103: que vai diante; o primeiro de todos de uma série), *derradeira* (PA104: último, extremo), *estramgeiros* (PA125: de, ou relativo à nação diferente daquela que se pertence), *grueyros* (PA157: relativo a grous), *mãdadeyro* (PA191: relativo a mandados), *prestameiro* (PA270: aquele que está por último) e *traseyros* (PA325: situado atrás) (SIMÕES NETO, 2016, p. 186, grifos do autor).

Os adjetivos ressaltados foram 33. Alguns exemplos encontrados por Simões Neto (2016) foram:

[...] *arteyro* (PA018: que é astuto ou ardiloso), *braceiro* (PA035: que tem força ou agilidade nos braços), *certeira* (PA070: que acerta bem os tiros), *dereitoreira* (PA105: que pratica direitura), *duradeira* (PA110: que dura, que não é passageiro), *estragadeyra* (PA124: gastadora), *faceyros* (PA129: aquele que gosta de ostentar), *josticeira* (PA170: que segue as leis, que é muito justa), *longueyro* (PA184: algo comprido ou extenso), *mentireiro* (PA201: aquele que mente, engana, mentiroso), *ponteiro* (PA260: aquele que sabe fazer pontaria, acertar tiros), *praceiro* (PA264: boa-praça, agradável), *tardynheiro* (PA308: aquele que é lento, descansado ou preguiçoso), *tenreiro* (PA316: aquele que é tenro, jovem), *ualedeiro* (PA331: aquilo que é válido), *verdadeiro* (PA338: o que está em conformidade com os fatos ou a realidade), *vertudeira* (PA339: Que tem muita virtude) e *viandeiro* (PA340: glutão, comilão) (SIMÕES NETO, 2016, p. 186, grifos do autor).

O grupo de AGENTES, nos termos de Simões Neto (2016), dividiu-se em cinco subesquemas: PROFISSIONAIS, HABITUAIS, CIRCUNSTANCIAIS, BENEFICIÁRIOS e VEGETAIS. O autor faz menção aos EXPERIENCIADORES, mas desconsiderou o dado, por só aparecer uma ocorrência. Nesse sentido, a postura adotada mudou nesta Tese. Veja-se o rol de comentários e exemplários do autor sobre os subesquemas de AGENTE:

A título de exemplificação, do subesquema dos agentes profissionais, são instanciadas palavras, como: *adargueyros* (PA001: fabricante de adargas), *alfeyreyro* (PA008: guardador ou pastor de rebanho do tipo ‘alfeira’), *almuinheiro* (PA010: hortelão, que cuida da horta ‘almuinha’), *armeiro* (PA016: fabricante ou vendedor de armas), *asemeleyro* (PA019: condutor da azêmola), *bailhadeyras* (PA027: bailarina), *cabreiros* (PA040: criador de cabra), *caldeireiros* (PA043: artífice que prepara caldeiras e utensílios de metal), *carneçeiro* (PA048: açougueiro), *çapateyro* (PA050: aquele que produz sapatos), *çaquiteyro* (PA053: o que tem ao seu cargo providenciar o pão para a mesa real), *despenseyro* (PA106: aquele que tem como cargo cuidar da despensa), *enfermeyro* (PA111: que tem a função de cuidar do enfermo), *ferreyro* (PA137: aquele que faz obras de ferro), *galinheiros* (PA150: servo que toma conta das galinhas), *jornaleyro* (PA166: trabalhador diarista), *mercadeiro* (PA202: aquele que compra para revender a varejo), *ovelleiro* (PA227: pastor de ovelhas), *parteyras* (PA241: aquela que faz partos), *tecedeyras* (PA311: aquela que trabalha tecendo panos) e *vozeyro* (PA345: pessoa que advoga) (SIMÕES NETO, 2016, p. 188, grifos do autor).

Em relação ao subesquema dos agentes habituais, foram consideradas como instâncias as seguintes palavras: *alcoviteira* (PA007: que serve de intermediário em relações amorosas), *cavalheiro* (PA: homem de sentimentos e ações nobres), *choquarreiro* (PA076: que faz gracejos atrevidos), *companheiro* (PA086: aquele que

acompanha alguém em jornada), *conselheiro* (PA087: aquele que aconselha), *faenqueyros* (PA130: que faz um trabalho grosseiro), *forniqueyra* (PA142: aquela que pratica fornicção), *hospitaleiros* (PA160: aquele que fornece hospedagem), *paçaeira* (PA228: aquele que frequenta o paço real), *peideira* (PA248: aquela que peida muito), *putanheiro* (PA271: aquele que frequenta as putas), *uezeyro* (PA334: aquele que tem vezo, costume de fazer certa coisa), *ydoleiros* (PA346: aquele que adora imagens) (SIMÕES NETO, 2016, p. 188, grifos do autor).

Os agentes circunstanciais e beneficiários mantiveram seus baixos níveis de produtividade, se comparadas às quantificações no PA e no latim. Os agentes circunstanciais foram vistos em *guerreyros* (PA158: aquele que combate na guerra), *omezieyra* (PA225: que comete homicídio) e *prisioneiro* (PA268: aquele que se encontra em prisão), ao passo que os beneficiários foram observados em *comendadeira* (PA085: quem tem comenda ‘benefício que se dá aos cavaleiros da ordem’), *herdeyros* (PA159: aquele que recebe herança), merceeiros (PA203: o indivíduo a quem se dava pensão ou casa), *pessoeyro* (PA256: aquele que tem herdade), *quinhoeyro* (PA273: aquele que tem quinhão na partilha) e *raçoeyros* (PA273: aquele que recebe ração) (SIMÕES NETO, 2016, p. 189-190, grifos do autor).

Dentro do grupo de agentes humanos, viu-se ainda no corpus a formação *sabedeira* (PA289: aquela que sabe muito), que foi classificada como agente experienciador, com base no trabalho de Soledade (2016b) sobre a construção X-dor no PA, em que se verifica a forma sabedor. Pelo fato de só haver essa palavra com esse significado, não se propôs aqui um subesquema, pois uma das premissas básicas para a proposição de um subesquema, segundo Booij (2010), é que ele permita a compreensão de um grupo de palavras, ou seja, apresente um certo grau de produtividade, o que não acontece nesse caso (SIMÕES NETO, 2016, p. 190, grifos do autor).

Diferentemente, saindo da esfera dos agentes humanos, o grupo dos agentes vegetais se mostra bastante produtivo, com 43 instanciações. Alguns exemplos são: *aljaueira* (PA009: árvore de cujas sementes se fazem contas semelhantes às de aljôfar), *avelaneiras* (PA023: árvore que produz avelãs), *azyeira* (PA024: Árvore da família das fagáceas que produz azinha), *carrasqueira* (PA056: espécie de mata anã de arbustos de caule e ramos duros), *carvalheyras* (PA060: árvore comum nas florestas da Europa e tem tronco direto e bem proporcionado), *fegueira* (PA134: árvore que dá figo), *huveiras* (PA162: o mesmo que videira), *jaqueiras* (PA165: árvore que dá jacas), *larangeiras* (PA175: árvore que dá laranja), *neperejra* (PA216: planta que dá nêspersas), *pinheiro* (PA257: árvore vulgar resinosa de várias espécies), *roseiras* (PA286: planta espinhosa que dá rosas) e *vlmeiro* (PA344: o mesmo que olmo ‘árvore’) (SIMÕES NETO, 2016, p. 190-191, grifos do autor).

No esquema dominante de OBJETOS do PA, Simões Neto (2016) propõe quatro subcategorias: UTENSÍLIO, MÁQUINA, RECIPIENTE e OBJETO DE USO PESSOAL. Esses quatro subesquemas foram mantidos nesta Tese. Vejam-se as notas do autor sobre os derivados arcaicos em *-eir-*, com esses significados:

[D]o subesquema objeto utensílio, foram instanciadas palavras, como *bamdeira* (PA029: pedaço de pano com uma ou mais cores, às vezes com legendas), *candeeyro* (PA041: instrumento de iluminação), *espaldeyras* (PA115: pano que se pendura no espaldar da cadeira), *estribeira* (PA126: degrau que funciona como apoio para montar na carruagem), *jsqueeiro* (PA 167: Objeto munido de pederneira, a qual, ao ser atritada, produz centelhas que inflamam um pavio) e *tabolleyros* (PA310: peça do serviço comum, usada para apoiar algo em cima) (SIMÕES NETO, 2016, p. 193, grifos do autor).

O subesquema de objetos de uso pessoal instancia *aguadeira* (PA004: capa que protege contra a chuva), *brafoneiras* (PA025: parte das armaduras antigas que protegia a região superior do braço e os ombros), *cervilheiras* (PA072: espécie de capacete para defender a cabeça e a cerviz), *çudeyro* (PA100: pano com que se enxugava o suor), *cueiros* (PA101: pano em que se envolve o corpo das criancinhas da cintura para baixo), *geolheiras* (PA152: parte da armadura que defendia o joelho), *gorgeyra* (PA153: peça de pano para adornar o pescoço), *pamçeira* (PA237: parte da armadura que protegia a pança ou o ventre) e *sombreiro* (PA305: chapéu que dá sombra) (SIMÕES NETO, 2016, p. 193, grifos do autor).

Em relação ao subesquema objeto recipiente, encontram-se as seguintes instanciações: *caldeira* (PA042: recipiente onde se prepara o caldo), *caleiro* (PA044: tubo por onde se escoia a água), *masseira* (PA195: bacia de madeira), *mealheiro* (PA198: pequeno cofre para se colocar moedas), *morteyro* (PA214: recipiente feito de tamanhos e materiais diversos para triturar ou misturar substâncias) e *saleyros* (PA290: recipiente para colocar sal). Por último, o subesquema objeto máquina instanciou *cibeyra* (PA078: navio de grande porte utilizado como navio cargueiro), *pedreira* (PA245: máquina que quebra pedra) e *rodeyro* (PA283: barco pequeno da região do Douro), mantendo-se a baixa produtividade que atestava no latim (SIMÕES NETO, 2016, p. 194, grifos do autor).

Quanto ao grupo dos LOCATIVOS, Simões Neto (2016) manteve a divisão proposta por Soledade (2013), em que há uma categoria de lugares com característica de recipiente e outra mais relacional/funcional. Seguem os exemplos do autor:

Os locativos recipientes (lugar onde há) tiveram 33 instanciações no PA. Algumas delas são: *captiueiro* (PA052: lugar em que alguém se encontra cativo), *carreyra* (PA057: caminho para carros), *celeiro* (PA067: depósito de cereais), *cinzeyro* (PA080: monte de cinzas), *codesseira* (PA083: terra onde há muito codesso), *graneyro* (PA156: celeiro), *junqueiro* (PA: aglomerado de juncos), *lameyro* (PA173: lugar onde se tem lama), *mineiras* (PA208: terreno abundante em minérios), *palheyro* (PA232: armazém de madeira em que certos salineiros guardam a produção das salinas), *pesqueyras* (PA255: lugar onde há armações de pescar), *semêteira* (PA296: viveiro de plantas que nascem juntas), *silveira* (PA300: extenso aglomerado de silvas em determinada área), e *terreyro* (PA318: porção de terra larga e ampla) (SIMÕES NETO, 2016, p. 196, grifos do autor).

Do outro lado, os lugares de caráter mais relacional/funcional ('lugar onde se faz algo relacionado a'), instanciados pelo outro subesquema locativo foram vistos em 10 palavras, entre as quais, estão: *cabeceiras* (PA038: parte da cama onde se repousa a cabeça), *espoojeiro* (PA119: lugar onde a besta se espoja), *estaleiro* (PA121: local onde se conserta ou fabrica navios), *fronteira* (PA145: limite que separa lugares), *regueiros* (PA278: terreno baixo, adjacente às margens de um rio onde se escoia água) e *soalheiro* (PA301: lugar aonde as pessoas vão para tomar sol) (SIMÕES NETO, 2016, p. 196, grifos do autor).

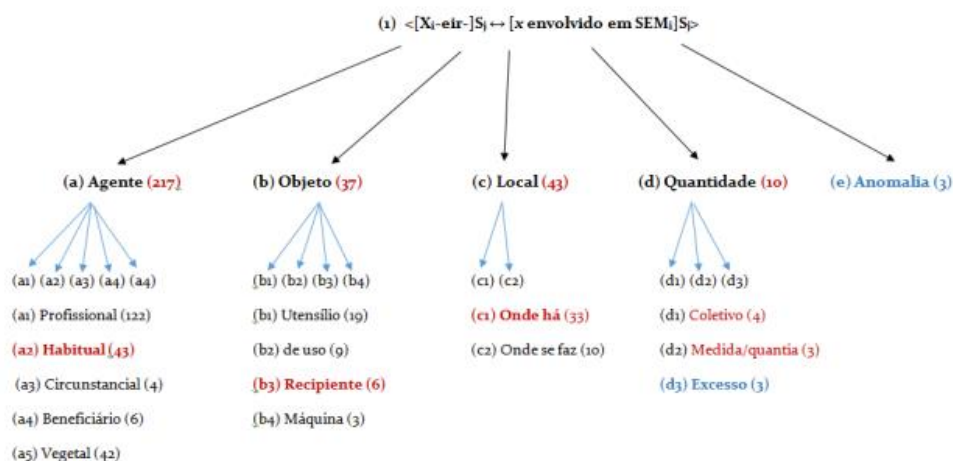
Houve menção, da parte de Simões Neto (2016), à existência de um esquema QUANTIDADE, que o autor dividiu em três subesquemas: NOÇÃO COLETIVA, MEDIDA/QUANTIA e EXCESSO. Sobre esse grupo de afinidade semântica, Simões Neto (2016) comenta:

O subesquema noção coletiva, que já existia em latim, instancia, no PA, *cabeleiras* (PA039: conjunto de cabelos), *ceveyra* (PA071: cereais miúdos próprios para a ceva), *cizneiros* (PA082: aglomerado de cisnes) e *milheyro* (PA207: conjuntos de mil unidades). Também existente no latim, o subesquema medida/quantia instancia *ffossadeyra* (PA138: tributo pago por aqueles que faltavam ao fossado), *quartejro* (PA272: a quarta parte de um moio) e *sesteyro* (PA299: medida de capacidade equivalente a três ou quatro alqueires). Significado inovador no português é o subesquema excesso, bastante relacionado aos fenômenos naturais. São encontradas três instanciações: *chuuazeiros* (PA077: aguaceiro), *nevoeiro* (PA217: grande névoa) e *poeyra* (PA258: muito pó levantado) (SIMÕES NETO, 2016, p. 197, grifos do autor).

Nas construções substantivas, o último esquema dominante atestado por Simões Neto (2016) foi o de ANOMALIA. “Foram encontradas três realizações: *manqueira* (PA193: a deficiência de quem é manco), *olheiras* (PA222: nódoas ao redor ou debaixo dos olhos devido ao cansaço) e *polmoeira* (PA259: doença que dá no bofe das bestas)” (SIMÕES NETO, 2016, p. 197, grifos do autor).

Na Figura 148, Simões Neto (2016) faz um esquema-síntese das construções substantivas *X-eir-* do português arcaico, apresentando as frequências de cada categoria e marcando, de vermelho, os subesquemas que apresentam relações com os conceitos de frequência e quantidade e, de azul, aqueles que, por extensões metonímicas, desses últimos derivam.

Figura 148 – Rede construcional do esquema *X-eir-* formador de substantivos no PA



Fonte: Simões Neto (2016, p. 198)

Em linhas gerais, o trabalho de Simões Neto (2016) opera com categorias semânticas significativas para a caracterização do funcionamento do sufixo *-eir-* no português arcaico. Com a ampliação da base de dados, o autor acaba por apresentar uma rede mais complexa que a vista em Soledade (2013), que não aponta os grupos COLETIVOS e EXCESSO e descreve uma

quantidade mais tímida de VEGETAIS. Entre os problemas da análise de Simões Neto (2016), estão: (i) a não consideração de subesquemas que só tiveram uma realização e, nesse sentido, o autor não faz um tensionamento entre as fontes e a constituição de *corpus*; (ii) a separação completa entre os esquemas substantivos e adjetivos.

Entre os trabalhos que não foram descritos na revisão de Simões Neto (2016), o primeiro que se encontra é o de Rio-Torto (2016), na *Gramática derivacional do português*, voltada para a variedade europeia da língua. A autora separa os sufixos conforme os significados e a organização morfossintática. O primeiro momento em que o *-eir-* aparece é na seção destinada aos nominalizadores deadjetivais. Tratado como um sufixo singular no conjunto que inclui *-ice*, *-ez*, *-eza*, *-ura*, *-idade*, entre outros, Rio-Torto (2016) explica que o *-eir(a)*

[...] ocorre em nomes que denotam propriedades (*magreira*), estados por elas caracterizadas (*cegueira*, *sujeira*) e sobretudo atitudes, como *asneira*, *baboseira*, *bandalheira*, *caturreira*, *doideira*, *gagueira*, *maluqueira*, *maroteira*, *parvoeira*, *snobeira*, *tonteira*. Muitos destes nomes têm uma marca pejorativa, mas esta deve ser imputada às bases, não ao sufixo (cf. *cegueira*). O sufixo é usado em situações de familiaridade e de expressividade (*caturreira*, *doideira*), sendo diafasicamente marcado, como o ilustra o contraste com os nomes corradicais também deadjetivais, e portadores de outros sufixos, como *gagueira* e *gaguez*, *magreira* e *magreza*, *snobeira* e *snobismo*. Já *sujeira* se aplica a situações morais, por contraste com *sujidade*, apenas usada para realidades físicas (RIO-TORTO, 2016, p. 147-148, grifos da autora).

Como exemplo de denominais, Rio-Torto (2016) coloca o *-eir-* entre aqueles sufixos que formam *locativos*, *nomes de profissionais*, *continente/contentor*, *fonte vegetal*. Em relação aos locativos, a autora se restringe a apresentar um conjunto de exemplos que inclui “*coelheira*, *crisaleira*, *fogueira*, *galinheiro*, *garrafeira*, *gesseira*, *lameiro*, *marmoreira*, *palheiro*, *papeleira*, *pedreira*, *penhasqueira*, *vinagreira*” (RIO-TORTO, 2016, p. 158, grifos da autora).

Sobre os nomes de profissionais, Rio-Torto (2016) comenta que

Os nomes derivados em *-eir(a/o)* estão tendencialmente associados a atividades, funções e ofícios de cariz mais tradicional e artesanal (*boieiro*, *ceifeiro*, *cesteiro*, *correeiro*, *guarda-soleiro*, *pedreiro*, *peixeiro*, *seareiro*, *serralheiro*) e negativamente conotados, se a base também o é (*caloteiro*). Mas tal não se aplica a nomes como *banqueiro* ou *engenheiro*, que denotam profissionais de atividades socialmente prestigiadas. Recentemente, e por contraste com *-ista*, *-eir-* tem sido usado com valor depreciativo (cf. os *blogueiros*, os *festivaleiros*, os *polítiquesiros*, os *twiteiros*) (RIO-TORTO, 2016, p. 160, grifos da autora).

Quanto aos recipientes formados com *-eir-*, diz Rio-Torto (2016):

Este sufixo forma nomes de sentido relacional que poderão ser encarados composicionalmente como ‘containers’ (cf. *caneleira*, *cotoveleira*, *dedeira*, *joelheira*, *nadegueira*, *narizeira* (para natação), *perneira*, *pescoceira*, *tornozeleira*), que,

todavia, adquiriram sentidos mais lexicalizados não tanto de ‘contentores’, mas de ‘objetos adstritos a N, que revestem N, que protegem N’ (RIO-TORTO, 2016, p. 161-162, grifos da autora).

Em relação aos nomes de árvores, Rio-Torto (2016, p. 162) comenta que o sufixo *-eir-* se adjunge a radicais que designam nomes de flores, frutos e plantas arbustivas. Como exemplos, a autora menciona:

[...] *abacateiro, alecrinzeiro, algodoeiro, amendoeira, azinheira, cajueiro, capinzeiro, castanheiro, cidreira, coqueiro, craveiro, diospireiro, feijoeiro, figueira, giesteira, groselheira, jasmim(z)573iró, laranjeira, limoeiro, loureiro, marmeleiro, palmeira, pereira, pessegueiro, pinheiro, roseira, tamareira, tomateiro, videira* (RIO-TORTO, 2016, p. 162, grifos da autora).

Em contextos deverbais, o *-eir-*, segundo Rio-Torto (2016) tem pouca representatividade. A autora comenta acerca desse funcionamento:

O sufixo opta por estruturas morfológicas não eruditas. Quanto aos tipos sintático-semânticos, as bases são: inergativas de emissão de som (*chinfriar, farfalhar, grazinar, gritar*), de emissão de substância (*bafar, cuspinhar*), de desempenho (*chafurdar, trabalhar*); causativas (*abafar, cansar, torrar*). Não se encontraram bases inacusativas. Os produtos denotam ‘evento reiterado/aumentativo’ (*abafeira, chieira, cuspinheira, farfalheira, griteira, palreira*) e estado (*abafeira, canseira, chafurdeira, coceira, quebreira*).

O sufixo *-eir(o)* forma um nome de evento (*berreiro*) e está também presente no derivado *entorneiro* ‘grande porção de líquido ou de substância entornada pelo chão’, que denota um produto (RIO-TORTO, 2016, p. 201, grifos da autora).

A variante sufixal com maior participação em contextos verbais é o *-deir-*. Rio-Torto (2016) o aborda como uma forma independente de *-eir-* e explica a sua funcionalidade da seguinte maneira:

O sufixo *-deir(a)* anexa-se ao tema do presente (*moer > moedeira*) e combina-se com bases verbais de estrutura não erudita das seguintes classes morfológicas: (i) bases simples não derivadas (*chorar/choradeira*) e (ii) bases simples derivadas (verbos conversos) (*mamar/mamadeira*). O sufixo não se combina com bases afixadas.

Os nomes de evento em *-deir(a)* têm por base verbos inergativos de emissão de som (*chiadeira, choradeira, fungadeira, ganideira, gritadeira*), de emissão de substância (*pingadeira*) e indicadores de desempenho (*brincadeira, dormideira, mamadeira*). Em menor número, formam-se nomes a partir de verbos transitivos causativos (*quebradeira, carregadeira*), performativos (*bebedeira, comedeira, trincadeira*) e de estímulo-sujeito (*moedeira*) (RIO-TORTO, 2016, p. 200, grifos da autora).

Na tese *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*, Tavares da Silva (2017) propõe uma análise da polissemia sufixal, articulando a Morfologia Construcional, de Geert Booij, e o modelo de Peirsman e Geeraerts (2006), que aborda a metonímia como uma categoria prototípica na estruturação de redes polissêmicas.

Ao fazer esse casamento teórico, Tavares da Silva (2017) analisa a polissemia das construções no seu nível mais esquemático, ou seja, não se apresenta um detalhamento extenso a nível de subesquemas. Inovador é o tratamento dos padrões metonímicos que caracterizam as relações entre as palavras-base e as palavras derivadas, pois as aplicações do modelo booiijano de análise morfológica, além de estarem pouco conectadas com outras teorias da Linguística Cognitiva, nem sempre dão atenção aos aspectos relativos à palavra-base (SIMÕES NETO, 2016; SOLEDADE, 2018; TAVARES DA SILVA, 2019).

Os padrões metonímicos identificados por Tavares da Silva (2017) para as construções *X-eir-* são explicados por meio de quatro tipos de esquemas imagéticos que expressam diferentes tipos de relação de contiguidade. São eles: *parte-todo*, *contenção*, *contato* e *adjacência*. Diante disso, o esquema construcional mais geral do esquema *X-eir-* está expresso na Figura 149.

Figura 149 – Polo semântico do esquema construcional *X-eir-*

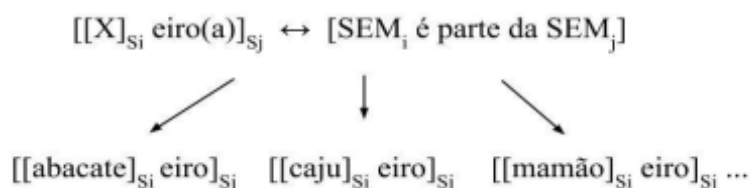
$$[[X]_{s_i} \text{ eiro(a)}]_{s_j} \leftrightarrow [SEM_i \text{ em contiguidade com } SEM_j].$$

Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 132)

Tavares da Silva (2017) separa as categorias semânticas das construções em *X-eir-* em agentivos (agentes profissionais e habituais) e não agentivos (angiospermas, objetos recipientes, objetos não recipientes e excesso). Sobre os significados não agentivos, o autor entende que tais subesquemas “são estruturados por três esquemas imagéticos, a saber, parte-todo, contenção e contato” (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 133).

Sobre o subesquema de angiospermas, Tavares da Silva (2017) entende que as instanciações são motivadas por um esquema de parte-todo, em que a palavra-base representa a parte, e o produto derivado representa o todo. Isso pode ser visto, com os exemplos *abacateiro*, *roseira* e *cajueiro*. Com base nessa observação, Tavares da Silva (2017) propõe a representação esquemático-construcional reproduzida na Figura 150.

Figura 150 – Esquema metonímico-construcional de angiospermas *X-eir-*



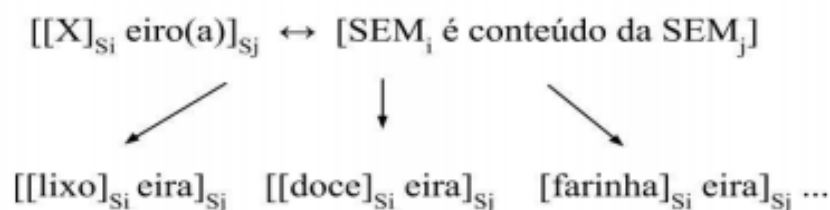
Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 133).

Os objetos recipientes são abordados por Tavares da Silva (2017), dentro de um esquema de contenção. Nas palavras do autor,

[o] esquema imagético conteúdo-contêiner é bastante atuante no processo de formação das palavras *X-eiro(a)* e resulta num número considerável de palavras que designam recipientes, tais como ‘lixeira’, ‘doceira’ e ‘biscoiteira’, entre tantas outras. Nesse subesquema, a base será sempre o conteúdo e o produto, sempre o contêiner (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 134).

A representação esquemática do padrão de contenção visto em objetos recipientes *X-eir-* está reproduzida na Figura 151.

Figura 151 – Esquema metonímico-construcional de objetos recipientes *X-eir-*



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 134).

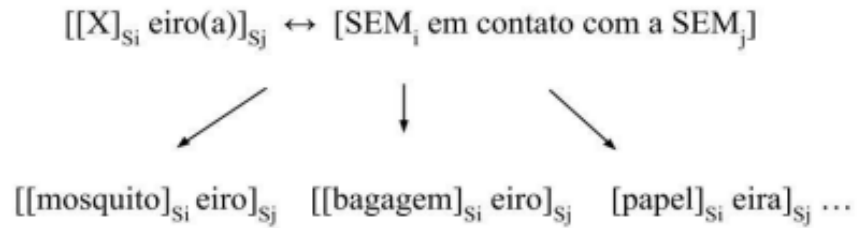
Os objetos não recipientes, segundo Tavares da Silva (2017), se organizam em um padrão imagético de contato. Alguns exemplos desse tipo são *bagageiro*, *papeleira* e *prateleira*³⁷⁵. A respeito da diferença entre esse tipo e o recipiente, o autor esclarece:

A diferença dessas formações para as do tipo ‘doce’ – ‘doceira’ é que as entidades mantêm apenas uma relação de contato. O *bagageiro* é uma superfície sobre a qual se colocam as bagagens. A *papeleira* é um suporte, onde se pendura, por exemplo, o papel higiênico. A *doceira*, diferentemente, é um pote onde se colocam os doces – é exatamente um recipiente (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 134-135).

O padrão metonímico de contato que se vê em objetos não recipientes *X-eir-* está representado no esquema construcional da Figura 152.

³⁷⁵ Sobre essa formação, o autor comenta: “Cabe frisar a importância de uma análise diacrônica para a total validação da proposta. A base de *prateleira*, ‘*pratel*’, hoje opaca, ou no mínimo desconhecida por muitos, significa pequeno prato. A *prateleira*, em sua origem, era um objeto para se colocar/expor pratos. Com o passar do tempo, sua funcionalidade foi estendida para usos mais amplos. Assim, uma análise estritamente sincrônica colocaria em xeque a relação base-produto aqui proposta” (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 135).

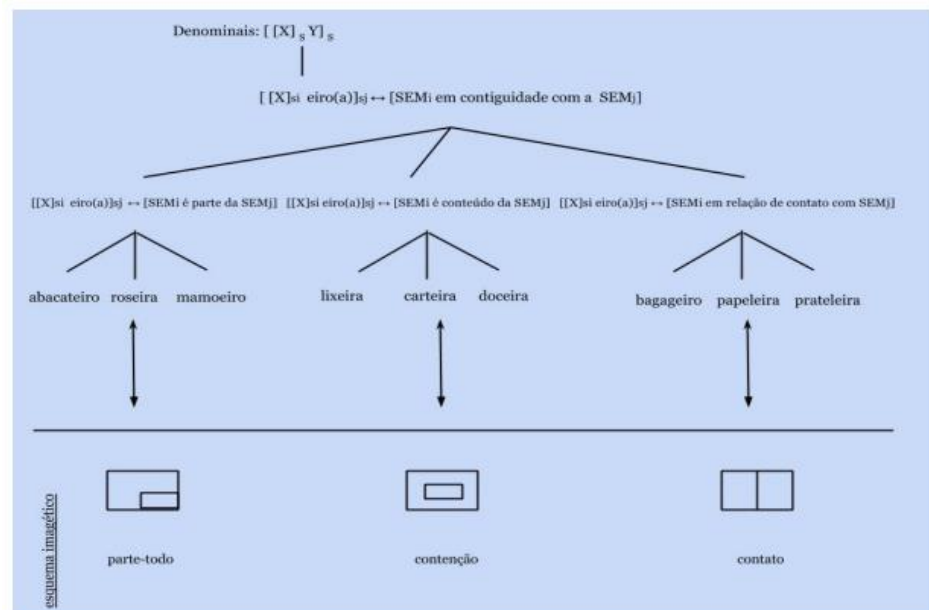
Figura 152 – Esquema metonímico-construcional de objetos não recipientes *X-eir-*



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 135).

Esses três diferentes esquemas imagéticos (parte-todo, contenção e contato), que são concernentes a três diferentes esquemas construcionais, são sintetizados por Tavares da Silva (2017) em uma representação que mescla as duas teorias centrais da sua tese. Veja-se a Figura 153.

Figura 153 – Rede polissêmica imagético-construcional de não agentivos *X-eir-*



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 136).

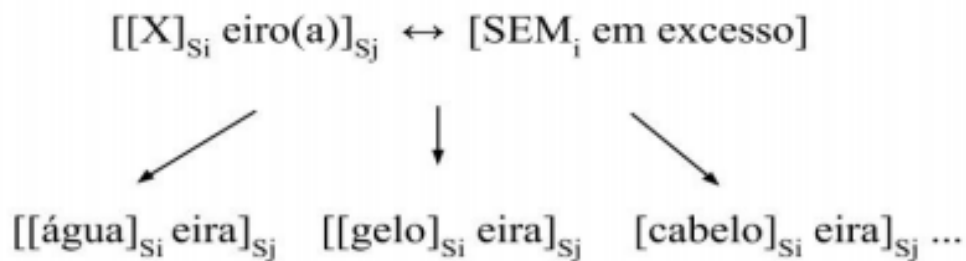
Ainda dentro de não agentivos, Tavares da Silva (2017) menciona o significado de ‘entidade em excesso’. Segundo o autor, trata-se de um padrão que se desenvolve metaforicamente do significado de ‘objeto recipiente’ e, nesse sentido, a organização metonímica de contenção se mantém nesse novo significado. Veja-se a explicação do autor:

Entidade em excesso (Contenção) - A partir das construções objetos recipientes, emerge o subesquema que dá origem a palavras como ‘geleira’, ‘cabeleira’ e ‘formigueira’, ou seja, palavras com nítido sentido de excesso. Tal subesquema está ancorado no domínio das assembleias/coleções e é um caso de herança por metáfora [...].

Palavras como ‘aguaceira’, ‘cabeleira’, ‘geleira’, entre outras, ilustram bem a situação de herança por metáfora. Nesse grupo, aqui denominado entidades em excesso, a base é um substantivo concreto indicando um elemento unitário, ao passo que o produto é um substantivo de caráter mais abstrato que pode ser parafraseado como “excesso de X” ou “X em excesso” (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 137, grifos do autor).

Sobre essa categoria semântica, a representação construcional está na Figura 154.

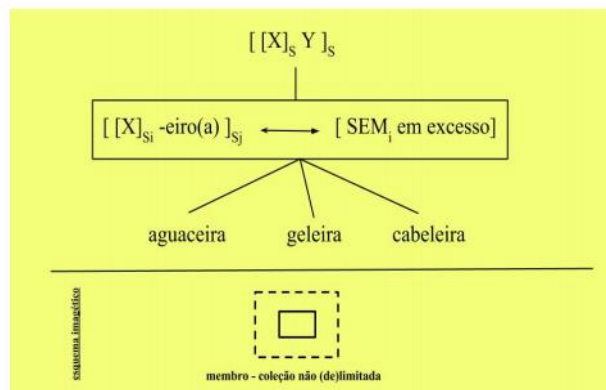
Figura 154 – Esquema metonímico-construcional de entidades em excesso *X-eir-*



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 137)

A Figura 155 faz a representação em que se misturam a rede construcional com o esquema imagético referente às construções *X-eir-* com significado de excesso.

Figura 155 – Esquema imagético-construcional de entidades em excesso *X-eir-*



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 140).

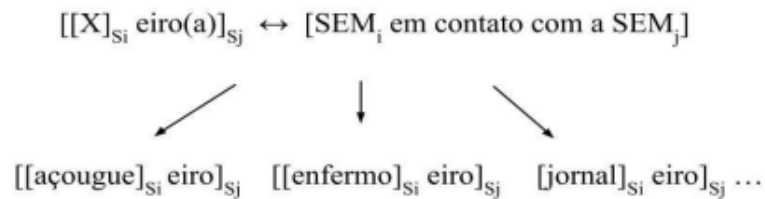
Feitas as considerações acerca das construções não agentivas, Tavares da Silva (2017) comenta as agentivas. O autor sugere que as categorias semânticas de profissionais e habituais

estão ligadas em uma rede de herança por polissemia. Sobre os profissionais, Tavares da Silva (2017) comenta:

As formações ‘X-eiro(a) ↔ agente profissional’ são compostas por substantivos concretos tanto na base quanto no produto. Esse subesquema está na gênese de palavras como ‘açougueiro(a)’, ‘enfermeiro(a)’, ‘jornaleiro(a)’ e ‘merendeiro(a)’, entre outras, e responde por novas formações, a exemplo de ‘dogueiro(a)’ (“aquele(a) que vende cachorro-quente”) e ‘blogueiro(a)’ (“que cria blogs”) (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 141).

Na Figura 156, a seguir, Tavares da Silva (2017) faz a representação esquemática da categoria de agentes profissionais *X-eir-*.

Figura 156 – Esquema metonímico-construcional de profissionais *X-eir-*



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 141)

A respeito dos profissionais, Tavares da Silva (2017) comenta a existência de duas naturezas de força de contato nessas construções. Em um grupo, o contato está relacionado à atuação direta sobre o elemento designado pela base. No segundo, o contato se dá espacialmente, pois a base designa o lugar onde se realiza a atividade profissional. Veja-se a representação dessa especialização na Figura 157.

Figura 157 – Esquema metonímico-construcional de profissionais *X-eir-* com subesquemas



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 141).

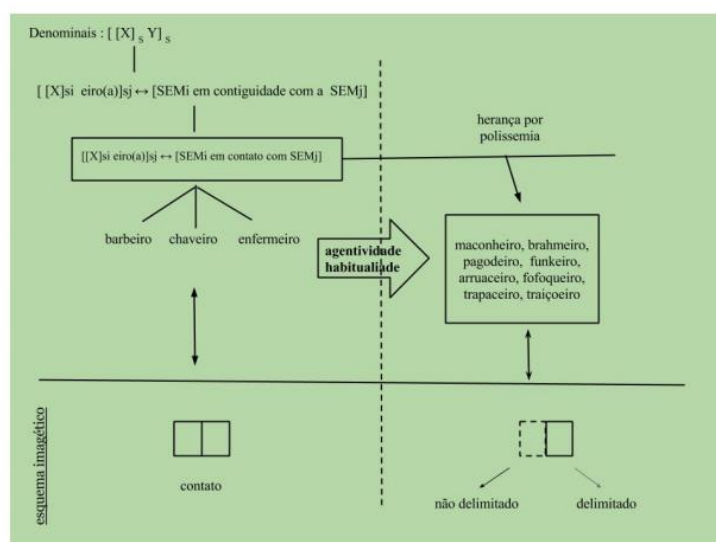
A respeito dos habituais, Tavares da Silva (2017) explica:

Nas formações X-eiro(a) ↔ agente habitual, a base pode ser tanto concreta quanto abstrata. Apesar da dupla possibilidade, há uma forte preferência por bases abstratas ([...]). A base dessas formações indica sempre aquilo que é o alvo da apreciação e/ou da prática habitual do agente (o produto). Palavras como ‘cervejeiro(a)’, ‘orkuteiro(a)’, ‘pagodeiro(a)’, ‘brahmeiro(a)’, ‘arruaceiro(a)’, ‘barraqueiro(a)’ e ‘fofoqueiro(a)’, dentre tantas, outras fazem parte desse grupo.

Sendo extensões da construção prototípica, herdaram dela a acepção agentiva, ao mesmo tempo em que emergem propriedades semânticas que lhes são inteiramente novas e exclusivas, como a noção de habitualidade e de apreciação. Como apresentam tendência à base abstrata, ressalta-se o papel da delimitação, uma vez que a entidade representada pela base é não delimitada (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 142).

A herança e a especificação das construções X-eir- habituais são representadas na Figura 158, de Tavares da Silva (2017), em que se vê uma sistematização das propriedades formais, funcionais e semânticas das construções agentivas e as relações de herança.

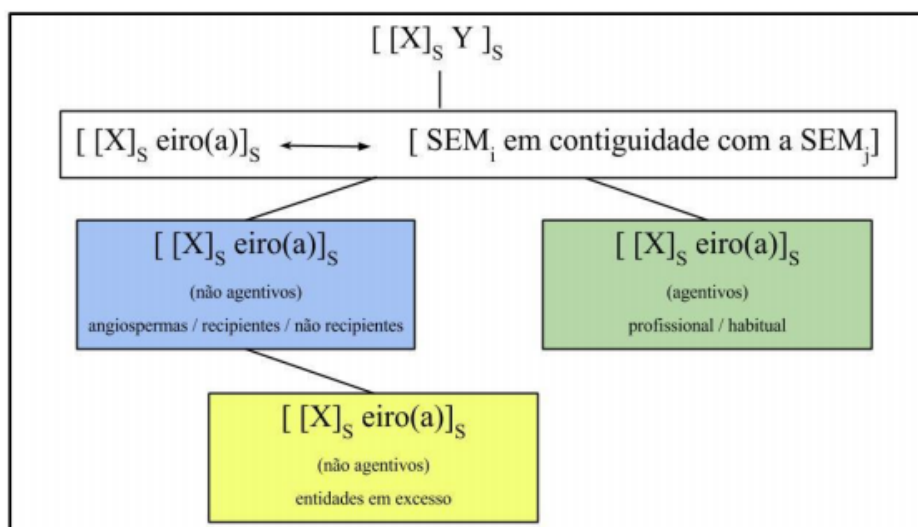
Figura 158 – Rede polissêmica imagético-construcional de agentivos X-eir-



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 143).

Por fim, Tavares da Silva (2017) apresenta uma rede polissêmico-construcional em que se veem tanto as construções agentivas quanto as não agentivas, apontando as relações de herança que existem entre os significados. Essa rede está reproduzida na Figura 159.

Figura 159 – Rede polissêmica imagético-construcional de *X-eir-* no português



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 144).

A última leitura encontrada sobre *X-eir-* no português foi o capítulo *As formações agentivas com o sufixo -eir- no português brasileiro: uma abordagem sintática*, de Scher e Armelin (2019). Nesse trabalho, as autoras, sob o alicerce teórico da Morfologia Distribuída, discutem se os agentes profissionais e habituais são gerados por uma mesma regra sintática ou por regras diferentes.

O modelo usado por Scher e Armelin (2019) se insere em um paradigma gerativo anti-lexicalista que contesta a autonomia do léxico, proposta por Chomsky (1970) e defendida em abordagens posteriores, e sugere que a morfologia, seja flexional, seja léxica, está dissolvida na sintaxe. É por isso que o trabalho fala em geração por regras sintáticas.

A partir da leitura de pesquisas anteriores sobre o sufixo, as autoras comentam:

O sufixo *-eir-* formador de agente profissional seria interpretado como “aquele que trabalha com o que está especificado na base” (ALMEIDA; GONÇALVES, 2006:231), enquanto o agente habitual seria “aquele que pratica o que está especificado na base com frequência” (MARINHO, 2004:44). Para alguns autores, tais como Gonçalves (1996), Marinho (2004), Almeida e Gonçalves (2005, 2006), duas RFPs distintas seriam necessárias para derivar as diferentes interpretações agentivas. A necessidade de duas RFPs se sustentaria diante do fato de que cada um dos grupos semânticos estaria atrelado a generalizações distintas (SCHER E ARMELIN, 2019, p. 337, grifo das autoras).

Em contraponto às propostas que defendem essa divisão, Scher e Armelin (2019) sugerem que a separação de habituais e profissionais, a partir de regras distintas, não se sustenta

na Morfologia Distribuída, pois, ao que tudo indica, trata-se de uma separação que acontece mais no plano semântico-enciclopédico que formal. Vejam-se as palavras das autoras:

Nesse sentido, a análise desenvolvida neste artigo propõe que uma única estrutura sintática seja suficientemente adequada para dar conta das formações agentivas em -*eir-*, de modo que as diferentes interpretações, de agentivo profissional ou habitual, nada mais são que um epifenômeno, e não uma distinção formalmente relevante. Tais diferenças podem ser, então, derivadas dos significados enciclopédicos que estão disponíveis na língua (SCHER E ARMELIN, 2019, p. 339-340, grifo das autoras).

Dentro de um quadro geral, o trabalho dessas autoras não aponta novidades no âmbito semântico. A principal contribuição do trabalho de Scher e Armelin (2019) é fornecer uma leitura do fenômeno, a partir de uma teoria que ainda não a tinha feito.

Em relação à questão central do artigo, a geração de profissionais e habituais por regras distintas, o resultado não é inovador, pois a não divisão dessas categorias já aparece no trabalho de Rocha (1998), dentro de um paradigma gerativo lexicalista. Porém, são destacáveis o caminho teórico e a discussão feitos por Scher e Armelin (2019) para defender tal posição, mesmo que ela não seja a defendida nesta Tese.

Feitas as leituras dos trabalhos realizados sobre o português *X-eir-*, passa-se, agora, as análises dos dados desta Tese, começando pelo esquema dos ADJETIVOS, que teve 466 instanciações, distribuídas, mais uma vez, entre três subesquemas, como se pode ver na Tabela 71.

Tabela 71 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos *X-eir-* no português

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	310	66,52
Ressaltados	138	29,61
Gentílicos	18	3,86

Como exemplos de ADJETIVOS RELATIVOS, aparecem: *açucareiro* (POR0025: relativo ao açúcar ou à cana-de-açúcar), *aduanheiro* (POR0030: relativo à aduana), *alcooleiro* (POR0059: relativo ao álcool), *asneiro* (POR0152: próprio do asno), *baceiro* (POR0181: relativo ao baço), *baleeiro* (POR0203: relativo às baleias), *bananeiro* (POR0211: relacionado com a banana), *borralheiro* (POR0321: relativo a borralho), *camiseiro* (POR0438: relativo a camisas), *canavieiro* (POR0444: relativo à cana-de-açúcar), *carreiro* (POR0510: relativo a carros), *charqueiro* (POR0594: relativo a charco), *cirandeiro* (POR0643: relativo à ciranda),

coraleiro (POR0697: relativo ao coral), *domingueiro* (POR0798: referente ao domingo), *fazendeiro* (POR0916: relativo a fazenda), *foreiro* (POR0959: referente ao foro), *guerrilheiro* (POR1088: relativo ou próprio da guerrilha), *hoteleiro* (POR1102: relativo ao hotel), *jardineiro* (POR1126: relativo ao jardim), *lareiro* (POR1182: relativo ao lar), *linguageiro* (POR1207: relativo à linguagem), *macaqueiro* (POR1237: relativo a macaco), *mandadeiro* (POR1268: relativo a mandado ou ordem), *menineiro* (POR1344: que tem aspecto de menino), *nadegueiro* (POR1424: próprio das nádegas), *papeleiro* (POR1508: referente a papel), *pesqueiro* (POR1594: que se refere à pesca), *praceiro* (POR1680: referente à praça), *queijadeiro* (POR1722: relativo a queijada), *ramerraneiro* (POR1749: relativo a ramerrão), *recadeiro* (POR1773: relativo a recado), *remeleiro* (POR1786: que tem remela), *roqueiro* (POR1822: relativo à roca), *salineiro* (POR1851: relativo à salina), *seresteiro* (POR1901: relativo à seresta), *taberneiro* (POR1948: relativo a tabernas), *tangueiro* (POR1969: relativo a tanga), *trigueiro* (POR2053: relativo a trigo), *usureiro* (POR2078: relativo a usura), *viageiro* (POR2115: relativo a viagens) e *zabumbeiro* (POR2146: que se assemelha ao toque da zabumba).

Como instanciações do subesquema de RESSALTADOS, aparecem: *aceiro* (POR0018: forte, resistente), *agasalhadeiro* (POR0033: acolhedor, hospitaleiro), *alvissareiro* (POR0088: promissor, auspicioso), *arranjadeiro* (POR0141: caprichoso, metódico), *banzeiro* (POR0225: melancólico, triste), *bulideiro* (POR0353: que se bole, se agita demasiadamente), *cabungueiro* (POR0377: que não tem asseio, que é desprezível), *catingueiro* (POR0542: avarento), *certeiro* (POR0571: exato, judicioso, perspicaz), *chibateiro* (POR0605: ordinário, reles, vagabundo), *corriqueiro* (POR0708: trivial), *dengueiro* (POR0769: dengoso), *domingueiro* (POR0798: alegre, festivo), *esterqueiro* (POR0880: sujo, emporcalhado), *faceiro* (POR0894: garboso, elegante), *farfalheiro* (POR0907: ruidoso), *grosseiro* (POR1080: inferior, malfeito, tosco), *interesseiro* (POR1111: inspirado ou feito por interesse), *leveiro* (POR1197: de pouco peso ou pouca força), *macaqueiro* (POR1237: bajulador), *meiguiceiro* (POR1336: meigo, afetuoso), *miudeiro* (POR1371: detalhista), *piegueiro* (POR1608: muito dócil, meigo), *ponteiro* (POR1661: de boa pontaria), *prazenteiro* (POR1686: simpático), *preguiceiro* (POR1693: preguiçoso), *raposeiro* (POR1758: malicioso), *soadeiro* (POR1920: afamado), *sorrateiro* (POR1935: matreiro, dissimulado), *trenheiro* (POR2048: sem préstimo, sem valor), *vareiro* (POR2087: alto e fino), *ventureiro* (POR2103: arriscado, incerto, casual) e *zopeiro* (POR2157: indolente).

O subesquema menos produtivo, o de GENTÍLICOS, teve as seguintes instanciações: *brasileiro* (POR0335: natural do Brasil), *campineiro* (POR0441: natural de Campinas-SP),

canguleiro (POR0457: natural de Ribeira, cidade baixa, em Natal-RN), *caranguejeiro* (POR0490: natural de Santos-SP), *catingueiro* (POR0543: natural da região da caatinga), *chapadeiro* (POR0586: natural de regiões de chapadas), *fanadeiro* (POR0901: natural de Minas Novas-MG), *iporangueiro* (POR1114: natural de Iporanga-SP), *jacarezeiro* (POR1117: natural de Jacaré dos Homens-AL), *malaqueiro* (POR1254: natural da Malaca), *mateiro* (POR1322: natural da Zona da Mata), *mineiro* (POR1367: natural de Minas Gerais), *pantaneiro* (POR1498: natural do Pantanal mato-grossense), *paraizeiro* (POR1513: natural do Pará, conforme designação de habitantes do Tocantins), *piauizeiro* (POR1601: natural do Piauí), *poveiro* (POR1677: natural de Póvoa de Varzim, cidade portuguesa), *santiagoueiro* (POR1870: natural de Santiago, capital do Chile) e *suleiro* (POR1943: natural da região do Sul do Brasil).

Sobre esses dados, cabe ressaltar que, embora a maioria tome como base um topônimo, há casos em que a base é tomada metaforicamente, casos de *caranguejeiro* e *canguleiro*, ou metonimicamente, seja por extensão do protótipo (TOPÔNIMO > LOCATIVO), como *catingueiro*, seja pelo fato de o nome ser tomado parcialmente, como em *fanadeiro*, que parte da Nossa Senhora do Bom Sucesso das Minas do *Fanado*.

Há de se destacar também que a maioria dos gentílicos encontrados reflete designações de localidades brasileiras. Entretanto, há recorrência desse uso também em Portugal, como se pode ver nas seguintes realizações³⁷⁶, que não integram o *corpus* analisado nesta Tese: *berlengueiro* (natural de Berlengas, arquipélago português), *brandoeiro* (natural de Brandoa, freguesia portuguesa do Concelho da Amadora), *calvoeiro* (natural de Calvão, freguesia portuguesa do concelho de Vagos), *cartaxeiro* (natural de Cartaxo, cidade portuguesa), *fanzeiro/fangueiro* (natural de Fão, vila portuguesa do Concelho de Esposende), *frieleiro* (natural de Frielas, antiga freguesia portuguesa do Concelho de Loures), *leceiro* (natural de Leça da Palmeira, do Concelho de Matosinhos), *matosinhoeiro* (natural de Matosinhos, cidade portuguesa), *milheiroeiro* (natural de Milheirós, freguesia do Concelho de Maia), *monchiqueiro* (natural de Monchique, vila portuguesa do Distrito de Faro), *murtoseiro* (natural de Murtosa, vila portuguesa do Distrito de Aveiro), *nadadoreiro* (natural de Nadadouro, freguesia portuguesa do Concelho de Caldas da Rainha), *pardilhoeiro* (natural de Pardilhó, freguesia portuguesa do Concelho de Estarreja e Distrito de Aveiro), *penicheiro* (natural de Peniche, cidade portuguesa), *valvargueiro* (natural de Vale de Vargo, freguesia portuguesa do Concelho de Serpa) e *vareiro* (natural de Ovar, cidade portuguesa).

³⁷⁶ Dados extraídos do artigo Lista de gentílicos de Portugal, no Wikipedia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_gent%C3%ADlicos_de_Portugal. Acesso em 19 de fevereiro de 2020.

Com esses dados, pode-se afirmar que, assim como nas outras línguas ibero-românicas estudadas (catalão, espanhol e galego), o português apresenta relativa produtividade na cunhagem de gentílicos com o sufixo *-eir-*, ainda que não seja o preferencial para esse contexto de uso, em que se destacam *-ano*, *-ense* e *-ês*.

Em relação ao esquema dominante de ADJETIVOS, a Figura 160 faz um resumo das realizações no português *X-eir-*.

Figura 160 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no *X-eir-* no português



No rol dos substantivos, o esquema dominante de AGENTES apresentou um total de 1547 instanciações, divididas em seis subesquemas, como se pode ver na Tabela 72, a seguir.

Tabela 72 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes *X-eir-* no português

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	829	53,59
Habituais	463	29,93
Vegetais	158	10,21
Circunstanciais	37	2,39
Beneficiários	33	2,13
Experienciadores	27	1,75

O grupo dos PROFISSIONAIS, no português, assim como em todas as outras línguas estudadas, foi o mais produtivo da categoria de AGENTES. Alguns exemplos são: *abelheiro* (POR0004: apicultor), *aborteiro* (POR0008: médico que realiza aborto), *adargueiro* (POR0026: fabricante de adargas), *agulheteiro* (POR0046: fabricante de agulhas), *alpercateiro* (POR0081: fabricante ou vendedor de alpercatas), *bainheiro* (POR0195: fabricante de bainhas de armas brancas), *bandarilheiro* (POR0214: toureiro que crava bandarilhas nos touros),

barriqueiro (POR0243: fabricante ou vendedor de barricas), *bengaleiro* (POR0262: fabricante ou vendedor de bengalas), *boiadeiro* (POR0298: guardador ou tocador de boiadas), *broqueleiro* (POR0344: fabricante de broquel), *cabeleireiro* (POR0370: profissional que corta ou trata cabelos), *calceiro* (POR0415: fabricante de calças), *canavieiro* (POR0444: indivíduo que planta cana de açúcar), *carapuço* (POR0492: fabricante ou vendedor de carapuças), *cervejeiro* (POR0572: fabricante ou vendedor de cerveja), *charreteiro* (POR0595: aquele que conduz a charrete), *coleteiro* (POR0666: aquele que fabrica coletes), *couraceiro* (POR0723: artífice que trabalha com couraça), *curtumeiro* (POR0755: proprietário, dirigente ou trabalhador de curtume), *doceiro* (POR0795: fabricante ou vendedor de doces), *enxadeiro* (POR0826: profissional que trabalha com enxada), *facheiro* (POR0895: encarregado de fazer sinais com o facho), *faxineiro* (POR0915: aquele que executa serviços de faxina), *ferreiro* (POR0925: artífice do ferro), *floreiro* (POR0946: comerciante de flores), *fuseiro* (POR1007: fabricante ou vendedor de fusos), *garrafeiro* (POR1041: fabricante de garrafas), *horteleiro* (POR1097: hortelão), *jardineiro* (POR1126: indivíduo que pratica a jardinagem por ofício), *lancheiro* (POR1174: indivíduo que prepara lanches), *latrineiro* (POR1185: responsável pela manutenção de latrinas), *madeireiro* (POR1246: carpinteiro), *maniçobeiro* (POR1285: indivíduo que extrai o látex da maniçoba), *moleiro* (POR1382: pessoa que trabalha em moinho), *muleteiro* (POR1413: tratador de mulas), *obrageiro* (POR1442: indivíduo que trabalha na extração de madeiras), *organeiro* (POR1459: aquele que fabrica ou repara órgãos), *paletoseiro* (POR1480: alfaiate especializado na confecção de paletós), *peleteiro* (POR1565: artesão que prepara peles), *piluleiro* (POR1613: aquele que fabrica pílulas), *queijeiro* (POR1724: pessoa que fabrica ou vende queijos), *refeitoreiro* (POR1778: responsável por um refeitório), *revisteiro* (POR1803: aquele que escreve esquetes para serem encenados em teatros de revista), *roupeiro* (POR1831: pessoa que faz ou costura roupas), *salineiro* (POR1851: aquele que trabalha nas salinas), *sardinheiro* (POR1881: pessoa que trabalha com pesca de sardinha), *sucateiro* (POR1941: pessoa que compra ou vende sucata), *tamanqueiro* (POR1960: pessoa que fabrica ou vende tamancos), *tijoleiro* (POR1995: fabricante ou vendedor de tijolos), *tripeiro* (POR2054: aquele que vende tripas), *vargueiro* (POR2088: aquele que fabrica vargas) e *zebueiro* (POR2151: aquele que cria ou negocia gado zebu).

Como exemplos de HABITUAIS, aparecem: *abençoadeiro* (POR0005: aquele que abençoa, abençoador), *adivinhadeiro* (POR0029: adivinho), *alambiqueiro* (POR0051: pessoa que apresenta comportamento alambicado ou afetado), *alcouceiro* (POR0060: aquele que frequenta alcouce), *altareiro* (POR0084: beato, carola, papa-hóstias), *arapuqueiro* (POR0120: indivíduo que faz arapucas, trapaceiro), *bagateleiro* (POR0190: pessoa que se preocupa com

bagatelas, frivolidades), *bagunceiro* (POR0192: pessoa que faz ou gosta de bagunças), *barulheiro* (POR0245: pessoa que faz barulho, barulhento), *beterrabeiro* (POR0268: pessoa que gosta muito de beterrabas), *bodegueiro* (POR0296: indivíduo que frequenta bodegas), *caçadeiro* (POR0379: pessoa que tem apreço pela caça), *cambalacheiro* (POR0430: pessoa que faz cambalachos), *chazeiro* (POR0600: pessoa que aprecia muito o chá), *choramingueiro* (POR0620: pessoa que choraminga), *doceiro* (POR0795: pessoa que gosta de doce em demasia), *escrevinhadeiro* (POR0847: pessoa que escreve mal), *faniquiteiro* (POR0904: pessoa que costuma ter faniquitos), *fofoqueiro* (POR0948: pessoa que faz fofocas), *fraldiqueiro* (POR0972: mulherengo), *fuxiqueiro* (POR1009: pessoa que faz fuxicos), *igrejeiro* (POR1105: frequentador de igrejas), *justiceiro* (POR1148: partidário de uma justiça rigorosa), *linguareiro* (POR1208: linguarudo), *lunduzeiro* (POR1234: aquele que fica amuado por qualquer coisa), *maconheiro* (POR1243: viciado em maconha), *marmiteiro* (POR1308: pessoa que costuma levar marmitta para o trabalho), *mentideiro* (POR1346: pessoa dada a mentir), *novidadeiro* (POR1441: pessoa afeita a novidades e que gosta de difundir-las), *palpiteiro* (POR1489: pessoa que costuma dar palpite em tudo), *peidorreiro* (POR1559: pessoa que peida muito), *planeiro* (POR1600: mau pianista), *promesseiro* (POR1701: dado a fazer promessas), *ratoneiro* (POR1769: indivíduo que rouba coisas de pouco valor), *segredeiro* (POR1889: quem costuma guardar segredos), *teatreiro* (POR1980: pessoa que aprecia muito o teatro), *traíçoeiro* (POR2032: pessoa propensa a trair, atacar sem aviso prévio), *vanguardeiro* (POR2085: aquele que defende ideias inovadoras), *xexeiro* (POR2143: pessoa que passa xexo ‘calote em prostituta’) e *zombeteiro* (POR2154: pessoa dada a zombaria).

No rol dos AGENTES VEGETAIS, algumas instanciações são: *abacateiro* (POR0001: planta que produz abacate), *açaizeiro* (POR0017: planta que produz açaí), *alcaparreira* (POR0054: planta que produz alcaparra), *ameixeira* (POR0092: planta que produz ameixa), *amendoeira* (POR0093: planta que produz amêndoa), *bananeira* (POR0210: planta que produz bananas), *bergamoteira* (POR0264: planta que produz bergamota), *cafeeiro* (POR0395: planta de onde se extrai a semente para produzir café), *cajazeira* (POR0407: planta que produz cajá), *cajueiro* (POR0408: planta que produz caju), *caquizeiro* (POR0485: planta que produz caqui), *castanheira* (POR0535: planta que produz castanha), *dendezeiro* (POR0768: planta que produz o fruto de onde se extrai o óleo de dendê), *feijoeiro* (POR0917: planta que produz o feijão), *figueira* (POR0932: planta que produz o figo), *framboeseira* (POR0973: planta que produz a framboesa), *goiabeira* (POR1054: planta que produz a goiaba), *guaranazeiro* (POR1083: planta que produz guaraná), *jabuticabeira* (POR1116: planta que produz jabuticaba), *jaqueira* (POR1124: planta que produz jaca), *jasmineiro* (POR1128: planta que produz jasmim), *jiloeiro*

(POR1133: planta que produz jiló), *laranjeira* (POR1179: planta que produz a laranja), *macieira* (POR1242: planta que produz maçã), *maracujazeiro* (POR1296: planta que produz maracujá), *maxixeiro* (POR1327: planta que produz maxixe), *meloeiro* (POR1343: planta que produz melão), *morangueiro* (POR1392: planta que produz morango), *nogueira* (POR1437: planta que produz noz), *oliveira* (POR1449: planta que produz oliva), *pereira* (POR1583: planta que produz a pera), *pessegueiro* (POR1595: planta que produz pêssego), *romãzeira* (POR1816: planta que produz romã), *roseira* (POR1825: planta que produz rosa), *sapotizeiro* (POR1877: planta que produz sapoti), *tamareira* (POR1961: planta que produz tâmara) e *umbuzeiro* (POR2071: planta que produz umbu).

Entre os CIRCUNSTANCIAS, estão: *bagageiro* (POR0188: competidor que ocupa o último lugar em prova ou em classificação num torneio), *bancarroteiro* (POR0212: aquele que declara bancarrota), *desmanchadeira* (POR0781: mulher que faz um desmacho, aborto), *festeiro* (POR0926: participante de uma festa), *fuzileiro* (POR1011: aquele que denuncia, delator), *gravateiro* (POR1072: ladrão que rende a vítima dando-lhe uma gravata ‘golpe’), *guerreiro* (POR1087: aquele que combate numa guerra), *hospedeiro* (POR1100: aquele que dá hospedagem), *leiloeiro* (POR1189: aquele que apregoa em leilões), *mamposteiro* (POR1265: procurador), *medianeiro* (POR1333: mediador), *noiteiro* (POR1438: indivíduo que contribui, com dinheiro ou outra coisa, para o brilho das noites de novena durante as festas da igreja), *parceiro* (POR1514: aquele com que se está em parceria), *passageiro* (POR1526: indivíduo que é transportado num veículo público ou particular), *prisioneiro* (POR1698: aquele que foi privado da liberdade; preso, detento), *safreiro* (POR1842: trabalhador que só labuta em período de safra), *testamenteiro* (POR1992: indivíduo a quem o testador incumbe expressamente de cumprir as suas disposições de última vontade) e *vozeiro* (POR2141: procurador).

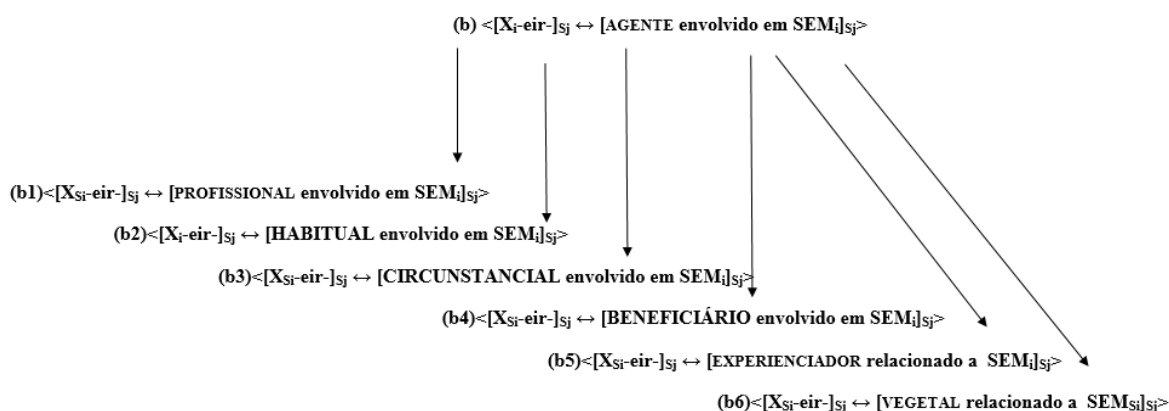
Como exemplos de BENEFICIÁRIOS, aparecem: *alambiqueiro* (POR0051: proprietário de um alambique), *armazeneiro* (POR0131: dono de um armazém), *banguzeiro* (POR0220: dono do banguê ‘engenho’), *banqueiro* (POR0223: dono de um banco), *bateleiro* (POR0252: dono de um batel), *bodegueiro* (POR0296: dono da bodega), *cabareteiro* (POR0363: dono de um cabaré), *carneireiro* (POR0503: dono de carneiros), *charuteiro* (POR0597: proprietário de uma charutaria), *comendadeira* (POR0673: religiosa de convento que tinha comenda 'benefício' ou herdade), *comunheiro* (POR0677: aquele que possui parte da coisa comum), *estancieiro* (POR0875: dono de estância de madeiras), *estaqueiro* (POR0876: indivíduo que tem monopólio de venda e de compra sobre determinadas mercadorias), *foreiro* (POR0959: indivíduo que, por meio de contrato, adquire o direito ao uso de um imóvel), *herdeiro* (POR1094: aquele que sucede na totalidade ou em parte da herança, seja por força de

lei, seja por disposição de testamento), *posseiro* (POR1670: aquele que tem a posse legal de algo), *quinhoeiro* (POR1732: aquele que tem quinhão na partilha de um todo), *raçoeiro* (POR1742: que tem direito à ração), *sesmeiro* (POR1907: aquele a quem se fazia a concessão de sesmaria) e *usineiro* (POR2077: aquele que é proprietário de uma usina). Note-se que a maioria desses casos diz respeito a proprietários de algo designado pela base. Isso acaba por ressaltar o caráter substantivo do *input*.

Por o último, alguns dos EXPERIENCIADORES são: *arrabaldeiro* (POR0137: quem vive em arrabalde), *barranqueiro* (POR0234: aquele que mora à margem do rio), *beiradeiro* (POR0261: habitante das margens do rio), *cabaneiro* (POR0361: aquele que habita uma cabana), *campeiro* (POR0439: habitante do campo), *choupaneiro* (POR0621: aquele que mora em choupana), *direiteiro* (POR0789: formado em direito, bacharel), *galheiro* (POR1019: homem traído pela esposa), *mandioqueiro* (POR1272: habitante da roça, caipira), *povoeiro* (POR1678: habitante de povoado), *retireiro* (POR1799: morador isolado do pantanal mato-grossense) e *veredeiro* (POR2106: morador de vereda).

A Figura 161, a seguir, faz uma síntese do esquema dominante de AGENTES.

Figura 161 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no *X-eir-* no português



O segundo grupo de substantivos observado em *X-eir-* foi o de LOCATIVOS. Ao todo, 222 construtos foram classificados como sendo desse tipo. A Tabela 73 apresenta a distribuição da frequência.

Tabela 73 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos *X-eir-* no português

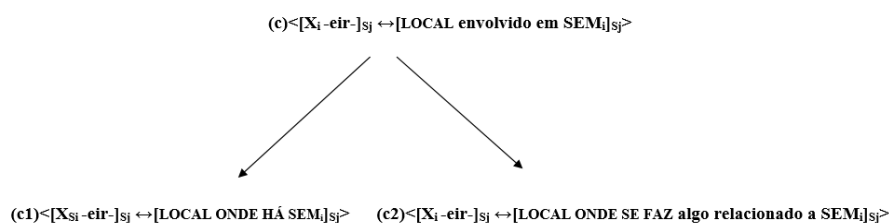
Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Lugar onde há	160	72,07
Lugar onde se faz	62	27,93

No rol das instanciacões do tipo LUGAR ONDE HÁ, estão: *abelheira* (POR0003: ninho de abelhas), *aranheiro* (POR0119: toca de aranhas), *areeiro* (POR0123: sítio arenoso), *armeiro* (POR0132: lugar onde se guardam armas), *arrozeira* (POR0145: arrozal), *atascadeiro* (POR0158: local onde há lamaçal), *bagaceira* (POR0185: cova onde se junta o bagaço da uva), *barreira* (POR0238: lugar de onde se extrai o barro, terreno rico em argila), *bengaleiro* (POR0268: cômodo onde se guardam as bengalas), *borralheira* (POR0320: local onde se acumula a borralha ou cinza do forno ou da lareira), *cachaceira* (POR0385: lugar onde é recolhida a cachaça ‘espuma grossa separada do caldo de cana fervido’), *canhameiro* (POR0459: plantação de cânhamo), *carneiro* (POR0504: sepultura, cova, lugar onde se depositam os cadáveres), *celeiro* (POR0564: depósito de cereais, mantimentos), *cisqueiro* (POR0645: lugar onde se reúnem os ciscos), *corticeira* (POR0711: lugar onde se reúne a cortiça), *escoveira* (POR0844: lugar para guardar escovas), *esterqueira* (POR0879: local onde se deposita o esterco), *fisqueira* (POR0897: local onde se reúnem faíscas), *formigueiro* (POR0961: habitação de formigas), *galinheiro* (POR1022: cercado onde se guardam as galinhas), *garrafeira* (POR1040: lugar onde se armazenam vinhos engarrafados), *lagarteira* (POR1155: toca onde habitam os lagartos), *madrigueira* (POR1247: toca de pequenos animais, como coelhos e lebres), *meleira* (POR1340: colmeia de abelhas silvestres), *ostreira* (POR1461: local onde se criam ostras), *palheiro* (POR1483: depósito de palha), *pulgueiro* (POR1705: lugar infestado de pulgas), *saibreira* (POR1844: terreno que contém saibro), *salitreira* (POR1852: depósito natural de salitre), *trufeira* (POR2060: terreno onde se acham trufas), *vazanteiro* (POR2093: terreno lodoso formado por vazantes e enxurradas fluviais), *vespeiro* (POR2112: ninho de vespas) e *viveiro* (POR2138: lugar onde se reproduzem e se conservam animais vivos).

Entre os locativos do tipo LUGAR ONDE SE FAZ, estão: *aguardenteiro* (POR0040: engenho que só produz aguardente), *agueira* (POR0042: vala por onde escorrem as águas de rega), *apeadeiro* (POR0111: nas ferrovias, lugar onde não há estação mas os trens param, quando há passageiros para subir ou descer), *atravessadeiro* (POR0161: atalho entre caminhos), *banheiro* (POR0222: cômodo da casa onde se toma banho), *boiadeiro* (POR0299: ponto do rio onde emergem tartarugas, pirarucus e outros animais aquáticos; boiadouro), *bramadeiro* (POR0333: lugar onde os veados se reúnem durante a brama ‘cio’), *carreteira* (POR0511: estrada ampla que permite o trânsito de carroças), *choqueiro* (POR0618: lugar onde as aves domésticas chocam os ovos), *corredeira* (POR0705: parte do rio onde as águas, devido à diferença de nível, correm ligeiras), *deslizadeiro* (POR0780: lugar por onde se desliza facilmente), *esmoleiro* (POR0851: casa ou instituição em que se distribuem esmolas), *madureiro* (POR1249: local adequado para a fruta acabar de amadurecer), *mentideiro*

(POR1346: lugar pródigo em fabricação de mentiras e boatos), paradeiro (POR1511: local em que alguém ou alguma coisa está, para ou vai parar), *pouseiro* (POR1676: lugar onde se pouso), *renhideiro* (POR1790: lugar onde acontecem as rinhas), resfriadeira (POR1794: lugar onde se resfria o açúcar nos engenhos), *resvaladeiro* (POR1797: resveladouro), *sapequeiro* (POR1874: terreno em que se pôs fogo, preparando-o para o plantio), *sequeiro* (POR1898: local onde se colocam as roupas para secagem) e *vermineira* (POR2109: lugar onde, por meio de fermentação de matéria orgânica, se produzem e criam vermes usadas na alimentação de aves). A Figura 162 representa o esquema construcional LOCATIVO para os derivados X-eir- do português.

Figura 162 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no $[[X_i]-eir-]_s$ do português



O terceiro esquema dominante, o de OBJETOS, apresentou um total de 438 realizações, que se dividiram em cinco subesquemas, como é possível visualizar na Tabela 74.

Tabela 74 – Distribuição percentual dos subesquemas de objetos X-eir- no português

Categorias de objetos	Frequência	Percentual (%)
Recipientes	140	31,96
Instrumentos	99	22,60
Máquinas	97	22,15
Utensílios	62	14,16
Uso pessoal	40	9,13

Alguns exemplos de RECIPIENTES são: *açucareiro* (POR0025: recipiente para guardar e/ou servir açúcar), *alfineteira* (POR0070: recipiente para guardar alfinetes), *aneleira* (POR0104: estojo ou envoltório para guardar anéis), *areeiro* (POR0123: pequeno recipiente com tampa furada com o qual se derramava areia fina sobre a escrita, a fim de secar a tinta), *azeiteira* (POR0169: pequeno recipiente de vidro usado para servir azeite), *azeitoneira* (POR0171: vasilha onde se guardam azeitonas), *barrileira* (POR0242: recipiente em que se

prepara a barrela), *bilheteira* (POR0277: carteira própria para se guardarem cartões de visita), *biscoiteira* (POR0286: recipiente onde se guardam biscoitos e bolachas), *braseiro* (POR0334: recipiente de metal, barro ou louça em que ficam brasas para aquecer o ambiente), *cafeteira* (POR0396: vasilha em que se prepara, conserva ou serve o café), *carteira* (POR0517: pequena bolsa de couro ou de outro material, com divisões internas, usada para guardar dinheiro, documentos, cartões etc), *chapeleira* (POR0587: caixa destinada a acomodar e transportar chapéus), *compoteira* (POR0675: recipiente côncavo onde se guardam e servem compotas, cremes, doces em pasta etc), *dedaleira* (POR0764: estojo para guardar dedais), *estufadeira* (POR0888: pequeno recipiente no qual se podem estufar carnes e peixes), *farinheira* (POR0908: recipiente para farinhas diversas), *garfeira* (POR1036: estojo para guardar garfos), *lancheira* (POR1173: maleta de mão usada para levar lanche), *leiteira* (POR1190: recipiente onde se ferve o leite), *manteigueira* (POR1291: recipiente onde se guarda e se serve a manteiga), *mealheiro* (POR1331: pequeno cofre em que há uma fenda por onde se introduzem as moedas), *natadeira* (POR1429: bacia na qual se expõe o leite ao máximo contato com o ar, para tornar mais fácil a formação da nata), *pãozeira* (POR1500: recipiente usado para servir o pão), *pimenteiro* (POR1615: recipiente em que se guarda e/ou se serve a pimenta ou o molho com ela feito), *pozeira* (POR1679: pequeno pote ou caixinha de louça, metal, vidro ou outro material, para se colocar pó de arroz), *roleira* (POR1811: castiçal pequeno e com alça em que se coloca rolo 'mistura de resina' ou pavio de cera), *saboneteira* (POR1839: recipiente para o sabonete), *tabaqueira* (POR1946: estojo para guardar o fumo) e *torteira* (POR2026: recipiente para cozer tortas).

Entre os INSTRUMENTOS, estão: *abotoadeira* (POR0009: instrumento que tem extremidade em forma de gancho e serve para abotoar), *açacaladeira* (POR0014: peça em forma de faca, usada para processar manualmente a dobra das folhas de papel), *açoteira* (POR0022: chicote usado para açoitar os cavalos de montaria), *aguçadeira* (POR0041: pedra usada para aguçar, afiar ou amolar), *amoladeira* (POR0095: pedra de amolar), *bordadeira* (POR0314: acessório usado para bordar), *calcadeira* (POR0413: instrumento com que se calca alguma coisa), *carneadeira* (POR0501: facão que se utiliza na carneação do gado), *cernideira* (POR0569: peça de madeira sobre a qual se movem as peneiras, a fim de joeirar a farinha), *cremalheira* (POR0734: haste de ferro com encaixes, presa ao fogão, que permitia suspender um recipiente sobre o fogo em altura variável, para facilitar o preparo dos alimentos), *enchedeira* (POR0812: funil próprio para encher chouriços), *espevitadeira* (POR0860: tesoura para espevitar pavios), *gramadeira* (POR1065: gancho que serve para puxar a palha para as manjedouras, nas estrebarias), *javradeira* (POR1129: instrumento usado para javrar),

lanceteira (POR1172: ferramenta de uso de serralheiros e espingardeiros, semelhante à lima), *malhadeiro* (POR1258: instrumento com que se malha o trigo), *puidadeira* (POR1704: pedaço de pano ou couro com que se fricciona o objeto que se quer puir), *ramonadeira* (POR1750: instrumento de ferro com que se desbastam peles) e *talhadeira* (POR1959: ferramenta de talhar madeira). Cabe mencionar a recorrência com que se usa a variante *-adeira* nessas formações, que selecionam prototipicamente bases verbais.

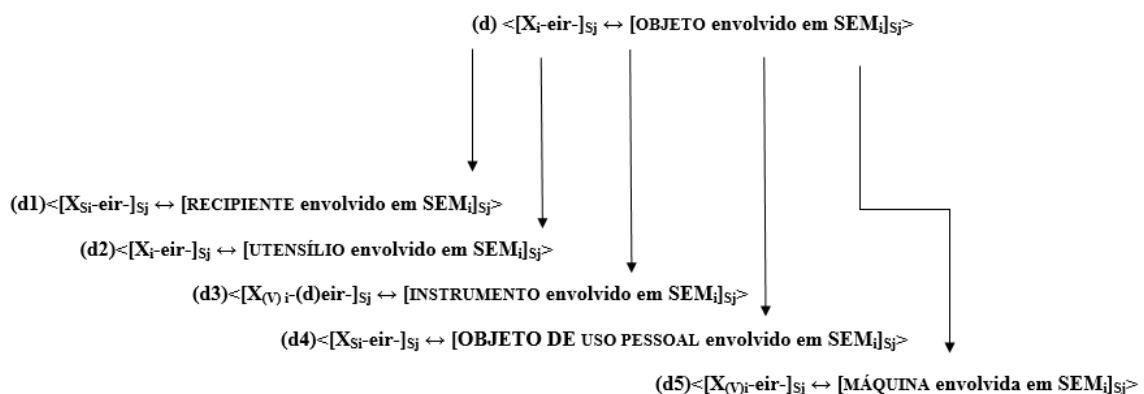
Entre os dados de MÁQUINAS, aparecem: *abrideira* (POR0011: máquina empregada na indústria de fiação), *adubadeira* (POR0031: máquina empregada na adubação de terras), *alfineteira* (POR0070: máquina para fabricar alfinetes), *baleeira* (POR0202: embarcação usada para pescar baleias), *betoneira* (POR0269: máquina em que se prepara o betão ‘concreto’), *britadeira* (POR0341: máquina de britar pedras), *capinadeira* (POR0477: máquina para capinar), *confeitadeira* (POR0681: máquina para recobrir doces), *desnatadeira* (POR0782: máquina que separa a gordura do leite e a concentra em forma de nata), *empilhadeira* (POR0808: máquina usada para empilhamento), *engarrafadeira* (POR0817: máquina usada para engarrifar), *garoupeira* (POR1039: embarcação usada na pesca de garoupa), *lavadeira* (POR1186: máquina usada na lavagem de lã), *meadeira* (POR1330: máquina usada para formar meadas), *ordenhadeira* (POR1458: máquina usada para ordenhar), *pautadeira* (POR1547: máquina para produzir pautas ‘linhas no papel’), *resfriadeira* (POR1794: máquina usada na indústria de laticínios), *tainheira* (POR1955: embarcação usada para pescar tainhas) e *urdideira* (POR2074: máquina usada na indústria com o intuito de urdir). O que se disse para os INSTRUMENTOS, em relação à frequência da variante *-adeira*, vale também para as MÁQUINAS.

No rol dos UTENSÍLIOS, estão: *bandeira* (POR0215: peça, geralmente de pano retangular, com as cores e emblema de uma nação, estado, instituição religiosa, agremiação política, recreativa ou desportiva), *cachaceira* (POR0384: correia da cabeçada (‘tiras de couro’), que passa pela nuca do animal), *capituleiro* (POR0480: livro litúrgico, o mesmo que capitulário), *chapeleira* (POR0587: cabide para pendurar chapéus e bonés), *chifradeira* (POR0607: correia que prende pelos chifres os bois de uma junta), *derroteiro* (POR0771: livro onde se registram fatos de interesse para a navegação), *espaldeira* (POR0854: pano para cobrir o espaldar de uma cadeira ou os varais de um dossel), *focinheira* (POR0947: correia que se coloca em torno da cabeça e do focinho do animal), *inquerideira* (POR1110: corda com que se aperta a carga transportada pelos animais), *lanceiro* (POR1171: cabide onde se põem as lanças), *moscadeiro* (POR1397: vassoura para expelir moscas), *oraçoeiro* (POR1456: livro de orações), *piteira* (POR1637: tubo oco em cuja extremidade mais larga se adapta um cigarro ou um

charuto, que se fuma aspirando a fumaça pela outra extremidade), *torneira* (POR2017: peça dotada de uma espécie de chave, e que é usada para reter ou deixar sair o líquido ou gás neles contido) e *venteira* (POR2102: peça de madeira que se coloca nas ventas do bezerro para impedi-lo de mamar).

Por último, aparecem os casos de OBJETOS DE USO PESSOAL. Alguns exemplos de instanciações desse subesquema são: *babeiro* (POR0177: babador), *brafoneira* (POR0331: peça da armadura que cobria a parte superior do braço), *bragueiro* (POR0332: pele ou pano que se usava cobrindo o corpo da cintura às coxas, como um cueiro), *calçadeira* (POR0414: utensílio com contorno adaptado ao formato do calcanhar, que se coloca entre este e a parte de trás do sapato), *caneleira* (POR0449: parte das antigas armaduras de proteção da perna, entre o joelho e o pé), *coleira* (POR0664: nas antigas armaduras, resguardo de couro, ou de outro material, para o pescoço), *cueiro* (POR0746: pano leve e macio com que se envolvem ‘em torno das nádegas e das pernas’ as crianças de colo), *dedeira* (POR0765: proteção para os dedos da mão), *gorjeira* (POR1061: gola de renda que tapa o pescoço, até o queixo), *joelheira* (POR1137: parte da armadura que defendia o joelho), *ombreira* (POR1451: cada uma das partes de uma indumentária, que correspondem a ombros ou são aplicadas sobre eles), *pulseira* (POR1708: joia ou adorno para os pulsos ou braços; bracelete), *testeira* (POR1993: tira de pano branco que se prega na touca das religiosas e lhes assenta sobre a cabeça) e *viseira* (POR2135: aba que se usa na cabeça, colocada acima dos olhos, para proteger do sol o rosto e a vista). Na Figura 163, a seguir, está representado o esquema construcional dos OBJETOS em X-eir- do português.

Figura 163 – Esquema dominante de objetos e os seus subesquemas no $[[X_i]\text{-eir-}]_s$ do português



O próximo esquema dominante a ser analisado é o de QUANTIDADE. Esse grupo de afinidade semântica teve 123 realizações e se dividiu em cinco subesquemas, como se pode ver na Tabela 75, a seguir.

Tabela 75 – Distribuição percentual dos subesquemas de quantidade *X-eir-* no português

Categorias de quantidade	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	63	51,22
Excesso	52	42,28
Diminutivos	3	2,44
Quantias	3	2,44
Unidades de medida	2	1,62

Entre os dados de COLETIVOS, estão: *aneleira* (POR0104: conjunto de aros de diferentes diâmetros, próprios para a medição de dedos na feitura de anéis), *bambueira* (POR0209: conjunto de rebentos que nascem de uma mesma raiz de bambu), *cabeleira* (POR0369: conjunto de cabelos da cabeça), *cabroeira* (POR0376: conjunto de cabras ‘capangas’), *cancioneiro* (POR0445: coleção de canções), *capoeira* (POR0481: conjunto de capões ‘frango’), *cordilheira* (POR0698: cadeia de montanhas), *epistoleiro* (POR0833: coleção de epístolas), *faqueiro* (POR0906: conjunto completo de talheres do mesmo material e marca), *femeiro* (POR0920: reunião de meretrizes), *formigueiro* (POR0961: aglomeração de formigas), *fumeiro* (POR0999: conjunto das carnes postas a defumar), *garrafeira* (POR1040: coleção de garrafas), *lumeeiro* (POR1233: conjunto de corpos celestes que têm luz própria), *mealheiro* (POR1331: conjunto de mealhas 'moeda'), *naipeira* (POR1415: conjunto de cartas do mesmo naipe), *pedaleiro* (POR1551: conjunto de pedais do velocípede), *penhasqueira* (POR1572: sucessão de penhascos), *plumeiro* (POR1642: conjunto de penas para adorno), *ramalheira* (POR1746: conjunto de ramas), *ruinzeira* (POR1834: conjunto dos sintomas iniciais de uma doença), *silveira* (POR1912: aglomerado de silvas), *tainheira* (POR1955: cardume de tainhas) e *vespeiro* (POR2112: aglomerado de vespas).

Como exemplos de EXCESSO, são vistos: *aguaceiro* (POR0037: chuva forte, súbita e passageira), *barulheira* (POR0244: grande barulho), *berreiro* (POR0265: sequência de berros, gritaria), *bigodeira* (POR0275: bigode farto), *buraqueira* (POR0354: profusão de buracos), *canzoeira* (POR0472: canzoada, barulho intenso), *chuveiro* (POR0632: forte pancada de chuva), *cobreira* (POR0650: dinheirama), *desgraceira* (POR0778: grande quantidade de desgraças), *estrumeira* (POR0887: grande quantidade de estrume), *fumaceira* (POR0996: grande quantidade de fumo), *geleira* (POR1049: extensa massa de gelo), *inferneira* (POR1108: desordem intensa), *inverneira* (POR1113: inverno rigoroso), *lamaceiro* (POR1158: lamaçal), *manheira* (POR1282: choro intenso, insistente e sem motivo), *meleira* (POR1340: sujeira

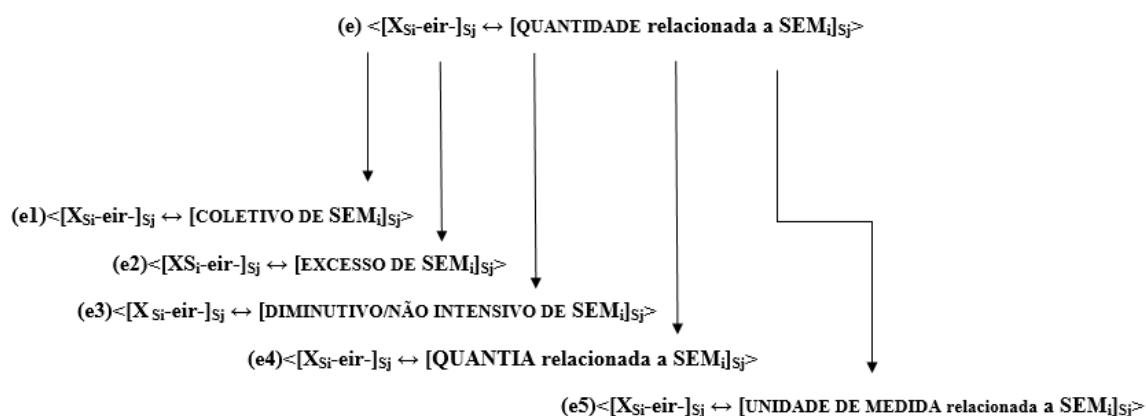
causada por mel derramado ou por qualquer outra coisa), *mormaceira* (POR1394: intenso mormaço), *nevoeiro* (POR1434: forte névoa), *orvalheira* (POR1460: orvalho intenso), *poeira* (POR1650: acúmulo de pó), *pregueira* (POR1692: preguiça muito forte), *salmoeira* (POR1854: acúmulo de salmoura), *sangueira* (POR1867: abundância de sangue), *sovaqueira* (POR1938: odor intenso expelido pelo suor das axilas), *trabalheira* (POR2030: trabalho intenso), *ventaneira* (POR2101: forte ventania), *vergonheira* (POR2107: grande vergonha) e *zoadeira* (POR2152: zoada forte).

Os subesquemas DIMINUTIVO e QUANTIA tiveram três instâncias cada. Os diminutivos/não intensivos foram: *borraceiro* (POR0317: chuva miúda, chuvisco), *poceiro* (POR1644: poço pequeno) e *valeira* (POR2082: pequeno vale). Diferentemente do que aconteceu no galego, em que os diminutivos ocorreram todos no feminino, no português, há uma oscilação, o que pode indicar que esse significado seja esporádico com esse sufixo.

As QUANTIAS encontradas foram: *bagageira* (POR0187: subsídio concedido aos militares para o transporte de bagagens, ao serem transferidos), *quarteiro* (POR1715: pensão paga de três em três meses) e *veiro* (POR2095: antigo imposto de minas que se pagava à coroa portuguesa).

As UNIDADES DE MEDIDA, por fim, foram duas: *quarteiro* (POR1715: a quarta parte de um moio, equivalente a 15 alqueires) e *sesteiro* (POR1908: medida de capacidade equivalente a três ou quatro alqueires). A Figura 164 traz a representação esquemática do grupo de QUANTIDADE.

Figura 164 – Esquema dominante de quantidade e os seus subesquemas no $[[X_i]\text{-eir-}]_s$ do português



O esquema dominante ANOMALIA teve 47 realizações no português *X-eir-*. Alguns dos exemplos desse grupo semântico foram: *apostemeira* (POR0114: profusão de apostemas ‘abcesso’), *bicheira* (POR0272: infestação de um organismo por larvas de moscas), *boqueira*

(POR0313: nos solípedes, estomatite nos cantos da boca, ocasionada por mau uso do freio), *caganeira* (POR0400: evacuação frequente, geralmente, de fezes líquidas; diarreia), *catarreira* (POR0539: corrimento nasal em abundância), *cegueira* (POR0558: privação da visão), *cobreiro* (POR0651: cobreiro, erupção cutânea), *codilheira* (POR0656: tumor no codilho), *figadeira* (POR0931: enfermidade no fígado de animais), *frieira* (POR0987: inflamação cutânea causada pela exposição do organismo ao frio), *gafeira* (POR1015: moléstia que ataca os olhos dos bois e provoca inchaço das pálpebras), *galiqueira* (POR1024: manifestação sifilítica de certa gravidade), *olheira* (POR1447: círculo escuro ao redor ou debaixo dos olhos), *papeira* (POR1504: caxumba), *pulmoeira* (POR1706: doença dos pulmões dos solípedes, caracterizada pela dificuldade de respirar), *sovaqueira* (POR1938: ferida provocada pela barriguinha da cincha no sovaco do cavalo), *umbigueira* (POR2070: bicheira no umbigo de bezerros recém-nascidos, causada por larvas de insetos) e *unheiro* (POR2073: infecção na pele que rodeia a unha). Na Figura 165, apresenta-se uma esquematização de ANOMALIAS com *X-eir-* no português.

Figura 165– Esquema dominante de anomalia com $[[X_i]-eir-]_s$ no português

(f) <[X_i-eir-]_s ↔ [ANOMALIA relacionada a SEM_i]_s>

O último esquema dominante encontrado entre *X-eir-* foi o de ATITUDINAIS. Esse agrupamento teve um total de 60 realizações. Alguns dos exemplos são: *asneira* (POR0151: ato ou dito tolo ou impensado), *baboseira* (POR0178: dito irrelevante ou desarrazoado), *bandalheira* (POR0213: ato, dito ou procedimento de bandalho), *batalheira* (POR0247: manifestação de insistência), *bebedeira* (POR0258: ação de ingerir bebida alcoólica até ficar bêbedo), *bobeira* (POR0293: atitude de tolo; bobice), *bordoeira* (POR0316: bordoadas; surra), *borracheira* (POR0318: bebedeira), *brincadeira* (POR0339: ato ou efeito de brincar), *canseira* (POR0464: cansaço), *celebreira* (POR0562: costume ou atitude estranha, peculiar; esquisitice, extravagância, mania), *chiadeira* (POR0603: reclamação, queixa reiterada), *choradeira* (POR0619: ação de chorar muito), *debocheira* (POR0762: zombaria desmedida), *doideira* (POR0796: doidice), *gemedeira* (POR1051: vozearia de gemidos), *ladroeira* (POR1152: ladroagem; exploração, extorsão contínua), *lambuzeira* (POR1166: ação de lambuzar demasiadamente), *maluqueira* (POR1260: maluquice), *maroteira* (POR1312: ato, dito, próprio de maroto), *molequeira* (POR1383: molecagem), *nojeira* (POR1489: ação caracterizado pela sujeira ou que causa repugnância), *pasmaceira* (POR1522: estado ou situação caracterizada

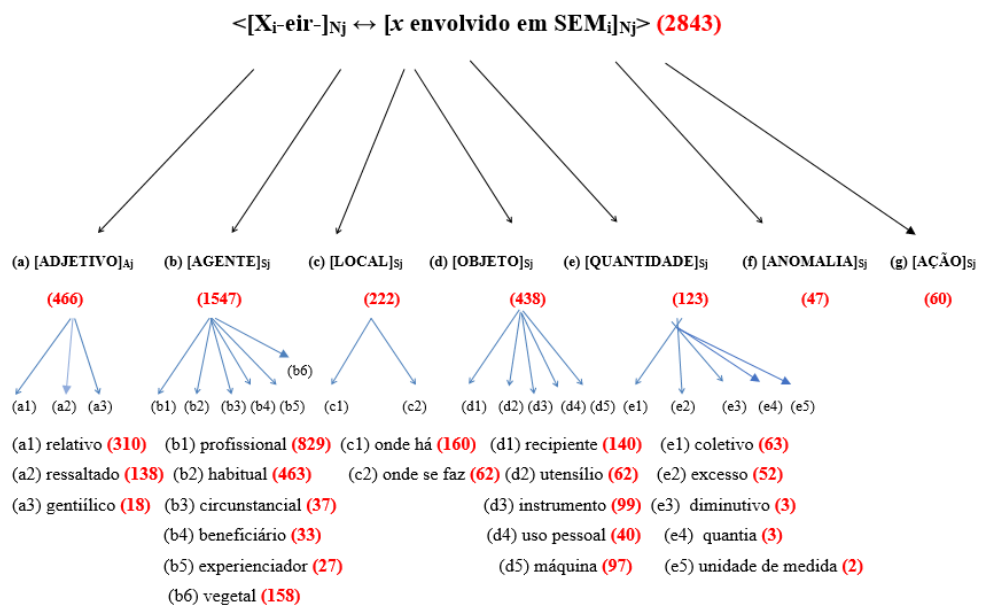
pela falta de interesse; apatia), *pingadeira* (POR1618: ato de pingar), *quebradeira* (POR1720: estado de penúria financeira; falta de dinheiro), *rangedeira* (POR1753: ação de ranger), *roubalheira* (POR1829: roubo escandaloso e em grandes proporções), *suadeira* (POR1940: ato de suar abundantemente), *tonteira* (POR2014: ato de tolo, tontice), *vergonheira* (POR2107: atitude desonesta) e *zoeira* (POR2153: zoada). Destaca-se, nesse grupo, o fato de as formas serem sempre femininas, tal como se viu nas outras línguas ibero-românicas. Na Figura 166, apresenta-se a esquematização referente a esse grupo.

Figura 166 – Esquema dominante de atitudinais com $[[X_i]\text{-eir-}]_s$ no português

(g) <[X_i-eira]_{sj} ↔ [AÇÃO REITERADA RELACIONADA A SEM_i]_{sj}>

Na Figura 167, apresenta-se a rede construcional de *X-eir-* no português, com os sete esquemas dominantes encontrados e todos os subesquemas relacionados.

Figura 167 – Representação esquemática das construções *X-eir-* do português



12.3 ANÁLISE CONSTRUCIONAL DE [X-ÁRI-]_N

O sufixo *-ári-*, no português, recebeu bem menos atenção que o *-eir-*. Se o desenvolvimento vulgar apresentou uma vastidão de descrições nas mais variadas perspectivas teórico-metodológicas, a quantidade de estudos sobre o desenvolvimento culto é bastante restrita. Para além de ligeiras menções nas gramáticas históricas de Nunes (1969) e Said Ali

(1964), há os trabalhos de Souza (2006), Viaro (2008), Simões Neto e Soledade (2015)³⁷⁷ e Tavares da Silva (2017).

Em relação à descrição de *-ário* nas gramáticas históricas, Simões Neto e Soledade (2015) destacam o fato de Nunes (1969) e Said Ali (1964) apresentarem-no de forma secundária em contraponto a *-eiro*. Quanto a Said Ali (1964), na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Simões Neto e Soledade (2015) mencionam que esse autor explica que,

[...] a partir de *-arius*, a trajetória do sufixo foi *ariu* > *airo* > *eiro*, em que *-airo* é uma forma intermediária atestada no período arcaico e que, em função do caráter erudito dos latinismos, tendeu a retomar forma *-ário*. A influência da erudição latinista é destacada pelo autor, em formações do português que retomam a norma latina, como *argentário*, *funcionário* e *fracionário*. São mencionados também os paralelismos de formas de mesma etimologia, como *operário* e *obreiro*, *ovário* e *oveiro* e *solitário* e *solteiro*. O último destaque dado nessa gramática é a formação de adjetivos, que o autor considera produtiva, exemplificando com *originário*, *plenário*, *precário* e *subsidiário*. Na descrição de Said Ali (1964), não há qualquer tratamento semântico sobre o *-ário*, ao passo que o *-eiro* é mais detalhado (SIMÕES NETO E SOLEDADA, 2015, p. 156, grifos dos autores).

Sobre Nunes (1969), no *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Simões Neto e Soledade (2015) destacam que esse autor

[...] aborda o *-ário* também de maneira secundária, em relação a *-eiro* e *-deiro*. O autor observa que os sufixos originados do latim *-ariu* veiculam acepções, como profissão, instrumento, lugar e aglomeração. Ao apresentar os exemplos, o autor divide em dois grupos: um para formações em *-eiro* e *-deiro* e outro para as formações em *-ário*. No primeiro grupo, há ainda três subgrupos: um para as formações em *-eiro*, sem diferenciações semânticas, o segundo para as formações em *-deiro*, sem detalhamentos também, e o terceiro para as formações em *-eiro* de agentes vegetais (*figueira*, *amendoeira*). No grupo de *-ário*, não há tratamentos semânticos, mencionando-se apenas exemplos como *vigário*, *armário*, *depositário*, *boticário*, *corsário*, *relicário* e *sagitário* (SIMÕES NETO E SOLEDADA, 2015, p. 156-157, grifos dos autores).

Na dissertação de mestrado *Formações X-ário no português do Brasil: um estudo sobre a produtividade lexical*, Souza (2006) une os pressupostos da morfologia gerativa lexicalista, de trabalhos como os de Aronoff (1976) e Basílio (1980), aos da morfologia diacrônica, como proposta por Joseph (1998). Quanto ao *corpus* de análise, a autora usa dados extraídos de revistas, jornais, dicionários e situações reais de interação em que uma palavra derivada com o sufixo apareça.

³⁷⁷ Esse trabalho foi desenvolvido à época do curso de mestrado, com dados que acabaram ficando de fora da dissertação, que só abordou a variante *-eir-*. As revisões apresentadas nesta subseção são, em geral, paráfrases e citações desse artigo.

Os grupos semânticos delimitados por Souza (2006) estão reproduzidos no Quadro 60, a seguir.

Quadro 60 – Grupos semânticos de X-ário conforme Souza (2006)

Grupo de afinidade semântica	Exemplos
Adjetivo	alfandegário, cambiário, hereditário, lendário, literário, necessário, prioritário, solidário
Agente circunstancial	adversário, estagiário, falsário, mesário, milionário, presidiário, universitário, voluntário
Agente profissional	aeroviário, bibliotecário, discotecário, empresário, ferroviário, operário, publicitário
Agente beneficiário	alugatório, comodatório, depositário, destinatário, indultário, locatário, testamentário
Classificador zoológico	antozoário, cnidário, entozoário, metazoário, parazoário, locustário
Locativo	antiquário, aquário, armário, confessionário, fraldário, minhocário, planetário, vestiário
Objeto	calendário, diário, dicionário, fichário, formulário, glossário, lampadário, refratário

Fonte: elaboração própria, com dados de Souza (2006).

Em relação aos grupos em definidos por Souza (2006), cabe destacar que, para a autora, somente o locativo pode ser considerado produtivo, levando-se em conta a potencialidade de gerar novas palavras na língua portuguesa. Além disso, a autora defende que o significado locativo é o primeiro acessado pelos falantes, quando se deparam com formações *X-ário*.

A categoria semântica de *classificadores zoológicos* é um ponto de divergência entre a análise de Souza (2006) e a que se empreende nesta seção e em toda a Tese, pois são formações oriundas do contexto científico, que foram excluídas da base de dados, como se explicou na seção de metodologia.

No artigo *Os sufixos -eiro e -ário: história de morfemas divergentes*, Viaro (2008) descreve a trajetória do sufixo *-ário* na língua portuguesa, a partir de palavras derivadas extraídas de Houaiss e Villar (2001) e sistematiza os significados atestados, as etimologias e as datações, a partir do próprio dicionário. A investigação está dividida em três recortes temporais: do português pré-literário ao português renascentista (séculos IX-XIV), do português

renascentista ao português moderno (séculos XV-XVIII) e português contemporâneo (séculos XIX e XX).

No Quadro 61, apresentam-se os dados de Viaro (2008) da fase que vai do português pré-literário até o renascentista, abrangendo o período que vai do século IX até o XIV.

Quadro 61 – O sufixo *-ário* do português pré-literário ao português renascentista

Significado/Valor	Substantivo	Adjetivo
diminutivo	igrejário	
local onde há	santuário, armário, igrejárrio	
objeto em que há muitos X	antifonário, breviário, questionário	
pessoa referente a X	proprietário, questionário	
preparado de X	eletuário	
que (ocorre em) X		calendário
que é de X		vestiário, ordinário, tributário,
que é X (valor redundante)		necessário, falsário
que está X		contrário
que está X		vigário, adversário
que recebe X		porcionário
que vale X		denário, ternário
que X todo Y		aniversário (que <i>volta todo ano</i>)
relativo a X		salário, vestiário

Fonte: Simões Neto e Soledade (2015, p. 159), adaptado de Viaro (2008, p. 2-4).

Sobre os dados que, aqui, foram reproduzidos no Quadro 61, Simões Neto e Soledade (2015) retomam as considerações de Viaro (2008) e sistematizam da seguinte maneira:

Viaro (2008) observa que o valor relacional que o *-ário*, certamente, já traz do *-arius* latino, serve de embrião para vários significados. A depender da base em que se adjunge, ele pode estender o seu significado. O autor dá como exemplo o caso de *questionário* em relação à base *questão*. Inicialmente, tinha valor relacional. Nesse caso, *relativo a questão*. Caso se adjunja a palavra a outra que designe pessoa, a leitura será de pessoa que faz questões. Por outro lado, se a palavra for adjungida a um objeto, será um objeto em que há muitas questões, como uma prova. Esses movimentos, segundo o autor, se ajustarão com a dinâmica própria da língua. Cabe ressaltar, desse primeiro quadro, que somente *igrejário* e *porcionário* são formas inovadoras do

português, sendo todas as outras heranças do latim (SIMÕES NETO E SOLEDADE, 2015, p. 159-160, grifos dos autores).

No Quadro 62, são apresentados os dados relativos à fase que vai do português renascentista até o moderno, abrangendo o momento que do século XV ao XVIII.

Quadro 62 – O sufixo *-ário* do português renascentista ao moderno

Significado/Valor	Substantivo	Adjetivo
abstrato	seminário	
conjunto de X	comentário, horário, mobiliário	
lugar de onde se X	promptuário	
objeto em que há X	aquário, dicionário, vocabulário	
profissão	aquário, imaginário, operário	
que age com X		voluntário
que é de X		extraordinário, plenário
que está (na sequência de) X		secundário, primário
que está em X		sumário
que vale X		centenário
relativo a X		imaginário, judiciário, veterinário, penitenciário, bancário, agrário, literário, horário, mobiliário, diário

Fonte: Simões Neto e Soledade (2015, p. 160), adaptado de Viaro (2008, p. 5-7).

Sobre os dados reproduzidos no Quadro 62, Simões Neto e Soledade (2015), a partir de Viaro (2008), destacam:

[O]bserva-se uma maior realização do significativo primitivo relacional do sufixo e um melhor tratamento do valor profissional e o destaque para o valor abstrato de *seminário*. Há uma presença destacável de palavras que chegam ao português por meio do francês, que começava a se desenvolver como língua de cultismo e prestígio internacional, tal qual o inglês é hoje (SIMÕES NETO E SOLEDADE, 2015, p. 160, grifo dos autores).

Os dados da última fase, a do português contemporâneo, que abrange os séculos XIX e XX, estão sistematizados no Quadro 63.

Quadro 63 – O sufixo *-ário* do português contemporâneo

Significado/Valor	Substantivo	Adjetivo
conjunto de X	vestuário, noticiário	
de que se tem X		usuário
local onde (ocorre) X	cenário	
pessoa a quem se X	destinatário, locatário	
pessoa que X	usuário	
profissão	monetário, empresário	
que está X		unitário, intermediário
relativo a X		beneficiário, monetário, ferroviário, imobiliário, revolucionário, sanitário, solidário, comunitário, universitário, documentário, publicitário, rodoviário, agropecuário

Fonte: Simões Neto e Soledade (2015, p. 161), adaptado de Viaro (2008, p. 7-9).

Diante das paráfrases e dos dados apontados por Viaro (2008), Simões Neto e Soledade (2015) se desfazem do detalhamento minucioso do autor e apresentam uma sistematização das categorias semânticas vistas nesse trabalho.

(i) *agente*: empresário, operário, imaginário, questionário, proprietário; (ii) *objeto*: antifonário, breviário, dicionário, vocabulário, aquário; (iii) *local*: cenário, santuário, armário, igrejarío; (iv) *coletivo*: comentário, horário, mobiliário, vestuário, noticiário; e (v) *adjetivo relacional*: imaginário, judiciário, penitenciário, agrário, literário, horário, mobiliário, diário, monetário, ferroviário, imobiliário, revolucionário, solidário, comunitário, universitário, documentário, publicitário, rodoviário, agropecuário (SIMÕES NETO E SOLEDADA, 2015, p. 161, grifos dos autores).

No artigo *Um enfoque da morfologia construcional sobre as formações X-ário no português arcaico*, Simões Neto e Soledade (2015) trabalharam com dados extraídos do *Corpus Informatizado do Português Medieval*. Ao todo, analisaram 514 realizações de 58 palavras derivadas em *X-ário* e *X-airo*. Dessas 58, 18 são adjetivos relacionais. Vejam-se os comentários dos autores:

As instanciações de valor relacional representam 18 das 58 ocorrências (*arbitraria, extra-ordenario ~ extraordinário, hereditária, hordenairos ~ ordinários, ãediario, involuntárias, leigario ~ leigaryo, mundairas ~ mumdayras, caluario, necessaria ~ necessário, penitenciarío, reliquairio, segundario ~ segundarios, selario, solitaria ~ solitário, temerário, ternário, voluntario*). Em algumas delas, o emprego como modificador (MOD) pode causar estranhamento ao falante atual, uma vez que são formas usualmente empregadas como núcleos de sintagmas nominais (NSN), como

por exemplo, *calvário*, que aparece como modificador de *monte* e *reliquário* (relicário) que ocorre como modificador de *santo*, apresentando o sentido de ‘precioso, de grande valor’. Essas ocorrências, no entanto, reforçam o caráter central das instanciações relacionais que, por sua vez, já apresentam embriões de outras noções que irão integrar a rede polissêmica desse formativo, por exemplo, o valor agentivo já se pode antever em instanciações como *ternário* (‘que herda a terça parte’) e *voluntário* (‘que não age por obrigação’), ou ainda a noção de quantidade embutida em *selário* (‘quantia/taxa paga pelo selo’), ou por exemplo, o valor locativo que já se antecipa em *solitária* (çella solitaria) (SIMÕES NETO E SOLEDADE, 2015, p. 164).

Na leitura de Simões Neto e Soledade (2015), os agentes totalizaram 23 realizações, podendo ser dos seguintes tipos: profissionais, habituais, circunstanciais e beneficiários. Nesse sentido, o trabalho dos autores retoma as categorias de Souza (2006). Vejam-se os exemplos encontrados, com comentários de Simões Neto e Soledade (2015).

As instanciações de um subesquema agentivo também se revelaram bastante produtivas nos dados analisados, contabilizando um total de 23 palavras (*adversario* ~ *adversairo* ~ *aversario* ~ *averssairo*, *ceroferario*, *comendatário*, *compromisario*, *correlarios*, *domaayros*, *falsario* ~ *falsayro*, *hostiário*, *hũquentayro*, *notario* ~ *notayro*, *prisioneiros*, *proprietário*, *secretario* ~ *secretario*, *solicitario*, *terçenairo*, *uestiayro* ~ *vistiario*, *vicayro* ~ *vigayro*, *vsufructuarya*, *cõcubinario* ~ *concobinario* ~ *concubinário*, *ordenaria* ~ *ordinayro* ~ *ordinário*, *trebutarios* ~ *tributário*, *vsorario* ~ *vsurario*, *boticairos* ~ *buticayro*). Há que se considerar, contudo, aspectos variantes entre os tipos de agentes, pois podemos encontrar uma natureza agentiva que implica uma habitualidade em relação aquilo que se pratica (p. ex.: *falsário*, *usurário*, *tributário*), bem como um caráter eventual/circunstancial da agentividade (p. ex.: *prisioneiro*, *proprietário*), por sua vez, instanciações desses subesquemas ainda podem apresentar uma noção de agente beneficiário (p. ex.: *usufrutuário*, *tercenário*) ou ainda de um agente profissional (p. ex.: *boticário*, *corsário*, *vestiário*, *vigairo*, *domaayro*, *notário*, *ostiário*, *ceroferário*) (SIMÕES NETO E SOLEDADE, 2015, p. 165, grifos dos autores).

Sobre os OBJETOS, Simões Neto e Soledade (2015) observam a realização de 14 instanciações desse esquema dominante no português:

Há ainda, nos dados analisados, 14 instanciações que podem ser descritas como objetos (*antifanario*, *bribiario*, *calandairo* ~ *kallemdairo*, *capitulayro*, *cartairos* ~ *cartarios*, *ẽuentayro* ~ *jnuentario*, *lycionayro*, *octauayros* ~ *octauairos*, *rosairo*, *sodayro* ~ *ssudayro*, *penitenciairo* ~ *penitenciários*, *ssumayro* ~ *sumario*), ainda que algumas apresentem um caráter fronteiro entre objeto e lugar (*almario*, *cossairo* ~ *corsário*) (SIMÕES NETO E SOLEDADE, 2015, p. 166, grifos dos autores).

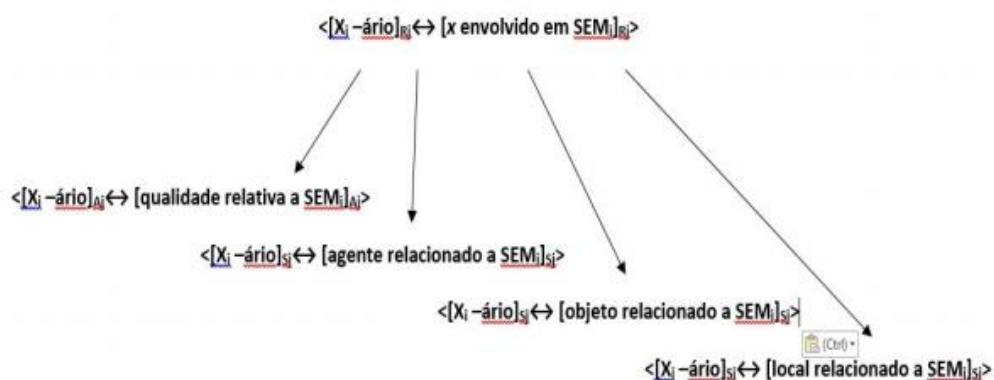
O último esquema dominante encontrado por Simões Neto e Soledade (2015) com *X-ário* no PA foi o de locativos. Foram cinco as palavras categorizadas com esse significado.

As instanciações em *-ário* ainda apresentaram no português arcaico a possibilidade de realizarem a noção de local, revelando-se em 5 palavras distintas (*campanairo*, *fossario*, *sacrario* ~ *sagrario*, *santuاريو* ~ *santuários*, *solayro* ~ *solairo*). Assim, como

o esquema de objeto, os locativos, em geral, também podem apresentar uma polissemia produtiva, por exemplo: ‘lugar onde existe grande quantidade da base’, ‘lugar onde existe a base’, ‘lugar onde se pratica uma atividade relacionada a base’ e ainda ‘local relacionado a base’. Nos exemplos encontrados podemos verificar, três sentidos distintos: 1) em *fossario* ‘onde existem muitos fossos, cemitério’ e *sacrário* ‘onde se guardam os objetos sagrados’, tem-se o valor descrito como ‘lugar onde existe grande quantidade da base’; 2) em *campanario* ‘torre da igreja onde fica o sino (campana)’, tem-se a noção de ‘lugar onde existe a base’ e 3) em *santuário* ‘altar, lugar sagrado’ e *solairo* ‘terraço sobre as casas, parte mais exposta ao sol’, identifica-se a noção de ‘local relacionado a base’. Pode-se, contudo, entender que esses sentidos estão relacionados entre si, num crescendo de especificação, i.e., existe uma relação de conteúdo-contendor (SIMÕES NETO E SOLEDADE, 2015, p. 167, grifos dos autores).

Ao final do trabalho, Simões Neto e Soledade (2015) propõe uma rede construcional do funcionamento do sufixo no período arcaico. Note-se que, na rede (reproduzida na Figura 168, a seguir), não há especificação da base em nenhum dos esquemas dominantes. A rede não especifica a categoria do esquema geral, fazendo isso apenas nos esquemas dominantes. Assim, os autores unem os derivados adjetivos e substantivos, medida que se adotou nesta Tese.

Figura 168– Representação esquemática das construções *X-ário* no português arcaico



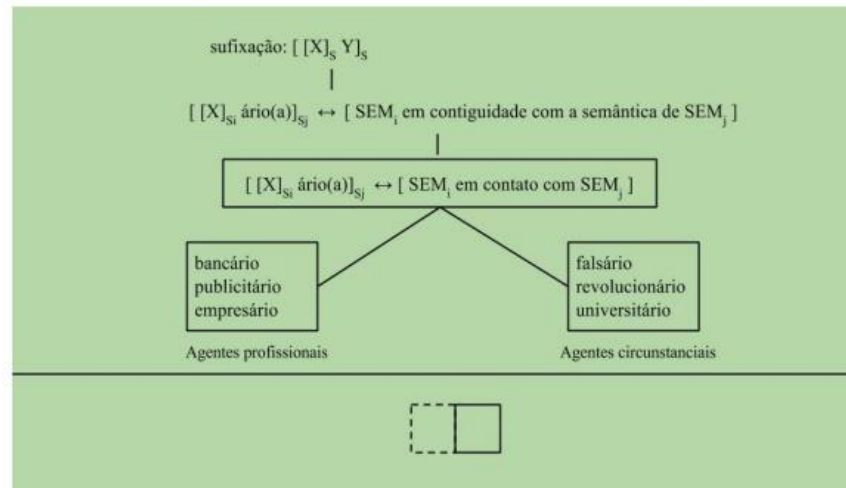
Fonte: Simões Neto e Soledade (2015, p. 168).

A última leitura vista sobre o sufixo *-ário* foi a de Tavares da Silva (2017), na sua já mencionada tese de doutorado. Mais uma vez, o autor separa os grupos agentivos e não agentivos. Sobre as formações agentivas com *-ário*, Tavares da Silva (2017) faz a seguinte síntese:

- a) são formadas por bases predominantemente abstratas;
- b) o produto, por sua vez, é um substantivo concreto; e
- c) a relação entre as entidades envolvidas (a designada pela base e pelo produto) é de contato, caracterizada pelo contato direto entre a entidade agente e a entidade designada pela base;
- d) por se tratar de construções agentivas, o domínio envolvido é o das ações/eventos/processos (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 145).

Tavares da Silva (2017) menciona que, diferentemente da relação que se observa entre profissionais e habituais em *X-eiro*, com profissionais e **circunstanciais** em *X-ário*, é mais difícil propor uma herança por polissemia, optando, assim, por desenvolvimentos independentes, como se vê na Figura 169.

Figura 169 – Rede polissêmico-construcional de agentivos *X-ário*



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 145).

A questão do paralelismo entre *X-eiro* e *X-ário*, no que toca às relações entre agentes profissionais, habituais e circunstanciais, é resumida por Tavares da Silva em um quadro, aqui reproduzido na Figura 170.

Figura 170 – Aspectos semântico-pragmáticos de agentivos *X-eiro* e *X-ário*

Construções agentivas <i>X-eiro</i> e <i>X-ário</i> : puxando o significado para baixo		
	$[[X]_{si} \text{ eiro}]_{sj}$	$[[X]_{si} \text{ ário}]_{sj}$
	Se prestam à função discursiva	Não se prestam à função discursiva
Profissionais	1. Profissões pontuais, marcadas pelo caráter mais manual, menos especializado e mais prático. 2. Menor prestígio social	1. Profissões não pontuais e de caráter mais genérico, marcadas também por certo grau de especialização do agente 2. Maior prestígio social
Habituais	1. atividade marcada pela habitualidade 2. valor negativo/pejoratividade	Circunstanciais
		1. atividade marcada pela circunstancialidade/transitoriedade 2. caráter neutro

Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 147).

Quanto aos não agentivos, Tavares da Silva (2017) os divide em locativos e objetos. Sobre a primeira categoria, a dos locativos, o autor comenta:

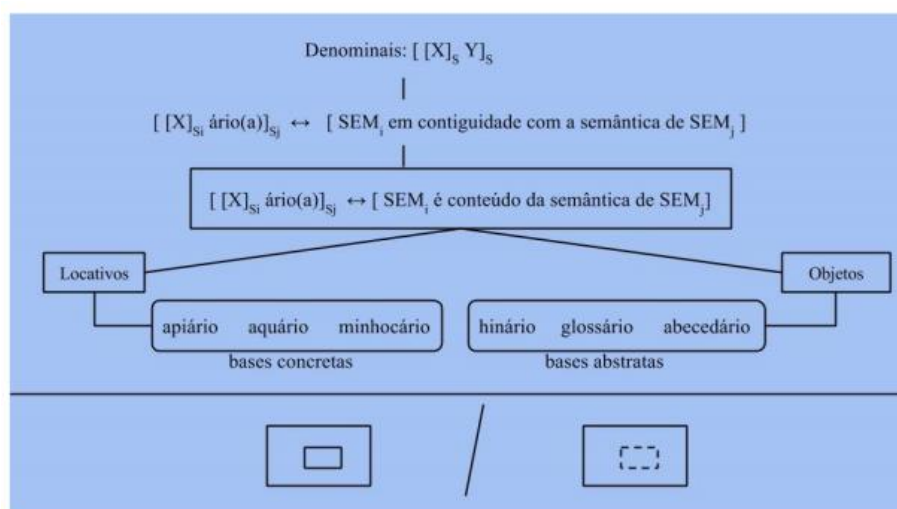
O fato de os locativos serem todos substantivos concretos que designam entidades físicas e estáticas é argumento suficiente para se afirmar que o domínio que ancora essas construções é o material/espacial. Em se tratando do EI envolvido, a maior parte dos locativos de base concreta remete a contêineres incontestes ('aquário', 'armário', 'hostiário'). Há, porém, alguns casos que parecem transitar numa zona intermediária entre contenção e contato ('bicicletário', 'berçário'). Já os de base abstrata não configuram contêineres, atuando muito mais numa zona entre contato e adjacência ('cenário', 'confessionário') (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 147-148).

Em relação aos objetos *X-ário*, Tavares da Silva (2017) entende que eles se caracterizam por um esquema imagético de contenção, uma vez que

[...] em todas as palavras está presente (em maior ou menor grau) a noção de “conjunto de X” (o glossário é o conjunto de glossas; o anuário é o conjunto das atividades que ocorreram durante o ano). Todas as palavras desse grupo são substantivos concretos que designam objetos físicos e estáticos, o que justifica dizer que o domínio envolvido é o espacial/material (TAVARES DA SILVA, 2017, p. 148).

Ao final, Tavares da Silva (2017) apresenta também uma rede polissêmica dos não agentivos com *X-ário*, mesclando aspectos construcionais e relacionados aos esquemas imagéticos. Essa rede está reproduzida na Figura 171.

Figura 171 – Rede polissêmico-construcional de não agentivos *X-ário*



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 148).

Encerradas as revisões dos trabalhos encontrados sobre o sufixo *-ário*, chega-se, agora, à análise proposta nesta Tese, começando pelo esquema de ADJETIVOS, que apresentou um

total de 380 realizações, que distribuíram em três subesquemas, como se pode ver na Tabela 76.

Tabela 76 – Distribuição percentual dos subesquemas de adjetivos *X-ári-* no português

Categorias de adjetivos	Frequência	Percentual (%)
Relativos	324	85,26
Ressaltados	54	14,21
Gentílicos	2	0,53

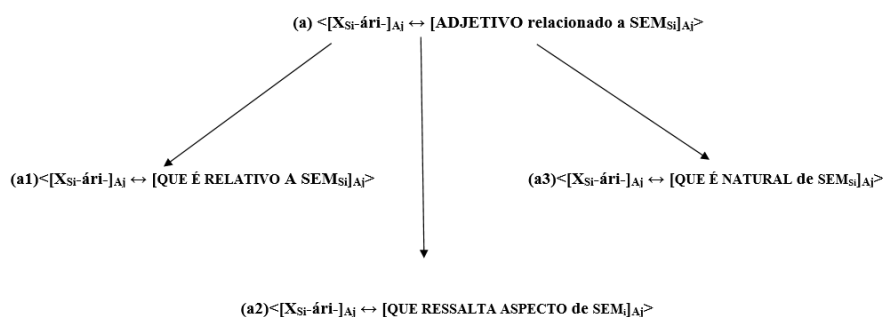
Entre as instanciações de ADJETIVOS RELATIVOS, estão: *abecedário* (POR2163: relativo ou pertencente ao alfabeto), *acidentário* (POR2165: acidental), *acionário* (POR2166: relativo à ação), *adagiário* (POR2168: relativo a adágio), *ambulacrário* (POR2181: relativo ao ambulacro), *antenário* (POR2186: antenal), *aquário* (POR2193: aquático), *asinário* (POR2203: asinal), *binário* (POR2231: que tem dois elementos), *bustuário* (POR2238: relativo às fogueiras ou aos túmulos), *caducário* (POR2240: relativo ao que é caduco), *carcerário* (POR2254: referente a cárcere), *cinerário* (POR2273: relativo às cinzas), *conciliário* (POR2290: conciliar), *culinário* (POR2317: relativo à cozinha), *dentário* (POR2326: referente a dentes), *discricionário* (POR2339: relativo à discricção), *elementário* (POR2352: elementar), *estagiário* (POR2373: relativo a estágio), *estrelário* (POR2381: em forma de estrela), *ferroviário* (POR2399: relativo a ferrovias), *fontanário* (POR2407: fontanal), *hipofisário* (POR2439: relativo à hipófise), *igualitário* (POR2448: relativo ao igualitarismo), *legionário* (POR2484: relativo à legião), *leguminário* (POR2486: referente a legumes), *manuário* (POR2510: manual), *minerário* (POR2529: mineral), *olivário* (POR2565: olivar), *parasitário* (POR2583: relativo aos parasitas), *plaquetário* (POR2610: relativo a plaquetas), *rodoviário* (POR2669: relativo a rodovias), *saponário* (POR2677: que contém sabão na sua composição), *semanário* (POR2685: semanal), *suntuário* (POR2715: relativo a gastos e despesas), *tarifário* (POR2722: relativo à tarifa), *tubário* (POR2746: relativo à tuba) e *urinário* (POR2761: relativo à urina).

Como dados de RESSALTADOS, são vistos: *arbitrário* (POR2195: que é abusivo, despótico, violento), *atrabiliário* (POR2204: colérico, irascível), *autoritário* (POR2209: impositivo, ditatorial), *consuetudinário* (POR2299: que se pratica repetidamente, como um costume; usual, costumeiro, habitual), *deficitário* (POR2321: em que há déficit, em que falta alguma coisa), *extorsionário* (POR2389: extorsivo), *frutuário* (POR2414: proveitoso, frutífero), *habitudinário* (POR2425: incorrigível), *hilário* (POR2437: hilariante), latitudinário

(POR2479: de grande extensão, largo, vasto), *luxuário* (POR2504: luxuoso), *ordinário* (POR2572: comum, vulgar, de pouco destaque), *precário* (POR2619: insuficiente, escasso), *reacionário* (POR2649: antidemocrático), *sanguinário* (POR2674: cruel, feroz), *suntuário* (POR2715: suntuoso), *superavitário* (POR2716: em que há superávit), *tumultuário* (POR2749: feito às pressas, improvisado) e *valetudinário* (POR2770: que é de constituição física débil, doentia).

O último subesquema de adjetivos foi o de GENTÍLICOS, cujas únicas realizações foram: *mercedário* (POR2521: que é natural de Santa Mercedes-SP) e *trinitário* (POR2743: que é natural de Trindade e Tobago). Esses dois exemplos apareceram nos dados do espanhol, porém o *mercedario* (ESP2603) tomava como base outra localidade chamada Mercedes. A Figura 172 apresenta a representação esquemática desse grupo no português.

Figura 172 – Esquema dominante de adjetivos e os seus subesquemas no *X-ári-* no português



Entre os substantivos formados com *X-ári-*, o esquema de AGENTES teve 302 instâncias, que se dividiram em seis subesquemas, como se pode ver na Tabela 77.

Tabela 77 – Distribuição percentual dos subesquemas de agentes *X-ári-* no português

Categorias de agentes	Frequência	Percentual (%)
Profissionais	125	41,39
Habituais	65	21,52
Beneficiários	52	17,22
Circunstanciais	47	15,56
Experienciadores	8	2,65
Vegetais	5	1,66

O subgrupo mais produtivo foi o de PROFISISONAIS. Alguns dos exemplos foram: *aeroportuário* (POR2171: aquele que trabalha em aeroporto), *aeroviário* (POR2172: aquele que trabalha em empresa de navegação aérea), *atuário* (POR2208: entre os antigos romanos, escriba que redigia as atas do senado), *aviculário* (POR2214: avicultor), *bibliotecário* (POR2225: aquele que administra uma biblioteca), *boticário* (POR2232: farmacêutico), *bustuário* (POR2239: artesão que se especializou em fazer bustos), *cerimoniário* (POR2270: clérigo encarregado da organização e direção dos ofícios litúrgicos), *comerciário* (POR2281: indivíduo que trabalha no comércio), *cubiculário* (POR2325: servo do quarto), *depositário* (POR2327: aquele que recebe e guarda um depósito), *diamantário* (POR2332: o que negocia com diamantes), *discotecário* (POR2338: indivíduo responsável pela organização e/ou administração de uma discoteca), *economiário* (POR2350: funcionário da Caixa Econômica Federal), *ervatário* (POR2368: indivíduo que, nas matas, colhe ervas medicinais para vendê-las), *ferroviário* (POR2399: aquele que trabalha em ferrovia), *fundibulário* (POR2417: na antiga milícia, aquele que combatia com a funda), *listário* (POR2495: feitor responsável pelo registro do número e peso dos diamantes achados), *luciferário* (POR2500: aquele que leva a lanterna, um facho de luz, em procissões), *mansuetário* (POR2509: na Roma Antiga, domador e/ou domesticador de animais), *notário* (POR2549: indivíduo responsável pela elaboração de documentos públicos; tabelião), *paratitlário* (POR2584: redator de paratitulos), *previdenciário* (POR2625: funcionário de instituto de previdência), *quadrigário* (POR2637: aquele que conduz a quadriga), *secretário* (POR2678: aquele que anota as deliberações de uma assembleia), *silenciário* (POR2701: no Baixo Império Romano, o encarregado de manter os escravos em silêncio), *urbanitário* (POR2760: empregado de empresa pública ou privada de serviços urbanos, como limpeza de ruas e saneamento básico) e *vitimário* (POR2785: sacerdote que realizava a imolação das vítimas).

Entre os HABITUAIS, aparecem: *abigeatário* (POR2164: indivíduo que pratica o abigeato; ladrão de gado), *antiquário* (POR2188: indivíduo que coleciona antiguidades), *caudatário* (POR2260: pessoa que não possui opinião, pensamento, princípios ou estilo próprio), *concepcionário* (POR2288: defensor do dogma da concepção imaculada da Virgem Maria), *doutrinário* (POR2347: aquele que se prende estreitamente a uma doutrina, a uma opinião, a princípios imutáveis e absolutos), *estelionatário* (POR2378: indivíduo que pratica estelionato), *extorsionário* (POR2389: aquele que pratica extorsão), *frascário* (POR2413: aquele que é libertino, leviano, devasso), *libertário* (POR2492: partidário do anarquismo), *medalhário* (POR2516: pessoa que coleciona medalhas), *onzenário* (POR2566: indivíduo que pratica onzena; usurário, agiota), *panfletário* (POR2581: quem apoia com radicalismo uma

ideia, um movimento, uma utopia, uma doutrina), *plagiário* (POR2608: indivíduo que comete plágio; plagiador), *religionário* (POR2658: sectário de uma religião), *totalitário* (POR2740: adepto do totalitarismo) e *voltário* (POR2788: Indivíduo cuja opinião, ponto de vista ou sentimento muda com facilidade).

Os BENEFICIÁRIOS com *-ário* tiveram exemplos como: *abandonatário* (POR2160: aquele que passa a usufruir os bens ou direitos renunciados pelo abandonador), *abdicatário* (POR2161: aquele em favor de quem se abdicou), *adjudicatário* (POR2169: aquele em favor de quem se adjudica algo), *alienatário* (POR2176: aquele em favor de quem se transfere posse ou propriedade de algo), *beneficiário* (POR2220: o que goza de uma vantagem, favor ou direito atribuídos por lei ou facultados por alguém), *cessionário* (POR2272: aquele que se beneficia ou é o adquirente de certa cessão), *concessionário* (POR2289: pessoa a quem é feita uma concessão), *delegatário* (POR2323: pessoa em favor de quem é feita uma delegação), *distributário* (POR2341: aquele que recebeu alguma coisa através de uma distribuição), *endossatário* (POR2359: aquele em favor de quem o título é endossado), *legitimário* (POR2485: herdeiro quem cabe a legítima), *pensionário* (POR2600: pessoa que recebe uma pensão), *promissário* (POR2630: indivíduo em favor do qual se faz uma promessa), *reservatário* (POR2660: herdeiro que não pode legalmente ser excluído de uma sucessão), *resignatário* (POR2662: aquele em favor de quem se resignou um ofício ou um benefício), *tercenário* (POR2730: aquele que recebe a terça parte de uma herança) e *usufrutuário* (POR2765: titular do direito de usufruto).

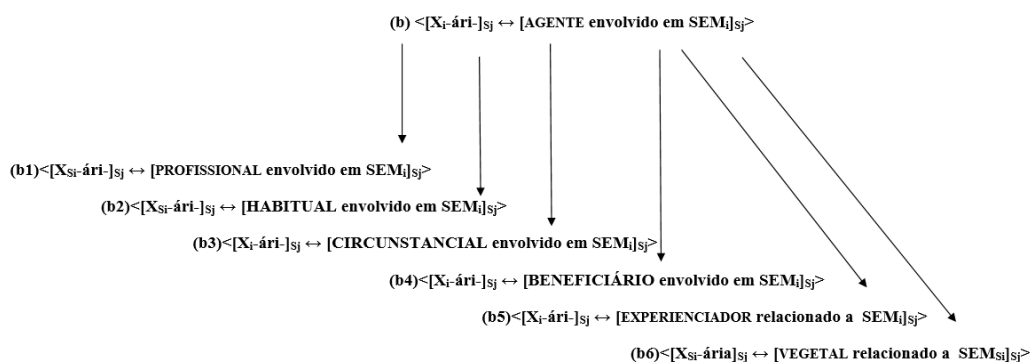
No rol dos CIRCUNSTANCIAIS, estão: *abdicatário* (POR2161: aquele que abdica; abdicador), *adversário* (POR2170: competidor, concorrente, rival), *alugatário* (POR2178: aquele que toma residência ou loja, de aluguel; inquilino), *caucionário* (POR2259: aquele que concede empréstimo sob caução), *concordatário* (POR2292: comerciante insolvente que pediu concordata), *contestatário* (POR2300: indivíduo que contesta, que põe em causa a ordem social), *demissário* (POR2324: quem se demitiu), *destinatário* (POR2330: aquele a quem se envia algo), *intermediário* (POR2464: mediador), *locatário* (POR2498: inquilino), *mesário* (POR2524: no período de eleição, indivíduo que fiscaliza e dirige os trabalhos relativos à votação numa seção eleitoral), *pactuário* (POR2579: quem faz pacto ou contrato com outrem), *peticionário* (POR2604: aquele que formula a petição), *refendário* (POR2654: aquele que referenda) e *retardatário* (POR2663: aquele que chega com atraso).

Entre os EXPERIENCIADORES, estão: *convulsionario* (POR2303: aquele que sofre convulsões), *dicionário* (POR2336: pessoa vista como repositório de extensos conhecimentos, de informações de ordem cultural, social), *ervanário* (POR2367: aquele que conhece ervas

medicinais), *hemorroidário* (POR2429: aquele que sofre de hemorroidas), *proletário* (POR2629: na antiga Roma, cidadão da última classe social, que não pagava impostos e era considerado útil apenas pelos filhos que gerava), *quartanário* (POR2640: quem padece de febre quartã), *sedentário* (POR2682: aquele que tem moradia fixa) e *tercionário* (POR2732: quem padece de febre terçã).

Por o último, aparecem os AGENTES VEGETAIS. Os dados encontrados são: *abecedária* (POR2162: agrião-do-pará; jambu), *candelária* (POR2249: rosa-grega), *cotonária* (POR2309: gnafálio), *cravoária* (POR2310: craveiro-da-índia) e *vermiculária* (POR2772: pão-de-pássaros). Das línguas analisadas, o português foi a única em que se viram designações de árvores e outras plantas por meio do sufixo culto *-ário*. Cabe destacar que não se trata de realizações referentes ao latim científico, como seria, por exemplo, uma forma como *araucária*. São formas criadas na própria língua, tomando em alguns casos formas eruditas. Vale mencionar também que essas designações não seguem o padrão prototípico de plantas frutíferas ou floríferas. Em linhas gerais, são designações esporádicas, advindas de metáfora ou metonímia. Ressalte-se o fato de que todas as formas são femininas. A Figura 173 traz a esquematização do grupo de AGENTES com o português X-ário.

Figura 173 – Esquema dominante de agentes e os seus subesquemas no X-ári- no português



No esquema dominante de substantivos LOCATIVOS, foram vistas 59 instanciações, que se dividiram em dois subesquemas, como se pode ver na Tabela 78.

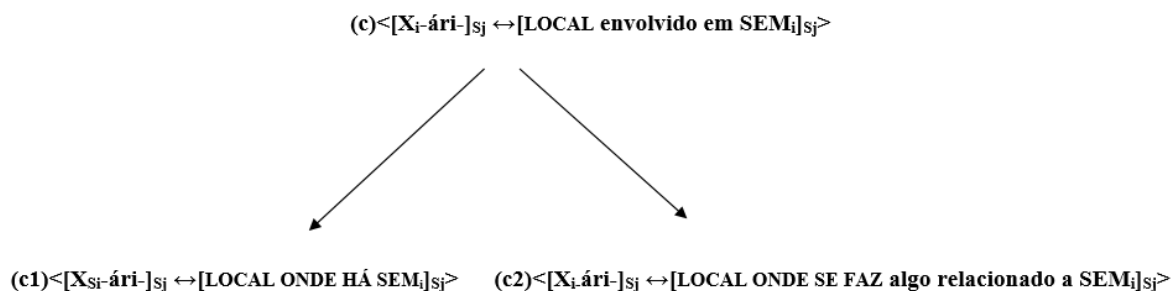
Tabela 78 – Distribuição percentual dos subesquemas de locativos X-ári- no português

Categorias de locativos	Frequência	Percentual (%)
Lugar onde há	43	72,88
Lugar onde se faz	16	27,12

No rol dos locativos do tipo ONDE HÁ, estão: *alveário* (POR2180: colmeia, ninho de abelhas), *apiário* (POR2191: local destinado à criação de abelhas), *aquário* (POR2193: construção, geralmente encontrada em jardim zoológico ou viveiro, constituída por reservatórios aquáticos guarnecidos de mostruários de vidro), *argentário* (POR2198: lugar onde se guarda a baixela de prata), *aviário* (POR2213: viveiro de aves), *berçário* (POR2221: nas maternidades e hospitais, dependência ou seção onde ficam os berços das crianças recém-nascidas), *bestiário* (POR2224: área do circo romano onde se recolhiam as feras), *cinerário* (POR2273: jazigo, sepultura), *educandário* (POR2351: estabelecimento que recebe educandos), *fossário* (POR2409: terreno onde se enterram cadáveres humanos), *herbário* (POR2431: local que abriga essa coleção de plantas ou ervas dissecadas), *leprosário* (POR2490: hospital onde se isolam e são tratados hansenianos), *minhocário* (POR2530: lugar onde se criam minhocas), *oviário* (POR2578: local onde se guardam e se tratam ovelhas), *ranário* (POR2648: viveiro de rãs) e *serpentário* (POR2694: viveiro de cobras para experiências com seus venenos e preparação dos soros antiofídicos).

Como exemplos do segundo tipo, LUGAR ONDE SE FAZ, aparecem: *acipitrário* (POR2167: armadilha para ave de rapina), *balneário* (POR2215: local público destinado a banhos), *caldário* (POR2242: na Roma Antiga, sauna onde se tomavam banhos quentes), *confessionário* (POR2295: local, nas igrejas católicas, reservado às confissões), *enxertário* (POR2361: terreno onde se fazem enxertias), *fraldário* (POR2412: local público com instalação especial para a troca de fraldas de crianças), *lactário* (POR2470: instituição de assistência à lactente), *penitenciária* (POR2598: estabelecimento em que, sob sistema penitenciário, se recolhem as pessoas condenadas a penas de privação da liberdade, para que ali as cumpram), *quarentenário* (POR2639: local destinado a quarentena), *sepulcrário* (POR2690: terreno usado para sepultamentos) e *solitária* (POR2708: cela penitenciária onde é isolado um detento rebelde ou violento, como castigo ou medida de precaução).

A seguir, a Figura 174 esquematiza o comportamento polissêmico dos locativos instanciados por X-ári-.

Figura 174 – Esquema dominante de locativos e os seus subesquemas no *X-ári-* no português

Os OBJETOS formados pelo esquema *X-ári-* somaram 72 casos encontrados na base de dados desta Tese. A Tabela 79 mostra como esse total se dividiu entre os cinco subesquemas encontrados.

Tabela 79 – Distribuição percentual dos subesquemas de objetos *X-ári-* no português

Categorias de objetos	Frequência	Percentual (%)
Utensílios	41	56,94
Recipientes	13	18,06
Uso pessoal	7	9,72
Máquinas	6	8,33
Instrumentos	5	6,94

Os UTENSÍLIOS foram o subesquema mais produtivo dos OBJETOS. Entre as instanciações, aparecem: *antifonário* (POR2187: livro de coro que contém as antífonas, notadas em caracteres de cantochão), *bestiário* (POR2223: compilação medieval de narrativas alegóricas e morais sobre animais fabulosos ou reais), *calendário* (POR2243: impresso em que se indicam os dias, as semanas e os meses do ano), *cartorário* (POR2255: livro de registros de documentos públicos ou cartas, títulos, escrituras, certidões), *claviculario* (POR2275: quadro ou móvel onde se penduram chaves), *diário* (POR2335: livro comercial em que se registram, dia a dia, todas as operações do comerciante), *evangeliário* (POR2384: livro litúrgico que reúne os Evangelhos lidos pelos padres nas missas diárias), *lecionário* (POR2481: livro que contém os textos a serem lidos na missa), *monetário* (POR2537: livro que contém gravuras de moedas), *obituário* (POR2558: livro, existente em certas igrejas, que contém uma lista de mortos), *talonário* (POR2721: talão), *textuário* (POR2738: livro constituído apenas de texto, sem notas

explicativas nem comentários) e *velário* (POR2771: na Antiguidade, toldo com que eram cobertos os circos e anfiteatros construídos a céu aberto).

O segundo subesquema mais produtivo foi o de RECIPIENTES. Alguns exemplos foram: *aquário* (POR2193: reservatório artificial de água, geralmente de vidro e de pequeno porte, destinado à criação de plantas e/ou animais aquáticos), *atramentário* (POR2205: recipiente onde se guardava o atramento), *cinerário* (POR2273: caixão mortuário), *fichário* (POR2401: gaveta, pasta ou móvel onde se colecionam e guardam fichas), *hostiário* (POR2444: recipiente onde se guardam as hóstias), *incensário* (POR2454: objeto de metal onde se queimam os incensos), *lampadário* (POR2472: grande castiçal ou candelabro que sustinha diversas lâmpadas), *oceanário* (POR2561: aquário de grandes dimensões em que se preservam espécimes marinhos), *relicário* (POR2657: caixa, cofre, lugar próprio para guardar relíquias), *sanitário* (POR2675: vaso sanitário), *terrário* (POR2734: reservatório artificial, provido de terra, saibro, rochas, plantas para criação de pequenos répteis, roedores ou artrópodes) e *urnário* (POR2762: aparador sobre o qual se depositavam vasos de água).

Como exemplos de OBJETOS DE USO PESSOAL, aparecem: *corolário* (POR2304: coroa de folhas de ouro que era oferecida aos grandes atores, como reconhecimento e celebração de seu talento artístico), *corsário* (POR2306: calça que se estende em comprimento até o meio da perna), *escapulário* (POR2369: faixa de tecido que frades e freiras de algumas ordens religiosas usam pendentes sobre o peito), *orário* (POR2569: entre os antigos romanos, espécie de lenço us. para limpar o rosto), *pessário* (POR2603: utensílio de flexibilidade variável, usado para conter órgãos pélvicos, como o útero), *sudário* (POR2713: pano com que antigamente se limpava o suor) e *velário* (POR2771: pano de boca).

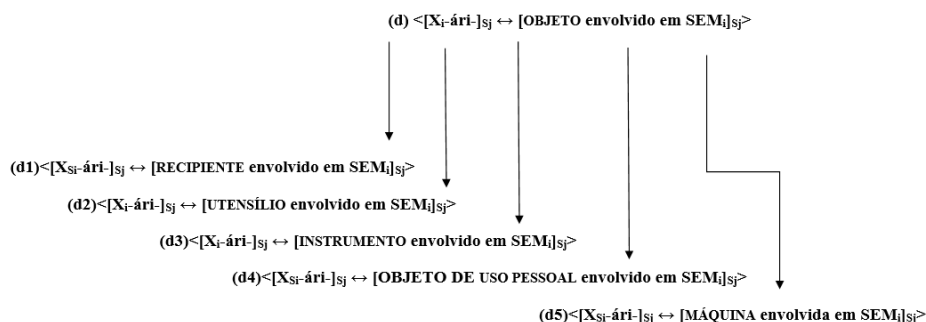
Entre as MÁQUINAS, os exemplos são: *atuária* (POR2206: embarcação semelhante ao bergantim, que não tinha cobertura, navegava a vela e com uma única ordem de remos), *corsário* (POR2306: navio que faz o curso), *lampadário* (POR2472: aparelho de grandes dimensões, próprio para iluminar), *luminária* (POR2502: aparelho de iluminação que queima combustível e permite regular a distribuição da luz), *parlamentário* (POR2588: navio que conduz quem vai parlamentar com o inimigo) e *planetário* (POR2609: maquinário que se destina a reproduzir o movimento dos astros na esfera celeste).

Por último, os INSTRUMENTOS tiveram cinco realizações, entre as quais: *angulário* (POR2183: instrumento destinado a medir ângulos), *enxertário* (POR2361: tipo de troça que atraca, com folga, as vergas aos seus mastaréus, mantendo-as na posição horizontal, mesmo nas manobras de içar e arriar), *herniário* (POR2434: instrumento cirúrgico para a contenção ou tratamento das hérnias), *lapidário* (POR2474: instrumento próprio para polir diamantes, pedras

preciosas, peças de relojoaria)e *silabário* (POR2537: livro elementar onde as palavras são decompostas em sílabas e em que as crianças aprendem a ler).

A Figura 175 apresenta a síntese do esquema dominante de OBJETOS derivados com -*ári-*.

Figura 175 – Esquema dominante de objetos e os seus subsquemas no *X-ári-* no português



O esquema dominante de QUANTIDADES teve um total de 58 realizações, que se ramificaram em quatro subsquemas, como se pode ver na Tabela 80, a seguir.

Tabela 80 – Distribuição percentual dos subsquemas de quantidade *X-ári-* no português

Categorias de quantidade	Frequência	Percentual (%)
Coletivos	52	51,22
Quantias	4	2,44
Excesso	1	42,28
Unidades de medida	1	1,62

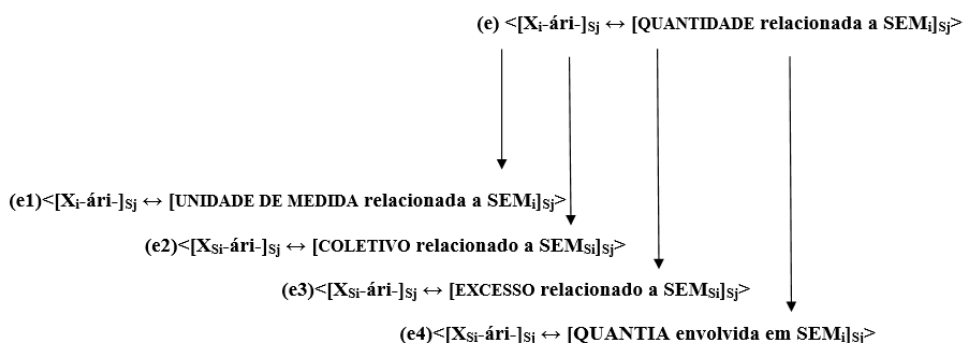
Os COLETIVOS mostraram-se, disparadamente, o subsquema mais produtivo. Alguns dos exemplos são: *abecedário* (POR2163: alfabeto), *adagiário* (POR2168: coleção de adágios), *bestiário* (POR2223: conjunto de obras de arte que retratam animais), *bulário* (POR2237: coleção de bulas papais), *dicionário* (POR2336: compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua), *epistolário* (POR2364: compilação de epístolas), *exemplário* (POR2386: conjunto de exemplos), *fabulário* (POR2394: coleção de fábulas), *hinário* (POR2438: coleção de hinos), *ideário* (POR2446: conjunto das ideias principais de um autor, de uma doutrina, movimento ou partido), *igrejário* (POR2447: conjunto de igrejas duma diocese ou circunscrição eclesiástica), *maquinário* (POR2511: conjunto de máquinas), *maximário* (POR2515: coleção de máximas), *noticiário* (POR2550: reunião de notícias), *oviário* (POR2578: rebanho de ovelhas), *preçário* (POR2620: lista de preços), questionário

(POR2642: compilação ou série de questões), *receituário* (POR2651: conjunto de receitas prescritas pelo médico no decurso de uma doença), *silabário* (POR2700: conjunto de signos de uma escrita silábica), *vestuário* (POR2775: conjunto das peças de vestir), *vizindário* (POR2786: conjunto das pessoas que moram nas proximidades de algum lugar; vizinhança) e *vocabulário* (POR2787: conjunto dos vocábulos de uma língua; léxico).

O subesquema QUANTIA teve quatro instanciações. São elas: *belisária* (POR2218: quantia que o jogador que está com sorte dá ao que está perdendo, para que este ainda possa ir ao jogo tentar recuperar-se), *diária* (POR2333: ração, receita ou despesa de cada dia), *salário* (POR2673: remuneração ajustada pela prestação de serviços, especialmente em razão de contrato de trabalho) e *solário* (POR2706: imposto territorial que se cobrava no Império Romano).

Por último, os subesquemas EXCESSO e UNIDADE DE MEDIDA tiveram uma realização cada. Respectivamente, são: *calcário* (POR2241: rocha sedimentar constituída esp. por carbonato de cálcio e de magnésio) e *denário* (POR2325: antigo peso usado em farmácias e ourivesarias). A Figura 176 faz o resumo desse esquema dominante.

Figura 176 – Esquema dominante de quantidades e os seus subesquemas no *X-ári-* no português



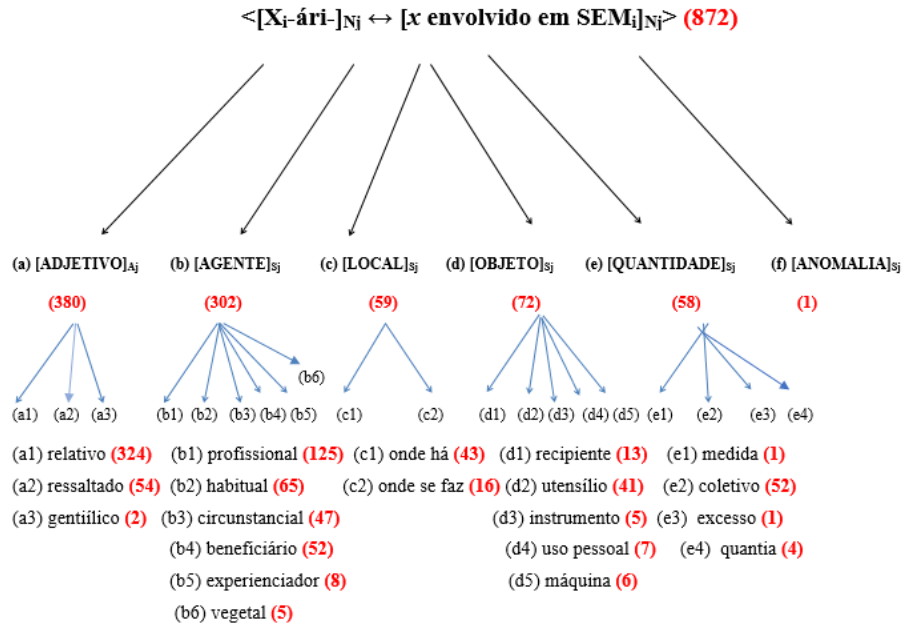
O último esquema dominante encontrado foi o de ANOMALIA, cuja única realização foi *urticária* (POR2763: erupção cutânea caracterizada pela presença de placas congestivas pouco salientes e frequentemente pruriginosas). A representação desse esquema está na Figura 177.

Figura 177 – Esquema dominante de anomalia com *X-ári-* no português

$$(f) \langle [X_{si} - \acute{a}ri -]_{sj} \leftrightarrow [ANOMALIA relacionada a SEM_i]_{sj} \rangle$$

A título de sumarização do funcionamento do esquema *X-ári-* no português, apresenta-se a Figura 178, onde se reúnem todos os esquemas e subesquemas encontrados.

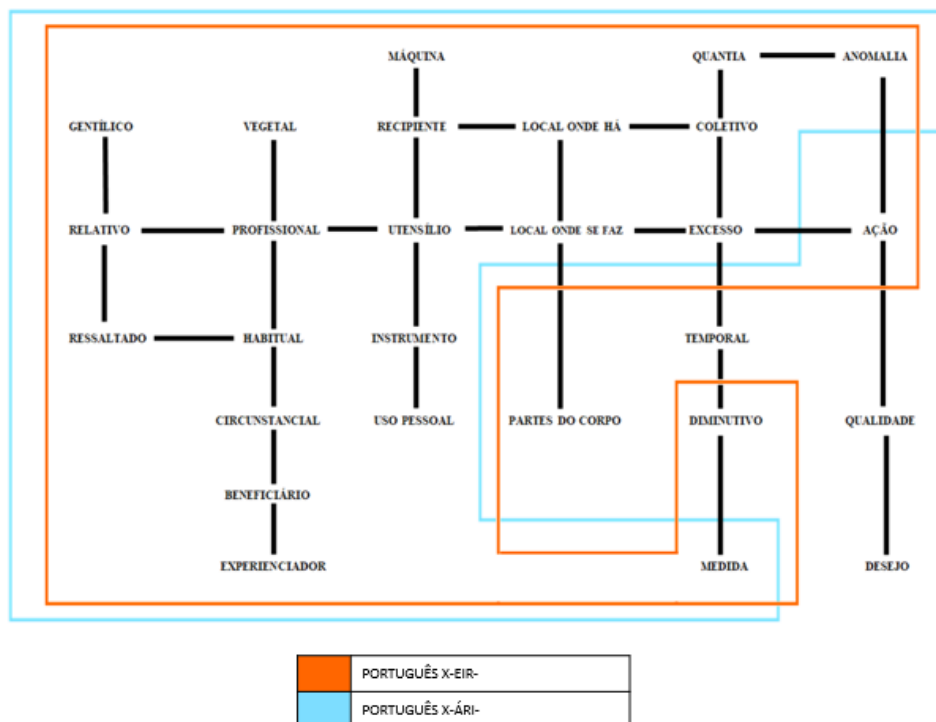
Figura 178 – Representação esquemática das construções *X-ári-* do português



12.4 COMPARAÇÃO POR MAPAS SEMÂNTICOS

Nesta subsecção, faz-se a comparação dos esquemas abordados na Tese. Como não houve significado inovador no português, o mapa a ser utilizado para comparar os dados dessa língua será o mesmo utilizado no galego, língua em que foram feitas as últimas atualizações. A Figura 179 apresenta o mapa semântico que aborda as construções estudadas no português.

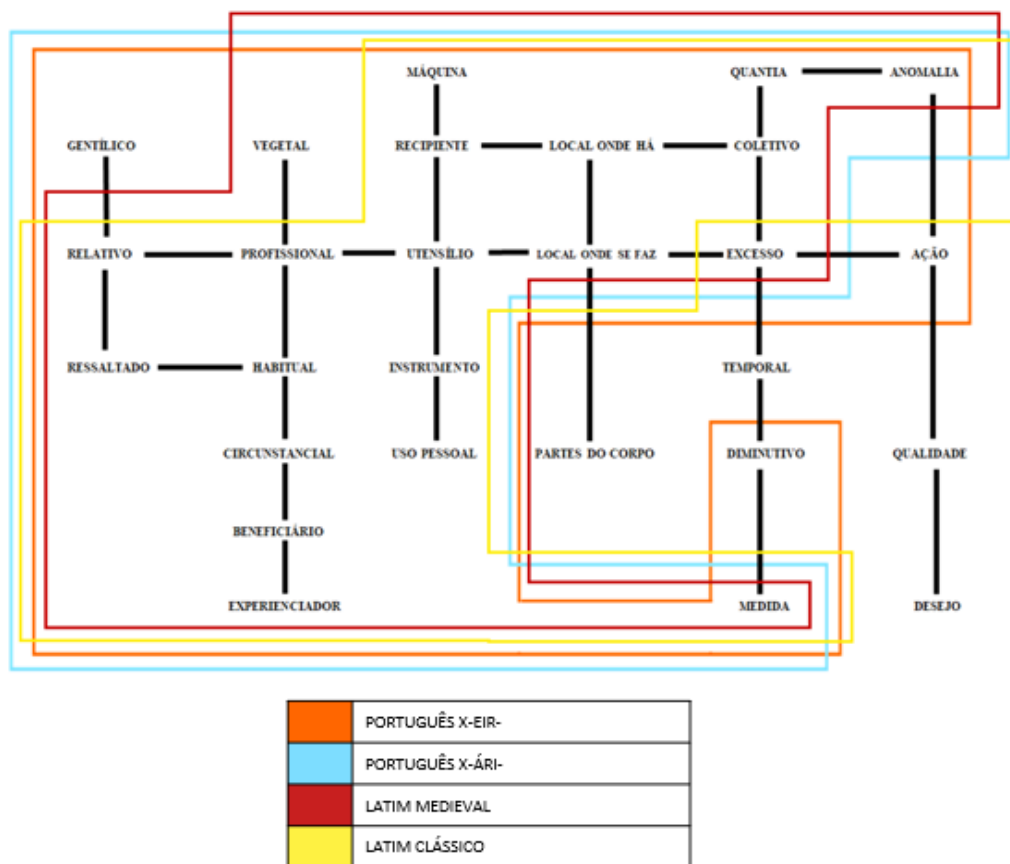
Figura 179 – Comparação entre as construções *X-eir-* e *X-ári-* do português



Note-se que não há no português os seguintes significados: (a) PARTE DO CORPO, existente apenas no galego; (b) DESEJO, existente apenas no catalão; (c) QUALIDADE, existente no catalão e no espanhol e; (d) TEMPORAL, existente no espanhol e no galego. Na comparação entre os dois padrões do português, observa-se que *X-ári-* (contorno azul), diferentemente de *X-eir-* (contorno laranja), não abrange DIMINUTIVO e AÇÃO.

Na Figura 180, a seguir, são feitas as comparações entre as construções do português e as do latim clássico e medieval.

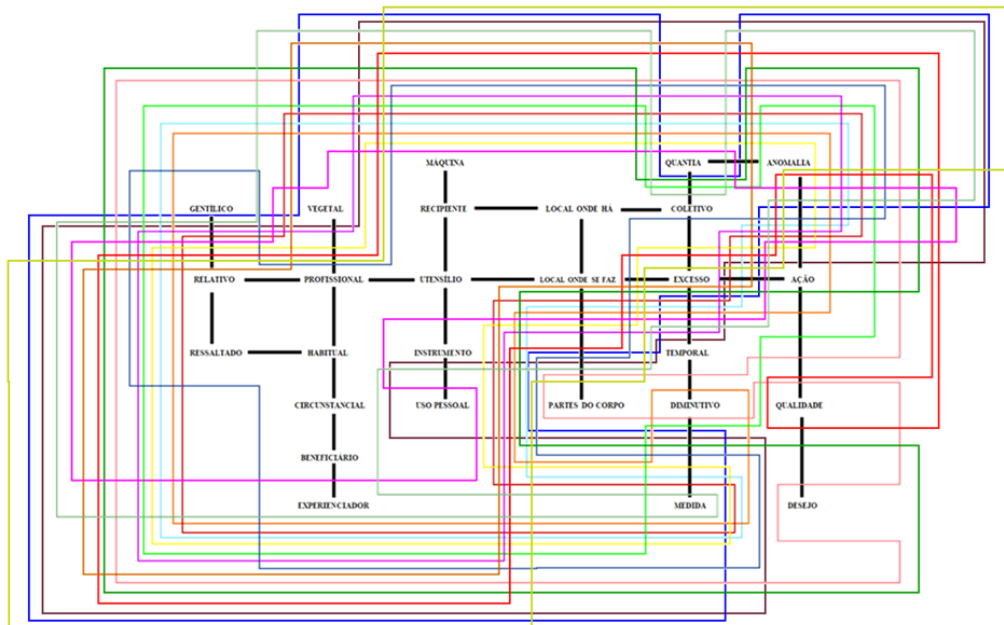
Figura 180 – Comparação entre as construções do português e do latim



Como o mapa é o mesmo usado no galego, as informações referentes ao latim nesse cotejo são as mesmas vistas na seção anterior. O contorno marrom, que se refere ao latim medieval, não abrange GENTÍLICO, PARTE DO CORPO, TEMPORAL, AÇÃO, QUALIDADE e DESEJO, ao passo que o amarelo, que se refere ao latim clássico, não aborda as mesmas construções não abordadas pelo medieval e mais VEGETAL e EXCESSO.

O mapa da Figura 181, a seguir, reúne todas as construções de todas as línguas analisadas nesta Tese: latim, romeno, italiano, francês, catalão, espanhol, galego e português.

Figura 181 – Comparação entre as construções do latim, romeno, italiano, francês, catalão, espanhol, galego e português



	PORTUGUÊS X-EIR-: NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, PARTE DO CORPO, TEMPORAL
	PORTUGUÊS X-ÁRI-: NÃO ABRANGE AÇÃO, DESEJO, QUALIDADE, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	LATIM MEDIEVAL: NÃO ABRANGE GENTÍLICO, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, DIMINUTIVO, PARTE DO CORPO, TEMPORAL
	LATIM CLÁSSICO : NÃO ABRANGE EXCESSO, AGENTE VEGETAL, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, DIMINUTIVO, PARTE DO CORPO, TEMPORAL
	GALEGO X-EIR-: NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, QUANTIA, UNIDADE DE MEDIDA,
	GALEGO X-ARI-: NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, AÇÃO, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO, MEDIDA, GENTÍLICO, VEGETAL, TEMPORAL
	ESPAÑHOL X-ARI-: NÃO ABRANGE AÇÃO, DESEJO, QUALIDADE, VEGETAL, EXCESSO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ESPAÑHOL X-ER-: NÃO ABRANGE DESEJO, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	CATALÃO X-ER-: NÃO ABRANGE QUALIDADE, QUANTIA, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	CATALÃO X-ARI-: NÃO ABRANGE AÇÃO, DESEJO, VEGETAL, EXCESSO, MEDIDA, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ROMENO X-AR-: NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ROMENO X-(I)ER-: NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA, INSTRUMENTO, EXPERIENCIADOR, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ITALIANO X-AI-: NÃO ABRANGE USO PESSOAL, QUANTIA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ITALIANO X-ARI-: NÃO ABRANGE USO PESSOAL, VEGETAL, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	FRANCÊS X-IER-: NÃO ABRANGE QUANTIA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	FRANCÊS X-AIRE-: NÃO ABRANGE MEDIDA, VEGETAL, EXCESSO, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO

O mapa da Figura 181 mostra-se ilegível/incompreensível, pois abrange uma rede extensa de significados e uma quantidade grande de construções. Mais uma vez, confirma-se o que se tem dito desde a seção de catalão: o modelo de Haspelmath (2003) encontra maiores dificuldades na aplicação à morfologia lexical, pois essa está sujeita a muitos deslocamentos

semânticos, diferentemente do que acontece na morfologia flexional, que foi o objeto principal da formulação de Haspelmath.

12.5 ANÁLISES SOCIOCÓGNITIVAS

Nesta subseção, são feitos comentários de aspectos semântico-cognitivos atinentes aos padrões esquemáticos *X-eir-* e *X-ári-* da língua portuguesa. No primeiro momento, o Quadro 64 traz as dez palavras *X-eir-* selecionadas para a análise.

Quadro 64 – Palavras portuguesas *X-eir-* selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
POR0018	aceiro	substantivo masculino 1 Diacronismo: antigo. aço, barra de aço 2 que tem as propriedades do aço 3 Derivação: sentido figurado. que é forte; resistente adjetivo e substantivo masculino 4 que ou quem trabalha em aço
POR0188	bagageiro	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou o que transporta bagagens (diz-se de veículo, empregado, dispositivo) 2 Regionalismo: Sul do Brasil. que ou aquele que tem o costume de viver com a bagagem ('ralé') 3 Rubrica: turfe. Regionalismo: Brasil. Diacronismo: obsoleto. que ou o que chega à meta em último lugar (diz-se de animal) 4 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: esportes. Regionalismo: Brasil. Diacronismo: obsoleto. que ou o que ocupa o último lugar em prova ou em classificação num torneio (diz-se de, ou atleta, clube etc.) substantivo masculino 5 empregado que acompanha um viajante
POR0536	casteleira	substantivo feminino Regionalismo: Bahia. proprietária ou administradora de castelo ('prostíbulo')
POR0558	cegueira	substantivo feminino 1 privação do sentido da visão em um ou ambos os olhos 2 Derivação: sentido figurado. falta de lucidez ou de sensatez; desvairamento, perturbação 3 Derivação: sentido figurado. extrema afeição por; paixão 4 Derivação: sentido figurado. deslumbramento, fanatismo, obcecação
POR0798	domingueiro	adjetivo 1 referente ao domingo 2 que se veste ou se usa aos domingos por ser diferente do habitual 3 que é alegre; festivo
POR1108	inferneira	substantivo feminino 1 desordem intensa; confusão, tumulto, inferno 2 forte alarido; algazarra, barulheira, vozerio 3 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. o que requer muita fadiga, esforço ou sofrimento; trabalhadeira Ex.: <i>foi uma i. chegar até a praia</i>

POR1219	lixeira	1 recipiente de madeira, plástico ou metal, de forma e tamanho variados, móvel ou fixo, onde se reúne o lixo, nas casas, logradouros e vias públicas; lixo 2 Derivação: por extensão de sentido. lugar sórdido
POR1340	meleira	1 colmeia de abelhas silvestres 2 sujeira causada por mel derramado ou por qualquer outra coisa; imundícia, melança, lambuzeira
POR1758	raposeiro	adjetivo 1 que denota malícia, manha Ex.: <i>olhos r.</i> substantivo masculino 2 indivíduo manhoso, ardiloso, astuto
POR2017	torneira	substantivo feminino 1 peça dotada de uma espécie de chave, ger. adaptada a um cano, tubo, recipiente etc., e que é usada para reter ou deixar sair o líquido ou gás neles contido; bica 2 a chave dessa peça 3 Uso: informal. aquele que bebe muito; beberrão 4 Uso: informal. a boca

Na palavra *aceiro* (POR0018), a base *aço* é usada tanto para formar adjetivos de caráter relacional (próprio do *aço*) quanto para designar o ‘profissional que trabalha com aço’. Além disso, a rigidez do *aço* é usada metaforicamente para caracterizar uma ‘pessoa forte e resistente’.

Também de natureza metafórica é o caso de *cegueira* (POR0558), que serve tanto para nomear a privação do sentido da visão quanto para caracterizar uma falta de discernimento e lucidez, deslumbramento e obsessão. Há, nesse caso, a abstratização de uma experiência mais física para uma mais psicológica.

A rede semântica de *lixeira* (POR1219) aciona também um procedimento metafórico. A experiência com o recipiente que comporta o lixo e reúne toda a sujeira é tomada metaforicamente para conceituar um ambiente sórdido. Essa categorização do comportamento sórdido e inescrupuloso aparece como algo sujo aparece nas outras línguas românicas.

A metáfora *HOMEM É ANIMAL* norteia o comportamento semântico de *raposeiro* (POR1758), palavra usada para caracterizar uma pessoa maliciosa e astuta. Essa concepção metafórica advém de um modelo cognitivo idealizado da *raposa* como um animal esperto. Na língua portuguesa, há também a expressão *raposa velha*, um composto sintagmático que comprime a ideia da esperteza, advinda da raposa, e da experiência, advinda da velhice.

Originada da experiência cristã é a categorização que explica o uso de *inferneira* (POR1108) como desordem intensa e barulheira. Enquanto o céu é tido como o paraíso, um lugar silencioso e de plena paz, o inferno é tomado como um lugar perturbador, torturante e ruidoso. É dessa classificação que se originam as ideias mais generalizadas de *inferno* como algo ruim. A forma derivada *inferneira*, portanto, herda essa conceptualização.

Aparentemente também da experiência cristã, é o fluxo semântico visto em domingueiro (POR0798), usado tanto como adjetivo relacional ‘referente ao domingo’ quanto ressaltado ‘alegre e festivo’. Na narrativa do cristianismo, Jesus ressuscitou em um domingo, e isso fez com que esse dia se tornasse o primeiro de todos, aquele destinado a todas as festas. A ideia de uma *pessoa domingueira* como uma pessoa festiva, certamente, está relacionada a esse fato milenar.

Tanto em *bagageiro* (POR0188) quanto em *torneira* (POR2017), o caminho parece ser metafórico e metonímico. Sobre *bagageiro*, é preciso destacar que o conhecimento de que os bagageiros de veículos tendem a se localizar na parte de trás é focalizado (metonímia), para caracterizar uma pessoa que chega em último lugar em uma competição. Nesse sentido, o fato de haver uma transferência de domínios experienciais caracteriza uma metáfora.

Em relação à *torneira* (POR2017), o conduto que faz parte da estrutura da peça, por onde sai a água, é focalizado (metonímica) para designar a *boca*. Nesse sentido, há uma transferência metafórica, que se torna mais visível, por exemplo, na conhecida expressão “torneirinha de asneiras”, usada pelo escritor brasileiro Monteiro Lobato para falar da personagem Emília.

Em *meleira* (POR1340), a consistência do *mel*, que está na base desse derivado, é ressaltada na ideia de meleira como sujeira, indo além do significado de *meleira* como excesso de mel. Nesse contexto, o fato de haver focalização e intensificação da base *mel* caracteriza um processo metonímico.

Por último, *casteleira* (POR0536) tem como base *castelo*, que é tomada metaforicamente para designar um prostíbulo, em algumas regiões do Brasil. A metáfora que acontece já na base é também herdada pelo derivado. Assim, a *casteleira* é a pessoa que administra um castelo, porém esse *castelo* já subjaz uma concepção metafórica.

Veja-se, agora, no Quadro 65, as dez palavras *X-ári-* selecionadas para a análise.

Quadro 65 – Palavras portuguesas *X-ári-* selecionadas para a análise sociocognitiva

CÓDIGO	CONSTRUCTO	SIGNIFICADO
POR2162	abecedária	Rubrica: angiospermas. m.q. agrião-do-pará (<i>Acmella oleracea</i>)
POR2200	armazenário	1 Regionalismo: Pernambuco. comerciante que negocia com açúcar ou algodão 2 aquele que possui armazém para depósito e revenda dessas mercadorias
POR2240	caducário	1 relativo ao que é caduco ('sem uso', 'sem força', 'sem validade', 'velho', 'que deixou de existir') 2 Rubrica: termo jurídico. relativo ao que caducou ou às circunstâncias em

		que se verifica a caducidade 3 Rubrica: termo jurídico. relativo aos bens que já não têm dono
POR2342	diversionário	Rubrica: termo militar. que serve para desviar a atenção do inimigo
POR2413	frascário	adjetivo e substantivo masculino que ou aquele que é libertino, leviano, devasso; frasqueiro
POR2414	frutuário	1 relativo a ou próprio de fruto(s) 2 que produz bons resultados; proveitoso
POR2425	habitudinário	1 que ou o que, por hábito, recai nos mesmos costumes, nos mesmos erros; incorrigível
POR2480	latrinário	1 relativo à latrina 2 que vive ou que se cria nas latrinas ('cloacas') Ex.: <i>rato l.</i> 3 Derivação: sentido figurado. cuja falta de asseio e sujeira provocam repugnância; imundo, repulsivo, asqueroso
POR2569	orário	Entre os antigos romanos, espécie de lenço us. para limpar o rosto
POR2771	velário	1 toldo com que, na Antiguidade, eram cobertos os circos e anfiteatros construídos a céu aberto, como proteção contra a chuva ou o sol muito forte 2 Regionalismo: Brasil. Estatística: pouco usado. m.q. pano de boca

A *abecedária* (POR2162) é um nome dado à planta agrião-do-pará/jambu. Segundo Houaiss e Villar (2009), essa designação deve estar relacionada ao conhecimento popular de que essa planta tem como uma de suas propriedades auxiliar no desenvolvimento da fala das crianças. Assim, há, nesse contexto, uma apropriação metonímica em que o aprendizado do *abecê* é focalizado dentro de toda a experiência da infância.

Metonímias também estão nas redes semânticas de *armazenário* (POR2200), *habitudinário* (POR2425), *orário* (POR2569) e *velário* (POR2771). Em *armazenário* (POR2200), vê-se uma designação para negociante de açúcar e algodão, a base é o substantivo *armazém*, o lugar onde se guardam o açúcar e o algodão. Esse mecanismo aparece também é *çaquiteyro*, derivado analisado por Simões Neto (2016), que designa o homem que leva o pão à Casa Real. Tanto em *çaquiteyro* quanto em *armazenário*, a base do derivado é o recipiente/locativo/contentor.

Na forma *orário* (POR2240), a base é o substantivo latino *or*, *oris* (boca). O derivado, no entanto, significa 'pano para limpar o rosto'. Dessa maneira, a boca é tomada metonimicamente para representar a totalidade do rosto. Nesse sentido, há um padrão metonímico do tipo PARTE/TODO.

O derivado *velário* (POR2271) é também uma designação para pano de boca. O étimo dessa formação é o latim *velarium*, cuja base é *velum* 'véu', que é tomado metonimicamente pela sua propriedade de cobrir/revestir. Assim, o *velário* é um pano (ou véu) que cobre a boca.

Em *habitudinário* (POR2425), há um percurso semântico de ressaltar um aspecto do hábito: fazer algo por hábito > criar hábito > não conseguir se livrar do hábito. Assim, a base de *habitudinário* é ressaltada metonimicamente para que se chegue ao significado de ‘incorrigível’.

Há uma aparente metonímia na história do adjetivo *diversionário* (POR2342), cuja estruturação passa pelo verbo *divertir*, que tem como étimo o latim *divertĕre* (‘afastar-se, separar-se, divorciar-se, ser diferente, voltar-se para outra direção’). Em relação ao significado primário latino, a metonímia parece acontecer na ideia de ‘voltar-se para algo que seja diferente das obrigações’. Passa-se de um conceito mais genérico para um específico. Chegando-se à ideia de *divertir*, como se conhece hoje, a forma *diversionário* focaliza o aspecto do entretenimento e da distração. Assim, o significado usado no jargão militar é ‘que serve para distrair a atenção dos inimigos’.

O caso de *caducário* (POR2240) também passa por uma aplicação de um conceito mais genérico a algo mais específico. A palavra está na rede morfológica do verbo latino *cadere* ‘cair’. Desse cair físico, chega-se à queda em termos de faculdades mentais e de transações econômicas e jurídicas. O adjetivo *caducário* (POR2240), usual no âmbito da justiça, se refere ao que não tem mais funcionalidade/aplicação e aos bens que já não têm dono. Nesse caso, parece haver uma transferência tanto metonímica quanto metafórica.

A forma *frascário* (POR2413) parece também mesclar os dois tipos de transferência. Essa palavra tem como base *frasco* e significa ‘libertino, devasso, leviano’, e não ‘lugar onde se guardam frascos’ ou ‘pessoa que faz ou vende frascos’. A razão para o significado atestado se deve à rede etimológica da palavra *frasco*, que vem de um latim tardio *flasco*, que significa ‘garrafa de vinho’. Historicamente, em algumas culturas ocidentais, o vinho é categorizado pelo seu potencial afrodisíaco. Essa propriedade é aparentemente focalizada em *frascário* (POR2413). Cabe lembrar também, nessa narrativa, a mitologia de Baco, deus romano do vinho, da ebriedade e do sexo, equivalente ao deus grego Dionísio. Isso mostra que a associação entre o vinho e o sexo é de longa data.

Na rede semântica de *latrinário* (POR2480), uma propriedade específica da base *latrina* é focalizada. Assim, esse adjetivo tanto pode significar ‘relativo à latrina’ quanto ‘sujo, imundo’, havendo, nesse caso, a categorização metonímica da *latrina* como um contentor de sujeira. Dessa experiência mais física, o adjetivo ressaltado ainda se estende metaforicamente para ‘asqueroso, repulsivo’, colocando a sujeira em um plano mais psicológico/comportamental.

Por último, *frutuário* (POR2414) aponta uma metáfora, certamente advinda da experiência com árvores frutíferas. A ideia de que a árvore é útil pelo fruto que dá é transposta metaforicamente para outras situações. Assim, *frutuário* significa *proveitoso*, ou seja, que rende frutos.

12.6 SÍNTESE

Esta seção mostrou como a história da portuguesa, da sua formação peninsular inicial, até a transposição para o solo brasileiro, é influenciada por fatores de várias naturezas. Esses fatores foram lidos de diferentes maneiras tanto por linguistas quanto por filólogos. Ao trazer à baila o debate sobre a formação do português brasileiro, mostrou-se como as teorizações estão, em certa medida, sujeitas a ideologias que não são completamente diferentes às que se desenvolvem ao longo do século XIX e início do XX.

Em relação aos dados *X-eir-* levantados, viu-se que o português não apresenta significados inovadores, em relação às línguas ibero-românicas. O português, assim como o espanhol é produtivo na cunhagem de GENTÍLICOS, VEGETAIS, EXCESSOS e ANOMALIAS. Essas categorias se mostram decisivas para caracterizar uma relatividade unidade ibero-românica.

Na comparação com o galego, língua com a qual o português está mais diretamente aparentado, vê-se não se apresentam os significados TEMPORAL e PARTES DO CORPO. Os DIMINUTIVOS foram vistos no português, ainda que as instanciações vistas pareçam mais acidentais. No geral, o português tem uma rede menos complexa que o galego, porém tem mais quantitativo. Entretanto, esse aspecto de quantidade pode estar mais relacionado às fontes escolhidas que aos usos das línguas em si.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONCLUSÕES E DIREÇÕES

Nesta seção, pretende-se finalizar esta Tese que se construiu ao longo de numerosas páginas. Muito se discutiu sobre morfologia, semântica e história das línguas românicas. Muito se falou de questões teórico-epistemológicas da Linguística Histórica e da Linguística Cognitiva. Espera-se que esta seção consiga recuperar as mais importantes discussões levantadas no decorrer da Tese.

O primeiro ponto destacado foi relacionado à Filologia/Linguística oitocentista, que é tomada como o ponto inicial da disciplina que se conhece hoje como sendo Linguística Histórica. O debate girou em torno do fato de que essa Linguística Histórica do século XIX, predominantemente europeia, construiu-se em meio a um contexto europeu em que os sentimentos nacionalistas estavam em plena efervescência, e isso teve impactos decisivos em vários encaminhamentos dados por essa Filologia/Linguística europeia.

O mais conhecido desses encaminhamentos certamente é a hipótese da origem indo-europeia. A partir da leitura de Olender (2012), foi possível ver como o empreendimento filológico-teológico, num primeiro momento, completamente ligado aos anseios da Igreja, estava em busca do que seria a língua original, a língua falada por Adão e Eva, os primeiros habitantes da Terra. Todas as investigações apontavam para o hebraico, uma língua semítica. Tal constatação, no entanto, chocava-se com o crescente nacionalismo europeu e, em paralelo a isso, o movimento histórico-comparativo aprimorava-se, motivando o que Sacramento e Santos (2017) chamaram de *laicização da Filologia*. Essa Filologia laica consagrou-se com a formulação da hipótese de uma protolíngua indo-europeia, nunca atestada, que teria dado origem à maioria das línguas europeias e asiáticas. Nessa formulação, a Europa participava do *berço do mundo*.

Essa preocupação com a questão linguística, cabe destacar, deu-se pelo fato de a língua ter sido consagrada como o elemento representativo do *espírito de um povo, de uma nação*. Assim, toda essa celeuma em torno da origem das línguas foi uma forma de garantir a hegemonia das nações. Com esse anseio, a Filologia/Linguística oitocentista, influenciada também pelo evolucionismo de Charles Darwin, pela genética de Gregor Mendel e pelo positivismo de Augusto Comte, foi divulgada como uma ciência exata, inteiramente objetivista e centrada no plano dos fatos.

Foram essas análises inquestionáveis dos fatos que servirão de base para justificar as narrativas de formação das línguas nacionais, que operaram, muitas vezes, como mitos

fundadores em uma Europa romântica (MARQUILHAS, 2010). Nesse contexto do anseio nacionalista, vê-se que, “quando chega a paixão, justamente a razão é a primeira a ceder” (João Donato e Abel Silva, música ‘Versos do amor’). Essa paixão nacionalista, mascarada pelo argumento positivista, guiou, por exemplo, a narrativa da romanização e da formação das línguas românicas, como se viu na seção 2 desta Tese.

Embora toda a discussão da Tese a esse respeito tenha centrado-se significativamente na expansão da língua latina, no movimento da romanização, foi possível observar que o comportamento dual (nacionalismo X positivismo) fez-se presente nas narrativas individuais de formação das línguas românicas, como se viu, por exemplo, nas discussões: (i) a categorização do romeno como língua românica, e não eslava; (ii) a escolha da língua da Itália que deveria ser tomada como padrão; (iii) o acirramento entre România e Alemanha na constituição da língua francesa; (iv) a questão da origem do catalão e a categorização dessa língua como ibero-românica ou galo-românica; (v) a ideia de uma cunha castelhana que apontaria a superioridade do castelhano em relação às demais línguas faladas no território da Espanha; (vi) a questão da unidade original galego-portuguesa ser ou não uma falácia linguístico-histórica; (viii) a relevância ou não do contato ser relevante na formação sócio-histórica do português brasileiro.

Todas essas discussões, movidas em meio a muita polêmica, usaram de argumentos linguísticos, tomados como fatos, para a defesa de determinados pontos de vista, em detrimento de outros. Isso fez com que muitas dessas formulações, durante muito tempo, nunca fossem colocadas em xeque. Quando questionadas, estavam muito mais no plano dos fatos do que das narrativas. Nesse sentido, como se pôde ver nas várias seções da Tese, foram muito mais os filólogos e historiadores e muito pouco os linguistas que se lançaram a fazer esses debates. Diante de tudo que foi levantado, fica muito patente a necessidade de que a Linguística Histórica precisa trabalhar nesse plano das narrativas. Embora seja válido, e cômodo, não se pode, hoje, ficar no plano de descrever os mesmos fatos, só para confirmar ou negar hipóteses. Para reoxigenar a área, faz-se mister articular a descrição dos fatos com a discussão político-ideológica envolvida na narrativa histórico-descritiva.

O segundo ponto levantado pela Tese foi o uso da Linguística Cognitiva como ferramenta descritiva-interpretativa no âmbito da Linguística Histórica. Os resultados levantados ao longo deste Trabalho já sinalizaram que essa teoria pode ser usada de maneira muito profícua nos estudos históricos das línguas, permitindo empreender discussões a respeito de mudança semântica, sobretudo. Ao pesquisador, cabe avaliar, diante do fenômeno que estuda, se esse alicerce teórico-metodológico lhe pode ser útil ou não. Argumentos mais sólidos

para defender a aplicabilidade da Linguística Cognitiva em pesquisas em Linguística Histórica aparecerão à medida em que forem sendo feitas as conclusões a respeito do fenômeno estudado: o funcionamento do esquema construcional *X-ari-* do latim às línguas românicas.

Sobre o fenômeno escolhido para análise nesta Tese, cabe lembrar que isso se deveu, em parte, a uma observação prévia de Lopes (2018) de que a morfologia derivacional ocupa um papel de pouco destaque nos debates sobre periodização das línguas. Partindo disso, foi possível observar a mesma lacuna na caracterização da fragmentação linguística da România e na formação dos dialetos românicos. Dessa maneira, a Tese teve o propósito de avaliar se o funcionamento de *X-ari-* na România é um fenômeno relevante para discutir essas categorizações das línguas românicas.

Cabe lembrar também, a respeito desse debate de categorização das línguas neolatinas, a existência de duas propostas. Tomando como norte apenas as línguas estudadas nesta Tese, é possível dizer que, com base na proposta de Maurer Jr. (1951), o romeno seria a única língua românica oriental, ao passo que, pela proposta de Wartburg (1952), além do romeno, o italiano estaria também na România Oriental.

Quanto à difusão do esquema *X-ari-* na România, os resultados alcançados nesta Tese, apontaram uma maior concordância com a proposta de Wartburg (1952). Porém, existiu um aspecto em que houve um favorecimento para a classificação de Maurer Jr. (1951). Esse aspecto foi o fato de que as línguas estudadas tenderam a apresentar, pelo menos, dois desenvolvimentos de *-arius/-aria/-arium* do latim: (i) um popular, desenvolvido a partir do latim vulgar, normalmente com mais mudança fonética; (ii) o outro, culto-literário, desenvolvido do latim medieval, por meio dos movimentos de relatinização das línguas românicas, normalmente com formas mais próximas do original latino. Desenvolvimentos populares foram: *-aio/-aia* (ITA), *-ier/-ière* (FRA), *-er/-era* (CAT), *-ero/-era* (ESP), *-eiro/-eira* (GAL; POR). Cultos foram: *-ario/-aria* (ITA), *-aire* (FRA), *-ari/-ària* (CAT), *-ario/-aria* (ESP; GAL) e *-áριο/-ária* (POR).

O romeno teve a particularidade de não ter o desenvolvimento culto, pois essa língua não viveu o processo medieval de relatinização. Assim, o *-ar/-arã* foi um desenvolvimento vulgar, e o *-(i)er/-(i)erã* foi aparentemente um caso de transmissão românica. A ausência da forma oriunda do latim medieval distanciou o romeno de todas as outras línguas neolatinas aqui analisadas. Esse aspecto, explicado por fatos de natureza sócio-histórica, favoreceu a hipótese de Maurer Jr. (1951), cujo cerne é justamente a história social. Porém, os aspectos mais funcionais tenderam a favorecer Wartburg (1952), como se verá mais adiante.

Entrando no aspecto propriamente descritivo do fenômeno, o primeiro tópico que merece destaque é a questão da gênese do sufixo. Como se pôde ver, sobretudo a partir de White

(1858), Ruíz (1998) e Viaro (2011), a história do sufixo latino *-arius/-aria/-arium* é marcada por uma série de convergências semânticas e formais que tornou a rede construcional desse sufixo bastante ampla, alcançado uma vastidão de sufixos.

Goldberg (1995), ao defender a sua Gramática de Construções, ensina que a língua é uma grande rede de construções que se ligam tanto do ponto de vista formal quanto funcional. Isso foi observado no desenvolvimento histórico de *-arius/-aria/-arium*. Como explicou White (1858), existiu um sufixo primário arcaico *-ri-*, que, mais tarde, virou *-ris* e, depois, *-aris*. Por conta de contextos de dissimilação, de *-aris*, desenvolveu-se a variante *-alis*. A partir de *-aris*, derivou-se também o *-arius*. Ruíz (1998) explicou que essa grande rede alcançou também o sufixo *-tor/-toris*, que, com a recorrente interação semântico-funcional com *-arius*, derivou o *-torius*. Por último, Viaro (2011) mostrou como, no latim vulgar, há uma série de formas de origens diferentes que convergiram para *-arium*, incluindo *-torius*, *-aris/ -alis* e o sufixo grego *-áron*.

Esses desenvolvimentos múltiplos ajudam a entender o porquê de haver: (i) recorrência de formas duplas, como *exemplaris e exemplarius*, mesmo no latim clássico; (ii) a convergência entre os desenvolvimentos *-aris > -ar* e *-arius > -ar-*, no romeno; (iii) a convergência entre os desenvolvimentos *-aris > -aire* e *-arius > -aire*, no francês; (iv) a convergência entre os desenvolvimentos *-arius > -eiro > -ero > -dero* e *-torius > -duero > -dero*, no espanhol; (v) a recorrência de formas duplas no galego e no português, como *dentario* (GAL)/*dentário* (POR) e *dental* (POR; GAL); (vi) a concorrência semântica recorrente entre desenvolvimentos de *-arius* e de *-aris*, *-alis*, *-oris* e *-orius* em todas as línguas românicas.

Quando essa similaridade morfossemântica entre as línguas românicas é justificada pelo desenvolvimento latino, pode-se ver uma faceta do que que Gauger (1989) chamou de *latinidade*. Esse autor partiu da constatação de que nunca existiu uma raça romana, mas pode-se dizer que os povos românicos/neolatinos diferenciaram-se conforme os seus níveis de *latinidade* que, grosso modo, tem a ver com a manutenção de um *roman way of life*, que se verifica em um primeiro momento na linguagem, mas estende-se para a cultura, a mentalidade e a forma de ver o mundo.

Gauger (1989) não deixa de reconhecer que essa ideia de latinidade pode estar a serviço de operadores discursivos tais quais os que foram comentados pouco antes. Porém, não se pode negar que as línguas românicas mantiveram (muitas) propriedades da língua latina. Em alguns contextos, essa preservação aconteceu até mesmo em função dessas questões de natureza política e ideológica.

Ainda que a história seja um aspecto importante, há casos em que um determinado funcionamento entre as línguas românicas não pode ser explicado tão somente pela origem latina, pois as línguas românicas podem ter desenvolvimentos independentes, ou ainda haver um universalismo que opera na história das línguas, de uma maneira geral. Veja-se, por exemplo, o caso das metáforas com animais. Kövecses (2010), esteado na Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF E JOHNSON, 1980), lista as metáforas conceptuais mais produtivas nas línguas do mundo e destaca que a metáfora COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL ocupa um lugar especial.

Na base de dados analisados nesta TESE, não se viu essa metáfora nas construções da língua latina, mas é sabido que tal conceptualização existiu no latim, basta ver a expressão *Agnus Dei* (cordeiro de Deus). Nas construções analisadas das línguas românicas, foram vistas algumas realizações dessa metáfora, como se pode ver no Quadro 66, a seguir.

Quadro 66 – Metáfora HOMEM É ANIMAL nas línguas românicas

Língua	Palavra	Significado literal	Significado metafórico
ROM	<i>vispear</i>	vespeiro	lugar de muito conflito
ITA	<i>moscaio</i>	lugar cheio de moscas	reunião de pessoas chatas
FRA	<i>moutonnier</i>	relativo a ovelhas	que segue cegamente aos outros
CAT	<i>porquera</i>	chiqueiro	lugar muito sujo
ESP	<i>alacrano</i>	Lugar cheio de escorpiões	Lugar com pessoas inescrupulosas
GAL	<i>rateiro</i>	Animal que é bom caçador de ratos	Pessoa que rouba coisas de pouco valor.
POR	<i>raposeiro</i>	[A base é <i>raposa</i>]	indivíduo manhoso, ardiloso, astuto

Com base nos dados do Quadro 66, vê-se que todas as línguas românicas estudadas apresentaram instanciações da metáfora HOMEM É ANIMAL. Isso poderia apontar para a ideia de que, se todas as línguas românicas apresentam tal característica, é porque há uma origem latina que justifica. Em relação a esse comportamento, talvez isso até pode ser verdade, porém não se pode sempre ser tão taxativo, porque esse argumento da historicidade acaba, por vezes, diminuindo o impacto dos mecanismos cognitivos e das experiências gerais.

O contato com animais é consideravelmente básico na experiência humana, por isso é recorrentemente acionado nas compreensões metafóricas, o que justifica, de certa forma, a produtividade sinalizada por Kövecses (2010). Não parece correto dizer que a presença de tais expressões nas línguas românicas deva-se a um fator de latinidade. Parece, muito mais, haver

um aspecto, em certa medida, universal. O que é cultural/local nessas metaforizações é o animal selecionado/mapeado.

Quando se observam as construções X-*ari-* na Romênia, de um ponto de vista puramente construcional, o latim e as línguas românicas apresentam muito mais similaridade que diferenças. Para se ter uma melhor visão latino-românica, é preciso analisar as línguas de maneira conjunta. Essa análise permite considerar também as categorias morfossemânticas relevantes para caracterizar os aspectos tanto comuns quanto distintivos. Veja-se, por exemplo, a Tabela 81, com informações relacionadas aos esquemas de ADJETIVOS.

Tabela 81 – O esquema adjetivo no latim e nas línguas românicas

Adjetivos				
Línguas	Padrões construcionais	Subesquemas (Frequência e Percentual)		
		Relativos	Ressaltados	Gentílicos
<i>Latim clássico</i>	X-ĀRĪ	283 (94,02%)	18 (5,98%)	-
<i>Latim medieval</i>	X-ARI-	65 (83,33%)	13 (16,67%)	-
<i>Romeno</i>	X-AR-	129 (86,58%)	20 (13,42%)	-
<i>Romeno</i>	X-(I)ER	6 (60%)	4 (40%)	-
<i>Italiano</i>	X-AI-	18 (64,29%)	10 (35,71%)	-
<i>Italiano</i>	X-ARI-	239 (91,22%)	23 (8,78%)	-
<i>Francês</i>	X-IER-	120 (87,59%)	17 (12,41%)	-
<i>Francês</i>	X-AIRE	330 (91,16%)	32 (8,84%)	-
<i>Catalão</i>	X-ER-	95 (62,92%)	42 (27,81%)	15 (9,27%)
<i>Catalão</i>	X-ARI-	195 (86,67%)	30 (13,33%)	-
<i>Espanhol</i>	X-ER-	382 (65,98%)	146 (25,22%)	51 (8,81%)
<i>Espanhol</i>	X-ARI-	216 (80,60%)	49 (18,28%)	3 (1,12%)
<i>Galego</i>	X-EIR-	133 (59,11%)	80 (35,56%)	12 (5,33%)
<i>Galego</i>	X-ARI-	156 (80,83%)	37 (19,17%)	-
<i>Português</i>	X-EIR-	310 (66,52%)	138 (29,61%)	18 (3,86%)
<i>Português</i>	X-ĀRI-	324 (85,26%)	54 (14,21%)	2 (0,53%)

A partir das informações expostas na Tabela 81, pode-se ver que, em todos os padrões listados, nota-se a predominância dos padrões RELATIVOS. A diferença entre RELATIVOS e RESSALTADOS é também percebida em todos os esquemas. Como fora dito na seção 5, dedicada ao latim, o padrão RELATIVO foi o primeiro que se viu nas construções de língua latina. Viu-se, também, que a passagem de um RELATIVO a RESSALTADO dá-se por uma via metonímica em que um aspecto do frame da construção é focalizado e ressaltado. Já na seção 9, dedicada ao catalão, viu-se, pela primeira vez, o significado GENTÍLICO e, nessa ocasião, explicou-se que o GENTÍLICO está conectado com o padrão RELATIVO por uma via metonímica. O GENTÍLICO é sempre um RELATIVO, com uma base semanticamente especificada.

Diante dos fatos de que o subesquema dos RELATIVOS tem primazia histórica, maior frequência e mais conexões com os outros subesquemas, pode-se dizer que ele é o ADJETIVO PROTOTÍPICO na rede construcional de *X-ari-*, e a sua relevância é inquestionável. Ainda que os RESSALTADOS sejam o segundo subesquema mais produtivo, não se pode dizer que ele é relevante, porque aparece em todos os padrões românicos. Já os GENTÍLICOS, mesmo sendo instâncias do subesquema menos produtivo, devem ser considerados relevantes, porque a sua realização permite identificar as línguas ibero-românicas, como o catalão, o espanhol, o galego e o português. Cabe notar que os GENTÍLICOS distanciam o catalão do francês, língua galo-românica.

Veja-se, agora, a Tabela 82, em que são avaliadas as categorias de AGENTE.

Tabela 82 – O esquema agente no latim e nas línguas românicas

Agentes							
Línguas	Padrões	Subesquemas (Frequência e Percentual)					
		<i>Profissionais</i>	<i>Habituais</i>	<i>Vegetais</i>	<i>Circunstanciais</i>	<i>Beneficiários</i>	<i>Experien- ciadores</i>
<i>Latim clássico</i>	X-ĀRĪ	201 (81,05%)	31 (12,5%)	-	11 (4,44%)	4 (1,61%)	1 (0,4%)
<i>Latim medieval</i>	X-ARI-	312 (81,89%)	33 (8,66%)	11 (2,89%)	16 (4,2%)	6 (1,57%)	3 (0,79%)
<i>Romeno</i>	X-AR-	162 (73,97%)	31 (14,16%)	3 (1,37%)	12 (5,48%)	9 (4,11%)	2 (0,91%)
<i>Romeno</i>	X-(I)ER	77 (84,62%)	7 (7,69%)	3 (3,30%)	3 (3,30%)	1 (1,09%)	-
<i>Italiano</i>	X-AI-	304 (88,12%)	26 (7,54%)	6 (1,74%)	4 (1,15%)	2 (0,58%)	3 (0,87%)
<i>Italiano</i>	X-ARI-	97 (46,86%)	43 (20,77%)	-	25 (12,08%)	40 (19,32%)	2 (0,97%)
<i>Francês</i>	X-IER-	334 (63,86%)	49 (9,37%)	105 (20,08%)	12 (2,29%)	15 (2,87%)	8 (1,53%)
<i>Francês</i>	X-AIRE	57 (31,67%)	48 (26,67%)	-	34 (18,89%)	38 (21,11%)	3 (1,67%)
<i>Catalão</i>	X-ER-	311 (62,45%)	69 (13,86%)	90 (18,07%)	11 (2,21%)	10 (2,01%)	7 (1,40%)
<i>Catalão</i>	X-ARI-	53 (38,13%)	37 (26,62%)	-	19 (13,67%)	29 (20,86%)	1 (0,72%)
<i>Espanhol</i>	X-ER-	1011 (66,38%)	382 (25,08%)	70 (4,60%)	31 (2,04%)	21 (1,38%)	8 (0,53%)
<i>Espanhol</i>	X-ARI-	78 (40,84%)	50 (26,18%)	-	33 (17,28%)	26 (13,61%)	4 (2,09%)
<i>Galego</i>	X-EIR-	253 (50,91%)	144 (28,97%)	78 (15,69%)	13 (2,62%)	6 (1,21%)	3 (0,60)
<i>Galego</i>	X-ARI-	39 (35,45%)	29 (26,36%)	-	18 (16,36%)	23 (20,90%)	1 (0,91%)
<i>Português</i>	X-EIR-	829 (53,59%)	463 (29,93%)	158 (10,21%)	37 (2,39%)	33 (2,13%)	27 (1,75%)

<i>Português</i>	X-ÁRI-	125 (41,39%)	65 (21,52%)	5 (1,66%)	47 (15,56%)	52 (17,22%)	8 (2,65 %)
------------------	--------	-----------------	----------------	-----------	----------------	----------------	------------

As informações da Tabela 82 permitem a identificação dos PROFISSIONAIS, como o grupo mais produtivo e relevante da categoria. O subesquema dos PROFISSIONAIS é inquestionavelmente o padrão prototípico da categoria de AGENTES e, certamente, de toda a rede construcional de *X-ari-*. Em uma situação completamente oposta à dos PROFISSIONAIS, estão os EXPERIENCIADORES, cujas realizações nunca chegaram a 3% do total. É uma categoria improdutiva e as realizações levantadas nesta Tese parecem muito mais *acidentes* semânticos do que instanciações de um subesquema.

Os dados do subesquema de VEGETAIS devem ser considerados RELEVANTES também na caracterização do funcionamento do sufixo. A inexistência de dados no latim clássico pode ser contrastada com o aparecimento, mesmo que em pouca quantidade, no latim medieval. Esse contraste sugere que esse significado tenha advindo do latim vulgar, informação validada pelos estudos de Maurer Jr. (1959) e Väänänen (1967).

No italiano e no romeno, a categoria de VEGETAIS é pouco produtiva. No romeno *X-ar-*, por exemplo, não se vê casos em que as formas derivadas possam ser parafraseadas conforme o protótipo ‘PLANTA QUE PRODUZ X (base)’. Os exemplos encontrados foram: *agurizar* (ROM008: videira brava), *cocăzar* (ROM101: roseira brava) e *tufar* (ROM389: arbusto). No italiano *X-ai-*, os exemplos foram: *ficaia* (ITA0188: figueira), *garafonaia* (ITA0214: erva-benta), *gattaia* (ITA0216: erva-do-gato), *lupaia* (ITA0270: acônito; mata-lobos), *rosaio* (ITA0416: arbusto de rosas) e *saponaia* (ITA0430: erva-saboeira). Percebe-se, também, que o padrão prototípico não aparece produtivamente. Para essas línguas, os VEGETAIS não são relevantes, no que se diferem do francês, catalão, espanhol, galego e português.

Sobre o espanhol, vale salientar que, embora os VEGETAIS tenham um percentual pequeno, há uma quantidade significativa em termos absolutos. O espanhol, como dito na seção dedicada a essa língua, apresenta outras estratégias derivativas para a formação de árvores, sendo uma delas o uso do sufixo *-al*, que como se viu, está na mesma rede semântico-etimológica de *-ero/-era*. Essa outra possibilidade contribui, certamente, para a diminuição do percentual no espanhol.

Ainda sobre os vegetais, cumpre notar que, à exceção daqueles casos esporádicos do português, somente a forma oriunda da evolução popular admite esse significado. Nas formas cultas do galego, espanhol, catalão, francês e italiano, ele não se apresenta. No romeno, não há

a forma culta, por isso ambas populares apresentam esse sentido, ainda que de forma muito tímida.

Os outros agentes, HABITUAIS, CIRCUNSTANCIAIS e BENEFICIÁRIOS, por estarem em todas as línguas românicas, com percentuais relativamente próximos, não podem ser considerados relevantes na caracterização da rede e podem ser simplificados em uma categoria de NÃO PROFISSIONAIS. É importante destacar, no entanto, que os BENEFICIÁRIOS se tornam mais produtivos nos esquemas desenvolvidos do latim culto, o que inclui a linguagem jurídica, principal contexto de uso desse subesquema.

A seguir, apresenta-se a Tabela 83, com dados referentes ao esquema de LOCATIVOS.

Tabela 83 – O esquema locativo no latim e nas línguas românicas

Locativos			
Línguas	Padrões	Subesquemas (Frequência e Percentual)	
		Lugar onde há	Lugar onde se faz
<i>Latim clássico</i>	X-ĀRĪ	58 (76,32%)	18 (23,38%)
<i>Latim medieval</i>	X-ARI-	67 (75,28%)	22 (24,72%)
<i>Romeno</i>	X-AR-	9 (60%)	6 (40%)
<i>Romeno</i>	X-(I)ER	8 (72,73%)	3 (27,27%)
<i>Italiano</i>	X-AI-	150 (84,27%)	28 (15,73%)
<i>Italiano</i>	X-ARI-	24 (50%)	24 (50%)
<i>Francês</i>	X-IER-	68 (69,39%)	30 (30,61%)
<i>Francês</i>	X-AIRE	6 (50%)	6 (50%)
<i>Catalão</i>	X-ER-	98 (74,81%)	33 (25,19%)
<i>Catalão</i>	X-ARI-	20 (58,82%)	14 (41,18%)
<i>Espanhol</i>	X-ER-	194 (47,67%)	213 (52,33%)
<i>Espanhol</i>	X-ARI-	22 (55%)	18 (45%)
<i>Galego</i>	X-EIR-	144 (67,61%)	69 (32,39%)
<i>Galego</i>	X-ARI-	14 (48,28%)	15 (51,72%)
<i>Português</i>	X-EIR-	160 (72,07%)	62 (27,93%)
<i>Português</i>	X-ÁRI-	43 (72,88%)	16 (27,12%)

Os dados relacionados aos LOCATIVOS sugerem que a diferença entre LUGAR ONDE HÁ e LUGAR ONDE SE FAZ é sensível para todos os padrões. É notável que as formas populares apresentam maior incidência desse significado. Nota-se, também, que, na maioria dos casos, há a predominância do grupo ONDE HÁ. Os únicos casos que destoam dessa situação são: *X-ari-* do italiano, *X-aire* do francês, *X-ari-* do galego e *X-er-* do espanhol. Nos casos do italiano e do francês, há empates reais, ou seja, a distribuição é meio a meio. No caso do galego, há um *empate técnico*, o quantitativo maior do LUGAR ONDE SE FAZ dá-se por uma ocorrência. No espanhol, a predominância existe pelo fato de que há muitos locativos

derivados com um sufixo *-dero*, cujo desenvolvimento histórico é *-torius* > *-duero* > *-dero*. Esse *-dero* opera em contextos deverbais, o que gera maior quantidade de ‘lugar onde se V’, paráfrase do tipo LUGAR ONDE SE FAZ.

Em linhas gerais, os LOCATIVOS não podem ser considerados relevantes para o estabelecimento de diferenças, pois todas as línguas dispõem desse padrão, com comportamentos bastante diferentes. Entretanto, não se pode omitir esse grupo semântico por completo na rede. Por isso, é mais interessante resumi-lo como LOCATIVOS, sem especificá-lo.

Veja-se, a seguir, a Tabela 84, com dados relacionados ao esquema dominante dos OBJETOS.

Tabela 84 – O esquema objeto no latim e nas línguas românicas

Objetos						
Línguas	Padrões	Subesquemas (Frequência e Percentual)				
		<i>Recipientes</i>	<i>Utensílios</i>	<i>Uso pessoal</i>	<i>Instrumentos</i>	<i>Máquinas</i>
<i>Latim clássico</i>	X-ĀRĪ	15 (42,86%)	8 (22,86%)	5 (14,29%)	3 (8,57%)	4 (11,43%)
<i>Latim medieval</i>	X-ARI-	13 (23,64%)	25 (45,45%)	4 (7,27%)	9 (16,36%)	4 (7,27%)
<i>Romeno</i>	X-AR-	2 (7,69%)	12 (46,15%)	6 (23,07%)	5 (19,23%)	1 (3,85%)
<i>Romeno</i>	X-(I)ER	14 (38,88%)	10 (27,78%)	2 (5,56%)	-	10 (27,78%)
<i>Italiano</i>	X-AI-	16 (42,11%)	10 (26,32%)	-	9 (23,68%)	3 (7,89%)
<i>Italiano</i>	X-ARI-	11 (20,75%)	36 (67,92%)	-	3 (5,66%)	3 (5,66%)
<i>Francês</i>	X-IER-	62 (32,8%)	32 (18,82%)	28 (15,05%)	21 (11,83%)	42 (21,5%)
<i>Francês</i>	X-AIRE	4 (11,8%)	15 (44,1%)	4 (11,8%)	5 (14,7%)	6 (17,6%)
<i>Catalão</i>	X-ER-	99 (44,20%)	37 (16,52%)	39 (17,41%)	33 (14,73%)	16 (7,14%)
<i>Catalão</i>	X-ARI-	3 (8,82%)	23 (67,65%)	3 (8,82%)	4 (11,76%)	1 (2,94%)
<i>Espanhol</i>	X-ER-	147 (36,12%)	54 (13,27%)	44 (10,81%)	123 (30,22%)	39 (9,58%)
<i>Espanhol</i>	X-ARI-	8 (16%)	27 (54%)	5 (10%)	4 (8%)	6 (12%)
<i>Galego</i>	X-EIR-	76 (33,48%)	32 (14,09%)	26 (11,45%)	66 (29,07%)	27 (11,89%)
<i>Galego</i>	X-ARI-	4 (8,89%)	31 (68,89%)	3 (6,67%)	3 (6,67%)	4 (8,89%)

<i>Português</i>	X-EIR-	140 (31,96%)	62 (14,16%)	40 (9,13%)	99 (22,60%)	97 (22,15%)
<i>Português</i>	X-ÁRI-	13 (18,06%)	41 (56,94%)	7 (9,72%)	5 (6,94%)	6 (8,33%)

Com base na Tabela 84, pode-se dizer que a categoria de OBJETOS apresenta muita flutuação, o que dificulta o estabelecimento de quais subcategorias sejam as mais relevantes. No latim clássico e nos desenvolvimentos vulgares, há uma predominância do grupo dos RECIPIENTES. A única exceção é o romeno *X-ar-*, que tem os utensílios como os mais produtivos. Curiosamente, no romeno *X-(i)er-*, observa-se tal predominância.

O grupo dos UTENSÍLIOS é o mais produtivo no latim medieval e nos esquemas que se desenvolvem desse. As formas são quase sempre as mesmas, relativas a *antifonário*, *bestiário*, *obituário*, *lecionário*, elementos presentes no âmbito eclesiástico.

Os OBJETOS DE USO PESSOAL mostram-se relevantes, na medida em que se observa que o seu quantitativo é significativamente maior em francês, catalão, espanhol, galego e português e, nesse sentido, estabelece-se um distanciamento dessas línguas do italiano e do romeno.

Por último, as categorias INSTRUMENTOS e MÁQUINAS não são decisivas em nenhum dos padrões observados e, por isso, devem ser considerados irrelevantes.

A seguir, na Tabela 85, são discutidos os subsquemas do esquema QUANTIDADE.

Tabela 85 – O esquema quantidade no latim e nas línguas românicas

		Quantidade					
Línguas	Padrões	Subesquemas (Frequência e Percentual)					
		Medida	Quantia	Coletivo	Excesso	Temporal	Diminutivo
<i>Latim clássico</i>	X-ĀRĪ	7 (17,95%)	13 (33,33%)	19 (48,72%)	-	-	-
<i>Latim medieval</i>	X-ARI-	5 (11,36%)	12 (27,27%)	22 (50%)	5 (11,36%)	-	-
<i>Romeno</i>	X-AR-	-	2 (12,5%)	12 (75%)	2 (12,5%)	-	-
<i>Romeno</i>	X-(I)ER	-	1 (20%)	2 (40%)	2 (40%)	-	-
<i>Italiano</i>	X-AI-	3 (6,82%)	-	32 (72,73%)	9 (20,45%)	-	-
<i>Italiano</i>	X-ARI-	4 (5,97%)	5 (7,46%)	57 (85,07%)	1 (1,49%)	-	-
<i>Francês</i>	X-IER-	4 (8,33%)	-	32 (66,67%)	12 (25%)	-	-
<i>Francês</i>	X-AIRE	-	1 (4,55%)	21 (95,45%)	-	-	-
<i>Catalão</i>	X-ER-	5 (7,35%)	-	36 (52,94%)	27 (39,71%)	-	-

<i>Catalão</i>	X-ARI-	-	2 (5,26%)	36 (94,74%)	-	-	-
<i>Espanhol</i>	X-ER-	2 (2,13%)	2 (2,13%)	57 (60,64%)	21 (22,34%)	12 (12,77%)	-
<i>Espanhol</i>	X-ARI-	1 (2,33%)	4 (9,30%)	38 (88,37%)	-	-	-
<i>Galego</i>	X-EIR-	-	-	36 (41,37%)	39 (44,83%)	4 (4,60%)	8 (9,20%)
<i>Galego</i>	X-ARI-	-	1 (3,57%)	25 (89,29%)	2 (7,14%)	-	-
<i>Português</i>	X-EIR-	2 (1,62%)	3 (2,44%)	63 (51,22%)	52 (42,28%)	-	3 (2,44%)
<i>Português</i>	X-ÁRI-	1 (1,72%)	4 (6,9%)	52 (89,66%)	1 (1,72%)	-	-

De baixa produtividade, se comparado aos esquemas anteriores, o esquema de QUANTIDADE é o que apresenta maior variação de significados entre as línguas. Quanto às informações apontadas na Tabela 85, a primeira conclusão que se pode tirar do esquema QUANTIDADE é de que os subesquemas QUANTIA e UNIDADE DE MEDIDA são produtivos para o latim, sobretudo o clássico, porém é improdutivo para as línguas românicas, cujas realizações, ora são formas herdadas do latim, ora são formas esporádicas. Para uma comparação entre as línguas românicas, esses dois subesquemas devem ser considerados irrelevantes.

Os subesquemas DIMINUTIVOS e TEMPORAIS, além de serem pouco produtivos nas línguas em que aparecem, não se mostram relevantes para qualquer tipo de generalização. Não parece razoável usar a categoria de DIMINUTIVOS para caracterizar uma ligação entre galego e português, ou a categoria de TEMPORAIS para caracterizar os fluxos entre espanhol e galego.

Assim, sobram COLETIVO e EXCESSO. O COLETIVO, quase sempre, é o mais produtivo. As exceções aparecem no romeno *X-(i)er* e no galego *X-eir-*. No romeno, há um empate real entre COLETIVO e EXCESSO, com duas ocorrências de cada. Já no galego, o COLETIVO, em termos de quantidade, está atrás do de EXCESSO, por três ocorrências. De qualquer sorte, é destacável a sua produtividade nesse padrão.

Em termos quantitativos absolutos, parece que o grupo de EXCESSO ganha mais produtividade em francês, catalão, espanhol, galego e português, o que, mais uma vez, distancia essas línguas do romeno e do italiano.

Por último, na Tabela 86, a seguir, expõem-se os esquemas ditos solitários, aqueles que não apresentam subesquemas. Para se avaliar o percentual nesses casos, fez-se uma espécie de somatório românico e calculou-se o percentual de cada padrão de cada língua.

Tabela 86 – Os esquemas solitários no latim e nas línguas românicas

Esquemas solitários						
Línguas	Padrões	Anomalia	Ação	Qualidade	Desejo	Parte do corpo
<i>Latim clássico</i>	X-ĀRĪ	1 (0,68%)	-	-	-	-
<i>Latim medieval</i>	X-ARI-	1 (0,68%)	-	-	-	-
<i>Romeno</i>	X-AR-	-	-	-	-	-
<i>Romeno</i>	X-(I)ER	-	-	-	-	-
<i>Italiano</i>	X-AI-	2 (1,37%)	-	-	-	-
<i>Italiano</i>	X-ARI-	1 (0,68%)	-	-	-	-
<i>Francês</i>	X-IER-	1 (0,68%)	-	-	-	-
<i>Francês</i>	X-AIRE	2 (1,37%)	-	-	-	-
<i>Catalão</i>	X-ER-	10 (7,94%)	4 (3,17%)	-	17 (100%)	-
<i>Catalão</i>	X-ARI-	1 (0,68%)	-	10 (83,33%)	-	-
<i>Espanhol</i>	X-ER-	43 (34,13%)	50 (39,68%)	2 (16,67%)	-	-
<i>Espanhol</i>	X-ARI-	3 (2,38%)	-	-	-	-
<i>Galego</i>	X-EIR-	32 (21,92%)	12 (9,52%)	-	-	6 (100%)
<i>Galego</i>	X-ARI-	1 (0,68%)	-	-	-	-
<i>Português</i>	X-EIR-	47 (37,30%)	60 (47,62%)	-	-	-
<i>Português</i>	X-ĀRI-	1 (0,68%)	-	-	-	-
Total românico		146 (100%)	126 (100%)	12 (100%)	17 (100%)	6 (100%)

A partir desses dados da Tabela 86, é possível tomar estas primeiras posições: (i) somente as formas populares admitem sentidos ditos inovadores, como ATITUDINAIS, DESEJO, PARTE DO CORPO e QUALIDADE; (ii) os esquemas de DESEJO e PARTE DO CORPO são individualizantes e pouco produtivos, dizendo respeito apenas ao catalão e ao galego, respectivamente; (iii) o esquema de QUALIDADE aparece apenas no catalão e no espanhol, sendo produtivo apenas no catalão. Por conta disso, esses três esquemas devem ser considerados irrelevantes na extensão da România.

Relevantes parecem apenas os esquemas de ANOMALIAS e ATITUDINAIS. No caso das ANOMALIAS, nota-se uma crescente produtividade em catalão, espanhol, galego e português. Nessas mesmas línguas, exclusivamente, nota-se a existência do esquema de ATITUDINAIS. Assim, ambos esquemas caracterizam as línguas ibero-românicas e, mais uma vez, o catalão distancia-se do francês.

Essa análise considerando toda a extensão românica permite dar uma visão mais sintética e funcional dos esquemas estudados. Além disso, serve também para melhorar a aplicação dos chamados Mapas Semânticos, ferramenta teórico-metodológica da tipologia cognitivo-funcional que se usou nas comparações empreendidas. Esse modelo desenvolvido por Haspelmath (2003) mostrou-se funcional nos primeiros momentos da Tese, porém, à medida em que a rede semântica foi aumentando e mais línguas entraram em cena, o modelo se mostrou pouco funcional e, em certos momentos, ilegível, como se pôde ver em mapas apresentados nas seções de catalão, espanhol, galego e português.

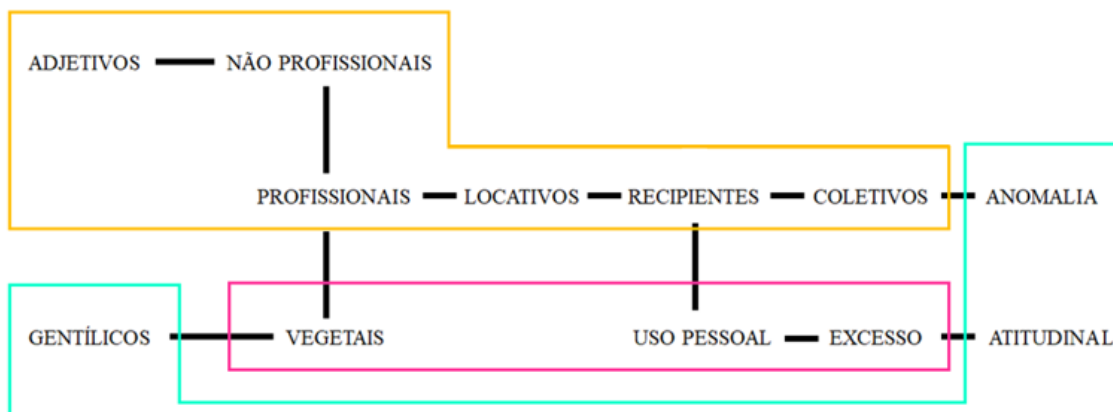
Para a elaboração de um mapa românico, de fato, funcional, é preciso que sejam excluídas as informações relativas ao latim, pois é inviável compará-lo com as suas descendentes, esperando algum tipo de generalização. É fundamental também que sejam desconsiderados os desenvolvimentos cultos-medievais, pois, além de apresentarem, majoritariamente, formas herdadas do latim, não alcançam a língua romena, que não apresenta correspondente. Nesse mesmo sentido, deve-se desconsiderar o desenvolvimento sufixal romeno *X-(i)er*. Assim, as generalizações feitas a partir dos dados desta Tese permitem chegar às generalizações expressas no Quadro 67, a seguir.

Quadro 67 – Síntese das categorias relevantes e as línguas produtivas

Categorias semânticas	Línguas românicas						
	Romeno	Italiano	Francês	Catalão	Espanhol	Galego	Português
Adjetivos	X	X	X	X	X	X	X
Gentílicos				X	X	X	X
Profissionais	X	X	X	X	X	X	X
Não profissionais	X	X	X	X	X	X	X
Vegetais			X	X	X	X	X
Locativos	X	X	X	X	X	X	X
Recipientes	X	X	X	X	X	X	X
Objetos de uso pessoal			X	X	X	X	X
Coletivos	X	X	X	X	X	X	X
Excesso			X	X	X	X	X
Anomalias				X	X	X	X
Atitudinais				X	X	X	X

Na Figura 182, representa-se o mapa semântico baseado nas informações apresentadas no Quadro 67.

Figura 182 – Mapa Semântico Românico



O mapa semântico da Figura 182, pautado nas informações do Quadro 67, permite chegar a três conclusões. São elas:

- em laranja, há uma rede semântica fixa e básica que alcança a todas as línguas românicas e inclui as categorias de ADJETIVOS, PROFISSIONAIS, NÃO PROFISSIONAIS, LOCATIVOS, RECIPIENTES, UTENSÍLIOS e COLETIVOS;
- em rosa, há uma rede semântica específica e produtiva que abrange línguas românicas ocidentais (francês, catalão, espanhol, galego e português) e inclui as categorias de VEGETAIS, OBJETOS DE USO PESSOAL e EXCESSO;
- em azul, há uma rede específica e produtiva que caracteriza as línguas românicas desenvolvidas na Península Ibérica, ou seja, catalão, espanhol, galego e português, abrangendo as categorias semânticas de GENTÍLICOS, ANOMALIAS e ATITUDINAIS.

Todos esses pontos confirmam a proposta de Wartburg (1952) de que francês, catalão, espanhol, galego e português estão no âmbito da România Ocidental, ao passo que o romeno e o italiano estão na România Oriental. Dentro dessas línguas românicas ocidentais, destaque-se a especificidade do subgrupo das línguas românicas desenvolvidas na Península Ibérica, pois as categorias de GENTÍLICOS, ANOMALIAS e ATITUDINAIS são produtivas em catalão, espanhol, galego e português, mas não no francês. Nesse sentido, é possível dizer que, com base no fenômeno analisado nesta Tese, o catalão está mais próximo de ser uma língua ibero-românica do que galo-românica.

Os dados apresentados nesta Tese mostram que o comportamento morfossemântico dos esquemas descendentes de *X-ari-* nas línguas românicas são, sim, relevantes para confirmar alguma das hipóteses de classificação das línguas românicas, no caso, a de Wartburg (1952). Ajudam a ratificar tal constatação os funcionamentos dos correspondentes em outras línguas românicas não estudadas nesta Tese.

Na língua occitana, língua falada no sul da França, Alibèrt (1976) observa que o correspondente *-ièr/-ièra/-ièira* opera na formação de: (a) agentes: *barbièr, cabrièr, fornièr, olièr* e *vaquièr*; (b) objetos (recipientes, móveis e instrumentos): *candelièr, pastièra, salièra* e *telièr*; (c) lugar onde há animais (tocas, viveiros), árvores (plantações, culturas) ou mineirais (minas): *favièra, milhièra, sesquièra, conilhièra, lobatièra, palombièra, argentièra, carbonièra* e *geissièra*; (d) adjetivos: *dreiturièr, esquerrièr, parlièr* e *tardièr*; (e) nomes de árvores: *avelanièr, cerièr, figuèr, palmièr, perièr, perseguièr* e *prunièr*. Os exemplos de árvores listados por Alibèrt (1976) são todos masculinos, comportamento que se vê também no francês.

Com base na descrição de Alibèrt (1976), deduz-se que, no occitano, significados relacionados a GENTÍLICOS, ATITUDINAIS e ANOMALIAS não são produtivos. Toda essa caracterização permite classificar essa língua como românica ocidental, visto que apresenta produtivamente a categoria de VEGETAIS, mas não ibero-românica. Nesse sentido, o occitano distancia-se potencialmente do catalão.

Sobre o asturiano, língua falada na Espanha, a Academia de la Llingua Asturiana (2001) destaca a atuação do sufixo *-eru/-ero/-era* na formação de: (a) profissões: *barqueru, camioneru, carteru, ferreru, gaiteru*; (b) adjetivos: *cafeteru, muyereru, traseru, traicioneru, delanteru*; (c) locativos: *abeyeru, formigueru, pataqueru, piteru*; (d) recipientes: *cafetera, ceniceru, saleru, sopera, xabonera*; (e) gentílicos: *areneru* (< L'Arena), *bañugueru* (< Bañugues) e *tazoneru* (< Tazones); (f) atitudinais: *comedera, bebedeira, entendedera, fumadera, tusidera, llimpiadera*; (g) anomalias: *ceguera, malera, vieyera*.

Cabe mencionar, ainda, que, no que toca à designação de árvores, vê-se, na língua asturiana, o uso do sufixo *-al*, tal como acontece no espanhol. Em alguns momentos, usa-se a variante *-ar*. Ambas as formas, como já dito, estão na mesma rede semântico-etimológica de *-arius*. Alguns exemplos de árvores no asturiano são: *castañal/castañar* (< *castaña*), *cerezal* (< *cereza*), *figal* (< *figu*), *mazanal* (< *mazana*), *peral* (< *pera*) e *pescal* (< *piescu*). Toda essa caracterização feita pela Academia de la Llingua Asturiana (2001) confirma que o asturiano é uma língua românica ocidental e ibero-românica.

Sobre o valenciano, língua falada na Espanha, a Acadèmia valenciana de la llengua (2006) fornece uma descrição muito ligeira do funcionamento do correspondente *-er/-era*. São

destacados os seguintes usos: (a) profissionais: *fuster/fustera*; (b) vegetais: *taronger, albercoquer, pomera* e *fesolera*; (c) gentílicos: *bunyoler* e *brasiler*. Essas considerações confirmam que o valenciano apresenta uma propriedade comum a todas as línguas românicas, os PROFISSIONAIS, uma comum às línguas românicas ocidentais, os VEGETAIS, e uma ibero-românica, por conta da formação de GENTÍLICOS.

Em relação ao aragonês, língua falada também na Espanha, a Academia de l’Aragonés (2017) menciona os seguintes usos para o correspondente *-ero/-er/-era*: (a) profissões: *bordalero, carnicero, ferrer, panacero, peller, lenyero*; (b) recipientes: *candelero, cenisero, mantequera, salero, tortera*; (c) locativos: *cabanyera, forniguero, granero, hierbero, nevero, panera, pedreguera*; (d) coletivos: *avrispero, morceguera, pasebrera*; (e) objetos de uso pessoal: *calcanera, collera, peitera, sudera*; (f) intensificadores/excesso: *airera, crostera, fumera*; (g) anomalias: *sangrera, zurrera, lelera, patera*; (h) árvores: *abellanera, castanyera, ciresera, malacatonero, mazanera, morera, nuquera, perera, rosera, sabuquero*; (i) ações: *badalladera, soniadera, sudadera*; (j) adjetivos: *balloquero, farandulero, manero, rastrero*; (k) gentílicos: *santacruzera, brasileiro*.

A classificação da Academia de l’Aragonés (2017) mostra que a língua aragonesa tem: (i) elementos da rede semântica básica românica como ADJETIVOS, LOCATIVOS, RECIPIENTES, PROFISSIONAIS; (ii) elementos ocidentais, como EXCESSO, VEGETAIS e OBJETOS DE USO PESSOAL; (iii) elementos ibero-românicos, como GENTÍLICOS, ANOMALIAS e ATITUDINAIS. Esses dados confirmam o caráter ibero-românico do aragonês.

Em relação ao romanche, língua românica falada na Suíça, Grünert (2007) destaca os seguintes usos do correspondente *-er/-era/-ier/-iera*: (a) pessoas (profissionais ou não): *banchier, cassier, hoteler, passagier, vacanzier*; (b) utensílios e recipientes: *chandalier, sterliera* e *zutgeriera*; (c) locativos: *betunera, sablunera, patinera, furmicler, giagliner, sigliera*; (d) vegetais: *chastagner, nuscher, mailer, pairer, pumer, tscharescher*. Note-se que todas as formas são masculinas, tal como no francês e no occitano. Face às categorias apresentadas, o romanche pode ser tido como românico-ocidental, mas não ibero-românico, até mesmo por questões geográficas.

Em relação ao sardo, língua falada no sul da Itália, Tuveri (2006) e Pinto (2018) apontam os seguintes significados para o correspondente *-eri/-era*: (a) adjetivos: *praneri, faineri, amistantzieri*; (b) profissionais: *fusteri, ferreri, butegheri, coxineri, jardineri, magasineri, barberi*; (c) recipientes: *tinteri, salera, tzucurera, cinixera, insaladera*. As categorias sugerem que o sardo apresenta apenas categorias da rede semântica românica comum. Não há exemplos

de VEGETAIS com sufixo *-eri/-era*. Face ao que se apresenta, o sardo não pode ser considerado uma língua românica ocidental, juntando-se ao italiano e ao romeno no rol das línguas românicas orientais, como sugeriu Wartburg (1952).

Quando se acrescentam as informações dessas outras línguas, não se vê qualquer comprometimento à conclusão a que se chegou com esta Tese: a divisão entre România Ocidental e România Oriental, da forma como proposta por Wartburg (1952), é pertinente, quando se analisa o fenômeno da difusão do esquema latino X-ari- nas línguas românicas.

Chegar a tal conclusão deixa ainda uma lacuna, que é a dificuldade de encontrar especificidades que conectem o italiano e o romeno, visto que essas são avaliadas como orientais, muito mais pelo fato de não apresentarem determinadas propriedades que as ocidentais apresentam, e em nada pelo fato de apresentarem propriedades comuns.

Mesmo com essa lacuna que ainda persistirá, a Tese consegue o feito de mostrar que um fenômeno da ordem da morfologia derivacional pode ser relevante para tratar de questões ligadas à categorização das línguas. Espera-se que, a partir desses resultados, muitos outros trabalhos apareçam, no sentido de seguir avaliando a pertinência de categorizações feitas há tanto tempo.

REFERÊNCIAS

- ABELLÁN, M. del C. A. Convergencias y mecanismos de selección sufijales (a propósito de *-alis (-aris)/-arius*). *Habis*, 23, 321-340, 1992.
- ACADEMIA DE L'ARAGONÉS. *Gramatica basica de l'Aragonés*. Zaragoza: Edicions Dichitals de l'Academia de l'Aragonés, 2017.
- ACADEMIA DE LA LINGUA ASTURIANA. *Gramática de la llingua asturiana*. 3 ed. Oviedo: Academia de la llingua asturiana, 2001.
- ACADÈMIA VALENCIANA DE LA LENGUA. *Gramàtica normativa valenciana*. València: Acadèmia valenciana de la lengua, 2006.
- ALEGRE, M. *Dialectologia catalana*. Barcelona: Editorial Teide S.A., 1991.
- ALEMANY Y BOLUFER, J. A. *Tratado de la formación de palabras en la lengua castellana: la derivación y la composición: estudio de los sufijos y prefijos empleados en una y otra*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1920.
- ALEXANDRA GONÇALVES, P. De Babel a Pandora: crise, cultura e identidade no multilingüismo italiano. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Orgs.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 153-167.
- ALIBÈRT, L. *Gramatica occitana: segon los parlars lengadocians*. 2 ed. Montpellier: Centre d'Estudis Occitans, 1976.
- ALIGHIERI, D. *L'eloquenza in volgare*. A cura di George Inglese. Milão: BUR, 1998.
- ALMEIDA, M. L. L. de. *et al*. Breve introdução à Linguística Cognitiva. In: ALMEIDA, M. L. L. de *et al* (Org.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 15-50.
- ALMEIDA, M. L. L. de; GONÇALVES, C. A. V. Polissemia sufixal: o caso das formas X-eiro - propostas e problemas. *XX Encontro Nacional da APL (Associação Portuguesa de Linguística)*, 2005. Lisboa: Colibri Artes Gráficas. v. 20. p. 1-12. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/72520-3.pdf>>. Acesso em 08 mar de 2016.
- ALONSO, A. *Castellano, español, idioma nacional: historia espiritual de tres nombres*. 2 ed. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A., 1949.
- ALVAR, M.; POTTIER, B. *Morfología histórica del español*. Madrid: Gredos, 1983.
- ALVAREZ, R.; XOVE, X. *Gramatica da lingua galega*. Vigo: Editorial Galaxia, 2002.
- ALVARO, P. T. Até: de preposição a operador escalar. In: ALMEIDA, Maria Lucia *et al* (Org.). *Linguística Cognitiva em Foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p.107-120.
- ANDERSON, S. R. Where's morphology. *Linguistic Inquiry*, v. 13, p. 571-612, 1982.
- ANDRADE, M. A. S. *Construções gramaticais com ir no português brasileiro contemporâneo*. 2017. 118f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- AREÁN-GARCÍA, N. A importância da língua romena nos estudos filológicos. *Revista Philologus*, v. 18, p. 30-36, 2012a.

- AREÁN-GARCÍA, N. Estudio comparativo entre sufijos na língua romena e portuguesa. *Revista Philologus*, v.18, p. 81-92, 2012b.
- ARNOUX, E. N. de; VALLE, J. del. Introducción a la creación del español: perspectivas latinoamericanas y transatlánticas. In: VALLE, J. del. (Ed.). *Historia política del español: la creación de una lengua*. SL: Editorial Aluvión, 2015, p. 145-156.
- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Mit Press, 1976.
- AUWERA, J; NUYTS, J. Cognitive linguistics and linguistic typology. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Ed.). *Handbook of cognitive linguistics*. Oxford: OUP, 2007. p. 1074-1091.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BALDINGER, K. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Gredos, 1963.
- BARBUȚĂ, I. et al. *Gramatică uzuală a limbii române*. Chișinău: Litera, 2000.
- BASÍLIO, M. Re-estudo de agentivos. *Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1981.
- BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, M. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BASÍLIO, M. O fator semântico na fluidez substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, Jürgen (Org.). *Flores verbais*. Rio de Janeiro: 34/Nova Fronteira, 1995. p. 177-192.
- BASÍLIO, M. O papel da metonímia na morfologia lexical. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 9, p. 99-117, 2011.
- BASÍLIO, M. Re-estudo de agentivos. *Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1981.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BASSETTO, B. *Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas românicas*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- BASSETTO, B. O romeno no contexto românico. *Organon*, n. 44/45, vol. 22, jan.-dez, p. 39-52, 2008.
- BATLLE, M. et al. *Gramàtica històrica de la llengua catalana*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2016.
- BATORÉO, H. Tipologia do espaço e tipologia das línguas na Linguística Cognitiva: proposta de Leonard Talmy. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Org.). *Linguística cognitiva: pensamento, linguagem e cultura*. Campos do Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017. p. 136-177.
- BATORÉO, H.; CASADINHO, M. Botar ou não botar... eis a questão. Produtividade lexical do verbo espacial 'botar' no Português Europeu (PE) e no Português do Brasil (PB) na ótica da Linguística Cognitiva. In: ALMEIDA, M. L. L. de; et al (Orgs). *Linguística Cognitiva em Foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p.53-66.
- BEARD, M. Racism in Greece and Rome. In: _____. *It's a don's life*. London: Profile Books, 2009, p. 80-82.

- BEC, P. *Manuel pratique de philologie romane, tome 1: italien, espagnol, portugais, occitan, catalan et gascon*. Paris: Picard, 1970.
- BENNETT, C. E. *New latin grammar*. Boston: Allyn and Bacon, 1895.
- BERGEN, B; CHANG, N. Embodied Construction Grammar in simulation-based language understanding. In ÖSTMAN, J-O; FRIED, M. (orgs.) *Construction Grammar(s): cognitive and crosslanguage dimensions*. John Benjamins, 2005. Disponível em: <<http://www.icsi.berkeley.edu/NTL/papers/ecg-tr-02-004.pdf>>. Acesso em setembro de 2018.
- BICKERTON, D. The language bioprogram hypothesis. *The Brain and Behavioral Sciences*, v. 7, n. 2, p. 173-221, 1984.
- BOLLÉE, A. Pidgins und kreolische Sprachen. *Studium Linguistik*, v. 3, pp. 48-76, 1977.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Form and meaning in morphology: the case of Dutch ‘agent nouns’. *Linguistics*, n. 24, p. 503-517, 1986.
- BOOIJ, G. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In GISBORNE, Nikolas; HIPPISEY, Andrew (Ed). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.
- BORGES SANTOS, D. *Construções com o verbo dar no português arcaico: uma abordagem baseada na Gramática das Construções*. Projeto de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, 2017.
- BORGES, R.; SACRAMENTO, A. Filologia e edição de texto. In: BORGES, R. *et al. Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012, p. 15-59.
- BOSSAGLIA, G. *Linguística comparada e Tipologia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- BOTELHO, L. S. *Construções agentivas em X-eiro, uma rede metafórica*. 2004. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2004.
- BOTELHO, L. S. Uma abordagem sociocognitiva das construções agentivas em X-eiro. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 178-201.
- BOURCIEZ, É. *Éléments de linguistique romane*, Paris: C. Klincksieck, 1910.
- BRACHET, A. *Grammaire historique de la langue française*. Paris: Bibliothèque d’Éducation, 1867.
- BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. Tradução de Aída Ferras *et al.* São Paulo: EDUC & Pontes, 1992.
- BRUNOT, F. *Précis de grammaire historique de la langue française*. Paris: Masson et cie, 1899.
- BRUNOT, F.; BRUNEAU, C. *Précis de grammaire historique de la langue française*. Nouvelle édition entièrement refondue. Paris: Masson et cie, 1933.
- BUESCU, V. *Dicionário romeno-português*. Porto: Editora Porto, 1977.
- BURKE, P. A história como memória social. In: _____. *O mundo como teatro: Estudos de Antropologia Histórica*. São Paulo, Difel, p. 235-251
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

- CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. 4 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- CANETA DESMANIPULADORA. *Página Caneta Desmanipuladora no Facebook*. Disponível em: < <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora/>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.
- CARDOSO, Z. de A. *Iniciação ao latim*. São Paulo: Ática, 1997.
- CARMO, C. B. da S. A configuração da rede de construções agentivas denominais *X-ista*. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p.202-228.
- CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática Histórica (para o colegial e vestibulares)*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.
- CASTELLANI, A. *Grammatica storica della lingua italiana: Introduzione*. Bologna: il Mulino, 2000.
- CASTRO DA SILVA, C. C. *A parassíntese em português: as relações entre cultura, léxico e frequência na linguística cognitiva*. 2012. 234 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CASTRO, I. (Ed.). *Sete ensaios sobre a obra de J. M. Piel*. Lisboa: Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, 1988.
- CASTRO, I. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, 1991.
- CATALÁN, D. *Linguística ibero-românica: crítica retrospectiva*. Madrid: Gredos, 1974.
- CAVICCHIOLI, M. R. Fama e Infâmia na sexualidade Romana. *Romanitas*, v. 3, p. 153-164, 2014.
- CHAURAND, J. *Introduction a l'histoire du vocabulaire français*. Paris: Bordas, 1977.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R.A.; ROSENBAUM, P.S (Ed.). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn&Co, 1970. p.184-221.
- CIOBANU, F. Categoriile semantice de sufixul -ar în limba română. *Studii și materiale privitoare la formarea cuvintelor în limba română*. București: Academiei Republicii Populare Romîne – Institut de Lingvistică din București, 1962, vol. III, p. 143-154.
- CÍTRICO CINTILANTE. Amor é sol que brilha. Disponível em: <<http://ctricocintilante.blogspot.com.br/2010/11/amor-e-sol-que-brilha.html>>. Acesso em 26 de janeiro de 2018.
- CLYNE, M. (Ed.). *Pluricentric Languages: differing norms in different nations*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1992.
- COLÓN, G. *El léxico catalán en la Rumania*. Madrid: Gredos, 1976.
- COOPER, F. T. *Roman Sermo Plebeivs*. New York: University Faculty of Philosophy, 1895.
- CORBIN, D. Associativité et stratification dans la représentation des mots construits. In: DRESSLER, W.U. et al. *Contemporary morphology*. New York: Mouton de Gruyter. 1990. p.43-59.

- CORBIN, D. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, 1987.
- CORBIN, D.; CORBIN, P. Un traitement unifié du suffixe -ier(e), *Lexique*, v. 10, p. 61-145, 1991.
- COSTA, M. C. S.; SOLEDADE, J. Derivação sufixal: funcionamento e sentidos dos sufixos -dor1 e -dor2 no português arcaico. *Crátilo* (Patos de Minas), v. 06, p. 66-71, 2013.
- COSTA, S. B. B. *Adverbiais espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização*. 2003. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal d Bahia, Salvador, UFBA, 2003.
- COUTO, H. H. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- CROFT, W. Linguistic evidence and mental representations. *Cognitive Linguistics*. v.9, n.2, p.151-173, 1998.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CROITOR, B. Derivational Morphology. In: DINDELEGAN, G. P. (Ed.). *The grammar of Romanian*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p.599-606
- D'ACHILLE, P. *Breve grammatica storica dell'italiano*. Roma: Carocci Editore, 2001.
- D'OVIDIO, F.; MEYER-LÜBKE, W. *Grammatica storica della lingua e dei dialetti italiani*. Milão: Editore Libraio della Casa Real, 1906.
- DALLARI, B. Dante Alighieri e o projeto do vulgar ilustre. *Morus*, v. 6, p. 287-294, 2009.
- DEGRAFF, M. (org.). *Language Creation and Language Change: Creolization, Diachrony, and Development*. Cambridge; London: MIT Press, 2001.
- DEWULF, J. E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística. In: RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira e Silva; FIGUEIREDO; Olívia Maria; SILVA, Fátima. (Orgs.) *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Universidade do Porto, 2005, v. 1, p. 305-312.
- DICIO. *Recipiendario*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/recipiendario/>>. Acesso em 07 de agosto de 2018.
- DICȚIONARE ALE LIMBII ROMÂNÈ. Disponível em: < <https://dexonline.ro/>>. Acesso em 21 de agosto de 2018.
- DIEZ, F. *Grammaire des langues romanes*. 3 ed. Paris: A. Franck Édité, 1874.
- DOBRINESCO, G. *Gramática da língua romena*. São Paulo: Presença/EDUSP, 1978.
- DRESSLER, W. Explanation in natural morphology, illustrated with comparative agentnoun formation. *Linguistics*, 24, p. 519-548, 1986.
- DRIVAUD, M-H. (Org.). *Le Nouveau Petit Robert De La Langue Francaise* 2014. Paris : Dictionnaires Le Robert, 2013.

- DUCHOWNY, A. T. *Definindo Linguística comparada*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2011. [material didático ou instrucional — Produção do curso online da disciplina *Fundamentos de Linguística Comparada*]
- DUPOUX, E.; PEPPERKAMP, S. Indicadores fossilizados do desenvolvimento lingüístico: “surdez” fonológica no processamento da fala do adulto. *Palavra – Revista da Pós-graduação em Letras da PUC-Rio*, v. 6, p.22-47, 2000.
- EDITORA PORTO. *Dicionário Latim-português*. 4 ed. Porto: Editora Porto, 2012.
- ELIA, S. Prefácio. In: NICULESCU, A. *História breve da língua romena*. São Paulo: Presença/EDUSP, 1983. p. 9-12.
- ENGUITA, M. F. *A Face Oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ESTADÃO. Desaprovação de Lula cai e de Moro sobe. 2017. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,desaprovacao-de-lula-cai-e-de-moro-sobe-diz-instituto,70002013727>>. Acesso em 4 de fevereiro de 2018.
- FAGUNDES DE OLIVEIRA, M. O agente e o paciente na perspectiva de protótipos. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 37, p. 105-123, 2016.
- FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 5 ed. v 3. São Paulo: Cortez, 2011, pp. 27-52.
- FARACO, C. A. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola, 2016.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. 6. tir. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Rio de Janeiro: FAE, 1994.
- FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- FARIA, E. *Gramática Superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.
- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, I. Los orígenes de la dialectología hispánica y Ramón Menéndez Pidal. In: VIEJO, Xulio (Org.). *Cien años de Filología Asturiana (1906-2006)*. Oviedo: Alvívoras & Trabe, 2009, p. 11-41.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERREIRA, M. B. *Vestígios do romance moçárabe em Portugal*. Revista do Campo Arqueológico de Mértola, v. 1, p. 227-228, 1992.
- FERREIRO, M. *Gramática histórica galega: Lexicoloxía*. 2 ed. Santiago de Compostela: Edicións Laidovento, 2001.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: AUTOR, X. *The linguistic society of Korea*. Linguistics in the morning calm. Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P. Grammatical Constructions and Linguistic Generalizations: the What’s X Doing Y Construction. *Language*, v. 75, n. 1, p.1-33, 1999.
- FILLMORE, C. Semântica de frames. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, nº 25, p.25-54, jul-dez, 2009.

- FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of *let alone*. *Language*, v. 64, n.3, 501-538, 1988.
- FINBOW, T. D. A formação dos conceitos de “latim” e de “romance”. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 89-119.
- FONSECA, F. V. P. da. *Método prático da língua romena*. Lisboa: Editorial Gleba, 1944.
- FORCEVILLE, C. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI, E. (Eds.). *Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor*. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 19-42.
- FRANCISCO, M. A. A língua galega na atualidade: problemas e perspectivas. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Orgs.). *Espaços linguísticos: resistências e expansões*. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 419-437.
- FREITAS, E. S. S. Aspectos diacrônicos nos estudos sufixais. *Labor Histórico*, v. 2, p. 181-196, 2015.
- FREITAS, E. S. S. *O tempo e o mento: História do sufixo latino -mentum e de seu desenvolvimento na língua portuguesa, em contraste com outras línguas românicas*. 2014. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa – Letras). Universidade de São Paulo, FFCH, São Paulo, 2014.
- FREIXEIRO MATO, X. R. *Gramática da língua galega III: Semántica*. 2 ed. Vigo: Edicións A Nosa Terra, 2006.
- FUNARI, P.P.A.; GARRAFFONI, R. S. A aculturação como modelo interpretativo: o estudo de caso da romanização. *Heródoto*, v. 3, p. 246-255, 2018.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; ROMERITO SILVA, J. Linguística Funcional Centrada no Uso e ensino de português. *Gragoatá*, v. 19, p. 80-104, 2014.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GARCÍA DE DIEGO, V. *Manual de gramática histórica española*. Madrid: Gredos, 1951.
- GARRAFFONI, R. S.. Romanos. In: FUNARI, P.P.A. (Org.). *As religiões que o mundo esqueceu? Como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 52-65.
- GASPAR, C. Algumas notas sobre onomástica romana nos gramáticos latinos. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*, viii, 2010, pp. 153-178.
- GAUGER, H-M. *Introducción a la Lingüística Románica*. Madrid: Gredos, 1989.
- GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GIL, J. E. G. O catalán de Aragón. In: REI, F. F.; FERNÁNDEZ, A. S. (Eds.) *Estudios de sociolingüística românica: línguas e variedades minorizadas*. Santiago de Compostela: Universidade; Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 1999, p. 235-276.
- GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- GOLDBERG, A. E. Construções: uma nova abordagem teórica para a linguagem. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 31, p. 189-203, 2012.

- GOLDBERG, A. E. Constructionist Approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: OUP, 2013. p. 1-12.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOMES, R. de M. S. *Práticas de interpretatio na Lusitânia romana: o caso do Fórum de Conimbriga*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- GONÇALVES, C. A. V. *et al.* Para uma estrutura radial das construções X-ão do português do Brasil. In: ALMEIDA, M. L. L. de; *et al* (Org.). *Linguística Cognitiva em Foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 141-156.
- GONÇALVES, C. A. V. Flexão e derivação: o grau. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Orgs). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 149-168.
- GONÇALVES, C. A. V. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*. São Paulo, v.58, n.1, 2013, p. 165-193.
- GONÇALVES, C. A. V.; YACOVENCO, L. C.; COSTA, R. R. Condições de produtividade e condições de produção: uma análise das formas X-eiro no português do Brasil. *Alfa*, v.42, 1998, p. 33-62.
- GONZÁLEZ, C. del R. *A diferenciação do Latim Vulgar Hispânico e a posição do Catalão no quadro das línguas ibero-românicas: novos dados, novos olhares*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- GOSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. (Ed.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 349- 377.
- GREGORY, J. K. *Roman Metz: Transition and Change in the City and Its Countryside*. 2002. Ph.D. Dissertation, University of Minnesota. University Microfilms, Ann Arbor, 2002.
- GRIERA, A. *Gramàtica històrica del català antic*. Barcelona: Impr. de la Casa de caritat, 1931.
- GROSSMANN, M. Sufissazione: Derivazione nominale denominale: Nomi collettivi. In: GROSSMANN, M.; *et al* (Eds). *La formazione delle parole in italiano*. Berlin: DeGruyter, 2004, p. 244-252.
- GRÜBL, K. La standardisation du français au Moyen Âge: point de vue scriptologique. *RLiR*, v. 77, p. 343-383.
- GRÜNERT, M. *Grammatica cumplessiva dal rumantsch grischun: La furmazion da plets*. Friburgo: Departament da linguatg e litteraturas romanas Linguatg e litteratura rumantscha, 2007.

- GRUPO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS. Em busca de um método de investigação para os fenômenos diacrônicos. In: VIARO, M. E. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 11-30.
- GUARINELLO, N. L. Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano. *Revista Brasileira de História*, v. 26, p. 227-248, 2006.
- GUERRAS, M. S. *Os povos bárbaros*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- GUISAN, P. A criação de uma norma-padrão em francês: entre planejamento político e mito. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Orgs.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 129-151.
- HALL JR., R. A. *Pidgins and creole languages*. Ithaca: Cornell University Press, 1966.
- HANNERZ, U. *Transnational Connections: Culture, People, Places*, London; New York, Routledge, 1996.
- HANSEN, F. *Gramática histórica de la lengua castellana*. Tubinga: Halle a. S. Max Niemeyer, 1913.
- HASPELMATH, M. *From Space to Time: Temporal Adverbials in the World's Languages*. Munich: Lincom Europa, 1997.
- HASPELMATH, M. The geometry of grammatical meaning: Semantic maps and cross-linguistic comparison. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language*. v. 2. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003, p. 211-242.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HERMAN, J. *El latín vulgar*. Tradução de Carmen Arias Abellán. Barcelona: Ariel, 2013.
- HIGINO DA SILVA, N. *Diferentes perspectivas sobre o formativo agro-: aspectos históricos, morfológicos e semânticos*. 2016. 188f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ILARI, R. *Linguística românica*. 2 ed (revista e ampliada). São Paulo: Contexto, 2018.
- ILARI, R. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- INSTITUT D'ESTUDIS CATALANS. *Diccionari de la llengua catalana*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2007.
- INSTITUT D'ESTUDIS CATALANS. *Gramàtica de la llengua catalana*. 1ª reimpressão. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2016.
- IONAȘCU, E. Sufixele -ar și -aș la numele de agent. *Studii și materiale privitoare la formarea cuvintelor în limba română*. București: Academiei Republicii Populare Romîne – Institut de Lingvistică din București, 1959, vol. I, p. 77-84.
- ISAAC, B. *The invention of racism in Classical Antiquity*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2004.
- JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n. 3, 1975, p. 639-671.
- JACKENDOFF, R. *The architecture of the language faculty*. Cambridge Mass.: MIT Press, 1997.

- JAÉN, J. F. La Semántica Histórica Cognitiva. In: JAÉN, Jorge Fernández. *Principios fundamentales de semántica histórica*. Madrid: Arco Libros, 2014. p. 49-87.
- KODA, M. *L'emploi du mot "nègre" peut-il être considéré comme une simple "faute de langage"?*. 2016. Disponível em: <https://la1ere.francetvinfo.fr/l-emploi-du-mot-negre-peut-il-etre-considere-comme-une-simple-faute-de-langage-345547.html> . Acesso em 09 de setembro de 2019.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- KRATSCHEMER, A.; METZELTIN, M. Morfología y sintaxis del castellano medieval. In: HOLTUS, G.; METZELTIN, M.; SCHMITT, C. (Eds.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübinga: Niemeyer, 1995, p. 564-569.
- KRÜGER, F. *Sprachgeographische Untersuchungen in Languedoc und Roussillon*. Hamburgo: Societe Internationale, 1913.
- LA REGINA, S. La lingua italiana come fattore di unificazione nazionale. In: LA REGINA, S. (Org.). *Miscelânea Românica*. Salvador: EDUFBA, 2014, v. 1, p. 193-202.
- LABOV, W. Denotational Structure. In: FARKAS, D. *et al* (Ed.). *Papers from the Parasession on the Lexicon*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1978. p. 220-260.
- LABOV, W. The boundaries of words and their meanings. In BAILEY, C; SHUY, R. (eds), *New ways of analyzing variation in English*. Washington: Georgetown University Press, 1973. p. 340-373.
- LACA, B. Las nominalizaciones orientadas y 10s derivados españoles en -dor y -nte. IN: VARELA, S. (Ed.). *La formación de palabras*. Madrid: Taurus, 1993, p. 180-204.
- LACUESTA, R. S.; GUIBERT, E. B. *La derivación nominal*. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española: entre la oración y el discurso: Morfología*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1999, p 4505-4594.
- LAGARES, X. C. Continuidades e rupturas lingüísticas na Península Ibérica. *Revista da ABRALIN*, n. especial, p. 123-151, 2011.
- LAGARES, X. C. O galego e os limites imprecisos do espaço lusófono. In: MOITA LOPES, L. C. da. (Org.). *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 339-360.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: A. Ortony (Ed.). *Metaphor and thought*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.
- LAKOFF, G. The neural theory of metaphor. In: GIBBS, R. W. (ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 17-38.
- LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LANG, M. *Formación de palabras en español: morfología derivativa productiva en el léxico moderno*. Madrid: Ediciones Catedra, 1990.

- LANGACKER, R. *Essentials of Cognitive Grammar*. Oxford: OUP, 2013.
- LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: University Press, 1987.
- LANUZZA, S. *Storia della lingua italiana*. Roma: Newton Compton, 1994.
- LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. 2 ed. Madrid: Editorial Gredos, 2017.
- LECOLLE, M. Désadjectivaux formés par conversion et double catégorisation : le cas des adjectifs/noms en *-aire*, *Revue Romane*, v. 46, n. 2, p. 295-316, 2011.
- LEDA, M. C. Teorias pós-coloniais e decoloniais: para repensar a sociologia da modernidade. *Temáticas*, v. 45/46, p. 101-126, 2015.
- LEITE DA SILVA, E. S. *Um estudo sociocognitivo de conceptualizações do trabalho em textos jornalísticos dos séculos XIX, XX e XXI*. 2017. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2017.
- LENZ, P. Semântica cognitiva. In: FERRAREZI JR., Celso; BASSO, Renato. (Org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-56.
- LLOYD, P. M. *From Latin to Spanish: Historical phonology and morphology of the Spanish language*. Filadélfia : American Philosophical Society, 1987.
- LO DUCA, M. G. Sufissazione: Derivazione nominale denominale: Nomi di agenti; Nomi di strumento; Nomi di luogo; Derivazione nominale deverbale: Nomi di agenti; Nomi di strumento; Nomi di luogo; Nomi di beneficiario. In: GROSSMANN, M.; *et al* (Eds). *La formazione delle parole in italiano*. Berlin: DeGruyter, 2004, p. 189-381.
- LODGE, R. A. *A Sociolinguistic History of Parisian French*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- LODGE, R. A. Standardisation et Koinésation: Deux approches contraires à l'historiographie d'une langue. In : DESSÍ SCHIMID, S. ; HAFNER, J. ; HEINEMANN, S. (Eds.). Koineisierung und Standardisierung in der Romania, Heidelberg, *Studia Romanica*, v. 166, p. 65-79, 2011.
- LODGE, R. A. Standardisation, koinésation et l'historiographie du français, *RliR*, v. 74, p. 5-26, 2010.
- LOPES, M. dos S. *A prefixação na primeira fase do português arcaico: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV*. 2013. 943f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- LOPES, M. dos S. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 2018. 5 v. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura; Doutoramento em Linguística do Português) — Instituto de Letras/Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia/ Universidade de Coimbra, Salvador/Coimbra.
- LOPES, M. dos S. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA DOS SANTOS, E. (Org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 229-259.
- LÓPEZ, J. M. *Lenguas en contacto*. Madrid: Arco Libros, 1997.
- LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In: LOBO, T. *et al*. *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 249-274.

- LUCCHESI, D. Crioulística. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR.; C.. (Orgs.). *Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 73-85.
- LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 41-73.
- LUCCHESI, D. *Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- LUCCHESI, D; BAXTER, A. A Transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.
- LÜDTKE, J. *La formación de palabras en las lenguas románicas: su semántica en diacronía y sincronía*. Tradução de Elisabeth Beniers, reelaborada em parte pelo autor e revisada por Carlos Gabriel Perna. México, D.F.: El Colegio de Mexico, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2011.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 1989.
- LUNA, C. J. Productividad y rendimiento de *-ero~a* en el *Quijote*. In: LLAMAZARES, M. V. (Ed). *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*. León: Universidad de León, 2006, p. 1027-1047.
- MAGNI, E. Conservazione e innovazione nella morfologia derivazionale dell'italiano: analisi sincronica e diacronica del suffisso *-aio*. In: CRESTI, Emanuela (a cura di). *Prospettive nello studio del lessico italiano: Atta del IX Congresso SILFI*. Firenze: Firenze University Press, 2008, p. 497-505.
- MAIA, C. A. *História do galego-português: estado lingüístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência ao galego moderno)*. Coimbra: I.N.I.C., 1986.
- MAIA, C. de A. *História do galego-português: Estado lingüístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao Século XVI*. Coimbra: Coimbra University Press, 1986.
- MANACORDA, M. A. *História da Educação: da antigüidade aos novos dias*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARASCHIN, L. T. Sobre o latim e outros latins: algumas reflexões sociolinguísticas. *SOLETRAS*, v. 14, 2007, p. 229-238.
- MARGARIT, A. M. B. *Gramatica catalana*. Madrid: Gredos, 1962.
- MARGARIT, A. M. B. *La formació de la llengua catalana*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1991.
- MARINHO, M. A. F. *Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil*. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2004.
- MARINHO, M. F. *Do latim ao português: percurso histórico dos sufixos -dor e -nte*. 2009. 210 f. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MARQUILHAS, R. Filologia oitocentista e crítica textual. In: ALVES, F. M. *et al* (Orgs). *Filologia, Memória e Esquecimento*. Lisboa: Húmus, 2010, pp. 355-367.
- MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 177-192.

- MARTIN, R. *Para Entender a Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003.
- MARTINS, A. M. Ainda sobre os mais antigos textos escritos em português - documentos de 1175 a 1252. In: FARIA, I. H. (Org.). *Lindley Cintra: Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa: Edições Cosmo, 1999, p. 491-534.
- MARTINS, E. M. Semântica dos Protótipos. In: FERRAREZI JÚNIOR, C.; BASSO, R. (Org.). *Semântica, Semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013, p.105-120.
- MATTOS E SILVA, R. V. Alguma reflexão sobre a unidade original galego-portuguesa. In: ALBÁN, M. del R. S. (Org.). *Língua e imigração galegas na América Latina*. Salvador: EDUFBA, 1998, p. 97-104.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: "ouvir o inaudível"*. São Paulo: Parábola, 2008a.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. IN-CM, 1989.
- MATTOS E SILVA, R. V. Línguas pluricêntricas e a questão das línguas crioulas. In: SOARES DA SILVA, A. *et al* (Orgs.) *Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia/Universidade de Braga, 2011, p. 197-204.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico, uma aproximação: fonologia e sintaxe*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008c.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico, uma aproximação: léxico e morfologia*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008b.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Salvador: Contexto/EDUFBA, 1991.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo/Salvador: Contexto/EDUFBA, 1994.
- MATTOS E SILVA, R. V. Orientações atuais da Linguística Histórica brasileira. *DELTA*. São Paulo, vol. 15, número especial, p. 147-166, 1999.
- MATTOS E SILVA, R.V. Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da linguística histórica no Brasil. *DELTA*. São Paulo, n. 4, 1988, p. 85-114.
- MATTOSO, K. M. Q. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- MAURER JR, T. H. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: Boletim da Cadeira de Filologia Românica da FFCL-USP, 1951.
- MAURER JR, T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- MAURER JR, T. H. Linguística Histórica. *Alfa*, v. 11, p. 19-42, 1967.
- MAURO, T. de. *Storia linguistica dell'Italia unita*, Laterza: Editori Laterza, 1965.
- MEIER, H. *Ensaio de filologia românica I*. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1973.

- MEILLET, A. *Études sur l'étymologie et le vocabulaire du vieux slave*. Paris: Bouillon, 1902-1905.
- MELO, C. N. *Sobre coleções e lugares: o caso das formações X-teca do português brasileiro*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. *El idioma español en sus primeros tiempos*. 7 ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1968.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. *Manual de gramática histórica española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1985.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. *Orígenes del español*. 3 ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1950.
- MEYER-LÜBKE, W. *Das Katalanische: Seine Stellung zum Spanischen und Provenzalischen sprachwissenschaftlich und historisch dargestellt*. Heidelberg: Carl Winters, 1925.
- MIGLIORINI, B. *Storia della lingua italiana*. Prima edizione digitale. Milão: Bompiani, 2019 [1960].
- MILLER, D. G. *Latin Suffixal Derivatives in English: and their Indo-European ancestry*. Oxford: OUP, 2005.
- MIRANDA, J. A. *La formación de palabras en español*. Salamanca: Colegio de España, 1994.
- MITITELU, V. *Rețea semantico-derivațională pentru limba română*. București: Editura Muzeului Național al Literaturii Române, 2013.
- MOLL, F. de B. *Gramática histórica catalana*. Madrid: Gredos, 1952.
- MONGELLI, L. M. Portugal: de Condado a Reino. In: MONGELLI, L. M. (Coord.). *Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII)*. São Paulo: Cotia, 1997, p. 185-221.
- MONTEAGUDO, H. *Historia social da lingua galega: idioma, sociedade e cultura a través do tempo*. Vigo: Editorial Galaxia, 1999.
- MONTSERRAT I BUENDIA, S. *La semàntica diacrònica cognitiva: Una aplicació a propòsit de venir, arribar i aplegar (segles XII–XVI)*. (= Biblioteca Sanchis Guarner, 68.) Alacant: Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana; Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat & Institut d'Estudis Catalans, 2007.
- MUFWENE, S. S. *The Ecology of Language Evolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- NARO, A.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.
- NEWELL, A. *Unified theories of cognition*. Cambridge: HUP, 1990.
- NICULESCU, A. *História breve da língua romena*. São Paulo: Presença/EDUSP, 1983.
- NIERMEYER, J. F. *Midiae Latinatis Lexicon Minus*. Leiden: E.J. Brill, 1976.
- NIETZSCHE, F. W. *A genealogia da moral*. São Paulo: Moraes, 1985.
- NORBERG, D. *Manual prático do latim medieval*. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CiFeFil, 2007. Disponível em: <<http://latim.paginas.ufsc.br/files/2012/06/Manual->

Pr%C3%A1tico-de-Latim-Medieval-2007.-Dag-Norberg.pdf>. Acesso em 21 de agosto de 2018.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1969.

NYROP, K. *Grammaire historique de la langue française: Formation des mots*. Copenhague-Paris: Picard, 1908.

OBSERVATORI DE NEOLOGIA. *Llengua catalana i neologia*. Barcelona: Editorial Meteora, 2004.

OLCOTT, G. N. *Word Formation of the latin scriptions: substantives and adjectives with special reference to the Latin Sermo Vulgaris*. Rome: Sallustian Typography, 1898.

OLENDER, M. *As línguas do Paraíso: arianos e semitas: um casamento providencial*. Tradução de Bruno Feitler. São Paulo: Phoebus, 2012.

OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional centrada no uso e ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V; NEVES, M. H. M. (orgs.). *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 15-34.

PAIM, M. M. T.; SFAR, I.; MEJRI, S. *Nas trilhas da Fraseologia: a partir de dados orais de natureza geolingüística*. Salvador: Quarteto, 2018.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Hugo Schuchardt e o princípio da irregularidade da mudança. *Palestra apresentada nos Seminários NeHiLP/GMHP*. São Paulo. 2013. Slide disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/51562873/hugo-schuchardt-e-o-principio-da-irregularidade-da-mudanca-usp>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Lingüística Histórica. In: PFEIFFER, Cláudia; NUNES, José Horta. (Orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Linguagem, História e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006, v. 3, p. 11-48.

PATOTA, G. *Lineamenti di grammatica storica dell'italiano*. Bologna: il Mulino, 2002.

PEIRSMAN, Y.; GEERAERTS, D. *Metonymy as a prototypical category*. Cidade: Editora, 2006.

PENNY, R. *Gramática histórica del español*. Edição atualizada. Tradução de José Ignacio Pérez Pascual e Maria Eugénia Pérez Pascual. Barcelona: Editorial Ariel, 2014.

PÉREZ, E. B. *La derivación nominal en español*. Madrid: Arco Libros SL, 1997.

PETTER, M. M. T. Línguas africanas no Brasil. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V. (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 117-142.

PIEL, J-M. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

PINTO, C. F. C. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 2011.

PINTO, I. Tra derivazione e flessione il caso del suffisso -éri in sardo. *International Journal of Linguistics, Philology and Literature*, n. 9, v. 1, p. 5-26, 2018.

PIZZORNO, D. A. *Polissemia da construção x-eiro: uma abordagem cognitivista*. 2010. 115p. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2010.

- POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- QUORA. *Qual é mais difícil aprender para um falante de inglês: português ou romeno?*. Disponível em: <<https://pt.quora.com/Qual-é-mais-difícil-aprender-para-um-falante-de-inglês-português-ou-romeno>>. Acesso em 03 de julho de 2018.
- RAINER, F. El origen de los nombres de calidad en -era del tipo ceguera. *Revue de Linguistique Romane*, nº319-320, p. 399-426, 2016.
- RAINER, F. La derivación adjetival. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española: entre la oración y el discurso: Morfología*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1999, p. 4595-4643.
- RAUTA, A. *Gramática rumana*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Colegio Trilingüe, Universidad de Salamanca, 1947.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 2012.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 2010.
- REAL ACADEMIA GALEGA. *Dicionario da Real Academia Galega*. A Coruña: Real Academia Galega, 2012.
- RESINA, J. R. Hispanismo e Estado: o crepúsculo das filologias nacionais. *Floema: Caderno de Teoria e História Literária*, n. 3, p. 99-147, 2007.
- RIO-TORTO, G. M. Desafios em morfologia: história e (re)conhecimento. In: VIARO, Mário Eduardo (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 31-57.
- RIO-TORTO, G. M. Formação de nomes. In: RIO-TORTO, G. M. *et al.* (Eds). *Gramática derivacional do português*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 135-240.
- RIO-TORTO, G. M. Morfologia lexical no português médio. In: LOBO, T. *et al.* (Orgs.). *ROSAE: Linguística Histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 305-322.
- RIO-TORTO, G. M. Mudança genolexical: teoria e realidade. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, v.3, 2008, pp. 223-240.
- ROBERTS, I. Creoles, markedness and the Language Bioprogram Hypothesis. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 19, pp. 11-24, 1997.
- ROBERTS, I. Posfácio: o português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora Unicamp, 1993, p. 409-425.
- ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.
- ROCHÉ, M. Gender inversion in Romance derivatives with *-arius*. In: BENDJABALLAH, S. *et al.* (Eds). *Morphology 2000: Selected Papers from the 9th Morphology Meeting*. Amsterdam: Benjamins, 2002, p. 283-291.
- ROCHÉ, M. La dérivation en -ier(e) en ancien français. *Léxique* (número especial: La morphologie dérivationnelle dans l'ancienne langue française et occitane – editado por Claude Buridant), v. 17, p. 55-96, 2006.

- RODRIGUES, A. D. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V. (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 143-161.
- RODRIGUES, A. D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *DELTA*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.
- RODRIGUES, L. S. *Neologia antroponímica: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer?*. 2019. 665 f. 2 tomos. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Salvador, 2019.
- RODRIGUES, L. S. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- RODRIGUES, L. S. Sobrenomes italianos: diatopia e identidade. In: SANTANA DOS SANTOS, E.; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. *Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos*. Salvador: EDUNEB, 2018, p. 169-201.
- RODRIGUES, S. *Júlio César nasceu de cesariana?*. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/julio-cesar-nasceu-de-cesariana/>. Acesso em: 09 de janeiro de 2020.
- ROHLFS, G. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: sintassi e formazione delle parole*. Torino: Einaudi, 1969.
- ROHLFS, G. La diferenciación léxica de las lenguas românicas. In: _____. *Estudios sobre el léxico románico*. Gredos: Madrid, 1979.
- ROSA, E. Sociolinguística Histórica. *Revista de Letras*, v. 17, p. 01-17, 2016.
- ROSCH, E. *et al.* Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (Ed.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1978.
- ROSCH, E. Natural categories. *Cognitive Psychology*, v. 4, 1973, p. 328-350.
- ROSSIAUD, J. *A Prostituição na Idade Média*. Tradução por Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- ROTH, W. Semântica Histórica: um campo abandonado da linguística?. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 61-79, 1998.
- RUIZ, C. M. La evolución de los sufijos -dor e -dero: un caso de amalgama morfológica para la expresión del género. *Estudi General*, v. 17, p. 145-171, 1998.
- SACRAMENTO, A.; NASCIMENTO, H. I. Entre A filologia e a linguística histórica: o texto como artefato histórico. *Macabéa – Revista Eletrônica do NETLLI*, Crato, v. 8m n. 2, 2019, p. 473-487.
- SACRAMENTO, A.; SANTOS, L. J. A Filologia como ética de leitura. *Revista da Abralin*, v. 16, p. 129-168, 2017.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SAÍZ, C. L. *Metáfora y creación léxica*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, S.A, 2005.

- SALA DE NOTÍCIAS. Cor é indiferente para quase 50% na fila de adoção. 2017. Disponível em: <https://www.saladenoticia.com/single-post/2017/11/20/Cor-é-indiferente-para-quase-50-na-fila-de-adoção>. Acesso em 4 de fevereiro de 2018.
- SALA, M. *De la latină la română*. București: Editurii Pro Universitaria, 2012.
- SALA, M. *et al*, *Vocabularul reprezentativ al limbilor romanice*. București: Științifică și enciclopedică, 1988.
- SALOMÃO, M. M. M. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a, p. 20-32.
- SALUM, I. Prefácio. In: DOBRINESCO, G. *Gramática da língua romena*. São Paulo: Presença/EDUSP, 1978. p. 15-23.
- SANDRA, I. What linguists can and can't tell you about the human mind: A reply to Croft. *Cognitive Linguistics*, v. 9, 1998, 361-378.
- SANTANA DOS SANTOS, E. *A polissemia do verbo "tomar" ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva*. 2011. 292 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.
- SANTANA, N. M. O. Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX. 210 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2019.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2012 [1916].
- SCALISE, S.; BISETTO, A. *La struttura delle parole*. Bologna: il Mulino, 2008.
- SCHER, A. P.; ARMELIN, P. G. As formações agentivas com o sufixo -eir- no português brasileiro: uma abordagem sintática. In: MEDEIROS, A. B. de.; NEVINS, A. I. (Orgs.). *O apelo das árvores: estudos em homenagem a Miriam Lemle*. Campinas: Pontes, 2018, p. 299-346.
- SCHNEDECKER, C.; ALEKSANDROVA, A. Les noms d'humains en -aire : essai de classification. *SHS Web of Conferences*, 5^e Congrès Mondial de Linguistique Française, v. 27, p. 1-20, 2016.
- SCHUCHARDT, H. *Schuchardt contra os neogramáticos*. Organização, introdução, tradução e notas de Maria Clara Paixão de Souza. Campinas: Editora RG, 2010.
- SCOPACASA, R. Repensando a Romanização: a expansão romana na Itália a partir das fontes historiográficas. *Revista de História*, n. 172, p. 113-161, 2015.
- SIEGEL, J. Koines and koineization. *Languages in Society*, v. 14, p. 357-378, 1985.
- SILVA NETO, S. da. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- SIMÕES NETO, N. A. Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional. *Fórum Linguístico*, v. 15, n. 4, p. 3373-3394, 2018.
- SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de lingu@agem*, v. 11, p. 468-501, 2017.
- SIMÕES NETO, N. A. Quem é a mulher da relação?: uma abordagem cognitivista sobre o gay passivo. *Alpha*, v. 16, p. 108-123, 2015.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 655 p. 2 tomos. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. O morfema -eir- no português brasileiro contemporâneo. *Linguística y Literatura*, v. 65, p. 87-111, 2014.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Um enfoque da Morfologia Construcional sobre as formações X-ário no português arcaico. *Pontos de interrogação*, v. 4, n. 2, 2015, p. 143-171.

SITE G1. Dilma e Aécio respondem a indecisos e mantêm acusações no debate final. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/dilma-e-aecio-respondem-indecisos-e-mantem-acusacoes-no-debate-final.html>>. Acesso em 26 de janeiro de 2018.

SOARES DA SILVA, A. *A Semântica de Deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SOARES DA SILVA, A. Léxico, cognição e contexto: saliência, conceptualização situada e evidência quantitativa. In: ALMEIDA, Ariadne Domingues; SANTANA DOS SANTOS, Elisângela; SOLEDADE, Juliana. *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 185-216.

SOARES DA SILVA, A. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SOARES DA SILVA, A. Variação linguística e pluricentrismo: novos conceitos e descrições. In: DÍAZ, M. *et al.* (Eds). *Actas do XIII Congresso Internacional de Linguística Xeral*. Vigo: Universidade de Vigo, 2018, p. 838-845.

SOARES DA SILVA, A.; BATORÉO, H. J. Gramática cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: BRITO, A. M. (Org.). *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Universidade do Porto, 2010, p. 229-252.

SOBRAL, J. M. O Norte, o Sul, a Raça, a Nação – Representações da Identidade Nacional Portuguesa (séculos XIX-XX). *Análise social*, v. 39, n. 171, p. 255-284, 2004.

SOLEDADE, J. A morfologia histórica e a morfologia construcional: encontros e desencontros. In: SANTOS, Elisângela Santana; ALMEIDA, Ariadne Domingues; SIMÕES NETO, Natival Almeida. (Orgs.). *Dez leituras sobre o léxico*. Salvador: EDUNEB, 2019, p. 173-201.

SOLEDADE, J. *Aspectos morfolexicais do português arcaico: sufixação nos séculos XIII e XIV*. 2001. 2 v. 400 p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOLEDADE, J. De pecadores a sabedores: agentes de -dor no Livro das Aves. In: DOMINGUES ALMEIDA, Aurelina Ariadne; SANTOS LOPES, Mailson. *Livro em homenagem aos 50 anos da edição do Livro das Aves*. 2020. [no prelo].

SOLEDADE, J. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[X – EIR]_N] no português arcaico. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. especial, 2013a. p. 83-111.

SOLEDADE, J. O sinmorfismo e os doublets no português arcaico. In: MATTOS E SILVA, R. V.; AMARANTE, J.; OLIVEIRA, K. (Orgs.). *Várias navegações: português arcaico*,

português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos. Salvador: EDUFBA, 2013b, p. 45-66.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (Orgs.). *Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 345-378.

SOLEDADE, J. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2005. 575 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

SOUZA, M. P. de. *Formações X-ário no português do Brasil: um estudo sobre a produtividade lexical*. 2006. 100f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2006.

SPINELLI, V. *Morfologia essencial da língua italiana*. Rio de Janeiro: Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura, 1940.

STAAF, E. *Le suffixe -arius dans les langues romanes*. Upsal: Imprimerie Almqvist & Wiksell, 1896.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo boojiano em terras brasílicas. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8., n. 2., 2019, p. 109-135

TAVARES DA SILVA, J. C. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. 2017. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.

TAVARES SANTOS, A. M. A rede de construções agentivas deverbais *X-nte*: estudante, governante, hidratante, absorvente. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p.229-257.

TEXTO DE EDUARDO AFFONSO SOBRE O CHUCHU DAS CATEGORIAS. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/eduardo22affonso/photos/a.161922641289011.1073741828.152813775533231/192082194939722/?type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 03 de julho de 2018.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TOMASELLO, M. A aquisição da língua para além das formalidades. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. (Org.) *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017. p. 191-206.

TOMASELLO, M. A chave está na cognição social. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.31, 2012, p. 205-215.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TORRENT, T. T. *O homem vai botar uma casa para mim morar: uma abordagem sociocognitivista e diacrônica da construção de dativo com infinitivo*. 2005. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

TUTEN, D. *Koineization in Medieval Spanish*. Berlin; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2003.

TUVERI, G. *Grammatica sarda campidanese: dare futuro al nostro passato*. Ortacesus: Nuove Grafiche Puddu, 2006.

TWITTER. Disponível em:

<<https://twitter.com/AlissonStynner/status/880939692346290177>> . Acesso em 26 de agosto de 2018.

TWITTER. Disponível em: <<https://twitter.com/lellslyoongi/status/1033789724371103745>>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

TWITTER. Disponível em:

<<https://twitter.com/NinaTedeschi/status/1026092515437490176>>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

TWITTER. Disponível em:

<<https://twitter.com/OdioTwittare/status/1033745131793461248>>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

TWITTER. Disponível em:

<<https://twitter.com/PauloDusantos99/status/1032362864391188480>>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

TWITTER. Disponível em:

<<https://twitter.com/RenatoG20329745/status/1033803879681589250>>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/Silvio_Viale/status/1032591167714676736>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

TWITTER. Disponível em: <<https://twitter.com/weirdaf7/status/1032292066825592832>>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/SergePhotos/status/1113911375942828032> . Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/Gallifreyag/status/1073646442932260865>. Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/breizhgauche/status/577168740707672064> . Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/BenagliaNaida/status/1169344524692459526> . Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/whitebxrd/status/518983655436607488> . Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/wordstae/status/1171119975299526657> . Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/Moutonenrages/status/1168451029492535296> . Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em

<https://twitter.com/MarcioDiasReis5/status/1170619245610315776>. Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/BarcaActualite/status/1140972655706877953>. Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/EspantalhoL/status/1171071112010244096>. Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/PatdeSR/status/1103897450123653121>. Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em https://twitter.com/Rafiinha_Fraga/status/1130439254830661633. Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/louk50/status/995041427041193984>. Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/MuriloCleto/status/1099446751516332032>. Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em

<https://twitter.com/Rolland80rollDA/status/1170343058489204736> Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/DuCarniel/status/1169077046481444864>. Acesso em 09 de setembro de 2019.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/chalumaction/status/1028259402036518912>. Acesso em 09 de setembro de 2019.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

UNIVERSIDADE DE SÃO CAETANO DO SUL. Primeira defesa de tese de doutorado em parceria com faculdade do Rio Grande do Sul acontece na USCS. Disponível em: <<http://noticias.uscs.edu.br/primeira-defesa-de-tese-de-doutorado-em-parceria-com-faculdade-do-rio-grande-do-sul-acontece-na-uscs/>>. Acesso em 26 de jan de 2018.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1968.

VALENZUELA, J.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; HILFERTY, J. La Semántica Cognitiva. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Ed.). *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p.34-60.

VÄLIMAA-BLUM, R. *Cognitive Phonology in Construction Grammar: Analytic Tools for Students of English*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2005.

VARELA ORTEGA, S. *Morfología léxica: la formación de palabras*. Madrid: Gredos, 2005.

VASCO DA GAMA, N. A formação da língua espanhola: uma visão sociolinguística. *Universitas*, n. 27, p. 125-141, 2011.

VEYNE, P. *Quando o nosso mundo se tornou cristão*. 2 ed. Tradução de Marcos de Castro. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.

VIANA, C. S. *Conceptualizações da velhice em cantigas satíricas galego-portuguesas: um estudo à luz da semântica cognitiva*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2016.

- VIARO, M. E. *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*. 2011. 220f. Tese (Livre-docência). Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, Universidade de São Paulo, 2011.
- VIARO, M. E. A especialização do sufixo latino -arium. In: MARÇALO, M. J.; LIMA-HERNANDES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Org.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010a. p. 22-42.
- VIARO, M. E. A morfologia histórica e os estudos etimológicos da língua portuguesa. *Diadorim*, Rio de Janeiro, n. especial, p. 39-64, 2013.
- VIARO, M. E. Estudo diacrônico da formação e da mudança semânticas dos sufixos -eiro/-eira na língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Orgs.). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007, p. 45-84. Disponível em: <http://www.usp.br/gmhp/publ/Via33.pdf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2020.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- VIARO, M. E. O reto-românico: unidade e fragmentação. *Caligrama*, v. 14, p. 101-156, 2009.
- VIARO, M. E. Os sufixos -eiro e -ário: história de morfemas divergentes. In: *Anais do I Simpósio Mundial de Estudo de Língua Portuguesa — SIMELP*. São Paulo: Simpósio Mundial de Estudo de Língua Portuguesa — SIMELP, 2008.
- VIARO, M. E. Problemas de morfologia e semântica histórica do sufixo -eiro. *Estudos lingüísticos*, n.XXXV, p.1443-1452, 2006.
- VIARO, M. E. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. *Estudos de lingüística galega*, n. 2, p. 173-190, 2010b.
- VIARO, M. E.; BIZZOCCHI, A. Proposta de novos conceitos e uma nova notação na formulação de posições e discussões etimológicas. *Alfa*, 60 (3), 579-601, 2016.
- VIARO, M. E.; FERREIRA, M.; GUIMARÃES FILHO, Z. O. Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e morfologia históricas. In: VIARO, M. E. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 58-105.
- VIDOS, B. E. *Manual de lingüística românica*. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- VIEIRA DOS SANTOS, A. *Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (sécs. XIII-XVI)*. 2009. 190 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- WANDRUSZKA, U. Sufissazione: Derivazione aggettivale: Aggettivi di relazione. In: GROSSMANN, M.; et al (Eds). *La formazione delle parole in italiano*. Berlin: DeGruyter, 2004, p. 382-401.
- WARTBURG, W. V. *Evolución y estructura de la lengua francesa*. Tradução de Carmen Chust. Madrid: Gredos, 1966.
- WARTBURG, W. V. *La fragmentación lingüística de la Romania*. Madrid: Gredos, 1952.
- WEBSTER, J. Creolizing the Roman provinces. *American Journal of Archaeology*, 105, 2, 2001, 209-225.

WEBSTER, J. Necessary Comparisons: a Post-Colonial approach to religious syncretism in the roman provinces. *World Archaeology*, v. 28, n. 3, p. 324-338, 1997.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. Paris; New York: Mouton; The Hague, 1963.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WHEELER, M. W. *Morfologia i fonologia catalana i romànica: estudis diacrònics*. Barcelona: Biblioteca Sanchis Guarner, 2007.

WHITE, J. T. *Latin suffixes*. London: Longmans, Green & Co, 1858.

WIKIPEDIA. Boules. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Boules>>. Acesso em 24 de agosto de 2018.

WIKIPEDIA. Mobelha-grande. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobelha-grande>>. Acesso em 18 de janeiro de 2020.

WIKIPEDIA. Spaniel perdigueiro de Drente. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Spaniel_perdigueiro_de_Drente>. Acesso em 18 de janeiro de 2020.

WITT, D. B. *The Creolization of Roman Gaul: examples from Divodurum Mediomatricorum*. Project submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts. Buffalo: State University of New York, Department of Anthropology, 2008.

WRIGHT, R. *Latín tardio y romance temprano en España y la Francia carolingia*. Madrid: Gredos, 1989.

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli 2008: Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2007.